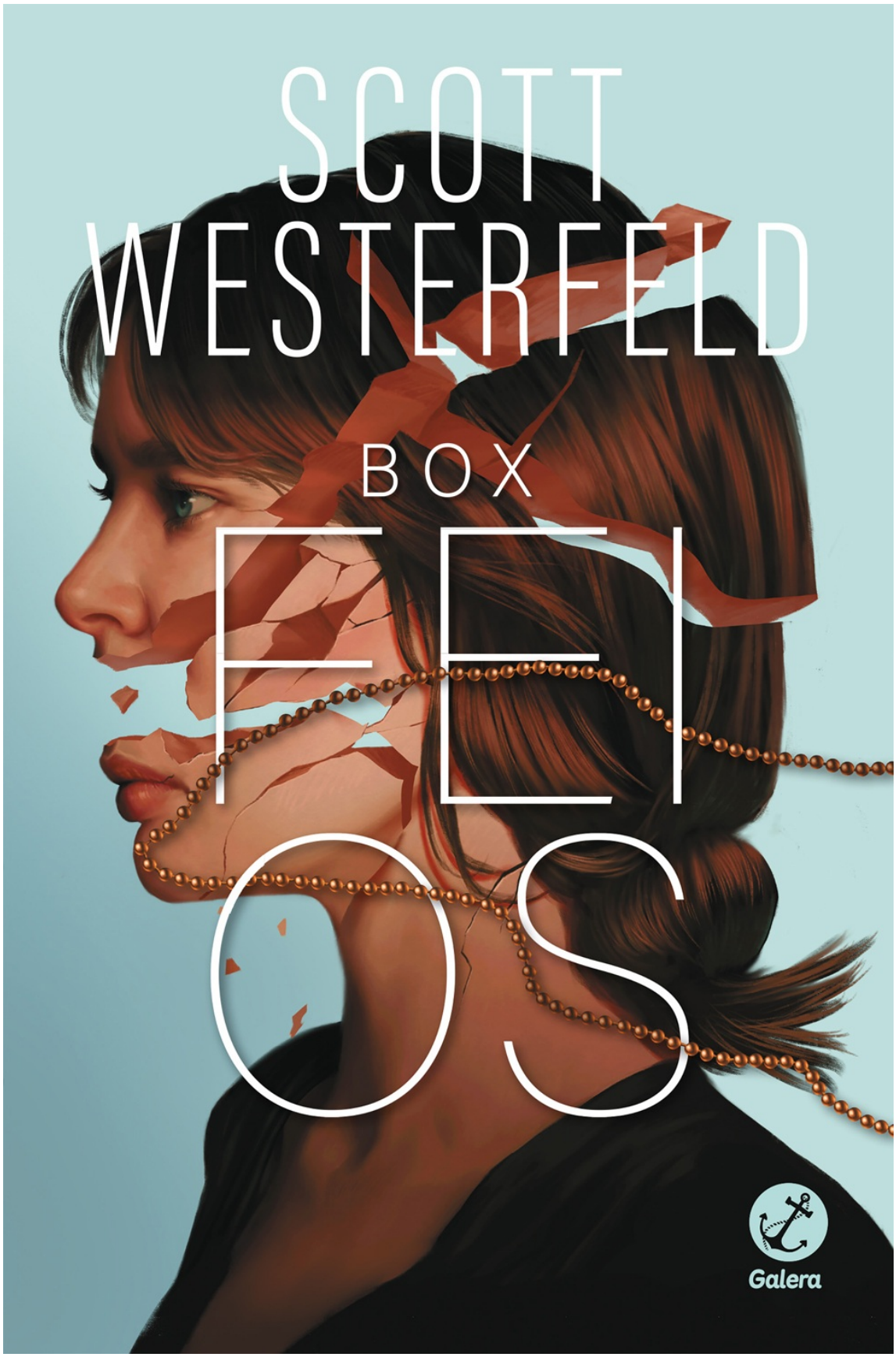

SCOTT
WESTERFELD
BOX
FEIOS
Galera


SCOTT
WESTERFELD
BOX
FEIOS
Galera


SCOTT
WESTERFELD
FEIOS
Galera

Obras do autor publicadas pela Galera Record

Além-mundos
Amores infernais
Impostores
Tão ontem
Zeróis
Zumbis x Unicórnios

***Série* Vampiros em Nova York**
Os primeiros dias
Os últimos dias

***Série* Feios**
Feios
Perfeitos
Especiais Extras

***Série* Leviatã**
Leviatã
Beemote
Golias

SCOTT WESTERFELD

FEIOS

Tradução
Rodrigo Chia

1ª edição

Galera

2023

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W539f
Westerfeld, Scott
Feios [recurso eletrônico] / Scott Westerfeld; tradução Rodrigo Chia. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2023.
recurso digital (Feios; 1)

Tradução de: Uglies
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-342-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Chia, Rodrigo. II. Título. III. Série.

23-84654

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Título original em inglês:
Uglies

Copyright @ 2005 by Scott Westerfeld
Publicado mediante acordo com Simon Pulse, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-342-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

SUMÁRIO

PARTE I | Tornando-se perfeita

Nova perfeição
Amigos para sempre
Shay
Caindo em si
Encarando o futuro
Perfeitamente entediante
Corredeiras
As ruínas de ferrugem
À espera de David
Briga
Última diversão
Operação
Circunstâncias especiais
Feia para sempre
Peris
Infiltrada

PARTE II | A fumaça

Partida
Espagbol
Erro feio
O lado desprezado
Tempestade de fogo
Olhos de inseto

Mentiras
A modelo
Trabalho
David
Paixão
Suspeita
Bravura
O segredo
Mentes perfeitas
Sem volta

PARTE III | No fogo
Invasão
Viveiro de coelhos
Em caso de danos
Fuga
Incrível
Ruína
Maddy e Az
A praga do petróleo
Cenários familiares
Cúmplices
No limite
O interior
Resgate
Fuga
Noite solitária
Juramento de Hipócrates
Confissões

Rio abaixo

Parte I
TORNANDO-SE PERFEITA

Não é uma coisa boa encher a sociedade de pessoas bonitas?

— Yang Yuan, em declaração ao *New York Times*

NOVA PERFEIÇÃO

O céu de início de verão tinha cor de vômito de gato.

Obviamente, Tally pensava, quando a dieta do seu gato se resume por um bom tempo a ração sabor salmão. Movendo-se rapidamente, as nuvens até lembravam peixes, desfeitas em escamas pelos ventos das altitudes elevadas. À medida que a claridade se ia, lacunas azuis da cor do mar apareciam, como um oceano de cabeça para baixo, frio e infinito.

Num verão qualquer, um pôr do sol como esse teria sido lindo. Mas nada era lindo desde que Peris havia se tornado perfeito. Perder seu melhor amigo é uma droga, mesmo que apenas por três meses e dois dias.

Tally Youngblood esperava pela noite.

Ela podia ver Nova Perfeição da janela. Os prédios onde as festas aconteciam já estavam todos iluminados. Linhas sinuosas destacadas por tochas indicavam os caminhos por entre os jardins. Balões de ar quente puxavam suas cestas em direção ao céu rosado levando passageiros que atiravam rojões de artifício contra outros balões e paraquedistas que passavam. O som de risos e música vinha como uma pedrinha sobre a água, arremessada com a força certa, as pontas ferindo os nervos de Tally.

Nos limites da cidade, isolada pela forma oval do rio, tudo estava escuro. Àquela hora, todos os feios estavam dormindo.

Tally tirou seu anel de interface e disse:

— Boa noite.

— Bons sonhos, Tally — respondeu a sala.

Ela mastigou uma pílula de escovar os dentes, afofou os travesseiros e enfiou um antigo aquecedor portátil — um que gerava tanto calor quanto um ser humano do tamanho de Tally — embaixo dos lençóis.

E então saiu de fininho pela janela.

Do lado de fora, com a noite finalmente tomando o céu por completo, Tally se sentiu bem. Talvez fosse um plano idiota, mas qualquer coisa era melhor do que outra noite acordada na cama, afogada em lamentações. No familiar caminho coberto de folhas que levava à beira d'água, era fácil

imaginar Peris andando nas pontas dos pés atrás dela, segurando o riso, pronto para uma noite espionando os perfeitos. Juntos. Ela e Peris haviam aprendido a enganar o inspetor aos 12 anos, uma época em que parecia que os três meses de diferença entre suas idades nunca teriam importância.

— Amigos para sempre — murmurou Tally, tocando a pequena cicatriz na palma de sua mão direita.

A água reluziu por entre as árvores. Ela podia ouvir as pequenas ondas produzidas por uma embarcação no rio se chocando contra a margem. Agachou-se atrás dos juncos. O verão era a melhor época para as expedições de espionagem. A grama estava alta, nunca fazia frio e não era preciso encarar um dia inteiro de aula no dia seguinte.

Obviamente, agora Peris podia dormir o quanto quisesse. Era apenas uma das vantagens de ser perfeito.

A antiga ponte se estendia grandiosa por sobre a água. Sua imensa estrutura de metal estava escura como o próprio céu. Tinha sido construída há tanto tempo que suportava seu próprio peso, sem ajuda de qualquer estrutura suspensa. Em um milhão de anos, quando o resto da cidade estivesse em escombros, a ponte provavelmente continuaria de pé, como um osso fossilizado.

Ao contrário das outras pontes que levavam à Nova Perfeição, a antiga não falava — e, mais importante, não denunciava invasores. No entanto, mesmo em seu silêncio absoluto, sempre parecera sábia aos olhos de Tally; serenamente astuta, como uma árvore ancestral.

Agora seus olhos estavam totalmente acostumados ao escuro. Precisou de poucos segundos para achar a linha de pesca amarrada à pedra de sempre. Ela deu um puxão e ouviu o barulho da corda se revirando onde ficava escondida, entre as colunas da ponte. Continuou puxando até que a linha invisível se transformou numa corda úmida cheia de nós. A outra ponta permanecia atada à estrutura metálica da ponte. Tally esticou bem a corda e a amarrou à árvore de costume.

Ela teve de se agachar por entre a grama novamente quando outra embarcação passou no rio. As pessoas que dançavam no convés não notaram a corda que ia da ponte à margem. Nunca notavam. Os novos perfeitos estavam sempre ocupados demais em se divertir para perceberem pequenas coisas fora do lugar.

Depois que as luzes do barco sumiram na escuridão, Tally testou a

firmeza da corda, usando o peso do seu corpo. Uma vez, ela havia se soltado da árvore, fazendo com que Tally e Peris pendessem para baixo e depois fossem arremessados para o meio do rio, caindo na água gelada. Tally sorriu com a lembrança. Preferiria estar na expedição — encharcada, no frio, ao lado de Peris — a estar seca e aquecida naquela noite, mas sozinha.

Pendurada por baixo da corda, com as mãos e os pés agarrados aos nós, Tally foi se arrastando até a estrutura sombria da ponte. Então subiu no esqueleto metálico e completou a travessia até Nova Perfeição.

Ela sabia onde Peris morava graças à única mensagem que ele tinha se dado ao trabalho de enviar desde que se tornara perfeito. Não era exatamente um endereço, mas Tally conhecia o truque para decodificar os números aparentemente aleatórios no fim do texto. Os dados a levaram a um lugar chamado Mansão Garbo, na parte alta da cidade.

Chegar lá seria complicado. Em suas aventuras, Tally e Peris sempre se mantinham perto do rio, onde a vegetação e a escuridão de Vila Feia deixavam mais fácil a tarefa de se esconder. Desta vez, Tally estava a caminho da área central da ilha, onde carros enfeitados e festeiros enchiam as ruas iluminadas a noite toda. Novos perfeitos, como Peris, gostavam de viver onde a diversão era mais intensa.

Embora tivesse decorado o mapa, se entrasse numa rua errada, Tally estaria perdida. Sem seu anel de interface, era invisível aos veículos. Seria atropelada como se nem existisse.

De certa forma, Tally *não existia* por lá.

Pior do que isso: ela era feia. Mas tinha esperança de que Peris não visse as coisas daquele jeito. Ou, pelo menos, não *a* visse daquele jeito.

Tally não tinha ideia do que aconteceria se fosse pega. Não era como ser flagrada sem o anel, matando aula ou convencendo a casa a tocar sua música num volume mais alto do que o permitido. Todo mundo fazia aquele tipo de coisa — e todo mundo acabava se dando mal. Mas ela e Peris tomavam muito cuidado para não serem pegos nas expedições. Atravessar o rio era assunto sério.

Àquela altura, porém, era muito tarde para se preocupar. O que poderiam fazer com ela, afinal? Em três meses também se tornaria uma perfeita.

Tally avançou lentamente, acompanhando o rio, até alcançar um jardim. Penetrou a escuridão se enfiando embaixo de uma fileira de salgueiros-chorões. Sob sua proteção, foi percorrendo um caminho iluminado por pequenas candeias.

Havia um casal de perfeitos passeando pelo mesmo caminho. Tally ficou imóvel, mas os dois estavam distraídos, ocupados demais trocando olhares para notá-la agachada no escuro. Num silêncio absoluto, ela os viu passar e sentiu algo que costumava sentir ao observar um rosto perfeito. Mesmo quando ela e Peris os espiavam das sombras, rindo das baboseiras que os perfeitos diziam e faziam, não conseguiam deixar de reparar. Havia algo mágico naqueles olhos grandes e perfeitos, algo que praticamente obrigava as pessoas a prestar atenção ao que diziam, a protegê-los dos perigos, a fazê-los felizes. Eles eram tão... perfeitos.

Depois que os dois sumiram na curva seguinte, Tally sacudiu a cabeça, tentando tirar aquelas imagens piegas da cabeça. Não estava ali para espiar. Era uma infiltrada, uma penetra, uma feia. E tinha uma missão a cumprir.

O jardim se estendia pela cidade, serpenteando como um rio escuro por entre casas e torres brilhantes que abrigavam festas. Após se esgueirar por mais alguns minutos, ela surpreendeu um casal escondido no meio das árvores (afinal, estavam no Passeio Público). No escuro, porém, eles não conseguiam ver seu rosto. Puderam apenas reclamar enquanto ela murmurava um pedido de desculpas e se afastava. Tally também não tinha conseguido ver muita coisa; apenas um emaranhado de pernas e braços perfeitos.

Finalmente, a poucos quarteirões de onde Peris morava, o jardim chegou ao fim.

Tally deu uma olhada de trás de uma cortina de trepadeiras. Estava num ponto a que ela e Peris nunca tinham chegado juntos. Também era o ponto final do seu planejamento. Naquelas ruas movimentadas e bem-iluminadas, não havia como se esconder. Ela levou os dedos ao próprio rosto e sentiu o nariz largo, os lábios finos, a testa grande demais e o volume dos cabelos desgrenhados. Bastaria botar um pé fora do mato para ser notada imediatamente. Seu rosto parecia queimar sob a luz. O que estava fazendo ali? Devia ter ficado nas sombras de Vila Feia, à espera da sua vez.

Mas ela precisava se encontrar com Peris, falar com ele. Não sabia

exatamente a razão, além de já estar cansada de imaginar milhares de conversas, todas as noites, antes de dormir. Tinham passado todos os dias juntos, desde a infância, e agora... nada. Talvez, se pudessem conversar por alguns minutos, seu cérebro parasse de falar com o Peris imaginário. Três minutos poderiam permitir que suportasse outros três meses.

Tally percorreu a rua com os olhos, à procura de jardins para invadir e entradas escuras que lhe servissem de abrigo. Sentiu-se como uma alpinista diante de um paredão imponente, buscando fendas e apoios para as mãos.

O movimento de carros diminuiu um pouco, e ela decidiu esperar, distraindo-se com a cicatriz em sua mão direita. Um pouco depois, soltou um suspiro e sussurrou: "Amigos para sempre". E deu um passo em direção à luz.

A explosão de sons que veio do seu lado direito a fez pular de volta para a escuridão, tropeçando por entre as trepadeiras e desabando de joelhos na terra macia, por alguns instantes certa de que havia sido descoberta.

A barulheira, contudo, logo se organizou num ritmo pulsante. Era uma bateria eletrônica que se arrastava pela rua. Do comprimento de uma casa, reluzia com os movimentos de suas dezenas de braços mecânicos, que golpeavam tambores de todos os tamanhos. Atrás, vinha uma multidão crescente de festeiros, dançando no ritmo, bebendo e arremessando as garrafas vazias contra a imensa e impenetrável máquina.

Tally sorriu. Os festeiros usavam máscaras.

A máquina lançava máscaras pela parte de trás na tentativa de atrair mais pessoas para a parada improvisada: diabos, palhaços horripilantes, monstros verdes, alienígenas cinzentos com grandes olhos ovais. Gatos, cachorros, vacas. Rostos com sorrisos tortos e narizes gigantes.

Com a procissão avançando devagar, Tally se enfiou no mato novamente. Algumas pessoas passavam tão perto que a doçura inebriante das garrafas dominava seu olfato. Um minuto depois, quando a máquina já estava meio quarteirão adiante, Tally saiu do esconderijo e pegou uma máscara abandonada do chão. O plástico, recém-modelado no interior da máquina, ainda tinha uma textura macia.

Antes de pôr a máscara no rosto, Tally percebeu que era da mesma cor rosada de vômito de gato que lembrava o pôr do sol. Havia um longo

focinho e duas orelhinhas rosa. Podia sentir a gosma aderindo à sua pele e se ajustando ao seu rosto.

Tally abriu caminho por entre os festeiros bêbados para sair do outro lado da procissão, e pegou uma rua transversal que levava à Mansão Garbo. Usava uma máscara de porco.

AMIGOS PARA SEMPRE

A Mansão Garbo era grande, luminosa e barulhenta.

Ocupava uma área entre duas torres de festas — um bule enorme separando duas elegantes taças de champanhe. Cada torre era sustentada por uma única coluna que não chegava ao tamanho de um elevador. Acima, transformava-se em cinco andares de varandas circulares, tomadas por novos perfeitos. Tally subiu o morro, na direção dos três prédios, tentando curtir a vista pelos olhos de sua máscara.

Alguém se jogou, ou foi jogado, de uma das torres, gritando e agitando os braços. Tally engoliu em seco, mas conseguiu acompanhar toda a queda, até o momento em que o cara foi detido pelas fitas de náilon, segundos antes de se espatifar no chão. Ele se balançou suspenso por um tempo, rindo, preso aos equipamentos de segurança, e então pousou suavemente. Tally estava perto o suficiente para ouvir os soluços que entrecortavam suas risadas. Ele estivera tão apavorado quanto ela.

Embora pular lá de cima não fosse mais perigoso do que ficar parada ali, embaixo das torres enormes, ela sentiu um frio na espinha. A jaqueta de bungee jump usava o mesmo mecanismo de suspensão da estrutura que mantinha as construções de pé. Se aqueles brinquedinhos por alguma razão parassem de funcionar, quase tudo em Nova Perfeição desabaria.

*

A mansão estava cheia de perfeitos novos em folha. O pior tipo, como Peris costumava dizer. Viviam como feios, cerca de cem dividiam um grande dormitório. Mas não havia regras no dormitório. A não ser que Comporte-se como um Idiota, Divirta-se e Faça Barulho fossem regras.

No terraço, um grupo de garotas em trajes de noite gritava sem parar, caminhava na beirada e lançava rojões de emergência nas pessoas lá embaixo. Uma bola de fogo laranja passou ao lado de Tally, como um vento de outono, desfazendo a escuridão ao seu redor.

— Ei, tem um porco ali! — gritou alguém, de cima.

Enquanto todos riam, Tally apressou o passo para chegar à porta escancarada da mansão. Ela ignorou as caras de surpresa de duas perfeitas que saíam e entrou.

Era tudo uma grande festa, como sempre haviam prometido. As pessoas estavam arrumadas, usando vestidos de gala e fraques de abas longas. E todos pareciam achar graça de sua máscara de porco. Apontavam e riam. Tally seguia em frente para que não tivessem tempo de fazer mais nada. Ali, obviamente, o riso era permanente. Não era como nas festas dos feios: não havia brigas ou mesmo discussões.

Ela foi entrando de quarto em quarto, tentando distinguir os rostos sem se deixar distrair pelos grandes olhos escuros ou se abater pela sensação de que não pertencia ao lugar. Sentia-se mais feia a cada segundo que passava ali. Ser motivo de piada para todo mundo que encontrava não ajudava muito. Mas ainda era melhor do que o que fariam se vissem seu verdadeiro rosto.

Tally se perguntou até se seria capaz de reconhecer Peris. Só o havia visto uma vez desde a cirurgia, e foi na saída do hospital, antes do inchaço passar. Por outro lado, conhecia seu rosto muito bem. Apesar de que Peris costumava dizer que os perfeitos não tinham *exatamente* a mesma cara. Nas expedições, Peris e ela às vezes viam perfeitos que pareciam familiares, que lembravam feios conhecidos. Como irmãos ou irmãs — muito mais velhos, confiantes e infinitamente mais bonitos. Irmãos que provocariam inveja pelo resto da vida, se você tivesse nascido um século atrás.

Peris poderia ter mudado daquele jeito.

— Você viu a porquinha?

— O quê?

— Tem uma porquinha solta por aí!

As risadinhas vinham do andar de baixo. Tally parou para escutar. Estava sozinha na escada. Aparentemente, os perfeitos preferiam o elevador.

— Como ela tem coragem de vir à nossa festa vestida de porquinha? A regra é traje de gala!

— Entrou na festa errada.

— Que falta de educação se vestir desse jeito!

Tally respirou fundo. A máscara não era muito melhor do que seu próprio rosto. A piada estava perdendo a graça.

Ela disparou pela escada, deixando as vozes para trás. Talvez se esquecessem dela, se não ficasse parada. Faltavam dois andares da Mansão Garbo. E, depois, o terraço. Peris tinha de estar em algum lugar.

A não ser que estivesse no gramado dos fundos, ou voando num balão, ou numa das torres. Ou no Passeio Público, em qualquer parte, com outra pessoa. Tally tirou a última imagem da cabeça e atravessou o corredor, ignorando as piadas repetidas sobre a máscara, espiando os quartos, um a um.

Não encontrou nada além de olhares surpresos e dedos apontados em sua direção. E rostos perfeitos. Mas nenhum chamou sua atenção. Peris não estava ali.

— Aqui, porquinha, aqui, porquinha! Ei, ali está ela!

Tally correu para o último andar, subindo de dois em dois degraus. A respiração acelerada esquentava seu rosto por trás da máscara. A testa suava, e o adesivo escorria de sua pele, lutando para permanecer grudado. Estava sendo seguida por um grupo deles, rindo e tropeçando uns sobre os outros.

Não havia tempo para vasculhar o andar. Tally apenas percorreu o corredor com os olhos. Não havia ninguém ali mesmo. Todas as portas estavam fechadas. Talvez alguns perfeitos estivessem descansando sua beleza.

Se fosse ao terraço à procura de Peris, ficaria encurralada.

— Ei, porquinha, porquinha!

Hora de fugir. Tally correu até o elevador e só parou dentro da cabine.

— Térreo! — gritou.

Ela aguardou, observando o corredor nervosamente, ofegando sob o plástico quente da máscara.

— Térreo! — repetiu. — Fechar portas!

Nada aconteceu.

Um suspiro antes de fechar os olhos. Sem um anel de interface, ela não era ninguém. O elevador não a ouviria.

Tally sabia enganar elevadores, mas precisaria de tempo e de um canivete. E, naquele momento, não tinha nem um nem outro. O primeiro perseguidor apareceu na escada e logo estava no corredor.

Ela deu um passo para trás e encostou na lateral do elevador. Nas pontas dos pés e tentando se espremer o máximo possível, torceu para que não a vissem. Outras pessoas chegaram, resfolegando como típicos perfeitos fora de forma. Tally observava-os pelo espelho no fundo do elevador.

O que significava que também veriam *ela* se olhassem naquela direção.

— Para onde a porquinha foi?

— Venha aqui, porquinha!

— Talvez no terraço.

Um garoto entrou devagar no elevador, olhando para o grupo lá atrás, sem entender a situação. Quando ele a viu, tomou um susto.

— Caramba! Quase me matou de susto!

Ele piscou os olhos, reparou no rosto mascarado e depois virou-se para o fraque que vestia.

— Ah, não. Esta festa não exigia traje de gala?

Tally ficou sem ar. Sua boca estava seca.

— Peris? — perguntou, baixinho.

Ele a olhou com curiosidade.

— Eu conheço...

Ela começou a esticar a mão em sua direção, mas se lembrou de que tinha de ficar escondida perto da lateral. Seus músculos já não aguentavam mais mantê-la nas pontas dos pés.

— Peris, sou eu.

— Aqui, porquinha, porquinha!

Peris virou-se para a voz no meio do corredor, fez uma cara de dúvida e voltou-se para ela de novo.

— Feche a porta. Espere — disse ele, rapidamente.

Assim que a porta se fechou, ela caiu para a frente. Tirou a máscara para vê-lo melhor. Era Peris: a voz, os olhos castanhos, a testa franzida indicando sua confusão.

Mas agora parecia tão *perfeito*.

Na escola, tinham ensinado como aquilo afetava as pessoas. Não importava se você sabia alguma coisa sobre evolução — ainda assim funcionava. Em todo o mundo.

Havia um tipo de beleza, um encanto que todos viam. Olhos grandes e lábios grossos, como crianças; pele sedosa e brilhante; traços simétricos; e milhares de outras pistas. Em algum lugar no fundo de suas mentes, as

pessoas buscavam esses sinais permanentemente. Ninguém podia evitar notá-los, qualquer que fosse sua criação. Um milhão de anos de evolução haviam tornado aquilo parte do cérebro humano.

Os grandes olhos e lábios diziam: sou jovem e vulnerável, não posso machucá-lo e você quer me proteger. O resto dizia: sou saudável, não vou deixá-lo doente. E, não importava como se sentia em relação a um perfeito, uma parte de você sempre pensava: *Se tivermos filhos juntos, eles também serão saudáveis. Eu* quero *essa pessoa perfeita...*

Pura biologia, como explicavam na escola. A exemplo das batidas do coração, aquelas coisas não podiam ser desmentidas, não quando se estava diante de um rosto daqueles. Um rosto perfeito.

Um rosto como o de Peris.

— Sou eu — disse Tally.

Peris deu um passo para trás. Com uma expressão intrigada, observou as roupas de Tally.

Ela se deu conta de que usava o uniforme preto de expedição. E todo sujo das subidas por cordas, passagens por jardins e quedas por entre trepadeiras. Já o traje de Peris era de veludo preto, complementado por camisa, colete e gravata de um branco brilhante.

Tally se afastou.

— Ai, desculpa, não quero que fique sujo.

— O que está *fazendo* aqui, Tally?

— Eu só... — gaguejou ela. Agora que estava cara a cara com ele, não sabia o que dizer. As conversas imaginadas desapareceram dentro daqueles olhos enormes e doces. — Eu precisava saber se ainda éramos...

Tally estendeu a mão direita, a palma marcada pela cicatriz virada para cima. A sujeira e o suor destacavam suas linhas.

Peris suspirou. Não olhava para sua mão. Nem para seus olhos. Não para aqueles olhos castanhos sem-graça, apertados e vesgos. Olhos de ninguém.

— Claro — disse ele. — Mas... quero dizer... você não podia ter esperado, Vesguinha?

O apelido feio soou estranho saindo da boca de um perfeito. Seria ainda mais esquisito chamá-lo de Nariz, como costumava fazer dezenas de vezes por dia. Ela engoliu em seco.

— Por que não escreveu para mim?

— Eu tentei. Mas pareceu falso. Sou tão diferente agora...

— Mas nós somos... — murmurou ela, apontando para a cicatriz.

— Olha só, Tally — disse Peris, também estendendo a mão.

A pele era sedosa e imaculada. Aquela mão dizia: *Não preciso pegar no pesado e sou esperto demais para me envolver em acidentes*.

A cicatriz que haviam feito juntos tinha sumido.

— Eles a retiraram.

— É claro, Vesguinha. Toda minha pele é nova.

Tally piscou. Não tinha pensado naquilo.

Peris balançou a cabeça:

— Você ainda é tão criança.

— Elevador solicitado — disse o elevador. — Subir ou descer?

A voz da máquina deu um susto em Tally.

— Espere um pouco, por favor — pediu Peris, tranquilo.

Depois de respirar fundo, Tally fechou a mão.

— Só que eles não trocaram seu sangue. Nós compartilhamos aquilo, não importa o que tenha acontecido.

Finalmente, Peris olhou-a nos olhos, sem hesitar, como Tally temia. Na verdade, exibiu um sorriso lindo.

— Não, não trocaram. Grande coisa a pele nova. Em três meses vamos poder rir disso tudo. A não ser...

— A não ser o quê? — perguntou ela, mergulhando em seus grandes olhos castanhos, cheios de preocupação.

— Apenas me prometa que não vai fazer mais nada estúpido — disse Peris. — Vir aqui, por exemplo. Coisas que vão criar problemas para você. Quero vê-la perfeita.

— Claro.

— Então prometa.

Embora Peris fosse só três meses mais velho do que Tally, ela baixou os olhos, sentindo-se uma criança de novo.

— Certo, eu prometo. Nada estúpido. E eles também não vão me pegar hoje.

— Ótimo, pegue sua máscara e...

A voz de Peris sumiu. Tally acompanhou seu olhar e percebeu o que tinha acontecido. Descartada, a máscara de plástico estava se reciclando,

transformando-se em pó rosa, e o carpete do elevador já começava o processo de limpeza.

Os dois se entreolharam em silêncio.

— Elevador solicitado — insistiu a máquina. — Subir ou descer?

— Peris, juro que eles não vão me pegar. Nenhum perfeito corre tão rápido quanto eu. É só você me levar lá para baixo...

Peris discordou.

— Subir. Terraço.

O elevador entrou em movimento.

— Terraço? Peris, como eu vou...

— Logo depois da porta, numa grande prateleira... jaquetas de bungee jump. Há um monte para o caso de incêndio.

— Está dizendo que eu vou ter de pular? — Tally engoliu em seco. Ela sentiu um aperto no estômago enquanto o elevador parava. Peris não deu importância.

— Faço isso o tempo todo, Vesguinha — disse, dando uma piscada. — Você vai adorar.

Com aquela expressão, seu rosto perfeito reluzia ainda mais. Tally deu um passo à frente e o abraçou. A sensação era a mesma — talvez parecesse um pouco mais alto e mais magro. Mas ainda era quente e de carne e osso. Ainda era Peris.

— Tally!

Ela quase caiu para trás quando as portas se abriram. Tinha enchido o colete de Peris de terra.

— Ai, não! Desculpa...

— Vai logo!

O nervosismo de Peris só aumentava a vontade de abraçá-lo novamente. Tally queria ficar e limpá-lo, deixá-lo impecável para a festa. Ela esticou o braço.

— Eu...

— Vai!

— Mas somos os melhores amigos, certo?

Ele suspirou e limpou uma mancha marrom.

— Claro. Para sempre. Em três meses.

Tally se virou e saiu correndo. As portas se fechando atrás dela.

No início, ninguém percebeu sua presença no terraço. Estavam todos olhando para baixo. Somente o brilho de um ou outro sinalizador de emergência perturbava a escuridão.

Tally encontrou a prateleira de jaquetas e puxou uma. Estava presa. Correu os dedos nervosamente atrás de uma presilha. Desejou ter o anel de interface para pedir instruções.

Acabou achando um botão: APERTE EM CASO DE INCÊNDIO.

— Que merda.

Sua sombra deu um pulo e se agitou. Dois perfeitos iam na sua direção com sinalizadores nas mãos.

— Quem está ali? Que roupa é aquela?

— Ei, você aí! A festa pede traje de gala!

— Olha a cara dela...

— Ah, merda — repetiu Tally, antes de apertar o botão.

Uma sirene estridente se espalhou pelo ar, enquanto a jaqueta parecia pular da prateleira para sua mão. Ela vestiu o equipamento e se virou para os dois perfeitos. Eles deram um salto para trás, como se estivessem diante de um lobisomem. Um sinalizador caiu da mão de um deles e se apagou imediatamente.

— Treinamento de incêndio — disse Tally, correndo para a beirada do terraço.

Assim que ajeitou a jaqueta nos ombros, as tiras e fechos pareceram se enrolar em torno de seu corpo como cobras, até que o plástico estivesse justo em sua cintura e coxas. Uma luz verde piscou na gola, bem no seu campo de visão.

— Muito bem, jaqueta.

Aparentemente, o equipamento só não sabia responder.

Os perfeitos que se divertiam no terraço haviam se calado e agora perambulavam pela área, tentando descobrir se realmente havia um incêndio. Logo apontaram para Tally. Ela leu a palavra “feia” nos lábios de cada um deles.

O que seria considerado pior em Nova Perfeição? Sua mansão pegar fogo ou um feio entrar de penetra na sua festa?

Tally chegou na beirada, subiu no parapeito e balançou por um instante. Lá embaixo, perfeitos começavam a deixar a Mansão Garbo,

invadindo os gramados e descendo o morro. Olhavam para trás em busca de fumaça ou fogo. A única coisa que viam era ela.

Era uma altura de respeito, e o estômago de Tally parecia já estar em queda. Porém, ela também estava excitada. A sirene berrando, as pessoas olhando para ela, as luzes de Nova Perfeição espalhadas ao redor como milhões de velas.

Ela respirou fundo e dobrou os joelhos, preparando-se para pular.

Por um milissegundo, perguntou-se se a jaqueta funcionaria, já que não estava usando um anel de interface. Aquilo seguraria uma ninguém? Ou ela simplesmente se espatifaria no chão?

Mas Tally tinha prometido a Peris que não seria pega. E a jaqueta era justamente para emergências. E *havia* uma luz verde...

— Lá vamos nós! — gritou.

E pulou.

SHAY

O som da sirene foi ficando para trás. A queda parecia durar uma eternidade — ou poucos segundos — enquanto os rostos espantados lá embaixo ficavam cada vez maiores.

Enquanto o chão se aproximava, um espaço surgia no meio da multidão em pânico: o lugar em que ela cairia. Por alguns instantes, parecia o voo de um sonho, silencioso e maravilhoso.

E então a realidade acordou seus ombros e coxas; as fitas do equipamento machucavam seu corpo. Como ela era maior do que um perfeito médio, a jaqueta provavelmente não estava preparada para tanto peso.

Tally girou no ar e, por alguns momentos terríveis, passou a cair de cabeça. Seu rosto estava baixo o bastante para identificar uma tampa de garrafa jogada na grama. Logo, porém, voltou a ficar na posição correta, completando o círculo, com o céu girando sobre ela. Em seguida, mais um giro, o mundo de cabeça para baixo, mais gente abrindo espaço.

Perfeito. Ela tinha se impulsionado o suficiente para descer o morro, distanciando-se da Mansão Garbo, com a jaqueta a levando à escuridão e segurança dos jardins.

Tally deu mais dois rodopios antes de a jaqueta pousá-la sobre a grama. Ela puxou as fitas sem saber direito o que fazia, até que a vestimenta soltou um chiado e caiu no chão.

Levou um tempo para retomar o equilíbrio enquanto tentava distinguir o que era céu do que era chão.

— Não é uma... feia? — perguntou alguém à frente da multidão.

As sombras de dois carros voadores dos bombeiros passaram por Tally. Ela via as luzes vermelhas e sentia as sirenes estourando seus tímpanos.

— Grande ideia, Peris — murmurou. — Um alarme falso.

Se fosse pega, teria sérios problemas. Nunca havia sequer *ouvido falar* de alguém fazendo algo daquele tipo.

Correu na direção do jardim.

A escuridão sob os salgueiros era reconfortante.

Ali, a meio caminho do rio, mal havia como saber do alarme de incêndio que agitava o centro da cidade. Mesmo assim, Tally percebia que uma busca estava em andamento. Havia mais carros voadores no ar do que o normal, e o rio parecia ainda mais iluminado. Talvez a última parte fosse coincidência.

Provavelmente não.

Tally avançou com cuidado por entre as árvores. Nunca tinha ficado até tão tarde com Peris em Nova Perfeição. Havia mais gente no Passeio Público, principalmente nas áreas mais escuras. Com a agitação da fuga começando a passar, ela se dava conta de como aquela ideia toda tinha sido estúpida.

Não era surpresa que Peris não tivesse mais a cicatriz. Os dois haviam usado um simples canivete para se cortar. Os médicos usavam instrumentos muito maiores e mais afiados na operação. Raspavam tudo para que uma nova pele crescesse, limpa e perfeita. As antigas marcas deixadas por acidentes, má alimentação e doenças da infância sumiam. Um recomeço.

Tally, contudo, tinha estragado o recomeço de Peris ao aparecer como uma criança desagradável e indesejada, deixando-o com um gosto de feio na boca. E coberto de terra. Torcia para que ele tivesse outro colete.

Pelo menos, Peris não havia parecido muito irritado. Tinha dito até que voltariam a ser os melhores amigos, depois que ela se tornasse perfeita. Mas seu olhar ... talvez fosse aquela a razão de separarem feios e perfeitos. Devia ser uma sensação horrível ver um rosto feio quando se estava sempre cercado de pessoas tão bonitas. E se ela tivesse estragado tudo? E se Peris passasse a enxergá-la sempre daquele jeito — com olhos vesgos e cabelo bagunçado — mesmo depois da cirurgia?

Um carro voador passou pelo local, obrigando Tally a se agachar. Provavelmente seria pega aquela noite e nunca se tornaria perfeita.

Ela merecia aquilo por ser tão tonta.

Mas Tally se lembrou da promessa feita a Peris. Ela *não* seria pega; tinha que se tornar perfeita para ele.

Uma luz no canto dos seus olhos a fez se agachar e espiar por entre as folhas do salgueiro.

Havia uma guarda no parque. Não era jovem, mas sim uma perfeita de meia-idade. A luz do fogo deixava os belos traços da segunda operação

nítidos: ombros largos e queixo imponente; nariz afilado e maçãs do rosto firmes. E a mulher transmitia a mesma autoridade absoluta das professoras de Tally em Vila Feia.

Tally engoliu em seco. Os novos perfeitos tinham seus próprios guardas. Só havia uma explicação para a presença daquela mulher mais velha em Nova Perfeição. Estavam à procura de alguém. E determinados a achar essa pessoa.

A mulher lançou o facho da lanterna sobre um casal num banco, iluminando-o por apenas um segundo, o suficiente para confirmar que eram perfeitos. Diante do susto do casal, a guarda deu um risinho e pediu desculpas. Tally ouviu a voz baixa e segura que tranquilizou os novos perfeitos. Se aquela mulher dizia estar tudo bem, devia estar mesmo.

Tally sentiu vontade de se entregar, se entregar à piedade e à inteligência da guarda. Se explicasse tudo, ela entenderia e ajeitaria as coisas. Perfeitos maduros sempre sabiam o que fazer.

Mas havia a promessa a Peris.

Ela voltou à escuridão, tentando ignorar a péssima sensação de ser uma espiã, uma bisbilhoteira, de não se entregar à autoridade da mulher. Fugiu pelo mato o mais rápido que pôde.

Perto do rio, Tally ouviu um barulho. Podia notar um vulto diante das luzes que vinham da água. Não era um casal. Era uma pessoa sozinha no escuro.

Só podia ser um guarda à sua espera.

Tally mal tinha coragem de respirar. Havia parado no meio de um movimento, com o peso todo do corpo num joelho e numa mão enlameada. O guarda não a vira. Se ela esperasse pelo tempo necessário, talvez ele fosse embora.

Ela aguardou, imóvel, por intermináveis minutos. A figura não saiu do lugar. Eles deviam saber que os jardins eram o único caminho protegido para se sair de Nova Perfeição.

O braço de Tally começou a tremer. Os músculos reclamavam de permanecerem naquela posição por tanto tempo. Ela, porém, não tinha coragem de passar o peso todo para o outro braço. Um simples som de galho quebrado bastaria para entregá-la.

Ela se segurou até que todos seus músculos estivessem gritando de dor. Talvez o guarda fosse apenas uma ilusão provocada pela luz. Talvez não

passasse de um produto de sua imaginação.

Tally piscou os olhos na esperança de fazer a figura desaparecer.

Não funcionou. A pessoa permanecia ali, seus contornos definidos pelas luzes trêmulas vindas do rio.

Então um galho se partiu sob seu joelho — os músculos doloridos de Tally finalmente a entregariam. A figura, contudo, não se moveu. Não era possível que ele, ou ela, não tivesse ouvido...

O guarda devia estar lhe dando uma chance de se entregar. Desistir. Às vezes os professores faziam aquilo na escola: deixar evidente que você não tinha como escapar e obrigá-lo a confessar tudo.

Tally limpou a garganta e falou de um jeito patético, baixinho:

— Sinto muito.

A figura deu um suspiro.

— Ah, tudo bem. Não tem problema. Também devo ter assustado você.

A garota se aproximou, com uma careta que sugeria que também estava cansada de ficar imóvel por tanto tempo. A luz iluminou seu rosto.

Ela também era feia.

Seu nome era Shay. Tinha cabelo preto, comprido e preso em duas tranças. Os olhos eram separados demais. Apesar dos lábios razoavelmente grossos, ela era mais magra do que uma nova perfeita. Tinha chegado à Nova Perfeição numa expedição própria e estava escondida na margem do rio havia uma hora.

— Nunca vi nada parecido — disse, baixinho. — Tem guardas e carros voadores por todo canto!

— Acho que a culpa é minha — explicou Tally, envergonhada.

Shay pareceu meio desconfiada.

— Como assim?

— Bem, eu estava na parte central da cidade, numa festa.

— Entrou de penetra numa festa? Que perigo! — disse Shay, lembrando-se de baixar a voz logo em seguida. — Perigoso, mas muito legal. Como conseguiu entrar?

— Usando uma máscara.

— Caramba. Uma máscara bonita?

— Ahn, na verdade, uma máscara de porco. É uma história comprida.

— Uma máscara de porco. Sei. Vou tentar adivinhar: alguém botou sua casa abaixo com um sopro?

— Ahn? Não, nada disso. É que eu estava para ser pega, então... disparei um alarme de incêndio.

— Bela jogada!

Tally sorriu. A história até que era boa, agora que podia contá-la a alguém.

— Fiquei encurralada no terraço. Aí peguei uma jaqueta de bungee jump e pulei lá de cima. Vim subindo e descendo até a metade do caminho para cá.

— Fala sério!

— Bem, pelo menos uma parte do caminho até aqui.

— Que incrível — disse Shay, sorrindo. De repente, sua expressão ficou séria, e ela começou a roer uma unha, um dos maus hábitos que a operação costumava curar. — Mas então, Tally, você estava nessa festa... para se encontrar com alguém?

Foi a vez de Tally ficar impressionada.

— Como chegou a essa conclusão?

Shay deu um suspiro e olhou para suas unhas destruídas.

— Também tenho amigos por aqui. Quero dizer, *eram* amigos. Às vezes fico procurando por eles, espiando. — Ela encarou Tally. — Sempre fui a mais nova, sabe? E agora...

— Está sozinha.

Shay confirmou com um movimento da cabeça.

— Mas parece que você fez um pouco mais do que espiar — comentou.

— É. Digamos que eu dei um oi.

— Ei, que bizarro. Seu namorado ou algo parecido?

Tally disse que não. Peris saía com outras pessoas, mas ela levava numa boa, tentava fazer a mesma coisa. A amizade sempre fora a coisa mais importante na vida dos dois. Aparentemente, não era mais.

— Se fosse meu namorado, acho que não conseguiria fazer o que fiz, você entende? Não ia querer que ele visse meu rosto. Mas, como somos amigos, achei que talvez...

— Sei. E como foi?

Tally parou para pensar por um instante, com o olhar perdido no movimento da água do rio. Peris tinha parecido tão perfeito e adulto. E

garantira que voltariam a ser amigos. Assim que Tally ficasse perfeita também...

— Para resumir, foi uma droga — disse, finalmente.

— Foi o que pensei.

— Menos a fuga. Essa parte foi muito bacana.

— Parece que sim. — A diversão na voz de Shay era nítida. — Você foi muito esperta. — A passagem de um carro voador fez as duas se calarem por um momento. — Mas, sabe, a verdade é que ainda não estamos totalmente a salvo. Da próxima vez que for disparar um alarme de incêndio, por favor, me avise antes.

— Desculpe por deixar você encurralada aqui — disse Tally.

Shay franziu a testa olhando para ela.

— Não é nada disso. Eu quis dizer que, se for para entrar nessa de fugir, gostaria de pelo menos me divertir também.

— Ah, tudo bem — disse Tally, rindo. — Da próxima vez, eu aviso.

— Por favor. — Shay observou o rio. — Parece que o caminho está mais limpo agora. Cadê sua prancha?

— Minha o quê?

Shay tirou uma prancha voadora de trás de um arbusto.

— Não tem uma prancha? Como chegou aqui então, nadando?

— Não, eu... espera aí. Como conseguiu atravessar o rio numa prancha?

Qualquer coisa que voasse atraía um monte de guardas.

— É o truque mais velho do mundo — respondeu Shay, rindo. — Achei que você já soubesse.

Tally deu de ombros.

— Não ando muito de prancha.

— Bem, esta aqui vai ter que levar nós duas.

— Espere, shhh.

Outro carro voador apareceu, percorrendo o rio bem na altura das pontes. Depois que tinha passado, Tally contou até dez para voltar a falar.

— Acho que não é uma boa ideia voltar voando.

— Então *como* chegou aqui?

— Venha comigo. — Tally ficou de quatro e, depois de começar a engatinhar, olhou para trás. — Consegue carregar esse negócio aí?

— Claro. Não é muito pesado. — Shay estalou os dedos, e a prancha passou a flutuar. — Na verdade, não pesa *nada*, a não ser que eu queira.

— Muito conveniente.

Enquanto Shay engatinhava, a prancha a seguia, flutuando como um balão de criança. Tally, porém, não via nenhum fio segurando o brinquedo.

— Para onde estamos indo? — perguntou Shay.

— Conheço uma ponte.

— Mas ela vai nos denunciar.

— Essa não vai, não. É uma velha amiga.

CAINDO EM SI

Tally caiu. De novo.

Dessa vez, porém, o tombo não doeu tanto. Na mesma hora em que seus pés escorregaram da prancha, ela relaxou, exatamente como Shay tinha ensinado. Rodopiar não era muito pior do que ser balançada pelos braços quando era criança.

Claro, se seu pai fosse uma criatura sobre-humana tentando arrancar seus braços.

De qualquer maneira, Shay havia explicado que a energia cinética tinha de ir para algum lugar. E ficar girando era melhor do que ser lançada contra uma árvore. Ali, no Parque Cleópatra, havia muitas.

Depois de alguns rodopios, Tally sentiu que estava sendo baixada até a grama, segura pelos pulsos. Tonta, mas inteira.

Shay disparou para cima, inclinando a prancha até parar elegantemente, como se tivesse nascido naquela coisa.

— Já está um pouco melhor.

— Não me *senti* nem um pouco melhor.

Tally tirou um dos braceletes antiqueda e esfregou o pulso. Estava ficando vermelho. Seus dedos pareciam sem força.

O bracelete era pesado e duro porque continha metal. Afinal, funcionava com magnetismo, como as pranchas. Toda vez que os pés de Tally escorregavam, os braceletes flutuavam e freavam a queda, como um gigante bondoso a segurando e afastando do perigo.

Pelos pulsos. De novo.

Tally arrancou o outro bracelete e esfregou a pele.

— Não desista. Você quase conseguiu! — gritou Shay.

Depois de voltar sozinha, a prancha de Tally parou na altura de seus tornozelos, como um cachorro arrependido. Ela cruzou os braços para esfregar os ombros.

— Quase consegui ser dividida em duas, né? — disse Tally.

— Impossível. Já escorreguei mais do que um copo de leite numa montanha-russa.

— Numa *o quê*?

— Esquece. Vamos lá, mais uma tentativa.

Tally suspirou. Não eram só os pulsos. Os joelhos também doíam, por causa das freadas bruscas, das curvas em alta velocidade que faziam seu corpo pesar uma tonelada. Shay chamava aquilo de "alta gravidade", um fenômeno que ocorria sempre que um objeto veloz mudava de direção.

— Andar de prancha *parece* divertido. Poder voar como um pássaro. Mas a prática exige muito esforço — lamentou Tally.

— Ser um pássaro também deve exigir muito esforço. Sabe, esse negócio de bater as asas o dia inteiro — respondeu Shay, dando de ombros.

— Pode ser. Fica mais fácil com o tempo?

— Para os pássaros, não sei. Em cima de uma prancha, com certeza.

— Espero que fique mesmo.

Tally fechou os braceletes e subiu na prancha, que balançou um pouco sob seu peso, como uma plataforma de saltos ornamentais.

— Verifique o sensor na cintura — orientou Shay.

Tally tocou seu cinto, onde Shay tinha prendido um pequeno sensor que informava à prancha a posição do centro de gravidade e para que lado o passageiro estava. Analisava até os músculos do estômago, que, aliás, costumavam se contrair com a aproximação das curvas. A prancha era tão inteligente que conseguia aprender, gradualmente, como um corpo reagia. Quanto mais Tally praticasse, mais fácil seria manter o equipamento sob seus pés.

Evidentemente, Tally também tinha de aprender. Shay não parava de dizer que, se os pés não estivessem no lugar certo, nem a prancha mais inteligente do mundo poderia ajudar. A superfície era toda irregular, para gerar atrito, mas ainda assim era fácil escorregar.

A prancha tinha formato oval, media metade da altura de Tally e era preta, com manchas prateadas, lembrando a pele de um leopardo — o único animal do mundo capaz de correr mais rápido do que uma prancha consegue voar. Era a primeira prancha de Shay e nunca havia sido enviada para reciclagem. Ficava pendurada na parede ao lado da sua cama.

Tally estalou os dedos, dobrou os joelhos enquanto subia no ar e depois se curvou para ganhar velocidade. Shay seguia um pouco atrás dela.

Em pouco tempo, estavam passando pelas árvores, que chicoteavam os braços de Tally com seus ramos afiados. A prancha não permitiria que ela

batesse em objetos sólidos, mas não se preocupava com galhos.

— Estique os braços. Mantenha os pés separados! — gritou Shay, pela milésima vez.

Insegura, Tally botou o pé esquerdo à frente. Nos limites do parque, inclinou-se para a direita, fazendo a prancha iniciar uma longa curva. Dobrou os joelhos e sentiu a força da manobra que a levaria de volta ao ponto de partida.

Agora Tally avançava na direção das bandeiras de slalom. À medida que se aproximava, ia se agachando. Podia sentir o vento ressecando seus lábios e levantando seu rabo de cavalo.

— Ai, meu Deus — murmurou.

Depois de passar pela primeira bandeira, ela se curvou toda para a direita, esticando os braços para se equilibrar.

— Agora troca! — gritou Shay.

Tally contorceu o corpo para mudar a direção da prancha e contornar a bandeira seguinte. Assim que a superou, repetiu a manobra. Seus pés, contudo, estavam muito próximos. De novo, não! Seus sapatos escorregaram na superfície da prancha.

— Não!

Ela curvou os pés e agitou os braços na tentativa de se manter sobre a prancha. O pé direito deslizou até a beirada — podia ver sua silhueta contra as árvores.

As árvores! Estava quase de lado, com o corpo paralelo ao chão.

Passou por mais uma bandeira e, de repente, estava terminado. A prancha voltou para baixo de Tally para corrigir a trajetória.

Ela tinha feito a curva!

Tally virou-se para Shay.

— Eu consegui! — gritou.

E então caiu.

Desorientada pela virada, a prancha tentara fazer uma curva e acabou derrubando a passageira. Tally relaxou os braços para que pudessem se esticar com mais facilidade. O mundo girava ao seu redor. Ela ria durante a descida até a grama, pendurada pelos braceletes.

Shay também ria.

— *Quase* conseguiu — corrigiu.

— Não, eu passei pelas bandeiras, você viu!

— Tudo bem, tudo bem, você conseguiu. — Shay continuava rindo enquanto pulava na grama. — Mas não fique dançando desse jeito. Não é legal, Vesguinha.

Tally mostrou a língua. Durante a semana, aprendera que Shay só usava aquele apelido feio como gozação. Ela havia insistido que as duas se chamassem pelos nomes verdadeiros na maior parte do tempo, e Tally logo se acostumou. Na verdade, preferia assim. Ninguém além de Sol e Ellie — seus pais — e alguns professores afetados a chamavam de "Tally".

— Seu desejo é uma ordem, Magrela. Foi ótimo — disse Tally, caindo na grama. Seu corpo inteiro doía, e todos os seus músculos estavam exaustos. — Obrigada pela aula. Voar é a melhor coisa que existe.

Shay sentou-se perto dela.

— Ninguém fica entediado numa prancha.

— Não me sinto tão bem desde que...

Tally não chegou a dizer o nome. Em vez disso, olhou para o céu, espetacularmente azul. Um céu perfeito. Elas tinham começado o treino já no meio da tarde. Lá em cima, algumas nuvens apresentavam tons de rosa, embora ainda faltassem algumas horas para o pôr do sol.

— É isso aí — disse Shay. — Eu também não. Estava enjoada de sair sozinha.

— Quanto tempo falta para você?

A resposta foi imediata:

— Dois meses e vinte e seis dias.

— Tem certeza? — perguntou Tally, surpresa.

— É claro que tenho certeza.

Aos poucos, um grande sorriso tomou conta do rosto de Tally. Ela deixou o corpo cair na grama e começou a rir.

— Só pode ser brincadeira. Nascemos no mesmo dia!

— Não acredito.

— Pode acreditar. É ótimo: nós duas ficaremos perfeitas juntas!

Shay manteve-se em silêncio por um instante antes de responder.

— É, acho que sim.

— No dia nove de setembro, certo? — perguntou Tally, e Shay confirmou. — Que maneiro. Não sei se eu aguentaria perder outro amigo. Não precisamos nos preocupar com uma de nós abandonando a outra. Nem por um único dia.

Shay arrumou o tronco. Seu sorriso tinha sumido.

— Eu não faria isso de qualquer maneira — falou.

— Não quis dizer que faria, mas...

— Mas o quê?

— Mas, quando você se torna perfeita, vai para Nova Perfeição.

— E daí? Os perfeitos têm permissão para vir aqui. E para escrever.

— Eles nunca fazem isso — disse Tally impaciente.

— Eu faria — disse Shay.

Ela olhou para as torres de festa no outro lado do rio e mordeu a unha do dedão.

— Eu também, Shay. Eu viria aqui para ver você.

— Tem certeza?

— Tenho. Sério.

Sem querer dar muita importância àquilo, Shay deitou de novo para observar as nuvens.

— Que bom. Mas você não é a primeira pessoa a fazer esse tipo de promessa.

— É, sei disso.

As duas permaneceram em silêncio por um tempo. As nuvens se moviam lentamente no céu. O ar foi ficando mais frio. Tally pensou em Peris; tentou se lembrar da aparência dele quando era conhecido apenas como Nariz. Por alguma razão, ela não conseguia mais visualizar seu rosto feio. Era como se os poucos minutos diante de sua versão perfeita tivessem apagado uma vida inteira de lembranças. Tudo que via agora era o Peris perfeito. Seus olhos, o sorriso.

— Fico imaginando por que eles nunca voltam — disse Shay. — Nem para uma visita.

— Porque somos feias, Magrela. Por isso.

— Essa é a segunda opção.

Tally tocou o anel de interface, e a imagem no telão mudou.

A nova versão era esguia, com maçãs do rosto bem definidas, olhos verdes como os de um gato e uma grande boca que acabava num sorriso inteligente.

— Essa é bem, ahn, diferente.

— É mesmo. Não sei nem se seria permitida.

Tally mexeu nos parâmetros do formato dos olhos, reduzindo o arco das sobrancelhas a um nível quase normal. Algumas cidades permitiam operações diferentes — apenas para novos perfeitos —, mas as autoridades dali eram notoriamente conservadoras. Médico nenhum consideraria aquele modelo. Ainda assim, era divertido testar os limites do software.

— Acha que fiquei muito assustadora?

— Não. Ficou mesmo uma gata — disse Shay, dando uma risadinha. — Infelizmente, estou falando no sentido literal: uma gata comedora de ratos.

— Tudo bem, vamos continuar.

A Tally seguinte baseava-se num modelo morfológico muito mais comum: olhos castanhos amendoados, cabelos pretos lisos com longas franjas e lábios escuros bem carnudos.

— Meio genérico, Tally.

— Ah, dá um tempo! Trabalhei muito nesse aqui. Acho que eu ficaria linda desse jeito. Tem um quê de Cleópatra.

— Quer saber de uma coisa? — disse Shay. — Andei lendo que a verdadeira Cleópatra nem era tão bonita. Ela seduzia todo mundo com sua inteligência.

— Ah, tá. E você já viu alguma foto dela?

— Eles não tinham câmeras naquela época, Vesguinha.

— Exatamente. Então, como você sabe que ela era feia?

— Porque foi isso que os antigos historiadores escreveram.

Tally fez pouco caso do comentário.

— Provavelmente ela era uma típica perfeita, e eles não perceberam. Naquela época, tinham conceitos estranhos a respeito de beleza. Não entendiam nada de biologia.

— Sorte deles — disse Shay, desviando o olhar para a janela.

— Se você acha que todos meus rostos são horríveis, por que não me mostra alguns dos seus?

Tally limpou a tela e deitou-se na cama.

— Não posso.

— Quer dizer que pode falar, mas não quer ouvir?

— Não, quero dizer que não posso mesmo. Nunca desenhei um rosto.

O queixo de Tally caiu. Todo mundo fazia morfos, até as crianças, que, por serem muito novas, sequer tinham uma estrutura facial definitiva. Era um ótimo jeito de passar o dia: pensar em todos os visuais possíveis para quando você finalmente se tornasse perfeita.

— Nem unzinho? — insistiu Tally.

— Talvez quando era bem pequena. Mas meus amigos e eu desistimos desse tipo de coisa há muito tempo.

— Bem — disse Tally, sentando-se. — Então temos de recuperar o tempo perdido.

— Prefiro andar de prancha.

Ao ver Shay mexendo em algo sob a camiseta, Tally concluiu que ela dormia com o sensor de cintura, para sonhar com os voos na prancha.

— Mais tarde, Shay. Não consigo acreditar que você não tenha um único morfo. *Por favor*.

— É besteira. Os médicos acabam fazendo o que querem, não importa o que você peça.

— Eu sei, mas é *divertido*.

Mesmo revirando os olhos, Shay acabou cedendo. Desceu da cama se arrastando e parou diante da tela de parede. Tirou os cabelos da frente do rosto.

— Então você *já fez* isso antes.

— Como eu disse, foi quando eu era pequena.

— Claro.

Tally ligou o anel de interface para acionar um menu na tela e piscou os olhos para avançar entre as opções do mouse ocular. A câmera da tela

acionou um laser verde, e logo havia um padrão quadriculado sobre o rosto de Shay, detalhando as formas de suas maçãs do rosto, nariz, lábios e testa.

Em questão de segundos, dois rostos apareceram na tela. Ambos pertenciam a Shay, mas havia diferenças gritantes. Um parecia selvagem, ligeiramente nervoso; o outro tinha uma expressão distante, como a de uma pessoa que sonha acordada.

— É esquisito esse esquema, não é? — disse Tally. — Como se fossem duas pessoas diferentes.

— É meio assustador — concordou Shay.

Os rostos feios eram sempre assimétricos: um lado nunca correspondia ao outro. Por isso, a primeira providência do software de criação de morfos era pegar um lado e duplicá-lo, como se fosse um espelho, para obter dois exemplos de simetria perfeita. A verdade é que as duas versões simétricas de Shay já pareciam melhores do que a original.

— Então, Shay, qual você acha que é seu melhor lado? — Por que tenho de ser simétrica? Prefiro um rosto com lados diferentes.

— Isso é um sinal de estresse infantil. Ninguém quer ver esse tipo de coisa.

— Ah, eu não quero parecer estressada — disse Shay, com um tom de deboche, antes de apontar para o rosto mais nervoso. — Tudo bem, tanto faz. O da direita é melhor, não acha?

— *Odeio* meu lado direito. Sempre começo com o esquerdo.

— Bem, por acaso eu gosto do meu lado direito. Parece mais durão.

— Sem problemas. Você é que manda. — Tally deu uma piscada, e o rosto baseado no lado direito passou a ocupar a tela inteira. — Vamos acertar o básico primeiro.

O software cuidou de tudo. Os olhos foram crescendo gradualmente, fazendo o nariz diminuir, e as maçãs do rosto subiram e os lábios ficaram um pouquinho mais cheios (já tinham um tamanho quase perfeito). Todas as manchas sumiram; a pele não tinha mais falhas. Por baixo dela, os ossos se moveram sutilmente, puxando a testa para trás, deixando o queixo mais definido e a mandíbula mais firme.

Ao fim, Tally assobiou.

— Ei, já está muito bom.

— Ótimo — grunhiu Shay. — Estou igual a todas as outras perfeitas do mundo.

— Sim, mas vamos com calma, acabamos de começar. Que tal escolhermos o cabelo?

Tally piscou várias vezes, percorrendo os menus, e escolheu um estilo aleatoriamente.

Quando a tela se atualizou, Shay caiu no chão, vítima de um ataque de risos. O imenso penteado se erguia sobre sua delicada cabeça como um chapéu pontudo; os cabelos loiros quase brancos destoavam completamente da pele marrom-clara. Tally, também aos risos, mal conseguia falar.

— Certo, acho que esse não serve. — Ela passou por outros estilos até escolher um básico: curto e escuro. — Vamos acertar o rosto primeiro.

Nas sobrancelhas, ela fez alguns ajustes para deixá-las com um formato mais dramático. As bochechas ficaram mais cheias e redondas. Shay continuava magra demais, mesmo depois de o software aproximá-la de um modelo médio.

— Que tal deixarmos você mais clara? — disse Tally, tornando o tom da pele mais suave.

— Ei, Vesguinha — reagiu Shay. — De quem é o rosto mesmo?

— Só estou me divertindo. Quer tentar?

— Não, quero voar na minha prancha.

— Claro. Mas vamos arrumar isso aqui antes.

— O que quer dizer com "arrumar", Tally? Talvez eu já ache meu rosto arrumado!

— Sim, é perfeito — disse Tally, revirando os olhos. — Para uma feia.

Shay ficou irritada.

— Por quê? Você não me suporta do jeito que sou? Precisa botar uma imagem na cabeça para poder me imaginar em vez de olhar para a minha cara?

— Calma, Shay, é só brincadeira.

— Fazer as pessoas se sentirem feias não é nada divertido.

— Mas nós *somos* feias!

— Esse joguinho foi desenvolvido para nos fazer sentir raiva de nós mesmas.

Tally resmungou e se jogou de novo na cama, fixando o olhar no teto. Às vezes, Shay conseguia ser bem estranha. Ela sempre ficava irritada quando o assunto era a operação, como se alguém a estivesse *obrigando* a completar 16 anos.

— Claro. Até parece que as coisas eram maravilhosas quando todo mundo era feio. Ou será que você perdeu essa aula na escola?

— Eu sei, eu sei. Todo mundo julgava os outros pela aparência. As pessoas mais altas conseguiam empregos melhores, e o povo votava em certos políticos só porque eles não eram tão feios quanto a maioria. Blá, blá, blá.

— Isso aí. E as pessoas se matavam por coisas como uma cor de pele diferente. — Tally balançou a cabeça. Por mais que repetissem aquela história dezenas de vezes na escola, ela nunca tinha acreditado de verdade. — Então, qual é o problema de as pessoas serem mais parecidas agora? É o único jeito de tornar as pessoas iguais.

— Poderiam pensar numa forma de deixá-las mais espertas.

— Até parece — respondeu Tally, rindo. — De qualquer maneira, só quero ver como eu e você estaremos em apenas... dois meses e quinze dias.

— Não podemos simplesmente esperar até lá?

Tally fechou os olhos suspirando.

— Às vezes acho que não consigo.

— Bem, que pena. — Shay também se jogou na cama e deu um cutucão no braço de Tally. — Ei, tente aproveitar ao máximo. Podemos andar de prancha agora? Por favor?

Ao abrir os olhos, Tally viu um sorriso no rosto da amiga.

— Está bem. Vamos voar. — Ela se sentou e reparou na tela. Mesmo sem muito esforço, o rosto de Shay parecia receptivo, delicado, saudável... perfeito. — Você não acha que ficou bonita?

Sem se dar ao trabalho de olhar, Shay fez que não.

— Essa aí não sou eu. É a ideia que algum comitê faz de mim.

Tally sorriu e lhe deu um abraço.

— Mas vai ser você. A Shay *de verdade*. Logo, logo.

PERFEITAMENTE ENTEDIANTE

— Acho que você está pronta.

Tally deslizou até parar. Pé direito abaixado, pé esquerdo levantado, joelhos dobrados.

— Pronta para quê?

Shay passou devagar, deixando o vento empurrá-la. Elas estavam no ponto mais alto e distante que as pranchas podiam levá-las, acima das copas das árvores, nos limites da cidade. Era incrível como Tally havia aprendido rápido a se manter no alto sem nada além de uma prancha e braceletes para evitar uma queda monumental.

A vista lá de cima era espetacular. Ao fundo, as torres de Nova Perfeição erguiam-se do meio da cidade. Em torno, havia um cinturão verde, um pedaço de floresta que separava os perfeitos de meia-idade e idosos dos jovens. As gerações mais velhas viviam nos subúrbios, escondidas pelas montanhas, em casas separadas por jardins particulares em que as crianças podiam brincar.

Shay sorriu:

— Está preparada para um passeio noturno?

— Ahn, olha, não sei se quero atravessar o rio outra vez — respondeu Tally, lembrando-se da promessa feita a Peris. Ela e Shay se divertiram muito naquelas três semanas, mas não haviam retornado a Nova Perfeição desde a noite em que se conheceram. — Antes de nos transformarmos, é claro. Depois da última vez, os guardas devem estar...

— Não estou falando de Nova Perfeição — interrompeu Shay. — Aquele lugar é um saco mesmo. Teríamos de ficar escondidas a noite inteira.

— Ah, então vamos só passear por Vila Feia?

Ainda se deixando levar pelo vento, Shay balançou a cabeça.

— Aonde mais podemos ir? — perguntou Tally, se ajeitando sobre a prancha, meio incomodada.

Shay enfiou as mãos nos bolsos e abriu os braços, transformando sua jaqueta numa vela. O vento a empurrou para mais longe. Num ato reflexo,

Tally inclinou os pés, para poder acompanhá-la.

— Bem, podemos ir para lá — disse Shay, apontando para uma área vasta a sua frente.

— Os subúrbios? Aquilo ali é a chatolândia.

— Os subúrbios, não. Depois deles.

Então Shay deixou os pés escorregarem em direções opostas, até as extremidades da prancha. Sua saia aparou o vento frio da noite, o que a fez se afastar numa velocidade ainda maior. Estava seguindo para além do cinturão verde. Fora dos limites.

Tally ajeitou os pés e acelerou a prancha até emparelhar com a amiga.

— Do que está falando? Sair completamente da cidade?

— É isso aí.

— Isso é um absurdo. Não há nada para lá.

— Há muita coisa. Árvores de verdade, de centenas de anos. Montanhas. E as ruínas. Já foi lá?

— Claro — respondeu Tally, hesitante.

— Não estou falando de passeios da escola, Tally. Você já foi lá à noite?

A prancha de Tally parou subitamente. As Ruínas de Ferrugem eram os restos de uma cidade antiga, uma vasta lembrança da época em que havia gente demais e todo mundo era incrivelmente estúpido. E feio.

— Não, de jeito nenhum. Não me diga que você já foi.

Shay confirmou. Tally ficou surpresa.

— Não acredito.

— Acha que é a única pessoa que conhece truques legais?

— Tudo bem, talvez eu acredite — cedeu Tally. Shay tinha aquele olhar, aquele que Tally aprendera a respeitar. — Mas e se formos pegas?

— Tally, não há nada por lá. Você mesma disse. Nada e ninguém para nos pegar.

— As pranchas funcionam nesse lugar? Alguma coisa funciona?

— As especiais funcionam. Basta saber como alterá-las e por onde voar. E é fácil passar pelos subúrbios. É só seguir o rio pelo caminho todo. Mais para cima tem a água branca, forte demais para os barcos.

Tally não conseguia fechar a boca.

— Você realmente já fez isso.

Uma rajada de vento soprou na jaqueta de Shay e a levou para longe. Ela sorria. Tally teve de botar a prancha em movimento para continuar a

conversa. Sentiu a copa de uma árvore tocar seus pés. A superfície estava ficando mais alta.

— Vai ser divertido — gritou Shay.

— Parece muito arriscado.

— Ah, dá um tempo. Quero mostrar isso a você desde que nos conhecemos. Desde que me contou que tinha entrado numa festa de perfeitos... e disparado um alarme de incêndio!

Tally desejou ter contado a história toda a Shay. Que aquilo havia simplesmente *acontecido*. Agora Shay parecia achar que ela era a garota mais destemida do mundo.

— Sabe, o negócio do alarme foi meio que um acidente.

— Ah, claro que foi.

— Talvez devêssemos esperar. Só faltam dois meses agora.

— Ah, isso mesmo. Mais dois meses e estaremos presas do outro lado do rio. Uma vida perfeita e entediante.

— Não acho que seja entediante, Shay.

— Fazer o que as pessoas esperam que você faça é *sempre* entediante. Não consigo pensar em nada pior do que ser obrigada a me divertir.

— Eu consigo — disse Tally. — Não me divertir nunca.

— Escuta, Tally, estes dois meses são nossa última chance de fazer algo realmente legal. De sermos nós mesmas. Depois que nos transformarmos, seremos novas perfeitas, perfeitas de meia-idade, perfeitas idosas. — Shay baixou os braços, e sua prancha parou. — E, finalmente, perfeitas mortas.

— Melhor do que feias mortas — rebateu Tally.

Shay deu de ombros e abriu a jaqueta de novo para navegar. Não faltava muito para chegarem ao fim do cinturão verde. Logo ela receberia um alerta, e a prancha começaria a falar.

— Além disso — insistiu Tally —, só porque vamos passar pela cirurgia não quer dizer que não vamos mais poder fazer coisas deste tipo.

— Acontece que os perfeitos nunca fazem, Tally. Nunca.

Tally suspirou e curvou os pés novamente para ir atrás da amiga.

— Talvez isso aconteça porque eles têm coisas melhores para fazer do que brincadeiras de criança. Talvez curtir festas na cidade seja melhor que perder tempo num monte de ruínas antigas.

— Ou talvez, depois que eles quebram e esticam seus ossos até alcançar o formato ideal, depois que arrancam seu rosto e raspam a pele, depois que

enfiam maçãs do rosto plásticas na sua cara para que você fique igual a todo mundo... talvez, depois disso tudo, você simplesmente não seja mais tão interessante.

As palavras de Shay fizeram Tally vacilar. Ela nunca tinha ouvido uma descrição da cirurgia como aquela. Nem na aula de biologia, quando os detalhes da operação eram relatados, a coisa parecia tão ruim.

— Não é assim. Não vamos nem perceber. Passamos o tempo todo tendo sonhos perfeitos.

— É, claro.

De repente, uma voz invadiu a cabeça de Tally: "Atenção, área restrita." Com o sol mais baixo, o vento estava ficando gelado.

— Vamos, Shay, vamos voltar. Está quase na hora do jantar.

Shay sorriu, discordando, e pegou seu anel de interface. Agora não ouviria mais os alertas.

— Não, esta é a noite. Você está voando quase tão bem quanto eu.

— Shay.

— Venha comigo. Vou lhe mostrar uma montanha-russa.

— O que é uma...

"Segundo alerta. Área restrita."

Tally parou a prancha.

— Se você continuar, Shay, vai acabar sendo pega e não vamos fazer nada hoje à noite.

Sem dar ouvidos à amiga, Shay deixou o vento levá-la para longe.

— Tally, só quero mostrar o que eu considero divertido. Antes de nos tornarmos perfeitas e termos a mesma ideia de diversão que todos os outros.

Tally não se conformava. Queria dizer que Shay já tinha lhe ensinado a voar de prancha, a coisa mais legal que aprendera na vida. Em menos de um mês, acreditava que ela e Shay eram melhores amigas. Lembrava de quando tinha conhecido Peris, quando os dois eram crianças, e tinha percebido quase imediatamente que ficariam juntos para sempre.

— Shay... — tentou uma última vez.

— Por favor.

— Tudo bem.

Shay baixou os braços e os pés para que a prancha parasse.

— Sério? Esta noite?

— Sim. Ruínas de Ferrugem.

Tally dizia a si mesma para relaxar. Não era nada de mais. Estava sempre violando as regras, e todo mundo visitava as ruínas uma vez por ano, nas excursões da escola. Não havia perigo ou qualquer outra ameaça.

Shay voltou bem rápido, passou ao lado de Tally e botou um braço em torno da amiga.

— Espere até ver o rio.

— Você disse que tem água branca?

— Isso.

— E o que seria exatamente?

— Água — respondeu Shay, sorrindo. — Só que muito, muito mais legal.

CORREDEIRAS

— Boa noite.

— Durma bem — respondeu o quarto.

Tally vestiu uma jaqueta, prendeu o sensor na cintura e abriu a janela. O ar estava parado, o rio tão calmo que ela podia encontrar cada detalhe da cidade espelhada em suas águas. Parecia que os perfeitos estavam realizando algum evento. Dava para ouvir o barulho da multidão vindo do outro lado — milhares de vozes que subiam e baixavam juntas. As torres de festa estavam escuras, sob a lua quase cheia, e os fogos de artifício brilhavam em tons de azul, indo tão alto que as explosões eram silenciosas.

A cidade nunca parecera tão distante.

— Te vejo em breve, Peris — disse, em voz baixa.

As telhas estavam úmidas por causa da chuva. Com cuidado, Tally subiu em direção à parede do dormitório que encostava numa antiga árvore. Os apoios de mão entalhados em alguns galhos eram firmes e familiares. Ela desceu rapidamente até uma área escura atrás do reciclador.

Assim que saiu do terreno do dormitório, Tally olhou para trás. As sombras que se formavam no caminho eram tão convenientes que pareciam intencionais. Como se fosse esperado que os feios saíssem escondidos de vez em quando.

Tally tentou tirar aquilo da cabeça. Estava começando a pensar como Shay.

Encontraram-se na represa, onde o rio se dividia em dois para contornar Nova Perfeição. Essa noite, não havia barcos para perturbar a escuridão. Shay praticava manobras sobre a prancha quando Tally apareceu.

— Acha mesmo que devia fazer isso aqui na cidade? — gritou Tally, tentando vencer o ruído da água que passava pelas comportas da represa.

Shay dançava sobre a prancha, movendo seu peso para frente e para trás, desviando-se de obstáculos imaginários.

— Só estou me certificando de que funciona. Para você não se preocupar.

Tally olhou para sua própria prancha. Shay havia dado um jeito no comando de segurança para que não começasse a falar quando estivessem voando à noite ou quando saíssem da cidade. Para Tally, o mais importante não era saber se a prancha reclamaria, mas se poderia voar. Ou se a jogaria contra uma árvore. A prancha de Shay, no entanto, parecia estar voando normalmente.

— Vim voando até aqui, e ninguém apareceu para me pegar — disse ela.

Tally pôs sua prancha no chão.

— Obrigada por tomar esse cuidado. Eu não queria parecer tão covarde.

— Você não foi.

— Fui, sim. Acho que tenho que contar uma coisa a você. Naquela noite em que nos conhecemos, eu meio que prometi ao meu amigo Peris que não me arriscaria muito. Sabe, para não me meter em nada muito sério e acabar deixando-os realmente irritados.

— E quem se importa se eles vão ficar irritados? Você já tem quase 16.

— E se eles ficarem irritados a ponto de não quererem mais me tornar perfeita?

Shay parou de se balançar sobre a prancha.

— Nunca ouvi falar disso.

— Eu também não. Mas talvez eles não nos contassem se tivesse acontecido. De qualquer maneira, Peris me fez prometer que me comportaria.

— Tally, você pensou na hipótese de ele ter dito isso para que você não aparecesse de novo por lá?

— Ahn?

— Talvez ele tenha convencido você a se comportar para que não voltasse a incomodá-lo. Para que você tivesse medo de voltar a Nova Perfeição.

Tally queria responder, mas de repente sentiu sua garganta seca.

— Olha, se não quiser vir, tudo bem — prosseguiu Shay. — É sério, Vesguinha. Mas estou dizendo que não vamos ser pegas. E se formos eu assumirei toda a culpa. Vou dizer que sequestrei você.

Tally subiu na prancha e estalou os dedos. Quando conseguiu ficar cara a cara com Shay, respondeu:

— Eu vou. Eu disse que ia.

Sorrindo, Shay segurou a mão de Tally, apertando-a por um segundo.

— Que bom. Vai ser divertido. Não no estilo dos novos perfeitos... divertido de verdade. Ponha isso aqui.

— O que é isso? Óculos de visão noturna?

— Não. Óculos de natação. Você vai adorar a água branca.

Elas chegaram às corredeiras dez minutos depois.

Tally tinha passado a vida inteira perto do rio, que, vagaroso e altivo, definia a cidade, marcando a fronteira entre dois mundos. No entanto, nunca havia percebido que, poucos quilômetros depois da represa, o grandioso feixe prateado se tornava um monstro que rugia.

As águas revoltas eram realmente brancas. Quebravam sobre as rochas, passavam por canais estreitos, desfaziam-se em borrifos iluminados pela lua, dividiam-se, reagrupavam-se e caíam em caldeirões em ebulição depois de quedas acentuadas.

Shay deslizava logo acima da torrente — tão perto que deixava marcas na água a cada manobra. Tally a seguia a uma distância que considerava segura, torcendo para que sua prancha modificada não a lançasse contra rochas e galhos escondidos na escuridão. De ambos os lados, a floresta era uma imensidão repleta de árvores selvagens e antigas, em nada parecidas com as sugadoras de dióxido de carbono que decoravam a cidade. As nuvens acima, banhadas pelo luar, brilhavam como um teto feito de pérolas.

Sempre que Shay gritava, Tally sabia que teria de seguir a amiga por uma parede de gotas se erguendo do redemoinho abaixo. Algumas reluziam como cortinas de renda sob a luz da lua, outras surgiam inesperadamente da escuridão. Tally também se deparava com arcos de água gelada quando Shay mergulhava ou saía de lado, mas, pelo menos, aquilo servia para sinalizar as curvas à sua frente.

Os primeiros minutos foram de puro terror. Mantinha os dentes cerrados com tanta força que sua mandíbula doía. Os dedos dos pés estavam curvados dentro dos novos tênis antiderrapantes; os braços e até os dedos das mãos esticados em busca de equilíbrio. Porém, gradualmente, Tally se acostumou ao escuro, ao rugido do rio e aos jorros de água gelada em seu rosto. Era o voo mais veloz, ousado e longo de sua vida. O rio

seguia para o interior da floresta escura, levando seu curso sinuoso ao desconhecido.

Finalmente, Shay agitou as mãos e parou, com a parte de trás da prancha mergulhando um pouco na água. Tally subiu para evitar a marola e, com um pequeno giro, parou suavemente.

— Chegamos?

— Ainda não. Mas olhe só isso — disse Shay, apontando para trás.

A vista deixou Tally sem fôlego. A cidade distante não passava de uma moeda reluzente no meio da escuridão; os fogos de Nova Perfeição eram luzes vagas de um azul esmaecido. Elas deviam ter subido bastante. Tally podia ver feixes de luar descendo preguiçosamente pelos morros em torno da cidade, movidos pelo vento fraco que mal empurrava as nuvens.

Nunca havia saído dos limites da cidade à noite, nunca a havia visto iluminada de tão longe.

Tally tirou os óculos salpicados de água e respirou fundo. O ar carregava cheiros intensos: seivas de plantas, flores selvagens e o aroma elétrico da água agitada.

— Bonito, não é?

— É, sim — disse Tally, cansada. — Isso é muito melhor do que bisbilhotar em Nova Perfeição.

Um sorriso tomou o rosto de Shay.

— Fico feliz em saber disso. Queria muito vir aqui, mas não sozinha. Você entende?

Tally olhou para a floresta ao seu redor, tentando enxergar algo nos espaços entre as árvores. Era a natureza selvagem de verdade, onde poderia haver qualquer coisa escondida. Não era um lugar para seres humanos. Ela tremeu ao pensar na possibilidade de um dia estar sozinha ali.

— E agora?

— Agora vamos andando.

— *Andando*?

Shay conduziu a prancha até a margem e desceu.

— Isso. Há um veio de ferro a cerca de meio quilômetro daqui, naquela direção. Mas não há nada daqui até lá.

— Do que está falando?

— Tally, você não sabe que as pranchas funcionam com base em levitação magnética? É preciso que haja algum tipo de metal por perto, ou

então elas não flutuam.

— Entendi. Mas na cidade...

— Na cidade, há uma malha de aço sob o chão, cobrindo todas as áreas. Aqui, precisamos ter cuidado.

— O que acontece se a prancha não consegue flutuar?

— Ela cai. E seus braceletes antiqueda também não funcionam.

— Ah.

Tally desceu da prancha e a botou debaixo do braço. Todos os seus músculos doíam depois da agitada viagem até ali. Era bom pisar em chão firme. As pedras transmitiam uma firmeza a suas pernas bambas, exatamente o contrário da sensação de pairar no ar.

Depois de alguns minutos de caminhada, contudo, a prancha começou a ficar pesada. Quando o ruído do rio já não passava de um murmúrio repetitivo atrás das duas, a prancha parecia mais uma grande tábua de carvalho.

— Nunca tinha percebido como essas coisas pesam.

— Esse é o peso de uma prancha quando não está flutuando. Aqui você descobre que a cidade cria muitas ilusões sobre como as coisas realmente funcionam.

O céu estava mais nublado. No escuro, a sensação de frio era mais intensa. Tally levantou a prancha para segurá-la melhor. Imaginava se viria uma chuva. Já estava bastante molhada das corredeiras.

— Eu gosto de me iludir um pouco em relação a algumas coisas.

Depois de um longo caminho por entre as rochas, Shay rompeu o silêncio.

— Por aqui. Há um veio natural de ferro no subsolo. Dá para sentir sua presença com os braceletes.

Tally estendeu um braço e fez uma careta desconfiada. Contudo, após um minuto, sentiu uma leve puxada no punho, como um fantasma tentando tirá-la do lugar. A prancha começou a parecer mais leve, e logo ela e Shay já haviam subido novamente, para contornar um monte e descer na direção de um vale sombrio.

De volta à prancha, Tally recuperou o fôlego necessário para fazer uma pergunta que não saía de sua cabeça:

— Se as pranchas precisam de metal, como funcionam no rio?

— Garimpando ouro.

— Como é que é?

— Os rios vêm de nascentes, que saem de dentro das montanhas. A água traz minerais de dentro da terra. Então, sempre há metais no fundo dos rios.

— Entendi. Como quando as pessoas garimpavam os rios em busca de ouro.

— Sim, isso mesmo. A diferença é que as pranchas preferem ferro. Tudo que brilha demais não ajuda muito a flutuar.

Tally franziu a testa. Às vezes, Shay falava de um jeito misterioso, como se citasse as letras de uma canção que ninguém conhecia.

Queria perguntar sobre aquilo, mas, de repente, Shay parou e apontou para baixo.

As nuvens estavam se abrindo, permitindo que a luz do luar chegasse até o fundo do vale. Torres enormes se erguiam lançando sombras recortadas de formas humanas que se tornavam óbvias contra as copas das árvores agitadas pelo vento.

As Ruínas de Ferrugem.

AS RUÍNAS DE FERRUGEM

Algumas janelas vazias observavam as duas, em silêncio, das paredes dos prédios gigantes. Os vidros estavam estilhaçados há muito tempo; a madeira, podre. Não havia nada além de armações metálicas, argamassa e cimento que se despedaçava sob a força da vegetação que tomava conta do local. Olhando para a escuridão das entradas sem portas, Tally sentia arrepios ao pensar em descer e dar uma espiada.

As duas amigas deslizaram por entre os prédios em ruínas, mantendo a altura e o silêncio, para não perturbar os fantasmas da cidade morta. Lá embaixo, as ruas estavam repletas de latarias de carros amontoadas entre muros ameaçadores. Qualquer que tivesse sido a causa da destruição, as pessoas haviam tentado fugir. Tally lembrava da última excursão da escola às ruínas, que seus carros não eram capazes de voar. Andavam sobre rodas de borracha. Os Enferrujados foram encurralados naquelas ruas como um monte de ratos num labirinto em chamas.

— Ei, Shay, tem certeza de que nossas pranchas não vão entrar em pane de repente, certo? — perguntou, em voz baixa.

— Não se preocupe. Quem quer que tenha construído esta cidade adorava desperdiçar metal. Isto aqui não se chama Ruínas de Ferrugem porque foi descoberto por um cara chamado Ferrugem.

Tally não tinha como discordar. Todos os prédios eram marcados por pedaços de metal que saíam de suas paredes destruídas, como ossos saltando de um animal morto há muito tempo. Ela recordou que os Enferrujados não usavam estruturas flutuantes. Cada construção pesada, bruta e enorme precisava de um esqueleto de metal que a impedisse de desabar.

E algumas eram mesmo *enormes*. Os Enferrujados não mantinham suas fábricas no subsolo, nem trabalhavam em casa, mas sim todos juntos, como abelhas numa colmeia. As menores ruínas ainda eram maiores que os maiores dormitórios de Vila Feia. Maiores até que a Mansão Garbo.

Vistas à noite, as ruínas pareciam muito mais reais para Tally. Nas excursões da escola, os professores sempre retratavam os Enferrujados

como estúpidos. Era quase impossível acreditar que as pessoas vivessem daquele jeito, queimando árvores para desocupar a terra, consumindo petróleo para gerar calor e energia, rasgando a atmosfera com suas armas. Contudo, sob a luz do luar, ela conseguia imaginar as pessoas desviando dos carros em chamas para escapar da cidade que desmoronava, entrando em pânico durante a fuga daquele monte insustentável de metal e pedra.

A voz de Shay interrompeu o devaneio de Tally.

— Venha, quero mostrar uma coisa a você.

Shay voou para perto dos prédios e logo estava sobre as árvores.

— Tem certeza de que podemos... — começou a perguntar Tally.

— Olhe para baixo — disse Shay. Lá embaixo, metal reluzia por entre as árvores. — As ruínas são muito maiores do que nos contam. Eles mantêm uma parte da cidade de pé para as excursões escolares e atividades de museus. Mas, na verdade, ela não tem fim.

— E está cheia de metal?

— Sim. Toneladas. Não se preocupe, já sobrevoei o lugar inteiro.

Tally engoliu em seco. Ela mantinha os olhos abertos para detectar qualquer sinal de ruínas lá embaixo e agradecia por Shay estar voando uma velocidade razoável.

Uma forma emergiu da floresta — uma espécie de espinha comprida que subia e descia como uma onda congelada. Seguia para longe de onde estavam, em direção à escuridão.

— Chegamos.

— Legal, mas o que é isso? — perguntou Tally.

— Chama-se montanha-russa. Eu não disse que ia lhe mostrar uma?

— É bonita. Para que serve?

— Diversão.

— Duvido.

— Pode acreditar. Aparentemente, os Enferrujados sabiam se divertir. É como uma pista. Eles prendiam carros de superfície a elas e tentavam alcançar a maior velocidade possível. Subindo, descendo, dando voltas. Como andar de prancha, mas sem flutuar. E usavam um tipo de aço que não enferrujava de jeito nenhum. Acho que por segurança.

Tally estava confusa. Desde sempre, só havia pensado nos Enferrujados trabalhando nas colmeias gigantes de pedra e tentando escapar naquele

último e terrível dia. Nunca se divertindo.

— Vamos lá — disse Shay. — Vamos andar de montanha-russa.

— Como?

— De prancha. — Então Shay olhou para Tally com uma expressão séria. — Mas tem de andar bem rápido. É perigoso se não se mover bem depressa.

— Por quê?

— Você vai ver.

Shay se virou e desceu a montanha-russa, voando um pouco acima dos trilhos. Tally respirou fundo e curvou-se para a frente com vontade. Pelo menos, aquela coisa era feita de metal.

O passeio se revelou muito divertido. Era como um circuito para pranchas flutuantes que havia se materializado. Tinha curvas fechadas e inclinadas, subidas íngremes seguidas de longas descidas e até loops que deixavam Tally de cabeça para baixo, obrigando seus braceletes antiqueda a se ativarem. Era incrível que aquilo estivesse tão bem conservado. Os Enferrujados deviam realmente ter usado um material especial, como Shay dissera.

Os trilhos alcançavam alturas muito maiores do que uma prancha conseguia. Na montanha-russa, Tally podia realmente voar como um pássaro.

A pista terminava em uma curva bem aberta e lenta, formando um círculo até voltar ao início. O último pedaço começava com uma grande subida.

— Passe essa parte depressa! — disse Shay, enquanto ia na frente, em alta velocidade.

Tally seguiu a toda, disparando sobre os trilhos estreitos. Ao longe, podia ver as ruínas: torres escuras destruídas, à frente das árvores. Atrás de tudo, um brilho prateado que talvez fosse o mar. Estava *muito* alto!

Ao alcançar o topo, ela ouviu um grito de satisfação. Shay havia desaparecido. Tally curvou-se para acelerar um pouco mais.

De repente, a prancha saiu de seus pés. Simplesmente caiu, deixando-a solta no ar. A pista havia desaparecido.

Tally cerrou os punhos, na expectativa de que os braceletes entrassem em ação e a puxassem para cima pelos pulsos. Mas eles também tinham se

tornado inúteis; eram apenas tiras pesadas de metal que a puxavam na direção do chão.

— Shay! — gritou ela, enquanto caía na escuridão.

Então Tally voltou a ver a estrutura da montanha-russa logo à frente. Só estava faltando um pequeno pedaço da pista.

Num instante, os braceletes a levantaram, e ela sentiu a superfície sólida da prancha tocando seus pés. O impulso a havia levado para o outro lado! A prancha devia ter voado junto, bem abaixo dos seus pés, durante aqueles segundos aterrorizantes de queda livre.

Rapidamente, Tally percorreu a descida, até o ponto em que Shay a esperava.

— Você perdeu o juízo! — gritou.

— Bem emocionante, hein?

— Não! Por que não me disse que estava *quebrada*?

Shay deu de ombros.

— Para ficar mais divertido?

— Mais *divertido*? — O coração de Tally batia acelerado, mas sua visão estava estranhamente nítida. Ela sentia muita raiva, alívio e... prazer. — É, talvez sim. Mas mesmo assim você me paga!

Tally desceu da prancha e, com as pernas bambas, caminhou pela grama. Encontrou um pedaço de pedra grande o bastante para servir de banco e se sentou, ainda trêmula. Shay também saltou da prancha.

— Ei, desculpe.

— Foi horrível, Shay. Eu estava *caindo*.

— Não foi quase nada. Só uns cinco segundos. Pelo que me lembro, você pulou de bungee jump de um prédio.

Tally fuzilou Shay com os olhos.

— É, pulei, mas eu *sabia* que não ia me espatifar.

— Tudo bem. Olhe só, na primeira vez que me mostraram a montanha-russa, não me contaram que faltava um pedaço. E eu achei bem legal descobrir desse jeito. A primeira vez é sempre a melhor. Queria que você sentisse a mesma coisa.

— Você achou *legal* cair dali?

— Hum, talvez eu tenha ficado com raiva no início. É, acho que fiquei sim — admitiu Shay, dando um sorriso. — Mas acabei superando.

— Vou precisar de um tempinho para isso, Magrela.

— Fique à vontade.

A respiração de Tally começou a se acalmar, e o coração, aos poucos, parou de tentar sair do seu peito. Mas sua mente continuava tão aberta quanto naqueles segundos de queda livre. Ela se perguntava quem tinha encontrado a montanha-russa e quantos outros feios tinham ido até lá desde então.

— Shay, quem mostrou tudo isso a você?

— Amigos mais velhos. Feios, como nós, que tentam descobrir como as coisas funcionam. E como enganá-las.

Tally olhou para as formas antigas e sinuosas da montanha-russa. E para as trepadeiras que subiam por sua estrutura.

— Imagino há quanto tempo os feios vêm aqui.

— Provavelmente há muito tempo. As coisas são passadas adiante. Sabe, uma pessoa descobre como enganar a prancha, a outra descobre as corredeiras, e a outra chega até as ruínas.

— E aí alguém toma coragem para atravessar o buraco da montanha-russa. — Tally engoliu em seco. — Ou passa por ele sem querer.

— Mas, no fim, todos se tornam perfeitos.

— Final feliz — completou Tally, e viu Shay contrair os ombros. — E como você sabe que essa coisa se chama "montanha-russa"? Procurou em algum lugar?

— Não. Uma pessoa me contou.

— Mas como essa pessoa sabia?

— É um cara. Ele sabe de muita coisa. Truques, histórias sobre as ruínas. Ele é bem legal.

Algo na voz de Shay levou Tally a se virar e a segurar sua mão.

— Mas imagino que agora ele seja perfeito — falou.

Shay se afastou e roeu uma unha.

— Não, não é.

— Ué, pensei que todos seus amigos...

— Tally, me promete uma coisa? Uma promessa de verdade?

— Acho que sim. Que tipo de promessa?

— Não pode contar a ninguém, nunca, o que vou mostrar a você.

— Desde que não haja nenhuma queda livre envolvida...

— Não.

— Tudo bem, eu prometo. — Tally levantou a mão que levava a cicatriz

feita por ela e Peris. — Nunca contarei a ninguém.

Shay examinou os olhos da amiga por um instante, com atenção, até se convencer.

— Certo. Quero que conheça uma pessoa. Hoje.

— Hoje? Mas não vamos estar de volta antes de...

— Ele não está na cidade — disse Shay, sorrindo. — Está aqui.

— É uma brincadeira, não é?

Shay não respondeu. As duas tinham voltado ao coração das ruínas. Estavam na sombra do maior prédio do lugar. Ela olhava para cima com uma cara de dúvida.

— Acho que lembro como se faz — disse.

— Como se faz o quê? — perguntou Tally.

— Como se faz para subir. É, é isso mesmo.

Segurando a prancha à sua frente, Shay se abaixou para passar por um buraco na parede.

— Shay?

— Não fique preocupada. Eu já fiz isso.

— Shay, acho que uma iniciação já é o suficiente por esta noite.

Tally não estava a fim de ser vítima de outra brincadeira de Shay. Estava cansada, e a viagem de volta para casa seria longa. Para piorar, tinha tarefas de limpeza no dormitório. Só porque era verão não significava que ela podia passar o dia inteiro dormindo.

Apesar de tudo, Tally foi atrás de Shay, pelo buraco. Discutir provavelmente levaria mais tempo.

Elas começaram a subir com as pranchas, usando o metal da estrutura do prédio. Era estranho estar lá dentro, observando, pelas janelas, as formas destruídas das outras construções. Sentia-se como o fantasma de um Enferrujado assistindo à desintegração da cidade ao longo dos séculos.

Como não havia telhado, elas se depararam com uma vista espetacular. As nuvens tinham sumido, e o luar dava uma nitidez incrível às ruínas. Os prédios lembravam fileiras de dentes quebrados. Tally notou que era realmente o oceano o que havia visto de relance da montanha-russa. Dali de cima, a água cintilava como uma faixa prateada.

Shay tirou um objeto da bolsa e o partiu ao meio.

O mundo pareceu pegar fogo.

— Ei! Que luz é essa? — gritou Tally, protegendo os olhos.

— Ah, desculpa.

Shay esticou o braço, afastando o sinalizador, que continuava estalando em meio ao silêncio das ruínas. O brilho lançava sombras tremidas no interior do prédio. Sob o clarão, o rosto de Shay tinha um aspecto monstruoso. As fagulhas desciam lentamente até se perderem nas profundezas da construção destruída.

Finalmente as faíscas do sinalizador acabaram. Tally piscou os olhos na tentativa de apagar as manchas em sua visão. Não via praticamente nada além da lua no céu.

Ela ficou tensa ao se dar conta de que o sinalizador poderia ter sido visto de qualquer ponto do vale. Ou mesmo do mar.

— Shay, você mandou um sinal?

— É isso aí.

Tally olhou para baixo. Os edifícios sombrios estavam manchados de pontos de luz, ecos do sinalizador gravados em seus olhos. De repente, consciente do quão pouco enxergava, Tally sentiu uma gota de suor descendo por suas costas.

— E quem vamos encontrar?

— O nome dele é David.

— David? Que nome esquisito. — Para Tally, parecia um nome inventado. Ela achou que fosse mais uma brincadeira. — Quer dizer que ele vai simplesmente aparecer aqui? Esse cara não mora mesmo nas ruínas, mora?

— Não. Mora bem longe. Mas talvez esteja por perto. Às vezes ele vem aqui.

— Está dizendo que ele é de outra cidade?

Shay virou-se para ela, mas, no escuro, Tally não pôde interpretar sua expressão.

— Mais ou menos isso — respondeu a amiga.

Novamente concentrada no horizonte, Shay parecia procurar uma resposta ao seu sinal. Tally se encolhia dentro da jaqueta para se proteger. Parada, percebeu que fazia muito frio. Tentou adivinhar que horas seriam. Sem o anel de interface, não havia como perguntar.

Das aulas de astronomia, Tally lembrou que, como a lua quase cheia já começava a baixar, devia passar da meia-noite. Aquele era um lado interessante de estar fora da cidade: todas as coisas sobre natureza que eram ensinadas na escola pareciam bem mais úteis. Agora recordava como a água

da chuva caía nas montanhas e penetrava o solo antes de ressurgir cheia de minerais. Depois voltava ao mar abrindo rios e vales ao longo dos séculos. Quem vivesse ali poderia passear sobre pranchas, seguindo o trajeto dos rios, como nos tempos ancestrais anteriores aos Enferrujados, quando os "nem-tão-absurdos" Pré-Enferrujados viajavam a bordo de pequenos barcos feitos de troncos de árvore.

Aos poucos Tally recobrou a visão noturna. Ela observou o horizonte: haveria mesmo outro sinal em resposta ao de Shay? Tally torcia para que não acontecesse. Nunca havia conhecido alguém de outra cidade. Sabia, das lições da escola, que em algumas cidades as pessoas falavam línguas diferentes, não se tornavam perfeitas antes dos 18 anos e tinham outros hábitos estranhos.

— Shay, talvez seja melhor voltarmos para casa.

— Vamos esperar mais um pouco.

Tally mordeu os lábios.

— Quem sabe esse tal de David não esteja por aqui hoje?

— É, pode ser. Provavelmente. Mas eu esperava que estivesse por aqui. — Ela se virou para Tally. — Seria muito legal se você pudesse conhecê-lo. Ele é... diferente.

— Deve ser.

— Não estou inventando nada disso, está bem?

— Ei, acredito em você — garantiu Tally, embora nunca tivesse certeza quando se tratava de Shay.

Shay voltou a mirar o horizonte enquanto roía as unhas.

— É, acho que ele não está por aqui. Se quiser, podemos ir embora.

— É que está muito tarde, e a volta vai ser longa. E tenho serviço de limpeza amanhã.

— Eu também.

— Obrigada por me mostrar tudo isso, Shay. Foi tudo incrível. Mas acho que mais uma novidade acabaria me matando.

Shay deu uma risada.

— A montanha-russa não matou você.

— Quase.

— Já me perdoou?

— Depois respondo, Magrela.

— Tudo bem. Só se lembre de não contar sobre David a ninguém.

— Ei, eu já prometi. Pode confiar em mim, Shay. Sério.

— Certo. Eu confio, Tally — disse Shay, dobrando os joelhos para fazer a prancha iniciar a descida.

Tally deu uma última olhada ao redor para admirar as ruínas que se espalhavam abaixo, as árvores escuras, o rio reluzente que se estendia rumo ao mar iluminado. Imaginou se haveria realmente alguém naquele lugar ou se David não passaria de um personagem criado pelos feios para assustarem uns aos outros.

A verdade era que Shay não demonstrava qualquer medo. Aparentava estar sinceramente decepcionada com a ausência de resposta ao seu sinal, como se encontrar David pudesse ser melhor do que mostrar as corredeiras, as ruínas, a montanha-russa.

Existindo ou não, pensou Tally, David era bastante real para Shay.

Elas saíram pelo mesmo buraco na parede e voaram até o limite das ruínas. Depois, seguiram pelo veio de ferro até deixarem o vale. No morro, as pranchas começaram a falhar, e as duas desceram. Por mais cansada que estivesse, agora Tally não achava mais um desafio carregar a prancha. Aquilo não era mais como um brinquedo, um balão de criança; havia se tornado algo sólido, que seguia suas próprias regras e que podia ser muito perigoso.

Tally também concluiu que Shay estava certa a respeito de uma coisa: não sair da cidade, de certa forma, transformava tudo numa farsa. Como os prédios e pontes suspensos por estruturas flutuantes, ou como pular de um terraço com uma jaqueta de bungee jump, nada parecia de fato real. Estava feliz por Shay tê-la levado às ruínas. No mínimo, o caos deixado pelos Enferrujados provava que as coisas podiam acabar terrivelmente mal quando não se tinha cuidado.

Perto do rio, as pranchas voltaram a ficar leves, e as duas subiram a bordo, agradecidas.

— Não sei quanto a você, mas não vou dar mais um único passo esta noite — disse Shay, quase num gemido.

— Nem eu.

Shay curvou-se para a frente e levou a prancha para o rio enquanto fechava bem a jaqueta para se proteger dos borrifos das corredeiras. Tally

virou-se para dar uma última olhada. Sem as nuvens para atrapalhar, era possível ver as ruínas dali.

Surpresa, Tally piscou os olhos. Achava ter visto uma centelha minúscula vinda do local da montanha-russa. Talvez fosse apenas uma ilusão de ótica, um reflexo do luar sobre algum pedaço exposto de metal.

— Shay? — chamou, em voz baixa.

— Você vem ou não? — gritou Shay, por sobre o bramir das águas do rio.

Tally piscou de novo, mas não conseguia mais ver o brilho. De qualquer maneira, elas já estavam longe demais. Avisar a Shay apenas a faria querer voltar. E não havia a menor chance de Tally encarar a subida novamente.

Provavelmente não tinha sido nada.

Tally respirou fundo e berrou:

— Vamos lá, Magrela. Aposto que chego primeiro!

Ela avançou com a prancha, raspando a água gelada do rio, deixando por um instante uma Shay sorridente para trás.

BRIGA

— Olhe para eles. Que bobocas.

— Será que já nos parecemos com essas pessoas?

— Provavelmente. Mas só porque já fomos bobocas não significa que eles não sejam.

Tally assentiu, tentando se recordar de como era ter 12 anos, de suas impressões sobre o dormitório no primeiro dia. Lembrava que o prédio era assustador. Muito maior que a casa de Sol e Ellie, obviamente, e maior do que as cabanas em que as crianças estudavam — um professor para cada dez alunos.

Agora o dormitório era apertado e claustrofóbico, exageradamente infantil com suas cores vivas e escadas protegidas. Entediante durante o dia e fácil de fugir à noite.

Os novos feios permaneciam reunidos num grupo, com medo de se afastar demais do guia. Seus pequenos rostos feios examinavam o dormitório de quatro andares; seus olhos estavam tomados pela admiração e pelo medo.

Shay botou a cabeça para dentro.

— Isso vai ser muito divertido.

— Será um programa de adaptação do qual eles nunca vão se esquecer.

O verão acabaria em duas semanas. A quantidade de gente no dormitório de Tally havia caído continuamente durante o ano à medida que os veteranos completavam 16 anos. Estava quase na hora de uma nova turma ocupar seus lugares. Tally observou os últimos feios entrarem, sem jeito e nervosos, desarrumados e fora de ordem. A idade de 12 anos marcava o momento da mudança, quando se passava de uma criança bonitinha a um feio grandalhão e sem educação.

Deixar aquela fase da vida para trás lhe dava alegria.

— Tem certeza de que isso vai funcionar? — perguntou Shay.

Tally sorriu: não era comum Shay bancar a cuidadosa. Ela apontou para a gola da jaqueta de bungee jump.

— Está vendo a luzinha verde? Significa que está funcionando. É para emergências, por isso está sempre pronta para entrar em ação.

Shay enfiou a mão por baixo da jaqueta para ajeitar o sensor de cintura, o que mostrava que estava nervosa.

— E se essa coisa perceber que não é uma emergência de verdade?

— Ela não é tão esperta. Quando alguém cai, ela segura. Muito simples.

Sem parecer estar convencida, Shay vestiu a jaqueta.

Elas pegaram o equipamento na escola de artes, que ocupava o prédio mais alto de Vila Feia. Era uma unidade reserva, guardada no subsolo. Sequer tinham precisado enganar a prateleira para pegá-la. Tally não queria ser flagrada mexendo com alarmes de incêndio, já que os guardas poderiam ligá-la a um certo incidente ocorrido em Nova Perfeição no início do verão.

Shay vestiu uma camiseta gigante por cima da jaqueta. Tinha as cores de seu dormitório, e nenhum dos professores conhecia seu rosto muito bem.

— Como ficou?

— Como se você tivesse engordado. Já estava na hora, hein?

Shay fez uma cara feia. Odiava ser chamada de bicho-pau ou de olho de porco ou de qualquer outro dos nomes que os feios costumavam usar. Às vezes, ela dizia não se importar com a operação. Evidentemente, não passava de bobagem. Shay não era uma *aberração*, mas também não podia ser considerada uma perfeita de nascença. Na verdade, só existiram umas dez pessoas que se encaixavam nessa definição.

— Quer cuidar da parte do salto, Vesguinha?

— Shay, já passei por isso antes mesmo de conhecer você. E foi você que teve essa ideia brilhante.

Um sorriso tomou conta do rosto de Shay.

— É uma ideia brilhante mesmo, não é?

— Eles nunca vão saber o que aconteceu.

Shay e Tally esperaram os novos feios chegarem à biblioteca e se espalharem ao redor de mesas para assistir a um vídeo de introdução. Elas estavam de bruços no último andar de estantes, onde eram guardados os antigos e empoeirados livros de papel, e observavam tudo de trás de uma cerca de segurança. Esperaram o guia fazer com que os feios parassem de tagarelar.

— Eu diria que isso parece fácil demais — disse Shay, desenhando um par de grossas sobrancelhas pretas por cima das suas originais.

— Fácil para você. Vai estar fora daqui antes que alguém consiga entender o que houve. Já eu tenho que percorrer o caminho todo até lá embaixo.

— E daí, Tally? O que eles podem fazer se formos pegas?

— Tem razão.

Mesmo assim, ela vestiu a peruca castanha.

Durante o verão, à medida que os últimos veteranos completavam 16 anos e se tornavam perfeitos, as brincadeiras haviam se tornado mais sérias. Apesar disso, ninguém parecia ser punido. E a promessa de Tally a Peris parecia muito distante. Assim que virasse uma perfeita, nada do que havia feito no último mês importaria. Estava ansiosa para deixar aquilo tudo para trás, mas não sem um final adequado.

Ainda pensando em Peris, Tally botou um grande nariz de plástico no rosto. Na noite anterior, as duas tinham invadido a sala de teatro do dormitório de Shay e agora estavam cheias de disfarces.

— Está pronta? — perguntou Tally, rindo do som anasalado de sua voz, causado pelo nariz de mentira.

— Espere um pouco — disse Shay, antes de pegar um livro grosso da prateleira. — Certo, hora do show.

As duas se levantaram.

— Me dá esse livro! — gritou Tally. — Ele é meu!

Ela notou os feios ficando em silêncio e teve de controlar a vontade de olhar para baixo para ver seus rostos virados para cima.

— Nada disso, Nariz de Porco! Eu o vi primeiro.

— Que palhaçada, Gordinha. Você nem sabe ler!

— Ah, é? Então tente ler *isso*!

Shay atirou o livro em Tally, que se agachou. Esta, então, agarrou o livro e devolveu o golpe, acertando com força os antebraços levantados de Shay, que rolou para trás, sobre o corrimão.

Tally se curvou e de olhos arregalados acompanhou Shay caindo rumo ao chão do salão principal da biblioteca, três andares abaixo. Os novos feios gritaram juntos enquanto se espalhavam para sair do caminho do corpo que se agitava mergulhando em sua direção.

Um segundo depois, o bungee jump se acionou, e Shay foi suspensa no

ar. Ria de um jeito ensandecido, com toda vontade. Tally esperou mais um pouco, vendo o horror dos feios se transformar em confusão, ao mesmo tempo em que Shay pousava sobre uma mesa e saía correndo para a porta.

Tally largou o livro e disparou na direção das escadas, pulando lances inteiros de uma vez, até alcançar a saída dos fundos do dormitório.

— Caramba, isso foi incrível!

— Você viu a cara deles?

— Na verdade, não — respondeu Shay. — Estava meio ocupada vendo o chão se aproximar de mim.

— É, lembro dessa sensação, de quando pulei do terraço. Ela realmente prende sua atenção.

— Por falar em cara, adorei o nariz.

Tally deu um risinho e tirou o nariz do rosto.

— Opa, não há razão para ficar mais feia do que o normal.

A expressão de Shay mudou. Ela apagou uma das sobrancelhas falsas e encarou a amiga com seriedade.

— Você não é feia.

— Ah, Shay, não comece.

— Não, é sério, é o que eu acho. — Ela esticou o braço e tocou o nariz verdadeiro de Tally. — Seu perfil é lindo.

— Não comece a agir desse jeito esquisito, Shay. Eu sou uma feia, e você é uma feia. Continuaremos sendo por mais duas semanas. Não é nada de mais. — Deu uma risada. — Você, por exemplo, tem uma sobrancelha gigante e outra pequenininha.

Shay desviou o olhar e, em silêncio, tirou o resto do disfarce.

Estavam escondidas no vestiário ao lado da praia, onde haviam deixado seus anéis de interface e mudas de roupa. Se alguém perguntasse, diriam que tinham passado o tempo todo nadando. A natação era sempre uma boa artimanha. Atrapalhava a leitura da temperatura corporal, exigia mudança de roupa e era a desculpa perfeita para não usar o anel de interface. O rio apagava todos os sinais de crime.

Num instante, elas pularam na água, afundando os disfarces. A jaqueta voltaria para o subsolo da escola de arte à noite.

— É sério mesmo, Tally — disse Shay, quando as duas já estavam na água. — Seu nariz não é feio. E também gosto dos seus olhos.

— Meus olhos? Agora você perdeu a cabeça de vez. Eles são muito próximos.

— Quem disse isso?

— A biologia.

Shay jogou água na cara da amiga.

— Você não acredita nessa besteira de verdade, acredita? Que só há uma aparência certa, e que todo mundo é programado para concordar com ela?

— Shay, não é uma questão de acreditar. A gente simplesmente *sabe*. Você já viu os perfeitos. Eles são... maravilhosos.

— Eles são todos iguais.

— Eu também achava isso. Mas, quando eu e Peris íamos até a cidade, víamos vários perfeitos. Acabamos percebendo que eles são diferentes. Têm suas próprias características. Só que mais sutis, porque eles não são um bando de esquisitos.

— Não somos esquisitas, Tally. Somos normais. Talvez não sejamos maravilhosas, mas pelo menos também não somos umas bonecas Barbie.

— Bonecas o quê?

Shay desviou o olhar.

— É uma coisa que David me contou — respondeu.

— Ah, que legal. David de novo.

Tally pegou um impulso e boiou de costas para longe, observando o céu e desejando que aquela conversa acabasse. Elas tinham ido às ruínas mais algumas vezes. Shay sempre insistia em disparar um sinalizador, mas David nunca aparecia. Aquela história toda de esperar numa cidade fantasma por um cara que não parecia existir dava arrepios em Tally. Era divertido explorar o lugar, mas a obsessão de Shay por David havia começado a tirar a graça da coisa.

— Ele existe. Já estive com ele mais de uma vez.

— Tudo bem, Shay, David existe. E ser feio também existe. Não dá para mudar isso fazendo um desejo ou repetindo que você é perfeita. Aliás, essa é a razão de terem inventado a operação.

— Não passa de enganação, Tally. Em toda a vida, você só viu rostos perfeitos. Seus pais, seus professores, todos que têm mais de 16 anos. Mas você não *nasceu* esperando encontrar sempre esse tipo de beleza em todo

mundo. Simplesmente foi programada para achar que qualquer coisa diferente é feia.

— Não é ser programada. É apenas uma reação natural. E, mais importante ainda, é justo. Antigamente, tudo era aleatório. Havia algumas pessoas meio bonitas, e a maioria estava condenada a ser feia pela vida inteira. Agora todos são feios... até se tornarem perfeitos. Ninguém sai perdendo.

Shay permaneceu em silêncio por um tempo antes de falar.

— Há pessoas que saem perdendo, Tally.

Um arrepio percorreu o corpo de Tally. Todo mundo sabia dos feios eternos — as poucas pessoas nas quais a operação não funcionava. Não eram vistos com frequência. Eles podiam andar nas ruas, mas a maioria preferia se esconder. E quem não preferiria? Os feios podiam parecer esquisitos, mas pelo menos eram jovens. Os feios *velhos* eram algo realmente inacreditável.

— Então é isso? Está com medo de que a operação não funcione? Que bobagem, Shay. Você não é uma aberração. Em duas semanas, estará perfeita, como todas as outras pessoas.

— Eu não quero ser perfeita — disse Shay. Tally suspirou. Aquela história de novo. — Estou de saco cheio desta cidade. De saco cheio das regras e dos limites. A última coisa que quero na vida é me tornar uma nova perfeita cabeça de vento, que passa o dia inteiro festejando.

— Espera aí, Shay. Eles fazem as mesmas coisas que nós: bungee jump, voos de prancha, fogos de artifício. Só que não precisam ficar se escondendo.

— Eles não têm a imaginação para se esconder.

— Olha, Magrela, concordo com você — disse Tally, num tom enfático. — Fazer brincadeiras é ótimo! Está bem? Quebrar as regras é muito divertido! Mas, em algum momento, você precisa fazer algo além de ser uma jovem feia metida a esperta.

— Tipo, ser uma perfeita sem graça e entediante?

— Não. Tipo, ser uma adulta. Já pensou na possibilidade de que, quando você for perfeita, talvez não *precise* aprontar e armar confusões? Talvez os feios sempre estejam brigando ou se provocando exatamente porque são feios. Porque não estão satisfeitos com o que são. Bem, eu

quero ser feliz, e ter a aparência de uma pessoa de verdade é o primeiro passo.

— Tally, eu não tenho medo de parecer com o que sou.

— Pode ser. Mas tem medo de crescer!

Shay não respondeu. Tally continuou boiando, em silêncio, olhando para o céu, quase sem conseguir enxergar as nuvens em meio a raiva. Ela queria se tornar perfeita, queria voltar a ver Peris. Parecia uma eternidade desde que havia conversado com ele, ou qualquer outra pessoa além de Shay, pela última vez. Estava de saco cheio daquela história de feiura; só queria que chegasse ao fim.

No instante seguinte, ouviu Shay nadando em direção à praia.

ÚLTIMA DIVERSÃO

Era uma sensação estranha, mas Tally não conseguia evitar uma certa tristeza. Sabia que sentiria falta da vista daquela janela.

Tinha passado os últimos quatro anos observando Nova Perfeição, desejando com todas as forças atravessar o rio e nunca mais voltar. Aquela provavelmente havia sido a motivação para sair tantas vezes pela janela, aprender os truques necessários para chegar mais perto dos perfeitos, espiar a vida que um dia seria a sua.

Entretanto, agora que faltava apenas uma semana para a operação, o tempo parecia estar passando rápido demais. Por vezes, Tally desejava que a cirurgia pudesse ser feita gradualmente. Primeiro, corrigir seus olhos estrábicos, depois os lábios... superar aquilo em etapas. Não queria ser obrigada a olhar uma última vez pela janela sabendo que nunca mais teria aquela vista.

Sem Shay por perto, as coisas pareciam incompletas. Ela havia passado mais tempo ali, sentada na cama, contemplando Nova Perfeição.

Era verdade que não tinha muitas opções. Todos no dormitório eram mais jovens, e ela já tinha ensinado seus melhores truques para a nova turma. Tinha assistido a todos os filmes que o telão conhecia umas dez vezes, até alguns em preto e branco, num inglês que mal conseguia entender. Não havia companhia para ir a shows, e as competições esportivas do dormitório eram uma chatice sem pessoas conhecidas nas equipes. Os outros feios a olhavam com inveja, mas era inútil fazer amigos. Provavelmente era melhor resolver logo a questão da operação. Muitas vezes, torcia para que os médicos simplesmente a sequestrassem no meio da noite e cuidassem de tudo. Ela podia imaginar várias coisas piores do que acordar um dia e se descobrir perfeita. Na escola, diziam que já era possível realizar a operação em jovens de 15 anos. Esperar até os 16 era apenas uma tradição antiga estúpida.

Contudo, era uma tradição que ninguém questionava, à exceção de um ou outro feio. Assim, Tally tinha mais uma semana para encarar, sozinha.

Não conversava com Shay desde a grande briga. Tally tinha tentado escrever uma mensagem, mas aquele negócio de explicar as coisas pelo telão só a havia deixado irritada novamente. E não fazia sentido resolver a situação agora. Depois que ambas se tornassem perfeitas, não haveria mais razão para brigar. E, mesmo que Shay ainda a odiasse, poderia contar com Peris e todos seus antigos amigos, à espera do outro lado do rio, com seus olhos grandes e sorrisos encantadores.

Apesar disso, Tally continuava imaginando como a Shay ficaria quando perfeita, com seu corpo magricelo mais cheio, os lábios já carnudos retocados, e as unhas roídas enterradas no passado. Provavelmente dariam a seus olhos uma tonalidade mais intensa de verde. Ou uma das novas cores: roxo, prata, ouro.

— Ei, Vesguinha!

As palavras sussurradas quase mataram Tally de susto. Ela olhou para a escuridão do lado de fora e viu um vulto se aproximando pelo telhado. Um sorriso tomou seu rosto.

— Shay! — A silhueta parou por um momento. Tally nem se preocupou em falar baixo. — Não fique parada aí. Entre, sua anta!

Shay se arrastou para dentro, rindo, e Tally a recebeu com um abraço forte, caloroso e emocionado. Em seguida, as duas se afastaram, sem soltar as mãos. Por um instante, o rosto feio de Shay parecia perfeito.

— É tão bom ver você.

— Você também, Tally.

— Senti sua falta. Eu queria... sinto muito...

— Nada disso — interrompeu Shay. — Você estava certa. Aquilo me fez pensar. Queria escrever, mas era tudo...

Tally apenas assentiu, apertando as mãos de Shay.

— É. Foi muito chato.

As duas permaneceram de pé por um tempo; Tally olhava pela janela atrás da amiga. De repente, a vista de Nova Perfeição já não parecia tão triste. Mais uma vez, era uma paisagem luminosa e tentadora, como se toda a hesitação tivesse sido arrancada de dentro dela. A janela aberta tinha voltado a ser empolgante.

— Shay?

— O que foi?

— Vamos a algum lugar hoje. Aprontar alguma coisa grande.

— Estava torcendo para que você fizesse uma proposta desse tipo — disse Shay, rindo.

Tally reparou no visual de Shay. Ela estava pronta para uma missão: roupas pretas, cabelo preso, mochila no ombro. E um sorrisinho malicioso.

— Você já tem um plano, não é? Ótimo.

— É — respondeu Shay. — Tenho um plano, sim.

Ela foi até a cama de Tally e tirou a mochila do ombro. Seus passos faziam um chiado no chão; Tally sorriu ao notar que Shay usava tênis com solado aderente. Não andava de prancha havia alguns dias. Afinal, voar sozinha exigia o mesmo trabalho, com apenas metade da diversão.

Shay esvaziou a mochila sobre a cama e apontou.

— Localizador. Acendedor de fogo. Purificador de água. — Mostrou dois rolinhos reluzentes do tamanho de sanduíches. — Estes aqui se transformam em sacos de dormir. É bem quentinho lá dentro.

— Sacos de dormir? Purificador de água? — repetiu Tally, surpresa. — Essa deve ser uma superaventura de mais de um dia. Vamos até o mar ou algo parecido?

Com a cabeça, Shay fez que não.

— Mais longe.

— Ah, legal. — Tally manteve o sorriso no rosto. — Mas só temos seis dias até a operação.

— Sei disso. — Shay abriu um saco à prova d'água e também espalhou seu conteúdo. — Comida para duas semanas. Desidratada. É só jogar um negócio desse no purificador e botar água. Qualquer tipo de água. — Uma risadinha. — O purificador é tão eficiente que podemos usar até xixi.

Tally se sentou na cama para ler os rótulos nos pacotes de comida.

— Duas semanas?

— Duas semanas para duas pessoas — explicou Shay. — Quatro semanas para uma só.

Nenhuma resposta. De uma hora para outra, Tally não conseguia mais olhar para as coisas na cama ou para Shay. Então olhou pela janela, para Nova Perfeição, onde os fogos de artifício estavam começando.

— Mas não precisamos de duas semanas, Tally. Fica perto.

Uma coluna vermelha subiu do meio da cidade e, dela, cascatas de fogos de artifício desciam como as folhas de um salgueiro gigante.

— Não precisamos de duas semanas para o quê?

— Para ir até onde David mora — disse Shay. Tally assentiu e fechou os olhos. — Lá não é como aqui, Tally. Eles não separam as pessoas, feios e perfeitos, jovens, adultos e velhos. E você pode ir embora na hora que quiser, ir aonde quiser.

— Por exemplo?

— Qualquer lugar. As ruínas, a floresta, o mar. E... você não é obrigada a fazer a operação.

— Não é *o quê*?

Shay se sentou ao lado da amiga e tocou seu rosto com um dedo. Tally abriu os olhos.

— Não temos de nos parecer com todo mundo e agir como todo mundo. Temos uma escolha. Podemos envelhecer do jeito que quisermos.

Para Tally, era quase impossível falar, mas ela sabia que precisava dizer algo. Forçou as palavras a saírem de sua garganta seca.

— Não nos tornarmos perfeitas? Que absurdo, Shay. Sempre que você falava desse jeito, eu achava que era apenas provocação. Peris dizia as mesmas coisas.

— *Era* apenas provocação. Mas, quando você disse que eu estava com medo de crescer, me fez pensar para valer.

— *Eu* fiz você pensar?

— Sim, me fez perceber como eu era estúpida. Tally, tenho de contar outro segredo a você.

Tally suspirou.

— Tudo bem. Acho que não pode ficar pior.

— Você se lembra dos meus amigos mais antigos, aqueles com quem eu costumava sair antes de conhecer você? Nem todos se tornaram perfeitos.

— O que isso quer dizer?

— Alguns deles fugiram, como eu. Como quero que nós duas façamos.

Tally examinou os olhos de Shay à procura de algum sinal indicando que aquilo fosse uma brincadeira. Mas a intensidade de seu rosto não se abalava. Ela falava muito sério.

— Você conhece alguém que realmente fugiu?

Shay fez que sim.

— Eu devia ter ido junto. Havíamos planejado tudo, mais ou menos uma semana antes de o primeiro de nós completar 16 anos. Já havíamos

roubado equipamento de sobrevivência e avisado a David que iríamos. Estava tudo preparado. Isso foi há quatro meses.

— Mas vocês não...

— Alguns foram. Eu não tive coragem. — Shay olhou pela janela. — E não fui a única. Outros ficaram e se tornaram perfeitos. Provavelmente, eu também me tornaria, se não tivesse conhecido você.

— *Eu*?

— De repente, não estava mais sozinha. Não tinha mais medo de voltar às ruínas, de procurar David novamente.

— Mas nunca... — Tally se tocou. — Você conseguiu encontrá-lo, não foi?

— Não até dois dias atrás. Tenho saído todas as noites desde que nós... desde a nossa briga. Depois de ouvir que eu tinha medo de crescer, percebi que você estava certa. Eu tive medo uma vez, mas não precisava ter de novo. — Shay pegou a mão de Tally e esperou até que seus olhos se encontrassem. — Quero que venha comigo, Tally.

— Não — respondeu Tally imediatamente. Em seguida, balançou a cabeça, de um lado para o outro. — Espera aí. Por que nunca me *contou* nada disso?

— Eu queria. Mas você me acharia uma desmiolada.

— Você *é* desmiolada!

— Talvez. Só que não nesse sentido. Era por isso que queria que conhecesse David. Para que tivesse certeza de que tudo isso é real.

— Não parece nada real. Para começar, que lugar é esse de que está falando?

— É conhecido apenas como Fumaça. Não é uma cidade, e não há ninguém no comando. E ninguém lá é perfeito.

— Parece um lixo. E como se chega lá? Andando?

Shay deu uma risada.

— Não consegue imaginar? Com as pranchas, como sempre. Existem pranchas de longa distância recarregáveis com energia solar. E o caminho todo foi planejado para acompanhar os rios e coisas do tipo. David o percorre o tempo inteiro, até as ruínas. Ele vai nos levar à Fumaça.

— E como as pessoas *vivem* nesse lugar, Shay? Como os Enferrujados? Queimando árvores para se aquecer e enterrando lixo por toda parte? É

errado viver no meio da natureza, a não ser que se queira viver como um animal.

— Tally, isso é conversa de escola — disse Shay, cansada. — Eles têm tecnologia. E não são como os Enferrujados. Não queimam árvores. Eles não têm um muro os separando da natureza.

— E todos são feios.

— O que significa que ninguém é feio.

O comentário conseguiu arrancar um riso de Tally.

— O que significa que ninguém é *perfeito*.

As duas ficaram em silêncio. Tally observava os fogos de artifício, sentindo-se mil vezes pior do que antes de Shay aparecer na janela.

Finalmente, Shay disse o que não saía da cabeça de Tally.

— Vou perder você, não vou?

— É você que está fugindo.

Shay pôs as mãos nos joelhos.

— A culpa é minha mesmo. Eu devia ter contado antes. Se tivesse mais tempo para se acostumar à ideia, talvez...

— Shay, eu nunca me acostumaria à ideia. Não quero ser uma feia para o resto da vida. Quero aqueles olhos e lábios perfeitos, quero que todos me vejam e fiquem impressionados. E que todos que me virem perguntem "quem é ela?" e queiram me conhecer e queiram ouvir o que tenho a dizer.

— Prefiro *ter* algo a dizer.

— O que, por exemplo? Hoje matei um lobo e comi sua carne...

— Tally, as pessoas não comem lobos. Acho que só coelhos e cervos — disse Shay rindo.

— Ai, que nojo. Obrigada por me contar, Shay.

— Bem, acho que prefiro ficar nos vegetais e nos peixes. Mas não estamos falando de acampar, Tally. Estamos falando de me tornar o que eu quero me tornar. Não o que um comitê cirúrgico pensa que eu devia ser.

— Shay, você continua sendo a mesma por dentro. A diferença é que, quando se é perfeita, as pessoas prestam mais atenção.

— Nem todo mundo pensa assim.

— Tem certeza disso? De que pode superar a evolução sendo esperta ou interessante? Porque se estiver errada... se não voltar até fazer 20 anos, a operação também não vai funcionar. Vai ser feia para sempre.

— Não vou voltar. Nunca.

A voz de Tally falhou, mas ela se esforçou para dizer:

— Eu não vou com você.

Elas se despediram perto da represa.

A prancha de longa distância de Shay era mais grossa e brilhava por causa das células de energia solar. Ela tinha levado um casaco aquecido e um chapéu. Tally imaginou que os invernos na Fumaça deviam ser frios e sofridos.

Não conseguia acreditar que a amiga estivesse realmente partindo.

— Você sempre poderá voltar. Se for uma porcaria.

— Nenhum dos meus amigos voltou — respondeu Shay.

As palavras deixaram Tally meio assustada. Podia pensar num monte de razões terríveis que explicariam por que ninguém havia voltado.

— Se cuida, Shay.

— Você também. Não vai contar nada disso a ninguém, certo?

— Nunca, Shay.

— Jura? Qualquer que seja a situação?

Tally levantou a mão com a cicatriz.

— Juro.

— Eu sei que não vai contar — disse, sorrindo. — Só precisava perguntar mais uma vez antes de...

Shay pegou um pedaço de papel e entregou a Tally.

— O que é isso? — Tally abriu o papel e viu algumas letras rabiscadas. — Quando aprendeu a escrever à mão?

— Todos aprendemos enquanto planejávamos a fuga. É uma boa ideia para quem não quer inspetores bisbilhotando seus diários. Bem, isso é para você. Não deveria deixar indicações sobre meu destino. Por isso, está numa espécie de código.

Tally franziu a testa ao ler a primeira linha de palavras rabiscadas.

— "Pegue a montanha até além do buraco"?

— Isso. Entendeu? Só você seria capaz de entender, mesmo que alguém encontre o papel. É para o caso de querer vir atrás de mim — explicou Shay. Tally tentou dizer algo, mas não conseguiu. Apenas mexeu a cabeça, concordando. — Por precaução — insistiu Shay.

Ela pulou sobre a prancha, estalou os dedos e ajeitou as alças da mochila nos dois ombros.

— Tchau, Tally.

— Tchau, Shay. Eu gostaria...

Shay esperou, balançando levemente ao vento frio de setembro. Tally tentou imaginá-la envelhecendo, ganhando rugas, se arruinando aos poucos, sem nunca ter sido realmente bonita. Sem ter aprendido a se vestir corretamente ou a se comportar num baile formal. Sem ver uma pessoa encantada só de olhar em seus olhos.

— Eu gostaria de ter visto como você ficaria. Perfeita.

— Acho que vai ter de se conformar em lembrar do meu rosto desse jeito mesmo — disse Shay.

Logo depois, ela se virou e levou a prancha para longe, na direção do rio. As palavras seguintes de Tally se perderam em meio ao rugido da água.

OPERAÇÃO

Quando o dia chegou, Tally esperava sozinha pelo carro.

No dia seguinte, depois da operação, seus pais estariam na saída do hospital, acompanhados de Peris e de seus velhos amigos. Era o que mandava a tradição. Mas parecia estranho ninguém a acompanhar nos últimos momentos. Ninguém havia se despedido, exceto alguns feios que passavam por acaso. Agora tinham uma aparência muito jovem, principalmente os da turma recém-chegada, que a espiava como se fosse um monte de ossos de dinossauro pré-históricos.

Tally sempre tinha gostado de ser independente, mas agora se sentia como a última criança a ser buscada na saída da escola, esquecida e sozinha. Setembro era um péssimo mês para se nascer.

— Você é Tally, não é?

Ela olhou para cima. Era um novo feio, lidando de modo desajeitado com a altura a que ainda não tinha se acostumado, tentando esticar o uniforme do dormitório como se já estivesse apertado.

— Sim.

— Não é você que vai se transformar hoje?

— Sou eu sim, Baixinho.

— Então por que parece tão triste?

Tally deu de ombros. Afinal, quem era aquela transição entre criança e feio para entender? Pensou no que Shay dissera a respeito da operação.

No dia anterior, tinham tirado as últimas medidas de Tally, fazendo-a girar dentro de uma cápsula de visualização. Devia contar ao novo feio que, em algum momento daquela tarde, seu corpo seria aberto; os ossos amassados até estarem no formato certo; outros esticados ou recheados; a cartilagem do nariz e os molares retirados e substituídos por plástico programável; a pele limpa e semeada novamente como um campo de futebol na primavera? Que seus olhos seriam cortados a laser para se obter uma visão perfeita para o resto da vida; que implantes reflexivos seriam encaixados sob as íris para acrescentar tons dourados ao castanho apático? Que seus músculos seriam modelados com uma noite de eletrólise e que sua

gordura seria sugada para sempre? Que seus dentes seriam trocados por cerâmica tão resistente quanto a asa de um avião suborbital e tão branca quanto a porcelana do dormitório?

Eles diziam que não doía nada, exceto a nova pele, que provocava uma sensação horrível de queimadura durante algumas semanas.

Com os detalhes da cirurgia atormentando seus pensamentos, ela conseguia entender por que Shay tinha fugido. Realmente parecia muita coisa apenas para ganhar uma nova aparência. Se, pelo menos, as pessoas fossem evoluídas o bastante para tratarem umas às outras do mesmo modo, ainda que algumas parecessem diferentes... ainda que parecessem feias.

Desejava ter encontrado o argumento certo para convencer a amiga a ficar.

As conversas imaginárias estavam de volta, ainda piores do que depois da partida de Peris. Brigava mentalmente com Shay milhares de vezes — discussões longas e tortuosas sobre beleza, biologia, amadurecimento. Em todas aquelas idas às ruínas, Shay havia falado sobre feios e perfeitos, a cidade e o resto do mundo, o que era falso e o que era real. Tally, porém, nunca pensou que sua amiga fugiria de verdade, abrindo mão de uma vida de beleza, glamour e elegância. Queria ter dito alguma coisa. *Qualquer* coisa.

Sentada ali, naquele momento, tinha a sensação de mal haver tentado.

Tally voltou a encarar o novo feio.

— Porque tudo se resume ao seguinte: duas semanas de queimaduras horríveis serão compensadas por uma vida inteira com uma aparência maravilhosa.

O garoto ficou confuso.

— Ahn?

— Algo que eu devia ter dito, mas não disse. Só isso.

O carro do hospital finalmente chegou, descendo no terreno da escola com tanta leveza que mal revirou a grama recém-aparada.

O motorista era um perfeito de meia-idade que irradiava segurança e autoridade. Era tão parecido com Sol que Tally quase chamou pelo pai.

— Tally Youngblood? — perguntou ele.

Embora tivesse notado o feixe de luz registrando sua impressão ocular, Tally respondeu:

— Sim, sou eu.

Algo naquele perfeito tornava difícil agir com deboche. Ele era a sabedoria em pessoa. Seu jeito era tão sério e formal que Tally começou a desejar ter se vestido melhor.

— Está pronta? Não pode levar muita coisa.

A bolsa de Tally estava pela metade. Todo mundo sabia que os novos perfeitos acabavam mandando para a reciclagem a maior parte das coisas que levavam para o outro lado do rio. Com certeza, teria todas as roupas e brinquedinhos novos que desejasse. Tudo que queria realmente guardar era o bilhete escrito à mão por Shay, que estava escondido no meio de um monte de porcaria inútil.

— Só o suficiente.

— Que bom, Tally. Isso é muito maduro.

— Eu sou assim, senhor.

A porta se fechou, e o carro partiu.

O grande hospital ficava na extremidade sul de Nova Perfeição. Era para lá que todos iam para fazer uma operação séria: crianças, feios, até perfeitos idosos, vindos da distante Vila dos Coroas, atrás de tratamentos para prolongarem a vida.

O rio reluzia sob um céu completamente limpo. Tally se deixou levar pela beleza de Nova Perfeição. Mesmo sem a iluminação noturna e os fogos de artifício, a superfície da cidade brilhava com todo aquele vidro e metal, as formas improváveis das torres de festa lançando sombras delgadas sobre a ilha. Subitamente, Tally percebeu que aquilo era muito mais vibrante que as Ruínas de Ferrugem. Não era sombria e misteriosa; tinha muito mais vida.

Era hora de esquecer a tristeza por causa de Shay. A vida seria uma grande festa dali em diante, cheia de pessoas bonitas. Como Tally Youngblood.

O carro voador desceu sobre um dos X pintados no terraço do hospital. O motorista conduziu Tally até uma sala de espera no interior do prédio. Um atendente verificou seu nome, realizou outra identificação ocular e pediu que ela aguardasse.

— Posso deixá-la aqui? — perguntou o motorista.

Ela observou seus olhos claros e gentis. Queria que ficasse. Mas pedir aquilo não parecia uma atitude muito madura.

— Sim, estou bem. Muito obrigada.

Ele sorriu e foi embora. Não havia mais ninguém na sala de espera. Tally se acomodou e começou a contar as pastilhas no teto. Enquanto esperava, as conversas mentais com Shay voltaram, mas já não a atormentavam tanto. Era tarde demais para arrependimentos.

Tally desejava que houvesse uma janela pela qual pudesse ver Nova Perfeição. Estava tão perto. Imaginou a noite do dia seguinte, sua primeira como uma perfeita: ela com roupas novas deslumbrantes (e os uniformes do dormitório jogados no reciclador), apreciando a vista do alto da maior torre de festa que conseguisse encontrar. Assistiria ao toque de recolher no outro lado do rio, indicando a hora de dormir em Vila Feia, ciente de que ainda teria a noite inteira ao lado de Peris e de seus novos amigos, as pessoas lindas que viria a conhecer.

Ela suspirou.

Dezesseis anos. Finalmente.

Durante uma hora interminável, nada aconteceu. Tally batucava com os dedos, pensando se eles sempre deixavam os feios esperando por tanto tempo.

Então apareceu um homem.

Ele tinha uma aparência estranha, diferente da de qualquer perfeito que Tally já houvesse visto. Com certeza, estava na meia-idade. Porém, o responsável por sua operação tinha nitidamente feito um péssimo serviço. Ele era bonito, sem dúvida, mas aquela era uma beleza horrível.

Em vez de sábio e seguro, o homem parecia frio, autoritário e ameaçador, como um imponente animal de caça. Assim que ele se aproximou, Tally começou a perguntar o que estava acontecendo, mas um simples olhar a fez se calar.

Nunca tinha conhecido um adulto que a abalasse daquele jeito. Sempre se comportava com respeito diante de perfeitos de meia-idade ou idosos. No entanto, na presença daquele homem brutalmente bonito, o respeito era impregnado de medo.

— Há um problema com sua operação. Venha comigo.

E ela foi.

CIRCUNSTÂNCIAS ESPECIAIS

Aquele carro voador era maior, mas não tão confortável quanto o outro.

A viagem foi muito menos prazerosa do que a primeira do dia. O homem de aparência estranha dirigia com uma impaciência agressiva. Caía como uma rocha ao cruzar pistas de voo e, nas curvas, virava radicalmente como se estivesse numa prancha. Tally nunca tinha sentido enjoo ao voar, mas desta vez se agarrava com tanta força aos assentos que as articulações dos seus dedos ficaram brancas. Seus olhos miravam fixamente a terra firme lá embaixo. E, assim, viu pela última vez Nova Perfeição ficando para trás.

Eles desceram o rio, passando por Vila Feia e pelo cinturão verde, até alcançar o anel de transporte, onde as pontas das fábricas emergiam do chão. Ao lado de um monte imenso e irregular, o carro desceu num complexo de edificações retangulares, pesadas como dormitórios antigos e pintadas da cor de grama seca.

Depois de pousarem com uma pancada forte, o homem a levou para dentro de um dos prédios, seguindo pela escuridão de corredores marrom-amarelados. Tally nunca vira um espaço tão grande pintado com cores tão desagradáveis, como se o prédio tivesse sido projetado para deixar seus ocupantes levemente nauseados.

Havia outras pessoas iguais ao homem.

Todos vestiam trajes formais, de seda crua em preto e cinza, e seus rostos compartilhavam um olhar frio e pouco amistoso. Tanto os homens como as mulheres eram mais altos que a média dos perfeitos. Também tinham corpos mais fortes e olhos pálidos como os dos feios. Havia pessoas normais, mas estas desapareciam ao lado das formas predadoras que se moviam graciosamente pelos corredores.

Tally se perguntou se aquele seria um lugar ao qual as pessoas eram levadas quando suas operações davam errado, quando a beleza se mostrava cruel. Mas por que, então, estaria ali? Sequer havia passado pela operação. Teve uma sensação desagradável. E se aqueles perfeitos horríveis fossem propositadamente daquele jeito? Depois de tirarem suas medidas, no dia anterior, teriam concluído que ela nunca se encaixaria no modelo do

perfeito vulnerável de olhos inocentes? Talvez já estivesse destinada a ser refeita para aquele estranho mundo alternativo.

O homem parou diante de uma porta de metal, e Tally parou atrás dele. Sentiu-se como uma criança novamente, arrastada por uma corda invisível pelo inspetor. Sua segurança de feia veterana havia evaporado no momento em que o tinha conhecido no hospital. Quatro anos de armações e independência perdidos.

A porta identificou os olhos do homem e abriu. Ele sinalizou para que Tally entrasse. Ela se deu conta de que não tinha ouvido uma palavra desde o hospital. Respirou fundo, fazendo os músculos estáticos do seu peito se contorcerem de dor, mas conseguiu murmurar:

— Fale, por favor.

— Entre — respondeu ele.

Tally sorriu, numa declaração silenciosa de que havia conseguido uma pequena vitória ao obrigá-lo a falar, mas obedeceu à ordem.

— Sou a dra. Cable.

— Tally Youngblood.

— Sim, eu já a conheço — disse ela, sorrindo.

A mulher era uma perfeita assustadora. Tinha o nariz adunco, dentes afiados e olhos de um cinza nada reluzente. Sua voz saía no mesmo ritmo lento e vago das histórias de ninar. O problema é que Tally estava longe de ficar com sono. Havia uma aspereza escondida naquela voz, como um objeto de metal riscando lentamente um pedaço de vidro.

— Você tem um problema, Tally.

— Eu meio que imaginei isso, ahn...

Era estranho não saber o primeiro nome da mulher.

— Pode me chamar de dra. Cable.

Tally hesitou. Nunca havia chamado alguém pelo sobrenome.

— Tudo bem, dra. Cable. — Ela limpou a garganta e prosseguiu com a voz seca. — Meu problema neste exato momento é que não faço ideia do que esteja acontecendo. Então... por que não me conta?

— Tally, o que acha que está acontecendo?

Ela fechou os olhos para descansar um pouco dos traços duros do rosto da mulher.

— Bem, aquela era uma jaqueta reserva, e nós a devolvemos, deixamos na pilha para recarga.

— Não estou falando de nenhuma brincadeira de feio.

Tally soltou um suspiro e abriu os olhos.

— É, não achei que estivesse.

— Isto aqui tem a ver com uma amiga sua. Uma que sumiu.

Era óbvio. O truque do desaparecimento de Shay tinha ido longe demais. E agora cabia a Tally dar as explicações.

— Não sei onde ela está.

A dra. Cable sorriu. Quando fazia aquilo, apenas os dentes de cima apareciam.

— Mas você sabe de alguma coisa.

— Quem é você, afinal? — soltou Tally. — Onde eu estou?

— Sou a dra. Cable — repetiu a mulher. — E estamos na Circunstâncias Especiais.

Para começar, a dra. Cable fez várias perguntas.

— Você não conhecia Shay havia muito tempo, conhecia?

— Não. Conheci neste verão. Estávamos em alojamentos diferentes.

— E também não conhecia nenhum de seus amigos?

— Não. Eram mais velhos que ela. Todos já tinham sido transformados.

— Como seu amigo Peris.

Tally sentiu um arrepio. O que mais aquela mulher saberia a seu respeito?

— Sim, como eu e Peris.

— Mas os amigos de Shay não se tornaram perfeitos, não é mesmo?

Respirando lentamente, Tally lembrou-se da promessa feita a Shay. Por outro lado, não queria mentir. Tinha certeza de que a dra. Cable perceberia. E já estava com problemas demais.

— Por que não teriam se tornado?

— Ela não falava a respeito dos amigos dela?

— Não conversávamos sobre esse tipo de coisa. Apenas saíamos por aí. Porque... era ruim ficar sozinha. Nós só pensávamos em aprontar um pouco.

— Você sabia que ela fazia parte de uma gangue?

Tally observou os olhos da dra. Cable. Eram quase tão grandes quanto os de um perfeito normal, mas sua forma, curvada para cima, lembrava os de um lobo.

— Uma gangue? Como assim?

— Tally, você e Shay foram até as Ruínas de Ferrugem?

— Todo mundo vai.

— Vocês foram *escondidas* até as ruínas?

— Fomos. Muita gente vai.

— Alguma vez encontrou alguém por lá?

Tally mordeu os lábios.

— Afinal, o que é a Circunstâncias Especiais?

— Tally.

De repente, o tom de voz tinha se tornado afiado como uma lâmina.

— Se me explicar o que é a Circunstâncias Especiais, eu respondo.

A dra. Cable se sentou. Juntando as mãos, fez um gesto de concordância.

— Tally, esta cidade é um paraíso. Garante alimento, educação e segurança. E transforma todos em perfeitos. — As palavras despertaram um sentimento inevitável de esperança em Tally. — E nossa cidade oferece bastante liberdade. Deixa que os jovens aprontem, desenvolvam sua criatividade e independência. Ocasionalmente, porém, coisas ruins vêm *de fora* da cidade. — A dra. Cable estreitou os olhos, lembrando ainda mais um predador.

— Existimos em equilíbrio com nosso ambiente, Tally. Purificamos a água que devolvemos ao rio, reciclamos a biomassa e usamos somente energia retirada de nossos próprios painéis solares. Mas, às vezes, não conseguimos purificar o que chega de fora. Às vezes, aparecem ameaças no ambiente que precisamos enfrentar. Às vezes, existem circunstâncias especiais — completou.

— Então, vocês atuam como inspetores, mas da cidade toda.

— Em alguns casos, outras cidades representam ameaças. E as poucas pessoas que vivem fora das cidades também podem criar problemas.

Tally arregalou os olhos. *Fora* das cidades? Aquilo significava que Shay tinha dito a verdade: lugares como a Fumaça realmente existiam.

— É sua vez de responder, Tally. Chegou a conhecer alguém nas ruínas? Alguém que não era desta cidade? De qualquer cidade?

— Não. Nunca — disse ela, sorrindo.

A dra. Cable franziu a testa. Seus olhos moveram-se em direção ao chão; ela estava conferindo alguma coisa. Quando voltaram a se concentrar em Tally, pareciam ainda mais frios. Tally sorriu de novo, certa de que a dra. Cable sabia quando ela dizia a verdade ou não. A sala devia analisar seu batimento cardíaco, o suor, a dilatação da pupila. Mas Tally não podia contar o que desconhecia.

O tom agressivo retornou à voz da mulher.

— Não brinque comigo, Tally. Sua amiga Shay nunca vai agradecer por isso, porque você nunca mais vai vê-la. — A alegria de Tally pela pequena vitória sumiu. E o sorriso também. — Seis amigos dela desapareceram. De uma só vez. Nenhum deles foi encontrado. Porém, outros dois que pretendiam se unir ao grupo preferiram não jogar suas vidas fora, e acabamos descobrindo algumas coisas sobre o que aconteceu aos demais. Eles não fugiram por conta própria. Foram atraídos por alguém de fora, alguém que queria roubar nossos feios mais inteligentes. Percebemos que se tratava de uma circunstância especial.

Uma daquelas palavras deixou Tally preocupada. Shay teria sido realmente *roubada*? O que Shay, ou qualquer outro feio, sabia de verdade sobre a Fumaça?

— Temos observado Shay desde então, na esperança de que pudesse nos levar aos amigos dela — concluiu a dra. Cable.

— Então por que vocês não... — reagiu Tally. — Sabe, por que não a *impediram*?!

— Por sua causa, Tally.

— Minha causa?

A voz da doutora se tornou mais suave.

— Achamos que ela havia feito uma amiga. Uma razão para permanecer na cidade. Achamos que ela ficaria bem. — Ao ouvir aquilo, Tally apenas fechou os olhos e balançou a cabeça. — Mas aí Shay desapareceu — prosseguiu a dra. Cable. — Ela se mostrou mais esperta que os amigos. Você foi uma boa professora.

— Eu? — gritou Tally. — A maioria dos feios conhece mais truques do que eu.

— Está se subestimando.

Tally desviou daqueles olhos astutos e ignorou a voz afiada. *Não* era sua

culpa. Afinal de contas, ela tinha decidido permanecer na cidade. Queria se tornar uma perfeita. Havia até tentado convencer Shay.

Mas tinha falhado.

— Não é minha culpa.

— Ajude-nos, Tally.

— Ajudar a fazer o quê?

— Encontrá-la. Encontrar todos eles.

— E se eles não quiserem ser encontrados?

— E se quiserem? E se tiverem sido enganados?

Tally tentou se lembrar do rosto de Shay naquela última noite, de como ela parecia esperançosa. Shay desejava deixar a cidade tanto quanto Tally desejava ser perfeita. Por mais que a escolha fosse estúpida, ela havia decidido conscientemente. E havia respeitado a opção de Tally de ficar.

Tally observou a beleza terrível da dra. Cable e a cor de vômito das paredes. Lembrou-se de tudo que a Circunstâncias Especiais tinha feito com ela naquele dia, como deixá-la esperando por uma hora no hospital. Esperando e imaginando como ficaria perfeita em pouco tempo. E também o voo apressado até ali. E todos os rostos horríveis nos corredores. Finalmente, tomou uma decisão.

— Não posso ajudar vocês — concluiu. — Fiz uma promessa.

A dra. Cable mostrou os dentes. Daquela vez, nem sequer lembrava um sorriso. A mulher não passava de um monstro vingativo e desumano.

— Então também vou lhe fazer uma promessa, Tally Youngblood. Até que resolva nos ajudar, com toda boa vontade, não se tornará perfeita — afirmou, virando-se de costas. — Por mim, você pode morrer feia.

A porta se abriu. O homem assustador estava do lado de fora, de onde não havia saído nem por um minuto.

FEIA PARA SEMPRE

Os inspetores deviam ter sido avisados sobre sua volta. Todos os outros feios estavam fora, num passeio escolar de última hora. Mas seu retorno não havia sido rápido o suficiente para guardarem suas coisas. Quando Tally chegou ao seu antigo quarto, viu que tudo tinha sido reciclado. Roupas, lençóis, móveis, as fotos no telão — tudo revertido ao padrão Feio Genérico. Parecia até que alguém havia se mudado para lá e partido rapidamente, deixando apenas uma lata estranha de bebida na geladeira.

Tally se sentou na cama, chocada demais até para chorar. Sabia que, em breve, começaria a berrar e provavelmente perderia o controle na hora e no lugar mais inapropriados possíveis. Passado o encontro com a dra. Cable, sua raiva e sua rebeldia enfraqueciam. Não havia mais nada para lhe dar apoio. Tinha perdido suas coisas, seu futuro. Só lhe restava a vista da janela.

Permaneceu sentada, com o olhar no infinito, lembrando-se a cada cinco minutos de que aquilo realmente havia acontecido: os perfeitos cruéis, os prédios estranhos nos limites da cidade, o terrível ultimato feito pela dra. Cable. A sensação, para Tally, era a de uma brincadeira que tinha dado totalmente errado. Uma nova realidade, esquisita e horrível, havia se revelado e devorado o mundo que ela conhecia e entendia.

Só restara a bolsa preparada para o hospital. Ela nem se lembrava de tê-la carregado de volta. Ao tirar as poucas roupas, enfiadas lá dentro aleatoriamente, encontrou o bilhete de Shay.

> Pegue a montanha para além da abertura,
> até achar a longa e plana que procura.
> O mar é gelado, procure o freio.
> Na segunda, cometa um erro feio.
> Após quatro dias, pegue o lado desprezado,
> e busque nas flores os olhos de um inseto alado.
> Quando encontrá-los, aproveite a jornada.
> Depois na cabeça careca espere a alvorada.

Nada daquilo, fora um ou outro pedaço, fazia sentido para ela. Estava óbvio que Shay queria ocultar o significado de outras pessoas que viessem a

ler o bilhete, usando referências que só as duas poderiam entender. Sua paranoia agora parecia bem mais razoável. Depois de conhecer a dra. Cable, Tally compreendia por que David queria manter em segredo sua cidade, acampamento ou o que quer que fosse.

Com o bilhete nas mãos, Tally percebeu que era exatamente aquilo que a dra. Cable queria. A mulher tinha estado do outro lado da sala o tempo todo, mas em momento algum fez uma revista nela. Aquilo significava que o segredo de Shay permanecia a salvo. E que Tally ainda possuía algo para negociar.

Também significava que a Circunstâncias Especiais cometia erros.

Os outros feios retornaram antes do almoço. Enquanto desciam do veículo de transporte escolar, todos esticavam o pescoço, tentando avistar sua janela. Alguns chegaram a apontar, antes que ela decidisse se esconder nas sombras. Minutos depois, Tally ouviu garotos no corredor, fazendo silêncio apenas no momento de passar por sua porta. Alguns até soltaram risadinhas — um hábito dos novos feios quando tentam ficar quietos.

Estariam *rindo* dela?

O ronco do seu estômago lembrou Tally de que não havia tomado café da manhã. Na verdade, nem havia jantado na noite anterior. Não se podia ingerir alimentos ou água 16 horas antes da operação. Ela estava faminta.

Apesar disso, permaneceu no quarto até passar o horário do almoço. Não seria capaz de entrar no refeitório cheio de feios, que acompanhariam cada um de seus movimentos e imaginariam o que teria feito para merecer continuar com aquele rosto feio. Finalmente, quando não suportou mais a fome, Tally subiu em silêncio até o terraço, onde deixavam sobras para quem quisesse.

Alguns feios a viram no corredor. Eles se calaram e abriram passagem para Tally, como se ela fosse uma pessoa contaminada. O que os inspetores teriam dito? Que ela havia exagerado nas brincadeiras? Que não podia ser operada, que seria feia para o resto da vida? Ou simplesmente que era uma Circunstância Especial?

Em todo lugar em que botava os pés, os olhares se desviavam. Mas ela nunca havia se sentido tão *visível*.

Um prato foi largado no terraço, envolto em filme plástico e com seu nome escrito. Alguém tinha percebido que ela não comera. E não era muito

difícil notar que estava se escondendo.

A imagem do prato de comida, murcho e solitário, levou lágrimas reprimidas a jorrarem de seus olhos. Ao engolir, Tally sentiu uma dor na garganta, como se tivesse ingerido um objeto afiado. Era tudo que podia fazer para voltar logo ao quarto, antes de explodir em soluços.

Ao chegar, Tally percebeu que não tinha se esquecido de trazer o prato. Ela comia e chorava, sentindo o gosto salgado das lágrimas em cada pedacinho.

Seus pais apareceram cerca de uma hora depois.

Ellie entrou primeiro, dando-lhe um abraço que a deixou sem ar e tirou seus pés do chão.

— Tally, minha pobre garotinha!

— Ei, não vá machucar a menina, Ellie. Ela teve um dia difícil.

Mesmo sem oxigênio, a sensação transmitida por aquele abraço apertado era boa. Ellie tinha sempre o cheiro certo, cheiro de mãe, e Tally sempre se sentia como uma criança em seus braços. Livre depois de um minuto, o que não parecia ser o bastante, Tally recuou, na esperança de não voltar a chorar. Envergonhada, encarou os pais, imaginando o que estariam pensando. Sentia-se um completo fracasso.

— Não sabia que vocês vinham — disse.

— É claro que viríamos — respondeu Ellie.

— Nunca ouvi falar de algo desse tipo — disse Sol, balançando a cabeça. — É ridículo. Vamos descobrir o que houve, não se preocupe!

Tally sentia-se como se um peso fosse tirado de suas costas. Finalmente alguém estava do seu lado. Os olhos de meia-idade de seu pai transmitiam uma segurança serena. Não havia dúvida de que ele resolveria tudo.

— O que disseram a vocês? — perguntou Tally.

Sol fez um gesto, e ela se sentou na cama. Ellie se acomodou ao seu lado, enquanto o pai caminhava de um lado ao outro do quarto apertado.

— Bem, eles nos contaram a respeito dessa garota, Shay. Parece que ela é bem problemática.

— Sol! — interveio Ellie. — A pobre menina está desaparecida.

— Parece que ela quis desaparecer.

A mãe não respondeu.

— Não é culpa dela, Sol — disse Tally. — Ela só não queria se tornar perfeita.

— Então ela é uma pensadora independente. Ótimo. Só que devia ter o bom senso de não arrastar outra pessoa para o buraco com ela.

— Ela não me arrastou a lugar algum. Estou bem aqui. — Tally olhou pela janela para a paisagem familiar de Nova Perfeição. — Onde, pelo visto, vou ficar para sempre.

— Bem... — voltou a falar Ellie. — Eles disseram que assim que você decidir ajudá-los a encontrar essa Shay, tudo poderá prosseguir normalmente.

— Não fará a menor diferença se a operação acontecer com alguns dias de atraso. Será uma história e tanto para contar quando for mais velha — observou Sol, sorrindo.

— Não sei se posso ajudá-los — disse Tally.

— Faça o máximo que puder — sugeriu Ellie.

— Mas não posso. É que prometi a Shay que não contaria sobre seus planos a ninguém.

Todos permaneceram em silêncio por alguns instantes.

Sol se sentou e segurou a mão de Tally. Ele tinha mãos quentes e fortes, quase tão enrugadas quanto as de um idoso, devido ao trabalho na carpintaria. Tally lembrou que não visitava os pais desde a semana de férias no verão, quando mal tinha conseguido controlar a ansiedade de voltar e passar mais tempo ao lado de Shay. Mas agora a sensação de vê-los era boa.

— Tally, todos fazemos promessas quando somos crianças. É parte de ser feio. Tudo parece emocionante, intenso e importante. Mas é preciso crescer. Afinal, você não deve nada a essa garota. Ela só criou problemas para você.

Ellie segurou sua outra mão.

— E, na verdade, você a estará ajudando, Tally. Quem pode dizer onde ela está neste momento e pelo que está passando? Estou surpresa por tê-la deixado fugir dessa maneira. Não sabe como é perigoso por aí?

Tally se pegou concordando. As expressões de Sol e Ellie tornavam tudo tão evidente. Talvez colaborar com a dra. Cable realmente pudesse ajudar Shay e botar as coisas de volta no lugar para ela própria. Porém, a simples lembrança da dra. Cable a fez estremecer.

— Vocês deviam ter visto aquelas pessoas. Sabem, as que estão atrás de

Shay. Elas parecem...

Sol deu uma risada.

— Tally, embora seja meio chocante na sua idade, nós, os mais velhos, conhecemos a Circunstâncias Especiais. Eles podem ser duros, mas estão apenas fazendo o que deve ser feito, entende? O mundo lá fora também é muito duro.

Tally suspirou. Talvez estivesse relutante só por ter ficado tão assustada com aqueles perfeitos esquisitos.

— Vocês já viram um de perto? A aparência deles é inacreditável.

— Não posso dizer que já *vi* um de perto — respondeu Ellie.

Sol franziu a testa e, em seguida, começou a rir.

— Bem, Ellie, você não vai *querer* conhecer um deles. E Tally, se fizer a coisa certa agora, provavelmente nunca mais terá de se encontrar com eles. Ninguém precisa passar por isso à toa.

Tally olhou para o pai e, por um momento, viu em seu rosto algo que não era sabedoria e segurança. Parecia um pouco exagerada a naturalidade com que ele havia tratado a Circunstâncias Especiais, rejeitando tudo que acontecia fora da cidade. Pela primeira vez na vida, Tally escutava um perfeito de meia-idade sem se sentir completamente tranquila, o que a deixou confusa. Ela não conseguia tirar da cabeça o fato de que Sol não sabia nada a respeito do mundo exterior para o qual Shay tinha fugido.

Talvez a maioria das pessoas não *quisesse* saber que Tally havia aprendido tudo sobre os Enferrujados e a história antiga da cidade. Na escola, nunca se falava de pessoas que viviam fora da cidade, no presente. Pessoas como David. Até conhecer Shay, Tally também não tinha pensado naquilo.

Mas ela não era capaz de fazer pouco caso do assunto como o pai.

Além disso, tinha assumido um compromisso solene com Shay. Mesmo não passando de uma feia, uma promessa era uma promessa.

— Acho que vou precisar de um tempo para pensar nisso.

Por um instante, um silêncio embaraçoso tomou conta do quarto. Tally tinha dito algo inesperado. Logo, porém, Ellie riu e tocou sua mão.

— É claro que precisa, Tally.

Sol concordou, reassumindo o comando.

— Sabemos que vai fazer a coisa certa.

— Com certeza — disse Tally. — Mas, enquanto isso, será que eu

poderia ir para casa com vocês? — Seus pais trocaram outro olhar de surpresa. — É muito estranho ficar aqui depois disso. Todo mundo sabe que eu... Não tenho mais aulas, então seria como voltar para casa nas férias, só que um pouco antes do tempo.

O primeiro a se recuperar foi Sol.

— Sabe, Tally — disse ele, dando um tapinha no ombro da filha. — Não acha que seria ainda mais estranho você aparecer na Vila dos Coroas? Quero dizer, não há jovens por lá nesta época.

— É muito melhor ficar aqui com as outras crianças, querida — acrescentou Ellie. — Você é só uns meses mais velha que alguns deles. E seu quarto nem está pronto para recebê-la!

— Não importa. Nada pode ser pior do que isto — disse Tally.

— Ah, basta encomendar outras roupas e arrumar o telão do jeito que você gosta — sugeriu Sol.

— Não estou falando do quarto...

— De qualquer maneira — interrompeu Ellie —, qual é o sentido de se incomodar tanto? Tudo vai estar resolvido em pouco tempo. É só ter uma boa conversa com a Circunstâncias Especiais, contar tudo, e logo estará onde realmente deseja estar.

Os três olharam para as torres de Nova Perfeição.

— É, acho que sim.

— Meu amor — disse Ellie, passando a mão em sua perna. — Que outra escolha você tem?

PERIS

Durante o dia, ela ficava escondida no quarto.

Ir a qualquer lugar era uma absoluta tortura. Os feios do seu dormitório tratavam-na como uma doença ambulante, e todo mundo que a reconhecia acabava perguntando: "Por que você não virou perfeita ainda?"

Era estranho. Era feia havia quatro anos, mas aqueles poucos dias adicionais tinham deixado explícito o real significado da palavra. Tally se olhava no espelho o tempo todo, reparando em cada defeito, cada deformidade. Seus lábios finos estavam sempre enrugados por causa do sentimento de infelicidade. Seus cabelos ficavam ainda mais bagunçados porque ela, frustrada, não parava de correr os dedos entre os fios. Três espinhas ameaçavam explodir em sua testa. Era como se marcassem os dias desde seu aniversário de 16 anos. E seus olhos úmidos, pequenos demais, a fuzilavam, cheios de raiva.

Só à noite podia fugir do quarto pequeno, dos momentos nervosos diante do espelho, do seu próprio rosto de feia.

Ela enganou os inspetores e escapou pelo mesmo caminho de sempre. Mas não sentia vontade de aprontar nada. Não havia ninguém que pudesse visitar, ninguém em quem pudesse pregar uma peça, e a ideia de atravessar o rio era terrível demais. Porém, tinha conseguido uma nova prancha, já modificada do jeito ensinado por Shay. Então, pelo menos, podia voar.

No entanto, nem voar era a mesma coisa. Ela continuava sozinha, e o frio só fazia aumentar. Por mais que acelerasse, Tally sabia que estava presa.

Na quarta noite de exílio entre os feios, ela foi de prancha até o cinturão verde, nos limites da cidade. Voava de um lado para o outro, passando pelos troncos das árvores, a toda velocidade, tão rápido que suas mãos e seu rosto colecionavam arranhões provocados pelos galhos.

Depois de algumas horas de passeio, que tinham aplacado parte de sua angústia, Tally chegou a uma conclusão animadora: nunca tinha voado tão bem. Agora estava quase no nível de Shay. Em nenhum momento foi derrubada por se aproximar demais de uma árvore, e seus tênis se mantiveram presos à prancha como se estivessem colados. Mesmo no frio

do outono, ela suava. Continuou até suas pernas cansarem, seus tornozelos doerem e seus braços arderem por ficarem tanto tempo esticados como asas que a guiavam no meio da floresta escura. Se mantivesse aquele ritmo a noite inteira, pensou, talvez no dia seguinte conseguisse dormir até o anoitecer.

E, assim, voou até a exaustão obrigá-la a voltar para casa.

Quando entrou engatinhando pela janela, em pleno amanhecer, havia uma pessoa à sua espera.

— Peris!

Seu rosto estampava um sorriso radiante, e seus grandes olhos reluziam lindamente sob os primeiros raios do sol. Porém, quando se aproximou dela, sua expressão mudou.

— O que houve com sua cara, Vesguinha?

— Não ficou sabendo? Eles não fizeram a...

— Não estou falando disso. — Peris esticou o braço e tocou o rosto de Tally, que se contorceu ao sentir seus dedos. — Parece que se meteu no meio de uma briga de gatos.

— Ah, entendi. — Tally ajeitou os cabelos e depois procurou algo numa gaveta. Pegou um spray, fechou os olhos e borrifou a substância no rosto. — Ai! — gritou, enquanto o anestésico não fazia efeito. Também passou o remédio nas mãos. — Foi só um passeio de prancha noturno.

— Um pouco tarde demais, não acha?

Lá fora, o sol começava a dar um tom rosado às torres de Nova Perfeição. Um rosa que lembrava vômito de gato. Ainda exausta e confusa, Tally olhou para Peris.

— Há quanto tempo está aqui? — perguntou.

Ele se ajeitou na cadeira que ficava perto da janela.

— Muito tempo — respondeu Peris.

— Ah, desculpa. Não sabia que você viria.

Suas feições indicavam certo sofrimento.

— É claro que eu viria. Assim que descobri onde você estava, eu vim.

Tally virou-se para tirar os tênis aderentes. Ao mesmo tempo, tentava se situar. Sentia-se tão solitária desde seu aniversário que nunca imaginaria que Peris poderia querer vê-la. Principalmente em Vila Feia. Mas lá estava ele, preocupado, aflito, encantador.

— É bom ver você — disse ela, sentindo lágrimas se formarem nos olhos, que, naqueles dias, estavam sempre vermelhos e inchados.

— Também estou feliz.

Ao pensar em sua aparência, Tally não aguentou. Caiu na cama, cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar. Peris sentou-se ao seu lado e a segurou por um tempo antes de ajudá-la a assoar o nariz e fazê-la se levantar.

— Tally Youngblood, olhe só para você.

— Não faça isso.

— Você está um traste. — Peris achou um pente e decidiu arrumar os cabelos da amiga. Sem conseguir encará-lo, Tally mantinha os olhos fixos no chão. — Então, sempre sai para andar de prancha dentro de um liquidificador?

Fazendo que não, ela tocou de leve nos arranhões em seu rosto.

— Foram apenas uns galhos. Em alta velocidade.

— Ah, quer dizer que se matar é seu próximo grande truque? Acho que isso superaria o último.

— Meu último o quê?

Peris revirou os olhos.

— Essa brincadeira que a impediu de se tornar perfeita até agora. Uma coisa misteriosa.

— É. Acho que essa se destacou.

— Desde quando é tão modesta, Vesguinha? Todos os meus amigos estão fascinados — contou Peris. Ela o encarou com os olhos inchados, tentando descobrir se estava brincando. — Eu já tinha falado a seu respeito depois do negócio do alarme. Mas agora eles *realmente* mal podem esperar para conhecer você. Existe até um boato de que a Circunstâncias Especiais se envolveu no caso.

Ele não estava brincando.

— Ah, é verdade. É por causa deles que continuo feia.

Os olhos de Peris ficaram ainda maiores.

— Sério? Isso é tão borbulhante!

Tally se sentou, meio contrariada.

— *Todo mundo* sabia da existência deles, menos eu?

— Bem, eu não fazia ideia do que estavam falando. Aparentemente, o pessoal da Especiais é igual aos *gremlins*. Você põe a culpa neles sempre que

algo esquisito acontece. Algumas pessoas acham que não passam de uma farsa. E ninguém que eu conheça já *viu* um Especial em carne e osso.

— Deve ter sido sorte minha, então — disse Tally.

— Então eles existem? — perguntou Peris, baixando a voz. — Eles são mesmo diferentes? *Não* são perfeitos?

— Não é que não sejam perfeitos, Peris. Eles só... — Tally olhou para o amigo, lindo e atento a cada palavra. Era uma sensação perfeita estar ali ao lado dele, conversando bem próximos, como se nunca tivessem se separado. — Eles só não são tão perfeitos quanto você — disse, sorrindo.

Peris riu.

— Você tem que me contar tudo. Não conte a mais ninguém. Por enquanto. As pessoas vão ficar tão curiosas. Podemos dar uma grande festa quando você se tornar perfeita.

Ela tentou sorrir.

— Peris...

— Eu sei, provavelmente você nem deveria falar sobre isso. Mas lá do outro lado do rio bastará fazer alguma menção às Circunstâncias-você-sabe-o-resto e vão aparecer convites para todas as festas! Só não se esqueça de me levar junto. — Ele se aproximou. — Existe um rumor de que todos os trabalhos borbulhantes vão para pessoas com histórico de confusão durante a juventude. Bem, ainda faltam anos até essa fase. O mais importante agora é deixá-la perfeita.

— Peris, escuta... — disse Tally, sentindo a barriga começar a doer. — Eu não acho que...

— Você vai adorar, Tally. Ser perfeito é a melhor coisa do mundo. E vou achar um milhão de vezes melhor quando estiver lá comigo.

— Não posso.

— Não pode o quê? — perguntou Peris, intrigado.

Tally olhou bem em seus olhos e segurou suas mãos.

— Eles querem que eu dedure uma amiga minha. Alguém que acabei conhecendo muito bem. Depois que você partiu.

— Dedurar? Não me diga que isso tem a ver com alguma dessas brincadeiras de feio.

— Mais ou menos.

— Então conte tudo a eles. Qual é o problema?

— É algo muito importante, Peris — disse Tally, antes de se afastar. —

É mais do que uma brincadeira. Fiz uma promessa à minha amiga de que guardaria segredo.

Por um momento, ele pareceu o velho Peris: sério, pensativo, até um pouco infeliz.

— Tally, você também me fez uma promessa. — Ela engoliu em seco e o encarou. Havia lágrimas nos olhos de Peris. — Você me prometeu que não faria nenhuma besteira. Que estaria comigo em breve. Que seríamos perfeitos juntos.

Tally tocou a cicatriz que permanecia em sua mão, embora a de Peris tivesse sido retirada. Ele chegou mais perto e a segurou.

— Amigos para sempre, Tally.

Ela sabia que, se visse seus olhos de novo, não haveria jeito. Um olhar, e sua resistência sumiria.

— Amigos para sempre? — repetiu Tally.

— Para sempre.

Depois de respirar fundo, Tally resolveu encará-lo novamente. Ele parecia triste, tão vulnerável e magoado. Tão perfeito. Tally se imaginou ao lado dele, igualmente bela, passando os dias inteiros apenas conversando, rindo e se divertindo.

— Você vai cumprir a promessa, Tally?

Um tremor, que misturava cansaço ao alívio, percorreu seu corpo. Agora ela tinha uma desculpa para quebrar a outra promessa. Afinal, havia assumido um compromisso com Peris, totalmente sincero, antes mesmo de conhecer Shay. Conhecia um havia anos, e a outra, há poucos meses.

Além disso, Peris estava ao seu lado, não num lugar estranho e selvagem. E aqueles olhos...

— Claro.

— Sério? — perguntou ele, com um sorriso tão radiante quanto o dia que nascia do lado de fora.

— Sério. — As palavras saíram com facilidade. — Estarei com você o mais rápido que puder. Prometo.

Ele a abraçou forte e a embalou por alguns instantes. As lágrimas voltaram aos olhos de Tally.

Depois de soltá-la, Peris passou a observar o nascer do dia.

— Preciso ir embora — disse, apontando para a porta. — Sabe, antes que... as coisinhas... acordem.

— Entendi.

— Já está quase na minha hora de dormir. E você tem um grande dia pela frente.

Tally assentiu. Nunca havia se sentido tão cansada. Seus músculos doíam, e os arranhões no rosto e nas mãos tinham voltado a arder. Mas ela estava tomada pelo alívio. O pesadelo havia começado três meses antes, no dia em que Peris havia atravessado o rio. E estava perto de acabar.

— Tudo bem, Peris. Vamos nos ver em breve. O mais breve possível.

Ele a abraçou de novo, beijando suas bochechas salgadas e lanhadas.

— Talvez em poucos dias. Estou tão empolgado! — sussurrou.

Peris se despediu e caminhou na direção da porta. Conferiu os dois lados do corredor antes de sair. Tally foi até a janela, para dar uma última olhada no amigo, e notou um carro voador à espera dele. Os perfeitos realmente tinham tudo que desejavam.

O que Tally mais queria era dormir, mas sua decisão não podia esperar. Sabia que, com Peris longe, as dúvidas voltariam para atormentá-la. Não conseguiria passar mais um dia naquela situação, sem saber se seu purgatório entre os feios teria fim. E havia prometido a Peris que estaria com ele em breve.

— Me perdoe, Shay — disse baixinho.

Tally pegou o anel de interface, que repousava na mesa de cabeceira, e o botou no dedo.

— Mensagem para a dra. Cable ou quem quer que seja. Vou fazer o que pedirem. Só preciso dormir um pouco antes. Fim da mensagem.

Um suspiro e então ela caiu na cama. Precisava passar o remédio nos arranhões antes de apagar, mas o simples pensamento de se levantar fez seu corpo inteiro doer. Aqueles machucados não a impediriam de dormir. Nada impediria.

Poucos segundos depois, o quarto começou a falar:

— Resposta da dra. Cable: Um carro vai buscá-la. Chegada em vinte minutos.

— Não — murmurou ela.

Tally sabia, porém, que seria inútil discutir. A Circunstâncias Especiais viria de qualquer maneira para acordá-la e levá-la embora.

Ela decidiu tentar dormir pelo menos por alguns minutos. Seria melhor do que nada. No entanto, nos vinte minutos seguintes, não conseguiu

fechar os olhos por um único segundo.

INFILTRADA

Os perfeitos cruéis pareciam ainda mais sinistros diante de seus olhos cansados. Tally sentia-se como um rato numa jaula cheia de falcões, apenas esperando que um desse um rasante e a abocanhasse. Para piorar, a viagem até lá tinha sido ainda mais enjoativa que antes.

Ela decidiu se concentrar na náusea que embrulhava seu estômago, tentando esquecer por que estava ali. Enquanto percorria o corredor, com um acompanhante, procurou se recompor, arrumando a blusa e o cabelo.

A dra. Cable, por outro lado, certamente não parecia que acabara de se levantar. Tally tentou, sem sucesso, imaginar como aquela mulher ficaria desgrenhada. Mal conseguia acreditar que seus penetrantes olhos metálicos fossem capazes de se fechar por tempo suficiente para que dormisse.

— Muito bem, Tally. Parece que mudou de ideia.

— Sim.

— E vai responder todas nossas perguntas? Honestamente e de livre e espontânea vontade?

Tally fez um barulhinho irônico.

— Não tenho escolha.

— Tally, nós sempre temos escolha. E você fez a sua — disse a dra. Cable, sorrindo.

— Certo. Obrigada. Escuta, por que não faz logo as perguntas?

— Perfeitamente. Para começar, o que aconteceu com seu rosto?

Tocando os arranhões com a mão, Tally respondeu:

— Árvores.

— Árvores? — repetiu a dra. Cable, franzindo a testa. — Muito bem. Mudando para um assunto mais importante, sobre o que você e Shay conversaram na última vez em que estiveram juntas?

Tally fechou os olhos. Naquele momento quebraria a promessa feita a Shay. Contudo, uma voz baixinha em seu cérebro exausto lembrou-a de que também estaria cumprindo uma promessa. Finalmente poderia se juntar a Peris.

— Ela falou sobre ir embora. Fugir com alguém chamado David.

— Ah, sim, o misterioso David. — A dra. Cable se recostou na cadeira. — E ela disse para onde iria com David?

— Para um lugar chamado Fumaça. Parecido com uma cidade, só que menor. Onde ninguém manda. E ninguém é perfeito.

— E ela contou onde ficava esse lugar?

— Não, não contou. — Tally respirou fundo e tirou o bilhete amassado de Shay do bolso. — Mas ela deixou essas orientações.

A dra. Cable sequer olhou. Em vez disso, passou um pedaço de papel a Tally. Mesmo com a vista embaçada, ela viu que era uma cópia em 3D do bilhete, perfeito até nas leves marcas deixadas pela escrita caprichada de Shay.

— Tomamos a liberdade de fazer uma cópia disso na primeira vez em que esteve aqui.

Percebendo que tinha sido enganada, Tally fuzilou a dra. Cable com os olhos.

— Então para que precisa de mim? Não sei nada além do que acabei de contar. Não pedi que ela me contasse outras coisas. E não fui com ela porque eu só... queria... ficar *perfeita*! — Um soluço subiu por sua garganta, mas Tally decidiu que, em circunstância alguma, especial ou não, choraria diante da dra. Cable.

— Tally, lamento informar que achamos as instruções do bilhete um tanto enigmáticas.

— Somos duas.

— Elas foram criadas para serem lidas por alguém que conhece Shay muito bem. Por você, talvez.

— É, claro. Eu consigo entender uma parte. Mas, depois das duas primeiras linhas, não entendo mais nada.

— Sei que é difícil. Principalmente depois de uma longa noite de... árvores. Apesar disso, ainda acredito que possa nos ajudar.

A dra. Cable abriu a maleta que estava sobre a mesa que as separava. O cérebro cansado de Tally demorou para identificar os objetos. Um acendedor de fogo, um saco de dormir amassado...

— Ei, isso aí parece o kit de sobrevivência da Shay.

— Exatamente, Tally. Esses kits às vezes somem. Geralmente quando um dos nossos feios desaparece.

— Então, mistério solucionado. Shay estava pronta para ir à Fumaça

com esse equipamento.

— O que mais ela levava?

— Uma prancha. Um modelo especial, para energia solar.

— Uma prancha, é óbvio. Por que essas coisas sempre estão relacionadas aos rebeldes? E como Shay pretendia se alimentar, tem ideia?

— Ela tinha comida em pacotes. Desidratada.

— Como essa aqui? — perguntou a dra. Cable, mostrando uma embalagem prateada.

— Isso. Tinha o bastante para quatro semanas. Duas semanas, se eu fosse junto. Ela disse que era mais que o suficiente.

— Duas semanas? Não dá para ir muito longe. — A dra. Cable puxou uma mochila preta do lado da sua mesa e começou a guardar os objetos. — Talvez você consiga.

— Consiga? Consiga *o quê*?

— Fazer a viagem. Até a Fumaça.

— *Eu*?

— Tally, só você pode entender as orientações.

— Eu já disse: não sei o que significam!

— Mas vai saber quando estiver no meio do caminho. E se estiver... devidamente motivada.

— Já contei tudo que vocês queriam saber. Entreguei o bilhete. Você prometeu!

— Minha promessa, Tally, foi de que você não se tornaria perfeita enquanto não nos ajudasse até onde pudesse. E eu acredito sinceramente que isso está dentro das suas possibilidades.

— Mas por que eu?

— Ouça bem, Tally. Acha mesmo que esta é a primeira vez que ouvimos falar de David e da Fumaça? Ou que nunca encontramos instruções rabiscadas de como chegar lá?

Tally se assustou com a voz afiada e desviou o olhar do rosto assustador da mulher.

— Não sei.

— Já passamos por tudo isso. Acontece que quando vamos por conta própria não achamos nada. Realmente, só fumaça.

O aperto tinha voltado à garganta de Tally.

— E como esperam que eu encontre alguma coisa? — perguntou.

— Esta última linha — disse a dra. Cable, puxando o bilhete de Shay para perto de si. — Está escrito "na cabeça careca espere". É, nitidamente, um ponto de encontro. Você vai até lá e espera. Mais cedo ou mais tarde, eles vão pegá-la. Se eu mandar um carro cheio de Especiais, seus amigos provavelmente vão desconfiar.

— Está dizendo que quer que eu vá *sozinha*?

Uma expressão de desprezo tomou conta do rosto da dra. Cable.

— Não é muito complicado, Tally. Você mudou de ideia. Resolveu fugir e seguir sua amiga Shay. Apenas mais uma feia tentando eFscapar da tirania da beleza.

Tally encarou o rosto assustador de trás de um prisma de lágrimas que se acumulavam.

— E depois?

A dra. Cable tirou outro objeto da maleta: um cordão com um pequeno pingente em forma de coração. Ela pressionou os lados, fazendo-o se abrir.

— Dê uma olhada.

Tally pôs o coração minúsculo diante de um olho.

— Não consigo ver... ei!

O pingente havia piscado, ofuscando sua visão por um instante. O coração soltou um pequeno bipe.

— O localizador só responderá à sua impressão ocular, Tally. Depois que for ativado, chegaremos em poucas horas. Podemos nos deslocar em alta velocidade. — A dra. Cable deixou o cordão sobre a mesa. — Mas não o ative até estar na Fumaça. Levamos um tempo para preparar isso. Quero descobrir tudo, Tally.

Piscando os olhos, para apagar a mancha deixada pela luz, Tally tentou forçar seu cérebro cansado a pensar. Finalmente compreendia que nunca havia se tratado de uma mera questão de responder perguntas. Desde o início, tinham pensado nela como uma espiã, uma infiltrada. Tentou imaginar quando aquele plano havia surgido. Quantas vezes a Circunstâncias Especiais não teria tentado convencer um feio a trabalhar para eles?

— Não posso fazer isso.

— Você pode, Tally. Precisa. Pense nisso como uma aventura.

— É sério. Nunca passei uma noite inteira fora da cidade. Não sozinha.

A dra. Cable ignorou os soluços que entrecortavam as palavras de Tally.

— Se não concordar imediatamente, vou procurar outra pessoa. E você continuará feia para sempre.

Tally levantou a cabeça e tentou enxergar por entre os rios de lágrimas que agora corriam pelo seu rosto. Queria encontrar a verdade atrás da máscara cruel da dra. Cable. Em seus olhos metálicos sombrios, havia uma segurança insensível e terrível, diferente de qualquer coisa que um perfeito normal pudesse transmitir. Tally percebeu que a mulher estava sendo sincera.

Ou Tally se infiltrava na Fumaça e traía Shay ou seria uma feia para o resto da vida.

— Preciso pensar.

— A história será a seguinte: você fugiu na noite anterior ao seu aniversário. Isso significa que já perdemos quatro dias. Se houver mais atrasos, eles não vão acreditar. Vão deduzir que algo aconteceu. Então tem de decidir agora.

— Não posso. Estou muito cansada.

A dra. Cable apontou para o telão e logo apareceu uma imagem. Era como um espelho refletindo, em close, o aspecto atual de Tally: olhos inchados, cansaço e marcas avermelhadas de arranhões no rosto. O cabelo apontava para todos os lados. Sua expressão, ao se deparar com a própria aparência, era de terror.

— Essa é você, Tally. Para sempre.

— Desligue isso...

— Decida-se.

— Tudo bem, eu faço o que quiser. Desligue isso.

O telão se apagou.

Parte II
A FUMAÇA

Não há beleza perfeita que não contenha algo de estranho em suas proporções.

— Francis Bacon, *Ensaios sobre moral e política*, "Da beleza"

PARTIDA

Tally partiu à meia-noite.

A dra. Cable tinha exigido que ninguém fosse avisado da missão. Nem os inspetores do alojamento. Não seria problema se Peris espalhasse boatos — ninguém acreditava mesmo nas fofocas dos novos perfeitos. Seus pais, contudo, não seriam oficialmente informados de que tinha sido obrigada a fugir. Fora o pequeno pingente em forma de coração, Tally não receberia ajuda.

Ela saiu do jeito de sempre: pela janela caindo atrás do reciclador. Seu anel de interface permanecia na mesa de cabeceira. Tally não levava nada além da mochila com os itens de sobrevivência e o bilhete de Shay. E o sensor de cintura, que tinha lembrado de prender pouco antes de partir. Era noite de lua crescente. Pelo menos, poderia contar com alguma iluminação durante a viagem.

Uma prancha especial, de longa distância, esperava Tally ao pé da represa. Mal se mexeu sob o peso dela. A maioria das pranchas cedia um pouco para se ajustar ao passageiro, balançando como um trampolim, mas aquela era totalmente firme. Assim que estalou os dedos, a prancha subiu, sólida como concreto.

— Nada mal — disse Tally, calando a boca em seguida.

Com a partida de Shay, dez dias antes, Tally passava a falar sozinha. Aquele não era um bom sinal. Não teria companhia por alguns dias, e conversas imaginárias eram tudo de que não precisava.

A prancha avançou suavemente, subindo em direção ao topo da barragem. Quando chegou ao rio, Tally curvou o corpo para a frente, acelerando até a água se transformar num mero borrão lá embaixo. A prancha não parecia ter um controle de velocidade — não havia aviso de segurança. Talvez só precisasse de espaço aberto, de metal na superfície e dos pés de Tally no lugar certo.

A velocidade seria a peça-chave se quisesse compensar os quatro dias passados no limbo. Se Tally aparecesse muito depois do seu aniversário,

Shay poderia perceber que, na verdade, sua operação fora adiada. E, então, concluir que Tally não era uma simples fugitiva.

Lá embaixo, o rio passava cada vez mais rápido, e ela alcançou as corredeiras em tempo recorde. No percurso sobre as pequenas quedas, a água passou a machucá-la, quase como granizo. Tally mudou de posição para ir um pouco mais devagar. Mesmo assim, estava cruzando as corredeiras mais rápido do que nunca.

Ela se deu conta de que a prancha não era um brinquedo para feios. Era coisa de primeira. Na parte da frente, uma semicircunferência formada por pequenas luzes brilhava, transmitindo os registros do detector de metal, que vasculhava a área adiante para informar se havia ferro suficiente para prosseguir com o voo. As luzes permaneceram acesas durante o percurso nas corredeiras. Tally torcia para que Shay estivesse certa em relação à existência de depósitos de metal em todos os rios. Do contrário, aquela seria uma longa jornada.

Evidentemente, naquela velocidade, não teria tempo de parar se as luzes se apagassem de repente. E aí a viagem seria bem curta.

Entretanto, as luzes mantiveram-se firmes, e os nervos de Tally se acalmaram com o rugido da água, os borrifos refrescantes em seu rosto, a emoção de contorcer seu corpo, curva após curva, naquela escuridão salpicada pela luz da lua. A prancha, mais inteligente que sua antiga, aprendia os novos movimentos em questão de minutos. Era como se estivesse trocando um triciclo por uma moto de verdade: assustador, mas empolgante.

Tally se perguntou se o caminho até Fumaça teria muitas corredeiras. Aquela poderia ser mesmo uma aventura, embora soubesse que, no fim, só haveria traição. Ou, pior ainda, acabaria descobrindo que Shay tinha cometido um erro ao confiar em David, o que poderia significar... qualquer coisa. Provavelmente algo terrível.

Ela sentiu um arrepio e decidiu não pensar mais naquela possibilidade.

Ao alcançar o desvio, desacelerou e se virou, para dar uma última olhada na cidade, que reluzia no vale escuro. Estava tão longe que Tally conseguia escondê-la com a mão. O céu limpo permitia enxergar os fogos de artifício se abrindo como flores — tudo numa miniatura perfeita. A natureza ao seu redor parecia muito maior; o rio, cheio de poder; a floresta, enorme, escondendo segredos em sua vastidão escura.

Tally ficou observando as luzes da cidade por um bom tempo antes de descer da prancha, imaginando quando veria sua casa novamente.

Na trilha, Tally se perguntava se teria de caminhar muitas vezes. Nunca voara tão rápido quanto na subida das corredeiras, nem na viagem alucinada pela cidade no carro da Circunstâncias Especiais. Depois de experimentar tanta velocidade, andar carregando a mochila e a prancha lhe dava a sensação de ser uma lesma.

No entanto, não demorou muito até que as Ruínas de Ferrugem surgissem abaixo e o detector de metal da prancha guiasse Tally até o veio natural de ferro. Ela foi voando até as torres destruídas. Com os prédios começando a esconder a lua, ficou apreensiva. Estava cercada por construções e carros queimados. Ao olhar pelas janelas que não revelavam nada, ela se sentiu sozinha, uma viajante solitária numa cidade abandonada.

— Pegue a montanha para além da abertura — disse, em voz alta, como um encantamento para manter afastados os fantasmas das ruínas.

Pelo menos, aquela parte do bilhete era bem óbvia: a "montanha" só poderia se referir à montanha-russa. Quando os escombros dos prédios deram lugar a terrenos mais abertos, Tally acelerou a prancha. Na montanha-russa, fez o circuito inteiro em velocidade máxima. Talvez "para além da abertura" fosse a única parte importante da charada, mas Tally decidiu lidar com o bilhete como se fosse um feitiço. Esquecer qualquer pedaço poderia pôr tudo a perder.

E era ótimo voar a toda novamente, deixando os fantasmas das Ruínas de Ferrugem para trás. Enquanto vencia curvas fechadas e descidas acentuadas, vendo o mundo girar ao seu redor, Tally sentiu-se como um objeto carregado pelo vento: sem saber em que direção aquela jornada a levaria.

Poucos segundos antes de pular o buraco, as luzes do detector de metal se apagaram. A prancha se afastou de seus pés, e seu estômago pareceu ir junto, deixando um vazio no lugar. Seu palpite estava certo: em velocidade máxima, não havia muito tempo para advertências.

Tally atravessou o ar, no silêncio da escuridão, rompido apenas pelo som de seu próprio deslocamento. Lembrou-se da primeira vez que tinha passado pelo buraco, de como tinha ficado com raiva. Poucos dias depois, porém, tudo não passava de uma brincadeira entre as duas, coisa comum

entre os feios. Mas agora Shay tinha desaparecido de novo, exatamente como o trilho sob seus pés, deixando Tally em queda livre.

Passados cinco segundos, as luzes voltaram a se acender e, enquanto os braceletes antiqueda a seguravam, a prancha se reativava para subir suavemente e sustentá-la com uma firmeza reconfortante. Lá embaixo, havia uma curva e uma subida acentuada em espiral. Tally desacelerou e seguiu em frente, murmurando:

— Para além da abertura.

As ruínas continuavam passando sob seus pés. Naquele ponto, estavam quase totalmente encobertas. Apenas algumas massas disformes apareciam por entre a vegetação. Mas os Enferrujados tinham erguido construções firmes graças à sua adoração por inúteis esqueletos de metal. As luzes na frente de sua prancha permaneciam acesas.

— Até achar a longa e plana que procura — disse a si mesma.

Ela tinha decorado o bilhete, mas repetir as palavras não tornava seu significado mais evidente.

A pergunta era "a" *o quê*? A montanha-russa? A abertura? A primeira seria estupidez. Qual seria o sentido de uma montanha-russa longa e plana? Uma abertura longa e plana? Talvez pudesse descrever uma garganta, entre as montanhas, incluindo um conveniente rio lá embaixo. Mas como uma garganta poderia ser plana?

Talvez "a" significasse a letra a. Deveria procurar alguma coisa com forma semelhante à da letra a? Como o a era arredondado, não podia ser longo e plano. O mesmo valia para o A, maiúsculo, a não ser que considerassem os traços separadamente.

— Obrigada pela grande dica, Shay — disse Tally, em voz alta.

Falar sozinha não parecia má ideia nas ruínas distantes, onde os vestígios dos Enferrujados lutavam contra a ação das plantas rastejantes. Qualquer coisa era melhor que um silêncio fantasmagórico. Ela passou por vastas áreas de concreto partido pela grama que forçava a passagem. Janelas de paredes desabadas a encaravam, com ervas brotando no meio, como olhos nascidos da terra.

Tally examinou o horizonte em busca de mais pistas. Não havia nada longo e plano para ser visto. Olhando para o chão abaixo, mal conseguia enxergar qualquer coisa em meio à escuridão pontuada por plantas. Se

passasse pelo que a pista indicava, sem saber, teria que refazer o caminho de manhã. Mas quando saberia haver ido longe demais?

— Obrigada, Shay — repetiu.

Nesse momento, ela viu algo no chão e parou.

No meio da cobertura de plantas e detritos, havia formas geométricas — uma fila de retângulos. Ela baixou um pouco e notou um caminho marcado por trilhos de metal e dormentes de madeira. Como o trilho da montanha-russa, porém muito maior. E que seguia em linha reta até desaparecer.

— Pegue a montanha para além da abertura, até encontrar a longa e plana que procura. — Aquilo era uma montanha-russa, só que longa e plana. — Mas para que serve isso? — perguntou Tally.

Qual era a graça de uma montanha-russa sem curvas e subidas? Ela não sabia a resposta. Não importava como os Enferrujados se divertiam; aquilo era perfeito para voar numa prancha. Os trilhos seguiam em dois sentidos, mas era fácil decidir. Um voltava para o lugar de onde tinha saído, a área central das ruínas. O outro ia para longe, para o norte, na direção do mar.

— O mar é gelado — disse, repetindo parte da linha seguinte do bilhete de Shay.

Tally se perguntou até onde iria. Acelerou a prancha, satisfeita por ter descoberto a resposta. Se todas as charadas de Shay fossem tão fáceis de adivinhar, a viagem seria uma moleza.

ESPAGBOL

Ela viajou bastante naquela noite.

Os trilhos avançavam abaixo dela, contornando suavemente as montanhas e atravessando rios por cima de pontes em pedaços, sempre na direção do mar. Por duas vezes, Tally foi conduzida por dentro de outras ruínas dos Enferrujados, cidades menores que também haviam desmoronado. Permaneciam apenas algumas formas retorcidas de metal que subiam por entre as árvores como dedos sem carne tentando agarrar o ar. Havia latarias queimadas em toda parte, lotando as vias que saíam da cidade; carros amassados nas colisões que tinham marcado o desespero final dos Enferrujados.

Ao se aproximar do centro de uma das cidades em ruínas, ela entendeu o propósito daquela montanha-russa longa e plana. Numa confluência de trilhos, interconectados como num imenso circuito impresso, havia alguns carrinhos de trem, grandes contêineres cheios de coisas dos Enferrujados — pilhas irreconhecíveis de plástico e metal. Tally lembrou que as cidades de ferrugem não eram autossuficientes. Estavam sempre comprando e vendendo umas das outras. Isso quando não brigavam para definir quem possuía a maior quantidade de bens. As cidades deviam usar a montanha-russa plana para levar os produtos de um lugar ao outro.

Quando os primeiros raios de sol surgiam no céu, Tally começou a ouvir o barulho do mar distante, um murmúrio baixinho vindo de além do horizonte. Sentia a salinidade no ar, o que despertava lembranças dos passeios de infância pelo oceano, com Ellie e Sol.

"O mar é gelado, procure o freio", dizia o bilhete de Shay. Logo, Tally conseguiria ver as ondas quebrando no litoral. Talvez estivesse perto de entender mais aquela pista.

Ela se perguntava quanto tempo ganhara graças à nova prancha. Decidiu acelerar. Para se proteger do frio da madrugada, fechou bem o casaco do alojamento. A pista subia gradualmente, superando as formações de rocha calcária. Uma imagem de penhascos à beira do oceano, repletos de

pássaros marinhos que faziam ninho nas cavernas altas, veio à mente de Tally.

Tinha impressão de que as viagens de acampamento com Sol e Ellie aconteceram séculos antes. Imaginou se não existiria uma operação que pudesse transformá-la novamente em criança. Para sempre.

De repente, diante de Tally apareceu uma fenda, atravessada por uma ponte semidestruída. Num instante, ela percebeu que a ponte não chegava ao outro lado. E não havia um rio cheio de depósitos de metal lá embaixo para mantê-la no ar. Só uma enorme queda até a água.

Tally virou a prancha, derrapando, e sentiu os joelhos se dobrando com a força da freada. Os tênis aderentes deslizaram, soltando um chiado, e seu corpo ficou quase paralelo ao chão.

Mas, na verdade, não havia chão.

Havia um abismo lá embaixo, uma fissura aberta no penhasco à beira-mar. Ondas invadiam o canal estreito. A espuma parecia brilhar no escuro, e os rugidos ferozes alcançavam os ouvidos de Tally. As luzes do detector de metal foram se apagando, uma a uma, depois que ela passou pela extremidade destruída da ponte de metal.

Tally sentiu a prancha perder sustentação e começar a cair.

Uma possibilidade passou por sua cabeça: se pulasse naquela hora, poderia se agarrar ao fim da ponte partida. Nesse caso, porém, a prancha cairia no precipício e a ela ficaria presa ali.

Finalmente, a prancha parou em pleno ar. Mas Tally continuava caindo. Agora os últimos pedaços da ponte encontravam-se *acima* dela, fora de alcance. A prancha caía lentamente, com as luzes se apagando à medida que os ímãs perdiam o apoio. Tally era muito pesada. Ela tirou a mochila dos ombros, decidida a soltá-la no ar. Mas como sobreviveria sem o kit? A única opção seria retornar à cidade para buscar mantimentos, o que significaria perder mais dois dias. Nesse momento, um vento gelado vindo do oceano subiu pelo abismo, deixando seus braços arrepiados. Era o sopro da morte.

O vento acabou segurando a prancha no ar. Por um instante, Tally ficou suspensa, sem subir, nem cair. Logo em seguida, porém, a prancha reiniciou a descida...

Tally enfiou as mãos nos bolsos do casaco e abriu os braços, criando uma espécie de vela, para capturar o vento. Veio uma rajada mais forte, e

ela subiu um pouco, tirando parte do peso da prancha. Uma das luzes se acendeu.

Como um pássaro, de asas bem abertas, ela começou a subir.

Gradualmente, os sustentadores recuperaram o apoio nos trilhos, até a prancha voltar ao nível da ponte. Com cuidado, Tally conduziu o equipamento até o penhasco. Ela tremia quando a prancha chegou novamente à terra firme. Desceu com as pernas bambas.

— O mar é gelado, procure o *freio* — disse com raiva.

Como podia ter sido tão burra, acelerando enquanto o bilhete de Shay dizia para tomar cuidado?

Tally deitou-se no chão. Sentia-se subitamente atordoada e cansada. Mentalmente reviu as cenas do abismo se abrindo, as ondas indiferentes se chocando contra as rochas recortadas. Ela poderia estar ali, sendo atirada seguidamente, até não haver mais nada.

Lembrou-se de que aquilo era a natureza selvagem. Os erros, ali, tinham sérias consequências.

Antes mesmo de o coração se acalmar, o estômago de Tally começou a roncar.

Ela abriu a mochila e procurou o purificador de água, que tinha sido enchido no último rio. Esvaziou o filtro. Um punhado de barro pulou no chão.

— Eca — disse, dando uma espiada pelo buraco.

Parecia limpa e tinha cheiro de água. Tomou um gole providencial, mas guardou a maior parte para preparar o jantar, o café da manhã ou o que fosse. Tally planejava viajar o máximo de tempo à noite, deixando a prancha recarregar de dia, para não perder tempo.

Revirando o saco à prova d'água, pegou um pacote de comida. A embalagem dizia "EspagBol". Não sabia do que se tratava. Ela abriu o pacote e puxou o que parecia ser um fio enorme enrolado. Jogou-o no purificador e esperou até que o ruído de água borbulhando indicasse a fervura.

Ao voltar sua atenção para o horizonte reluzente, ficou maravilhada. Nunca tinha visto o amanhecer de fora da cidade. Como a maioria dos feios, não costumava acordar cedo. E, de qualquer modo, o horizonte

sempre estava escondido atrás da paisagem de Nova Perfeição. A visão de uma alvorada de verdade era impressionante.

Uma faixa de tons de laranja e amarelo incendiava o céu, magnífica e surpreendente, espetacular como fogos de artifício, só que mudando num ritmo imponente, quase imperceptível. Estava percebendo como eram as coisas na natureza. Perigosas ou lindas. Ou ambas as coisas.

O purificador emitiu um sinal. Tally abriu a tampa e deu uma olhada. Era macarrão com molho vermelho e pequenos pedaços de carne de soja. Pelo cheiro, parecia delicioso. Ela leu a embalagem novamente.

— EspagBol... Espaguete à bolonhesa!

Depois de achar um garfo na mochila, Tally comeu vorazmente. Com o sol nascente a aquecendo e o mar batendo lá embaixo, era a melhor refeição que fazia em muito tempo.

Como ainda havia um pouco de carga na prancha, Tally decidiu seguir caminho depois do café da manhã. Antes, releu as primeiras linhas do bilhete de Shay:

> Pegue a montanha para além da abertura,
> até achar a longa e plana que procura.
> O mar é gelado, procure o freio.
> Na segunda, cometa um erro feio.

Caso "na segunda" significasse uma segunda ponte quebrada, Tally preferia encontrá-la de dia. Se tivesse visto o abismo um instante mais tarde, teria virado EspagBol na base dos penhascos.

Seu primeiro problema, porém, era passar pelo precipício. Era muito maior que o buraco no trilho da montanha-russa — certamente grande demais para ser pulado. Aparentemente, a única saída era ir andando por outro caminho. Então, ela foi pelo mato; suas pernas até agradeceram pelo alongamento depois de uma longa noite em cima da prancha. Em pouco tempo, o vão tinha acabado e ela pôde voltar ao caminho, já do outro lado.

Tally passou a voar numa velocidade bem menor, mantendo os olhos fixos à sua frente, dando apenas espiadas ocasionais à paisagem ao seu redor.

Do lado direito, montanhas se erguiam, altas o bastante para ter neve nos cumes, mesmo no início do outono. Tally sempre considerara a cidade

enorme, um verdadeiro mundo, mas tudo naquele lugar seguia uma escala muito maior. E era tão belo. Conseguia entender por que as pessoas tinham vivido na natureza, sem torres de festa ou mansões. Ou dormitórios.

A lembrança de casa também fez Tally pensar como seus músculos doloridos gostariam de um banho quente. Imaginou uma banheira gigante, como as que existiam em Nova Perfeição, com jatos d'água e um pacote de espuma massageadora. Se uma improvável banheira aparecesse em seu caminho, seria o purificador capaz de ferver água suficiente para enchê-la? Como eles tomavam banho na Fumaça? Tally se perguntava como estaria cheirando depois de mais alguns dias sem um banho. Havia sabonete no kit de sobrevivência? Xampu? Já sabia que não havia toalhas. Nunca tinha se dado conta da quantidade de *coisas* de que precisava.

A segunda interrupção dos trilhos apareceu depois de mais uma hora de viagem: uma ponte em ruínas sobre um rio que descia das montanhas.

Tally fez uma parada controlada e olhou da beirada. A queda não era tão acentuada quanto no primeiro abismo, mas a altura bastava para matar. E tampouco havia como pular para o outro lado. Dar a volta andando levaria uma eternidade. A garganta prosseguia sem indicar qualquer caminho próximo.

— Na segunda, cometa um erro feio — murmurou.

Que dica. Qualquer coisa que fizesse, naquela situação, seria um erro. Seu cérebro estava cansado demais para pensar, e a prancha, quase sem bateria.

A manhã já estava na metade. Era hora de dormir.

Antes, contudo, Tally tinha de abrir a prancha. Segundo o Especial responsável por lhe passar as instruções, era necessário aumentar a superfície de exposição ao sol para a recarga. Assim, ela soltou as travas, e a prancha se desmontou. Abriu como um livro em suas mãos, tornando-se duas pranchas; depois cada uma destas também se abriu, como uma sequência de bonecas de papel. Finalmente, Tally se viu diante de oito pranchas conectadas, medindo duas vezes sua altura, porém mais finas que uma folha grossa de papel. A coisa inteira tremulava ao vento intenso do oceano, como uma pipa gigante, mas os ímãs a impediam de sair voando.

A prancha ficou aberta sob o sol, com sua superfície metálica tornando-se preta à medida que absorvia a luz. Em poucas horas, estaria recarregada

e pronta para voar de novo. Tally só esperava que a remontagem também fosse fácil.

Ela pegou o saco de dormir, retirou-o do pacote e se enfiou lá dentro, sem despir qualquer peça de roupa. “Pijamas”, acrescentou mentalmente à lista de coisas da cidade de que sentia falta.

Usou o casaco como travesseiro e cobriu a cabeça com a blusa, que tirou depois de muita dificuldade. Sentindo os primeiros raios de sol no rosto, percebeu que havia se esquecido de aplicar um adesivo de protetor solar depois do nascer do sol. Ótimo. Uma pele queimada e descascando cairia muito bem com os arranhões em seu rosto de feia.

Ela não conseguiu pegar no sono. Estava esquentando, e era estranho dormir ali, exposta. Os gritos dos pássaros ecoavam em sua cabeça. Conformada, Tally se levantou. Talvez se comesse mais alguma coisa...

Foi tirando os pacotes um por um. As embalagens diziam:

EspagBol
EspagBol
EspagBol
EspagBol
EspagBol...

Tally contou 41 pacotes, o suficiente para três refeições de EspagBol por dia, durante duas semanas. Ela deixou o corpo cair e fechou os olhos, tomada por um cansaço repentino.

— Obrigada, dra. Cable — disse.

Em poucos minutos, estava dormindo.

ERRO FEIO

Ela estava voando, examinando a terra firme, sem qualquer sinal de trilhos ou de prancha sob seus pés, mantendo-se no ar graças apenas à sua vontade e ao vento que batia em seu casaco aberto. Contornou a extremidade de um penhasco imenso que dava num oceano escuro interminável. Um grupo de pássaros a seguia, soltando guinchos que machucavam seus ouvidos exatamente como a voz aguda da dra. Cable.

De repente, as pedras lá embaixo começaram a rachar. Uma grande fenda se abriu, e o oceano invadiu a lacuna com um rugido que abafou o barulho dos pássaros. Ela se viu caindo em direção à água escura.

O oceano a engoliu. Encheu seus pulmões de água e congelou seu coração. Ela sequer conseguia gritar...

— Não! — berrou Tally, levantando-se num susto.

Uma brisa gelada passou pelo seu rosto e a ajudou a acordar. Tally olhou ao redor, percebendo que estava em cima do penhasco, enfiada no saco de dormir. Cansada, com fome e desesperada para ir ao banheiro, mas não caindo rumo ao nada.

Ela respirou fundo. Havia mesmo pássaros grasnando, só que à certa distância.

Aquele era apenas o mais recente de muitos pesadelos em que despencava.

A noite chegava, anunciada pelo sol se pondo sobre o oceano, tingindo a água de vermelho-sangue. Tally vestiu a camisa e o casaco de novo antes de sair de dentro do saco de dormir. A temperatura parecia cair a cada minuto. A luminosidade diminuía diante de seus olhos. Ela se apressou para partir.

Cuidar da prancha foi a parte mais difícil. Sua superfície aberta tinha se molhado e agora estava coberta por uma fina camada de sereno e água do mar. Tally tentou secá-la com a manga do casaco, mas havia muita água e pouco casaco. Embora tivesse se fechado com facilidade, a prancha molhada parecia pesada, como se a água permanecesse entre cada camada.

A luz de operação ficou amarela, chamando a atenção de Tally. As laterais da prancha estavam escoando a água aos poucos.

— Excelente. Tempo para comer.

Tally pegou um pacote de EspagBol, mas logo se deu conta de que o purificador estava vazio. A única fonte de água era o mar lá embaixo, e não havia como descer. Sem opção, ela torceu a manga do casaco, conseguindo alguns esguichos. Depois, recolheu com as mãos a água que saía da prancha, até conseguir encher metade do purificador. O resultado da operação foi um EspagBol grosso e muito temperado, que exigiu um belo esforço de mastigação.

Quando Tally terminou a péssima refeição, a luz da prancha já estava verde.

— Muito bem. Tudo pronto para partir — disse a si mesma.

A pergunta era: para onde? Ela ficou parada, pensando, com um pé na prancha e outro no chão. O bilhete de Shay dizia: "Na segunda, cometa um erro feio."

Cometer um erro não seria muito difícil. Mas o que poderia ser considerado um erro *feio*? Afinal, ela já tinha quase se matado naquele dia.

Tally lembrou-se do sonho. Cair na garganta se encaixaria na definição de erro feio. Ela subiu na prancha e avançou até a extremidade destruída da ponte. De lá, observou o ponto em que o rio encontrava o mar.

Se descesse, a única alternativa viável seria seguir a corrente do rio. Talvez aquele fosse o significado da pista. No entanto, não havia um caminho nítido pelo despenhadeiro. Sequer apoio para as mãos.

Evidentemente, um simples veio de ferro bastaria para garantir uma descida segura. Seus olhos analisaram as paredes da garganta, em busca do tom avermelhado do ferro. Alguns pontos pareciam promissores, mas, na escuridão crescente, não havia como ter certeza.

Tally concluiu que tinha dormido demais. Esperar o amanhecer representaria perder mais 12 horas. E a água havia acabado.

A outra alternativa era caminhar pela montanha mesmo. Nesse caso, porém, poderia levar dias até alcançar um ponto em que conseguisse descer. E como o enxergaria à noite?

Precisava ganhar tempo em vez de ficar vagando na escuridão.

Nervosa, ela tomou uma decisão. Teria de encontrar uma forma de descer a bordo da prancha. Talvez fosse um erro, mas era exatamente isso

que o bilhete pedia. Ela lançou a prancha sobre o abismo, até começar a perder suporte. Assim, foi descendo, cada vez mais rápido à medida que o metal dos trilhos ficava para trás.

Tally procurou desesperadamente um sinal de ferro nas paredes do precipício. Levou a prancha à frente, na direção da parede de pedra, mas não notou nada. Algumas das luzes do detector de metal se apagaram. Se descesse mais, despencaria.

Aquilo não daria certo. Tally estalou os dedos, e a prancha parou por um segundo, tentando subir de volta, mas, depois de uma balançada, continuou a descer.

Tarde demais.

Tally abriu o casaco, mas o ar estava parado dentro do abismo. Ela viu uma listra meio enferrujada na pedra e se aproximou, mas não passava de uma mancha de líquen. Nesse ponto, a prancha começou a cair mais rápido, com as luzes se apagando uma a uma. E, finalmente, se desligou.

Aquele erro poderia ser o último de Tally.

Ela caiu como uma pedra na direção das ondas agitadas. Como no sonho, sentiu-se sufocada por uma mão gelada, como se seus pulmões já estivessem cheios de água. A prancha despencava abaixo dela, girando como uma folha solta no ar.

Tally fechou os olhos e aguardou o impacto brutal com a água gelada.

De repente, alguma coisa a pegou pelos pulsos e a puxou com violência, fazendo-a girar no ar. Sentiu uma dor lancinante nos ombros ao dar uma volta completa, como uma ginasta nas argolas.

Abrindo os olhos, ela demorou a se situar. Estava pousando na prancha, que a aguardava firmemente um pouco acima da água.

— Que porcaria é...? — perguntou, em voz alta.

Somente quando seus pés se ajeitaram, Tally percebeu o que havia acontecido. O rio tinha evitado sua queda. Vinha acumulando depósitos de metal por séculos, ou desde que existia, e os ímãs da prancha haviam encontrado uma sustentação bem a tempo.

— Mais ou menos salva — murmurou.

Depois de esfregar os pulsos, que doíam devido ao tranco causado pelos braceletes antiqueda, perguntou-se por quanto tempo alguém precisaria cair para que aquelas coisas arrancassem seus braços do tronco.

De qualquer maneira, ela tinha conseguido descer. O rio passava à sua

frente, dançando até se enfiar por entre as montanhas cobertas de gelo. Tremendo por causa do vento do oceano, Tally tentou se proteger com o casaco encharcado.

— Após quatro dias, pegue o lado desprezado — repetiu, lembrando do bilhete de Shay. — Quatro dias. Já passou da hora.

Depois das primeiras queimaduras, Tally resolveu aplicar um adesivo de filtro solar na pele diariamente, ao amanhecer. Entretanto, mesmo com poucas horas de sol por dia, seus braços marrons começaram a ficar ainda mais escuros.

O EspagBol nunca mais pareceu tão gostoso como na primeira vez, no despenhadeiro. As refeições variavam de razoáveis a repugnantes. A pior parte era o EspagBol no café da manhã, perto do pôr do sol, quando o simples ato de pensar em comer o macarrão a deixava sem apetite para o resto da vida. Ela quase torcia para que aquilo acabasse, o que a forçaria a pegar um peixe e cozinhá-lo ou a simplesmente passar fome — um jeito sofrido de perder sua gordura de feia.

O que Tally realmente temia era ficar sem papel higiênico. Seu único rolo já estava pela metade. Ela tinha iniciado um esquema rígido de racionamento, contando as folhas. E, a cada dia, seu cheiro piorava.

No terceiro dia subindo o rio, Tally decidiu tomar um banho.

Como sempre, acordou uma hora antes do pôr do sol. Sentia-se pegajosa dentro do saco de dormir. Tinha lavado suas roupas de manhã e as deixado secando sobre uma pedra. A ideia de vestir roupas limpas com o corpo sujo daquele jeito lhe deu arrepios.

A água do rio corria depressa e quase não deixava resíduos no filtro do purificador — o que significava que era limpa. No entanto, também era extremamente gelada, provavelmente por vir da neve que cobria as montanhas próximas. Tally esperava que estivesse menos congelante depois de um dia inteiro sob o sol.

Para sua surpresa, o kit de sobrevivência realmente incluía sabonetes, escondidos num canto da mochila. Tally segurou um com firmeza e ficou de pé na beira do rio. Vestia apenas o sensor de cintura e tremia, exposta ao vento gelado.

— Lá vou eu — disse, esforçando-se para evitar que seus dentes batessem.

Assim que botou um pé na água, deu um pulo para trás, tentando aplacar a pontada que tinha sentido na perna. Aparentemente, não haveria como entrar no rio passo a passo. Seria necessário pular.

Tally caminhou pela margem do rio, procurando um bom ponto para pular e tentando juntar coragem. Lembrou-se de que nunca tinha ficado pelada ao ar livre. Na cidade, todo lugar aberto era público. Mas ali não via um rosto humano há dias. O mundo parecia ser só seu. Apesar do frio, o sol deixava uma sensação maravilhosa em sua pele.

Ela cerrou os dentes e olhou para o rio. Ficar parada, pensando na natureza, não a deixaria limpa. Bastava dar alguns passos e pular — a gravidade cuidaria do resto.

Decidiu fazer uma contagem regressiva começando pelo cinco. Depois, pelo dez. Não funcionou. Então percebeu que estava congelando só de permanecer parada naquele lugar.

Finalmente, pulou.

A água gelada pareceu agarrar Tally. Todos seus músculos estavam paralisados, suas mãos tinham se transformado em garras trêmulas. Por um instante, ela se perguntou se conseguiria voltar à margem. Talvez fosse simplesmente morrer ali, mergulhando para sempre nas águas glaciais.

Tally respirou fundo, ainda tremendo, e tentou se lembrar de que os antepassados dos Enferrujados deviam tomar banho em rios gelados como aquele. Esforçando-se para segurar o queixo no lugar, ela enfiou a cabeça embaixo d'água e subiu de volta, jogando os cabelos para trás.

Um momento depois, um surpreendente calor se acendeu na sua barriga, como se a água gélida tivesse ativado um depósito secreto de energia dentro de seu corpo. Ela abriu os olhos e gritou de alegria. As montanhas que a cercavam havia três dias de caminhada pareciam reluzir, com seus picos cobertos de neve recebendo os últimos raios do sol que se recolhia. O coração de Tally se acelerou, seu sangue espalhando um calor inesperado pelo corpo.

Mas a carga de energia estava acabando rapidamente. Ela se apressou em abrir o sabonete e, apesar de senti-lo escorregar por entre os dedos, conseguiu passá-lo em toda a pele e nos cabelos. Mais um mergulho e estaria pronta para sair da água.

Ao olhar para a margem, Tally notou que tinha se afastado do seu ponto de parada, por causa da correnteza. Deu algumas braçadas para

voltar e começou a caminhar em direção às rochas na beira do rio.

Com a água na altura do peito, já tremendo devido ao vento que batia em seu corpo molhado, Tally ouviu um barulho que a deixou paralisada.

Alguma coisa estava se aproximando. Alguma coisa grande.

O LADO DESPREZADO

O estrondo vinha do céu, como se fosse uma bateria gigante, raivosa e acelerada, invadindo sua cabeça e seu coração. Parecia sacudir todo o horizonte, fazendo o leito do rio tremer a cada pancada.

Tally agachou-se, dentro da água, até ficar apenas com a cabeça para fora, segundos antes de a máquina aparecer.

Ela veio da direção das montanhas, voando baixo e levantando poeira, no rastro das fortes correntes de ar que provocava. Era muito maior que um carro voador — e cem vezes mais barulhento. Aparentemente sem auxílio de ímãs, a máquina se sustentava no ar graças a um disco semi-invisível que reluzia sob o sol.

Ao alcançar o rio, parou numa manobra radical. Sua passagem agitou a água, criando ondas circulares, como se uma imensa pedra deslizasse na superfície. Tally viu, no interior do veículo, pessoas olhando para a margem do rio. Sua prancha aberta era sacudida pela ventania, e os ímãs lutavam para mantê-la próxima ao chão. A mochila tinha desaparecido no meio da poeira. As roupas, o saco de dormir e os pacotes de EspagBol espalhavam-se ao vento.

Tally se afundou um pouco mais na água revolta, pensando na possibilidade de ficar ali, pelada e sozinha, sem qualquer tipo de auxílio. Já estava quase congelada.

Nesse instante, a máquina moveu-se para a frente, exatamente como uma prancha, e começou a se afastar. Seguiu em direção ao mar e desapareceu tão rapidamente quanto havia chegado, deixando ecos nos ouvidos de Tally e espuma na superfície da água.

Tally saiu do rio se arrastando. Seu corpo parecia uma pedra de gelo, e ela mal conseguia fechar a mão. Caminhou até suas coisas e agarrou as roupas, vestindo-as antes mesmo que o sol fraco pudesse deixá-la mais seca. Sentou-se e ficou de braços cruzados, até os tremores pararem, olhando temerosa para o horizonte avermelhado.

Os estragos não tinham sido tão grandes. A luz de operação da prancha permanecia verde, e a mochila, embora suja, não apresentava danos. Depois

de uma busca e contagem dos pacotes de EspagBol, concluiu que só havia perdido dois. Por outro lado, o saco de dormir estava arrebentado, cortado em pedacinhos por alguma coisa.

Tally engoliu em seco. Nenhum fragmento do saco de dormir era maior que um lenço. E se estivesse dentro dele quando a máquina veio?

Rapidamente, dobrou a prancha e guardou todo o resto. Num instante, estava pronta para partir. Pelo menos, a ventania provocada pela estranha máquina tinha deixado tudo seco.

— Muito obrigada — disse Tally, ao subir na prancha, curvando-se para a frente, enquanto assistia ao sol começando a sumir.

Estava ansiosa para sair daquele lugar o mais rapidamente possível, para estar longe no caso de eles voltarem. Mas quem eram eles? A máquina voadora batia perfeitamente com a descrição feita por seus professores das geringonças dos Enferrujados: uma espécie de tornado portátil que destruía tudo em seu caminho. Tally já tinha ouvido falar de aeronaves capazes de estilhaçar vidros ao passar e veículos blindados que podiam atravessar as casas das pessoas.

No entanto, os Enferrujados tinham desaparecido muito tempo antes. Quem seria tolo o bastante para reconstruir suas máquinas idiotas?

Tally voou na escuridão cada vez mais intensa, de olhos atentos a qualquer sinal da pista seguinte: "Após quatro dias, pegue o lado desprezado." E a qualquer outra surpresa que a noite escondesse.

Mas uma coisa ficara bem evidente: ela não estava sozinha.

Mais adiante, o rio dividiu-se em dois.

Tally parou para examinar a ramificação. Um dos lados era nitidamente maior; o outro era pouco mais largo que um córrego. Um "afluente", como se chamava um rio menor que desaguava num maior.

Parecia lógico que ela devia seguir o rio principal. No entanto, estava viajando havia três dias, numa prancha mais rápida que o normal. Talvez fosse hora de considerar a pista seguinte.

— Após quatro dias, pegue o lado desprezado — murmurou Tally.

Sob a luz da lua quase cheia, observou os dois rios. Qual deles ela desprezava? Ou qual deles ela *desprezaria* na cabeça de Shay? Os dois pareciam bem comuns. Tally tentou enxergar mais à frente: talvez um deles levasse a algo desprezível que só podia ser visto de dia.

Esperar a resposta, porém, significaria perder uma noite. E também ficar no frio e no escuro sem um saco de dormir.

Tally pensou que talvez a pista não se referisse àquele lugar. Talvez devesse permanecer no rio principal até que algo mais óbvio surgisse. Por que, afinal, Shay chamaria os dois rios de "lados"? Se estivesse falando da ramificação, não faria mais sentido dizer "pegue o caminho desprezado"?

— O lado desprezado — repetiu Tally, lembrando-se de algo.

Ela levou os dedos ao rosto. Ao mostrar seu morfo perfeito a Shay, Tally tinha explicado que sempre começava espelhando seu lado esquerdo e que odiava o lado direito de seu rosto. E aquilo era exatamente o tipo de coisa que ficaria na memória de Shay.

Então aquela seria uma maneira de dizer que ela devia pegar a direita?

Pela direita, seguia o rio menor, o afluente. As montanhas ficavam mais próximas naquela direção. Poderia estar se aproximando da Fumaça.

Tally observou os dois rios no escuro. Um grande e um pequeno. Recordou-se de Shay dizendo que a simetria dos perfeitos era besteira, que ela preferia ter um rosto com dois lados diferentes.

Até aquele momento, Tally não havia se dado conta da importância da conversa, a primeira vez que Shay tinha expressado seu desejo de permanecer feia. Se tivesse percebido na hora, talvez pudesse ter convencido Shay a desistir da fuga. E, agora, as duas estariam numa torre de festa, juntas e perfeitas.

— Então é direita mesmo — disse Tally, suspirando e apontando a prancha para o rio menor.

Quando o sol nasceu, Tally soube que fizera a escolha certa.

À medida que o afluente avançava por entre as montanhas, os campos ao seu redor se enchiam de flores. Logo as flores brancas reluzentes se espalhavam como grama, expulsando todas as outras cores da paisagem. Na luz do amanhecer, era como se a terra brilhasse de dentro para fora.

"E busque nas flores os olhos de um inseto alado", pensou Tally, tentando decidir se descia da prancha. Talvez houvesse algum inseto com olhos especiais que devesse procurar.

Ela deslizou até a margem e desceu.

As flores só acabavam na beira do rio. Tally agachou-se para examinar uma mais de perto. Cinco longas pétalas brancas curvavam-se

delicadamente para cima, a partir do caule, em torno da parte do meio, que exibia apenas um leve tom amarelado. Uma das pétalas inferiores era mais comprida e se esticava quase até a terra. De repente, um movimento chamou a atenção de Tally, que logo avistou um pequeno pássaro voando entre as flores, pulando de uma para a outra, pousando nas pétalas mais longas e dando bicadas sem parar.

"São tão belas", pensou Tally. E havia muitas, por toda parte. Ela teve vontade de se deitar no meio das flores e dormir.

No entanto, não conseguia ver nada que lembrasse "os olhos de um inseto". Tally ficou de pé novamente e observou toda a área ao seu redor. Não havia nada além das montanhas, do branco ofuscante das flores e do rio cintilante que subia o morro. Tudo parecia tranquilo, um mundo diferente daquele que a máquina voadora havia feito em pedaços na noite anterior.

Ela voltou para a prancha e seguiu em frente, mais devagar para poder procurar cuidadosamente qualquer coisa que se encaixasse à pista de Shay. E sem esquecer de aplicar mais um adesivo para se proteger do sol cada vez mais alto.

Tally subiu a montanha acompanhando o rio. Lá de cima, podia ver áreas sem flores, pedaços de solo arenoso e seco. A paisagem irregular era uma imagem estranha, como um belo quadro depois de sofrer a ação de uma lixa.

Ela desceu da prancha várias vezes para examinar as flores, à procura de insetos ou de qualquer outra coisa que correspondesse às palavras do bilhete de Shay. Mas o dia passava e nada fazia sentido.

Por volta do meio-dia, o rio afluente já estava bem mais estreito. Mais cedo ou mais tarde, Tally alcançaria sua origem, uma fonte na montanha ou um monte de neve em derretimento. Então teria de caminhar. Exausta depois da noite agitada, resolveu montar acampamento.

Seus olhos varreram o céu, tentando descobrir se haveria outras máquinas voadoras dos Enferrujados por perto. A possibilidade de uma daquelas coisas se aproximando durante seu sono a deixava aterrorizada. Quem saberia o que as pessoas no interior do veículo queriam? Se não estivesse escondida, na noite anterior, o que teriam lhe feito?

Só havia uma certeza: as células solares da prancha eram bem visíveis de cima. Tally decidiu verificar a carga. Graças à velocidade reduzida e ao sol forte no céu, restava mais da metade. Ela desdobrou a prancha, mas apenas em quatro partes, e a escondeu no meio das flores mais altas que conseguiu encontrar. Em seguida, subiu um morro próximo, de onde podia vigiar a prancha e escutar qualquer coisa que se aproximasse pelo ar. Também decidiu arrumar a mochila antes de dormir, o que permitiria uma fuga rápida, se fosse necessário.

Era tudo que podia fazer.

Depois de comer um pacote levemente repugnante de EspagBol, ela se encolheu num ponto bem escondido pelas flores. O vento fazia suas longas hastes balançarem, e as sombras dançavam nas pálpebras fechadas de Tally.

Ela se sentia meio exposta sem o saco de dormir, repousando apenas com as roupas do corpo, mas o sol quente e a longa noite de viagem logo a puseram para dormir.

Quando acordou, o mundo pegava fogo.

TEMPESTADE DE FOGO

No início, ouvia apenas um som de vento forte em seus sonhos.

Em seguida, um barulho violento preencheu o ar, os galhos secos passaram a estalar mais intensamente, e o cheiro de fumaça envolveu Tally, finalmente arrancando-a do sono, num susto.

Nuvens densas de fumaça a cercavam e escondiam o céu. Uma parede irregular de chamas movia-se por entre as flores, emitindo ondas de calor. Ela agarrou a mochila e desceu o morro, aos tropeções, fugindo do fogo.

Tally não fazia ideia de onde estava o rio. Não conseguia enxergar nada em meio à nuvem de fumaça. Seus pulmões lutavam para respirar naquele ambiente hostil.

Então ela viu alguns raios de sol atravessando a fumaça e conseguiu se localizar. O rio estava na direção do fogo, do outro lado do morro.

Depois de voltar pelo mesmo caminho, Tally olhou para baixo, por entre as chamas. O fogo estava mais forte. As labaredas subiam o morro, passando de uma linda flor a outra, deixando-as queimadas e pretas. Ela vislumbrou as águas do rio no meio da fumaça, mas o calor a obrigou a se afastar.

Acabou caindo para o outro lado novamente, tossindo e cuspindo, sem tirar um pensamento da cabeça: sua prancha teria sido engolida pelas chamas?

Tally precisava chegar ao rio. A água era o único lugar em que estaria a salvo da fúria do fogo. Como não podia passar pelo alto, talvez pudesse contornar o morro.

Desceu o barranco a toda velocidade. Havia alguns focos de incêndio naquele lado, mas nada que se comparasse ao fogo incontrolável atrás dela. Logo Tally alcançou o pé do morro e começou a circundá-lo, andando agachada para evitar a fumaça.

Na metade do caminho, deparou-se com uma área queimada, por onde o fogo já tinha passado. As frágeis hastes de flores despedaçavam-se sob seus tênis, e o calor que subia da terra carbonizada irritava seus olhos.

Ao pisar as flores queimadas, sentia um calor intenso nos pés. Seus passos estavam funcionando como um atiçador remexendo a lenha quase apagada. Tally sentia os olhos secos e o rosto muito quente.

Momentos depois, ela avistou o rio. O fogo estendia-se numa barreira contínua até a margem oposta. Um vento ruidoso o espalhava e lançava fagulhas que pousavam do lado mais próximo. Uma massa de fumaça avançou para cima de Tally, deixando-a sem enxergar e sem respirar por alguns instantes.

Quando conseguiu abrir os olhos, Tally percebeu o brilho das células solares da prancha e correu imediatamente em sua direção, ignorando as flores em brasa espalhadas pelo caminho.

A prancha parecia imune à ação do fogo, protegida pela sorte e pela camada de orvalho que sempre acumulava ao anoitecer.

Rapidamente, ela fechou a prancha e subiu a bordo, sem esperar que a luz amarela ficasse verde. Por causa do calor, o equipamento estava quase seco e se ativou ao comando de Tally. Ela foi na direção do rio e, uma vez sobre a água, passou a acompanhar a correnteza, enquanto procurava uma brecha na parede de fogo à sua esquerda.

Seus sapatos aderentes estavam arruinados, com as solas rachadas como lama ressecada. Por isso, Tally voou devagar, de vez em quando pegando água com as mãos para aliviar o calor no rosto e nos braços.

Um estrondo ressoou do seu lado esquerdo, inconfundível mesmo em meio ao barulho do fogo. Tally e a prancha foram pegos por uma ventania repentina e lançados na direção oposta. Tentando resistir, ela enfiou um pé na água, para deter a prancha. Segurou firme com as duas mãos, lutando desesperadamente para não ser jogada no rio.

Subitamente, a fumaça se dissipou, e uma forma familiar surgiu da escuridão. Era a máquina voadora, agora com o estrondo ainda mais nítido, ofuscando o fogo feroz. A ventania provocada pelo veículo atiçou as chamas, que alcançaram nova intensidade, e as fagulhas já chegavam ao outro lado do rio.

O que eles estavam *fazendo*? Não percebiam que estavam espalhando as chamas?

A pergunta foi respondida um segundo depois, quando um jato de fogo saiu da máquina, alcançando a outra margem e incendiando mais uma área coberta por flores.

Eles tinham iniciado o fogo. E agora queriam propagá-lo em todas as direções possíveis.

A máquina voadora se aproximou. Tally identificou um rosto estranho a observando do lugar do piloto e, imediatamente, girou a prancha para fugir. Mas a coisa se ergueu no ar, passou por cima dela, e logo o vento impedia qualquer ação.

Tally foi arremessada sobre a água. Antes que caísse, os braceletes antiqueda a seguraram acima da correnteza por um momento. Em seguida, porém, a ventania atingiu a prancha, muito mais leve sem a passageira, e a girou como se fosse uma folha no ar.

De mochila e tudo, Tally afundou no meio do rio.

Sob a água, estava tudo gelado e tranquilo.

Por alguns momentos, Tally sentiu somente alívio por ter escapado do vento implacável, da máquina barulhenta e do calor insuportável do incêndio. No entanto, o peso dos braceletes e da mochila a puxavam rapidamente para baixo, e o pânico passou a tomar conta de seu coração.

Agitando os braços avidamente, começou a subir em direção às luzes oscilantes da superfície. Os equipamentos e as roupas molhadas faziam muito peso, mas, quando seus pulmões pareciam prestes a explodir, ela emergiu no meio do caos. Teve tempo apenas de inalar um pouco do ar enfumaçado antes de ser atingida por uma onda. Ela tossiu e cuspiu a água, num esforço para não voltar a afundar.

Uma sombra passou por cima de Tally e deixou o céu escuro. Nesse instante, sua mão encostou em algo — um familiar revestimento de borracha...

A prancha havia voltado para buscá-la! Do jeito exato que sempre acontecia quando ela caía. Os braceletes antiqueda a levantaram até que pudesse se agarrar à superfície irregular e recuperar o fôlego.

Um apito bem agudo soou da margem. Tally piscou para tirar a água dos olhos e notou que a máquina dos Enferrujados havia pousado. Figuras pulavam do veículo e espalhavam espuma branca no chão enquanto passavam pelas flores em chamas, até entrarem no rio. Estavam atrás dela.

Tally empenhou-se para subir na prancha.

— Espere! — disse a pessoa mais próxima.

Com dificuldade, Tally ficou de pé, tentando manter o equilíbrio sobre a prancha molhada. Seus tênis, bastante queimados, estavam escorregadios. Sua mochila encharcada parecia pesar uma tonelada. Quando ela se curvou, a mão de alguém coberta por uma luva surgiu, na tentativa de agarrar a parte da frente da prancha. Em seguida, uma cabeça saiu da água, escondida por uma espécie de máscara. Olhos imensos a fitavam.

Ela deu um pisão na mão. Esmagados, os dedos se soltaram, mas, com o peso concentrado na parte da frente, a prancha inclinou-se para dentro d'água.

E Tally caiu no rio novamente.

Várias mãos a agarraram e a afastaram da prancha. Ela foi erguida e posta sobre um par de ombros largos. De relance, viu outros rostos mascarados: grandes olhos, nada humanos, observavam-na sem piscar.

Olhos de inseto.

OLHOS DE INSETO

Eles a tiraram da água e a levaram para a margem, içada pela máquina voadora.

Os pulmões de Tally estavam cheios de água e fumaça. Ela mal conseguia respirar sem que uma tosse terrível fizesse seu corpo inteiro tremer.

— Ponham a garota no chão!

— De onde ela apareceu?

— Deem um pouco de oxigênio a ela.

Eles puseram Tally de costas no chão, que estava tomado por uma grossa camada de espuma branca. Então, o homem que a havia carregado tirou a máscara com olhos de inseto, revelando algo surpreendente.

Tratava-se de um perfeito. Um perfeito jovem, tão bonito quanto Peris.

O homem botou a máscara no rosto de Tally. Sem forças, ela resistiu por um instante, mas logo um ar puro chegou aos seus pulmões. Embora se sentisse meio tonta, Tally sugava o oxigênio com gratidão.

A máscara foi retirada.

— Não exagere. Vai acabar hiperventilando.

Ela tentou falar, mas só conseguia tossir.

— Está ficando complicado — disse outra pessoa. — Jenks quer levá-la para cima.

— Jenks pode esperar.

Tally esforçou-se para falar:

— Minha prancha.

O homem reagiu com um belo sorriso e depois olhou para cima.

— Está a caminho. Ei! Alguém ponha essa coisa no helicóptero! Qual é seu nome, garota?

— Tally — respondeu, antes de outra tossida.

— Bem, Tally, está pronta para sair daqui? O fogo não vai ficar esperando.

Ela pigarreou e tossiu de novo.

— Acho que sim.

— Certo. Vamos lá.

O homem ajudou Tally a se levantar e a conduziu até a máquina. Lá dentro, onde passaram a dividir o espaço com mais três pessoas usando máscaras de inseto, o barulho era muito menor. Em seguida, a porta se fechou.

A máquina se agitou, e Tally sentiu que estavam deixando o solo.

— Minha prancha! — gritou.

— Relaxe, menina. Já cuidamos disso — disse uma mulher, tirando a máscara.

Também era uma jovem perfeita. Tally se perguntou se aquelas seriam as pessoas mencionadas no bilhete. Os "olhos de inseto". Eram *eles* que ela devia procurar?

— Ela vai ficar bem? — perguntou uma voz que surgiu no meio da cabine.

— Vai sobreviver, Jenks. Pegue o desvio de sempre e cuide do fogo no caminho de volta para casa.

Enquanto a máquina subia, Tally olhava para baixo. Estavam seguindo o curso do rio. O fogo se espalhava pela outra margem, empurrado pelo deslocamento de ar. De vez em quando, a máquina disparava uma labareda lá embaixo.

Tally observou os rostos dos membros da tripulação. Pareciam muito determinados e concentrados em suas tarefas para serem meros jovens perfeitos. Aquilo tudo era um absurdo.

— O que estão fazendo? — perguntou ela.

— Um pequeno incêndio.

— Isso eu percebi. Mas *por quê*?

— Para salvar o mundo, garota. Sentimos muito que você tenha surgido no nosso caminho.

Eles se autodenominavam guardiões.

O que a havia tirado do rio chamava-se Tonk. Todos falavam com um sotaque carregado e vinham de uma cidade que Tally não conhecia.

— Não é muito longe daqui — disse Tonk. — Mas nós, guardiões, passamos a maior parte do tempo na natureza. A base dos helicópteros de fogo fica nas montanhas.

— *Heli-quê* de fogo?

— Helicópteros. É num deles que está agora.

Depois de examinar o interior do veículo ruidoso, ela gritou:

— Isto é tão... Enferrujado!

— E é mesmo. Uma relíquia. Algumas partes têm quase duzentos anos. Produzimos cópias das peças quando começam a ficar desgastadas.

— Mas por que fazem isso?

— Eles chegam a qualquer lugar, havendo ou não uma estrutura magnética no solo. E são um instrumento perfeito para se espalhar fogo. Com certeza, os Enferrujados sabiam como criar confusão.

— E vocês espalham fogo para...

Tonk sorriu e, em seguida, pegou um dos pés de Tally. Da sola do tênis, ele tirou uma flor, que estava amassada, mas sem sinais de ter sido queimada.

— Para acabar com a *phragmipedium panthera*.

— Como é que é?

— Essa flor era uma das plantas mais raras do mundo. Uma orquídea-tigre branca. Na época dos Enferrujados, um único bulbo valia mais que uma casa.

— Uma casa? Mas existem milhões delas por aí.

— Você reparou? — Ele levantou a flor, mantendo os olhos fixos na delicada boca. — Cerca de trezentos anos atrás, uma Enferrujada descobriu uma maneira de modificar a espécie geneticamente, para que se adaptasse a uma variedade maior de condições. Ela alterou seus genes para que se espalhasse mais facilmente.

— Por quê?

— A mesma coisa de sempre. Para usar como moeda de troca. O problema é que o plano deu certo demais. Olhe para baixo.

Tally espiou pela janela. A máquina tinha ganhado altura e deixado o incêndio para trás. Lá embaixo, agora, só havia campos brancos, interrompidos apenas por alguns poucos trechos sem vegetação.

— É, parece que ela fez um bom trabalho. Mas qual é o problema? As flores são bonitas.

— Uma das plantas mais bonitas do mundo. Porém, como eu disse, deu certo demais. Ela se transformou numa cultura definitiva. Algo que chamamos de monocultura. Essas flores afastam todas as outras espécies, acabam com as árvores e a grama. E nada se alimenta delas, à exceção de

um tipo de beija-flor, que suga seu néctar. A questão é que esse beija-flor faz ninho em árvores.

— Não há nenhuma árvore lá embaixo — disse Tally. — Só as orquídeas.

— Exatamente. Esse é o significado de monocultura: tudo igual. Depois que um determinado número de orquídeas se estabelece numa área, não há beija-flores suficientes para cuidar da polinização. Sabe, para espalhar as sementes.

— A-hã, eu conheço essa história de pássaros e abelhas.

— Claro que conhece, garota. Então, vítimas de seu próprio sucesso, as orquídeas acabam morrendo, deixando uma terra sem vida para trás. Um zero biológico. Por isso, nós, os guardiões, tentamos impedir que se espalhem. Já experimentamos veneno, doenças criadas em laboratório, predadores que atacam os beija-flores... mas o fogo é a única arma que funciona de verdade. — Tonk virou a orquídea, acendeu um isqueiro e deixou que a chama tocasse a boca da flor. — E temos de agir com bastante cuidado.

Tally notou que os outros guardiões estavam limpando suas botas e uniformes, atentos a qualquer sinal de flores no meio da lama e da espuma. Ela voltou a mirar a brancura infinita.

— E vocês estão fazendo isso há quanto...

— Quase trezentos anos. Os Enferrujados começaram depois de perceberem o que tinham provocado. Mas nunca sairemos vencedores. Apenas tentamos conter a praga.

Contrariada, Tally se recostou e tossiu. Aquelas flores tão belas, delicadas e inofensivas acabavam com tudo ao seu redor.

O guardião se aproximou e lhe ofereceu o cantil. Ela aceitou a água.

— Você está indo para a Fumaça, não está? — perguntou Tonk.

— Estou, como você sabe?

— Bem, uma feia escondida no meio das flores, levando uma prancha e um kit de sobrevivência...

— Ah, claro.

Ela se lembrou da pista: “e busque nas flores os olhos de um inseto alado”. Eles já deviam ter visto outros feios.

— Nós ajudamos o pessoal da Fumaça, e eles nos ajudam — explicou Tonk. — Se quiser saber minha opinião, acho meio bizarro essa história de

viverem na natureza e continuarem feios. Mas entendem mais da vida selvagem do que a maioria dos perfeitos da cidade. É incrível.

— É, parece que sim — disse Tally.

— Parece que sim? — perguntou Tonk, com uma expressão de surpresa. — Você está indo até eles. Não devia ter certeza?

A partir daquele momento, não haveria como evitar as mentiras. Tally não podia contar que ela era uma espiã, uma infiltrada.

— É claro que tenho certeza.

— Bem, vamos desembarcá-la em breve.

— Na Fumaça?

Tonk estranhou de novo.

— Você não sabe? A localização da Fumaça é um grande segredo. Eles não confiam em perfeitos. Nem mesmo em nós, os guardiões. Vamos deixá-la no lugar de sempre. Você sabe o resto, não é?

— É óbvio. Estava só testando você.

O helicóptero pousou em meio a uma nuvem de poeira. As flores brancas se dobravam, sob a força do vento, em torno do ponto de pouso.

— Obrigada pela carona — disse Tally.

— Boa sorte. Espero que goste da Fumaça.

— Eu também.

— Se mudar de ideia, Tally, estamos sempre em busca de voluntários.

— O que são voluntários?

— São pessoas que escolhem seus próprios trabalhos — respondeu Tonk, sorrindo.

— Ah, entendi. — Tally tinha ouvido falar que aquilo era possível em algumas cidades. — Quem sabe? Enquanto isso, continue com o bom trabalho. Por falar nisso, não estão planejando botar fogo em nada aqui por perto, estão?

Todos riram.

— Só cuidamos dos limites da infestação, para evitar que as flores ampliem sua presença — explicou Tonk. — Este lugar em que estamos fica bem no meio. Não há mais esperança aqui.

Tally olhou ao redor. Em nenhuma direção, havia sinal de cores diferentes do branco. Como o sol tinha se posto uma hora antes, as orquídeas brilhavam como fantasmas sob a luz da lua. Agora que Tally

entendia a situação, a paisagem a assustava. Como era a expressão mesmo? Zero biológico.

— Beleza.

Ela desceu do helicóptero, pegou a prancha no suporte magnético localizado ao lado da porta e foi se afastando agachada, com cuidado, seguindo as orientações dos guardiões.

Logo a máquina voltou à vida. Tally observou o disco reluzente, admirada. Tonk havia explicado que era um par de lâminas finas, girando tão rápido que era impossível vê-las. Era aquilo que sustentava a estrutura no ar. Ela não sabia dizer se era brincadeira. Na verdade, parecia apenas um campo de força comum.

Enquanto a máquina manobrava, o vento voltou a ficar forte, levando Tally a segurar a prancha com firmeza. Ela acenou até o helicóptero sumir no céu escuro.

Um suspiro: estava sozinha novamente.

Observando o lugar, Tally se perguntou como encontraria os Enfumaçados no meio daquele deserto de orquídeas. “Depois na cabeça careca espere a alvorada”, dizia a última pista do bilhete de Shay. Tally deu uma geral na paisagem, e um sorriso de alívio tomou conta de seu rosto.

Havia uma montanha alta e arredondada, não muito longe dali. Devia ter sido um dos primeiros pontos de proliferação das flores geneticamente modificadas. Sua metade superior estava morrendo: não havia nada além de terra devastada pelas orquídeas.

A área descampada parecia exatamente uma cabeça careca.

Em poucas horas, ela chegou ao cume desmatado da montanha.

A prancha não tinha utilidade naquele lugar. No entanto, a caminhada era fácil graças às botas novas dadas pelos guardiões. As suas haviam se despedaçado no helicóptero, depois de mal saírem inteiras do fogo. Tonk também tinha enchido o purificador com água.

As roupas de Tally haviam começado a secar no helicóptero, e a caminhada completou o serviço. A mochila tinha sobrevivido ao afogamento, assim como os pacotes de EspagBol, mantidos secos dentro do saco impermeável. A única perda causada pelo rio, no fim, havia sido o bilhete de Shay, reduzido a uma maçaroca de papel molhado em seu bolso.

De qualquer modo, Tally estava quase lá. Enquanto observava os arredores, do alto da montanha, concluiu que, fora as bolhas nas mãos e nos pés, alguns machucados nos joelhos e umas mechas de cabelo destruídas pela fumaça, ela tinha se saído bem. Se os Enfumaçados conseguissem encontrá-la e acreditassem na sua intenção de se juntar a eles, sem suspeitarem de que era uma espiã, tudo daria certo.

Ela aguardou na montanha. Apesar de exausta, não conseguia dormir, atormentada pela pergunta: seria capaz de fazer o que a dra. Cable queria? O pingente em seu pescoço também parecia ter sobrevivido à aventura. Tally não acreditava que um pouco de água pudesse avariá-lo, mas a resposta só viria ao chegar à Fumaça e tentar ativá-lo.

Por um momento, desejou que o pingente não estivesse funcionando. Talvez uma pancada, ao longo do caminho, tivesse quebrado o mecanismo de leitura ocular. Assim, não seria capaz de enviar a mensagem à dra. Cable. Mas aquilo não era consolo. Sem o pingente, Tally estaria presa naquele ambiente selvagem. Feia para sempre.

A única maneira de voltar para casa era trair sua amiga.

MENTIRAS

Pouco depois do amanhecer, eles apareceram para pegá-la.

Tally os viu subindo por entre as orquídeas: quatro pessoas carregando pranchas, vestidas inteiramente de branco. Grandes chapéus, também brancos, de padrão camuflado, escondiam suas cabeças. Ela percebeu que, se eles se agachassem entre as flores, praticamente desapareceriam.

Aquelas pessoas faziam todo o possível para se manter escondidas.

Enquanto o grupo se aproximava, Tally reconheceu as tranças de Shay, balançando sob um dos chapéus, e começou a acenar agitadamente. Seu plano inicial era seguir as orientações ao pé da letra e aguardar no alto da montanha. Entretanto, assim que viu a amiga, decidiu pegar a prancha e descer a toda.

Infiltrada ou não, Tally não aguentava mais esperar para reencontrar Shay.

A figura alta e magricela se separou das outras e correu em sua direção. As duas se abraçaram, aos risos.

— É você *mesmo*! Eu sabia!

— Claro que sou eu, Shay. Não aguentava mais ficar longe de você.

Aquilo não deixava de ser verdade.

— Quando vimos o helicóptero, ontem à noite, a maioria achou que devia ser outro grupo — contou Shay, sem perder o sorriso. — Eles diziam que já tinha passado muito tempo e que era hora de eu esquecer.

Tally tentou retribuir o sorriso, sem saber se havia recuperado tempo o bastante para parecer convincente. Mal podia acreditar que tinha iniciado a jornada quatro dias *depois* do seu aniversário de 16 anos.

— Quase fiquei perdida. Não podia ter deixado um bilhete mais obscuro?

— Ah. — Shay ficou meio sem graça. — Achei que fosse entender.

Sem suportar a imagem de Shay se culpando, Tally balançou a cabeça.

— Na verdade, o bilhete estava óbvio. Eu é que sou uma estúpida. A pior parte foi quando encontrei as flores. Os guardiões não me viram logo de cara e por pouco não acabei tostada.

Os olhos de Shay se encheram de preocupação ao verem o rosto arranhado e queimado, as bolhas nas mãos e o cabelo arrasado de Tally.

— Ai, Tally! Parece que você saiu de uma zona de guerra.

— Quase isso.

Os outros três feios se aproximaram, mas não se juntaram às duas. Um garoto ergueu um aparelho no ar.

— Ela está suja.

— O quê? — reagiu Tally, quase paralisada.

Gentilmente, Shay tirou a prancha de suas mãos e a entregou ao garoto. Depois de fazer uma varredura com o aparelho, ele assentiu e arrancou uma das aletas de estabilização.

— Vejam só.

— Às vezes, eles botam localizadores nas pranchas de longa distância — explicou Shay. — Para ver se acham a Fumaça.

— Ah, sinto muito... Eu não sabia. Juro!

— Relaxe, Tally — disse o garoto. — Não é sua culpa. Também havia um na prancha de Shay. É por isso que encontramos os novatos aqui. — Ele mostrou o localizador novamente. — Vamos levar isso para um lugar qualquer e colá-lo numa ave migratória. Quem sabe os Especiais não gostam da América do Sul?

Todos os Enfumaçados caíram na risada antes de o garoto chegar mais perto para examinar o corpo de Tally. Ela tentou recuar quando o aparelho passou perto do pingente. Mas o garoto apenas sorriu.

— Tudo bem. Você está limpa.

Tally deu um suspiro de alívio. Agora entendia tudo: como ela ainda não havia ativado o pingente, o aparelho não tinha indicado nada. O outro dispositivo era apenas um recurso usado pela dra. Cable para despistar os Enfumaçados — fazê-los baixar a guarda. A verdadeira ameaça, afinal, era Tally.

Shay ficou ao lado do companheiro e segurou sua mão.

— Tally, este aqui é David.

Ele sorriu. Embora fosse um feio, tinha um belo sorriso. E seu rosto demonstrava um tipo de confiança que Tally nunca vira num feio. Talvez fosse alguns anos mais velho que ela. Tally não conhecia pessoas que tinham amadurecido naturalmente depois dos 16 anos. Não sabia o quanto de ser feio era apenas uma consequência daquela idade complicada.

Por outro lado, David estava longe de ser um perfeito. Seu sorriso era torto, e sua testa, grande demais. De qualquer jeito, feios ou não, era bom ver Shay, David... todos eles. Fora os momentos surpreendentes com os guardiões, tinha passado muito tempo sem ver rostos humanos.

— Então, o que você tem aí?

— Ahn?

Croy era outro feio do grupo de resgate. Embora também parecesse ter mais de 16 anos, a idade não lhe caía tão bem quanto em David. Em algumas pessoas, a operação era uma necessidade maior. Ele se ofereceu para levar a mochila.

— Ah, obrigada — disse Tally, com os ombros doloridos de carregar o peso durante uma semana.

Enquanto caminhavam, Croy abriu a mochila para conferir seu conteúdo.

— Purificador. Localizador. — Ele abriu o saco impermeável. — Espagbol! Que delícia!

Tally fez um som de nojo.

— Pode ficar com isso.

— Posso? — perguntou ele, surpreso.

Nessa hora, Shay se intrometeu e tirou a mochila de suas mãos.

— Não, não pode.

— Ei, comi esse negócio três vezes por dia nos últimos... por uma eternidade — disse Tally.

— Eu sei. Mas comida desidratada é difícil de se encontrar na Fumaça — explicou Shay. — É melhor guardar para trocar.

— Trocar? O que você quer dizer?

Na cidade, os feios às vezes negociavam pequenas tarefas ou objetos roubados. Mas *comida*? Shay deu uma risada.

— Vai se acostumar. Na Fumaça, as coisas não brotam das paredes. Você precisa cuidar do que trouxe. Não saia dando a qualquer um que pedir — reforçou ela, olhando para Croy, que agora se mostrava envergonhado.

— Eu ia dar alguma coisa em troca — disse ele.

— Claro que ia — opinou David.

Durante a caminhada, Tally reparou que a mão de David tocava de leve no ombro de Shay. Lembrou-se de como ela costumava falar nele — como se fosse um sonho. Talvez a perspectiva de liberdade não fosse a única razão de sua amiga ter fugido para lá.

Eles alcançaram o limite do campo de flores, uma área cheia de árvores e arbustos que começava aos pés de uma montanha muito alta.

— Como evitam que as orquídeas se espalhem? — perguntou Tally.

Os olhos de David brilharam, como se aquele fosse seu assunto preferido.

— A antiga floresta consegue detê-las. Está aí há séculos. Provavelmente desde antes dos Enferrujados.

— Milhares e milhares de espécies vivem nela — acrescentou Shay. — Por isso, ela é forte o suficiente para manter a praga afastada — completou, buscando um olhar de aprovação de David.

— O resto da terra era parte de fazendas ou pasto — prosseguiu ele, apontando para a vasta área branca. — Os Enferrujados já tinham devastado tudo antes da chegada da praga.

Bastaram alguns minutos na floresta para Tally compreender por que as orquídeas não tinham chance. Por todos os lados, o mato cerrado e as árvores de troncos grossos se uniam em barreiras intransponíveis. Mesmo na trilha estreita, a toda hora ela esbarrava em galhos e ramos ou tropeçava em raízes e pedras. Nunca tinha visto um mato tão selvagem e pouco acolhedor. Trepadeiras cheias de espinhos se prolongavam na semiescuridão como uma proteção de arame farpado.

— Vocês *vivem* aqui? — perguntou ela.

— Calma — respondeu Shay, rindo. — Ainda falta um pouco. Só estamos nos assegurando de que não há ninguém nos seguindo. A Fumaça fica num ponto muito mais alto, onde não existem tantas árvores. Estamos chegando ao riacho. Logo subiremos nas pranchas.

— Legal.

Seus pés já estavam esfolados dentro das botas novas. Pelo menos, eram mais quentes que seus tênis antiderrapantes e muito melhores para caminhadas. Imaginava como seria se não as tivesse ganhado dos guardiões. Como conseguiria novos sapatos na Fumaça? Seria preciso trocar por toda sua comida? Ou teria de fabricar um par por conta própria? Ela observou os pés de David, que estava à sua frente, e achou que realmente pareciam

feitos à mão, como um monte de pedaços de couro costurados de um modo grosseiro. Estranhamente, porém, ele se movia graciosamente pelo mato, silencioso e confiante, enquanto os demais avançavam como uma manada de elefantes.

A simples ideia de produzir um par de calçados com as próprias mãos deixou Tally desnorteada.

Respirando fundo, ela tentou se lembrar de que nada daquilo importava. Assim que alcançasse a Fumaça, poderia ativar o pingente. Estaria em casa em questão de um dia. Talvez de horas. E, então, teria toda a comida e a roupa que quisesse, bastando pedir. E, finalmente, um rosto perfeito. E Peris e todos seus antigos amigos por perto.

Depois de muita espera, aquele pesadelo chegaria ao fim.

Em pouco tempo, o som de água corrente se espalhou pela floresta, e eles encontraram uma pequena clareira. David pegou seu aparelho novamente e o apontou para a trilha da qual haviam saído.

— Nada — anunciou ele, sorrindo para Tally. — Parabéns. Agora você é uma de nós.

Shay deu um riso emocionado e abraçou Tally, enquanto os outros preparavam suas pranchas.

— Ainda não acredito que você veio. Achei que eu tivesse estragado tudo. Demorei tanto para falar da ideia de fugir. E fui tão estúpida por provocar uma briga em vez de simplesmente contar o que queria fazer.

— Você já tinha contado tudo, só que eu não queria ouvir. Depois que entendi que estava falando sério, eu só precisava parar para pensar. Levei um tempo... cada minuto até a última noite antes do meu aniversário. — Tally respirou fundo, perguntando-se por que estava mentindo daquele jeito, sem necessidade. Devia simplesmente calar a boca, chegar à Fumaça e resolver o assunto. Mas ela prosseguiu. — Aí me dei conta de que nunca mais veria você se não viesse. E ficaria sempre me perguntando como teria sido.

Pelo menos, aquela última parte era verdade.

À medida que eles subiam a montanha, o riacho foi se alargando, abrindo caminho floresta adentro. As árvores baixas e retorcidas deram lugar a pinheiros altos, e a vegetação rasteira tornou-se mais densa. Em

certos trechos, a corrente era mais forte. Shay gritou ao passar pela espuma produzida pela água agitada.

— Estava ansiosa para mostrar isso! E olha que as corredeiras *realmente* bacanas ficam do outro lado.

Passado um tempo, eles deixaram o riacho e seguiram um veio de ferro que atravessava um espinhaço. Lá de cima, podiam ver um pequeno vale, praticamente sem vegetação. Shay segurou a mão de Tally.

— Ali está. Nosso lar.

A Fumaça ficava logo abaixo.

A MODELO

A Fumaça era realmente enfumaçada.

Espalhadas pelo vale, havia fogueiras, e pequenos grupos de pessoas em volta. O cheiro de madeira queimada e de comida alcançava Tally, fazendo-a se lembrar de acampamentos e festas ao ar livre. Além da fumaça, via-se uma névoa matutina, uma faixa branca descendo de nuvens posicionadas ao lado da montanha mais alta. Alguns painéis solares refletiam uma luz tênue. Canteiros separavam as construções — cerca de vinte estruturas de um único andar feitas com longas tábuas de madeira. Havia madeira por toda parte: em cercas, áreas de cozinha, passarelas sobre partes enlameadas e grandes pilhas ao lado das fogueiras. Tally se perguntava onde arranjavam tanta madeira.

Então viu os tocos nos limites do vilarejo e ficou chocada.

— Árvores... — disse baixinho, horrorizada. — Vocês derrubam árvores.

— Só aqui neste vale — explicou Shay, apertando sua mão. — No começo, parece estranho, mas era assim que os Pré-Enferrujados viviam, sabia? E estamos plantando árvores no outro lado da montanha, tomando a área das orquídeas.

— Entendi — disse Tally, desconfiada. Ela observou um grupo de feios movendo uma árvore caída, empurrando-a com ajuda de duas pranchas. — Vocês têm uma estrutura magnética?

— Em alguns pontos — respondeu Shay, orgulhosa. — Recolhemos um monte de metal de uma ferrovia. Uma estrutura parecida com a que você seguiu no litoral. Construímos alguns caminhos por dentro da Fumaça e pretendemos cobrir todo o vale. Estou trabalhando nesse projeto. Contamos alguns passos e enterramos um pedaço de ferro-velho. Como tudo por aqui, é mais difícil do que parece. Você não *acreditaria* em como uma mochila cheia de aço é pesada.

David e os outros já estavam descendo, deslizando em ordem por entre duas fileiras de pedras pintadas de laranja fluorescente.

— É um dos caminhos? — perguntou Tally.

— É, sim. Vamos lá. Vou levá-la à biblioteca. Quero que conheça o Chefe.

Shay explicou que o Chefe não estava realmente no comando. Ele apenas fingia estar, especialmente diante de novatos. O único lugar em que mandava de fato era a biblioteca, o maior prédio na praça central do vilarejo.

Na entrada, o cheiro familiar dos livros empoeirados chamou a atenção de Tally. Ao olhar ao redor, ela notou que a biblioteca não tinha muita coisa além de livros. Nada de telão no ar ou telas individuais de trabalho. Apenas pares trocados de mesas e cadeiras e corredores intermináveis de estantes.

Shay levou Tally a área central do lugar, onde um balcão arredondado era ocupado por um sujeito pequeno que falava num telefone antigo. Enquanto se aproximava, Tally sentia o coração bater acelerado. Temia o que estava prestes a ver.

O Chefe era um feio *velho*. Antes de entrar, Tally havia visto alguns deles, a certa distância, mas tinha conseguido desviar os olhos a tempo. Agora estava cara a cara com a verdade enrugada, venosa, esmaecida, grosseira, terrível. Seus olhos caídos avaliavam os visitantes enquanto ele discutia com quem quer que estivesse do outro lado da linha. Ao mesmo tempo em que disparava a voz ruidosa, agitava um braço para que fossem embora.

Dando uma risadinha, Shay levou Tally para perto das estantes.

— Ele vai acabar nos chamando. Antes quero mostrar uma coisa a você.

— Coitado...

— Quem, o Chefe? Sinistro, não é? Ele tem uns *quarenta*! Espere só até conversar com ele.

Tally tentou apagar da cabeça a imagem de sua fisionomia decadente. Aquelas pessoas devem estar fora de si para suportarem aquilo, para *desejarem* aquilo.

— O rosto dele...

— Ainda não viu nada. Dá uma olhada nisso aqui.

Shay fez Tally se sentar a uma mesa, foi a uma prateleira e puxou alguns volumes mantidos em capas protetoras. Ela os jogou na frente da amiga.

— Livros de papel? O que têm de mais?

— Não são livros. Se chamam "revistas" — explicou Shay. Ela abriu um exemplar e apontou para as páginas. Eram todas estranhamente brilhantes e cheias de fotos. De pessoas.

Feios.

Os olhos de Tally demonstravam espanto enquanto Shay virava as páginas, sempre apontando e rindo. Ela nunca tinha visto tantos rostos tão diferentes. Bocas, olhos e narizes de todos os formatos possíveis, combinados de um jeito absurdo, em pessoas de todas as idades. E os *corpos*? Alguns eram monstruosamente gordos ou estranhamente musculosos ou perturbadoramente magros. E quase todos apresentavam proporções desequilibradas e feias. No entanto, em vez de demonstrarem vergonha por causa de suas deformidades, as pessoas davam risadas, trocavam beijos e posavam, como se as fotos tivessem sido tiradas numa grande festa.

— Quem são esses esquisitos?

— Eles não são esquisitos — disse Shay. — O engraçado é que são pessoas famosas.

— Famosas por quê? Por serem horríveis?

— Não. São esportistas, atores, artistas. Acho que os caras de cabelo comprido são músicos. Os mais feios são políticos. Alguém me disse que os gordinhos, na maioria, são comediantes.

— É curioso mesmo. Curioso no sentido de estranho — disse Tally. — Então era assim a aparência das pessoas antes do primeiro perfeito? Como é que as pessoas conseguiam encarar essas coisas?

— Sei que, no início, é meio assustador. Mas, se você continuar olhando por um tempo, acaba se acostumando.

Shay avançou até uma foto de página inteira de uma mulher vestindo roupas íntimas bem justas, como uma espécie de biquíni de renda.

— Mas o que... — surpreendeu-se Tally.

— É isso aí.

A mulher parecia estar passando fome. No tronco, as costelas se destacavam, e as pernas eram tão finas que Tally não entendia como aguentavam o peso do corpo. Os cotovelos e os ossos pélvicos eram pontudos. Apesar de tudo, a mulher sorria e aparentava se orgulhar do corpo, como alguém que tivesse acabado de passar pela operação sem perceber que haviam retirado gordura demais. O curioso era que seu rosto

estava mais perto de ser perfeito do que o resto. Ela possuía olhos grandes, pele sedosa e nariz pequeno, mas as maçãs do rosto eram protuberantes, praticamente visíveis sob a pele.

— Que tipo de pessoa é ela?

— Uma modelo.

— E o que seria isso?

— Seria uma perfeita profissional. Quando todo mundo é feio, acho que ser belo vira uma espécie de trabalho.

— E por que ela está de calcinha? — perguntou Tally, antes de se lembrar de algo. — Ela tem aquela doença! Aquela que os professores sempre mencionavam.

— Provavelmente. Sempre achei que não passasse de uma invenção para nos assustar...

Antes de a operação existir, muitas pessoas, principalmente mulheres jovens, sentiam tanta vergonha de serem gordas que simplesmente paravam de comer. Perdiam peso rápido demais. Sem conseguir se controlar, continuavam emagrecendo até acabarem no mesmo estado daquela "modelo". Na escola, diziam que algumas chegavam a morrer. Essa foi uma das justificativas da operação. Como todos sabiam que se tornariam perfeitos aos 16 anos, ninguém desenvolvia a doença. Na verdade, a maioria se empanturrava antes da operação, sabendo que a gordura seria mesmo retirada.

Tally olhou bem para a foto e sentiu um arrepio. Por que retornar *àquilo*?

— Esquisito, né? — disse Shay, virando-se em seguida. — Vou ver se o Chefe já pode nos ver.

Antes que a amiga saísse de vista, Tally reparou como Shay era magra. Não como uma pessoa doente; era apenas uma feia magra, que não tinha o hábito de comer muito. Tally se perguntou se, na Fumaça, aquilo se tornaria cada vez mais grave, até Shay morrer de fome.

Ela levou um dedo ao pingente. Era sua chance. Poderia resolver tudo naquele exato momento.

Aquelas pessoas haviam se esquecido de como era o mundo antigo. Sim, podiam até estar se divertindo, acampando e brincando de esconder, numa grande provocação às cidades. No entanto, por alguma razão, ignoravam que os Enferrujados haviam agido como desequilibrados, chegando perto

de destruir o mundo, de mil maneiras diferentes. A fome daquela quase perfeita era apenas uma delas. Por que voltar àquele tipo de coisa?

Eles já andavam cortando *árvores* naquele lugar.

Tally abriu o pingente de coração e observou o pequeno orifício por onde o laser leria sua impressão ocular. Com a mão trêmula, aproximou-o do rosto. Era besteira esperar. Só ficaria mais difícil.

E que opção ela tinha?

— Tally, ele está quase...

Ela fechou o pingente e o jogou para dentro da camisa. Shay deu um sorriso malicioso.

— Eu tinha reparado nisso aí. Qual é o lance? — perguntou.

— Do que está falando?

— Ah, não enrola. Você nunca usou esse tipo de coisa. Foi só passar duas semanas sozinha para ficar toda romântica? — Tally olhou para o coração, sem saber o que dizer. — O cordão é bem bonito. Lindo. Mas de quem você ganhou, Tally?

— De uma pessoa. Apenas uma pessoa — respondeu Tally, sem conseguir mentir.

— Um casinho de última hora, hein? Sempre achei que estivesse se guardando para o Peris.

— Não é nada disso. É que...

Por que não contar tudo de uma vez? Shay acabaria entendendo quando os Especiais aparecessem. Se soubesse antes, pelo menos poderia se preparar, antes que aquele mundo de fantasia fosse abaixo.

— Preciso contar uma coisa — disse Tally.

— Pode contar.

— A minha vinda até aqui é uma espécie de... quando eu fui fazer minha...

— O que vocês estão *fazendo*?

Tally quase morreu de susto ao ouvir aquela voz áspera. Era uma versão ao mesmo tempo envelhecida e estridente da voz da dra. Cable. Uma gilete enferrujada cortando seus nervos.

— Essas revistas têm mais de trezentos anos, e vocês estão sem luvas!

Enquanto ia até a cadeira de Tally, o Chefe tirou do bolso um par de luvas de lã e as calçou. Depois, deu a volta para fechar o volume que ela estava lendo.

— Seus dedos estão cobertos por ácidos muito perigosos, minha jovem. Se não tomar cuidado, vai fazer essas revistas apodrecerem. Antes de bisbilhotar a coleção, venha falar comigo!

— Desculpa, Chefe — interveio Shay. — Foi culpa minha.

— Não duvido disso — disse ele, pondo as revistas no lugar, com movimentos elegantes e cuidadosos, que contrastavam com suas palavras duras. — Agora, minha jovem, imagino que esteja aqui para a vaga de trabalho.

— Trabalho? — perguntou Tally.

Diante da expressão de espanto da amiga, Shay caiu na gargalhada.

TRABALHO

Todos os Enfumaçados almoçavam juntos, exatamente como os feios no alojamento.

Estava na cara que as mesas compridas eram feitas de troncos de árvores. Os móveis apresentavam nós e verticilos, e veios ondulados percorriam sua superfície. Eram mesas rústicas e bonitas, mas Tally não conseguia ignorar o fato de que as árvores haviam sido derrubadas ainda vivas.

Ela ficou feliz ao ser levada por Shay e David para perto da grande lareira, lá fora, onde um grupo de feios mais jovens se reunia. Era um alívio se afastar das árvores caídas, bem como dos feios mais velhos — e mais perturbadores. Ali, pelo menos, todos os Enfumaçados podiam passar por estudantes. Embora não tivesse experiência em estimar a idade de um feio, Tally estava mais ou menos certa. Dois haviam acabado de chegar de outra cidade — sequer tinham 16 anos. Os outros três — Croy, Ryde e Astrix — eram amigos de Shay, do grupo que tinha fugido junto antes de Tally e Shay se conhecerem.

Vivendo na Fumaça havia menos de cinco meses, os amigos de Shay já demonstravam a mesma autoconfiança de David. De alguma maneira, tinham a autoridade dos perfeitos de meia-idade, ainda que sem o maxilar imponente, os olhos levemente destacados e as roupas elegantes. Durante o almoço, conversavam sobre os projetos em que estavam envolvidos. Um canal para desviar um afluente do rio até mais perto da Fumaça; novos padrões para a lã usada nos suéteres que vestiam; uma nova latrina. (Tally não fazia ideia do que fosse uma "latrina".) Eles pareciam muito sérios, como se suas vidas se resumissem a uma jogada, que tinha de ser planejada e replanejada todos os dias.

A comida formava montes de tamanho respeitável sobre os pratos. Era pesada, de um jeito a que Tally não estava acostumada, e tinha um gosto acentuado, como quando sua turma de história da alimentação tentava cozinhar sozinha. Por outro lado, os morangos eram doces, sem precisar de açúcar, e, embora parecesse estranho comê-lo puro, o pão dos enfumaçados

apresentava um sabor próprio, sem acrescentar nada. Obviamente, Tally devoraria com prazer qualquer coisa que não fosse EspagBol.

Ela não perguntou, contudo, o que tinha no ensopado. A imagem das árvores mortas era tormento suficiente para aquele dia.

Enquanto esvaziavam os pratos, os amigos de Shay enchiam Tally de perguntas sobre a cidade. Resultados das competições dos alojamentos, resumos das novelas, novidades da política. Tinha ouvido a respeito de mais alguém fugindo da cidade? Tally respondia a tudo da melhor maneira possível. E ninguém tentava esconder a saudade. Seus rostos pareciam muitos anos mais jovens ao se lembrarem de antigos amigos e brincadeiras.

Então Astrix perguntou sobre sua jornada até a Fumaça.

— Para ser sincera, foi bem fácil, depois que peguei o espírito das dicas deixadas por Shay.

— Não foi tão fácil — comentou David. — Você levou o quê? Uns dez dias?

— Saiu de lá na noite anterior ao nosso aniversário, não foi? — perguntou Shay.

— À meia-noite — disse Tally. — Nove dias... e meio.

— Levou um tempo para os guardiões encontrarem você, hein? — estranhou Croy.

— Acho que sim. E quase fizeram churrasco de mim. Estavam causando um incêndio gigantesco e meio que perderam o controle.

— Sério? Caramba.

Os amigos de Shay mostraram-se surpresos.

— Minha prancha quase foi queimada. Tive de salvá-la e pular no rio.

— É por isso que seu rosto está assim? — perguntou Ryde.

Tally tocou a pele descascando em seu nariz.

— Ah, isso aqui é...

"Queimadura de sol", pensou em dizer. Mas os rostos dos outros revelavam um encantamento pela história. Depois de tanto tempo sozinha, Tally estava gostando de ser o centro das atenções.

— Havia fogo por toda parte. Meus tênis derreteram quando atravessei um campo imenso de flores em chamas.

— Que radical — disse Shay, assobiando.

— É estranho. Os guardiões costumam ficar atentos a nós — observou David.

— Bem, acho que não me viram. — Tally preferiu não mencionar o fato de que tinha escondido a prancha de propósito. — Enfim, eu estava no rio e nunca tinha visto um helicóptero, exceto no dia anterior. E essa coisa apareceu, fazendo um barulhão no meio da fumaça, empurrando o fogo na minha direção. E claro que eu não tinha ideia de que os guardiões eram os mocinhos da história. Achei que fossem uns Enferrujados piromaníacos saídos da tumba!

Todos riram. Tally se sentiu bem recebendo a atenção do grupo. Era como contar a companheiros de dormitório sobre algum truque, mas na verdade muito melhor, porque ela tinha mesmo sobrevivido a uma situação de vida ou morte. David e Shay estavam engolindo tudo. E Tally ficou feliz por ainda não haver ativado o pingente. Não seria capaz de ficar ali, deleitando-se com a admiração dos Enfumaçados, se tivesse acabado de trair todos eles. Decidiu esperar até a noite, quando estivesse sozinha, para fazer o que devia fazer.

— Deve ter sido assustador — disse David, tirando Tally de seus pensamentos incômodos. — Ficar sozinha no meio das orquídeas, por todos estes dias, esperando.

— Até achei as flores bonitas. Não sabia da história toda de serem uma superpraga.

— Você não contou *nada* no bilhete? — perguntou David a Shay.

— Você me disse para não contar nada que pudesse indicar a localização da Fumaça. Então usei um código. Ou algo parecido — explicou Shay, constrangida.

— Parece que seu código quase provocou a morte dela — disse David, deixando Shay arrasada. — Quase ninguém faz essa viagem sem companhia. Não na primeira vez em que sai da cidade.

— Eu já tinha saído da cidade antes — disse Tally, abraçando Shay, na tentativa de confortá-la. — Deu tudo certo. Para mim, não passava de um monte de flores bonitinhas. E comecei a viagem com comida para duas semanas.

— Por que pegou tanto EspagBol? — perguntou Croy. — Você deve adorar esse negócio.

Todos caíram na gargalhada, e Tally esboçou um sorriso.

— Nem me dei conta na hora. Três pacotes de EspagBol por dia, durante nove dias. Mal conseguia engolir aquilo depois do segundo dia.

Mas a fome não deixava escolha.

Os outros concordaram. Eles pareciam entender bem de viagens difíceis — e, pelo visto, de trabalho duro também. Tally já tinha reparado na quantidade de comida consumida no almoço. Pensando bem, Shay não devia correr tanto risco assim de desenvolver a doença da fome. Ela havia acabado com a montanha que cobria seu prato.

— Fico feliz que tenha conseguido — disse David. Em seguida, esticou o braço e tocou de leve nos arranhões no rosto de Tally. — Parece que passou por mais aventuras do que está nos contando.

Tally deu de ombros, nervosa, torcendo que os outros interpretassem seu comportamento como humildade. Shay sorriu e abraçou David.

— Sabia que você ia achar Tally muito legal.

O toque de um sino fez todos se apressarem para terminar a refeição.

— O que foi isso? — perguntou Tally.

— Hora de voltar ao trabalho — respondeu David, rindo.

— Você vem com a gente — disse Shay. — Não se preocupe. Vai dar tudo certo.

A caminho do trabalho, Shay falou mais sobre as montanhas-russas longas e planas conhecidas como ferrovias. Algumas prolongavam-se pelo continente inteiro, uma pequena parte da herança dos Enferrujados que ainda marcava a terra. Diferentemente da maioria das ruínas, as ferrovias eram úteis, e não apenas para se voar em pranchas. Também eram a principal fonte de metal dos Enfumaçados.

David tinha descoberto uma nova linha cerca de um ano antes. Como não levava a qualquer região de interesse, ele havia elaborado um plano para retirar o metal dos trilhos e ampliar a estrutura para pranchas dentro e em torno do vale. Shay trabalhava nesse projeto desde sua chegada à Fumaça, dez dias antes.

Seis dos feios subiram em suas pranchas e foram até o outro lado do vale, descendo um córrego de águas brancas e depois seguindo por um espinhaço repleto de minério de ferro. Naquele ponto, Tally se deu conta do tamanho da subida desde que havia deixado o litoral. O continente inteiro parecia se estender diante deles. Um pequeno conjunto de nuvens escondia a parte mais alta, logo à frente, mais florestas, campos e rios sinuosos podiam ser vistos em meio à névoa. Ela também enxergava o

oceano de orquídeas, reluzindo sob o sol, como um deserto entranhado na terra.

— É tudo tão grandioso — murmurou Tally.

— É isso que ninguém percebe lá de dentro — disse Shay. — Como a cidade é pequena. Como eles têm de manter a pequenez de todos para que permaneçam presos.

Apesar de assentir, Tally não gostou de imaginar toda aquela gente solta nos campos ao seu redor, derrubando árvores e matando animais para se alimentar, andando naquela paisagem como uma máquina ressuscitada dos Enferrujados.

Mesmo assim, não trocaria aquele momento por nada. Gostava de ficar parada ali, observando os campos espalhados lá embaixo. Tally havia passado quatro anos olhando para a paisagem de Nova Perfeição, pensando se tratar da mais bela vista no mundo, mas agora tinha mudado de opinião.

Mais para baixo e quase do outro lado da montanha, outro rio cruzava os trilhos de David. A rota que ia da Fumaça até lá desviava em vários pontos, tirando proveito dos veios de ferro, rios e leitos secos, mas em nenhum momento eles precisaram descer das pranchas. Segundo Shay, caminhar não seria uma opção quando voltassem carregados de metal pesado.

Os trilhos estavam cobertos por trepadeiras e árvores atrofiadas, com todos os dormentes de madeira presos sob os tentáculos vegetais. A floresta tinha sido derrubada em algumas áreas, em torno de segmentos desaparecidos de ferrovia, mas mantinha o resto sob seu rígido domínio.

— Como vamos tirar isso daqui? — perguntou Tally, chutando uma raiz retorcida e se sentindo impotente diante da força da natureza.

— Veja isso — disse Shay. Ela tirou uma ferramenta da mochila: uma barra quase da altura de Tally. Shay girou uma ponta, fazendo com que quatro braços se abrissem, como a estrutura de um guarda-chuva. — Isso é conhecido como macaco e consegue mover praticamente qualquer coisa.

Shay mexeu novamente no cabo, e os braços se retraíram. Em seguida, enfiou uma ponta do macaco sob um dormente. Assim que ela girou o pulso, o equipamento começou a tremer, e um som gutural saiu da madeira. Os pés de Shay escorregaram, mas ela jogou seu peso contra o macaco, mantendo-o sob o dormente. Lentamente, a madeira antiga começou a subir, soltando-se das plantas e torcendo o trilho que a atravessava. Tally

viu os braços do macaco se desdobrando, aos poucos, e forçando o dormente para cima. Os trilhos se soltaram da fixação. Shay virou-se para ela sorrindo.

— Eu não falei?

— Quero tentar — disse Tally, estendendo a mão, ainda impressionada.

Shay sorriu e tirou outro macaco da mochila.

— Arranque aquele dormente, enquanto mantenho esse aqui levantado.

O macaco era mais pesado do que parecia, mas seu funcionamento era simples. Tally o abriu e o enfiou sob o dormente indicado por Shay. Depois, girou o cabo lentamente, até que o macaco começou a vibrar em suas mãos.

Quando a madeira se mexeu, Tally sentiu toda a pressão do metal e do chão. Finalmente, as raízes se soltaram, causando uma trepidação, que mais parecia o reflexo de um terremoto distante. Um gemido metálico preencheu o ar quando os trilhos começaram a se dobrar, libertando-se da vegetação e dos cravos enferrujados que os mantinham presos havia séculos. Porém, mesmo com o macaco completamente aberto, os trilhos ainda não estavam totalmente livres de suas amarras ancestrais. Tally e Shay tiveram de se esforçar para arrancá-los.

— Está se divertindo? — perguntou Shay, limpando o suor da testa.

Sorrindo, Tally fez que sim.

— Não fique parada aí, Shay. Vamos acabar com isso

DAVID

Algumas horas depois, havia uma pilha de ferro-velho numa extremidade da clareira. Cada pedaço de trilho demandava uma hora de trabalho para ser retirado e os seis do grupo para ser transportado. Os dormentes formavam outro monte; pelo menos, a madeira usada pelos Enfumaçados não vinha de árvores vivas. Tally mal conseguia acreditar na quantidade de material que haviam recuperado literalmente libertando os trilhos da prisão da floresta.

Também não acreditava no que via em suas mãos. Estavam vermelhas, lanhadas, doloridas e cheias de bolhas.

— Estão horríveis, hein — comentou David, espiando por cima do ombro de Tally, que permanecia impressionada.

— A *sensação* é horrível — disse ela. — E só agora que eu percebi.

— O trabalho é uma boa distração. Mas talvez seja melhor dar uma parada. Estou saindo para ver se encontro outro ponto da ferrovia para retirada de material. Quer vir junto?

— Claro — respondeu Tally, aliviada.

Pensar em segurar o macaco de novo já fazia suas mãos tremerem.

Deixando os outros na clareira, os dois saíram de prancha, passando por cima das árvores retorcidas e seguindo o caminho quase invisível escondido sob a densa floresta. David voava baixo, desviando com habilidade de troncos e cipós, como se praticasse slalom num circuito conhecido. Tally notou que, a exemplo dos tênis, *todas* as suas roupas eram feitas à mão. Enquanto na cidade só se usavam costuras como enfeites, o casaco de David parecia ser produto da junção de uma dezena de pedaços de couro, de tons e tamanhos diferentes. Aquela colcha de retalhos lembrava Tally do monstro de Frankenstein, o que, por sua vez, levou um pensamento terrível à sua mente.

E se aquilo fosse couro *legítimo*, como se fazia antigamente? E se fosse pele de animal?

Ela sentiu um arrepio. Não acreditava que ele estivesse vestindo um monte de animais mortos. Não estava diante de selvagens. Apesar de tudo,

admitia que o casaco caía bem em David, o couro se ajustava perfeitamente aos seus ombros — e evitava os galhos de maneira mais eficiente do que a jaqueta de microfibra do alojamento.

David desacelerou quando alcançaram uma área desmatada. Tally percebeu que havia um paredão de pedra logo adiante.

— Que esquisito — comentou.

Os trilhos pareciam ir de encontro à montanha, desaparecendo no meio dos rochedos.

— Os Enferrujados levavam a sério essa história de caminhos retos — disse David. — Quando construíam ferrovias, não gostavam de fazer desvios.

— Então eles simplesmente *atravessavam* as coisas?

— Isso. Aqui havia um túnel aberto bem no meio da montanha. Deve ter desmoronado em algum momento após o pânico se espalhar entre os Enferrujados.

— Você acha que havia alguém... lá dentro? Quero dizer, na hora em que isso aconteceu?

— Provavelmente, não. Mas não temos como saber. Talvez exista uma pilha de esqueletos de Enferrujados aí dentro.

Tally engoliu em seco ao pensar no que poderia haver no interior da montanha, esmagado e preso durante séculos, no escuro.

— A floresta é bem menos fechada por aqui — disse David. — É mais fácil fazer nosso trabalho. Minha preocupação é esses rochedos caírem quando começarmos a retirar o material.

— Parecem estar bem firmes.

— Acha mesmo? Dá uma olhada nisso.

David desceu da prancha e pisou num rochedo. Demonstrando habilidade, subiu até um ponto na sombra. Tally se aproximou e saltou sobre uma pedra ao lado de David. Assim que seus olhos se adaptaram a baixa luminosidade, ela notou um grande espaço entre as duas rochas. David se esgueirou e, passando pelo vão, sumiu na escuridão.

— Venha — disse.

— Hum, não há nenhuma pilha de Enferrujados mortos por aí, certo?

— Não que eu saiba. Mas talvez hoje seja nosso dia de sorte.

Ainda preocupada, Tally se agachou e engatinhou pela passagem, sentindo as pedras geladas roçarem em seu corpo. De repente, uma luz se

acendeu à sua frente. Era David, sentado num canto, com uma lanterna na mão. Ela seguiu adiante e se sentou ao seu lado. Dali, via formas gigantes na parte superior.

— Então o túnel não foi totalmente soterrado — observou.

— Não mesmo. O rochedo se dividiu em pedaços, alguns grandes, outros pequenos.

David apontou o facho da lanterna para uma fenda entre os dois. Tally espiou e, no escuro, conseguiu ver que o espaço lá embaixo era muito maior. Um reflexo metálico revelava a posição de um trecho da ferrovia.

— Imagine isso. Se conseguíssemos descer até lá, não precisaríamos ficar arrancando raízes e mato. Há um monte de trilhos livres esperando por nós.

— E só algumas centenas de toneladas de pedras no caminho...

— Eu sei, mas valeria a pena — disse David, apontando a lanterna para seu próprio rosto, que assumiu uma aparência assustadora. — Há séculos ninguém vai lá embaixo.

— Que ótimo.

Tally estava arrepiada. Seus olhos examinavam as pequenas fendas obscuras espalhadas por toda parte. Era possível que nenhum ser humano tivesse estado ali por muito tempo, mas várias criaturas gostavam de viver em cavernas escuras e frias.

— Não consigo deixar de pensar que poderíamos criar uma abertura se movêssemos o rochedo exato...

— Em vez do rochedo errado, que acabaria esmagando a todos nós, não é?

David deu uma risada e jogou a luz no rosto de Tally.

— Sabia que você diria isso.

— Como assim? — perguntou Tally, tentando ver o rosto de David no escuro.

— Percebi que está sendo difícil para você.

— Está sendo difícil? O que está sendo difícil?

— Viver aqui na Fumaça. Você não está muito segura.

Tally sentiu outro arrepio, mas desta vez não por causa de cobras, morcegos ou Enferrujados mortos. Temia que David já tivesse deduzido que ela era uma espiã.

— Tem razão, acho que não estou muito segura.

Ela viu um breve reflexo nos olhos de David conforme ele assentia.

— Muito bem. Pelo menos, está levando isto a sério. Muitos garotos vêm para cá achando que é tudo uma grande brincadeira.

— Nunca pensei dessa forma — garantiu ela.

— Já percebi. Para você, não é só uma aventura, como acontece com a maioria dos que fogem. Nem Shay, que acredita sinceramente que a operação é um erro, consegue compreender o nível de seriedade da Fumaça. — Tally ficou calada diante daquelas palavras. Depois de um longo silêncio na escuridão, David prosseguiu: — É perigoso por aqui. As cidades são como esses rochedos. Podem parecer firmes, mas, se você ficar mexendo muito, tudo pode desabar.

— Acho que entendo o que está dizendo. — Desde o dia da operação, Tally sentia o peso insuportável da cidade sobre seus ombros. E tinha visto pessoalmente que lugares como a Fumaça representavam uma ameaça a pessoas como a dra. Cable. — Mas não consigo entender por que eles se preocupam tanto com vocês.

— É uma longa história. Parte da explicação é...

Tally aguardou um pouco antes de perguntar.

— É o quê?

— Bem, devia ser segredo. Não costumo contar isso até que a pessoa tenha estado aqui por algum tempo. Anos. Mas você parece... séria o bastante para lidar com a informação.

— Pode confiar em mim — assegurou Tally.

Não sabia por que dissera aquilo. Ela era uma espiã, uma infiltrada. Era a última pessoa em quem David deveria confiar.

— Espero que possa mesmo, Tally — disse David, estendendo um braço. — Sinta a palma da minha mão.

Tally segurou a mão de David e passou os dedos por sua palma. Era áspera como os veios da mesa do refeitório. A pele do polegar, em particular, era dura e ressecada como um pedaço de couro envelhecido. Não surpreendia que ele fosse capaz de trabalhar o dia inteiro sem reclamar.

— Caramba. Quanto tempo se leva para conseguir calos como os seus?

— Uns 18 anos.

— Uns dez... — Tally perdeu a fala, incrédula. Comparou a aspereza da palma dele com sua própria pele frágil e cheia de bolhas. Sentia na ponta

dos dedos aquela tarde de trabalho exaustivo multiplicada por uma vida inteira. — Mas como?

— Não sou um fugitivo, Tally.

— Não estou entendendo.

— Foram meus pais que fugiram, e não eu.

— Ah.

De repente, Tally sentiu-se uma tola. Em nenhum instante, aquilo havia passado pela sua cabeça. Se era possível viver na Fumaça, então também era possível começar uma família ali. Mas ela não vira nenhuma criança. E o lugar parecia tão impalpável, tão efêmero. Seria como ter um filho durante uma excursão.

— Como eles conseguiram? Sem acompanhamento médico...

— Eles são médicos.

— Ahn... Espera aí. Médicos? Quantos anos tinham quando fugiram?

— Idade suficiente. Eles não eram mais feios. Acho que seriam chamados de perfeitos de meia-idade.

— Sim, no mínimo isso. — Os perfeitos jovens podiam trabalhar ou estudar, se quisessem, mas poucos pensavam seriamente numa profissão até alcançarem a meia-idade. — Agora, o que você quis dizer com "eles não *eram* feios".

— Não eram, mas agora são.

Tally tentou processar as palavras em sua cabeça.

— Está dizendo que não passaram pela terceira operação? Que continuam com aparência de meia-idade, embora, na verdade, sejam coroas?

— Não, Tally. Eu já expliquei: eles são médicos.

Uma sensação terrível tomou conta de Tally. Aquilo era mais assustador que as árvores caídas e os perfeitos cruéis. Mais impactante que qualquer coisa que tivesse sentido desde a partida de Peris.

— *Eles reverteram a operação?*

— Sim.

— Eles se operaram? Aqui, neste ambiente selvagem? Para se tornarem...

A boca de Tally se fechou, como se estivesse engasgada.

— Não. Não foi através de cirurgia.

Naquele instante, a caverna pareceu se fechar em torno dela, deixando-

a sem ar. Tally se esforçou para respirar. Quando David afastou a mão, ela se deu conta, em meio ao pânico que tomava sua mente, que a havia segurado todo o tempo.

— Eu não devia ter contado.

— Não, David, eu que tenho de pedir desculpas. Não queria fazer essa cena toda.

— É minha culpa. Você acabou de chegar, e eu saí jogando tudo isso na sua cabeça.

— Mas eu quero que você... — Ela não conseguiu evitar. — Quero que você confie em mim. Que me conte essas coisas. É muito importante para mim.

Aquilo era verdade.

— Tudo bem, Tally. De qualquer maneira, acho que basta por enquanto. Está na hora de voltarmos — disse David. Então se virou e engatinhou na direção da luz do sol.

Enquanto o seguia, Tally pensou no que David dissera a respeito dos rochedos. Embora fossem imensos, poderiam cair com um simples empurrão no lugar errado. Estavam prontos para esmagar os dois.

Ela também sentiu o pingente balançando em seu pescoço — um peso sutil, porém insistente. A dra. Cable devia estar impaciente, à espera do sinal. Entretanto, a revelação de David tinha tornado tudo muito mais complicado. A Fumaça, afinal, não era apenas um refúgio para foragidos de todos os tipos. Era uma autêntica organização social, uma verdadeira cidade. Se Tally ativasse o rastreador, aquilo não levaria apenas ao fim da grande aventura de Shay. Levaria à separação de David de sua casa, de toda sua *vida*.

Com a grandiosidade da montanha a oprimindo, Tally percebeu que ainda lutava para respirar, mesmo a poucos metros de chegar ao lado de fora.

PAIXÃO

Em volta da fogueira, à noite, Tally contou como havia se escondido dentro do rio, quando o helicóptero dos guardiões apareceu pela primeira vez. Como antes, ninguém piscava. Aparentemente, sua viagem até a Fumaça tinha sido uma das mais emocionantes.

— Dá para imaginar? Eu, sem roupa e agachada dentro da água, enquanto a máquina dos Enferrujados destruía meu acampamento!

— Por que eles não pousaram? — perguntou Astrix. — Não viram suas coisas?

— Achei que tivessem visto.

— Os guardiões só recolhem feios no meio das flores brancas — explicou David. — É o ponto de encontro que indicamos aos fugitivos. Se saírem pegando qualquer um, podem acabar, acidentalmente, trazendo um espião até aqui.

— Acho que vocês não iam gostar nada disso, não é? — disse Tally, em voz baixa.

— Mesmo assim, eles deviam tomar mais cuidado com aqueles helicópteros — disse Shay. — Qualquer dia alguém vai acabar virando picadinho.

— Eu que o diga. A ventania quase levou minha prancha embora. Meu saco de dormir voou do chão direto para as hélices. Ficou todo rasgado.

A admiração no rosto da plateia a deixava feliz.

— E onde você dormiu depois?

— Não foi tão complicado. Foi só por uma... — Tally se conteve bem na hora. Tinha passado apenas uma noite sem saco de dormir, mas na história inventada haviam sido quatro noites no meio das orquídeas. — Estava quente o suficiente.

— É melhor arrumar outro saco antes de ir dormir — aconselhou David. — É bem mais frio aqui em cima.

— Eu a levo até o comércio — disse Shay. — É como uma central de pedidos, Tally. A diferença é que, quando você pega alguma coisa, tem de deixar outra em pagamento.

Tally se remexeu na cadeira, incomodada. Ainda não tinha se acostumado à ideia de ter de *pagar* pelas coisas.

— Tudo que tenho é EspagBol.

Shay sorriu.

— É perfeito para troca. Fora as frutas, não conseguimos produzir comida desidratada aqui. E viajar carregando comida normal é um saco. O EspagBol vale ouro.

Depois do jantar, Shay levou Tally a uma grande cabana, na área central da vila. As prateleiras estavam repletas de coisas produzidas na Fumaça e alguns poucos objetos oriundos de cidades. Estes, em sua maioria, pareciam gastos e mal conservados. Alguns haviam sido consertados várias vezes. Tally, porém, estava fascinada pelos objetos feitos a mão. Ela passou os dedos doloridos nos potes de argila e ferramentas de madeira, impressionada com as texturas únicas. Tudo tinha uma aparência pesada e... austera.

O lugar também era comandado por um feio mais velho, mas não tão assustador quanto o Chefe. Ele logo apareceu com acessórios de lã e alguns sacos de dormir prateados. Os cobertores, xales e luvas eram bonitos, com cores discretas e padrões simples. Shay, contudo, insistiu para que Tally comprasse um saco de dormir produzido na cidade.

— É muito mais leve e fica de um tamanho bem pequeno. Será muito mais útil quando sairmos juntas por aí — justificou.

— Claro — disse Tally, tentando sorrir. — Vai ser ótimo. Ela acabou trocando doze pacotes de EspagBol por um saco de dormir e mais seis por um suéter feito à mão. Ainda ficou com oito pacotes. Não conseguia acreditar que o suéter, marrom com listras vermelhas e detalhes verdes, custasse metade do preço de um saco de dormir gasto e remendado. — Ainda bem que você não perdeu o purificador de água na viagem — disse Shay, no caminho de volta. — É impossível arranjar um desses.

— E quando eles quebram? — perguntou Tally, surpresa.

— Dizem que você pode beber água dos córregos sem passá-la pelo purificador.

— É brincadeira, né?

— Não. Muitos dos Enfumaçados mais velhos fazem isso. Mesmo os que têm purificadores não se dão ao trabalho de usá-los — contou Shay.

— Que nojo.

— Pode crer. Você pode usar o meu, se precisar.

Tally pôs a mão no ombro de Shay.

— Você também.

Shay reduziu o passo.

— Tally?

— Sim?

— Lá na biblioteca, você ia me dizer alguma coisa, antes de o Chefe começar a gritar. — As palavras de Shay pegaram Tally desprevenida. Ela se afastou e, por reflexo, levou a mão ao pingente pendurado em seu pescoço. — Isso mesmo. Alguma coisa sobre o cordão — completou Shay.

Tally assentiu, mas não sabia por onde começar. Ainda não havia ativado o pingente e, desde a conversa com David, sequer sabia se teria coragem para tanto. Talvez, se voltasse à cidade um mês depois, esfomeada e de mãos vazias, a dra. Cable demonstrasse alguma piedade.

Por outro lado, e se a mulher mantivesse a palavra e impedisse Tally de se submeter à operação? Em vinte anos, estaria cheia de rugas e marcas de expressão. Tão feia como o Chefe. Seria uma excluída. Se permanecesse na Fumaça, teria de passar as noites num saco de dormir velho, temendo que um dia seu purificador de água parasse de funcionar.

Estava cansada de mentir para todo mundo.

— Não contei a história toda — disse Tally.

— Eu sei. Mas acho que já entendi. — Surpresa, Tally olhou para a amiga. Não tinha coragem de dizer nada. — É meio óbvio, não é? — prosseguiu Shay. — Está chateada porque quebrou a promessa que me fez. Não guardou segredo em relação à Fumaça. — O queixo de Tally caiu. Shay sorriu e pegou sua mão. — Com seu aniversário mais perto, você decidiu que queria fugir. No meio tempo, conheceu uma pessoa. Uma pessoa importante. A pessoa que lhe deu esse cordão de coração. Aí você quebrou a promessa. Contou para essa pessoa aonde estava indo.

— Ahn, mais ou menos isso.

— Eu *sabia* — disse Shay, soltando um risinho malicioso. — É por isso que anda toda nervosa. Quer ficar aqui, mas ao mesmo tempo gostaria de estar em outro lugar. Com outra pessoa. Antes de sair, você deixou instruções, uma cópia do meu bilhete, para o caso de sua paixão querer se juntar a nós. Acertei, não acertei?

Tally mordeu os lábios. O rosto de Shay reluzia. Ela estava nitidamente empolgada por ter descoberto o grande segredo de Tally.

— Bem, você acertou uma parte.

— Ah, Tally. — Shay pôs as mãos nos ombros da amiga. — Está tudo bem. Eu fiz a mesma coisa.

— Como assim?

— Eu não devia contar a ninguém que estava vindo para cá. David tinha me feito prometer que não contaria. Nem a você.

— Por quê?

— Ele não a conhecia. Não tinha certeza se podia confiar em você. Geralmente, fugitivos só recrutam amigos antigos, pessoas com quem aprontaram durante anos. Eu conhecia você desde o início do verão. E nunca havia falado da Fumaça, até o dia anterior à minha partida. Não sabia como reagiria se você dissesse não.

— Então não era para ter me contado?

— De jeito nenhum. Por isso, quando você apareceu aqui, todos ficaram nervosos. Eles não sabem se podem confiar em você. Até David tem agido de um modo estranho comigo.

— Sinto muito, Shay.

— Não é culpa sua! — Shay se mostrava inconformada. — A culpa é minha. Eu estraguei tudo. Mas e daí? Depois que eles conhecerem você, tudo vai ficar bem.

— Acho que sim — disse Tally, baixinho. — Todo mundo tem sido legal.

Ela desejava ter ativado o pingente assim que havia chegado. Agora, depois de um único dia, começava a perceber que não estava traindo apenas o sonho de Shay. Centenas de pessoas tinham construído uma vida na Fumaça.

— E tenho certeza de que seu alguém também é uma pessoa legal. Mal posso esperar até estarmos todos juntos — disse Shay.

— Não sei... se isso vai acontecer.

Tinha de existir uma maneira de resolver aquilo. Talvez se ela fosse para outra cidade... ou se procurasse os guardiões dizendo que queria ser voluntária... talvez a tornassem perfeita. Ela, porém, não sabia quase nada a respeito da cidade deles, além do fato de que não conhecia ninguém por lá...

— Pode ser — disse Shay. — Eu também não tinha certeza de que você viria. Mas estou contente que tenha vindo.

— Mesmo com os problemas que criei? — perguntou Tally, com um sorriso amarelo.

— Não é nada de mais. Acho que o pessoal anda muito paranoico. Passam o tempo todo escondendo o lugar para que os satélites não consigam localizá-lo e camuflando transmissões telefônicas para evitar interceptações. O segredo em relação aos fugitivos também é um exagero. Um exagero perigoso. Se você não fosse esperta o bastante para entender minhas instruções, poderia estar na metade do caminho para o Alasca a esta altura!

— Não sei, não, Shay. Eles devem saber o que estão fazendo. As autoridades da cidade podem ser bem rígidas.

Shay riu do comentário.

— Não vai me dizer que acredita na Circunstâncias Especiais.

— Eu... — Tally fechou os olhos. — Só acho que os Enfumaçados têm de tomar cuidado.

— Claro. Tudo bem. Não estou dizendo que devemos sair gritando por aí. Mas, se pessoas como eu e você quiserem vir para cá e levar uma vida diferente, por que não poderiam? Ninguém tem o direito de nos dizer que somos obrigados a ser perfeitas, concorda?

— Talvez só estejam preocupados porque somos crianças.

— Esse é o problema das cidades, Tally. Todos são crianças. Mimadas, dependentes e perfeitas. É como dizem na escola: olhos grandes significam fragilidade. É como você me disse, alguma hora é preciso crescer.

— Entendi. Sei que os feios daqui são mais maduros. Dá para ver nas caras deles — admitiu Tally.

Shay segurou a amiga e olhou bem em seus olhos por um segundo.

— Está se sentindo culpada, não está?

Tally devolveu o olhar, sem conseguir falar. No ar frio da noite, sentia-se desprotegida, como se Shay pudesse ver através de suas mentiras.

— Como é que é?

— Culpada. Não só por ter contado a alguém sobre a Fumaça, mas também porque esse alguém pode acabar vindo para cá. Agora que você conhece a Fumaça, não está mais tão segura de que foi uma boa ideia. —

Shay suspirou. — Sei que no início parece esquisito e que há muito trabalho duro por aqui. Mas acho que vai acabar gostando.

Tally baixou a cabeça, sentindo lágrimas nos olhos.

— Não é essa a questão. Ou talvez seja. É que eu não sei se...

As palavras estavam entaladas na garganta. Se continuasse, teria de contar a verdade a Shay: que ela era uma espiã, uma traidora enviada ali para destruir tudo que os cercava.

E que Shay era a estúpida que a havia levado até lá.

— Ei, calma, está tudo bem. — Shay segurou e acalentou Tally, que começava a chorar. — Desculpe. Não devia ter jogado tudo isso em cima de você de uma vez. É que tenho me sentido meio distante desde que chegou. Parece que você não quer olhar para mim.

— Eu devia contar tudo a você.

— Shhh. — Os dedos de Shay acariciaram os cabelos de Tally. — Estou feliz com você por perto.

Tally não conteve as lágrimas. Escondeu o rosto na manga desfiada do seu novo suéter e sentiu o calor de Shay a acolhendo. Era tomada por uma terrível culpa a cada gesto de carinho da amiga.

Metade de si estava feliz por ter ido à Fumaça e visto tudo aquilo. Poderia passar a vida inteira na cidade sem conhecer quase nada do mundo. Mas a outra metade ainda desejava que houvesse ativado o pingente imediatamente na chegada à Fumaça. Assim, tudo teria sido muito mais fácil.

Contudo, não havia como voltar no tempo. Ela tinha de se decidir por trair a Fumaça ou não. E estava totalmente ciente das implicações para Shay, David e todos os outros que viviam ali.

— Está tudo bem, Tally — sussurrou Shay. — Vai dar tudo certo.

SUSPEITA

Com o passar dos dias, Tally mergulhou na rotina da Fumaça.

Havia algo reconfortante na exaustão provocada pelo trabalho duro. Durante toda a vida, Tally tinha sofrido de insônia, passando a maioria das noites perdida em pensamentos sobre discussões, reais ou imaginárias, e sobre coisas que poderia ter feito de outro modo. Na Fumaça, porém, seu cérebro se desligava no instante em que a cabeça encostava no travesseiro, que nem um travesseiro era, mas apenas seu novo suéter enfiado num saco de algodão.

Tally ainda não sabia quanto tempo permaneceria ali. Não tinha resolvido nada em relação a ativar o pingente, mas sabia que pensar naquilo o tempo todo a deixaria agoniada. Por isso, decidiu esquecer. Um dia poderia acordar e chegar à conclusão de que não conseguiria passar a vida inteira como uma feia. E aí não se importaria com as pessoas que magoaria ou com o preço da escolha... até lá, contudo, a dra. Cable teria de esperar.

Esquecer os problemas era fácil na Fumaça. A vida ali era muito mais intensa do que na cidade. Tally tomava banho num rio tão gelado que tinha de pular na água gritando. A comida saía do fogo tão quente que podia queimar sua língua — algo que nunca aconteceria na cidade. Evidentemente, ela sentia falta de um xampu que não irritasse os olhos, dos banheiros convencionais (havia aprendido, horrorizada, o que eram "latrinas") e, principalmente, do spray curativo. Mesmo assim, com as mãos cheias de bolhas, Tally sentia-se mais forte do que nunca. Era capaz de trabalhar o dia inteiro na ferrovia e, na volta, apostar corrida de prancha com David e Shay. Isso tudo carregando mais metal do que teria sido capaz de arrancar um mês antes. David havia lhe ensinado a consertar as roupas usando agulha e linha, a distinguir os animais predadores das presas e até a limpar peixes — o que, no fim das contas, não era tão ruim quanto dissecá-los nas aulas de biologia.

A beleza concreta da Fumaça também tirou as preocupações de sua cabeça. Cada dia que nascia parecia mudar a montanha, o céu e os vales próximos, tornando-os deslumbrantes de modos completamente diferentes.

A natureza, afinal, não precisava de uma operação para ficar linda. Ela simplesmente era.

Um dia de manhã, a caminho dos trilhos da ferrovia, David emparelhou sua prancha com a de Tally. Seguiu em silêncio por um tempo, fazendo as curvas e manobras com a habilidade de sempre. Naquelas duas semanas vivendo ali, Tally tinha descoberto que o casaco de David era mesmo de couro de animais mortos, mas, gradualmente, havia se acostumado à ideia. Embora os Enfumaçados caçassem, eles eram como os guardiões: só matavam espécies que não pertenciam àquela região ou que tivessem se multiplicado em excesso devido à interferência dos Enferrujados. Os retalhos irregulares provavelmente ficariam ridículos em outra pessoa. Em David, porém, de alguma forma o casaco caía bem, como se crescer num ambiente selvagem lhe permitisse se fundir aos animais que haviam cedido a pele para aquela roupa. E não atrapalhava em nada o fato de ele próprio ter fabricado o casaco.

As palavras vieram sem aviso.

— Tenho um presente para você.

— Um presente? Sério?

Àquela altura, Tally já compreendia que nada se tornava sem valor na Fumaça. Nada era descartado ou jogado fora porque estava velho ou quebrado. Tudo era consertado, adaptado e reciclado. Se algo não tivesse serventia para um Enfumaçado, entrava numa troca por outra coisa. Quase nada era dado.

— É sério, sim — disse David, aproximando-se para lhe entregar um pequeno pacote.

Enquanto rasgava o papel, Tally seguia a rota habitual, descendo o riacho praticamente sem olhar para o caminho. O presente era um par de luvas, de couro marrom-claro, feitas à mão.

Ela enfiou o papel brilhante, vindo da cidade, no bolso e então pôs as luvas nas mãos cheias de bolhas.

— Obrigada! Deram certinho.

— Eu as fiz quando tinha sua idade. Agora estão meio pequenas para mim.

Tally apenas sorriu, desejando poder abraçá-lo. Quando os dois abriram os braços para fazer uma curva fechada, ela segurou sua mão por um

instante.

Flexionando os dedos, Tally percebeu que as luvas eram macias e maleáveis. Na parte que cobria a palma da mão, estavam mais claras, resultado dos anos de uso. Linhas brancas nas articulações dos dedos indicavam inúmeras passagens pelas mãos de David.

— São maravilhosas — comentou ela.

— Não precisa exagerar — disse David. — Elas não são mágicas, nem nada parecido.

— Mas há... alguma coisa especial nelas.

Tally percebeu que era a história que carregavam. Na cidade, ela tivera muitas coisas. Praticamente tudo que queria vinha de mão beijada. No entanto, as coisas da cidade eram descartáveis e substituíveis; podiam ser trocadas como as camisetas, casacos e saias que formavam o uniforme do alojamento. Ali, na Fumaça, os objetos ficavam velhos e carregavam suas histórias em amassados, arranhões e rasgos.

David deu uma risada e acelerou para se juntar a Shay na frente do grupo.

Quando eles chegaram ao local da ferrovia, David avisou que teriam de liberar mais trilhos e que, por isso, usariam motosserras para lidar com a vegetação em volta das partes de metal.

— E quanto às árvores? — perguntou Croy.

— Qual é o problema?

— Temos de derrubá-las? — perguntou Tally.

David não deu muita importância.

— Árvores baixas como essas não têm muita serventia. Mas também não vamos desperdiçá-las. Vamos levá-las para a Fumaça e usá-las como lenha.

— Lenha? — reagiu Tally.

Os Enfumaçados costumavam derrubar somente árvores do vale, nunca do resto da montanha. E David queria usar aquelas, que tinham décadas, para cozinhar? Tally buscou apoio em Shay, mas a expressão da amiga era de uma neutralidade cautelosa. Embora provavelmente tivesse a mesma opinião, não queria questionar David, na frente dos outros, sobre como cuidar do seu projeto.

— Sim, como lenha — respondeu ele. — Depois que tivermos coletado o material que nos interessa, faremos o replantio. Poremos umas árvores realmente úteis no lugar da ferrovia.

Os outros cinco observavam em silêncio. David girou a serra, ansioso por começar, mas ciente de que ainda não tinha apoio total do resto do grupo.

— Ei, David — disse Croy. — Essas árvores não são inúteis. Elas protegem a vegetação rasteira da luz do sol, o que evita a erosão.

— Certo, vocês venceram. Em vez de plantar outras espécies, vamos deixar que a floresta reocupe o lugar com essas malditas árvores e toda a vegetação rasteira que vocês quiserem.

— Mas precisamos devastar a área? — perguntou Astrix.

David respirou fundo. "Devastação" era como se chamava o que os Enferrujados haviam feito às antigas florestas: todas as árvores derrubadas, todos os seres vivos dizimados e países inteiros transformados em pastagem. As florestas tropicais tinham sido destruídas, reduzidas de milhões de espécies interligadas a um bando de vacas comendo grama — uma vasta teia cheia de vida trocada por hambúrgueres baratos.

— Prestem atenção: não estamos devastando nada. Só estamos limpando a sujeira que os Enferrujados deixaram para trás — argumentou David. — É preciso fazer uma pequena cirurgia para isso.

— Poderíamos cortar apenas em torno das árvores — sugeriu Tally. — Só derrubá-las quando for necessário. Como você disse, cirurgia.

— Tudo bem — disse ele, com desdém. — Vamos ver o que vão achar dessas árvores depois que tiverem de arrancar algumas do chão.

Ele estava certo.

A motosserra roncava ao abrir caminho por entre grossas trepadeiras. Separava emaranhados de plantas como um pente num cabelo molhado. Às vezes, ouvia-se um barulho de metal, consequência de raros golpes errados que acabavam nos trilhos. No entanto, quando seus dentes encontravam as raízes retorcidas e os galhos curvados das árvores, a história era diferente.

Tally fazia uma careta ao ver sua motosserra ser repelida pela madeira resistente. Cascas de árvore pulavam em seu rosto, e o ronco baixinho transformava-se num rugido de protesto. Ela teve de se esforçar para

conseguir atravessar a firmeza do velho galho. Mais um corte bastaria para liberar aquele pedaço de trilho.

— Está indo bem, está quase lá, Tally.

Ela reparou que Croy se mantinha bem atrás, preparado para pular no caso de a serra escapar de suas mãos. Agora entendia por que David queria acabar logo com as árvores baixas. Seria muito mais fácil do que atravessar o emaranhado de raízes e galhos, tentando fazer a motosserra prevalecer em pontos específicos da mata.

— Árvores idiotas — murmurou Tally, cerrando os dentes enquanto golpeava mais uma vez.

Finalmente, a serra obteve êxito contra a madeira, soltando um som alto ao penetrar no galho. Depois de atravessá-lo, ficou livre por um segundo e então atingiu a terra, o que provocou mais barulho e espalhou cascalho por toda parte.

— É isso aí! — gritou Tally, dando um passo para trás e levantando os óculos, enquanto a motosserra se acalmava em suas mãos.

Croy se aproximou e chutou o pedaço de galho para longe dos trilhos.

— Incisão perfeita, doutora — comentou.

— Acho que estou pegando o jeito da coisa — disse Tally, limpando a testa.

Era quase meio-dia. Com o sol castigando a clareira e o friozinho da manhã muito longe dali, Tally resolveu tirar o suéter.

— Você tinha razão sobre aquela história de as árvores darem sombra.

— Nem me fale — respondeu Croy. — Aliás, belo suéter.

Ela sorriu. Aquilo, ao lado das luvas novas, era sua preciosidade.

— Obrigada.

— O que deu em troca?

— Seis pacotes de EspagBol.

— Meio caro. Mas é bonito. — Croy a encarou nesse momento. — Tally, se lembra do dia em que chegou aqui? Quando eu meio que agarrei sua mochila? Eu não ia pegar suas coisas. Pelo menos, não sem dar algo em troca. Apenas fiquei surpreso quando disse que eu podia ficar com tudo.

— Eu sei. Não esquenta.

Depois de trabalhar ao lado de Croy, Tally tinha passado a achá-lo um cara legal. Ainda preferia fazer dupla com David ou Shay, mas os dois

estavam juntos naquele dia. E já era tempo de conhecer melhor alguns dos outros Enfumaçados.

— Espero que também tenha arranjado outro saco de dormir — disse Croy.

— Arranjei. Doze pacotes.

— Então deve estar quase sem produtos para troca.

— Só me sobraram oito.

— É uma quantidade razoável. Mas aposto que, no caminho para cá, não imaginava que estava comendo sua futura riqueza.

Tally deu uma risada. Os dois se agacharam e se enfiaram embaixo da árvore parcialmente cortada para tirar os pedaços de perto do trilho.

— Se soubesse o valor, provavelmente não teria comido tantos pacotes, passando fome ou não. Nem gosto mais de EspagBol. O pior era comer aquele negócio de manhã.

— Para mim, seria uma delícia — disse Croy. — Ei, acha que essa parte está livre?

— Claro. Vamos passar para a próxima — disse ela, entregando a motosserra ao parceiro.

Croy começou pela parte fácil, a vegetação rasteira.

— Tally, só tem uma coisa que achei meio confusa.

— O que é?

A motosserra tocou uma parte de metal, lançando faísca para todos os lados.

— No dia em que chegou, disse que tinha saído da cidade com comida para duas semanas.

— Isso.

— Se você levou nove dias para chegar aqui, devia ter apenas o equivalente a cinco dias de comida sobrando. Uns quinze pacotes, no total. Mas lembro que naquele dia, quando olhei dentro da sua mochila, fiquei espantado porque parecia haver toneladas de EspagBol — contou Croy. Preocupada, Tally tentou não demonstrar reação. — E eu estava certo, não estava? Doze mais seis mais oito... vinte e seis?

— É, acho que sim.

— É isso mesmo — disse Croy, enquanto cortava com cuidado sob um galho mais baixo. — Mas você saiu da cidade *antes* do seu aniversário, não foi?

Tally tentou pensar rápido.

— Exatamente. Sabe, Croy, acho que nem comi três vezes por dia. Como eu disse, depois de um tempo, estava de saco cheio de EspagBol.

— Parece que você não comeu nada para quem fez uma viagem tão longa.

Era difícil fazer as contas mentalmente, tentar encontrar números que fizessem sentido. Ela se lembrou das palavras de Shay na primeira noite: alguns Enfumaçados desconfiavam dela, suspeitavam que pudesse ser uma espiã. Àquela altura, Tally achava que todos já a haviam aceitado. Aparentemente, estava errada. Respirou fundo e tentou não deixar o temor que sentia transparecer em sua voz.

— Croy, vou contar uma coisa a você. Um segredo.

— O que é?

— É bem provável que eu tenha saído da cidade com comida para mais de duas semanas. Não cheguei a contar.

— Mas você sempre disse...

— Eu sei. Talvez tenha exagerado um pouco, para fazer a viagem parecer mais interessante, entende? Como se eu pudesse ter ficado sem comida, caso os guardiões não aparecessem logo. Mas você está certo: sempre tive bastante comida comigo.

— Entendi. — Croy a fitava com um sorriso amistoso. — Achei que pudesse ser isso. Sua viagem estava mesmo parecendo um pouco... interessante demais para ser verdade.

— Mas a maior parte do que eu contei é...

— Claro que é. — A motosserra na mão de Croy parou por um instante. — Tenho certeza de que a maior parte é verdade. A questão é quanto exatamente?

Tally enfrentou o olhar penetrante de Croy sem saber o que dizer. Alguns pacotes a mais de comida não significavam nada. Não provavam que ela era uma espiã. O melhor seria apenas rir daquilo e não dar importância. No entanto, o fato de ele estar absolutamente certo a deixou muda.

— Quer cuidar da serra um pouquinho? — disse ele, em tom ameno. — Limpar essa área é dureza.

Como estavam apenas retirando a vegetação, ainda não havia metal para carregar de volta ao vilarejo até o meio-dia. Prevenido, o grupo tinha

levado comida: sopa de batata e pão com pedacinhos de azeitona. Quando Shay se afastou do grupo com seu almoço, sentando-se perto da mata fechada, Tally achou bom. Ela foi atrás da amiga e se acomodou ao seu lado, sob os raios de sol que passavam por entre as árvores.

— Tenho de conversar com você, Shay.

Ela suspirou baixinho, enquanto continuava a despedaçar o pão, sem olhar para Tally.

— É, acho que tem, sim.

— Ah, ele também falou com você?

— Ele não precisou dizer nada.

— Como assim? — perguntou Tally, confusa.

— Como assim que é óbvio. Desde que chegou aqui. Eu devia ter reparado logo no início.

— Eu não... — Tally não conseguiu terminar a frase. — O que está querendo dizer? Acha que Croy tem razão?

— Só estou dizendo que... — Shay parou e encarou Tally. — Croy? O que isso tem a ver com Croy?

— Estávamos conversando antes do almoço. Ele reparou no meu suéter e perguntou se eu tinha arrumado um saco de dormir. E acabou concluindo que, depois dos nove dias que levei para chegar aqui, eu ainda tinha muito EspagBol sobrando.

— Você tinha muito *o quê*? — O rosto de Shay mostrava que ela não estava entendendo nada. — De que absurdo você está falando?

— Lembra do dia em que cheguei? Eu disse a todo mundo que... — Tally parou na metade, depois de, finalmente, notar algo nos olhos de Shay. Estavam vermelhos, como se ela tivesse passado a noite em claro. — Espere aí. Do que achou que eu estivesse falando?

Shay mostrou a mão, espalmada, com os dedos bem separados.

— Disso.

— Disso o quê? — perguntou Tally

— Mostre sua mão também. — Atendendo à amiga, Tally abriu a mão, na mesma posição, criando uma espécie de imagem espelhada. — São do mesmo tamanho — disse Shay, para então mostrar as palmas das duas mãos. — E têm as mesmas bolhas.

Tally olhou para baixo. Na verdade, as mãos de Shay encontravam-se num estado até pior: avermelhadas, secas e cheias de pedaços de pele soltos

por causa de bolhas estouradas. Ela sempre dava tudo de si, se entregava, pegava as tarefas mais difíceis.

Os dedos de Tally buscaram as luvas presas ao seu cinto.

— Shay, tenho certeza de que David não quis...

— E eu tenho certeza de que ele quis. Aqui na Fumaça, as pessoas sempre pensam muito bem antes de darem presentes.

Tally mordeu os lábios. Era verdade. Ela tirou as luvas da cintura.

— Acho que deve ficar com as luvas.

— Eu. Não. Quero. As luvas.

Atordoada, Tally se sentou. Primeiro Croy e agora aquilo.

— É, parece que não — disse, deixando as luvas caírem. — Mas, Shay, você não acha que deve conversar com David antes de perder a cabeça por causa disso?

Roendo uma unha, Shay fez que não.

— Ele quase não conversa mais comigo. Desde que você chegou. Nunca fala de nada importante. Vive dizendo que precisa pensar em outros assuntos.

— Ah. — Tally não sabia o que dizer. — Eu não... É que... eu gosto do David, mas...

— Ei, a culpa não é sua. Sei muito bem disso. — Shay esticou o braço e deu um peteleco, de leve, no pingente em forma de coração da amiga. — Além do mais, talvez esse seu alguém misterioso apareça, e isso não vai ter importância nenhuma.

Tally concordou. Certamente, depois que os Especiais aparecessem, a vida romântica de Shay seria a menor preocupação de qualquer um ali.

— Você já falou disso com David? Parece que pode ser um probleminha — disse Shay.

— Não, não falei.

— E por que não?

— Porque nunca tocamos nesse assunto.

A expressão de Shay endureceu.

— Muito conveniente — disse ela.

— Shay, foi você mesma quem me disse para não contar a ninguém sobre a Fumaça. Isso tudo me deixa muito mal. Não tem nada a ver ficar falando do assunto para todo mundo.

— Claro, usar esse negócio no pescoço é o suficiente. Se bem que não

parece estar funcionando, já que, pelo visto, David não reparou.

— Ou talvez ele não dê a mínima porque isso tudo é só sua...

Tally parou no meio. Aquilo não era só a imaginação de Shay. Agora ela entendia. E sentia também. Ao lhe mostrar a caverna e lhe contar o segredo sobre seus pais, David tinha confiado nela, embora não devesse. E ainda havia o presente. Podia mesmo ser apenas uma reação exagerada de Shay?

Num cantinho silencioso da sua cabeça, Tally desejava que não fosse. Ela respirou fundo e então soltou o que estava preso em sua garganta:

— Shay, o que você quer que eu faça?

— Só conte para ele.

— Contar o quê?

— Por que você usa esse coração. Conte sobre esse alguém misterioso — respondeu Shay. Quando Tally reparou na cara que estava fazendo, era tarde demais. — Você não quer contar, não é? Não consegue nem esconder.

— Não, eu vou contar. Vou, sim.

— Até parece que vai.

Shay se virou e tirou um pedaço enorme de pão de dentro da sopa, devorando-o com uma mordida feroz.

— Eu *vou* contar — insistiu Tally, tocando o ombro da amiga. Em vez de se afastar, Shay se virou de novo, com a esperança estampada em seu rosto. Tally engoliu em seco. — Vou contar tudo a ele. Prometo.

BRAVURA

À noite, no jantar, ela comeu sozinha.

Depois de passar o dia inteiro cortando árvores, não se sentia mais horrorizada com a mesa do refeitório. A textura da madeira lhe transmitia uma firmeza tranquilizadora, e percorrer seus desenhos com os olhos era mais fácil do que pensar.

Pela primeira vez, Tally reparou na mesmice da comida. Mais pão, mais cozido. Alguns dias antes, Shay havia explicado que a carne abundante do cozido era de coelho. Nada de derivado de soja, como a carne desidratada do EspagBol, mas carne de animais de verdade, provenientes da populosa fazendinha mantida num dos cantos da Fumaça. A imagem de coelhos sendo mortos, limpos e cozidos era compatível com seu estado de espírito. Como o resto daquele dia, o jantar tinha um gosto agressivo e preocupante.

Shay não tinha voltado a conversar com ela depois do almoço. Como Tally também não fazia ideia do que dizer a Croy, trabalhou o resto do tempo em silêncio. O pingente da dra. Cable parecia cada vez mais pesado, enroscado em seu pescoço tão firmemente quanto as trepadeiras, os arbustos e as raízes que envolviam os trilhos da ferrovia. A sensação era de que todos na Fumaça enxergavam a verdadeira essência do cordão: um símbolo de sua traição.

Tally se perguntou se seria capaz de viver ali depois de tudo aquilo. Croy suspeitava de sua presença, e parecia ser uma questão de tempo para todos os outros saberem. Um pensamento terrível tinha ocupado sua mente o dia inteiro: talvez a Fumaça fosse o lugar certo, mas ela havia desperdiçado sua oportunidade ao ir lá como uma espiã.

E, para piorar, tinha se colocado entre David e Shay. Completamente sem querer, traíra sua melhor amiga. Como um veneno ambulante, ela matava tudo ao seu redor.

Pensou nas orquídeas que se espalhavam pelos campos lá embaixo, arrancando a vida das outras plantas e do próprio solo, num processo egoísta e incontrolável. Tally Youngblood era uma praga. E, ao contrário das orquídeas, sequer era bonita.

Assim que ela acabou de comer, David sentou-se do outro lado da mesa.

— Oi — disse ele.

— Ei.

Ela ainda conseguiu dar um sorriso. Apesar de tudo, vê-lo era um alívio. Comer sozinha a lembrava dos dias seguintes ao seu aniversário, quando estava presa num corpo de feia, com todos sabendo que já devia ter se tornado perfeita. Agora, pela primeira vez desde sua chegada à Fumaça, voltava a se sentir feia.

David esticou o braço e segurou sua mão.

— Tally, sinto muito.

— Por quê?

Ele virou a mão de Tally, revelando várias bolhas novas em seus dedos.

— Percebi que não usou mais as luvas. Depois de almoçar com Shay. Não foi muito difícil imaginar o motivo.

— Ah, claro. Não é que eu não goste delas. Só não havia clima para usá-las.

— Eu entendo. A culpa é toda minha. — Ele observou o ambiente lotado. — Podemos ir para outro lugar? Preciso contar algo a você.

Sentindo o frio do pingente em seu pescoço e lembrando da promessa feita a Shay, Tally concordou.

— Tudo bem. Também tenho algo a contar.

Eles atravessaram a Fumaça, passando por fogueiras sendo apagadas com pás cheias de areia; janelas iluminadas por velas e lâmpadas elétricas; e um grupo de feios jovens correndo atrás de uma galinha solta. Subiram pelo espinhaço do qual Tally havia observado o vilarejo pela primeira vez. David a levou até uma formação rochosa, plana e arejada, de onde se tinha uma ótima vista por entre as árvores. Como sempre, Tally notou a naturalidade de David, que parecia conhecer intimamente cada centímetro do caminho. Nem os perfeitos, cujos corpos eram primorosamente equilibrados, projetados para alcançar uma elegância absoluta em qualquer tipo de roupa, se moviam daquela forma completamente natural.

Tally se obrigou a tirar os olhos dele. Lá embaixo, no vale, as orquídeas brilhavam com uma maldade discreta sob o luar — um mar congelado diante da floresta mergulhada na escuridão.

David falou primeiro:

— Sabia que é a primeira fugitiva a chegar aqui sozinha?

— Verdade?

Observando a vastidão branca das flores, ele confirmou.

— Na maioria das vezes, sou eu quem os trago.

Tally lembrou-se de Shay, na última noite que tinham passado juntas na cidade, dizendo que o misterioso David a levaria à Fumaça. Até então, ela mal acreditava na existência de tal pessoa. Agora, sentada ao lado de David, tudo parecia muito real. Ele encarava o mundo com mais seriedade que qualquer outro feio. Na verdade, era mais sério que alguns perfeitos de meia-idade, como seus pais. De um jeito engraçado, David tinha um olhar tão intenso quanto o dos perfeitos cruéis, embora não fosse tão frio.

— Antigamente, minha mãe cuidava disso — contou ele. — Agora está muito velha.

Tally hesitou. Na escola, os professores costumavam dizer que os feios que não se submetiam à operação acabavam ficando frágeis.

— Ai, sinto muito. Quantos anos ela tem?

Ele reagiu com uma risada.

— Minha mãe ainda está bem em forma. A questão é que, para os feios, é mais fácil confiar em alguém como eu, da mesma idade que eles.

— Ah, entendi.

Tally recordou-se de como tinha reagido ao Chefe no primeiro dia. Passadas poucas semanas, estava muito mais acostumada aos diferentes tipos de rostos criados pela idade.

— Às vezes, alguns feios conseguem vir sozinhos, seguindo instruções codificadas, como você. Mas são sempre grupos de três ou quatro. Ninguém tinha chegado aqui realmente sozinho antes.

— Deve achar que sou uma boba.

— Claro que não — disse David, segurando a mão de Tally. — Achei uma grande demonstração de coragem.

— A viagem não foi tão complicada assim.

— Tally, não é a viagem que requer coragem. Já fiz viagens muito mais longas por conta própria. É sair de casa. — Com um dedo, ele traçou uma linha em sua mão castigada. — Não consigo imaginar deixar a Fumaça para trás, largar tudo que eu conheço, sabendo que nunca vou voltar. — Aquilo deixou Tally nervosa. Para ela, realmente não fora fácil, embora não houvesse escolha. — Mas você abandonou sua cidade, o único lugar em que

já viveu. E sozinha. Sequer conhecia alguém que morasse aqui, alguém que pudesse convencê-la, por experiência própria, que este lugar era real. Fez tudo na base da confiança, porque sua amiga havia pedido. Talvez seja por isso que acho que posso confiar em você.

Com os olhos fixos nas flores, Tally se sentia cada vez pior, ouvindo as palavras de David. Se ele pelo menos soubesse a verdadeira razão de estar ali...

— Quando Shay me contou que você vinha, fiquei furioso.

— Porque eu poderia revelar a localização da Fumaça?

— Em parte por causa disso. Mas em parte também porque é muito perigoso para uma garota de 16 anos, criada na cidade, percorrer centenas de quilômetros sozinha. Para ser sincero, achei que era um risco desnecessário, já que você provavelmente não passaria da janela do seu quarto. — Olhando para ela, David apertou sua mão suavemente. — Fiquei impressionado ao vê-la descendo aquele morro.

— Eu estava num estado lamentável naquele dia — disse Tally, sorrindo.

— Você estava toda arranhada, com os cabelos e as roupas chamuscados pelo fogo, e mesmo assim tinha um sorriso enorme no rosto.

Sob a luz do luar, o semblante de David parecia reluzir. Tally fechou os olhos, sem querer acreditar. Que maravilha. Ela ia receber uma medalha por bravura, quando, na realidade, devia ser expulsa da Fumaça por traição.

— Agora você não parece mais tão feliz — disse David.

— Nem todo mundo está satisfeito com minha presença aqui.

— Eu sei. Croy me contou sobre sua grande descoberta — revelou David, rindo.

Tally abriu os olhos.

— Contou, é?

— Não lhe dê importância. Desde que você apareceu, ele desconfia do fato de ter vindo sozinha. Acha que houve algum tipo de ajuda. Ajuda da cidade. Mas eu já disse a ele que está imaginando coisas.

— Obrigada.

— Você pareceu tão feliz ao encontrar Shay. Pude ver que realmente sentia falta dela — disse David.

— E sentia mesmo. Estava preocupada com ela.

— Claro que estava. E teve coragem para vir até aqui, ainda que isso significasse se afastar de tudo que conhecia, sem a companhia de ninguém. Não veio para cá porque queria viver na Fumaça, não é mesmo?

— Ahn... não entendi muito bem o que disse.

— Você veio para saber da Shay.

Tally encarou David. Embora ele estivesse completamente errado a seu respeito, era agradável ouvir aquelas palavras. Até então, o dia tinha sido marcado por suspeitas e questionamentos. Agora, o rosto de David demonstrava admiração por seus atos. Uma sensação tomou conta de Tally — um calor que afastou o vento frio que percorria a montanha.

Bastou mais um segundo para ter um arrepio e entender que sensação era aquela. Era o mesmo calor que experimentara quando conversou com Peris depois que foi operado. Ou quando os professores lhe lançavam um olhar de aprovação. Com um feio, porém, era uma sensação inédita. Sem os olhos grandes e perfeitos, seus semblantes não eram capazes de provocar aquilo. Ainda assim, o luar e o cenário, ou talvez as palavras, de alguma maneira haviam transformado David num perfeito. Por um breve instante.

Mas o encanto se baseava em mentiras. Tally não merecia o olhar de David e, por isso, voltou a se concentrar no oceano de orquídeas.

— Aposto que Shay deve estar arrependida de ter me contado sobre a Fumaça.

— Talvez neste exato momento, sim. Talvez por mais algum tempo — admitiu David. — Seguramente, não para sempre.

— Mas você e ela...

— Eu e ela. Shay muda de ideia muito rápido, sabia?

— Como assim?

— A primeira vez que ela quis vir para a Fumaça foi na primavera. Na época em que Croy e os outros vieram.

— Ela me contou. Shay desistiu, né?

— Sempre soube que desistiria. Ela só queria fugir por causa dos amigos. Se ficasse na cidade, seria abandonada.

Tally se lembrou de seus dias de solidão, após a operação de Peris.

— Conheço essa sensação.

— O problema é que ela não apareceu naquela noite. Mas isso é normal. O que me surpreendeu mesmo foi vê-la nas ruínas, algumas semanas depois, subitamente convencida de que queria deixar a cidade para

sempre. E já estava até falando em trazer uma amiga, embora ainda não tivesse tocado no assunto com você. — Ele demonstrava certo inconformismo. — Quase disse a ela para esquecer. Para ficar na cidade e se tornar perfeita.

As palavras de David fizeram Tally pensar. Tudo haveria sido mais simples se ele tivesse feito exatamente aquilo. Àquela altura, Tally seria perfeita e estaria no alto de uma torre de festas, ao lado de Peris, Shay e um monte de novos amigos. No entanto, curiosamente, a imagem não lhe despertava mais a mesma empolgação. Parecia sem graça, como uma música repetida milhares de vezes.

David tocou sua mão.

— Fico feliz por não ter feito aquilo.

Por alguma razão, Tally respondeu:

— Eu também.

Sua reação a espantou porque, em algum nível, parecia sincera. Ela olhou bem para David: a sensação ainda existia. Tally via que a testa dele era muito grande e que havia uma pequena cicatriz branca acima da sobrancelha. E que o sorriso era torto. Porém, era como se algo tivesse mudado na cabeça de Tally, algo que havia tornado o rosto de David bonito para ela. O calor do corpo dele destoava do frio do outono. Ela chegou mais perto.

— Shay se esforçou muito para compensar seus erros: ter desistido da primeira vez e ter passado as instruções a você mesmo me prometendo que não faria isso — contou David. — Agora ela está convicta de que a Fumaça é o melhor lugar do mundo. E que eu sou o cara mais sensacional do mundo por tê-la trazido para cá.

— David, ela gosta muito de você.

— E eu gosto muito dela. Mas ela não é...

— Não é o quê?

— Não é determinada. Não é você.

Atordoada, Tally virou o rosto. Sabia que aquele era o momento de cumprir a promessa. Ou então nunca o faria. Seus dedos tocaram o pingente.

— David...

— Eu sei. Reparei no cordão. Depois do seu sorriso, foi a primeira coisa em que reparei.

— Deve imaginar que alguém me deu isso.

— Foi o que pensei — confirmou David.

— Pois é. E eu... contei a esse alguém sobre a Fumaça.

— Também pensei nisso.

— Não está irritado comigo? — perguntou Tally.

— Você não me fez nenhuma promessa. Eu nem a conhecia.

— Mas você...

David a olhava bem nos olhos. Seu rosto estava reluzente. Tally desviava o olhar, tentando afogar seus estranhos pensamentos de perfeita no oceano de flores brancas.

— Você deixou muita coisa para trás ao vir para cá... seus pais, sua cidade, sua vida inteira — disse David. — E já notei que está começando a gostar da Fumaça. Entende o que estamos fazendo de uma maneira que a maioria dos fugitivos não consegue.

— Gosto da sensação de estar aqui. Mas talvez eu não... fique.

Ele sorriu.

— Eu sei. Escute, não quero apressar nada. Talvez a pessoa que lhe deu esse coração acabe vindo. Talvez não. Talvez você volte para lá. Mas, enquanto isso, poderia fazer algo por mim?

— Claro. O que seria?

David se levantou e lhe estendeu o braço.

— Quero que conheça meus pais.

O SEGREDO

Eles desceram pelo outro lado, percorrendo um caminho íngreme e estreito. David ia na frente, andando rápido mesmo no escuro, pisando nos lugares certos da trilha quase invisível sem nenhum tipo de hesitação. Tudo que Tally podia fazer era seguir seus passos.

O dia inteiro fora marcado por uma surpresa atrás da outra, e agora, para completar, ela ia conhecer os pais de David. Era a última coisa que poderia esperar depois de lhe mostrar o pingente e contar que não havia guardado segredo sobre a Fumaça. As reações de David eram diferentes das de qualquer outra pessoa que conhecesse. Talvez fosse o fato de ter crescido naquele lugar, longe dos hábitos da cidade. Ou talvez ele fosse simplesmente... diferente.

O espinhaço já tinha ficado bem para trás. A montanha, nessa parte, subia acentuadamente para um lado.

— Seus pais não moram na Fumaça? — perguntou Tally.

— Não. É muito perigoso.

— Perigoso como?

— Tem a ver com o que lhe contei no seu primeiro dia, na caverna da ferrovia.

— Sobre seu segredo? Sobre ter sido criado na natureza? David parou por um momento para ficar de frente para ela.

— Há mais coisas envolvidas.

— Que coisas?

— Vou deixar que eles contem. Venha.

Minutos depois, um pequeno quadrado luminoso, bem fraquinho, apareceu na encosta. Tally percebeu que se tratava de uma janela, com uma luz vermelha vinda de trás que mal atravessava a cortina. A casa parecia semienterrada, como se tivesse sido encravada na montanha.

A poucos passos da entrada, David parou de novo.

— Não quero pegá-los de surpresa. Eles ficam nervosos — explicou, para em seguida gritar: — Boa noite!

Passados alguns segundos, a porta se abriu, e um facho de luz se espalhou pelo lugar.

— David? — perguntou uma mulher. Ela empurrou a porta mais um pouco, até que a luz revelou os dois. — Az, é o David.

Ao se aproximar, Tally viu que a mulher era uma feia velha. Não sabia dizer se ela era mais velha ou mais nova que o Chefe, mas sem dúvida tinha sua aparência, só não era tão assustadora quanto ele. Seus olhos, porém, brilhavam como os de um perfeito, e um sorriso acolhedor tomou conta de seu rosto enquanto ela dava um abraço no filho.

— Oi, mãe.

— Você deve ser Tally — disse ela.

— É um prazer conhecê-la.

Tally não sabia se devia apertar a mão dela ou algo do gênero. Na cidade, não passava muito tempo com os pais dos outros feios, exceto quando ia para a casa de amigos durante as férias escolares.

Aquela casa era muito mais quente do que as moradias rústicas da vila, e o piso de madeira não parecia tão duro. Talvez os pais de David morassem ali havia tanto tempo que seus pés tivessem amaciado o chão. Mesmo assim, a casa aparentava ser mais firme do que qualquer construção da Fumaça. Estava realmente enterrada na montanha. Uma das paredes era de pedra, com uma camada de selante que a fazia reluzir.

— Também estou feliz em conhecê-la, Tally — disse a mãe de David.

Tally se perguntava qual seria seu nome. David sempre se referia aos dois como “mãe” e “pai”, palavras que ela não usava para falar de Sol e Ellie desde a infância.

Então um homem apareceu e, depois de apertar a mão de David, virou-se para ela.

— Prazer em conhecê-la, Tally.

Ela hesitou, sem conseguir falar, tomada por uma súbita falta de ar. De alguma forma, David e o pai pareciam... iguais.

Não fazia sentido. Se seu pai realmente fosse médico, na época do nascimento de David, a diferença de idade seria de pelo menos trinta anos. Mas os queixos, as testas, até mesmo os sorrisos levemente tortos, eram muito similares.

— Tally? — chamou David.

— Me desculpem. É que vocês... vocês são idênticos!

Os pais de David caíram na gargalhada, o que deixou Tally envergonhada.

— Sempre ouvimos esse comentário — contou o pai. — Vocês, garotos da cidade, sempre acham isso impressionante. Mas você já ouviu falar da genética, não ouviu?

— Claro. Sei tudo a respeito de genes. Conheci duas irmãs, feias, que pareciam iguais. Agora, pais e filhos? É muito esquisito.

A mãe de David se esforçou para fazer uma cara séria, mas sua expressão ainda era suave.

— São os traços que herdamos de nossos pais que nos fazem diferentes. Um nariz avantajado, lábios finos, uma testa grande. Todas as coisas que a operação tira de nós.

— A preferência pela mediocridade — disse o pai.

Tally concordou lembrando-se das aulas na escola. A média geral das características faciais humanas servia de ponto de partida para a operação.

— Exatamente. Traços normais são uma das coisas que as pessoas buscam para seus rostos.

— Acontece que as famílias transmitem traços fora do normal. Como nosso nariz grande. — O pai apertou o nariz de David, que não pôde fazer nada, além de revirar os olhos. Tally percebeu que aquele nariz era maior que o de qualquer perfeito. Por que não tinha notado até então?

— Essa é uma das coisas de que as pessoas abrem mão ao se tornarem perfeitas. O nariz da família — disse a mãe. — Az, pode ligar a calefação?

De fato, Tally estava tremendo, mas não era de frio. Aquilo tudo era muito estranho. Ela não se acostumava à incrível semelhança entre David e o pai.

— Assim está ótimo — disse. — A casa é linda, ahn...

— Meu nome é Maddy. Vamos nos sentar?

Aparentemente, Az e Maddy já estavam esperando a visita. Na sala principal da casa, havia quatro xícaras antigas arrumadas sobre pequenos pires. Logo uma chaleira começou a apitar. Az derramou a água fervente num bule, espalhando um aroma floral pelo ambiente.

Tally olhou ao redor. O lugar não se parecia com nada na Fumaça. Era uma casa típica de coroas, cheia de objetos complicados. Havia uma estatueta de mármore num canto e tapetes trabalhados pendurados na

parede. Suas cores se misturavam à luz e deixavam tudo mais suave. Maddy e Az deviam ter carregado muita coisa da cidade ao fugirem. Diferentemente de outros feios, que só possuíam os uniformes dos dormitórios e alguns objetos descartáveis, os dois tinham passado metade da vida juntando coisas, antes de partirem.

Ela se lembrou de ter crescido em meio a objetos de madeira feitos por Sol — formas abstratas produzidas a partir de galhos caídos que Tally recolhia em parques quando criança. Talvez a infância de David não tivesse sido tão diferente da sua.

— Isso tudo parece bastante familiar — comentou.

— David não contou? Eu e Az somos da mesma cidade que você — revelou Maddy. — Se tivéssemos ficado, talvez acabássemos responsáveis por transformá-la numa perfeita.

— É, quem sabe — murmurou Tally.

Se eles tivessem ficado, não haveria Fumaça, e Shay nunca teria fugido.

— David disse que você chegou aqui sozinha.

— Vim atrás de uma amiga. Ela me deixou instruções.

— E decidiu vir sozinha? Não quis esperar David aparecer de novo? — perguntou Maddy.

— Não havia tempo — respondeu o próprio David. — Ela partiu na noite anterior ao seu aniversário de 16 anos.

— Isso que é deixar as coisas para a última hora — observou Az.

— Mas também é bem emocionante — disse Maddy, aprovando a atitude.

— Na verdade, não tive muita escolha. Só fiquei sabendo da existência da Fumaça quando Shay, a minha amiga, estava indo embora. Isso foi mais ou menos uma semana antes do meu aniversário.

— Shay? Acho que não a conhecemos — disse Az.

Tally olhou para David, que não deu importância. Ele nunca havia levado Shay à casa dos pais? O que existiria, de verdade, entre David e Shay?

— Então você tomou a decisão bem rápido — comentou Maddy.

— Fui obrigada a tomar. Só tinha uma chance — explicou Tally, voltando à realidade.

— Está falando como uma verdadeira Enfumaçada — disse Az, enchendo as xícaras com um líquido escuro saído do bule. — Chá?

— Ah, sim, por favor.

Assim que segurou o pires, pôde sentir a quentura que atravessava o material branco e fino da xícara. Percebendo que se tratava de mais uma das misturas dos Enfumaçados que queimavam a língua, ela bebericou com cautela. Ao sentir o gosto amargo, fez uma careta.

— Ahn... me desculpem. É que nunca tomei chá.

Az se mostrou surpreso.

— É mesmo? Era muito popular quando nós vivíamos lá.

— Eu já tinha ouvido falar. Mas é uma bebida de coroas. Ahn, quer dizer, são os feios mais velhos que costumam tomar isso — explicou Tally, envergonhada.

Maddy apenas riu.

— Nós somos bem coroas. Então acho que podemos tomar chá.

— Está falando só por você, querida.

— Experimente isso — disse David, jogando um cubo branco no chá de Tally.

No gole seguinte, ela sentiu uma doçura que cortava o amargor. Agora, sim, podia tomar aquilo sem precisar fazer careta.

— Imagino que David tenha falado um pouco sobre nós — disse Maddy.

— Bem, ele disse que vocês fugiram há muito tempo. Antes de ele nascer.

— Ah, ele contou isso, é? — perguntou Az.

A expressão do pai era idêntica à de David quando alguém do grupo que cuidava da ferrovia fazia algo impensado e perigoso com uma motosserra.

— Não contei tudo a ela, pai — explicou David. — Só que eu cresci em contato com a natureza.

— Deixou o resto por nossa conta? — disse Az, um pouco aborrecido. — Que gentileza.

David encarou o pai.

— Tally veio atrás de notícias da amiga. Percorreu todo o caminho sozinha. Mas talvez não queira ficar por aqui.

— Não obrigamos ninguém a ficar — observou Maddy.

— Não estou falando disso. Só acho que ela deve saber, antes de decidir se quer voltar para a cidade.

Surpresa, Tally olhou para David, depois para Maddy e Az. O tom dele era estranho; não parecia um feio falando com os pais coroas. Parecia mais uma discussão entre feios. No mesmo nível.

— O que eu devo saber? — perguntou, em voz baixa.

Os três olharam para ela. Maddy e Az pareciam examiná-la.

— O grande segredo — disse Az. — Aquilo que nos fez fugir, quase vinte anos atrás.

— Um que não costumamos compartilhar — acrescentou Maddy, sem tirar os olhos de David.

— Tally merece saber — disse David, enfrentando a mãe. — Ela vai entender a importância.

— Ela é uma menina. Uma menina da cidade.

— Ela chegou aqui por conta própria, usando apenas um monte de instruções confusas como orientação.

Maddy franziu a testa.

— David, você nunca esteve numa cidade. Não sabe como eles são mimados. Passam a vida inteira dentro de uma bolha.

— Ela sobreviveu por nove dias, sem ajuda, mãe. Escapou até de uma queimada.

— Ei, vocês dois, por favor — interveio Az. — *Ela* está bem aqui na nossa frente. Não é mesmo, Tally?

— É, estou sim. E gostaria de saber do que estão falando.

— Me desculpe, Tally — disse Maddy. — É que esse segredo é muito importante. E muito perigoso.

Tally balançou a cabeça, que agora mantinha abaixada.

— Tudo por aqui é perigoso.

Eles ficaram em silêncio por alguns instantes. Tally só ouvia o tilintar da colher de Az mexendo no chá.

— Estão vendo? — disse David, quebrando o silêncio. — Ela entende as coisas. Merece nossa confiança. Merece saber a verdade.

— Todo mundo merece — respondeu Maddy, baixinho. — Alguma hora.

— Muito bem — disse Az, parando para tomar outro gole de chá. — Creio que vamos ter de lhe contar, Tally.

— Me contar *o quê*?

David respirou fundo antes de falar.

— A verdade sobre se tornar perfeita.

— Somos médicos — começou Az.

— Cirurgiões plásticos, para sermos mais precisos — disse Maddy. — Nós dois realizamos centenas de operações. Quando nos conhecemos, eu tinha acabado de ser nomeada para a Comissão de Padrões Morfológicos.

Tally arregalou os olhos.

— A Comissão da Perfeição?

Aquele nome fez Maddy sorrir.

— Estávamos nos preparando para um Congresso de Morfologia. É uma ocasião em que todas as cidades compartilham dados a respeito da operação.

Tally assentiu. As cidades se esforçavam para serem independentes, mas a Comissão da Perfeição era uma instituição global com a missão de garantir que todos os perfeitos fossem mais ou menos iguais. Não haveria sentido na operação se as pessoas de uma cidade fossem mais perfeitas que as das outras.

Como a maioria dos feios, Tally costumava sonhar que um dia integraria a Comissão, para ajudar a definir qual seria o visual da geração seguinte. Na escola, obviamente, tentavam fazer tudo aquilo parecer chato, com montes de gráficos, médias e medições de pupilas de rostos que pareciam diferentes.

— Ao mesmo tempo, eu realizava uma pesquisa independente sobre anestesia — acrescentou Az. — Uma tentativa de tornar a operação mais segura.

— Mais segura? — perguntou Tally.

— Até hoje, algumas pessoas morrem, todos os anos, como acontece em qualquer tipo de cirurgia — explicou ele. — E a principal causa é o longo tempo que se passa inconsciente.

Tally nunca tinha ouvido falar daquilo.

— Ah, é?

— Descobri que havia complicações causadas pelo anestésico usado na operação. Pequenas lesões no cérebro. Praticamente invisíveis, mesmo

utilizando os melhores equipamentos para detecção.

Apesar do receio de soar estúpida, Tally perguntou:

— O que é uma lesão?

— Basicamente, é um monte de células que não parecem muito legais — respondeu Az. — Como uma ferida, ou um câncer, ou algo que parece estar fora do lugar.

— Você não podia ter simplesmente dito isso? — disse David, para em seguida se virar para Tally. — Médicos...

Maddy ignorou o filho.

— Quando Az me mostrou os resultados, comecei a pesquisar o assunto. A comissão local tinha milhões de imagens computadorizadas no banco de dados. Nada de material para livros médicos, mas sim dados brutos de perfeitos do mundo inteiro. Encontramos lesões por toda parte.

— Está dizendo que as pessoas estavam doentes? — perguntou Tally, confusa.

— Na verdade, não pareciam estar. E, como não se espalhavam, as lesões não eram cancerosas. Quase todos as tinham e sempre exatamente no mesmo lugar — disse Maddy, apontando para um ponto de sua cabeça.

— Um pouco para a esquerda, querida — corrigiu Az, antes de jogar um cubo de açúcar em seu chá.

Maddy agradeceu e prosseguiu.

— E o mais importante: quase todos, no mundo inteiro, tinham essas lesões. Se fosse um problema de saúde, noventa e nove por cento da população manifestariam algum tipo de sintoma.

— Mas essas lesões não poderiam ser naturais? — perguntou Tally.

— Não. Apenas os pós-operados, ou seja, os perfeitos, tinham lesões — respondeu Az. — Nenhum feio as apresentava. Sem dúvida, eram resultado da operação.

Tally se remexeu na cadeira. A ideia de um pequeno e esquisito mistério no cérebro de todos a deixava desconfortável.

— Vocês descobriram a causa?

— De certa forma, sim. Examinamos com atenção todos os casos negativos: os poucos perfeitos que não tinham lesões. Tentamos entender por que eram diferentes. O que os tornava imunes às lesões? Descartamos tipo sanguíneo, gênero, estrutura óssea, fatores ligados à inteligência,

marcadores genéticos... não havia nada que explicasse os negativos. Eles não pareciam ser diferentes dos outros.

— Aí descobrimos uma estranha coincidência — disse Az.

— Seus empregos — revelou Maddy.

— Empregos?

— Todos os negativos pertenciam aos mesmos grupos profissionais — explicou Az. — Bombeiros, guardas, médicos, políticos e pessoas que trabalhavam para a Circunstâncias Especiais. Nenhum desses apresentava lesões. Todos os outros perfeitos, sim.

— Então vocês estavam livres?

Az respondeu com um gesto positivo.

— Fizemos os testes em nós mesmos. Deram negativo.

— Do contrário, não estaríamos sentados aqui neste momento — disse Maddy.

— Como assim?

Foi a vez de David falar:

— Tally, as lesões não são acidentais. Fazem parte da operação, tanto quanto a modelagem dos ossos e a raspagem da pele. São uma das mudanças realizadas em quem se torna perfeito.

— Mas vocês disseram que nem todos têm as lesões.

— Em alguns perfeitos, elas somem. Ou são corrigidas voluntariamente. Sempre nos casos de profissões que exigem reações rápidas, como quem trabalha em emergências de hospitais ou no combate a incêndios. Aqueles que lidam com conflitos e perigo — explicou Maddy.

— Pessoas que encaram desafios — acrescentou David.

Enquanto tentava recuperar o fôlego, Tally se lembrou da viagem até a Fumaça.

— E os guardiões?

— Creio que havia alguns guardiões no meu banco de dados. Todos negativos — respondeu Az.

Tally visualizou os rostos dos guardiões que a resgataram. Eles tinham uma convicção e uma segurança incomuns, como David. Algo totalmente diferente dos semblantes dos novos perfeitos dos quais ela e Peris costumavam rir.

Peris...

Agora Tally sentia na garganta um gosto mais amargo do que o deixado

pelo chá. Tentou se lembrar de como Peris havia se comportado quando ela invadiu a festa na Mansão Garbo. Porém, tinha passado tanta vergonha, que era difícil se recordar de algo específico a respeito do amigo. Ele apenas parecera muito diferente. E, talvez, mais velho, mais maduro.

Por alguma razão, não tinha se estabelecido uma conexão entre os dois... era como se ele fosse outra pessoa. Seria só por terem vivido em mundos distintos depois da operação dele? Ou haveria mais alguma coisa envolvida? Ela tentou imaginar como Peris se sairia na Fumaça, botando a mão na massa, costurando suas próprias roupas. O antigo Peris, o feio, gostaria desse desafio. Mas e o Peris perfeito?

Ela sentiu uma tontura, como se a casa inteira estivesse dentro de um elevador, caindo em alta velocidade.

— Que tipo de consequência as lesões provocam? — perguntou.

— Não sabemos exatamente — disse Az.

— Mas levantamos algumas hipóteses interessantes — ressaltou David.

— São apenas suspeitas — corrigiu Maddy.

Incomodado, Az mantinha os olhos fixos na xícara de chá.

— As suspeitas devem ter sido fortes o suficiente para convencê-los a fugir — observou Tally.

— Não tivemos muita escolha — disse Maddy. — Logo depois da nossa descoberta, recebemos uma visita da Circunstâncias Especiais. Eles apreenderam nosso banco de dados e nos mandaram parar de investigar, sob o risco de perdermos nossas licenças. Ou fugíamos ou seríamos obrigados a esquecer tudo que havíamos descoberto.

— E aquilo não era algo que pudéssemos esquecer — ressaltou Az.

Tally olhou para David. Ele estava sentado ao lado da mãe, com uma expressão séria, diante da xícara intocada de chá. Seus pais ainda relutavam em revelar todas suas suspeitas. Mas Tally podia ver que, para David, não havia motivo para tanta cautela.

— E você, o que acha? — perguntou a ele.

— Bem, você sabe como os Enferrujados viviam, não sabe? As guerras, o crime, essas coisas.

— Claro que sei. Eles eram desmiolados. Quase destruíram o mundo.

— E isso convenceu as pessoas a separarem as cidades da natureza, a deixarem a vida selvagem em paz — prosseguiu David. — E agora todos

são felizes, porque todos são iguais. Todos são perfeitos. Nada de Enferrujados, nada de guerras. Não é isso?

— É, sim. Na escola, eles costumam dizer que é tudo muito complexo, mas a história é basicamente essa.

— Talvez não seja tão complicado — disse David, com um sorriso irônico. — Talvez as guerras e todas as outras coisas tenham acabado simplesmente porque não há mais controvérsias, discordâncias ou pessoas reivindicando mudanças. Apenas massas de perfeitos sorridentes. E algumas outras pessoas que controlam tudo.

Tally se lembrou das travessias até Nova Perfeição, da imagem dos perfeitos em sua diversão sem fim. Ela e Peris costumavam dizer que nunca ficariam tão estúpidos, tão superficiais. No entanto, quando os dois se reencontraram...

— A transformação em perfeito não muda apenas a aparência — concluiu.

— Não — disse David. — Muda sua maneira de pensar.

Eles ficaram acordados até tarde, conversando sobre as descobertas de Az e Maddy, a fuga e a descoberta da Fumaça. Depois de muito tempo, Tally resolveu fazer a pergunta que estava em sua cabeça desde o início:

— Afinal, como vocês dois reverteram a operação? Vocês eram perfeitos e agora são...

— Feios? — completou Az, sorrindo. — Essa parte foi bem simples. Somos especialistas no aspecto físico da operação. Quando definimos um rosto perfeito, usamos um tipo especial de plástico inteligente para modelar os ossos. Já quando preparamos os perfeitos jovens para entrarem na meia-idade ou na velhice, adicionamos um produto químico ao plástico, que com isso fica mais maleável, como argila.

— Eca — reagiu Tally ao imaginar seu rosto amolecendo, de repente, para que alguém pudesse amassá-lo até obter outro formato.

— Com doses diárias desse produto químico, o plástico vai aos poucos se derretendo, até ser absorvido pelo corpo. Seu rosto volta ao formato original. Ou quase.

— Quase?

— Só conseguimos nos aproximar do estado original dos ossos que sofrem modificações. E não somos capazes de realizar grandes mudanças, como na altura das pessoas, sem cirurgia. Eu e Maddy mantivemos todos os benefícios não estéticos da operação: dentes indestrutíveis, visão perfeita, resistência a doenças. Mas nossa aparência é bem semelhante à que teríamos se não houvéssemos passado pela operação. Quanto à gordura retirada do corpo, parece bem fácil de recuperar — concluiu, apalpando a barriga.

— Mas *por quê*? Como uma pessoa pode querer ser feia? Vocês eram médicos. Isso quer dizer que não havia nada de errado com seus cérebros, não é?

— Nossas mentes continuam bem — respondeu Maddy. — Acontece que queríamos iniciar uma comunidade de pessoas sem lesões, pessoas livres do pensamento perfeito. Era a única maneira de conhecermos os

efeitos reais das lesões. Por isso, precisávamos reunir um grupo de feios. Pessoas jovens, recrutadas nas cidades.

Tally começava a compreender.

— Para isso, também tinham de se tornar feios. Senão, quem confiaria em vocês?

— Aperfeiçoamos o produto químico. Criamos um comprimido para uso diário. Depois de alguns meses, nossos rostos voltaram às formas originais — disse Maddy, piscando para o marido. — Para ser sincera, foi um processo fascinante.

— Deve ter sido. E as lesões? Vocês não podem criar uma pílula para curá-las também?

Houve silêncio por algum tempo, até que Maddy resolveu responder:

— Não conseguimos encontrar respostas antes da aparição da Circunstâncias Especiais. Eu e Az não somos neurologistas. Trabalhamos nisso durante vinte anos, sem sucesso. Contudo, aqui na Fumaça, *vimos* como faz diferença permanecer feio.

— Eu também vi — disse Tally, pensando na diferença entre Peris e David.

— Você entende as coisas bem rápido — comentou Az.

— Mas nós sabemos que existe uma cura — disse David.

— Como assim?

— Tem de existir — confirmou Maddy. — Nossos dados mostravam que todos apresentavam as lesões após a primeira operação. Isso quer dizer que, quando alguém acaba numa atividade profissional mais exigente, as autoridades de alguma maneira curam essa pessoa. As lesões são removidas em segredo, quem sabe até são corrigidas com uma pílula semelhante à que usamos para os ossos modelados. O que importa é que o cérebro volta ao normal. Então deve existir uma cura.

— Vocês vão descobrir um dia — disse David.

— Não dispomos dos equipamentos necessários — disse Maddy, num tom de frustração. — Sequer temos um indivíduo perfeito para estudar.

— Esperem um pouco — interrompeu Tally. — Vocês viviam numa cidade cheia de perfeitos. E quando se tornaram médicos as lesões desapareceram. Não notaram a mudança acontecendo?

— É claro que notamos. Estávamos aprendendo como o corpo humano funcionava e a lidar com a grande responsabilidade de salvar vidas. Mas

nada daquilo parecia uma mudança dentro do nosso cérebro. Parecia apenas uma fase de amadurecimento.

— Ah, sim. Mas e quando observavam os outros? Como não perceberam que seus cérebros estavam lesionados?

Az sorriu antes de responder:

— Não tínhamos muita referência, apenas alguns colegas que pareciam ser diferentes da maioria das pessoas. Mais dedicados. Isso, porém, não chegava a ser surpreendente. A história mostra que a maioria das pessoas costuma agir como parte de um rebanho. Antes da operação, havia guerras, ódio coletivo e devastação. Seja lá qual for o efeito dessas lesões, não é nada muito distante da humanidade na época dos Enferrujados. Agora somos apenas... mais fáceis de controlar.

— Ter as lesões virou uma coisa normal — reforçou Maddy. — Todos estão acostumados aos efeitos.

A lembrança da última visita de Sol e Ellie veio imediatamente à cabeça de Tally. Seus pais tinham parecido muito seguros, mas, de certa forma, meio apalermados. A questão era que aquele sempre tinha sido o jeito deles: sábios e confiantes e ao mesmo tempo desligados de todos os problemas reais da filha feia. Seria consequência do dano em seus cérebros perfeitos? Para Tally, aquele era apenas o comportamento *normal* de qualquer pai.

Seguindo o mesmo raciocínio, a superficialidade e o egocentrismo eram simplesmente características normais em perfeitos recém-transformados. Enquanto era feio, Peris ria deles, mas não havia hesitado um segundo em juntar-se a eles na diversão. Ninguém hesitava. Então como seria possível distinguir entre o que era resultado da operação e o que era um comportamento em conformidade com a tradição?

A única forma era construir um mundo inteiramente novo, exatamente o que Maddy e Az tinham começado a fazer.

Tally se perguntou o que teria surgido antes: a operação ou a lesão? A transformação em perfeito seria apenas uma isca para que todos se submetessem à operação? Ou as lesões seriam meramente um toque final? Talvez a motivação lógica de todo mundo parecer igual fosse todo mundo pensar igual.

Ela se ajeitou na cadeira. Estava com a vista embaçada e sentia um aperto no estômago sempre que pensava em Peris, seus pais e todos os

outros perfeitos que conhecia. Até que ponto seriam diferentes dela? Qual seria a sensação de ser perfeito? O que havia por trás daqueles olhos enormes e traços deslumbrantes?

— Parece cansada — comentou David.

Tally tentou sorrir. Tinha uma sensação de estar na casa de David havia dias. Poucas horas de conversa haviam transformado o mundo que conhecia.

— Um pouquinho.

— Acho que é melhor irmos embora, mãe.

— Claro, David — respondeu Maddy. — Está tarde, e Tally tem muitas novidades para digerir.

Então, Maddy e Az se levantaram, enquanto David ajudava Tally a fazer o mesmo. A despedida aconteceu numa atmosfera de confusão. Apesar disso, Tally conseguiu reconhecer, no rosto dos dois, uma expressão que a deixou chocada: eles sentiam *pena* dela. Lamentavam que tivesse de ouvir a verdade e que eles fossem os mensageiros. Passados vinte anos, embora estivessem acostumados com aquilo, entendiam que era algo terrível de se descobrir.

Noventa e nove por cento da humanidade tinham sofrido modificações no cérebro, e poucas pessoas no mundo sabiam exatamente do que se tratava.

— Agora entende por que eu queria que conhecesse meus pais?

— Acho que sim.

Tally e David seguiam no escuro, subindo o espinhaço para retornar à Fumaça, sob um céu repleto de estrelas.

— Você podia ter voltado à cidade sem saber de nada disso — disse David.

A consciência de que estivera bem perto em diversas oportunidades causou um arrepio em Tally. Na biblioteca, até abrira o pingente, chegando a um passo de levá-lo ao olho. Se tivesse ido em frente, os Especiais apareceriam em questão de horas.

— Não pude deixar isso acontecer — completou ele.

— Mas alguns feios voltam à cidade, não voltam?

— É verdade. Eles enjoam de acampar. E ninguém pode obrigá-los a ficar.

— Vocês deixam eles irem assim? Sem ter a mínima ideia do significado da operação?

David parou de andar e pôs as mãos nos ombros de Tally. Seu rosto refletia a angústia que sentia.

— Acontece que também não temos certeza de nada, Tally. O que aconteceria se contássemos a todos sobre nossas meras suspeitas? A maioria não acreditaria, mas alguns voltariam imediatamente às cidades para resgatar os amigos. E, um dia, as cidades descobririam o que andávamos espalhando e empreenderiam todos os esforços para nos eliminar.

"Já estão fazendo isso", pensou Tally. Ela se perguntava quantos outros espiões teriam sido recrutados, à base de chantagem, para ir à Fumaça. Quantas vezes teriam chegado perto de descobrir tudo? Queria contar a David o que estava acontecendo, mas como faria aquilo? Não podia revelar que era uma espiã, ou David nunca mais confiaria nela.

Ela suspirou. Aquela seria a maneira perfeita de se impedir de ficar entre David e Shay.

— Não parece muito feliz — disse David.

Tally apenas esboçou um sorriso. Ele havia partilhado seu maior segredo com ela, e era o momento de retribuir o gesto. No entanto, Tally não conseguia reunir a coragem para pronunciar as palavras.

— É que a noite foi longa. Só isso.

— Não se preocupe. Já está acabando.

Tally quis saber quanto tempo faltava para amanhecer. Em poucas horas, estariam tomando café da manhã com Shay, Croy e todos os outros que ela quase traíra, quase condenara à operação. Aquele pensamento a deixou cabisbaixa.

— Ei — disse David, levantando seu rosto. — Você se saiu muito bem hoje. Acho que meus pais ficaram bem impressionados.

— Ahn? Você diz... comigo?

— É óbvio, Tally. Você entendeu na hora o significado de tudo isso. A maioria das pessoas, no início, não consegue acreditar. Elas dizem que as autoridades nunca seriam tão cruéis.

— Não se preocupe. Eu acredito — disse Tally esboçando um sorriso.

— Exatamente. Já vi muitos jovens das cidades virem para cá. Você é diferente de todos. Enxerga o mundo com clareza, mesmo tendo crescido cheia de mimos. Era por isso que eu precisava contar. E é por isso... — O

rosto de David estava reluzente de novo, provocando o mesmo efeito estranhamente perfeito de antes. — É por isso que você é linda, Tally.

As palavras a deixaram atordoada por um instante, exatamente como a sensação de falta de apoio que ocorria quando se olhava nos olhos de um perfeito.

— Eu?

— Sim, você.

Ela riu e tentou se situar.

— Como assim? Mesmo com meus lábios finos demais e meus olhos esquisitos?

— Tally...

— E meu cabelo desgrenhado e meu nariz achatado?

— Não diga essas coisas.

Os dedos de David tocaram o rosto de Tally, agora mal se viam as marcas dos arranhões, e num segundo desceram até os lábios. Ela sabia que suas mãos eram cheias de calos duros como madeira. Porém, de alguma forma, suas carícias se mostravam suaves e delicadas.

— Essa é a pior coisa que eles fazem com você. Com todos vocês — prosseguiu David. — As lesões são o de menos. O maior estrago é causado antes mesmo de eles pegarem um bisturi: todos vocês sofrem uma lavagem cerebral para acharem que são feios.

— Mas nós somos. Todos nós somos.

— Então acha que sou feio?

— Isso é irrelevante — disse Tally, desviando o olhar. — Não é uma questão individual.

— É, sim, Tally. É totalmente individual.

— O que estou dizendo é que ninguém pode... Biologicamente, há certas coisas que todos nós... — Ela não conseguiu completar o raciocínio. — Acha mesmo que sou bonita?

— Acho.

— Mais do que a Shay? — Os dois ficaram em silêncio, sem reação. A pergunta havia escapado antes que Tally pudesse parar para pensar. Ela própria não sabia como podia ter dito algo tão terrível. — Desculpe.

— É uma pergunta pertinente — disse David. — Sim.

— Sim o quê?

— Sim, você é mais bonita do que a Shay — respondeu David, num tom

tão natural que ele poderia estar falando do tempo.

De olhos fechados, Tally sentiu todo o cansaço do longo dia subitamente tomando conta do seu corpo. Ela visualizou o rosto de Shay: excessivamente magro e com olhos muito separados. Uma sensação horrível começou a se manifestar, sobrepujando o afeto partilhado com David.

Durante toda sua vida, ela havia ridicularizado os outros feios, recebendo um tratamento equivalente em retribuição. Gorducha, Olho-de-siri, Magrelo, Espinhento, Aberração — todos os nomes que os feios usavam mutuamente, com empolgação e sem qualquer pudor. Por outro lado, ninguém se sentia excluído devido a alguma desgraça irrelevante de nascença. Ninguém era considerado mais ou menos bonito. Não havia privilegiados por uma reviravolta aleatória de genes. Era por aquela exata razão que eles tornavam todos perfeitos.

Não era justo.

— Não diga isso. Por favor.

— Foi você quem perguntou.

— Mas é terrível! É errado.

— Escute, Tally. Isso não importa para mim. O que importa é o que está dentro de você.

— Acontece que a primeira coisa que se vê é o rosto. Você reage à simetria, à cor da pele, ao formato dos olhos. E então decide o que há dentro de mim, com base nessas reações. Você é programado para agir assim!

— *Eu* não sou programado. Não fui criado na cidade.

— Não é só uma questão cultural. É a evolução!

Baixando o tom de voz, David aceitou a derrota.

— Talvez uma parte seja evolução. — Ele deu um sorriso cansado. — Mas sabe qual foi a primeira coisa que me atraiu em você?

— Qual foi? — perguntou Tally, tentando se manter calma.

— Os arranhões no seu rosto.

— Como é que é?

— Esses arranhões aqui — disse ele, tocando-a novamente.

Ela tentou ignorar o arrepio provocado pelos dedos de David em sua pele.

— Que besteira. Uma pele imperfeita é sinal de deficiência no sistema imunológico.

David não conseguiu evitar o riso.

— É um sinal de que você viveu uma aventura, Tally, e de que se embrenhou no mato para chegar aqui. Para mim, naquele dia, foi um sinal de que tinha uma boa história para contar.

— Uma boa história? — Tally balançou a cabeça, sentindo uma grande vontade de rir. — Na verdade, arranhei meu rosto na cidade, andando de prancha no meio de umas árvores. Em alta velocidade. Que aventura, hein?

— Mesmo assim, é uma história. Exatamente como eu pensei ao vê-la pela primeira vez: você aceita correr riscos. — Seus dedos alcançaram um cacho dos cabelos queimados de Tally. — E continua correndo riscos.

— Acho que sim.

Estar ali na escuridão, ao lado de David, parecia um risco — um risco de outra reviravolta. Ele permanecia com aquele olhar vagamente perfeito. Talvez fosse realmente capaz de enxergar além de seu rosto de feia. Talvez o que havia dentro dela realmente importasse mais para ele do que qualquer outra coisa.

Tally subiu numa pedra perdida no caminho. Agora seus olhos encaravam os de David.

— Você acha que eu sou bonita de verdade, não acha?

— Acho. As coisas que você faz e seu jeito de pensar a tornam bonita.

Um pensamento estranho passou pela cabeça de Tally.

— Eu odiaria se você se submetesse à operação — disse ela, sem acreditar nas próprias palavras. — Mesmo que eles não mexessem no seu cérebro.

— Caramba, obrigado.

— Não quero que seja igual a todo mundo.

— Achei que esse fosse o sentido de ser perfeito.

— Eu também. — Tally tocou a testa de David, bem onde havia uma marca clara. — Então, onde arrumou essa cicatriz?

— Numa aventura. É uma história legal. Um dia eu conto para você.

— Promete?

— Prometo.

— Que bom.

Ela se curvou para a frente, encostando seu corpo no dele, e, enquanto seus pés escorregavam da pedra, os dois se beijaram. Imediatamente, David a abraçou e puxou para mais perto. No frio da madrugada, ela sentia todo

o calor do corpo dele. David era algo concreto e verdadeiro no mundo de incertezas em que Tally vivia. A intensidade do beijo a surpreendeu.

Um instante depois, ela se afastou para recuperar o fôlego, pensando como tudo aquilo era inusitado. Os feios costumavam se beijar, e muitas outras coisas, mas havia uma impressão geral de que nada era para valer até que se tornassem perfeitos.

Aquilo, porém, era para valer.

Ela puxou David para perto de novo e enfiou os braços por dentro de seu casaco. O frio, os músculos doloridos, a coisa terrível que havia acabado de descobrir, tudo aquilo só tornava o sentimento mais intenso.

Então uma das mãos de David tocou sua nuca e, em seguida, o cordão, prosseguindo até encontrar o metal duro e gelado do pingente. Tally ficou tensa, e o beijo foi interrompido.

— E quanto a isto aqui? — perguntou ele.

Tally segurou o pingente, mantendo o outro braço em torno do pescoço de David. Nunca poderia lhe contar sobre a dra. Cable depois daquilo. Ele acabaria se afastando, talvez para sempre. O pingente continuava entre os dois.

De repente, Tally pensou em algo. Algo perfeito.

— Venha comigo.

— Para onde?

— Até a Fumaça. Preciso mostrar uma coisa a você.

Ela o arrastou encosta acima, aos tropeções, até alcançarem o alto do espinhaço.

— Você está bem? — perguntou ele, sem fôlego. — Eu não queria...

— Estou ótima — disse ela, dando um sorriso largo e olhando para a Fumaça. Na área central, ardia uma fogueira solitária, em torno da qual a patrulha noturna se reunia de hora em hora. — Vamos.

Havia se tornado indispensável chegar lá rápido, antes que a certeza se esvaísse, antes que a sensação calorosa dentro dela desse lugar à dúvida. Ela desceu afoitamente por entre as pedras pintadas que marcavam o trilho das pranchas. David se esforçava para não ficar para trás. Quando seus pés alcançaram o plano, ela começou a correr, ignorando a escuridão e o silêncio das cabanas nos dois lados, focada exclusivamente na fogueira. Não aparentava fazer esforço; era como se estivesse na prancha, voando em área aberta.

Tally só parou de correr quando se deparou com a cortina de calor e fumaça da fogueira. Na mesma hora, levou as mãos ao pescoço e soltou o cordão com o pingente.

— Tally? — chamou David, confuso, sem fôlego para falar mais do que isso.

— Não diga nada. Apenas olhe.

Ela segurou o cordão firmemente, diante da luz avermelhada da fogueira, e balançou o pingente. Naquele objeto, estavam concentradas suas dúvidas, seu medo de ser descoberta e o pavor em relação às ameaças da dra. Cable. Então Tally fechou o pingente em sua mão e apertou o rígido metal até sentir a mão doer, como se tentasse enfiar na própria cabeça a possibilidade inimaginável de continuar feia para o resto da vida. Feia e, ao mesmo tempo, nem um pouco feia.

Em seguida, abriu a mão e jogou o cordão bem no meio da fogueira.

O pingente caiu sobre um galho que estalava. No início, o fogo o deixou preto, mas logo o coração metálico ficou amarelo e depois branco. Finalmente, soltou um estalo, como se algo em seu interior tivesse explodido, caiu do galho e desapareceu entre as chamas.

Com a visão marcada pelas ondas luminosas do fogo, ela se virou para David. Ele tossia por causa da fumaça.

— Ei, isso foi bem dramático — disse.

— É, acho que foi — admitiu Tally, sentindo-se um pouco boba.

— Pareceu uma atitude muito sincera. Acho que a pessoa que lhe deu esse presente...

— Não importa mais.

— E se alguém aparecer por aqui?

— Ninguém vai aparecer. Tenho certeza.

David sorriu. Com um abraço, tirou Tally de perto do fogo.

— Muito bem, Tally Youngblood, você com certeza sabe como demonstrar as coisas. Escute, eu teria acreditado se você apenas me dissesse...

— Não, eu tinha de fazer desse jeito. Tinha de queimar essa coisa. Para ter certeza.

Ele deu um beijo em sua testa e riu.

— Você é linda.

— Quando você diz isso, eu quase... — sussurrou Tally.

Repentinamente, uma onda de cansaço tomou conta dela, como se suas últimas energias tivessem sido jogadas na fogueira, com o cordão. Estava cansada por causa da corrida até ali, por causa da longa noite com Maddy e Az e por causa do dia pesado de trabalho. E, na manhã seguinte, teria de encarar Shay e explicar o que havia acontecido entre ela e David. Obviamente, assim que reparasse na ausência do pingente, Shay saberia de tudo.

Pelo menos, ela nunca saberia da verdade. O pingente estava torrado, sem chance de identificação; seu real propósito permaneceria oculto. Tally se jogou nos braços de David e fechou os olhos. A imagem do coração incandescente tinha ficado marcada na sua vista.

Estava livre. A dra. Cable nunca chegaria lá, e ninguém poderia afastá-la de David ou da Fumaça. Nem fazer em Tally o que a operação fazia no cérebro dos perfeitos. Ela não era mais uma infiltrada. Enfim, pertencia àquele lugar.

E estava chorando.

Em silêncio, David a levou até o dormitório. Na porta, ele se aproximou para beijá-la, mas Tally o afastou. Shay estava lá dentro. As duas teriam de conversar no dia seguinte. Não seria fácil, mas Tally sabia que, agora, era capaz de enfrentar qualquer coisa.

David entendeu. Levou um dedo aos lábios e depois ao rosto arranhado de Tally.

— Nos vemos amanhã — sussurrou.

— Aonde você vai?

— Vou dar uma volta. Preciso pensar.

— Você não dorme?

— Hoje não — respondeu David, sorrindo.

Tally beijou sua mão e entrou. Jogou os sapatos num canto e se enfiou no saco de dormir sem trocar de roupa. Caiu no sono em poucos segundos, como se tivesse tirado todo o peso do mundo dos ombros.

Na manhã seguinte, ela acordou em meio ao caos, atordoada pelo barulho de gente correndo, gritos e máquinas invadindo seus sonhos. Pela janela do dormitório, viu o céu cheio de carros voadores.

A Circunstâncias Especiais tinha acabado de chegar.

Parte III
NO FOGO

A beleza é a cabeça da Medusa
Que homens armados tentam cortar.
Quanto mais morta, mais mortal a musa
Que morta atormenta sem nunca parar.

— Archibald MacLeish, "Beleza"

INVASÃO

Ao olhar para trás, só encontrou camas vazias. Estava sozinha no dormitório.

Ela sacudiu a cabeça, ainda sonolenta e incrédula. Sob seus pés, o chão tremia, e as paredes balançavam ao redor. Subitamente, o plástico de uma das janelas se despedaçou, e a barulheira antes abafada do lado de fora se espalhou, machucando seus ouvidos. O prédio todo estremeceu, como se estivesse prestes a desmoronar.

Onde estariam todos? Já teriam fugido da Fumaça e a deixado lá para enfrentar a invasão sozinha?

Tally correu até a entrada e abriu a porta com um puxão. Deparou-se com um carro voador pousando. A nuvem de poeira bloqueou sua visão momentaneamente. Ela associou suas linhas agressivas às do veículo da Circunstâncias Especiais que a havia levado ao primeiro encontro com a dra. Cable. Aquele, porém, era equipado com quatro lâminas, onde ficariam as rodas em carros terrestres. Tratava-se de uma espécie de cruzamento entre um carro voador normal e o helicóptero dos guardiões.

O veículo poderia andar em qualquer lugar: na cidade ou em áreas selvagens. Tally lembrou-se das palavras da dra. Cable. *Chegaremos em poucas horas.* Tentou tirar o pensamento da cabeça. Afinal, era impossível aquilo ter algo a ver com ela.

O carro finalmente tocou o chão. Não era hora de ficar parada, pensando. Ela se virou e saiu em disparada.

A área tinha se transformado numa confusão de fumaça e pessoas correndo. As fogueiras acesas em buracos haviam sido apagadas e agora as brasas queimavam por toda parte. Dois dos maiores prédios da vila estavam em chamas. Galinhas e coelhos tentavam escapar, misturados a pequenos redemoinhos de poeira e cinzas. Os Enfumaçados corriam às dezenas: alguns tentando apagar os incêndios, alguns tentando fugir e outros simplesmente em pânico.

No meio de tudo, via-se a movimentação dos perfeitos cruéis. Seus uniformes cinza passavam de um lado ao outro da confusão como sombras

fugazes. Habilidosos e tranquilos, como se não ligassem para o caos ao seu redor, eles se dedicavam a deter os desorientados Enfumaçados. Embora não carregassem armas visíveis, obrigavam todos que atravessavam seu caminho a deitarem no chão, imobilizados e confusos.

Eles tinham velocidade e força super-humanas. A transformação em Especial lhes tinha garantido mais do que rostos ameaçadores.

Perto do refeitório, mais de vinte Enfumaçados tentavam resistir, ameaçando um punhado de Especiais com machados e porretes improvisados. Ao ir na direção do confronto, Tally sentiu aromas perdidos do café da manhã, em meio à sufocante nuvem de fumaça. Seu estômago roncou.

Naquele instante, ela se deu conta de que havia perdido a chamada para o café da manhã, cansada demais para se levantar na mesma hora que os outros. Os Especiais deviam ter esperado até que a maioria dos Enfumaçados estivesse reunida no refeitório para iniciar a invasão.

Era óbvio. O objetivo era capturar o máximo de Enfumaçados numa única ofensiva.

Os Especiais não atacavam o grupo encurralado no refeitório. Com paciência, esperavam formando um círculo em torno do prédio, enquanto recebiam reforço de pessoal e de carros que pousavam a cada minuto. Quando alguém tentava passar pelo cordão de isolamento, eles agiam rapidamente, desarmando e neutralizando o infeliz. A verdade era que a maior parte dos Enfumaçados estava muito atônita para resistir — paralisada pela visão dos rostos terríveis dos oponentes. A maioria nunca tinha visto um perfeito cruel.

Tally se encostou na lateral de um prédio, buscando se esconder por trás de um monte de lenha. Protegendo os olhos da tempestade de poeira, tentou encontrar uma rota de fuga. Não havia como chegar à área central da Fumaça, onde sua prancha descansava no amplo telhado do centro de comércio, recarregando sob o sol. A única saída era a floresta.

No limite mais próximo da vila, havia um trecho de árvores preservadas. Seria uma corrida de apenas vinte segundos. No entanto, uma Especial estava postada entre ela e o início da mata densa, de vigia para interceptar qualquer Enfumaçado em fuga. Os olhos da mulher varriam toda a área perto da floresta, movendo a cabeça de um lado ao outro numa

estranha cadência, como uma pessoa desinteressada assistindo a uma partida de tênis.

Tally avançou com cuidado, ainda encostada no prédio. Um carro passou acima dela, lançando um monte de poeira e farpas de madeira em sua direção.

Quando reabriu os olhos, Tally se viu acompanhada por um feio mais velho, que engatinhava ao seu lado.

— Ei! — sussurrou ele.

Ela reconheceu os traços decadentes e o semblante fechado.

Era o Chefe.

— Estamos com um problema, minha jovem.

Sua voz ríspida se impunha até em meio à confusão de sons. Tally olhou na direção da Especial que montava guarda.

— É, eu sei.

Nesse momento, outro carro passou sobre eles. Rapidamente, o Chefe puxou Tally, até acharem abrigo atrás de um tambor que servia para armazenar a água da chuva.

— Então, você também a viu? — disse ele, revelando a ausência de um dente na boca. — Talvez, se sairmos os dois correndo, um de nós consiga escapar. Se o outro resistir.

— Acho que sim — concordou, embora tivesse sentido um arrepio ao pensar naquilo. Ela deu outra olhada na Especial, que permanecia parada, tranquila como uma coroa à espera do barco de passeio. — Mas eles são muito rápidos.

— Não necessariamente — ele tirou uma sacola dos ombros —, há duas coisas que guardo para emergências.

O Chefe abriu uma sacola e puxou de dentro um pote plástico do tamanho de um sanduíche.

— Esta é uma delas.

Ele soltou um canto da tampa, e uma nuvenzinha de fumaça subiu. Num segundo, uma onda de ardência tomou conta da cabeça de Tally. Ela cobriu o rosto, sentindo os olhos lacrimejarem, e tossiu na tentativa de se livrar da sensação que havia tomado conta de sua garganta.

— Nada mal, hein? — disse o Chefe, rindo. — Isso é pimenta *habanero* seca e pulverizada. Fica boa com feijão, mas é um inferno para os olhos.

— Você perdeu o juízo? — perguntou Tally, piscando os olhos para

secar as lágrimas.

— A segunda coisa é esta sacola, que contém uma amostra representativa de duzentos anos de cultura visual da época dos Enferrujados. Artefatos de valor inestimável. Insubstituíveis. Qual dos dois você quer?

— Como é que é?

— Você quer a pimenta *habanero* ou a sacola de revistas? Quer ser pega depois de se engalfinhar com nossa amiga Especial ou salvar desses bárbaros uma preciosa parte da cultura humana?

Tally tossiu de novo.

— Acho que... quero escapar.

— Ótimo — disse o Chefe, sorrindo. — Estou cansado de fugir. Cansado de perder cabelo e de ser míope, também. Já fiz minha parte. E, além do mais, você parece ser bem rápida.

Ele lhe entregou a sacola. Estava pesada, mas Tally se sentia mais forte desde sua chegada à Fumaça. Revistas nem se comparavam às cargas de metal.

Tally se lembrou de quando folheara uma revista pela primeira vez, na biblioteca, e conhecido, horrorizada, a aparência das pessoas no passado. Naquele primeiro dia na Fumaça, as fotografias a haviam deixado enjoada, mas agora lá estava ela, pronta para salvá-las.

— Esse é o plano — disse o Chefe. — Eu vou na frente. Quando a Especial me agarrar, jogarei um monte de pimenta na cara dela. Então você sai correndo, o mais rápido que puder, sem olhar para trás. Entendeu?

— Entendi.

— Com um pouco de sorte, talvez nós dois consigamos fugir. Se bem que uma plástica até cairia bem em mim. Está pronta?

— Vamos — disse Tally, prendendo bem a alça da sacola no ombro.

— Um... dois... — A contagem parou. — Ah, não. Creio que temos um problema, minha jovem.

— Qual?

— Você está sem sapatos.

Tally olhou para baixo. Na confusão, tinha saído descalça do dormitório. A terra batida da Fumaça não seria problema, mas assim que chegasse à floresta...

— Não vai aguentar nem dez metros, garota. — O Chefe tomou a

sacola de suas mãos e lhe entregou o pote plástico. — Agora, vamos.

— Mas eu... Não quero voltar para a cidade.

— Claro, minha jovem, e eu adoraria receber um tratamento dentário. Porém, todos nós temos de fazer sacrifícios. E a hora é *agora*!

Assim que pronunciou a última palavra, o Chefe empurrou Tally para longe da proteção do tambor. Ela tropeçou para a frente e se viu totalmente exposta. Ao ouvir o barulho de um carro passando bem acima de sua cabeça, Tally instintivamente se agachou e começou a correr na direção da floresta.

A Especial virou a cabeça, cruzou os braços calmamente e franziu a testa, como se fosse uma professora que tivesse acabado de ver algumas crianças brincando onde não deviam.

Tally se perguntou se a pimenta teria efeito na mulher. Se causasse a mesma reação que nela própria, talvez conseguisse alcançar a floresta, ainda que sua função fosse apenas a de ser a isca. Ainda que ela estivesse descalça.

Ainda que David já tivesse sido capturado e ela nunca mais fosse vê-lo...

Pensar naquela possibilidade liberou uma súbita torrente de raiva dentro de Tally. Segurando o pote com as duas mãos, ela disparou para cima da mulher.

Um sorriso surgiu entre os traços agressivos do rosto da Especial.

Uma fração de segundo antes da colisão entre as duas, a Especial desapareceu, como uma moeda na mão de um mágico. Em seguida, Tally sentiu uma pancada na canela, e uma dor se espalhou por sua perna. Com o corpo caindo para a frente, ela esticou os braços, tentando impedir o impacto e deixando o pote escapar.

Tally caiu com tudo, e suas mãos deslizaram na terra. Rolando pelo chão, ela olhou para trás e viu a Especial agachada. A mulher havia apenas se esquivado, com incrível velocidade, e Tally tinha tropeçado nela, como se fosse uma criança.

Sacudindo a cabeça e cuspindo a terra de sua boca, Tally localizou o pote, um pouco à frente. Tentou alcançá-lo, afoitamente, mas logo um peso irresistível abateu-se sobre seu corpo e a lançou de cara no chão. Em seguida, ela sentiu os pulsos sendo puxados para trás e amarrados, com algemas de plástico que cortavam sua pele.

Por mais que se debatesse, não conseguia se mexer.

Assim que Tally deixou de sentir o peso, uma bota empurrou seu corpo

e a virou. A Especial estava de pé ao lado dela, com um sorriso frio, segurando o pote.

— Muito bem, muito bem, feia. Agora se acalme. Não queremos lhe fazer mal. Mas faremos se for necessário.

Tally começou a falar, mas uma dor intensa a impediu de continuar. Na queda, seu queixo tinha batido no chão.

— O que há de tão importante aqui dentro? — perguntou a Especial, sacudindo o pote e tentando enxergar através do plástico translúcido.

De rabo de olho, Tally viu o Chefe se dirigindo à floresta, numa corrida lenta e sofrida. A sacola devia estar pesada demais para ele.

— Abra e veja — sugeriu Tally, mergulhada em dor.

— Farei isso — disse a Especial, ainda sorrindo. — Mas antes tenho de cuidar de outra coisa.

Ela se voltou para o Chefe, assumindo uma postura meio animalesca, agachada e encolhida, como um felino pronto para dar o bote.

Imediatamente, Tally rolou para ficar novamente de costas e passou a dar golpes com os pés no ar. Um dos chutes acertou o pote, que se abriu, lançando uma nuvem de pó avermelhado na Especial.

Por um instante, uma expressão de surpresa tomou conta do rosto da mulher. Em meio a gemidos, seu corpo se agitava convulsivamente. Em seguida, ela fechou os olhos e as mãos e finalmente gritou.

O som, totalmente desumano, chegou aos ouvidos de Tally como o ruído da motosserra atingindo um pedaço de metal. Ela acionou todos os músculos do corpo para tentar se livrar das algemas, embora seus instintos só lhe pedissem que tapasse os ouvidos. Graças a outro movimento brusco, Tally conseguiu ficar de pé e cambaleou em direção à floresta.

Com a pimenta em pó se dispersando ao vento, ela passou a sentir uma pequena irritação na garganta. Corria e tossia. Os olhos lacrimejavam e ardiam, e ela quase não enxergava. De mãos atadas e sem equilíbrio, Tally se enfiou na mata. Logo tropeçou em alguma coisa e caiu.

Ela se arrastou na esperança de chegar longe o bastante para que ninguém a visse.

Piscando os olhos sem parar, percebeu que o grito animalesco da Especial tinha sido um tipo de alarme. Mais três perfeitos cruéis haviam aparecido. Um carregou a mulher para fora dali em seus braços, enquanto os outros se aproximaram da floresta.

Na mesma hora, Tally parou de se mexer, torcendo que houvesse mata suficiente para mantê-la escondida.

Um segundo depois, sentiu uma coceira na garganta, uma irritação que não parava de crescer. Prendeu a respiração e fechou os olhos. Seu peito, no entanto, tremia, e o corpo todo se agitava, traduzindo a urgência de expulsar os restos de pimenta dos pulmões.

Ela *precisava* tossir.

Tally engolia repetidas vezes, como se a saliva pudesse apagar o incêndio em sua garganta. Embora seus pulmões pedissem oxigênio, ela não tinha coragem de inspirar. Um dos Especiais estava a uma distância mínima, examinando a floresta com movimentos lentos, de um lado para o outro, e os olhos percorrendo a mata densa cuidadosamente.

Aos poucos, a ardência pareceu se dissipar, e a vontade de tossir se aplacou silenciosamente dentro do corpo de Tally. Mais tranquila, ela finalmente se permitiu respirar.

No entanto, mesmo com o barulho dos carros, a crepitação dos prédios em chamas e os ruídos de luta, o Especial, de alguma forma, ouviu o ar saindo de sua boca. Atento, ele virou a cabeça, estreitou os olhos e, num único movimento, apareceu ao seu lado e pôs a mão em sua nuca.

— Você dá muito trabalho — disse.

Ela tentou responder, mas só conseguiu tossir descontroladamente, então ele empurrou seu rosto na terra antes que ela pudesse recuperar o fôlego.

VIVEIRO DE COELHOS

Eles a levaram até o viveiro de coelhos, onde havia cerca de quarenta Enfumaçados sentados, de mãos atadas, isolados pela cerca de arame. Uns dez Especiais formavam um cordão, observando os prisioneiros sem qualquer expressão definível. Na entrada da vila, alguns coelhos saltavam sem rumo, surpresos demais com a liberdade repentina para fugir.

O Especial responsável pela captura de Tally a conduziu à área mais distante do portão, onde um punhado de Enfumaçados de narizes ensanguentados e olhos roxos se amontoava.

— Resistência armada — informou aos dois perfeitos cruéis que vigiavam aquele canto do cercado, antes de jogá-la no chão, como os outros.

Tally caiu de costas, e seu peso tornou a pressão das algemas em seus pulsos ainda mais dolorosa. Ao tentar se levantar, ela sentiu um pé em suas costas, empurrando-a para cima. De início, achou que fosse um Especial, mas na verdade era um dos outros Enfumaçados, dando uma ajuda da única forma possível naquela situação. Ela acabou conseguindo se sentar, de pernas cruzadas.

Os Enfumaçados feridos em volta dela sorriram timidamente para encorajá-la.

— Tally — sussurrou alguém.

Virar na direção da voz exigiu mais esforço. Quando conseguiu, Tally viu que se tratava de Croy. Ele tinha um corte acima do olho, com sangue escorrendo pela bochecha, e o outro lado do seu rosto estava coberto de terra. Arrastando-se, chegou mais perto dela.

— Você resistiu? É, acho que eu estava enganado a seu respeito.

Tally só conseguia tossir. Ainda havia restos de pimenta flamejante em seus pulmões, como fagulhas de um incêndio que nunca se apagava. Seus olhos também continuavam lacrimejando.

— Percebi que não acordou na chamada para o café da manhã — prosseguiu ele. — Depois, quando os Especiais apareceram, achei que era um momento muito conveniente para sumir.

Balançando a cabeça, ela forçou as palavras a saírem, apesar das cinzas em sua garganta.

— Estive fora, com David, até tarde. Foi por isso.

Falar fazia sua mandíbula machucada doer.

— Eu não o vi a manhã inteira — disse Croy.

— Sério? — Tally piscava para se livrar das lágrimas. — Talvez ele tenha escapado.

— Duvido que alguém tenha. — Croy apontou com o queixo para a entrada do viveiro. Um grande grupo de Enfumaçados estava chegando, escoltado por uma equipe de Especiais. Entre eles, Tally reconheceu alguns rostos de pessoas que haviam participado da resistência no refeitório. — Estão acabando a limpeza agora.

— Viu Shay por aí?

— Ela estava no café da manhã quando eles atacaram. Mas depois a perdi de vista.

— E o Chefe?

Ele olhou em volta antes de responder.

— Também não.

— Acho que ele escapou. Nós tentamos fugir juntos.

— Que engraçado — disse Croy, com um sorriso malicioso. — Ele sempre disse que não se importaria se fosse capturado. Tinha algo a ver com uma plástica.

Tally conseguiu sorrir. Logo em seguida, porém, lembrou-se das lesões cerebrais que acompanhavam a transformação em perfeito. Sentiu um arrepio ao tentar imaginar quantos dos capturados sabiam o que realmente os esperava.

— É, o Chefe pretendia se entregar, para me ajudar a fugir, mas eu não conseguiria atravessar a floresta.

— Por que não?

— Estava sem sapatos — respondeu, mexendo os dedos dos pés.

— Escolheu o dia errado para dormir além da hora.

— Acho que sim.

Do lado de fora do viveiro lotado, os recém-chegados eram organizados em grupos. Uma dupla de Especiais andava pelo cercado, passando um leitor nos olhos dos Enfumaçados presos e os levando para fora, um por um.

— Devem estar separando as pessoas por cidade — disse Croy.

— Por quê?

— Para nos levar de volta para casa.

— Casa — repetiu Tally.

Na noite anterior, aquela palavra ganhara novo sentido em sua vida. E agora sua *casa* estava destruída. Tudo que havia à sua volta era um monte de ruínas em chamas — e controladas pelos Especiais.

Ela procurou por Shay e David entre os presos. Os rostos familiares no grupo estavam abatidos, sujos, destruídos pelo choque e pela derrota. Mas Tally percebeu que não os considerava mais feios. Eram os semblantes frios dos Especiais, por mais bonitos que fossem, que ela achava horríveis agora.

Uma confusão atraiu sua atenção. Três dos invasores carregavam uma pessoa que se debatia, com mãos e pés atados, dentro do viveiro. Eles foram direto ao canto reservado aos que ofereciam resistência e a jogaram no chão.

Era Shay.

— Fiquem de olho nesta aqui.

Os dois Especiais de guarda examinaram a figura que ainda se agitava.

— Resistência armada? — perguntou um deles.

Houve silêncio por um instante. Tally notou que um dos Especiais tinha uma marca no rosto perfeito.

— Sem armas. Mas ela é perigosa.

Os três deixaram a prisioneira para trás e partiram com uma pressa que perturbava sua graça de perfeitos.

— Shay! — chamou Croy.

Ela rolou para perto deles. Tinha o rosto vermelho. Os lábios inchados sangravam. Quando cuspiu, o que se viu no chão empoeirado foi uma gosma manchada de sangue.

— Croy — conseguiu dizer.

Então ela percebeu a presença de Tally.

— *Você, sua...*

— Ahn, Shay... — tentou intervir Croy.

— Você é a culpada por isso! — Seu corpo se debatia como uma cobra no momento da morte. — Não bastava roubar meu namorado? Tinha de trair a todos na Fumaça?!

Tally fechou os olhos. Aquilo não podia ser verdade. Ela havia

destruído o pingente. O fogo tinha queimado tudo.

— Shay! — disse Croy. — Fique calma. Olhe bem para ela. Tally lutou contra eles.

— Não está vendo, Croy? Olhe ao seu redor! Foi *ela* que provocou isso!

Depois de respirar fundo, Tally se obrigou a encarar Shay. Os olhos da amiga estavam tomados de ódio.

— Shay, eu juro, não fui eu. Eu não... — disse, com a voz sumindo.

— Quem mais poderia tê-los trazido aqui?

— Eu não sei.

— Não podemos culpar uns aos outros, Shay — afirmou Croy. — Pode ter sido qualquer coisa. Uma imagem de satélite. Uma missão de busca.

— Ou uma espiã.

— Quer *olhar para ela*, Shay? Ela está amarrada como nós. Ela tentou resistir!

Shay fechou os olhos com força e balançou a cabeça.

Os dois Especiais com o leitor ótico tinham chegado ao canto dos que haviam resistido. Um se aproximou, cautelosamente, enquanto o outro observava de trás.

— Não queremos lhes fazer mal. Mas faremos se for necessário — disse a mulher. Ela segurou o queixo de Croy e lançou a luz em seu olho. Em seguida, analisou o resultado. — Outro dos nossos.

O Especial que a acompanhava franziu a testa.

— Não sabia que tínhamos tantos fugitivos — comentou.

Os dois puseram Croy de pé e o levaram para junto do maior grupo de Enfumaçados, que estava reunido no lado de fora. Tally mordeu os lábios. Croy era um dos velhos amigos de Shay, o que significava que os dois Especiais eram de sua cidade. Talvez todos os invasores fossem.

Só podia ser coincidência. Não havia como ela ser a responsável por aquilo. Tinha assistido ao pingente queimar!

— Estou vendo que conseguiu levar Croy para o seu lado também — disse Shay.

Os olhos de Tally começaram a se encher de lágrimas, mas dessa vez não por causa da pimenta.

— Olhe para mim, Shay!

— Ele suspeitou de você desde o início. E eu dizia sempre: “Não, Tally

é minha amiga. Ela nunca faria qualquer coisa contra mim."

— Shay, eu não estou mentindo.

— Como conseguiu convencer Croy, Tally? Do mesmo jeito que fez com David?

— Shay, nunca imaginei que pudesse acontecer algo.

— Aonde vocês dois foram ontem?

Pega de surpresa, Tally tentou manter a voz firme:

— Fomos apenas conversar. Contei a ele sobre o cordão.

— E isso levou a noite inteira? Ou você decidiu tentar alguma coisa antes que os Especiais aparecessem? Uma última brincadeira com ele. E comigo.

Tally baixou os olhos.

— Shay...

Uma mão segurou o queixo de Tally e levantou sua cabeça. Ela piscou quando o brilho da luz vermelha atingiu seu olho. A Especial observou o resultado no aparelho.

— Ei, é ela.

Tally balançou a cabeça.

— Não.

O outro Especial conferiu o resultado e teve certeza.

— Tally Youngblood.

Ela não disse nada. Os dois a puseram de pé e tiraram a poeira de suas roupas.

— Venha conosco. A dra. Cable quer vê-la imediatamente.

— Eu sabia — disse Shay, baixinho.

— Não!

Eles conduziram Tally até o portão do cercado. Ela tentou olhar para trás, pensando em palavras para explicar aquilo.

Do chão, mostrando os dentes ensanguentados, Shay tentou olhar para Tally, mas só conseguiu enxergar seus braços atados. Um momento depois, Tally sentiu suas mãos se soltando. Os Especiais haviam cortado as algemas de plástico.

— Não — repetiu ela, num murmúrio.

Um dos Especiais segurou seus ombros, tentando confortá-la.

— Não se preocupe, Tally. Em breve vai estar em casa.

O outro Especial entrou na conversa:

— Estávamos atrás desse grupo há anos.
— É isso aí. Bom trabalho.

EM CASO DE DANOS

Ela foi levada à biblioteca. O local tinha sido transformado em quartel-general dos invasores, com as mesas compridas agora repletas de monitores portáteis operados por Especiais. No lugar do habitual silêncio, ouvia-se um burburinho de frases entrecortadas e ordens. As vozes afiadas dos perfeitos cruéis deixavam Tally com os nervos à flor da pele.

A dra. Cable aguardava sentada a uma das mesas. Lendo uma revista antiga, parecia quase relaxada, alheia à atividade à sua volta.

— Ah, Tally. — Ela mostrou os dentes numa tentativa de sorriso. — É ótimo ver você. Sente-se.

Tally se perguntava o que havia por trás das boas-vindas da doutora. Os Especiais a tratavam como uma cúmplice. Teria o pingente emitido um sinal antes de sua destruição?

De qualquer maneira, sua única chance de fugir era entrar no jogo. Ela puxou uma cadeira e se sentou.

— Meu Deus. Olhe só para você — disse a dra. Cable. — Para alguém que quer se tornar perfeita, você é uma obra de arte.

— Tive uma manhã difícil.

— Parece que você se envolveu numa briga.

Ela fingiu não dar importância ao comentário.

— Eu só estava tentando sair do caminho — explicou.

— Claro. — A dra. Cable pôs a revista na mesa, com a capa virada para baixo. — Você não parece ser muito boa nisso.

Tally tossiu duas vezes, lançando no ar as últimas partículas de pimenta que haviam sobrado dentro de seus pulmões.

— Acho que não sou mesmo.

A dra. Cable deu uma olhada em sua tela de trabalho.

— Vejo que acabou misturada aos que resistiram?

— Alguns dos Enfumaçados já suspeitavam de mim. Por isso, ao ouvir a chegada de vocês, tentei sair da vila. Não queria estar ali quando todos entendessem o que estava acontecendo. Poderiam ficar com raiva de mim.

— Autopreservação. Bem, parece que você é boa em alguma coisa.

— Não fui eu que pedi para vir.

— Não, não foi. E parece que o tempo também não foi uma preocupação para você. — A dra. Cable se recostou e uniu as pontas de seus dedos finos diante do rosto. — Há quanto tempo, exatamente, está aqui?

Tally forçou mais uma tossida enquanto pensava se teria coragem de mentir. Sua voz, ainda rouca e desigual por causa da pimenta, dificilmente a denunciaria. E, embora a sala da dra. Cable na cidade fosse um imenso detector de mentiras, ali só havia uma mesa e uma cadeira de madeira sólida, sem qualquer aparato escondido.

Ainda assim, ela optou pela prudência.

— Não faz tanto tempo.

— Não chegou aqui tão rápido quanto eu queria.

— Na verdade, quase não cheguei. E quando consegui, meu aniversário já tinha passado havia séculos. Foi por isso que suspeitaram de mim.

A dra. Cable balançou a cabeça.

— Acho que devia ter me preocupado mais com você, abandonada na natureza. Pobre Tally.

— Obrigada pela preocupação.

— Mas tenho certeza de que usaria o pingente se estivesse numa situação realmente complicada, já que a autopreservação é seu único talento.

Tally respondeu com um sorriso sarcástico.

— A não ser que eu caísse de um precipício. O que quase aconteceu.

— Ainda assim, viríamos atrás de você — garantiu a dra. Cable. — Mesmo danificado, o pingente enviaria um sinal automaticamente.

As palavras demoraram a entrar na cabeça de Tally: *Mesmo danificado...* Ela apertou os cantos da mesa, tentando conter suas emoções.

A dra. Cable a observou com atenção. Podia estar sem aparelhos para analisar a voz, a pulsação e o suor de Tally, mas sua percepção mantinha-se alerta. Ela havia escolhido aquelas palavras de propósito, para provocar uma reação.

— Por falar nisso, onde está ele?

Por reflexo, Tally levou a mão ao pescoço. Evidentemente, a dra. Cable havia percebido a ausência do pingente desde o início; suas perguntas tinham conduzido a conversa àquele momento. O cérebro de Tally buscava

freneticamente uma resposta. Não havia mais algemas. Ela tinha de sair daquele lugar e ir até o centro de comércio. Com sorte, a prancha ainda estaria lá, aberta para receber a energia do sol matutino.

— Eu o escondi — disse, finalmente. — Estava com medo.

— Medo do quê?

— Ontem à noite, depois de me assegurar de que estava realmente na Fumaça, ativei o pingente. Acontece que eles têm um equipamento que detecta dispositivos infiltrados. Descobriram aquele que estava na minha prancha... o que você instalou sem me avisar. — A observação de Tally provocou um sorriso na dra. Cable, que apenas abriu os braços, como se não pudesse fazer nada a respeito. — Aquilo quase estragou tudo. Enfim, depois de ativar o pingente, fiquei apavorada, achando que eles descobririam que uma transmissão tinha sido feita. Então o escondi, para o caso de realizarem buscas.

— Entendi. Às vezes, o sentido de autopreservação é acompanhado de um pouco de inteligência. Estou feliz por ter decidido nos ajudar.

— Não tive muita escolha.

— Sempre teve escolha, Tally. Mas fez a escolha certa. Decidiu vir aqui, encontrar sua amiga e salvá-la de passar a vida inteira como uma feia. Devia estar feliz com isso.

— Mal consigo me conter de tanta felicidade.

— Vocês, feios, são tão rebeldes. Bem, em pouco tempo estará mais madura.

Tally sentiu um frio na espinha. Para a dra. Cable, "estar mais madura" significava ter o cérebro modificado.

— Só precisa fazer mais uma coisa para mim, Tally. Se importa em recuperar o pingente que você escondeu? Não gosto de deixar nossas coisas perdidas por aí.

— Será um prazer — disse Tally, sorrindo.

— Um oficial a acompanhará. — A dra. Cable levantou o dedo e, num segundo, um Especial apareceu ao seu lado. — E, para garantir sua segurança entre seus amigos Enfumaçados, tomaremos o cuidado de fazer parecer que você resistiu bravamente.

O Especial puxou as mãos de Tally para trás. Ela logo sentiu o aperto do plástico em seus pulsos. Respirou fundo e, mesmo aflita com a situação, conseguiu dizer:

— Como quiser.

— Por aqui.

Tally conduziu o Especial até o centro de comércio, tentando avaliar a situação. A vila havia sido silenciada. Alguns focos de incêndio permaneciam, enquanto outros, embora apagados, ainda soltavam nuvens de fumaça da madeira escurecida.

Alguns rostos se levantaram para olhar Tally com desconfiança. Ela era a única Enfumaçada caminhando pelo lugar. Todos os outros estavam no chão, algemados e sob vigilância, a maioria reunida perto do viveiro de coelhos. Tally sorria timidamente para os que a viam, na esperança de que percebessem que também estava algemada.

Ao chegarem ao comércio, Tally olhou para cima.

— Escondi o pingente no telhado — disse.

Desconfiado, o Especial examinou o prédio.

— Certo. Você espera aqui. Sente-se e nem pense em levantar.

Ela se agachou lentamente. O Especial subiu ao telhado com uma facilidade que deixou Tally assustada. Como poderia se livrar daquele perfeito cruel? Ainda que estivesse de mãos livres, ele era maior, mais forte e mais rápido.

Um instante depois, a cabeça do Especial apareceu numa ponta do telhado.

— Onde está?

— Embaixo do rapatapa.

— Embaixo do quê?

— Do *rapatapa*. Sabe, aquela coisa antiga que conecta a extremidade do telhado com a tropegada.

— De que porcaria está falando?

— Devem ser gírias dos Enfumaçados. Eu mostro para você, então.

Uma nova expressão passou rapidamente pelo rosto impassível do Especial — uma mistura de contrariedade e desconfiança. Apesar disso, ele desceu. Após empilhar alguns caixotes, pulou em cima e puxou Tally, pondo-a sentada na beirada do telhado, como se não pesasse nada.

— Se tocar numa dessas pranchas, esfrego sua cara no chão — ameaçou.

— Há pranchas aqui em cima?

Ele passou como um raio e a levou até o meio do telhado.

— Encontre o pingente — ordenou.

— Tudo bem.

Tally caminhava com cuidado sobre o telhado inclinado, exagerando na dificuldade para se equilibrar sem ajuda dos braços. As células solares das pranchas brilhavam intensamente sob o sol. A de Tally encontrava-se muito longe, no outro lado, e estava aberta em oito partes. Levaria pelo menos um minuto para deixá-la pronta. Bem ao seu lado, porém, havia outra prancha, provavelmente a de Croy, desdobrada apenas em duas partes. Sua luz estava verde. Bastaria um chute para fechá-la e poderia sair voando.

No entanto, Tally não conseguiria voar com os braços presos. Cairia na primeira curva.

Ela respirou fundo, tentando ignorar a parte do seu cérebro que só conseguia pensar na altura até o chão. Desde que o Especial fosse tão rápido e forte quanto parecia ser...

"Estou usando uma jaqueta de *bungee jump*", mentiu para si mesma. "Nada vai me acontecer."

Então, ainda descalça, Tally tropeçou e saiu rolando pelo telhado. Na queda, bateu com os joelhos e cotovelos nas telhas duras e soltou um grito de dor. Ela se esforçava para permanecer no telhado, usando os pés, na esperança de se agarrar a alguma coisa.

No instante em que alcançou a beirada, sentiu uma mão vigorosa agarrar seu ombro. Ela ainda rolou para o nada, separada do chão lá embaixo apenas pelo ar, mas parou antes de cair. Com o braço todo torcido, ouviu a voz afiada soltar um palavrão.

Ela se balançou por um momento, suspensa no ar, e depois os dois começaram a escorregar.

Tally podia ouvir os dedos e os pés do Especial se agitando em busca de um ponto de apoio. Apesar de toda sua força, faltava algo em que pudesse se segurar. Tally ia cair, mas, pelo menos, levaria o perfeito com ela.

Contudo, antes que aquilo acontecesse, ouviu um grunhido e percebeu que estava sendo puxada para cima, com uma força impressionante. Assim que foi jogada no telhado, viu uma sombra passar. Algo se estatelou lá embaixo. O Especial havia se jogado do telhado para salvá-la!

Ela rolou até conseguir se levantar. Com o pé, empurrou uma parte da prancha de Croy, deixando-a pronta para voar. Foi quando ouviu um

barulho vindo da beira do telhado. Por reflexo, afastou-se da prancha.

Primeiro, apareceram os dedos. Depois, num movimento, o corpo inteiro do Especial surgiu no telhado. Sem nenhum ferimento.

— Você está bem? — perguntou Tally. — Caramba, vocês são fortes mesmo, hein. Obrigada por me salvar.

Ele a olhou com frieza.

— Pegue logo o que viemos buscar. E tente não se matar desta vez.

— Tudo bem.

Tally se virou e, outra vez, enfiou o pé numa telha, o que a fez se desequilibrar novamente. Num segundo, o Especial chegou para ampará-la. Desta vez sua voz continha uma raiva genuína.

— Vocês, feios, são tão... incompetentes!

— Bem, se você pudesse... — Antes que Tally acabasse de falar, sentiu o aperto nos pulsos sumir. Ela levou as mãos à frente e esfregou os ombros. — Opa. Obrigada.

— Escute aqui — disse ele, com a voz ainda mais cortante do que antes. — Não quero lhe fazer mal. Mas...

— Fará se for necessário — completou Tally, sorrindo.

Ele estava no lugar perfeito.

— Só quero que pegue o que a dra. Cable pediu. E nem pense em encostar numa dessas pranchas.

— Não se preocupe. Não vou precisar fazer isso — disse ela, estalando os dedos de ambas as mãos o mais alto possível.

A prancha de Croy ergueu-se no ar e derrubou o Especial. Enquanto ele rolava pelo telhado, mais uma vez, Tally subiu a bordo.

FUGA

Tally nunca tinha andado de prancha descalça. Os Enfumaçados mais jovens inventavam todo tipo de competição, como corridas carregando pesos ou em duplas, mas ninguém era tão estúpido a ponto de fazer aquele tipo de coisa.

Ela quase caiu já na primeira curva, num caminho novo, que havia sido preenchido poucos dias antes com metal recolhido da ferrovia. Quando a prancha se inclinou, seus pés sujos escorregaram, e ela começou a girar. Tally agitou os braços desesperadamente e, de alguma forma, conseguiu recuperar o equilíbrio. Dali, passou a toda pela vila e por cima do viveiro de coelhos.

Lá de baixo vieram gritos e aplausos esparsos quando os detidos a viram passar voando e concluíram que era alguém fugindo. Tally, contudo, estava muito ocupada tentando se manter sobre a prancha para apreciar a reação.

Depois de recuperar o equilíbrio, se lembrou de que não dispunha de braceletes. Qualquer queda seria para valer. Seus pés se curvaram, numa tentativa de aumentar a aderência à superfície da prancha, e Tally jurou que entraria mais devagar na curva seguinte. Se o céu estivesse nublado naquela manhã, o sol não teria secado o sereno da prancha de Croy; àquela altura, ela estaria jogada numa pilha de gente no viveiro, provavelmente com o pescoço quebrado. Pelo menos, tinha sorte de, a exemplo da maioria dos Enfumaçados mais jovens, dormir com o sensor de cintura.

Não demorou muito para ouvir o barulho dos carros voadores.

Tally conhecia apenas duas maneiras de sair da Fumaça numa prancha. Por instinto, seguiu rumo aos trilhos da ferrovia, onde trabalhava todos os dias. Ao ver o vale se abrir lá embaixo, ela teve de se esforçar para fazer uma curva fechada sem cair, e seguir sobre o curso de água branca. Sem a mochila ou os braceletes antiqueda, Tally sentia-se praticamente nua.

Além de não ser tão veloz quanto sua, a prancha de Croy não reconhecia seu estilo. Andar naquilo era como se acostumar a tênis novos — durante uma fuga para salvar a vida.

A água do rio respingava em seu rosto, mãos e pés. Tally se ajoelhou e, com as mãos molhadas, segurou firme nas extremidades da prancha. Voava na menor altitude possível. Ali, talvez o spray tornasse a tarefa ainda mais difícil, mas por outro lado a barreira de árvores a deixava praticamente invisível. Ela se permitiu olhar para trás: ainda não havia nenhum carro voador por perto.

Enquanto descia o rio sinuoso, acompanhando as familiares curvas fechadas, Tally pensou em todas as vezes que havia disputado corrida até o trabalho com David e Shay. Ela se perguntou onde estaria David. Na vila, amarrado e pronto para ser conduzido à cidade que sequer conhecia? Para ter seu rosto apagado e substituído por uma máscara perfeita, acompanhada de um cérebro transformado numa gosma que as autoridades considerassem aceitável para um ex-renegado criado na natureza?

Ela tentou afastar aquelas imagens da cabeça. Não vira David entre os que resistiram e foram capturados. Se tivesse sido pego, certamente não seria sem luta. Ele devia ter escapado.

De repente, ouviu o rugido de um carro voador acima dela, e o deslocamento de ar causado por sua passagem quase a derrubou da prancha. Poucos segundos depois, Tally teve certeza de que a haviam localizado: o carro fez uma curva brusca, soltando um barulho agudo que se espalhou pela floresta, e voltou em direção ao rio.

Quando notou duas sombras, Tally olhou para cima, confirmando que se tratava de dois carros, equipados com lâminas que reluziam como facas afiadas sob o sol da manhã. Aqueles veículos podiam ir a qualquer parte, enquanto ela estava limitada aos apoios magnéticos. Não tinha outra opção além de seguir a ferrovia.

Então, Tally se recordou de sua primeira viagem até o escritório da dra. Cable, das manobras bruscas e do motorista perfeito. Em linha reta, os carros eram muito mais velozes que qualquer prancha. Sua única vantagem era conhecer o caminho como a palma da mão.

E, felizmente, não estava nem perto de ser uma linha reta.

Agarrada firmemente à prancha, Tally saiu do rio e começou a voar sobre a encosta. Passando direto, os carros desapareceram, enquanto ela deslizava sustentada pelos veios de minério de ferro. O problema era que logo estava sobrevoando campo aberto — a planície se estendendo por uma área que nunca havia parecido maior.

Percebeu que aquele era um dia perfeito, sem uma única nuvem no céu.

Para reduzir a resistência do ar, Tally ficou praticamente deitada, extraindo toda velocidade possível da prancha de Croy. Era improvável que alcançasse o abrigo seguinte antes que os dois carros retornassem.

Ela se perguntou como eles pretendiam capturá-la. Com um aparelho de dar choque? Com uma rede? Simplesmente a derrubariam com o deslocamento de ar? Naquela velocidade, e sem braceletes antiquedas, cair da prancha significaria a morte.

Talvez isso não fosse um problema para eles.

O barulho das lâminas vinha do lado direito — cada vez mais alto.

Pouco antes de o som alcançá-la, Tally escorregou bruscamente e ficou estatelada na prancha. Os dois carros passaram como raios, a uma distância considerável dela, mas ainda assim provocaram uma ventania que a fez rodopiar. A prancha virou e, quando acertou a posição, Tally estava pendurada pelos braços, vendo o mundo girar à sua volta.

Ela recobrou o controle e se lançou à frente, tentando recuperar a velocidade máxima, antes que os carros retornassem. Se, por um lado, os Especiais eram rápidos, pelo outro, sua prancha era mais manobrável.

Quando a curva seguinte se aproximou, os carros já estavam perto, agora mais lentos, com os pilotos cientes de que, em velocidade máxima, passariam direto por Tally todas as vezes.

Era hora de provar que podiam voar em meio às copas das árvores.

Ajoelhada na prancha, segurando firme com as duas mãos, Tally entrou na curva, descendo para seguir pouco acima da terra rachada no leito seco de um córrego. Podia ouvir o barulho dos carros cada vez mais nítido.

Eles a rastreavam com extrema facilidade. Provavelmente se baseavam no calor do corpo para localizá-la entre as árvores, a mesma estratégia empregada pelos inspetores na cidade. Tally se recordou do pequeno aquecedor portátil que havia usado tantas vezes para escapar do dormitório. Gostaria de tê-lo à mão naquela hora.

Foi quando se lembrou das cavernas que David tinha lhe mostrado em seu primeiro dia na Fumaça. Sob as pedras frias da montanha, a emissão de calor de seu corpo sumiria do mapa.

Ela ignorou o ruído de seus perseguidores e disparou pelo leito do córrego, passando por um veio de minério, até alcançar o rio que levava à

ferrovia. Enquanto deslizava bem perto da água, os carros se mantinham acima das árvores, esperando pacientemente que saísse de seu refúgio.

Com a aproximação do desvio para a ferrovia, Tally acelerou, voando na maior velocidade que a coragem lhe permitia. Fez a curva numa incrível derrapada e mergulhou na direção dos trilhos.

Os carros passaram direto, seguindo a água. Os Especiais podiam até estar esperando que desviasse em outro rio, mas a aparição repentina de uma antiga ferrovia os pegara de surpresa. Se Tally conseguisse chegar à montanha antes que eles retornassem, estaria a salvo.

De repente, Tally se lembrou do ponto em que eles tinham arrancado os trilhos para recolher o metal, bem a tempo de inclinar a prancha e se preparar para um instante nauseante de queda livre. Ela descreveu um arco no ar e logo os sustentadores voltaram a encontrar metal lá embaixo. Bastaram mais trinta segundos para Tally chegar ao fim da linha.

Depois de pular no chão, ela virou a prancha e lhe deu um empurrão na direção do rio. Sem os braceletes para atraí-la de volta, a prancha percorreria a linha reta da ferrovia, até alcançar a falha, onde acabaria caindo no chão.

Com sorte, os Especiais pensariam que ela sofrera uma queda e iniciariam as buscas naquele lugar.

Tally subiu pelos rochedos, até a caverna, arrastando-se para dentro da escuridão. Foi o mais longe possível, torcendo para que as toneladas de pedras fossem suficientes para ocultá-la dos Especiais. Quando a luz que vinha do lado de fora já não passava do tamanho de um olho, ela se sentou na pedra, resfolegando e com as mãos ainda trêmulas por causa do voo. Precisou repetir várias vezes a si mesma que havia conseguido.

A pergunta era: havia conseguido o quê? Estava sem sapatos, sem prancha e sem amigos. Não tinha sequer um purificador de água ou um pacote de EspagBol. E nem uma casa para voltar.

Estava completamente sozinha.

— Estou ferrada — disse, em voz alta.

Do meio da escuridão, alguém respondeu:

— Tally? É *você*?

Duas mãos seguraram os ombros de Tally no escuro.

— Você conseguiu! — Era a voz de David. Atônita, Tally não conseguia falar, mas o puxou para perto e afundou o rosto em seu peito. — Quem mais está com você?

Ela mexeu a cabeça para os lados.

David soltou um murmúrio, decepcionado. Em seguida, a caverna pareceu tremer, e ele abraçou Tally com mais força. Podiam ouvir um carro voador passando lentamente lá em cima. Tally imaginou as máquinas examinando cada fenda nas rochas em busca de sinais de suas presas.

Teria levado os Especiais até David? Seria perfeito — a traição final.

O rumor dos perseguidores retornou, e David decidiu puxá-la mais para o fundo, por um longo e sinuoso caminho, mais frio e escuro. Agora, além do silêncio, só havia a sensação de umidade e frio. Tally imaginou montanhas de Enferrujados mortos enterrados entre as pedras.

Os dois esperaram abraçados, sem fazer barulho, pelo que pareceram ser horas. Não tiveram coragem de falar até muito depois de o ruído dos carros desaparecer.

— O que está acontecendo na Fumaça? — perguntou David, finalmente, num sussurro.

— Os Especiais apareceram hoje de manhã.

— Eu sei. Eu vi. — Ele a abraçou mais forte. — Não consegui dormir. Então, peguei minha prancha e subi a montanha para ver o sol nascer. Eles passaram por mim: vinte carros voadores de uma vez. Mas qual é a situação agora?

— Puseram todo mundo no viveiro dos coelhos e nos separaram em grupos. Croy disse que vão nos levar de volta para as nossas cidades.

— Croy? Quem mais você viu?

— Shay e alguns amigos dela. Talvez o Chefe tenha escapado. Eu e ele tentamos fugir juntos.

— E meus pais?

— Não sei.

Ela agradecia por estar no escuro. O medo na voz de David já era doloroso o suficiente. Seus pais eram os fundadores da Fumaça e conheciam o segredo da operação. Qualquer que fosse a punição para os outros Enfumaçados, para eles seria cem vezes pior.

— Não consigo acreditar que acabou acontecendo — disse David. Tally tentou pensar em alguma coisa reconfortante para dizer. Porém, tudo que via no escuro era o sorriso debochado da dra. Cable. — Como conseguiu fugir?

Tally soltou as mãos e esfregou os pulsos, ainda carregando as algemas, agora como espécies de pulseiras.

— Primeiro me livrei disso aqui, depois subi no telhado do centro de comércio e roubei a prancha de Croy.

— Mas não estava sendo vigiada? — perguntou David. Ela mordeu os lábios, sem dizer nada. — Incrível. Pelo que minha mãe diz, eles são super-humanos. A segunda operação aumenta seus músculos e recondiciona seu sistema nervoso. Além do mais, são tão assustadores que algumas pessoas entram em pânico só de olhar para eles. — Ele a abraçou. — Mas eu já devia saber que você conseguiria.

Embora não fizesse diferença naquela escuridão absoluta, Tally fechou os olhos. Desejava que pudessem ficar ali para sempre, sem precisar encarar o que havia do lado de fora.

— Foi apenas sorte — disse ela.

Era difícil acreditar que já estivesse mentindo de novo. Se tivesse contado a verdade desde o início, os Enfumaçados saberiam como lidar com o pingente. Poderiam tê-lo prendido a uma ave migratória e, àquela altura, a dra. Cable estaria a caminho da América do Sul, em vez de instalada na biblioteca, supervisionando a destruição da Fumaça.

Tally sabia, porém, que não podia contar a verdade. Não depois de tudo aquilo. David nunca mais confiaria nela, depois de ela ter destruído seu lar e sua família. Tally já havia perdido Peris, Shay e sua nova casa. Não suportaria perder David também.

E que vantagem uma confissão traria naquela situação? David estaria sozinho, assim como ela, no momento em que mais precisavam um do outro. Sentiu as mãos dele em seu rosto.

— Tally, você ainda me impressiona — disse David.

Ela foi tomada por uma angústia, como se aquelas palavras fossem uma

faca enfiada em seu corpo.

Naquele instante, Tally decidiu assumir um compromisso consigo mesma. Um dia, contaria a David o que havia feito sem querer. Não seria agora, mas um dia. Quando ela tivesse melhorado as coisas, consertado parte do que havia destruído, talvez ele entendesse.

— Vamos atrás deles — disse. — Vamos resgatá-los.

— Quem? Meus pais?

— Eles vieram da minha cidade, não vieram? Então é para lá que serão levados. Assim como Shay e Croy. Vamos resgatar todos eles.

David deu um sorriso triste.

— Nós dois? Contra um monte de Especiais?

— Eles não estarão nos esperando.

— Como os encontraremos? Nunca estive numa cidade, mas sei que são bem grandes. Mais de um milhão de pessoas.

Tally respirou fundo, mais uma vez se lembrando da primeira ida ao escritório da dra. Cable. Dos prédios baixos de cor de terra, nos limites da cidade, depois do cinturão verde, enfiados entre fábricas. Da imensa montanha próxima.

— Sei onde estarão.

— Como é que é? — perguntou David, afastando-se de Tally.

— Já estive lá. No quartel-general da Circunstâncias Especiais.

Houve silêncio por algum tempo.

— Achei que isso fosse segredo. A maioria dos garotos que vêm para cá sequer acredita na existência deles.

Ela prosseguiu, sofrendo silenciosamente ao se ver inventando outra mentira com tamanha facilidade:

— Há um tempo, eu aprontei uma muito séria, do tipo que requer atenção especial. — Ela encostou a cabeça no corpo de David de novo, feliz por não poder ver seu rosto ingênuo. — Eu tinha ido até Nova Perfeição. É onde as pessoas vivem depois da operação, com diversão o tempo todo.

— Já ouvi falar desse lugar. E os feios não têm permissão para ir lá, não é?

— Exatamente. É uma infração bem grave. Mas continuando... eu estava vestindo uma máscara e entrei de penetra numa festa. Eles quase me pegaram. Para fugir, tive de usar uma jaqueta de bungee jump.

— E o que seria isso?

— É uma espécie de prancha, mas que você veste. Foi inventada para escapar de incêndios em prédios altos. Só que os novos perfeitos usam a jaqueta para se divertir. Então, eu peguei uma, acionei o alarme de incêndio e pulei do terraço. Muita gente ficou assustada.

— Certo. Shay me contou essa história no caminho para a Fumaça, dizendo que você era a feia mais legal do mundo. Mas o que ficou mesmo na minha cabeça foi que a cidade deve ser *muito* chata.

— É, acho que você tem razão.

— Mas você foi pega? Shay não contou essa parte.

A mentira ia tomando forma à medida que ela falava, tentando manter o maior número possível de traços de verdade.

— É, achei que tivesse me safado. Acontece que eles encontraram meu DNA ou algo parecido. Alguns dias depois, me levaram para a Circunstâncias Especiais e me apresentaram a uma mulher assustadora. Acho que era a chefona. Foi a primeira vez que vi os Especiais.

— Eles são tão maus como dizem, pessoalmente?

— São incrivelmente bonitos, mas de um jeito terrível, agressivo. A primeira vez é a pior. Mas eles só queriam me assustar. Disseram que eu estaria enrascada se fosse pega novamente. Ou se contasse a alguém a respeito daquilo. Foi por isso que nunca disse nada a Shay.

— Isso explica muita coisa — comentou David.

— Muita coisa sobre o quê?

— Sobre você. Você sempre pareceu saber que era perigoso ficar na Fumaça. De alguma forma, compreendia a verdade por trás das cidades, antes mesmo de meus pais contarem tudo sobre a operação. Era a única fugitiva que eu conhecia que realmente entendia a situação.

Tally concordou: aquilo, pelo menos, era verdade.

— Eu entendo.

— E mesmo assim quer voltar para buscar meus pais e Shay? Correndo o risco de ser pega? Correndo o risco de ter o cérebro manipulado?

Ela começou a soluçar.

— Eu preciso fazer isso.

Para compensar o que fiz até agora.

David a abraçou bem forte e tentou beijá-la. Ela virou o rosto e, finalmente, deixou as lágrimas escorrerem.

— Tally, você é incrível.

RUÍNA

Eles só saíram da caverna na manhã seguinte.

Tally piscava sem parar, ofuscada pela claridade do amanhecer, na expectativa de ver uma esquadra de carros voadores saindo repentinamente de trás das árvores. Durante a noite, porém, eles não tinham ouvido qualquer sinal de equipes de busca. Talvez, agora que a Fumaça estava destruída, pegar uns poucos fugitivos não valesse o esforço.

Embora houvesse passado o tempo todo escondida na caverna, um dia inteiro sem contato com a luz do sol, a prancha de David ainda tinha carga para levá-los de volta. Assim, eles partiram em direção ao rio. O estômago de Tally roncava, sem ver comida há um dia, mas ela precisava mesmo era de água. Sua boca estava tão seca que mal conseguia falar.

David se ajoelhou na beirinha e mergulhou a cabeça na água congelante. Tally tremeu só de olhar. Sem coberta e sapatos, tinha penado a noite inteira na caverna, mesmo encolhida nos braços de David. Precisava de uma refeição quente antes de encarar qualquer coisa mais gelada que a brisa da manhã.

— E se a Fumaça continuar ocupada? — perguntou. — Onde vamos arrumar comida?

— Você disse que eles puseram os prisioneiros no viveiro. E para onde foram os coelhos?

— Para todos os lados.

— Excelente. Devem estar por toda parte agora. E não são difíceis de pegar.

Ela fez uma cara de nojo.

— Tudo bem. Desde que a gente cozinhe a carne.

— É claro — disse David, sorrindo.

— Nunca acendi uma fogueira — confessou Tally.

— Não se preocupe. Está no seu sangue.

David subiu na prancha e estendeu o braço. Tally nunca havia participado de voos duplos. Ficou feliz por estar ao lado de David e não de uma pessoa qualquer. Ela se ajeitou na frente dele. Os dois mantinham os

corpos colados, com os braços de Tally abertos e os de David na cintura dela. As curvas eram vencidas sem conversas, apenas um deixando o corpo pender para um lado, e o outro seguindo o movimento. Depois de algum tempo se acostumando, passaram a se mexer juntos, guiando a prancha pelo caminho familiar, como se fossem um só.

Mantendo um ritmo contido, o esquema funcionava bem. Tally, porém, tinha de ficar atenta a qualquer possível ruído de perseguição. Se um carro voador aparecesse, seria difícil iniciar uma fuga em alta velocidade.

Sentiram o cheiro da Fumaça muito antes de vê-la de fato.

Do alto da montanha, os prédios pareciam fogueiras exauridas: estavam aos pedaços, soltando fumaça e completamente escurecidos. Nada se mexia na vila, à exceção de alguns pedaços de papel carregados pelo vento.

— A impressão é de que queimou a noite inteira — comentou Tally.

Sem conseguir falar, David apenas concordou. Ela segurou sua mão, tentando imaginar como seria ver seu único lar reduzido a um monte de ruínas enfumaçadas.

— Sinto muito, David.

— Temos de ir lá embaixo. Preciso ver se meus pais...

Ele não conseguiu terminar a frase. Tally buscava sinais de alguém que tivesse permanecido na Fumaça. Embora o lugar parecesse totalmente deserto, poderia haver Especiais escondidos, à espera de Enfumaçados desgarrados.

— É melhor esperarmos — sugeriu ela.

— Não posso. A casa dos meus pais é do outro lado do espinhaço. Talvez os Especiais não a tenham visto.

— Se isso houver acontecido, Maddy e Az ainda estão lá.

— E se eles tiverem fugido? — perguntou David.

— Aí sairemos à procura deles. Enquanto isso, vamos tomar cuidado para que também não acabemos presos.

— Você está certa — disse David, conformado.

Tally continuava segurando sua mão bem firme. Eles abriram a prancha e aguardaram o sol subir, ainda procurando sinais de seres humanos lá embaixo. Às vezes, as brasas voltavam a ganhar vida, atiçadas pelo vento, e então as últimas colunas de madeira que permaneciam de pé desabavam, uma atrás da outra, transformando-se em cinzas.

Alguns animais buscavam comida. Tally ficou horrorizada ao ver um coelho perdido ser capturado por um lobo. Depois de um rápido confronto, tudo que sobrara foi um rastro de pelos e sangue. Aquilo era o que restava da natureza, pura e selvagem, poucas horas após a queda da Fumaça.

— Está pronta para descer? — perguntou David, depois de uma hora.

— Não. Mas a verdade é que nunca estarei.

Eles se aproximaram bem devagar, prontos para darem meia-volta e fugirem se algum Especial aparecesse. Ao chegarem ao início da vila, porém, Tally sentiu seu nervosismo se transformar numa coisa pior: a terrível certeza de que não havia mais ninguém ali.

Seu novo lar tinha desaparecido, e em seu lugar restavam apenas destroços chamuscados.

No viveiro, pegadas revelavam os caminhos percorridos pelos Enfumaçados, entrando e saindo do cercado — uma comunidade inteira tratada como gado. Uns poucos coelhos continuavam saltando nas proximidades.

— Bem, pelo menos não vamos morrer de fome — observou David.

— É, acho que não — disse Tally, embora a visão da Fumaça tivesse acalmado sua fome. Ela tentava entender como David sempre conseguia pensar em aspectos práticos, independentemente dos horrores com que se deparava. — Ei, o que é aquilo ali?

Num dos cantos do viveiro, do outro lado da cerca, havia montes de pequenos objetos. Eles voaram para mais perto. David tentava enxergar através de uma cortina de fumaça.

— Parecem... sapatos.

Tally forçou a vista para conferir; ele estava certo. Ela baixou a prancha, desceu e correu até o lugar.

Era uma cena impressionante. Ao redor de Tally, havia cerca de vinte pares de sapatos espalhados, de todos os tamanhos. Ela se abaixou para examiná-los de perto. Estavam amarrados, como se tivessem sido tirados por pessoas com as mãos presas...

— Croy me reconheceu — murmurou Tally.

— O quê?

— Quando eu escapei, passei voando pelo viveiro. Croy deve ter visto quem era. E ele sabia que eu estava descalça. Até brincamos sobre isso.

Ela imaginou os Enfumaçados, impotentes, à espera do seu destino, decidindo fazer um último gesto de desafio. Croy devia ter tirado os sapatos e depois sussurrado a quem pudesse ouvir: "Tally está livre. E descalça." O resultado era aquele monte de pares à sua disposição — a única ajuda que podiam dar à companheira Enfumaçada que eles haviam visto fugir.

— Eles sabiam que eu voltaria aqui — disse ela, num fiapo de voz.

O que eles não sabiam era quem os havia traído.

Tally pegou um par que pareceu ser do tamanho certo, com sola antiderrapante, e o calçou. Coube perfeitamente. Na verdade, serviu melhor do que os dados pelos guardiões.

De volta à prancha, ela tentou esconder a expressão de dor que tomava conta de seu rosto. Dali em diante seria daquele jeito. Cada gesto de bondade de suas vítimas faria com que se sentisse pior.

— Tudo bem. Vamos lá — disse a David.

O trilho para pranchas os levou pelo vilarejo, passando pelas vielas que restavam entre as ruínas carbonizadas. Ao lado de um prédio largo, que agora não passava de um monte de entulho queimado, David decidiu parar.

— Temi que isso pudesse acontecer.

Tally tentou identificar o que havia naquele lugar. Seu conhecimento da Fumaça tinha desaparecido; os caminhos familiares reduzidos a uma vastidão de cinzas e brasas.

Então, ela reconheceu algumas páginas queimadas sendo levadas pelo vento. A biblioteca.

— Eles não tiraram os livros antes de... — gritou Tally. — Mas por quê?

— Não querem que as pessoas saibam como as coisas eram antes da operação. Querem que vocês continuem se odiando. Do contrário, seria muito fácil se acostumar a rostos feios, a rostos *normais*.

Tally se virou para David e disse:

— A alguns, pelo menos.

Ele reagiu com um sorriso triste.

De repente, Tally se lembrou de algo.

— O Chefe estava fugindo com umas revistas velhas. Talvez tenha

conseguido.

— A pé? — disse David, sem levar muita fé na possibilidade.

— Espero que sim.

Ela se inclinou para frente, e a prancha seguiu adiante, até um dos limites da cidade. Ainda havia uma mancha de pimenta no local de sua briga com a Especial. Tally desceu para tentar se recordar em que ponto exato o Chefe tinha entrado na floresta.

— Se ele conseguiu mesmo fugir, já está longe daqui — ponderou David.

Tally se enfiou na mata, à procura de sinais de confronto. Com o sol da manhã passando por entre as folhas, ela identificou uma trilha de galhos quebrados no meio da floresta. O Chefe não fora muito cuidadoso: o rastro parecia deixado por um elefante descontrolado.

Ela encontrou a sacola meio escondida, enfiada sob uma árvore caída coberta de musgo. As revistas continuavam lá dentro, cada uma cuidadosamente protegida por uma capa de plástico. Tally pendurou a sacola no ombro, feliz por poder salvar alguma coisa da biblioteca, o que representava uma pequena vitória sobre a dra. Cable.

Momentos depois, ela encontrou o Chefe.

Estava deitado de costas, com a cabeça virada num ângulo que não deixava dúvidas de que havia algo de muito errado. Tinha os dedos apertados e as unhas sujas de sangue — um sinal de que arranhara alguém. Ele devia ter resistido para distraí-los, talvez para evitar que encontrassem a sacola. Ou talvez na esperança de facilitar a fuga de Tally.

Ela se lembrou do que os Especiais lhe disseram mais de uma vez: *Não queremos lhe fazer mal, mas faremos se for necessário.*

Estavam falando sério. Sempre falavam sério.

Tropeçando, saiu da floresta, perplexa, carregando a sacola.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou David. Tally não respondeu. Ao ver seu semblante, ele desceu da prancha. — O que aconteceu?

— Eles o pegaram. Mataram o Chefe.

David arregalou os olhos, chocado, mas tentou manter a calma.

— Vamos, Tally. Temos de sair daqui.

Ela piscou. Havia algo de errado com a luz do sol, algo fora do lugar, como o pescoço do Chefe. Era como se o mundo tivesse sido deformado durante sua busca dentro da floresta.

— Para onde vamos? — perguntou baixinho.
— Temos de ir até a casa dos meus pais.

MADDY E AZ

David cruzou o espinhaço tão rápido que Tally achou que fosse cair da prancha. Ela se agarrava ao casaco dele para se equilibrar e agradecia pelos novos tênis com solado antiderrapante.

— Calma, David. O Chefe reagiu, foi por isso que eles o mataram.

— Meus pais também reagiriam.

Ao ouvir aquilo, ela se calou e passou a se concentrar em não cair. Quando alcançaram o ponto mais próximo da casa, David saltou e saiu correndo pelo barranco.

Tally reparou que a prancha ainda não estava com carga total e decidiu abri-la antes de ir atrás de David. Também não tinha pressa alguma de descobrir o que os Especiais teriam feito a Maddy e Az. No entanto, ao imaginar David encontrando os pais sozinho, correu para alcançá-lo.

Foram necessários alguns minutos para achar o caminho no meio da mata densa. Dois dias antes, eles vieram à noite e de outra direção. Agora ela tentava ouvir algum sinal de David, sem sucesso. Contudo, logo o vento mudou, trazendo um cheiro de fumaça por entre as árvores.

Queimar a casa não fora uma tarefa simples.

As paredes e o teto de pedra, encravados na montanha, não garantiam muito combustível para um incêndio. Nitidamente, os agressores jogaram seu próprio combustível lá dentro. As janelas haviam estilhaçado para fora, com cacos de vidro espalhados pelo gramado, e quase não havia sinal das portas, além de restos de madeira queimada pendurados nas dobradiças.

David ficou parado na entrada, sem coragem de atravessar o batente.

— Fique aqui — disse Tally.

Ela entrou, mas logo o ar pesado a deteve. A luz da manhã que atravessava a janela destacava as partículas suspensas de cinzas — pequenas galáxias em espiral postas em movimento pela sua passagem.

Sob seus pés, as tábuas escurecidas rangiam. Em certos pontos, tinham praticamente sumido, revelando pedras por baixo. Alguns objetos, contudo, sobreviveram ao incêndio. A estatueta de mármore da qual ela se lembrava bem, da sua primeira visita ao lugar. Além disso, um dos tapetes permanecia

misteriosamente intocado na parede, e, na sala, a brancura de algumas xícaras contrastava com a mobília chamuscada. Tally segurou uma peça e concluiu que, se as xícaras haviam sobrevivido, um corpo humano deixaria mais que meros resíduos.

Ela engoliu em seco: se os pais de David tivessem sido pegos, seus restos seriam facilmente encontrados.

Mais para dentro, numa pequena cozinha, panelas e frigideiras vindas da cidade continuavam penduradas no teto. Embora retorcido e queimado, o metal ainda brilhava em alguns pontos. Tally também reparou num saco de farinha e em pedaços de frutas secas. Seu estômago roncou.

Só faltava o quarto.

No teto baixo e inclinado, a pintura apresentava rachaduras e manchas, evidências da fúria do fogo. O calor ainda subia da cama, onde o colchão de palha e as colchas grossas haviam certamente alimentado o incêndio.

Az e Maddy, porém, não estavam lá. Não havia nada no quarto que correspondesse a restos humanos. Aliviada, Tally fez o caminho de volta, conferindo a situação de todos os recintos.

Ela saiu da casa balançando a cabeça.

— Ou os Especiais os levaram ou eles fugiram.

David concordou e decidiu entrar na casa. Enquanto isso, Tally se agachou, tossindo sem parar. Seus pulmões estavam finalmente reclamando da fumaça e das partículas inaladas. Ela notou que seus braços e mãos estavam completamente cobertos de fuligem.

Quando David retornou, trazia na mão uma faca comprida.

— Estique os braços.

— Como?

— As algemas. Não aguento esses pedaços de plástico nos seus pulsos.

Ela estendeu os braços. Com cuidado, David passou a lâmina entre a pele de Tally e o plástico, executando um movimento de vaivém. Um minuto depois, frustrado, ele parou de tentar.

— Não está funcionando.

Tally olhou de perto. Mal se viam marcas no plástico. Ela não tinha visto o Especial separar as algemas, mas tudo não havia levado mais que uns segundos. Talvez eles utilizassem substâncias químicas.

— Pode ser um tipo de plástico usado em aeronaves — disse. — Há materiais desse tipo mais resistentes que o aço.

— Então como você conseguiu partir um pedaço? — perguntou David. A boca de Tally chegou a se abrir, mas não emitiu nenhum som. Não havia como contar que os próprios Especiais a tinham libertado. — Aliás, por que você está com duas algemas em cada pulso?

Ela olhou para os braços, totalmente emudecida, e se lembrou de que havia sido algemada uma vez ao ser capturada e outra diante da dra. Cable, antes de ser levada para recuperar o pingente.

— Não sei. Devem ter botado duas por garantia. Mas foi fácil me soltar. Usei uma pedra afiada.

— Isso não faz sentido — disse David, examinando a faca. — Papai sempre disse que esse era o objeto mais útil que havia trazido da cidade. É feita de ligas metálicas de última geração e monofilamentos.

— De repente, a parte que unia as algemas era feita de outro material.

David não engolia a história. Porém, depois de um tempo, resolveu esquecer o assunto.

— Ah, tanto faz. Vamos ter que aguentar essas coisas. Bem, de uma coisa eu tenho certeza: meus pais não conseguiram fugir.

— Como sabe?

Ele ergueu a faca.

— Se tivesse percebido alguma movimentação, meu pai nunca teria partido sem levar isso aqui. Os Especiais devem ter chegado de surpresa.

— Sinto muito, David.

— Pelo menos estão vivos. — Ele a encarou, e Tally pôde perceber que seu pânico desaparecera. — E então, ainda quer ir atrás deles?

— Claro que sim.

— Que bom — disse David, sorrindo. Sentado ao seu lado, ele olhava para trás e balançava a cabeça. — É engraçado. Mamãe sempre dizia que isso acabaria acontecendo. Eles tentaram me preparar durante toda minha infância. Por muito tempo, acreditei neles. Mas, depois de tantos anos, comecei a pensar. Talvez meus pais só fossem um pouco paranoicos. Talvez, como diziam os fugitivos, a Circunstâncias Especiais nem existisse. — Tally só concordava com a cabeça, preferindo o silêncio ao que poderia dizer. — E, agora que as coisas aconteceram, tudo parece ainda menos real — concluiu ele.

— Sinto muito por você, David. — Apesar das palavras, David não tinha como compreender a profundidade dos sentimentos de Tally. Não até

que ela o ajudasse a salvar seus pais. — Não se preocupe. Nós vamos encontrar os dois.

— Primeiro temos de passar num lugar.

— Onde?

— Como eu disse, meus pais se prepararam para isso desde que fundaram a Fumaça. Tomaram suas providências.

— Cuidaram para que você fosse capaz de cuidar de si mesmo, por exemplo — disse Tally, tocando-o por cima do couro macio de sua jaqueta.

Sorrindo, David levou a mão ao rosto de Tally, para limpar a fuligem que o cobria.

— Fizeram muito mais do que isso. Você vai ver.

Numa caverna próxima à casa, com uma entrada tão pequena que era necessário passar engatinhando, David mostrou a Tally o estoque de equipamentos que seus pais tinham escondido durante vinte anos.

Purificadores de ar, aparelhos de orientação, roupas superleves, sacos de dormir: pelos padrões da Fumaça, uma verdadeira fortuna em equipamentos de sobrevivência. As quatro pranchas tinham um estilo antigo, mas dispunham dos mesmos recursos daquela entregue pela dra. Cable a Tally para a viagem. E ainda havia um pacote de sensores de cintura sobressalentes, com proteção contra a umidade. Era tudo do mais alto nível.

— Caramba, eles estavam mesmo preparados.

— Sempre. — David pegou uma lanterna e apontou o facho para uma pedra. — Toda vez que eu vinha aqui, para verificar o material, acabava imaginando este momento. Pensei detalhadamente em tudo de que precisaria. Um milhão de vezes. Parece até que de tanto imaginar as coisas aconteceram para valer.

— Não é culpa sua, David.

— Se eu estivesse aqui...

— Neste instante, você estaria num carro da Circunstâncias Especiais, algemado, sem condições de ajudar quem quer que fosse.

— É. Em vez disso, estou aqui, nesta situação. — Ele a fitou outra vez. — Pelo menos está comigo. Você é a única coisa que nunca imaginei. Uma aliada inesperada.

Ela se esforçou para sorrir.

— Estou morto de fome — disse David, segurando um saco impermeável. Por um segundo, Tally se sentiu tonta. Não comia nada desde o jantar de duas noites antes. David remexeu no saco. — Temos bastante comida instantânea. Vamos ver: ArrozVege, MacaCurry, NaboMondegos, MacaThai... alguma preferência?

Tally respirou fundo. Estava de volta à vida no mato.

— Qualquer coisa, menos EspagBol.

A PRAGA DO PETRÓLEO

Tally e David partiram ao pôr do sol.

Cada um usava duas pranchas. Empilhadas, como num sanduíche, podiam carregar o dobro do peso, a maior parte dividida em sacos que ficavam pendurados nas laterais. Eles levaram tudo que parecia útil, além das revistas salvas pelo Chefe. Embora não soubessem exatamente o que havia acontecido, não fazia sentido retornar à Fumaça.

Tally seguiu o rio que descia a montanha com muito cuidado. O peso extra sacudia a prancha como se fosse um pêndulo. Pelo menos, ela estava novamente protegida pelos braceletes antiqueda.

A viagem seria feita por um caminho bastante diferente do que Tally percorrera para chegar à Fumaça. A rota original tinha sido pensada para ser simples — e incluía uma carona no helicóptero dos guardiões. Agora a jornada não seria tão direta. Sobrecarregados, Tally e David não conseguiriam cobrir sequer pequenas distâncias a pé. Cada centímetro teria de passar por terras e águas propícias ao voo, não importava o quão fora de mão fossem. E, depois do ataque à Fumaça, evitariam qualquer cidade que aparecesse pela frente.

Felizmente, David tinha feito a viagem de ida e volta à cidade de Tally dezenas de vezes, sozinho ou acompanhado por feios inexperientes. Conhecia todos os rios e ferrovias, ruínas e veios naturais de minério, além de inúmeras rotas de fuga planejadas para o caso de ser perseguido por autoridades locais.

— Dez dias — avisou no início. — Se voarmos durante a noite toda e nos mantendo escondidos durante o dia.

— Para mim, está ótimo — disse Tally, embora se perguntasse se não seria tarde demais para salvar as pessoas da operação.

Por volta da meia-noite, no primeiro dia, eles saíram do córrego que levava à montanha que tinha a parte de cima desmatada. Dali, seguiram o leito de um riacho seco, passando por entre as flores brancas, e finalmente chegaram ao início de um vasto deserto.

— Como vamos atravessar isso aí?

David apontou para formas escuras que saíam da areia, numa fileira que se perdia no horizonte.

— Essas coisas eram torres interligadas por cabos de aço.

— E serviam para quê?

— Levavam energia elétrica de uma usina eólica até uma das antigas cidades.

— Não sabia que os Enferrujados usavam energia eólica — disse Tally, surpresa.

— Nem todos eram desmiolados. Só a maioria. Não se esqueça de que somos descendentes dos Enferrujados e ainda usamos parte de sua tecnologia. *Alguns* deles deviam pensar direito.

Os cabos permaneciam enterrados no deserto, protegidos pela areia em movimento contínuo e pela ausência quase absoluta de chuva. Em pontos específicos, estavam partidos ou enferrujados demais, o que obrigava Tally e David a voar com bastante cuidado, de olhos atentos aos detectores de metal das pranchas. Quando se deparavam com uma lacuna que não podiam superar facilmente, desenrolavam um longo pedaço de cabo carregado por David e guiavam as pranchas por cima do caminho improvisado, como se fossem mulas passando por uma ponte estreita.

Tally nunca tinha visto um deserto de verdade. Ela havia aprendido que os desertos eram cheios de vida, mas aquele se parecia mais com o que costumava imaginar quando criança: apenas montes de areia que se prolongavam ao longe, um após o outro. Não havia movimento, à exceção do serpentear de alguns montes de areia levados pelo vento.

Ela só conhecia o nome de um grande deserto no continente.

— Estamos no Mojave?

— Não, este aqui não chega nem perto em tamanho. E também não é natural. Estamos na área em que as flores brancas começaram a se espalhar.

Tally assobiou. A areia parecia não ter fim.

— Que tragédia — comentou.

— Depois que a vegetação rasteira sumiu, substituída pelas orquídeas, não havia mais o que segurasse a terra fértil. Ela se desintegrou, e sobrou apenas a areia.

— E existe alguma chance de isto deixar de ser um deserto?

— Claro. Em mais ou menos mil anos. Talvez nesse tempo alguém descubra uma maneira de impedir a proliferação das flores. Do contrário, o

processo recomeçará sempre.

Eles alcançaram uma das cidades dos Enferrujados por volta do amanhecer. Na verdade, não passava de um agrupamento de prédios indistintos enfiados no mar de areia.

Ao longo dos séculos, o deserto invadira o lugar, com dunas se espalhando pelas ruas como se fossem água. As construções, no entanto, encontravam-se em melhor estado do que outras ruínas que Tally já vira. A areia desgastava a superfície das coisas, mas não exercia uma ação tão destrutiva quanto a chuva e a vegetação.

Embora nenhum dos dois estivesse cansado, não podiam viajar durante o dia. No deserto, não estavam protegidos do sol, nem de ameaças que se aproximassem pelo ar. Eles se instalaram no segundo andar de uma fábrica que mantinha a maior parte de seu telhado intacta. Máquinas antigas, do tamanho de carros, observavam os dois em silêncio.

— O que havia neste lugar? — perguntou Tally.

— Acho que produziam jornais — disse David. — O jornal era como um livro, com a diferença de que você o jogava fora e comprava um novo no dia seguinte.

— Não brinca.

— É sério. E você achando que derrubávamos árvores à toa na Fumaça!

Ao ver um facho de luz entrando por uma das falhas no telhado, Tally tratou de abrir as pranchas e botá-las para recarregar. David, enquanto isso, pegou dois pacotes de SaladOvos.

— Acha que sairemos do deserto esta noite? — perguntou Tally, enquanto David derramava as últimas gotas de água potável nos purificadores.

— Tranquilamente. Chegaremos ao próximo rio antes da meia-noite.

Por alguma razão, Tally se lembrou de algo que Shay dissera muito tempo antes, na primeira vez que viera seu kit de sobrevivência.

— Podemos mesmo fazer xixi num purificador? Quero dizer, para beber a água depois?

— Claro. Eu já fiz isso.

Tally fez uma cara de nojo e, em seguida, virou-se para a janela.

— Quem mandou perguntar...

Ele se aproximou, rindo baixinho, e pôs as mãos nos ombros dela.

— É incrível o que as pessoas são capazes de fazer para sobreviver — disse.

— É, eu sei.

A janela dava para uma rua lateral, parcialmente protegida do deserto insaciável. Eles conseguiam ver alguns carros terrestres, semienterrados, com as latarias pretas se destacando em meio à areia branca. Tally passou as mãos pelas algemas de plástico, que continuavam em seus pulsos.

— Parece que os Enferrujados se esforçaram mesmo para sobreviver. Em todas as ruínas que vi, havia carros por toda parte, tentando escapar. Pelo visto, nenhum deles conseguiu.

— Alguns conseguiram, sim — corrigiu David. — Mas não em carros.

Tally se abrigou no calor do corpo de David. Ainda levaria um tempo até que o calor da manhã se impusesse ao frio do deserto.

— É engraçado. Na escola, não se fala muito de como tudo aconteceu. Do pânico final, de quando o mundo dos Enferrujados ruiu. Eles não dão importância. Dizem apenas que seus erros foram se somando, até que tudo desmoronou como um castelo de cartas.

— Isso é uma meia verdade. O Chefe tinha alguns livros que falavam dessa época — contou David.

— E o que diziam?

— Bem, os Enferrujados viviam num castelo de cartas, mas a verdade é que algo ajudou a derrubar esse castelo. Mas nunca se descobriu exatamente o quê. Talvez uma arma dos Enferrujados tenha saído do controle. Talvez o povo de um país pobre tenha se cansado de como os Enferrujados controlavam as coisas. Talvez tenha sido um mero acidente, como as flores, ou um cientista solitário que queria causar problemas.

— Mas, afinal, o que aconteceu? — insistiu Tally.

— Uma praga se disseminou. Só que ela não contaminava as pessoas. Contaminava o petróleo.

— Petróleo contaminado?

— O petróleo é orgânico. É derivado de plantas ancestrais e dinossauros. Esse tipo de coisa. Alguém criou uma bactéria que se alimentava de petróleo. Os esporos se espalhavam pelo ar e, quando pousavam no petróleo, cru ou refinado, germinavam. Como se fosse um fungo capaz de alterar a composição química do petróleo. Você já viu fósforo de perto?

— Isso é um elemento, certo?

— Sim. Um elemento que pega fogo em contato com o ar. Tally fez que sim. Ela se recordava das aulas de química, sempre usando óculos protetores, e da empolgação que sentia ao pensar em tudo que poderia aprontar com aquilo. Mas nunca tinha passado por sua cabeça fazer algo que resultasse na morte de alguém.

— O petróleo infectado por essa bactéria era tão instável quanto o fósforo. Explodia em contato com oxigênio. E, enquanto queimava, dispersava esporos, que se espalhavam com ajuda do vento. Então os esporos voavam até outro carro, avião ou poço de petróleo e começavam a se multiplicar de novo.

— Caramba. E eles usavam petróleo para tudo, né?

— Naqueles carros lá embaixo, por exemplo. Devem ter sido infectados durante a tentativa de fuga da cidade.

— Por que eles não tentaram simplesmente *andar*? — perguntou Tally.

— Acho que por estupidez.

Tally sentiu um arrepio, mas não por causa do frio. Era difícil pensar nos Enferrujados como pessoas de verdade, em vez de uma mera entidade idiota, perigosa e às vezes engraçada que tinha se perdido na história. O problema era que havia seres humanos ali, ou o que restava deles depois de alguns séculos, sentados em seus carros carbonizados, tentando escapar de seus destinos.

— Queria saber por que não nos contam isso nas aulas. Geralmente eles adoram histórias que fazem os Enferrujados parecerem patéticos.

— Talvez não quisessem que vocês percebessem que toda civilização tem sua fraqueza — disse David, em tom baixo. — Sempre dependemos de alguma coisa. E, se alguém toma isso de nós, tudo que resta são histórias contadas na sala de aula.

— Não é nosso caso. Usamos energia renovável e fontes sustentáveis. Temos uma população estável.

Os dois purificadores apitaram. David se afastou para buscá-los.

— Nem sempre tem a ver com dados econômicos — explicou, trazendo a comida. — A fraqueza também pode ser uma ideia.

Ela se virou para pegar sua SaladOvos e sentiu o vapor quente em suas mãos. Só depois reparou na expressão séria de David.

— Então, David, era essa uma das coisas em que pensava durante todos

esses anos, quando se preocupava com a possibilidade de a Fumaça ser invadida? Você já imaginou o que poderia transformar as cidades em simples páginas da história?

Ele sorriu antes de encher a boca de comida.

— Está cada dia mais óbvio.

CENÁRIOS FAMILIARES

Eles chegaram ao fim do deserto na noite seguinte, como previsto, e depois seguiram um rio por três dias, até alcançarem o mar. Estavam mais ao norte, onde o frio do outono parecia tão intenso quanto qualquer inverno que Tally já enfrentara. David desembrulhou um par de roupas fabricadas na cidade, especiais para regiões árticas; eram feitas de Mylar, um tipo de poliéster metalizado. Tally vestiu-a por cima do suéter que agora era sua única lembrança da Fumaça. Agradecia por não o ter tirado para dormir na noite anterior à invasão dos Especiais, evitando que se perdesse, como todo o resto.

As noites a bordo das pranchas passavam rápido. Tally não precisava desvendar as pistas enigmáticas de Shay, nem escapar de queimadas ou de veículos antigos e assustadores da época dos Enferrujados. O mundo parecia vazio, à exceção das ruínas que surgiam ocasionalmente. Era como se Tally e David fossem os últimos sobreviventes.

Os dois reforçavam a dieta com peixes do rio. Tally chegou a assar um coelho numa fogueira que ela própria tinha preparado. Por outro lado, depois de assistir a David consertando suas roupas de couro, concluiu que nunca seria capaz de manejar agulha e linha direito. Ele, no entanto, conseguiu ensiná-la a calcular as horas e a direção pela posição das estrelas. Ela, por sua vez, mostrou a David como entrar no software especial das pranchas e, assim, otimizá-las para voos noturnos.

Após alcançarem o mar, eles rumaram para o sul, descendo pela mesma ferrovia que Tally havia percorrido em sua ida à Fumaça. David contou que, no passado, os trilhos seguiam ininterruptamente até a cidade dela e além. Agora, porém, havia grandes falhas na ferrovia e cidades construídas no mar, o que os obrigava a viajar frequentemente sobre o continente. Mas David conhecia os rios, os trechos de trilhos e todos os outros caminhos de metal que os Enferrujados tinham deixado para trás, o que permitiu que fizessem a viagem dentro do tempo previsto.

O único obstáculo foi o clima. Depois de alguns dias de viagem pela costa, uma formação escura e assustadora de nuvens surgiu no oceano. De

início, a tempestade pareceu relutar em avançar sobre a orla; permaneceu no mar, ganhando força ao longo de demoradas 24 horas. A pressão atmosférica mudava de um jeito que tornava difícil dominar as pranchas. Apesar de todo o aviso, quando a tempestade chegou para valer, mostrou-se bem pior do que qualquer coisa que Tally tivesse imaginado até então.

Ela nunca havia enfrentado a fúria de um furacão, a não ser de dentro das sólidas estruturas de sua cidade. Estava recebendo mais uma lição sobre o poder selvagem da natureza.

Por três dias, Tally e David se espremeram dentro de uma barraca de plástico armada sob a proteção de um afloramento rochoso. Usavam sinalizadores para obter calor e luz e torciam para que os ímãs das pranchas não atraíssem um relâmpago. Nas primeiras horas, a dramaticidade da tempestade os deixou fascinados, assombrados com tamanho poder, tensos à espera do estrondo seguinte de um trovão que sacudiria as montanhas. Com o tempo, contudo, a chuva forte se tornou apenas monótona. Perderam um dia inteiro conversando sobre todo tipo de assunto, principalmente suas infâncias. Tally passou a achar que conhecia David melhor do que qualquer outra pessoa. No terceiro dia, brigaram feio — embora ela não se lembrasse da razão — que só acabou depois que David saiu da barraca e ficou sozinho no vento gelado por cerca de uma hora. Quando ele retornou, passou horas tremendo, mesmo aconchegado nos braços de Tally.

— Estamos perdendo muito tempo — disse ele.

Tally o abraçou mais forte. A preparação para a operação era demorada, especialmente no caso de pacientes com mais de 16 anos. Mas a dra. Cable não esperaria muito para transformar os pais de David. A cada dia perdido em consequência da tempestade, as chances de Maddy e Az já terem passado pela cirurgia aumentavam. Para Shay, que estava na idade ideal, o prognóstico era ainda mais sombrio.

— Não se preocupe. Vamos chegar lá. Eles tiraram minhas medidas uma vez por semana, durante um ano. Precisam de tempo antes da separação para fazer as coisas direito — explicou Tally.

David sentiu um arrepio.

— Tally, e se eles não estiverem preocupados em fazer as coisas direito?

A tempestade acabou na manhã seguinte. Ao saírem da barraca, eles descobriram que as cores do mundo haviam mudado. As nuvens ostentavam um rosa intenso; a grama, um verde extraordinário. O escuro absoluto do mar era quebrado apenas pela espuma das cristas das ondas e por pedaços de madeira lançados na água pelo vento. Eles voaram um dia inteiro para recuperar o tempo, surpresos pelo fato de o mundo ainda existir depois daquela tempestade.

Pouco à frente, a ferrovia deixou o litoral, e em algumas noites eles chegaram às Ruínas de Ferrugem.

As ruínas pareciam menores, como se os prédios tivessem encolhido desde a última visita de Tally, mais de um mês antes, quando partira rumo à Fumaça sem nada além do bilhete de Shay e uma mochila cheia de EspagBol. Agora, enquanto passavam pelas ruas escuras, não tinha mais a impressão de ser ameaçada por fantasmas de Enferrujados escondidos atrás das janelas.

— Na primeira vez que vim aqui à noite, fiquei apavorada — contou.

— É meio assustador ver como tudo está tão preservado. De todas as ruínas que conheço, estas parecem ser as mais recentes.

— Eles passaram alguma substância para mantê-las em boas condições para as excursões da escola.

Tally percebeu que aquilo resumia o espírito de sua cidade. Nada seguia seu próprio destino. Tudo era transformado para seduzir, alertar ou ensinar algo.

Os equipamentos foram escondidos num prédio desmoronado distante da área central — um lugar tão acabado que nem os feios mais ousados teriam vontade de visitar. Eles levaram consigo apenas purificadores de ar, uma lanterna e alguns pacotes de comida. Como as ruínas eram o mais perto da cidade que David já estivera, Tally assumiu a frente pela primeira vez, seguindo o veio de ferro que Shay havia lhe mostrado meses antes.

— Acha que um dia seremos amigas de novo? — perguntou, enquanto caminhavam na direção do rio, carregando as pranchas pela primeira vez na viagem.

— Você e Shay? É claro que sim.

— Mesmo depois de... eu e você?

— Depois que a resgatarmos dos Especiais, acho que a perdoará por praticamente qualquer coisa.

Tally ficou em silêncio. Shay já deduzira que ela havia traído os Enfumaçados. Dificilmente poderia fazer algo para compensar aquilo.

Assim que chegaram ao rio, eles subiram nas pranchas e deslizaram por cima da correnteza a toda velocidade, satisfeitos por estarem finalmente livres dos sacos pesados. Sentindo os respingos em seu rosto e ouvindo o barulho da água, Tally quase conseguia se imaginar numa de suas expedições, na época em que não passava de uma menina despreocupada da cidade, em vez de...

Como se definiria naquele momento? Não era mais uma espiã, nem podia se considerar uma Enfumaçada. Estava longe de ser perfeita, mas também não se sentia uma feia. Não era nada em particular. Mas, pelo menos, tinha um objetivo.

A cidade apareceu no horizonte.

— Lá está ela — gritou para David, encoberta pelo rumor da correnteza. — Você já viu outras cidades, não viu?

— Já estive a esta distância de algumas. Nunca mais perto. Tally observou as linhas familiares e os rastros sutis dos fogos de artifício iluminando as torres e mansões de festa. Sentiu uma pontada, como se fosse saudade, só que muito pior. No passado, a imagem de Nova Perfeição a enchia de ansiedade. Agora, no entanto, a cidade era uma concha vazia, sem promessas para seduzi-la. A exemplo de David, ela perdera sua casa. Porém, diferentemente da Fumaça, sua cidade ainda existia e estava bem diante dela. No entanto, desprovida de qualquer significado que um dia tivera.

— Faltam algumas horas para o amanhecer — disse ela. — Quer dar uma olhada na Circunstâncias Especiais?

— Quanto antes, melhor — respondeu David.

Tally examinou os padrões de luz e sombras da cidade ao seu redor. O tempo era suficiente para ir e voltar antes de o sol nascer.

— Então, vamos lá.

Eles prosseguiram pelo rio até o cinturão de árvores e arbustos que separava Vila Feia dos subúrbios. Passar por lá era a melhor opção para não serem vistos.

— Não vá tão rápido! — alertou David, ao ver Tally disparando por entre as árvores.

— Não precisa falar baixo — disse ela, reduzindo a velocidade. — Ninguém vem aqui à noite. Estamos numa área dos feios, e eles estão todos dormindo. A não ser que alguém tenha saído para aprontar.

— Tudo bem. Mas não devíamos ficar mais atentos aos trilhos de prancha?

— Trilhos de prancha? David, as pranchas funcionam em *qualquer* ponto da cidade. Existe uma estrutura de metal embaixo do chão.

— Ah, entendi.

Tally sorriu. Depois de tanto tempo vivendo no mundo de David, era bom poder lhe explicar coisas, para variar.

— Qual é o problema? Não consegue acompanhar meu ritmo? — provocou.

— Quer apostar? — disse David, rindo.

Ela se virou e saiu como um raio, fazendo um zigue-zague por entre as árvores altas, deixando-se guiar apenas pelo instinto.

Lembrou-se das duas viagens de carro até a Circunstâncias Especiais. Tinha atravessado o cinturão verde no extremo da cidade, ido até o anel de transportação e, finalmente, chegado à zona industrial que ficava entre os subúrbios dos perfeitos de meia-idade e a Vila dos Coroas. A parte mais difícil, então, seria passar pelos subúrbios, uma região perigosa para pessoas com rosto feio. Por sorte, os perfeitos de meia-idade iam dormir cedo. A maioria, pelo menos.

A corrida durou até metade da extensão do cinturão. Nesse ponto, eles avistaram o grande hospital, do outro lado do rio. Tally lembrou-se daquela terrível primeira manhã, quando tinha sido afastada da operação prometida e submetida a um interrogatório, vendo seu futuro lhe ser arrancado. Ela ficou nervosa ao se dar conta de que, desta vez, estava *procurando* a Circunstâncias Especiais.

Ao saírem do cinturão, Tally achou ter ouvido um tinido; uma parte de seu corpo ainda esperava que o anel de interface a alertasse de que estava deixando Vila Feia. Por que usara aquela coisa estúpida por 16 anos? Antes, era simplesmente uma parte dela, mas agora a ideia de ser rastreada, monitorada e orientada durante cada minuto do dia lhe causava repulsa.

— Fique perto de mim — disse a David. — Agora, sim, é hora de

sussurrar.

Quando criança, Tally tinha vivido com Sol e Ellie no subúrbio da meia-idade. Naquela época, seu mundo era pateticamente limitado: alguns parques, o caminho até a escola, um pedacinho do cinturão aonde ela ia escondida espiar os feios. Assim como as Ruínas de Ferrugem, as fileiras arrumadinhas de casas e jardins agora lhe pareciam muito menores, nada mais que um bairro de casas de bonecas.

Eles deslizaram por cima dos telhados, mantendo-se bem agachados. Esperavam que, se houvesse alguém acordado, caminhando ou levando o cachorro para passear, essa pessoa não olhasse para cima. A uma distância de menos de um palmo das casas, viam as telhas passarem de um modo hipnótico. Quebrando o padrão, nada além de alguns ninhos e gatos de rua, que fugiam imediatamente daquelas figuras inesperadas.

Os subúrbios chegavam ao fim de repente, numa última área verde que se perdia no anel de transportação, onde as pontas das fábricas subterrâneas brotavam da terra e caminhões de carga percorriam as vias de concreto dia e noite. Tally inclinou a prancha para cima e acelerou.

— Tally! — sussurrou David. — Eles vão nos ver.

— Relaxa. Os caminhões são automáticos. Ninguém anda por aqui, principalmente à noite — explicou Tally. Ainda nervoso, David observou os veículos pesados. — Repare bem: eles não têm faróis, nem lanternas.

Ela apontou para uma imensa carreta que passava na hora. Só havia uma luz fraquinha na parte de baixo — um laser de navegação que lia os códigos de barras da rodovia.

Embora David continuasse tenso com os veículos em movimento lá embaixo, eles seguiram em frente. Pouco depois, Tally avistou um ponto de referência no meio daquela região infértil.

— Está vendo a montanha? A Circunstâncias Especiais fica ao seu pé. Vamos subir para dar uma olhada.

A montanha era muito íngreme para abrigar uma fábrica e, aparentemente, muito grande e maciça para ser removida com explosivos e escavadeiras. Por isso, foi deixada no meio da área plana, como uma pirâmide desequilibrada, com um lado extremamente inclinado e outro num declive suave, coberto por arbustos e grama de tom quase marrom. David e Tally subiram pela parte mais fácil, desviando apenas de algumas pedras e árvores ocasionais, até alcançarem o topo.

Daquela altura, Tally enxergava até Nova Perfeição, embora o tamanho da cidade iluminada equivalesse ao de um prato de comida. Na região onde estavam, porém, não havia luz. Os prédios baixos e marrons da Circunstâncias Especiais se destacavam apenas pela iluminação de segurança.

— Lá embaixo — indicou Tally, num sussurro.

— Não parece muito grande.

— A maior parte está embaixo da terra. Não sei a profundidade.

Eles ficaram observando o conjunto de prédios em silêncio. De onde estavam, Tally podia ver nitidamente o perímetro cercado, formando um quadrado quase perfeito ao redor das edificações. A segurança do local era para valer. Na cidade, não havia muitas barreiras visíveis. Se alguém estivesse num lugar proibido, simplesmente recebia um aviso educado do anel de interface.

— Acho que dá para passar pela cerca voando — disse David.

— Não é uma cerca — corrigiu Tally. — É um sensor de movimento. Se você chegar a menos de vinte metros, os Especiais vão saber que há alguém na área. Tanto faz se for voando ou andando.

— Vinte metros? É muito alto para as pranchas. E aí, o que fazemos então? Batemos no portão?

— Não estou vendo nenhum portão. Quando estive aqui, entrei e saí num carro voador.

David batucava na prancha enquanto pensava.

— E se roubássemos um? — sugeriu ele, finalmente.

— Um carro? Isso seria bem audacioso. Conheci feios que saíam para passeios, mas não em carros da Circunstâncias Especiais.

— Pena que não podemos pular.

— Pular?

— É, daqui de cima. Subiríamos nas pranchas lá embaixo, viríamos a toda e pularíamos deste exato lugar. Provavelmente acertaríamos aquele prédio em cheio.

— Põe em cheio nisso. Viraríamos uma pasta.

— É, acho que sim. Mesmo com os braceletes antiqueda, depois de uma queda desse tipo, nossos braços provavelmente sairiam do lugar. Para fazer isso, precisaríamos de paraquedas.

Tally olhou para baixo, esboçando trajetórias na cabeça, num ritmo

frenético. Ela não deixava David falar. Estava ocupada com as lembranças da festa na Mansão Garbo, algo que parecia ter ocorrido anos antes.

Depois de um tempo, ela sorriu.

— David, não precisamos de paraquedas. Precisamos de jaquetas.

CÚMPLICES

— Se corrermos, dá tempo.

— Tempo para o quê?

— Para ir até a escola de arte de Vila Feia. Eles têm jaquetas de bungee jump guardadas no subsolo. Uma prateleira cheia.

David respirou fundo.

— Está bem.

— Ei, você não está com medo, está? — perguntou Tally.

— Não... — começou David, com uma cara de sofrimento. — É que nunca vi tantas pessoas juntas.

— Tantas pessoas? Ainda não vimos ninguém.

— Eu sei. Estou falando das casas pelas quais passamos. Fico pensando nas pessoas que moram em cada uma delas, todas espremidas lá dentro.

Tally deu uma risada.

— Acha que as pessoas vivem espremidas nos subúrbios? Espere só até chegarmos em Vila Feia.

Eles retornaram em velocidade máxima por cima dos telhados. O céu estava completamente escuro. Tally, contudo, já conhecia a posição das estrelas bem o suficiente para saber que os primeiros raios do amanhecer surgiriam em poucas horas.

Depois de alcançarem o cinturão verde, refizeram o percurso, ao contrário, sem dizer nada, apenas se concentrando em desviar das árvores. O trajeto passava pelo Parque Cleópatra, onde Tally decidiu voar por entre as varetas de slalom, só para lembrar dos velhos tempos. Sentiu um arrepio ao cruzar o caminho que levava ao dormitório. Por um instante, teve a impressão de que entraria no desvio, subiria até sua janela e iria dormir.

Logo, os telhados irregulares da escola de arte de Vila Feia apareceram à sua frente, e Tally fez um sinal para David parar.

Aquela parte era fácil. Parecia uma eternidade desde que ela e Shay pegaram as jaquetas da escola para seu último número: o salto sobre os feios recém-chegados na biblioteca do alojamento. Tally refez os passos até

a janela que elas tinham arrombado, um pedaço de vidro velho e esquecido atrás de algumas plantas decorativas. Continuava destrancada.

Tally custava a acreditar. Aquela invasão parecera muito ousada dois meses antes. Na época, a brincadeira na biblioteca era o máximo em que ela e Shay podiam pensar. Agora Tally entendia o significado real daquelas travessuras: um modo de os feios gastarem energia até o aniversário de 16 anos. Não passava de uma distração até que sua rebeldia fosse apagada pela vida adulta — e pela operação.

— Passe a lanterna para mim. E fique esperando aqui.

Ela entrou pela janela, encontrou a prateleira, pegou duas jaquetas e saiu menos de um minuto depois. Quando reapareceu, deparou-se com a cara de espanto de David.

— O que foi? — perguntou ela.

— Nada. É só que você é... tão boa nisso. Tão segura. Eu fico nervoso só de estar na cidade.

— Não é nada de mais. Todo mundo faz isso.

Apesar de suas palavras, Tally estava feliz em poder impressionar David com suas habilidades de invasora. Naquelas últimas semanas, ele lhe ensinara como acender uma fogueira, escamar peixes, montar uma barraca e ler mapas topográficos. Era bom ser a mais competente de vez em quando.

Eles voltaram ao cinturão verde e chegaram ao rio antes mesmo de os primeiros tons de rosa surgirem no céu. Seguiram a toda sobre as corredeiras, até o veio de minério, e já avistavam as ruínas quando as cores do céu finalmente começaram a mudar. Na descida, a pé, Tally perguntou:

— Amanhã à noite, então?

— Sim, não há razão para esperarmos.

— Certo.

Pelo contrário: havia muitas razões para tentarem o resgate o quanto antes. Fazia duas semanas desde a invasão à Fumaça.

David limpou a garganta.

— Quantos Especiais acha que vamos encontrar lá dentro?

— Quando estive lá, havia muitos. Mas isso foi durante o dia. Imagino que eles tenham de dormir em algum momento.

— Então o lugar vai estar vazio à noite.

— Isso também não. Acho que haverá alguns guardas. — Ela se calou

por um instante. Bastaria um único Especial para cuidar de uma dupla de feios. Surpresa alguma compensaria a força e os reflexos daqueles perfeitos cruéis. — Precisaremos tomar todo o cuidado para que não nos vejam.

— Claro. Ou torcer para que tenham outra coisa a fazer.

Caminhando à frente, Tally sentia a exaustão se espalhando, agora que estavam em segurança, fora da cidade. Sua determinação se esvaía a cada passo. Eles fizeram a viagem inteira sem pensar muito na tarefa que tinham adiante. Resgatar pessoas da Circunstâncias Especiais não era mais uma brincadeira de feios, como roubar uma jaqueta ou subir o rio sem ninguém saber. Tratava-se de uma missão perigosa.

Além disso, ainda que o mais provável fosse que Croy, Shay, Maddy e Az estivessem aprisionados naqueles prédios horripilantes, não era impossível que os Enfumaçados tivessem sido levados para outro lugar. De qualquer maneira, Tally não fazia ideia de sua localização exata no interior daquele labirinto de corredores cor de vômito.

— Só espero que tenhamos algum tipo de ajuda — disse Tally, baixinho.

David pôs a mão em seu ombro, fazendo-a parar.

— Talvez tenhamos.

Ela o encarou, intrigada, e seguiu seu olhar, que estava fixo nas ruínas. No terraço da torre mais alta, as últimas fagulhas de um sinalizador ainda podiam ser vistas.

Havia feios ali.

— Eles estão me procurando — disse David.

— E o que vamos fazer?

— Existe algum outro caminho até a cidade?

— Não. Eles terão de subir por aqui.

— Então vamos esperá-los.

Tally ficou observando as ruínas. O sinalizador havia se apagado; não dava para enxergar mais nada sob a luz fraca que começava a se espalhar pelo céu. Quem quer que estivesse lá tinha esperado até o último momento antes de voltar para casa.

Obviamente, se estavam mesmo procurando por David, aqueles feios eram fugitivos em potencial. Rebeldes mais velhos não muito preocupados com a possibilidade de perder o café da manhã.

Ela olhou para David.

— Parece que os feios continuam procurando por você. E não deve ser só aqui.

— É claro — concordou ele. — As histórias persistirão por gerações, em cidades por toda parte, esteja eu por perto ou não. Acender um sinalizador nem sempre garante uma resposta. Assim, levará um bom tempo até que os feios se convençam de que eu não aparecerei. E a maioria deles sequer tem certeza de que a Fumaça...

As palavras se perderam no ar. Tally segurou sua mão. Por um segundo, David se esquecera que a Fumaça, de fato, não existia mais.

Eles aguardaram em silêncio até que ouviram um som de passos arrastados vindo de trás das rochas. Deviam ser uns três feios, conversando em voz baixa, como se ainda temessem os fantasmas das ruínas.

— Veja só o que vou fazer — sussurrou David, tirando a lanterna do bolso. Ele se pôs no caminho e jogou o facho de luz sobre o próprio rosto. — Estão procurando por mim? — disse, num tom alto e imponente.

Os três feios ficaram paralisados. Não conseguiam fechar as bocas ou piscar os olhos. Só quando o único garoto do grupo deixou a prancha cair sobre as pedras, provocando um barulho, o efeito se quebrou.

— Quem é você? — conseguiu perguntar uma das meninas.

— Eu sou David.

— Ah. Está querendo dizer que você...

— Que eu existo? — Ele desligou a lanterna e sorriu. — Sim. Muita gente me pergunta isso.

Seus nomes eram Sussy, An e Dex. Fazia um mês que iam às montanhas. Tinham ouvido boatos sobre a Fumaça durante anos, desde a fuga de um feio que vivia no mesmo dormitório que eles.

— Eu tinha acabado de me mudar para Vila Feia — contou Sussy. — Ho era veterano. Quando ele sumiu, apareceram as teorias mais absurdas sobre para onde teria ido.

— Ho? — repetiu David. — Lembro dele. Ficou alguns meses, depois mudou de ideia e voltou. Agora é um perfeito.

— Mas ele conseguiu? Chegar à Fumaça? — perguntou An.

— Sim. Eu o levei até lá.

— Uau. Então ela existe — disse An. Os três trocaram olhares empolgados. — Também queremos conhecer a Fumaça.

David abriu a boca, mas a fechou antes de falar. Ele desviou o olhar para o lado.

— Isso não é possível — interveio Tally. — Não neste momento.

— Por quê? — perguntou Dex.

Tally pensou por um instante. A verdade — que a Fumaça fora destruída por invasores armados — parecia inacreditável. Até poucos meses antes, ela não acreditaria no que sua própria cidade era capaz de fazer. Além disso, se dissesse que a Fumaça não existia mais, o rumor chegaria a várias gerações de feios. O trabalho da dra. Cable estaria completo, mesmo que alguns Enfumaçados libertados conseguissem, de alguma maneira, estabelecer outra comunidade na natureza.

— É o seguinte: de tempos em tempos, a Fumaça tem de mudar de lugar, para manter sua localização em segredo. Neste momento, portanto, ela não existe. Todos estão espalhados. Não estamos recrutando novos membros.

— A coisa toda muda de lugar? Caramba — disse Dex.

— Espere um pouco — ponderou An. — Se não estão recrutando, por que estão aqui?

— Para aprontar uma — respondeu Tally. — Uma das grandes. Talvez possam nos ajudar. E depois, quando a Fumaça estiver novamente de pé, vocês serão os primeiros a saberem.

— Querem nossa ajuda? Como se fosse uma iniciação? — perguntou Dex.

— Não — disse David, com firmeza. — Não obrigamos ninguém a fazer nada para ser aceito na Fumaça. Mas, se quiserem ajudar, eu e Tally ficaremos muito agradecidos.

— Só precisamos criar uma distração — explicou Tally.

— Parece bem divertido — disse An olhando para os amigos, que concordaram balançando a cabeça.

Estavam dispostos a tudo, pensou Tally, como ela própria em outros tempos. Tinha certeza de que eram veteranos, menos de um ano mais novos que ela, mas pareciam incrivelmente jovens.

David e os três esperavam para ouvir o resto do plano. Ela tinha de pensar numa distração sem perda de tempo. E uma distração das boas. Algo que intrigasse os Especiais o suficiente para que decidissem investigar.

Algo que atraísse a atenção da própria dra. Cable.

— Bem, vocês vão precisar de muitos sinalizadores — avisou ela.

— Sem problemas.

— E vocês sabem como ir até Nova Perfeição, não sabem?

— Nova Perfeição? — repetiu An, buscando ajuda entre os amigos. — Mas as pontes não entregam todos os que tentam atravessar o rio?

Sempre feliz em poder ensinar seus truques, Tally sorriu.

NO LIMITE

Os dois esperaram o dia inteiro nas Ruínas de Ferrugem. Os raios de sol que passavam pelo buraco no teto avançavam lentamente pelo chão — um facho de luz que servia para marcar as horas. Tally levou uma eternidade para cair no sono, pensando no salto do cume da montanha rumo ao incerto. Quando estava cansada demais até para sonhar, ela finalmente dormiu.

Ao acordar, no fim da tarde, viu que David já havia arrumado duas mochilas com tudo de que precisariam para o resgate. Eles subiram nas pranchas — duas para cada um — e voaram até a entrada das ruínas. Se o plano desse certo, precisariam das pranchas extras quando saíssem da Circunstâncias Especiais, acompanhados dos fugitivos.

No café da manhã, à beira do rio, Tally tentou apreciar o sabor das NaboMôndegas. Caso fossem pegos essa noite, pelo menos nunca mais teria de encarar comida desidratada. Às vezes, Tally quase achava que conseguiria aceitar as mudanças no cérebro, desde que aquilo significasse uma vida sem macarrão reconstituído.

Tally e David alcançaram as corredeiras com a noite caindo. Assim que passaram pelo cinturão verde, as luzes de Vila Feia se apagaram. À meia-noite, estavam no topo da montanha, de onde podiam ver a Circunstâncias Especiais.

Tally pegou o binóculo e o apontou na direção de Nova Perfeição, onde as torres de festa começavam a se acender. David soprava as mãos. A respiração era visível no frio de outubro.

— Acha que eles vão mesmo fazer o que pedimos?

— E por que não fariam? — devolveu ela, observando as áreas escuras do maior jardim da cidade. — Eles pareceram bem empolgados.

— Eu sei. Mas não seria um risco muito grande? Afinal, acabaram de nos conhecer.

— A vida dos feios se resume a esse tipo de coisa. Nunca fez nada só porque um estranho misterioso provocou você?

— Uma vez dei minhas luvas para um desses. Mas só me trouxe problemas.

Ao baixar o binóculo, Tally viu que David estava rindo.

— Não parece tão nervoso hoje — comentou ela.

— Estou feliz por termos chegado aqui, por estarmos prontos para *fazer* alguma coisa. E, depois que os três garotos aceitaram nos ajudar, sinto que...

— Que pode acabar dando certo?

— Não. Uma coisa muito melhor. — Ele olhou para o complexo de prédios que abrigava a Circunstâncias Especiais. — Estavam tão prontos a ajudar, só para dar trabalho, só para criar problemas. No início, sofri ao ouvir você falar como se a Fumaça ainda existisse. Mas, se houver outros feios como esses por aí, talvez ela possa voltar a existir de verdade.

— Tenho certeza de que isso vai acontecer.

— Talvez sim, talvez não. Porém, mesmo que nós falhemos hoje e acabemos na mesa de operação, sei que pelo menos haverá alguém resistindo. Criando problemas, você entende?

— Espero que sejamos nós — disse Tally.

— Eu também.

David puxou-a para perto e lhe deu um beijo. Depois que ele a soltou, Tally respirou fundo e fechou os olhos. O beijo parecia mais gostoso, mais verdadeiro, agora que ela estava para desfazer os estragos que causara.

— Olhe lá — disse David.

Alguma coisa estava acontecendo nas áreas escuras de Nova Perfeição.

Tally levou o binóculo ao rosto.

Uma linha cintilante cruzou a vastidão escura do jardim, como se uma fenda se abrisse na terra. Mais linhas apareceram, uma após a outra, curvas trêmulas e círculos que se destacavam na escuridão. As várias formas pareciam surgir em ordem aleatória, mas depois de um tempo pareciam compor letras e palavras.

Finalmente, a obra se completou, com alguns segmentos recém-iluminados e outros já começando a desaparecer à medida que os sinalizadores se consumiam. Apesar disso, por alguns momentos, Tally conseguiu ler tudo, mesmo sem usar o binóculo. Da Vila Feia, então, as palavras deviam parecer enormes, visíveis a qualquer pessoa que estivesse olhando ansiosamente pela janela: A FUMAÇA VIVE.

Enquanto assistia às palavras sumirem, voltando a ser apenas linhas e curvas aleatórias, Tally se perguntou se a mensagem seria verdadeira.

— Lá vão eles — avisou David.

Um buraco se abriu no teto do prédio maior, e três carros partiram em sequência, espalhando barulho rumo à cidade.

Tally torceu para que An, Dex e Sussy tivessem seguido seu conselho e já estivessem longe de Nova Perfeição.

— Está pronto? — perguntou ela.

Como resposta, David ajustou as tiras de sua jaqueta e subiu em sua prancha dupla.

Eles desceram a encosta, deram meia volta e começaram a subir de novo.

Pela décima vez, Tally conferiu a luz na gola de sua jaqueta. Continuava verde, assim como a de David. Não havia mais desculpas.

Os dois ganhavam velocidade à medida que se aproximavam do céu escuro, subindo a montanha como se esta fosse uma rampa gigante. O vento jogava para trás os cabelos de Tally, que piscava para se proteger dos insetos que se chocavam contra seu rosto. Com cuidado, ela deslizou os pés até a extremidade de seu par de pranchas, deixando as pontas dos tênis antiderrapantes para fora.

Quando o horizonte sumiu de sua frente, Tally se agachou, pronta para pular.

O chão desapareceu.

Tally empurrou com toda força, lançando as pranchas ladeira abaixo, no lado mais íngreme, onde em algum momento acabariam parando. Ela e David haviam desligado os braceletes antiqueda. Não queriam que as pranchas os seguissem por cima da cerca. Não por enquanto, pelo menos.

Tally continuou ganhando altura por alguns segundos. A periferia da cidade se espalhava lá embaixo, uma mistura de pontos iluminados e áreas escuras. Ela abriu os braços e as pernas.

No ponto mais alto de sua trajetória, o silêncio parecia absoluto. A sensação de falta de gravidade lhe revirava o estômago; a mistura de empolgação e medo tomava conta de seu corpo; o vento soprava em seu rosto. Tally desviou o olhar do chão e arriscou fitar David. À distância de um braço, ele também a observava, com o rosto iluminado.

Ela sorriu e, sentindo que caía mais rápido, voltou a se concentrar no chão, que agora se aproximava. Como previsto, eles estavam descendo bem no meio da cerca. Tally imaginou o solavanco violento que sentiria quando a jaqueta começasse a puxá-la para cima.

Por longos momentos, porém, nada aconteceu, a não ser a aproximação do chão. Tally se perguntou se as jaquetas eram capazes de lidar com quedas de distância tão longas. Ela pensou em centenas de desfechos possíveis para um impacto daquela altura. De qualquer maneira, não daria tempo de sentir muita coisa.

Nunca mais.

O chão continuou se aproximando até Tally ter certeza de que havia alguma coisa errada. Então, de repente, as fitas da jaqueta entraram em ação, apertando suas coxas e ombros violentamente e deixando-a completamente sem ar. A impressão era de estar envolvida por um elástico que tentava interromper a queda. Mas o chão de terra do complexo ainda vinha em sua direção, bem plano, compacto e *duro*. A jaqueta lutava desesperadamente, esmagando Tally como se fosse um inseto.

Finalmente, quando o elástico imaginário estava prestes a se partir, a velocidade diminuiu, até uma parada completa. Se esticasse os braços, Tally poderia tocar o solo. Seus olhos pareciam querer pular para fora das órbitas.

Então, o movimento se inverteu, e ela começou a subir, de cabeça para baixo. Via o céu e a terra girando, como se estivesse num brinquedo de parque de diversões. Tally não sabia por onde andava David. Nem o que era chão e o que era céu. Aquele salto fora de uma altura dez vezes maior que o da Mansão Garbo. Quantos vaivéns seriam necessários até parar definitivamente?

Agora estava caindo novamente, só que com o chão substituído por um prédio. Um de seus pés quase tocou o terraço, mas antes disso Tally foi puxada para cima mais uma vez, ainda avançando por causa do impulso que havia tomado ao saltar da montanha.

Ela conseguiu se situar, identificando o que estava em cima e o que estava embaixo, bem a tempo de ver a beirada do terraço se aproximando. Tally ia passar direto pelo prédio...

Agitando os braços dentro da jaqueta, subindo e descendo sem poder fazer nada, ela viu o terraço ficar para trás. Seu braço esticado, porém,

agarrou uma calha de chuva no último instante. Tally parou.

— Ufa!

O prédio não era muito alto e, mesmo se caísse, a jaqueta a puxaria para cima. No entanto, assim que pusesse os pés no chão, o alarme soaria. Ela segurou a calha com as duas mãos.

A jaqueta, satisfeita porque a queda fora interrompida, se desligou e parou de exercer pressão sobre o corpo de Tally. Ela se esforçava para subir, mas a mochila cheia de equipamentos fazia muito peso. Era como tentar fazer uma flexão de braço usando tênis de chumbo.

Ela ficou pendurada ali, sem pensar em nada, esperando a queda.

Segundos depois, entretanto, ouviu passos se aproximando pelo terraço. Logo apareceu um rosto. David.

— Algum problema? — perguntou ele.

Enquanto ela murmurava alguma coisa, ele se abaixou e segurou firme numa das alças da mochila. Sem o peso nos ombros, Tally conseguiu subir.

David se sentou no terraço, balançando a cabeça.

— Quer dizer, Tally, que você costumava fazer esse tipo de coisa por *diversão*?

— Não todo dia.

— Imaginei. Podemos descansar um pouco?

Ela examinou o terraço. Não havia sinal de aproximação ou de alarmes soando. Aparentemente, o sistema de segurança não detectava a presença de estranhos ali. Tally sorriu.

— Claro. Dois minutos. Parece que os Especiais não estavam esperando que alguém caísse do céu.

O INTERIOR

Do alto da montanha, o terraço da Circunstâncias Especiais tinha parecido simples, sem nada que se destacasse. No entanto, agora que estava lá, Tally podia ver saídas de ar, antenas, escotilhas de manutenção e, evidentemente, a passagem circular de onde saíam os carros voadores — devidamente fechada. Era incrível que nem ela nem David houvessem batido naqueles obstáculos ao passarem por ali.

— E aí, como vamos entrar? — perguntou David.

— Podemos começar por aqui — respondeu Tally, apontando para a saída dos carros.

— Não acha que eles vão reparar se entrarmos por essa passagem, já que não somos carros?

— É, tem razão. Bem, vamos pelo menos deixar a porta emperrada. Se outros Especiais aparecerem, será mais difícil entrarem nos perseguindo.

— Boa ideia.

David enfiou a mão na mochila e retirou algo que lembrava um tubo de gel para cabelo. Ele passou a substância branca nos cantos da porta, tomando cuidado para não sujar os dedos.

— O que é isso? — perguntou Tally.

— Cola. Nanocola. Com isso aqui, você pode colar os sapatos no teto e ficar pendurado de cabeça para baixo.

Tally arregalou os olhos. Ouvira falar do que era possível fazer com nanocola, mas os feios não tinham permissão para requisitar aquele tipo de material.

— Não me diga que já fez isso.

— Fui obrigado a deixar os sapatos lá em cima. Um desperdício — disse David, sorrindo. — E então, como vamos entrar?

Depois de tirar um macaco da mochila, ela apontou:

— Vamos pegar o elevador.

A grande estrutura de metal que se destacava no terraço parecia uma espécie de galpão, mas as portas duplas e o leitor ótico não deixavam

dúvidas. Tally fechou os olhos, para não ter as retinas analisadas, e enfiou o macaco entre as portas. Elas se dobraram como frágeis chapas de metal.

No poço do elevador, nada além de escuridão. Tally estalou a língua; o eco indicava que a descida era bem longa. Ela deu uma olhada na luz da gola: permanecia verde.

— Espere pelo meu assobio — disse a David.

E então se jogou no vazio.

Cair pelo poço do elevador foi muito mais assustador do que pular da Mansão Garbo ou mesmo do que saltar da montanha. Na escuridão, não havia qualquer pista da profundidade do poço. Para Tally, a sensação era de que cairia para sempre.

Ela podia sentir as paredes passando e temia que, se estivesse se deslocando lateralmente no ar, acabaria batendo numa delas. A partir daí, se imaginou sendo lançada de uma parede para a outra, até o fundo, parando lá embaixo já totalmente quebrada e sangrando.

Decidiu manter os braços colados ao corpo.

Ao menos, sabia que a jaqueta funcionaria naquele lugar. Os elevadores usavam o mesmo mecanismo magnético dos carros e, por isso, sempre havia uma placa de metal maciço no fundo do poço.

Depois de contar até cinco, Tally sentiu a jaqueta a erguendo no ar. Subiu e desceu duas vezes, até que, mergulhada no silêncio e na escuridão absoluta, pisou numa superfície dura. Esticando os braços, ela conseguiu tocar as quatro paredes ao seu redor. Nada sugeria a presença de portas. Seus dedos se sujaram de graxa.

Olhou para cima. Podia ver um minúsculo facho de luz. Com um pouco de esforço, identificou o rosto de David, que olhava para baixo. Tally se preparou para assobiar, mas desistiu.

Um som abafado vinha de baixo. Era uma pessoa falando.

Ela se agachou para tentar entender as palavras, mas só escutava a voz afiada de um perfeito cruel. O tom sarcástico lembrava a dra. Cable.

Sem aviso, o chão começou a descer. Tally quase perdeu o equilíbrio. Quando o elevador parou novamente, ela torceu um dos tornozelos, devido à pressão de seu peso. Apesar da dor, conseguiu se manter de pé.

O som que vinha de baixo sumiu. Uma coisa era certa agora: o complexo não estava vazio.

Tally levantou a cabeça e assobiou. Em seguida, encolheu-se num dos cantos, cobriu a cabeça com as mãos e iniciou a contagem.

Cinco segundos depois, um par de pernas apareceu ao seu lado, apenas para subir de novo em seguida. A luz da lanterna apontava para todos os lados, como se estivesse sendo controlada por um bêbado. Logo, porém, David pousou de vez ao seu lado.

— Caramba, está muito escuro aqui embaixo.

— Shhh.

Ele se calou e examinou o poço com ajuda da lanterna. Descobriu portas fechadas pouco acima de onde se encontravam. Nada mais natural. Parados no teto do elevador, só podiam estar entre dois andares.

Tally juntou as mãos e se abaixou para servir de apoio para David. Assim, ele conseguiu enfiar o macaco entre as portas, que logo cederam. O barulho agudo de metal sendo retorcido deixou Tally arrepiada. David passou pelo vão e esticou o braço para puxá-la. Ela agarrou a mão dele e começou a subir, ouvindo as solas de seus tênis arrastando na parede do poço, como um bando de ratos em pânico.

Tudo parecia fazer ruído demais naquela situação.

O corredor estava apagado. Tally tentou se convencer de que ninguém escutara os dois. Talvez aquele andar ficasse vazio à noite.

Ela pegou uma lanterna e foi apontando o facho de luz para as portas enquanto caminhavam pelo corredor. Havia tabuletas marrons em todas.

— Radiologia. Neurologia. Ressonância Magnética — leu Tally. — Centro Cirúrgico Dois.

Ela olhou para David, que, sem conseguir pensar em outra coisa, empurrou a porta. Estava aberta.

— Parece que quando se está numa instalação subterrânea não há motivo para trancar as portas — comentou. — Você primeiro.

Com todo cuidado, Tally entrou. Era uma sala grande. Nas paredes, havia máquinas sombrias, desligadas. De um tanque localizado no meio, quase vazio, saíam tubos e eletrodos pendurados. Numa mesa de metal, formatos cruéis de bisturis e serras que reluziam.

— Isso se parece com algumas fotos que mamãe me mostrou — disse David. — Eles realizam operações aqui.

Tally sabia que os médicos só botavam uma pessoa no tanque no caso de uma cirurgia de grande porte.

— Talvez seja aqui que eles tornam os Especiais especiais — disse ela.

Aquele pensamento não foi exatamente animador.

Eles voltaram para o corredor. Pouco à frente, encontraram uma porta com a inscrição NECROTÉRIO.

— Você quer... — começou a perguntar Tally.

— Não — disse David, balançando a cabeça.

A busca prosseguiu pelo resto do andar. Basicamente, tratava-se de um pequeno, mas muito bem-equipado hospital. Não havia câmaras de tortura ou celas. E nem sinal de Enfumaçados.

— E agora, para onde? — perguntou David.

— Muito bem. Se você fosse a maquiavélica dra. Cable, onde poria os prisioneiros?

— A maquiavélica quem?

— Ah. Esse é o nome dela, da mulher que comanda este lugar. Lembro-me de quando eu fui pega.

O estranhamento inicial de David levou Tally a se perguntar se havia falado demais. Mas ele não pareceu dar tanta importância.

— Bem, acho que os poria numa masmorra.

— Certo. Então temos de descer.

Eles encontraram uma escada de incêndio que descia, mas apenas um lance. Aparentemente, tinham chegado ao primeiro andar da Circunstâncias Especiais.

— Tome cuidado — sussurrou Tally. — Quando desci, ouvi pessoas saindo do elevador no andar de baixo. Devem estar em algum lugar por aqui.

O andar era iluminado por uma faixa fluorescente que passava pelo meio do corredor. Tally sentiu um frio na espinha ao ler as placas das portas:

— Sala de Interrogatório Um. Sala de Interrogatório Dois. Isolamento Um — repetia ela, em voz baixa, enquanto apontava a lanterna nervosamente. — Sala de Desorientação Um. Ai, David, eles devem estar aqui embaixo, em algum lugar.

Concordando, David empurrou de leve uma das portas, que não cedeu. Ele passou os dedos pelos cantos, buscando um ponto em que pudesse prender o macaco.

— Cuidado para o leitor ótico não registrar você — alertou Tally, em voz baixa, apontando para a pequena câmera ao lado da porta. — Se isso perceber um olho por perto, fará a leitura da sua íris e enviará os dados ao computador central.

— Não haverá nenhum registro de mim nesse computador.

— E isso o deixará perdidinho. Então não chegue muito per-to, está bem? É tudo automático.

— Certo, certo — disse David. — De qualquer maneira, essas portas estão muito bem vedadas. Não acho um lugar para enfiar o macaco. Vamos continuar.

Mais adiante, ainda no corredor, uma plaqueta chamou a atenção de Tally.

— Detenção Prolongada — murmurou ela.

A parede se estendia dos dois lados da porta, o que sugeria que aquela sala era maior que as outras. Tally encostou a cabeça para tentar ouvir alguma coisa. Uma voz familiar se aproximava.

— David! — alertou, afastando-se da porta e se esgueirando junto à parede.

David ficou procurando freneticamente um lugar para se esconder. Os dois estavam totalmente expostos.

A porta se abriu, e a voz malévola da dra. Cable se espalhou pelo corredor:

— Você não está fazendo tudo o que pode. Só precisa convencê-la de que...

— Dra. Cable — disse Tally. A mulher virou o rosto e, imediatamente, seus traços de águia assumiram um semblante de surpresa. — Eu quero me entregar.

— Tally Youngblood? Mas como...

Por trás, David acertou o macaco em cheio na cabeça da dra. Cable, que caiu imediatamente no chão.

— Será que ela... — começou a falar David, com a voz trêmula e o rosto pálido.

Tally se ajoelhou, virou a cabeça da dra. Cable e examinou a ferida. Não havia sangue, mas seu corpo estava frio. Por mais temíveis que os perfeitos cruéis fossem, a surpresa ainda representava uma grande vantagem.

— Ela vai ficar bem.

— Dra. Cable? O que está...

Tally se virou na direção da voz, seus olhos avaliando a jovem diante dela.

Era alta e elegante, com traços perfeitos. Seus olhos — profundos e expressivos, misturando tons dourados e avermelhados — se arregalaram numa expressão preocupada. Os lábios grossos se separaram, mudos, e então ela ergueu uma de suas graciosas mãos. O coração de Tally quase parou diante daquela beleza entorpecedora.

De repente, o reconhecimento tomou conta do rosto da jovem, e seu sorriso largo iluminou a escuridão. Tally também sorriu. Sentia-se bem ao fazer aquela mulher feliz.

— Tally! É *você*.

A jovem era Shay. Estava perfeita.

— Shay...

— Você conseguiu! — O sorriso atordoante de Shay sumiu no instante em que ela viu a figura desamparada da dra. Cable no chão. — O que houve?

Tally não conseguia se concentrar, impressionada pela transformação da amiga. A beleza de Shay parecia se sobrepor a tudo que sentia naquele momento; o medo, a surpresa e a empolgação davam lugar a um sentimento único de estupefação.

— Você... se transformou.

— Que perspicaz — disse Shay, com deboche. — David! Vocês dois estão bem!

— Ahn... oi. — A voz de David era seca. Suas mãos trêmulas seguravam o macaco. — Shay, precisamos da sua ajuda.

— É, parece que precisam mesmo. — Ela olhou para a dra. Cable e suspirou. — Estou vendo que ainda são ótimos em criar problemas.

Desviando o olhar da beleza de Shay, Tally tentou se concentrar.

— Onde está todo mundo? Os pais de David? Croy?

— Bem aqui — respondeu Shay, apontando para trás, por cima do ombro. — Estão todos trancafiados. A dra. C é uma fraude.

— Mantenha ela aqui — disse David.

Ele passou por Shay e entrou na sala. De fora, Tally conseguiu ver pequenas portas lá dentro, com uma pequena janela em cada uma.

— Estou tão feliz que você esteja bem, Tally — disse Shay, sorrindo. — Imaginei você sozinha na natureza... mas é óbvio que não estava sozinha, não é?

Ao encarar Shay, mais uma vez Tally ficou completamente aturdida.

— O que eles fizeram com você? — perguntou.

— Além do óbvio?

— Sim. Quero dizer, não. — Tally não sabia como perguntar sobre os danos cerebrais. — Mais alguém...

— Virou perfeito? Não. Eu fui a primeira porque dava mais trabalho. Você precisava me ver distribuindo chutes e mordidas para todos os lados — contou Shay, rindo.

— Eles te obrigaram?

— É. A dra. C sabe como ser desagradável. Mas, no fim, fiquei até aliviada.

Tally engoliu em seco.

— Aliviada...

— Isso mesmo. Eu não aguentava mais este lugar. Aliás, só voltei aqui porque a dra. C queria que eu conversasse com os Enfumaçados.

— Você está morando em Nova Perfeição — concluiu Tally, tentando enxergar através da beleza e descobrir o que havia por atrás dos grandes e perfeitos olhos de Shay.

— Estou. Acabei de chegar de uma festa incrível.

Tally finalmente reparou como as palavras de Shay saíam arrastadas. Estava bêbada. Aquela devia ser a explicação para seu comportamento estranho. Mas, de qualquer modo, ela tinha chamado os outros de "Enfumaçados". Portanto, não se considerava mais um deles.

— Shay, você vai a festas? Enquanto todo mundo está preso aqui?

— Acho que sim — respondeu Shay, sem saber o que dizer. — Ah, todos eles vão sair depois que forem transformados. Assim que a dra. Cable superar essa necessidade de demonstrar poder. — Ela olhou para o ser inconsciente no chão e balançou a cabeça. — Mas amanhã ela vai estar com um humor péssimo. Graças a vocês dois. — O som crescente de metal batendo veio da sala de Detenção Prolongada. Tally ouviu outras vozes familiares. — Obviamente, parece que não haverá ninguém na área para testemunhar a cena. Ei, nem perguntei como andam as coisas entre vocês dois.

Tally abriu e fechou a boca, hesitante, antes de conseguir dizer alguma coisa.

— Nós estamos... bem.

— Que legal. Escuta, sinto muito por ter feito aquele escândalo por causa disso. Sabe como são os feios. — Shay deu uma risada. — Claro que sabe, né?

— Então você não me odeia?

— Não seja boba, Tally!

— Fico feliz em ouvir isso.

Naturalmente, a aprovação de Shay não significava nada. Não era um perdão, mas apenas resultado de danos cerebrais.

— Você me fez um grande favor ao me tirar daquela Fumaça.

— Shay, não pode estar falando sério.

— Como assim?

— Não pode ter mudado de opinião tão rapidamente — argumentou Tally.

Shay deu outra risada.

— Se quer saber, precisei apenas de uma ducha quente para mudar de opinião. — Ela esticou o braço e tocou os cabelos de Tally, desarrumados e embaraçados, depois de duas semanas de acampamentos e voos de prancha. — Por falar em ducha, você está um lixo.

Tally piscou. Podia sentir as lágrimas tentando sair de seus olhos. Antes, Shay tinha demonstrado um desejo intenso de manter seu rosto, de viver de acordo com as próprias regras, fora da cidade. Agora, porém, aquela vontade havia se extinguido.

— Eu não queria... trair você — disse Tally.

Shay olhou por cima do ombro e sorriu.

— Ele não sabe que você estava trabalhando para a dra. C, não é? Não se preocupe, Tally — sussurrou, levando o dedo elegantemente aos lábios. — Seu pequeno segredo de feia está bem guardado comigo.

Tally ficou nervosa, imaginando se Shay saberia da história inteira. Talvez a dra. Cable tivesse contado a todo mundo o que ela fizera.

Um sinal sonoro veio do lado da dra. Cable. Havia uma luz piscando no terminal que ela levava nas mãos — uma chamada. Tally pegou o dispositivo e o entregou a Shay.

— Responda a eles!

Shay deu uma piscada, apertou um botão e começou a falar:

— Oi, sou eu, Shay. Não, sinto muito, a dra. Cable está ocupada. Com o quê? Bem, é complicado... — Ela interrompeu a chamada por um instante. — Tally, você não devia estar resgatando as pessoas ou alguma coisa assim? Esse é o objetivo, certo?

— Você vai ficar?

— Que pergunta. Isto é tão borbulhante. Só porque sou perfeita não significa que sou *totalmente* chata.

Tally passou por ela e entrou na sala. Viu duas portas já arrebentadas: a mãe de David e outro Enfumaçado estavam livres. Os dois usavam macacões laranja, e seus olhares mesclavam perplexidade e cansaço. Com o macaco enfiado junto ao chão, David se preparava para pôr outra porta abaixo.

Nesse momento, Tally notou, atrás de uma das janelas minúsculas das celas, os olhos arregalados de Croy. Ela encaixou seu macaco sob a porta. Aos poucos, o ruído discreto foi se transformando num guincho, à medida que o metal grosso se retorcia.

— David, eles já sabem que tem alguma coisa errada! — gritou.

— Tudo bem. Estamos quase acabando.

O macaco que Tally manipulava abrira uma pequena passagem, mas esta não era grande o suficiente. Depois de ajustar o encaixe da ferramenta, ela conseguiu fazer o metal ceder mais um pouco. Não tinha passado dias arrancando dormentes à toa: agora o buraco parecia a entrada de uma casa de cachorro.

Os braços de Croy apareceram primeiro. Em seguida, vieram a cabeça e o macacão, com vários rasgos causados pelas pontas de metal que pressionavam seu corpo, por mais que se contorcesse. Maddy segurou suas mãos e o ajudou a sair.

— Estamos todos aqui. Vamos embora — disse ela.

— E o papai? — gritou David.

— Não há nada que possamos fazer por ele — respondeu Maddy, antes de sair da sala.

Tally e David trocaram um olhar nervoso e a seguiram. Maddy corria pelo corredor, na direção do elevador, segurando Shay pelo pulso. Shay apertou o botão de comunicação do terminal.

— Espere um pouco, acho que ela está voltando a si. Não saia daí, por favor — ela disse, rindo, e desligou o aparelho novamente.

— Tragam Cable! — avisou Maddy. — Precisamos dela.

— Mãe! — chamou David.

Tally encarou Croy e depois se virou para a dra. Cable, jogada no chão. O feio acenou e cada um pegou um braço, arrastando a mulher pelo chão lustroso, sem perder tempo. Os tênis antiderrapantes de Tally agarravam no piso e faziam um barulho infernal.

Quando o grupo chegou ao elevador, Maddy segurou a dra. Cable pela

gola e encostou o rosto dela no leitor ótico. A mulher gemeu baixinho. Com cuidado, Maddy expôs um dos olhos da doutora. O elevador soltou um sinal sonoro e logo as portas se abriram.

Depois de arrancar o anel de interface da dra. Cable, Maddy a largou no chão de novo e puxou Shay para dentro. Tally e os outros Enfumaçados foram atrás. Apenas David não saía do lugar.

— Mãe, onde está meu pai?

— Não há nada que possamos fazer.

Maddy tomou o terminal das mãos de Shay e o espatifou contra a parede. Os protestos de David não a impediram de arrastá-lo para dentro. Assim que as portas se fecharam, o elevador perguntou: "Para que andar?"

— Terraço — respondeu Maddy, segurando o anel de interface. O elevador começou a se mover. Os ouvidos de Tally sofriam com a velocidade da subida. — Qual é o nosso plano de fuga? — perguntou.

O olhar de cansaço sumira do rosto da mãe de David. Era como se ela tivesse dormido no dia anterior já esperando um resgate de manhã.

— Ahn, pranchas — respondeu Tally. — Temos quatro.

Percebendo que estava se esquecendo de algo, ela mexeu nos braceletes antiqueda para chamar as pranchas.

— Hum, que legal! — disse Shay. — Sabe que não ando de prancha desde que saí da Fumaça?

— Somos sete — lembrou Maddy. — Tally, você leva Shay. Astrix e Ryde formam outra dupla. Croy vai sozinho e tenta despistá-los. David, vou com você.

— Mãe... Se ele se tornou perfeito, não pode curá-lo? Não pode pelo menos tentar?

— David, seu pai não virou perfeito. Ele está morto.

FUGA

— Preciso de uma faca — disse Maddy, esticando o braço e ignorando a expressão atordoada no rosto do filho.

Tally enfiou a mão na mochila e, em seguida, entregou um canivete à mãe de David, que puxou uma lâmina e cortou um pedaço da manga do macacão. Quando o elevador chegou ao nível da superfície, as portas só se abriram até a metade, detidas pelo rombo feito na chegada ao prédio. Os fugitivos passaram um por um e saíram correndo para a beirada do terraço.

A cerca de cem metros, as pranchas cruzavam o espaço aéreo do complexo, respondendo ao chamado dos braceletes de Tally. Mesmo que os Especiais não tivessem percebido nada até então, as pranchas sem passageiros certamente haviam acionado o sistema de segurança. Alarmes soavam por todos os lados.

Tally se virou para procurar David. Ele vinha devagar, fechando o grupo, ainda num estado de perplexidade. Ela o aguardou e, então, pôs as mãos em seus ombros.

— Sinto muito mesmo — disse.

David demonstrava contrariedade, mas não em relação a ela ou a qualquer coisa em particular.

— Não sei o que fazer, Tally.

— Temos de correr — respondeu ela, segurando sua mão. — É tudo que podemos fazer agora. Ir atrás da sua mãe.

Ele a encarou com um semblante perturbado.

— Tudo bem.

David tentou falar mais, mas as palavras foram engolidas por um barulho que lembrava unhas gigantes arranhando metal. O portão de saída dos carros estava sendo forçado. Porém, com a nanocola contendo quem quer que fosse, o único efeito perceptível era um tremor no terraço.

Maddy, a última a sair do elevador, travara as portas com um macaco. Agora, a voz repetia sem parar: “Elevador solicitado.”

Apesar de todos os cuidados tomados, havia outras maneiras de se chegar ao terraço. Maddy se dirigiu a David:

— Cole essas escotilhas, para que não consigam sair.

Depois de levar um instante para voltar à realidade, David fez que sim.

— Vou buscar as pranchas — disse Tally, antes de sair em disparada pelo terraço.

Ao chegar à beirada, ela saltou no ar, torcendo para que sua jaqueta tivesse um restinho de carga. Após um único sobe e desce, Tally pousou no chão e saiu correndo. As pranchas detectaram os braceletes e foram em sua direção.

— Tally! Cuidado!

Ela se virou na direção do berro de Croy. Um grupo de Especiais se aproximava, saídos de um portão. Eles corriam a uma velocidade sobre-humana, dando passadas largas.

Tally sentiu as pranchas cutucando suas pernas, como se fossem cães ansiosos para brincar. Ela subiu a bordo e, por um momento, buscou o equilíbrio com um pé em cada par. Nunca tinha ouvido falar em alguém usando quatro pranchas ao mesmo tempo. No entanto, não havia tempo para hesitação: o primeiro perfeito cruel já se encontrava a poucos passos de distância.

Um estalo de dedos, e prontamente ela ascendeu no ar.

O Especial deu um salto incrível, e seus dedos esticados tocaram nas pontas das pranchas. O contato causou um desequilíbrio. Tally se sentiu como uma pessoa num trampolim, depois de alguém pular na outra ponta. O resto dos Especiais aguardava lá embaixo, esperando que ela caísse.

Tally, entretanto, conseguiu se equilibrar e projetar o corpo para a frente, seguindo em alta velocidade na direção do prédio. Em poucos segundos, desembarcou no terraço e, com um chute, empurrou um dos pares para Croy. Os dois trataram de separar as pranchas rapidamente.

— Vá logo — disse Maddy. — Leve isso.

Ela lhe entregou um pedaço de pano laranja, com um pequeno circuito preso a um dos lados. Tally notou que Maddy havia cortado partes das mangas dos macacões de todos os fugitivos.

— Há um rastreador nesse chip — explicou Maddy. — Deixe-o cair pelo caminho para despistá-los.

Tally assentiu e olhou ao redor em busca de David. Ele vinha correndo, segurando o tubo de cola vazio, o rosto ainda tomado por uma expressão desolada.

— David... — disse Tally.

— Vão agora! — gritou Maddy, empurrando Shay para cima da prancha, atrás de Tally.

— Ei, não vou ganhar braceletes antiqueda? — perguntou Shay, trocando as pernas. — Não se esqueça de que esta não é minha primeira festa da noite.

— Eu sei. Segure firme — avisou Tally, antes de disparar como um foguete.

No início, as duas balançaram no ar e quase caíram. Mas logo Tally conseguiu se firmar, sentindo os braços de Shay bem apertados em torno de sua cintura.

— Opa, Tally! Vá mais devagar!

— Continue segurando — insistiu Tally. Impaciente com a lentidão da prancha, ela acelerou em plena curva. Além de ter de carregar duas pessoas, era preciso lidar com os movimentos bruscos de Shay. — Não lembra mais como se voa nisto aqui?

— Claro que lembro! Só estou meio enferrujada, Vesguinha. E bebi um pouco além da conta.

— Bem, tome cuidado para não cair. Vai se machucar.

— Ei, eu não pedi para ser resgatada!

— É, eu sei que não pediu.

Tally olhou para baixo enquanto sobrevoavam a Vila dos Coroas, desviando do cinturão verde para seguir direto até o rio. Se Shay caísse daquela altura, naquela velocidade, não estaria gravemente machucada. Estaria morta.

Morta como o pai de David. Tally se perguntava como haveria acontecido. Talvez numa tentativa de escapar dos Especiais, a exemplo do Chefe. Ou algo feito pela dra. Cable. Uma coisa, porém, não lhe saía da cabeça: não importava o modo, a culpa era dela.

— Shay, se você cair, me leve junto.

— Como é que é?

— Me agarre e não me solte de jeito nenhum. Estou usando uma jaqueta e braceletes. Eles vão nos manter no ar.

Provavelmente. Desde que a jaqueta não a puxasse numa direção e os braceletes, noutra. E que o peso combinado de Tally e Shay não superasse o limite dos sustentadores.

— Não é mais fácil me passar os braceletes, espertinha?

— Não temos tempo para parar.

— É, tem razão. Nossos amigos Especiais devem estar profundamente irritados — disse Shay, segurando firme em Tally.

Estavam quase no rio e não havia sinal de perseguidores. A nanocola devia ter resistido bem. No entanto, a Circunstâncias Especiais dispunha de outros carros — no mínimo, os três vistos pela manhã. E os guardas comuns também usavam veículos.

Tally se perguntou se a Circunstâncias Especiais preferiria pedir ajuda ou tentar manter o sigilo da operação. O que os guardas achariam da prisão subterrânea? O governo oficial da cidade sabia o que havia sido feito à Fumaça e a Az?

Assim que viu a água reluzir lá embaixo, pouco antes de uma curva, Tally deixou o pedaço de pano laranja cair. O farrapo flutuou na direção do rio. A correnteza o levaria de volta à cidade, no sentido oposto ao da rota de fuga.

Tally e David tinham combinado se encontrar mais para cima, num ponto bem depois das ruínas, onde ele encontrara uma caverna anos antes. Como a entrada ficava escondida atrás de uma cachoeira, eles estariam protegidos de sensores de calor. Dali, poderiam caminhar de volta às ruínas para recolher o resto do equipamento e então...

Reconstruir a Fumaça? Erguer sete Fumaças? Com Shay assumindo o posto de perfeita honorária? Tally se deu conta de que não havia planos para depois daquela noite. O futuro simplesmente não parecera muito palpável até aquele momento.

Evidentemente, ainda havia o risco de todos serem capturados.

— Acha que é verdade? — perguntou Shay. — Aquilo que a Maddy disse? — Tally arriscou olhar para trás e viu um quê de preocupação no rosto perfeito de Shay. — O que estou tentando dizer é que Az estava bem quando eu passei por lá, alguns dias atrás. Achei que fossem deixá-lo perfeito e não *morto*.

— Não sei mesmo.

Não parecia ser o tipo de coisa sobre o qual Maddy mentiria. Mas talvez Tally estivesse enganada. Ela se inclinou, fazendo a prancha deslizar velozmente, bem perto do rio, numa tentativa de esquecer as sensações negativas. O borrifo da água molhou os rostos das duas quando a prancha

encostou na água. Shay passara a se posicionar corretamente, acompanhando as curvas do rio.

— Ei, eu me lembro daqui! — gritou ela.

— Você se lembra de mais alguma coisa de antes da operação? — berrou Tally, por cima do rugido das águas.

Shay se escondeu atrás de Tally ao ver uma nuvem de água vindo em sua direção.

— É claro que sim, sua bobinha — respondeu.

— Passou a me odiar porque eu roubei David de você. Porque eu traí a Fumaça. Você se lembra disso?

Shay permaneceu em silêncio por um minuto. Só se ouvia o barulho da água e do vento. Finalmente, ela aproximou o rosto do ouvido de Tally e disse com voz séria:

— É, eu me lembro. Mas foi só um comportamento de feio. Amor exagerado, ciúme e revolta contra a cidade. Toda criança age desse jeito. Mas chega uma hora em que a gente cresce, não é mesmo?

— E você cresceu graças a uma operação? Não acha isso meio estranho?

— Não foi por causa da operação.

— Então qual é a explicação?

— Tally, simplesmente foi bom para mim voltar para casa. Isso me fez perceber que a história toda da Fumaça era um absurdo.

— E aquilo que disse sobre ter distribuído chutes e mordidas?

— Ah, precisei de uns dias para entender as coisas.

— Antes ou depois de se tornar perfeita?

A pergunta deixou Shay sem palavras novamente. Tally se indagava se seria possível corrigir a lesão cerebral por meio de uma simples conversa.

Ela tirou um localizador do bolso: as coordenadas indicavam que ainda faltava meia hora de voo até a caverna. Olhando por cima do ombro, Tally não conseguia ver nenhum sinal de carros voadores. Com cada uma das quatro pranchas pegando um caminho até o rio e se livrando dos rastreadores em pontos diferentes, os Especiais teriam uma noite complicada pela frente.

Além disso, havia a ajuda de Dex, Sussy e An, que prometeram convencer todos os feios que conheciam a dar uma voltinha naquela noite. O cinturão verde devia estar bem movimentado.

Tally imaginava quantos feios teriam visto a mensagem vinda de Nova

Perfeição, quantos sabiam o que era a Fumaça e quantos estariam inventando suas próprias histórias para explicar as palavras misteriosas. Quantas novas lendas ela e David haviam criado com sua estratégia de distração?

Assim que as duas chegaram a uma parte mais calma do rio, Shay reiniciou a conversa.

— E então, Tally?

— O que foi?

— Por que quer tanto que eu odeie você?

— Não quero que me odeie, Shay. Bem, talvez eu queira. Traí você e me sinto muito mal por causa disso.

— Tally, não havia como a Fumaça existir para sempre. Você ter nos entregado não muda esse fato.

— Eu não entreguei vocês! — gritou Tally. — Não de propósito, pelo menos. E a história toda com David... foi sem querer. Nunca quis magoar você.

— Claro que não. Só está um pouco confusa — disse Shay.

— *Eu* estou confusa? É você que está...

As palavras se perderam no meio do caminho. Como era possível Shay não compreender que tinha sido mudada pela operação? Que não ganhara apenas um rosto perfeito, mas também uma... mente perfeita? Não havia outra explicação para ela ter mudado tão rapidamente, abandonando os companheiros para ir a festas e noites de sauna, esquecendo-se dos amigos, exatamente como Peris, meses antes.

— Você o ama? — perguntou Shay.

— David? Eu, ahn... talvez.

— Que bonitinho.

— Não é *bonitinho*. É real!

— E por que sente vergonha disso?

— Eu não... — reagiu Tally, sem saber o que dizer.

Naquele instante de distração, a traseira da prancha baixou e jogou água para trás. Shay deu um grito e se segurou em Tally, que tratou de levá-las mais para cima. Quando conseguiu parar de rir, Shay disse:

— E você acha que *eu* estou confusa?

— Escuta, Shay, existe uma coisa de que estou muito certa. Nunca pretendi trair a Fumaça. Fui obrigada a ir lá como espiã. E quando enviei o

sinal aos Especiais, acredite, foi um acidente. Mesmo assim, sinto muito, Shay. Sinto muito por ter estragado seu sonho — disse Tally chorando, as lágrimas carregadas pelo vento soprando em sentido contrário.

Por algum tempo, o único som foi o das árvores passando na escuridão.

— Fico feliz por vocês dois terem voltado à civilização — disse Shay, em voz baixa, bem segura atrás de Tally. — E não lamento nada do que aconteceu, se isso faz você se sentir melhor.

Tally pensou nas lesões no cérebro de Shay: os pequenos tumores, machucados ou o que fossem, cuja existência ela ignorava. Estavam lá dentro, em alguma parte, alterando pensamentos, manipulando sentimentos, corroendo as raízes de tudo aquilo que a definia. Fazendo-a perdoar Tally.

— Obrigada, Shay. Mas não me sinto nada melhor.

NOITE SOLITÁRIA

Tally e Shay foram as primeiras a chegar à caverna.

Croy apareceu poucos minutos depois, de surpresa, passando pela cachoeira numa súbita explosão de água e palavrões. Ele despencou na escuridão, rolando pelo chão de pedra e provocando uma sequência de sons abafados assustadora.

Do fundo da caverna, Tally se aproximou, com a lanterna numa das mãos. Croy sacudiu a cabeça e murmurou:

— Consegui despistá-los.

Tally observou a entrada da caverna: o véu de água continuava firme diante do céu noturno.

— Espero que sim — disse. — Onde estão os outros?

— Não sei. Maddy nos mandou pegar caminhos diferentes. Como eu estava sozinho, dei a volta inteira no cinturão verde, para confundi-los.

Ele jogou a cabeça para trás, ainda ofegante. A mão aberta segurava um localizador.

— Caramba. Foi bem rápido — comentou Tally.

— Você nem imagina. E sem braceletes.

— Sei como é. Pelo menos estava de tênis. Alguém veio atrás de você?

— Fiquei com o rastreador o máximo que pude. A maioria dos Especiais veio atrás de mim. Mas havia um monte de gente voando no cinturão. Sabe, garotos da cidade. Os Especiais ficaram confusos.

Tally sorriu. Dex, An e Sussy fizeram sua parte muito bem.

— David e Maddy estão bem? — perguntou.

— Não tenho como responder. Tudo que sei é que partiram logo depois de vocês, e não parecia haver ninguém atrás deles. Maddy disse que iriam direto para as ruínas. Devemos encontrá-los por lá amanhã à noite.

— Amanhã?

— Maddy queria ficar um tempo a sós com David, entende?

Apesar de responder que sim, Tally sentiu um aperto no coração. David precisava dela. Ou, ao menos, essa era sua esperança. Pensar nele

encarando a morte de Az sem ela por perto tornou sua angústia um pouco mais intensa.

Maddy estava lá, e Az era marido dela, enquanto Tally só o havia visto uma vez. Mas ainda assim achava que sua presença era importante.

Ela suspirou. Lembrou-se das últimas palavras que dissera a David e desejou que fossem mais consoladoras. Sequer houvera tempo para dar-lhe um abraço. Desde a invasão da Fumaça, Tally e David não haviam se separado por mais de uma hora, durante aquela tempestade, e agora precisava se acostumar à ideia de passar um dia inteiro longe dele.

— Talvez fosse melhor eu ir logo às ruínas. Poderia fazer a caminhada à noite.

— Seria absurdo — disse Croy. — Os Especiais ainda estão por aí.

— Mas e se eles precisarem de alguma coisa?

— Maddy me mandou dizer que não.

Astrix e Ryde chegaram meia hora mais tarde, num estilo mais gracioso que o de Croy, e com suas versões de como despistaram os carros voadores. A caçada fora estranha: os Especiais pareciam confusos com tudo o que vinha acontecendo naquela noite.

— Nem se aproximaram de nós — contou Astrix.

— Mas estavam por toda parte — ponderou Ryde.

— É como se tivéssemos vencido uma batalha — disse Croy. — Derrotamos os Especiais na cidade deles. Ficaram com cara de bobos.

— Talvez não precisemos mais nos esconder na natureza — prosseguiu Ryde. — Poderíamos agir exatamente como quando éramos feios, fazendo bagunça. Mas desta vez revelando a verdade à cidade inteira.

— E, se formos pegos, Tally aparecerá para nos salvar! — gritou Croy.

Tally tentou sorrir com a empolgação dos companheiros, mas sabia que não conseguiria aproveitar nada até voltar a ver David. Até a noite seguinte. Sentia-se isolada, afastada da única coisa que realmente importava.

Numa pequena fenda, Shay já dormia, depois de reclamar da umidade e do estado do seu cabelo e de perguntar quando seria levada de volta para casa. Tally engatinhou até lá e se aconchegou ao seu lado, tentando esquecer o estrago causado à mente da amiga. Pelo menos, o novo corpo de Shay não era mais tão magro; na verdade, parecia bastante macio e quente,

principalmente no frio da caverna. Encostada nela, Tally conseguiu parar de tremer.

Mesmo assim, levou muito tempo para dormir.

Ao acordar, sentiu um cheiro de MacaThai no ar.

Croy encontrara os pacotes de comida e o purificador dentro de sua mochila e estava preparando uma refeição usando água da cachoeira. Aparentemente, o objetivo era acalmar Shay.

— Dar uma escapadinha, tudo bem. Eu só não sabia que vocês iam me arrastar para cá. Enchi o saco dessa coisa de rebelião, estou com uma dor de cabeça insuportável e preciso desesperadamente lavar meu cabelo.

— Há uma queda d'água bem aí — disse Croy.

— Mas a água é gelada! Não *aguento* mais essa fraude de vida de acampamento.

Tally engatinhou até a parte mais ampla da caverna. Todos os seus músculos estavam rígidos; todo seu corpo marcado pelas pedras sobre as quais dormira. Através da cortina de água, podia notar o anoitecer. Ela se perguntou se um dia conseguiria voltar a dormir à noite.

Sentada numa rocha, Shay avançava no MacaThai, reclamando que não estava apimentado o suficiente. Mesmo molhada, usando roupas sujas de festa e com o cabelo colado no rosto, ainda era deslumbrante. Ryde e Astrix a observavam em silêncio, fascinados por sua beleza. Eles eram dois dos velhos amigos de Shay que tinham fugido para a Fumaça na época em que ela desistira. Portanto, devia fazer meses que não viam um rosto perfeito. Todos pareciam dispostos a permitir que ela continuasse reclamando.

Uma das vantagens de ser perfeito é que as pessoas toleram seus hábitos mais irritantes.

— Bom dia — disse Croy. — NaboMôndegas ou ArrozVege?

— O que for mais rápido de preparar — respondeu Tally, esticando os braços.

Ela queria chegar às ruínas o quanto antes.

Assim que a noite caiu, Tally e Croy saíram de trás da cachoeira. Não havia sinal de Especiais no céu. Ela não acreditava que houvesse alguém realizando buscas numa região tão distante. Quarenta minutos da cidade,

numa prancha de alta velocidade, correspondiam a uma viagem muito longa.

Eles fizeram um sinal, e os outros também saíram. Todos subiram pelo rio na direção das ruínas. Depois, iniciaram uma longa caminhada. Os quatro feios se revezavam para carregar as pranchas e os mantimentos. Shay tinha parado de reclamar, e agora, de ressaca, limitava-se a um silêncio mal-humorado. Andar não era problema. Sua boa forma, fruto do trabalho duro na Fumaça, não se perdera em duas semanas. Além disso, a operação tornara seus músculos mais firmes — por algum tempo, pelo menos. Embora houvesse anunciado seu desejo de voltar para casa, ir sozinha não parecia ter-lhe ocorrido.

Tally se perguntava o que fariam com ela depois. Não existia uma cura. Maddy e Az trabalharam durante vinte anos sem obter sucesso. Mas eles não podiam deixar Shay daquele jeito.

Evidentemente, no momento em que estivesse curada, seu ódio por Tally reapareceria.

O que seria pior: uma amiga com danos cerebrais ou uma que a detestasse?

Eles alcançaram a entrada das ruínas depois da meia-noite e seguiram imediatamente até o prédio abandonado em que Tally e David tinham montado uma base.

David estava à espera do lado de fora.

Ele parecia exausto, com manchas escuras sob os olhos, visíveis mesmo sob a luz tênue das estrelas. Logo que Tally desceu da prancha, ele a envolveu em seus braços com força, e ela retribuiu o abraço.

— Você está bem? — perguntou Tally, baixinho, e na hora se sentiu uma boba. Que tipo de resposta esperava? — Ai, David, claro que você não está bem. Sinto muito, eu...

— Shhh. Eu sei.

David se afastou e deu um sorriso. Sentindo-se aliviada, Tally apertou suas mãos, como que para se certificar de sua presença ali.

— Senti falta de você.

— Eu também.

Os dois se beijaram.

— Vocês dois são tão fofos — comentou Shay, usando os dedos para pentear o cabelo embaraçado durante o voo.

— Oi, Shay — disse David, esforçando-se para sorrir. — Vocês parecem estar com fome.

— Só se você tiver comida, não fraudes — respondeu Shay.

— Acho que não. Temos três tipos de curry reconstituído.

Shay murmurou algo e, passando por ele, entrou no prédio em ruínas. David a seguiu com os olhos, mas sem demonstrar a admiração que permanecia nos rostos de Ryde e Astrix. Era como se ele não percebesse a beleza de Shay.

— Finalmente tivemos sorte com alguma coisa — disse David.

Tally reparou em seu rosto, marcado pelo cansaço.

— Sério?

— Conseguimos fazer o Palm funcionar. Sabe, aquele que estava com a dra. Cable. Mamãe tentava arrancar a parte telefônica, para que não pudessem nos rastrear, e conseguiu acessar os dados de trabalho da doutora.

— E o que havia lá?

— Todas as anotações sobre a transformação de perfeitos em Especiais. E não só em relação à parte física. Também falam do funcionamento das lesões. Tudo que meus pais nunca souberam quando eram médicos.

— Shay... — lembrou-se Tally.

— Sim. Mamãe acredita que pode achar uma cura.

JURAMENTO DE HIPÓCRATES

Eles ficaram no refúgio das Ruínas de Ferrugem.

De tempos em tempos, carros voadores sobrevoavam os restos da cidade, numa lenta varredura aérea. Os Enfumaçados, porém, sabiam tudo sobre como se esconder de satélites e aeronaves. Espalharam iscas por toda parte — sinalizadores que geravam um calor equivalente ao de um ser humano — e cobriram as janelas do prédio em que estavam com pedaços de Mylar preto. Além disso, as ruínas ocupavam uma área vasta; encontrar sete pessoas num lugar que fora uma cidade de milhões de habitantes não era uma tarefa fácil.

Toda noite, Tally via a influência da "Nova Fumaça" crescer. Muitos feios tinham lido a mensagem na noite da fuga, ou pelo menos ouviram falar dela, e as peregrinações noturnas às ruínas não paravam de crescer. Algumas vezes, as luzes dos sinalizadores, agitadas dos terraços dos prédios mais altos, podiam ser vistas da meia-noite ao amanhecer. Tally, Ryde, Croy e Astrix se aproximavam dos feios da cidade para espalhar boatos, ensinar novos truques e mostrar as antigas revistas que o Chefe conseguira salvar da destruição da Fumaça. A quem duvidava da existência da Circunstâncias Especiais, Tally mostrava as algemas de plástico que permaneciam em seus pulsos e desafiava qualquer um a tentar arrebentá-las.

Uma nova lenda se destacava entre as demais. Maddy concluíra que as lesões cerebrais não podiam mais ser um segredo; todo feio tinha o direito de conhecer as verdadeiras consequências da operação. Tally e os outros espalharam a história entre seus amigos da cidade: a cirurgia não mudava apenas o rosto das pessoas. A perda da personalidade — o que definia cada um em seu interior — era o preço a se pagar pela beleza.

Obviamente, nem todos os feios aceitavam uma versão tão radical. Mas alguns acreditavam. E outros iam escondidos até Nova Perfeição, tarde da noite, para conversar pessoalmente com antigos amigos e julgar por si próprios.

Às vezes, os Especiais tentavam acabar com a festa, preparando armadilhas para os Novos Enfumaçados, mas alguém sempre dava o alerta

antes. E nenhum carro voador era capaz de alcançar uma prancha naqueles caminhos intricados e no meio dos destroços. Os Novos Enfumaçados passaram a conhecer cada cantinho da cidade como se tivessem nascido ali. Assim, conseguiam desaparecer num instante.

Maddy tentava descobrir uma cura usando materiais encontrados nas ruínas ou trazidos das cidades por feios dispostos a fazer empréstimos informais de hospitais e aulas de química. Ela se mantinha afastada dos outros, à exceção de David. Era particularmente fria com Tally, que se sentia culpada por todos os momentos passados ao lado dele, agora que sua mãe estava sozinha. Ninguém falava sobre a morte de Az.

Shay permaneceu entre eles, reclamando da comida, das ruínas, do cabelo e das roupas. Também era obrigada a ver todas aquelas caras feias ao seu redor. Apesar disso, nunca agia com antipatia; apenas parecia estar sempre incomodada. Passados os primeiros dias, deixou até de falar em ir embora. Talvez a lesão cerebral a tornasse mais complacente. Ou simplesmente não tivesse vivido em Nova Perfeição por tempo suficiente para sentir muita falta. Ainda pensava em todos como amigos. Por vezes, Tally se perguntava se Shay, em segredo, gostava de ter o único rosto perfeito no pequeno grupo rebelde. De qualquer maneira, ela não trabalhava mais do que se estivesse na cidade; Ryde e Astrix obedeciam a todas as suas ordens.

David ajudava a mãe, procurando objetos úteis nas ruínas, e ensinava técnicas de sobrevivência a qualquer feio que quisesse aprender. Naquelas duas semanas após a morte de Az, Tally percebeu que sentia falta dos tempos em que eram apenas ela e David.

Vinte dias depois do resgate, Maddy anunciou que encontrara uma cura.

— Shay, quero lhe explicar isso muito bem.

— Claro, Maddy.

— Quando você passou pela operação, eles fizeram algo em seu cérebro.

Shay sorriu.

— Ah, tá. — Ela olhou para Tally, como se entendesse tudo. — É o que Tally vive me dizendo. O problema é que vocês não entendem.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Maddy.

— Eu *gosto* da minha aparência. Estou mais feliz neste corpo. Quer falar mesmo de lesões cerebrais? Olhe só para vocês, correndo pelas ruínas, brincando de operação militar. Estão todos preocupados com planos e rebeliões, dominados pelo medo e pela paranoia. E pela inveja. — Seus olhos se alternavam entre Tally e Maddy. — Essa é a consequência de ser feio.

— E como você se sente, Shay? — perguntou Maddy, mantendo a calma.

— Me sinto borbulhante. É bom não ficar toda agitada por causa dos hormônios. É claro que estar aqui, em vez de curtindo na cidade, é um saco.

— Você não é obrigada a ficar aqui, Shay. Por que não foi embora?

Ela hesitou por um instante.

— Não sei... Acho que me preocupo com vocês. Este lugar é perigoso, e criar caso com os Especiais não é uma ideia muito boa. Você já devia saber disso, Maddy.

Tally respirou fundo, tentando se controlar, mas a expressão de Maddy não mudou em nada.

— E você vai nos proteger deles? — perguntou.

— Sabe, eu me sinto mal por causa de Tally. Se eu não tivesse falado a respeito da Fumaça, agora ela seria uma perfeita, em vez de estar aqui nesta pocilga. Acho que uma hora ela vai decidir agir como adulta. E aí poderemos voltar juntas.

— Parece que não quer decidir por conta própria — disse Maddy.

— Decidir o quê? — perguntou Shay, revirando os olhos, como se quisesse mostrar a Tally como aquilo era chato.

As duas tiveram aquela conversa uma dezena de vezes até Tally concluir que não conseguiria convencer Shay de que sua personalidade tinha mudado. Para Shay, seu novo comportamento era apenas resultado de um processo de amadurecimento, de seguir em frente deixando as emoções exageradas dos tempos de feia para trás.

— Você não foi sempre assim, Shay — disse David.

— Não mesmo. Eu era feia.

Maddy sorriu com gentileza.

— Esses comprimidos não vão mudar sua aparência. Só vão mudar seu cérebro, desfazer o que a dra. Cable alterou no modo de funcionamento da

sua mente. Depois disso, você poderá decidir sozinha quanto à sua aparência.

— Decidir? Depois que você tiver mexido no meu cérebro?

— Shay! — gritou Tally, esquecendo-se da promessa de permanecer em silêncio. — Não somos nós que estamos manipulando seu cérebro!

— Tally! — interveio David, num tom controlado.

— Ah, deve ser isso mesmo, *eu* que sou a errada aqui — disse Shay, assumindo a mesma entonação de sua sessão diária de reclamações. — Não são vocês, que vivem num prédio destruído, num canto de uma cidade-fantasma, transformando-se aos poucos em aberrações, quando podiam ser lindos. É, estou errada... por tentar ajudar vocês!

Tally se sentou e cruzou os braços, sem resposta para as palavras de Shay. Sempre que tinham aquela conversa, a realidade se tornava um pouco difícil de entender, como se ela e os outros Novos Enfumaçados pudessem de fato ser os insanos. Tudo aquilo lhe lembrava seus primeiros dias na Fumaça, quando ainda não sabia de que lado estava.

— Como você está nos ajudando, Shay? — perguntou Maddy.

— Estou tentando fazê-los entender.

— Daquele jeito que fazia quando a dra. Cable a levava à minha cela?

Os olhos de Shay se apertaram, e seu rosto ficou confuso, como se as lembranças da prisão subterrânea não se encaixassem ao resto de sua visão perfeita do mundo.

— Sei que a dra. C foi horrível com vocês — admitiu ela. — Os Especiais são psicopatas... é só olhar para eles. Mas isso não significa que as pessoas devem passar a vida inteira fugindo. É isso que estou tentando dizer. Depois que se transformarem, os Especiais não irão mais atrás de vocês.

— E por que não?

— Porque vocês não vão mais criar confusão.

— E por que não?

— Porque serão felizes! — Shay parou para respirar até recuperar sua calma habitual. Então, ela sorriu, novamente encantadora. — Felizes como eu.

Maddy pegou as pílulas que estavam sobre a mesa.

— Não quer tomar esses comprimidos?

— De jeito nenhum. Você mesma disse que não são seguros.

— Eu disse que havia uma pequena chance de algo dar errado — corrigiu Maddy.

Shay deu uma risada.

— Deve achar *mesmo* que estou errada. Ainda que essas pílulas funcionem, pense bem no que elas prometem fazer. Até onde eu entendo, estar "curada" significa ser uma pessoa invejosa, orgulhosa, reclamona e dona de um cérebro de feia. Significa me considerar dona de todas as respostas. — Ela cruzou os braços. — Em vários aspectos, você e a dra. Cable se parecem. As duas acreditam que podem mudar o mundo. Bem, eu não preciso disso. E também não preciso dessas coisas aí.

— Tudo bem. — Maddy enfiou os comprimidos no bolso. — Era tudo que eu tinha a dizer.

— Como assim? — perguntou Tally.

David segurou sua mão.

— É tudo que podemos fazer, Tally.

— Como assim? Você disse que poderíamos curá-la.

— Somente se ela quiser — explicou Maddy. — Tally, essas pílulas são experimentais. Não podemos obrigar ninguém a tomá-las. Não sem saber se funcionam.

— Mas o cérebro dela... ela tem as lesões!

— Ei — disse Shay. — *Ela* está sentada bem aqui.

— Me desculpe por tudo isso, Shay — disse Maddy.

Maddy chamou Tally e passou para o outro lado da proteção de Mylar, onde havia uma área que os Novos Enfumaçados chamavam de varanda. Na verdade, era apenas um pedaço do último andar do prédio em que o teto desmoronara, deixando uma vista panorâmica das ruínas.

Tally a seguiu, deixando para trás uma Shay preocupada com o que haveria para jantar. David também saiu, pouco depois.

— Então vamos fazê-la ingerir as pílulas sem saber, é isso? — perguntou Tally, sussurrando.

— Não — respondeu Maddy com firmeza. — Não podemos. Não vou realizar experimentos médicos com pacientes não cooperativos.

— Experimentos médicos?

— Não há como prever com segurança os resultados de algo desse tipo — explicou David, segurando sua mão. — Embora o risco seja de apenas um por cento, ela poderia ficar com o cérebro danificado para sempre.

— Mas ele já está danificado.

— Acontece que ela se sente feliz, Tally. E pode tomar decisões por conta própria.

Tally se afastou e ficou parada, observando a cidade. Podia ver um sinalizador na torre mais alta, com feios se reunindo para conversar e trocar objetos.

— E por que nos importamos? *Eles* não pediram permissão para fazer o que fizeram com ela!

— Essa é a diferença entre nós e eles — disse Maddy. — Depois que eu e Az descobrimos o significado real da operação, percebemos que éramos parte de algo terrível. Pessoas tinham suas mentes modificadas sem saberem. Como médicos, fizemos um antigo juramento, pelo qual nos comprometíamos a nunca fazer algo desse tipo.

Tally encarou Maddy.

— Mas se não vai ajudar Shay, por que se esforçou para achar uma cura?

— Se soubéssemos que o tratamento é seguro, poderíamos dá-lo a Shay, para depois avaliar sua reação. Mas para testarmos a pílula precisamos de um voluntário.

— Onde vamos arrumar alguém? Nenhum perfeito aceitaria.

— Talvez por enquanto, Tally. Porém, se continuarmos avançando sobre a cidade, podemos encontrar um perfeito que queira mudar de vida.

— Mas nós *sabemos* que Shay está fora de si.

— Ela não está fora de si — corrigiu Maddy. — Na verdade, seus argumentos fazem sentido. Ela está feliz desse jeito e não quer correr o risco de morrer.

— O problema é que ela não é realmente ela. *Precisamos* transformá-la de volta no que era antes — insistiu Tally.

— Az morreu porque alguém pensava dessa maneira — disse Maddy.

— Como é que é?

David passou um braço por trás do corpo de Tally.

— Meu pai... — Ele limpou a garganta. Tally esperou em silêncio. Finalmente, saberia como Az tinha morrido. David respirou fundo antes de prosseguir. — A dra. Cable queria transformar todos eles, mas receava que mamãe e papai falassem a respeito das lesões cerebrais, mesmo depois da operação, pois haviam dedicado muito tempo ao assunto. — Embora a voz

de David estivesse alterada, ele falava com calma e cuidado, como se não quisesse contaminar as palavras com emoções. — A dra. Cable estava trabalhando em maneiras de apagar memórias, um modo de tirar as lembranças da Fumaça da cabeça das pessoas. Meu pai foi levado à sala de operação, mas nunca voltou.

— Que coisa horrível — murmurou Tally e, em seguida, deu um abraço em David.

— Az foi vítima de um experimento médico, Tally — explicou Maddy. — Não posso fazer o mesmo com Shay. Do contrário, ela estaria certa a respeito de mim e da dra. Cable.

— Mas Shay era uma fugitiva. Não queria se tornar perfeita.

— Ela também não quer ser cobaia num experimento.

Tally fechou os olhos. Atrás da tela de Mylar, Shay contava a Ryde a respeito da escova de cabelo que fizera. Naqueles dias, nunca perdia a oportunidade de mostrar o pequeno objeto, feito de lascas de madeira enfiadas num pedaço de argila, a qualquer pessoa disposta a escutar. Como se fosse a coisa mais importante que já fizera na vida.

Eles arriscaram tudo para salvá-la, mas não havia recompensa. Shay nunca mais seria a mesma.

E a culpa era toda de Tally, que tinha ido à Fumaça e chamado os Especiais. O resultado: uma Shay cabeça de vento e Az morto.

Ela respirou fundo.

— Muito bem. Agora vocês têm uma voluntária.

— Como assim, Tally?

— Eu.

CONFISSÕES

— O que está dizendo? — perguntou David.

— Não conseguirá provar nada se tomar as pílulas, Tally. Você não sofreu as lesões — explicou Maddy.

— Mas as sofrerei. Voltarei para a cidade e serei capturada. A dra. Cable me submeterá à operação. Daqui a algumas semanas, vocês irão me buscar. Depois bastará me dar a cura. Pronto: já têm uma voluntária.

Os três ficaram em silêncio. As palavras saíram da boca de Tally espontaneamente. Ela mal conseguia acreditar no que dissera.

— Tally... Isso é absurdo.

— Não é absurdo. Precisamos de um voluntário. Alguém que concorde, *antes* de se tornar perfeito, em ser curado, por meios experimentais ou não. É a única opção.

— Você não pode se oferecer assim! — berrou David.

Tally virou-se para Maddy.

— Disse que está noventa e nove por cento certa de que as pílulas funcionam, não disse?

— Sim. Mas o um por cento restante pode deixá-la em estado vegetativo, Tally.

— Um por cento comparado a invadir a Circunstâncias Especiais é moleza.

— Tally, pare com isso — disse David, segurando-a pelos ombros. — É muito perigoso.

— Perigoso? David, você consegue chegar a Nova Perfeição com um pé nas costas. Os feios da cidade fazem isso o tempo todo. É só me arrancar da minha mansão e me enfiar em cima de uma prancha. Eu virei com você, do mesmo jeito que Shay veio. E aí vocês me curam.

— E se os Especiais decidirem manipular suas memórias? Como tentaram com meu pai.

— Não vão tentar — disse Maddy. David olhou para a mãe com surpresa. — Eles nem pensaram nisso no caso de Shay. Ela se lembra de tudo a respeito da Fumaça. Az e eu éramos as únicas fontes de

preocupação. Como nos dedicamos às lesões cerebrais por metade de nossas vidas, eles concluíram que nunca calaríamos nossas bocas, nem como perfeitos.

— Mãe! — gritou David. — Tally não vai a lugar algum.

— Além disso — prosseguiu Maddy —, a dra. Cable não faria nada que pudesse machucar Tally.

— Pare de falar como se isso fosse acontecer!

Tally olhou bem nos olhos de Maddy, que assentiu. Ela sabia de tudo.

— David — disse Tally. — Preciso fazer isso.

— Por quê?

— Por Shay. É o único jeito de curá-la. Não é?

Maddy confirmou.

— Você não é obrigada a salvar Shay — disse David, pausadamente. — Já fez o bastante por ela. Foi atrás dela na Fumaça e depois a resgatou de dentro da Circunstâncias Especiais!

— É, eu fiz o bastante por ela. — Tally tomou coragem. — É por minha causa que ela está assim, perfeita e estúpida.

— Do que está falando? — perguntou David.

Ela se virou e segurou sua mão.

— David, eu não fui até a Fumaça para ver se Shay estava bem. Fui lá para levá-la de volta à cidade. — Um suspiro. — Fui lá para traí-la.

Tally imaginara o momento tantas vezes, ensaiara a fala quase todas as noites, que mal podia acreditar que aquilo não era outro pesadelo em que se via obrigada a contar a verdade. No entanto, depois que percebeu que estava mesmo acontecendo, as palavras começaram a sair numa torrente.

— Eu era uma espiã enviada pela dra. Cable. Por isso eu sabia onde ficava a Circunstâncias Especiais. Por isso os Especiais foram até a Fumaça. Eu levei um rastreador.

— Isso não faz o menor sentido — disse David. — Você resistiu quando eles apareceram. Você fugiu. Você ajudou a resgatar minha mãe...

— A essa altura, eu já tinha mudado de ideia. Com toda a honestidade, não pretendia ativar o rastreador. Passei a querer viver na Fumaça. Mas, na noite anterior à invasão, depois de saber a respeito das lesões... — Ela fechou os olhos. — Depois que nos beijamos, sem querer ativei o rastreador.

— Como é que é?

— Meu pingente. Foi sem querer. Eu queria destruí-lo. Mas o fato é que fui a responsável por levar os Especiais até a Fumaça, David. Foi por minha culpa que Shay se tornou perfeita. Foi por minha culpa que seu pai morreu.

— Está inventando tudo isso! Não vou deixar que você...

— David — disse Maddy, interrompendo o filho. — Ela não está mentindo. — Tally abriu os olhos. Maddy a encarava com um semblante triste. — A dra. Cable me contou como manipulou você, Tally. No início, não acreditei, mas, na noite em que vocês apareceram para nos salvar, ela tinha levado Shay lá embaixo para confirmar tudo.

— No fim, Shay sabia que eu era uma traidora — contou Tally.

— E continua sabendo — observou Maddy. — A questão é que agora ela não se importa mais. E é por isso que Tally precisa fazer isso.

— Vocês duas estão fora de si! — gritou David. — Escute, mãe, é só você descer do seu pedestal e dar as pílulas a Shay. — Ele estendeu a mão. — Eu mesmo posso cuidar disso.

— David, não vou permitir que se transforme num monstro. E Tally já tomou uma decisão.

David olhou para as duas, sem querer acreditar. Precisou de algum tempo para recuperar as palavras.

— Você era uma espiã?

— Sim. No início.

Ele não se conformava.

— Filho — disse Maddy, tentando confortá-lo com um abraço.

— Não!

David se virou e saiu correndo, rasgando a proteção de Mylar e surpreendendo as pessoas que estavam lá dentro. Até mesmo Shay ficou completamente sem palavras.

Antes que Tally pudesse ir atrás de David, Maddy segurou seu braço.

— É melhor você ir para a cidade agora.

— Hoje? Mas...

— Do contrário, acabará se convencendo a desistir. Ou David cuidará disso.

— Preciso me despedir dele.

— Você precisa partir.

Tally observou o rosto de Maddy e, aos poucos, foi percebendo a

verdade. Embora o olhar dela revelasse mais tristeza do que raiva, havia um sentimento frio escondido ali. Talvez David não a culpasse pela morte de Az, mas não podia dizer o mesmo de Maddy.

— Obrigada — disse Tally, baixinho, forçando-se a encarar Maddy.

— Obrigada pelo quê?

— Por não contar a ele. Por permitir que eu cuidasse disso pessoalmente.

Maddy conseguiu até sorrir.

— David precisava de você nestas duas últimas semanas.

— Ele ainda precisa de mim — disse, enquanto se afastava, com os olhos fixos na cidade.

— Tally...

— Eu vou hoje, pode deixar. Mas sei que David vai me buscar.

RIO ABAIXO

Antes de partir, Tally escreveu uma carta para ela mesma.

A ideia tinha sido de Maddy. Ela devia deixar sua permissão no papel. Assim, depois de se tornar perfeita, sem condições de entender por que desejaria ter o cérebro consertado, Tally poderia ler suas próprias palavras e aceitar o que estivesse para acontecer.

— Como achar melhor — disse ela. — Desde que me cure, não importa o que eu diga. Não me deixe como Shay.

— Vou curar você, Tally. Eu prometo. Só preciso de uma autorização por escrito — assegurou Mandy, entregando-lhe uma caneta e um pequeno pedaço de papel.

— Nunca aprendi a escrever à mão — disse Tally. — Não é mais obrigatório.

Maddy balançou a cabeça, decepcionada.

— Muito bem. Então você dita e eu escrevo.

— Você, não. Shay pode cuidar disso. Ela fez aulas, na época em que estava tentando ir para a Fumaça — contou Tally, lembrando-se das instruções confusas, porém inteligíveis, que Shay lhe deixara.

A carta não exigiu muito tempo. Shay ria ao ouvir as palavras sinceras de Tally, mas as transcrevia corretamente. Havia algo de interessante no modo como ela corria a caneta sobre o papel; lembrava uma criança aprendendo a ler.

Quando acabaram, David ainda não voltara. Saíra numa prancha em direção às ruínas. Enquanto arrumava suas coisas, Tally vigiava a janela, na expectativa de seu retorno.

Maddy devia estar certa. Se Tally o visse novamente, acabaria se convencendo a desistir. Ou talvez David a impedisse.

Ou pior: ele não se importaria.

A despeito do que pudesse dizer, a verdade era que David sempre se lembraria do que Tally fizera e das vidas perdidas por causa de seus

segredos. Só havia uma forma de acreditar que ele a perdoara: se David fosse resgatá-la pessoalmente.

— Vamos nessa — disse Shay.

— Shay, não vou ficar lá para sempre. Seria melhor que você...

— Dá um tempo. Estou de saco cheio deste lugar.

Tally mordeu os lábios. Qual seria o sentido de se entregar se Shay fosse junto? Obviamente, nada impedia que eles a resgatassem de novo. Depois que tivesse sua eficiência confirmada, o remédio poderia ser dado a qualquer pessoa. Ou a todas as pessoas.

— A única razão de eu ter ficado aqui nesta caverna é tentar levá-la de volta comigo — disse Shay, baixando o tom de voz em seguida. — Sabe, sou culpada por você não estar perfeita ainda. Estraguei tudo quando fugi. Devo uma a você.

— Ah, Shay. Corta essa.

Sentindo sua cabeça começar a rodar, Tally fechou os olhos.

— Maddy vive dizendo que posso ir embora quando eu quiser. Não espera que eu volte para casa sozinha, né?

Tally tentou imaginar Shay caminhando até o rio sem companhia.

— Não, acho que não.

Ela observou o rosto da amiga e viu um brilho em seu olhar — algo autêntico provocado pela perspectiva de fazer a viagem ao seu lado.

— Por favor! Vamos nos divertir muito em Nova Perfeição.

— Está bem. Acho que não posso fazer nada mesmo — disse Tally, abrindo os braços.

As duas foram juntas numa única prancha. Croy as acompanhou para levar o equipamento de volta quando alcançassem a entrada da cidade.

Ele não disse nada no caminho. Os outros Novos Enfumaçados tinham ouvido a briga do lado de fora e agora sabiam tudo sobre Tally. Para Croy, era mais doloroso. Ele havia suspeitado, e mesmo assim ela mentira, olhando-o nos olhos. Devia se culpar por não ter detido Tally antes que ela pudesse traí-los.

Quando chegaram ao cinturão verde, porém, ele se forçou a encará-la.

— O que eles fizeram com você, afinal? Para obrigá-la a armar uma coisa desse tipo?

— Disseram que eu não poderia me transformar enquanto não achasse Shay.

Croy virou o rosto, concentrando-se nas luzes de Nova Perfeição, reluzentes em meio ao ar frio daquela noite de novembro.

— Então, parece que finalmente vai realizar seu desejo.

— É, acho que sim.

— Tally vai se tornar perfeita! — disse Shay.

Croy ignorou o comentário e se dirigiu a Tally.

— De qualquer maneira, obrigado por me resgatar. Foi uma façanha e tanto a que vocês realizaram. Espero que... — Ele parou no meio, balançando a cabeça. — Nos vemos por aí.

— Tomara que sim.

Croy empilhou as pranchas e voltou na direção do rio.

— Isso vai ser demais! — disse Shay. — Mal posso esperar para lhe apresentar todos meus novos amigos. E você vai poder me apresentar ao Peris.

— Claro.

Elas caminharam rumo a Vila Feia até chegarem ao Parque Cleópatra. Pisando na terra dura e encarando o clima de fim de outono, as duas se aproximaram, para se protegerem do frio. Tally usava seu suéter fabricado na Fumaça. De início, queria deixá-lo com Maddy, mas acabou decidindo abrir mão do casaco de microfibra. As roupas feitas na cidade eram muito valiosas para serem desperdiçadas com alguém que estava retornando à civilização.

— Na verdade, eu já estava ficando popular — contou Shay. — Ter um histórico criminal é uma boa maneira de entrar nas festas mais legais. É óbvio: ninguém quer saber que aulas você assistia na escola para feios — explicou, dando um risinho.

— Se for assim, vamos fazer muito sucesso.

— Imagina quando contarmos a todo mundo que você me sequestrou de dentro do quartel-general da Circunstâncias Especiais. E que eu convenci você a fugir daquele bando de gente esquisita. Mas vamos ser obrigadas a diminuir um pouco as histórias, Vesguinha. Ninguém acreditaria na verdade!

— Não mesmo. Tem razão.

Tally pensava na carta que deixara com Maddy. E ela? Acreditaria na

verdade dentro de algumas semanas? Como as palavras de uma feia foragida, desesperada e trágica soariam aos ouvidos de uma perfeita?

Aliás, como veria David quando passasse a viver cercada de novos rostos perfeitos, 24 horas por dia? Voltaria a acreditar em toda aquela baboseira a respeito dos feios ou ainda se lembraria que uma pessoa podia ser bonita sem a cirurgia? Tally tentou imaginar o rosto de David, mas era doloroso pensar no tempo que levaria para voltar a vê-lo.

Ela se perguntava de quanto tempo precisaria, depois da operação, para deixar de sentir saudade de David. Maddy tinha avisado que talvez demorasse alguns dias até que as lesões assumissem o controle completo. No entanto, aquilo não significava que, nesse intervalo, as mudanças seriam controladas por sua própria mente.

Talvez, se decidisse continuar a sentir saudade dele, ignorando todo o resto, ela conseguisse evitar as mudanças. Ao contrário da maioria das pessoas, Tally *sabia* da existência das lesões. E, por isso, talvez pudesse lutar contra elas.

Nesse momento, uma sombra passou por elas — a sombra de um carro voador. Por reflexo, Tally parou. Os feios da cidade tinham relatado um número maior de patrulhas naqueles dias. As autoridades oficiais haviam finalmente percebido que as coisas estavam mudando.

O carro parou e baixou suavemente até pousar. Assim que a porta se abriu, uma luz intensa deixou Tally e Shay praticamente sem enxergar.

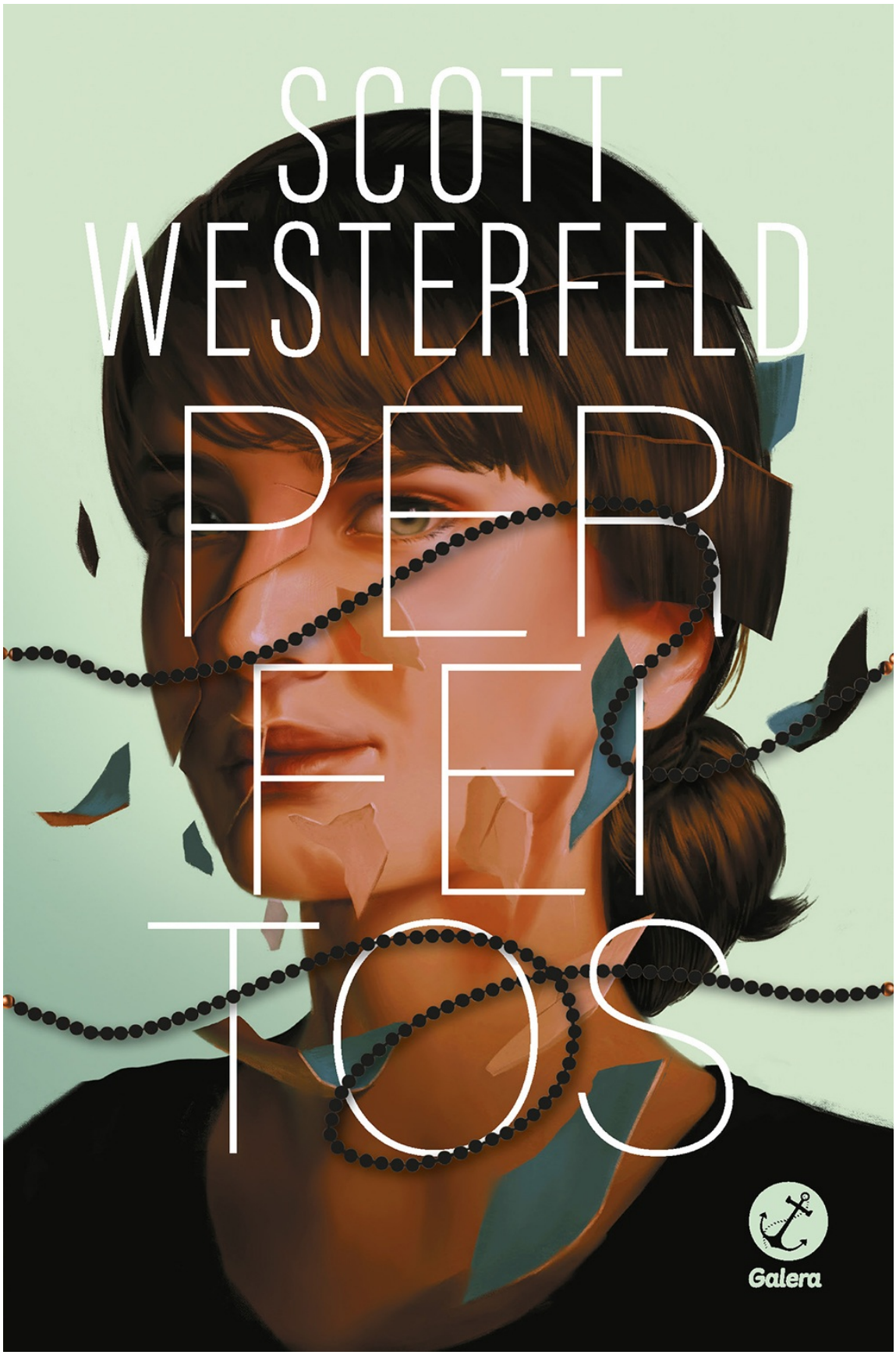
— Muito bem, garotas... ah, me desculpe, senhorita. — O facho estava sobre o rosto de Shay. Logo em seguida, porém, passou para o de Tally. — Ei, o que vocês duas...?

O que poderia ser mais incrível? Uma perfeita e uma feia, passeando juntas. O guarda se aproximou; seu rosto de meia-idade estava dominado pela perplexidade.

Tally sorriu. Pelo menos, estava criando confusão até o fim.

— Meu nome é Tally Youngblood. E quero ser perfeita.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.


SCOTT
WESTERFELD
PERFEITOS
Galera

Obras do autor publicadas pela Galera Record

Além-mundos
Amores infernais
Impostores
Tão ontem
Zeróis
Zumbis x Unicórnios

***Série* Vampiros em Nova York**
Os primeiros dias
Os últimos dias

***Série* Feios**
Feios
Perfeitos
Especiais
Extras

***Série* Leviatã**
Leviatã
Beemote
Golias

SCOTT
WESTERFELD

PERFEITOS

Tradução
Rodrigo Chia

1ª edição

Galera

2023

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W539p
Westerfeld, Scott
Perfeitos [recurso eletrônico] / Scott Westerfeld; tradução Rodrigo Chia. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2023.
recurso digital (Feios; 2)

Tradução de: Pretties
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-343-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Chia, Rodrigo. II. Título. III. Série.

23-84655

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

Título original em inglês:
Pretties

Copyright @ 2005 by Scott Westerfeld
Publicado mediante acordo com Simon Pulse, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-343-8

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para a comunidade australiana de ficção científica, por todo o apoio e aceitação.

SUMÁRIO

PARTE I | Bela adormecida

Criminosa
Festa de arromba
À espreita
O salto
Zane
Borbulhante
Valentino 317
A torre alta
Lembrete para mim

PARTE II | A cura

Ruptura
Quicando
Penetra
O dragão
Rompimento
Chuva
Cortadores
Ritual
Hospital
Prensa
Sequestro
Queimador
Limite da cidade

PARTE III | Do lado de fora

Descida
Sozinha
Caçada
Sangue jovem
Vingança
Comida dos deuses
O fim do mundo
Dia sagrado
As ruínas
Rostos
Controle de dano
Água gelada
Rastreador
Especiais
Sonhos falsos

Parte I
BELA ADORMECIDA

Lembra-te de que as coisas mais belas do mundo são também as mais inúteis.

— John Ruskin, *As pedras de Veneza*, I

CRIMINOSA

Escolher a roupa era sempre a tarefa mais difícil da tarde.

O convite para a Mansão Valentino dizia semiformal. Era o tal do *semi* que dificultava. Assim como uma noite sem festas, "semi" abria espaço para muitas possibilidades. Para os garotos já era complicado: aquilo podia significar paletó e gravata (a gravata opcional de acordo com o tipo de colarinho), terno branco e camisa social (somente em tardes de verão) ou ainda uma variedade de sobretudos, coletes, fraques, kilts e suéteres arrasadores. Para as mulheres, no entanto, a definição simplesmente englobava quase tudo, como costumava acontecer com as definições em Nova Perfeição.

Tally quase chegava a preferir as festas que exigiam traje de gala. Certo, as roupas eram menos confortáveis, e ninguém se divertia até que todos estivessem bêbados, mas pelo menos não se precisava pensar tanto só para escolher o que vestir.

— Semiformal, *semi*formal — repetia ela, observando a vastidão de seu armário aberto. O cabideiro tipo carrossel engasgava tentando acompanhar os cliques aleatórios dos seus olhos e fazia as roupas se sacudirem nos cabides. Sim, "semi" era definitivamente uma farsa. — Será que isso é uma palavra? — perguntou, em voz alta. — Semi?

A palavra causava uma sensação estranha em sua boca, que estava seca devido à noite anterior.

— É apenas metade de uma — respondeu o quarto, provavelmente se achando muito inteligente.

— Não me diga — murmurou Tally.

Ela jogou o corpo na cama e ficou olhando para o teto, com receio de que o quarto começasse a rodar a qualquer momento. Não parecia justo ter de se preocupar tanto por causa de meia palavra.

— Faça isso sumir — ordenou.

Sem entender direito, o quarto tratou de fechar as paredes que escondiam o guarda-roupa. Tally sequer tinha forças para explicar que

estava falando da ressaca, instalada dentro de sua cabeça como um gato gordo, rabugento e manhoso, sem a menor vontade de se mexer.

Na noite anterior, ela e Peris tinham saído para patinar com outros Crims, pela primeira vez num novo rinque situado sobre o Estádio Nefertiti. A camada de gelo, mantida no ar por uma estrutura de sustentadores, era tão fina que se conseguia ver o outro lado. A transparência era mantida por uma horda de pequenas máquinas de raspar gelo que passavam entre os patinadores como se fossem um bando de baratas-d'água nervosas. Os fogos de artifício que explodiam no estádio faziam a placa brilhar como uma espécie de vitral esquizoide mudando de cor de poucos em poucos segundos.

Todos eram obrigados a usar jaquetas de bungee jump, para o caso de atravessarem o gelo. Evidentemente, aquilo nunca havia acontecido, mas a mera possibilidade de ver seu mundo desaparecer de repente bastava para deixar Tally com vontade de tomar mais champanhe.

Zane, uma espécie de líder dos Crims, ficou entediado e resolveu derramar uma garrafa inteira no gelo. Segundo ele, o álcool, por ter um ponto de congelamento menor que o da água, poderia acabar levando alguém lá para baixo, onde explodiam os fogos de artifício. Pena que o desperdício de champanhe não foi o bastante para poupar Tally da dor de cabeça na manhã seguinte.

Um toque especial no quarto anunciou que havia outro Crim ligando.

— Alô.

— Oi, Tally.

— Shay-la! — Tally se apoiou num cotovelo para se levantar. — Preciso de ajuda!

— Para a festa? Imaginei.

— Afinal, o que significa *semi*formal?

Shay deu uma risada antes de responder.

— Tally-wa, você é tão perdida. Não recebeu o ping?

— Que ping?

— O que mandei há *horas*.

Tally procurou seu anel de interface, que continuava na mesinha de cabeceira. Ela nunca o usava à noite — um hábito de quando era feia e saía escondida a toda hora. O anel estava lá, piscando, no modo silencioso.

— Ah. É que acabei de acordar.

— Pois é. Pode esquecer o lance de semi. Eles mudaram o estilo da festa. Temos de usar *fantasias*!

O relógio marcava alguns minutos antes das 17 horas.

— Como é que é? Faltando três horas para começar?

— É, eu sei. Também estou desorientada. É tão difícil. Posso descer aí? — perguntou Shay.

— Por favor.

— Em cinco minutos.

— Tudo bem. Traga o café da manhã. Tchau.

Tally deixou a cabeça cair de volta no travesseiro. A cama parecia tão instável quanto uma prancha. O dia mal tinha começado e já estava chegando ao fim.

Ela pôs o anel de interface e ouviu, inconformada, o aviso de que ninguém poderia entrar na festa sem uma fantasia realmente borbulhante. Três horas para achar algo respeitável. E os outros já haviam saído na frente.

Às vezes, Tally tinha a impressão de que ser uma criminosa *de verdade* era muito, muito mais fácil.

Shay chegou com o café da manhã: omelete de lagosta, torradas, pães, batatas, fritada de milho, uvas, bolinhos de chocolate e Bloodies — tanta comida que nem um eliminador de calorias daria conta. A bandeja sobrecarregada balançava no ar, com seus sustentadores tremendo tanto quanto uma criança no primeiro dia na escola.

— Ahn, Shay, nós vamos vestidas de gordas ou algo parecido?

— Não, mas pela voz você parecia abatida — disse a amiga, dando um risinho. — E precisa estar borbulhante hoje à noite. Todos os Crims vão aparecer para decidir sobre sua admissão.

— Que ótimo. Borbulhante. — Tally suspirou enquanto pegava um Bloody Mary na bandeja. Fez uma careta depois do primeiro gole. — Sempre falta sal.

— Vamos resolver isso — disse Shay, raspando um pouco do caviar que decorava a omelete e jogando na taça.

— Eca, que nojo!

— Qualquer coisa fica boa com caviar — comentou Shay.

Ela pegou mais um pouco e levou à boca. Fechou os olhos para mastigar as minúsculas ovas de esturjão. Depois, com um giro no anel, pôs uma música para tocar.

Tally tomou outro gole de Bloody Mary, o que, pelo menos, fez o quarto parar de rodar. O cheiro dos muffins de chocolate era irresistível. Em seguida, atacaria a batata e a omelete. Talvez tentasse até o caviar. Era no café da manhã que Tally mais sentia vontade de compensar o tempo que tinha perdido na natureza quando fugiu. A comilança lhe dava uma sensação de estar no controle, como se um turbilhão de sabores da cidade pudesse apagar os meses de cozidos e EspagBol.

A música, um lançamento, deixou seu coração acelerado.

— Obrigada, Shay-la. Você me salvou.

— De nada, Tally-wa.

— Por onde andou ontem à noite, hein? — perguntou Tally. Shay respondeu apenas com um sorriso malicioso. — O que foi? Garoto novo? — Shay balançou a cabeça e piscou os olhos. — Não me diga que fez outra cirurgia. Caramba, você *fez*. Sabe que as operações são limitadas a uma por semana. Você perdeu completamente o juízo.

— Calma, Tally-wa. Foi só uma intervenção localizada.

— Onde?

Não havia nada de diferente no rosto de Shay. Talvez o resultado da cirurgia estivesse coberto pelo pijama.

— Olhe mais perto — disse Shay, voltando a piscar os olhos.

Tally se aproximou e examinou os olhos cor de cobre: enormes, realçados por uma sombra, deslumbrantes. Seu coração se acelerou um pouco mais. Um mês depois de chegar a Nova Perfeição, Tally ainda ficava maravilhada com os olhos dos perfeitos. Eram grandes e receptivos, e seu brilho sugeria um interesse autêntico. As belas pupilas de Shay pareciam dizer: *Estou ouvindo. Você é fascinante.* Reduziam o mundo a Tally, o foco solitário da atenção de Shay.

A situação era mais estranha com Shay, a quem Tally havia conhecido nos tempos de feia, antes de a operação deixá-la daquele jeito.

— Mais perto — orientou Shay.

Com um suspiro, Tally se ajeitou e sentiu o quarto girar de novo, mas de um modo agradável. Ela acenou para as janelas ficarem um pouco mais translúcidas. Então, à luz do sol, notou o que havia de novo.

— Caramba, que lindo.

Mais ousados que os outros implantes, doze rubis circundavam cada pupila de Shay, reluzindo num tom vermelho suave que contrastava com o verde das íris.

— Borbulhante, hein?

— Muito. Mas espera um pouco... os de baixo, no lado esquerdo, são diferentes?

Tally observou atentamente: uma pedra em cada olho parecia tremeluzir, como se fosse uma vela minúscula nas profundezas de cobre.

— São 17 horas! — disse Shay. — Entendeu?

Foram necessários alguns segundos até que Tally se lembrasse do grande relógio da torre, no centro da cidade.

— Ahn, mas está marcando 19 horas. Para serem 17 horas, não devia estar no lado direito?

— Meus relógios correm no sentido anti-horário, bobinha. Senão, seriam muito sem graça.

Tally teve vontade de rir.

— Espera aí. Você está com pedras preciosas nos olhos? E elas marcam as horas? No sentido *anti-horário*? Não acha isso *meio* exagerado, Shay?

No mesmo instante, Tally se arrependeu do que disse. O rosto de Shay foi tomado por uma expressão trágica que capturou todo o esplendor do momento. A impressão era de que ela ia chorar, apesar de não estar de olhos inchados ou nariz vermelho. Uma cirurgia recém-feita era sempre um assunto delicado, quase tanto quanto um novo penteado.

— Você detestou — comentou Shay, baixinho.

— Claro que não. Eu disse que são lindos.

— Sério?

— Muito. E é *legal* que andem no sentido anti-horário.

Shay recuperou o sorriso, o que deixou Tally aliviada, porém ainda sem acreditar no erro que tinha cometido. Era típico de um perfeito novato, e já havia se passado um mês depois de sua própria operação. Por que continuava dizendo coisas falsas? Se soltasse um comentário daquele tipo à noite, poderia receber um voto contrário de algum dos Crims. Bastava um para que não fosse aceita.

E, então, estaria sozinha, quase como se voltasse a ser uma fugitiva.

— Talvez devêssemos ir de torres de relógio, em homenagem aos meus

novos olhos — disse Shay.

Tally deu uma risada. Ela sabia que a piada sem graça significava que tinha sido perdoada. As duas, afinal, já haviam passado por muita coisa juntas.

— Falou com Peris e Fausto?

— Eles disseram que devíamos ir todos vestidos de criminosos. Parece que têm uma ideia, mas é segredo.

— Isso é tão fraude. Até parece que eles já foram meninos muito maus. Quando eram feios, não faziam nada além de fugir do alojamento e talvez atravessar o rio algumas vezes. Eles nunca chegaram à Fumaça.

A música acabou naquele exato instante, e a última palavra de Tally se destacou no silêncio repentino. Ela tentou pensar em algo para dizer, mas a conversa simplesmente acabou, como fogos de artifício se apagando no céu escuro. A música seguinte levou um bom tempo para começar. Quando finalmente aconteceu, Tally disse:

— Nos vestirmos de criminosas vai ser moleza, Shay-la. Somos as duas maiores criminosas da cidade.

Durante duas horas, Shay e Tally experimentaram as roupas que eram arremessadas de um buraco na parede. Embora tentassem pensar em bandidos, não sabiam realmente que aparência eles tinham. Nos antigos filmes do gênero a que assistiam no telão, os caras maus não se pareciam com criminosos, mas sim com idiotas. Seria muito melhor irem de piratas. O problema era que Shay não queria botar um tapa-olho sobre seus rubis. Também consideraram aparecer de caçadoras, mas o buraco na parede tinha uma restrição a armas, ainda que fossem de mentirinha. Tally descartou os ditadores famosos das aulas de história: eram todos homens e não tinham estilo.

— Podíamos ir de Enferrujados! — sugeriu Shay. — Na escola, eles eram sempre um exemplo de caras maus.

— Acontece que eram bem parecidos com a gente. Fora o fato de serem feios.

— Sei lá, podemos derrubar árvores, queimar petróleo ou algo assim.

— Estamos falando de fantasias, Shay-la, não de estilos de vida.

Shay abriu os braços e deu outros exemplos, tentando soar borbulhante:

— E se fumássemos? Ou dirigíssemos carros de superfície?

O buraco na parede, contudo, não parecia disposto a fornecer cigarros ou carros.

De qualquer maneira, era divertido passar o tempo ao lado de Shay, experimentando fantasias, só para depois dar risadas e jogar tudo de volta no reciclador. Tally adorava se ver em roupas novas, ainda que bobas. Uma parte sua se lembrava do passado, quando era doloroso se olhar no espelho e encarar os olhos vesgos, o nariz pequeno e o cabelo bagunçado. Agora, era como se houvesse uma modelo diante dela, imitando seus movimentos — uma mulher de rosto perfeitamente equilibrado, pele maravilhosa apesar da ressaca e corpo musculoso de proporções impecáveis. Uma pessoa cujos olhos prateados combinavam com qualquer coisa que vestisse.

Mas, ao mesmo tempo, uma pessoa com um gosto muito falso para fantasias.

Duas horas depois, elas estavam deitadas na cama, girando novamente.

— Tudo fica um lixo, Shay-la. Por que tudo fica um lixo? Nunca vão aceitar alguém que nem sequer consegue pensar numa fantasia decente.

Shay segurou a mão da amiga.

— Não se preocupe, Tally-wa. Você já é famosa. Não tem por que se preocupar.

— É fácil para você falar.

Embora as duas tivessem nascido no mesmo dia, Shay tinha se tornado perfeita várias semanas antes de Tally. Estava completando um mês como uma legítima Crim.

— Vai dar tudo certo — disse Shay. — Qualquer um familiarizado com a Divisão de Circunstâncias Especiais está destinado a ser um Crim.

Tally sentiu algo estranho, como um ping doloroso, ao ouvir as palavras de Shay.

— Talvez esteja certa. Mas odeio não ser borbulhante.

— A culpa é do Peris e do Fausto, que não querem contar o que vão vestir.

— Vamos esperar até eles chegarem. Aí copiamos o que estiverem usando — sugeriu Tally.

— É, eles merecem. Quer uma bebida?

— Acho que sim.

Como Tally ainda parecia muito tonta para fazer qualquer coisa, Shay mandou que a bandeja do café da manhã fosse buscar um champanhe.

Peris e Fausto apareceram, e em chamas.

Na verdade, não passavam de sinalizadores espalhados em seus cabelos e presos às suas roupas, o que dava a impressão de que havia algo pegando fogo. Fausto sentia cócegas e não parava de rir. Os dois usavam jaquetas de bungee jump: estavam fingindo que tinham acabado de pular do terraço de um prédio incendiado.

— Espetacular! — comentou Shay.

— Inacreditável — concordou Tally. — Mas o que isso tem de Crim?

— Não se lembra? — perguntou Peris. — Quando você entrou de penetra na festa, no verão, e fugiu roubando uma jaqueta e saltando do terraço? O maior truque de feio da história!

— Claro que me lembro... Mas por que vocês estão pegando fogo? Quero dizer, não é algo Crim, se realmente houver um incêndio.

O olhar de Shay indicava que Tally estava dizendo algo estúpido de novo.

— Não podíamos aparecer só de jaqueta — explicou Fausto. — Estar em chamas é muito mais borbulhante.

— É isso aí — disse Peris.

No entanto, Tally percebeu que ele havia entendido suas palavras e que agora estava chateado. Ela não deveria ter falado nada. Que tonta. As fantasias eram realmente borbulhantes. Enquanto Peris e Fausto apagavam os sinalizadores para que durassem até a festa, Shay pediu ao buraco na parede que arranjasse mais duas jaquetas.

— Ei, isso é plágio — protestou Fausto.

A reclamação, porém, se mostrou desnecessária. O buraco na parede não acatou o comando, porque alguém poderia se esquecer de que eram jaquetas de mentira e pular de um lugar alto e acabar espatifado. Também não podia produzir jaquetas autênticas; para objetos complicados ou permanentes, era preciso fazer o pedido à Requisição. E a Requisição nunca concordaria porque, afinal, não havia um incêndio.

— A mansão está sendo totalmente falsa hoje — reclamou Shay.

— Onde conseguiram as suas, hein? — perguntou Tally.

— São de verdade — disse Peris, apalpando sua jaqueta. — Roubamos do terraço.

— Ah, então elas são coisa de Crims — disse Tally, pulando da cama para lhe dar um abraço.

Perto do amigo, ela não achava mais que a festa seria uma porcaria ou que alguém votaria contra sua admissão. Com seus grandes olhos castanhos brilhando, Peris a levantou e apertou com força. Era a velha intimidade de volta, dos tempos de feios, quando os dois aprontavam e amadureciam juntos. Viver aquilo de novo era borbulhante.

Durante as semanas perdidas no mato, tudo que Tally havia desejado era voltar para o lado de Peris, num corpo de perfeita e em Nova Perfeição. Seria estupidez se sentir infeliz agora — ou em qualquer outro momento. Provavelmente não passava do efeito do champanhe.

— Amigos para sempre — sussurrou ela, enquanto Peris a botava no chão.

— Ei, o que é isso aqui? — perguntou Shay.

Ela estava enfiada no armário de Tally, em busca de ideias para a festa, e segurava um monte indefinível de lã.

— Ah, isso aí — disse Tally, soltando Peris. — É meu suéter da Fumaça, não se lembra?

O suéter parecia estranho, diferente do que guardava na memória. Estava amarrotado e as partes costuradas por mãos humanas se destacavam. Na Fumaça, as pessoas não dispunham de buracos na parede; tinham de produzir suas próprias coisas. E, aparentemente, não eram muito boas nisso.

— Não mandou para a reciclagem? — perguntou Shay.

— Não. Acho que é feito de um material diferente. O buraco não consegue aproveitar.

Shay levantou o suéter e o cheirou.

— Uau. Ainda tem o cheiro da Fumaça. Cheiro de fogueira e daquele cozido que comíamos todo dia, lembra?

Peris e Fausto se aproximaram para sentir o cheiro. Eles nunca haviam saído da cidade, a não ser nas excursões da escola às Ruínas de Ferrugem. Seguramente, não tinham chegado à Fumaça, onde todos precisavam trabalhar duro o dia inteiro, produzindo coisas e plantando (ou caçando) a própria comida. E onde todos permaneciam feios depois do décimo sexto aniversário. Às vezes, até a morte.

O fato era que a Fumaça não existia mais, graças a Tally e à Divisão de

Circunstâncias Especiais.

— Já sei, Tally! Vamos de Enfumaçadas hoje à noite!

— Isso seria completamente criminoso! — disse Fausto.

Os três ficaram olhando para Tally, empolgados com a ideia. Apesar de sentir outra pontada, ela sabia que seria falso discordar. Também sabia que, com uma fantasia borbulhante como o legítimo suéter da Fumaça, não havia chance de votarem contra sua entrada no grupo. Tally Youngblood, afinal, era uma Crim de nascença.

FESTA DE ARROMBA

A festa era na Mansão Valentino, a construção mais antiga de Nova Perfeição. Espalhada à beira do rio, tinha poucos andares, mas uma torre de transmissão no terraço a tornava visível até a metade da ilha. Dentro, todas as paredes eram de pedras de verdade. Por isso, os quartos não falavam. Ainda assim, a mansão tinha uma longa história de grandiosas e arrasadoras festas. A espera para ser um residente da Valentino podia durar para sempre.

Peris, Fausto, Shay e Tally passaram pelo jardim, que já borbulhava, cheio de pessoas a caminho da festa. Tally viu um anjo com lindas plumas nas asas, provavelmente solicitadas *meses* antes, o que seria uma trapaça. Um grupo de novos perfeitos usava fantasias de gordos que os deixavam com uma papada tripla. A turma dos Festeiros, praticamente sem roupa, fingia ser um bando de Pré-Enferrujados. Armavam fogueiras e batucavam, criando uma espécie de festa paralela, algo que os Festeiros sempre faziam.

Peris e Fausto não chegavam a um acordo em relação ao momento exato em que deveriam se acender. Eles queriam, ao mesmo tempo, fazer uma entrada espetacular e guardar os sinalizadores para mostrarem a fantasia completa aos outros Crims. Quando os quatro já estavam perto do barulho e das luzes da mansão, Tally começou a se sentir nervosa. A roupa de Enfumaçada não causava muito impacto. Tally vestia o suéter velho, enquanto Shay usava uma cópia. As fantasias de ambas eram completadas por calças resistentes, mochilas e sapatos com jeito de artesanais que Tally tinha descrito ao buraco na parede, lembrando-se de um modelo que havia visto na Fumaça. Para dar o aspecto de falta de banho, um pouco de poeira nas roupas e nos rostos, o que pareceu borbulhante durante a caminhada, mas agora só parecia sujeira.

Na entrada, havia dois Valentinos vestidos de guardas, cuidando para que ninguém passasse sem fantasia. Eles pararam Fausto e Peris, mas caíram na risada quando os dois se acenderam, garantindo a liberação de ambos. Na vez de Shay e Tally, apesar das expressões perdidas, também não criaram problemas.

— Quero ver quando encontrarmos os outros Crims — disse Shay. — Eles vão entender.

Os quatro abriram caminho entre a confusão de fantasias. Tally identificou bonecos de neve, soldados, personagens de videogame e até uma Comissão da Perfeição, com cientistas carregando diagramas de rostos. Por todo canto, figuras históricas desfilavam em roupas absurdas, provenientes do mundo inteiro. Tally se lembrou de como as pessoas tinham aparências diferentes na época em que havia gente demais no planeta. Os perfeitos um pouco mais velhos usavam fantasias modernas: médicos, guardas, empreiteiros ou políticos — seus anseios para depois da operação da meia-idade. Aos risos, um grupo de bombeiros tentava apagar as chamas de Peris e Fausto, mas só conseguiam encher o saco.

— Onde estão eles? — perguntava Shay, insistentemente, sem obter resposta das paredes de pedra. — Isto aqui é muito confuso. Como as pessoas conseguem morar aqui?

— Acho que eles devem andar o tempo todo com telefones móveis — disse Fausto. — Devíamos ter solicitado um.

O problema era que, na Mansão Valentino, não se podia encontrar outras pessoas perguntando às paredes. Diante daqueles quartos velhos e mudos, era como estar ao ar livre. Enquanto andavam, Tally passava a mão na parede, apreciando o frio das pedras ancestrais. Por um instante, lembrou-se de coisas do mundo selvagem — rústicas, silenciosas e permanentes. Na verdade, não estava com pressa de achar os outros Crims; eles iam simplesmente olhar para ela e pensar em como deveriam votar.

Os quatro perambularam pelos corredores lotados, espiando os quartos cheios de astronautas e exploradores das antigas. Tally contou cinco Cleópatras e cinco Lillians Russells. Havia até alguns Rodolfos Valentinos. A mansão, no fim das contas, devia seu nome a um perfeito natural da época dos Enferrujados.

Outros grupos tinham combinado temas. Os Atletas passavam de patins voadores, carregando tacos de hóquei. Os Ciclones representavam cãezinhos doentes usando colares elisabetanos. Naturalmente, o Enxame espalhava-se por toda parte, com os integrantes conversando sem parar por meio de seus anéis de interface. Os integrantes dessa turma tinham antenas implantadas na pele e, assim, conseguiam se comunicar, mesmo cercados pelas paredes inexpressivas da Mansão Valentino. O Enxame, porém, era

ridicularizado porque seus integrantes só andavam em grupos imensos. Estavam todos vestidos de moscas domésticas, com direito a olhos enormes de inseto, o que, pelo menos, fazia algum sentido.

Como não tinha encontrado nenhum outro Crim no meio da confusão de fantasias, Tally passou a achar que eles haviam desistido da festa e da votação. Logo a paranoia dominava-a. A certa altura, começou a ver alguém à espreita, encoberto pela multidão, mas sempre por perto. Toda vez que ela se virava, porém, a roupa de seda cinza desaparecia.

Tally não conseguia saber se era um homem ou uma mulher. Só conseguia ver a máscara, assustadora sem deixar de ser bonita, escondendo olhos cruéis que pareciam cintilar sob a iluminação suave da festa. O rosto de plástico lhe despertou algo: uma lembrança dolorosa que ela só visualizou com nitidez depois de um tempo.

Finalmente, ela entendeu qual era a fantasia. Um agente da Circunstâncias Especiais.

Tally se encostou numa das paredes frias, lembrando-se dos macacões cinza que os Especiais usavam. E também de seus rostos perfeitos e assustadores. A imagem a deixou tonta, o que costumava ocorrer quando pensava nos tempos que tinha passado na natureza.

Ver aquela roupa em Nova Perfeição não fazia sentido. Fora ela mesma e Shay, quase ninguém conhecia os Especiais. Para a maioria, eles não passavam de lendas urbanas ou boatos, mencionados apenas quando acontecia alguma coisa estranha. Os Especiais se mantinham bem escondidos. Embora seu trabalho fosse proteger a cidade de ameaças externas, a exemplo dos soldados e espiões da época dos Enferrujados, somente criminosos de verdade como Tally Youngblood já os haviam encontrado pessoalmente.

Apesar disso, uma pessoa havia feito um ótimo trabalho na produção da fantasia. Em algum momento, ele ou ela provavelmente conheceu um Especial. Mas por que a figura s*eguia Tally*? Sempre que se virava, lá estava a coisa, movendo-se com a graça de um predador. Ela se lembrava bem de quando havia sido perseguida pelas ruínas da Fumaça, naquele terrível dia em que eles apareceram para levá-la de volta.

Ela balançou a cabeça. Pensar naqueles tempos sempre trazia lembranças falsas que não se encaixavam direito. Os Especiais nunca haviam perseguido Tally. E por que o fariam? Eles a tinham *resgatado*

depois de ela deixar a cidade para ir atrás de Shay. A verdade era que pensar nos Especiais a deixava confusa. Seus rostos cruéis tinham a missão de assustar, assim como os rostos dos perfeitos tinham a missão de encantar.

Talvez a pessoa nem sequer a estivesse seguindo. Talvez fossem várias pessoas; um grupo vestido do mesmo jeito e espalhado pela festa. Era imaginação dela que um deles estava à espreita. Uma teoria bem mais reconfortante.

Tally alcançou os amigos e ficou brincando enquanto procuravam os outros Crims. No entanto, ela não deixava de prestar atenção às sombras. Aos poucos, teve certeza de que não se tratava de um grupo. Era sempre o mesmo Especial, sem conversar com ninguém, numa atitude totalmente suspeita. E seus movimentos graciosos...

Ela precisava se acalmar. A Divisão de Circunstâncias Especiais não tinha razão para segui-la. Além do mais, não fazia sentido um Especial ir a uma festa a fantasia vestido de *Especial*.

Diante da situação, Tally se forçou a rir. Provavelmente, era um dos Crims tentando enganá-la. Alguém que tinha ouvido suas histórias ao lado de Shay centenas de vezes e, por isso, sabia tudo a respeito da Circunstâncias Especiais. Seria totalmente falso dar um show na frente de todo mundo por causa daquilo. A melhor opção era ignorar o Especial.

Ao reparar na própria fantasia, ela se perguntou se as roupas de Enfumaçada não estariam colaborando para seu estado. Shay tinha razão: o cheiro do suéter antigo feito à mão trazia recordações dos tempos fora da cidade, dos dias de trabalho árduo e noites em volta da fogueira, misturadas a lembranças de rostos envelhecidos de feios que, às vezes, ainda a faziam acordar aos gritos.

Viver na Fumaça havia causado sérios estragos no cérebro de Tally.

Ninguém mais tinha reparado na figura. Estariam todos mancomunados? Fausto, por exemplo, só se preocupava com a possibilidade de seus sinalizadores se apagarem antes de os outros Crims aparecerem.

— Vamos ver se estão numa das torres — disse ele.

— É, pelo menos poderemos chamá-los em um prédio de verdade — concordou Peris.

Shay se mostrou indiferente e seguiu em direção à porta.

— Qualquer coisa para sair de dentro deste monte de pedras.

De qualquer maneira, a festa já tinha se espalhado pelo lado de fora. Shay guiou-os até uma torre escolhida aleatoriamente, passando por um grupo de Cabeleiras usando perucas em forma de colmeia, cada um com seu próprio enxame de abelhas — na verdade, os insetos não passavam de microssustentadores pintados de amarelo e preto e presos às suas cabeças.

— Eles não estão fazendo o zumbido direito — comentou Fausto.

Para Tally, porém, estava na cara que ele havia ficado impressionado com as fantasias. Os sinalizadores no cabelo do amigo começaram a se apagar, o que levava as pessoas a observá-lo de um jeito estranho, como se perguntassem "o que é esse negócio aí?".

Já dentro da torre, Peris chamou Zane, que avisou que os Crims estavam lá em cima.

— Belo chute, Shay.

Os quatro se espremeram no elevador, dividido com um cirurgião, um trilobita e dois jogadores de hóquei bêbados que se esforçavam para manter o equilíbrio em cima de patins voadores.

— Pare com essa cara de preocupação, Tally-wa — disse Shay, segurando os ombros da amiga. — Você vai ser aceita, sem estresse. Zane gosta de você.

Tally sorriu e pensou se aquilo seria verdade. Zane vivia perguntando a respeito de seus tempos de feia, mas ele fazia o mesmo com todo mundo, admirando as histórias dos Crims com seus olhos dourados brilhando. Haveria alguma razão para achar Tally Youngblood especial?

Aparentemente, alguém achava. Enquanto as portas do elevador se fechavam, Tally pôde ver de relance uma roupa de seda cinza se movendo com agilidade no meio da multidão.

À ESPREITA

A maioria dos outros Crims tinha ido de lenhador, usando camisas xadrez e músculos de espuma em tamanho exagerado. Nas mãos, serras elétricas e taças de champanhe. Também havia açougueiros, alguns fumantes que tinham produzido os próprios cigarros de mentira e um carrasco com uma corda comprida enrolada no ombro. Zane, que entendia tudo de história, estava vestido de ajudante de ditador, mas mantinha um ar elegante em seu traje preto completado por uma borbulhante faixa vermelha no braço. Ele tinha se submetido a uma cirurgia para tornar os lábios mais finos e o rosto encovado, o que o deixava parecido com um Especial.

Todos riram da fantasia de Peris. Alguns tentaram reacender Fausto, mas tudo que conseguiram foi queimar algumas mechas do seu cabelo, que ficou fedendo horrivelmente. Precisaram de um tempo para decifrar as fantasias de Tally e Shay. Depois, fizeram fila para tocar no tecido tosco do suéter feito à mão, perguntando se pinicara. (Embora pinicasse, Tally disse que não.)

Shay ficou parada perto de Zane até ele reparar em seus novos olhos.

— Acha que ficaram bonitos? — perguntou ela.

— Dou cinquenta mili-Helenas — disse Zane. A referência à personagem grega deixou todo mundo perdido. — Uma mili-Helena corresponde a uma beleza suficiente para fazer um navio se lançar ao mar. Então, cinquenta é muito bom — explicou ele, provocando risadas nos outros Crims.

O rosto de Shay se iluminou com o elogio.

Tally tentou ser borbulhante, mas a ideia de ser seguida por um Especial fantasiado era muito enervante. Ela aguentou mais alguns minutos, mas acabou escapando para a varanda de uma das torres, em busca de ar puro.

Alguns balões de ar quente amarrados à torre pairavam no céu como luas pretas. Os Esquentados que passeavam numa cesta atiravam sinalizadores nas pessoas, rindo muito enquanto as trilhas faiscantes cortavam a escuridão. Nessa hora, um dos balões começou a subir, livre das cordas; o rugido do seu queimador se sobrepunha ao barulho da multidão.

Levado por uma chama minúscula, acabou desaparecendo na distância. Tally concluiu que, se Shay não a tivesse apresentado aos Crims, ela se tornaria uma Esquentada. Eles sempre sumiam no meio da noite e pousavam em lugares imprevisíveis. Depois, chamavam um carro, que ia buscá-los num subúrbio distante ou até fora dos limites da cidade.

Ficar parada, olhando para a escuridão de Vila Feia no outro lado do rio, deixava Tally muito mais tranquila. Era estranho. As lembranças de sua breve passagem pelo mundo selvagem eram muito confusas, mas Tally se recordava perfeitamente dos tempos de feia, quando observava as luzes de Nova Perfeição da janela do seu quarto, ansiosa por completar 16 anos. Ela sempre tinha se imaginado naquele lado do rio, numa torre alta, com fogos de artifício por toda parte. Perfeita e cercada de outros perfeitos.

Obviamente, a Tally dos seus sonhos sempre aparecia de vestido de gala, e não de suéter de lã e calça de peão, com o rosto sujo. Ela tocou de leve num fio solto, desejando que Shay não tivesse encontrado sua roupa de Enfumaçada. Queria se esquecer da Fumaça, livrar-se das memórias desordenadas nas quais corria, se escondia e se achava uma traidora. Também não aguentava mais ficar olhando sem parar para a porta do elevador, na expectativa de que o Especial fantasiado continuasse no seu pé. Tudo que desejava era sentir que pertencia àquele lugar, sem esperar sempre pela tragédia seguinte.

Talvez Shay estivesse certa e a votação daquela noite iria resolver tudo. Os Crims formavam uma das turmas mais unidas de Nova Perfeição. Para entrar no grupo, era preciso passar pela votação. E, uma vez Crim, podia-se contar com a amizade, as festas e as conversas borbulhantes. Nada mais de fugir.

O único problema era que eles só aceitavam pessoas que tivessem sido muito mal comportadas nos tempos de feias, com boas histórias de saídas às escondidas, noites inteiras em cima da prancha e fugas. Os Crims eram perfeitos que não haviam se esquecido da fase feia. Ainda curtiam as brincadeiras e os atos reprováveis que tornavam Vila Feia borbulhante à sua própria maneira.

— Quanto daria para a vista?

Era Zane, que tinha aparecido de surpresa ao lado de Tally, exibindo toda a sua perfeição em 2 metros de altura e no antigo uniforme preto.

— Como assim, daria?

— Cem mili-Helenas? Quinhentas? Quem sabe uma Helena inteira?

Tally deu um suspiro, olhando para o rio escuro lá embaixo.

— Não daria nada. Afinal, estamos falando de Vila Feia.

Zane riu.

— Ei, Tally-wa, não temos razão para sermos malvados com nossos irmãozinhos feios. Não é culpa deles não serem tão bonitos quanto você — disse Zane, ajeitando uma mecha do cabelo de Tally atrás da orelha.

— Não estou falando deles, mas da cidade. Vila Feia é uma prisão.

As palavras soaram mal. Eram muito duras para uma festa. Não que Zane tenha se importado.

— Você fugiu, não foi? — Ele passou as mãos no estranho tecido do suéter, como todo mundo fazia. — A Fumaça era melhor?

Tally imaginou se ele queria uma resposta sincera. Ela não podia dizer nada falso. Se Zane achasse Tally esquisita, choveriam votos contra sua entrada nos Crims, apesar do que Shay e Peris haviam prometido.

Ela o encarou. Seus olhos tinham um tom dourado, refletindo os fogos de artifício como pequenos espelhos, e de alguma forma pareciam atrair Tally. Não era apenas o encanto normal dos perfeitos, mas algo mais profundo, que fazia a festa ao redor desaparecer. Zane sempre ouvia suas histórias da Fumaça com atenção absoluta. Àquela altura, já conhecia todas, mas talvez quisesse saber de mais alguma coisa.

— Fui embora na noite do meu décimo sexto aniversário — contou ela. — Então, na verdade, não estava fugindo de Vila Feia.

— Certo. — Os olhos de Zane libertaram Tally e se voltaram para o outro lado do rio. — Estava tentando escapar da operação.

— Eu estava indo atrás de Shay. Tinha de continuar feia para a encontrar — explicou Tally.

— Você quer dizer resgatar — corrigiu ele, voltando a fixar seus olhos dourados nela. — Foi isso mesmo?

Tally confirmou, meio receosa, sentindo a cabeça girar por causa do champanhe da noite anterior. Ou do daquela noite. Olhando para a taça vazia em sua mão, tentou se lembrar de quantos havia tomado.

— Era algo que eu precisava fazer — disse, percebendo imediatamente como aquilo tinha soado falso.

— Uma circunstância especial? — perguntou Zane, com um sorriso malicioso.

Ela foi pega de surpresa. Em que tipo de aventuras Zane teria se metido quando ainda era feio? Ele não costumava contar histórias. Embora não fosse muito mais velho do que Tally, Zane nunca precisava provar ser um Crim; ele simplesmente era.

Mesmo com os lábios afinados para a festa, Zane era bonito. Seu rosto tinha sido esculpido num estilo mais ousado que o da maioria, como se os médicos quisessem testar novos limites para as especificações da Comissão da Perfeição. Tinha molares pontudos e sobrancelhas que subiam absurdamente quando achava algo divertido. De repente, Tally percebeu nitidamente que, se qualquer de seus traços se desviasse alguns milímetros, sua aparência se tornaria horrível. Ao mesmo tempo, era impossível imaginar que um dia Zane tivesse sido feio.

— Você já foi às Ruínas de Ferrugem? — perguntou ela. — Quando você era... mais jovem?

— Quase toda noite, no último inverno.

— No *inverno*?

— Adoro ver as ruínas cobertas de neve. Torna as formas mais suaves, o que garante mega-Helenas à paisagem.

— Ahn. — Tally se lembrou das viagens no início do outono e do frio que havia sentido. — Parece bem... congelante.

— Nunca conseguia arrumar companhia. — Ele apertou os olhos. — Quando você fala das ruínas, nunca menciona ter encontrado alguém lá.

— Encontrado alguém? — repetiu Tally, fechando os olhos para tentar deter uma súbita tontura.

Ela se apoiou no parapeito e respirou fundo.

— Isso. Nunca encontrou outras pessoas? — insistiu Zane. A taça vazia de champanhe escorregou da mão de Tally e sumiu na escuridão. — Ei, cuidado com as pessoas lá embaixo — disse ele, sorrindo.

Um tilintar se espalhou pelo escuro, seguido de risadas surpresas, que se propagavam como as ondas provocadas por uma pedra jogada na água. A impressão era de uma distância de milhares de quilômetros.

Tally continuou se refrescando na brisa da noite, tentando se recompor. Sentia seu estômago se revirar. Era uma vergonha estar naquele estado, prestes a devolver o café da manhã, por causa de umas taças idiotas de champanhe.

— Tudo bem, Tally. Tente se manter borbulhante — sussurrou Zane.

Era muito falso ser *orientada* a permanecer borbulhante. Mesmo por trás da cirurgia especial, contudo, ela podia notar uma leveza no olhar de Zane, como se ele realmente quisesse vê-la mais relaxada.

Tally deu as costas para a escuridão e, com os braços para trás, se segurou firme no parapeito. Shay e Peris também tinham chegado à varanda. Agora estava cercada por seus novos amigos Crims. Fazia parte do grupo. Mas eles a observavam com atenção. Talvez esperassem algo especial dela naquela noite.

— Nunca vi pessoas por lá — disse Tally. — Alguém deveria aparecer, mas nunca aconteceu.

Ela nem ouviu a resposta de Zane.

O espreitador tinha aparecido de novo — do outro lado da torre lotada, parado e olhando para ela. Por trás da máscara, os olhos cintilantes pareceram encará-la por um instante, e então a figura se virou, misturando-se aos paletós brancos de uma Comissão da Perfeição. Desapareceu por entre gráficos gigantes representando os principais tipos de perfeitos. Embora soubesse que era uma coisa falsa, Tally esqueceu Zane e abriu caminho na multidão. Não conseguiria agir normalmente até descobrir quem era aquela pessoa: um Crim, um Especial ou um perfeito qualquer. Precisava saber por que alguém estava jogando a Circunstâncias Especiais na sua cara.

Tally foi desviando dos paletós brancos e rebatendo nas roupas de gordo de outro grupo — as barrigas acolchoadas a faziam girar. Derrubou a maior parte de um time de hóquei que cambaleava em cima de patins voadores. Ela conseguia ver a seda cinza à sua frente, mas havia muita gente, e em movimento. Quando chegou à coluna central da torre, a pessoa já tinha desaparecido.

Pelo mostrador, ela viu que o elevador estava subindo. O Especial continuava por perto, em alguma parte da torre.

Então Tally notou a porta que levava à escada de emergência. Era pintada de um vermelho chamativo e coberta de avisos de que um alarme dispararia caso fosse aberta. Ela olhou mais uma vez ao redor: nada da roupa cinza. Quem quer que fosse, *só podia* ter fugido pela escada. Alarmes eram facilmente desarmados; ela mesma havia feito aquilo milhões de vezes quando era feia.

Com as mãos trêmulas, Tally se aproximou da porta. Se o alarme

disparasse, todo mundo ficaria olhando e cochichando, à espera dos guardas para evacuar a torre. Seria um fim autenticamente borbulhante para sua trajetória de Crim.

Que porcaria de Crim eu sou, pensou ela. Ela não passaria de uma criminosa bem fraude se não fosse capaz de desligar um alarme de vez em quando.

Tally empurrou a porta. Nenhum barulho.

Ela entrou, e a porta se fechou, abafando o rumor da festa. Naquele silêncio repentino, Tally sentia seu coração bater forte no peito e ouvia a própria respiração, ainda ofegante como resultado da perseguição. A batida da música parecia passar por baixo da porta, fazendo o chão de concreto tremer.

A pessoa estava sentada num degrau, pouco acima.

— Você conseguiu.

Era uma voz de garoto indistinta por baixo da máscara.

— Consegui o quê? Vir à festa?

— Não, Tally. Passar pela porta.

— Não estava trancada — disse ela, tentando encarar os olhos brilhantes atrás da máscara. — Quem é você?

— Não está me reconhecendo? — Ele soava realmente surpreso, como se fosse um velho amigo, um amigo que passava o tempo todo de máscara. — Com que eu me pareço?

Tally engoliu em seco antes de responder:

— Circunstâncias Especiais.

— Ótimo. Então você se lembra.

Ela sentia que o garoto estava se divertindo. Ele falava devagar e pausadamente, como se estivesse lidando com uma bobona.

— Claro que me lembro. Você é um deles? Eu conheço você?

A verdade era que Tally não se lembrava de nenhum Especial em particular. Os rostos de todos eram o mesmo borrão assustador — e perfeito — em sua memória.

— Por que não vê com seus próprios olhos? — disse ele, sem fazer menção de tirar a máscara. — Fique à vontade, Tally.

De repente, ela se tocou do que estava acontecendo. Reconhecer a fantasia, perseguir o sujeito pela festa, enfrentar o alarme da porta: tudo

não passava de um teste. Uma espécie de recrutamento. E lá estava ele, sentado, esperando para ver se Tally teria coragem de tirar sua máscara.

Mas ela estava de saco cheio de testes.

— Só fique longe de mim — pediu ela.

— Tally...

— Não quero trabalhar para a Divisão de Circunstâncias Especiais. Só quero continuar vivendo em Nova Perfeição.

— Eu não sou...

— Me deixe em paz! — gritou ela, cerrando os punhos.

Depois de ecoar nas paredes de concreto, o berro foi seguido de um momento de silêncio, com os dois pegos de surpresa. A música da festa chegava abafada e tímida à escada.

Finalmente, o garoto atrás da máscara deu um suspiro e mostrou a ela uma pequena bolsa de couro.

— Tenho uma coisa para você. Se estiver pronta para recebê-la. Você quer recebê-la, Tally?

— Não quero nada de...

Eles ouviram barulho de passos. Não vinham da festa. Havia alguém subindo a escada.

Ao mesmo tempo, os dois foram até o vão e olharam para baixo. Tally conseguiu ver pedaços de seda cinza e mãos deslizando pelos corrimões. Umas seis pessoas subiam numa velocidade incrível. Por causa da música, mal se ouvia o ruído dos passos.

— Nos vemos depois — disse o garoto.

Tally não sabia o que fazer. Ele a empurrou, assustado com a presença de autênticos Especiais. Mas quem era ele? Antes que seus dedos alcançassem a maçaneta, Tally arrancou a máscara de seu rosto.

Ele era um feio. Um feio *de verdade*.

Seu rosto não se parecia em nada com os dos gordinhos de mentira, que exageravam nos narizes grandes e nos olhos vesgos. Não eram os traços desproporcionais que o tornavam diferente; era tudo, como se ele fosse feito de uma substância totalmente estranha. Naqueles poucos segundos, a visão perfeita de Tally capturou os poros abertos, os cabelos enroscados, o desequilíbrio grosseiro em seu rosto desarticulado. Sentia arrepios diante daquela imperfeição, dos pelos esparsos de adolescente, dos dentes sem

tratamento, das erupções na testa que indicavam algo de errado. Ela queria se afastar, se manter distante daquela trágica, suja e doentia *feiura*.

No entanto, por alguma razão, ela sabia seu nome...

— Croy?

O SALTO

— Em outra hora, Tally — disse Croy, recolocando a máscara no rosto.

Assim que a porta se abriu, o barulho da festa invadiu a escadaria. Ele saiu como um raio, e num instante a seda cinza de sua fantasia sumiu no meio da multidão.

Tally ficou parada, enquanto a porta voltava a se fechar. Estava chocada demais para se mover. Exatamente como o suéter antigo, a feiura tinha um registro completamente equivocado em sua memória: o rosto de Croy era muito mais feio que a imagem mental que ela guardava dos Enfumaçados. O sorriso torto, os olhos caídos, a pele suada que exibia marcas vermelhas deixadas pela máscara...

Depois que a porta bateu, ela ouviu, entre os ecos, os passos que continuavam a se aproximar. Especiais de verdade. Pela primeira vez no dia, um pensamento nítido tomou conta de sua cabeça.

Corra.

Ela abriu a porta e se misturou à massa de pessoas.

Vendo o elevador chegar bem na hora, Tally se jogou no meio de um grupo de Naturais cobertos de folhas quebradiças, uma versão ambulante dos últimos dias de outono, soltando pedaços amarelos e vermelhos a cada esbarrão. Ela conseguiu manter o equilíbrio — o chão estava pegajoso por causa do champanhe derramado — e voltou a ver a seda cinza.

Croy corria na direção da varanda e dos Crims.

Tally disparou atrás dele. Não queria ninguém a seguindo, deixando-a nervosa nas festas, confundindo suas memórias, num momento em que precisava ser borbulhante. Tinha de alcançar Croy e lhe dizer que não fosse mais atrás dela.

Aquilo não era Vila Feia nem a Fumaça, e ele não tinha o direito de estar ali. Não havia razão para ele trazer seu passado de feia à tona.

Ela também corria por outro motivo: os Especiais. Uma imagem de relance tinha sido o suficiente para deixar todas as células de seu corpo em alerta. Aquela velocidade sobre-humana lhe causava repulsa, mais ou menos como ver uma barata correr num prato de comida. Os movimentos de Croy

haviam parecido incomuns — sua confiança de Enfumaçado sobressaía na festa dos novos perfeitos —, mas os Especiais estavam em outro nível.

Tally surgiu na varanda bem a tempo de flagrar Croy subindo no parapeito e agitando os braços num instante de equilíbrio precário. Assim que conseguiu se firmar, ele dobrou os joelhos e saltou na escuridão.

Ela correu até a beirada e olhou para baixo. Croy se afastava e, aos poucos, suas formas se fundiam à escuridão. Depois de um momento de expectativa, ele reapareceu, de cabeça para baixo, destacado pela luz dos fogos de artifício que incidia sobre a seda cinza. E, subindo e descendo, seguiu rumo ao rio.

Zane estava ao lado de Tally, olhando para baixo.

— Hum... não lembro de o convite pedir jaqueta de bungee jump. Quem era, Tally?

Ela abriu a boca, mas um alarme começou a tocar.

Tally se virou e viu a multidão abrindo espaço. Os Especiais saíam da porta da escada e abriam caminho por entre os confusos novos perfeitos. Seus rostos assustadores, assim como a aparência de Croy, não eram fantasias. Encará-los era uma experiência terrível. Os olhos de lobo deixavam Tally arrepiada; o avanço determinado e violento fazia seu corpo implorar para que continuasse correndo.

Na outra ponta da varanda, viu Peris, imóvel perto do parapeito, hipnotizado pelo espetáculo. Seus sinalizadores finalmente começavam a se apagar, mas a luz de sua jaqueta permanecia verde.

Tally avançou na direção dele, por entre os outros Crims, avaliando os ângulos, com plena consciência do momento exato de pular. Por um instante, o mundo se tornou totalmente nítido, como se a visão da feiura de Croy e dos terríveis Especiais tivesse retirado uma barreira que a separava do mundo real. Tudo era intenso e duro. Tally piscava como se corresse contra um vento gelado.

Ela acertou Peris em cheio, num movimento que os tirou do chão e os lançou por cima do parapeito. Enquanto os dois mergulhavam na escuridão, a fantasia de Peris queimou uma última vez graças ao vento, espalhando fagulhas que atingiam o rosto de Tally como flocos de neve.

Peris alternava gritos e risadas diante daquela situação ao mesmo tempo incômoda e revigorante — uma ducha fria na cabeça.

Na metade do caminho, Tally se tocou de que, talvez, a jaqueta não

conseguisse segurar os dois.

Ela se agarrou firme e logo em seguida ouviu Peris gemendo: os sustentadores acabavam de entrar em ação. A jaqueta puxou os dois para cima, e os ombros de Tally quase saíram do lugar. Seus músculos ainda guardavam os efeitos benéficos das semanas de trabalho manual na Fumaça; na verdade, a operação até os havia aperfeiçoado. Apesar disso, quando a jaqueta absorveu a velocidade da queda, ela mal conseguiu se segurar. Seus braços escorregaram até a cintura de Peris, onde seus dedos se enroscaram nas fitas do acessório.

Naquele instante, os pés de Tally tocaram o gramado, e ela se soltou.

No momento seguinte, Peris foi lançado de volta para o alto. Na subida, seu joelho acertou a testa de Tally. Ela perdeu o equilíbrio e caiu para trás, sobre um monte de folhas secas.

Tally permaneceu quieta por um tempo. O monte de folhas tinha cheiro de terra, lembrando algo velho e cansado. Ela sentiu algo cair num de seus olhos. Talvez estivesse chovendo.

Enquanto recuperava o fôlego, observou a torre e os balões de ar. Conseguia notar algumas pessoas na varanda, dez andares acima, olhando para baixo. Tally se perguntou se haveria Especiais entre elas.

Peris parecia ter desaparecido. Tally se lembrou dos saltos que dava nos tempos de feia e de que a jaqueta costumava carregá-la por longas distâncias. Ele devia ter seguido na direção do rio — e de Croy.

Croy. Tally queria lhe dizer uma coisa...

Com dificuldade, ela se levantou e se virou para o rio. Sua cabeça latejava, mas a mente afiada do momento em que tinha pulado da varanda não havia sumido. Fogos de artifício explodiram no alto, espalhando tons rosados no céu e sombras entre as árvores.

Tudo parecia muito real: sua repulsa intensa diante do rosto de Croy, seu medo dos Especiais, as formas e aromas ao seu redor. A impressão era de que uma fina camada de plástico tinha sido retirada de seus olhos, deixando o mundo inteiro mais nítido.

Tally correu encosta abaixo, rumo aos reflexos na água do rio e à escuridão de Vila Feia.

— Croy! — gritava.

Sem a ajuda da iluminação rosa que vinha do céu, Tally tropeçou nas raízes de uma árvore antiga e parou.

Alguma coisa estava vindo do escuro.

— Croy? — perguntou novamente, tentando se livrar dos pontos verdes que agora marcavam sua vista.

— Você não desiste mesmo, né?

Ele estava numa prancha, uns 30 centímetros acima do chão. De pernas abertas para manter o equilíbrio, parecia bastante firme. A seda cinza tinha dado lugar a uma roupa completamente preta, e a máscara de perfeito cruel tinha sido descartada. Atrás dele, havia duas outras pessoas de preto: feios mais jovens usando uniformes do alojamento e aparentando nervosismo.

— Eu queria...

A voz de Tally sumiu. Ela tinha ido atrás de Croy para dizer "vá embora, me deixe em paz, não volte nunca mais". Para gritar essas palavras na cara dele. Depois, porém, tudo havia se tornado tão nítido e intenso... o que ela queria agora era se agarrar àquela compreensão. E, de alguma forma, Tally sabia que a presença de Croy em seu mundo era parte daquilo.

— Croy, eles estão chegando — avisou um dos feios mais jovens.

— O que você quer, Tally? — perguntou ele, calmo.

Ela hesitou, temendo que, se dissesse as palavras erradas, a nitidez pudesse sumir. Ficaria isolada novamente. Então se lembrou de que Croy havia lhe oferecido algo na escada.

— Você não tinha algo para me dar?

Sorrindo, ele tirou a velha bolsa de couro da cintura.

— Ah, isto aqui? É, acho que você está pronta. Só há um problema: é melhor não pegar agora. Os guardas estão chegando. Talvez sejam os Especiais.

— Em cerca de dez segundos — avisou o feio mais nervoso.

— Mas o deixaremos para você no Valentino 317 — prosseguiu Croy. — Consegue guardar? Valentino 317. — Tally assentiu e, em seguida, sentiu uma tontura. Croy franziu a testa. — Bem, espero que sim. — Ele girou, num movimento gracioso, e os outros dois o seguiram. — Até mais. E foi mal pelo olho.

Eles dispararam na direção do rio. Lá, partiram em três direções diferentes, desaparecendo na escuridão.

— Foi mal pelo quê? — Tally perguntou-se, baixinho.

Nessa hora, ela voltou a piscar, percebendo que sua vista estava ficando embaçada. Ao tocar a testa, sentiu algo pegajoso. Observando a mão,

totalmente chocada, viu as manchas escuras se multiplicarem.

Finalmente, Tally sentiu a dor. Sua cabeça latejava, no mesmo ritmo de seu coração. A pancada que havia levado de Peris devia ter aberto uma ferida. Com o dedo, sentiu um rastro de sangue, que descia da testa e pela bochecha, quente como uma lágrima.

Ela se sentou na grama. Estava tremendo.

Fogos de artifício voltaram a iluminar o céu, dando um tom vivo ao sangue em sua mão. Cada gota parecia um espelho que refletia a explosão lá no alto. Os carros voadores, agora, espalhavam-se pelo céu.

Enquanto sangrava, Tally sentia algo lhe escapar, algo que ela gostaria de manter...

— Tally!

Ao olhar para cima, ela viu Peris, que subia a encosta às risadas.

— Com certeza esse *não* foi um lance borbulhante, Tally-wa. Quase terminei dentro do rio! — disse ele, interpretando uma pessoa se afogando, agitando os braços e afundando.

Tally achou graça do teatro. Com Peris por perto, o nervosismo estranho se transformou numa sensação borbulhante.

— Qual foi o problema? Você não sabe nadar?

Ele riu e se jogou na grama, ao lado dela, tentando se desenroscar das fitas da jaqueta.

— Não estou com os trajes adequados — revidou ela, esfregando um ombro. — Além disso... o solavanco foi doloroso.

Tally tentou lembrar por que pular da torre tinha lhe parecido uma ideia tão boa, mas a imagem do seu sangue a deixara confusa. Agora só queria dormir. Tudo lhe parecia intenso e brilhante demais.

— Desculpa.

— Da próxima vez, me avise antes — pediu Peris. Com mais fogos de artifício explodindo no céu, ele a encarou. Tinha um semblante intrigado. E lindo. — De onde veio esse sangue?

— Ah, o sangue. Você bateu com o joelho na minha cara num dos saltos. Não é falso?

— Nada charmoso. — Peris tocou seu braço com carinho. — Não se preocupe, Tally. Vou chamar um carro de vigilância. Há um monte por aí hoje.

Não era necessário: já havia um se aproximando. O veículo passou no

alto, lançando luzes vermelhas sobre a grama. Logo um holofote os destacava. Tally suspirou, deixando o brilho desagradável que alcançava ao seu redor se dissipar. Agora entendia por que aquele havia sido um dia falso. Estava se esforçando demais, preocupada com a votação dos Crims, com a fantasia, mais séria do que borbulhante. Não era surpresa que os penetras a tivessem tirado do sério.

Ela deu uma risadinha. Tirado do sério era a expressão certa.

Agora, porém, estava tudo bem. Com os feios e os perfeitos cruéis longe e Peris por perto para cuidar dela, Tally se sentiu aliviada. Achava engraçado que a pancada na cabeça a tivesse deixado confusa a ponto de conversar com os feios como se eles realmente tivessem alguma importância.

O carro pousou, num ponto próximo, dois guardas saltaram e se encaminharam na direção de Tally e Peris. Um deles carregava uma maleta de primeiros socorros. Tally se perguntou se, enquanto estivessem consertando sua cabeça, poderiam realizar uma cirurgia em seus olhos parecida com a de Shay. Não exatamente igual, o que seria meio fraude, mas algo que combinasse.

Os guardas de meia-idade tinham expressões tranquilas e sábias, de pessoas que entendem o que precisam fazer. A preocupação em seus rostos deixou Tally um pouco menos constrangida com o sangue.

Gentilmente, eles a levaram até o carro e borrifaram pele nova na ferida, além de lhe darem um comprimido para evitar a inflamação. Quando Tally perguntou a respeito de cicatrizes, os guardas riram. A operação havia resolvido o problema. Ela nunca mais teria cicatrizes de machucados.

Como se tratava de um ferimento na cabeça, eles fizeram também um exame neural, usando um apontador de luz vermelha para localizar o mouse óptico de Tally. Embora o teste parecesse meio idiota, os guardas garantiam que era o suficiente para descartar uma concussão e lesões cerebrais. Peris contou que uma vez tinha dado de cara numa porta de vidro da Mansão Lillian Russell e que haviam lhe oferecido duas opções: permanecer acordado ou morrer. Todos riram.

Depois dos cuidados básicos, os guardas fizeram algumas perguntas sobre os feios que tinham atravessado o rio naquela noite para causar tantos problemas.

— Você conhecia algum deles?

Tally respirou fundo. Não queria falar daquilo. Ser a causa da invasão era totalmente constrangedor. Entretanto, não havia como enrolar os perfeitos de meia-idade. Eles sempre estavam no controle, e seria falso dizer uma mentira bem diante de suas caras tranquilas e responsáveis.

— Sim. Eu me lembrei vagamente de um deles. Croy.

— Ele vivia na Fumaça, não vivia, Tally?

Ela confirmou. Era meio ridículo estar usando o suéter da Fumaça, coberto de poeira e sangue, naquela situação. A culpa era da Mansão Valentino, por ter mudado o traje da festa. Não havia nada mais falso do que continuar fantasiado após uma festa.

— Sabe o que ele queria, Tally? Por que estava aqui?

Ela virou-se para Peris em busca de ajuda. Com seus olhos radiantes bem abertos, ele prestava atenção absoluta. Aquilo fazia Tally se sentir importante.

— Acho que só queria aparecer, se mostrar para os amigos.

Era uma explicação falsa. Croy sequer morava em Vila Feia. Ele era um Enfumaçado e vivia em algum lugar selvagem. Os outros dois podiam até ser garotos da cidade procurando aventuras, mas Croy, com certeza, tinha um plano.

Apesar disso, os guardas sorriram, parecendo acreditar em Tally.

— Não se preocupe, isso não vai acontecer de novo. Vamos ficar atentos para que não aconteça.

Tally retribuiu o sorriso, e então eles a levaram para casa.

Assim que entrou no quarto, Tally viu que havia um ping de Peris, que tinha voltado à festa.

— *Adivinhe a novidade!* — gritava ele.

Ouvindo o burburinho das pessoas e a música alta, Tally desejou também ter ficado, mesmo com a aplicação de pele na testa. Sentindo-se um pouco frustrada, ela pulou na cama para ouvir o resto do ping.

— Quando voltei, os Crims já haviam votado! Eles acharam totalmente borbulhante ver Especiais de verdade na festa. E nosso salto da torre valeu *seiscentas* mili-Helenas do Zane! Você é uma Crim! Nos vemos amanhã. Ah, e não vá apagar a cicatriz antes de todo mundo ter visto. Amigos para sempre!

Ao fim do ping, Tally achou que a cama estivesse se mexendo um pouco. Ela fechou os olhos e deu um suspiro longo e demorado de alívio. Finalmente, era uma Crim de verdade. Tinha conquistado seu grande sonho. Era perfeita e morava em Nova Perfeição com Peris, Shay e um monte de amigos novos. Todas as tragédias e coisas horríveis... fugir para a Fumaça, viver lá na miséria dos Pré-Enferrujados, retornar à cidade... de alguma forma, tudo tinha dado certo.

Era tudo tão maravilhoso, e o cansaço era tão grande, que ela precisou de um tempo para absorver a realidade. O ping de Peris tocou mais algumas vezes em sua cabeça. Depois, com as mãos tremendo, Tally tirou o suéter fedido e o jogou num canto. No dia seguinte, ela daria um jeito de o buraco na parede reciclá-lo.

Decidiu ficar deitada por um tempo, apenas olhando para o teto. Um ping de Shay chegou, mas Tally o ignorou, desativando o anel de interface. Tudo estava tão perfeito que a realidade parecia frágil, como se qualquer interrupção pudesse ameaçar seu futuro. A cama, a Mansão Komachi, a cidade inteira, tudo parecia delicado como uma bolha de sabão trêmula, inconstante e vazia.

Provavelmente, era a pancada que tinha levado na cabeça a responsável por aquela estranha confusão que se misturava à sua alegria. Bastaria uma boa noite de sono, de preferência sem ressaca no dia seguinte, para que tudo voltasse a parecer real. Perfeito como devia ser.

Tally levou cinco minutos para cair no sono, satisfeita por ter se tornado uma Crim.

Seus sonhos, no entanto, foram completamente falsos.

ZANE

Era uma vez uma linda princesa.

Ela estava presa numa torre bem alta, com paredes de pedra e quartos vazios e frios que não falavam. Como não havia elevador ou mesmo escadas de incêndio, Tally se perguntava como a princesa tinha chegado ali.

O fato era que ela estava no alto da torre. Sem jaqueta e adormecida.

A torre era vigiada por um dragão de olhos cintilantes e traços ameaçadores. Movia-se com uma brutalidade que deixava Tally com frio na barriga. Mesmo sonhando, ela sabia exatamente o que era o dragão. Era um perfeito cruel, um agente da Divisão de Circunstâncias Especiais, ou um monte deles unidos numa serpente cinza de escamas de seda.

E num sonho desse tipo, não podia faltar um príncipe.

Ele passou pelo dragão, não exatamente com bravura, mas às escondidas, procurando lacunas em que pudesse apoiar as mãos nas antigas e deterioradas paredes de pedra. Venceu a impressionante altura da torre com facilidade, dando apenas um sorriso para o dragão, que tinha sido distraído por um grupo de ratos agitados correndo por entre suas garras.

O príncipe passou pela janela mais alta e, tomando a princesa nos braços, lhe deu um beijo que a acordou. Pronto. Descer e passar de novo pelo dragão não foi complicado, afinal estava num sonho, não num filme ou num conto de fadas. Tudo terminou num grande beijo — um clássico final feliz.

Exceto por um detalhe.

O príncipe era incrivelmente feio.

Tally acordou com a cabeça latejando.

Ao ver seu reflexo no espelho, lembrou que a dor de cabeça não se devia apenas à ressaca. Levar um chute na cabeça não era nada embelezador. Como os guardas haviam previsto, a aplicação de pele sobre seu olho tinha ganhado um tom forte de vermelho. Ela precisava ir a um centro cirúrgico para remover a cicatriz.

No entanto, Tally decidiu deixar aquilo para depois. Peris estava certo: a cicatriz lhe dava mesmo um ar criminoso. Ela sorriu, pensando em sua nova condição. A cicatriz lhe caía muito bem.

Havia uma montanha de pings de Crims: alguns de bêbados lhe dando parabéns e outros com relatos de comportamentos radicais na festa (nenhum tão borbulhante quanto o salto do alto da torre com Peris). Tally ouviu os recados de olhos fechados, deixando-se envolver pelo som da multidão ao fundo, adorando estar intimamente ligada àquelas pessoas, apesar de ter voltado mais cedo. Aquele era o ponto mais importante de ser aceito num grupo: saber que tinha amigos, independentemente do que fizesse.

Zane havia deixado três pings, o último convidando Tally para tomar café da manhã. Como não soava tão bêbado quanto os outros, talvez já estivesse acordado.

Quando ela deixou uma mensagem para ele, Zane respondeu imediatamente.

— Como você está? — perguntou.

— De cara quebrada — respondeu Tally. — Peris contou que levei uma pancada no rosto?

— Contou. Você sangrou mesmo?

— Muito.

— Caramba. — A voz de Zane demonstrava certa apreensão, em substituição à tranquilidade de sempre. — Sabe, eu gostei do mergulho. Ainda bem que você não... morreu.

Tally sorriu.

— Obrigada.

— Então, já leu sobre a esquisitice na festa?

Ela tinha visto uma notícia entre seus pings, mas não estava com paciência para ler.

— Que esquisitice?

— Alguém invadiu o serviço de pings ontem e enviou o segundo convite, o que trocou o traje para fantasia. Todo mundo na Comissão de Festas da Valentino pensou que outro membro tinha decidido fazer a mudança, por isso ninguém se manifestou. Acontece que ninguém sabe quem foi o verdadeiro responsável. Bem estranho, né?

De repente, Tally começou a ver o quarto embaçado. Estranho era a

palavra certa. O mundo parecia se sacudir, como se ela estivesse na barriga de alguma coisa grande e fora de controle. Só feios faziam coisas como invadir serviços de pings. E Tally só conseguia pensar numa pessoa interessada em transformar a festa da Mansão Valentino num baile à fantasia: Croy, com sua máscara de perfeito cruel e propostas esquisitas.

O que significava que, no fim, tudo tinha uma relação com Tally Youngblood.

— Isso é muito falso, Zane.

— Totalmente. Está com fome?

Ela disse que sim e, imediatamente, sentiu a cabeça voltar a latejar. Pela janela, viam-se as torres da Mansão Garbo, altas e estreitas. Tally fixou o olhar nelas, como se aquilo pudesse fazer o mundo parar de girar. Devia estar exagerando: ela não podia ser o centro de tudo. Podia ser apenas alguma brincadeira de feios ou alguém da Comissão de Festas da Valentino tinha perdido a cabeça.

Entretanto, ainda que tudo não passasse de um erro, era óbvio que Croy já tinha a fantasia preparada. Nas Ruínas de Ferrugem e nas florestas em que os Enfumaçados se escondiam, não havia buracos na parede. Era preciso fabricar as coisas, um processo que exigia tempo e esforço. Além do mais, Croy não havia escolhido uma fantasia qualquer... Tally se lembrou dos olhos frios e brilhantes e se sentiu fraca.

Talvez melhorasse com a comida.

— Sim, estou morrendo de fome. Vamos tomar café da manhã.

Eles se encontraram no Parque Denzel, um passeio público que ia do centro de Nova Perfeição até a Mansão Valentino. A mansão propriamente dita acabava escondida pelas árvores, mas se podia ver a torre de transmissão no terraço, com a antiga bandeira Valentino tremulando ao vento. No passeio, quase não havia mais resquícios dos estragos da noite anterior, exceto por algumas manchas escuras deixadas pelas fogueiras dos Festeiros. Um robô sobrevoava um círculo de cinzas, revirando a terra com movimentos cuidadosos e espalhando sementes no terreno castigado.

A sugestão de Zane — um piquenique — havia surpreendido Tally, mas a caminhada ao ar livre realmente ajudava a espairecer. Embora as pílulas dadas pelos guardas aliviassem a dor do machucado, não tinham efeito algum sobre seu estado geral de confusão. Dizia-se em Nova Perfeição que

os médicos sabiam como curar ressacas, mas, por princípios, preferiam manter isso em segredo.

Zane chegou bem na hora, seguido pelo café da manhã que se sacudia em meio à brisa. Quando ele se aproximou, seus olhos se arregalaram diante da cicatriz na testa de Tally. Ele esticou um braço, como se quisesse encostar na ferida.

— Bem falso, hein? — disse ela.

— Um visual completamente criminoso — comentou Zane, impressionado.

— Mas aposto que não vale muitas mili-Helenas.

Ele pensou por um instante.

— Eu não avaliaria isso em mili-Helenas. Não sei bem o que usaria. Com certeza, algo mais borbulhante.

Tally sorriu: Peris tinha toda razão ao sugerir que não se livrasse imediatamente da cicatriz. Encantado pela marca, Zane parecia ainda mais perfeito — a expressão em seu rosto causava uma sensação especial em Tally. Como se ela fosse o centro de tudo, mas sem nada rodopiando ao redor.

A cirurgia de Zane já tinha perdido os efeitos, e seus lábios tinham voltado ao tamanho normal. A verdade, porém, era que ele sempre parecia radical. Seu rosto exibia fortes contrastes. O queixo e as maçãs do rosto se destacavam, a testa era alta. Zane tinha a mesma pele marrom-clara dos outros, mas sob o sol, e na comparação com seu cabelo preto, de alguma forma parecia pálido. Embora as regras da operação não permitissem um preto escuro demais no cabelo, porque a Comissão achava aquilo exagerado, Zane pintava seus fios com tinta de caneta. Para completar, não comia muito, o que lhe dava um rosto encovado e um olhar intenso. De todos os perfeitos que Tally havia conhecido depois da operação, ele era o único que realmente se destacava.

Talvez por isso fosse o líder dos Crims. Um criminoso de verdade tinha de ser diferente de todos. Seus olhos dourados reluziam enquanto procuravam um lugar, até se decidirem por uma sombra sob um enorme carvalho.

Eles se sentaram sobre a grama e as folhas caídas, e Tally pôde sentir o aroma de orvalho e terra. O café da manhã parou entre os dois. Uma

substância acesa emitia o calor que impedia que os ovos mexidos e as torradas ficassem frios e empapados.

Tally pegou um prato aquecido e fez uma pilha de ovos, queijo e fatias de abacate. Depois, enfiou metade de um bolinho na boca. De esguelha, viu que Zane se contentava com uma xícara de café e se perguntou se comer como uma porca seria uma atitude falsa.

Mas e daí? Ela agora era uma Crim. Plena e aprovada em votação. E o próprio Zane a convidara para o piquenique. Já podia parar de se preocupar em ser aceita e começar a aproveitar. Havia coisas piores do que estar sentada num parque maravilhoso sob o olhar de um garoto perfeito.

Tally devorou o restante do bolo, quentíssimo por dentro e cheio de pedaços semiderretidos de chocolate, e em seguida pegou o garfo para atacar os ovos. Ela só esperava que o café da manhã incluísse alguns eliminadores de calorias, que funcionavam melhor quando tomados imediatamente depois da refeição. Tally pretendia comer muito. Perder sangue devia aumentar o apetite.

— Então, quem era aquele cara de ontem à noite? — perguntou Zane.

Sem parar de mastigar, Tally fez que não sabia direito.

— Só um feio penetra — disse, finalmente, depois de engolir a comida.

— Imaginei isso. Quem mais os Especiais perseguiriam? Mas você conhecia o cara?

Ela desviou o olhar. Era constrangedor ser perseguida por seu passado de feia — e ainda por cima personificado. Peris tinha ouvido a história contada aos guardas, na noite anterior, então mentir para Zane seria estúpido.

— É, acho que era alguém conhecido. Um cara da Fumaça. O nome dele é Croy.

O rosto de Zane assumiu uma expressão de estranhamento. Seus olhos dourados se perderam na distância, como se procurassem alguma coisa. Um instante depois, ele pareceu entender.

— Eu também o conhecia.

O garfo de Tally parou no ar, a caminho da boca.

— Está brincando, né? — disse ela. Zane fez um sinal negativo com a cabeça. — Achei que você nunca tivesse fugido.

— E nunca fugi mesmo. — Ele dobrou as pernas e as abraçou, ainda segurando a xícara de café. — Nunca passei das Ruínas de Ferrugem, pelo

menos. Acontece que eu e Croy éramos amigos quando crianças. E vivemos no mesmo alojamento para feios.

— Isso é... engraçado — comentou Tally, finalmente pondo os ovos na boca e mastigando lentamente. Um milhão de pessoas vivia na cidade, e Zane conhecia Croy. — Qual é a probabilidade de algo assim?

— Não é coincidência, Tally-wa.

Tally parou de mastigar. Ela estranhou o sabor dos ovos. Tinha a sensação de que tudo fosse começar a girar novamente. As coincidências estavam deixando o mundo às avessas.

— O que está querendo dizer?

Zane se aproximou.

— Tally, você sabe que Shay morava no meu alojamento, não sabe? Na nossa época de feios.

— Claro. Por isso que ela passou a andar com vocês quando veio para cá. — Tally parou por um instante, esperando que as peças se encaixassem. As lembranças da Fumaça sempre vinham num ritmo lento, como bolhas subindo num líquido denso e viscoso. — Shay me apresentou ao Croy lá na Fumaça. Eram velhos amigos. Então vocês três já se conheciam?

— Sim — respondeu Zane, fazendo uma careta, como se houvesse algo estragado dentro do seu café. Tally também não parecia mais tão satisfeita com a comida. Era uma repetição da noite anterior, com todas aquelas histórias falsas do verão voltando à sua cabeça. — Éramos seis pessoas no meu dormitório. Já nos chamávamos de Crims e aprontávamos o de sempre: saíamos escondidos à noite, enganávamos os inspetores, atravessávamos o rio para espionar os novos perfeitos.

Ouvindo aquilo, Tally lembrou-se de Shay falando sobre sua vida antes de as duas se conhecerem.

— E vocês também iam até as Ruínas de Ferrugem?

— Sim, depois que alguns feios nos ensinaram o caminho. — Zane olhou para as torres na região central de Nova Perfeição. — Estar lá fazia pensar em como o mundo é grande. Vinte milhões de pessoas viviam naquela antiga cidade. Em comparação, este lugar aqui é minúsculo.

Tally fechou os olhos e pôs o garfo de volta no prato. Seu apetite tinha sumido. Depois de tudo que havia acontecido na noite anterior, o café da manhã com Zane não parecia uma ideia muito boa. Às vezes, ele soava como se ainda fosse um feio, tentando permanecer borbulhante e resistindo

à diversão fácil de ser um perfeito. Por isso, aliás, era ótimo como líder dos Crims. Mas fora do grupo Zane era difícil de entender.

— É verdade. Acontece que todos os Enferrujados morreram — disse Tally, em voz baixa. — Havia gente demais. E eles eram todos estúpidos.

— Eu sei, eu sei. Eles quase destruíram o mundo — repetiu Zane. — Mesmo assim, ir escondido até as Ruínas foi a coisa mais empolgante que já fiz.

Vendo os olhos dele brilharem, Tally lembrou-se de suas próprias viagens até as ruínas, de como a imponência vazia daquela cidade-fantasma deixava todo o seu corpo em alerta. A sensação de que podia haver um perigo de verdade escondido era totalmente diferente da emoção segura de um passeio num balão de ar quente ou de um salto de bungee jump.

Ela sentiu um arrepio ao reviver a empolgação do passado.

— Sei o que quer dizer — comentou, encarando Zane.

— Eu sabia que nunca voltaria lá depois da operação. Os novos perfeitos não fazem coisas tão ousadas. Então, quando estava perto de completar 16 anos, comecei a pensar em fugir da cidade, ir viver na natureza. Por um tempo, pelo menos.

Tally se recordava de Shay dizendo a mesma coisa, na época em que tinham se conhecido. As palavras que haviam dado início à sua própria jornada até a Fumaça.

— E você convenceu Shay, Croy e os outros a irem junto? — perguntou ela.

— Bem que tentei — respondeu ele, rindo. — No início, acharam que eu tinha perdido o juízo, porque era impossível viver na natureza. Mas então conhecemos um cara nas ruínas...

— *Pare* — disse Tally.

De repente, seu coração tinha se agitado, como quando tomava um eliminador de calorias e o metabolismo se acelerava para queimar os excessos. Ela sentiu uma umidade no ar e achou o vento mais frio do que antes. Seu rosto parecia molhado, apesar de rostos perfeitos nunca suarem...

Tally não entendia. Fechou as mãos com força até as unhas começarem a machucar as palmas. De alguma maneira, o mundo estava mudando. Fachos de luz abriam caminho por entre as folhas enquanto ela tentava

respirar. Tally se lembrou de que a mesma coisa tinha acontecido na véspera, ao encontrar Croy.

— Tally? — chamou Zane.

Ela balançava a cabeça, desejando que ele não dissesse nada. Não sobre o encontro nas Ruínas de Ferrugem. Para mantê-lo em silêncio, resolveu falar, repetindo a história contada por Shay:

— Vocês ouviram falar da Fumaça, certo? Um lugar em que as pessoas viviam como os Pré-Enferrujados e permaneciam feias por toda a vida. Então resolveram ir para lá. Porém, quando chegou a hora, a maioria não teve coragem. Shay me contou sobre essa noite. Ela estava pronta, mas acabou ficando com medo. — Zane confirmou a história sem tirar os olhos do café. — E você também desistiu, não foi? — concluiu Tally. — Deveria ter fugido naquele dia?

— Sim — respondeu ele. — Eu não fui, apesar de ser o idealizador do plano. E me tornei perfeito, como previsto.

Tally virou o rosto, incapaz de evitar as lembranças do verão. Todos os amigos de Shay haviam fugido para a Fumaça ou se tornado perfeitos, deixando-a sozinha em Vila Feia. Assim as duas tinham se conhecido e virado grandes amigas. Depois, quando a segunda tentativa de fuga de Shay deu certo, Tally acabou envolvida naquela confusão.

Respirando devagar, ela tentou se acalmar. Embora o verão tivesse sido um pesadelo, foi por causa dele que Tally tornou-se uma Crim, em vez de uma mera nova perfeita tentando ser aceita num grupo tosco qualquer. Talvez fosse o preço a pagar para chegar onde estava, linda e popular.

Os belos olhos de Zane ainda se concentravam na borra do café. Tally relaxou um pouco e sorriu. A postura de Zane era trágica; suas sobrancelhas curvas sugeriam desespero e arrependimento por ter desistido de fugir para a Fumaça. Ela segurou a mão dele.

— Ei, não fique assim. Nem era tão legal por lá. Passava o tempo todo arranjando queimaduras de sol e picadas de insetos.

— Pelo menos você tentou, Tally. Teve coragem para ver com seus próprios olhos.

— Na verdade, não havia muita escolha. Precisava encontrar Shay. — Tally sentiu um arrepio e soltou a mão de Zane. — Tive sorte de conseguir voltar.

Zane chegou mais perto e levou a mão ao rosto de Tally. Seus dedos

delicados tocaram a aplicação de pele sobre a cicatriz. Seus olhos estavam bem abertos.

— Fico feliz que tenha conseguido.

Ela sorriu e encostou na mão dele.

— Eu também.

Os dedos de Zane deslizaram até os cabelos de Tally. Com delicadeza, ele a puxou mais para perto. Ela fechou os olhos e permitiu que seus lábios se tocassem. Em seguida, levou a mão ao rosto dele, sentindo sua pele macia e impecável.

O coração de Tally batia cada vez mais forte; seus pensamentos permaneceram a toda, mesmo depois de os lábios se separarem. Ao seu redor a realidade voltava a girar. Mas desta vez ela estava gostando da sensação.

Assim que chegou a Nova Perfeição, Peris alertou Tally sobre sexo. Estar próximo demais a outros perfeitos causava um deslumbramento nos novos perfeitos. Era preciso tempo para se acostumar aos rostos encantadores, os corpos perfeitos, os olhos iluminados. Num lugar em que todos eram lindos, era fácil se apaixonar pelo primeiro perfeito que beijasse.

Por outro lado, talvez já estivesse na hora. Ela havia chegado um mês antes, e Zane era uma pessoa especial. Não só por liderar os Crims e parecer ser diferente de todos, mas também por tentar sempre se manter borbulhante e desafiar as regras. Tudo aquilo, de alguma forma, tornava Zane ainda mais perfeito que os outros.

De todas as surpresas das últimas 24 horas, aquela era a melhor. Embora Zane a deixasse confusa, não era como mergulhar na escuridão. Seus lábios eram macios, delicados e perfeitos. Ela se sentia segura.

Depois de um tempo, os dois se afastaram um pouco. De olhos fechados, ela notava a respiração de Zane, que a segurava pela nuca com mãos quentes e suaves.

— David — murmurou Tally.

Zane se afastou e lançou um olhar surpreso sobre Tally.

— Ai, desculpa — disse ela. — Não sei o que...

Ouvindo as palavras pela metade, Zane assentiu devagar.

— Não, está tudo bem..

— Eu não quis... — tentou Tally novamente.

Zane pediu que ela não dissesse mais nada. Seu rosto perfeito assumiu um ar pensativo. De olhos perdidos no chão, mexia na grama, puxando as folhas com os dedos.

— Agora me lembro — disse ele.

— Se lembra do quê?

— Esse era o nome dele.

— De quem?

Ele falava num tom tranquilo, sem se alterar, como se estivesse preocupado em não perturbar alguém dormindo.

— Da pessoa que devia nos levar até a Fumaça. David.

Tally engoliu em seco. Piscava sem parar, como se o sol a impedisse de enxergar direito. Ainda sentia os lábios de Zane nos seus, o calor das mãos dele em sua pele. Logo, no entanto, estava tremendo. Ela buscou a mão de Zane.

— Sinto muito por ter dito isso.

— Eu sei. Mas às vezes as coisas vêm à cabeça. — Ele tirou seus olhos dourados da grama. — Me fale sobre David.

Foi a vez de Tally desviar o olhar.

David. Agora ela o via perfeitamente, com seu nariz grande e sua testa avantajada. Os sapatos feitos à mão, o casaco de pele de animais mortos, tudo era nítido. David tinha crescido na Fumaça; nunca tinha botado os pés numa cidade. Seu rosto era feio de alto a baixo, queimado irregularmente pelo sol, com uma cicatriz que atravessava sua sobrancelha... a lembrança acendia alguma coisa dentro de Tally.

Impressionada, ela balançou a cabeça. De algum modo, havia esquecido David.

— Você o conheceu nas Ruínas de Ferrugem, não foi? — insistiu Zane.

— Não. Soube a respeito dele pela Shay. Uma vez, ela tentou chamá-lo, mas ele não apareceu. De qualquer maneira, foi David que levou Shay à Fumaça.

— Era para ele ter me levado também — disse Zane. — Mas você chegou à Fumaça sozinha, não chegou?

— Isso. Quando cheguei lá, eu e ele...

Agora Tally se lembrava. Embora parecesse ter acontecido um milhão de anos antes, ela podia se ver, ainda feia, beijando David e viajando com ele durante semanas na natureza selvagem. Lembranças incômodas percorriam seu corpo; lembranças da sensação de que havia algo muito forte e permanente entre os dois.

E então, por alguma razão, ele havia desaparecido.

— Onde ele está? — perguntou Zane. — Foi capturado pelos Especiais na derrubada da Fumaça?

Ela fez que não. As lembranças envolvendo David eram confusas e distantes, mas o momento da separação dos dois tinha simplesmente... sumido de sua memória.

— Eu não sei.

Tally se sentiu fraca. Pela centésima vez naquele dia, o mundo pareceu sair de foco. Ela esticou o braço na direção da bandeja, mas Zane a deteve.

— Não, não coma nada.

— Ahn?

— Não coma mais nada, Tally. Na verdade, é melhor tomar isto aqui — disse ele, puxando uma cartela de eliminadores de calorias, faltando quatro comprimidos. — Quando o coração está acelerado é mais fácil — explicou.

Ele tirou mais dois e os engoliu com um pouco de café.

— Mais fácil *o quê*?

— Pensar — respondeu Zane, apontando para a própria cabeça. — A fome faz a mente se concentrar. Na verdade, qualquer tipo de agitação faz isso. — Ele sorriu e entregou a cartela a Tally. — Como beijar uma pessoa diferente. Também funciona muito bem.

Sem entender nada, Tally observou os comprimidos. A cartela metálica reluzia sob o sol, e suas extremidades pareciam afiadas como lâminas.

— Mas não comi praticamente nada. Mal dá para engordar.

— Não é uma questão de manter o peso. Tally, preciso conversar com

você. Preciso que preste atenção em mim por um instante. Estou esperando por alguém como você há muito tempo. Preciso que esteja... borbulhante.

— Os eliminadores de calorias deixam as pessoas borbulhantes?

— Ajudam. Depois eu explico. Confie em mim, Tally-wa.

Zane a olhava fixamente, com uma intensidade incrível, a mesma que demonstrava ao explicar uma ideia aos outros Crims. Era difícil resistir a um pedido dele naquela situação, ainda que não fizesse muito sentido.

— Está bem.

Ela destacou dois comprimidos e os botou na boca. Estava hesitante: por que tomar eliminadores se não havia comido? Podia ser perigoso. Na época dos Enferrujados — quando todos eram feios, antes da operação — existia uma doença que levava as pessoas a parar de comer. Elas tinham tanto medo de engordar que acabavam excessivamente magras. Às vezes, chegavam a morrer de fome, num mundo cheio de comida. Era uma das coisas assustadoras em que a operação tinha dado um jeito.

Por outro lado, Tally não morreria por causa daquilo. Zane lhe ofereceu a xícara de café, e ela engoliu os comprimidos, fazendo uma careta devido ao gosto amargo.

— Café forte, né? — comentou Zane, rindo.

Passado um momento, o coração de Tally se acelerou, numa reação do seu metabolismo. As imagens permaneciam nítidas. Como na noite anterior, tinha a impressão de que havia um filme de plástico entre ela e o restante do mundo sendo retirado. A claridade a obrigava a apertar os olhos.

— Ótimo — disse Zane. — Qual é sua última lembrança de David?

Tally tentou controlar as mãos trêmulas enquanto vasculhava seu cérebro por entre a neblina que escondia as lembranças dos tempos de feia.

— Estávamos nas ruínas. Lembra da história de Shay, de que nós a sequestramos?

Zane se lembrava, embora Shay a tivesse contado de várias maneiras diferentes. Em algumas, ela havia sido sequestrada por Tally e pelos Enfumaçados de dentro do quartel-general da Divisão de Circunstâncias Especiais. Em outras, ela havia fugido da cidade para resgatar Tally dos Enfumaçados, e as duas haviam conseguido voltar juntas. Evidentemente, não era só Shay que mudava as histórias de vez em quando. Os Crims sempre aumentavam tudo a respeito do passado para parecerem mais

borbulhantes. Tally podia sentir, no entanto, que Zane queria saber a verdade.

— Os Especiais tinham destruído a Fumaça — continuou. — Mas havia alguns de nós escondidos nas ruínas.

— A Nova Fumaça. Era assim que os feios chamavam.

— Isso mesmo. Mas como você sabe? Já não tinha virado perfeito?

— Acha que você é a primeira perfeita recém-transformada que me conta histórias, Tally-wa?

— Ah, claro.

Pensando no beijo de pouco antes, Tally se perguntou como exatamente Zane conseguia que os outros se lembrassem do passado.

— Mas por que você voltou à cidade? — perguntou ele. — Não vai me dizer que Shay a resgatou de verdade.

— Não, acho que não.

— Os Especiais a encontraram? Será que também pegaram David?

— Não.

A resposta foi imediata. Por mais que as lembranças fossem nebulosas, sabia que David continuava à solta. Podia vê-lo, nitidamente, escondido nas ruínas.

— Tally, me diga então por que você voltou e se entregou.

Zane continuava segurando sua mão, com firmeza, à espera de uma resposta. Seu rosto estava bem próximo. Seus olhos reluziam, mesmo na sombra, absorvendo tudo que ela contava. Porém, por algum motivo, Tally não tinha recordação daquilo. Pensar naquela época era como bater a cabeça na parede.

— Por que não consigo me lembrar? O que há de errado comigo, Zane?

— Boa pergunta. Mas, seja o que for, é algo que acontece com todos nós.

— Com quem? Os Crims?

Balançando a cabeça, ele olhou para as torres de festa ao redor.

— Não. Todo mundo. Ou, pelo menos, todo mundo aqui em Nova Perfeição. A maioria nem fala sobre quando eram feios. Ninguém quer discutir assuntos chatos de criança — contou Zane. Tally já tinha percebido como as coisas funcionavam em Nova Perfeição. Exceto para os Crims, falar sobre o passado de feio era fora de moda. — Só que, se insistimos, vemos que a maioria deles simplesmente *não consegue* se lembrar.

— Mas nós, os Crims, sempre falamos desse tempo.

— Todos nós éramos garotos problemáticos. Por isso, temos histórias emocionantes guardadas em nossas cabeças. Estamos sempre contando nossas histórias, ouvindo as dos outros, quebrando as regras. Quem para de fazer isso aos poucos vai esquecendo de tudo. Para sempre.

Encarando Zane, Tally finalmente entendeu.

— É para isso que os Crims existem, não é?

— Acertou, Tally. Para evitar o esquecimento. E me ajudar a descobrir o que há de errado com a gente.

— Como você... o que torna você tão diferente?

— Outra boa pergunta. Talvez eu tenha apenas nascido assim. Ou talvez seja porque fiz uma promessa a mim mesmo depois de desistir de fugir. Um dia vou sair da cidade, perfeito ou não. — A voz de Zane quase sumiu nas últimas palavras, e ele soltou um suspiro por entre os dentes. — Acontece que é muito mais difícil do que pensei. As coisas estavam ficando monótonas e comecei a me esquecer. Então você apareceu, com suas histórias mirabolantes e sem sentido. Agora as coisas estão borbulhantes.

— É, acho que estão. — Tally olhou para a mão dele, que ainda segurava a sua. — Posso fazer outra pergunta, Zane-la?

— Claro — disse ele, sorrindo. — Gosto das suas perguntas.

Tally virou o rosto, meio envergonhada.

— Quando você me beijou... foi para se manter borbulhante ou para me ajudar a lembrar? Ou foi para...

— O que você acha?

E ela não teve tempo para pensar na resposta. Zane a puxou pelos ombros e lhe deu um beijo, desta vez mais intenso. O calor de seus lábios se misturou ao aperto de suas mãos, ao gosto do café e ao perfume do seu cabelo.

Quando acabou, Tally se afastou, quase sem ar porque o beijo tinha sido de tirar o fôlego. Estava totalmente borbulhante — muito mais do que se houvesse tomado eliminadores de calorias ou pulado de um prédio como na noite anterior. E ela se lembrou de mais uma coisa, que obviamente devia ter mencionado antes, mas não tinha.

Algo que deixaria Zane muito feliz.

— Ontem à noite, Croy disse que tinha algo para mim. Só que não contou o que era. Explicou que ia deixar aqui em Nova Perfeição,

escondida para que os guardas não encontrassem.

— Uma coisa vinda da Nova Fumaça? E onde está?

— Valentino 317.

— Espere um pouco — disse Zane. Ele tirou o anel de interface de Tally e depois o seu. Em seguida, levou-a mais para o interior do passeio. — É melhor nos livrarmos dessas coisas. Não queremos que nos sigam.

— Ah, claro. — Tally se lembrou dos tempos de feia e de como era fácil enganar os inspetores do dormitório. — Ontem à noite, os guardas... eles disseram que ficariam de olho em mim.

Zane deu uma risada.

— Eles estão *sempre* de olho em mim. — Ele prendeu os anéis em dois caniços altos, que se curvaram com o peso das argolas de metal. — O vento vai sacudi-los de vez em quando. Assim, não vão saber que os tiramos — explicou.

— Mas não vai parecer estranho? Nós dois parados no mesmo lugar por tanto tempo?

— É um passeio público. Já passei muito tempo por aqui.

Tally teve uma sensação incômoda, mas não a deixou transparecer.

— E como vamos achá-los depois?

— Conheço bem este lugar. Pare de se preocupar.

— Ah, tudo bem, desculpe.

Ele a encarou e deu uma risada.

— Não há por que se desculpar. Este foi o meu melhor café da manhã em muito tempo.

Depois de abandonarem os anéis, eles caminharam na direção do rio e da Mansão Valentino. Tally se perguntava o que encontrariam no quarto 317. Na maioria das mansões, cada quarto tinha um nome. O de Tally na Komachi chamava-se Etcetera; o de Shay, Céu Azul. No entanto, por ser muito antiga, a Valentino ainda usava números. Os Valentino davam muita importância a isso, seguindo as tradições antigas da casa caindo aos pedaços.

— Belo lugar para esconder algo — comentou Zane quando já estavam perto da imensa mansão. — É mais fácil guardar segredo num lugar em que

as paredes não falam.

— Deve ter sido por isso que invadiram a festa da Valentino e não de outra mansão qualquer.

— É claro que eu tinha de estragar tudo.

Tally se mostrou surpresa:

— Você?

— Começamos lá embaixo, na mansão de pedra. Como não achávamos vocês em lugar nenhum, sugeri que subíssemos à nova torre de festas, para que as paredes inteligentes cuidassem do serviço.

— Então tivemos a mesma ideia — disse Tally.

— É, pode ser. Se tivéssemos todos ficado na Valentino, os Especiais não teriam localizado Croy tão rápido. E ele poderia falar com você.

— Quer dizer que eles ouvem através das paredes?

— Aham. Por que acha que sugeri um piquenique num dia estupidamente frio?

Tally parou para pensar naquilo. A interface da cidade encaminhava pings, respondia perguntas, avisava sobre compromissos e até acendia e apagava as luzes do quarto. Se a Divisão de Circunstâncias Especiais quisesse vigiar alguém, ficaria sabendo de tudo que essa pessoa fazia e de metade das coisas que pensava. Então ela se lembrou da conversa com Croy, na torre. Estava usando o anel de interface, e as paredes capturando todas as palavras...

— Eles vigiam todo mundo?

— Não, seria impossível. Além do mais, a maioria das pessoas não vale o esforço. Alguns de nós, porém, recebem tratamento especial. Circunstâncias Especiais.

Tally xingou. Os Especiais haviam chegado incrivelmente rápido na noite anterior, como se estivessem à espera num ponto próximo. Tinham sido poucos minutos de conversa com Croy. Talvez eles já soubessem da presença de um penetra na festa. Ou talvez estivessem desde o início bem perto de Tally Youngblood...

Ela examinou as árvores. A cada movimento das sombras, Tally imaginava vultos cinza se movendo de um lado ao outro.

— Não acho que noite passada foi culpa sua, Zane. Eu fui a responsável.

— Como assim?

— Sou sempre a responsável.

— Que fraude, Tally. Não há nada de errado em ser uma pessoa especial. — A voz de Zane sumiu no momento em que eles passaram pela entrada principal da Mansão Valentino. Entre as frias paredes de pedra, fazia-se um silêncio sepulcral. — A festa ainda estava rolando quando fomos embora. Eles devem ter ido dormir há pouco tempo — sussurrou.

Tally concordou. Não havia nenhum robô de manutenção em serviço. Os corredores ainda estavam cheios de fantasias rasgadas. Um cheiro doce de bebida se espalhava pelo ar, e o piso permanecia grudento. O encanto da festa tinha desaparecido, como uma euforia que se transforma em ressaca.

Sem o anel de interface no dedo, Tally se sentia meio exposta. As lembranças das travessias do rio na época de feia e do medo de ser pega não saíam de sua cabeça. Entretanto, a tensão a mantinha borbulhante. Seus sentidos ainda conseguiam captar o som do lixo voando pelos corredores e distinguir o aroma de uva do champanhe e o fedor da cerveja. Não se ouvia nada além dos passos dos dois.

— Quem morar no 317 deve estar dormindo — sussurrou Tally.

— Então vamos acordá-los — disse Zane, com os olhos brilhando na penumbra.

Como os quartos do térreo começavam todos com cem, eles procuraram um jeito de subir. A mansão tinha recebido elevadores, mas, sem os anéis de interface, não haveria como acioná-los. A saída foi pegar uma escadaria de pedra, que levou Tally e Zane ao terceiro andar, bem diante do 301. Os números subiam à medida que os dois avançavam: pares de um lado e ímpares do outro. Zane apertou sua mão quando chegaram ao 315.

O problema era que o quarto seguinte tinha o número 319.

Eles refizeram o caminho, conferindo também o outro lado, mas as portas indicavam apenas os quartos 316, 318 e 320. Seguindo em frente, acharam o restante dos 320 e dos 330. Nada do Valentino 317.

— Essa é uma charada borbulhante — disse Zane, dando um risinho.

— Talvez seja uma piada, uma verdade — respondeu Tally.

— Acha que os Novos Enfumaçados adulterariam um convite feito à cidade inteira, cruzariam o rio escondidos e invadiriam uma festa só para nos fazer perder tempo?

— Provavelmente não — admitiu ela, sentindo algo perder força dentro

de si. Tally se perguntava se aquela incursão, a história de procurar um segredo deixado por *feios*, não passaria de uma baboseira. Afinal, entrar escondido na mansão dos outros era bem falso. — Será que o café da manhã ainda está quentinho?

— Tally... — Zane a encarou intensamente. Com as mãos tremendo, ajeitou seus cabelos atrás das orelhas. — Fique comigo.

— Estou bem aqui.

Ele chegou perto, até seus lábios quase tocarem os de Tally.

— Continue borbulhante.

Assim que Tally o beijou a pressão em seus lábios tornou o mundo nítido novamente. Ela afastou a fome de sua mente.

— Certo. E o elevador?

— Qual?

Tally levou Zane de volta ao espaço entre os quartos 315 e 319. No meio da parede de pedra, havia uma porta de elevador.

— Costumava haver um quarto aqui.

— E ele foi retirado para dar lugar ao elevador — concluiu Zane, achando graça. — Que perfeitos mais preguiçosos. Não conseguem subir dois lances de escada.

— Talvez o 317 seja o elevador agora.

— Isso é péssimo. Não temos como chamá-lo sem nossos anéis.

— Talvez possamos esperar até que alguém apareça e chame o elevador. Aí aproveitamos para entrar.

Zane examinou o corredor, de um lado e do outro, com copos de plástico e decorações de papel espalhados por toda parte.

— Vai demorar horas. E não estaremos mais borbulhantes — disse Zane.

— Certo. Não estaremos borbulhantes — afirmou Tally.

Uma mancha começava a atrapalhar sua visão outra vez, e seu estômago roncava de fome, trazendo à tona a imagem de um bolo de chocolate quentinho. Ela balançou a cabeça. Tentou apagar o bolo e pensar num uniforme da Divisão de Circunstâncias Especiais. Na noite anterior, a visão da seda cinza tinha ajudado Tally a manter o foco, a seguir Croy e a entrar na escada de incêndio. Tudo aquilo havia sido um teste para verificar o funcionamento de seu cérebro. Talvez estivesse no meio de outro teste. Uma charada borbulhante, nas palavras de Zane.

Ela observou a porta do elevador. Tinha de haver uma forma de entrar.

Gradualmente, uma lembrança veio à sua cabeça. Era dos seus tempos de feia, mas nada muito antigo. Tally se recordava de uma queda num poço escuro — uma das histórias que Shay gostava de ouvir. Algo sobre como ela e David haviam invadido o quartel-general da Divisão de Circunstâncias Especiais...

— O terraço — disse.

— Como é que é?

— Podemos entrar no poço do elevador pelo terraço — explicou ela. — Já fiz isso uma vez.

— Sério?

Em vez de responder, Tally o beijou novamente. Embora não conseguisse se lembrar dos detalhes, sabia que, se permanecesse borbulhante, a resposta acabaria aparecendo.

— Venha comigo.

Chegar ao terraço não foi tão fácil quanto ela esperava: a escada que os dois pegaram acabava no terceiro andar. Tally fez uma cara contrariada, sentindo a frustração lhe roubar as forças. Na Mansão Komachi, era simples alcançar o terraço.

— Isso é muito falso. O que eles vão fazer se houver um incêndio por aqui?

— Pedra não queima — observou Zane. Ele apontou para uma pequena janela, no fim do corredor, onde a luz do sol entrava através dos vitrais. — Aquela é a saída — disse, já correndo para lá.

— Como é que é? Você quer subir pela parede externa?

Zane botou a cabeça para fora, olhou para baixo e deu um assobio.

— Nada como altura para manter as pessoas borbulhantes.

Tally franziu o cenho, não sabia se queria ser *tão* borbulhante assim.

Enquanto isso, Zane subiu no parapeito e se projetou para fora, se segurando na parte de cima da janela. Com cuidado, foi se levantando, até Tally só conseguir ver suas botas sobre a pedra. Seu coração se acelerou; ela sentia os batimentos nas pontas dos dedos. Tudo era claro como água.

Por algum tempo, os pés de Zane não se mexeram. Então, eles se viraram, ficando bem próximos da beirada. De repente, só os dedos de Zane continuavam sobre a pedra, num equilíbrio precário.

— O que você está fazendo aí?

Como resposta, as botas começaram a subir, e logo Tally passou a ouvir um som de sola raspando na pedra. Ela enfiou a cabeça pela janela e olhou para cima.

Lá estava Zane, pendurado na beirada do terraço, balançando as pernas e tentando apoiar as botas na parede. Finalmente um dos pés se encaixou numa fenda, e ele conseguiu subir, sumindo de vista. Um segundo depois, seu rosto apareceu, um sorriso estampado de orelha a orelha:

— Suba aqui!

Tally recolheu a cabeça, respirou fundo e pôs as mãos no parapeito. A pedra era áspera e gelada. O vento que soprava pela janela fazia os pelinhos do braço se arrepiarem.

— Mantenha-se borbulhante — disse, baixinho, a si mesma.

Depois de se sentar na janela, sentindo o frio das pedras em suas coxas, ela olhou para baixo por um instante. Era uma bela queda até as folhas soltas e raízes que a receberiam lá embaixo. Nessa hora, o vento aumentou, fazendo os galhos próximos balançarem. Tally conseguia enxergar cada gravetinho, e o cheiro dos pinheiros invadia suas narinas. Manter-se borbulhante não seria problema.

Ela pôs um dos pés sobre o peitoral, depois o outro.

Ficar de pé era a parte mais assustadora. Tally agarrou a armação da janela com a mão direita, enquanto se levantava, e com a esquerda tentava achar um ponto de apoio no lado externo. A essa altura já não tinha coragem de olhar para baixo. A pedra gelada era cheia de buracos e fendas, mas nenhum lugar parecia largo o bastante para ela enfiar mais que as pontas dos dedos.

Quando suas pernas se esticaram por completo, Tally ficou paralisada. Balançou um pouco ao sabor do vento, como uma torre com problemas estruturais.

— Borbulhante, hein? — A voz de Zane vinha de cima. — Agarre na beirada.

Com esforço, ela tirou os olhos da parede à sua frente e virou a cabeça para cima. Por muito pouco não alcançou a beirada.

— Ei, isso não é justo. Você é mais alto que eu.

— Não esquenta — disse Zane, esticando um braço.

— Tem certeza que me aguenta?

— Vamos logo, Tally-wa. Para que todos esses músculos perfeitos se não os usamos?

— Mas usá-los numa tentativa de suicídio? — resmungou Tally, porém sem deixar de estender os braços para alcançar as mãos de Zane.

Seus novos músculos, no entanto, eram mais fortes do que pensava. Com os dedos bem firmes em torno do pulso de Zane, Tally subiu tranquilamente. A mão livre agarrou a beirada, e a pontinha de um dos pés achou apoio numa fenda na parede. Gemendo, ela deu o último impulso e rolou para cima do terraço. Esparramada na segurança da pedra sólida, sentiu uma onda de alívio percorrer todo o seu corpo e começou a rir.

— O que eu disse antes é verdade — disse Zane, rindo. Tally fez uma cara de quem não tinha entendido. — Estava esperando alguém como você.

Os perfeitos não ficavam vermelhos de vergonha — pelo menos não do mesmo jeito que os feios —, mas Tally precisou se levantar para esconder sua reação. Aquela escalada mortal havia deixado o olhar de Zane intenso demais. Ela se virou para apreciar a vista.

Do terraço, Tally via as torres de Nova Perfeição, ainda muito altas, e as trilhas verdes dos jardins que serpenteavam até a colina central. No outro lado do rio, Vila Feia estava acordada. Um monte de feios recém-transformados corria atrás de uma bola preta e branca, e o vento levava aos seus ouvidos o som de um apito soprado com raiva. A imagem era terrivelmente próxima e nítida. Tally sabia que seu sistema nervoso continuava sensível depois dos instantes que tinha passado pendurada no braço de Zane.

No terraço, destacavam-se apenas as hélices de três dutos de ventilação, uma enorme torre de transmissão e uma cabine de metal não muito maior que o armário de um feio. Tally apontou para a cabine.

— Fica bem em cima do elevador.

Eles atravessaram o terraço. Na porta muito antiga, uma chapa de metal coberta de ferrugem, semelhante às encontradas nas ruínas, alguém tinha escrito com bastante capricho: VALENTINO 317.

— Isso não foi nada falso, hein, Tally? — disse Zane, rindo. Ele puxou a maçaneta, mas uma corrente brilhante se esticou, segurando a porta com um chiado de protesto. — Xii...

Tally observou o dispositivo que travava a corrente. Sua cabeça ainda rodava.

— Isso aí se chama... cadeado, eu acho. — Então ela passou os dedos no objeto de aço, tentando se lembrar de como funcionava. — Eles tinham isso lá na Fumaça. Usavam para proteger coisas de pessoas que as pudessem roubar.

— Ótimo. Tudo isso e ainda precisamos de nossos anéis.

— Os Enfumaçados não usam anéis, Zane. Para abrir um cadeado, você precisa de uma... — Tally vasculhou a memória atrás de outra palavra antiga. — Deve haver uma chave em algum lugar por aqui.

— Chave? Tipo uma senha?

— Não. Essa chave é um pequeno objeto de metal. Você enfia no buraco, gira, e o cadeado abre.

— E essa chave parece com o quê?

— Um pedaço de aço achatado, mais ou menos do tamanho do seu dedão, cheia de dentes.

Zane riu da descrição, mas começou a procurar ao redor. Tally olhava fixamente para a porta. Obviamente, a cabine era muito mais velha que a corrente que a protegia. Ela tentava imaginar qual seria a utilidade daquele lugar. Chegando mais perto da fresta deixada por Zane ao empurrar a porta, usou as mãos para concentrar sua visão e olhou para o interior totalmente escuro. Seus olhos foram se ajustando, devagar, até que ela conseguiu distinguir os contornos das coisas lá dentro.

Parecia haver uma polia gigantesca e um motor mecânico bem rústico, do tipo que era usado na Fumaça. No passado, o elevador devia subir e descer puxado por correntes. Tally estava diante de uma antiga casa de máquinas, provavelmente abandonada depois da invenção dos sustentadores, muito tempo atrás. Os elevadores modernos funcionavam com base nos mesmos princípios que as pranchas e as jaquetas de bungee jump. (Duas opções *muito* mais seguras que ficar pendurado por uma corrente... Tally sentiu um arrepio só de pensar.) Depois da instalação dos sustentadores, o mecanismo antigo devia ter sido esquecido no terraço.

Ela forçou o cadeado de novo, mas não conseguiu nada. Pesado e rústico, o dispositivo parecia deslocado no ambiente da cidade. Quando os inspetores queriam proteger alguma coisa, simplesmente colocavam um sensor que dizia a todos para se manterem afastados. Apenas Novos Enfumaçados usariam um cadeado de metal.

Ali, Tally estava seguindo uma orientação de Croy. Então, tinha de

haver uma chave em algum lugar.

— Outro teste estúpido — murmurou.

— Outro o quê? — perguntou Zane, que tinha subido na estrutura de metal, em busca da chave.

— Croy se vestindo de Especial. Depois nos fazendo encontrar Valentino 317. Não vai ser fácil achar a chave, porque tudo isso não passa de um teste — explicou Tally. — O objetivo deles é tornar *difícil* achar o que Croy deixou para mim. Eles não querem que achemos se não provarmos que somos borbulhantes.

— Ou então eles querem que a procura nos *deixe* borbulhantes. Assim, estaremos vendo as coisas nitidamente quando encontrarmos o que tivermos de encontrar — ponderou Zane, agachado na beirada da casa de máquinas.

— Ah, tanto faz — resmungou Tally, dando um suspiro. A irritação começava a se tornar mais forte. Ela tinha a impressão de que o teste nunca chegaria ao fim, de que cada resposta só os levava ao nível seguinte de charadas, como um videogame idiota. Talvez a decisão mais esperta fosse mandar tudo para o espaço e ir tomar café da manhã. Afinal, o que ela queria provar aos Novos Enfumaçados? Nada daquilo importava. Ela era perfeita, e eles eram feios.

Zane, porém, continuava quebrando a cabeça.

— Então eles devem ter escondido a chave num lugar muito difícil de encontrar. Mas o que seria mais difícil do que subir até o terraço?

Os olhos de Tally percorreram todo o terraço, até pararem na torre de transmissão. Lá no alto, uns 20 andares acima de onde estavam, a bandeira Valentino se agitava ao vento. Voltando a enxergar o mundo com nitidez, ela sorriu.

— Subir ali.

A TORRE ALTA

A torre de transmissão era a parte mais recente da Mansão Valentino. Era feita de aço e pintada com polímeros brancos para evitar a corrosão. Integrava o sistema que rastreava os anéis de interface, supostamente para ajudar a encontrar pessoas perdidas ou feridas que não estivessem no interior de um prédio inteligente.

Vigas brancas se agigantavam acima de Tally e Zane, num emaranhado incrível que brilhava ao sol como porcelana. A escalada não parecia muito difícil, fora o fato de a torre ser cinco vezes maior que a Mansão Valentino, mais alta até que as torres de festa. Enquanto olhava para cima, Tally sentiu seu estômago se apertar. Tinha quase certeza de que não era fome.

— Pelo menos não estou vendo nenhum dragão de guarda — comentou.

Por um momento, Zane desviou seu olhar ansioso da torre.

— Ahn?

— É só um negócio que sonhei — explicou Tally.

— Acha mesmo que a chave está lá em cima?

— Infelizmente, sim.

— Os Novos Enfumaçados escalaram tudo isso?

— Não — respondeu Tally, sentindo antigas lembranças voltarem. — Eles podem ter ido de prancha. As pranchas conseguem alcançar alturas como essa quando estão perto de uma estrutura grande de metal.

— Sabe, podíamos requisitar uma prancha... — sugeriu Zane, bem baixinho. Tally fez cara de surpresa. — É claro que isso não seria muito borbulhante — completou.

— Não seria mesmo. E tudo que voa tem um localizador embutido. Sabe como enganar o sistema de segurança de uma prancha?

— Eu sabia, mas não me lembro.

— Eu também não. Então é isso. Vamos escalar.

— Certo. Mas antes... — Zane segurou Tally pelas mãos, puxou-a para perto, e os dois se beijaram de novo. Ela piscou e depois sentiu um sorriso em seu rosto. — Só para continuarmos borbulhantes.

A primeira metade foi moleza.

Tally e Zane subiram no mesmo ritmo, cada um por um lado da torre, sem dificuldades para encontrar apoios no emaranhado de barras e cabos de metal. Às vezes, o vento soprava mais forte, empurrando Tally de um jeito enervante, mas uma rápida olhada para baixo bastava para ela recuperar a concentração.

Do meio do caminho, ela já conseguia enxergar a Mansão Valentino inteira, os jardins que se espalhavam em todos os sentidos e até os pontos de pouso para carros voadores no terraço do hospital central em que eram realizadas as operações. Com o sol a caminho de seu ponto mais alto, o rio cintilava. No outro lado do rio, em Vila Feia, Tally via o antigo dormitório se destacando entre as árvores. Do campo de futebol, alguns feios observavam e apontavam para eles, provavelmente se perguntando quem estava escalando a torre.

Por sua vez, Tally se perguntou quanto tempo levaria até alguém do seu lado do rio reparar na escalada e avisar aos guardas.

Graças aos seus novos músculos, a escalada não era tão desgastante. Porém, à medida que os dois se aproximavam do topo, a torre se estreitava e os apoios para as mãos já não eram tão seguros. O revestimento de polímero escorregava e, em alguns cantos, o sol da manhã ainda não havia secado o orvalho. Receptores de micro-ondas e tranças volumosas de cabos se espalhavam pela estrutura. Tally começou a ter dúvidas. A chave estaria mesmo lá em cima? Por que os Novos Enfumaçados a fariam arriscar a vida só por causa de um teste? De repente, com a subida ficando mais complicada e a queda mais assustadora, ela não sabia mais como havia parado naquela torre alta e exposta ao vento.

Até a noite anterior, seu único objetivo era se tornar uma Crim, perfeita e popular, sempre cercada de amigos. E ela tinha realizado seu desejo. Como bônus, Zane havia lhe dado um beijo, um desdobramento borbulhante que nunca havia passado pela cabeça de Tally antes daquela manhã.

Naturalmente, depois que você alcança um objetivo, as coisas nunca são como o imaginado. Ser um Crim não era satisfação garantida, e sair com Zane, aparentemente, incluía arriscar a vida e ficar sem café da manhã. Tally tinha sido aceita na noite anterior e já estava diante de outro teste.

E por quê? Ela queria mesmo abrir o depósito enferrujado lá embaixo?

O que quer que estivesse escondido lá dentro a deixaria ainda mais confusa e certamente traria lembranças de David, da Fumaça e de tudo que havia deixado para trás. Tinha a impressão de que, sempre que dava um passo adiante em sua nova vida, alguma coisa a atraía de volta aos seus dias de feia.

Com a cabeça distraída por tais divagações, Tally enfiou o pé no lugar errado.

A sola de um de seus sapatos escorregou num cabo com acabamento plástico e suas pernas escaparam no ar, para longe da torre, enquanto suas mãos se soltavam de uma barra de ferro ainda úmida. Tally começou a cair. A sensação causada pela queda livre lembrava as vezes em que havia se soltado de pranchas voadoras ou se jogado do alto de prédios.

Seus instintos diziam que ela podia relaxar. Isso até Tally se dar conta da diferença entre aquela situação e todas as outras: não havia braceletes antiqueda ou jaquetas de bungee jump. Agora estava caindo *mesmo*; nada a salvaria no ar.

Foi a hora de seus novos reflexos de perfeita entrarem em ação. Num movimento rápido, suas mãos agarraram um feixe de cabos, escorregando em contato com o isolamento plástico, o que fazia sua pele queimar como se houvesse algo em chamas. Suas pernas, então, jogaram o corpo na direção da torre. De joelhos dobrados, Tally absorveu o impacto nos quadris, uma pancada que a fez tremer inteira, mas pelo menos não foi o suficiente para que seus dedos queimados soltassem a estrutura.

Ela agitou os pés, à procura de apoio, até encontrar uma larga barra de metal que tirou a maior parte do peso de suas mãos. Tally se abraçou ao cabo, sentindo a tensão em cada músculo. Mal escutava os gritos de Zane lá em cima. Ela olhou para o outro lado do rio e ficou impressionada com o que viu.

Tudo reluzia, como se alguém tivesse espalhado diamantes por Vila Feia. A mente de Tally estava limpa, como se uma chuva houvesse limpado a atmosfera. Finalmente entendeu por que tinha subido ali. O objetivo não era impressionar Zane ou os Enfumaçados, nem passar em qualquer tipo de teste. Simplesmente, uma parte dela queria viver aquele instante, aquela nitidez que não sentia desde a operação. Aquilo era muito mais que borbulhante.

— Você está bem? — perguntava uma voz ao longe.

Tally olhou para cima. Ao ver a distância que a separava de Zane, ela engoliu em seco, mas ainda conseguiu sorrir.

— Estou borbulhante. Completamente. Espere aí.

Ela subiu num ritmo acelerado, ignorando a dor nos quadris. Suas mãos esfoladas reclamavam sempre que se agarravam a alguma coisa, mas, num instante, Tally estava ao lado de Zane. Ele tinha os olhos mais arregalados que o normal, como se a queda da companheira tivesse lhe causado um susto maior do que nela mesma.

— Vamos — disse Tally, deixando-o para trás e começando a subir os últimos metros.

Ao chegar ao topo, ela encontrou um ímã preto na base do mastro, com uma chave nova e reluzente presa a ele. Cuidadosamente, pegou a chave e a enfiou no bolso. A bandeira dos Valentino se agitava lá em cima, fazendo um som alto e claríssimo.

— Consegui — avisou.

Ela desceu e passou por Zane antes mesmo de ele sair do lugar ou pelo menos tirar a expressão de surpresa do rosto.

Tally só percebeu que seu corpo inteiro doía quando já estava de volta ao terraço. Seu coração continuava acelerado, e os detalhes do mundo mantinham uma nitidez cristalina. Ela tirou a chave do bolso e passou um dedo trêmulo por seus dentes, registrando cada detalhe do código gravado no metal.

— Vamos rápido! — gritou para Zane, que ainda estava na metade do caminho.

Ele acelerou a descida, mas Tally perdeu a paciência e, dando as costas, encaminhou-se à cabine de metal.

O cadeado abriu assim que ela virou a chave. A porta enferrujada rangeu e sua parte inferior raspou no chão. Tally entrou, por um momento sem conseguir enxergar devido à escuridão, notando apenas traços vermelhos que pulsavam no ritmo do seu coração, acelerado pela ansiedade. Se o objetivo dos Enfumaçados com tudo aquilo era deixá-la borbulhante, tinha dado certo.

Por dentro, o espaço exalava um cheiro de coisa muito velha. O ar era quente e parado. Embora seus olhos ainda se ajustassem, Tally podia ver as pichações descascadas que cobriam cada centímetro das paredes, camadas

sobrepostas de frases de efeito, assinaturas e nomes de pessoas declarando seu amor. Algumas datas citavam anos que não faziam sentido, até ela entender que estavam escritas no estilo dos Enferrujados, ou seja, contando todos os séculos anteriores ao colapso. As pichações também cobriam o maquinário abandonado do elevador. Pelo chão, havia todo tipo de produto antigo: latas de spray, tubos espremidos da nanocola famosa por sua aderência, fogos de artifício com cheiro de queimado. Tally viu um pedaço amarelo de papel, amassado e escurecido numa das pontas, como a imagem de um cigarro dos livros de história dos Enferrujados. Ela o pegou, mas o soltou imediatamente, com o estômago embrulhado pelo cheiro forte.

Um cigarro? Tally se lembrou de que aquele lugar era mais antigo que os elevadores. Talvez mais antigo até que a própria cidade — um pedaço estranho e esquecido da história. Ela se perguntou quantas gerações de feios e novos perfeitos como os Crims teriam usado a cabine.

A bolsa de couro que Croy havia lhe mostrado estava pendurada numa das alavancas do mecanismo do elevador.

Tally a pegou. Era estranho tocar naquele couro antigo e se recordar de todas as texturas dos objetos gastos da Fumaça. Ao abrir a bolsa, encontrou um pedaço de papel. Um barulho baixinho e bem nítido, vindo do chão de pedra, indicou que alguma coisa havia caído. Na verdade, duas coisas. Tally se agachou e, forçando a vista, tateou o chão frio de pedra, as mãos ainda doloridas por causa da escalada. Achou dois comprimidos brancos.

Enquanto os observava com atenção, sentia uma vaga lembrança em algum lugar de sua mente.

De repente, o ambiente escureceu, fazendo Tally olhar ao redor. Zane estava parado na porta, com a respiração acelerada. Seus olhos brilhavam no meio da penumbra.

— Caramba. Obrigado por me esperar, Tally. — Sem ouvir resposta, ele deu um passo adiante e se abaixou ao seu lado. — Está tudo bem? Não bateu com a cabeça quando caiu, né? — perguntou, colocando a mão em seu ombro.

— Não. Pelo contrário, ficou tudo mais nítido. Olhe o que eu achei.

Ela entregou a folha de papel a Zane, que a esticou e a segurou numa posição em que ficasse iluminada pela luz que entrava pela porta. Estava cheia de rabiscos praticamente ilegíveis.

Tally voltou a olhar fixamente para os comprimidos em sua mão. As bolinhas brancas pareciam eliminadores de calorias, mas ela tinha certeza de que eram capazes de fazer muito mais do que aquilo. Estava se lembrando de algo...

Zane baixou a folha de papel bem lentamente, revelando seus olhos arregalados.

— É uma carta. E endereçada a você — disse.

— Uma carta? De quem?

— De você mesma, Tally. — A voz de Zane ecoou nas paredes de metal. — É de você mesma.

LEMBRETE PARA MIM

Querida Tally,

Você sou eu.

Acho que seria melhor dizer que eu sou você... Tally Youngblood. A mesma pessoa. Mas, se estiver lendo esta carta, então nós duas também somos pessoas diferentes. Pelo menos é o que nós, Novos Enfumaçados, achamos que deve ter acontecido a esta altura. Você foi modificada. E é por isso que estou escrevendo.

Será que você se lembra de ter escrito estas palavras? (Na verdade, estou ditando para Shay escrever. Ela fez aula de caligrafia na escola.) Será que elas parecem uma anotação de diário, de quando você era criança, ou até do diário de outra pessoa?

Se você não tiver qualquer lembrança de ter escrito esta carta, então estamos ferrados. Eu, principalmente. Porque não ser lembrada por mim mesma significaria que o eu que escreveu esta carta foi, de alguma maneira, apagado. Ops. Isso pode significar que estou morta ou algo parecido. Então, pelo menos *tente* se lembrar.

Tally parou por um instante e, passando o dedo por cima das palavras, tentou se lembrar de tê-las ditado a alguém. Shay gostava de mostrar como era possível fazer letras com uma caneta-tinteiro, um dos truques que havia aprendido enquanto se preparava para a viagem até a Fumaça. Ela tinha deixado um bilhete para Tally dizendo como chegar lá. Mas seria aquela letra realmente de Shay?

Mais importante que isso: seriam aquelas palavras verdadeiras? Tally não conseguia se lembrar. Ela respirou fundo e continuou lendo...

Enfim, o que estou tentando dizer é o seguinte: eles fizeram alguma coisa com seu cérebro — com o nosso cérebro —, e é por isso que esta carta pode estar parecendo meio esquisita para você.

Nós ("nós" correspondendo a nós aqui na Nova Fumaça e não "nós" eu e você) não sabemos exatamente como funciona, mas temos certeza de que *alguma coisa* acontece a todo mundo que passa pela operação. Quando deixam as pessoas perfeitas, eles também acrescentam lesões (como se fossem pequenas cicatrizes) aos seus cérebros. As pessoas ficam diferentes, mas não no bom sentido. Olhe no espelho, Tally. Se estiver perfeita, você também tem as lesões.

Tally ouviu um suspiro. Vinha de Zane, que lia por cima do seu ombro.

— Parece que você pode estar certo a respeito de nós, perfeitos — comentou ela.

— É, que ótimo, né? — Ele apontou para o parágrafo seguinte. — E essa parte aí?

Ela continuou a leitura.

> A boa notícia é que existe uma cura. Foi por isso que David foi buscar você: para lhe dar as pílulas capazes de consertar seu cérebro. (Espero que se lembre de David.) Saiba que ele é um dos caras bons, mesmo precisando trazer você aqui à força. Confie nele. Pode ser assustador estar aqui, longe da cidade, onde quer que seja o esconderijo escolhido pelos Novos Enfumaçados, mas as pessoas que provocaram essas lesões vão procurá-la. Você deve ficar num lugar seguro até ser curada.

Tally parou de ler novamente.

— Trazer à força?

— Parece que houve uma mudança de planos desde que você escreveu essa carta — observou Zane.

Com a imagem de David mais nítida em sua mente, Tally sentiu algo estranho.

— *Se* eu escrevi isso e *se* for tudo verdade. De qualquer maneira, foi Croy que veio atrás de mim, e não... David. — Enquanto dizia as palavras, Tally se lembrava de outras coisas: das mãos de David, calejadas pelos anos de trabalho; de seu casaco feito com pedaços de pele de animais; da cicatriz branca que tinha na sobrancelha. Começou a sentir uma aflição. — Zane, o que aconteceu com David? Por que será que ele não veio?

— Não sei. Você e ele eram...?

Tally tentou voltar à carta. As palavras estavam embaçadas, e logo uma lágrima caiu sobre o papel. A tinta escorreu na pequena poça e a lágrima ficou preta.

— Tenho quase certeza que sim — disse, numa voz rouca, tentando desemaranhar as lembranças. — Mas aconteceu alguma coisa.

— O quê?

— Não sei.

Ela se perguntava por que não conseguia se lembrar. Seria realmente culpa das *lesões* — as cicatrizes no cérebro mencionadas pela carta? Ou ela não queria se lembrar de verdade?

— O que é isso na sua mão? — perguntou Zane.

Tally abriu a mão e mostrou os dois pequenos comprimidos.

— A cura. Deixe eu acabar de ler antes — pediu, respirando bem fundo.

Há mais uma coisa. Maddy (a mãe de David, a inventora da cura) disse que preciso acrescentar esta parte. Uma história de "autorização consciente".

Eu, Tally Youngblood, autorizo Maddy e David a me darem os comprimidos capazes de curar a condição de perfeita. Tenho consciência de que se trata de um teste envolvendo um remédio de eficácia não comprovada e de que as coisas podem dar muito errado. Errado com consequências letais para o meu cérebro.

Ahn, me desculpe pela última parte. Mas é esse o risco que temos de correr. Foi por isso que me entreguei e me dispus a ser uma nova perfeita. É a única maneira de testarmos os comprimidos e de salvarmos Shay, Peris e todo mundo que teve o cérebro modificado.

Então você precisa tomar os comprimidos. Por mim. Peço desculpas antecipadas caso não queira e David e Maddy resolvam forçá-la a isso. Vai ser melhor assim, eu garanto.

Boa sorte.

Com amor,

Tally

Tally deixou o papel cair em seu colo. De alguma maneira, aquelas palavras rabiscadas tinham arrancado toda a nitidez do mundo. Sentia-se mais uma vez confusa e sem rumo. Seu coração batia rápido, mas não do jeito empolgante de quando estava caindo da torre. Parecia mais um tipo de pânico, como se a pequena cabine de metal fosse uma prisão.

— Então foi por isso que você voltou — disse Zane.

— Você acredita mesmo nisso, né? — reagiu Tally.

Os olhos dourados de Zane reluziram no escuro.

— Claro que sim. Tudo faz sentido agora. Você não se lembrar de David, nem da sua volta à cidade. Shay ter tantas recordações confusas dessa época. Os Novos Enfumaçados estarem tão interessados em você.

— Tudo isso porque tenho lesões no cérebro?

— *Todos nós* temos lesões no cérebro, Tally. É exatamente como eu pensei. Mas você se entregou conscientemente. Porque sabia que existia uma cura. — Zane apontou para os comprimidos na mão de Tally. — *Isso aí* é a razão de você estar aqui.

Ela olhou para as pílulas, que pareciam ainda menores e mais insignificantes no escuro daquele lugar.

— A carta diz que talvez elas nem funcionem. Que meu cérebro pode sofrer consequências letais.

Zane tocou de leve no pulso de Tally.

— Se não quiser tomar os comprimidos, eu tomarei.

— Não posso deixar você fazer isso — disse Tally, fechando a mão.

— Mas tenho esperado este tempo todo por isso. Uma chance de fugir da perfeição, de ser borbulhante o tempo todo!

— Acontece que *eu* não esperava nada disso — berrou ela. — Eu só queria me tornar uma Crim!

— Você esperava, sim — corrigiu Zane, referindo-se à carta.

— Não era eu. Ela mesma disse isso.

— Mas você...

— Talvez eu tenha mudado de ideia!

— Não foi *você* que mudou de ideia. Foi a operação — insistiu Zane. Tally abriu a boca, mas não disse nada. — Tally, você se entregou sabendo que teria de tentar a cura. Foi uma atitude incrivelmente corajosa. — Ele tocou o rosto dela. Seus olhos brilhavam sob o facho de luz que entrava pela porta. — Se mesmo assim você não quiser, deixe que eu corra o risco por você.

Tally balançou a cabeça, tentando decidir do que tinha mais medo: de ver os comprimidos falharem consigo mesma ou de assistir a Zane virando um vegetal em seu lugar. Ou talvez o que ela realmente temesse fosse descobrir o que havia acontecido a David. Desejava nunca ter sido achada por Croy ou nunca ter achado o Valentino 317. Se pudesse simplesmente esquecer as pílulas e continuar boba e perfeita, não precisaria se preocupar com mais nada.

— Só quero esquecer David.

— Por quê? — perguntou Zane, chegando mais perto dela. — O que ele fez de mau?

— Nada. Ele não fez nada. Mas por que foi Croy quem veio aqui deixar os comprimidos? Por que David não veio e me levou com ele? E se ele...

Um tremor na casa de máquinas interrompeu Tally. Os dois olharam para cima. Algo grande havia passado sobre o terraço.

— Um carro voador... — murmurou Tally.

— Devem estar só sobrevoando. Para eles, estamos no passeio público.

— A não ser que alguém tenha nos visto lá na... — Ela ficou em silêncio ao notar uma nuvem de fumaça entrando pela porta entreaberta, iluminada pelo facho de luz. — Está pousando.

— Sabem que estamos aqui — reconheceu Zane, rasgando a carta.

— O que está *fazendo*?

— Não podemos deixar que achem isso aqui. Eles não podem saber que

existe uma cura.

Em seguida, Zane enfiou um pedaço da carta na boca, fazendo uma careta ao sentir o gosto do papel. Tally olhou para os comprimidos em sua mão.

— E isso aqui?

Com uma expressão de dor, Zane engoliu o papel.

— Tenho de tomar esses comprimidos. *Agora* — disse, mordendo outro pedaço da carta e começando a mastigar.

— Mas são muito pequenos — argumentou Tally. — Podemos escondê-los.

Zane não concordou.

— Se formos pegos sem nossos anéis, tudo ficará muito óbvio, Tally. Eles vão querer saber o que estávamos fazendo. Assim que você comer alguma coisa, não vai mais estar tão borbulhante... talvez não resista e acabe entregando os comprimidos.

Eles já ouviam os passos se aproximando, do lado de fora, no terraço. Zane puxou a maçaneta até quase fechar a porta, depois pegou as pontas da corrente e as prendeu com o cadeado. Os dois mergulharam num escuro absoluto.

— Isso não vai segurá-los por muito tempo. Me dê os comprimidos. Se funcionarem, prometo que vou...

Tally sentiu um arrepio ao escutar uma voz vinda de fora. Tinha um tom que machucava seus ouvidos. Não era a voz de um guarda comum. Era alguém da Divisão de Circunstâncias Especiais.

No escuro da cabine, os comprimidos encaravam Tally, como dois olhos brancos sem alma. Por alguma razão, ela tinha certeza de que era a autora das palavras da carta, das palavras que suplicavam para que tomasse as pílulas. Se fizesse aquilo, talvez tudo se tornasse mais nítido e borbulhante, como Zane dissera.

Ou talvez os comprimidos não funcionassem, e ela acabasse com um cérebro vazio e inútil.

Ou talvez David estivesse morto. Tally se perguntava se, a partir daquele dia, uma parte de si sempre se lembraria do rosto dele, não importava o que viesse a fazer. A não ser que tomasse os comprimidos, nunca saberia a verdade.

Ela os levou até a boca, mas não conseguiu. Imaginou seu cérebro

saindo do controle, sendo apagado, exatamente como tinha acontecido com a Tally que havia escrito a carta. Então encarou os belos e suplicantes olhos de Zane. Ele, pelo menos, não parecia ter qualquer tipo de dúvida.

Talvez ela não precisasse resolver tudo sozinha...

A porta soltou um chiado bem alto quando alguém tentou abri-la, parando na corrente esticada. Depois foi a vez de uma pancada, que ecoou como fogos de artifício no interior apertado da cabine. Os Especiais eram muito fortes, mas seriam capazes de derrubar uma porta de metal?

— *Agora*, Tally — sussurrou Zane.

— Não consigo.

— Então passe para mim.

Tally balançou a cabeça e se aproximou de Zane, murmurando para não ser ouvida em meio à sucessão de golpes desferidos contra a porta.

— Não posso fazer isso com você, Zane, mas também não posso fazer isso sozinha... E se cada um de nós tomar um...

— O quê? Isso é absurdo. Não sabemos o que...

— Zane, nós não sabemos de *nada*.

Notando as pancadas pararem, Tally pôs a mão sobre a boca de Zane. Os Especiais não eram apenas fortes e rápidos; também tinham a audição aguçada de predadores.

De repente, uma luz intensa invadiu a casa de máquinas, lançando sombras agitadas em seu interior e deixando marcas na vista de Tally. O equipamento de corte gritava enquanto queimava a corrente e o cheiro de metal derretido invadia as narinas de Tally. Os Especiais estariam com eles em segundos.

— Juntos — sussurrou ela, entregando um comprimido a Zane.

Depois de respirar fundo, Tally pôs o outro na língua. Um gosto amargo se espalhou por sua boca, como se ela tivesse mordido uma semente de uva. Um rastro ácido desceu por sua garganta assim que engoliu o comprimido.

— Por favor — pediu, novamente. — Faça isso comigo.

Zane soltou um suspiro e finalmente engoliu o comprimido, sentindo o mesmo gosto ruim. Estava contrariado.

— Essa pode ter sido uma decisão bem estúpida, Tally.

— Pelo menos, fomos estúpidos juntos — disse ela, tentando sorrir. Curvando-se um pouco, Tally segurou Zane pela nuca e o beijou. David

não tinha aparecido para salvá-la. Ou estava morto ou não se importava tanto com seu destino. Além disso, ele era feio, enquanto Zane era bonito e borbulhante. E estava ao seu lado. — Precisamos um do outro agora.

Os dois ainda se beijavam quando os Especiais invadiram a cabine.

Parte II
A CURA

e os beijos são um destino melhor que a sabedoria

— e.e. cummings, *como o sentimento é o primeiro*

RUPTURA

À noite, caiu a primeira geada do inverno. As árvores reluziam como se fossem de vidro, e o gelo preso nos galhos brilhava. As garras escuras se prolongavam do lado de fora da janela, cortando o céu em pequenos pedaços afiados.

Tally encostou a palma da mão no vidro, deixando que o frio a invadisse. A sensação estimulante tornava as luzes da tarde mais claras, tão penetrantes quanto o gelo lá fora, e trazia à tona a parte de sua mente que ainda desejava voltar aos sonhos de perfeita.

Quando finalmente afastou a mão da janela, havia uma marca borrada no vidro, que foi se apagando lentamente.

— Tally embaraçada não existe mais — disse, dando uma risadinha e botando a mão gelada no rosto de Zane.

— O que está acontec... — murmurou ele, revirando-se para afastar aquela sensação.

— Hora de acordar, seu perfeito.

Seus olhos se abriram um pouquinho.

— Escureça o ambiente — ordenou Zane ao bracelete de interface.

O quarto obedeceu imediatamente, deixando a janela opaca.

— Está com dor de cabeça de novo? — perguntou Tally.

Às vezes, Zane ainda era vítima de enxaquecas insuportáveis, que o deixavam de cama por horas. Mas já não eram tão intensas quanto nas primeiras semanas depois de ele tomar o comprimido.

— Não — grunhiu ele. — É o sono.

Tally pegou o controle manual e pôs a janela de volta no modo translúcido.

— Então é hora de levantar. Vamos nos atrasar para a patinação no gelo.

— Patinação no gelo é muito farsa — disse Zane, abrindo um único olho.

— Dormir é farsa. Levante-se logo e fique borbulhante.

— Ficar borbulhante é farsa.

Tally franziu a testa, o que já conseguia fazer sem sentir dor. Ela andava se comportando bem e tinha conseguido consertar a testa inteira, embora ainda homenageasse a cicatriz com uma tatuagem dinâmica. Figuras escuras entrelaçadas, no estilo celta, que se moviam bem em cima do olho, no ritmo do coração. Aliás, ela também havia se submetido a uma cirurgia igual à de Shay, com direito a relógios que andavam ao contrário e todo o resto.

— Ficar borbulhante *não é nada* farsa, seu preguiçoso — respondeu Tally, pondo a mão no vidro mais uma vez, para recarregar a sensação de frio.

Seu bracelete de interface refletiu o sol, exatamente como as árvores congeladas lá embaixo, e pela milionésima vez ela procurou algum tipo de junção na superfície de metal. A peça, porém, parecia ter sido tirada de um único pedaço de aço e se encaixava perfeitamente à forma de seu pulso. Ela puxou o bracelete de leve e sentiu que estava um pouco folgado. A cada dia ficava mais magra.

— Café, por favor — pediu ao bracelete, delicadamente.

Quando os aromas de café começaram a invadir o quarto, Zane voltou a se mexer. Ao sentir que sua mão estava suficientemente gelada, Tally a encostou no peito dele. Zane se encolheu, mas não resistiu; apenas agarrou o lençol com força e tremeu. Seus olhos se abriram, revelando um par de íris que brilhavam como o sol do inverno.

— *Isso*, sim, foi borbulhante!

— Achei que ficar borbulhante fosse farsa — disse Tally.

Ainda cheio de sono, Zane deu um sorriso, que Tally retribuiu. Ele era mais bonito ao acordar. O sono suavizava sua expressão intensa, deixando seus traços duros quase vulneráveis, como os de um garoto perdido e com fome. Obviamente, Tally nunca mencionou aquilo; do contrário, Zane provavelmente pediria uma cirurgia para corrigir o defeito.

Ela abriu caminho até a cafeteira desviando das pilhas de roupas não recicladas e pratos sujos que ocupavam cada centímetro do chão. Como sempre, o quarto de Zane estava uma zona. O excesso de coisas no armário não permitia nem fechar a porta direito. Era um bom lugar para esconder algo.

Com o café na mão, Tally instruiu o buraco na parede a preparar os kits de sempre para patinação: casacos pesados de poliéster revestidos com pele falsa de coelho; calças com proteção nos joelhos para as quedas mais fortes;

cachecóis pretos; e, as peças mais importantes, luvas grossas que cobriam até metade do antebraço. Enquanto o buraco cuspia as roupas, Tally levou um café para Zane, o que finalmente o despertou.

Zane e Tally pularam o café da manhã — uma refeição que não faziam havia um mês — e pegaram o elevador até a portaria da Mansão Pulcher. Ao longo do caminho, conversavam como legítimos perfeitos.

— Está vendo o gelo, Zane-la? Tão frio.

— O inverno é totalmente borbulhante.

— Isso aí. O verão é muito... Nem sei. *Quente* ou algo assim.

— Demais.

Eles sorriram para o localizador na entrada e saíram, parando no alto da escadaria da mansão. Tally entregou a caneca de café a Zane e puxou as luvas para dentro das mangas do casaco, cobrindo o bracelete de interface em seu braço esquerdo com duas camadas de roupa. Depois, enrolou o cachecol preto no pulso, para deixar o bracelete bem protegido. Ela pegou as duas canecas, observando a fumaça que subia do líquido preto, enquanto Zane repetia o procedimento com suas próprias luvas.

Assim que ele terminou, Tally disse em voz baixa:

— Achei que era para agirmos como perfeitos normais hoje.

— E eu estou agindo — retrucou Zane.

— Ah, está? "Borbulhante é farsa"?

— O que é que tem? Exagerei?

Ela deu uma risadinha e o puxou na direção do rinque de patinação flutuante.

Fazia um mês que eles tinham tomado os comprimidos, mas os cérebros de Tally e Zane ainda estavam vivos. As primeiras horas, porém, haviam sido totalmente falsas. Os Especiais revistaram os dois e o Valentino 317 freneticamente, botando tudo que encontravam em pequenos sacos plásticos. Cuspiram milhões de perguntas, em suas vozes rascantes, tentando descobrir por que uma dupla de novos perfeitos subiria numa torre de transmissão. Tally tentou dizer que eles só queriam um pouco de privacidade, mas nenhuma explicação parecia convencer os Especiais.

Finalmente, apareceram uns guardas com os anéis de interface abandonados, além de spray curativo para as mãos de Tally e bolinhos. Tally devorou seu café da manhã atrasado como se fosse um cão

esfomeado, até não estar nem um pouco mais borbulhante, e passou a exibir um sorriso perfeito e a pedir por uma cirurgia que corrigisse a cicatriz conseguida na noite anterior. Depois de cerca de uma hora, os Especiais permitiram que os guardas a levassem ao hospital, carregando Zane junto.

Era o fim da história, exceto pelos braceletes de interface. Os médicos puseram o de Tally durante sua cirurgia de correção da sobrancelha. Zane também acordou na manhã seguinte com um no braço. Os aparelhos funcionavam exatamente como os anéis. A diferença era que podiam enviar pings de voz, de qualquer lugar, como um celular. Aquilo significava que os braceletes captavam as conversas em toda parte — e, diferentemente dos anéis, não podiam ser tirados. Eram algemas presas a correntes invisíveis, e nenhuma ferramenta testada por Tally e Zane até então tinha se mostrado capaz de abri-las.

Surpreendentemente, os braceletes acabaram se tornando os acessórios da moda naquela temporada. Assim que os outros Crims os viram, a missão de Zane passou a ser evitar que todo mundo pedisse um. Ele conseguiu que o buraco na parede produzisse cópias que não funcionavam e as distribuiu. Nas semanas seguintes, passou a circular um boato de que os braceletes eram um novo símbolo de criminalidade, uma prova de que a pessoa havia escalado a torre de transmissão no topo da Mansão Valentino. Na verdade, centenas de novos perfeitos haviam testemunhado a subida de Tally e Zane, avisando uns aos outros para ir à janela e assistir ao show. Em pouco tempo, apenas aqueles alheios à moda andavam sem algum tipo de peça de metal nos pulsos. E foi preciso instalar monitores na torre para evitar que outros novos perfeitos tentassem subir.

As pessoas começaram a apontar para Tally e Zane na rua, e a cada dia havia mais aspirantes a uma vaga nos Crims. Todo mundo queria ser borbulhante.

Tally andava nervosa com a ruptura, mas ela e Zane não conversaram muito no caminho até o rinque de patinação. Embora seus braceletes não pudessem captar nada embaixo de tantas roupas de inverno, o silêncio tinha se tornado um hábito que os acompanhava a toda parte. Tally havia se acostumado a se comunicar de outras maneiras: piscadas, movimentos de

olhos e palavras balbuciadas. A vida numa conspiração não declarada dava significado a cada gesto e a cada toque.

Dentro do elevador de vidro que os levaria até a lâmina flutuante de gelo, atento à grande estrutura do Estádio Nefertiti lá embaixo, Zane segurou a mão de Tally. Seus olhos brilharam, do jeito que costumava acontecer antes de algum truque inesperado, como num ataque-surpresa com bolas de neve do terraço da Mansão Pulcher. Aquele olhar travesso veio na hora exata para acalmar um pouco os nervos de Tally. Afinal, não seria conveniente que os outros Crims notassem sua ansiedade.

A maioria já estava no local, trocando as botas por patins e procurando jaquetas do tamanho certo. Alguns Crims recém-aceitos no grupo se aqueciam, parecendo inseguros no gelo flutuante, fazendo um som que lembrava o funcionário de uma biblioteca pedindo silêncio às pessoas.

Shay deslizou para perto, querendo abraçar Tally, e só parou ao praticamente lhe dar uma trombada.

— Ei, Magrela-wa.

— Ei, Vesguinha-la — respondeu Tally, rindo.

Com os apelidos de feios de volta à moda, Shay e Tally tinham decidido trocar seus velhos nomes, já que Tally andava perdendo peso. Ficar sem comer era um saco, mas ela esperava que, cedo ou tarde, conseguisse emagrecer o suficiente para tirar o bracelete do pulso.

Tally reparou que Shay tinha enrolado um cachecol no braço num gesto de solidariedade. A amiga também usava uma versão de sua tatuagem dinâmica — um monte de cobras contornando uma das sobrancelhas e descendo até a bochecha. Agora vários Crims tinham tatuagens faciais acionadas pelos batimentos cardíacos: bastava olhar para saber se estavam borbulhantes. As canecas de café com autoaquecimento espalhavam uma nuvem de vapor acima dos Crims, e as tatuagens de todos não paravam de girar.

Um coro de saudações teve início assim que Tally e Zane foram vistos. A galera ficou agitada. Peris chegou deslizando, com uma jaqueta de bungee jump e os patins que Tally costumava usar.

— Obrigada, Nariz — disse ela, tirando as botas e sentando no gelo. Patins voadores não eram permitidos no rinque; só lâminas de metal, que reluziam sob a luz fria. Tally apertou bem os cadarços. — Trouxe seu frasco? — perguntou a Peris.

— Vodca dupla — respondeu ele, mostrando o recipiente.

— Ótimo para derretimento.

Tally e Zane haviam parado de consumir álcool, o que costumava deixá-los mais perfeitos que borbulhantes, mas bebidas fortes tinham outras utilidades no gelo.

Ela estendeu as mãos cobertas pelas luvas, e Peris a puxou, num movimento que lançou os dois numa pequena valsa sobre o gelo. Rindo, eles tentaram se equilibrar.

— Não se esqueça da jaqueta, Magrela — avisou ele.

— Isso seria falso, né? — disse Tally, vestindo a jaqueta e ajustando as tiras. Peris parecia meio nervoso. — Alguma notícia dos nossos amigos do outro lado do rio? — perguntou ela, sussurrando.

— Nada. Estão completamente sumidos.

Tally estranhou a informação. A visita de Croy tinha acontecido um mês antes, e desde então nenhum Novo Enfumaçado havia aparecido. O silêncio era preocupante. A não ser que fosse outro daqueles testes irritantes. De um jeito ou de outro, ela mal podia esperar para descobrir, assim que conseguisse arrancar aquelas algemas ridículas.

— Como está o trabalho do Fausto naquela prancha?

Peris deu de ombros. Ele olhava distraído para os outros Crims, que invadiam o rinque, rindo e gritando, deslizando como as máquinas que eram usadas para raspar o gelo da superfície.

Tally reparou na tatuagem que Peris tinha na testa — um terceiro olho que piscava no ritmo do seu coração — e observou seus belos olhos castanhos, delicados e vazios. Ele parecia mais borbulhante do que um mês atrás. Todos os Crims pareciam. No entanto, Tally não conseguia mais detectar progressos diários nele. Era muito mais difícil para os outros, que não tinham ajuda dos comprimidos, que não estavam semicurados como ela e Zane. Embora ficassem animados durante curtos períodos, eles não conseguiam manter a concentração.

Bem, a ruptura poderia dar um empurrãozinho.

— É isso aí, Nariz. Vamos patinar.

Tally pegou impulso com um dos pés e logo ganhou velocidade, percorrendo a parte externa da pista. Ela olhava para baixo através da janela de gelo colorido que tinha sob os pés. Os sustentadores que mantinham o rinque no ar eram bem visíveis, separados por poucos metros,

num padrão de grade, que irradiava uma série de estruturas de refrigeração. Bem mais abaixo, estava a forma oval do estádio esportivo, levemente fora de foco, como o mundo enxergado em meio à bruma de uma mente perfeita. Aos poucos, os refletores se acendiam, se aprontando para o jogo de futebol que começaria em 45 minutos. Como sempre, haveria fogos de artifício antes da partida, assim que a plateia ocupasse seus lugares. Isso deixava a mente perfeita.

O céu lá em cima era uma vastidão ininterrupta de azul, pontuada apenas por alguns balões de ar quente amarrados às torres de festa mais altas. Quando estava suspenso, o rinque de patinação era o lugar mais alto de Nova Perfeição. Tally via toda a cidade espalhada lá embaixo.

Ela patinou atrás de Zane e o alcançou na primeira curva.

— Acha que todos estão borbulhantes?

— A maioria só está nervosa — respondeu Zane, dando a volta com elegância e patinando de costas como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Seus músculos realçados pela operação agora estavam livres da timidez e da preguiça dos perfeitos. Ele conseguia plantar bananeira sem tremer, subir até a janela de seu quarto na Mansão Pulcher em questão de segundos e correr mais rápido que o monotrilho que trazia os velhos dos subúrbios para o hospital central. Nunca se cansava muito e era capaz de segurar a respiração por pelo menos dois minutos.

Sempre que assistia a esses feitos, Tally se lembrava dos Guardiões, que a haviam salvado do incêndio durante sua viagem de volta à Fumaça. Zane tinha a mesma segurança em sua capacidade física — era rápido e forte, mas sem aquele incômodo traço desumano dos agentes da Circunstâncias Especiais. Tally não ficava muito atrás, mas de alguma forma a cura tinha colocado Zane em outro nível. Ela adorava deslizar pelo gelo ao seu lado, fazendo círculos em torno dos outros, sendo o centro do turbilhão caótico de lâminas cintilantes dos Crims.

— Alguma notícia da Nova Fumaça? — perguntou ele, quase inaudível em meio ao barulho dos patins.

— Peris disse que não.

Zane soltou um palavrão. Fez uma curva fechada, jogando gelo num não Crim que se esforçava para andar num ritmo lento, acompanhando a lateral do rinque. Tally o alcançou.

— Temos de ser pacientes, Zane. Vamos tirar essas coisas dos nossos pulsos.

— Estou cansado de ser paciente, Tally — disse Zane, olhando para baixo, através do gelo. O estádio estava lotado. O público aguardava o primeiro jogo das finais do campeonato entre cidades. — Quanto tempo falta?

— Vai ser a qualquer momento.

Assim que as palavras saíram de sua boca, os primeiros fogos de artifício explodiram lá embaixo, transformando o rinque de patinação numa confusão de tons vermelhos e azuis. Com um segundo de atraso, um barulho intenso ecoou no gelo, seguido pelos gritos de admiração da multidão.

— Lá vamos nós — disse Zane, com um sorriso substituindo a irritação.

Tally segurou sua mão bem firme e deixou que ele a conduzisse, até os dois pararem no centro do rinque, o ponto mais distante da estrutura que sustentava o gelo. Ela levantou o braço e esperou que os outros Crims se reunissem ao seu redor.

— Os frascos — disse em voz baixa.

A ordem se espalhou num sussurro pela turma. Logo se via o reflexo do sol nos recipientes de metal. Tally começou a ouvir um ruído de tampas sendo tiradas. Seu coração batia rápido; a ansiedade deixava seus nervos à flor da pele. As tatuagens de todos giravam num ritmo frenético. Correndo pela parte externa do rinque, Zane ganhava velocidade.

— Derramem tudo — disse Tally.

O som de líquido derramado — vodca e álcool etílico puro — se multiplicou entre os Crims. Tally achou ter escutado um estalo, um sinal bem baixinho do gelo, indicando a redução do ponto de congelamento pela ação das bebidas.

Desde antes da cura, Zane sonhava em aprontar algo daquele tipo. Às vezes, derramava champanhe no gelo enquanto os Crims patinavam. Mas as coisas agora eram mais sérias. Ele tinha até feito um teste na pequena geladeira de seu quarto. Encheu uma bandeja de cubos de gelo com diferentes misturas de vodca e água. Depois, levou tudo ao congelador. O cubo de água pura congelou normalmente. Aqueles que continham álcool, porém, não ficaram tão sólidos. E o cubo preenchido apenas com vodca permaneceu totalmente líquido.

Tally observou a poça de bebida se espalhando lentamente pelo gelo, por entre os patins, derretendo as marcas das lâminas e das quedas. A imagem do estádio ficava cada vez mais nítida. De repente, Tally conseguia ver todos os detalhes de uma nuvem verde e amarela de fogos de artifício. Quando o barulho retumbante chegou aos seus ouvidos, houve outro estalo assustador. Mais e mais intenso, o espetáculo de fogos devia estar se aproximando do final apoteótico.

Com o braço erguido, Tally fez um sinal para Zane.

Ele contornou a curva seguinte e, patinando a toda velocidade, se dirigiu ao restante do grupo. Tally sentiu uma ponta de medo nas pessoas próximas, como se fossem um rebanho de gazelas avistando um grande felino a distância. Os Crims derramaram as últimas gotas de bebida e depois encheram os frascos com suco de laranja em caixinha, para apagar qualquer evidência do que tinham acabado de fazer.

Tally sorriu, imaginando a cara de perfeita confusa que mostraria aos guardas: *Nós só estávamos lá em cima, conversando e cuidando das nossas vidas, não estávamos nem patinando, quando de repente...*

— Cuidado! — gritou Zane, fazendo o grupo se dividir ao meio e abrir caminho para sua passagem.

Ele deslizou até o centro e então pulou, alcançando uma altura sobre-humana, com os olhos brilhando na mesma intensidade das lâminas dos patins. Em seguida, caiu com tudo, jogando todo o peso sobre o gelo.

Na mesma hora, Zane sumiu de vista, engolido por um estrondo que lembrava vidro se quebrando. Tally ouvia o gelo se partir, emitindo um chiado semelhante ao de uma árvore sendo derrubada na Fumaça. Por uma fração de segundo, ela pairou no ar, arremessada por uma placa de gelo transformada em gangorra sobre a coluna de um sustentador. Um instante depois, a placa se quebrou e Tally começou a cair, sentindo um aperto na garganta. Mãos protegidas por luvas se agarravam ao seu casaco, vindas de todas as direções, num momento de pânico coletivo. Então um berro bem alto marcou o instante em que o bloco central do rinque cedeu, lançando fragmentos de gelo, Crims e máquinas para todos os lados, na direção da grama verde do campo de futebol. Lá embaixo, dez mil rostos assistiam a tudo sem acreditar.

Aquilo, sim, era borbulhante.

QUICANDO

Tudo ficou calmo por um instante.

Ao redor de Tally, pedaços de gelo caíam silenciosamente, refletindo as luzes do estádio enquanto giravam no ar. O vento dissolvia os gritos que saíam das bocas dos Crims. A plateia no estádio continuava a olhar para cima, perplexa e calada. Tally abriu os braços para frear a queda, tentando agarrar alguns segundos preciosos com as mãos semiabertas. Aquela parte do salto sempre parecia um voo de verdade.

Na sequência, uma explosão de luz e som arremessou Tally para longe, com os ouvidos zumbindo. Raios brilhantes obrigavam-na a manter os olhos bem fechados. Passados alguns segundos de estupefação, ela sacudiu a cabeça e abriu os olhos novamente. Fragmentos cintilantes voavam em todas as direções; era como se Tally estivesse no meio da explosão de uma galáxia. Os estrondos continuavam a vir de cima, liberando uma chuva incessante de fagulhas. Ela finalmente entendeu o que havia acontecido...

O grande encerramento do espetáculo de fogos tinha começado no exato momento em que o grupo de Crims atravessava o gelo. O momento da ruptura havia sido perfeito até demais.

Uma das fagulhas estava grudada na jaqueta de Tally, queimando com a insistência típica dos fogos de sinalização e espalhando faíscas que faziam cócegas em seu rosto. Ela agitou os braços, numa tentativa de se posicionar melhor, mas o chão se aproximava rapidamente. Faltavam poucos segundos. Tally ainda não tinha recuperado o controle quando as fitas da jaqueta seguraram seu corpo de ponta-cabeça, com força, interrompendo a queda a alguns metros do chão.

Enquanto a jaqueta a puxava para cima, Tally se encolheu toda, para se proteger de qualquer objeto grande que porventura estivesse caindo. Desde o início, a possibilidade de ser atingida por um bloco de gelo ou por uma das máquinas que polia o ringue tinha sido a parte mais preocupante do plano. No entanto, Tally subiu sem sofrer um arranhão. Ao atingir o ponto mais alto da trajetória, pôde ouvir o grito da multidão confusa. Eles tinham percebido que havia algo de errado.

Tally e Zane chegaram a cogitar uma invasão do sistema de placar eletrônico, para fazê-lo mostrar uma mensagem que penetrasse nas mentes perfeitas do público enquanto estivesse tomado pela confusão. Mas nesse caso os guardas saberiam que a ruptura havia sido planejada, o que certamente traria uma série de complicações falsas.

De qualquer maneira, os Novos Enfumaçados ficariam sabendo daquela ação. E entenderiam seu significado...

A cura tinha funcionado. A Nova Fumaça podia contar com aliados dentro da cidade. O céu estava caindo.

O vaivém de Tally no ar acabou perto do meio-campo, no meio do gramado repleto de pedaços de gelo, máquinas arrebentadas, Crims dando risadas e alguns patinadores inocentes que também caíram, certamente agradecidos pelo fato de as jaquetas serem itens obrigatórios no rinque de patinação. Ela olhou ao redor à procura de Zane. Com o impulso, ele tinha atravessado todo o campo e ido parar dentro de um dos gols. Tally correu em sua direção, verificando as condições dos outros Crims no caminho. As tatuagens de todos giravam sem parar, agitadas pela mágica antiperfeição da ruptura. Não havia nenhum ferimento grave; só algumas manchas roxas e cabelos chamuscados.

— Funcionou, Tally! — disse Fausto, enquanto ela passava, olhando com surpresa para o pedaço de gelo em suas mãos.

Tally continuou correndo e logo encontrou Zane rindo descontroladamente, enrolado na rede. Ao vê-la, ele soltou um berro:

— Gooooooooool!

Ela parou de repente, tomada por um alívio imediato, e finalmente se permitiu aproveitar o prazer borbulhante daquilo tudo, do mundo transformado à sua volta. Era como se pudesse observar cada um dos espectadores presentes, ver suas expressões com uma nitidez absoluta sob a iluminação intensa do estádio. Dez mil rostos também a olhavam, totalmente perplexos.

Tally se imaginou fazendo um discurso, contando a todos a verdade sobre a operação, as lesões, o terrível preço de ser perfeito. Revelando que ser encantador significava abrir mão de pensar e que suas vidas fáceis e perfeitas eram completamente vazias. A multidão atônita parecia até capaz de ouvir.

Enviar um sinal aos Novos Enfumaçados era o objetivo principal, mas não o único. Tally e Zane sabiam que uma experiência daquela proporção deixaria os Crims animados por alguns dias. O que não sabiam era se seria o bastante para mudar de modo permanente os perfeitos que não haviam tomado os comprimidos. Ao ver a expressão nos olhos de Fausto, Tally acreditou na possibilidade. E agora, observando os rostos na multidão — perfeitos jovens, de meia-idade e até coroas num estado coletivo de agitação —, ela se perguntava se o fenômeno no céu podia ter despertado algo maior.

A cidade, sem dúvida, tinha notado. Guardas chegavam aos montes ao estádio, levando kits de primeiros socorros. Tally nunca havia visto expressões tão aflitas em perfeitos de meia-idade. Exatamente como a plateia, eles pareciam não acreditar que algo de tão grave pudesse acontecer na cidade. As câmeras voadoras preparadas para gravar o jogo flutuavam sobre o campo, registrando imagens dos destroços. Tally concluiu que, no fim do dia, sua obra seria transmitida em todas as cidades do mundo.

Ela respirou fundo. A sensação era a mesma de quando tinha disparado seu primeiro fogo de artifício, na infância, impressionada como o simples fato de que apertar um botão pudesse provocar tanto barulho e temerosa de se meter em encrencas. À medida que a euforia passava, Tally não conseguia conter a sensação de que, apesar de todo o cuidado para disfarçar as coisas, alguém descobriria que a ruptura tinha sido premeditada.

De repente, ela precisava da presença de Zane, da segurança que ele transmitia mesmo em silêncio. Correu o resto da distância até o gol. Ele estava sendo retirado da rede e recebendo aplicações de spray curativo no rosto por uma dupla de guardas. Tally passou entre os dois para lhe dar um abraço.

Como havia guardas por toda parte, ela se fez de perfeita.

— Borbulhante, hein?

— Demais — respondeu ele.

Apesar de Zane não estar com tatuagens dinâmicas, Tally sentia seu coração bater forte, mesmo por baixo do casaco grosso.

— Quebrou alguma coisa?

— Não, só está doendo. — Com cuidado, ele tocou no próprio rosto, marcado com linhas vermelhas no mesmo padrão da rede. — Parece que foi gol.

Tally riu e deu um beijo bem de leve em sua bochecha. Depois sussurrou em seu ouvido:

— Funcionou. Funcionou mesmo. Acho que podemos fazer qualquer coisa.

— Claro que sim.

— Depois disso tudo, os Novos Enfumaçados *com certeza* vão saber que a cura funciona. Vão mandar mais comprimidos. E aí poderemos transformar tudo.

Zane se afastou um pouco e assentiu. Em seguida, voltou a se aproximar, deu-lhe um beijo perto da orelha e murmurou:

— Se não entenderem essa mensagem, então iremos atrás deles.

PENETRA

Foi uma noite regada a champanhe. Embora tivessem parado de beber, Tally e Zane acharam indispensável brindar ao fato de os Crims terem sobrevivido ao Grande Colapso do Estádio Nefertiti.

Com todas as ações e reações ensaiadas previamente, não houve qualquer menção a derramamento de álcool no gelo ou comentário sobre como o plano tinha funcionado à perfeição — apenas a conversa animada de novos perfeitos se recuperando de uma fuga borbulhante e inesperada da normalidade.

Todos contaram várias vezes as histórias de suas quedas: a sensação do gelo quebrado e de estar no meio do espetáculo de fogos de artifício, o tranco das jaquetas de bungee jump e, ao fim de tudo, as ligações desesperadas de pais que tinham assistido às imagens repetidas inúmeras vezes em todos os canais de TV. A maioria dos Crims havia sido entrevistada, dando depoimentos com expressões inocentes de surpresa. A notícia se espalhava e trazia novos dados a cada instante: pedidos de renúncia no comitê de arquitetura da cidade, remarcação das finais do futebol, fechamento definitivo do rinque de patinação (um resultado falso que Tally não tinha previsto).

Não demorou muito, porém, para que o noticiário ficasse repetitivo. Mesmo seu próprio rosto acabava enchendo o saco depois de aparecer 50 vezes na tela de parede. Então Zane decidiu levar todos para acender uma fogueira no Parque Denzel.

Os Crims continuavam borbulhantes, com as tatuagens girando sob a luz da fogueira, enquanto contavam suas histórias mais uma vez. Embora todos falassem como perfeitos, para o caso de haver alguém escutando, Tally captava mais que besteiras sem sentido em suas palavras. Eles conversavam do mesmo jeito que ela e Zane: sempre conscientes da presença dos braceletes, mas enchendo o papo perfeito de significados. A conspiração silenciosa construída pelos dois começava a se espalhar. Acompanhando o fogo e prestando atenção aos Crims que a cercavam, Tally passou a acreditar que a empolgação borbulhante causada pela

ruptura realmente podia ser permanente. Talvez as pessoas fossem capazes de usar o cérebro para se livrar da prisão da perfeição, sem necessidade de comprimidos.

— É melhor beber logo o champanhe, Magrela — sugeriu Zane, interrompendo os pensamentos de Tally com um leve toque em sua nuca. — Ouvi dizer que o álcool evapora bem rápido.

— Evapora? Que chato — disse Tally, com uma expressão séria, segurando a taça de champanhe diante do fogo.

De hora em hora, os noticiários divulgavam informações atualizadas sobre a investigação da ruptura. Um grupo de engenheiros tentava descobrir como um bloco de gelo de 20 centímetros de espessura, apoiado em sustentadores, podia ter cedido sob o peso de poucas dezenas de pessoas. A culpa inicial havia sido atribuída a ondas de choque provenientes do espetáculo de fogos, ao calor emanado pela iluminação do estádio e até às vibrações de patinadores deslizando em duplas como se fossem soldados em marcha. Nenhum dos especialistas, porém, imaginou que a verdadeira causa da ruptura já tinha evaporado no ar.

Tally ergueu a taça e brindou com Zane. Ele bebeu tudo de uma vez e pegou a taça dela, derramando parte do champanhe na sua.

— Obrigado, Magrela.

— Obrigado pelo quê?

— Por dividir.

Ela deu um sorriso perfeito, sabendo que Zane se referia às pílulas, e não ao champanhe.

— Disponha. Fico feliz por ter sido o suficiente para nós dois.

— Sorte a nossa.

A cura não tinha sido completa, mas, considerando a limitação da dose de cada um, eles podiam considerar o teste um sucesso. No caso de Zane, o efeito foi quase imediato, destruindo o cérebro perfeito em questão de dias. Em Tally, os comprimidos agiram mais lentamente. Ela ainda acordava confusa na maioria dos dias e precisava que Zane a lembrasse de pensar em coisas borbulhantes. A parte boa era que Tally nunca tinha as terríveis dores de cabeça dele.

— Acho que é melhor assim, dividido — disse Tally, brindando mais uma vez.

Ao se lembrar do alerta feito na carta a si mesma, ela sentiu um arrepio.

Talvez dois comprimidos fossem demais. Se tivesse tomado tudo sozinha, podia estar com o cérebro destruído àquela altura.

— Como já disse, obrigado — disse Zane, puxando-a para perto.

Ela recebeu o beijo, sentindo o calor dos lábios dele no frio da noite, e viu os olhos dourados de Zane refletindo a luz da fogueira. Os dois continuaram grudados por um bom tempo. Afetada pelo beijo de tirar o fôlego e pelo champanhe, Tally notou que estava quase num estado de perfeita, começando a ver as coisas meio borradas. O que não era necessariamente algo ruim...

Finalmente Zane parou e, virando-se para a fogueira, sussurrou no ouvido de Tally:

— Precisamos tirar essas coisas.

— Shhh.

Mesmo com casacos e luvas cobrindo os braceletes, Tally achava que os dois estavam muito visados para saírem discutindo planos em voz alta. Os Crims já tinham atirado pedras numa câmera voadora que fazia imagens da festa para uma matéria sobre o colapso do rinque.

— Estão me tirando do sério, Tally.

— Não se preocupe. Vamos dar um jeito.

Mas pare de falar, pediu silenciosamente. Zane chutou um galho caído na direção da fogueira. Enquanto a madeira queimava, ele soltou um gemido.

— Zane?

Ele mexia a cabeça, apertando as têmporas com os dedos. Tally suspirou. Outra dor de cabeça. Às vezes, elas passavam em poucos segundos; outras vezes, duravam horas.

— Estou bem, estou bem — respondeu ele, respirando fundo.

— Sabe, você devia ir ao médico — sussurrou Tally.

— Pode esquecer! Eles vão descobrir que estou curado.

Tally puxou-o mais para perto dos estalidos da fogueira e encostou os lábios em sua orelha.

— Eu já falei para você sobre Maddy e Az, os pais de David? Eles eram médicos. Cirurgiões. E durante muito tempo nem eles sabiam a respeito das lesões no cérebro. Simplesmente pensavam que a maioria das pessoas era estúpida. Um médico comum não vai ver problema algum em te curar.

Zane demonstrou total contrariedade e se virou para responder:

— Isso não vai parar no médico comum, Tally. Novos perfeitos não ficam doentes.

Ela observou os rostos iluminados ao seu redor. Os Crims iam para o hospital com alguma frequência, mas apenas para tratar machucados, nunca doenças. A operação reforçava o sistema imunológico, protegia os órgãos e consertava os dentes para sempre. Um novo perfeito com problemas de saúde era tão raro que Zane provavelmente seria submetido a milhares de testes. E, se as dores de cabeça persistissem, os resultados seriam repassados a especialistas.

— Eles já estão nos vigiando. Não podemos permitir que alguém fique bisbilhotando dentro da minha cabeça — argumentou ele, se contraindo todo, com o rosto desfigurado pela dor.

— É melhor voltarmos para casa — disse Tally, desanimada.

— Você pode ficar. Consigo chegar à mansão sozinho.

Fazendo que não, ela o tirou de perto da fogueira.

— Vamos.

Zane acompanhou-a rumo à escuridão, passando por trás dos outros Crims. Shay chamou os dois, mas Tally se livrou dizendo que era só efeito do champanhe. A amiga sorriu e voltou para perto do fogo.

Com alguma dificuldade, os dois caminharam de volta para casa, enfrentando a camada de gelo que reluzia no chão sob a luz do luar e o vento cortante, ainda mais incômodo depois do calor aconchegante da festa. A noite estava bonita, mas Tally só conseguia pensar no que se passava dentro da cabeça de Zane. Seria apenas um efeito colateral da cura? Ou um sinal de que havia acontecido algo terrível?

— Não se preocupe, Zane — disse, numa altura quase inaudível. — Vamos descobrir o que é isso. Ou então vamos dar o fora daqui e buscar ajuda com os Enfumaçados. Essa cura foi inventada por Maddy. Ela vai saber o que está acontecendo.

Sem dar resposta, Zane continuou subindo o morro, aos tropeções.

Quando a Mansão Pulcher apareceu, ele deteve Tally por um instante.

— Volte para a festa. Consigo ir sozinho daqui — insistiu, falando um pouco alto demais.

Tally olhou ao redor, mas não viu nada — nem outros perfeitos, nem câmeras voadoras.

— Estou preocupada com você — sussurrou.

Ele baixou o tom da voz.

— É besteira, Magrela. É só uma dor de cabeça. A mesma coisa de sempre. Provavelmente porque passei mais tempo do que você como perfeito — argumentou, dando um sorriso forçado. — Preciso de mais tempo para me acostumar a ter um cérebro novamente.

— Vamos logo. Quero botar você direitinho na cama.

— Não, você vai voltar à festa. Não quero que eles fiquem sabendo sobre... isso.

— Não vou contar nada — murmurou Tally. Eles não haviam revelado a existência da cura a ninguém. E não o fariam até terem certeza absoluta de que os outros Crims estavam borbulhantes o bastante para guardar segredo. — Vou dizer que você bebeu demais.

— Tudo bem. Mas volte logo à festa. Você precisa manter o pessoal borbulhante. E cuidar para que não se embebedem e comecem a dizer coisas estúpidas.

Tally olhou para trás e enxergou a fogueira por entre as árvores. Com a quantidade certa de champanhe, alguém poderia dar com a língua nos dentes.

— Você vai ficar bem?

— Já estou melhor.

O problema era que ele não parecia nada melhor.

— Zane...

— Escute. Vou ficar bem. E não importa o que aconteça: estou feliz por termos tomado as pílulas.

Tally respirou fundo para se acalmar.

— Como assim "não importa o que aconteça"? — perguntou.

— Não estou falando de hoje. Estou falando de qualquer hora. Entendeu?

Bastou estudar um pouco os olhos dourados de Zane para perceber a dor que ele suportava silenciosamente. Já não importava descobrir qual era o problema; permanecer borbulhante não compensava perdê-lo.

— Não, não entendi.

— É, acho que foi um jeito meio tosco de me expressar. O fato é que estou bem.

— Estou preocupada com você.

— Volte para a festa.

Não havia sentido em prolongar aquela discussão. Ela ergueu um braço, mostrando o cachecol enrolado em seu pulso.

— Tudo bem. Mas, se piorar, mande um ping.

— Pelo menos essas porcarias servem para alguma coisa. Tally lhe deu um beijo suave e depois ficou observando todo o esforço de Zane para chegar à porta da mansão e entrar.

Na caminhada solitária de volta à festa, o ar parecia mais frio. Tally quase desejou ser novamente uma perfeita desmiolada, só por uma noite, em vez de se ver na obrigação de vigiar os outros Crims. Desde o primeiro beijo, estar com Zane havia tornado tudo mais complicado.

Ela suspirou. Talvez as coisas funcionassem daquele jeito.

Tally sabia que Zane não iria ao médico. Sua dúvida era como agir se as dores de cabeça piorassem. Ela conseguiria *obrigá-lo* a ir? Na verdade, Zane estava certo: qualquer médico que conseguisse resolver o problema provavelmente também descobriria a causa. E poderia deixar Zane com o cérebro perfeito novamente.

Por que Croy tinha desaparecido? Tally se perguntava quanto tempo levaria para os Novos Enfumaçados entrarem em contato. Com a ruptura, eles tinham de concluir que a cura havia funcionado. Mesmo que os noticiários não chegassem ao lugar onde estivessem se escondendo, todos os feios do mundo andavam falando sobre o colapso do rinque de patinação e sobre o olhar inocente de Tally Youngblood nos telões de parede.

Obviamente, ainda faltaria fugir da cidade. Tally não fazia ideia de como se livrar dos braceletes. À medida que emagrecia, tinha a *impressão* de que aquelas algemas estavam perto de sair, mas quanto tempo levaria? Ela não gostava de viver numa corrida entre morrer de fome e ver o cérebro de Zane derreter.

Além disso, quando finalmente conseguisse escapar, Tally não queria abandonar os outros Crims. Ou, pelo menos, Peris e Shay. Naquela noite, os Crims pareciam tão borbulhantes que provavelmente subiriam em pranchas voadoras e a seguiriam para qualquer lugar. Mas e se eles não estivessem tão borbulhantes no dia seguinte?

De repente, Tally se sentiu fraca. Havia muitas possibilidades. Ela se via obrigada a suportar sozinha uma quantidade enorme de preocupações. Antes, seus únicos desejos tinham sido se tornar uma Crim e se sentir segura no meio de um grupo de amigos. Agora era líder de uma rebelião.

— Seu amigo exagerou no champanhe?

Tally congelou. A voz, vinda do meio da escuridão, lembrava uma unha raspando uma superfície de metal.

— Oi?

Uma pessoa saiu das sombras vestindo um casaco com capuz. Em silêncio absoluto, passou por algumas folhas caídas e parou sob a luz do luar. Era uns 10 centímetros mais alta que Tally. Era mais alta até que Zane. Só podia ser uma Especial.

Tally tentou se acalmar, controlar os nervos e obrigar o rosto a assumir a expressão relaxada de uma perfeita recém-transformada.

— Shay? É você tentando me assustar? — perguntou, num tom irritado.

A figura deu mais um passo adiante. Uma tocha do caminho a iluminou.

— Não, Tally. Sou eu — disse a pessoa, tirando o capuz da cabeça.

Era a dra. Cable.

O DRAGÃO

— Eu conheço você?

A dra. Cable deu um sorriso irônico.

— Tenho certeza de que me conhece, Tally.

Tally recuou, deixando transparecer parte de seu medo. Nem o perfeito mais inocente conseguiria permanecer calmo diante da figura da dra. Cable. Seus traços cruéis, ressaltados pelo luar, davam-lhe a aparência de uma mulher linda parcialmente transformada num lobisomem.

As lembranças tomaram conta da mente de Tally. Ela se recordou de como tinha sido enganada, no escritório da dra. Cable, na primeira e terrível vez em que se encontraram; do momento em que tinha sabido da existência da Divisão de Circunstâncias Especiais; e de quando tinha concordado em encontrar e trair Shay, o preço de se tornar perfeita. Depois, a dra. Cable apareceria na Fumaça, acompanhada de um exército de Especiais, para botar abaixo e queimar sua nova casa.

— É, acho que me lembro — disse Tally. — Nós tínhamos algum tipo de contato, né?

— Tínhamos, sim — respondeu a doutora, mostrando os dentes afiados. — Mas o que interessa mesmo, Tally, é que *eu* conheço você.

Tally forçou um sorriso sem graça. Com certeza, a dra. Cable se lembrava do último encontro das duas, no resgate dos Enfumaçados, quando tinha levado uma pancada na cabeça.

A doutora apontou para o cachecol preto enrolado no bracelete de Tally, sob a luva e o casaco.

— Estilo interessante de usar um cachecol — comentou. — Como é que é? Você não entende nada de moda? Todo mundo está fazendo isso agora.

— Mas imagino que você tenha inventado essa moda. Sempre foi criativa.

Tally deu um sorriso perfeito.

— Acho que sim. Eu aprontava muito nos meus tempos de feia.

— Aparentemente, não tanto quanto hoje em dia.

— Ah, você viu as notícias? Não foi uma coisa totalmente *fraude*? O gelo caindo daquele jeito, sem mais nem menos! — É... sem mais nem menos — repetiu a dra. Cable, franzindo a testa. — Admito que, no início, vocês conseguiram me enganar. Aquele rinque flutuante era um típico exagero arquitetônico projetado para divertir os perfeitos. Um acidente era algo previsível. Mas então comecei a pensar no momento em que tudo aconteceu... o estádio cheio, centenas de câmeras prontas para filmar.

Meio nervosa, Tally fingiu que não estava entendendo.

— Aposto que foram os fogos de artifício. Nós sentíamos as explosões através do gelo. De quem foi aquela ideia estúpida?

A dra. Cable mexeu a cabeça como se estivesse concordando.

— É, quase dava para acreditar num acidente. Mas aí vi seu rosto na televisão, Tally. Com um olhar assustado e uma expressão inocente, contando sua historinha *borbulhante*. — Os lábios da doutora se curvaram, mas não era um sorriso. — Então percebi que você não tinha desistido de aprontar.

Tally sentiu um incômodo no estômago, algo de que se lembrava dos tempos de feia: a sensação de ser pega. Ela tentou transformar o medo numa cara de surpresa.

— Eu?

— Isso mesmo, Tally: você. Só não sei como.

Sob o olhar severo da dra Cable, Tally se imaginou sendo arrastada até as profundezas da Divisão de Circunstâncias Especiais, onde a cura seria revertida, e todas as suas lembranças, apagadas. Ou, talvez, eles nem se dessem ao trabalho de devolvê-la a Nova Perfeição. Ela sentiu a boca seca.

— Ah, claro. Tudo por aqui é culpa *minha* — conseguiu dizer.

A dra. Cable se aproximou. Tally se esforçou para ficar parada, lutando contra o próprio corpo, que gritava "corra!". A mulher a olhou com frieza, como se examinasse um animal de ventre aberto sobre a mesa.

— Espero que a culpa tenha sido sua.

— Você *espera*?

— Sejamos francas, Tally Youngblood. Esse seu fingimento já me encheu o saco. Não vim aqui para levá-la de volta para a masmorra.

— Não?

— Acha mesmo que me importo se você está destruindo coisas em Nova Perfeição?

— É... acho.

— Não trabalho no departamento de manutenção. A Circunstâncias Especiais só tem interesse por ameaças externas. A cidade pode cuidar de si mesma, Tally. Existem inúmeros sistemas de segurança para que ninguém precise se preocupar. Por que acha que os patinadores eram obrigados a usar jaquetas de bungee jump naquele lugar?

Tally hesitou. Ela nunca tinha pensado a respeito das jaquetas. As coisas realmente eram muito seguras em Nova Perfeição. Do contrário, os novos perfeitos se matariam a torto e a direito.

— Talvez no caso de os sustentadores falharem. Numa situação de blecaute, quem sabe?

A dra. Cable deu uma risada assustadora que durou menos de um segundo.

— Faz 150 anos que não acontece um blecaute. — Ela parou brevemente antes de completar: — Pode derrubar o que você quiser, Tally. Não ligo a mínima para seus truques... exceto pelo que eles revelam sobre você.

Os olhos da doutora caíram sobre Tally novamente, e ela mais uma vez teve de conter a vontade de sair correndo. Seria apenas uma tentativa de fazê-la confessar o que os Crims haviam feito? Algo na postura da dra. Cable — sua voz penetrante, seus movimentos de predador ou sua própria existência — impedia Tally de agir como uma perfeita. E, àquela altura, qualquer novo perfeito já teria sumido aos berros.

Se a Divisão de Circunstâncias Especiais quisesse mesmo que Tally confessasse seus crimes, não se daria ao trabalho de conversar tanto.

— Então por que você está aqui? — perguntou ela, num tom normal, tentando manter a calma.

— Tally, sempre admirei seu instinto de sobrevivência. Você se mostrou uma excelente traidora quando isso foi necessário.

— Ahn, obrigada... eu acho.

— E agora parece que você tem mais cérebro do que eu achava. Sua resistência ao condicionamento é bem grande.

— *Condicionamento*. É assim que você chama? — reagiu Tally, contrariada. — Como se fosse um tratamento para os cabelos ou algo parecido?

— É incrível. — A dra. Cable se aproximou de novo. Seus olhos

pareciam tentar enxergar o interior da cabeça de Tally. — Em algum lugar aí dentro você não passa de uma feia malcomportada, não é? Muito impressionante. Você poderia ser bastante útil.

Tally sentiu uma nova torrente de raiva. Uma chama ardia dentro de sua cabeça.

— Bem, não acha que já me usou o suficiente?

— Quer dizer que você se lembra. Excelente. — Os olhos cruéis da doutora, frios e sem vida, de alguma forma mostraram uma certa satisfação. — Sei que não foi uma experiência agradável, Tally. Mas foi necessária. Precisávamos resgatar nossas crianças da Fumaça, e só você podia nos ajudar. Apesar disso, peço desculpas.

— Pede desculpas? Por me obrigar a trair meus amigos, por destruir a Fumaça, por matar o pai de David? — Agora havia uma expressão de desgosto no rosto de Tally. — Acho que não vai mais me usar, dra. Cable. Já fiz favores demais para você.

A doutora reagiu com outro sorriso.

— Concordo. Por isso, desta vez, eu vou lhe fazer um favor. E o que vou oferecer é algo muito... borbulhante.

A palavra, saída dos lábios finos e cruéis da doutora, provocou um riso seco em Tally.

— E o que você entende de ser borbulhante?

— Você não acreditaria. Na Circunstâncias Especiais, entendemos tudo de sensações, especialmente daquelas que você e seus amigos Crims procuram. Posso lhe proporcionar isso, Tally. Todo dia, o dia todo, mais borbulhante do que possa imaginar. Não só uma fuga da confusão de ser perfeita... algo muito melhor.

— Do que está falando?

— Lembra-se de como é voar numa prancha, Tally? — perguntou a dra. Cable, com uma chama iluminando seus olhos frios. — Aquela sensação de estar viva? Sim, nós podemos deixar as pessoas perfeitas. Vazias, preguiçosas e sem graça. Mas também podemos deixá-las *borbulhantes*, como vocês dizem. Com sensações mais intensas do que você jamais teve como feia, mais vivas do que um lobo capturando uma presa, mais borbulhantes até do que antigos soldados enferrujados se matando por um pedaço de deserto rico em petróleo. Tudo isso com sentidos mais aguçados,

um corpo mais rápido que o de qualquer atleta da história, músculos mais fortes que os de qualquer pessoa no mundo.

Quando a voz se calou, subitamente Tally passou a captar todos os sons da noite ao seu redor: as gotas de orvalho caindo no solo, as árvores sacudidas pelo vento, a fogueira lá embaixo soltando fagulhas aleatórias no ar. Ela ouvia a festa perfeitamente: Crims comentando os acontecimentos do dia aos gritos, discutindo quem tinha pulado mais alto ou caído com mais força. As palavras da dra. Cable tinham tornado os detalhes do mundo tão afiados quanto cacos de cristal.

— Precisa ver o mundo do jeito que eu vejo, Tally.

— Está me oferecendo um... emprego? Como uma Especial?

— Não é um emprego. É uma vida nova. — Ela pronunciou as palavras com uma precisão proposital. — Pode se tornar uma de nós.

Tally estava quase ofegante, sentindo o coração acelerado, como se o simples fato de pensar naquilo já provocasse mudanças. Ela encarou a doutora com irritação.

— Acha mesmo que eu trabalharia para você?

— Tally, pense na sua outra opção. Passar a vida inteira em busca de pequenas emoções, conseguir apenas alguns poucos momentos de consciência. Nunca ter a mente realmente livre. Por outro lado, você daria uma boa Especial. Viajar à Fumaça sozinha foi bem impressionante. Nunca duvidei de você. Agora vejo que continua a mesma, não mudou depois da operação e percebo que nasceu para isso. Junte-se a nós.

Tally sentiu algo percorrer seu corpo quando finalmente compreendeu.

— Me conte uma coisa. Como você era em sua época de feia?

— Muito bem, Tally. — A doutora soltou outra risada de um segundo. — Já sabe a resposta, não é mesmo?

— Era uma peste.

— Exatamente como você. Todos nós éramos. Viajávamos até as ruínas, tentávamos ir além, e alguém nos trazia de volta. É por isso que deixamos os feios aprontarem... para identificar os mais espertos. Para saber quem consegue sair da prisão. É para isso que existe toda essa rebeldia, Tally... para que alguns possam ser admitidos na Divisão de Circunstâncias Especiais.

De olhos fechados, Tally sentia que a mulher estava dizendo a verdade. Lembrou-se de seus tempos de feia, de como era fácil enganar os inspetores

dos dormitórios, de como todos sempre conseguiam burlar as regras. Soltou um suspiro.

— Mas por que tudo isso?

— Porque alguém precisa manter as coisas sob controle, Tally.

— Não é isso que quero saber. Quero saber por que fazem isso com os perfeitos. Por que alteram seus cérebros?

— Por favor, Tally, ainda não está óbvio? — disse a doutora, desapontada. — O que eles ensinam na escola hoje em dia?

— Que os Enferrujados quase destruíram o mundo.

— Aí está sua resposta.

— Mas nós somos melhores que eles. Deixamos a natureza em paz, não fazemos mineração, não queimamos petróleo. Não temos guerras...

A voz de Tally começou a falhar quando ela entendeu.

A dra. Cable assentiu.

— *Nós* estamos sob controle, Tally, graças à operação. Largados à própria sorte, os seres humanos são uma praga. Eles se multiplicam sem controle, consomem todos os recursos naturais, destroem tudo em que botam as mãos. Sem a operação, os seres humanos sempre se tornam Enferrujados.

— Na Fumaça isso não acontece.

— Pare para pensar, Tally. Os Enfumaçados desmatavam suas terras, matavam animais para comer. Quando chegamos, eles estavam *queimando árvores*.

— Não eram muitas.

— E se existissem milhões de Enfumaçados? Bilhões deles, num curto espaço de tempo? Fora das nossas cidades controladas, a humanidade é uma doença, um câncer num corpo chamado mundo. Mas nós... — Ela esticou o braço e tocou o rosto de Tally. Seus dedos estavam estranhamente quentes naquela noite fria. — Nós da Circunstâncias Especiais... *nós* somos a cura.

Balançando a cabeça, Tally se afastou da doutora.

— Pode parar.

— Isso é o que você sempre quis.

— Está errada! — gritou Tally. — O que eu sempre quis foi ser perfeita. O problema é que você sempre está *no meu caminho*!

Os berros surpreenderam as duas, que não conseguiam falar enquanto

as últimas palavras ecoavam no parque. Houve um burburinho na festa, lá embaixo, com todos provavelmente se perguntando quem estaria gritando no meio das árvores.

A dra. Cable foi a primeira a se recompor, soltando um pequeno suspiro.

— Meu Deus, Tally. Relaxe. Não há razão para gritos. Se não tem interesse pela minha oferta, pode voltar à sua festa. Sinta-se à vontade para envelhecer e se tornar um perfeito metido de meia-idade. Em breve, ser borbulhante não vai fazer muita diferença. Não vai se lembrar dessa conversa.

Tally encarou a cara feia da doutora. Tinha vontade de contar sobre a cura, de rebater tudo aquilo. Suas lembranças não se perderiam. Nem no dia seguinte, nem em 50 anos. Não se esqueceria de quem era. E não precisava da Circunstâncias Especiais para se sentir viva. Apesar da dor na garganta causada pelos gritos, Tally conseguiu dizer com voz sonora e firme:

— Nunca.

— Só estou pedindo que pense um pouco. Leve o tempo que for preciso para decidir... não faz diferença para mim. Mas se lembre de como se sentiu ao cair no meio daquele gelo. Você pode se sentir daquele jeito o tempo todo. — A dra. Cable se despediu com um gesto casual. — E, se isso mudar as coisas, posso até arrumar uma vaga para seu amigo Zane. Há algum tempo o acompanho. Ele já me ajudou uma vez.

Tally sentiu um arrepio.

— Não.

— Sim. Zane foi muito prestativo em relação a David e à Fumaça, naquela vez em que acabou não fugindo — disse a doutora, antes de se virar e desaparecer por entre as árvores.

ROMPIMENTO

Aos tropeços, Tally voltou à festa.

A fogueira estava ainda maior. O calor forçava os participantes a aumentar o círculo ao seu redor. Alguém tinha requisitado turfa industrializada, em quantidade suficiente para consumir a cota mensal de emissão de carbono de todos os Crims. Para completar, eles jogavam galhos recolhidos do parque. O estalido da madeira verde lembrava Tally de quando cozinhava na Fumaça; a água no interior dos troncos recém-cortados evaporava e saía na forma de vapor, dando voz aos espíritos raivosos da floresta.

Ela olhou para a coluna de fumaça que subia, escura, em destaque contra o céu. Aquela era a origem do nome Fumaça. Como a dra. Cable tinha dito, os Enfumaçados arrancavam e queimavam árvores. Os seres humanos faziam aquilo havia milênios; séculos antes, haviam jogado gás carbônico suficiente na atmosfera para quase arruinar o clima para sempre. Só quando alguém soltou no ar uma bactéria capaz de modificar o petróleo a civilização enferrujada interrompeu o processo, e o planeta foi salvo.

Agora, completamente borbulhantes, os Crims seguiam instintivamente na mesma direção. De repente, o calor e a animação em torno da fogueira fizeram Tally se sentir mal.

Ouvia perfeitamente todas as vozes, que relembravam os saltos sobre o campo de futebol e discutiam quem tinha dado a melhor entrevista para os noticiários. A conversa devastadora com a dra. Cable havia deixado os sentidos de Tally mais aguçados. Ela distinguia cada som, registrava nitidamente cada pedaço de conversa. Os Crims pareciam bobos, repetindo relatos de suas vitórias insignificantes, várias e várias vezes. Exatamente como perfeitos.

— Magrela? — chamou uma voz.

Ao tirar os olhos da fogueira, deu de cara com Shay.

— Está tudo bem com Zane? — A expressão do rosto de Tally a deixou assustada. — Tally-wa, você está...

Shay não precisou terminar. Sua cara dizia tudo: Tally estava horrível. Ela tentou sorrir diante da novidade. Evidentemente, era efeito da cura. Tally podia continuar maravilhosa — dona de uma estrutura óssea perfeita e uma pele impecável —, mas seu rosto revelava o caos em seu interior. Agora que tinha pensamentos estranhos aos perfeitos, não se manteria linda o tempo todo. Raiva, medo e ansiedade não combinavam com a perfeição.

— Zane está bem. O problema é comigo.

Shay chegou mais perto e envolveu a amiga com um dos braços.

— Por que está tão triste, Magrela? Conte para mim.

— É só que... — Tally deu mais uma olhada na festa dos Crims. — Acho que é tudo.

— Achei que as coisas tivessem dado certo hoje — disse Shay, em voz baixa.

— Claro que sim. Foi perfeito.

— Até Zane exagerar na bebida. É isso, né?

Tally deu uma resposta vaga. Não queria mentir para Shay. Em breve, contaria tudo sobre a cura, o que incluiria as dores de cabeça de Zane.

Apertando o ombro da amiga, Shay suspirou. Ficou em silêncio por um momento antes de perguntar:

— Magrela, o que aconteceu lá em cima?

— Lá em cima onde?

— Você sabe... quando vocês escalaram a torre de transmissão. Você voltou meio diferente.

Tally mexeu no cachecol em seu pulso, desejando poder contar tudo à amiga. No entanto, era muito arriscado compartilhar a novidade sobre a cura, pelo menos até estarem em segurança, fora da cidade.

— Não sei como descrever, Vesguinha. Foi uma sensação borbulhante. Lá de cima, conseguimos ver a ilha toda. E temos a impressão de poder cair a qualquer momento. Até morrer. É muito diferente.

— Eu sei — sussurrou Shay.

— Sabe o quê?

— Sei como é. Também subi à torre. Eu e Fausto descobrimos como enganar os monitores e, ontem à noite, decidi tentar. Para ficar bem borbulhante para a ruptura.

— Sério? — Tally ficou observando o rosto de Shay. O orgulho era evidente sob a luz da fogueira; as joias implantadas em seu rosto reluziam.

Todos os Crims passavam por mudanças, mas, se Shay já andava enganando monitores e escalando a torre, então estava bem à frente do restante. — Isso é ótimo. E você subiu a torre *à noite*?

— Era a única forma de conseguir, depois que você e Zane foram pegos. Nós tínhamos planejado usar uma jaqueta de bungee jump, mas eu queria fazer como você. Eu podia ter caído... até morrido. Cheguei a me cortar num cabo. — Sorrindo, Shay mostrou uma marca vermelha na palma da mão. Logo, porém, uma expressão nada perfeita tomou conta do seu rosto. — Mas foi meio decepcionante.

— Como assim? — perguntou Tally.

— Não mudei tanto quanto achei que mudaria.

— Ah, cada um é de um jeito.

— É, acho que sim. Mas isso me fez pensar... Não foi só a escalada da torre, foi? Aconteceu mais alguma coisa naquele dia, Magrela. Até aquele dia, você não costumava ficar sozinha com Zane, mas desde então vocês dois têm uma espécie de clube secreto, rindo de suas próprias piadas e sussurrando o tempo todo. E nunca mais vão a qualquer lugar sem o outro.

— Vesguinha... Sinto muito por estarmos tão grudados. Mas, sabe como é, ele é meu primeiro namorado como perfeita.

— Foi o que pensei no início — disse Shay, sem tirar os olhos do fogo. — Mas a coisa já passou disso há muito tempo, Tally. Você está muito diferente do restante de nós. Você e ele. O Zane anda com essas dores de cabeça esquisitas, que ele tenta esconder, e você... era você gritando um minuto atrás, não era? — Tally não respondeu. — O que mudou em vocês naquele dia?

Tally apontou para o pulso.

— Shhh.

— Ei, não me mande ficar quieta! Me *conta*!

Nervosa, Tally olhou ao redor. O fogo continuava queimando os galhos, crepitando bem alto, e a maioria dos Crims se divertia cantando músicas sobre bebidas. Ninguém tinha ouvido o chilique de Shay, mas Tally não parava de pensar no metal em torno do seu pulso, sempre atento às conversas.

— Não posso contar, Vesguinha.

— Claro que pode — insistiu Shay. Iluminado pelo fogo, seu rosto parecia mudar, perdendo os traços perfeitos à medida que sua raiva

aumentava. — Tally, a verdade é que me lembrei de algumas coisas quando estava na torre, olhando para o chão e pensando se eu ia morrer. E me lembrei de outras enquanto caía no meio do gelo e subia e descia no ar sobre o campo de futebol. Várias recordações dos tempos de feia. Não é ótimo?

Tally não quis encarar a seriedade do rosto de Shay.

— Claro que é.

— Que bom que concorda. Eu me lembrei do seguinte: é por sua causa que estou aqui na cidade, Tally. Todas aquelas histórias que eu costumava contar são besteira. O que aconteceu de verdade foi que você me seguiu até a Fumaça para me trair. Não foi?

Tally sentiu o mesmo desconforto no estômago do encontro com a dra. Cable no meio das árvores. Tinha sido descoberta. Desde que havia começado a notar os efeitos das pílulas em seu organismo, ela sabia de alguma maneira que aquele momento chegaria, que Shay acabaria se lembrando dos acontecimentos de quando as duas eram feias. Só não esperava que fosse tão cedo.

— Sim, segui você para trazê-la de volta. É minha culpa tudo que ocorreu na Fumaça. Os Especiais me rastrearam e foram até lá.

— Isso. Você nos traiu. Claro, *depois* de roubar o David de mim — disse Shay, dando uma risada amargurada. — Não queria tocar no assunto "David", mas quem sabe se vou me lembrar disso amanhã... então achei melhor mencioná-lo enquanto estou borbulhante.

— Você vai se lembrar.

— Talvez. Mas coisas como o que fizemos hoje não acontecem todos os dias. Por isso, talvez amanhã você esteja fora de sintonia.

Tally respirou fundo, sentindo o cheiro da fumaça, da turfa e dos galhos queimados e do champanhe derramado. O fogo destacava os detalhes de tudo, até mesmo as curvas de suas digitais. Ela não sabia o que dizer.

— Olhe para mim — disse Shay. Sua tatuagem dinâmica girava tão rápido que as cobras não passavam de um borrão. — Me conta o que aconteceu naquele dia. Me faça permanecer borbulhante. Você me deve uma.

Era uma decisão difícil. Ela e Zane haviam prometido um para o outro que não contariam a ninguém. Pelo menos, por enquanto. Mas nenhum dos dois sabia do progresso feito por Shay. Ela estava borbulhante a ponto de

subir a torre sozinha e se lembrar do que tinha acontecido de verdade em seus tempos de feia. Provavelmente conseguiria guardar o segredo. E saber da existência da cura lhe daria esperança. Era a única maneira de Tally começar a compensar tudo o que havia feito.

Shay estava certa: Tally lhe devia uma.

— Muito bem. Outra coisa aconteceu naquele dia.

— Eu sabia. O que foi?

Tally apontou para o cachecol de Shay. Juntas, as duas o tiraram e enrolaram no pulso de Tally: mais uma camada para isolar o bracelete. Depois de suspirar de novo, Tally disse no tom mais baixo que conseguiu produzir:

— Encontramos uma cura.

Shay fez uma cara de desconfiança.

— É esse negócio de passar fome, não é?

— Não. Bem, isso ajuda. Comer pouco, tomar café, aprontar... todas essas coisas que o Zane faz há meses. Mas a verdadeira cura... é mais simples.

— E o que é? Quero tentar.

— É impossível.

— Ah, Tally, vá para o *inferno*! — Havia raiva nos olhos de Shay. — Se é possível para você, é para mim também!

— É um comprimido — explicou Tally.

— Um comprimido? Um tipo de vitamina?

— Não, um comprimido especial. Croy me entregou na noite da festa na Mansão Valentino. Shay, tente se lembrar. Antes de você e eu voltarmos à cidade, Maddy descobriu uma maneira de reverter a operação. Você me ajudou a escrever uma carta, se lembra?

Por um momento, Shay ficou sem reação, mas logo pareceu se lembrar.

— Foi quando eu era perfeita.

— Isso mesmo. Depois de resgatarmos você, quando estávamos escondidos nas ruínas.

— Engraçado. Para mim, é mais difícil me lembrar dessa época do que dos meus tempos de feia — contou Shay.

— Bem, o fato é que Maddy descobriu uma cura. Mas não tinha sido testada, era muito perigosa. Como você não queria, ela não quis forçá-la a

tomar. Sua vontade era continuar sendo perfeita. Então eu tive de me oferecer para o teste. E é por isso que estou aqui.

— E Croy trouxe o comprimido há um *mês*?

Tally segurou a mão de Shay.

— E funciona. Você viu como eu e Zane mudamos. Ficamos borbulhantes o tempo todo. Quando sairmos daqui, você vai poder... — Ao reparar na cara de Shay, Tally parou de falar por um instante. — O que houve?

— Você e Zane tomaram o comprimido?

— Sim. Havia dois comprimidos e resolvemos dividir. Fiquei com medo de tomá-los sozinha.

Shay se virou, largando a mão de Tally.

— É inacreditável, Tally.

— O quê?

— Por que ele? Por que você não deu o outro comprimido *para mim*?

— Mas eu...

— Você deveria ser minha amiga. Fiz de tudo por você. Fui eu que contei a você sobre a existência da Fumaça. Fui eu que apresentei David a você. E, quando voltou a Nova Perfeição, eu ajudei você a entrar para os Crims. Chegou pelo menos a *pensar* em dividir a cura comigo? Afinal, a culpa é sua por eu estar desse jeito.

— Não havia tempo... eu nem... — disse Tally, desconcertada.

— Não, claro que não. Você mal conhecia o Zane. Mas, como ele é o líder dos Crims, ficar com ele virou mais uma das suas missões. Igualzinho ao David, lá na Fumaça. Foi por isso que dividiu a cura com ele.

— Não foi nada disso! — gritou Tally.

— Você é assim, Tally. *Sempre* foi assim! Nenhuma cura vai mudar você... há muito tempo você trai as pessoas. Não precisou de nenhuma operação para se tornar egoísta e fútil e convencida. *Você sempre foi assim*.

Tally quis responder, mas uma sensação terrível lhe subiu pela garganta, retendo todas as palavras. Então ela notou o silêncio em torno das duas. Shay tinha chamado a atenção com seus berros. Agora, os outros Crims observavam perplexos, e só se ouvia o crepitar da madeira. Perfeitos não brigavam. Até as discussões eram raras, e com certeza ninguém gritava com outra pessoa no meio de uma festa. Comportamentos agressivos eram apenas para os feios.

Olhando para o pulso, Tally se perguntou se Shay havia falado tão alto a ponto de sua voz atravessar as camadas de tecido e plástico que isolavam o bracelete. Se a resposta fosse afirmativa, estaria tudo acabado naquela noite.

Shay se afastou dizendo bem baixinho:

— Talvez eu volte a ser perfeita amanhã, Tally. Mas juro que vou me lembrar disso. Não importa que eu diga coisas doces para você. Acredite em mim: eu *não* sou sua amiga.

E, com isso, ela se virou e entrou na floresta, quebrando os galhos congelados do caminho. Tally encarou os outros Crims, todos segurando taças de champanhe que brilhavam com a luz do luar, refletindo a chama grandiosa da fogueira. Ela partiu sozinha, constrangida com os olhares. Passados mais alguns momentos incômodos de silêncio, eles deram as costas e voltaram às suas histórias sobre a ruptura.

Tally estava confusa. A mudança no comportamento de Shay tinha sido muito inesperada e intensa para alguém que nem sequer tinha tomado a pílula. Alguns minutos de raiva de verdade a haviam transformado de uma perfeita tranquila numa criatura selvagem... Não fazia sentido.

De repente, Tally se lembrou das últimas palavras da dra. Cable, algo sobre uma ajuda de Zane à Divisão de Circunstâncias Especiais. Depois da partida de seus amigos, ele devia ter sido entregue a ela e contado tudo que sabia a respeito da Fumaça e do misterioso David, que levava os feios para lá. Talvez por isso houvesse permanecido borbulhante por tanto tempo. Sentia vergonha por não ter fugido e culpa por ter traído seus amigos.

Como Tally carregava seus próprios remorsos, ela também havia permanecido borbulhante, sem se encaixar muito bem ou se convencer do que queria de verdade, mesmo tomando muito champanhe. As antigas emoções de feia esperavam, escondidas em seu interior, prontas para provocar mudanças.

Shay também tinha sido transformada. Não pela culpa, mas por uma raiva escondida. Por trás de seu sorriso perfeito, havia lembranças reprimidas das traições que tinham lhe custado David, a Fumaça e, no fim das contas, sua liberdade. Bastou subir a torre e cair do gelo — estímulos capazes de remover os obstáculos que retinham suas memórias — para que sua raiva aflorasse. E agora ela odiava Tally.

Talvez Shay nem precisasse dos comprimidos. Talvez as lembranças dos

velhos tempos fossem suficientes. Talvez, graças a cada uma das coisas terríveis que Tally Youngblood lhe havia feito, Shay conseguisse encontrar sua própria cura.

CHUVA

Tally acordou com a mente de uma feia.

Era o que ela classificava como borbulhante. De alguma forma, a claridade acinzentada da manhã lhe parecia intensa e fulgurante, forte o bastante para causar dor. A chuva batia na janela de Zane em gotas semicongeladas, como se fossem dedos batucando.

Mas Tally não se incomodava. Pelo menos, a chuva borrava os prédios e jardins, reduzindo a vista a manchas cinza e verdes, com as luzes das outras mansões projetando fachos no vidro molhado.

O aguaceiro tinha começado ainda na noite da festa, finalmente apagando a fogueira dos Crims, como um comando da dra. Cable aos céus para inundar a celebração. Nos dois dias seguintes, Tally e Zane permaneceram presos em casa, sem poder conversar livremente entre as paredes inteligentes da Mansão Pulcher. Ela sequer havia falado da erupção de antigas lembranças em Shay ou do encontro com a dra. Cable no meio das árvores. Não que Tally fizesse muita questão de contar o que já havia confessado a Shay ou discutir as revelações da doutora sobre o passado de Zane.

Com a manhã, tinha chegado outra montanha de pings. Tally não aguentava mais tantos pedidos de gente querendo entrar para os Crims. O colapso do estádio e os dois dias de cobertura nos noticiários os haviam transformado no grupo mais badalado de Nova Perfeição. Porém, um bando de novos membros era tudo de que os Crims não precisavam. Eles precisavam permanecer borbulhantes. Tally temia, contudo, que um terceiro dia seguido sem sair de casa acabasse devolvendo todos à sua mentalidade perfeita.

Zane já tinha acordado. Bebia café e olhava pela janela, rodando o bracelete distraidamente com um dedo. Por um instante, observou Tally se revirando, mas não disse nada. O silêncio entre os dois desde que tinham recebido os braceletes criava um ar de conspiração e os segredos sussurrados sugeriam intimidade. Apesar disso, Tally se perguntava se a falta de conversa não estaria, aos poucos, separando os dois. Shay tinha

razão a respeito de uma coisa: ela mal conhecia Zane até o dia da escalada da torre. E as revelações da dra. Cable tinham mostrado que ainda não o conhecia muito bem.

Mas assim que se livrassem dos braceletes e saíssem da cidade, suas memórias se libertariam dos borrões do pensamento perfeito e nada os impediria de contar tudo um ao outro.

— Tempinho falso, hein? — comentou Tally.

— Se ficasse um pouquinho mais frio, nevaria.

— É mesmo. Neve seria totalmente perfeito. — Ela pegou uma camiseta suja do chão, fez um bolo e jogou na cabeça de Zane. — Guerra de bolas de neve!

Ele se deixou atingir pela camisa e deu um sorriso tímido. A dor de cabeça da noite da festa tinha passado, mas desde então Zane mantinha um ar sério. Mesmo sem conversar, os dois sabiam que seria necessário fugir da cidade em breve.

O problema todo estava nos braceletes.

Tally deu um puxão no seu só para testar. O bracelete escorregou pela mão e travou a poucos centímetros de sair. Ela não tinha comido quase nada no dia anterior, determinada a desaparecer, se fosse a única maneira de arrancar aquela coisa. Agora se perguntava se um dia conseguiria ficar magra o bastante. A circunferência do bracelete parecia um pouco menor que os ossos de sua mão — uma medida que nenhum regime do mundo seria capaz de alterar.

Ela ficou observando as marcas vermelhas deixadas pelo metal. O osso maior que ligava o dedão à mão era o principal obstáculo. Tally se imaginou puxando o dedo para trás, até quebrá-lo, o que deixaria muito espaço para a passagem do bracelete. Não conseguia pensar em nada mais doloroso.

Ao ouvir um ping vindo da porta, Tally soltou um suspiro. Alguém tinha cansado de ser ignorado e decidira aparecer pessoalmente.

— Nós não estamos, né? — disse Zane.

Tally deu de ombros. Com certeza, não estavam para Shay, nem para candidatos a entrar para os Crims. Depois de pensar um pouco, ela concluiu que não queria ver ninguém.

Outra vez, o ping.

— Quem é? — perguntou Tally ao quarto, sem obter uma resposta.

Quem quer que fosse, não estava usando um anel de interface.

— Isso é... interessante — comentou Zane.

Os dois se entreolharam por um instante. Tally percebeu o exato momento em que a curiosidade falou mais alto.

— Tudo bem, pode abrir — disse ao quarto.

Quando a porta se abriu, quem surgiu foi Fausto, parecendo um gato que acabara de cair num rio. Seu cabelo estava colado na testa e as roupas encharcadas, mas seus olhos brilhavam. Embaixo de cada braço, ele carregava uma prancha, com água pingando de suas superfícies ásperas.

Ele entrou no quarto, sem dizer nada, e soltou as pranchas. As duas pararam no ar, na altura do joelho, enquanto Fausto tirava quatro braceletes antiqueda e dois sensores de cintura dos bolsos. Em seguida, virou uma das pranchas e mostrou o painel de acesso em sua parte inferior. Tally saltou da cama para ver mais de perto. Os parafusos tinham sido retirados. Havia dois fios vermelhos puxados para fora, enrolados e colados com fita isolante.

Com mímica, Fausto fingiu separar os fios. Depois abriu as mãos como se perguntasse: "Aonde foram parar?" Então deu um risinho.

Tally assentia. Fausto continuava borbulhante por causa da ruptura, e sua tatuagem dinâmica continuava girando. Ele, pelo visto, não tinha desperdiçado aqueles dias e noites de chuva. As pranchas eram modificadas, no estilo dos feios. Com os fios separados, os orientadores e rastreadores deixavam de funcionar, liberando as pranchas da rede da cidade.

Assim que se livrassem dos braceletes, Zane e Tally poderiam voar para qualquer lugar que quisessem.

— Muito bom — disse ela, em voz alta, sem se importar que as paredes estivessem ouvindo.

Eles nem esperaram o sol sair.

Voar na chuva era como ficar parado embaixo de um chuveiro congelante. Graças aos óculos de proteção e tênis de solado aderente fornecidos pelo buraco na parede, era possível se manter sobre as pranchas, mas com certa dificuldade. O vento forte fazia o casaco de Tally colar em sua pele, tirando o capuz de sua cabeça e ameaçando derrubá-la em todas as curvas.

Os reflexos dos tempos de feia não tinham sumido. Pelo contrário: a operação tinha melhorado seu equilíbrio. Mesmo com o aquecimento do casaco no máximo, a chuva gelada evitava que Tally mergulhasse num estado de confusão perfeita. Com o coração acelerado e os dentes batendo de frio, seus pensamentos mantinham-se totalmente aguçados.

Ela e Zane dispararam na direção do rio, voando no nível das copas das árvores e seguindo os caminhos do Parque Denzel. Os galhos dançavam ao sabor do vento, como braços tentando agarrá-los e jogá-los no chão. À medida que Tally se virava nas curvas, cortando o ar com as mãos, os últimos sinais da perfeição da manhã desapareciam. O peso do sensor na cintura — responsável por informar seu centro de gravidade à prancha — trazia recordações das expedições às Ruínas de Ferrugem com Shay e lembrava como era fácil sair escondida da cidade em seus tempos de feia.

Só a presença inescapável do bracelete de interface estragava o humor de Tally. Embora a outra pulseira, contra quedas, fosse grande o bastante para cobri-lo, ela ainda pensava na algema cortando sua pele.

Assim que alcançaram o rio, eles passaram a seguir seu percurso, deslizando por baixo de pontes e batendo com a prancha nas ondas causadas pelo vento. Rindo descontroladamente, Zane passou por Tally e deixou a parte de trás da prancha bater na água, respingando para todos os lados.

Tally se agachou, evitando a maior parte da água, e depois se lançou adiante para recuperar a vantagem. Cruzando o caminho de Zane, ela tocou o rio com a prancha, o que fez subir uma parede de água na frente dele. Pôde ouvir seu grito de empolgação ao cruzar o obstáculo.

Encharcada e resfolegante, Tally se perguntou se aquela era a sensação de ser um Especial. Sentidos aguçados, percepção intensa de todos os momentos, corpo funcionando como uma máquina. Ela se lembrou de Maddy e Az dizendo que os Especiais não tinham as lesões — eles eram curados.

Obviamente, havia um preço em ser um Especial, como o novo rosto: dentes de lobo e olhos frios e sombrios que assustavam todo mundo. E a aparência de filme de terror não se comparava a ter de trabalhar para a Divisão de Circunstâncias Especiais; ser obrigado a perseguir feios fugitivos e a acabar com qualquer um que fosse considerado uma ameaça à cidade.

E se a operação dos Especiais mudasse o cérebro de outra maneira? Por

exemplo, deixando a vítima obediente em vez de vazia? Com toda aquela velocidade e força, fugir da cidade seria fácil. Mas e se a operação implantasse algo parecido com o bracelete em seu corpo, algo que permitisse sua localização a qualquer instante?

Um jorro d'água lembrou Tally de que tinha de prestar atenção à brincadeira. Ela subiu até passar por cima de uma ponte de pedestres. Lá embaixo, Zane olhava para trás, desconfiado, tentando descobrir para onde Tally havia ido.

Ela despencou bem à sua frente, atingindo o rio com um som semelhante ao de um tapa e provocando uma explosão de água. Na hora, percebeu que tinha ido rápido demais. Naquela velocidade, a água era dura como pedra. Com o impacto, seus pés escorregaram, e Tally percebeu que estava caindo...

Mas não durou muito: os braceletes antiqueda entraram em ação, segurando seus pulsos com tudo e fazendo-a parar com um rodopio.

Ela acabou com metade do corpo embaixo d'agua, suspensa pelos braceletes, gritando desesperadamente ao descobrir o quanto se podia ficar molhado ali. Ao menos, sentiu-se satisfeita por também ter derrubado Zane.

— Manobra *totalmente* borbulhante, Magrela — gritou ele, enquanto subia na prancha.

Sem fôlego para responder, Tally fez o mesmo e depois se deitou de bruços, rindo da situação. Os dois seguiram em silêncio até a terra firme.

Na margem lamacenta do rio, eles se abraçaram para se esquentar. O coração de Tally ainda batia rápido. Os dois observavam a água castigada pela chuva prolongando-se para todos os lados como um campo de flores.

— É lindo — disse Tally, tentando imaginar como seria a vida na natureza ao lado de Zane, experimentando aquela sensação todos os dias, livre das restrições mentais impostas pela cidade.

Ela tirou o bracelete antiqueda para dar uma olhada no pulso, que latejava. Na queda, a algema de metal havia provocado um corte. Tally tentou puxá-la, mas, apesar da pele molhada, o acessório emperrava no mesmo lugar.

— Continua preso.

Zane segurou sua mão.

— Não fique forçando, Tally. — Ele cobriu o bracelete com o casaco.

— Só vai conseguir deixar seu pulso inchado — sussurrou.

Depois de soltar um palavrão, ela pôs o capuz na cabeça. A chuva caía no plástico, enquanto dedos impacientes batucavam.

— Achei que com a água...

— Nada disso. O frio faz o metal se retrair. Portanto, o mais provável é que o bracelete esteja mais apertado — explicou Zane.

Tally olhou para ele, como se tivesse descoberto algo.

— Isso quer dizer que fica maior quando está quente?

Por um momento, Zane não soube o que responder. Mas finalmente disse, numa altura que Tally mal conseguia ouvir no meio da chuva:

— Se ficasse *realmente* quente? Talvez se dilatasse um pouco.

— Quanto?

Ele deu de ombros, uma reação quase imperceptível sob o casaco pesado, mas parecia interessado.

— Quanto calor você aguenta?

— Imagino que não esteja falando de uma vela — disse Tally.

— Algo muito mais quente. Algo que, no máximo, poderíamos controlar para não torrar suas mãos. Mas haveria queimaduras.

Tally olhou para o volume sob sua manga comprida e suspirou.

— Deve ser melhor do que quebrar o próprio dedão.

— Quebrar o quê?

— Era só um negócio que eu...

Sua voz sumiu de repente.

Zane seguiu o olhar de Tally até o outro lado do rio. Na margem oposta, duas pessoas os observavam de cima de pranchas, com os rostos escondidos pelos capuzes dos casacos.

Tally ainda tomou cuidado para não falar muito alto.

— Enfumaçados? — perguntou.

— Não, estão usando casacos de alojamentos.

— O que dois feios da cidade estariam fazendo aqui na chuva?

Zane se levantou.

— Talvez devêssemos ir lá perguntar.

CORTADORES

Na margem do rio pertencente a Vila Feia, os quatro buscaram proteção sob uma lona que cobria o reciclador de papel, bem escondidos de curiosos e livres da chuva. Os dois feios não usavam anéis, o que deixou Tally aliviada. Não haveria registro daquele encontro na rede da cidade.

— É você mesma, Tally? — murmurou a garota.

— Ahn, sim. Está me reconhecendo do noticiário?

— Não! Sou eu, Sussy. E esse aqui é o Dex. Não se lembra de nós?

— Refresque minha memória.

A garota ficou sem reação. Ela usava um cordão de couro no pescoço, um objeto que se poderia esperar num Enfumaçado — feito artesanalmente e desbotado pelo tempo. Onde teria conseguido?

— Ajudamos você com aquele negócio. "A Fumaça vive", se lembra? — tentou o garoto. — Quando você era... feia.

Aos poucos, uma imagem se formou na cabeça de Tally: enormes letras incandescentes que serviam de distração enquanto ela e David invadiam a Divisão de Circunstâncias Especiais. Estava diante de dois dos feios que tinham organizado a ação e depois os tinham ajudado a se esconderem nas Ruínas de Ferrugem, trazendo notícias e suprimentos da cidade e desviando a atenção de guardas e Especiais.

— Você se esqueceu mesmo de nós — disse Dex. — Então é verdade que eles mexem nos seus cérebros.

— Sim, é verdade — confirmou Zane. — Mas vamos falar mais baixo, por favor.

O barulho da chuva caindo na lona era equivalente ao de uma turbina de avião, o que obrigava todos a falar alto. Às vezes era preciso avisar aos dois feios que controlassem um pouco o volume da voz.

Dex olhou para o pulso de Tally, onde se viam o bracelete antiqueda e o cachecol enrolado. A impressão era de que ele não acreditava que ainda havia outro dispositivo registrando a conversa por baixo de tudo.

— Foi mal.

Quando voltou a encarar Tally, Dex não conseguiu disfarçar o espanto com sua transformação. Sussy permaneceu em silêncio; estava perplexa e prestava atenção a cada palavra. Sob o olhar dos dois, Tally se sentia mais viva e estranhamente poderosa. Era óbvio que eles fariam qualquer coisa que ela ou Zane pedissem. Depois de ganhar um cérebro perfeito, Tally tinha passado a se achar merecedora daquele tipo de devoção. Mas agora, com a mente liberta, era algo meio embaraçoso.

No entanto, conversar com os dois feios foi menos esquisito do que havia imaginado inicialmente. Os pensamentos nada perfeitos de Tally no último mês tinham tornado mais fácil encarar seus rostos cheios de defeitos. Ela não se sentia tão horrorizada como em seu primeiro encontro com Croy. O pequeno espaço entre os dentes da frente de Sussy não causava repulsa; na verdade, tinha até um certo charme. Nem as espinhas de Dex provocavam reações mais intensas.

— Mas os danos não foram permanentes — dizia Zane. — Estamos começando a ficar mais espertos. Aliás, isso é algo que vocês não podem sair espalhando para todo mundo, combinado?

Obedientes, os dois fizeram que sim. Apesar disso, Tally se perguntou se sugerir a existência de uma cura para uma dupla de feios valia o risco. Por outro lado, Sussy e Dex podiam representar o modo mais rápido de levar uma mensagem à Nova Fumaça.

— Quais são as novidades das ruínas? — perguntou ela.

Sussy se aproximou e disse bem baixinho:

— Foi por isso que viemos aqui. Pelo que sabíamos, todos os Novos Enfumaçados tinham desaparecido. Até a noite passada.

— O que aconteceu na noite passada?

— Bem, desde que eles sumiram, temos ido às ruínas à noite com frequência — respondeu Dex. — Damos uma olhada nos principais lugares, acendemos sinalizadores. Mas não encontramos nada no mês inteiro.

Tally e Zane se olharam. Croy tinha deixado os comprimidos cerca de um mês antes. Aquilo provavelmente não era coincidência.

— Mas ontem encontramos algumas coisas num antigo esconderijo — contou Sussy. — Sinalizadores usados e revistas antigas.

— Revistas antigas? — repetiu Tally.

— Isso. Dos tempos dos Enferrujados. Daquele tipo que mostrava como todos eram feios.

— Não acredito que os Novos Enfumaçados fossem deixar revistas desse tipo jogadas por aí — disse Tally. — São preciosidades. Conheci uma pessoa que morreu para protegê-las. Eles devem ter voltado.

— Mas devem estar bem escondidos — ponderou Dex. — Tomando cuidado.

— Por quê? — perguntou Zane. — E até quando?

— Como vamos saber? — disse Dex. — Foi por isso que viemos aqui hoje. A chuva nos ajudaria a entrar em Nova Perfeição às escondidas para encontrar você, Tally. Achamos que poderia ter alguma pista.

— Depois de ver sua cara nos jornais no outro dia, concluímos que havia algo acontecendo — completou Sussy. — Aquele lance no estádio foi uma armação, não foi?

— Que bom que percebeu — disse Tally. — Era para os Novos Enfumaçados terem percebido também. E, aparentemente, foi o que aconteceu.

— Achamos que vocês deviam saber algo a respeito — prosseguiu Sussy. — Principalmente depois de vermos alguns de seus amigos perfeitos aqui em Vila Feia.

Tally franziu a testa.

— Perfeitos? Aqui?

— Sim, no Parque Cleópatra. Reconheci alguns deles dos noticiários. Se não me engano, eram Crims. Esse é o nome da turma de vocês, não é?

— É, sim, mas...

Foi a vez de Sussy estranhar:

— Vocês não sabiam?

Tally fez que não. Nos últimos dias, tinha recebido pings de outros Crims, a maioria reclamando da chuva. Mas nenhum falava em idas à Vila Feia.

— E o que eles estavam fazendo? — perguntou Zane.

Dex e Sussy trocaram olhares preocupados.

— Ahn, nós não temos certeza — disse Sussy. — Eles não queriam falar conosco. Nos mandaram ir embora.

Tally soltou lentamente o ar dos pulmões. Embora tivessem permissão para frequentar o outro lado do rio — podiam ir aonde quisessem dentro da cidade —, os perfeitos nunca botavam os pés em Vila Feia. Portanto, o Parque Cleópatra seria um excelente lugar para alguns momentos de

privacidade, principalmente no meio de uma chuva torrencial. A pergunta era: privacidade para quê?

— Você não pediu para todo mundo manter a discrição por um tempo? — perguntou Zane.

— Pedi, sim — respondeu Tally. Ela se perguntava quais dos Crims estariam por trás de tudo aquilo. E também o que seria "aquilo". — Nos levem até lá — pediu.

Sussy e Dex levaram os dois até o parque, num voo a baixa velocidade, sob a chuva insistente. Imaginando que devia haver alguém monitorando a posição dos braceletes, Tally pediu que pegassem um caminho indireto. A jornada acabou proporcionando visões de lugares de que ela só lembrava parcialmente da infância: alojamentos e escolas para feios, parques encharcados e campos de futebol vazios.

Apesar do dilúvio, alguns feios se aventuravam fora de casa. Um grupo se revezava em descidas de um monte, gritando enquanto corriam para provocar um deslizamento humano. Outros brincavam de pique no pátio do alojamento, escorregando e caindo e acabando tão enlameados quanto os anteriores. Estavam todos se divertindo muito para notar a passagem silenciosa de quatro pranchas lá em cima.

Tally se perguntou se tinha aproveitado tão bem seus tempos de feia. Sua única recordação daquela época era o desejo intenso de se tornar perfeita, de cruzar o rio e deixar tudo aquilo para trás. Agora, pairando sobre a terra, com o rosto perfeito escondido pelo capuz, sentia-se como uma espécie de espírito que invejava os vivos e tentava se lembrar de como era ser um deles.

O Parque Cleópatra, localizado na parte mais alta do cinturão verde em torno de Vila Feia, estava vazio. As passarelas tinham se transformado em pequenos córregos que levavam a água da chuva para o rio. Os animais se escondiam, à exceção de alguns pássaros estropiados que se agarravam aos galhos dos enormes pinheiros, caídos sob a força da tormenta.

Conduzidos por Sussy e Dex, eles chegaram a uma clareira demarcada com bandeiras de slalom. Tally teve a sensação de reconhecer o lugar.

— Este é um dos lugares preferidos de Shay. Ela me ensinou a voar na prancha aqui.

— Shay? — estranhou Zane. — Mas ela nos contaria se estivesse aprontando alguma, não contaria?

— Ahn, talvez não — disse Tally, baixinho. Não tinha recebido nenhum ping de Shay desde a briga. — Faz um tempo que quero contar isto a você: ela está meio chateada comigo atualmente.

— Caramba — comentou Sussy. — Eu achava que todos os perfeitos se adoravam.

— Normalmente é assim — explicou Tally. — Bem-vinda ao novo mundo.

Zane fez uma cara de preocupado.

— Acho que eu e Tally precisamos ter uma conversinha — pediu, olhando para os dois feios.

Eles levaram um tempo para entender o recado.

— Ah, claro — disse Sussy, finalmente. — Vamos nessa. Mas e se...?

— Se os Novos Enfumaçados aparecerem, me mande um ping — disse Tally.

— A cidade não bisbilhota seus pings?

— Provavelmente. Diga apenas que nos viu nos noticiários e que quer se juntar aos Crims quando completar 16 anos. Deixe a verdadeira mensagem embaixo daquele reciclador, que eu mando alguém pegar. Combinado?

— Combinado — respondeu Sussy, com um sorriso que mostrava os dentes separados.

Tally deduziu que os dois iriam às ruínas todos os dias, com ou sem chuva, à procura dos Novos Enfumaçados, satisfeitos por terem recebido uma missão. Ela deu um sorriso perfeito.

— Obrigada por tudo.

Depois da partida dos feios, Tally e Zane permaneceram em silêncio por um minuto, observando a clareira de um ponto cheio de árvores. As bandeiras de plástico se curvavam por causa da chuva; o vento não tinha a força necessária para as levantar. Em alguns pontos, a água se acumulava, e as poças resultantes refletiam o céu cinzento como se fossem espelhos irregulares. Tally se lembrou de voar desviando das bandeiras, em seus tempos de feia, aprendendo a se inclinar e a fazer as curvas. Na época em que ela e Shay eram amigas de verdade...

Tally não conseguia imaginar por que Shay iria àquele lugar. Talvez fossem apenas alguns Crims dando um passeio de prancha, com o objetivo de permanecerem borbulhantes. Nada de mais.

Assim que se sentou, Tally se deu conta de que não havia mais desculpas para não ser sincera com Zane. Era hora de admitir o que tinha feito à Fumaça e que tinha falado da cura com Shay. Também precisava discutir o que a dra. Cable lhe havia revelado sobre Zane. Mas Tally não estava muito disposta a conversar, e a chuva e o frio não ajudavam. Já tinha colocado o aquecimento do casaco no máximo. A sensação borbulhante garantida pelo voo na prancha havia passado, substituída pela raiva por esperar tanto. E os braceletes sempre vigilantes tornavam muito cômodo evitar assuntos delicados.

— Então, o que aconteceu entre você e Shay? — perguntou Zane, num tom sereno, mas revelando certa frustração.

— A memória dela está começando a voltar — disse Tally, com os olhos fixos numa poça de lama, observando as gotas que conseguiam passar pelos pinheiros se desfazerem na superfície da água. — Na noite da ruptura, Shay ficou com muita raiva de mim. Ela me culpa pelo fato de os Especiais terem encontrado a Fumaça. O que, aliás, é verdade. Eu os traí.

— Eu já tinha imaginado isso. Em todas as histórias que vocês contavam antes da cura, você resgatava Shay da Fumaça. Parecia um jeito perfeito de compensar uma traição.

Tally ficou surpresa.

— Quer dizer que você sabia?

— Que você agiu como agente infiltrada para a Circunstâncias Especiais? Deduzi isso.

— Ahn. — Tally não conseguia decidir se sentia alívio ou vergonha. Como o próprio Zane havia colaborado com a dra. Cable, talvez entendesse sua posição. — Não era minha vontade, Zane. No início, fui lá mesmo para buscar Shay, e em troca eles me deixariam perfeita. Acontece que, depois, mudei de ideia. Eu quis ficar na Fumaça. Tentei destruir o rastreador que eles me deram, mas em vez disso acabei transmitindo a localização. Apesar de querer fazer a coisa certa, virei uma traidora.

— Tally, todos nós somos manipulados pelas pessoas que comandam esta cidade. Shay tem de entender.

— O problema é que não foi só isso. Eu também roubei David dela.

Quando estávamos na Fumaça.

— Ah, esse cara de novo — disse Zane, contrariado. — Bem, imagino que ela esteja mesmo muito chateada com você. Pelo menos, isso vai mantê-la borbulhante.

— É, muito borbulhante. E há mais uma coisa que a deixou com raiva. Eu contei a ela sobre a cura.

— *Você fez o quê?*

No meio da chuva, as palavras sussurradas por Zane pareceram vapor escapando de um cano.

— Eu precisava — tentou explicar Tally, gesticulando. — Zane, ela já estava quase deduzindo por conta própria. Achava que podia se curar sozinha. Até subiu a torre da Mansão Valentino, como nós, achando que aquele era o segredo da nossa mudança. Obviamente, não funcionou, pelo menos não como os comprimidos. Então ela ficou me perguntando o que havia acontecido. Disse que eu tinha a obrigação de contar, depois de tudo que fiz nos tempos de feia.

— Quer dizer que você contou a ela sobre os comprimidos? Ótimo. Mais uma coisa para dar errado.

— Mas, Zane, ela anda totalmente borbulhante. Não acredito que seja capaz de nos trair. Pelo menos, ficar sabendo dos comprimidos a deixou tão furiosa que talvez continue borbulhante para o resto da vida.

— Como assim furiosa? Só porque você está curada e ela não?

— Não — disse Tally, suspirando. — Porque *você* está curado.

— Como é que é?

— Eu devia isso a *ela*, mas foi você quem ganhou o comprimido.

— Não havia tempo para...

— Sei disso, Zane. Só que ela não entende. Para ela, é como se...

Tally sentiu lágrimas quentes se acumulando em seus olhos. O resto de seu corpo, porém, estava gelado, e seus dedos já estavam dormentes. Ela começou a tremer.

— Está tudo bem, Tally — disse Zane, pegando sua mão e apertando com força por cima da luva.

— Você tinha que ter ouvido, Zane. Ela me odeia de verdade.

— Escute. Sinto muito por isso. Mas fico feliz por ter sido eu.

Tally encarou Zane, já com a visão borrada pelas lágrimas.

— É. Deve ser ótimo ter todas essas dores de cabeça.

— É melhor do que continuar com um cérebro perfeito — disse ele. — Mas não foi isso que eu quis dizer. Não foi apenas por ter encontrado os comprimidos. Fico feliz por... você e eu.

Ela percebeu que Zane estava rindo. Os dedos dele, entrelaçados com os seus, também tremiam por causa do frio. Tally conseguiu devolver o sorriso.

— Eu também.

— Não deixe que Shay a faça se sentir mal a respeito de nós dois, Tally.

— Claro que não.

Tally se deu conta de que suas palavras eram totalmente sinceras. Shay podia pensar o que quisesse; compartilhar a cura com Zane tinha sido a decisão certa. Ele a havia mantido borbulhante, ajudando nos testes impostos pelos Enfumaçados e dando incentivo para que ela corresse o risco de tomar os comprimidos. Naquele dia, Tally tinha encontrado mais que uma cura para a perfeição de seu cérebro; tinha encontrado alguém para seguir em frente ao seu lado e superar todos os acontecimentos infelizes do verão.

Nos seus tempos de criança, Peris tinha prometido que os dois seriam amigos para sempre. No entanto, no dia em que ele completou 16 anos, deixou Tally para trás em Vila Feia. Depois, ela perdeu a amizade de Shay, ao entregá-la à Divisão de Circunstâncias Especiais e roubar David. Agora, até David estava desaparecido, escondido em algum lugar da floresta. Uma vaga lembrança na mente de Tally. Ele sequer tinha se dado ao trabalho de levar os comprimidos, tarefa que acabou cabendo a Croy. Tally sabia muito bem o que aquilo significava.

Mas Zane...

Tally observou seus perfeitos olhos dourados. Ele estava ali naquele momento, em carne e osso, e ela fora burra o bastante para permitir que seu passado confuso atrapalhasse o que havia entre os dois.

— Eu devia ter contado tudo sobre Shay antes. O problema é que as paredes inteligentes...

— Está tudo bem. Só saiba que sempre poderá confiar em mim.

Ela apertou a mão dele.

— Eu sei.

— Naquele dia, ainda não nos conhecíamos muito bem, né? — disse ele, tocando seu rosto.

— Acho que arriscamos. Foi meio esquisito.

— É assim que as coisas acontecem. Geralmente, sem pílulas misteriosas ou Especiais botando a porta abaixo. Fora isso, é sempre um risco... dar um beijo numa pessoa diferente.

Concordando, Tally chegou mais perto. Seus lábios se encontraram num beijo lento e intenso, embaixo da chuva gelada. Ela podia sentir Zane tremendo. Os capuzes dos dois se juntaram para isolá-los do resto do mundo, criando um espaço exclusivo, aquecido pela respiração de ambos.

— Ainda bem que era você comigo naquele dia — sussurrou Tally.

— Sorte a nossa.

— Eu... Ah!

Ela se afastou, esfregando o rosto afoitamente. Uma gota minúscula havia entrado no capuz e corrido pela bochecha de Tally como uma lágrima gélida e malévola.

Zane riu e tratou de se levantar.

— Vamos, não podemos ficar aqui para o resto da vida. Vamos voltar para casa, tomar café da manhã e botar umas roupas secas.

— Eu não estava reclamando.

Mantendo o sorriso no rosto, Zane apontou para o pulso.

— Se ficarmos parados no mesmo lugar por muito tempo, alguém pode ficar curioso para saber o que há de tão interessante aqui em Vila Feia.

— Isso não importa.

Zane estava certo. Eles precisavam voltar para casa. Fora alguns eliminadores de calorias e cafés, não tinham comido nada. Embora seus casacos fossem aquecidos, o esforço físico feito em cima da prancha e a queda inesperada no rio congelante resultavam numa sensação inevitável de cansaço. A fome, o frio e o beijo estavam deixando Tally atordoada.

Com um estalar de dedos, a prancha de Zane subiu no ar.

— Espere um pouco — pediu ela. — Tenho de contar mais uma coisa sobre a noite da ruptura.

— Pode falar.

— Depois que levei você para casa...

A lembrança do rosto animalesco da dra. Cable lhe deu um arrepio, mas Tally se controlou respirando pausadamente. Ela devia ter tirado Zane de perto das paredes inteligentes da Mansão Pulcher antes para lhe contar sobre o encontro com a doutora. Não queria mais guardar segredos.

— O que houve, Tally?

— Ela estava me esperando... A dra. Cable.

O nome deixou Zane sem reação por um momento.

— Eu me lembro dela — disse.

— Sério?

— É meio difícil esquecer alguém como ela.

Com os olhos perdidos na clareira, Zane ficou em silêncio. Como não sabia se ele pretendia dizer mais alguma coisa, Tally tomou a palavra:

— Ela me fez uma oferta meio estranha. Queria saber se eu tinha...

— Shhh!

— O que...

Zane pôs a mão sobre sua boca e depois se agachou no meio da lama, puxando-a para perto de si. Por entre as árvores, um grupo de pessoas caminhava na direção da clareira. Avançavam devagar, usando roupas pesadas quase idênticas, com cachecóis pretos enrolados nos pulsos. Apesar disso, Tally reconheceu os olhos brilhantes e as tatuagens dinâmicas de um dos integrantes imediatamente.

Era Shay.

RITUAL

Tally contou dez pessoas marchando numa determinação silenciosa pelo meio da lama. Ao alcançarem a área central da clareira, eles formaram um círculo em volta de uma das bandeiras de slalom. Shay se posicionou no centro, girando lentamente, observando os companheiros com os olhos escondidos pelo capuz. Os outros, separados por uma distância equivalente a um braço, encaravam Shay, aguardando em silêncio.

Depois de um momento imóvel, Shay deixou o casaco cair no chão, tirou as luvas e abriu os braços. Agora usava apenas uma calça comprida, uma camiseta branca sem manga e um bracelete falso de metal no pulso esquerdo. Curvando a cabeça para trás, sentiu a chuva em seu rosto.

Arrepiada, Tally se encolheu dentro do casaco, numa reação instintiva. Shay estaria tentando morrer de frio?

As outras pessoas permaneceram paradas por um instante. Depois de trocarem olhares estranhos entre si, seguiram o exemplo de Shay, tirando seus casacos, suéteres e luvas. Assim que seus rostos se revelaram, Tally reconheceu mais dois Crims: Ho, um dos velhos amigos de Shay, que tinha fugido para a Fumaça e depois voltado por livre e espontânea vontade; e Tachs, que tinha se juntado ao grupo algumas semanas antes dela.

No entanto, os outros sete perfeitos não tinham relação com os Crims. Eles se abaixaram lentamente, abraçando os casacos com força antes de largá-los no chão. Depois que Ho e Tachs esticaram os braços, os outros acompanharam com relutância. A chuva caía pesada sobre seus rostos e deixava suas camisetas brancas coladas à pele.

— O que eles estão fazendo? — perguntou Zane, num sussurro.

Tally apenas balançou a cabeça para indicar que não sabia. Ela notou que Shay tinha feito uma nova cirurgia, uma espécie de código tatuado em relevo que se estendia do cotovelo ao pulso. E, aparentemente, Ho e Tachs haviam copiado o desenho.

Com o rosto para cima, voltado para a bandeira, Shay começou a falar. Parecia delirante conversando com uma pessoa inexistente. Sua voz não atravessava a clareira, à exceção de palavras esparsas. Por isso, Tally não

conseguia entender nada. O ritmo sugeria um cântico, algo parecido com as orações que, num passado distante, os Enferrujados e Pré-Enferrujados ofereciam a heróis invisíveis dos céus.

Depois de alguns minutos, Shay ficou em silêncio. Sem dizer uma palavra, o grupo se levantou. Todos tremiam por causa do frio, menos a aparentemente desequilibrada Shay. Tally percebeu que os que não eram Crims também tinham tatuagens dinâmicas no rosto, com o resultado das cirurgias recentes brilhando sob a chuva. Ela supôs que, depois do desastre no estádio, as tatuagens circulares tinham se tornado uma mania. Mas não deixava de ser uma incrível coincidência que todos os sete as exibissem.

— Aqueles pings dos candidatos a Crims — sussurrou para Zane. — Shay está recrutando.

— Mas por quê? Nós todos concordamos que novatos são a última coisa de que precisamos neste momento.

— Talvez ela precise deles.

— Para quê? — perguntou Zane.

Tally sentiu um calafrio.

— Para isso.

— Não vamos aprová-los — disse Zane, depois de soltar um palavrão.

— Não acho que ela esteja preocupada com nosso veto. Aliás, não tenho muita certeza de que ela ainda seja...

A voz de Shay voltou a se manifestar no meio da chuva. Ela levou a mão ao bolso de trás e pegou um objeto que reluzia sob a luz acinzentada. Era um canivete.

Os olhos de Tally se arregalaram, mas nenhum dos perfeitos do círculo pareceu surpreso. Suas expressões revelavam uma mistura de um leve medo e empolgação.

Segurando o canivete no alto, Shay continuou falando, no mesmo ritmo lento e calculado. Tally ouviu uma palavra tantas vezes que conseguiu entendê-la: “cortadores”.

— Vamos sair daqui — disse, tão baixinho que Zane pareceu não ouvir.

Ela queria subir na prancha e ir embora, mas descobriu que não conseguia se mexer, nem desviar ou fechar os olhos.

Shay segurou o canivete com a mão esquerda e encostou a lâmina no antebraço direito. O metal molhado brilhava. Então ela levantou os dois

braços, girando devagar, encarando cada um dos presentes com seu olhar penetrante. Depois voltou a virar o rosto para a chuva.

Os movimentos de Shay eram tão sutis que, de onde estava, Tally mal os enxergava. Na verdade, ela sabia o que tinha acontecido pelas reações dos outros. Todos pareciam estar trêmulos e seus olhos se arregalavam num estado de fascinação apavorada. A exemplo de Tally, eles não conseguiam parar de assistir.

Então o sangue começou a escorrer da ferida, descendo pelo braço erguido de Shay até o ombro, alcançando a camiseta e se espalhando numa mancha mais próxima do rosa do que do vermelho.

Ela se virou mais uma vez, para encará-los, um por um. Seus movimentos lentos e calculados eram tão perturbadores quanto o sangue que escorria de seu braço. Agora os outros tremiam de maneira visível, trocando olhares discretos entre si.

Finalmente Shay baixou o braço, balançando um pouco o corpo, e apontou o canivete para a frente. Ho deu um passo adiante para pegá-lo, e os dois trocaram de lugar.

— O que é tudo isso? — perguntou Zane.

Tally balançou a cabeça e fechou os olhos. O barulho da chuva tinha se tornado estrondoso, mas apesar disso ela ainda conseguiu ouvir suas próprias palavras:

— Essa é a nova cura de Shay.

Um por um, os outros repetiram os gestos de Shay.

Durante todo o tempo, Tally esperou que alguém saísse correndo, assustado. Se um deles tentasse fugir, o restante iria atrás, espalhando-se pela floresta como um bando de coelhos. Porém, alguma coisa — o cenário sombrio, a chuva incessante ou talvez a expressão de delírio no rosto de Shay — os mantinha presos aos seus lugares no círculo. Eles assistiam e, quando chegava a vez, se cortavam. E, ao fazerem isso, suas expressões ficavam mais parecidas com a de Shay: enlevadas e insanas.

A cada corte, Tally sentia uma dor profunda. Ela sabia que havia mais que absurdo naquele ritual. A noite da festa a fantasia permanecia em sua memória. O medo e o pânico a tinham deixado suficientemente borbulhante para ir atrás de Croy, mas não a tinham tirado de seu estado de perfeição. Só quando o joelho de Peris acertou sua cara — fazendo um

corte em sua sobrancelha — Tally realmente passou a ver as coisas com nitidez.

Shay admirava aquela cicatriz. Tanto que havia sugerido uma tatuagem em sua homenagem. Pelo visto, também tinha compreendido a mudança provocada pelo machucado em Tally, levando-a a Zane, depois a *escalar* a torre de transmissão e, finalmente, à cura.

Agora Shay estava compartilhando seu conhecimento.

— Isso é culpa nossa — murmurou Tally.

— Como assim?

Com os braços abertos, Tally apontou para o cenário diante dos dois. Ela e Zane tinham dado tudo de que Shay precisava para espalhar a cura: fama na cidade inteira e centenas de perfeitos desesperados para se tornarem Crims — capazes de dar o sangue para se tornarem Crims. Ou o que quer que aquilo fosse. "Cortadores", nas palavras de Shay.

— Ela não é mais uma de nós — explicou Tally.

— Por que estamos aqui sem fazer nada? — disse Zane, com os punhos cerrados e o rosto já avermelhado por baixo do capuz.

— Zane, acalme-se.

Tally segurou sua mão.

— Nós devíamos impedir que...

A frase foi interrompida por uma tosse engasgada. Seus olhos estavam bem abertos.

— Zane? — chamou Tally. Ele respirava com dificuldade e agarrava o ar com as mãos. — Zane! — gritou Tally, segurando a outra mão dele e examinando seus olhos arregalados.

Ele não estava respirando. Tally virou-se para a clareira, buscando ajuda, nem que fosse dos Cortadores. Algumas das pessoas tinham ouvido o grito, mas não faziam nada além de olhar em sua direção, com sangue escorrendo e tatuagens girando, distraídos demais para tomar uma atitude.

Tally arrancou o cachecol que cobria o bracelete para enviar um ping de socorro. Antes que pudesse dizer algo, porém, Zane a deteve. Com uma expressão de dor, disse:

— Não.

— Zane, você precisa de ajuda!

— Estou bem... — garantiu, lutando para pronunciar as palavras.

Por um momento, Tally imaginou Zane morrendo ali, em seus braços.

No entanto, se ela chamasse os guardas, os dois poderiam acabar na mesa de cirurgia, condenados a serem perfeitos para o resto da vida. E a cura de Shay seria a única existente.

— Tudo bem. Mas vou levar você ao hospital.

— Não!

— Não vamos entrar. Só vamos chegar o mais perto possível e esperar para ver o que acontece.

Tally botou Zane em cima da prancha e, com um estalar de dedos, a fez sair do chão. Em seguida, ela se deitou por cima dele. A prancha balançou, com dificuldade para suportar o peso dos dois. Assim que os sustentadores se firmaram no ar, Tally se projetou para a frente, cuidadosamente.

Quando a prancha começou a se mover, ela olhou para trás, na direção da clareira. Agora todos estavam voltados para Tally e Zane. Shay se aproximava com uma expressão perversa no rosto.

De repente, Tally se viu dominada pelo medo, do mesmo jeito que se sentia ao se deparar com Especiais. Fez força com os pés, curvando o corpo e finalmente subindo por entre as árvores, deixando aquele lugar para trás.

A viagem até o rio foi apavorante. Com os braços e pernas de Zane espalhados em todas as direções, a prancha ameaçava virar a cada curva. Tally passou os braços por trás de seu corpo e cravou as unhas na superfície áspera da parte inferior. As manobras, feitas com as pernas, tinham a mesma graça de um bêbado tentando caminhar. Sentindo a chuva gelada no rosto, ela se lembrou dos óculos que levava no bolso do casaco, mas não havia como pegá-los sem parar.

E não havia tempo para parar.

Desviando das árvores, a prancha foi ganhando velocidade na descida que dava no rio. Os galhos dos pinheiros, pesados e reluzentes por causa do acúmulo de água, castigavam o rosto de Tally. Mas eles conseguiram sair do Parque Cleópatra. A toda velocidade, atravessaram um campo esportivo enlameado e se dirigiram para a extremidade da ilha central.

Àquela distância e com a chuva torrencial, não era possível enxergar o hospital. Tally, porém, avistou as lanternas de um carro voador que parecia seguir naquela direção. Estava alto e ia muito rápido; era provavelmente uma ambulância levando uma pessoa em situação de emergência. Piscando sem parar para ver alguma coisa no meio da chuva, ela conseguiu seguir o

veículo. Mas o carro acabou se afastando e, quando Tally e Zane alcançaram o rio, a prancha sobrecarregada começou a perder altura em cima da água.

Tally demorou demais para perceber o que estava acontecendo. A estrutura de metal sobre a qual os sustentadores magnéticos se apoiavam era mais baixa ali. Estavam no leito, dez metros embaixo d'água. À medida que se aproximavam do meio do rio, a prancha descia mais e mais, quase encostando na superfície agitada e gelada.

Na metade da travessia, a prancha tocou a água, e os braços de Zane rebateram como se o rio fosse sólido. Felizmente, logo a outra margem se aproximou, e os sustentadores voltaram a encontrar apoio, elevando a altitude de viagem.

— Tally...

— Vai dar tudo certo, Zane. Estou aqui com você.

— Claro. Tudo parece sob controle.

Tally arriscou um olhar para Zane. Ele estava com os olhos abertos e a vermelhidão tinha sumido de seu rosto. Então ela percebeu o movimento de seu peito, subindo e descendo, o que indicava uma respiração normal.

— Relaxe, Zane. Vou parar quando estivermos perto do hospital.

— Não me leve para lá.

— Só quero chegar mais perto. Para qualquer emergência.

— Que emergência? — perguntou ele, contrariado.

— Se você parar de respirar de novo, por exemplo! Agora *cale a boca*!

Ele obedeceu e fechou os olhos.

Enquanto a superfície do rio, castigada pela chuva, passava lá embaixo, as luzes do hospital tornavam-se mais intensas, e o contorno do prédio parecia cada vez mais próximo. Tally avistou a iluminação amarela intermitente que indicava a área de emergência, mas desviou do caminho antes de alcançá-la, subindo o aclive lentamente. Ela parou a prancha sob a proteção de uma fileira de ambulâncias vazias. Os carros estavam estacionados de três em três, numa enorme estrutura de metal, aparentemente à espera de um grande desastre.

Assim que sentiu a prancha parar, Zane rolou para fora, caindo no chão molhado. Tally se ajoelhou ao seu lado.

— Fale alguma coisa.

— Estou bem — disse ele. — Fora as minhas costas.

— Suas costas? O que...

— Acho que tem algo a ver com a viagem na prancha. Embaixo de você.

Tally segurou a cabeça dele e examinou seus olhos. Zane parecia exausto, mas tinha forças para sorrir e piscar para ela.

— Zane... — Tally começou a chorar de novo, sentindo as lágrimas quentes se misturando às gotas de chuva gelada. — O que está acontecendo com você?

— Eu já disse: acho que precisamos de um café da manhã.

Ela começou a soluçar.

— Mas...

— Eu sei — disse Zane, pondo as mãos nos ombros dela. — Precisamos sair daqui.

— Mas e os Novos Enfum...

A mão de Zane cobriu a boca de Tally, abafando as palavras seguintes. Pega de surpresa, ela tentou se afastar. Zane se levantou apoiado num ombro, de olhos fixos no bracelete de Tally, totalmente à mostra na chuva. Durante o início da crise, ela havia tirado a luva para fazer uma chamada.

— Ah... Foi mal.

Ele a puxou para perto e disse baixinho:

— Está tudo bem.

Tally fechou os olhos e tentou se lembrar do que os dois tinham falado durante a viagem até ali.

— Nós discutimos sobre ir ou não ao hospital — sussurrou.

Zane se levantou e disse em voz alta:

— Bem, já que estamos aqui...

E então se virou e deu um soco na estrutura que segurava as ambulâncias. O metal chegou a reverberar.

— Zane!

Ele se contorceu de dor, sacudindo a cabeça e agitando o braço no ar por um instante. Havia sangue nas dobras dos dedos.

— Como eu dizia, já que estamos aqui, não custa nada dar uma olhada nisso. Mas, na próxima vez, *me pergunte* se quero vir, está bem?

Tally finalmente entendeu o plano. Por um momento, tinha achado que a falta de juízo de Shay era contagiosa. No entanto, um machucado na mão era uma razão plausível para a viagem apressada até ali e se encaixava com

quase tudo que o bracelete havia captado. Além disso, Tally podia dizer aos guardas que os dois tinham passado dois dias sem comer. Talvez uma injeção de vitaminas e açúcar ajudasse a aliviar a dor de cabeça de Zane.

Apesar de manter a aparência horrível, cheio de lama e totalmente encharcado, ele conseguia andar sem mancar. Na realidade, Zane parecia bastante borbulhante depois de arrebentar a mão. Talvez Shay não fosse tão desequilibrada assim. Pelo menos, ela sabia o que funcionava.

— Vamos lá — disse Zane.

— Quer uma carona? — perguntou Tally.

A segunda prancha se aproximava pela grama, depois de seguir o sinal emitido pelo bracelete antiqueda de Zane.

— Acho que prefiro ir a pé — respondeu ele, caminhando na direção das luzes da entrada de emergência.

Tally viu que Zane estava pálido e que suas mãos tremiam. Naquela hora, decidiu que se ele tivesse outro ataque ela chamaria os guardas.

Nem pela cura valia a pena morrer.

HOSPITAL

O soco dado por Zane tinha resultado em três ossos da mão quebrados, o que levaria meia hora para consertar.

Na sala de espera, Tally tinha a companhia de dois perfeitos recém-transformados, que aguardavam um amigo que havia quebrado a perna — algo relacionado a descer correndo a escadaria molhada no lado de fora da Mansão Lillian Russell. Ela ignorou a história, preocupando-se mais em devorar biscoitos acompanhados de café com muito leite e açúcar e aproveitar o calor do hospital, totalmente livre da chuva. A sensação quase esquecida de ingerir calorias deixava o mundo mais suave, e Tally ficou feliz por poder curtir alguns instantes de confusão perfeita. Até então as lembranças do que Shay e sua turma andavam fazendo no Parque Cleópatra tinham estado vivas demais.

— E o que aconteceu com *você*? — perguntou um dos perfeitos.

A ênfase na última palavra devia-se às roupas enlameadas e encharcadas, à cara de cansaço e à vergonhosa aparência geral de Tally.

Ela enfiou um biscoito com gotas de chocolate na boca e respondeu sem dar muita importância:

— Voando de prancha.

A outra perfeita deu um cutucão no amigo, arregalando os olhos e apontando para Tally com o dedão.

— O que foi? — perguntou o garoto.

— Shhh!

— *O que foi?*

A perfeita se virou para Tally:

— Desculpa. Meu amigo acabou de passar pela cirurgia. Está um pouco desnorteado. — Sussurrando, ela tentou explicar para o outro perfeito: — *Essa aí é a Tally Youngblood*.

O garoto precisou de alguns instantes para fechar a boca.

Tally apenas sorriu antes de engolir outro biscoito. Em que outro lugar, se não numa emergência de hospital, poderiam encontrar Tally

Youngblood?, pensavam os garotos. Deviam estar imaginando que grande obra da arquitetura teria caído sobre a cabeça dela daquela vez.

Embora a condição de celebridade de Tally garantisse o silêncio da dupla, seus olhares furtivos a incomodavam. Com certeza, aqueles dois perfeitos não eram do tipo capaz de entrar para os Cortadores. Ainda assim, ela não conseguia parar de pensar que sua notoriedade criminal estava alimentando o pequeno projeto de Shay, criando uma legião de perfeitos desesperados para conhecer um certo tipo de estado borbulhante. Mesmo cheia de café, leite e biscoito, Tally começou a sentir algo ruim no estômago, principalmente ao considerar que visitas a emergências de hospital podiam se tornar a nova mania do verão.

— Tally? — chamou um funcionário, parado na porta da sala de espera, fazendo um gesto para que entrasse.

Finalmente. Tally não via a hora de sair daquele lugar.

— Juízo, hein, crianças — disse aos perfeitos, antes de ir atrás do funcionário pelo corredor.

Quando a porta se fechou atrás de si, Tally percebeu que não tinha sido levada ao ambulatório, mas sim a uma pequena sala em que se destacava uma mesa enorme repleta de objetos e papéis. Uma tela de parede exibia um campo num dia ensolarado — o tipo de imagem que costumavam mostrar na escola antes da hora da soneca.

— Passeando na chuva? — perguntou o funcionário, bem-humorado.

Ele tirou o jaleco azul, revelando um terno por baixo. *Semi*formal, pensou Tally, na hora. Ela se deu conta de que não estava diante de um funcionário do hospital. Seu sorriso largo era do tipo que políticos, professores e analistas adoravam.

Tally se sentou na cadeira do outro lado da mesa, suas roupas encharcadas fizeram um barulho engraçado.

— Como adivinhou?

Ele sorriu.

— Bem, acidentes acontecem. Você tomou a decisão certa ao trazer seu amigo para cá. E foi sorte minha estar aqui bem na hora. A verdade é que ando tentando falar com você, Tally.

— É mesmo?

— Pode acreditar — disse ele, dando outro sorriso.

Havia perfeitos de meia-idade que sorriam em qualquer situação: quando estavam felizes, decepcionados ou prontos para anunciar uma punição. Naquele caso, era um sorriso acolhedor e entusiasmado, confiável e tranquilo — e, por isso, deixava Tally nervosa. Ele era o tipo de perfeito de meia-idade que a dra. Cable havia descrito como o futuro dela. Convencido e confiante, com seus traços perfeitos indicando satisfação, experiência e sabedoria.

— Não tem checado seus pings nos últimos dias, não é mesmo? — perguntou ele.

— Muitos pings estúpidos. Por causa do noticiário, sabe? Fiquei famosa demais.

As palavras garantiram a Tally um sorriso orgulhoso.

— Imagino que isso tudo seja muito empolgante para você e seus amigos.

— No início, foi borbulhante, mas agora está cada vez mais falso — disse Tally, recorrendo à falsa modéstia. — Mas quem é você mesmo?

— Dr. Remmy Anders. Sou um conselheiro pós-traumático aqui no hospital.

— Pós-traumático? Isso tem algo a ver com o negócio do estádio? Porque, se tiver, eu estou totalmente...

— Sei que está bem, Tally. Quero saber mesmo é de uma amiga sua. Para ser sincero, andamos meio preocupados.

— De quem está falando?

— De Shay.

Por trás de sua expressão perfeita, um alerta se acendeu dentro de Tally. Ela tentou manter o tom calmo da voz.

— E por que isso?

Lentamente, como se fosse controlado por um aparelho, o sorriso do dr. Anders ganhou um ar preocupado.

— Uma noite dessas, houve uma confusão, na festinha que vocês fizeram em volta de uma fogueira. Uma discussão entre você e Shay. Um tanto quanto inquietante.

O nervosismo fez Tally piscar, sem dizer nada enquanto se recordava dos gritos perto da fogueira. Mesmo embaixo de um monte de roupas, o bracelete devia ter captado a raiva de Shay, bem diferente das pequenas discussões que às vezes aconteciam entre novos perfeitos. Tally tentou se

lembrar das palavras exatas, mas a combinação de champanhe e culpa não ajudava sua memória.

— É, ela estava bem bêbada. E eu também.

— Não pareceu algo muito amistoso.

— Dr. Remmy, você anda, ahn, nos espionando? Isso é muito fraude.

O conselheiro voltou ao sorriso preocupado.

— Temos mantido um interesse especial em todos que se envolveram naquele infeliz acidente. Por vezes, é difícil se recuperar de eventos assustadores e inesperados. Foi por isso que me designaram para ser seu conselheiro pós-traumático.

Tally fingiu não reparar que ele tinha ignorado a pergunta sobre a espionagem. Afinal, ela já sabia a resposta. Talvez a Divisão de Circunstâncias Especiais não se importasse com os Crims destruindo Nova Perfeição, mas os guardas estavam sempre a postos. Considerando-se que a cidade havia sido construída para manter todos num estado perfeito, era compreensível que nomeassem um conselheiro para qualquer um que passasse por uma experiência borbulhante. A tarefa do dr. Anders era garantir que a ruptura não desse aos Crims outras ideias novas e empolgantes.

— Para o caso de perdermos a sanidade? — perguntou Tally, estampando um sorriso perfeito no rosto.

O dr. Anders deu uma risada.

— Não, não achamos que vocês vão perder a sanidade. Estou aqui apenas para garantir que não ocorram efeitos de longa duração. Amizades podem ser negativamente afetadas pelo estresse.

Tally decidiu dar corda ao doutor:

— *Então foi por isso* que ela estava tão insuportável naquela noite?

— Sim, Tally, é tudo por causa do estresse — disse ele, satisfeito. — Mas não se esqueça de que provavelmente não era essa a intenção dela.

— É, só que eu não agi do mesmo jeito com *ela*.

Hora do sorriso tranquilizador.

— As pessoas reagem de maneiras diferentes aos traumas, Tally. Nem todos são fortes como você. Em vez de sentir raiva, por que não vê isso como uma oportunidade para demonstrar seu apoio a Shay? Vocês são amigas há muito tempo, não são?

— Somos, sim. Desde que éramos feias. Nascemos no mesmo dia.

— Isso é ótimo. Velhas amizades são importantes em momentos como esse. Qual foi a razão da briga?

— Não sei. Não tenho a mínima ideia.

— Não consegue se lembrar de nada? — insistiu o dr. Anders.

Tally se perguntou se haveria um detector de mentiras instalado na sala. E, nesse caso, o quanto conseguiria mentir sem ser pega. Ela fechou os olhos, concentrando-se nas calorias se movendo por seu corpo semiesfomeado, até sentir uma confusão perfeita invadir sua mente.

— Tally? — chamou o doutor.

Ela resolveu revelar um pedacinho da verdade.

— Foram só... alguns assuntos antigos.

Juntando as mãos, ele assentiu, satisfeito com a resposta. Tally temeu ter falado demais.

— Dos tempos de feias? — perguntou o Dr. Anders. Sem confiar no que poderia dizer, Tally fez que não com a cabeça. — E como tem sido a relação entre vocês depois daquela noite?

— Normal.

Ele deu um sorriso, mas Tally notou uma breve olhada para um ponto perdido no espaço, provavelmente uma tela oculta. O dr. Anders estaria conferindo os dados da rede da cidade? Assim, ficaria sabendo que ela e Shay não haviam trocado pings desde a festa. E três dias sem pings era algo bem estranho entre perfeitos. Ou estaria ele verificando a ocorrência de alterações na voz de Tally?

Dados invisíveis ou qualquer outra coisa, a informação deixou o dr. Anders contente.

— Ela tem sido mais amistosa com você?

— Acho que normal. — Nada além de um pouco de automutilação, cânticos esquisitos e talvez um projeto de formar seu próprio grupo esquisito. — Na verdade, não a vejo desde que essa fraude de chuva começou. Mas eu e ela somos melhores amigas para sempre.

As últimas palavras saíram num tom seco demais. Tally tossiu para disfarçar, o que causou uma intensificação do sorriso preocupado do dr. Anders.

— Fico feliz por ouvir isso, Tally. E você também está se sentindo bem, não está?

— Borbulhante. Mas com um pouco de fome.

— Claro, claro. Você e Zane precisam comer mais. Está um pouco magra, e fui informado de que o nível de açúcar no sangue dele estava excessivamente baixo quando chegou aqui.

— Pode deixar que vou fazê-lo comer alguns daqueles biscoitos com gotas de chocolate da sala de espera. São uma delícia.

— Ótima ideia. Você é uma boa amiga, Tally. — Ele se levantou e estendeu a mão. — Bem, me parece que Zane já foi atendido, então não vou mais prendê-la aqui. Obrigado pelo seu tempo e, por favor, entre em contato se você ou qualquer de seus amigos sentir necessidade de conversar com alguém.

— Ah, com certeza — disse Tally, dando seu sorriso mais perfeito. — Esta conversa foi ótima.

Do lado de fora, a chuva gelada envolveu Tally como se fosse uma velha e inevitável amiga. Mas o incômodo era quase um alívio depois dos sorrisos radiantes do dr. Anders. Tally comentou sobre ele com Zane no caminho de casa. Embora o bracelete estivesse novamente envolvido por roupas, ela tomou o cuidado de falar tão baixo que o vento levava as palavras embora enquanto os dois cortavam o céu acinzentado.

— Parece que eles estão tão preocupados com ela quanto nós — comentou Zane, depois de ouvir tudo.

— Devem ter escutado nossa briga naquela noite. Ela gritou comigo de um jeito nada perfeito.

— Que maravilha.

Zane sentia o vento frio nos dentes. Não parecia que os analgésicos estivessem ajudando muito com a dor de cabeça. Ele trocava os pés em cima da prancha, procurando o equilíbrio meio sem jeito.

— Eu não disse muita coisa. Só que ela estava bêbada e exagerando.

Tally não aguentou e deu um pequeno sorriso de satisfação pelo seu desempenho. Desta vez, pelo menos, não havia traído Shay. Ou pelo menos era o que achava.

— Tenho certeza de que você não disse nada de mais, Tally. Shay precisa de ajuda, mas não de um terapeuta de meia-idade. O que temos de fazer é tirá-la daqui e lhe dar a verdadeira cura. Quanto antes, melhor.

— Isso. Tomar os comprimidos é muito melhor do que ficar se cortando.

Se os comprimidos não provocarem danos no cérebro, pensou Tally consigo mesma. Ela havia resolvido não contar a Zane sobre sua decisão de levá-lo ao hospital se sofresse outro ataque. Com sorte, não seria necessário.

— E com os seus médicos, como foi? — perguntou ela.

— Nada de anormal. Gastaram uma hora me passando um sermão sobre a importância de comer mais. Quando finalmente começaram a consertar meus ossos, só fiquei inconsciente por uns dez minutos. Fora minha magreza, eles não pareceram notar nada de estranho em mim.

— Excelente.

— Obviamente, isso não quer dizer que eu esteja bem. Afinal de contas, eles não examinaram minha cabeça, só a minha mão.

— Suas dores de cabeça estão piorando, não estão? — perguntou Tally.

— Acho que era mais fome e frio do que qualquer outra coisa.

— Zane, também não tinha comido nada hoje, e nem por isso eu...

— Esquece a minha cabeça, Tally! Não estou nem pior nem melhor. Minha preocupação é com os braços de Shay. — Ele levou a prancha mais para perto de Tally. — Agora eles também vão ficar de olho nela. Se esse dr. Remmy souber o que ela anda fazendo, a coisa toda vai para o espaço.

— É, não tenho como negar isso.

Tally visualizou a sequência de cortes ao longo dos braços de Shay. De longe, tinha pensado que eram tatuagens. Mas, de perto, qualquer um perceberia do que se tratava de verdade. Se o dr. Anders visse aquilo, dificilmente teria um sorriso apropriado para a situação. Alertas seriam divulgados na cidade inteira, e o interesse dos guardas por todos os envolvidos no colapso do estádio cresceria enormemente.

Com o braço esticado, Tally fez Zane parar. Agora sua voz não passava de um sussurro.

— Então não temos muito tempo. Ele pode querer conversar com Shay a qualquer momento.

Zane respirou fundo.

— Você vai ter de conversar com ela antes. E convencê-la a parar com a história dos cortes.

— Ah, claro. E se ela não quiser?

— Diga que estamos perto de partir. Diga que vamos conseguir a verdadeira cura para ela.

— Partir? Mas como?

— Vamos embora... hoje, se for possível. Vou arrumar tudo de que precisamos, enquanto você reúne os outros Crims.

— E isso aqui? — perguntou Tally, cansada demais para levantar o punho enfaixado, mas mesmo assim conseguindo transmitir a ideia.

— Vamos nos livrar disso. Hoje. Estou guardando uma carta na manga.

— Que carta, Zane?

— Ainda não posso contar. Mas vai funcionar... só é um pouco arriscado.

Tally ficou encucada. Ela e Zane já tinham tentado todas as ferramentas imagináveis, e nada tinha conseguido sequer arranhar o bracelete.

— Do que está falando?

— Vai ver hoje à noite.

— Deve ser mais que um pouco arriscado.

Zane olhou para Tally. Ele tinha o rosto pálido, o que refletia a falta de comida dos últimos dias. Por trás dos óculos de proteção, havia um ar sombrio em seu olhar.

— Vamos dar uma mãozinha à garota — disse, rindo. — Talvez ela precise de uma.

Tally se virou para não ter de encarar aquele sorriso.

PRENSA

Situada no extremo de Nova Perfeição em que os dois braços do rio se reencontravam, a oficina não ficava longe do hospital. Naquele horário, tarde da noite, os tornos mecânicos, mesas de digitalização e moldes de injeção estavam ociosos, e o lugar, praticamente vazio. A única luz vinha da outra ponta do galpão, onde uma perfeita de meia-idade modelava vidro fundido.

— Está muito frio aqui dentro — disse Tally.

Ela conseguia ver o vapor saindo de sua boca em meio à luz vermelha proveniente da iluminação de serviço. Enquanto o restante dos Crims se aprontava para fugir a chuva finalmente tinha parado, mas a atmosfera permanecia úmida e fria. Mesmo dentro da oficina, Tally, Fausto e Zane vestiam seus casacos.

— Geralmente eles têm fornalhas em operação — disse Zane. — E alguns desses equipamentos liberam muito calor. — Ele apontou para os dois lados do galpão que ficavam abertos. — Mas o sistema de ventilação faz com que não haja paredes inteligentes por aqui, entendeu?

— Entendi.

Tally ajeitou o casaco de novo, enfiando a mão no bolso para aumentar a potência do aquecedor.

Fausto apontou para uma máquina que parecia uma prensa gigante.

— Ei, lembro de ter mexido numa dessas na época da escola de feios, na aula de desenho industrial — contou. — Nós fabricávamos bandejas com apoios na parte de baixo, para que escorregassem no gelo.

— Foi por isso que trouxe você junto — disse Zane, guiando Tally e Fausto pelo chão de concreto.

A parte de baixo da máquina consistia numa mesa de metal, que parecia marcada com um milhão de pontos minúsculos. Paralelamente à mesa, havia um pedaço idêntico de metal suspenso.

— Como é que é? Você quer usar uma prensa? — perguntou Fausto, preocupado.

Zane ainda não tinha revelado seu plano, mas Tally não gostava nada da aparência daquela máquina colossal.

Nem do seu nome.

Zane pôs o balde para garrafas de champanhe que carregava no chão, espalhando água gelada para todo lado. Depois, pegou um cartão de memória no bolso e o enfiou no leitor da prensa. A máquina se iniciou e luzes se acenderam em suas extremidades. O piso começou a tremer sob os pés de Tally.

A impressão era de que uma onda havia passado pela superfície, tornando o metal fluido e vivo.

Quando o movimento parou, Tally resolveu examinar a prensa mais de perto. Os pontinhos minúsculos, aparentemente gravados, eram na verdade pontas de pequenos discos, que podiam ser erguidos ou baixados para desenhar formas. Ela passou os dedos na mesa, mas os discos eram tão finos e tão perfeitamente alinhados que o metal parecia totalmente liso.

— Para que serve isso? — perguntou ela.

— Para gravar coisas — respondeu Zane.

Ele apertou um botão e a mesa acordou. Uma coleção simétrica de pequenas elevações apareceu na parte central. Tally notou que cavidades com o mesmo formato tinham surgido na parte de cima da prensa.

— Ei, essa aí é minha bandeja — disse Fausto.

— Claro. Acha que me esqueci? Aquelas coisas eram ótimas para deslizar — comentou Zane, animado.

Ele puxou uma chapa de metal da parte de baixo da máquina e, com cuidado, alinhou-a às extremidades da mesa.

— É mesmo. Nunca entendi por que eles não as produziam em escala industrial — disse Fausto.

— Muito borbulhante — respondeu Zane. — Mas aposto que, de tempos em tempos, um feio reinventa essa bandeja. Atenção. Vou acionar.

Os outros dois deram um passo para trás por precaução.

Zane segurou as duas alavancas localizadas numa ponta da mesa e as abaixou ao mesmo tempo. A máquina fez um breve barulho e depois entrou em movimento. A parte de cima caiu sobre a de baixo com um estrondo que ecoou pelo galpão. Tally ainda ouvia um zumbido quando as partes se separaram novamente e revelaram a chapa de metal.

— Lindo, não é? — disse Zane.

Ele segurou a chapa de metal remodelada pelo impacto. Agora parecia uma bandeja, com pequenas divisões para salada, prato principal e sobremesa. Zane virou-a ao contrário e percorreu com um dedo o relevo da parte de baixo.

— Nos dias em que a neve estava boa, conseguíamos alcançar velocidades incríveis nessas belezinhas.

O rosto de Fausto estava totalmente branco.

— Não vai funcionar, Zane.

— Por que não?

— Muitos mecanismos de segurança. Mesmo que conseguisse convencer um de nós a...

— Você só pode estar brincando, Zane! — gritou Tally. — Não vai botar sua mão aí. Essa coisa vai arrancá-la!

Zane apenas sorriu.

— Não, não vai. Como Fausto disse, há muitos mecanismos de segurança. — Ele tirou o cartão de memória do leitor da prensa e botou outro no lugar. A máquina se mexeu de novo e logo apareceu um conjunto de protuberâncias pontudas numa extremidade, como se fosse uma fileira de dentes. Zane pôs o pulso esquerdo ao lado das presas de metal. — A luva atrapalha um pouco, mas vocês conseguem ver onde a prensa vai arrebentar o bracelete?

— E se ela errar, Zane? — perguntou Tally.

Ela se esforçava para controlar o tom da voz. Embora os braceletes estivessem cobertos, como sempre, não podia chamar a atenção da perfeita de meia-idade na outra ponta do galpão.

— A máquina não erra. Você pode modelar as peças de um cronômetro com esse tipo de equipamento.

— Não vai funcionar — garantiu Fausto, botando a própria mão na prensa. — Pode ligar.

— Eu sei, eu sei — admitiu Zane, baixando as alavancas.

— O que está fazendo? — berrou Tally, horrorizada.

No entanto, a máquina nem se moveu. Uma fileira de luzes amarelas começou a piscar, e uma voz artificial disse: “Afaste-se, por favor.”

— Ela detecta a presença de pessoas — explicou Fausto. — Pelo calor do corpo.

O coração de Tally ainda batia nervosamente quando Fausto tirou a

mão do meio da prensa.

— Não *faça* mais isso!

— Mesmo que você engane a máquina, não há como funcionar — continuou Fausto. — A prensa vai arrebentar o bracelete, que vai esmagar seu pulso.

— Não a uma velocidade de cinquenta metros por segundo. Olhe — disse Zane, curvando-se sobre a mesa e passando um dedo na sequência de dentes que ele havia programado. — Essa ponta vai quebrar o bracelete. Ou pelo menos vai bater com uma força suficiente para destruir o que estiver dentro dele. Nossos braceletes não vão passar de pedaços de metal morto depois disso.

Fausto também se curvou, para examinar mais de perto. Tally, por sua vez, deu as costas, sem querer ver os dois com as cabeças enfiadas na prensa. *Metal morto*. Ela olhou para a sopradora de vidro na outra extremidade do galpão. Sem saber da conversa absurda daquele canto, a mulher enfiava calmamente um monte de vidro num pequeno forno incandescente, girando-o lentamente por cima do fogo.

Tally caminhou na direção dela, até um ponto em que acreditava não poder mais ser ouvida por Zane e Fausto. Então tirou os panos que cobriam seu pulso.

— Ping para Shay.

— Indisponível. Deixar recado?

Ela fez uma cara feia.

— Sim. Olhe, Shay, eu sei que já é o décimo oitavo ping de hoje, mas preciso que você responda. Sinto muito por termos espionado vocês. É só que... — Tally não sabia mais o que dizer, ciente de que poderia haver guardas, ou até Especiais, ouvindo. Não podia revelar que pretendiam fugir naquela noite. — Estamos preocupados com você. Entre em contato assim que puder. Precisamos conversar... pessoalmente.

Tally encerrou a comunicação e enrolou de novo o pulso com o cachecol. Shay, Ho e Tachs — os Cortadores — tinham desaparecido e se recusavam a responder qualquer ping. Provavelmente Shay estava com raiva por ter sido espionada durante sua cerimônia secreta. Mesmo assim, com sorte, um dos Crims acabaria os encontrando e lhes contaria sobre a fuga.

A tarde inteira tinha sido gasta nos preparativos. Os Crims arrumaram as coisas e assumiram seus postos por toda a ilha, prontos para entrar em

ação assim que recebessem o sinal vindo da oficina indicando que Tally e Zane haviam se livrado dos braceletes.

A sopradora de vidro tinha acabado de aquecer seu material de trabalho. Ela puxou a massa incandescente de dentro da fornalha e começou a soprar seu interior com ajuda de um longo tubo. A substância derretida logo passou a ganhar formas sinuosas. Relutante, Tally se voltou para a prensa.

— E os mecanismos de segurança? — insistia Fausto.

— Posso me livrar do meu calor corporal.

— Como?

Zane chutou o balde com gelo.

— Trinta segundos dentro da água gelada e minha mão vai estar tão fria quanto um pedaço de metal.

— É, mas sua mão *não* é um pedaço de metal — interveio Tally. — Nem a minha. Esse é o problema.

— Escute, Tally. Não estou pedindo que você vá primeiro.

— Zane, não vou nem antes, nem depois. Aliás, você também não.

— Ela está certa — disse Fausto, observando os dentes de metal que se projetavam da mesa e os comparando às protuberâncias correspondentes da parte de cima. — Parabéns pelo projeto, mas enfiar a mão aí é bizarrice. Se tiver errado o cálculo por um centímetro que seja, a prensa vai acertar um osso. Eles falaram sobre isso na aula prática. A onda de choque vai viajar pelo seu braço, arrebentando tudo que estiver no caminho.

— Ei, se a prensa errar, eles me consertam depois. Mas não vai haver erro. Até tomei o cuidado de desenhar um molde diferente para a sua mão — disse Zane a Tally, mostrando outro cartão de memória. — Seu bracelete é menor que o meu.

— Se isso der errado, pode esquecer qualquer conserto — retrucou Tally, em voz baixa. — Nem o hospital da cidade consegue reconstruir uma mão esmagada.

— Esmagada não — disse Fausto. — Seus ossos vão ser *liquidificados*, Zane. O que eu quero dizer é que a onda de choque vai transformá-los numa *pasta*.

— Olhe, Tally. — Zane se abaixou para pegar a garrafa de champanhe que estava mergulhada no balde. — Eu também não queria fazer isso. Mas tive um ataque hoje de manhã, se lembra?

Ele abriu a garrafa.

— Você teve *o quê*? — perguntou Fausto.

Tally balançou a cabeça.

— Precisamos achar outra saída.

— Não temos tempo — disse Zane, tomando um gole no gargalo. — E então, Fausto, vai me ajudar?

— Ajudar? — estranhou Tally.

— São necessárias duas mãos para acionar a prensa — explicou Fausto. — Outro mecanismo de segurança, para que a pessoa não esqueça uma das mãos em cima da mesa por distração. Zane precisa de um de nós para baixar as alavancas. — Ele cruzou os braços. — Pode esquecer.

— Eu também não vou ajudar! — disse Tally.

— Tally, se não sairmos da cidade hoje à noite, é bem provável que eu acabe enfiando a cabeça nessa prensa. As dores de cabeça vêm mais ou menos a cada três dias e estão ficando piores. Precisamos ir embora.

Fausto franziu a testa.

— Do que vocês estão falando?

— Há alguma coisa errada comigo, Fausto. É por isso que precisamos partir hoje à noite. Achamos que os Novos Enfumaçados podem me ajudar.

— E por que você precisa deles? O que há de errado com você?

— O que há de errado comigo é que estou curado.

— Como é que é?

Zane respirou fundo antes de responder:

— Bem, a verdade é que tomamos uns comprimidos...

Tally resmungou e deu as costas para os dois, consciente de que aquele era outro passo perigoso. Primeiro Shay, agora Fausto. Ela se perguntava quanto tempo levaria até todos os Crims saberem a respeito da cura — algo que só tornaria mais indispensável que saíssem da cidade, quaisquer que fossem os riscos envolvidos.

Contrariada, Tally voltou a acompanhar o trabalho da sopradora. Podia sentir a incredulidade de Fausto cedendo à medida que Zane explicava tudo que havia acontecido aos dois no último mês: os comprimidos, o efeito borbulhante da cura e as dores de cabeça insuportáveis.

— Então Shay tinha razão sobre vocês dois! — disse Fausto. — É por isso que vocês andam tão diferentes...

Shay tinha sido a única a comentar o assunto com Tally, mas todos os

outros Crims deviam ter notado as mudanças e se perguntado o que teria acontecido. Eles também queriam ficar borbulhantes como Tally e Zane. Agora que Fausto sabia da existência de uma cura, uma cura que dependia apenas de se engolir um comprimido, talvez não achasse mais um absurdo arriscar uma ou duas mãos na prensa.

Tally suspirou. Talvez não fosse mesmo um absurdo. Afinal, naquela manhã, ela tinha demorado a levar Zane ao hospital, preferindo esperar do lado de fora, embaixo de chuva, desperdiçando o que podiam ser preciosos minutos. E arriscando a vida dele, não apenas a mão.

Ela engoliu em seco. Qual era a palavra que Fausto havia usado? *Liquidificado?*

Enquanto isso, a mulher fazia o objeto de vidro crescer. As esferas se sobrepunham, ganhando formas incrivelmente delicadas, que jamais poderiam ser restauradas caso se quebrassem. A mulher segurava o objeto com todo cuidado; algumas coisas simplesmente não podiam ser consertadas.

Tally pensou no pai de David, Az. Quando a dra. Cable tentou apagar suas lembranças, o processo acabou levando-o à morte. A mente era muito mais frágil que a mão de um ser humano. E ninguém ali fazia ideia do que estava acontecendo dentro da cabeça de Zane.

Ela olhou para a própria mão esquerda e dobrou os dedos lentamente. Teria coragem de colocá-la entre os dentes de metal? Talvez.

— Tem certeza de que podemos achar os Novos Enfumaçados? — perguntou Fausto. — Parece que ninguém os vê há algum tempo.

— Os feios que encontramos hoje de manhã disseram que havia sinais da presença deles.

— E eles são capazes de curar você?

A voz de Fausto dizia tudo: ele estava se convencendo, num processo lento, mas irreversível, e acabaria concordando em acionar a prensa. De um jeito cruel, a coisa toda fazia sentido. Havia uma cura para a condição de Zane em algum lugar, e, se eles não o ajudassem, ele morreria de qualquer maneira.

Qual era o problema, afinal, de pôr sua mão em risco?

Tally se virou e disse:

— Eu faço. Eu aciono os comandos.

Os outros dois ficaram sem reação por um instante, até Zane abrir um

sorriso.

— Que bom. Prefiro que seja você.

— Por quê? — perguntou ela, insegura.

— Porque confio em você. Não quero ficar tremendo.

Tally respirou fundo, tentando segurar as lágrimas.

— Obrigada, então.

Um silêncio constrangedor tomou conta do lugar por um momento.

— Tem certeza, Tally? — perguntou Fausto, finalmente. — Posso cuidar disso.

— Não. É melhor que seja eu.

— Bem, não há razão para perdermos tempo — disse Zane, largando o casaco no chão.

Ele desenrolou o cachecol do pulso e tirou a luva que também cobria o bracelete. Sua mão esquerda parecia pequena e frágil ao lado da grandeza sombria da prensa. Zane fechou a mão e a enfiou no balde, tremendo ao sentir a água gelada sugar o calor do seu corpo.

— Prepare-se, Tally — avisou.

Antes, ela olhou para as mochilas no chão, verificou se estava com o sensor de cintura e conferiu, mais uma vez, as pranchas na saída do galpão. Os fios soltos indicavam que não havia mais ligação com a rede da cidade. Elas estavam prontas para sair dali.

Então Tally fixou os olhos no seu bracelete. Assim que o de Zane estivesse em pedaços, o sinal de rastreamento seria interrompido. Eles teriam de cuidar do seu o mais rápido possível e fugir. Seria uma longa viagem só para deixar os limites da cidade.

Havia mais de vinte Crims à espera, em vários pontos da ilha, prontos para se espalharem pelo mato e atraírem os perseguidores para todas as direções. Cada um levava um sinalizador com uma mistura especial de cores — roxo e verde — para transmitir um sinal assim que Zane e Tally estivessem livres.

Livres.

Tally olhou para os controles da prensa e engoliu em seco. As duas alavancas tinham uma proteção de plástico amarelo bem chamativo. Pareciam controles de videogame. Quando ela as segurou, sentiu a força da máquina, ainda parada, percorrer suas mãos, como o tremor provocado por um avião suborbital passando no céu.

Ela tentou se imaginar acionando o mecanismo, mas não conseguiu. Contudo, Tally não tinha mais argumentos, e a hora das discussões já havia passado.

Depois de 30 intermináveis segundos, Zane tirou a mão da água gelada.

— Feche os olhos, para o caso de o metal se estilhaçar. O frio vai deixá-lo quebradiço — explicou, num tom de voz natural.

Não importava mais o que o bracelete captasse. Quando alguém entendesse o significado daquelas palavras, eles já estariam voando a toda velocidade em direção às Ruínas de Ferrugem.

Zane pôs o pulso na extremidade da mesa e fechou os olhos.

— Tudo bem. Manda ver.

Com as mãos tremendo em torno das alavancas, Tally respirou fundo mais uma vez. Então fechou os olhos e pensou: *Vamos lá, é agora...*

Mas seus dedos não a obedeciam.

Sua cabeça começou a rodar, repassando todas as coisas que podiam dar errado. Ela se viu levando Zane ao hospital de novo, com o braço transformado em geleia. Imaginou os Especiais invadindo o local e detendo todo mundo depois de descobrir o que estava acontecendo. Tally até se perguntou se Zane havia tirado as medidas certas e se ele havia se lembrado de que o bracelete encolheria um pouco por causa da água gelada. Ela se ateve a essa ideia achando que talvez fosse melhor confirmar.

Tally abriu os olhos: o bracelete reluzia como um pedaço de ouro sob a luz amarelada da prensa.

— Tally... acione a máquina!

O frio faria o metal se retrair, mas o calor... Tally deu uma olhada para a sopradora no outro lado do galpão, graciosamente alheia à coisa terrível e violenta que estava prestes a acontecer.

— Tally! — disse Fausto, em voz baixa.

O calor faria o bracelete se expandir...

A mulher estava com o vidro incandescente nas mãos e o virava para conferi-lo de todos os ângulos. *Como ela conseguia segurar vidro derretido sem proteção?*

— Tally — chamou Fausto de novo. — Se quiser, eu posso...

— Espere um pouco — disse ela, tirando as mãos dos controles da prensa.

— O que houve?! — berrou Zane.

— Esperem aqui.

Ela tirou o cartão de memória da prensa, ignorando os gritos de protesto, e saiu correndo em meio aos tornos mecânicos e fornos, até a outra ponta do galpão. Ao vê-la chegar, a mulher reagiu com tranquilidade, recebendo-a com um sorriso de perfeito de meia-idade.

— Olá, querida.

— Oi. Isso é lindo — disse Tally.

O sorriso agradável se tornou ainda mais intenso.

— Obrigada.

Agora Tally podia ver as mãos da mulher, que tinham um brilho prateado, em contraste com o vermelho do vidro quente.

— Você está usando luvas, não está? — perguntou.

A mulher deu uma risada.

— É claro! É muito quente dentro dessa fornalha.

— Mas não sente nada?

— Com essas luvas, não. Acho que o material foi desenvolvido para uso nos ônibus espaciais. Para o momento em que entram novamente na atmosfera. Elas suportam uns dois mil graus.

— E são muito finas, né? Lá do outro lado, eu não conseguia ver que você estava de luvas.

— Isso mesmo — confirmou a mulher, com satisfação. — E consigo sentir a textura do vidro através delas.

— Caramba. — Tally deu um sorriso perfeito. As luvas certamente passariam *por baixo* dos braceletes. — Onde consigo um par? — A mulher apontou para um armário. Ao abri-lo, Tally encontrou dezenas de luvas amontoadas, brilhando como neve sob a luz do sol. Pegou duas. — São todas do mesmo tamanho?

— Sim. Elas esticam até passar do cotovelo — explicou a mulher. — Mas não se esqueça de jogá-las fora depois de usar. Não funcionam muito bem na segunda vez.

— Entendido.

Ela se virou, segurando as luvas com firmeza, e sentiu um alívio percorrer seu corpo. Não precisaria mais acionar os controles, nem assistir à prensa caindo sobre a mão de Zane. Tinha um plano novo e muito melhor na cabeça. E sabia exatamente onde encontrar uma fornalha poderosa — uma que poderia ser levada até os limites da cidade.

— Espere um pouco, Tally — disse a mulher, agora com um traço de preocupação na voz.

Tally gelou ao perceber que a mulher a tinha reconhecido. Nada mais natural: todo mundo que assistia aos jornais conhecia o rosto de Tally Youngblood. Ela quebrou a cabeça tentando bolar uma justificativa inocente para precisar das luvas, mas tudo em que pensava soava falso demais.

— Ahn, o que foi?

— Você levou duas luvas esquerdas — disse a mulher, rindo. — Seja lá o que estiver tramando, não vão ser úteis assim.

Tally sorriu e deixou uma risadinha escapar por entre os dentes. *Isso é o que você pensa*. Mas ela voltou ao armário e catou duas luvas direitas. Não custava nada proteger as duas mãos.

— Obrigada pela ajuda.

— Disponha. — A mulher deu um sorriso encantador e depois voltou a se concentrar nas curvas do seu pequeno objeto de vidro. — E tome cuidado.

— Não se preocupe — disse Tally. — Eu sempre tomo.

SEQUESTRO

— Está brincando? Como vamos requisitar uma coisa dessas no meio da noite? — perguntou Fausto.

— Não podemos requisitar. Vamos ter de sequestrar uma. — Tally pôs uma mochila no ombro e estalou os dedos para chamar sua prancha. — Na verdade, precisamos de mais de uma. Quanto mais de nós conseguirem sair desse jeito, melhor.

— Sequestrar? — repetiu Zane, conferindo o cachecol que estava de volta ao seu pulso. — Você quer dizer roubar?

— Não, vamos pedir educadamente — respondeu Tally, rindo. — Não se esqueça, Zane, nós somos os Crims. Somos famosos. Venha comigo.

Do lado de fora da oficina, ela pulou na prancha e, imediatamente, seguiu rumo à região central da ilha, onde os terraços das torres de festa estavam sempre cercados de paraquedas, balões de ar quente e fogos de artifício. Zane e Fausto tiveram de se esforçar para acompanhar seu ritmo.

— Passe a informação aos outros Crims — gritou ela para Fausto. — Conte a eles sobre a mudança nos planos.

Ele olhou para Zane, à espera de sua aprovação, e depois sentiu alívio pela ideia de a prensa ter sido substituída por um plano menos violento.

— Com quantas pessoas você quer subir? — perguntou.

— Nove ou dez — respondeu Tally. — Serve qualquer um, desde que não tenha medo de altura. O resto pode ir de prancha, como o planejado. Estaremos prontos em vinte minutos. Nos encontre no centro da cidade.

— Estarei lá — disse Fausto, já se afastando no céu escuro.

Tally se virou para Zane.

— Está tudo bem?

Ele assentiu, mexendo os dedos da mão esquerda por baixo da luva.

— Vou ficar bem. Só preciso de um tempo para digerir o que houve.

Tally chegou mais perto e segurou sua mão sem luva.

— O que você tentou fazer foi muito corajoso.

— Acho que foi uma estupidez — retrucou ele.

— Sim, talvez. Mas, se não tivéssemos ido à oficina, eu não teria pensado nisso.

Zane sorriu.

— Para ser sincero, fico feliz por você ter pensado nisso. — Ele mexeu os dedos de novo. Logo em seguida, apontou para um ponto à frente. — Estou vendo dois.

Tally seguiu seu olhar até o centro da ilha, onde dois balões de ar quente flutuavam acima de uma torre de festas, com os cabos que os seguravam refletindo a luz trêmula dos fogos de artifício.

— Perfeito — disse.

— Temos um problema — observou Zane. — Como vamos chegar tão alto com as pranchas?

Tally pensou por um momento.

— Com muito cuidado — respondeu ela.

Tally nunca tinha ido tão alto. Eles subiram lentamente ladeando a torre de festa, tão perto que era possível esticar o braço e tocar as paredes de concreto. O metal no interior do prédio garantia um mínimo de apoio para os sustentadores das pranchas. Tally sentia uma tremedeira enervante sob os pés; era como se tivesse voltado à infância e estivesse na ponta de uma plataforma de saltos bem alta. Depois de um minuto interminável, eles alcançaram o ponto em que um dos balões estava preso à torre. Bastou um toque no material escorregadio para Tally confirmar o que havia previsto.

— Tudo certo. É metal.

— Tudo bem, mas esse metal é *suficiente*? — perguntou Zane. Ele revirou os olhos ao notar a indiferença de Tally. — E você achou o *meu* plano arriscado. Ótimo, vamos tentar o plano que parece um absurdo.

Zane deu a volta na torre, até onde o outro balão balançava ao vento. Tally riu ao perceber que tinha a forma de uma cabeça de porco gigante, com orelhas em relevo e grandes olhos pintados no náilon rosa.

Pelo menos o balão que lhe cabia tinha uma cor normal: um prateado reflexivo com uma faixa azul dando a volta bem no meio. Lá da cesta veio o som inconfundível de uma garrafa de champanhe se abrindo, seguido por risos. A distância não era muito grande, mas chegar lá não seria fácil.

Seus olhos seguiram toda a extensão do cabo de aço, que caía um pouco antes de se curvar para cima até atingir a cesta. As curvas lembravam-na da

montanha-russa das Ruínas de Ferrugem. No entanto, a montanha-russa continha muito mais metal; era uma estrutura perfeita para se andar de prancha. Aquele cabo estreito, por sua vez, ofereceria pontos escassos de sustentação para a prancha.

Além disso, diferentemente da montanha-russa, aquela coisa estava em movimento constante. O balão descia gradualmente, à medida que o ar dentro do envelope esfriava, mas Tally sabia que, de repente, poderia subir e esticar o cabo. Bastava que alguém acionasse o queimador. Para piorar, talvez os Esquentados se cansassem de ficar parados ali e decidissem dar um passeio noturno, soltando o cabo e tirando o único apoio que separava Tally de uma queda até o chão.

Zane tinha razão: aquele não era o jeito mais fácil de se conseguir um balão. Entretanto, não havia tempo para requisitar um pelos meios adequados, nem para esperar os Esquentados que ocupavam a cesta se cansarem e decidirem pousar. Se quisessem chegar às Ruínas de Ferrugem antes do amanhecer, a fuga não poderia demorar. E talvez alguém encontrasse Shay enquanto o plano era concretizado.

Tally subiu mais um pouco pela parede da torre, até estar bem em cima da argola que segurava o cabo metálico. A partir desse ponto, ela se afastou do prédio e passou a conduzir a prancha por sobre o cabo, como um equilibrista segurando uma vara de madeira em cima de uma corda esticada.

Ela avançou lentamente, sentindo o esforço dos sustentadores, que, com seus dedos magnéticos invisíveis, faziam o cabo se curvar para baixo. Uma ou duas vezes, a prancha chegou a tocar no apoio, aumentando o nervosismo de Tally. Com o peso dela atrapalhando o delicado equilíbrio entre ar quente e gravidade, o balão perdeu um pouco de altura.

Até a metade do caminho, Tally desceu, e a partir daí ela passou a subir na direção do balão. A prancha começou a tremer mais, à medida que se afastava da torre. Uma hora, Tally teve certeza de que os sustentadores parariam de funcionar, provocando uma queda de 50 metros. Daquela altura, os braceletes antiqueda não funcionariam tão bem quanto as jaquetas de bungee jump. Ser puxada pelos pulsos, até parar no ar, provavelmente resultaria num ombro deslocado.

Obviamente, aquilo nem se comparava ao que a prensa poderia ter feito.

No fim, os sustentadores aguentaram o tranco, e a prancha continuou a

subir rumo à cesta do balão. Ao ouvir gritos vindos das varandas da torre de festa, Tally soube que ela e Zane tinham sido avistados. Que brincadeira nova era aquela?

Um rosto surgiu de dentro da cesta, olhando para baixo com uma expressão de surpresa.

— Ei, olhem isso! Tem alguém subindo!

— Como é que é? Por onde?

Os outros três perfeitos se aproximaram do lado mais próximo para vê-la. A redistribuição de peso fez o cabo se agitar. Sentindo a prancha balançar perigosamente sob seus pés, Tally soltou um palavrão.

— Não se mexam aí em cima! — gritou. — E não acionem o queimador!

As ordens foram recebidas com um silêncio perplexo, mas eles acabaram ficando parados em seus lugares.

Com mais um minuto de subida, a prancha estava quase encostada na cesta. Tally dobrou os joelhos e pulou, entrando em queda livre por uma fração de segundo, antes de se agarrar à beirada de vime. Logo apareceram mãos esticadas para ajudá-la a subir. Num instante, ela estava dentro da cesta, encarando quatro Esquentados surpresos. Livre do peso de Tally, a prancha continuou a ascender, até que ela a pegou.

— Uau! Como você fez isso?

— Eu não sabia que pranchas conseguiam chegar tão alto!

— Ei, você é a Tally Youngblood!

— Quem mais poderia ser? — disse ela, rindo e se projetando para fora da cesta.

O chão estava se aproximando; o peso de Tally e o da prancha empurravam o balão para baixo.

— Bem, espero que não se importem em pousar esta coisa. Eu e meus amigos precisamos dar uma voltinha.

Na mesma hora em que o balão pousava na grama, diante da Mansão Garbo, um bando de Crims em cima de pranchas, liderados por Fausto, chegava ao local. Tally avistou as duas orelhas rosadas do balão de Zane e assistiu à sua descida num ponto próximo, com alguns quiques antes de parar.

— Não saiam ainda! — gritou para os Esquentados sequestrados. — Não queremos que esta coisa saia voando vazia por aí.

Eles esperaram Peris e Fausto atravessarem o gramado e subirem na cesta.

— Quantas pessoas isto aguenta, Tally? — perguntou Fausto.

A cesta era feita de vime. Ela passou as mãos pelos gravetos trançados, que continuavam sendo o material perfeito para quem desejava algo firme, leve e flexível.

— Vamos quatro em cada um — decidiu Tally.

— Então, qual é o lance de vocês? — perguntou um Esquentado mais corajoso e menos tímido.

— É só esperar para ver. E, quando forem entrevistados pelos noticiários, fiquem à vontade para contar todos os detalhes — explicou Tally. Os quatro ficaram olhando para ela, embasbacados, entendendo aos poucos que ficariam famosos. — Mas não digam nada por pelo menos uma hora. Senão, nosso truque não vai funcionar, e o resultado não vai ser tão borbulhante. — Eles assentiram como bons meninos. — Ei, como faço para soltar o cabo? — perguntou Tally, que apesar de sempre ter pensado naquilo nunca havia andado de balão.

— Puxe essa corda — respondeu um dos Esquentados. — E aperte esse botão quando quiser que um carro venha buscá-la.

Tally sorriu. Eles não precisariam daquele último recurso.

— Vocês vão para um lugar bem distante, não vão? — perguntou outro Esquentado, ao ver a expressão no rosto dela.

Tally parou para pensar por um instante, consciente de que suas palavras acabariam nos noticiários e depois seriam repetidas por gerações de feios e novos perfeitos. Chegou à conclusão de que valia a pena contar a verdade. Aqueles quatro não se arriscariam a arruinar seu primeiro contato com a fama criminosa; só falariam com as autoridades quando já fosse tarde demais.

— Vamos até a Nova Fumaça — disse ela, com toda a certeza do mundo.

Engula essa, dra. Cable!, pensou animada.

A cesta se sacudiu, e Tally logo percebeu que Zane tinha pulado para dentro.

— Posso me juntar a você? Já são quatro no meu balão. E há mais um

grupo providenciando outro.

— O resto está pronto para partir ao nosso sinal — informou Fausto.

Desde que ela e Zane fossem de balão, Tally não se importava muito como os outros sairiam dali. Lá em cima, o queimador fazia um barulho semelhante ao de um jato, pronto para aquecer o ar do interior do envelope novamente. Tally só esperava que conseguissem expandir os braceletes o suficiente — ou, pelo menos, destruir seus transmissores internos.

Ela tirou as luvas resistentes ao fogo do bolso e entregou um par a Zane.

— Seu plano é muito melhor, Tally — disse ele, observando o queimador. — Uma fornalha voadora. Estaremos quase fora da cidade quando conseguirmos nos livrar dessas coisas.

Tally sorriu e depois se virou para os Esquentados.

— É isso aí, meninos. Podem descer agora. Obrigada pela ajuda e lembrem-se de não contar nada a ninguém por no mínimo uma hora.

Eles saíram da cesta, um por um, e se afastaram alguns metros para dar espaço ao balão, que começava a ganhar força e a se agitar ao sabor do vento.

— Prontos? — gritou Tally.

Os outros Crims responderam que sim. A uma distância não muito grande, um terceiro balão se aproximava. Eles partiriam em pouco tempo. Quanto mais balões, melhor. Se todos deixassem os anéis de interface nas cestas ao pular, os guardas teriam uma noite bem movimentada.

— Estamos prontos — disse Zane. — Vamos embora.

Os olhos de Tally percorreram a paisagem. A Mansão Garbo, as torres de festa, as luzes de Nova Perfeição: o mundo que ela tinha desejado durante toda a sua vida como feia. Não sabia se um dia voltaria a ver aquela cidade.

Naturalmente, ela teria de voltar, caso Shay ainda não tivesse sido avisada. Aquela coisa toda de se cortar não passava de uma tentativa desesperada de se curar. Tally nunca a deixaria para trás, mesmo que Shay a odiasse.

— Certo, vamos lá — respondeu ela, para dizer em seguida, num sussurro: — Desculpe, Shay. Eu volto para buscar você.

Tally esticou o braço e puxou a corda para a subida. O queimador explodiu num rugido, espalhando uma onda de calor, e o envelope lá em

cima começou a se estufar. Logo o balão passou a subir.

— Caramba! — gritou Peris. — Estamos indo embora.

Fausto deu um berro e tratou de soltar o cabo. A cesta sacudiu ao se ver livre da amarra.

Tally não tirava os olhos de Zane. Agora eles subiam rapidamente, passando pelo alto da torre, de onde uma dezena de perfeitos bêbados acenava.

— Estou mesmo indo embora — disse Zane. — Finalmente.

Ela sorriu. Dessa vez não haveria desistência. Tally não deixaria.

Num instante, a torre de festa ficou para trás, com o balão subindo mais alto que qualquer construção de Nova Perfeição. Tally já conseguia ver as linhas prateadas do rio para todos os lados, a escuridão de Vila Feia e as luzes dos subúrbios. Logo estariam a uma altura da qual poderiam avistar o mar.

Soltando a corda, ela silenciou o queimador. Não precisavam chegar tão alto. Os balões não serviam para fugir dos carros dos guardas; para isso, usariam as pranchas. Em breve, teriam de se lançar numa queda livre, até que as pranchas encontrassem sustentação na estrutura magnética da cidade e os pegassem no ar.

Não era tão simples quanto pular de jaqueta, mas também não era tão perigoso assim. Olhando para baixo, Tally sacudia a cabeça e suspirava. Às vezes, tinha a impressão de que sua vida consistia numa sucessão de quedas, de alturas cada vez maiores.

Agora o vento os empurrava em alta velocidade, levando o balão para longe do mar. Estranhamente, no entanto, o ar ao redor deles parecia parado. Tally se deu conta de que, como o balão se movia na mesma direção das correntes, aquela era uma sensação natural. Pelo menos, o mundo continuava passando lá embaixo.

Em pouco tempo, as Ruínas de Ferrugem já estavam ficando para trás. Mas havia muitos rios em torno da cidade, com leitos repletos de depósitos minerais capazes de sustentar uma prancha. Os Crims tinham planejado fugir em diferentes direções — e todos sabiam voltar às ruínas, não importava aonde o vento os levasse.

Tally tirou o casaco, os braceletes antiqueda e as luvas e os deixou no piso da cesta. Graças ao calor que ainda emanava do queimador, não sentia muito frio. Então ela pôs a primeira luva resistente, por baixo do bracelete

no pulso esquerdo, puxando-a para além do cotovelo, quase até a axila. Na sua frente, Zane também se preparava.

Só faltava aproximar os braceletes da chama.

Ela olhou para cima. O queimador era preso à cesta por uma armação com quatro braços que se projetava como uma aranha gigante de metal. Com os pés na grade de proteção e a mão na estrutura do queimador, Tally conseguiu chegar aonde precisava. Dali, olhou para a cidade que passava embaixo e torceu para que o balão não fosse sacudido por uma repentina corrente de ar.

— Fausto, o sinal — disse.

Ele assentiu e acendeu o fogo de artifício, que começou a crepitar e a espalhar faíscas verdes e roxas. Tally viu o mesmo sinal sendo emitido por Crims nas proximidades. Num instante, as cores tomaram conta do céu, em toda a ilha. Agora não havia mais volta para ninguém.

— É isso aí, Zane. Vamos tirar essas coisas.

QUEIMADOR

Os quatro bicos do queimador estavam a menos de um metro de seu rosto, ainda incandescentes, espalhando um calor que se perdia no ar quente da noite. Ela esticou o braço e tocou num deles com cuidado. A mulher da oficina tinha dito a verdade. Tally conseguia sentir as formas do queimador por baixo do tecido resistente ao fogo e até identificar com os dedos alguns pontos de solda. No entanto, não fazia ideia da temperatura do metal. O queimador não estava quente, nem frio... Era uma sensação estranha, como se ela estivesse mergulhada em água com a mesma temperatura de seu corpo.

Tally olhou para Zane, que tinha se posicionado do outro lado do queimador.

— Essas coisas funcionam mesmo, Zane. Não estou sentindo nada.

Ele examinou a luva em sua mão esquerda, desconfiado.

— Você disse dois mil graus?

— Isso mesmo. — Pelo menos, para qualquer um capaz de confiar numa informação dada por uma artista perfeita de meia-idade soprando vidro no meio da noite. — Eu vou primeiro — disse Tally.

— Nada disso. Vamos juntos.

— Não seja dramático. — Ela se virou para Fausto, cujo rosto estava tão pálido quanto no momento em que Zane havia botado a mão no meio da prensa. — Dê uma puxadinha na corda, a mais sutil possível, assim que ouvir meu comando.

— Esperem aí! — disse Peris. — O que vocês estão fazendo?

Somente naquela hora Tally se deu conta de que ninguém tinha explicado o plano a Peris. Agora, num estado de absoluta confusão, ele esperava uma resposta. Mas não havia tempo para explicações.

— Não se preocupe. Estamos usando luvas — disse Tally, posicionando a mão esquerda sobre o queimador.

— *Luvas?* — estranhou Peris.

— Sim... luvas especiais. Manda ver, Fausto! — gritou Tally.

Uma onda de calor se projetou no ar. A chama azulada do queimador atrapalhou a visão de todos por alguns instantes. Tally fechou os olhos ao sentir o ardor infernal, como se o vento de um deserto soprasse em seu rosto. Enquanto se protegia do fogo, podia ouvir o grito de horror e surpresa que saía da boca de Peris.

Menos de um segundo depois, a chama já havia sumido. Ao abrir os olhos, Tally viu manchas amareladas em to-dos os lados. Mas também viu seus dedos se mexendo. Ilesos.

— Não senti nada na mão! — gritou.

Ela piscou para se livrar das manchas na visão e logo percebeu que o metal do bracelete ainda estava em brasa. O problema era que não parecia muito maior.

— O que você está *fazendo*? — berrou Peris, levando uma bronca de Fausto pelo escândalo.

— Muito bem — disse Zane, colocando a mão sobre o queimador. — Vamos ser rápidos. Eles já devem saber que estamos armando alguma coisa.

Tally concordou. O bracelete certamente tinha registrado o calor intenso. A exemplo do pingente dado a Tally pela dra. Cable, antes de sua viagem à Fumaça, o mecanismo provavelmente era projetado para emitir algum tipo de sinal caso fosse danificado. Ela respirou fundo, recebendo o ar gelado da noite nos pulmões, e em seguida pôs a mão sobre o queimador, sem se esquecer de baixar a cabeça.

— Vamos lá, Fausto. Mantenha o fogo aceso até eu mandar parar!

Outra onda de calor inimaginável se lançou sobre a mão de Tally. Peris observava a cena, com uma expressão de terror que assumia um aspecto demoníaco sob o fogo intenso. Tally preferiu desviar o olhar. Acima deles, o envelope se inchou, e o balão foi puxado para o alto pela carga de ar superquente. A cesta balançou, obrigando Tally a segurar firme no queimador.

A parte mais castigada pelo calor era seu ombro esquerdo, protegido apenas pela camiseta. Sem a cobertura da luva, a pele da região ardia como uma queimadura de sol. O calor impiedoso provocava rios de suor que desciam por suas costas.

Incrivelmente, as partes de Tally que menos sentiam o inferno eram as mãos, incluindo a esquerda, posicionada bem em cima da fonte de calor.

Ela tentou visualizar o bracelete, escondido pela chama, ficando vermelho, depois branco... e se expandindo gradualmente.

Depois de quase um minuto, gritou:

— Pare, pare!

O queimador se desligou, e num instante o ar ao seu redor voltou a esfriar, e a noite ficou mais escura. Tally se levantou, com os pés ainda apoiados na grade de proteção, e piscou, impressionada pelo silêncio que fazia após o desligamento da chama.

Ela tirou a mão de cima do queimador, esperando encontrar uma massa escura, apesar de suas terminações nervosas sugerirem algo diferente. Mas todos os cinco dedos se mexiam normalmente. O bracelete estava quase branco, com manchas azuis ainda percorrendo suas extremidades. Tally sentia um cheiro de metal fundido.

— Rápido, Tally! — gritou Zane, pulando na cesta. Ele começou a puxar o bracelete. — Antes que esfriem.

Ela também desceu da grade e seguiu o exemplo dele. Nesse momento, agradeceu por ter pegado duas luvas para cada um. O bracelete escorregou pelo pulso, mas parou, empacado no mesmo ponto de sempre. Tally examinou o metal de perto, tentando perceber se havia se dilatado. Embora parecesse maior, talvez a luva resistente ao fogo fosse mais grossa do que o imaginado, o que podia anular parte da diferença.

Tally espremeu bem os dedos de sua mão esquerda e puxou de novo: o bracelete avançou mais um centímetro. O metal ainda irradiava calor, mas começava a assumir um tom avermelhado mais suave... Quando esfriasse, ficaria mais apertado, esmagando seus ossos?

Cerrando os dentes, ela deu mais um puxão, o mais forte que pôde... e o bracelete saiu, caindo no piso da cesta como um pedaço de carvão em brasa.

— Isso!

Finalmente, Tally estava livre.

Ela olhou para os outros. Zane ainda não tinha obtido sucesso; Fausto e Peris corriam para desviar do bracelete de Tally, que soltava chiados enquanto rolava pelo chão.

— Consegui — prosseguiu ela. — Saiu.

— Ahn... o meu continua aqui — resmungou Zane. O bracelete estava preso em seu pulso e já não brilhava tanto. Ele soltou um palavrão antes de

voltar para cima da grade de proteção. — Manda ver de novo.

Fausto assentiu e deu outro puxão na corda que acionava o queimador.

O calor obrigou Tally a se virar. Ela olhou para a cidade lá embaixo, tentando se livrar das manchas que embaçavam sua visão. Eles já tinham passado do cinturão verde; estavam sobrevoando os subúrbios. Tally conseguia ver a zona industrial se aproximando, pontuada por luzes alaranjadas, e mais adiante a escuridão absoluta que indicava o fim da cidade.

Não podiam demorar a pular. Em mais alguns minutos, a estrutura de metal por baixo da cidade acabaria. Sem aquele apoio, as pranchas não conseguiriam voar ou mesmo deter uma queda. Eles seriam forçados a lançar os balões ao solo em vez de fugir tranquilamente.

Tally olhou para o envelope cheio do balão, que continuava subindo, e se perguntou quanto tempo levaria para passar a descer. Talvez, se conseguissem rasgá-lo de alguma forma, para acelerar o processo... mas qual seria a violência da queda de um balão? Além disso, sem pranchas que funcionassem, os quatro teriam de caminhar até algum rio, o que daria bastante tempo aos guardas para encontrar o balão enrolado e ir atrás deles.

— Vamos lá, Zane! — disse Tally. — Temos de ir!

— Estou tentando!

— Que cheiro é esse? — perguntou Fausto.

— Do que está falando?

Tally pulou para a cesta, tentando distinguir algo no ar quente.

Havia alguma coisa queimando.

— Somos nós! — gritou Fausto.

Ele soltou a corda do queimador e deu um pulo para trás. Não conseguia tirar os olhos da cesta.

Só então Tally sentiu o cheiro: lembrava o fedor de plantas quando jogadas na fogueira. Em algum lugar, o bracelete incandescente tinha começado a queimar o vime da cesta.

Ela olhou para Zane, que continuava agachado em cima da grade de proteção, ignorando os gritos desesperados dos outros e puxando seu bracelete com raiva. Peris e Fausto corriam à procura da origem do cheiro.

— Calma! — disse Tally. — Ainda temos a opção de pular!

— Não! Ainda não — berrou Zane, lutando com o bracelete.

Peris parecia prestes a saltar do balão sem sequer se dar ao trabalho de pegar sua prancha.

Com a visão finalmente livre de manchas, Tally reparou em algo perto de seus pés. Havia uma garrafa, abandonada pelos Esquentados. Ao pegá-la, percebeu que estava cheia.

— Segurem as pontas, meninos — disse ela. Com toda sua prática, ela tirou a proteção de estanho e posicionou os polegares sob a rolha. No instante seguinte, um projétil se perdia na escuridão. — Está tudo sob controle.

Assim que a espuma começou a transbordar, Tally pôs o dedão no gargalo. Então ela sacudiu a garrafa e espalhou champanhe por todo o piso da cesta. Um chiado marcou o último sopro de vida das chamas.

— Consegui! — gritou Zane, na mesma hora.

O bracelete caiu e rolou para perto dos pés de Tally, que, com toda a calma, esvaziou o resto da garrafa. O cheiro de metal fundido subiu misturado a um estranho aroma adocicado de champanhe fervido.

Depois de admirar um pouco sua mão recém-libertada, Zane tirou as luvas resistentes ao calor e as lançou pelos ares.

— Funcionou! — disse, dando um abraço em Tally.

Ela abriu um sorriso, largou a garrafa no chão e também arrancou as luvas.

— Teremos tempo para comemorar depois — disse ela. — Vamos tratar de sair daqui antes.

— Claro. — Zane equilibrou a prancha sobre a grade de proteção e olhou para baixo. — Caramba. É uma queda e tanto.

Fausto deu uma puxadinha numa outra corda pendurada.

— Vou liberar um pouco de ar quente... Talvez consigamos descer um pouco.

— Não temos tempo — gritou Tally. — Estamos quase fora da cidade. Se nos perdermos, o ponto de encontro é o prédio mais alto das ruínas. E lembrem: não se soltem da prancha no caminho até lá embaixo.

Todos se apressaram para pegar as mochilas, se esbarrando no espaço apertado. Zane e Tally puseram de volta seus casacos e braceletes antiqueda. Fausto jogou seu anel de interface no chão, agarrou a prancha e pulou dando um berro. O balão ascendeu um pouco com a redução da carga a bordo.

Assim que ficou pronto, Zane se virou e deu um beijo em Tally.

— Conseguimos. Estamos livres!

Ela o encarou, atordoada pela ideia de finalmente deixar a cidade, para mergulhar na liberdade.

— Sim, conseguimos.

— Nos vemos lá embaixo. — Por cima dos ombros, Zane espiou a terra que o esperava. Em seguida, deu as costas a Tally. — Amo você.

— Vejo você lá... — As palavras se perderam no ar. Ela precisou de um instante para repassar o que Zane tinha dito, antes de conseguir responder. — Ah, eu também.

Ele deu uma risada e, ao se desgarrar da grade, soltou um grito. A cesta balançou de novo com seus dois passageiros remanescentes.

Tally ainda estava surpresa com as palavras inesperadas de Zane. Mas logo tirou aquilo da cabeça. Não era hora de ter pensamentos perfeitos. Precisava pular.

Depois de se certificar de que a mochila estava bem presa ao corpo, ela ajeitou a prancha sobre a grade.

— Vamos logo! — gritou para Peris. Ele estava parado, com o olhar perdido. — Está esperando o quê?

— Não consigo.

— Claro que consegue. A prancha vai deter a queda... é só segurar firme! É só pular! O resto fica por conta da gravidade!

— O problema não é o salto, Tally — explicou Peris, virando-se para encarar a amiga. — Não quero ir embora.

— Como é que é?

— Não quero ir embora da cidade.

— Mas passamos esse tempo todo esperando por isso.

— Eu não — disse Peris. — Sempre gostei de ser um Crim e de ficar borbulhante. Acontece que nunca achei que fôssemos chegar tão longe. Ir embora para nunca mais voltar?

— Peris...

— Sei que você já esteve lá. Você e Shay. E Zane e Fausto sempre falaram de fugir. Só que não sou igual a vocês.

— Mas eu e você, nós somos...

Tally engasgou. Ela queria dizer "melhores amigos para sempre", porém as antigas palavras não saíram. Peris nunca havia estado na Fumaça, nunca havia arrumado confusão com a Circunstâncias Especiais, nunca havia se metido numa fria. Tudo sempre fora mais superficial para ele. Suas vidas eram muito diferentes.

— Tem certeza de que quer ficar? — perguntou Tally.

— Tenho sim. Mas ainda posso ajudar. Vou distraí-los para vocês ganharem tempo. Vou ficar no ar pelo máximo de tempo possível e depois acionar o botão de resgate. Aí eles vão ter de aparecer para me pegar.

Tally queria argumentar, mas se lembrou de quando tinha atravessado o rio, logo após a operação de Peris, para uma visita à Mansão Garbo. Ele havia se adaptado tão rapidamente, adorando Nova Perfeição desde o início. Talvez toda a história de ser integrante dos Crims não passasse de uma brincadeira...

Mesmo assim, ela não podia abandonar um amigo na cidade.

— Peris, pense bem. Sem nenhum de nós por perto, você não vai mais ficar borbulhante. Vai voltar a ser um perfeito como os outros.

— Não importa, Tally. Não preciso continuar borbulhante — disse ele, com um sorriso triste.

— Não? Você não acha que... *é muito melhor*?

— É empolgante. Mas ninguém consegue lutar contra as coisas para

sempre. Em algum momento, você é obrigado a...

— Desistir?

Peris fez que sim, ainda com o sorriso no rosto. Para ele, desistir não era algo tão negativo, e lutar só valia a pena enquanto era divertido.

— Tudo bem. Então você fica. — Sem saber o que mais dizer, Tally se virou. Porém, ao olhar para baixo, não viu nada além de escuridão. — Ah, merda — disse baixinho.

A cidade tinha acabado. Era tarde demais para pular.

Lado a lado, eles ficaram olhando para o nada, enquanto o vento os carregava para mais longe.

Finalmente, Peris resolveu quebrar o silêncio:

— Uma hora nós vamos descer, né?

— Não vai dar tempo — respondeu Tally. — Os guardas provavelmente já sabem que eu e Zane tostamos os braceletes. Eles vêm atrás de nós. E somos presas fáceis aqui em cima.

— Ahn. Juro que não queria atrapalhar seus planos.

— Não é culpa sua. Eu esperei demais.

Tally se perguntou se Zane conseguiria descobrir o que havia acontecido. Talvez pensasse que ela tinha caído e morrido. Ou que ela tinha desistido, como Peris.

De um jeito ou de outro, Tally estava assistindo ao seu futuro sumir, desaparecer como as luzes distantes da cidade que ficava para trás. Quem seria capaz de dizer o que a Circunstâncias Especiais faria com seu cérebro quando botasse as mãos nela novamente?

— Eu realmente achava que você quisesse vir com a gente — disse a Peris.

— Olhe, Tally, eu simplesmente me deixei levar. Ser um Crim era empolgante, e vocês eram meus amigos, minha turma. O que eu devia ter feito? Dizer que era contra fugir? Seria totalmente fraude.

— Achei que estivesse borbulhante, Peris.

— E estou, Tally. Mas só quero chegar até aqui. Gosto de quebrar regras. Agora, viver *por aí*? — disse ele, gesticulando na direção do oceano de escuridão que passava lá embaixo.

— Por que não me contou antes?

— Não sei. Acho que, antes de chegarmos lá em cima, eu não acreditava que estivessem falando sério sobre... nunca mais voltar.

Tally fechou os olhos e se lembrou de como era ter um cérebro de perfeito... tudo vago e confuso, um mundo que não passava de uma fonte de diversão, um futuro indefinido. Umas poucas armações provavelmente não eram o suficiente para deixar uma pessoa borbulhante; era preciso *desejar* uma mudança em seu cérebro. Talvez algumas pessoas já nascessem perfeitas antes mesmo do surgimento da operação.

E talvez algumas pessoas fossem mais felizes daquele jeito.

— Mas agora você pode ficar comigo — continuou Peris, passando o braço em torno de Tally. — Vai ser do jeito que devia ter sido desde o início. Eu e você perfeitos... melhores amigos para sempre.

Tally teve uma sensação terrível.

— Eu *não* vou ficar, Peris. Mesmo que eles me levem de volta, vou encontrar uma maneira de fugir.

— Por que você é tão infeliz na cidade? — perguntou Peris.

Com o olhar perdido na escuridão, Tally deu um suspiro. Zane e Fausto já deviam estar a caminho das ruínas, achando que ela vinha logo atrás. Como havia deixado aquela oportunidade escapar? Parecia que a cidade sempre dava um jeito de ficar com ela no fim. Talvez, bem lá no fundo, fosse igual a Peris.

— Por que sou infeliz? — repetiu Tally. — Porque a cidade obriga você a ser como *eles* querem, Peris. E eu prefiro ser eu mesma. É por isso.

Ele apertou o ombro dela com uma expressão triste no rosto.

— Mas as pessoas são melhores agora. Podem existir boas razões para eles terem nos mudado, Tally.

— Peris, as razões deles não significam nada, a não ser que eu tenha o direito de escolher. E eles não dão esse direito a ninguém — disse ela, tirando o braço dele do ombro e se voltando para a cidade que se distanciava.

Um conjunto de luzes estava subindo no ar: um esquadrão de carros voadores se reunindo. Tally se lembrou de que os veículos dos Especiais se mantinham suspensos graças a hélices, exatamente como os antigos helicópteros dos Enferrujados. Por isso, conseguiam voar mesmo longe da estrutura de metal da cidade. Deviam estar indo atrás dela, rastreando os últimos sinais emitidos pelos braceletes.

Tally tinha de sumir daquele balão *imediatamente*.

Antes de pular, Fausto havia amarrado a corda de descida, o que fazia um pouquinho de ar quente escapar do balão em intervalos regulares. O problema era que, depois do superaquecimento durante o processo de retirada dos braceletes, a descida tinha se tornado bem lenta... mal se podia notar que o chão firme estava mais próximo.

E então Tally avistou o rio.

Ela conseguia ver todo o percurso lá embaixo, uma espécie de cobra prateada, iluminada pelo luar, saindo das montanhas ricas em minério e se dirigindo ao mar. Em seu leito, devia haver depósitos de metal com séculos de existência. Uma quantidade suficiente para permitir que sua prancha voasse e talvez amortecer sua queda.

Podia ser uma chance de recuperar seu futuro.

Tally voltou a posicionar a prancha sobre a grade de proteção.

— Estou indo.

— Mas, Tally, você não...

— O rio.

Peris olhou para baixo.

— Parece tão pequeno. E se você errar?

— Não vou errar — disse ela, cerrando os dentes. — Você já viu aqueles saltos em formação, não viu? Eles só contam com os braços e as pernas para controlar a trajetória. Eu tenho uma prancha. É praticamente como ter asas!

— Você está fora de si.

— Estou indo.

Depois de dar um beijo rápido em Peris, ela passou uma perna por cima da grade.

— Tally! — gritou ele, segurando a mão dela. — Você pode morrer! Não quero perder você...

Tally deu um empurrão em Peris, que hesitou, surpreso com a reação da amiga. Os perfeitos não gostavam de brigas. Os perfeitos não se arriscavam. Os perfeitos nunca diziam não.

Mas Tally não era mais uma perfeita.

— Acontece que você já perdeu.

Em seguida, agarrada à prancha, ela se lançou rumo ao nada.

Parte III
DO LADO DE FORA

A beleza do mundo... tem dois gumes, um de riso, outro de angústia, que cortam o coração em pedaços.

— Virginia Woolf, *Um teto todo seu*

DESCIDA

Tally despencou para o silêncio, girando fora de controle.

Depois da calma dentro do balão, ela sentia o vento bater com uma força inesperada, quase arrancando a prancha de suas mãos. Apesar de mantê-la firmemente contra o peito, a resistência do ar continuava agindo, ávida para lhe arrancar a única esperança de sobrevivência. Tally juntou as mãos por trás da prancha e, agitando as pernas, tentou assumir o controle da queda. Aos poucos, o horizonte parou de rodar.

Mas ela estava de cabeça para baixo, olhando para as estrelas, agarrada à prancha. Conseguia até ver a silhueta do balão lá em cima. De repente, a chama se acendeu novamente, dando um tom prateado ao envelope, que passou a contrastar com a escuridão como uma enorme lua parada no céu. Tally imaginou que Peris estava subindo para confundir seus perseguidores. Pelo menos tentava ajudar.

A decisão de Peris tinha sido dolorosa, mas ela não podia perder tempo pensando naquilo. Não enquanto caía rumo ao chão firme.

Tally se esforçava na tentativa de se virar. Infelizmente, a prancha era maior que ela e, por isso, retinha o ar como uma espécie de vela e ameaçava escapar de suas mãos. Era uma experiência similar a tentar soltar pipa numa ventania. O problema era que, no caso daquela pipa em particular, se Tally perdesse o controle, acabaria espatifada no chão em cerca de 60 segundos.

Ela tentou se acalmar um pouco. Nessa hora, percebeu que havia alguma coisa puxando seu pulso. Embora os sustentadores da prancha não servissem para voar no meio daquele nada, não deixava de haver uma interação com o metal dos braceletes antiqueda.

Diante da constatação, Tally ajustou o bracelete do pulso esquerdo para maximizar a conexão. Com um apoio mais firme da prancha, ela esticou o braço direito, sentindo a força do vento. Era como em sua infância, nos passeios de carro com os pais, botando a mão para fora da janela. Com o braço aumentando a resistência, Tally aos poucos se viu voltando à posição correta.

Bastaram alguns segundos para a prancha estar embaixo dela.

Tally engoliu em seco ao ter uma visão completa da vastidão sombria e faminta que a esperava. O vento gelado parecia entrar por todas as frestas de seu casaco.

Embora a queda já durasse uma eternidade, o chão não parecia mais próximo. Nada servia de referência, à exceção do rio sinuoso, que ainda não passava de um pedaço de barbante. Então, como teste, Tally virou a palma da mão, e as águas prateadas começaram a se deslocar no sentido horário. Assim que recolheu o braço, o rio parou no lugar.

Ela sorriu. Pelo menos, tinha algum *controle* sobre a queda.

Agora o rio já crescia, e cada vez mais rápido, com o horizonte da terra se expandindo como um enorme predador que avançava em sua direção. O céu estrelado, por sua vez, ficava mais longe. Agarrada à prancha com as duas mãos, Tally descobriu que suas pernas abertas podiam direcionar a descida, mantendo-a sempre diretamente acima do rio.

Nos últimos dez segundos, ela se deu conta do tamanho do rio, que além de tudo tinha uma superfície agitada. E havia coisas se movendo na água.

Ele crescia mais e mais rapidamente...

Quando os sustentadores entraram em ação, foi como se Tally levasse com uma porta na cara, uma pancada que amassou seu nariz e abriu um corte em seu lábio inferior. Ela sentiu imediatamente um gosto de sangue na boca. Seus pulsos foram violentamente torcidos pelos braceletes, e a interrupção brusca da queda a espremeu contra a prancha, arrancando-lhe o ar dos pulmões como um imenso torno. Tally se esforçou para respirar.

A prancha perdia velocidade, mas não o suficiente para evitar a aproximação do rio, cada vez maior em todas as direções, refletindo o brilho das estrelas. Até que...

Tum!

A prancha bateu na água, como a mão de um gigante, submetendo o corpo de Tally a outro violento solavanco. Ela sentiu uma explosão de luz e som tomar conta de sua cabeça. Em seguida, caiu na água e não ouviu mais nada além do rugido do rio. Tally soltou a prancha e agitou os braços na tentativa de voltar à superfície. O impacto a havia deixado sem ar. Abrindo os olhos com dificuldade, ela enxergou apenas uma luz bem fraca, que atravessava a água turva. Apesar da debilidade do esforço, a luz foi

crescendo gradualmente, até que finalmente Tally emergiu, arfando e tossindo.

As águas se agitavam em volta de Tally. A corrente veloz lançava ondas em várias direções. Nadando cachorrinho, ela tentava suportar o peso da mochila. Com os pulmões buscando ar desesperadamente, Tally tossiu e sentiu gosto de sangue na boca.

Jogada de um lado para o outro, percebeu que tinha exagerado na precisão: estava bem no meio do rio, a 50 metros das margens. Ela soltou um palavrão e continuou nadando, à espera de um movimento de seus braceletes.

Onde estaria a prancha? Já devia ter dado um sinal àquela altura.

A verdade era que os sustentadores haviam demorado muito para funcionar. Tally esperava ser puxada no meio do caminho, em vez de acertar o rio em alta velocidade. Depois de alguns minutos pensando no assunto, entendeu o que tinha acontecido. O rio era mais fundo do que pensava; os minerais em seu leito estavam muito abaixo de seus pés. Tally se lembrou de que, às vezes, as pranchas balançavam ao passar na parte central do rio da cidade. A distância dos depósitos de minerais impedia que os sustentadores funcionassem plenamente.

Podia se considerar sortuda pelo fato de a prancha ter reduzido um pouco a velocidade da queda.

Tally olhou ao redor. Pesada demais para flutuar, a prancha devia ter afundado, e a corrente, cuidado de carregá-la para longe. Ela decidiu ampliar a área de contato dos braceletes para um quilômetro e depois ficou esperando a ponta da prancha aparecer na superfície da água.

De repente, Tally notou formas se movendo na água que a cercava, lembrando um grupo de jacarés perdidos na corrente intensa. O que eram aquelas coisas?

Então, algo tocou na sua perna...

Ela se virou. Era apenas um pedaço de tronco; nada de jacaré, *nem* de prancha. De qualquer maneira, Tally se agarrou ao pedaço de madeira, pois estava exausta de tentar se manter na superfície. Em todos os lados, havia troncos, galhos, juncos e montes de folhas apodrecidas. O rio carregava todo tipo de detrito.

A chuva, pensou Tally. Três dias de tempestade deviam ter castigado as montanhas e levado uma variedade de coisas soltas na direção do rio,

aumentando o volume das águas e acelerando a corrente. O tronco ao qual se agarrava era velho e já estava preto, mas havia alguns segmentos de madeira esverdeada. Talvez a árvore tivesse sido arrancada do solo pela enchente.

Tally passou os dedos no pedaço em que a árvore tinha se partido e percebeu que um objeto bem regular tinha causado sua queda.

Quem sabe a ponta de uma prancha?

Alguns metros à frente, achou outro pedaço de madeira boiando, cortado da mesma forma. A queda brusca de Tally tinha partido a velha árvore ao meio. Havia sangue em seu rosto; ela sentia o gosto na boca. Que tipo de estrago a prancha teria sofrido?

Tally voltou a mexer nos controles dos braceletes, colocando-os na potência máxima, o que logo consumiria completamente suas baterias. A cada segundo, a corrente a levava para mais longe do ponto do impacto inicial.

Nenhuma prancha emergiu da água, e Tally também não sentiu nenhum puxão nos pulsos. Com os minutos passando, ela começou a aceitar que a prancha tinha se perdido, virado lixo no fundo do rio.

Tally desligou os braceletes e, ainda agarrada ao tronco, passou a agitar as pernas para se aproximar da terra firme.

A margem estava escorregadia por causa da lama. A chuva e a cheia do rio tinham encharcado todo o terreno. Tally caminhou por uma pequena reentrância, abrindo caminho por entre galhos e juncos, ainda com água na altura da cintura. Aparentemente, a torrente tinha carregado tudo o que flutuava e reunido o entulho naquele ponto.

Inclusive Tally Youngblood.

Ela subiu pela margem, desesperada para alcançar um lugar seco, com todos os seus instintos dizendo para que continuasse a se afastar do rio. Com o corpo parecendo pesar uma tonelada, ela escorregou e, de repente, se viu toda coberta de lama. Finalmente, desistiu de sair dali e abraçou o lodaçal, tremendo de frio. Não se lembrava de ter se sentido tão cansada depois de se tornar uma nova perfeita. A impressão era de que o rio havia arrancado a vitalidade de seu corpo.

Tally pegou o acendedor de fogo na mochila e, com as mãos tremendo, reuniu um monte de gravetos. Contudo, a madeira estava tão molhada,

depois de três dias de chuva, que a pequena chama não conseguiu arrancar mais do que um chiado do arremedo de fogueira.

Pelo menos, seu casaco ainda funcionava. Ela pôs o aquecimento no máximo, sem se preocupar com as baterias, e se encolheu para se manter aquecida.

Torcia para que o sono chegasse, porém seu corpo não parava de tremer, como se fosse uma febre dos tempos de feia. Mas os novos perfeitos nunca ficavam doentes. A não ser que tivesse ultrapassado os limites naquele mês, comendo quase nada, andando no frio, vivendo à base de adrenalina e café. Para completar, das últimas 24 horas, havia passado no máximo uma sem estar completamente encharcada.

Talvez estivesse apresentado a mesma reação de Zane à cura. Talvez o comprimido estivesse começando a danificar seu cérebro, justamente numa circunstância em que não havia qualquer esperança de obter ajuda médica.

A cabeça de Tally latejava e pensamentos delirantes tomavam conta de sua mente. Sem a prancha, a única maneira de chegar às Ruínas de Ferrugem era a pé. Ninguém sabia do seu paradeiro. O mundo consistia apenas em mato, frio congelante e Tally Youngblood. Até a ausência do outro bracelete em seu pulso causava uma sensação estranha, como a lacuna deixada por um dente perdido.

O pior, porém, era a falta que sentia de Zane ao seu lado. Ao longo do último mês, ele havia passado todas as noites com ela, e os dois estavam quase sempre juntos também durante o dia. Mesmo na fase do silêncio forçado, Tally tinha se acostumado à presença constante de Zane, à familiaridade do seu toque, às conversas sem palavras. E, de repente, ele havia sumido. Para ela, era como se tivesse perdido uma parte de seu corpo na queda.

Tally havia imaginado aquele momento milhares de vezes. Voltar à natureza, estar livre da cidade. Mas nunca tinha pensado naquilo sem a companhia de Zane.

Mesmo assim, lá estava ela, completamente sozinha.

Ainda passou um bom tempo acordada, revivendo mentalmente o frenesi dos momentos derradeiros dentro do balão. Se tivesse pulado antes, ou pelo menos pensado em olhar para baixo, antes de a cidade acabar... Depois de ouvir as palavras de Zane, sabendo que a fuga era a única chance de conquistarem juntos a liberdade, ela não podia ter hesitado.

Mais uma vez, as coisas tinham dado errado, e a culpa era toda dela.

Finalmente, a exaustão falou mais alto do que as preocupações, e Tally mergulhou num sono agitado.

SOZINHA

Era uma vez uma linda princesa.

Ela estava trancafiada no alto de uma torre, uma torre com paredes inteligentes e buracos que lhe forneciam qualquer coisa que desejasse: comida, uma turma de amigos incríveis, roupas maravilhosas. E, para completar, havia um espelho em que a princesa podia admirar sua beleza o dia todo.

O único problema era que não existia saída da torre. Os responsáveis pela construção tinham se esquecido de instalar um elevador ou mesmo incluir uma escadaria. Ela estava presa lá em cima.

Um dia, a princesa percebeu que vivia entediada. A vista da torre — montanhas suaves, campos cheios de flores brancas e uma densa floresta — era fascinante. Todos os dias, ela passava mais tempo olhando para a paisagem da janela do que para seu próprio reflexo, uma situação comum nas vidas de garotas complicadas.

Não havia dúvida de que nenhum príncipe apareceria por ali. Ou, pelo menos, de que ele estava muito atrasado.

Assim, a única opção era pular.

O buraco na parede lhe deu uma charmosa sombrinha para frear a descida, um deslumbrante vestido novo para passear nos campos e na floresta e uma chave de ferro para que pudesse retornar à torre se quisesse. No entanto, a princesa, rindo arrogantemente, jogou a chave na lareira, convencida de que nunca precisaria voltar àquele lugar. Sem se olhar no espelho, foi até a sacada e se lançou no ar.

A questão era que se tratava de uma queda considerável, muito maior que a esperada pela princesa, e a sombrinha acabou se revelando uma porcaria. Enquanto caía, ela se deu conta de que devia ter pedido uma jaqueta de bungee jump, um paraquedas ou *qualquer coisa* melhor que uma sombrinha.

O impacto foi forte. Ela ficou caída, confusa e dolorida, pensando em como tudo tinha acabado daquele jeito. Não havia nenhum príncipe por

perto para buscá-la, o vestido novo estava um lixo e, graças à sua arrogância, não possuía uma chave para voltar à torre.

E o pior de tudo era que, como não dispunha de um espelho, a princesa não tinha como saber se continuava bonita... ou se a queda tinha mudado a história por completo.

Quando Tally despertou daquele sonho fraude, o sol já estava no meio do céu.

Ela se levantou com dificuldade, tendo de se livrar do abraço pegajoso da lama. Durante a noite, em algum momento, a bateria do casaco havia se esgotado. Sem aquecimento, a peça de roupa não passava de uma coisa fria grudada à sua pele, ainda molhada do mergulho no rio e com um cheiro esquisito. Tally tirou o casaco e o estendeu sobre uma pedra, na esperança de que secasse sob o sol.

Pela primeira vez em vários dias, o céu estava limpo. Mas a mudança também tinha trazido um vento frio e cortante; a chuva tinha trazido um tempo mais quente e o levado embora consigo. Nas árvores, a geada reluzia, e sob os pés de Tally a lama estava coberta por uma fina e quebradiça camada de gelo.

Embora a febre tivesse passado, Tally sentiu uma tontura ao ficar de pé. Por isso, resolveu se ajoelhar e examinar o que havia dentro da mochila. Todos os seus pertences estavam ali. Fausto tinha conseguido reunir alguns dos equipamentos normalmente usados pelos Enfumaçados: faca, filtro de água, localizador, acendedor de fogo, sinalizadores e dezenas de pacotes de sopa. Lembrando-se de como a comida desidratada era valiosa na Fumaça, Tally havia levado o suficiente para três meses e, felizmente, enfiado tudo num plástico impermeável. Ao ver os dois rolos de papel higiênico, porém, ela soltou um grunhido. Tinham se transformado em duas enormes bolas brancas. Tally ainda os colocou em cima da pedra, ao lado do casaco, mas na verdade não via qualquer utilidade em secá-los.

Ela suspirou. Nem em seus tempos de Enfumaçada tinha se acostumado ao negócio de usar folhas.

Ao dar de cara com seu patético monte de gravetos, Tally se lembrou de ter tentado acender uma fogueira na noite anterior, algo que, mesmo que desse certo, seria extremamente estúpido. Os carros da Divisão de

Circunstâncias Especiais que buscavam o balão avistariam facilmente o fogo no meio da escuridão.

Embora não houvesse sinal de patrulhas no ar naquela manhã, Tally resolveu se afastar um pouco do rio. Como o aquecimento do casaco não estava funcionando, ela seria obrigada a acender uma fogueira à noite.

Mas antes precisava cuidar de outra coisa: comida.

Andando com dificuldade, ela foi até o rio para encher o purificador. Pedaços de lama ressecada caíam de sua pele e roupas a cada passo. Tally nunca tinha estado tão suja na vida. Mas tomar banho naquela água congelante não era uma opção. Não até acender uma fogueira para se esquentar depois. A febre da noite anterior havia passado, graças à ação de seu sistema imunológico de perfeita, mas ela não queria correr qualquer risco.

De repente, Tally se deu conta de que não era com sua própria saúde que devia se preocupar. Zane estava em algum lugar, talvez sozinho como ela. Apesar dos saltos quase simultâneos, ele e Fausto podiam ter caído a quilômetros de distância um do outro. Se Zane tivesse um ataque a caminho das ruínas, sem uma pessoa para ajudá-lo...

Tally tentou não pensar mais naquilo. Tudo que podia fazer naquele momento, por Zane ou por qualquer outra pessoa, era se preparar para chegar às ruínas. E aquilo significava comer em vez de se preocupar com coisas que estavam fora de seu controle.

O purificador precisou ser enchido duas vezes até filtrar água numa quantidade suficiente para o preparo de uma refeição. Ela pegou um pacote de MacaThai e pôs para ferver. Logo começou a sentir o cheiro do macarrão reconstituído e do tempero saindo da água.

Quando finalmente ouviu o sinal de que a comida estava pronta, Tally sentia-se completamente esfomeada.

Ao acabar com o MacaThai, ela concluiu que não havia sentido em passar fome e, na mesma hora, botou outro pacote de MacaCurry para ferver. A dieta forçada podia ter sido útil para se livrar do bracelete e permanecer borbulhante, mas agora Tally dispunha do frio e dos perigos da natureza selvagem para mantê-la no estado ideal. Não havia muito risco de voltar a uma confusão perfeita naquele lugar.

Depois do café da manhã, ela recebeu péssimas notícias do localizador. Precisou confirmar os cálculos duas vezes para acreditar na distância que

havia percorrido na noite anterior. As correntes vindas do oceano tinham empurrado o balão para o leste, no sentido oposto ao das Ruínas de Ferrugem. Depois, o rio havia cuidado de carregá-la mais um longo trecho para o sul. Tally estava a mais de uma semana a pé das ruínas, se conseguisse percorrer uma linha reta até lá. E andar numa linha reta estava fora de cogitação, pois ela teria de contornar a cidade e se manter na floresta para se esconder das equipes de busca pelo ar.

Tally se perguntou por quanto tempo os Especiais ficariam atrás dela. Por sorte, eles não sabiam que sua prancha tinha sumido dentro do rio. Assim, presumiriam que ela estava voando, em vez de se deslocando a pé. Pelas informações de que dispunham, Tally tentaria se manter próxima do rio ou de algum outro veio de depósitos minerais.

Quanto mais rápido se afastasse da margem, melhor.

Ela desfez seu acampamento improvisado com desânimo. Na mochila havia comida mais que suficiente para a viagem, e as montanhas estariam cheias de água da chuva prolongada, mas mesmo assim Tally se sentia derrotada. Pelo que Sussy e Dex haviam dito, os Novos Enfumaçados não tinham se estabelecido de modo permanente nas ruínas. Eles podiam partir a qualquer momento, e ela estava a uma semana de distância.

Sua única esperança era que Zane e Fausto ficassem para trás esperando que Tally aparecesse. A não ser que achassem que ela tivesse sido capturada ou morta pela queda. Ou que simplesmente tivesse desistido.

Não, Zane nunca pensaria aquilo. Ele podia estar preocupado, mas Tally tinha certeza de que esperaria por ela, pelo tempo que fosse necessário.

Tally suspirou enquanto amarrava o casaco ainda molhado na cintura e botava a mochila nos ombros. Não havia sentido em ficar imaginando onde os outros estariam; sua única opção era caminhar na direção das ruínas e confiar que haveria alguém à espera quando chegasse.

Tally não tinha outro lugar para ir.

A travessia por dentro da floresta foi complicada; cada passo representava uma verdadeira batalha. Na época da Fumaça, Tally se deslocava basicamente de prancha. Quando precisava caminhar na mata, usava trilhas bem demarcadas. Agora, ela enfrentava a natureza em sua forma primitiva, hostil e impiedosa. A vegetação rasteira densa atrapalhava seus passos,

tentando insistentemente derrubá-la, com um arsenal de arbustos, raízes traiçoeiras e paredes impenetráveis de espinhos.

No meio das árvores, ainda se ouviam ecos da tempestade. Nos pinheiros, pedacinhos de gelo brilhavam, derretendo lentamente sob o calor do dia. Aquele processo resultava numa chuva permanente de gotinhas geladas. Era como um majestoso palácio de gelo, com fachos de luz passando por entre as árvores, lembrando lasers atravessando uma névoa fina. Entretanto, sempre que Tally esbarrava num galho, levava um banho de água congelante na cabeça.

Ela se lembrou de, na viagem até a Fumaça, ter passado pela antiga floresta devastada pelas sementes modificadas dos Enferrujados. Ao menos, andar naquela paisagem plana tinha sido mais fácil que desbravar a mata fechada. Às vezes, quase dava para entender por que os Enferrujados haviam se empenhado tanto em destruir a natureza.

A natureza podia ser um saco.

À medida que andava, Tally começou a achar que suas dificuldades em relação à floresta eram fruto de um problema pessoal. Os arbustos incômodos pareciam ter consciência de sua presença, empurrando-a para onde queriam, a despeito do que o localizador indicava. Em alguns pontos, a vegetação se abria de maneira receptiva, oferecendo passagens convidativas que acabavam tirando Tally de seu caminho. Andar numa linha reta era impossível. Ela estava na natureza, não numa autoestrada dos Enferrujados, passando por entre montanhas e cruzando desertos, sem preocupação com o relevo.

No entanto, com o cair da tarde, Tally começou a se convencer de que estava seguindo um caminho de verdade, como as trilhas naturais que os Pré-Enferrujados tinham percorrido um milênio antes.

Ela se lembrou das palavras ditas por David na Fumaça: a maioria das trilhas dos Pré-Enferrujados havia sido aberta originalmente por animais. Nem cervos, lobos e cachorros selvagens gostavam de ficar se embrenhando no meio da mata virgem. A exemplo do ser humano, os animais se aproveitavam dos mesmos caminhos geração após geração, demarcando trilhas na floresta.

Obviamente, Tally sempre tinha achado que só David era capaz de reconhecer uma trilha de animal. Depois de crescer em contato com a natureza, ele era praticamente um Pré-Enferrujado. Porém, com as sombras

se tornando cada vez maiores, Tally percebeu um caminho ficando mais direto e fácil de seguir. Era como se tivesse tropeçado numa misteriosa fissura no meio do mato.

Uma sensação angustiante atacou seu estômago. Os barulhos aleatórios dos pingos que caíam das árvores começaram a confundir sua cabeça, e seus nervos se agitaram, suspeitando de que estivesse sendo observada.

Provavelmente era apenas sua visão de nova perfeita destacando as marcas sutis da passagem de um animal. Ela devia ter desenvolvido mais habilidades do que se lembrava durante sua temporada na Fumaça. Aquela era uma trilha de animais. Era impossível haver uma *pessoa* vivendo ali. Não tão perto da cidade, num lugar em que os Especiais a teriam detectado muitas décadas antes. Mesmo na Fumaça, ninguém sabia da existência de outras comunidades fora das cidades. A humanidade havia decidido, dois séculos atrás, deixar a natureza em paz.

Em paz, repetia Tally. Não havia mais ninguém ali. Curiosamente, ela não sabia se o fato de ser a única pessoa no meio da floresta tornava sua situação mais ou menos preocupante.

Finalmente, com o céu já ganhando tons rosados, Tally decidiu fazer uma parada. Achou uma clareira que tinha passado o dia inteiro exposta ao sol. Talvez ali houvesse bastante madeira seca para acender uma fogueira. Apesar de ter suado muito — sua camiseta estava grudada no corpo e o casaco andava esquecido na mochila —, Tally sabia que, assim que o sol se pusesse, o ar se tornaria incrivelmente frio novamente.

Encontrar galhos secos foi fácil. Ela pesou alguns pedaços menores com as mãos, tentando escolher os mais leves, que deviam conter menos água. Todos os seus conhecimentos de Enfumaçada tinham voltado, e desde a fuga não havia sinal de pensamentos perfeitos. Agora que Tally estava fora dos limites da cidade, a cura parecia instalada em sua cabeça para sempre.

Apesar de tudo, ela hesitou em encostar o fogo do acendedor na pilha de madeira. A paranoia detinha sua mão. Sons ainda saíam da floresta: pingos d'água, cantos de pássaros, ruídos produzidos por pequenos animais que passavam pelas folhas úmidas. Era fácil imaginar alguém a observando de pontos escuros no meio das árvores.

Tally suspirou. Talvez ainda fosse perfeita e estivesse imaginando histórias sobre a floresta desabitada. Quanto mais tempo passava sozinha naquele lugar, melhor entendia por que os Enferrujados e seus antepassados

acreditavam em criaturas invisíveis e rezavam para acalmar os espíritos, ao mesmo tempo que destruíam a natureza ao seu redor.

Mas Tally não acreditava em espíritos. A única coisa com que se preocupava eram os Especiais, e eles concentrariam as buscas no percurso do rio, a quilômetros dali. A noite havia caído enquanto ela montava a fogueira, e agora já fazia um frio considerável. Ela não podia se arriscar a ter outra febre sozinha na floresta.

Tally acionou o acendedor e o manteve encostado nos gravetos até surgir uma chama. Cuidadosamente, ela tratou de proteger o fogo com galhos maiores, até que estivesse forte o bastante. Depois queimou alguns pedaços mais leves e aproximou outros para que secassem.

Em pouco tempo, a fogueira emitia calor suficiente para fazê-la se afastar. Tally sentiu o ardor penetrar seus ossos pela primeira vez em vários dias.

Ela sorriu e ficou observando o fogo. A natureza era implacável e podia ser perigosa, mas, diferentemente da dra. Cable, de Shay ou Peris — e das pessoas em geral —, fazia sentido. Os problemas criados por ela podiam ser resolvidos de maneira racional. Se sentir frio, acenda uma fogueira. Se precisar chegar a um lugar, ande. Tally sabia que conseguiria alcançar as ruínas com ou sem a ajuda de uma prancha. E, de lá, ela acabaria encontrando Zane e a Nova Fumaça. E tudo daria certo.

Naquela noite, concluiu com satisfação, teria um sono tranquilo. Mesmo sem Zane ao seu lado, Tally tinha encarado bem o primeiro dia de liberdade na natureza e continuava borbulhante e inteira.

Ela se deitou e observou a madeira em brasa dentro do fogo, aquecendo-a como uma velha amiga. Suas pálpebras começaram a pesar e, num instante, se fecharam.

Tally estava mergulhada num sono cheio de sonhos agradáveis quando os gritos começaram.

CAÇADA

No início, ela achou que fosse um incêndio na floresta.

Havia fogo se movendo entre as árvores, projetando sombras trêmulas na clareira, espalhando no ar fagulhas que lembravam insetos em chamas. Os gritos vinham de todos os lados; alaridos inumanos pontuados por palavras sem significado.

Tally se levantou com pressa e tropeçou nos restos de sua fogueira. Os galhos em brasa soltaram fagulhas para todos os lados. Ela sentiu o calor através das solas das botas e quase caiu com mãos e joelhos por cima da madeira incandescente. Ouviu outro grito vindo de perto — um brado agudo de raiva. Então algo com forma humana correu em sua direção carregando uma tocha. A cada passo, o fogo chiava e crepitava, como se fosse uma coisa viva que impelia seu portador a avançar.

A figura agora balançava algo à sua frente: um bastão lustroso que brilhava sob a luz do fogo. Tally pulou para trás na hora certa e só ouviu o zumbido do golpe desferido no vazio. Rolando no chão, sentiu nas costas pontadas provocadas pelas brasas. Novamente de pé, ela se virou e correu na direção das árvores. Outra figura bloqueou seu caminho, também empunhando um pedaço de pau.

Uma barba escondia seu rosto, mas, apesar da dança das sombras, Tally conseguia ver que se tratava de um feio. Além de ser gordo e narigudo, tinha marcas de doença na pele branca da testa. Seus reflexos também eram de feio: os movimentos do bastão eram lentos e previsíveis. Tally rolou por baixo da arma e, com os pés, golpeou as pernas do sujeito, fazendo-o cair.

Quando ouviu o barulho do corpo se estatelando no chão, já estava novamente de pé e correndo, desviando dos galhos, dirigindo-se à parte mais sombria da floresta.

O volume dos gritos voltou a subir, e as tochas dos perseguidores projetavam sombras que se agitavam nas árvores à sua frente. Tally enfrentava a vegetação rasteira quase sem enxergar, aos tropeções, levando golpes de galhos molhados no rosto. De repente, uma raiz enroscou no seu pé e a fez perder o equilíbrio. Ela esticou os braços para deter a queda e, no

momento do impacto, sentiu um dos pulsos virar demais e, em seguida, uma explosão de dor.

Tally segurou a mão machucada por um instante, sempre de olho em seus perseguidores feios. Eles não eram tão rápidos quanto ela, mas se agachavam e desviavam dos obstáculos da floresta com agilidade, reconhecendo os melhores caminhos, mesmo no escuro. As tochas começaram a se espalhar, e a confusão de gritos agudos num instante voltou a cercar Tally.

Mas quem eram *eles*? Pareciam muito baixos e gritavam sem parar numa língua desconhecida. Era como se fantasmas Pré-Enferrujados tivessem se erguido das tumbas...

Qualquer que fosse a resposta, não havia tempo para ficar pensando naquilo. Tally se levantou e correu novamente rumo à escuridão, tentando passar pelo espaço entre duas tochas.

Os dois perseguidores fecharam o caminho assim que ela chegou perto. Eram homens de barba, com rostos marcados por cicatrizes e machucados. Tally se enfiou entre eles, perto o bastante para sentir o calor das tochas. Um golpe violento de bastão acertou seu ombro de raspão, mas ela conseguiu se manter de pé e logo estava descendo uma encosta rumo ao nada.

Aos gritos, os dois foram atrás, e outros berros se juntaram aos deles lá em cima. Quantos seriam? Tally tinha a impressão de que aquelas pessoas simplesmente brotavam da terra.

De repente, ela sentiu seu pé mergulhar em água gelada. Antes que pudesse entender, Tally escorregou e caiu num pequeno córrego. Lá atrás, os dois perseguidores mais próximos desciam pela encosta, espalhando fagulhas sempre que esbarravam em troncos e galhos. Não deixava de ser surpreendente que a floresta toda não estivesse em chamas.

Tally se levantou de novo e correu pelo leito do córrego, satisfeita por encontrar um caminho no meio da vegetação. Ela tinha dificuldade para se manter de pé sobre as pedras escorregadias, mas de qualquer maneira conseguiu se distanciar dos olhos iluminados que a acompanhavam das duas margens. Sabia que, se conseguisse chegar a um terreno aberto, poderia deixar para trás aqueles pequenos e lentos feios.

Ela ouviu que alguém tinha entrado na água e logo em seguida um tipo de reclamação e uma leva de xingamentos numa língua desconhecida. Um

deles tinha caído. Talvez Tally conseguisse escapar.

Obviamente, a comida e o purificador de água continuavam dentro da mochila, deixada na clareira, agora dominada por feios que berravam e agitavam bastões. Perdidos.

Tally tentou esquecer aquilo e se concentrou em correr. Seu pulso ainda latejava por causa da queda. Podia estar quebrado.

Repentinamente, ela começou a ouvir um rumor bem alto e percebeu que a água se agitava em torno de seus tornozelos. Tudo parecia tremer. Então seus pés perderam o apoio no meio da corrida...

Mergulhando no ar, Tally descobriu tarde demais de onde vinha o barulho... ela tinha despencado de uma queda-d'água. Mas seu voo durou pouco. Num instante, Tally caiu num poço, cercada pela água revolta e gelada. O som agora se resumia a um burburinho em seus ouvidos. Ela notou que continuava afundando, rumo ao silencio e à escuridão, sendo virada de cabeça para baixo.

Finalmente, quando um de seus ombros tocou o fundo, Tally conseguiu pegar impulso para voltar a subir. Emergiu quase sem ar, agitando as mãos até encontrar apoio numa pedra. Agachada, arrastou-se para a parte mais rasa, tossindo e tremendo.

E numa emboscada.

As tochas se espalhavam por toda parte, refletidas na água agitada como um enxame de vagalumes. Ao erguer os olhos, Tally se deparou com pelo menos uma dezena de perseguidores a observando das margens do córrego, com seus rostos pálidos e feios tornados ainda mais abomináveis pela luz do fogo.

Havia um homem de pé diante dela. A barriga proeminente e o nariz enorme indicavam que era o mesmo caçador que Tally tinha derrubado na clareira. Seu joelho sangrava no exato ponto em que Tally havia acertado. Ele soltou um berro indistinto e ergueu o bastão bem alto.

Tally observava sem acreditar. Ele ia mesmo bater nela? Aquelas pessoas matavam estranhos sem qualquer motivo específico?

Mas não houve pancada. Enquanto o homem olhava para ela, seu rosto era tomado gradualmente por uma expressão de medo. Ele aproximou a tocha de Tally, que se encolheu, tentando proteger a cara. Então o homem se agachou para olhar mais de perto. Tally baixou as mãos.

Os olhos claros do homem piscavam, confusos, sob a luz do fogo.

Ele a havia *reconhecido*?

Apreensiva, Tally interpretou o que aqueles traços grosseiros diziam: medo crescente, dúvida e, de repente, a compreensão de que algo terrível havia acontecido...

A tocha caiu da mão do homem e se apagou na água do córrego, soltando um chiado e uma fumaça fedida. O sujeito voltou a gritar, agora como se sentisse dor. Repetia a mesma palavra sem parar. Ele se curvou para a frente, quase enfiando o rosto na água.

Os outros seguiram seu exemplo, caindo de joelhos e largando as tochas no chão. Todos passaram a gritar do mesmo jeito, quase se sobrepondo ao rugido da queda-d'água.

Tally se ergueu, tossindo baixinho e tentando entender o que estava acontecendo naquele lugar.

Olhando ao redor, reparou pela primeira vez que só havia homens entre os caçadores. Suas roupas eram muito mais rústicas que as peças feitas à mão pelos Enfumaçados. Todos tinham marcas nos rostos e braços e longas barbas com fios embaraçados. Seus cabelos pareciam nunca terem visto um pente na vida. Eles eram mais claros do que a média dos perfeitos, com uma pele sardenta e rosada que lembrava crianças sensíveis ao sol.

E nenhum dos feios a encarava. Seus rostos estavam ou escondidos atrás das mãos ou quase encostados na terra.

Depois de muito tempo, um deles se aproximou. Era magro e enrugado, com cabelo e barba brancos. Tally se lembrou, de seus tempos na Fumaça, que aquela era a aparência dos feios *velhos*. Sem a operação, seus corpos ficavam decrépitos, como ruínas antigas abandonadas pelos construtores. Tremendo, talvez de medo ou por causa da saúde frágil, o homem olhou fixamente para Tally, por um instante que pareceu durar uma eternidade.

Finalmente ele falou, numa voz vacilante que Tally mal conseguia ouvir em meio ao barulho da queda-d'água:

— Eu conheço pouco língua dos deuses.

— Você o quê? — questionou Tally, perplexa.

— Vimos fogo e achamos forasteiro. Não deus.

Todos os outros se mantinham em silêncio, numa espera ansiosa, alheios às tochas que se apagavam jogadas no chão. Tally viu um arbusto pegar fogo, mas o homem agachado ao seu lado aparentava estar paralisado pelo medo.

Então, de repente, ela tinha deixado todos aterrorizados? Aquelas pessoas perderam a cabeça ou o quê?

— Nunca deuses usam fogo antes. Por favor entende.

Os olhos do homem imploravam por perdão.

Tally se ergueu com dificuldade.

— Ahn, tudo bem. Está tudo bem.

O velho feio se levantou tão rapidamente que Tally recuou e quase caiu de novo no poço. Ele gritou uma única palavra, repetida pelos outros caçadores. Aquilo pareceu tirá-los do transe. Todos se ergueram e trataram de apagar os pequenos focos de incêndio iniciados pelas tochas caídas.

Num instante, Tally voltou a se sentir intimidada.

— Mas, ei... só vamos parar com... esse negócio dos bastões, certo? — resolveu acrescentar.

O velho ouviu, assentiu e gritou mais palavras na língua desconhecida. Os caçadores reagiram imediatamente: alguns arrebentaram os bastões contra árvores e aos chutes; outros golpearam o chão até que as armas se despedaçassem ou simplesmente as fizeram sumir na escuridão.

Ao se virar para Tally novamente, o velho tinha as mãos abertas, num gesto explícito de quem esperava sua aprovação. Seu bastão estava partido em dois no chão. Os outros também ergueram as mãos, mostrando que não seguravam nada.

— É isso aí. Bem melhor assim.

O velho sorriu.

Foi então que Tally notou um brilho familiar em seus olhos claros e cansados. Era a mesma expressão de Sussy e Dex ao verem seu rosto perfeito pela primeira vez. O mesmo respeito e desejo de agradar, a mesma fascinação instintiva diante de um século de engenharia cosmética e milhões de anos de evolução.

Tally virou-se para os outros e viu que todos se escondiam de seu olhar. Eles mal podiam encarar seus grandes olhos castanhos. Era quase impossível suportar sua beleza.

Ele tinha falado em *deus* — a antiga palavra que os Enferrujados usavam para se referir aos seus heróis invisíveis que viviam no céu.

Tally estava no mundo deles. A natureza intocada e selvagem, com doenças, violência e uma luta animalesca pela sobrevivência. A exemplo

daquelas pessoas, aquele mundo era feio. Ser perfeito significava vir de outro lugar.

Ali, Tally era uma deusa.

Eles levaram cerca de uma hora para chegar ao acampamento dos caçadores. Com as tochas apagadas, o grupo seguiu por trilhas completamente escuras e atravessou córregos gelados, sempre no mais absoluto silêncio.

Seus guias demonstravam uma estranha combinação de ignorância e habilidade. Eram todos baixos e lentos. Alguns apresentavam deficiências físicas e caminhavam apoiando todo o peso numa única perna. Fediam, como se nunca tivessem tomado banho, e usavam calçados tão precários que seus pés eram cheios de feridas. Mas aqueles homens conheciam a floresta e se moviam habilidosamente por entre a vegetação fechada, conduzindo Tally com uma precisão incrível na escuridão. Os caçadores não usavam localizadores e nem mesmo paravam para conferir a posição das estrelas.

As suspeitas de Tally se mostraram verdadeiras. As montanhas eram cortadas por vários caminhos abertos por homens. As trilhas que ela mal tinha visto à luz do dia agora se abriam magicamente no escuro, com o velho que a guiava fazendo curvas e meias-voltas sem hesitação. O grupo avançava em fila, fazendo menos barulho que uma cobra deslizando entre folhas caídas.

Aparentemente, os caçadores tinham inimigos. Depois do ataque barulhento que havia sofrido, Tally nunca poderia imaginar que seriam capazes de discrição ou sutileza. Agora, no entanto, eles trocavam pings com sons discretos e imitando trinados de pássaros, em vez de usarem palavras. Também pareciam se surpreender sempre que Tally tropeçava numa raiz ou trepadeira e ficavam nervosos quando ela reagia soltando um monte de palavrões. A falta de armas os incomodava. Talvez estivessem arrependidos de terem quebrado seus bastões ao primeiro sinal de insatisfação de Tally.

Para ela, contudo, era um alívio. Por mais amigáveis que eles tivessem se tornado, Tally se sentia mais segura sem os bastões por perto, especialmente quando pensava na possibilidade de uma súbita mudança de

comportamento. Afinal, se ela não houvesse caído na água e, assim, se livrado da lama e da sujeira que cobriam seu rosto perfeito, dificilmente estaria viva.

Quaisquer que fossem os inimigos dos caçadores, o ressentimento era grande.

Tally sentiu o cheiro antes de chegar à aldeia. De longe, seu nariz já não se mostrava muito satisfeito.

Não era só a fumaça de madeira queimada, nem o fedor menos convidativo de animais mortos, que ela já conhecia de ver coelhos e galinhas abatidos para virar comida na Fumaça. O odor nas cercanias da colônia dos caçadores era bem pior que tudo isso e lembrava Tally das latrinas externas usadas pelos Enfumaçados. Aquela era uma das características dos acampamentos às quais ela nunca tinha se acostumado. Por sorte, o cheiro se dissipou assim que avistou a aldeia.

Não era uma estrutura grande: uma dezena de cabanas feitas de barro e junco, alguns bodes que dormiam amarrados e os sulcos de pequenas hortas que tornavam irregulares as sombras na terra. Havia um enorme armazém no meio de tudo, mas Tally não conseguia ver nenhuma outra construção de maior porte.

Os limites da aldeia eram demarcados por tochas e guardas armados. Novamente em casa, os caçadores já se sentiam seguros para falar num tom normal, espalhando a notícia de que haviam trazido uma... visitante.

As pessoas começaram a sair das cabanas, e a confusão aumentava à medida que os moradores iam acordando. Tally logo se viu no meio de uma multidão de rostos curiosos. Um círculo se formou ao seu redor, mas os adultos em nenhum momento se aproximaram demais, contidos por uma espécie de campo de força projetado por sua beleza. Eles desviavam o olhar.

As crianças, por outro lado, demonstravam mais ousadia. Na verdade, algumas se arriscavam até a tocá-la, saindo em disparada para encostar em seu casaco reluzente e voltando rapidamente à segurança da multidão. Era esquisito encontrar crianças na natureza. Diferentemente dos mais velhos, os pequenos pareciam quase normais. Por serem muito novos, não apresentavam os efeitos da má nutrição e das doenças na pele. Além disso, mesmo na cidade só se podia passar pela operação aos 16 anos. Tally estava

acostumada a ver rostos assimétricos e olhos vesgos em crianças. E, mesmo assim, elas eram bonitinhas.

Tally se agachou e estendeu o braço, incentivando a criança mais corajosa a vencer o nervosismo e tocar em sua mão.

Também foi a primeira vez que ela viu mulheres. Como praticamente todos os homens usavam barba, era fácil distinguir os gêneros. As mulheres se misturavam à multidão, cuidando das crianças menores e raramente olhando diretamente para Tally. Algumas preparavam uma fogueira num buraco escuro no meio da aldeia. Ela reparou que nenhum homem oferecia ajuda.

Tally se lembrava vagamente de ter aprendido na escola que, de acordo com os costumes dos Pré-Enferrujados, homens e mulheres cuidavam de tarefas distintas. E geralmente eram as mulheres que ficavam com os piores trabalhos. Até alguns Enferrujados haviam teimado em manter aquela besteira como tradição. Tally sentiu o estômago embrulhado; torcia para que regras similares não se aplicassem aos deuses.

Ela se perguntava de onde, exatamente, tinha vindo a história dos deuses. Sim, Tally carregava um acendedor e outros equipamentos na mochila, recuperada antes de iniciar a jornada até ali. Mas ninguém havia apreciado aqueles milagres ainda. Toda a reação se baseava na visão de seu rosto e, pelo que ela conhecia de mitologia, ser uma divindade significava muito mais que ter uma carinha bonita.

Estava óbvio que ela não era a primeira perfeita que eles viam. Alguns caçadores, pelo menos, conheciam a língua de Tally. Talvez também soubessem algo sobre alta tecnologia.

Alguém deu um grito, de trás da aglomeração, e a multidão se abriu, ficando em silêncio. Um homem atravessou o círculo. Estranhamente, estava sem camisa, apesar do frio. Caminhando com um ar inconfundível de autoridade, ele atravessou o campo de força divino em torno de Tally e parou bem ao seu lado. Era quase de sua altura e, portanto, um gigante entre aquelas pessoas. Também parecia ser forte, apesar do corpo esguio. Mas Tally não acreditava que tivesse reflexos comparáveis aos seus. À luz da fogueira, os olhos do homem sugeriam curiosidade em vez de medo.

Tally não fazia ideia da sua idade. Alguns dos traços do seu rosto lembravam os de um perfeito de meia-idade. E a pele tinha uma aparência

muito melhor do que a dos outros. Seria aquele homem mais jovem que a média? Ou simplesmente mais saudável?

Além disso, Tally notou que ele carregava uma faca, o primeiro instrumento de metal que via naquele lugar. O cabo tinha um acabamento fosco de plástico preto. Ela estranhou: a faca só podia ter sido fabricada na cidade.

— Seja bem-vinda — disse ele.

O homem, pelo visto, também falava a língua dos deuses.

— Valeu. Ahn, quero dizer... obrigada — respondeu Tally.

— Não sabíamos que você vinha. Não por alguns dias, pelo menos — disse o homem. Seria uma tradição dos deuses ligar antes de aparecer? — Ficamos confusos. Vimos sua fogueira e imaginamos que fosse uma forasteira.

— É, percebi isso. Não se preocupe.

Ele tentou sorrir, mas não conseguiu deixar de expressar certa apreensão, sacudindo a cabeça.

— Ainda não conseguimos entender — completou.

Então somos dois, pensou Tally.

O sotaque do homem soava um pouco esquisito, como se ele fosse de outra cidade, mas de maneira alguma de outra civilização. Por outro lado, parecia não conhecer as palavras necessárias para as perguntas que queria fazer. A impressão era de que não estava acostumado a bater papo com deuses. O que ele queria dizer era provavelmente o seguinte: *Mas que diabos você veio fazer aqui?*

Qualquer que fosse a definição de um deus para aquelas pessoas, Tally nitidamente não estava se saindo muito bem. Achava que, se concluíssem que ela não era uma deusa, só restaria uma categoria possível: forasteira.

E os forasteiros costumavam ter suas cabeças arrebentadas.

— Nos perdoe — disse o homem. — Não sabemos seu nome. O meu é Andrew Simpson Smith.

Nome estranho para uma situação estranha, pensou Tally.

— Eu sou Tally Youngblood.

— Young Blood. Ou seja, sangue jovem — disse ele, começando a parecer mais satisfeito. — Então você é uma deusa *jovem*?

— Ahn, é, acho que sim. Só tenho 16 anos.

Andrew Simpson Smith fechou os olhos. Estava definitivamente

aliviado. Tally se perguntou se ele não seria tão velho quanto pensava. Sua postura inicialmente altiva sumia sempre que se sentia desorientado, e os pelos em seu rosto eram raros. Se não fossem os traços marcantes e algumas cicatrizes, ele poderia ser um feio da idade de David, por volta dos 18 anos.

— Você é o... líder por aqui? — perguntou Tally.

— Não. Ele chefe — respondeu Andrew, apontando para o caçador gordo e narigudo, com o joelho ensanguentado, graças ao golpe desferido por Tally durante a perseguição. O mesmo que havia parecido pronto para afundar sua cabeça com um bastão. Excelente. — Eu sou o homem sagrado. Aprendi a língua dos deuses com meu pai.

— E aprendeu muito bem.

Um sorriso cheio de dentes tortos tomou conta do rosto dele.

— Eu... obrigado. — Andrew deu uma risada e, em seguida, fez uma cara que quase poderia ser chamada de maliciosa. — Você caiu, não foi?

Tally segurou o pulso machucado.

— Sim, durante a perseguição.

— Você veio do céu! — Ele abriu os braços e olhou ao redor num gesto teatral de perplexidade. — Você não tem carro voador, só pode ter caído!

Carro voador? Referência interessante. Tally encolheu os ombros.

— É, acho que você me pegou. Eu caí mesmo do céu.

— Ahh!

O homem pareceu aliviado, como se o mundo, aos poucos, passasse a fazer sentido. Ele gritou algumas palavras para a multidão, que reagiu com murmúrios sugerindo compreensão.

Tally começou a relaxar. Todos aparentavam estar felizes agora que sua presença na terra tinha uma explicação perfeitamente racional. Cair do céu era algo que eles conseguiam entender. E, com um pouco de sorte, os caçadores teriam regras especiais para jovens deusas.

Atrás de Andrew Simpson Smith, o fogo ganhou vida com um forte estalo. Tally sentiu cheiro de comida e ouviu o grito desesperado de uma galinha capturada para virar refeição. Aparentemente, a visita de uma divindade justificava um banquete no meio da noite.

O homem sagrado esticou um braço, e imediatamente a multidão se espalhou, abrindo um caminho até a fogueira.

— Você nos conta a história da queda? Eu passo suas palavras para as nossas.

Tally suspirou. Estava exausta, desnorteada e ferida — seu pulso ainda latejava de dor. Só queria se deitar e dormir. Apesar disso, o fogo parecia acolhedor, depois do banho que havia levado na queda-d'água. Também era difícil resistir à expressão ansiosa de Andrew.

Ela não podia desapontar a aldeia inteira. Ali não existiam telas de parede, noticiários ou canais por satélite. As visitas de times de futebol também não deviam ser muito frequentes. Assim como acontecia na Fumaça, tudo aquilo tornava as histórias mais valiosas. E, certamente, não era um fato comum estranhos caírem do céu.

— Tudo bem. Uma história e depois eu vou dormir.

Toda a aldeia se reuniu ao redor da fogueira.

O cheiro de galinha assada vinha de longos espetos posicionados acima do fogo. Bem no meio da brasa, havia panelas de barro, de onde saía um aroma suave. Os homens estavam à frente, comendo de forma barulhenta e limpando as mãos cheias de gordura nas próprias barbas, até lhes darem um brilho característico. As mulheres cuidavam do preparo, enquanto as crianças corriam afoitamente por entre suas pernas, as mais velhas alimentando a fogueira com galhos recolhidos da escuridão. No entanto, quando um sinal indicou que estava na hora de Tally falar, todos se sentaram.

Talvez fosse a intimidade de compartilhar uma refeição, ou a percepção de que os deuses não eram tão ameaçadores, mas o fato era que as pessoas já se atreviam a olhar nos olhos de Tally. Alguns admiravam seu rosto perfeito, sem constrangimento, enquanto esperavam o início da história.

Andrew Simpson Smith sentou-se ao seu lado, satisfeito e pronto para traduzir suas palavras.

Tally pigarreou. Não sabia exatamente como explicar a viagem que havia feito até ali de um jeito que fizesse sentido para aquelas pessoas. Eles conheciam carros voadores e perfeitos. Mas e quanto aos Especiais? E a operação? E os Crims? E a Fumaça?

Entenderiam a diferença entre borbulhante e farsa?

Tally duvidava de que fossem capazes de compreender sua história.

Um novo pigarro e ela olhou para baixo, sem querer enfrentar a expectativa de sua plateia. Estava cansada. Sentia-se praticamente perfeita

depois de ter o sono interrompido na noite anterior. A viagem toda, da cidade à beira daquela fogueira, parecia uma espécie de sonho.

Um sonho. Ela sorriu ao pensar naquilo e gradualmente as palavras encontraram o caminho até sua boca.

— Era uma vez uma linda e jovem deusa — disse Tally.

Ela esperou as palavras serem traduzidas para a língua local. As estranhas sílabas que saíam da boca de Andrew reforçavam a atmosfera de sonho daquele lugar iluminado pelo fogo. Num instante, a história fluía sem que Tally precisasse fazer qualquer esforço.

— Ela vivia numa torre que ia até o céu. Era uma torre muito confortável, mas não havia nenhuma maneira de sair dali e conhecer o resto do mundo. Um dia, a jovem deusa resolveu que tinha coisas melhores para fazer do que passar todo o tempo se olhando no espelho...

VINGANÇA

Tally acordou em meio a cheiros e sons pouco familiares: suor e hálito matutino, um coro de roncos e respirações profundas, o ar quente e úmido de um ambiente apertado cheio de gente.

Ela se virou no escuro, o que causou uma onda ao seu redor, com corpos entrelaçados se empurrando para caberem todos no mesmo lugar. Embaixo dos cobertores de pele, uma sensação acolhedora sufocava seus sentidos. Parecia um sonho, exceto pelo cheiro penetrante de pessoas sujas e pelo fato de que Tally precisava ir ao banheiro urgentemente.

Seus olhos se abriram. A luz entrava pela chaminé, que não passava de um buraco aberto no telhado para permitir a saída da fumaça. Com base no ângulo dos raios do sol, Tally concluiu que já estavam no meio da manhã. Todos dormiam até tarde. Não era exatamente uma surpresa: o banquete havia durado até o amanhecer. Depois dela, outras pessoas tinham contado histórias, competindo para ver quem conseguiria manter a deusa sonolenta acordada. E Andrew Simpson Smith sempre traduzindo tudo.

Quando finalmente a deixaram ir dormir, Tally descobriu que o conceito de "cama" não era conhecido por ali. Como resultado, teve de dividir uma cabana com mais vinte pessoas. Aparentemente, na aldeia, para se manter aquecido era necessário dormir em pilhas humanas, com cobertores sobre todos. Ela tinha achado aquilo estranho, mas não o bastante para permanecer acordada por mais um minuto que fosse.

De manhã, deparou-se com corpos inconscientes jogados por todos os lados, nem sempre muito bem-vestidos, enroscados uns nos outros e nas peles de animais. Os contatos casuais, entretanto, não tinham nada de sexuais. Era só uma maneira de manter os corpos aquecidos, como gatinhos recém-nascidos.

Tally tentou se levantar, mas se deu conta de que havia um braço envolvendo seu corpo. Era Andrew Simpson Smith, que roncava com a boca entreaberta. Ela o empurrou, e ele virou para o outro lado, sem acordar, pousando o braço sobre um homem velho.

Enquanto se movia na escuridão, Tally começou a ficar tonta dentro da cabana superlotada. Sabia que aquelas pessoas não tinham acesso a pranchas voadoras, telas de paredes e privadas, ou mesmo ferramentas de metal, mas nunca havia achado possível que existisse um povo que ignorasse o conceito de *privacidade*.

Ela foi abrindo caminho por entre os corpos inertes, tropeçando em braços e pernas e sabe-se-lá-mais-o-quê, até alcançar a porta. Depois de se agachar, finalmente conseguiu sair, reencontrando a luz do sol e o ar fresco.

O frio deixou seus braços arrepiados, e o ar que a respiração levava aos seus pulmões era congelante. Para piorar, Tally se deu conta de que havia deixado o casaco na cabana. No entanto, preferia ficar tremendo, usando os próprios braços para se esquentar, a ter de passar novamente por entre aqueles corpos adormecidos. No frio, sentia o pulso latejar, da queda na noite anterior, e os músculos arderem, da longa caminhada.

Mas tinha de cuidar de uma coisa de cada vez.

Para achar a latrina, bastava confiar em seu nariz. Na verdade, só havia uma fossa, e o fedor insuportável a fez comemorar o fato de ter fugido no inverno. Como as pessoas conseguiam viver naquele lugar no verão?

Tally já havia encarado banheiros fora de casa. Mas os Enfumaçados submetiam os dejetos a tratamento, usando nanoestruturas simples e capazes de se autorreproduzir, recolhidas dos centros de reciclagem das cidades. Elas digeriam todo o esgoto e direcionavam o resultado para o solo, o que, aliás, ajudava na produção dos melhores tomates que Tally tinha provado na vida. E a melhor parte: isso evitava que as latrinas exalassem mau cheiro. Por mais que amassem a natureza, quase todos os Enfumaçados haviam nascido em cidades. Eram produtos de uma civilização tecnológica e certamente não gostavam de fedor.

Aquela aldeia, contudo, era outra história, mais próxima dos mitológicos Pré-Enferrujados que tinham vivido antes da era da alta tecnologia. De que tipo de cultura aquelas pessoas descenderiam? Na escola, ensinava-se que os Enferrujados haviam engolido todos com sua lógica econômica, aniquilando os demais estilos de vida. E, embora nunca se tocasse no assunto, Tally sabia que os Especiais faziam basicamente a mesma coisa. Então de onde vinham aquelas pessoas? Teriam retomado aquele estilo de vida depois do colapso dos Enferrujados? Ou existiriam na

natureza antes deles? E por que nunca haviam sido incomodadas pelos Especiais?

Quaisquer que fossem as respostas para aquelas perguntas, Tally não conseguia enfrentar a fossa. Era muito acostumada à cidade para aquilo. Assim, continuou andando floresta adentro. Apesar de conhecer as regras rígidas da Fumaça, ela esperava que ali os jovens deuses tivessem algum tipo de tratamento especial.

Quando Tally acenou para uma dupla de vigias nos limites da aldeia, recebeu como resposta gestos nervosos. Os dois evitavam encará-la e tentavam esconder os bastões atrás de seus corpos. Os caçadores ainda andavam receosos, um pouco surpresos com o fato de não terem se metido em encrenca depois de tentar arrebentar a cabeça da deusa.

Poucos metros mata adentro já não era possível ver a aldeia. Tally, porém, não temia se perder. A brisa continuava trazendo o fedor intenso da fossa, e ela permanecia perto o bastante dos vigias para pedir socorro caso não encontrasse o caminho de volta.

Sob o sol intenso, a geada derretia, transformando-se numa densa neblina. Da floresta, vinham sons quase imperceptíveis, como os que Tally costumava ouvir na antiga casa de seus pais quando não havia mais ninguém por perto. As sombras das folhas quebravam as silhuetas das árvores, tornando as formas indistintas e deixando impressões de movimento no seu campo de visão, a cada lufada de vento. Com a sensação de estar sendo observada voltando, ela se apressou em encontrar um lugar e fez seu xixi o mais rápido possível.

Apesar de tudo, Tally não voltou imediatamente. Não havia sentido em permitir que sua imaginação a pusesse para correr. Momentos de privacidade eram um privilégio naquele lugar. Ela tentou imaginar o que os namorados faziam quando queriam ficar sozinhos e se alguém conseguia guardar segredos por muito tempo.

Ao longo do último mês, ela tinha se acostumado a passar o tempo todo ao lado de Zane. Sentia sua ausência naquele exato momento; o calor de seu corpo fazia falta. Dividir um dormitório com duas dezenas de estranhos era uma troca esquisita e inesperada.

De repente, Tally sentiu um arrepio e congelou. Alguma coisa havia se movido em sua visão periférica — e não era parte do jogo natural de luzes e

sombras provocado pelas folhas e pelo vento. Seus olhos tentaram enxergar algo entre as árvores.

Do meio da floresta, veio uma risada.

Era Andrew Simpson Smith, abrindo caminho pelo mato com um sorriso enorme no rosto.

— Você estava me espionando? — perguntou ela.

— Espionando? — repetiu ele, como se nunca tivesse ouvido a palavra. Tally se perguntou se, devido à absoluta falta de privacidade, ninguém havia se dado ao trabalho de inventar o termo. — Acordei quando você saiu, Sangue Jovem. Achei que talvez conseguisse ver você...

Ela franziu a testa.

— Me ver fazendo o quê?

— Voando — respondeu ele, envergonhado.

Tally não conseguiu segurar o riso. Na noite anterior, por mais que ela tentasse explicar, Andrew Simpson Smith não conseguia entender o que significava voar numa prancha. Ela havia contado que os deuses jovens não costumavam usar carros, mas a ideia de que existiam diferentes tipos de veículos voadores aparentemente o tinha deixado confuso.

Ele pareceu magoado com a reação dela. Talvez achasse que Tally estivesse escondendo suas habilidades especiais apenas para chateá-lo.

— Desculpe, Andrew. Mas é como eu disse várias vezes ontem à noite: eu não posso voar.

— Mas, na história, você disse que ia encontrar seus amigos — argumentou ele.

— Eu sei. O problema é que minha prancha está destruída. E embaixo d'água. Acho que agora minha única opção é andar.

Andrew Simpson Smith ficou confuso por um instante. Provavelmente não entendia como um dispositivo divino podia quebrar. Porém, subitamente ele se animou, revelando a falta de um dente, o que o deixava com cara de criança.

— Então eu ajudo você. Vamos juntos até lá.

— Ahn, sério?

— Os Smiths são homens santos. Sou um servo dos deuses, assim como meu pai.

As últimas palavras foram ditas num tom austero. Tally ainda achava impressionante a facilidade com que conseguia interpretar o rosto de

Andrew. As emoções de todos os aldeões pareciam estar permanentemente expostas, como se a privacidade de seus pensamentos fosse a mesma de seu dormitório. Ela se perguntou se, em alguma situação, eles mentiam uns para os outros.

Estava notório que, em algum momento, perfeitos tinham mentido para eles. Deuses, sem dúvida.

— Quando seu pai morreu, Andrew? Não faz muito tempo, né?

Ele a olhou com surpresa, como se Tally tivesse acabado de ler seus pensamentos.

— Faz só um mês. Antes da noite mais longa — contou. Tally se perguntou o que seria a noite mais longa, mas não quis interromper. — Eu e ele estávamos procurando ruínas. Os deuses mais velhos gostam que encontremos lugares da época dos Enferrujados para eles. Para pesquisa. Nós acabamos encontrando forasteiros.

— Forasteiros? Como o que vocês pensavam que eu era?

— Sim. Mas não eram jovens deuses. Era um grupo de ataque à procura de uma vítima. Apesar de nós os termos visto primeiro, os cachorros deles seguiram nosso cheiro. E meu pai era velho. Se tivesse uns 40 anos, teria sobrevivido — disse Andrew, com orgulho. Tally mal conseguia acreditar. Seus oito bisavós ainda estavam vivos, todos os oito com mais de cem anos. — Os ossos dele estavam frágeis. — A voz de Andrew agora não passava de um sussurro. — Quando corríamos num riacho, ele torceu o tornozelo. Fui obrigado a deixá-lo para trás.

Tally engoliu em seco. Estava chocada com a possibilidade de alguém perder a vida por causa de um tornozelo torcido.

— Ah. Sinto muito.

— Ele me deu a faca dele antes de eu seguir em frente. — Andrew puxou a faca da cintura, permitindo que Tally a olhasse mais de perto que na noite anterior. Era uma faca de cozinha vagabunda, com uma lâmina dentada. — Agora eu sou o homem sagrado.

A faca barata na mão de Andrew lembrava Tally de como seu primeiro encontro com aquelas pessoas quase havia acabado. Ela estivera prestes a ter um destino igual ao do pai dele.

— Mas por quê? — perguntou.

— Por que, Sangue Jovem? Porque eu era o filho dele.

— Não, não estou falando disso. Por que os forasteiros queriam matar

seu pai? Ou qualquer outra pessoa?

Andrew estranhou a pergunta, como se já tivesse respondido aquilo muitas vezes.

— Porque era a vez deles.

— Era *o quê*?

Ele explicou com a maior naturalidade:

— Nós tínhamos matado no verão. Então a vingança era deles.

— Vocês tinham matado... um deles? — perguntou Tally.

— Sim, nossa vingança, por uma morte no início da primavera — disse ele, sorrindo friamente. — Eu estive naquela missão de ataque.

— Quer dizer que isso é uma espécie de vendeta? Mas quando tudo começou?

— Começou? — Andrew Simpson Smith olhava fixamente para a lâmina da faca, como se tentasse ler alguma coisa no reflexo do metal. — Sempre foi assim. Eles são forasteiros. — Ele sorriu. — Fiquei feliz quando vi que era você que nosso grupo havia trazido. Porque, então, continua sendo nossa vez, e talvez eu esteja lá para vingar meu pai.

Tally não conseguia dizer nada. Em poucos minutos, Andrew Simpson Smith tinha se transformado de um filho em luto num tipo de... *selvagem*. Seus dedos estavam ainda mais brancos: ele apertava a faca com tanta força que o sangue não circulava.

Ela tirou os olhos da arma e balançou a cabeça. Não era justo considerá-lo um selvagem. Aquilo que Andrew descrevia era tão antigo quanto a própria civilização. Na escola, eles já falavam daquele tipo de rivalidade sangrenta. E os Enferrujados tinham sido até piores, inventando as grandes guerras e criando mais e mais tecnologias mortais, até quase destruírem o mundo.

Apesar de tudo, Tally não conseguia deixar de lado o fato de que aquelas pessoas não guardavam semelhança com ninguém que tivesse conhecido. Ela se obrigou a encarar a expressão sombria de Andrew e sua estranha satisfação em sentir o peso da faca na mão.

Então Tally se lembrou das palavras da dra. Cable. *A humanidade é um câncer, e nós somos a cura.* As cidades haviam sido construídas para acabar com a violência, a mesma violência que era uma das coisas apagadas dos cérebros perfeitos pela operação. O mundo que ela conhecia não passava de uma barreira com o objetivo de interromper aquele terrível ciclo. Porém,

bem à sua frente, estava a espécie em seu estado natural. Ao fugir da cidade, talvez Tally tivesse corrido na direção daquilo.

A não ser que a dra. Cable estivesse errada, e existisse outra opção.

Andrew levantou a cabeça e guardou a faca. Em seguida, abriu os braços.

— Mas isso não vai acontecer hoje. Hoje eu vou ajudar você a encontrar seus amigos — disse, aos risos, recuperando a descontração.

Tally expirou devagar. Por um instante, quis recusar a oferta. Entretanto, não havia mais ninguém a quem recorrer, e a floresta que a separava das Ruínas de Ferrugem era cheia de caminhos e perigos naturais. E provavelmente um número razoável de pessoas que podiam considerá-la uma "forasteira". Mesmo que não fosse perseguida por um grupo de ataque sedento por sangue, um simples tornozelo torcido, no frio da natureza selvagem, podia ser fatal.

Era muito simples: Tally precisava de Andrew Simpson Smith. E ele tinha passado a vida treinando para ajudar pessoas como ela. Deuses.

— Tudo bem, Andrew. Mas quero partir ainda hoje. Estou com pressa.

— Claro. Hoje. — Ele passou a mão no pedaço de seu rosto onde uma barba começava a crescer. — Essas ruínas em que seus amigos estão esperando, onde ficam?

Tally olhou para o sol, ainda baixo o bastante para indicar o horizonte leste. Depois de um cálculo rápido, ela apontou para o noroeste, na direção da cidade. Atrás dela, estavam as Ruínas de Ferrugem.

— Ficam a mais ou menos uma semana para aquele lado — disse.

— Uma semana?

— Corresponde a sete dias.

— Eu sei, conheço o calendário dos deuses — respondeu Andrew, parecendo ofendido. — Tem certeza de que precisaremos de uma semana inteira?

— Tenho. Não é muita coisa, é?

Afinal, os caçadores não haviam demonstrado nenhum cansaço durante a marcha da noite anterior.

Andrew fez que não, mas havia uma expressão de perplexidade em seu rosto.

— É que isso fica além dos limites do mundo.

COMIDA DOS DEUSES

Eles partiram ao meio-dia.

Toda a aldeia parou para acompanhar o momento e entregar presentes para a viagem. A maioria, por ser muito pesada, acabava educadamente recusada por Tally e Andrew. No entanto, ele não perdeu a oportunidade de encher a mochila com as horripilantes fatias de carne-seca que havia recebido. Ao perceber que aquela coisa nojenta era de comer, Tally tentou disfarçar sua aversão, mas não foi exatamente bem-sucedida. O único presente que ela aceitou foi um estilingue feito de madeira e couro, dado por um dos membros mais velhos de seu fã-clube infantil. Tally se lembrou de que era bastante habilidosa com aquilo quando criança.

O chefe do grupo abençoou publicamente a jornada e mais uma vez pediu desculpas — traduzidas por Andrew — por quase ter partido no meio a cabeça de uma deusa tão jovem e bela. Tally garantiu que seus pais nunca saberiam do mal-entendido. Embora ainda receoso, o chefe ficou mais aliviado. Em seguida, ele entregou um bracelete de cobre bem gasto a Andrew, um gesto de gratidão ao jovem sagrado por ajudar a compensar seu erro.

Andrew sentiu-se envergonhado e orgulhoso com o presente. A multidão aplaudiu quando ele mostrou o objeto a todos. Tally percebeu que havia causado muitos problemas naquele lugar. Assim como usar uma roupa semiformal numa festa de gala, sua visita inesperada tinha tirado as coisas dos eixos. Pelo menos, a ajuda oferecida por Andrew aliviava um pouco a tensão das pessoas. Aparentemente, agradar aos deuses era a tarefa mais importante dos homens sagrados, algo que levou Tally a imaginar o quanto os perfeitos das cidades interagiam com os caçadores.

Logo que ela e Andrew passaram dos limites da cidade, a comitiva de crianças que os acompanhava foi chamada de volta por mães nervosas. Tally decidiu aproveitar para fazer perguntas mais sérias.

— Então, Andrew, quantos deuses você conhece... ahn, pessoalmente?

Ele passou a mão em sua barba inexistente, parecendo pensativo.

— Desde a morte do meu pai, nenhum deus veio, fora você. Portanto, nenhum outro me conhece como homem sagrado.

Como Tally havia imaginado, Andrew ainda tentava ocupar a posição do pai.

— Entendi. Mas sua pronúncia é muito boa. Você não aprendeu a falar minha língua só com seu pai, né?

O sorriso torto mostrava que ele tinha sido pego no flagra.

— Não era para eu falar com os deuses. Só devia ficar ouvindo enquanto meu pai lhes dava atenção. Mesmo assim, quando levávamos um deus a uma ruína ou ao ninho de algum pássaro estranho, eu falava.

— Que bom. Mas... sobre o que vocês conversavam?

Ele permaneceu em silêncio por um instante, como se estivesse escolhendo as palavras com cuidado.

— Sobre animais. Sobre acasalamento e alimentação.

— Faz sentido — disse Tally. Qualquer zoólogo da cidade adoraria dispor de um exército de Pré-Enferrujados em suas pesquisas de campo. — E mais nada?

— Como eu já disse, alguns deuses queriam saber sobre ruínas. Então eu os levava lá — contou Andrew.

— Claro.

— E também havia o doutor.

— Quem? O *doutor*? — Tally parou na hora. — Me conte uma coisa, Andrew. O doutor é realmente... assustador?

Andrew estranhou, mas acabou rindo da pergunta.

— Assustador? Não. É como você, bonito, tão bonito que é difícil ficar olhando.

Tally sentiu um alívio. Depois deu um sorriso e franziu a testa de leve.

— Mas você não parece achar tão difícil olhar para mim — comentou.

Na mesma hora, ele baixou a cabeça.

— Peço desculpas, Sangue Jovem.

— Calma, Andrew, não foi isso que eu quis dizer. — Ela encostou a mão em seu ombro. — Eu estava brincando. Pode olhar para mim o quanto... bem, esqueça isso. E me chame de Tally, certo?

— Tally — disse ele, testando a sensação de pronunciar o nome. Ela tirou a mão de seu ombro, e Andrew ficou olhando para o exato ponto de contato. — Você é diferente dos outros deuses.

— Espero que sim — disse Tally, antes de voltar ao assunto que lhe interessava. — Mas esse doutor, ele parece uma pessoa normal? Ele é perfeito? Ou melhor... parece mesmo um deus?

— Sim. Ele vem mais aqui do que outros. Mas não se interessa por animais ou ruínas. Só quer saber de como funciona a aldeia. Quem está se aproximando de quem, quem tem muitas crianças. Ou qual caçador pode vir a desafiar o chefe para um duelo.

— Entendi. — Tally tentou se lembrar da palavra certa. — Um antro...

— Antropólogo, é assim que o chamam — completou Andrew, deixando Tally um pouco surpresa. Ele apenas sorriu. — Tenho bons ouvidos. Meu pai sempre dizia isso. Os outros deuses às vezes ridicularizam o doutor.

— Humm. — Aparentemente, os aldeões sabiam mais sobre seus visitantes divinos do que estes percebiam. — Quer dizer que você nunca conheceu deuses que fossem realmente... assustadores?

Andrew ficou pensativo e começou a andar de novo. Às vezes, ele demorava a responder as perguntas, como se pressa fosse outro conceito que aquelas pessoas ignoravam.

— Não, nunca conheci. Mas o avô do meu pai contava histórias sobre criaturas que usavam armas estranhas e máscaras de águia, que faziam as vontades dos deuses. Elas tinham forma de pessoas, só que andavam de um jeito estranho.

— Como insetos? Com um passo muito rápido e sem ritmo?

Os olhos de Andrew se arregalaram.

— Quer dizer que elas existem? Os Seshiais?

— Seshiais? Ah. Nós os chamamos de Especiais — explicou Tally.

— Eles destroem todos que desafiam os deuses.

— Então, sem dúvida, são eles.

— E, quando as pessoas desaparecem, costumam dizer que foram os Seshiais que levaram.

— Levaram?

Para onde?, perguntava-se Tally.

Ela ficou em silêncio, acompanhando a trilha que se abria à sua frente. Se o bisavô de Andrew tivesse realmente conhecido alguém da Divisão de Circunstâncias Especiais, então a cidade sabia da existência da aldeia havia décadas, ou até mais tempo. Portanto, os cientistas estudavam aquelas

pessoas desde sempre e não hesitavam em convocar Especiais para garantir sua autoridade.

Desafiar os deuses era algo meio perigoso.

Eles caminharam durante um dia inteiro, avançando bastante pelas montanhas. Tally já identificava algumas das trilhas locais sem a ajuda de Andrew, como se seus olhos estivessem aprendendo a enxergar no meio da floresta.

Quando a noite caiu, eles encontraram uma caverna para montar acampamento. Tally começou a recolher madeira a fim de acender uma fogueira, mas parou ao notar que Andrew a observava com uma expressão assombrada.

— O que foi? — perguntou ela.

— Você quer acender uma fogueira? Os forasteiros vão ver!

— Ah, claro. Desculpe. — Ela esfregou as mãos para afastar o frio. — Então, essa história de vingança acaba exigindo algumas noites geladas por aí, não é mesmo?

— Sentir frio é melhor do que morrer, Tally — disse ele, dando de ombros. — E talvez sua jornada não leve tanto tempo assim. Vamos chegar aos limites do mundo amanhã.

— Entendi.

Durante o dia inteiro de caminhada, Andrew não se tinha deixado convencer pela descrição do mundo feita por Tally: um planeta de 40 mil quilômetros de circunferência, suspenso num vazio desprovido de oxigênio, com a gravidade evitando que todos saíssem voando. Naturalmente, da perspectiva dele, era algo bem difícil de se levar a sério. Na escola, costumavam dizer que as pessoas eram presas por acreditarem num mundo redondo — e geralmente os homens sagrados eram os responsáveis pelas prisões.

Tally pegou dois pacotes de Nabo Môndegas.

— Pelo menos, não precisamos de uma fogueira para termos comida quente.

Andrew se aproximou para acompanhar Tally enchendo o purificador de água. Depois de mascar carne-seca o dia todo, estava bastante ansioso para provar a “comida dos deuses”. Assim que o purificador deu o sinal e

Tally levantou a tampa, Andrew se deparou com o vapor que subia das Nabo Môndegas reconstituídas. Ela lhe entregou o aparelho.

— Você primeiro.

Tally nem precisou insistir. Na aldeia, os homens sempre comiam antes, deixando apenas as sobras para as mulheres e as crianças. Embora Tally fosse uma deusa, e por isso em algumas situações acabasse tratada como um homem honorário, era difícil superar certos hábitos. Andrew recebeu o purificador e enfiou a mão para pegar uma bolinha.

— Ei, cuidado para não se queimar — avisou ela, vendo-o jogar a comida na boca de uma vez.

— Onde está o fogo? — perguntou ele.

Enquanto lambia os dedos, Andrew levantou o purificador, à procura de alguma chama na parte inferior.

— É eletrônico... uma chama bem pequena. Tem certeza de que não quer tentar com os palitinhos?

Ele se arriscou a usar os palitos, mas não foi muito bem-sucedido. Pelo menos, as NaboBolas esfriaram, o que o ajudou na hora de usar as mãos novamente. Podia-se notar um leve ar de decepção em seu rosto.

— Hum.

— O que foi?

— Achei que a comida dos deuses fosse... um pouco melhor.

— Ei, isso aí é comida *desidratada* dos deuses.

Assim que Andrew acabou, Tally preparou sua refeição, mas seu MacaCurry se mostrou um pouco decepcionante, depois do banquete da noite anterior. Ela se lembrou de sua estada na Fumaça e de como a comida era muito mais saborosa na natureza. Mesmo os alimentos frescos não tinham um gosto satisfatório quando vinham de tanques hidropônicos. Tally se viu obrigada a concordar com Andrew: comida desidratada definitivamente não tinha nada de divina.

O jovem homem sagrado ficou surpreso ao ser informado de que Tally não queria dormir encostada nele. Afinal de contas, era inverno. Ela explicou que a privacidade era uma característica dos deuses — um conceito que ele não era capaz de entender. Mesmo assim, Andrew manteve o olhar abatido, enquanto Tally mastigava a pílula de pasta de dente e escolhia um canto da caverna para dormir.

No meio da noite, Tally acordou quase congelada e arrependida de sua

grosseria. Depois de uma longa e silenciosa sessão de autorrecriminação, ela se deu por vencida, engatinhou até Andrew e se aconchegou. Ele não era Zane, mas o calor de outra pessoa era melhor que ficar deitada na pedra, tremendo, desconfortável e solitária.

Quando Tally acordou novamente, ao amanhecer, um cheiro de fumaça tomava conta da caverna.

O FIM DO MUNDO

Tally tentou gritar, mas uma mão tapava sua boca com firmeza.

Ela pensou em dar socos a esmo na escuridão, mas seu instinto a deteve a tempo. Era Andrew que a segurava. Tally o reconhecia pelo *cheiro*. Depois de duas noites dormindo ao lado dele, uma parte de seu cérebro tinha guardado a informação na memória.

Assim que ela relaxou, Andrew a soltou.

— O que houve? — perguntou Tally, baixinho.

— Forasteiros. Em número suficiente para montar uma fogueira.

O comentário a deixou intrigada por um instante, mas ela finalmente entendeu: por causa da disputa sangrenta, só um grande grupo de homens armados teria coragem de acender uma fogueira longe da segurança de sua aldeia.

Tally se concentrou e farejou na fumaça um aroma de carne tostada. Também conseguia ouvir uma conversa barulhenta. Eles deviam ter montado acampamento por perto depois de ela e Andrew decidirem dormir e agora estavam preparando o café da manhã.

— O que vamos fazer?

— Você fica aqui. Vou ver se encontro um deles sozinho.

— Você vai *o quê*?

Andrew puxou a faca do pai.

— É a minha chance de igualar o placar — explicou.

— *Placar?* O que é isso, um jogo de futebol? Você vai acabar morto! Você mesmo disse que deve haver muitos deles.

— Só vou atacar se encontrar um sozinho. Não sou bobo.

— Pode esquecer!

Tally segurou o pulso de Andrew. Ele tentou se livrar, mas seu braço magro não era páreo para os músculos pós-operação dela.

— Se brigarmos aqui, eles vão escutar — disse Andrew.

— Com certeza. *Shhh!*

— Me solte!

O volume da voz de Andrew subiu novamente, e Tally percebeu que ele gritaria o quanto fosse necessário. A honra o compelia a ir atrás do inimigo, mesmo que aquilo botasse as vidas de ambos em risco. Provavelmente, os forasteiros deixariam Tally em paz assim que vissem seu rosto perfeito, mas Andrew acabaria morto caso fossem pegos. O que certamente aconteceria se ele não calasse a boca. Ela não teve opção a não ser soltar seu pulso.

Andrew se virou, em silêncio, e saiu da caverna com a faca na mão.

Tally ficou sentada no escuro, perplexa, remoendo a briga de que havia acabado de participar. O que poderia ter dito? Que argumentos em voz baixa seriam capazes de derrotar décadas de uma rixa sangrenta? Seria inútil.

Talvez a coisa fosse ainda mais complicada. Tally se lembrou da conversa com a dra. Cable, que tinha afirmado que o ser humano sempre acabava redescobrindo a guerra, sempre voltava a ser um Enferrujado no fim da história. A espécie não passava de uma praga planetária, entendendo-se ou não o que era um planeta. Seria aquela a única cura possível, além da operação?

Talvez os Especiais tivessem razão.

Tally se agachou. Além de arrasada, estava com fome e sede. Na garrafinha de Andrew não havia nada. Só lhe restava esperar a volta dele. E isso se ele voltasse.

Como Andrew tinha sido capaz de simplesmente deixá-la para trás?

Claro, ele havia deixado o próprio pai ferido num córrego, entregue a uma morte iminente. Talvez qualquer um ficasse com sede de vingança depois de passar por uma experiência como aquela. Andrew, porém, não estava atrás dos responsáveis pela morte de seu pai; ele queria apenas assassinar alguém. Qualquer um servia. Não fazia o menor sentido.

O cheiro de comida acabou se dissipando no ar, e Tally se aproximou da entrada da caverna. Dali não se ouvia mais nenhum barulho vindo do acampamento; só o vento soprando as folhas das árvores.

Então ela viu alguém se aproximando...

Era Andrew. Estava coberto de lama, como se tivesse rastejado na terra. Contudo, a faca que carregava parecia limpa. E Tally não via sinal de sangue em suas mãos. Sentiu um alívio ao ver sua expressão de decepção.

— E aí, não teve sorte? — perguntou.

Ele fez que não.

— Meu pai ainda não foi vingado.

— Que pena. Então vamos embora.

— Sem café da manhã?

Tally se mostrou irritada. Até momentos antes, ele só queria saber de emboscar e matar um estranho qualquer. Agora seu rosto lembrava o de uma criança privada do sorvete prometido.

— Está muito tarde para tomarmos café — disse ela, botando a mochila nos ombros. — Para onde fica o fim do mundo?

Eles caminharam em silêncio até bem depois do meio-dia. Uma hora, porém, os roncos do estômago de Tally os obrigaram a parar. Como não estava muito a fim de imitação de carne, ela preparou Arroz Vege para os dois.

Andrew parecia um bichinho querendo agradar o dono: esforçava-se para usar os palitinhos e ria de sua própria falta de jeito. Mas Tally não dava um sorriso sequer. O arrepio que tomara conta de seu corpo enquanto Andrew saía em busca de vingança ainda não tinha ido embora.

Mas, na verdade, não era muito justo ficar com raiva de Andrew, que provavelmente não compreendia a aversão de Tally a assassinatos aleatórios. Afinal, ele tinha crescido no meio daquele ciclo de vingança. Era uma parte de sua vida de Pré-Enferrujado, tanto quanto dormir amontoado com outras pessoas ou derrubar árvores. Andrew não considerava aquilo errado, assim como não conseguia captar a profundidade da repulsa que a latrina improvisada provocava em Tally.

Ela era diferente dos aldeões do vilarejo. Era uma amostra das mudanças ocorridas ao longo da história humana. Talvez houvesse razão para alguma esperança.

Apesar de tudo, Tally não queria conversar sobre aquilo, ou mesmo dar um sorriso para Andrew.

— Então, o que existe depois do fim do mundo? — perguntou.

— Nada.

— Deve haver *alguma coisa*.

— O mundo simplesmente acaba — insistiu Andrew.

— Você já esteve lá?

— Claro. Todo jovem vai lá, um ano antes de virar um homem.

Tally se irritou de novo: outra exclusividade dos homens.

— E com que se parece? Um grande rio? Um precipício?

— Não. Parece uma floresta, como qualquer lugar por aqui. Mas é o fim. Alguns homenzinhos andam por lá para não deixar ninguém passar.

— Homenzinhos, é?

Ela se lembrou de um mapa antigo pendurado numa parede da biblioteca de sua escola, com a indicação "Aqui há dragões" em todos os espaços vazios. Talvez aquele fim do mundo não passasse do limite do mapa mental de um aldeão. A exemplo do desejo por vingança a todo custo, talvez eles simplesmente não conseguissem ver adiante.

— Bem, para mim não vai ser o fim — disse Tally, decidida.

— Você é uma deusa.

— Sim, sou mesmo. Estamos muito longe?

Andrew olhou para o sol:

— Chegaremos lá antes de anoitecer.

— Ótimo.

Se pudesse optar, Tally preferia não passar outra noite dormindo encostada em Andrew Simpson Smith.

Eles não viram qualquer sinal de forasteiros nas horas seguintes. Mas o hábito do silêncio tinha tomado conta da caminhada. Mesmo depois de vencer a raiva que sentia de Andrew, Tally continuou andando sem dizer uma única palavra. Ele, por sua vez, mostrava-se arrasado pelo silêncio dela. Ou talvez ainda estivesse se lamentando por não ter conseguido matar ninguém de manhã.

Em todos os sentidos, aquele era um péssimo dia.

As sombras cada vez maiores indicavam a aproximação do fim da tarde.

— Já estamos perto — disse Andrew.

Tally parou para beber água e aproveitou para observar o horizonte. Parecia uma floresta idêntica à que tinha visto durante a queda do céu. Talvez a mata não fosse tão densa aqui, talvez as clareiras fossem maiores, livres da grama por causa do frio do inverno. De um jeito ou de outro, aquilo não se assemelhava a qualquer interpretação razoável do fim do mundo.

Agora Andrew caminhava mais devagar, como se procurasse um sinal entre as árvores. Às vezes, olhava para as montanhas distantes, indicando

pontos de referência. Finalmente, ele parou, vidrado em alguma coisa no meio do mato.

Tally demorou um pouco para ver que havia algo pendurado numa árvore. Parecia um boneco: um monte de gravetos e flores secas na forma de um ser humano, não maior que a mão de uma pessoa. E balançava ao vento, como uma miniatura de gente dançando. Ela via outros iguais ao longe.

— Então são esses os tais homenzinhos? — perguntou, sem conseguir esconder o riso.

— Sim.

— E este é o seu fim do mundo?

Ela não via nada de diferente: mata rasteira e árvores que abrigavam pássaros barulhentos.

— É o fim do mundo, não o meu fim do mundo. Nunca alguém passou deste ponto.

— Ah, entendi.

Tally não conseguia acreditar. Provavelmente os bonecos serviam para demarcar o território de outro grupo. Ela reparou num pássaro parado ao lado de um deles, olhando com curiosidade, talvez pensando se aquilo era comestível.

Ajeitando a mochila nos ombros, ela começou a andar na direção do boneco mais próximo. Andrew não a seguiu, mas Tally tinha certeza de que ele o faria assim que suas superstições se provassem infundadas. Lembrava-se de que, séculos antes, os navegantes temiam desbravar os oceanos, achando que mais cedo ou mais tarde cairiam num precipício. Até que um dia alguém resolveu tentar e se descobriu que havia outros continentes no mundo.

No entanto, podia ser melhor mesmo que Andrew não a seguisse. A última coisa de que Tally precisava era de uma companhia obcecada por obter vingança a qualquer custo. Com certeza, as pessoas que moravam depois do fim do mundo não tinham culpa pela morte de seu pai. Para Andrew, porém, qualquer forasteiro servia.

Ao se aproximar, Tally notou mais bonecos, separados uns dos outros por poucos metros. Eles marcavam uma espécie de fronteira e lembravam uma decoração de péssimo gosto de uma festa ao ar livre. Suas cabeças tinham posições estranhas. Na verdade, estavam todos pendurados pelo

pescoço, por cordas bem apertadas. Agora Tally entendia por que os aldeões achavam os homenzinhos assustadores. Ela sentiu um arrepio subir pela espinha...

Então a sensação chegou aos dedos.

De início, Tally achou que seu braço tivesse ficado dormente, com um formigamento tomando conta de tudo, do cotovelo para baixo. Ela ajeitou a mochila, na tentativa de restabelecer a circulação, mas a sensação continuou.

Poucos passos adiante, Tally ouviu o barulho: um estrondo que parecia vir de dentro da terra, um som tão grave que fazia seus ossos tremerem. Sua pele tremia, o mundo todo tremia. Sua visão ficou borrada, como se seus olhos vibrassem no ritmo do barulho. Bastou dar mais um passo para o rumor aumentar, agora lembrando um enxame de insetos dentro de sua cabeça.

Havia algo de errado.

Tally tentou dar meia-volta, mas percebeu que seus músculos não respondiam. De repente, passou a ter a impressão de carregar uma mochila cheia de pedras e de que o chão sob seus pés estava derretendo. Com esforço, conseguiu dar um passo atrás, e o barulho diminuiu um pouco.

Ao botar a mão diante do rosto, ela a viu tremer. Talvez a febre tivesse voltado.

Ou o problema estaria naquele lugar?

Tally esticou o braço mais um pouco, e as vibrações ganharam intensidade, fazendo as pontas de seus dedos arderem como uma queimadura sem tratamento. Havia um zumbido no ar que piorava a cada centímetro que ela se aproximava dos bonecos. A sensação era a de que até sua carne era repelida por eles.

Cerrando os dentes, Tally deu um passo desafiador à frente. O zumbido invadiu sua cabeça de novo, e sua visão voltou a ficar embaçada. Ao tentar respirar, ela engasgou, como se uma eletricidade a impedisse de engolir o ar.

Tally se afastou dos bonecos e caiu de joelhos assim que o som se dissipou. Ainda sentia uma aflição na pele, como se uma legião de formigas andasse por baixo de suas roupas. Ela tentou continuar recuando, mas seu corpo não a obedecia.

Nesse momento, sentiu o cheiro de Andrew. Suas mãos vigorosas a

levantaram, e, enquanto ele a carregava e arrastava ao mesmo tempo, o caos foi aos poucos se desfazendo.

Tally chacoalhou a cabeça na tentativa de se livrar dos ecos. Todo o seu corpo tremia por dentro.

— Esse zumbido, Andrew... Me senti dentro de uma colmeia.

— Sim. Zumbidos de abelhas — confirmou Andrew, observando suas próprias mãos.

— Por que não me *avisou*? — gritou Tally.

— Eu avisei. Avisei dos homenzinhos. Disse que você não podia passar.

— Podia ter sido um pouco mais específico.

Ele franziu a testa.

— É o fim do mundo. Sempre foi assim. Como você não sabia?

Tally soltou um grunhido, frustrada com a situação, e depois suspirou. Ao olhar novamente para o boneco mais próximo, reparou em algo que lhe havia passado despercebido. Embora a figura fosse feita de gravetos e flores secas — materiais naturais —, não apresentava qualquer sinal de desgaste. Todos os bonecos que ela enxergava dali pareciam novos e não objetos artesanais que haviam passado vários dias embaixo de uma chuva torrencial. A não ser que alguém os tivesse substituído, um por um, só podiam ser feitos de algo mais resistente que gravetos.

Um material parecido com plástico, talvez.

E no interior dos bonecos devia haver algo muito mais sofisticado: um sistema de segurança capaz de subjugar seres humanos, sem causar mal às árvores e aos pássaros. Algo que atacava o sistema nervoso, traçando uma fronteira intransponível ao redor do mundo daquelas pessoas.

Tally entendeu, finalmente, por que os Especiais aceitavam a existência da aldeia. Não se tratava apenas de algumas pessoas vivendo na natureza. Aquilo era o projeto de antropologia de alguém; uma espécie de unidade de conservação. Ou... qual era mesmo o nome usado pelos Enferrujados?

Uma reserva.

E Tally estava presa lá dentro.

DIA SAGRADO

— Não achou nenhuma passagem? — perguntou Andrew, depois de muito tempo.

Tally fez que não. Seus dedos sentiam o formigamento, exatamente como havia acontecido em todos os outros pontos testados na última hora. Os bonecos seguiam enfileirados até onde ela conseguia enxergar. E todos pareciam em perfeito estado.

Ela recuou do fim do mundo, e imediatamente a sensação que tomava conta de suas mãos perdeu intensidade. Depois da experiência inicial, Tally não tinha mais se arriscado a passar do estágio do formigamento. Uma vez bastava. Não havia razão para não acreditar que todos os outros bonecos eram capazes dos mesmos feitos daquele que a tinha deixado de joelhos. Máquinas produzidas na cidade duravam muito tempo, e por entre as árvores chegava muita luz, que podia ser convertida em energia.

— Não, não existe um caminho — respondeu Tally.

— Também acho que não existe.

— Você parece decepcionado.

— Eu esperava que você pudesse me mostrar... o que há além deste lugar.

Ela estranhou:

— Achei que não acreditasse em mim, que não acreditasse na existência de algo mais.

Andrew balançou a cabeça vigorosamente.

— Acredito em você, Tally. Bem, talvez eu não acredite nesse negócio de estar no meio do nada e nessa história de gravidade, mas deve haver alguma coisa. A cidade em que você mora tem de ser real.

— Morava — corrigiu ela, levando os dedos à frente de novo.

O formigamento voltou a atingi-los, deixando uma sensação terrível, como se Tally tivesse passado uma hora sentada sobre as próprias mãos. Ela se afastou e esfregou os braços. Não fazia ideia da tecnologia usada na barreira, mas não devia ser muito recomendado ficar tentando atravessá-la. Não havia motivo para correr o risco de uma lesão permanente nos nervos.

Os bonecos continuavam lá, rindo da cara de Tally, enquanto dançavam ao vento. Ela estava presa no mundo de Andrew.

Tally se lembrou de tudo que tinha aprontado em seus tempos de feia, fugindo do dormitório para atravessar o rio à noite e até invadindo uma festa na mansão de Peris depois de ele virar perfeito. Suas habilidades, contudo, não necessariamente tinham utilidade naquele lugar. Como havia aprendido na conversa com a dra. Cable, era fácil criar confusão na cidade. A segurança por lá era planejada para estimular a criatividade dos feios e não para fritar seus sistemas nervosos.

Em contraposição, aquela barreira tinha sido criada para manter Pré-Enferrujados perigosos longe da cidade; a fim de proteger os campistas, andarilhos e qualquer pessoa que decidisse dar uma volta perto da natureza. Parecia improvável que os bonecos cedessem à intervenção de Tally com a ponta da faca.

No entanto, a lembrança dos tempos de feia levou Tally a se recordar do estilingue em seu bolso de trás. Era uma alternativa pouco promissora, mas talvez valesse a pena tentar um método mais direto de enfrentar o fim do mundo.

Ela encontrou uma pedra bem lisa e preparou a arma. O couro rangeu ao ser puxado. O primeiro tiro passou a cerca de um metro do boneco mais próximo.

— Acho que perdi a prática.

— Sangue Jovem! — gritou Andrew. — Acha que isso é uma boa ideia?

Tally sorriu.

— Está com medo que eu quebre o mundo?

— Segundo as histórias, os deuses puseram esses bonecos aqui para sinalizar os limites do limbo.

— Ahn, claro. Acho que estão mais para placas de "Não ultrapasse". Ou melhor, "Não saia de onde está", para manter todos vocês no lugar certo. Pode acreditar em mim: o mundo vai muito além disto aqui. Isto é só um truque para evitar que vocês o descubram por inteiro.

Andrew se virou, dando a impressão de que estava pensando em outros argumentos. Em vez de insistir, porém, ele se agachou e pegou uma pedra do tamanho de sua mão fechada. Em seguida, jogou o braço para trás, mirou e arremessou o projétil. Tally percebeu desde o primeiro momento que aquele seria um tiro certeiro. A pedra atingiu o primeiro boneco, que

girou para um lado, fazendo a corda se apertar em seu pescoço, e depois para o outro, lembrando um pião.

— Ei, isso foi bem corajoso — disse Tally.

— Como eu disse, Sangue Jovem, acredito no que você diz. Talvez este não seja realmente o fim do mundo. E, se isso for verdade, quero ver o que existe além.

— Que bom.

Tally deu um passo adiante e esticou o braço. Nenhuma mudança: seus dedos tremeram ao entrar em contato com a eletricidade no ar, e a sensação de formigamento só parou quando ela se afastou. Era previsível. Um sistema desenvolvido para resistir a décadas num ambiente selvagem — enfrentando tempestades, animais famintos e raios — dificilmente cairia diante de meras pedras.

— Os homenzinhos continuam funcionando — disse ela, esfregando os dedos. — Não sei mesmo como atravessar essa barreira, Andrew. Mas foi uma boa tentativa.

Ele tinha os olhos fixos em sua mão vazia, como se estivesse surpreso com sua decisão de desafiar a obra dos deuses.

— É estranho querer ultrapassar os limites do mundo, não é? — perguntou.

— Bem-vindo à minha vida — disse Tally com uma gargalhada. — Sinto muito por fazer você vir até aqui para nada.

— Nada disso, Tally. Foi bom ter visto.

Tally tentou interpretar a expressão de Andrew, ao mesmo tempo confusa e intensa.

— Ter visto o quê? Minha tentativa de acabar com meu sistema nervoso?

— Não. O estilingue.

— Como é que é?

— Quando eu vim aqui, quando era criança, senti os homenzinhos dentro de mim e quis correr de volta para casa. — Seu olhar ainda indicava confusão. — Mas você quis acertar uma pedra neles. Você não sabe de algumas coisas que toda criança sabe, mas parece ter tanta certeza a respeito do formato deste... *planeta*. Age como se...

A voz de Andrew foi sumindo. Seu conhecimento da língua da cidade o estava traindo.

— Como se eu visse o mundo de outro jeito?

— Sim — disse ele, baixinho, com uma expressão ainda mais intensa no rosto.

Para Tally, o mais provável era que Andrew nunca tivesse pensado na possibilidade de as pessoas verem a realidade de maneiras completamente distintas. Entre tentar se proteger de ataques de forasteiros e obter comida suficiente, os aldeões não deviam ter muito tempo para divergências filosóficas.

— É assim que você se sente ao sair da reserva, ou melhor, ao passar dos limites do mundo. Por falar nisso, tem certeza de que vamos sempre esbarrar nesses homenzinhos, mesmo se seguirmos em outra direção?

— Meu pai me ensinou que o mundo é um círculo e que levamos sete dias para dar a volta. Esta aqui é a fronteira mais próxima da nossa aldeia. Mas uma vez meu pai deu a volta inteira no círculo.

— Que interessante. Acha que ele queria encontrar uma saída?

— Ele nunca disse isso.

— Bem, parece que ele não achou nenhuma — observou Tally. — Então, como vou sair do seu mundo e chegar às Ruínas de Ferrugem?

Andrew ficou em silêncio por um instante, mas Tally podia ver que ele estava pensando, levando uma eternidade para avaliar a pergunta.

— Você precisa esperar o próximo dia sagrado.

— O próximo o quê?

— Os dias sagrados marcam as visitas dos deuses. Eles vêm em carros voadores.

— Ah, é? Não sei se você já percebeu, Andrew, mas não era para eu estar aqui. Se um deus mais velho me vir aqui, estou ferrada.

Ele deu uma risada.

— Acha que sou estúpido, Tally Sangue Jovem? Ouvi sua história sobre a torre. Sei que foi expulsa.

— Expulsa?

— Sim, Sangue Jovem. Você tem a marca — disse Andrew, tocando de leve acima da sobrancelha de Tally.

— Marca? Ah, sim... — Pela primeira vez desde que havia conhecido os aldeões, ela pensou na tatuagem. — Você acha que isso aqui significa alguma coisa?

Andrew mordeu os lábios e desviou o olhar da testa de Tally.

— Claro que não tenho certeza de nada. Meu pai nunca tocou nesse tipo de assunto. Mas, na aldeia, só marcamos as pessoas que roubam.

— Ahn, entendi. E você acha que eu fui... *marcada*? — Tally revirou os olhos diante da cara envergonhada de Andrew. Agora estava explícito por que os moradores tinham ficado tão sem jeito diante dela. Eles achavam que a tatuagem era algum tipo de marca da vergonha. — Escute, isso aqui é só uma coisa da moda. Ahn, vou tentar explicar de outro jeito. É só um negócio que eu e meus amigos fizemos para nos divertir. Já percebeu que às vezes ela se mexe?

— Sim. Quando você está com raiva, ou sorrindo, ou muito concentrada.

— Isso mesmo. Bem, chamamos esse tipo de estado de "borbulhante". E, para deixar explicado, eu fugi. Não fui expulsa.

— E eles vão tentar levá-la de volta. Entendi. Sabe, quando os deuses vêm aqui, eles deixam os carros voadores para trás, ao entrarem na floresta...

Um sorriso tomou conta do rosto de Tally.

— E você pode me ajudar a roubar um desses carros dos deuses mais velhos? — perguntou ela. Andrew fez um gesto indiferente. — Eles não vão ficar irritados com você?

Andrew suspirou e passou a mexer em seu projeto de barba enquanto pensava no assunto.

— Temos de tomar cuidado. Mas já percebi que os deuses não são... perfeitos. Afinal, você conseguiu fugir da torre deles.

— Muito bem, deuses imperfeitos — concordou Tally, sem conseguir segurar o riso. — O que seu pai diria nessa situação, Andrew?

— Não sei. A questão é que ele não está aqui. Eu sou o homem sagrado agora.

Naquela noite, eles acamparam perto da barreira. Andrew garantiu que ninguém — forasteiros ou qualquer outra pessoa — teria coragem de circular tão perto dos bonecos àquela hora. Era um lugar que despertava grande medo. Além disso, ninguém queria ver seu cérebro ser fritado ao acordar à noite para se aliviar no escuro.

De manhã, eles iniciaram a jornada de volta à aldeia, pelo caminho mais longo, sem se preocupar com o tempo e evitando a área em que os

forasteiros caçavam. A viagem levou três dias, e Andrew demonstrou todo o seu conhecimento da floresta, misturando sabedoria local e lições de base científica transmitidas pelos deuses. Ele entendia o ciclo da água e um pouco da cadeia alimentar. Porém, depois de um dia inteiro de discussão sobre a gravidade, Tally desistiu.

Quando finalmente se aproximaram da aldeia, ainda faltava cerca de uma semana até o feriado seguinte. Tally pediu a Andrew que encontrasse uma caverna para servir de esconderijo — uma próxima à clareira onde os deuses estacionavam seus carros voadores. Ela havia decidido ficar longe dos outros. Se não soubessem a respeito de seu retorno, eles não teriam como entregá-la aos deuses mais velhos. Tally não queria que ninguém fosse acusado de acobertar uma fugitiva.

Andrew voltou para casa. Planejava contar que a Sangue Jovem havia passado pelo fim do mundo e desaparecido. Aparentemente, os locais sabiam, sim, mentir. Pelo menos, os homens sagrados sabiam.

E sua história se tornaria verdadeira, assim que Tally botasse as mãos num carro voador. Ela não era uma motorista muito habilidosa, mas havia feito o curso de segurança, obrigatório para todos que completavam 15 anos. Sabia voar em linha reta, manter a altitude e pousar em situações de emergência. Tally conhecia feios que dirigiam escondidos com frequência e que garantiam que era fácil. Obviamente, eles só usavam carros seguros que voavam sobre a estrutura da cidade.

Mas não podia ser muito mais difícil do que andar numa prancha.

Enquanto passava os dias esperando na caverna, Tally não conseguia parar de se perguntar onde estariam os outros Crims. Até então, não havia pensado muito neles, por estar mais preocupada em sobreviver. Agora, porém, sem nada para fazer além de ficar sentada e observar o céu, ela começava a ficar desesperada de preocupação. Teriam escapado dos Especiais? Teriam encontrado a Nova Fumaça? E a pergunta mais importante: como estaria Zane? Ela torcia para que Maddy tivesse conseguido consertar tudo de errado em seu cérebro.

Tally se recordou dos últimos instantes que os dois haviam passado juntos, antes de ele saltar do balão. De suas palavras. Em todas as suas lembranças confusas, ela nunca tinha vivido algo parecido. Uma sensação muito mais que borbulhante, melhor que a de qualquer transgressão, uma sensação de que o mundo mudaria para sempre.

E agora nem sequer sabia se ele estava vivo.

Não ajudava em nada pensar que Zane e os outros Crims também deviam estar preocupados, sem saber se ela havia sido recapturada ou simplesmente morrido. A expectativa era de que ela chegasse às Ruínas de Ferrugem uma semana antes. Eles só podiam estar pensando no pior.

Quanto tempo demoraria até Zane perder as esperanças e aceitar sua morte? E se ela nunca conseguisse sair daquela reserva? Nenhuma fé durava para sempre.

Quando não pensava nessas coisas enlouquecedoras, Tally também passava o tempo refletindo sobre o mundo cercado de Andrew. Como teria sido criado? Por que se permitia que aquelas pessoas vivessem ali, uma vez que a Fumaça havia sido impiedosamente destruída? Talvez porque os moradores locais estivessem presos, ainda acreditassem em velhas lendas e se dedicassem a rivalidades sangrentas, enquanto os Enfumaçados sabiam da verdade sobre as cidades e a operação. Mas por que conservar uma cultura brutal, se a razão de ser da civilização era deter a violência, as tendências destrutivas do ser humano?

Andrew aparecia todos os dias, levando castanhas e algumas raízes, para acompanhar a comida desidratada. E só parou de oferecer pedacinhos de carne-seca quando Tally decidiu experimentar. Era exatamente como ela havia imaginado: uma coisa salgada e dura como um sapato velho. Mas os outros presentes foram muito bem aceitos.

Como retribuição, Tally lhe contava histórias de casa, mostrando principalmente que a cidade dos deuses não era marcada por uma perfeição divina. Ela falou dos feios e da operação e revelou que a beleza dos deuses não passava de um truque tecnológico. Andrew não entendia a diferença entre mágica e tecnologia, mas ainda assim ouvia com atenção. Ele tinha herdado um ceticismo saudável do pai, cujas experiências com os deuses, ao que parecia, nem sempre instigaram respeito no velho homem sagrado.

Às vezes, porém, a companhia de Andrew irritava Tally. Ele era capaz de demonstrar grande discernimento, mas frequentemente revelava a ignorância que se devia esperar de alguém que acreditava num mundo plano. O pior assunto era a posição de comando dos homens, que deixava Tally particularmente irritada. Embora soubesse que podia ser mais compreensiva, ela não conseguia ignorar certas coisas. No caso de Andrew, ter nascido numa cultura que considerava as mulheres servas dos homens

não caía muito bem. Além do mais, Tally havia se voltado contra tudo em que devia acreditar: uma vida sem esforço, uma beleza absoluta, uma mente perfeita. Parecia bem óbvio que Andrew podia, pelo menos, aprender a cozinhar suas próprias galinhas.

Talvez os limites do mundo perfeito de Tally não fossem tão nítidos quanto os homenzinhos pendurados nas árvores, mas eram igualmente difíceis de transpor. Ela se lembrou da mudança de ideia de Peris, lá em cima, dentro do balão, desistindo de pular e de deixar sua vida para trás. Todas as pessoas eram programadas de acordo com o lugar em que nasciam, confinadas por suas crenças. Mas era preciso ao menos *tentar* desenvolver uma mentalidade própria. Do contrário, você podia acabar vivendo numa reserva, adorando um bando de deuses falsos.

Eles chegaram ao amanhecer, exatamente como previsto.

Lá de cima, vinha o rumor dos motores de dois carros, do mesmo tipo usado pelos Especiais — cada um era equipado com quatro hélices que os mantinham suspensos no ar. Era um jeito barulhento de viajar, com o vento revirando as copas das árvores. Da entrada da caverna, Tally viu uma imensa nuvem de poeira se erguer da área de pouso. À medida que o ruído das máquinas diminuía, crescia a confusão de gritos emitidos por pássaros assustados. Depois de quase duas semanas de paz na natureza, os poderosos motores causavam uma sensação estranha em Tally, como se viessem de outro mundo.

Ela rastejou até a clareira, sob a luz do sol, movendo-se em absoluto silêncio. Tendo ensaiado a aproximação todas as manhãs, ela havia se acostumado a cada árvore existente no caminho. Pela primeira vez, os deuses mais velhos enfrentariam alguém que conhecia seus truques — e que contava com alguns próprios.

Escondida, Tally ficou observando de um ponto bem próximo da clareira. Quatro perfeitos de meia-idade tiravam objetos dos compartimentos de carga, o que incluía ferramentas de escavação, câmeras voadoras e gaiolas. Tudo foi colocado em carrinhos. Os cientistas pareciam exploradores, com roupas pesadas de inverno no corpo, óculos de campo pendurados no pescoço e garrafas de água presas ao cinto. Embora, segundo Andrew, eles nunca permanecessem mais de um dia no lugar, a

impressão é de que estavam prontos para passar uma semana. Tally só queria saber qual deles era o doutor.

Andrew circulava entre os quatro perfeitos, ajudando-os a arrumar o equipamento e cumprindo seu papel de homem sagrado. Depois de encher os carrinhos de material, o grupo entrou na floresta, deixando Tally sozinha com os carros voadores.

Ela botou a mochila nas costas e, cautelosamente, começou a se aproximar.

Aquela era a parte mais arriscada do plano. Tally não sabia de que tipo de equipamento de segurança os carros dispunham. Com sorte, os cientistas não teriam incluído mais que alguns dispositivos contra crianças, códigos simples para evitar que estas saíssem voando por aí. Naturalmente, não havia razão para acharem que os aldeões conheciam os mesmos truques que os jovens da cidade, como Tally.

A não ser que tivessem sido alertados da presença de fugitivos na área...

Mas isso não fazia sentido algum. Ninguém sabia que Tally estava isolada, sem uma prancha, e ela não via um carro voador desde sua partida da cidade. Mesmo que os Especiais quisessem encontrá-la, não a procurariam naquele lugar.

Ela foi até um dos carros e deu uma espiada pelo compartimento de carga aberto. Só encontrou pedaços de material de embalagem se movendo com o vento. Mais alguns passos cuidadosos e chegou à janela da cabine do passageiro. Também estava vazia. Ela, então, levou a mão à maçaneta.

Nesse momento, ouviu uma voz de homem.

Tally congelou. Depois de duas semanas dormindo no chão, com roupas rasgadas e sujas, podia se fazer passar por um local a distância. No entanto, assim que se virasse, seu rosto perfeito a entregaria.

A voz voltou a chamá-la, na língua da aldeia, mas com uma inflexão que transmitia um tom de autoridade característico de um perfeito mais velho. Os passos, agora, pareciam mais próximos. Devia pular dentro de um carro e tentar escapar?

As palavras foram se desfazendo no ar à medida que o homem chegava mais perto. Ele tinha reconhecido as roupas da cidade por baixo da sujeira.

Tally se virou.

O homem estava equipado como os outros, com óculos de exploração e uma garrafa d'água, e seu rosto de velho mostrava surpresa. Devia ter saído

do outro carro, atrasado em relação aos companheiros, mas a tempo de dar um flagrante em Tally.

— Pelos céus! — gritou ele, trocando de idioma. — O que você está fazendo neste lugar?

Ela hesitou por um instante, pensando no que dizer, com uma expressão vaga no rosto.

— Nós estávamos num balão.

— Num balão?

— Houve um acidente. Só que eu não lembro direito...

Ele deu mais um passo e fez uma careta. Apesar da aparência de perfeita, Tally tinha um cheiro de selvagem.

— Lembro de ver notícias sobre balões perdidos, mas isso já faz umas semanas! Não é possível que você esteja aqui há tanto... — O homem olhou novamente para as roupas rasgadas e torceu o nariz. — Bem, parece que está.

— Não sei quanto tempo faz.

— Pobre garota — disse o homem, todo preocupado depois da surpresa inicial. — Agora está tudo bem. Sou o dr. Valen.

Tally sorriu, como uma perfeita comportada, concluindo que aquele devia ser o doutor. Afinal, um mero observador de pássaros não conheceria a língua da aldeia. Aquele era o chefe da expedição.

— A sensação é de que estou aqui há *séculos*. Há um monte de gente esquisita por aqui.

— Eu sei. E eles podem ser perigosos. — O doutor balançava a cabeça, como se não acreditasse que uma jovem perfeita da cidade fosse capaz de sobreviver por tanto tempo naquele lugar. — Teve sorte de se livrar deles.

— Quem são eles?

— Eles são... parte de um estudo muito importante.

— Um estudo? Sobre *o quê*?

Ele deu uma risadinha.

— Isso tudo é meio complicado. Acho que é melhor eu avisar a alguém que a encontrei. Tenho certeza de que deve haver pessoas preocupadas com você. Qual é seu nome?

— O que vocês estão estudando neste lugar? — insistiu Tally.

O homem vacilou, surpreso por ver uma nova perfeita fazendo um monte de perguntas, em vez de apenas pedir para ir embora.

— Bem, estamos pesquisando alguns fundamentos da... natureza humana.

— Entendi. Tipo violência, vingança?

— Sim, pode-se dizer que sim. Mas como você...? — estranhou ele.

— Eu sabia — disse Tally. De repente, tudo estava se encaixando. — Você está estudando a violência. Por isso, precisa de um grupo de pessoas violentas, brutais. É um antropólogo?

A cara do homem continuava dominada pela perplexidade.

— Sim, mas também sou médico. Tem certeza de que está bem?

E Tally entendeu melhor.

— Você é um médico de cérebro.

— Na verdade, o nome correto é neurologista — disse o dr. Valen, virando-se para abrir a porta do carro. — Acho que é melhor eu fazer a ligação. Não entendi seu nome direito.

— Eu não disse meu nome. — O tom da voz de Tally deixou o doutor paralisado. — E pode tirar a mão da porta.

Ao se virar novamente, ele tinha perdido toda a pose de perfeito mais velho.

— Mas você é...

— Perfeita? Acho que não — disse Tally, sorrindo. — Sou Tally Youngblood. Tenho um cérebro totalmente feio. E vou levar seu carro.

Aparentemente, o doutor tinha muito medo de selvagens, mesmo que fossem bonitos.

Sem oferecer resistência, ele se deixou prender no compartimento de carga de um dos carros e entregou os códigos de decolagem do outro. Tally poderia burlar os mecanismos de segurança, mas aquilo lhe poupava tempo. E era interessante ver a expressão dócil no rosto do dr. Valen enquanto este lhe passava as informações. Ele estava acostumado a lidar com locais dominados por sua condição divina. No entanto, apenas um relance na faca de Tally tinha sido o bastante para que entendesse quem dava as ordens por ali.

O doutor respondeu mais algumas perguntas de Tally, até não restarem dúvidas sobre a finalidade da reserva. A operação tinha sido desenvolvida naquele lugar. De lá haviam saído as primeiras cobaias. Se o propósito das lesões no cérebro era evitar a violência e o conflito, quem melhor para ser

objeto de testes do que pessoas envolvidas numa interminável e sangrenta rivalidade? Como inimigos enraivecidos confinados num quarto, os grupos mantidos no interior daquele círculo de homenzinhos revelariam tudo sobre a origem das disputas sangrentas entre os seres humanos.

Pobre Andrew. Seu mundo todo não passava de um experimento, e seu pai tinha morrido num conflito que não representava absolutamente nada.

Antes de decolar, Tally precisou se familiarizar com os controles do carro. Eram bem parecidos com os de um modelo da cidade, mas tinha de se lembrar de que não havia mecanismos antiestupidez. Se ela o jogasse contra uma montanha, o carro simplesmente obedeceria. Tally precisaria tomar cuidado com as torres altas das ruínas.

A primeira providência foi acertar um belo chute no sistema de comunicação. Ela não queria que o carro informasse sua localização às autoridades da cidade.

— Tally!

Ela tomou um susto enorme com o grito e na mesma hora olhou pelo vidro dianteiro. Para seu alívio, era apenas Andrew, e ele estava sozinho. Agitando os braços, Tally saiu pela porta do motorista e mandou Andrew ficar quieto, apontando para o outro carro.

— Eu prendi o doutor ali — balbuciou. — Não o deixe ouvir sua voz. O que está fazendo aqui?

Andrew olhou para o outro carro, chocado com a ideia de haver um deus aprisionado em seu interior.

— Me mandaram voltar para procurá-lo. Ele disse que vinha logo atrás de nós.

— Bem, ele não vai a lugar algum agora. E eu estou prestes a ir embora.

— Ahn, claro. Então, adeus, Sangue Jovem.

— Adeus — disse ela, sorrindo. — Nunca vou me esquecer de como me ajudou.

Uma expressão familiar começou a tomar conta do rosto de Andrew.

— Também não vou me esquecer de você — disse ele.

— Não me olhe desse jeito.

— De que jeito, Tally?

— Como se eu fosse uma... deusa. Somos apenas humanos, Andrew.

Desviando o olhar para o chão, ele assentiu.

— Eu sei.

— E humanos nada perfeitos. Alguns até piores do que se possa imaginar. Há muito tempo impomos coisas terríveis ao seu povo. Nós usamos vocês.

— O que podemos fazer? Vocês são muito poderosos.

— Sim, eu sei. — Tally segurou a mão de Andrew. — Mas continue tentando passar pelos homenzinhos. O mundo real é imenso. Talvez você consiga ir tão longe que os Especiais acabem desistindo de procurá-lo. E eu vou tentar...

Ela não conseguiu completar a promessa. O que, afinal, poderia tentar?

Mesmo assim, Andrew deu um sorriso. Depois, levou a mão ao rosto dela, para tocar a tatuagem dinâmica.

— Você está borbulhante. Nós vamos esperar por você, Sangue Jovem.

Tally lhe deu um abraço silencioso. Em seguida, entrou no carro de novo e acionou os rotores. Enquanto o barulho aumentava, ela observou os pássaros fugindo da clareira, assustados com o rugido da máquina dos deuses. Andrew também se afastou.

Bastou um toque nos comandos para o carro subir. Tally sentia a potência por todo o seu corpo. Os rotores chegaram a encostar nas copas das árvores, mas sem influenciar a trajetória do carro, totalmente sob controle.

Tally olhou para baixo e viu Andrew acenando. Seu sorriso torto, com um dente faltando, ainda parecia cheio de esperança. Ela sabia que teria de voltar, exatamente como ele dissera. Não era uma questão de escolha. Alguém tinha de ajudar aquelas pessoas a escapar da reserva. E eles não podiam contar com ninguém além de Tally.

Ela suspirou. Pelo menos, sua vida seguia um padrão consistente: só ficava cada vez mais complicada.

AS RUÍNAS

Quando Tally alcançou o mar, o sol ainda estava subindo, lançando tons rosados sobre a água por entre as nuvens baixas espalhadas pelo horizonte.

Com uma manobra cuidadosa, ela tentou direcionar o carro para o norte. Exatamente como esperava, aquela máquina para uso fora da cidade tinha uma tendência preocupante de responder indistintamente a todos os comandos. A primeira curva executada por Tally havia sido tão fechada que ela batera com a cabeça na janela. Agora o mais indicado era ir com calma.

À medida que o carro subia, ela começou a identificar o início das Ruínas de Ferrugem. Uma distância que Tally levaria uma semana para percorrer a pé tinha sido vencida em menos de uma hora. Assim que avistou as curvas da antiga montanha-russa, ela manobrou o carro na direção do continente.

Pousar foi a parte mais fácil. Tally simplesmente acionou o freio de emergência — o mecanismo que todas as crianças aprendiam a usar no caso de o motorista sofrer um ataque cardíaco ou desmaiar. Como resultado, o carro parou no ar e começou a descer. Ela havia escolhido uma área livre, um dos imensos campos de concreto construídos pelos Enferrujados para estacionar seus veículos de superfície.

O carro pousou suavemente. Tally abriu a porta no exato instante da parada final. Se os outros cientistas tivessem encontrado o doutor e feito alguma ligação de emergência, os Especiais já estariam atrás dela. Quanto mais conseguisse se afastar do carro roubado, melhor.

As grandes torres das ruínas se erguiam ao longe. Para chegar à mais alta, Tally levaria cerca de uma hora a pé. Apesar das quase duas semanas de atraso, mantinha a confiança de que os outros a tivessem esperado, ou pelo menos deixado algum tipo de recado.

Com certeza, Zane estaria lá, no prédio mais alto, recusando-se a ir embora enquanto houvesse uma chance de ela aparecer.

Isso tudo, claro, se a fuga não tivesse acontecido tarde demais para ele.

Tally botou a mochila nos ombros e começou a andar.

As ruas abandonadas pareciam cheias de fantasmas.

Tally praticamente não conhecia a cidade a pé. Ela sempre havia se deslocado de prancha — a pelo menos dez metros de altura — evitando os carros queimados abandonados na superfície. Em seus últimos dias, a civilização Enferrujada tinha sido atingida por uma praga mundial. Essa praga não infectava seres humanos ou animais, mas apenas o petróleo, reproduzindo-se nos tanques de carros e aviões e, aos poucos, deixando o combustível instável. O petróleo modificado pegava fogo assim que entrava em contato com oxigênio, e a fumaça oleosa dos incêndios repentinos espalhava os esporos no ar, nos tanques de combustível e nos poços de petróleo, até contaminar todas as máquinas do mundo Enferrujado.

Logo ficou evidente que os Enferrujados realmente não gostavam de andar. Mesmo depois de descobrirem o que a praga estava fazendo, cidadãos em pânico continuaram entrando em seus carros patéticos de rodas emborrachadas, pensando em fugir rumo à natureza. Olhando com atenção, Tally conseguia enxergar esqueletos aos pedaços através dos vidros sujos das carcaças amontoadas nas ruas. Pouquíssimas pessoas tinham sido espertas o bastante para saírem *andando* e fortes o suficiente para sobreviverem à morte de seu próprio mundo. Quem quer que fosse o criador da praga, certamente havia entendido as fraquezas dos Enferrujados.

— Caramba, vocês eram muito estúpidos — murmurou Tally, enquanto olhava para os vidros dos carros.

No entanto, xingar as pessoas não tornava seus corpos mortos menos sinistros. Alguns poucos crânios intactos encaravam Tally com expressões vazias.

Para dentro da cidade, os prédios se tornavam mais e mais altos, com estruturas de aço que subiam como os esqueletos de criaturas gigantes extintas. Tally pegou um caminho sinuoso, percorrendo ruas estreitas, à procura do maior edifício das ruínas. A torre gigantesca era fácil de ver de uma prancha voadora, mas, do chão, a cidade não passava de um labirinto complexo.

Ao virar uma esquina, ela finalmente viu: pedaços de concreto pendurados a uma enorme matriz de vigas de aço, com janelas vazias encarando de volta e pequenos recortes de um céu claro atravessando a estrutura. Com certeza, aquele era o lugar. Tally se lembrou de quando

Shay a havia levado ao terraço, em sua última visita às Ruínas de Ferrugem. Só que havia um problema.

Como subir até lá?

O interior do prédio tinha sucumbido muito tempo antes. Não havia escadas ou mesmo pavimentos. A estrutura metálica era perfeita para os sustentadores magnéticos de uma prancha, mas para uma pessoa aquela era uma missão impossível sem ajuda de equipamentos de escalada. Se Zane ou os Novos Enfumaçados tivessem deixado uma mensagem para Tally, estaria lá em cima. O problema era alcançá-la.

De repente, Tally se sentiu esgotada e sentou. O prédio parecia a torre de seus sonhos, sem escadas ou elevadores, e ela tendo perdido a chave, que no caso era sua prancha. Tally só conseguia pensar em voltar ao carro roubado e ir voando até lá em cima. Talvez pudesse aproximá-lo o suficiente da construção. Mas quem o manteria voando para que ela pudesse saltar e se agarrar à estrutura de metal?

Pela milésima vez, Tally lamentou que sua prancha estivesse ferrada.

Ela olhou novamente para a torre. E se não houvesse ninguém lá em cima? E se, depois daquela longa jornada, Tally Youngblood continuasse sozinha?

Voltando a ficar de pé, ela gritou o mais alto possível:

— Eeeeeei! — O som ecoou pelas ruínas e fez um grupo de pássaros sair voando de um telhado distante. — Ei! Sou eu!

Quando os ecos pararam, não houve qualquer tipo de resposta. A garganta de Tally doía de tanto esforço. Ela se agachou para procurar um sinalizador dentro da mochila. Uma luz forte chamaria atenção em meio às sombras daqueles prédios cavernosos.

Ela partiu o sinalizador e afastou as faíscas do rosto.

— Sou eeeeeeuuuuuu... Tally Youngblood!

Algo pareceu se mover no céu.

Tally piscou, para tirar as manchas brilhantes do seu campo de visão, e observou o céu azul com atenção. Havia algo se afastando do prédio, uma forma oval que crescia gradualmente...

Era a parte de baixo de uma prancha. Alguém estava descendo!

Com o coração acelerado, Tally jogou o sinalizador fora, sobre um monte de pedras. A ficha demorou a cair: ela não fazia ideia de quem estava indo ao seu encontro. Podia ser qualquer um em cima da prancha. Se os

Especiais tivessem capturado os outros Crims e obtido informações, saberiam que aquele era o ponto de encontro combinado, e a última fuga de Tally estaria perto do fim.

Ela tentou se acalmar. Afinal de contas, *era* uma prancha, e só uma. Se houvesse Especiais escondidos, àquela altura, eles já teriam saído de todos os cantos a bordo de seus carros voadores.

De qualquer forma, não havia razão para entrar em pânico. Uma fuga a pé era altamente improvável. Sua única opção era esperar. Aos poucos, as faíscas do sinalizador se apagaram, enquanto a prancha seguia em sua descida lenta, bem perto da estrutura do prédio. Uma ou duas vezes, Tally achou ter visto alguém espiando de uma beirada, mas, ofuscada pela claridade do céu, não podia ter certeza.

Quando a prancha estava a menos de dez metros de altura, Tally decidiu tentar novamente.

— Eeeiii! — gritou, nervosa.

— Tally... — respondeu uma voz familiar.

A prancha finalmente pousou ao seu lado, e Tally se viu diante de um rosto incrivelmente feio: uma testa enorme, um sorriso torto e uma pequena cicatriz branca sobre um dos olhos. Ela olhava fixamente, tentando se acostumar agora às sombras da cidade abandonada.

— David? — perguntou, num sussurro.

ROSTOS

Como era de se prever, ele não conseguia tirar os olhos dela.

Mesmo se Tally não houvesse gritado o nome, David reconheceria sua voz. Aliás, como já esperava mesmo por ela, devia ter identificado logo no primeiro berro quem estava lá embaixo. No entanto, do jeito que a olhava agora, parecia que havia encontrado outra pessoa.

— David — repetiu ela. — Sou eu.

Ele apenas balançou a cabeça, sem abrir a boca. Mas Tally sabia que David não estava em silêncio pelo impacto de sua beleza. Seus olhos pareciam procurar alguma coisa, uma tentativa de reconhecer algo que a operação tivesse mantido de seu antigo rosto. A reação dele, porém, sugeria incerteza... e um pouco de tristeza.

David era mais feio do que Tally se lembrava. Em seus sonhos, seus traços desarmoniosos não eram tão estranhos, nem seus dentes sem tratamento, tão tortos e manchados. Obviamente, suas marcas não eram tão numerosas quanto as de Andrew, e ele nem sequer era mais feio que Sussy ou Dex, crianças da cidade que haviam crescido usando pasta de dente em pílulas e protetor solar em adesivos.

Mas aquele era *David*.

Mesmo depois de passar tanto tempo com os aldeões, muitos deles desdentados e cheios de cicatrizes, Tally sentia-se chocada diante daquele rosto. Não porque fosse horrível — não era — mas simplesmente porque não se destacava em nada.

Ele não era um príncipe feio. Era apenas feio.

O estranho era que, apesar daquelas sensações, suas memórias esquecidas começavam a voltar. Aquele era *David*, a pessoa que a tinha ensinado a acender uma fogueira, a limpar e cozinhar peixes, a se orientar pelas estrelas. Eles haviam trabalhado lado a lado e viajado juntos durante semanas. E Tally tinha desistido da vida na cidade para ficar com ele na Fumaça — queria ficar com ele para sempre.

Todas as lembranças haviam sobrevivido à operação, escondidas em algum canto de seu cérebro. No entanto, sua temporada com os perfeitos

devia ter mudado algo ainda mais profundo: a forma como ela o enxergava. Para Tally, aquela pessoa à sua frente não era o mesmo David.

Os dois permaneceram em silêncio por um tempo.

Finalmente, David resolveu falar:

— Acho que é melhor irmos andando. Às vezes eles mandam patrulhas vasculharem aqui neste horário.

— Certo — respondeu ela, cabisbaixa.

— Antes preciso fazer uma coisa — disse David.

Ele tirou uma espécie de vareta do bolso e a passou pelo corpo de Tally. Silêncio.

— Estou livre de rastreadores? — perguntou ela.

— Cautela nunca é demais. Você não trouxe uma prancha?

— Quebrou durante a fuga.

— Caramba. É bem difícil quebrar uma prancha.

— Foi uma queda e tanto.

David sorriu.

— A boa e velha Tally. Eu sabia que você viria. Mamãe disse que você provavelmente...

— Está tudo bem. — Ela levantou a cabeça, sem saber exatamente o que dizer. — Obrigada por me esperar.

Eles foram juntos na prancha de David. Como era mais alta, Tally ficou atrás, segurando na cintura dele. Apesar de ter se livrado dos braceletes antiqueda antes da longa caminhada ao lado de Andrew Simpson Smith, ela ainda contava com o sensor de cintura, que detectava seu centro de gravidade e equilibrava o peso extra sobre a prancha. De qualquer maneira, eles seguiram num ritmo lento, no início.

A sensação de segurar no corpo de David, a forma como ele se mexia nas curvas, tudo era muito familiar. Até seu cheiro disparava lembranças. (Tally não queria pensar no próprio cheiro, mas aparentemente David ainda não havia reparado.) Era incrível a quantidade de coisas que vinham à sua mente; a impressão era de que todas as recordações estavam prontas, à espera, e agora fluíam sem parar. Em cima da prancha, com David virado para a frente, o corpo de Tally suplicava para que o abraçasse. Ela queria esquecer todos os pensamentos ridículos de perfeita que haviam passado por sua cabeça ao rever seu rosto.

Mas seria apenas o fato de ele ser feio? Todo o resto tinha mudado também.

Tally sabia que devia perguntar sobre os outros, especialmente Zane. Mas não conseguia pronunciar o nome. Na verdade, não conseguia dizer nada. O simples fato de estar numa prancha com David já era demais.

Ela continuava se perguntando por que Croy tinha lhe entregado a cura. Na carta que havia escrito antes de partir, demonstrava absoluta certeza de que David seria o responsável por seu resgate. Afinal, *ele* era o príncipe dos seus sonhos.

Talvez ele ainda estivesse com raiva pela traição à Fumaça. Talvez a culpasse pela morte de seu pai. Na mesma noite da confissão a David, Tally havia retornado à cidade para se entregar e voltar a ser perfeita, a única maneira de testar a cura. Ela não chegou a ter uma oportunidade de explicar o quanto lamentava tudo aquilo. Os dois sequer haviam se despedido.

Por outro lado, se David a odiava agora, por que logo ele estaria à sua espera nas ruínas? Não Croy ou Zane... David. Sua cabeça estava confusa, quase num estado perfeito, só que sem a parte da felicidade.

— Não fica muito longe — disse David. — Acho que umas três horas, voando em dupla. — Tally não respondeu. — Nem pensei em trazer outra prancha. Eu devia ter imaginado que você estaria sem a sua, já que levou tanto tempo para chegar aqui.

— Sinto muito.

— Mas isso não é problema. Só temos de voar um pouco mais devagar.

— Não. Sinto muito pelo que eu fiz.

Tally não prosseguiu. Aquelas poucas palavras a tinham deixado exausta.

David fez a prancha parar entre dois enormes esqueletos de metal e concreto. Os dois ficaram ali por um longo tempo, mas ele permanecia virado para a frente. Depois de um tempo, Tally encostou o rosto em seu ombro, sentindo os olhos se encherem de lágrimas.

— Achei que eu saberia o que dizer quando encontrasse você — admitiu David, quebrando o silêncio.

— Esqueceu que eu teria um rosto novo, né?

— Não é exatamente que eu tenha esquecido. Eu só não achei que seria tão... diferente de você.

— Eu também não.

Só depois de ter falado, Tally percebeu que suas palavras não fariam sentido para David. Afinal de contas, o rosto dele não havia mudado em nada.

David se virou, cuidadosamente, e tocou o rosto de Tally acima da sobrancelha. Ela tentou encará-lo, mas não conseguiu. Apenas sentiu sua tatuagem pulsar sob a pressão dos dedos dele.

— Ahn, achou esse negócio esquisito? É só uma coisa dos Crims, para mostrar quem está borbulhante — explicou Tally, sorrindo.

— É, eu sei. Uma tatuagem ligada ao ritmo do coração. Eles me contaram. É que eu nunca imaginei que você usaria uma. Isso é tão... estranho.

— Mas continuo sendo a mesma por dentro.

— Sim, eu sinto isso, agora que estamos voando — disse David, impulsionando a prancha para continuar a viagem.

Desta vez, Tally abraçou-o com mais força, desejando que ele não se virasse para trás. A situação já era complicada demais sem a confusão despertada sempre que via seu rosto. David, provavelmente, também não queria encarar Tally, com seus olhos enormes e a tatuagem dinâmica. Uma coisa de cada vez.

— David, me responde uma coisa. Por que foi o Croy que me levou a cura e não você?

— As coisas se complicaram. Eu pretendia levar a cura assim que voltasse.

— Voltasse? De onde?

— Eu estava longe, avaliando outra cidade, buscando mais feios para se juntarem a nós, quando os Especiais apareceram com tudo. Eles começaram a fazer varreduras nas ruínas, procurando por nós. — David pegou a mão de Tally e a apertou contra seu peito. — Minha mãe decidiu abandonar as ruínas por um tempo. Acabamos encurralados no mato.

— E me deixaram presa na cidade — disse ela, decepcionada. — Mas acho que Maddy não deve ter achado isso muito ruim.

Tally tinha quase certeza de que a mãe de David ainda a culpava por tudo: a destruição da Fumaça, a morte de Az.

— Ela não teve escolha — reagiu David. — Nunca haviam aparecido tantos Especiais. Era perigoso demais ficar aqui.

Depois de respirar fundo, Tally começou a se lembrar da conversa com a dra. Cable.

— É, acho que a Divisão de Circunstâncias Especiais anda recrutando mais gente.

— Mas nunca me esqueci de você, Tally. Obriguei Croy a prometer que levaria os comprimidos e a carta, caso algo me acontecesse, para que você tivesse uma chance de escapar. Então, quando eles começaram a preparar a mudança da Nova Fumaça, Croy deduziu que talvez não voltássemos tão cedo e deu um jeito de entrar na cidade.

— Você mandou que ele fosse lá?

— Claro. Ele era o plano B. Eu nunca abandonaria você por lá, Tally.

— Ah.

Tally voltou a se sentir tonta, como se estivesse não na prancha, mas sobre uma pena que caía lentamente rumo ao chão. Ela fechou os olhos e abraçou David com mais força, finalmente sentindo sua presença de verdade, mais poderosa do que qualquer lembrança. Naquele momento, alguma coisa foi embora, uma inquietação cuja presença Tally havia ignorado até então. O tormento dos seus sonhos, a preocupação de que David a tivesse abandonado, tudo não havia passado de uma confusão, de planos com resultados indesejados. Como nas antigas histórias em que uma carta chegava tarde demais ou acabava nas mãos da pessoa errada, o segredo era suportar as provações até o fim.

E, no fim, David tinha planejado resgatá-la pessoalmente.

— Mas parece que você não estava sozinha — disse ele, baixinho.

Tally ficou tensa. David sabia a respeito de Zane. Como ela poderia explicar o fato de simplesmente ter *esquecido* David? Para a maioria das pessoas, não seria uma desculpa aceitável. Mas ele sabia tudo sobre as lesões. David havia sido criado pelos pais para entender o que significava ter um cérebro perfeito. Ele tinha de entender.

Obviamente, na prática, a coisa não era tão simples. Afinal, Tally *não* tinha esquecido Zane. Lembrava-se de seu belo rosto, magro e frágil, e do brilho dos seus olhos dourados um segundo antes de ele pular do balão. Seu beijo lhe havia garantido a determinação para encontrar os comprimidos. E ele tinha compartilhado a cura com ela. O que podia dizer depois de tudo aquilo? Tally escolheu o caminho mais fácil.

— Como ele está?

— Não muito bem. Mas não tão mal quanto poderia estar. Você teve sorte, Tally.

— A cura é perigosa, não é? Não funciona em algumas pessoas.

— A cura funciona perfeitamente. Todos seus amigos já tomaram e estão muito bem.

— Mas as dores de cabeça de Zane...

— São mais que dores de cabeça — interrompeu David. — É melhor deixarmos minha mãe explicar tudo a você.

— Mas por que...

Tally desistiu de completar a pergunta. Não podia culpar David por não querer conversar sobre Zane. Ao menos as perguntas que ela não havia feito tinham sido todas respondidas. Os outros Crims haviam chegado e se juntado aos Enfumaçados; Maddy havia conseguido ajudar Zane; a fuga dera certo. Agora, com a própria Tally nas ruínas, estava tudo perfeito.

— Obrigada por me esperar — repetiu ela, num sussurro.

David não respondeu. Os dois passaram o resto da viagem sem se olharem uma única vez.

CONTROLE DE DANO

O caminho até o esconderijo dos Novos Enfumaçados passava por córregos e leitos de ferrovias — qualquer lugar em que houvesse metal suficiente para manter a prancha no ar. Depois de algum tempo, eles chegaram a uma pequena montanha, bem longe das Ruínas de Ferrugem. Com os sustentadores se agarrando às sobras dos trilhos de um bondinho, eles alcançaram uma enorme cúpula de concreto, rachado pelos séculos de abandono, mas ainda se destacando contra o céu.

— O que era isso aqui? — perguntou Tally, com a voz rouca depois de três horas de silêncio.

— Um observatório. Antigamente havia um grande telescópio saindo da cúpula. Mas os Enferrujados o retiraram quando a poluição vinda da cidade começou a ficar insuportável.

Tally já havia visto fotos do céu cheio de partículas e de fumaça — eram muito comuns na escola —, mas não acreditava que os Enferrujados tivessem conseguido mudar a cor do próprio ar. Não se conformava. Tudo que considerava exagero dos professores sobre os Enferrujados acabava se revelando a mais pura verdade. A temperatura tinha caído bastante desde o início da subida, e o céu vespertino parecia límpido para Tally.

— Quando os cientistas não mais conseguiam ver as estrelas, a cúpula passou a ser frequentada apenas por turistas — contou David. — Por isso, essa quantidade toda de bondinhos. Temos várias opções de descida para as pranchas, no caso de precisarmos fugir rapidamente. E, daqui de cima, enxergamos quilômetros em todas as direções.

— Uma espécie de Forte Fumaça, hein?

— Pode-se dizer que sim. Se um dia os Especiais nos acharem, teremos alguma chance de escapar.

Ficou evidente que um sentinela tinha avistado os dois subindo. Havia um monte de gente saindo de dentro do observatório quando a prancha pousou. Tally logo viu os Novos Enfumaçados — Croy, Ryde e Maddy, acompanhados de alguns feios que ela não reconhecia — e os cerca de vinte Crims que tinham participado da fuga.

Ela procurou o rosto de Zane no meio da multidão, mas não o encontrou.

Assim que saltou da prancha, Tally correu na direção de Fausto, que a recebeu com um sorriso. Sua expressão cheia de vida deixou óbvio que ele havia tomado os comprimidos. Fausto não estava apenas borbulhante; estava curado.

— Tally, você está fedendo — comentou, ainda sorrindo.

— Ah, é. Foi uma viagem muito longa. E uma longa história também.

— Sabia que você conseguiria. Cadê o Peris?

Tally deixou o ar frio da montanha encher seus pulmões.

— Desistiu, né? — disse Fausto, antes que ela pudesse responder. — Sempre achei que ele fosse desistir.

— Me leve até Zane — pediu Tally.

Fausto se virou e apontou para o observatório. Havia muita gente por perto, mas as pessoas hesitavam em se aproximar ao notarem a aparência esfarrapada e o cheiro forte de Tally. Os Crims gritavam de longe, enquanto os feios se surpreendiam com seu rosto perfeito, impressionante apesar de toda a sujeira. A reação era inevitável, mesmo quando não achavam que ela era uma deusa.

No caminho, Tally parou para falar com Croy.

— Ainda não agradeci pelo que fez.

— Não precisa me agradecer. Foi você que conseguiu sozinha.

Nesse momento, Tally ficou séria, percebendo que Maddy a olhava de um modo estranho. Ela ignorou aquilo, sem se importar com a opinião da mãe de David, e entrou nas ruínas da cúpula, atrás de Fausto.

Estava escuro lá dentro. Havia apenas algumas lanternas amarradas nas beiradas do imenso hemisfério de concreto e um facho estreito de luz ofuscante que entrava pela rachadura do domo. No chão, uma fogueira projetava sombras no espaço e lançava uma fumaça preguiçosa no ar.

Zane estava deitado sob uma pilha de cobertores, perto do fogo, de olhos fechados. Parecia ainda mais magro do que na época em que os dois estavam tentando se livrar dos braceletes e tinha os olhos encovados. Os cobertores subiam e desciam no ritmo lento de sua respiração.

— Mas David disse que ele estava bem...

— Sua condição é estável — disse Fausto. — O que é muito bom, se considerarmos a situação.

— Que situação?

Fausto abriu os braços, sem saber o que dizer.

— Do cérebro dele.

Tally sentiu um arrepio. As sombras ao seu redor pareceram se agitar por um instante.

— O que tem o cérebro dele? — perguntou.

— Você tinha de inventar alguma coisa, não é, Tally? — disse uma voz vinda da escuridão.

De repente, Maddy apareceu, com David ao seu lado. Tally tentou manter uma postura firme.

— Do que está falando?

— Dos comprimidos que lhe dei. Deviam ser tomados juntos.

— Eu sei. Mas éramos dois...

Tally parou de falar ao reparar na cara de David. *E eu estava muito assustada para tomá-los sozinha*, pensou, lembrando-se do pânico que havia sentido aquele dia, no terraço do Valentino 317.

— Eu devia ter imaginado — disse Maddy, balançando a cabeça. — Era um risco previsível, ao deixar que uma perfeita se tratasse sem ajuda.

— O que houve?

— Nunca cheguei a explicar como a cura funciona, não é mesmo? Sabe como as nanoestruturas removem as lesões do cérebro? Elas as destroem, exatamente como os remédios que combatem o câncer.

— E o que deu errado?

— As nanoestruturas não pararam de funcionar. Continuaram se multiplicando e destruindo o cérebro de Zane.

Tally parou para observar o monte de cobertores sobre a cama. A respiração de Zane parecia muito fraca; o movimento do seu peito era quase imperceptível. Então ela se virou para David.

— Mas você disse que a cura funcionava perfeitamente.

— E funciona. Seus outros amigos estão todos bem. Acontece que os comprimidos são *diferentes*. O segundo, o que você tomou, é a cura para a cura. É o que faz as nanoestruturas se autodestruírem depois de eliminar as lesões. Sem esses comprimidos, as nanoestruturas de Zane continuaram se reproduzindo e destruindo seu cérebro. Mamãe explicou que o processo foi

interrompido em algum ponto, mas não antes de... provocar um certo estrago.

A sensação terrível piorou quando Tally finalmente entendeu o recado: tudo aquilo era culpa *dela*. Ela tinha tomado o comprimido que evitaria a atual situação de Zane — a cura para a cura.

— E qual foi o estrago?

— Ainda não sabemos — respondeu Maddy. — Eu tinha células-tronco em quantidade suficiente para regenerar as áreas destruídas do cérebro de Zane. Mas as conexões entre as células se perderam. São essas conexões que armazenam as memórias e as habilidades motoras. E nelas acontecem os processos cognitivos. Ou seja, algumas partes do cérebro de Zane se tornaram praticamente folhas em branco.

— Folhas em branco? Quer dizer que... ele *se foi*?

— Não. Só algumas regiões do cérebro dele foram danificadas — disse Fausto. — E o cérebro pode se recuperar, Tally. Os neurônios de Zane podem estabelecer novas conexões. Ele está fazendo isso neste exato momento. Nunca deixou de fazer isso. Ele veio de prancha até aqui, sem ajuda, antes de sofrer o colapso.

— É incrível ter resistido por tanto tempo — comentou Maddy. — Acho que foi a falta de comida que o salvou. Ao se privar da alimentação, Zane fez as nanoestruturas morrerem de fome. Aparentemente, elas se foram.

— Ele ainda consegue falar e tudo o mais — continuou Fausto, olhando para Zane. — Só está um pouco... cansado agora.

— Podia ser você nessa cama, Tally — disse Maddy. — Cinquenta por cento de chance. Você deu sorte.

— Essa sou eu. Uma grande "sortuda".

Apesar de tudo, ela tinha de admitir que era verdade. Os dois pegaram os comprimidos aleatoriamente, pensando que eram iguais. As nanoestruturas podiam ter passado todo aquele tempo devorando o cérebro de Tally em vez do de Zane. Sorte dela.

Tally fechou os olhos e pensou em como devia ter sido difícil para Zane esconder por todo aquele tempo o que sentia. Durante os longos períodos de silêncio, com os dois tentando evitar os braceletes, ele havia lutado para manter o controle sobre seu cérebro, sem saber exatamente o que estava

acontecendo, mas arriscando tudo para não voltar a pensar como um perfeito.

Ao olhar para Zane, Tally desejou por um instante que a história tivesse sido diferente. Qualquer coisa era melhor que vê-lo naquele estado. Se ela houvesse tomado o comprimido com as nanoestruturas, e ele a que curava a...

— Peraí! Se Zane tomou as nanoestruturas, como meu comprimido me curou?

— Ele não a curou — respondeu Maddy. — Sem o primeiro comprimido, a pílula que você tomou não serviu para nada.

— Mas...

— Foi *você*, Tally — disse uma voz baixinha vinda da cama. Os olhos de Zane se abriram um pouquinho, refletindo o dourado da luz do sol. Ele deu um sorriso cansado. — Você se tornou borbulhante sozinha.

— Mas me senti tão diferente depois que...

Sem completar a frase, ela se lembrou daquele dia. Do beijo, da invasão da Mansão Valentino, da escalada da torre. No entanto, todas aquelas coisas haviam acontecido *antes* de os dois tomarem os comprimidos. A companhia de Zane tinha mudado tudo, desde o início, desde aquele beijo.

Tally se recordou de que sua "cura" parecia ir e voltar. Ela precisava se esforçar para permanecer borbulhante. Mais como os outros Crims do que como Zane.

— Ele está certo, Tally — disse Maddy. — De alguma forma, você mesma se curou.

ÁGUA GELADA

Tally permanecia ao lado da cama. Zane continuava acordado e falante. E era mais fácil ficar ali do que encarar todas as questões que ela e David precisavam resolver. Os outros deixaram os dois a sós.

— Você sabia o que estava acontecendo? — perguntou ela.

Zane levou um tempo para responder. Agora ele fazia longas pausas ao falar, quase como as pausas épicas de Andrew.

— Eu sentia que tudo tinha se tornado mais difícil. Às vezes, precisava me concentrar até para andar. Por outro lado, nunca havia me sentido vivo daquele jeito, desde a transformação. Valia a pena ficar borbulhante ao seu lado. Achei que, quando encontrássemos a Nova Fumaça, eles poderiam me ajudar.

— E eles *estão* ajudando. Maddy contou que implantou...

Tally não conseguiu terminar.

— Tecido cerebral? — completou Zane, sorrindo. — Claro, neurônios novinhos em folha. Agora eu só preciso preenchê-los.

— Vamos conseguir. Vamos fazer coisas borbulhantes.

A promessa causou uma sensação estranha em Tally. "Vamos" se referia a ela e Zane. Como se David não existisse.

— Se tiver sobrado o suficiente para que eu me sinta borbulhante — disse ele. — Sabe, não é como se eu tivesse perdido a memória. Na maior parte, o comprimido afetou meus centros cognitivos, além de algumas habilidades motoras.

— Cognitivos? Está falando de *pensar*? — perguntou Tally.

— Isso. E habilidades motoras, como andar. — Ele deu de ombros. — Mas o cérebro foi feito para suportar danos, Tally. É organizado para que tudo esteja armazenado em toda parte. Mais ou menos isso. Quando uma parte sofre um dano, as coisas não se perdem. Apenas se tornam mais confusas. Tipo uma ressaca. — Zane deu uma risada. — No meu caso, uma ressaca daquelas. Além disso, estou cansado de ficar deitado o dia inteiro. E também parece que essa comida Enfumaçada me deixou com dor de dente.

Mas Maddy garante que não passam de dores fantasmas causadas pelos problemas no cérebro.

Ele esfregou a bochecha, fazendo uma careta. Tally pegou sua mão.

— Não consigo acreditar na sua coragem para enfrentar tudo isso. É incrível.

— Olhe só quem está falando. — Com movimentos trêmulos e inseguros, Zane se esforçou para ficar sentado. — Você conseguiu se curar *sem* ter o cérebro devorado. Isso, sim, é incrível.

Tally olhou para sua mão e a de Zane, unidas. Não se achava nem um pouco incrível. Na verdade, sentia-se fedida e suja, e uma pessoa terrível por seu medo de tomar os dois comprimidos, o que teria evitado todas aquelas consequências. Faltava-lhe coragem até para falar sobre David com Zane e vice-versa, o que era patético.

— Foi esquisito reencontrá-lo? — perguntou Zane. Ele deu uma risada ao perceber a surpresa de Tally. — Dá um tempo, Tally. Não preciso ler seus pensamentos para saber disso. Recebi muitos avisos. Você me falou do cara quando nos beijamos pela primeira vez, lembra?

— Ah, lembro. — Então, Zane já esperava aquilo, uma possibilidade que Tally devia ter previsto. Talvez ela simplesmente não quisesse encarar a realidade. — Sim, é estranho reencontrá-lo. Com certeza, eu não imaginava vê-lo à minha espera nas ruínas. Só eu e ele.

— Esse período foi uma experiência interessante. A mãe dele vivia dizendo que você não voltaria. Que devia ter desistido, que não tinha sido curada de verdade. Como se, antes, você estivesse apenas fingindo ao meu lado, imitando meu estado borbulhante.

— Ela não gosta muito de mim.

— Não me diga! — disse Zane, rindo. — Mas eu e David concluímos que você viria mais cedo ou mais tarde. Concluímos que...

Tally soltou um grunhido.

— Quer dizer que vocês viraram *amigos*?

Zane fez uma de suas pausas exageradamente longas.

— Acho que sim. Ele me perguntou várias coisas a seu respeito quando chegamos aqui. Queria saber o quanto você tinha mudado depois de se tornar perfeita.

— Sério?

— Sério. Foi ele que nos recebeu quando chegamos às ruínas. Ele e

Croy. Estavam acampados, atentos a qualquer sinal que aparecesse no céu. Na verdade, foram os dois que espalharam as revistas, torcendo para que os feios da cidade as encontrassem e deduzissem que havia pessoas nas ruínas novamente. — A voz de Zane tinha se tornado distante, como se ele estivesse morrendo de sono. — Então, finalmente o encontrei, meses depois de desistir naquela primeira vez. David sentiu muito a sua falta — disse ele, encarando Tally.

— Eu estraguei a vida dele.

— Você não fez nada de propósito. David conseguiu entender isso. Expliquei para ele que você só planejou trair a Fumaça porque os Especiais ameaçaram mantê-la feia para o resto da vida.

— Você contou isso? — Tally respirou aliviada. — Obrigada. Nunca tive a chance de explicar por que fui à Fumaça, que eles me forçaram. Maddy me fez ir embora no mesmo dia em que confessei tudo.

— Eu sei. David não gostou muito dessa atitude dela. Ele queria conversar com você.

— Ah. — Muitas coisas não tinham ficado explicadas entre Tally e David. Naturalmente, a imagem daqueles dois discutindo detalhes de sua vida não era exatamente empolgante, mas pelo menos David conhecia a história toda. — Obrigada por me contar tudo isso. Deve ser esquisito para você.

— Um pouquinho. Mas não quero que se sinta tão mal em relação ao que aconteceu naquela época.

— E por que não me sentiria? Destruí a Fumaça, e o pai de David está morto por minha culpa.

— Tally, na cidade, todo mundo é manipulado. A finalidade de tudo que nos ensinam é nos deixar com medo de mudanças. Venho tentando explicar isso ao David: que, desde o dia em que nascemos, vivemos numa máquina que só serve para nos manter sob controle.

Ela acenou negativamente.

— Isso não torna certo trair seus amigos.

— É, pode ser, mas eu fiz isso, muito antes de você conhecer a Shay. Se for para falar da Fumaça, eu tenho tanta culpa quanto você.

— Você? Como assim?

— Já falei de como conheci a dra. Cable?

Tally olhou para Zane e se lembrou de que eles nunca haviam

conseguido terminar aquela conversa.

— Não, não falou.

— Depois daquela noite em que eu e Shay desistimos de fugir, a maioria dos meus amigos passou a viver na Fumaça. Os inspetores do dormitório sabiam que eu era o líder, então começaram a me perguntar aonde todos tinham ido. Fiz jogo duro e não contei nada. Por isso, a Divisão de Circunstâncias Especiais apareceu. — Zane baixou o tom de voz, como se ainda carregasse um bracelete bisbilhoteiro no pulso. — Eles me levaram até o quartel-general, na zona industrial, do mesmo jeito que fizeram com você. Tentei ser forte, mas me ameaçaram. Disseram que iam me transformar num deles.

— Num deles? Um *Especial*? — disse Tally, chocada.

— Depois de ouvir aquilo, ser um perfeito já não parecia uma ideia tão ruim. Então eu contei tudo o que sabia. Contei que Shay havia planejado fugir, mas também havia desistido. Foi assim que eles ficaram sabendo. E provavelmente foi por isso que começaram a vigiar...

Zane não conseguiu completar.

— *Me* vigiar. Quando eu e ela nos tornamos amigas — disse Tally.

— Entendeu? Fui eu que comecei toda essa história, quando desisti de fugir. Nunca vou culpar você pelo que aconteceu à Fumaça, Tally. Tenho tanta responsabilidade quanto você.

Tally segurou a mão de Zane. Não podia permitir que ele assumisse a culpa, não depois de tudo pelo que havia passado.

— Não, Zane. Não é culpa sua. Isso aconteceu há muito tempo. Talvez nenhum de nós seja culpado por isso.

Os dois permaneceram em silêncio por um tempo. Tally ouvia suas próprias palavras ecoando na cabeça. Diante de Zane naquela cama, com metade do cérebro comprometida, qual era o sentido de revirar coisas do passado? Dela ou de qualquer outra pessoa? Talvez a briga entre ela e Maddy fosse tão insignificante quanto a rixa entre a aldeia de Andrew e os forasteiros. Se realmente pretendiam viver juntos na Nova Fumaça, teriam de esquecer o passado.

Evidentemente, isso não tornava as coisas menos complicadas.

— Então, o que você achou do David?

Meio distraído, Zane olhava para o teto curvado.

— Ele é uma pessoa muito intensa. Muito séria. Não é borbulhante

como nós, sabe?

Tally sorriu e apertou sua mão.

— É, eu sei.

— E um pouco... feio.

Tally se lembrou de que, na Fumaça, David sempre a encarava como se ela fosse perfeita. E, às vezes, ao olhar para ele, também achava que estava olhando para o rosto de um perfeito. Talvez, quando ela tomasse a verdadeira cura, aquelas sensações voltassem. Ou talvez estivessem perdidas, não devido à operação, mas simplesmente porque o tempo tinha passado. E por causa de sua relação com Zane.

Depois que Zane finalmente pegou no sono, Tally resolveu tomar um banho. Fausto lhe explicou como chegar a uma nascente no outro lado da montanha. Naquela época, a água devia estar congelada em algumas partes, mas ainda era funda o bastante para ela mergulhar.

— Só não se esqueça de levar um casaco aquecido — avisou ele. — Senão, vai morrer congelada no caminho de volta.

Tally concluiu que era melhor morrer do que continuar imunda daquele jeito. Ela precisava de muito mais do que se esfregar com uma toalha molhada para se sentir limpa novamente. Também queria ficar sozinha por um tempo. E talvez o choque causado pela água gelada a ajudasse a tomar coragem e ir conversar com David.

Voando montanha abaixo contra o vento frio do fim de tarde, Tally se impressionou com os tons vivos e reluzentes da paisagem. Ainda não acreditava que não havia recebido a cura; afinal, nunca havia se sentido tão borbulhante. Maddy tinha falado algo sobre um tal de "efeito placebo", como se o simples fato de acreditar numa cura fosse o suficiente para corrigir os danos cerebrais. Mas Tally sabia que era muito mais que aquilo.

Zane era o responsável por sua mudança. Desde o primeiro beijo, antes mesmo do comprimido, estar com ele já a deixava borbulhante. Tally se perguntou se ainda precisava da cura ou se poderia continuar daquele jeito por conta própria. A perspectiva de ingerir a mesma pílula que havia destruído o cérebro de Zane não a empolgava muito, apesar de agora contar com a ajuda dos antinanos. Talvez pudesse pular aquela parte e usar apenas a mágica de Zane. Os dois lutariam juntos para restabelecer as

conexões do cérebro dele e evitar que Tally retornasse a um estado perfeito.

Afinal de contas, eles já tinham chegado até ali. Antes mesmo dos comprimidos, os dois haviam mudado.

No entanto, David também tinha mudado Tally. Nos tempos da Fumaça, ele a havia convencido a permanecer na natureza, e até a continuar sendo feia, desistindo de um futuro na cidade. Sua realidade tinha sido transformada pelas duas semanas passadas na Fumaça, desde... quando? Da primeira vez que ela e David haviam se beijado.

— Que sorte, hein? — disse baixinho para si mesma. — Uma bela adormecida com dois príncipes.

O que ela devia fazer agora? *Escolher* entre David e Zane? Com os três vivendo juntos no Forte Fumaça? Por alguma razão, ela não achava justo se encontrar naquela situação. Tally mal se lembrava de David ao conhecer Zane. E ela não havia *pedido* para ter as memórias apagadas.

— Mais uma vez, obrigada, dra. Cable.

A água parecia realmente gelada.

Tally não tinha encontrado dificuldades para quebrar a camada de gelo da superfície e agora olhava com receio para a água que saía aos borbotões. Talvez ficar fedendo não fosse a pior coisa do mundo. Em três ou quatro meses, a primavera chegaria e...

Ela sentiu um arrepio e resolveu aumentar o aquecimento de sua jaqueta emprestada. Depois, com um suspiro, começou a tirar as roupas. Pelo menos, aquele banho seria muito borbulhante.

Tally espalhou um pacote de sabão no corpo e no cabelo antes de mergulhar, prevendo que não aguentaria mais de dez segundos naquela água quase congelada. A única opção seria pular — nada de ir botando o pé ou molhando o corpo gradualmente. Somente as leis da gravidade a fariam continuar depois que tocasse a água.

Ela respirou fundo, segurou o ar... e pulou.

A água congelante pareceu invadir seu corpo, tirando-lhe o ar dos pulmões e deixando todos os seus músculos tensos. Tally apertou os braços e se encolheu, mas o frio penetrava sua carne e ia até os ossos.

Lutando para respirar, Tally só conseguia engolir pequenas porções de ar. Seu corpo tremia como se fosse desmontar a qualquer momento. Com

um esforço monstruoso, ela afundou a cabeça, e então todos os sons desapareceram. A respiração agitada foi substituída pelo barulho da água revolta ao seu redor. Com as mãos trêmulas, ela esfregou os cabelos desesperadamente.

Quando sua cabeça emergiu, Tally respirava agitadamente, mas também ria. Tudo havia se tornado estranhamente natural, com o mundo mais nítido do que depois de uma xícara de café ou taça de champanhe e uma sensação mais intensa do que a proporcionada por uma queda desgovernada em cima de uma prancha. Ela permaneceu dentro da água por um instante, surpresa com tudo aquilo, incluindo a luminosidade do céu e a perfeição de uma árvore sem folhas.

Tally se lembrou do seu primeiro banho num riacho gelado, a caminho da Fumaça, muitos meses antes. Aquela experiência tinha mudado sua maneira de ver o mundo, antes mesmo das lesões cerebrais causadas pela operação e de conhecer David ou Zane. Já naquela época, seu cérebro havia começado a mudar, percebendo que a natureza não precisava de uma operação para se tornar bonita.

Talvez ela não precisasse de um príncipe lindo para permanecer acordada. Nem de um príncipe feio. Tally tinha se curado sem ajuda do comprimido e chegado ali sozinha. Não conhecia ninguém que houvesse fugido *duas vezes* da cidade. Era possível que, no fundo, sempre tivesse sido borbulhante. Bastava se apaixonar por alguém — ou entrar em contato com a natureza ou, quem sabe, mergulhar na água gelada — para que a sensação aflorasse.

Tally ainda estava no poço quando ouviu um grito; um grito rouco que viajava pelo ar.

Ela saiu da água apressadamente. O vento cortante parecia mais frio que a própria água, e as toalhas que tinha levado não esquentavam muito. Tally ainda se secava quando uma prancha apareceu, parando com uma manobra brusca, a poucos metros de distância.

David mal parecia perceber que ela estava pelada. Ele saltou da prancha e começou a correr, com alguma coisa na mão. Só parou perto da mochila e imediatamente usou o aparelho para examiná-la. Tally percebeu que ele estava procurando escutas.

— Não é você — disse David. — Eu sabia que não era.

— Mas você já... — ponderou Tally, vestindo as roupas.

— Um sinal apareceu do nada, informando nossa localização. Nós o captamos no rádio, mas ainda não conseguimos descobrir sua origem. — Ele olhava aliviado para a mochila. — Não está com você.

— Claro que não. — Tally se sentou para calçar as botas. Seu coração acelerado já estava afastando o frio que sentia. — Vocês não verificam todas as pessoas que se juntam ao grupo?

— Sim. Mas a escuta devia estar inativa. Só começou a transmitir o sinal quando alguém a acionou. Ou talvez estivesse programada para entrar em funcionamento numa hora determinada. — David olhou para o horizonte. — Os Especiais vão estar aqui em breve.

— Então vamos fugir — disse Tally, ficando de pé.

— Não podemos ir a lugar algum antes de encontrarmos a escuta.

— Por quê? — perguntou ela, botando os braceletes antiqueda nos pulsos.

— Tally, levamos meses para reunir os suprimentos que temos hoje. Não podemos deixar tudo para trás, ainda mais com os Crims se unindo ao grupo. Acontece que não temos como saber o que podemos levar conosco até descobrirmos de onde vem o sinal. Ele não aparece em lugar nenhum.

Pondo a mochila nos ombros, Tally estalou os dedos, e logo sua prancha começou a flutuar. Enquanto subia, ainda confusa depois do banho congelante, ela se lembrou de algo que havia achado estranho mais cedo.

— Dor de dente — disse.

— Como é que é?

— Zane foi a um hospital há duas semanas. Está dentro dele.

RASTREADOR

Eles subiram a montanha fazendo curvas fechadas que desafiavam seus corpos. Tally ia na frente, convicta de que aquela era a resposta. No hospital, os médicos haviam deixado Zane inconsciente por alguns minutos, enquanto consertavam sua mão quebrada. Deviam ter aproveitado para esconder um rastreador num de seus dentes. Obviamente, médicos comuns da cidade nunca fariam aquilo por conta própria — só podia ser coisa da Divisão de Circunstâncias Especiais.

O acampamento estava uma bagunça quando eles chegaram. Os Novos Enfumaçados e os Crims entravam e saíam do observatório carregando equipamentos, roupas e comida, formando duas pilhas ao lado de Croy e Maddy, que examinavam tudo desesperadamente. Algumas pessoas tratavam de arrumar o que já tinha sido verificado, para que pudessem fugir assim que a escuta fosse localizada.

Tally inclinou a prancha e subiu o máximo que pôde, sobrevoando o caos, numa trajetória que a levaria diretamente à cúpula. Ao alcançar o ponto mais alto possível, a prancha começou a se sacudir, até que os ímãs voltaram a encontrar sustentação na estrutura de aço do observatório. A rachadura tinha o tamanho exato para a passagem de uma pessoa. Tally atravessou a coluna de fumaça que saía de dentro do domo e caiu ao lado da cama improvisada de Zane.

Ele a recebeu com um sorriso.

— Bela entrada, Tally.

— Qual dos dentes está doendo?

— O que está acontecendo? Todo mundo está agindo de forma estranha.

— *Qual dos dentes está doendo, Zane?* Você precisa me mostrar.

Desconfiado, ele enfiou o dedo na boca, tateando cuidadosamente os dentes do lado direito. Tally afastou a mão de Zane e abriu sua boca, provocando um gemido de protesto.

— Shhh. Daqui a pouco eu explico — disse ela.

Mesmo na luz fraca da fogueira, Tally conseguia ver que um dente se destacava dos outros, com uma brancura exagerada. Uma óbvia evidência de um serviço odontológico apressado.

O sinal vinha de Zane.

Então ela ouviu o barulho de um aparelho sendo acionado. David também havia descido pelo buraco na cúpula e agora verificava o rosto de Zane. O apito não deixou dúvidas.

— Está dentro da boca? — perguntou David.

— No *dente*! Chame sua mãe.

— Mas, Tally...

— Traga ela aqui! Nem eu nem você sabemos como arrancar um dente.

Ele pôs a mão em seu ombro.

— Nem minha mãe. Não em poucos minutos — explicou.

Tally se levantou.

— O que está dizendo, David?

— Vamos ser obrigados a deixá-lo para trás. Eles já estão chegando.

— Não! — gritou ela. — Traga sua mãe aqui!

David soltou um palavrão e saiu correndo na direção da porta do observatório. Tally se voltou para Zane.

— O que está acontecendo? — perguntou ele.

— Implantaram um rastreador em você, Zane. No hospital.

— Ah — reagiu ele, passando a mão na bochecha. — Juro que não sabia, Tally. Achei que a dor de dente fosse por causa dessa comida natural.

— Claro que não sabia. Você ficou inconsciente um bom tempo no hospital, lembra?

— Eles vão mesmo me abandonar aqui?

— Eu não vou deixar. Prometo.

— Não posso voltar. Não quero ser um perfeito de novo.

Tally engoliu em seco. Se Zane voltasse à cidade, os médicos criariam novas lesões, desta vez por cima do tecido em branco. Seu cérebro se desenvolveria a partir dessa base... Que chance Zane teria de permanecer borbulhante?

Não podia permitir que aquilo acontecesse.

— Levo você na minha prancha, Zane... fugimos sozinhos se for necessário.

A cabeça de Tally estava a mil. De qualquer maneira, teria de dar um

jeito de se livrar do rastreador. E não podia simplesmente esmagá-lo com uma pedra... Ela olhou ao redor, à procura de algum tipo de ferramenta, mas os Novos Enfumaçados tinham levado tudo o que poderia ser útil para a checagem no lado de fora.

Então ouviu vozes na escuridão: Maddy, David e Croy. Ao notar que a mãe de David carregava uma espécie de fórceps, sentiu seu coração quase parar.

Maddy se ajoelhou ao lado de Zane e o obrigou a abrir a boca. Ele gemeu de dor, sentindo a ferramenta de metal tocar seus dentes.

— Tenha cuidado — pediu Tally.

— Segure isso — disse Maddy, entregando-lhe uma lanterna. Assim que Tally apontou o facho para dentro da boca de Zane, o dente destoante saltou à vista. — Isso não está nada bom.

Ela soltou a cabeça de Zane, que imediatamente se revirou por cima dos cobertores, de olhos fechados, soltando grunhidos de dor.

— É só arrancar! — gritou Tally.

— Eles fixaram o dente no osso. — Maddy se virou para Croy. — Continue arrumando as coisas. Precisamos correr.

— Faça alguma coisa por ele! — insistiu Tally.

Maddy tomou a lanterna de sua mão.

— Tally, o dente está colado ao osso. O único jeito de arrancá-lo seria arrebentando a mandíbula.

— Então não precisa arrancar! Basta fazer com que pare de funcionar. Destrua o dente! Ele aguenta!

— Os dentes dos perfeitos são feitos do mesmo material usado nas asas dos aviões. Não é tão fácil destruir esse tipo de coisa. Eu precisaria de nanoestruturas odontológicas específicas para isso.

Maddy apontou a lanterna para Tally e esticou o braço na direção de sua boca.

— O que está fazendo? — perguntou Tally, se esquivando.

— Só para ter certeza.

— Mas eu não entrei no hos... — tentou explicar, mas Maddy já estava abrindo sua boca. Tally gemeu, mas deixou-a cutucar seus dentes, era mais rápido do que tentar explicar. Não havia nada. — Satisfeita?

— Por enquanto, sim. Mas ainda temos de deixar Zane para trás.

— Pode esquecer!

— Eles vão chegar em cerca de dez minutos — avisou David.

— Menos que isso — corrigiu Maddy.

A visão de Tally estava manchada pela luz da lanterna. Ela mal conseguia distinguir os rostos dos outros. Seriam incapazes de entender tudo o que Zane havia enfrentado para chegar ali, tudo o que havia sacrificado pela cura?

— Eu não vou abandonar Zane.

— Tally... — pediu David.

— Não faz diferença — interrompeu Maddy. — Tecnicamente, ela ainda é uma perfeita.

— Não sou, não!

— Você nem tomou o comprimido certo — disse Maddy, pondo a mão no ombro de David. — Tally ainda tem as lesões. Depois que examinarem o cérebro dela, sequer vão submetê-la a uma operação. Vão achar que ela só veio pelo passeio.

— Mãe! — gritou David. — Não podemos deixar Tally!

— Eu não vou com vocês — disse ela.

Maddy só balançava a cabeça.

— Talvez as lesões não sejam tão importantes quanto pensamos. Seu pai sempre suspeitou que o que chamamos de mente perfeita era apenas o estado natural da maioria das pessoas. Elas *querem* ser sem graça, preguiçosas e superficiais. — Ela deu uma olhada para Tally. — E egoístas. Basta um pequeno incentivo para que essa parte de suas personalidades prevaleça. E seu pai sempre achou que algumas pessoas eram capazes de escapar usando a força de vontade.

— Az estava certo — disse Tally. — Eu estou curada.

— Curada ou não, Tally, você não pode ficar aqui. Não quero perder você de novo! Mãe, faça alguma coisa! — protestou David.

— Quer tentar convencê-la? Tudo bem. — Maddy se virou e começou a andar na direção da entrada. — Vamos partir em dois minutos — disse, de costas para o filho. — Com ou sem você.

David e Tally permaneceram em silêncio por alguns instantes. A situação lembrava o encontro daquela manhã nas ruínas: os dois sem saber o que dizer. Agora, porém, o rosto de David não causava mais nenhuma reação negativa em Tally. Talvez o desespero do momento, ou o banho gelado,

tivesse acabado com qualquer resquício de pensamentos perfeitos em sua cabeça. Ou talvez ela só tivesse levado algumas horas para adequar suas lembranças e seus sonhos à realidade...

David não era um príncipe — encantado ou não. Era, sim, o primeiro garoto pelo qual ela tinha se apaixonado, mas não o último. O tempo e outras experiências haviam mudado o que existia entre os dois.

Mais importante do que isso: agora ela tinha outra pessoa. Por mais injusto que fosse esquecer todo o seu passado com David, Tally havia reunido uma nova coleção de recordações. E não podia simplesmente trocá-las pelas antigas. Ela e Zane tinham se ajudado a permanecer borbulhantes, tinham compartilhado a vigilância dos braceletes e tinham fugido juntos da cidade. Não podia abandoná-lo agora, só porque alguém havia roubado parte de sua mente.

Tally conhecia muito bem aquela sensação de ser entregue sozinha à cidade.

Zane era a única pessoa que ela nunca havia traído, e não havia razão para a situação mudar. Tally segurou a mão dele.

— Não vou abandoná-lo — repetiu.

— Pense racionalmente, Tally. — David falava devagar, como se estivesse conversando com uma criança. — Você não vai poder ajudar Zane se ficar aqui. Os dois vão acabar capturados.

— Sua mãe está certa. Eles não vão fazer nada com meu cérebro. Eu posso ajudar Zane de dentro da cidade.

— Podemos dar um jeito de entregar a cura ao Zane, do mesmo jeito que fizemos com você.

— Eu não *precisava* da cura, David. E talvez Zane também não precise. Vou mantê-lo borbulhante. Posso ajudar seu cérebro a se reativar. Mas, sem mim, ele não tem chance.

David abriu a boca, mas parou antes de dizer qualquer coisa. Seu tom de voz mudou e ele estreitou os olhos na direção de Tally.

— Você só quer ficar com ele porque é perfeito.

— *Como é que é?* — reagiu Tally, perplexa.

— Não está vendo? Exatamente como você costumava dizer: é a evolução. Desde que seus amigos Crims chegaram aqui, mamãe tem me explicado como a perfeição funciona. — David apontou para Zane. — Ele tem esses olhos enormes e vulneráveis, essa pele perfeita de criança. Parece

um bebê, um bebê indefeso, que precisa da sua ajuda. Você não está pensando. Está desistindo só porque ele é perfeito.

Tally olhava para David, incrédula. Como ele tinha coragem de dizer aquilo justamente para *ela*? O simples fato de estar ali provava que era capaz de pensar por conta própria.

Pouco depois, contudo, ela acabou entendendo. David estava apenas repetindo as palavras de Maddy. Ela devia tê-lo orientado a não confiar nos seus sentimentos quando encontrasse a nova Tally. Maddy não queria que o filho se transformasse num feio submisso, venerando até o chão em que Tally botava os pés. Por isso, agora David acreditava que ela não conseguia enxergar nada além do rosto perfeito de Zane.

David ainda achava que Tally não passava de uma garota da cidade. Talvez nem acreditasse que ela estava realmente curada. Talvez nunca a tivesse perdoado.

— Não tem nada a ver com a aparência de Zane, David — explicou ela, num tom nervoso. — É porque ele me deixa borbulhante. E porque passamos por várias situações arriscadas juntos. Podia muito bem ser eu deitada aí. E, se fosse, tenho certeza de que ele ficaria comigo.

— Você foi programada para pensar isso!

— Não. É porque eu amo Zane — disse Tally. David ia começar a falar, mas nenhum som saiu de sua boca. — Pode ir. Apesar do que sua mãe disse, ela não vai embora sem você. Vão acabar todos capturados se não se apressar.

— Tally...

— Vai! — gritou ela.

David precisava ir embora logo, ou então a Nova Fumaça cairia, mais uma vez por culpa dela.

— Mas você pode...

— Tire essa sua cara feia daqui! — berrou Tally.

As palavras ecoaram nas paredes do observatório e voltaram com tudo. Tally não suportou ficar olhando para David. Ela segurou o rosto de Zane e lhe deu um beijo. Seu berro tinha provocado o efeito desejado, mas Tally não conseguiu levantar a cabeça nem ao ouvir os passos de David, que se afastava rumo à escuridão, primeiro devagar, depois correndo.

Ela notava uma movimentação nos cantos dos olhos. Mas não eram sombras causadas pelo fogo em movimento; era seu coração, que batia tão

forte que o sangue pulsava em seus olhos, como se quisesse escapar.

Tally tinha chamado David de feio. Ele nunca esqueceria aquilo. Nem ela.

Agora restava tentar se convencer de que não havia outra opção. Todo segundo era valioso, e nada mais teria conseguido afastá-lo daquela forma. Ela tinha feito uma escolha.

— Vou tomar conta de você, Zane.

Ele abriu um pouco os olhos e deu um sorriso de leve.

— Ahn, espero que não se importe se eu fingir que desmaiei por causa disso tudo.

— Boa ideia — disse Tally, segurando o riso.

— Acha mesmo que não devemos fugir? Eu consigo me levantar.

— Não. Eles acabariam nos achando.

Zane passou a língua nos dentes.

— Ah, claro. Que droga. E quase acabei fazendo todo mundo ser pego.

— Sei como é.

— Tem certeza de que quer ficar aqui comigo?

— Posso fugir da cidade de novo, Zane. Na hora que eu quiser. Posso salvar você, Shay e todos os outros que deixamos para trás. Estou curada para sempre desta vez. — Tally olhou para a entrada e viu pranchas levantando voo. Eles estavam partindo. — Além do mais, acho que não tem mais jeito. Correr atrás do David agora estragaria minha sensacional frase de efeito.

— Isso é verdade — disse Zane, sorrindo novamente. — Pode me prometer uma coisa, Tally? Se um dia terminar comigo, apenas deixe um bilhete.

— Tudo bem. Desde que você prometa nunca mais enfiar a mão numa prensa.

— Combinado. — Zane observou seus dedos por um instante e depois fechou a mão. — Estou com medo. Quero continuar borbulhante.

— Você vai voltar a ser borbulhante. Eu vou ajudar.

Ele assentiu e segurou a mão de Tally.

— Acha que David tinha razão? Sobre meus belos e enormes olhos, sobre por que você me escolheu? — disse, com a voz trêmula.

— Não. Acho que foi... o que eu disse. E o que você disse, antes de pular do balão. — Ela engoliu em seco — E você, o que acha?

Zane se recostou e fechou os olhos. Ficou tanto tempo sem dizer nada que Tally achou que tivesse caído no sono. Mas, de repente, ele respondeu:

— Talvez tanto você quanto David estejam certos. Talvez as pessoas *sejam* programadas... para se ajudarem, até para se apaixonarem. Só porque essa é a natureza humana, não quer dizer que seja ruim. Além disso, nós tínhamos uma cidade inteira de perfeitos para escolher, e mesmo assim escolhemos um ao outro.

— Fico feliz por isso — ela segurou a mão dele e sussurrou.

Zane sorriu e voltou a fechar os olhos. Depois de alguns instantes, Tally notou que sua respiração estava mais calma e percebeu que ele havia apagado de novo. Pelo menos, os danos cerebrais tinham suas vantagens.

Sentindo os últimos resquícios de energia se esvaindo, Tally desejou também poder dormir: passar as horas seguintes inconsciente e acordar na cidade, novamente como uma princesa aprisionada, como se tudo não tivesse passado de um sonho. Ela pousou a cabeça no peito de Zane e fechou os olhos.

Cinco minutos depois, os Especiais chegaram.

ESPECIAIS

A barulheira dos carros voadores tomou conta do observatório, ecoando como os gritos de um bando de aves predadoras. O vento provocado pelos rotores passava pela fenda na cúpula e avivava o fogo. Enquanto a poeira invadia o recinto, formas acinzentadas passavam pela entrada, assumindo posição nas sombras.

— Precisamos de um médico aqui — disse Tally, numa hesitante voz de perfeita. — Há alguma coisa errada com meu amigo.

Um Especial apareceu ao seu lado, saído da escuridão. Tinha uma arma na mão.

— Não se mexa. Não queremos lhe fazer mal. Mas faremos, se for necessário.

— Só quero que ajudem meu amigo. Ele está doente.

Quanto antes os médicos da cidade examinassem Zane, melhor. Talvez pudessem ajudar mais do que Maddy.

Enquanto o Especial dizia algo num telefone, Tally observava Zane. Podia notar uma ponta de medo em seus olhos entreabertos.

— Está tudo bem — disse ela. — Eles vão ajudar você.

Zane engoliu em seco. As mãos trêmulas eram um sinal de que a coragem inabalável demonstrada até então finalmente havia cedido com a chegada dos seus algozes.

— Vou fazer tudo que for necessário para que você seja curado, de uma maneira ou de outra — disse Tally.

— Uma equipe médica está a caminho — avisou o Especial. Ela reagiu com um sorriso perfeito. Talvez os médicos da cidade confundissem a condição de Zane com uma doença cerebral, ou talvez descobrissem que alguém havia tentado curar suas lesões, mas nunca perceberiam como Tally havia se transformado sozinha. Como sugerido por Maddy, ela poderia dizer que tinha ido lá pelo passeio. Por enquanto, estava a salvo da operação.

Talvez Zane pudesse ser curado de novo sem a ajuda de comprimidos. Talvez todos na cidade pudessem ser mudados. Depois da fuga a bordo de

um balão e de outro "resgate" a cargo dos Especiais, Tally e Zane ficariam ainda mais famosos. Assim, teriam condições de iniciar algo de grandes proporções, algo que os Especiais não conseguiriam deter.

De repente, Tally ouviu uma voz sinistra vinda das sombras e sentiu um arrepio.

— Achei mesmo que encontraria você aqui, Tally.

A figura da dra. Cable surgiu na parte iluminada. Seus braços buscavam o fogo, como se ela tivesse entrado no observatório para se esquentar.

— Oi, dra. Cable. Pode ajudar meu amigo?

O sorriso de lobo da doutora reluziu no escuro.

— Dor de dente?

— É pior que isso. Ele não consegue se mexer e mal consegue falar. Há algo de errado com Zane.

Os Especiais continuavam entrando no observatório. Entre eles, três que carregavam uma maca, vestidos de azul em vez de cinza. Empurrando Tally do caminho, puseram os equipamentos ao lado de Zane. Ele fechou os olhos.

— Não se preocupe — disse a dra. Cable a Tally. — Ele vai ficar bem. Sabemos tudo a respeito da situação dele, graças à pequena visita que vocês fizeram ao hospital. Parece que alguém enfiou umas nanoestruturas no cérebro de Zane. Nada bom para a cabeça perfeita dele.

— Você sabia que ele estava doente? — perguntou Tally, se levantando. — Por que não o ajudou?

A dra. Cable lhe deu um tapinha no ombro.

— Nós interrompemos a ação das nanoestruturas. Mas o pequeno implante em seu dente estava programado para provocar dores de cabeça. Sintomas falsos para manter os dois motivados.

— Você nos usou... — disse Tally, enquanto os Especiais levavam Zane embora na maca.

A doutora examinava o observatório.

— Eu queria descobrir o que vocês estavam armando e aonde pretendiam ir. Achei que pudessem nos levar aos responsáveis pela doença do jovem Zane. — Ela se mostrou aborrecida. — Eu ia aguardar mais um pouco para ativar o rastreador, mas, depois de sua grosseria com meu amigo, o dr. Valen, esta manhã, decidi que era melhor vir aqui e levá-la logo para casa. Você sabe mesmo causar confusão.

Em silêncio, Tally tentava digerir tudo aquilo. O rastreador no dente de Zane havia sido ativado remotamente, mas só depois de os outros cientistas encontrarem o dr. Valen. Mais uma vez, Tally tinha levado os Especiais aos Enfumaçados.

— Queríamos um carro para fugir — disse ela, tentando soar como uma autêntica perfeita. — Mas nos perdemos.

— Sim, nós achamos o carro nas ruínas. Só não acredito que tenha percorrido toda a distância até aqui a pé. Quem ajudou você, Tally?

— Ninguém.

Um Especial vestido de cinza apareceu ao lado da doutora e lhe passou alguma informação. Sua voz afiada assustou Tally, mas ela não conseguiu entender nenhuma das palavras sussurradas.

— Mande os jovens atrás deles — ordenou a dra. Cable, virando-se para Tally em seguida. — Ninguém, não é mesmo? E o que me diz a respeito das fogueiras, das armadilhas de caça e das latrinas? Parece que havia bastante gente acampada aqui. E eles partiram não faz muito tempo. Uma pena não termos chegado um pouco mais rápido.

— Você não vai conseguir alcançá-los — disse Tally, com um sorriso perfeito.

— Acha mesmo? — A luz da fogueira deixava os dentes da dra. Cable avermelhados. — Acontece que nós também temos uns truques novos, Tally.

A doutora lhe deu as costas e caminhou até a entrada. Ao tentar ir atrás, Tally sentiu a mão pesada de um Especial segurá-la e obrigá-la a se sentar perto da fogueira. Ela conseguia ouvir as ordens dadas aos gritos e o barulho de mais carros pousando, mas desistiu de tentar enxergar o que acontecia do lado de fora e ficou observando o fogo, arrasada.

Agora que Zane não estava mais por perto, Tally se sentia derrotada. Outra vez, tinha sido enganada pela dra. Cable, levada a encontrar a Nova Fumaça, quase entregando todo mundo novamente. Para piorar, depois das palavras que tinha dito, David provavelmente a odiava.

Pelo menos, Fausto e os outros Crims tinham fugido da cidade definitivamente, quer dizer, se tivessem sorte. Eles e os Novos Enfumaçados tinham alguns minutos de vantagem. Embora fosse impossível superar a velocidade dos carros numa linha reta, as pranchas ofereciam maior agilidade. Sem o rastreador passando sua localização, eles poderiam

praticamente desaparecer no interior da floresta. O grupo rebelde de Tally e Zane havia aumentado o contingente dos Novos Enfumaçados em vinte membros. E, com a cura testada, eles poderiam levá-la à cidade, a várias cidades, e um dia todos acabariam livres.

Talvez, para variar, a cidade não tivesse ganhado daquela vez. E ser capturado podia acabar se mostrando a melhor opção para Zane. Os médicos da cidade teriam mais condições de tratá-lo do que um bando de fugitivos. Tally tentou pensar em como o ajudaria a se recuperar, deixando-o borbulhante novamente, se fosse necessário.

Podia começar lhe dando um beijo...

Cerca de uma hora depois da chegada dos Especiais, a fogueira já estava perto de se apagar, e Tally começou a sentir frio. Enquanto aumentava a potência do casaco aquecido, notou uma sombra surgir na faixa de luz alaranjada do pôr do sol, que entrava pela cúpula.

Tally ficou ansiosa. Era alguém descendo numa prancha. Seria David voltando para buscá-la? Não era possível. Maddy nunca permitiria aquilo.

— Conseguimos pegar dois deles — anunciou uma voz grossa que parecia vir de cima da prancha.

Um pedaço de seda cinza se agitava no ar. Havia mais duas pessoas descendo pela fenda na cúpula do observatório. As pranchas eram mais longas que o normal e tinham hélices embutidas na frente e atrás. Os rotores avivaram as brasas da fogueira.

Então aquele era o novo truque. Especiais em pranchas, uma solução perfeita para caçar os Novos Enfumaçados. Tally precisava descobrir quem tinha sido capturado.

— Feios ou perfeitos? — perguntou a dra. Cable, que já estava ao seu lado de novo.

— Uma dupla de Crims. Todos os feios conseguiram escapar.

Tally reconheceu a voz por baixo daquele tom sinistro.

— Ah, não — disse, baixinho.

— Ah, sim, Tally-wa. — A figura desceu da prancha e se deixou iluminar pela fogueira. — Nova operação! O que achou?

Era Shay. E ela havia se tornado uma Especial.

— A dra. C me deixou botar mais tatuagens. Não são um barato?

Tally observava a velha amiga, totalmente atônita com a transformação. Os desenhos giratórios se espalhavam por toda a pele, como se o corpo de Shay estivesse coberto por uma rede preta e pulsante. Seu rosto tinha traços finos e cruéis, e seus dentes haviam se transformado em presas afiadas. Ela estava mais alta, com músculos poderosos nos braços. As cicatrizes onde havia se cortado se destacavam, cercadas de tatuagens. À luz do fogo, os olhos de Shay brilhavam como os de um predador, passando do vermelho ao roxo, de acordo com o movimento das chamas.

Sem dúvida, ela continuava linda, mas sua beleza cruel e desumana deixava Tally arrepiada. Era como assistir a uma aranha colorida passeando em sua rede.

As outras pranchas pousaram atrás de Shay. Ho e Tachs, membros dos Cortadores, traziam mais pessoas. Tally lamentou ao ver que um deles era Fausto, que nunca havia andado de prancha, até alguns dias antes. Porém, a maioria dos outros tinha escapado... e David devia estar num lugar seguro.

A Nova Fumaça permanecia viva.

— Achou minha nova cirurgia demais, Tally-wa? — perguntou Shay. — É muita coisa para você?

— Não, Shay-la, é borbulhante — disse Tally, desanimada.

Um grande sorriso cruel tomou conta do rosto de Shay.

— Vale um zilhão de mili-Helenas, não acha?

— No mínimo.

Tally virou-se para a fogueira. Shay sentou ao seu lado.

— Ser uma Especial é mais borbulhante do que você pode imaginar, Tally-wa. Cada segundo é inacreditável. Tipo, eu consigo ouvir seu coração batendo, sentir a eletricidade do casaco que está vestindo. Consigo *farejar* seu medo.

— Não estou com medo de você, Shay.

— Está com um pouquinho, Tally-wa. Não adianta mais mentir para mim. — Shay a abraçou de lado. — Ei, lembra daqueles rostos estranhos que eu projetava quando nós éramos feias? A dra. C vai me deixar torná-los realidade. Os Cortadores têm liberdade para escolher qualquer cirurgia que quiserem. Nem a Comissão da Perfeição pode se intrometer na nossa aparência.

— Isso deve ser muito bom para você, Shay-la.

— Eu e meus Cortadores somos a novidade borbulhante na

Circunstâncias. Somos um tipo especial de Especiais. Não é demais?

Tally a encarou, tentando ver além daqueles reluzentes olhos vermelhos. Ignorando a conversa de perfeita, ela captava uma inteligência fria e serena na voz de Shay, uma alegria cruel por ter agarrado sua velha amiga traidora.

Estava evidente que Shay era uma nova espécie de perfeito cruel. Algo pior até do que a dra. Cable. Algo mais desumano.

— Está mesmo feliz, Shay?

A boca de Shay tremeu, e os dentes afiados roçaram no lábio inferior, antes de ela dar uma resposta.

— Estou sim, principalmente agora que tenho você de volta, Tally-wa. Não foi legal todos vocês fugirem sem mim. Foi bem deprimente.

— Queríamos que viesse com a gente, Shay. Eu juro. Deixei um monte de pings para você.

— Eu estava *ocupada*. — Shay deu um chute no que restava da fogueira. — Estava me cortando, tentando achar uma cura. Além do mais, tinha me cansado dessa história de acampar. De qualquer jeito, agora estamos juntas, eu e você.

— Estamos em lados opostos — observou Tally, numa altura que mal se conseguia ouvir.

— Nada disso, Tally-wa — disse Shay, apertando o ombro dela com força. — Estou cansada dessas confusões e mágoas entre nós. De agora em diante, eu e você seremos *melhores amigas para sempre*. — Tally não conseguiu continuar olhando para ela. Aquela era a grande vingança. — Preciso de você nos Cortadores. Vai ser completamente borbulhante!

— Não pode fazer isso comigo — murmurou Tally.

Ela tentou se afastar, mas Shay a segurou com firmeza.

— Aí é que você se engana, Tally-wa. Eu posso.

— Não! — gritou Tally, se soltando e tentando se levantar.

Rápida como um raio, Shay esticou o braço, e Tally sentiu uma pontada no pescoço. Imediatamente, sua visão ficou embaçada. Ela ainda conseguiu se manter de pé e dar alguns passos com dificuldade, mas seus membros pareciam pesar toneladas. Finalmente, caiu no chão. Um véu cinza pareceu se estender à sua frente, e o mundo começou a escurecer.

As palavras chegaram aos seus ouvidos, vindas do nada, numa voz penetrante:

— É melhor encarar, Tally-wa. Você é...

SONHOS FALSOS

Ao longo das semanas seguintes, Tally não chegou a acordar de verdade. Às vezes se mexia, percebendo pela textura dos lençóis e travesseiros que estava numa cama, mas na maior parte do tempo sua mente permanecia longe do corpo, entrando e saindo de versões desconexas do mesmo sonho...

Havia uma linda princesa presa numa torre alta, uma torre com paredes espelhadas que nunca terminavam. Não existia elevador ou qualquer outra saída. Quando a princesa se cansou de admirar o próprio rosto nos espelhos, decidiu saltar para a liberdade. Ela convidou os amigos para irem juntos, e todos aceitaram. Menos sua melhor amiga, cujo convite tinha se perdido.

A torre era vigiada por um dragão cinza de olhos brilhantes e apetite voraz. Tinha várias pernas e se movia tão rápido que mal se conseguia ver. Naquele dia, porém, ele fingiu estar dormindo e deixou que a princesa e seus amigos escapassem.

Naturalmente, não podia faltar um príncipe no sonho.

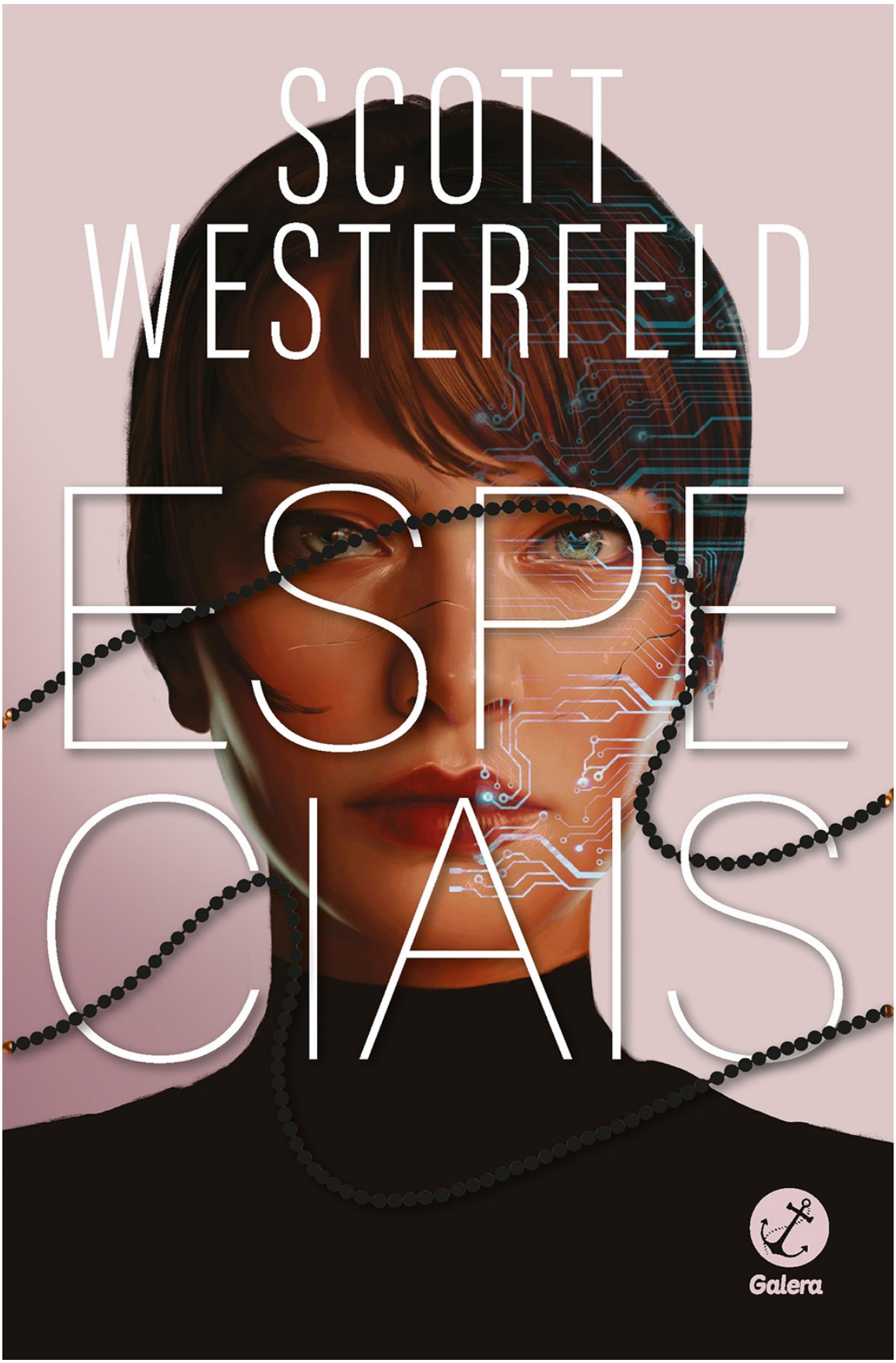
Ele era ao mesmo tempo bonito e feio, borbulhante e sério, cauteloso e corajoso. No início, vivia com a princesa na torre, mas depois ficou notório que ele estivera do lado de fora o tempo todo à espera dela. E, na lógica daquele sonho, ele muitas vezes era dois príncipes, entre os quais a princesa devia escolher. Às vezes ela escolhia o príncipe bonito; em outras, o feio. De um jeito ou de outro, acabava de coração partido.

Qualquer que fosse a escolha, o fim do sonho nunca mudava. A melhor amiga, a do convite perdido, sempre tentava ir atrás da princesa. Mas então o dragão cinza acordava e a devorava. Ele gostava tanto do sabor dela que, faminto, resolvia procurar os outros. De dentro do estômago do dragão, a melhor amiga enxergava com seus olhos e falava com sua boca, prometendo encontrar e punir a princesa por tê-la abandonado.

Ao longo de todas aquelas semanas, o sonho sempre acabava do mesmo jeito, com o dragão alcançando a princesa e repetindo as palavras...

— É melhor encarar, Tally-wa. Você é Especial.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.


SCOTT
WESTERFELD
ESPE
CIAIS
Galera

Obras do autor publicadas pela Galera Record

Além-mundos
Amores infernais
Impostores
Tão ontem
Zeróis
Zumbis x Unicórnios

***Série* Vampiros em Nova York**
Os primeiros dias
Os últimos dias

***Série* Feios**
Feios
Perfeitos
Especiais
Extras

***Série* Leviatã**
Leviatã
Beemote
Golias

SCOTT
WESTERFELD

ESPECIAIS

Tradução
André Gordirro

1ª edição

Galera

2023

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W539e
Westerfeld, Scott
Especiais [recurso eletrônico] / Scott Westerfeld; tradução André Gordirro. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2023.
recurso digital (Feios; 3)

Tradução de: Specials
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-344-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Gordirro, André. II. Título. III. Série.

23-84656

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

Título original em inglês:
Specials

Copyright @ 2006 by Scott Westerfeld
Publicado mediante acordo com Simon Pulse, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-344-5

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para todos os fãs que me escreveram sobre essa série. Obrigado por dizer o que estava certo, o que estava errado e em quais trechos vocês jogaram o livro longe. (Vocês sabem quem são.)

SUMÁRIO

PARTE I | Ser especial

Penetras
Caçadores e presas
Luta à noite
Resgate
A promessa
Nova perfeição
Zane-la
O corte
O arsenal
Fuga
Voo

PARTE II | Seguindo Zane

Libertado
Fora da cidade
Bárbaro
Separadas
Incompetência
Invisível
Ossos
Recém-chegados
Perseguição
Aterrissagem forçada
Cidade medíocre
Reunião

Violações da morfologia
Vozes
Luz

PARTE III | Desfazendo a guerra
O troco
Culpa
Paciente
A caminho de casa
David
Reunião de emergência
Confissão
Desmoronando
Operação
Lágrimas
Ruínas
O plano
Manifesto

Parte I
SER ESPECIAL

Ao arrancar as pétalas
você não nota a beleza da flor.

— Rabindranath Tagore,
Pássaros Perdidos

PENETRAS

As seis pranchas voadoras passaram entre as árvores com a rapidez e a delicadeza de cartas sendo jogadas no ar. Os pilotos se abaixavam e costuravam entre os galhos cheios de gelo, rindo com os joelhos dobrados e os braços abertos. Eles deixavam um rastro reluzente de chuva de cristais, pedacinhos de gelo arrancados das folhas de pinheiro que caíam e brilhavam sob a luz do luar.

Tally percebia com uma lucidez sagaz o vento frio nas mãos nuas e a alteração de gravidade que mantinha os pés presos à prancha voadora. Ela respirou o ar da floresta e sentiu o cheiro de pinho cobrir a garganta e a língua como se fosse uma camada de xarope.

O ar frio parecia deixar os sons mais evidentes: a barra do casaco do dormitório aberto estalava como uma bandeira ao vento, os tênis de solado aderente rangiam contra a superfície da prancha a cada curva. Fausto transmitia música dance pela dermantena de Tally, mas ninguém ouvia lá fora. Sobre a batida frenética, ela ouvia cada movimento de seus novos músculos recobertos por monofilamentos.

Tally piscava por causa do frio, os olhos lacrimejando, mas as lágrimas deixavam a visão ainda mais aguçada. Pedacinhos de gelo passavam voando e reluzindo, e a luz do luar tornava o mundo prateado, como um velho filme preto e branco sendo exibido.

Essa era a vantagem de ser um Cortador: *tudo* era sagaz agora, como se a pele absorvesse o mundo. Shay chegou perto de Tally, seus dedos tocaram-se por um instante e ela sorriu. Tally tentou devolver o sorriso, mas seu estômago se revirou ao ver o rosto de Shay. Os cinco Cortadores estavam disfarçados naquela noite, as íris pretas escondidas por lentes de contato sem graça, os traços dos belos maxilares cruéis atenuados por máscaras de plástico adaptável. Eles haviam se transformado em feios porque iam entrar de penetra em uma festa no Parque Cleópatra. Na mente de Tally, era cedo demais para brincar de se fantasiar. Ela era uma Especial há poucos meses apenas, mas, quando olhava para Shay, esperava ver a beleza cruel e maravilhosa da melhor amiga, e não o disfarce de feio daquele momento.

Tally desviou de lado com a prancha para evitar um galho coberto de gelo e se afastou de Shay. Ela se concentrou no mundo reluzente ao redor e em equilibrar o corpo para manobrar a prancha entre as árvores. O vento gelado a ajudou a voltar sua atenção para o ambiente e afastar da mente a saudade que sentia, motivada pelo fato de Zane não estar ali com eles.

— Um bando de feios festejando à vista. — As palavras de Shay cortaram a música, captadas pelo chip no maxilar e transmitidas pela rede de dermantenas como se fosse um sussurro ao pé do ouvido. — Tem certeza de que está pronta, Tally-wa?

Tally respirou fundo e absorveu o frio para desanuviar a mente. Os nervos ainda estavam à flor da pele, mas recuar agora seria caótico.

— Não se preocupe, chefe. Isso vai ser sagaz.

— Deve ser. *É* uma festa, afinal — disse Shay. — Vamos bancar os feiozinhos felizes.

Alguns dos Cortadores riram ao olhar para as máscaras uns dos outros. Tally novamente teve consciência da própria máscara de milímetros de espessura, com saliências e depressões que deixavam o rosto imperfeito e cheio de espinhas, escondendo o belo conjunto de tatuagens dinâmicas. Uma dentadura irregular cobria os dentes afiados e até as mãos tatuadas foram pintadas por um jato de pele falsa.

Uma olhada no espelho mostrou para Tally como estava parecida com uma feia. Tosca, nariguda, bochechuda e com uma expressão de impaciência pelo próximo aniversário, pela cirurgia que a deixaria avoada e por atravessar o rio. Era mais uma medíocre de 15 anos, em outras palavras.

Aquele era o primeiro truque de Tally desde que virara Especial. Ela esperava estar pronta para qualquer coisa agora. As operações a deixaram com músculos novos e sagazes, e reflexos velozes como os de uma cobra. Depois, passou dois meses de treinamento no acampamento dos Cortadores, vivendo na natureza sem provisões e dormindo pouco.

Mas bastou uma olhada no espelho para abalar sua confiança.

Para piorar, eles entraram na cidade passando pelos subúrbios da Vila dos Coroas, voando sobre uma série de casas apagadas, todas iguais. O tédio medíocre do lugar em que cresceu fez com que suas axilas transpirassem, o que foi agravado pelo contato do uniforme reciclável de dormitório contra sua nova pele sensível. As árvores bem-cuidadas do cinturão verde pareciam sufocar Tally, como se a cidade tentasse reduzi-la

à mediocridade outra vez. Ela gostava de ser livre, de ser Especial, sagaz e *superior*, e mal podia esperava para voltar para a natureza e arrancar aquela máscara de feia do rosto.

Tally apertou os punhos e prestou atenção na rede de dermantenas. Foi invadida pela música de Fausto e pelos barulhos dos demais, os sons suaves de respiração, o vento contra os rostos. Tally imaginou que podia ouvir seus batimentos cardíacos, como se a empolgação dos Cortadores ecoasse nos ossos dela.

— Vamos nos separar — disse Shay quando se aproximaram das luzes da festa. — Não queremos parecer um grupinho.

Os Cortadores se afastaram. Tally ficou com Fausto e Shay, enquanto Tachs e Ho foram para o topo do Parque Cleópatra. Fausto desligou a caixa de som e a música sumiu, deixando apenas o vento cortante e o barulho distante da festa.

Nervosa, Tally respirou fundo outra vez e sentiu o cheiro da multidão, do suor de feios e de bebida alcoólica entornada. O sistema de som da festa não usava dermantenas, e transmitia a música de maneira tosca pelo ar, espalhando ondas sonoras que refletiam entre as árvores. Feios sempre foram barulhentos.

Por causa do treinamento, Tally sabia que podia fechar os olhos e usar qualquer eco, por menor que ele fosse, para navegar a esmo pela floresta como um morcego sendo guiado pelos próprios guinchos. Mas ela precisava de sua visão especial naquela noite. Shay tinha espiões na Vila Feia e eles tinham ouvido que forasteiros entrariam de penetra na festa — Novos Enfumaçados que distribuiriam nanoestruturas e provocariam confusão.

Era por isso que os Cortadores estavam ali: se tratava de uma Circunstância Especial.

Os três pousaram fora do alcance das luzes pulsantes dos globos voadores e pularam no solo da floresta, estalando as folhas de pinheiro congeladas. Shay enviou as pranchas para que esperassem no alto das árvores e olhou surpresa para Tally.

— Você cheira a nervosismo.

Tally deu de ombros, sentindo-se desconfortável dentro do uniforme de dormitório dos feios. Shay sempre conseguia cheirar o que a pessoa sentia.

— Talvez sim, chefe.

Aqui tão perto da festa, Tally lembrou como sempre se sentia quando chegava a uma balada. Mesmo como uma perfeita avoada, Tally odiava o nervosismo de estar no meio de uma multidão, sentindo o calor de tantos corpos e os olhares de todo mundo sobre ela. Agora a máscara parecia grudenta e estranha, uma barreira que a separava do resto do mundo. Muito pouco especial. As bochechas ficaram vermelhas por um instante debaixo do plástico, ela estava com vergonha.

Shay apertou sua mão.

— Não se preocupe, Tally-wa.

— São apenas feios. — O sussurro de Fausto cortou o ar. — E estamos bem aqui ao seu lado. — Ele colocou a mão no ombro de Tally para apressá-la com delicadeza.

Tally assentiu, ouvindo a respiração calma e devagar dos demais via dermantena. Era exatamente como Shay havia prometido: os Cortadores estavam ligados, eram um grupo inseparável. Ela jamais ficaria sozinha outra vez, mesmo quando sentisse falta de alguma coisa. Mesmo quando sentisse falta de Zane de uma maneira desesperadora.

Ela avançou pelos galhos, seguindo Shay em direção às luzes pulsantes.

As memórias de Tally eram perfeitas agora, ao contrário da época em que era uma avoada, quando as lembranças eram confusas. Ela se recordava de como a Festa da Primavera era importante para os feios. A chegada da estação significava dias mais longos para truques e andar de prancha, além de mais festas ao ar livre.

Mas conforme ela e Fausto seguiam Shay pelo meio da galera, Tally não sentia a mesma energia do ano anterior. A festa parecia tão morna, tão caída e medíocre. Os feios estavam apenas parados e tão envergonhados que qualquer um que dançasse daria a impressão de estar fazendo muito esforço. Todos pareciam tão sem graça e artificiais como os figurantes em um vídeo musical esperando os verdadeiros astros aparecerem.

Ainda assim, era verdade o que Shay gostava de dizer: os feios não eram tão sem noção quanto os perfeitos. A galera abria espaço, todos davam passagem para ela. Por mais que tivessem rostos imperfeitos e cheios de espinhas, os olhos dos feios eram aguçados e atentos. Eles eram espertos o suficiente para perceber que os três Cortadores eram diferentes. Ninguém encarou Tally por muito tempo ou notou sua verdadeira aparência debaixo da máscara de plástico adaptável, mas as pessoas se

afastaram ao menor toque de Tally, sentindo um arrepio pelos ombros, como se os feios tivessem noção de que havia algo perigoso no ar.

Era fácil ver os pensamentos dos feios em seus rostos. Tally conseguia notar ciúmes e ódios, rivalidades e atrações, tudo exposto nas expressões e no jeito com que se mexiam. Agora que era uma Especial, tudo estava às claras, como se observasse uma trilha na floresta do alto.

Tally se viu sorrindo, finalmente relaxando e pronta para a caçada. Descobrir os penetras seria simples.

Ela vasculhou a galera, procurando por qualquer pessoa que parecesse deslocada: confiante ou musculosa demais, bronzeada por viver na natureza. Tally sabia como era a aparência dos Enfumaçados.

No outono anterior, quando era feia, Shay fugiu para o mato a fim de escapar da operação dos avoados. Tally a seguiu para trazê-la de volta e as duas acabaram vivendo por algumas longas semanas na Velha Fumaça. Sobreviver como um animal tinha sido uma tortura, mas aquelas memórias serviam para alguma coisa agora. Os Enfumaçados eram arrogantes e se achavam superiores às pessoas da cidade.

Tally levou apenas alguns segundos para notar Ho e Tachs do outro lado da festa. Eles se destacavam como um par de gatos passando em meio aos patos.

— Não acha que estamos sendo óbvios demais, chefe? — sussurrou ela, deixando que a dermantena transmitisse as palavras.

— Óbvios como?

— Eles parecem tão sem noção. Nós parecemos... especiais.

— Nós *somos* especiais. — Shay olhou para trás, na direção de Tally, e sorriu.

— Mas eu achei que devíamos estar disfarçados.

— Isso não quer dizer que a gente não possa se *divertir*! — Shay avançou de repente pela galera.

Fausto se aproximou e tocou o ombro de Tally.

— Observe e aprenda.

Fausto era um Especial há mais tempo que ela. Os Cortadores eram um novíssimo grupo da Divisão de Circunstâncias Especiais, mas a operação de Tally durara mais do que a dos outros. Ela tinha feito muitas coisas medíocres no passado e os médicos demoraram a retirar toda a culpa e vergonha acumuladas. Sobras de emoções medíocres podiam embaralhar o

cérebro, o que não era muito especial. O poder vinha da lucidez sagaz, de saber exatamente o que a pessoa era — e de se cortar.

Então Tally ficou ao lado de Fausto, observando e aprendendo.

Shay agarrou um rapaz aleatoriamente e o tirou da companhia da garota com quem conversava. Ele derramou a bebida no chão enquanto tentava se afastar reclamando, mas então viu o olhar de Shay.

Tally notou que Shay não era tão feia quanto os demais, que os tons violetas dos olhos ainda eram visíveis apesar do disfarce. Eles brilhavam como os olhos de um predador sob as luzes pulsantes enquanto Shay puxava o rapaz mais para perto, encostando seu corpo no dele, os músculos ondulando como uma corda sendo estalada.

Depois disso, ele não afastou mais o olhar, mesmo quando passou a bebida para a garota medíocre, que assistia boquiaberta. O rapaz feio colocou as mãos nos ombros de Shay e começou a acompanhar com o corpo os movimentos dela.

As pessoas passaram a observá-los.

— Eu não me lembro desta parte do plano — disse Tally, baixinho.

Fausto riu.

— Especiais não precisam de planos. Não de planos complexos, pelo menos. — Ele ficou atrás de Tally, com os braços em volta de sua cintura. Ela sentiu a respiração dele na nuca e um formigamento percorreu seu corpo.

Tally se afastou. Os Cortadores se tocavam o tempo todo, mas ela não estava acostumada com esse aspecto de ser uma Especial. Tally se sentiu mais esquisita por Zane não ter se juntado a eles ainda.

Através da rede de dermantenas, Tally conseguiu ouvir Shay sussurrando para o rapaz. Ela estava arfando, embora pudesse correr um quilômetro em dois minutos sem suar. Um som agudo e áspero foi transmitido pela rede quando ela roçou seu rosto no do rapaz. Fausto riu quando Tally recuou.

— Calma, Tally-wa — disse ele, massageando seus ombros. — Ela sabe o que está fazendo.

Aquilo era óbvio. A dança de Shay estava se espalhando, atraindo as pessoas ao redor. Até então, a festa era uma bolha flutuando tensa no ar até que Shay a estourou, liberando algo sagaz. A galera começou a se dividir em pares, braços envolvendo um ao outro e os movimentos acelerando. O responsável pelo som deve ter notado, porque o volume

aumentou, o baixo ficou mais grave, os globos voadores pulsavam mais intensamente. A galera começou a se agitar com a música.

Tally sentiu o coração acelerar, impressionada ao ver como foi fácil para Shay envolver todo mundo. A festa mudou de cara, estava bombando, e tudo por causa de Shay. Isso não era como os truques estúpidos dos tempos de feias, como atravessar o rio escondida ou roubar jaquetas de bungee jump. Isso era *magia*.

Magia de Especial.

E daí que ela estava com uma cara feia? Como Shay sempre dizia no treinamento, os avoados entendiam tudo errado: não importava a aparência da pessoa, e sim como ela se comportava, como ela se *via*. Força e reflexos representam apenas um aspecto da questão — Shay simplesmente *sabia* que era especial e, por isso mesmo, ela era. Os demais representavam apenas papéis de parede, um cenário fora de foco, um zumbido sem sentido, até que Shay jogasse a própria luz sobre eles.

— Venha — sussurrou Fausto, puxando Tally para longe da galera cada vez maior. Eles recuaram para o limite da área da festa e passaram despercebidos pelos olhos que prestavam atenção em Shay e no rapaz medíocre. — Vá por ali. Fique atenta.

Tally concordou com a cabeça e ouviu os outros Cortadores sussurrarem enquanto se espalhavam pela festa. De repente, tudo fez sentido...

A festa estava caída demais, desanimada demais para acobertar os Especiais e seus alvos. Mas agora a galera pulava de braços para o alto, sacudindo ao ritmo da música. Copos de plástico voavam pelo ar, tudo era uma tempestade de movimento. Se os Enfumaçados planejavam entrar de penetra, aquele era o momento pelo qual estavam esperando.

Ficara difícil andar. Tally passou por um grupo de meninas, praticamente crianças, todas dançando juntas de olhos fechados. O glitter espalhado pela pele irregular delas reluzia sob a luz pulsante dos globos voadores. Elas não se arrepiaram quanto Tally forçou a passagem, sua aura especial tinha sido atenuada pela nova energia da festa, pela dança mágica de Shay.

Os esbarrões com os corpos feios lembraram Tally do quanto ela havia mudado por dentro. Os novos ossos eram feitos de cerâmica aeroespacial, leves como bambus e duros como diamantes. Os músculos eram feixes de monofilamentos autorreparadores. Os feios pareciam frouxos e fracos

contra ela, como brinquedos de pelúcia que ganharam vida — barulhentos, porém inofensivos.

Um ping soou dentro da cabeça de Tally quando Fausto aumentou o alcance da rede de dermantenas. Ela ouviu trechos de barulhos: os gritos de uma garota que dançava ao lado de Tachs, a batida retumbante ao local de Ho, próximo aos alto-falantes e, por baixo de tudo isso, as palavras de distração que Shay sussurrava no ouvido do rapaz medíocre. Era como ouvir cinco pessoas ao mesmo tempo, como se a consciência de Tally estivesse espalhada pela festa inteira, absorvendo a energia em uma mistura de ruídos e luzes.

Ela respirou fundo e se encaminhou ao limite da clareira, procurando a escuridão fora do alcance da claridade dos globos voadores. Tally poderia observar melhor a situação daquele ponto, controlar melhor a lucidez.

Ao andar, Tally descobriu que era mais fácil dançar, seguir o ritmo da galera em vez de forçar passagem por meio das pessoas. Ela se permitiu ser empurrada aleatoriamente pela multidão, como quando deixava as correntes de vento guiarem a prancha, imaginando que era uma ave de rapina.

Fechando os olhos, Tally absorveu a festa com os outros sentidos. Talvez isso fosse o significado de ser um Especial *de verdade*: dançar com os demais, enquanto tinha a sensação de ser a única pessoa real na multidão...

De repente, ela sentiu um arrepio na nuca e abriu as narinas. Percebeu um cheiro distinto ao de suor humano e de cerveja entornada que trouxe a lembrança dos dias de feia, a fuga e a primeira vez em que ficou sozinha no mato.

Ela sentiu o cheiro de fumaça — o odor persistente de uma fogueira.

Tally abriu os olhos. Não era permitido que os feios das cidades queimassem árvores, nem mesmo tochas. A única luz da festa vinha de globos voadores e da lua minguante.

O cheiro devia ter vindo de algum lugar do lado de fora.

Tally começou dar voltas pela festa, lançando olhares para além da multidão, tentando descobrir a fonte do odor.

Ninguém se destacava. Era apenas um bando de feios sem noção dançando sem parar, balançando os braços, derramando cerveja. Não havia ninguém gracioso ou confiante ou forte...

E então Tally viu a garota.

Ela estava dançando música lenta com algum rapaz, sussurrando em seu ouvido, enquanto os dedos dele tremiam de nervoso nas costas dela, fora de ritmo com a batida. Os dois pareciam crianças tentando brincar juntas pela primeira vez. O casaco da garota estava amarrado na cintura, como se não se importasse com o frio. E do lado de dentro do braço havia algumas áreas pálidas onde estiveram adesivos de protetor solar.

Essa garota passava muito tempo fora da cidade.

Ao se aproximar, Tally sentiu o cheiro de madeira queimada outra vez. Os olhos novos e perfeitos notaram como o tecido da blusa da garota era rústico, feito de fibras naturais e costurado à mão, e apresentava outro cheiro estranho... de sabão em pó. A roupa não fora feita para ser vestida e jogada em um reciclador, e sim *lavada* com sabão e esfregada contra as pedras de um córrego. Tally viu o corte irregular do cabelo da garota, feito à mão com tesouras de metal.

— Chefe — sussurrou ela.

A voz de Shay soou desanimada:

— Já, Tally-Wa? Eu estou me *divertindo*.

— Acho que encontrei uma Enfumaçada.

— Tem certeza?

— Absoluta. Ela cheira a roupa lavada.

— Acabo de ver a garota — falou Fausto sobre a música. — De blusa marrom? Dançando com aquele cara?

— Sim. E ela está *bronzeada*.

Houve um suspiro de irritação e desculpas murmuradas enquanto Shay se afastava do rapaz feio.

— Mais algum Enfumaçado?

Tally vasculhou a galera outra vez, dando uma volta ao redor da garota, tentando identificar outro cheiro de fumaça.

— Não até onde sei.

— Não tem mais ninguém que pareça esquisito para mim. — A cabeça de Fausto passou perto, abrindo caminho em direção à garota. Do outro lado da festa, Tachs e Ho se aproximavam.

— O que ela está fazendo? — perguntou Shay.

— Dançando e... — Tally parou ao ver a mão da garota colocando algo no bolso do rapaz. — Ela acabou de passar alguma coisa para ele.

Shay bufou com irritação. Até algumas semanas atrás, os Enfumaçados traziam apenas propaganda para a Vila Feia, mas agora eles estavam

contrabandeando algo bem mais perigoso: pílulas cheias de nanoestruturas.

As nanoestruturas removiam as lesões que mantinham os perfeitos avoados, libertando as emoções violentas e os instintos básicos. Ao contrário do efeito temporário de uma droga qualquer, a mudança era permanente. As nanoestruturas eram máquinas microscópicas vorazes que cresciam e se reproduziam, surgindo mais a cada dia. Se a pessoa desse azar, elas podiam devorar o resto do cérebro. Bastava uma pílula para se perder a cabeça.

Tally já tinha visto isso acontecer.

— Peguem a garota — disse Shay.

A adrenalina disparou pelas veias de Tally, a mente aguçada abafou a música e o movimento da galera. Ela havia localizado a garota antes dos demais, então era seu dever, seu *direito* capturá-la.

Tally mexeu no anel no dedo médio para liberar uma pequena agulha. Bastava uma picada e a Enfumaçada iria cambalear e desmaiar como se tivesse bebido demais. Ela acordaria no quartel-general da Divisão de Circunstâncias Especiais, pronta para ser operada.

Pensar que a garota em breve seria uma avoada causou um arrepio em Tally. Ela se tornaria perfeita, linda e feliz. E totalmente sem noção.

Pelo menos a garota estaria em uma situação melhor que a do pobre Zane.

Tally protegeu a agulha com os dedos, tendo o cuidado de não espetar algum feio medíocre no meio da multidão. Deu mais alguns passos e puxou o rapaz com a outra mão.

— Posso interromper? — perguntou.

O rapaz arregalou os olhos e deu um sorriso.

— O quê? Vocês duas querem dançar?

— Tudo bem — disse a Enfumaçada. — Talvez ela queira um pouco também. — A garota desamarrou o casaco da cintura e o colocou nos ombros. As mãos mexeram nas mangas e bolsos, e Tally ouviu o barulho de um saco plástico.

— Divirta-se — falou o rapaz, dando um passo para trás e um olhar malicioso para elas. A expressão deixou Tally corada. O cara estava se divertindo e *sorrindo* daquele jeito para ela, como se Tally fosse medíocre e disponível — como se ela não fosse Especial. O plástico adaptável que deixava seu rosto feio começou a aquecer.

Esse rapaz estúpido achava que Tally estava aqui para diverti-lo. Ele precisava saber que não era nada disso.

Tally decidiu mudar os planos.

Ela apertou um botão no bracelete antiqueda e mandou um sinal para o plástico adaptável no rosto e mãos na velocidade do som. As moléculas inteligentes se soltaram umas das outras, a máscara feia virou poeira e revelou a beleza cruel debaixo dela. Tally piscou os olhos com força, ejetando as lentes de contato e expondo os olhos escuros e selvagens ao frio do inverno. Ela sentiu a prótese dentária se soltar e a cuspiu aos pés do rapaz, devolvendo seu sorriso com as presas descobertas.

A transformação inteira levara menos do que um segundo e quase não deu tempo para o queixo do rapaz cair.

Tally sorriu.

— Cai fora, feio. E você — disse, virando-se para a Enfumaçada —, tire as mãos dos bolsos.

A garota engoliu em seco e abriu os braços.

Tally ficou empolgada ao ver que sua beleza cruel atraía os olhares das pessoas, que ficaram impressionadas com as tatuagens escuras que pulsavam e reluziam na pele. Ela terminou de dar voz de prisão.

— Não quero lhe fazer mal, mas farei se for necessário.

— Não vai ser necessário — falou a garota calmamente e então fez algo com as mãos, apontando os dois polegares para o alto.

— Nem pense... — começou Tally e então notou, tarde demais, que as saliências na roupa da garota eram tiras como as de uma jaqueta de bungee jump. Elas se moviam por conta própria e se prenderam aos ombros e à cintura.

— A Fumaça vive — grunhiu a garota.

Tally esticou a mão...

... assim que a garota disparou para cima como um estilingue. A mão de Tally passou no vazio. Ela olhou para o alto, boquiaberta. A garota continuava a subir. De alguma maneira, a bateria da jaqueta de bungee jump tinha sido modificada para dispará-la para o alto, mesmo parada no solo.

Mas ela não cairia de volta?

Tally percebeu um movimento no céu escuro. Da borda da floresta, duas pranchas voaram sobre a festa, uma pilotada por um Enfumaçado

vestindo roupas rústicas, a outra vazia. Quando a garota atingiu o ápice da subida, ele a pegou em pleno ar e colocou-a na prancha vazia.

Tally sentiu um arrepio ao reconhecer o casaco de couro feito à mão do rapaz Enfumaçado. Quando ele passou pela luz pulsante de um globo voador, a visão especial de Tally notou a cicatriz em uma das sobrancelhas.

David, ela pensou.

— Tally! Cuidado!

O aviso de Shay chamou a atenção de Tally, que notou mais pranchas voando sobre a multidão pouco acima da altura da cabeça. O bracelete antiqueda a avisou da aproximação da própria prancha. Tally dobrou os joelhos, preparada para pular quando chegasse.

As pessoas estavam se afastando, assustadas com a beleza perfeita e cruel de seu rosto e com a subida repentina da garota, porém o rapaz que estava dançando com a Enfumaçada tentou agarrar Tally.

— Ela é uma Especial! Ajudem os dois a fugir!

A tentativa foi devagar e atrapalhada, e Tally espetou a agulha na palma do rapaz. Ele puxou a mão, olhou com uma expressão estúpida por um instante e desabou.

Quando o rapaz caiu no chão, Tally já estava no ar. Ela agarrou a borda aderente da prancha com as duas mãos e jogou os pés sobre a superfície, usando o peso do corpo para controlá-la.

Shay já estava no comando da situação.

— Pega o cara, Ho! — ordenou, apontando para o rapaz feio inconsciente, enquanto a própria máscara virava pó. — O resto, venha comigo!

Tally já havia disparado na frente, sentindo o vento frio contra a face sem máscara, dando um grito de guerra sagaz, enquanto centenas de rostos atônitos olhavam para ela lá de baixo, do chão molhado de cerveja.

David era um dos líderes dos Enfumaçados, o melhor troféu que os Cortadores podiam ter esperado para aquela noite fria. Tally mal podia acreditar que ele havia ousado vir à cidade, mas faria o possível para que David jamais fosse embora outra vez.

Ela passou por entre os globos e voou sobre a floresta. Os olhos rapidamente se ajustaram à escuridão e notaram dois Enfumaçados a não mais do que cem metros à frente. Estavam voando baixo, inclinados para a frente como surfistas em uma onda gigante.

Eles tinham certa vantagem, mas a prancha voadora de Tally também era especial, a melhor que a cidade podia fabricar. Ela avançou, passando pelo topo das árvores com a borda da prancha, quebrando as pontas de gelo.

Tally não se esqueceu de que foi a mãe de David que inventou as nanoestruturas, as máquinas que deixaram o cérebro de Zane do jeito que estava. Nem se esqueceu que foi David que atraiu Shay para o mato a tantos meses atrás, a seduziu e depois conquistou Tally, fazendo o possível para destruir a amizade das duas.

Os Especiais não se esquecem dos inimigos. Jamais.

— Peguei você agora — disse ela.

CAÇADORES E PRESAS

— Espalhem-se — disse Shay. — Não deixem que eles cheguem ao rio.

Tally apertou os olhos diante do vento cortante e passou a língua nas pontas descobertas dos dentes. Sua prancha de Cortadora possuía hélices na frente e atrás para mantê-la voando além dos limites da cidade. Porém, os modelos antigos de pranchas dos Enfumaçados cairiam como pedras assim que saíssem da malha magnética. Era isso que eles ganhavam por viver fora da cidade: queimaduras de sol, mordidas de insetos e tecnologia tosca. Em algum momento, os dois Enfumaçados teriam que seguir para o rio e seus veios de minério.

— Chefe? Quer que eu ligue para o acampamento e peça reforços? — perguntou Fausto.

— Estamos longe demais para que cheguem a tempo.

— E quanto à dra. Cable?

— Esqueça a doutora — falou Shay. — Este é um truque de Cortador. Não queremos nenhum Especial comum levando o crédito.

— Especialmente desta vez, chefe — disse Tally. — É o David lá na frente.

Houve uma longa pausa e então a risada afiada de Shay foi transmitida pela rede, passando como um dedo gelado pela espinha de Tally.

— Seu antigo namorado, hein?

Tally cerrou os dentes contra o frio e sentiu uma pontada no estômago ao lembrar os vergonhosos dramas da época de feia. De certa forma, a velha culpa jamais tinha desaparecido totalmente.

— E seu também, chefe, se me lembro bem.

Shay simplesmente riu outra vez.

— Bem, acho que nós duas temos contas a acertar. Não chame ninguém, Fausto, não importa o que aconteça. Aquele cara é nosso.

Tally fez uma expressão determinada, mas o nó no estômago permanecia. Na época da Fumaça, Shay e David tinham ficado juntos. Mas então Tally chegou e David decidiu que gostava mais dela. Como sempre, o ciúme e a carência característicos dos feios pioraram a situação. Mesmo depois da destruição da Fumaça, até na época em que Shay e Tally eram

perfeitas sem noção, a raiva de Shay pela traição jamais tinha desaparecido totalmente.

Agora que elas eram Especiais, os velhos dramas não deviam mais importar. Porém, ver David perturbara de alguma forma a sagacidade de Tally, e ela suspeitava que Shay ainda reprimisse sua raiva.

Talvez a captura do rapaz desse um fim ao problema entre elas de uma vez por todas. Tally respirou fundo e se inclinou para a frente, aumentando a velocidade da prancha.

O limite da cidade estava se aproximando. Lá embaixo, o cinturão verde repentinamente abriu espaço para os subúrbios cheios de casas sem graça onde os perfeitos de meia-idade criavam os filhos. Os dois Enfumaçados desceram até as ruas e voaram pelas esquinas de joelhos dobrados e braços abertos.

Tally preparou-se para fazer a primeira curva fechada da perseguição e deu um sorriso enquanto o corpo dobrava e se contorcia. Era assim que os Enfumaçados costumavam escapar. Os Especiais comuns em seus toscos carros voadores só eram velozes em linha reta. Mas os Cortadores eram Especiais *especiais*: tinham tanta manobrabilidade quanto os Enfumaçados e eram tão desmiolados quanto eles.

— Cola neles, Tally-wa — falou Shay. Os outros ainda estavam muitos segundos atrás.

— Sem problemas, chefe. — Tally passou raspando pelas ruas estreitas a um metro do concreto. Ainda bem que os perfeitos de meia-idade nunca estavam fora de casa tão tarde assim. Se alguém topasse com a perseguição, um toque de raspão de uma prancha transformaria a pessoa em purê.

Os espaços apertados não diminuíram a velocidade dos alvos de Tally. Ela se lembrava da época em que passara na Fumaça, de como David era tão bom sobre uma prancha como se tivesse nascido sobre uma. E a garota provavelmente treinara bastante nos becos das Ruínas de Ferrugem, a antiga cidade fantasma de onde os Enfumaçados faziam suas incursões na cidade.

Mas Tally era especial agora. Os reflexos de David não se comparavam aos dela e todo o seu treinamento não compensava o fato de que ele era medíocre, uma criatura criada pela natureza. Mas Tally tinha sido *feita*

para isso — ou *refeita*, afinal —, criada para caçar os inimigos da cidade e trazê-los perante a justiça. Para salvar a natureza da destruição.

Ela acelerou em uma curva fechada, batendo de raspão na esquina de uma casa às escuras, amassando a calha. David estava tão próximo que Tally ouviu o rangido dos tênis aderentes mudando de posição na prancha.

Em poucos segundos, ela poderia pular e agarrá-lo, caindo até que os braceletes antiqueda parassem os dois em um tranco capaz de torcer o ombro. Claro que, a essa velocidade, mesmo o corpo especial de Tally ficaria um pouco machucado, e o de um humano normal poderia quebrar em uma centena de maneiras...

Tally cerrou os punhos, mas manteve a prancha um pouco atrás. Ela teria que atacar em espaço aberto. Afinal de contas, não queria matar David, apenas vê-lo domado, transformado em um perfeito avoado, sem noção e fora da sua vida de uma vez por todas.

Na curva fechada seguinte, ele arriscou olhar sobre o ombro e Tally notou que David a reconheceu. Suas novas feições, perfeitas e cruéis, deviam ser um tremendo choque sagaz.

— É, sou eu, namorado — sussurrou ela.

— Calma, Tally-wa — falou Shay. — Espere chegar ao limite da cidade. Apenas fique perto.

— OK, chefe. — Tally ficou ainda mais para trás, satisfeita por David saber quem estava atrás dele agora.

A perseguição a toda velocidade logo chegou à zona industrial. Todos aumentaram a altitude para evitar os caminhões automáticos de entrega que seguiam no escuro e usavam faróis inferiores de luz laranja para ler as placas das ruas e seguir para seus destinos. Os outros três Cortadores se espalharam atrás de Tally para impedir qualquer chance de os Enfumaçados darem meia-volta.

Ao olhar para as estrelas e fazer uns cálculos rápidos, Tally percebeu que os dois continuavam se afastando do rio, voando para a inevitável captura no limite da cidade.

— Isso é meio estranho, chefe — disse ela. — Por que ele não está indo para o rio?

— Talvez tenha se perdido. Ele é apenas medíocre, Tally--wa. Não o garoto corajoso de quem você se lembra.

Tally ficou corada ao ouvir risadinhas pela dermantena. Por que os Cortadores continuavam agindo como se David ainda significasse algo

para ela? Ele era apenas um medíocre qualquer. E, afinal de contas, David mostrou alguma *coragem* ao entrar na cidade em segredo dessa forma... mesmo que tenha sido uma atitude bem estúpida.

— Talvez estejam indo para as Trilhas — sugeriu Fausto.

As Trilhas eram uma grande reserva ecológica do outro lado da Vila Feia, o tipo de lugar que os perfeitos de meia--idade iam explorar para fingir que estavam na natureza. Parecia selvagem, mas a pessoa sempre podia chamar um carro voador quando ficasse cansada.

Talvez os Enfumaçados achassem que conseguiriam fugir a pé. Será que David não sabia que os Cortadores podiam voar além do limite da cidade? Que eles enxergavam no escuro?

— Devo atacar? — perguntou Tally. Ali na zona industrial, ela poderia tirar David da prancha sem matá-lo.

— Calma, Tally — disse Shay, secamente. — É uma ordem. A malha magnética acaba aqui, não importa para onde sigam.

Tally cerrou os punhos, mas não discutiu.

Shay era especial há mais tempo que qualquer um deles. Sua mente era tão sagaz que ela praticamente tinha virado uma Especial por conta própria, pelo menos no tocante ao cérebro, de qualquer forma. Ela se livrou do estado borbulhante com nada mais do que uma faca afiada contra a própria pele. E foi Shay quem fez o acordo com a dra. Cable permitindo que os Cortadores destruíssem a Nova Fumaça da maneira que quisessem.

Então, Shay era a chefe, e obedecê-la não era tão ruim assim. Era mais sagaz do que pensar, o que poderia confundir a mente de uma pessoa.

Os belos terrenos da Vila Feia apareceram lá embaixo. Jardins vazios passavam em velocidade, esperando que os perfeitos de meia-idade plantassem as flores da primavera. David e sua cúmplice diminuíram a altitude e ficaram praticamente no nível do solo, voando baixo para que as pranchas tirassem todo o impulso possível da malha magnética.

Tally viu os dedos deles se tocarem ao passarem por uma cerca baixa e se perguntou se estavam juntos. Provavelmente David encontrara uma nova Enfumaçada cuja vida arruinaria.

Esse era o dom de David: recrutar feios para fugir da cidade, seduzir os melhores e mais experientes jovens com promessas de rebelião. E ele sempre tinha as favoritas. Primeiro Shay, depois Tally...

Tally balançou a cabeça para se concentrar e lembrou que a vida social dos Enfumaçados não interessava a uma Especial.

Ela inclinou-se para a frente, fazendo a prancha ganhar mais velocidade. A vastidão escura das Trilhas estava logo adiante. A perseguição ia acabar em breve.

Os dois avançaram na escuridão e desapareceram entre a densa cobertura de árvores. Tally subiu para passar rente ao topo da floresta e procurou por sinais da passagem deles sob a luz da lua. Ao longe, depois das Trilhas, ficava a natureza selvagem de verdade, a escuridão profunda de fora da cidade.

O topo das árvores tremeu quando as pranchas dos dois Enfumaçados passaram como uma lufada de vento pela floresta...

— Eles continuam rumo ao mato — informou ela.

— Estamos logo atrás de você, Tally-wa — respondeu Shay. — Que tal se juntar a nós aqui embaixo?

— Claro, chefe. — Ela cobriu o rosto com as mãos ao descer. As folhas de pinheiro espetavam dos pés à cabeça enquanto os galhos das árvores raspavam seu corpo. Logo Tally estava entre os troncos, disparando pela floresta de joelhos dobrados e olhos bem abertos.

Os outros três Cortadores a alcançaram, separados mais ou menos cem metros, os rostos perfeitos e cruéis iluminados pelo luar.

À frente, na fronteira entre as Trilhas e o mato de verdade, os dois Enfumaçados já começavam a descer, pois as pranchas perdiam a sustentação magnética por falta de metal. A descida vertiginosa ecoou pela floresta, seguida pelo som de pés correndo.

— Fim de jogo — disse Shay.

As hélices da prancha de Tally começaram a girar, um zumbido baixo que passava pelas árvores como o rugido de uma fera hibernando. Os Cortadores diminuíram a velocidade e baixaram alguns metros de altitude, vasculhando o horizonte escuro à procura de movimentos.

Um arrepio de prazer percorreu a espinha de Tally. A perseguição tinha virado um jogo de esconde-esconde.

Mas não era exatamente um jogo *justo*. Ela gesticulou com os dedos, e os chips nas mãos e cérebro responderam, abrindo uma projeção infravermelha sobre a visão de Tally. O mundo se transformou, o chão coberto de neve virou um azul frio, as árvores emitiam auras verdes, cada objeto foi iluminado pelo próprio calor. Alguns pequenos mamíferos se

destacaram pulsando em vermelho e viraram a cabeça como se soubessem por instinto que havia algo perigoso por perto. Não muito longe, Fausto brilhava ao flutuar, o intenso calor do corpo de Especial emitia um amarelo reluzente, e as próprias mãos de Tally pareciam cobertas por chamas laranja.

Mas na escuridão roxa diante dela, nada do tamanho de um corpo humano aparecia.

Tally franziu a testa, alternando entre a visão normal e a infravermelha.

— Para onde eles foram?

— Eles devem ter trajes de camuflagem — sussurrou Fausto. — Caso contrário, seria possível vê-los.

— Ou sentir o cheiro deles, pelo menos — falou Shay. — Talvez seu namorado não seja tão medíocre afinal, Tally-wa.

— O que a gente faz agora? — perguntou Tachs.

— A gente sai das pranchas e usa os ouvidos.

Tally abaixou a prancha até a altura do chão. As hélices cortaram ramos e folhas secas até pararem. Ela saiu de cima quando a prancha ficou imóvel e o vento frio do fim do inverno penetrou pelos tênis de solado aderente.

Ela mexeu os dedos dos pés e prestou atenção na floresta, viu a respiração se condensar em frente ao rosto e esperou que o zumbido das outras pranchas parasse. Quando o silêncio ficou mais profundo, os ouvidos captaram um som suave ao redor, o barulho do vento balançando as folhas de pinheiro cobertas por finas camadas de gelo. Alguns pássaros cruzaram o ar e esquilos famintos que haviam acordado do longo sono do inverno procuravam nozes enterradas. A respiração dos outros Cortadores era ouvida através da rede de dermantenas, separada do resto do mundo.

Mas não havia barulho de nada parecido com um ser humano se movendo pelo solo da floresta.

Tally sorriu. Pelo menos David tornou a situação interessante ao ficar completamente imóvel daquela forma. Mas mesmo com os trajes de camuflagem escondendo o calor do corpo, os Enfumaçados não poderiam permanecer estáticos para sempre.

Além disso, ela podia *sentir* sua presença. Ele estava próximo.

Tally desligou a dermantena e interrompeu o barulho dos outros Cortadores, ficando em um mundo silencioso e infravermelho. Ajoelhou e

fechou os olhos, colocando a palma da mão nua sobre o solo duro e congelado. As mãos especiais tinham chips que detectavam vibrações por menores que fossem e Tally fez com que o corpo inteiro prestasse atenção em sons incidentais.

Havia algo no ar... um zumbido no limite da audição, mais uma coceira no ouvido do que um som de verdade. Era uma dessas presenças ilusórias que ela conseguia ouvir agora, como a tensão do próprio sistema nervoso ou o chiado de lâmpadas fluorescentes. Sons que eram inaudíveis aos feios e perfeitos podiam ser captados pelos ouvidos de um Especial, tão estranhos e surpreendentes quanto os sulcos e espirais da pele sob um microscópio.

Mas o que era *exatamente* esse ruído? O barulho ia e vinha com a brisa, como os sons de uma linha de transmissão dos painéis de energia solar da cidade. Talvez fosse alguma espécie de armadilha, um fio esticado entre duas árvores. Ou seria uma faca afiada cortando o vento?

Tally manteve os olhos fechados, prestou mais atenção e franziu a testa.

Mais ruídos se juntaram ao primeiro vindo de todas as direções. Três, quatro e então cinco sons agudos surgiram, sem fazer mais barulho do que um beija-flor a cem metros.

Ela abriu os olhos e, enquanto se acostumava à escuridão, subitamente notou uma alteração no cenário que revelou cinco figuras humanas espalhadas na floresta, com trajes de camuflagem que as misturavam ao ambiente quase que por completo.

Foi então que percebeu que as figuras estavam de pé, com as pernas afastadas, um braço puxado para trás e o outro esticado à frente, e então soube o que eram os ruídos...

Arcos sendo puxados e prontos para disparar.

— Emboscada — falou Tally, que então se deu conta de que havia desligado a dermantena.

Ela ligou a rede assim que a primeira flecha foi disparada.

LUTA À NOITE

Flechas cortaram o ar.

Tally rolou para o chão e deitou no solo coberto por folhas de pinheiro congeladas. Algo passou voando, perto o bastante para mexer em seu cabelo.

A vinte metros de distância, uma das flechas atingiu alguém, e um zumbido elétrico chegou ao ouvido de Tally como uma sobrecarga na rede, abafando o grito de Tachs. Então uma flecha acertou Fausto, e Tally ouviu seu gemido antes que a transmissão fosse cortada. Ela se arrastou até a proteção de uma árvore próxima e escutou dois corpos caírem contra o solo duro.

— Shay? — sussurrou.

— Eles não me acertaram — veio a resposta. — Eu notei a emboscada.

— Eu também. Eles com certeza estão com trajes de camuflagem. — Tally ficou de costas contra o tronco e vasculhou por silhuetas entre as árvores.

— E visão infravermelha também — disse Shay. A voz estava calma.

Tally olhou para as mãos, que brilhavam na visão infravermelha, e engoliu em seco.

— Então eles podem nos ver claramente, mas nós *não*?

— Acho que não dei o devido crédito ao seu namorado, Tally-wa.

— Talvez se tivesse se importado em lembrar que ele foi *seu* namorado também, você teria...

Algo se mexeu nas árvores à frente e, assim que Tally parou de falar, ouviu o som de um arco. Ela se jogou para o lado e a flecha atingiu a árvore, zumbindo como um bastão de choque e cobrindo o tronco com uma rede luminosa.

Ela se arrastou e rolou até um ponto onde os galhos de duas árvores estavam emaranhados. Tally se enfiou em um vão apertado entre eles e disse:

— Qual o plano agora, chefe?

— O plano é detonar com eles, Tally-wa — falou Shay baixinho, em tom de reprovação. — Nós somos *especiais*. Eles deram o primeiro golpe,

mas são apenas medíocres. — Outro arco disparou, e Shay soltou um gemido, seguido pelo barulho de passos correndo pelo mato.

Mais disparos fizeram Tally se jogar no chão, mas as flechas foram na direção em que Shay havia fugido. Sombras ligeiras passaram pela floresta, seguidas pelos sons de descargas elétricas.

— Erraram de novo. — Shay riu para si mesma.

Tally engoliu em seco, tentando ouvir algo além da batida frenética de seu coração, furiosa com o fato de os Cortadores não terem trazido trajes de camuflagem, armas ou *qualquer coisa* que ela pudesse usar naquele momento. Tudo o que possuía era a faca, as unhas, os reflexos especiais e os músculos.

O mais vergonhoso é que ela tinha se perdido de alguma forma. Será que estava mesmo escondida *atrás* das árvores? Ou havia um inimigo olhando diretamente para ela, colocando com calma mais uma flecha no arco para abatê-la?

Tally ergueu o olhar para se posicionar pelas estrelas, mas os galhos faziam do céu um desenho ilegível. Ela esperou, tentando respirar calmamente e se controlar. Se não haviam atirado de novo, ela devia estar fora de alcance.

Mas deveria correr? Ou aguardar?

Acuada entre as árvores, Tally se sentiu nua. Os Enfumaçados jamais haviam lutado daquela forma. Eles sempre corriam e se escondiam quando os Especiais apareciam. O treinamento de Cortadora tinha sido voltado para perseguição e captura; ninguém falou nada sobre inimigos invisíveis.

Ela notou a silhueta amarela de Shay indo em direção às Trilhas, se afastando cada vez mais, deixando Tally sozinha.

— Chefe? — sussurrou ela. — Talvez a gente devesse chamar uns Especiais comuns.

— Nem pensar, Tally. Não ouse me envergonhar diante da dra. Cable. Apenas fique onde está que eu vou dar a volta pelo outro lado. Talvez a gente consiga armar a nossa própria emboscada.

— OK. Mas como isso vai funcionar? Tipo, eles estão invisíveis e nós nem...

— Paciência, Tally-wa. E um pouco de silêncio, por favor.

Tally suspirou e fez um esforço para ficar de olhos fechados e diminuir a frequência cardíaca. Prestou atenção para ouvir o som de arcos.

Um barulho agudo surgiu não muito atrás dela, como um arco puxado com a flecha pronta para ser disparada.

Então Tally ouviu outros dois sons idênticos... mas as flechas estavam apontadas para *ela*? Tally contou devagar até dez, aguardando o barulho do disparo.

Que não ocorreu.

Ela devia estar escondida ali. Mas havia contado cinco Enfumaçados no total. Se três puxaram os arcos, onde estavam os outros dois?

Então, ela ouviu um som mais baixo do que a respiração controlada de Shay, o ruído de passos através das folhas de pinheiro. Mas eram passos mais cautelosos e silenciosos do que os de um medíocre nascido na cidade seria capaz de dar. Somente alguém que crescera no mato poderia se mover em tamanho silêncio.

David.

Tally ficou de pé devagar, esfregando as costas no tronco da árvore, de olhos abertos.

Os passos se tornaram mais próximos, vindo pela direita. Tally se dirigiu para o lado e manteve o tronco entre ela e o som.

Arriscando um olhar para cima, Tally se perguntou se os galhos eram grossos o suficiente para impedir que o calor do corpo fosse notado pela visão infravermelha. Mas não havia jeito de subir na árvore sem que David ouvisse.

Ele estava próximo... Talvez se ela corresse e o espetasse com a agulha antes que os outros Enfumaçados disparassem as flechas... Afinal, eles eram apenas medíocres arrogantes que não contavam mais com o elemento surpresa.

Tally mexeu no anel, preparando uma nova agulha.

— Shay, onde ele está? — sussurrou.

— A 12 metros de você. — As palavras vieram em um sussurro. — Ajoelhado, olhando para o chão.

Partindo da inércia, Tally era capaz de correr 12 metros em poucos segundos... Seria um alvo rápido demais para os outros Enfumaçados acertarem?

— Má notícia — murmurou Shay. — Ele encontrou a prancha de Tachs.

Tally mordeu o lábio inferior e percebeu qual era o motivo da emboscada: os Enfumaçados queriam obter uma prancha da

Circunstâncias Especiais.

— Prepare-se — disse Shay. — Estou voltando em sua direção. — A silhueta brilhante surgiu ao longe entre duas árvores, óbvia demais, porém muito veloz e distante para ser acertada por algo tão lento como uma flecha.

Tally fez novo esforço para ficar de olhos fechados e prestou muita atenção. Ela ouviu outros passos, mais barulhentos e desajeitados que os de David. Era o quinto Enfumaçado procurando por outra prancha dos Cortadores.

Era hora de entrar em ação. Tally abriu os olhos...

Um som perturbador ecoou pela floresta: as hélices de uma prancha sendo ligadas, cortando ramos e folhas de pinheiro.

— Não deixe que ele fuja! — rugiu Shay.

Tally já estava em movimento, disparando em direção ao barulho, incomodada ao perceber que as hélices faziam um ruído alto capaz de abafar o som dos arcos. A prancha levitou diante dela com uma figura amarela brilhando, caída nos braços de uma silhueta escura.

— Ele está levando o Tachs! — gritou. Mais dois passos e poderia pular...

— *Tally, se abaixe!*

Tally pulou para o chão e as penas de uma flecha roçaram seu ombro enquanto ela girava no ar, os cabelos eriçados pela descarga elétrica. Outro disparo passou perto enquanto Tally rolava e ficava de pé, torcendo que as flechas tivessem parado.

A prancha estava a três metros de altura e subia devagar devido ao peso dobrado. Tally pulou em linha reta para cima, sentindo a ventania das hélices soprando em sua direção. Naquele instante, imaginou os dedos sendo cortados pelas hélices em uma chuva de sangue e cartilagem, e vacilou. Os dedos pegaram a borda da prancha, mal conseguindo apoio, e o peso adicional de Tally começou a puxar lentamente a prancha para o solo.

De canto de olho, Tally notou uma flecha voando em sua direção e se contorceu em pleno ar para desviar. O projétil passou direto, mas os dedos perderam o apoio. Uma das mãos escorregou e depois a outra...

Enquanto Tally caía, o rugido de uma segunda prancha cortou o ar. Os Enfumaçados estavam roubando mais uma.

O grito de Shay surgiu sobre o barulho.

— Dá um impulso!

Tally caiu ajoelhada no meio do furacão de folhas de pinheiro e viu a figura amarela de Shay correndo em alta velocidade em sua direção. Entrelaçou os dedos das mãos na altura da cintura, pronta para lançar Shay até a prancha, que estava com dificuldade para subir outra vez.

Mais uma flecha surgiu da escuridão na direção de Tally. Mas se ela desviasse, Shay seria acertada em pleno ar. Tally cerrou os dentes, esperando a agonia de um golpe de bastão de choque na coluna.

Mas a ventania dos rotores da prancha alterou o curso da flecha como um golpe invisível. Ela acertou o ponto entre os pés de Tally e explodiu em uma rede reluzente no chão gelado. Tally sentiu a eletricidade no ar úmido e dedos minúsculos e invisíveis percorreram sua pele, mas os pés estavam isolados graças ao solado aderente do tênis.

Então o peso de Shay pousou em suas mãos entrelaçadas e Tally grunhiu ao arremessar a amiga para cima com toda a força.

Shay gritou enquanto subia.

Tally pulou para o lado, imaginando mais flechas em sua direção, e os pés desviaram do bastão de choque que ainda zumbia. Ela deu meia-volta e caiu de costas no chão.

Outra flecha passou raspando e errou seu rosto por centímetros...

Tally olhou para cima: Shay havia pousado na prancha, fazendo com que ela balançasse violentamente. As hélices rangeram com o peso triplicado. Shay levantou a mão armada com a agulha, mas a silhueta escura de David jogou Tachs em sua direção. Isso obrigou Shay a pegar o corpo inconsciente e se equilibrar na borda da prancha, tentando evitar que ambos caíssem.

Então David atacou, acertando o ombro de Shay com um bastão de choque. Outra rede de fagulhas iluminou o céu da noite.

Tally ficou de pé e correu até a briga. Os Enfumaçados *não* estavam lutando limpo!

Acima dela, uma figura amarela estava caindo de cabeça da prancha... Tally pulou para a frente e esticou as mãos. O peso morto caiu em seus braços com ossos especiais tão duros quanto um saco de tacos de beisebol. Tally desabou no chão.

— Shay? — sussurrou ela. Mas era Tachs.

Tally olhou para cima. A prancha estava a dez metros agora, completamente fora de alcance, e a silhueta escura de David abraçava a

figura inconsciente de Shay de maneira desajeitada.

— Shay! — Tally gritou enquanto a prancha subia ainda mais. Então os ouvidos captaram o som de um arco, e ela se jogou no chão outra vez.

A flecha errou feio, pois quem quer que tenha atirado estava correndo. Silhuetas camufladas surgiram por toda parte, mais pranchas foram ligadas ao redor de Tally e os Enfumaçados voaram.

Ela acionou o bracelete antiqueda, mas não sentiu nenhuma resposta. Os Enfumaçados levaram as quatro pranchas dos Especiais. Tally fora abandonada no chão, como um medíocre qualquer perdido na floresta.

Ela balançou a cabeça, incapaz de acreditar no que havia acontecido. Onde os Enfumaçados conseguiram os trajes de camuflagem? Desde quando eles atiravam nas pessoas? Como esse truque fácil conseguiu dar tão errado?

Tally conectou a dermantena à rede da cidade, prestes a ligar para a dra. Cable. Então hesitou por um instante ao lembrar das ordens de Shay. Não era para chamar ninguém, não importava o que acontecesse. Ela não desobedeceria.

As quatro pranchas estavam voando agora e emitiam uma claridade laranja por causa do calor das hélices. Tally conseguiu ver Shay inconsciente nos braços de David e a silhueta brilhante de outro Especial sendo levado em uma prancha diferente.

Tally praguejou. Como Tachs ainda estava no chão, eles deveriam ter capturado Fausto também. Ela *precisava* pedir reforços, mas isso seria desobedecer às ordens...

Um ping surgiu pela rede.

— Tally? — perguntou uma voz distante. — O que está acontecendo aí?

— Ho! Onde você está?

— Seguindo os seus localizadores. Chego dentro de alguns minutos. — Ele riu. — Você não vai acreditar no que o rapaz da festa me contou. Sabe aquele que estava dançando com a sua Enfumaçada?

— Isso não importa! Venha rápido para cá! — Tally vasculhou o ar e viu, frustrada, as pranchas dos Cortadores subirem cada vez mais alto no céu escuro. Em um minuto, os Enfumaçados teriam fugido para valer.

Era tarde demais para os Especiais comuns chegarem aqui, tarde demais para qualquer coisa...

Tally sentiu uma raiva e frustração quase insuportáveis. David *não* iria vencê-la, não dessa vez! Ela não podia perder a cabeça.

Ela sabia o que tinha que fazer.

Formando uma garra com a mão direita, Tally enfiou as unhas na carne do braço esquerdo. Os nervos delicados da pele gritaram, uma corrente de dor passou por ela e sobrecarregou o cérebro.

Mas então surgiu o momento especial, a lucidez sagaz substituiu o pânico e a confusão. Ela arfou e respirou o ar gelado...

Claro. David e a garota deixaram as próprias pranchas para trás. Deviam estar próximas.

Tally deu meia-volta e correu em direção à cidade, procurando na escuridão pelo cheiro de David, do qual ela mais ou menos se lembrava.

— O que aconteceu? — perguntou Ho. — Por que você é a única on-line?

— Nós fomos atacados. Fique *quieto*.

Longos instantes depois, o nariz de Tally captou o cheiro de David nos locais tocados pelas mãos dele, onde o suor caíra durante a perseguição. Os Enfumaçados não se importaram em recuperar as velhas pranchas. Ela não estava completamente sem recursos.

Ao estalar dos dedos, a prancha de David levantou do esconderijo feito às pressas com folhas de pinheiro. Tally pulou sobre ela, que balançou como um trampolim sem o apoio vigoroso das hélices. Mas Tally havia pilotado uma prancha igual a essa meses atrás, e ela seria o suficiente agora.

— Ho, estou indo encontrar você! — A prancha disparou pelo limite da cidade e ganhou velocidade quando os sustentadores passaram sobre a malha magnética.

Ela subiu pelas árvores e vasculhou o horizonte. Os Enfumaçados cintilaram ao longe, os corpos dos dois prisioneiros brilhando como brasas em uma lareira.

Olhando para as estrelas, Tally calculou ângulos e direções...

Os Enfumaçados estavam indo em direção ao rio, onde poderiam usar os sustentadores magnéticos. Levando dois passageiros por prancha, eles precisavam de toda sustentação que conseguissem arrumar.

— Ho, vá para a fronteira oeste das Trilhas. *Rápido!*

— Por quê?

— Para poupar tempo! — Ela tinha que manter os alvos à vista. Os Enfumaçados podiam ser invisíveis, mas os dois Especiais capturados brilhavam como faróis infravermelhos.

— OK, estou chegando — respondeu Ho. — Mas o que está acontecendo agora?

Tally não respondeu e disparou em zigue-zague pelo topo das árvores como uma esquiadora. Ho não ia gostar do que Tally precisava fazer, mas não havia outra escolha. Era *Shay* que estava sendo levada por David. Essa era a chance de Tally pagar por todos os velhos erros.

De provar que era realmente especial.

Ho estava lá, esperando onde as árvores escuras das Trilhas começavam a rarear.

— Ei, Tally — disse Ho quando ela se aproximou. — Por que você está pilotando essa lata velha?

— A história é longa. — Tally manobrou e parou ao lado dele.

— É, bem, você pode me dizer, *por favor*, o que... — Ho deu um grito de susto quanto Tally o empurrou para fora da prancha, deixando que caísse na escuridão lá embaixo.

— Foi mal, Ho-la — disse ela, que saiu da prancha dos Enfumaçados para a de Ho e apontou em direção ao rio. As hélices entraram em ação quando ela cruzou a fronteira da cidade. — Preciso pegar sua prancha emprestada. Não tenho tempo para explicar.

Outro gemido chegou aos ouvidos de Tally quando os braceletes de Ho interromperam a queda.

— Tally! Que...

— Eles pegaram Shay. Fausto também. Tachs está inconsciente nas Trilhas. Veja se ele está bem.

— O *quê*? — A voz de Ho estava sumindo quanto mais Tally disparava para o mato, deixando a rede de estações repetidoras da cidade para trás. Ela vasculhou o horizonte e viu dois pontos distantes cintilando na visão infravermelha, como dois olhos brilhantes à frente: Fausto e Shay.

A caçada continuava de pé.

— Nós fomos atacados. Você não *escutou* o que eu disse? — Ela arreganhou os dentes. — E Shay falou para ninguém ligar para a dra. Cable. A gente não quer ajuda com essa situação. — Tally tinha certeza que Shay odiaria se a Divisão de Circunstâncias Especiais descobrisse que

os Cortadores, os Especiais muito *especiais* da dra. Cable, tinham sido feitos de idiotas.

Falando nisso, um esquadrão de carros voadores barulhentos apenas deixaria evidente para os Enfumaçados que eles estavam sendo seguidos. Sozinha, Tally seria capaz de se aproximar de mansinho.

Ela se inclinou para a frente e acelerou ao máximo na prancha emprestada, enquanto os protestos de Ho sumiam lá atrás.

Tally iria alcançá-los. Eles eram cinco Enfumaçados com dois prisioneiros em quatro pranchas. Não havia como atingirem a velocidade máxima. Tally apenas precisava lembrar que eles eram medíocres e ela era especial.

Ainda havia uma chance de resgatar Shay, capturar David e deixar tudo bem.

RESGATE

Tally voou baixo e veloz, quase roçando a superfície do rio, e olhava para as árvores escuras de cada margem.

Onde eles *estavam*?

Os Enfumaçados não podiam estar tão à frente assim, não com apenas alguns minutos de vantagem. Mas, da mesma forma como Tally, eles voavam baixo e usavam os depósitos minerais do leito do rio para ganhar mais impulso, ficando sob a cobertura das árvores. Mesmo o brilho quente e infravermelho dos corpos de Shay e Fausto não conseguia penetrar a escuridão da floresta. E isso era um problema.

E se eles já tivessem saído do rio e se escondido entre as árvores para vê-la passar voando? Nas pranchas roubadas, os Enfumaçados podiam seguir para qualquer direção que quisessem.

Tally precisava parar alguns segundos no céu e olhar para baixo. Mas os Enfumaçados também tinham visão infravermelha. Para observar sem ser vista, ela teria que baixar a temperatura do corpo.

Ela olhou para a água escura passando debaixo dos pés e sentiu um arrepio.

Isso não seria divertido.

Tally parou e a traseira da prancha levantou um jorro de água gelada que bateu em seu braço e rosto, provocando outro arrepio até os ossos. O rio corria rápido, cheio até a borda de neve congelada que descia das montanhas, tão frio quanto um balde de champanhe da época em que era perfeita.

— Que maravilha. — Tally fez uma cara feia e saiu da prancha.

Ela pulou na vertical no rio e mal espirrou água, mas o frio fez seu coração disparar. Em questão de segundos, os dentes estavam batendo e os músculos retesaram, quase quebrando os ossos. Ela puxou a prancha de Ho para dentro d'água e as hélices soltaram vapor ao esfriarem.

Tally começou uma interminável e sofrida contagem até dez, desejando má sorte e destruição a David, aos Enfumaçados e a quem quer que tenha inventado a água gelada. O frio se espalhou por seu corpo, penetrando fundo em seus ossos e fazendo seus nervos gritarem.

E então ela sentiu o momento especial. Era como quando se cortava, a dor aumentando até ficar quase insuportável... E de repente tornando-se o oposto. De dentro da agonia a estranha lucidez emergiu de novo, como se o mundo tivesse passado a fazer sentido.

Exatamente como a dra. Cable havia prometido há tanto tempo, isso era melhor que borbulhante. Todos os sentidos de Tally estavam em chamas, mas a mente parecia distante deles, observando as sensações sem ser sobrecarregada.

Ela não era medíocre, estava acima da mediocridade... era quase sobre-humana. E tinha sido criada para salvar o mundo.

Tally parou de contar e respirou com calma. Aos poucos, a tremedeira passou. A água gelada havia perdido seu poder.

Ela voltou para a prancha de Ho, agarrando as bordas com as articulações pálidas dos dedos. Tentou três vezes estalar os dedos dormentes, mas finalmente a prancha começou a voar em direção ao céu escuro, subindo o máximo que os sustentadores magnéticos frios e silenciosos conseguiram. Assim que passou das árvores, o vento a atingiu como uma avalanche gelada, mas Tally o ignorou e vasculhou o mundo perfeitamente nítido agora.

Lá estavam eles, mais ou menos um quilômetro à frente, um cintilar de pranchas contra a água escura, um vislumbre de um ser humano brilhando no espectro infravermelho. Os Enfumaçados pareciam avançar devagar, praticamente imóveis. Talvez estivessem descansando, sem saber que eram seguidos. Mas, para Tally, era como se o instante de concentração sagaz tivesse feito com que parassem de vez.

Ela desceu com a prancha e ficou fora do alcance da visão antes que o calor do corpo voltasse a aparecer através das roupas ensopadas e frias. O uniforme do dormitório estava grudado como um cobertor de lã molhado. Tally tirou o casaco e deixou cair no rio.

A prancha acelerou com as hélices ligadas a pleno vapor e deixou uma onda de um metro como rastro.

Tally podia estar ensopada e morrendo de frio, em desvantagem de cinco contra um, mas o mergulho tinha acalmado sua mente. Os sentidos dissecavam a floresta ao redor, os instintos estavam acelerados, ela calculava pelas estrelas no céu exatamente quanto tempo levaria para alcançá-los.

As mãos estavam dormentes, mas Tally sabia que eram as únicas armas de que precisava, não importavam os truques que os Enfumaçados armassem.

Ela estava pronta para a briga.

Um minuto depois, Tally notou uma prancha sozinha esperando por ela logo após uma curva do rio. A silhueta escura do piloto segurava calmamente a figura brilhante de um Especial.

Tally fez uma curva fechada e parou, vasculhando entre as árvores. O cenário de um roxo intenso da floresta estava repleto de figuras se mexendo ao sabor do vento, mas nenhuma delas tinha forma humana.

Ela olhou para a silhueta escura que bloqueava a passagem pelo rio. O traje de camuflagem escondia o rosto, mas Tally se lembrava do jeito como David ficava sobre uma prancha, com um pé atrás virado em um ângulo de 45º, como um dançarino esperando a música começar. E ela podia *sentir* que era David.

A figura brilhante caída em seus braços tinha que ser Shay, ainda inconsciente.

— Você me viu te seguindo? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

— Não, mas sabia que seguiria.

— E o que é isso? Outra emboscada?

— A gente precisa conversar.

— Enquanto seus amigos se afastam cada vez mais? — Tally retesou as mãos, mas não avançou e atacou. Era estranho ouvir a voz de David outra vez, nítida sobre o barulho do rio, demonstrando algum nervosismo.

Tally percebeu que David estava com medo dela.

Claro que ele estava, mas ainda assim era estranho...

— Você consegue se lembrar de mim? — perguntou ele.

— O que você acha, David? — Tally fechou a cara para ele. — Eu me lembrava mesmo quando era perfeita. Você sempre foi marcante.

— Ótimo — disse David, como se ela tivesse falado aquilo como um elogio. — Então se lembra da última vez que me viu. Você tinha sacado que a cidade havia mexido com sua cabeça e fez um esforço para pensar direito outra vez, não como uma perfeita. E você escapou. Lembra?

— Eu me lembro do meu namorado deitado sobre uma pilha de cobertores, quase um vegetal — respondeu Tally. — Graças às pílulas que sua mãe criou.

À menção de Zane, ela notou um tremor na silhueta escura de David.

— Aquilo foi um erro.

— Um *erro*? Você quer dizer que mandou as pílulas para mim por *acidente*?

Ele se remexeu em cima da prancha.

— Não. Mas você foi alertada sobre os riscos. Não se lembra?

— Eu me lembro de tudo agora, David! Finalmente *entendi*! — Sua mente estava aguçada como a de um Especial, livre de emoções descontroladas de feios e pensamentos avoados de perfeitos. Tally percebeu a verdade sobre os Enfumaçados. Eles não eram revolucionários, não passavam de egocêntricos que brincavam com a vida dos outros, deixando um rastro de destruição.

— Tally... — apelou David baixinho, mas ela apenas riu. As tatuagens dinâmicas de Tally não paravam de mudar de forma, movidas pela água gelada e pela raiva. A mente ficou aguçada como uma navalha e percebeu a silhueta de David mais nítida a cada batida de seu coração disparado.

— Vocês roubam *crianças*, David, jovens da cidade que não sabem como é perigoso viver no mato. E vocês os enganam.

Ele balançou a cabeça.

— Eu nunca... nunca quis enganar você, Tally. Sinto muito.

Ela ia responder, mas viu o sinal de David a tempo. Não foi nada além de um dedo se mexendo, mas a mente estava tão aguçada que o pequeno movimento se destacou como fogos de artifício na escuridão.

A percepção de Tally se expandiu para todas as direções e vasculhou a escuridão ao redor. Os Enfumaçados escolheram um ponto onde pedras semissubmersas aumentavam o barulho do rio e abafavam sons sutis, mas, de alguma forma, Tally *pressentiu* o momento do ataque.

Um instante depois, a visão periférica notou as flechas vindo em sua direção, uma de cada lado, como dedos esmagando um inseto. Sua mente fez o tempo ficar em câmera lenta. A menos de um segundo de atingirem o alvo, as flechas estavam perto demais para a gravidade puxar Tally para baixo, não importa a velocidade com que dobrasse os joelhos. Mas ela não precisava da gravidade...

As mãos de Tally dispararam para os lados, os cotovelos dobraram, os dedos se fecharam em torno das flechas. Elas avançaram alguns centímetros dentro das palmas das mãos, a fricção queimou como uma

vela sendo apagada com os dedos, mas o movimento dos projéteis foi contido.

As pontas emitiram faíscas elétricas por um instante, tão perto que Tally foi capaz de sentir o calor nas bochechas, e então as flechas chiaram e se apagaram, frustradas.

Os olhos continuavam fixos em David e, mesmo com o traje de camuflagem, Tally notou que ele ficou boquiaberto. Um som baixo de surpresa atravessou o rio.

Ela gargalhou.

A voz de David saiu trêmula:

— O que eles fizeram com você, Tally?

— Eles me fizeram enxergar — respondeu.

David balançou a cabeça com ar de tristeza e, então, jogou Shay no rio.

O corpo inerte desabou e caiu no rio de cara, com força. David deu meia-volta com a prancha e espirrou água ao disparar em fuga. Os dois arqueiros saíram das árvores e o seguiram ligando as pranchas.

— Shay! — Tally gritou, mas o corpo inerte já estava sendo tragado pelo rio, puxado pelo peso dos braceletes antiqueda e pela roupa molhada. As cores infravermelhas de Shay começaram a se alterar na água gelada, as mãos indo do amarelo brilhante para um tom de laranja. A corrente rápida fez com que Shay passasse por debaixo de Tally, que jogou longe as flechas, deu meia-volta e pulou no rio gelado.

Tally deu algumas braçadas nervosas e chegou ao lado da figura que aos poucos se apagava. Ela pegou Shay pelo cabelo e puxou a cabeça para fora d'água. As tatuagens dinâmicas mal se mexiam no rosto pálido, mas eis que Shay tremeu e esvaziou os pulmões com uma tosse repentina.

— Shay-la! — Tally girou na água e segurou a amiga mais firme.

Shay balançou os braços sem força e cuspiu mais água. Mas aos poucos as tatuagens dinâmicas voltaram à vida, mudando de forma rapidamente à medida que os batimentos cardíacos aumentavam. O rosto ficou mais brilhante na visão infravermelha quando o sangue tornou a aquecê-lo.

Tally segurou Shay de outra maneira e tentou manter as duas cabeças fora d'água, ao mesmo tempo em que acionava o bracelete antiqueda.

A prancha emprestada respondeu dando um puxão magnético, a caminho.

Shay abriu os olhos e piscou algumas vezes.

— É você, Tally-wa?

— Sim, sou eu.

— Pare de puxar meu cabelo. — Ela tossiu de novo.

— Ah, foi mal. — Tally soltou os dedos das mechas molhadas. Quando a prancha voadora cutucou suas costas, ela colocou um braço por cima e outro ao redor de Shay. Um longo arrepio passou pelas duas.

— A água está gelada... — disse Shay. Os lábios estavam quase azuis na visão infravermelha de Tally.

— Sim. Mas pelo menos fez você acordar. — Ela conseguiu levantar Shay até a prancha e colocá-la sentada. A amiga ficou ali, encolhida, sofrendo com a brisa enquanto Tally permaneceu no rio, encarando seu olhar sem expressão.

— Shay-la? Você sabe onde está?

— Você me acordou, então eu estava... dormindo? — Shay balançou a cabeça e fechou os olhos para se concentrar. — Droga. Isso quer dizer que eles me acertaram com uma daquelas flechas idiotas.

— Não foi uma flecha. David tinha um bastão de choque na mão.

Shay cuspiu no rio.

— Ele trapaceou. Jogou Tachs em mim. — Ela franziu a testa e abriu os olhos outra vez. — Tachs está bem?

— Sim. Eu o peguei antes que atingisse o chão. Então David tentou levá-la, mas eu trouxe você de volta.

Shay conseguiu dar um pequeno sorriso.

— Bom trabalho, Tally-wa.

Tally sentiu um riso trêmulo surgir no rosto.

— E quanto a Fausto?

Tally suspirou de novo ao subir na prancha e as hélices entraram em ação por causa do peso.

— Os Enfumaçados levaram Fausto também. — Ela olhou para o rio e não viu nada além de escuridão. — E acho que agora eles estão bem distantes.

Shay passou um braço trêmulo e molhado ao redor de Tally.

— Não se preocupe. Nós vamos recuperá-lo. — Ela abaixou o olhar, confusa. — Então, como eu fui parar no rio?

— Eles voaram com você até aqui para usá-la como isca. Queriam me capturar também. Mas como eu fui rápida demais, David atirou você no

rio para me distrair, imagino. Ou talvez estivesse ganhando tempo para os outros Enfumaçados fugirem com Fausto.

— Hum. Isso me ofende um pouco — disse Shay.

— O quê?

— Os Enfumaçados *me* usaram como isca em vez de Fausto?

Tally sorriu e abraçou Shay ainda mais forte.

— Talvez eles tivessem mais certeza de que eu pararia por você.

Shay cobriu a boca para tossir.

— Bem, quando eu pegá-los, eles vão desejar ter me jogado de um morro no lugar do rio. — Ela respirou fundo com os pulmões finalmente limpos. — Engraçado, não é típico dos Enfumaçados jogar alguém inconsciente em água gelada. Sabe o que isso significa?

Tally assentiu.

— Talvez eles estejam ficando desesperados.

— Talvez. — Shay sentiu um novo arrepio. — É como se viver na natureza estivesse transformando os Enfumaçados em Enferrujados. Usar arco e flecha pode *matar* uma pessoa, afinal de contas. Eu gostava mais do jeito que eram antigamente.

— Eu também — suspirou Tally. A empolgação causada pela raiva estava passando e o ânimo esfriou como a roupa molhada. Não importa o quanto ela tenha se esforçado em dar um jeito na situação, Fausto havia sido levado e David fugira também.

— De qualquer forma, obrigada pelo resgate, Tally-wa.

— Tudo bem, chefe. — Tally apertou a mão da amiga. — Então... estamos quites agora?

Shay gargalhou e deu o braço a Tally, abrindo um sorriso que revelou cada um dos dentes pontiagudos.

— Eu e você não temos que nos preocupar em ficar quites, Tally-wa.

Tally ficou um pouco emocionada, como sempre acontecia quanto Shay sorria.

— Sério?

Shay concordou com a cabeça.

— Nós estamos mais ocupadas sendo especiais.

Elas encontraram Ho no ponto da emboscada. Ele conseguiu manter Tachs acordado e chamou o restante dos Cortadores, que chegariam sedentos de vingança dentro de vinte minutos, trazendo pranchas extras.

— Não se preocupem com acertos de contas, pois nós vamos visitar os Enfumaçados em breve — disse Shay, sem comentar o problema com o plano: ninguém sabia onde ficava a Nova Fumaça. Desde a destruição da Fumaça original, os Enfumaçados mudavam de lugar a toda hora. E agora que eles possuíam quatro pranchas voadoras novinhas da Circunstâncias Especiais, seria ainda mais difícil localizá-los.

Enquanto Shay e Tally torciam as roupas molhadas, Ho e Tachs vasculhavam a escuridão das Trilhas, procurando por pistas. Logo encontraram a prancha que a Enfumaçada havia abandonado.

— Verifique a bateria — ordenou Shay para Tachs. — Pelo menos dá para calcular quanto ela teve que voar para chegar aqui.

— Boa ideia, chefe — disse Tally. — Não há como recarregar a bateria solar à noite, afinal.

— É, estou me sentindo muito esperta mesmo — disse Shay. — Mas a distância não vai dizer muita coisa. Precisamos de mais detalhes.

— Nós *temos* mais detalhes, chefe — disse Ho. — Como eu estava tentando dizer antes de ser empurrado para fora da minha prancha pela Tally, eu conversei com o rapaz feio da festa, aquele que recebeu as nanoestruturas da Enfumaçada. Antes de entregá-lo aos guardas, eu consegui intimidá-lo um pouco.

Tally não teve dúvidas quanto a isso. As tatuagens dinâmicas de Ho incluíam o rosto de um demônio desenhado em linhas vermelhas sobre as próprias feições, que fazia caretas selvagens no ritmo de seus batimentos cardíacos.

Shay falou com desdém:

— *Aquele* moleque sabia onde fica a Nova Fumaça?

— Que nada. Mas ele sabia onde deveria entregar as nanoestruturas.

— Deixa eu adivinhar, Ho-la — disse Shay. — Nova Perfeição?

— Sim, claro. — Ele levantou o saco plástico. — Mas isso não era para qualquer um, chefe. O rapaz devia entregar as nanoestruturas aos *Crims*.

Tally e Shay se entreolharam. Quase todos os Cortadores tinham sido Crims na época em que eram perfeitos. A turma só tinha como objetivo arrumar confusão: eles agiam como feios, superavam o efeito das lesões no cérebro e conseguiam evitar que a vida fútil em Nova Perfeição dominasse a mente.

Shay deu de ombros.

— Os Crims são um sucesso hoje em dia. Há centenas deles. — Ela sorriu. — Desde que Tally e eu os tornamos famosos.

Ho concordou com a cabeça.

— Ei, eu fui um Crim também, lembra? Mas o rapaz feio falou o nome da pessoa para quem deveria entregar pessoalmente as nanoestruturas.

— É alguém que a gente conhece? — perguntou Tally.

— Sim... Zane. Ele disse que as nanoestruturas eram para Zane.

A PROMESSA

— Por que você não me *contou* que Zane voltou?

— Porque eu não sabia. Aconteceu há apenas duas semanas.

Tally suspirou fundo.

— Qual é o problema? — perguntou Shay. — Não acredita em mim?

Tally virou o rosto para olhar a fogueira, sem saber o que responder. Não confiar nos outros Cortadores não era muito sagaz. Isso provocava dúvidas e pensamentos confusos. Mas, pela primeira vez desde que se tornou uma Cortadora, ela se sentiu deslocada, incomodada com o próprio corpo. Os dedos nervosos passavam pelas cicatrizes nos braços, e os sons da floresta ao redor deles deixavam Tally tensa.

Zane voltou do hospital, mas não estava ali com ela no acampamento dos Cortadores, na natureza que era seu lugar. E isso parecia *errado*...

Ao redor, os demais Cortadores estavam se mantendo sagazes. Fizeram uma fogueira com troncos caídos — uma forma de Shay elevar o moral depois da emboscada da noite anterior. À exceção de Fausto, todos os 16 Cortadores estavam reunidos. Eles desafiavam uns aos outros a andar descalços sobre as chamas e contavam vantagens sobre o que fariam com os Enfumaçados quando finalmente os pegassem.

E, no entanto, Tally se sentia deslocada de alguma forma.

Ela geralmente adorava fogueiras pela maneira como davam vida às sombras e pela maldade de queimar árvores. Essa era a principal razão de ser especial: a pessoa existia para manter os demais na linha, mas isso não queria dizer que *ela* precisava se comportar.

Porém, naquela noite, a fogueira trouxe lembranças da época em que Tally era Enfumaçada. Alguns Cortadores tinham parado de cortar a pele e passado a marcar os braços com fogo usando lenha incandescente. Assim como os cortes, isso mantinha a mente sagaz. Mas, para Tally, o cheiro lembrava os animais mortos que os Enfumaçados cozinhavam. Então ela continuou usando facas.

Ela chutou um graveto para a fogueira.

— Claro que confio em você, Shay. Mas nos últimos dois meses, eu pensei que Zane fosse se juntar a Circunstâncias Especiais assim que

melhorasse. Eu o imaginei em Nova Perfeição, com um rosto lindo... — Ela balançou a cabeça.

— Se eu pudesse trazê-lo para cá, Tally-wa, eu o faria.

— Então você vai falar com a dra. Cable sobre isso?

Shay abriu os braços.

— Tally, você conhece as regras: para se juntar a Circunstâncias Especiais, a pessoa tem que *provar* que é especial. Precisa superar a tolice.

— Mas Zane era praticamente especial quando liderou os Crims. Cable não percebe isso?

— Mas ele não mudou de verdade até tomar a pílula da Maddy. — Shay se aproximou e passou o braço pelo ombro de Tally. Os olhos brilhavam vermelhos na luz da fogueira. — Eu e você *superamos* a tolice sem nenhuma ajuda.

— Zane e eu começamos a mudar desde o primeiro beijo — disse Tally, se afastando. — Se ele não tivesse fritado o cérebro, seria um de nós agora.

— Então por que está preocupada? — Shay deu de ombros. — Se ele fez uma vez, vai conseguir fazer de novo.

Tally virou e olhou feio para Shay, incapaz de dizer o que ambas estavam pensando. Será que Zane ainda era o sujeito borbulhante que fundou os Crims? Ou o dano cerebral mudara tudo aquilo e ele estava condenado a viver para sempre como um avoado?

A situação era totalmente injusta. Completamente medíocre.

Quando os Enfumaçados trouxeram as primeiras nanoestruturas para Nova Perfeição, eles deixaram duas pílulas para Tally encontrar, juntamente com uma carta escrita por ela mesma alertando sobre os perigos, mas que continha uma "autorização consciente". Tally sentiu muito medo a princípio, mas Zane sempre foi borbulhante, sempre quis superar a estupidez dos perfeitos. Ele se ofereceu para tomar as pílulas, que ainda não haviam sido testadas.

As nanoestruturas deveriam ser capazes de libertar os perfeitos e fazer com que deixassem de ser avoados para virarem... Bem, ninguém se importou em pensar no *que* eles iam virar exatamente. O que uma pessoa faria com um bando de indivíduos lindos e mimados que não tinham limites para suas vontades? Deixaria que ficassem à solta no mundo frágil

para que ele fosse destruído da mesma forma que os Enferrujados quase conseguiram fazer há três séculos?

De qualquer forma, a cura não funcionou como deveria. Tally e Zane dividiram as pílulas, e ele escolheu a errada. As nanoestruturas devoraram as lesões que o tornavam um tolo, mas seguiram em frente e consumiram cada vez mais sua mente...

Tally se arrepiou ao pensar como teve sorte. A única função da pílula que tomou era desligar as nanoestruturas contidas na outra. Ingerida sozinha, não teve efeito algum. Ela apenas *pensou* que tinha sido curada. E, no entanto, Tally deixou de ser avoada por conta própria, sem nanoestruturas, sem operação, sem sequer se cortar como a turma de Shay fazia.

Era por isso que ela fazia parte da Divisão de Circunstâncias Especiais.

— Mas qualquer um de nós podia ter tomado aquela pílula — disse Tally, baixinho. — Não é justo.

— Claro que não é justo. Mas isso não quer dizer que a culpa seja *sua*, Tally. — Um Cortador descalço passou rindo pelas chamas entre elas e levantou fagulhas. — Você teve sorte. É o que acontece quando a pessoa é especial. Por que se sentir culpada?

— Eu nunca disse que me sentia culpada. — Tally partiu um graveto em dois. — Só quero fazer algo a respeito. Então vou com você hoje à noite, OK?

— Não acho que esteja bem para isso, Tally-wa.

— Estou bem, sim. Desde que não precise usar uma máscara de plástico.

Shay riu e passou a unha do dedo mindinho pelas tatuagens dinâmicas de Tally.

— Não estou preocupada com o seu rosto, apenas com o seu cérebro. Dois ex-namorados em sequência podem fazer um estrago.

Tally se afastou.

— Zane não é um ex-namorado. Ele pode ser um cabeça de vento agora, mas vai conseguir superar.

— Olhe para você — disse Shay. — Está tremendo. Isso não é muito sagaz.

Tally olhou para as mãos. Cerrou os punhos para tentar se controlar.

Ela chutou uma tora pesada em direção ao fogo e levantou fagulhas. Observou a madeira ser envolvida pelas chamas e abriu as mãos para

sentir o calor. De alguma maneira, o rio gelado fez com que sentisse um frio que não ia embora, não importava a proximidade com o fogo.

Ela apenas precisava ver Zane outra vez para que a sensação ruim de frio passasse.

— Você está tremendo porque viu David?

— David? — Tally falou com desdém. — Por que acha isso?

— Não fique com vergonha, Tally-wa. Ninguém pode ser sagaz o tempo todo. Talvez você precise de um corte. — Shay sacou a faca.

Tally queria, mas desdenhou da oferta e cuspiu no fogo. Não deixaria que Shay a fizesse se sentir frágil.

— Eu encarei David muito bem... melhor do que você, se me lembro direito.

Shay riu e deu um soco de brincadeira no ombro de Tally, mas só que *doeu* de verdade.

— Ai, chefe — disse Tally. Aparentemente, Shay ainda estava chateada por ter sido vencida por um medíocre em um combate corpo a corpo na noite anterior.

Shay olhou para o punho.

— Foi mal. Não era minha intenção, de verdade.

— Deixa para lá. Então, estamos quites agora? Posso ir ver Zane com você?

Shay suspirou.

— Não enquanto ele ainda for um perfeito avoado, Tally-wa. Só iria perturbar você. Por que você não vai ajudar a procurar por Fausto, em vez disso?

— Você não acha que eles vão encontrar alguma coisa, acha?

Shay deu de ombros e desligou a conexão da dermantena com os outros Cortadores.

— Tenho que arrumar alguma coisa para eles fazerem — falou baixinho.

Mais tarde, os demais Cortadores deveriam zarpar nas pranchas voadoras para vasculhar o mato. Os Enfumaçados não poderiam retirar a dermantena de Fausto sem matá-lo, então o sinal seria detectável a mais ou menos um quilômetro de distância. Mas Tally sabia que meros quilômetros não significavam nada na natureza. A caminho da Fumaça, ela havia viajado de prancha por vários dias sem encontrar um sinal sequer de seres humanos, viu cidades inteiras engolidas pelas areias do deserto e pela

floresta. Se os Enfumaçados quisessem desaparecer, a natureza era grande o suficiente para isso.

— Isso não significa que eu tenha que perder o meu tempo também — disse Tally com desdém.

— Quantas vezes eu preciso explicar, Tally-wa? Você é *especial* agora. Não devia estar sofrendo por um perfeito qualquer. Você é uma Cortadora e Zane, não. É simples assim.

— Se é tão simples, por que então eu me sinto assim?

Shay resmungou.

— Porque você, Tally, está armando o truque de sempre: *complicar* a situação.

Tally suspirou e chutou a fogueira, levantando fagulhas. Ela se lembrou das várias ocasiões em que foi feliz como uma tola, e até mesmo como uma Enfumaçada. Mas, de alguma forma, a felicidade nunca durava muito tempo. Tally sempre mudava, forçava os limites e arruinava tudo para as pessoas ao redor.

— Nem sempre a culpa é minha — disse, baixinho. — A situação se *complica* às vezes.

— Bem, acredite no que eu digo dessa vez, Tally. Ver Zane vai complicar *mesmo* a situação. Dê um tempo para que ele chegue aqui por conta própria. Você não está feliz conosco?

Tally assentiu devagar. Ela *estava* feliz. Os sentidos especiais deixavam o mundo inteiro sagaz e cada momento vivido no novo corpo era melhor que um ano sendo perfeita. Mas agora que ela sabia que Zane estava bem, a ausência dele estragava tudo. De repente, Tally se sentiu incompleta e artificial.

— Estou feliz, Shay-la. Mas lembra quando eu e Zane fugimos da cidade na última vez? E deixamos você para trás? Bem, eu não posso fazer isso novamente.

Shay balançou a cabeça.

— Às vezes é preciso abandonar as pessoas, Tally-wa.

— Então eu devia ter abandonado *você* ontem à noite, Shay? Deixar que se afogasse?

Shay resmungou.

— Ótimo exemplo, Tally. Olha, isso é para o seu próprio bem. Acredite em mim, você não quer que a situação se complique.

— Então vamos facilitar as coisas, Shay-la. — Tally colocou a ponta do polegar entre os dentes afiados e mordeu. Com uma pontada de dor, o gosto de sangue se espalhou pela língua, e a mente clareou um pouco.

— Assim que Zane se tornar especial, eu paro. Jamais vou complicar a situação outra vez. — Ela esticou a mão. — Eu prometo, sangue por sangue.

Shay olhou para a pequena gota de sangue.

— Você jura?

— Sim. Vou ser uma boa Cortadora e fazer tudo o que você e a dra. Cable mandarem. Só me devolva Zane.

Shay fez uma pausa e então passou o polegar pela faca. Viu o sangue surgir, pensativa.

— Tudo o que eu sempre quis foi que a gente estivesse do mesmo lado, Tally.

— Eu também. Só quero Zane aqui com a gente.

— O que for preciso para fazer você feliz. — Shay sorriu e pegou a mão de Tally, pressionando os polegares... com força. — Sangue por sangue.

Com a dor, Tally sentiu a mente ficar sagaz pela primeira vez no dia. Conseguiu ver o futuro agora, um caminho direto, sem desvios ou distrações. Ela havia lutado contra ser feia e ser perfeita, mas isso tudo tinha acabado; Tally só queria ser especial de agora em diante.

— Obrigada, Shay-la — disse Tally, baixinho. — Vou cumprir essa promessa.

Shay a soltou e limpou a faca com rápidas passadas pela coxa.

— Vou me certificar de que você cumpra.

Tally engoliu em seco e lambeu o polegar, que ainda latejava.

— Então posso ir com você hoje à noite, chefe? Por favor.

— Acho que agora você tem que ir — disse Shay e deu um sorriso triste. — Mas pode não gostar do que vai ver.

NOVA PERFEIÇÃO

Depois que os outros Cortadores seguiram para o mato, Shay e Tally apagaram a fogueira, pularam nas pranchas e voaram em direção à cidade.

Nova Perfeição estava iluminada por explosões coloridas no céu, como todas as noites. Balões de ar quente flutuavam amarrados às torres de festa e lâmpadas a gás iluminavam os jardins como cobras brilhantes subindo pela encosta da ilha. A sombra dos prédios mais altos mudava com a luz repentina dos fogos de artifício, que alterava a silhueta da cidade a cada explosão.

Ao se aproximarem de Nova Perfeição, elas foram recebidas pelos altos berros dos perfeitos bêbados. Por um instante, o som alegre fez com que Tally se sentisse como uma feia invejosa observando do outro lado do rio, enquanto esperava fazer 16 anos. Aquela era sua primeira viagem à Nova Perfeição desde que virara uma Especial.

— Você sente saudade da época em que era perfeita, Shay-la? — perguntou Tally. Elas só passaram alguns meses juntas no paraíso borbulhante antes que a situação ficasse complicada. — *Foi* meio divertido.

— Foi falso — respondeu Shay. — Eu prefiro ter um cérebro.

Tally suspirou. Não dava para discordar, mas ter um cérebro às vezes era motivo de tanto *sofrimento*. Ela lambeu o dedo onde um ponto vermelho marcava a promessa.

Subindo a encosta da ilha através de um jardim, as duas seguiram pelas sombras a caminho do centro da cidade. Passaram por cima de alguns casais abraçados, mas ninguém as notou no alto.

— Falei que a gente não precisava ligar o traje de camuflagem, Tally-wa. — Shay riu baixinho e deixou a voz ser transmitida pela rede de dermantenas. — Se depender dos avoados, nós já estamos invisíveis.

Tally não respondeu, apenas olhou para os novos perfeitos que passavam lá embaixo. Eles pareciam tão sem noção, tão completamente alheios aos perigos de que precisavam ser protegidos. A vida deles podia ser cheia de prazer, mas os perfeitos pareciam não fazer sentido para Tally agora. Ela não podia deixar Zane viver daquela forma.

De repente, surgiram risos e gritos pelas árvores, vindo rápido... na velocidade de uma prancha voadora. Tally ligou o traje de camuflagem e manobrou para a densa folhagem do topo dos pinheiros mais próximos. Um grupo de penetras passou esquiando pelo jardim, rindo como capetas. Ela se abaixou mais e sentiu que o traje imitou a folhagem. Imaginou como tantos feios conseguiram invadir a Nova Perfeição ao mesmo tempo. Não era um truque ruim...

Talvez valesse a pena seguir esse grupo.

Mas então ela viu os rostos: lindos, simétricos e com olhos grandes, completamente sem defeitos. Eles eram *perfeitos*.

O grupo passou alheio à presença de Tally, gritando a plenos pulmões e voando em direção ao rio. Os berros foram sumindo e deixaram apenas o cheiro de perfume e champanhe para trás.

— Chefe, você viu...

— Sim, Tally-wa, vi sim. — Shay ficou em silêncio por um momento.

Tally engoliu em seco. Perfeitos não andam de prancha voadora. É preciso ter reflexos para não cair, não dá para pilotar sendo um avoado que se distrai facilmente. Quando os novos perfeitos queriam adrenalina, eles pulavam dos prédios usando jaquetas de bungee jump ou andavam em balões de ar quente, coisas que não precisavam de muita habilidade.

Mas esses perfeitos não estavam apenas andando de prancha — estavam pilotando *bem*. As coisas mudaram na Nova Perfeição desde a última vez em que Tally estivera ali.

Ela se lembrou do último relatório da Circunstâncias Especiais sobre o aumento dos fugitivos a cada semana, uma epidemia de feios que desapareciam no mato. Mas o que aconteceria se os *perfeitos* decidissem fugir?

Shay saiu do esconderijo e seu traje mudou do padrão de folhagem para preto fosco.

— Talvez os Enfumaçados estejam distribuindo mais pílulas do que a gente imaginou — falou. — Eles podem estar fazendo isso bem aqui na Nova Perfeição. Afinal de contas, se eles possuem trajes de camuflagem, podem ir a qualquer lugar.

Os olhos de Tally vasculharam o arvoredo ao redor. Em um traje bem-calibrado, era possível se esconder dos sentidos de um Especial, como provou a emboscada de David.

— Falando nisso, chefe, onde os Enfumaçados conseguiram aqueles trajes? Eles não são capazes de *fabricá-los*, são?

— Nem pensar. E eles também não roubaram os trajes. A dra. Cable disse que todas as cidades mantêm registro sobre seus equipamentos militares. E nenhuma relatou algo desaparecido, em nenhum lugar do continente.

— Você contou para ela sobre ontem à noite?

— Sobre os trajes de camuflagem, sim. Mas não sobre perder Fausto ou as pranchas.

Tally levou em consideração o que Shay disse enquanto flutuava calmamente sobre uma lâmpada piscando.

— Então... você acha que os Enfumaçados encontraram alguma antiga tecnologia dos Enferrujados?

— Trajes de camuflagem são muito sofisticados para os Enferrujados. Eles só sabiam matar.

Shay ficou calada por um momento enquanto um grupo de Festeiros passava pelas árvores lá embaixo, batucando alto enquanto se dirigiam para alguma festa no rio. Tally olhou para eles, imaginando se pareciam mais animados do que Festeiros normais. Será que *todo mundo* na cidade estava ficando mais borbulhante? Talvez os efeitos das nanoestruturas estivessem contagiando até mesmo os perfeitos que não tinham tomado uma pílula, assim como a simples presença de Zane sempre a deixara mais borbulhante.

Depois que o grupo passou, Shay disse:

— A dra. C acha que os Enfumaçados têm amigos novos. Amigos na cidade.

— Mas apenas a Circunstâncias Especiais tem trajes de camuflagem. Por que um de nós...?

— Eu não falei *nesta* cidade, Tally-wa.

— Ah — murmurou Tally. As cidades não costumavam se meter nos assuntos das outras porque esse tipo de conflito era perigoso. Podia acabar em guerras como aquelas que os Enferrujados faziam, com continentes inteiros disputando controle e matando uns aos outros. Só de pensar em lutar contra a Circunstâncias Especiais de outra cidade, Tally sentiu um arrepio na espinha...

Elas pousaram no topo da Mansão Pulcher entre painéis solares e exaustores. Havia alguns perfeitos no telhado, porém, eles estavam distraídos demais pelos balões de ar quente e fogos de artifício e não notaram nada.

Era estranho estar de volta ao telhado da Mansão Pulcher. Tally praticamente morara ali com Zane no inverno anterior, mas agora enxergava tudo de maneira diferente. As coisas também tinham outro cheiro — os odores dos moradores humanos saíam pelos exaustores espalhados pelo telhado. Ao contrário do ar fresco do mato, o cheiro a deixava ansiosa e oprimida.

— Olha só isso, Tally-wa. — Shay enviou uma imagem pela dermantena. Quando Tally abriu o arquivo, o prédio debaixo dos pés ficou transparente e revelou uma malha de linhas azuis marcada por pontos brilhantes.

Ela piscou algumas vezes, tentando entender a projeção.

— Isso é uma espécie de visão infravermelha?

Shay riu.

— Não, Tally-wa. É uma transmissão da interface da cidade. — Ela apontou para um conjunto de pontos dois andares abaixo. — Aquele é Zane-la e alguns amigos. Ele continua no velho quarto, viu?

Cada ponto que Tally focava, tinha seu nome identificado ao lado. Ela se lembrou dos anéis de interface usados pelos perfeitos e feios, que serviam para a cidade manter controle sobre as pessoas. Porém, como todos os perfeitos encrenqueiros, Zane devia ter recebido um bracelete, que essencialmente era um anel de interface impossível de ser retirado.

Os outros pontos no quarto de Zane estavam marcados com nomes, mas Tally não reconhecia a maioria. Todos os velhos amigos Crims tinham feito parte da grande fuga para o mato no inverno passado. Assim como Tally, eles tinham conseguido superar a tolice por conta própria, então haviam virado Especiais, à exceção daqueles que continuaram na natureza, ainda como Enfumaçados.

O nome de Peris surgiu próximo ao de Zane. Ele era o melhor amigo de infância de Tally, mas desistira da fuga no último minuto, decidindo continuar a ser um perfeito. Ele era um perfeito que jamais seria especial, disso Tally tinha certeza.

Mas, pelo menos, Zane tinha alguém conhecido por perto.

Tally franziu a testa.

— Deve ser estranho para Zane. Todo mundo o reconhece pelos truques que armou, mas ele pode nem sequer se lembrar disso... — sussurrou cada vez mais baixo, afastando os maus pensamentos.

— Pelo menos ele tem bom gosto — disse Shay. — Há uma dezena de festas hoje à noite em Nova Perfeição, mas aparentemente nenhuma delas é borbulhante o bastante para Zane e sua turma.

— Mas eles estão apenas sentados no quarto. — Nenhum dos pontos parecia se mover. O que quer que estivessem aprontando, não parecia muito borbulhante.

— É. Falar em particular vai ser complicado. — Shay tinha planejado seguir Zane por um tempo e então puxá-lo para um canto escuro entre uma festa e outra.

— Por que eles não estão fazendo *nada*?

Shay tocou o ombro de Tally.

— Calma, Tally-wa. Se deixaram que Zane voltasse para Nova Perfeição, significa que está em condições de festejar. De outra forma, que sentido teria em voltar para cá? Talvez esteja cedo demais e sair seja falso.

— Espero que sim.

Shay fez um gesto e a projeção sumiu um pouco, deixando o mundo real entrar em foco ao redor.

— Venha, Tally-wa. Vamos descobrir por nós mesmas.

— Não dá para escutá-los pela interface da cidade?

— A não ser que a gente queira que a dra. Cable escute também. Eu prefiro manter isso entre nós Cortadores.

Tally sorriu.

— OK, Shay-la. Então, aqui entre nós Cortadores, qual é o plano afinal?

— Achei que você quisesse ver Zane — falou Shay, dando de ombros. — De qualquer forma, Especiais não precisam de planos.

Escalar era fácil agora.

Tally não tinha mais medo de altura, nem se sentia sagaz por estar prestes a cair. Só havia uma pequena sensação de alerta quando olhava da beirada do telhado. Nada que a deixasse em pânico ou nervosa — era apenas um lembrete do cérebro para ter cuidado.

Ela passou as pernas pela beirada e desceu, deixando os pés escorregarem pela parede lisa da Mansão Pulcher. A ponta do tênis de

solado aderente entrou na ranhura entre duas placas de cerâmica. Tally parou para que o traje de camuflagem adquirisse a tonalidade da mansão. Ela sentiu as escamas se alterando a fim de copiar a textura do prédio.

Quando o traje terminou os ajustes, Tally soltou a beirada do telhado. Ela foi caindo e escorregando enquanto os pés e mãos arranhavam a cerâmica, procurando freneticamente por mais ranhuras, bordas de janelas, rachaduras na parede. Nenhuma dessas imperfeições era suficiente para sustentar seu peso, mas os apoios momentâneos amorteceram um pouco a queda e mantiveram a descida sob controle. Era um equilíbrio frágil e estimulante, como se Tally fosse um inseto que corria tão rápido sobre a água a ponto de não afundar.

Quando chegou à janela de Zane, Tally estava despencando rápido, mas os dedos agarraram o parapeito facilmente. Ela balançou em um grande arco, com as luvas aderentes presas como cola ao parapeito, e amorteceu o ímpeto da queda enquanto ia de um lado para o outro.

Ao olhar para cima, Tally viu Shay equilibrada em uma minúscula borda de janela que não devia ter mais que um centímetro de largura. As mãos enluvadas estavam abertas atrás dela como uma aranha de cinco pernas, mas Tally não conseguia entender como havia atrito suficiente para segurar seu peso.

— Como você está *fazendo* isso? — sussurrou.

Shay deu uma risadinha.

— Não posso revelar todos os meus segredos, Tally-wa. Mas está meio escorregadio aqui. Rápido, ouça o que estão falando.

Tally ficou apoiada em uma das mãos e mordeu a ponta dos dedos da luva da outra para arrancá-la. Ela tocou em um canto da janela com o dedo e os chips registraram as vibrações, transformando a vidraça em um enorme microfone. Fechou os olhos para ouvir os ruídos dentro da sala como se encostasse a orelha em um copo contra uma parede fina. Um sinal sonoro anunciou que Shay passou a escutar pela dermantena.

Zane estava falando e o som provocou um pequeno arrepio em Tally. A voz era tão familiar, mas ao mesmo tempo distorcida, seja pelo equipamento de escuta ou pelos meses em que estavam separados. Ela conseguia perceber as palavras, mas não o seu significado.

— Todos os relacionamentos pré-estabelecidos, com seus antigos preconceitos e opiniões, são varridos do mapa — dizia ele. — Todos os novos relacionamentos ficam obsoletos antes que se estabeleçam...

— Sobre o que ele está tagarelando? — perguntou Shay irritada enquanto ajustava o equilíbrio.

— Eu não sei. Parece papo de Enferrujado. Como um velho livro.

— Não me diga que Zane está... *lendo* para os Crims?

Tally olhou para Shay com uma expressão confusa. Uma leitura dramática não tinha muito a ver com os Crims, na verdade. Ou com qualquer *outra coisa* que não fosse medíocre. E a voz de Zane não parava de entoar aquele papo tedioso sobre derretimento.

— Dá uma olhada, Tally-wa.

Ela assentiu e ergueu o corpo até que os olhos enxergassem sobre o peitoril da janela.

Zane estava sentado em uma grande cadeira estofada, segurando um velho livro rasgado em uma das mãos e balançando a outra como um maestro enquanto declamava. Mas onde a interface da cidade tinha apontado a presença de outros Crims, só havia espaço vazio.

— Ah, Shay — sussurrou. — Você vai adorar isso.

— O que eu vou fazer é cair na sua cabeça em dez segundos, Tally-wa. O que está acontecendo?

— Ele está sozinho. Os outros Crims são apenas... — Ela apertou os olhos para enxergar na escuridão além da luz de leitura de Zane. Lá estavam eles, espalhados pelo quarto como uma plateia atenta. — Anéis. Eles são apenas anéis de interface, à exceção de Zane.

Apesar do precário equilíbrio na janela, Shay deixou escapar um risinho.

— Talvez ele esteja mais borbulhante do que pensamos.

Tally concordou com a cabeça e sorriu.

— Devo bater?

— Por favor.

— Isso pode assustá-lo.

— Um susto faz bem, Tally-wa. Queremos que ele esteja borbulhante. Agora, *rápido*, que eu estou começando a escorregar.

Tally ergueu o corpo e colocou um joelho no peitoril estreito da janela. Respirou fundo e bateu duas vezes, tentando sorrir sem mostrar os dentes afiados.

Zane virou o rosto na direção do som, ficou assustado por um momento e então os olhos se arregalaram. Fez um gesto e a janela se abriu.

Tally deu um largo sorriso.

— Tally-wa — disse ele —, você mudou.

ZANE-LA

Zane continuava lindo.

Ele tinha traços definidos e o olhar era intenso e ansioso, como se ainda tomasse eliminadores de calorias para ficar alerta. Os lábios eram carnudos como os de um típico avoado. Enquanto encarava Tally, Zane franziu a boca como uma criança prestando atenção. O cabelo não havia mudado em nada. Ela se lembrava de quando Zane o havia pintado com nanquim, fazendo um tom de preto-azulado que ia contra os padrões de bom gosto da Comissão da Perfeição.

Mas havia algo de diferente no rosto. A mente de Tally deu voltas tentando perceber o que era.

— Você trouxe Shay-la com você? — disse Zane ao ouvir o som dos tênis de solado aderente na janela atrás de Tally. — Que alegria.

Ela concordou devagar e notou pelo tom de voz que Zane queria que tivesse vindo sozinha. Claro. O que eles tinham para conversar não era para ser dito na frente de Shay.

De repente, parecia que havia anos desde a última vez que vira Zane. Tally sentiu que as mudanças no próprio corpo — os ossos ultraleves, as tatuagens dinâmicas, as cicatrizes ao longo dos braços — indicavam o quanto ela havia mudado no tempo em que estiveram separados. Como eram diferentes agora.

Shay sorriu para os anéis de interface.

— Seus amigos não estão achando esse livro velho e mofado um pouco chato?

— Eu tenho mais amigos do que você imagina, Shay-la. — Os olhos vasculharam as quatro paredes do quarto.

Shay balançou a cabeça e tirou um pequeno aparelho preto do cinto. Os ouvidos aguçados de Tally captaram o zumbido praticamente inaudível, um assobio como folhas molhadas jogadas em uma fogueira.

— Calma, Zane-la. A cidade não pode ouvir a gente.

Ele arregalou os olhos.

— Vocês podem fazer isso?

— Você não sabe? — sorriu Shay. — Nós somos especiais.

— Ah. Bem, já que estamos somente nós três aqui dentro... — Ele colocou o livro na cadeira vazia ao lado. O anel de Peris tremeu. — Os outros saíram para fazer um truque agora de noite. Eu estou cobrindo a ausência deles, caso os guardas estejam monitorando a gente.

Shay riu.

— Então os guardas devem acreditar que os Crims formaram um *grupo de leitura*?

Zane deu de ombros.

— Até onde eu sei não são guardas de verdade, apenas software. Desde que haja alguém falando, o programa fica satisfeito.

Tally sentou na cama desarrumada de Zane e sentiu um arrepio. Ele não estava falando como um perfeito sem noção. E se estava cobrindo a ausência dos amigos enquanto eles faziam algo criminoso, então Zane ainda estava borbulhante, ainda era o tipo de perfeito cheio de truques que um dia poderia se tornar um Especial...

Ela sentiu o cheiro familiar de Zane na roupa de cama e se perguntou o que as tatuagens dinâmicas estavam fazendo — provavelmente dando voltas pelo rosto.

Mas Zane não tinha um anel de interface, nem um bracelete. Como os guardas mantinham controle sobre ele?

— Seu novo rosto vale uma mega-Helena, Tally-wa — falou Zane, enquanto o olhar acompanhava a teia de tatuagens dinâmicas no rosto e nos braços dela. — Daria para lançar um bilhão de navios ao mar. Mas seriam navios piratas, provavelmente.

Ela riu da piadinha sem graça e tentou pensar no que dizer. Vinha esperando por esse momento há dois meses e agora tudo o que conseguia fazer era ficar sentada como uma idiota.

Mas não eram apenas os nervos que a deixavam sem palavras. Quanto mais olhava para Zane, mais ele parecia errado de certa forma, e a voz dava a impressão de vir de outro quarto.

— Estava torcendo para que você viesse — acrescentou Zane baixinho.

— Ela insistiu — falou Shay. Suas palavras pareciam um sussurro bem de perto.

Tally percebeu por que Zane soava tão distante. Sem uma dermantena no corpo, as palavras não eram transmitidas como as dos Cortadores. Ele não fazia mais parte de sua turma. Ele não era especial.

Shay sentou ao lado de Tally na cama.

— Se não se importam, vocês dois podem bancar os perfeitos outra hora. — Ela tirou o saquinho plástico com as pílulas de nanoestruturas que Ho pegou do rapaz feio na noite anterior. — Nós viemos aqui por causa disso.

Zane meio que levantou da cadeira e esticou a mão para pegar as pílulas, mas Shay apenas riu.

— Não tão rápido, Zane-la. Você tem o mau hábito de tomar as pílulas erradas.

— Nem me fale — disse ele, parecendo cansado.

Tally sentiu outro arrepio. Quando voltou a se sentar, Zane se moveu devagar, com cuidado, quase como um velho.

Ela se lembrou de como as nanoestruturas de Maddy danificaram a coordenação motora de Zane e prejudicaram a parte do cérebro responsável pelos reflexos e movimentos. Talvez fosse apenas isso, uma pequena tremedeira deixada pelas minúsculas máquinas. Nada para se preocupar.

Mas ao olhar para o rosto de Zane, faltava alguma coisa ali também. Não havia uma linda teia de tatuagens dinâmicas, nem Tally sentia a mesma emoção de ver os olhos escuros de outro Cortador. Ele parecia sem graça, de uma forma diferente dos Especiais, como se fosse um papel de parede, apenas outro perfeito.

Mas aquele era *Zane* e não um medíocre avoado qualquer...

Tally olhou para o chão e desejou que pudesse desligar a visão perfeita. Ela não queria ver aqueles detalhes perturbadores.

— De onde vieram essas pílulas? — perguntou ele. A voz ainda parecia vir de muito longe.

— De uma Enfumaçada — respondeu Shay.

Zane olhou para Tally.

— Alguém que a gente conheça?

Ela balançou a cabeça, sem tirar os olhos do chão. A garota não era uma ex-Crim ou alguém da Velha Fumaça. Tally se perguntou se teria vindo de outra cidade. Talvez fosse uma das novas aliadas misteriosas dos Enfumaçados...

— Mas ela sabia seu nome, Zane-la — disse Shay. — Disse que essas pílulas eram para você especificamente. Está esperando uma entrega?

Zane respirou devagar.

— Talvez seja melhor você perguntar para ela.

— A garota escapou. — Tally escutou Shay expirar impaciente.

Zane riu.

— Então a Circunstâncias Especiais precisa da minha ajuda?

— Não somos iguais aos... — começou a dizer Tally, mas a voz foi sumindo. Ela *fazia parte* da Circunstâncias Especiais, como Zane era capaz de notar. Mas Tally sentiu um súbito desejo de explicar que os Cortadores eram diferentes dos Especiais comuns que costumavam intimidá-lo quando ele era um feio. Os Cortadores agiam por conta própria e faziam tudo o que Zane sempre quis — viviam no mato, fora das regras da cidade, com as mentes sagazes, livre das imperfeições da feiura...

Livre da mediocridade que Zane dava a impressão de exalar.

Tally fechou a boca e Shay colocou a mão em seu ombro.

Ela sentiu o coração batendo mais rápido.

— Claro, precisamos de sua ajuda — falou Shay. — Precisamos impedir que isso — ela levantou o saquinho de pílulas — faça mais perfeitos iguais a *você*. — Ao dizer a última palavra, jogou a embalagem na direção de Zane.

Tally acompanhou cada centímetro do voo do saquinho e viu como este passou por Zane, que levantou as mãos para pegar a embalagem com um segundo de atraso. As pílulas bateram na parede e caíram em um canto.

Zane deixou as mãos vazias desabarem no colo, onde ficaram encolhidas como lesmas mortas.

— Bela pegada — disse Shay.

Tally engoliu em seco. Zane estava perdendo a coordenação motora.

Ele deu de ombros.

— De qualquer maneira, eu não preciso de pílulas, Shay--la. Estou permanentemente borbulhante. — Apontou para a testa. — As nanoestruturas danificaram bem aqui, onde ficam as lesões. Eu acho que os médicos fizeram novas, mas, até onde eu sei, as lesões não têm muito espaço para vingar. Essa parte do meu cérebro é toda nova e está se modificando.

— Mas e quanto às suas... — A garganta de Tally se fechou diante da pergunta.

— Minhas memórias? Meus pensamentos? — Zane deu de ombros outra vez. — Cérebros são capazes de se reprogramar. O seu fez isso, Tally, quando você superou a perfeição. E o seu, Shay-la, se reprograma

quando se corta. — Ele levantou uma das mãos, que pairou como um pássaro trêmulo. — Controlar alguém através de alterações no cérebro é o mesmo que tentar parar um carro voador com uma trincheira. Se a pessoa se concentrar, passa voando por cima.

— Mas, Zane... — disse Tally, com os olhos ardendo. — Você está tremendo.

E não eram apenas os movimentos debilitados — eram o rosto, os olhos, a voz... Ele não era especial.

Zane olhou fixo para ela.

— Você consegue fazer de novo, Tally.

— Fazer o quê? — perguntou Tally.

— Superar o que fizeram com você. É isso que meus Crims estão fazendo, estão se reprogramando.

— Eu não *tenho* lesões.

— Tem certeza?

— Guarde esse discurso para os novos Crims toscos que você arrumou, Zane-la — disse Shay. — Não estamos aqui para falar da sua lesão cerebral. De onde vieram essas pílulas?

— Você quer saber das pílulas? — Ele sorriu. — Por que não? Você não pode nos deter. Elas vieram da Nova Fumaça.

— Valeu, gênio — falou Shay. — Mas onde ela *fica*?

Ele baixou o olhar para a mão trêmula.

— Bem que eu queria saber. A ajuda deles cairia bem agora.

Shay concordou.

— É por isso que você está ajudando os Enfumaçados? Espera ser curado por eles?

Zane balançou a cabeça.

— Isso é mais importante do que eu, Shay-la. Mas, sim, nós Crims estamos distribuindo a cura. É o que esses cinco estão fazendo agora, enquanto teoricamente estão sentados aqui. — Ele apontou para os anéis de interface. — Mas isso vai além da gente. Metade das turmas da cidade está ajudando. Já distribuímos milhares de pílulas até agora.

— *Milhares*? — exclamou Shay. — Isso é impossível, Zane! Como os Enfumaçados estão fabricando tantas pílulas assim? Até onde eu sei, eles não têm nem privadas, quanto mais laboratórios.

Ele deu de ombros.

— Pode me revistar. Mas é tarde demais para nos deter. As novas pílulas têm efeito muito rápido. Já existem mais perfeitos capazes de pensar do que você imagina.

Tally olhou para Shay. Aquilo realmente ia além de Zane. Se o que estava dizendo era verdade, não era de espantar que a cidade inteira parecesse tão mudada.

Zane esticou as mãos trêmulas com os pulsos unidos.

— Quer me prender agora?

Shay parou por um instante com as tatuagens dinâmicas pulsando no rosto e braços. Por fim, deu de ombros.

— Eu jamais prenderia você, Zane-la. Tally não deixaria. E, além disso, no momento eu realmente não me importo com as suas pílulas.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Então o que *importa* para vocês Cortadores, Shay-la?

— Outros Cortadores — respondeu Shay sem rodeios. — Seus amigos Enfumaçados sequestraram Fausto ontem à noite e a gente não gostou nada disso.

Zane arqueou a sobrancelha e lançou um olhar para Tally.

— Isso é... curioso. O que acha que vão fazer com ele?

— Experiências. Vão deixar Fausto todo trêmulo como você, provavelmente — disse Shay. — A não ser que a gente o encontre a tempo.

Zane balançou a cabeça.

— Eles não realizam experiências sem consentimento.

— Consentimento? Que parte de "ele foi sequestrado" você não entendeu, Zane-la? Esses não são mais os Enfumaçados frouxos de antigamente. Eles têm equipamentos militares e uma postura sagaz. Nós fomos emboscados com bastões de choque.

— Os Enfumaçados quase afogaram Shay — falou Tally. — Ela foi jogada inconsciente no rio.

— Inconsciente? — O sorriso no rosto de Zane cresceu. — Dormindo em serviço, Shay-la?

Shay tensionou os músculos e, por um instante, Tally imaginou que ela fosse se lançar da cama e atacar o corpo indefeso de Zane com os dentes e as unhas duros como diamantes.

Mas Shay apenas riu e desfez o gesto de ataque ao alisar o cabelo de Tally.

— Tipo isso. Mas estou bem desperta agora.

Zane deu de ombros, como se não tivesse notado que Shay estivera bem perto de rasgar sua garganta.

— Bem, eu não sei onde fica a Nova Fumaça. Não posso ajudar você.

— Sim, pode — disse Shay.

— Como?

— Você pode fugir.

— Fugir? — Zane levou os dedos à garganta, onde havia uma corrente de metal com elos de prata foscos. — Isso seria complicado, infelizmente.

Tally fechou os olhos por um momento. Então era assim que mantinham controle sobre ele. Zane não apenas era um não especial, como estava encoleirado como um cachorro. Tally mal conseguia se segurar para não correr e pular pela janela. O cheiro do quarto — as roupas recicladas, o livro mofado, a champanhe doce — a enojava.

— A gente pode arrumar algo para você cortar isso — disse Shay.

Zane balançou a cabeça.

— Duvido. Já testei na oficina, o colar é feito da mesma liga de metal usada em espaçonaves.

— Confie em mim — falou Shay. — Tally e eu podemos fazer o que bem quisermos.

Tally olhou para Shay. Cortar liga de metal espacial? Para conseguir tecnologia tão avançada, elas teriam que pedir ajuda a dra. Cable.

Zane mexeu na corrente.

— E por esse pequeno favor, você quer que eu traia a Fumaça?

— Você não faria isso pela própria liberdade, Zane. — Shay colocou as mãos nos ombros de Tally. — Mas faria por *ela*.

Tally sentiu dois pares de olhos em sua direção — os escuros, especiais e profundos de Shay e os medíocres e lacrimosos de Zane.

— O que você quer dizer? — perguntou ele devagar.

Shay ficou calada, mas Tally ouviu algumas palavras pela dermantena, transmitidas em um suspiro.

— Eles vão torná-lo especial...

Tally concordou com a cabeça e procurou o que dizer. Ele não escutaria mais ninguém além dela. Tally pigarreou.

— Zane, se você fugir, vai provar que ainda é borbulhante. E quando for capturado, vai ser transformado em um Especial. Você não sabe como é bom, como é sagaz. E nós dois poderemos ficar juntos.

— Por que não podemos ficar juntos agora? — perguntou, baixinho.

Tally sentiu nojo ao tentar se imaginar beijando aqueles lábios infantis e alisando aquelas mãos trêmulas.

Ela balançou a cabeça.

— Sinto muito... mas não do jeito que você está.

Zane disse calmamente, como se falasse com uma criança.

— Você também pode mudar, Tally...

— E *você* pode escapar, Zane — interrompeu Shay. — Fugir para o mato e ser encontrado pelos Enfumaçados. — Ela apontou para o canto do quarto. — Pode até ficar com esse saco de pílulas e deixar alguns dos seus amigos Crims borbulhantes.

Ele não parou de olhar para Tally.

— E depois traí-los?

— Você não precisa fazer nada, Zane. Vou fornecer um rastreador juntamente com a ferramenta de corte — disse Shay. — Assim que chegar à Nova Fumaça, a gente vai buscar você e a cidade irá torná-lo mais forte, veloz e perfeito. Borbulhante para sempre.

— Eu já sou borbulhante — falou Zane com frieza.

— Sim, mas não é forte, nem rápido ou perfeito, Zane-la — disse Shay. — Não é nem *medíocre*.

— Você acha mesmo que vou trair a Fumaça? — perguntou ele.

Shay apertou os ombros de Tally.

— Por ela, vai.

Zane olhou para Tally com uma expressão perdida por um momento, como se estivesse mesmo na dúvida. Então abaixou o olhar para as mãos, suspirou e concordou devagar com a cabeça.

Mas Tally percebeu claramente os pensamentos de Zane pela expressão em seu rosto: ele aceitaria a oferta e, assim que escapasse, tentaria dar um golpe. Zane realmente acreditava que conseguiria enganá-las e que resgataria Tally para devolvê-la à mediocridade.

Seus pensamentos eram tão fáceis de serem percebidos quanto as ridículas rivalidades entre os feios na Festa da Primavera. O corpo transpirava suas ideias como um medíocre suando em um dia quente.

Tally desviou o olhar.

— OK — disse ele. — Por você, Tally.

— Encontre com a gente amanhã, à meia-noite, na bifurcação do rio — falou Shay. — Os Enfumaçados vão desconfiar de fugitivos, então leve

suprimentos suficientes para uma longa espera. Mas eles eventualmente vão achar *você*, Zane.

Ele concordou com a cabeça.

— Eu sei o que fazer.

— E traga quantos amigos quiser, quanto mais, melhor. Você pode precisar de ajuda lá fora.

Ele ignorou o insulto, apenas assentiu e tentou ver os olhos de Tally. Ela desviou o olhar, mas deu um sorriso forçado.

— Você vai ser mais feliz quando for especial, Zane-la. Você não entende como é bom. — Ela flexionou as mãos e viu as tatuagens mudarem de forma. — Cada segundo é tão sagaz, tão lindo.

Shay se levantou, puxou Tally e foi até a janela com passos decididos, onde parou com um pé no peitoril.

Zane apenas olhou para Tally.

— Vamos ficar juntos em breve.

Tudo o que Tally conseguiu fazer foi concordar com a cabeça.

— Você estava certa. Foi horrível.

— Pobre Tally-wa... — Shay se aproximou montada na prancha. Lá embaixo, o reflexo da lua seguia as duas pela água, distorcido pela correnteza. — Eu sinto muito mesmo.

— Por que ele parece tão diferente, como se não fosse a mesma pessoa?

— *Você* não é a mesma pessoa, Tally. É especial agora, e ele é apenas medíocre.

Tally balançou a cabeça e tentou se lembrar de Zane na época em que eram perfeitos. Ele era borbulhante, seu rosto ficava iluminado ao falar, e isso a animava e fazia com que quisesse tocá-lo... Mesmo quando ele enchia o saco, nunca houve nada *medíocre* sobre Zane. Mas naquele dia teve a impressão de que faltava algo essencial, parecia champanhe sem bolhas.

Havia uma tela dividindo seu cérebro: entre o jeito como se lembrava de Zane e a maneira como o enxergava agora, duas imagens em conflito. Os minutos intermináveis que passou com ele deixaram a sensação de que sua cabeça ia quebrar em duas partes.

— Eu não quero isso — falou baixinho. Sentia um incômodo no estômago e os olhos perfeitos tinham uma visão detalhada demais do luar brilhante sobre a água. — Não quero ser assim.

Shay manobrou a prancha de lado, cruzou o caminho de Tally e parou de repente, perigosamente. Tally recuou e as duas pranchas guincharam como motosserras ao pararem a poucos centímetros uma da outra.

— Assim como? Chata? *Ridícula*? — gritou Shay com a voz agressiva e cortante. — Tentei lhe avisar para não ir!

O coração de Tally disparou com a quase colisão e ela foi tomada pela raiva.

— Você *sabia* que ver Zane me deixaria assim!

— Você acha que eu sei tudo? — falou Shay com frieza. — Não sou eu que estou apaixonada. Não me apaixono desde que você roubou David de mim. Mas achei que o amor fosse fazer a diferença. Bem, Tally-wa, o amor tornou Zane *especial* para você?

Tally hesitou e sentiu um nó no estômago. Olhou para a água escura com vontade de vomitar. Tentou ficar sagaz, se lembrar de como Zane a fizera se sentir na época em que era perfeita.

— O que a dra. Cable fez conosco, Shay? Será que temos uma espécie de lesão especial nos cérebros? Algo que faz com que todos os demais pareçam ridículos, como se a gente fosse melhor do que eles?

— Nós *somos* melhores do que eles, Tally-wa! — Os olhos de Shay brilhavam como moedas, refletindo as luzes da Nova Perfeição. — A operação deixou nossa mente aguçada para perceber isso. Todo mundo parece confuso e digno de pena porque é assim que a maioria das pessoas *é*.

— Não Zane — disse Tally. — Ele nunca foi digno de pena.

— Ele também mudou, Tally-wa.

— Mas a culpa não é dele... — Tally virou o rosto. — Eu não quero *ver* as coisas desse jeito! Não quero sentir nojo de quem não for da nossa turma, Shay!

Shay sorriu.

— Você preferia ser feliz e cheia de amor como uma tola sem noção? Ou viver como uma Enfumaçada cagando em buracos, comendo coelhos mortos e se sentindo a maioral por conta disso? Que parte de ser especial você não gosta?

Tally recolheu os dedos em posição de combate.

— Eu não gosto da parte em que Zane parece *errado* aos meus olhos.

— Você acha que ele parece direito para *alguém*, Tally? O cérebro está todo ferrado!

Tally sentiu vontade de chorar, mas não saíram lágrimas dos olhos. Ela nunca tinha visto um Especial chorar e nem sabia se era possível.

— Só me responda uma coisa: tem algo na minha mente fazendo Zane parecer errado? O que a Cable fez com a gente?

Shay soltou um suspiro de frustração.

— Tally, em qualquer conflito, os dois lados mexem com a cabeça das pessoas. Mas pelo menos o nosso lado está certo. A cidade cria os perfeitos do jeito que são para que sejam felizes e deixem o planeta em paz. Nós fomos transformadas em Especiais para enxergar o mundo de uma maneira tão perfeita que sua beleza quase *dói* e, assim sendo, para não deixarmos que a humanidade o destrua novamente. — Shay se aproximou e colocou as mãos nos ombros de Tally. — Mas os Enfumaçados são

amadores. Eles realizam experiências e transformam as pessoas em aberrações como Zane.

— Ele não é uma... — começou Tally, mas não conseguiu concluir. A parte que desprezava a fraqueza de Zane era muito forte. Tally não podia negar que sentia nojo, como se ele fosse uma coisa que não merecesse viver.

Mas a culpa não era de Zane. Era da dra. Cable, por não tê-lo transformado em um Especial. Por seguir as próprias regras estúpidas.

— Fique sagaz — falou Shay, baixinho.

Tally respirou fundo e tentou controlar a raiva e a frustração. Ampliou o alcance dos sentidos até que conseguiu ouvir o vento assobiando através das folhas de pinheiro. Sentiu os aromas vindo da água, a alga na superfície, os antigos minerais lá embaixo. Os batimentos cardíacos diminuíram um pouco.

— Fala para mim, Tally: tem certeza de que ama mesmo Zane, e não apenas alguma memória que sobrou dele?

Tally hesitou e fechou os olhos. Por dentro, as imagens de Zane ainda lutavam uma com a outra. Ela estava presa entre as duas e a mente não conseguia atingir a lucidez.

— Eu sinto nojo ao olhar para ele — sussurrou. — Mas sei que isso não é certo. Eu quero voltar a ter o mesmo sentimento de antes.

Shay abaixou o tom de voz.

— Então ouça, Tally. Eu tenho um plano, um jeito de arrancar aquele colar.

Tally abriu os olhos novamente e cerrou os dentes ao pensar no colar em volta do pescoço de Zane.

— Faço qualquer coisa, Shay.

— Mas tem que parecer que Zane escapou por conta própria, senão a Cable não vai aceitá-lo. Isso significa que temos que armar um truque que engane a Circunstâncias Especiais.

Tally engoliu em seco.

— E a gente pode mesmo fazer isso?

— Você quer dizer se nossos cérebros vão permitir? — falou Shay com desdém. — Claro. Não somos perfeitas. Mas vamos arriscar tudo o que temos, entendeu?

— Você faria isso por Zane?

— Faço por você, Tally-wa. — Shay sorriu e os olhos brilharam. — E porque vai ser divertido. Mas preciso que você esteja totalmente sagaz.

Ela sacou a faca.

Tally fechou os olhos novamente e assentiu. Precisava *tanto* de lucidez. Ela esticou a mão para pegar a lâmina da faca de Shay.

— Espera, não com a mão...

Mas Tally apertou com força e enfiou o gume na carne. Os nervos delicados e bem-calibrados da palma, cem vezes mais sensíveis do que os de qualquer medíocre, foram rompidos e ela gritou de dor. E ouviu o próprio berro.

O momento especial trouxe uma lucidez avassaladora e Tally finalmente desembaralhou as ideias. Por dentro, havia elementos permanentes, coisas que continuavam inalteradas fosse ela uma feia, perfeita ou especial — e o amor era um desses elementos. Desejava estar junto de Zane novamente, sentindo tudo o que sentiu por ele antes, porém ampliado mil vezes pelos novos sentidos. Queria que Zane soubesse como era ser um Especial e ver o mundo com aquela lucidez sagaz.

— OK. — A respiração era difícil. Ela abriu os olhos. — Estou com você.

O rosto de Shay ficou radiante.

— Boa garota. Mas o tradicional é cortar os braços.

Tally abriu a mão e quando a pele da palma se soltou da faca, provocou uma nova onda de dor. Ela respirou fundo.

— Eu sei que dói, Tally-wa. — Shay estava sussurrando e olhando fascinada para a lâmina suja de sangue. — Também fiquei com nojo ao ver Zane daquele jeito. Não sabia que ele estaria tão ferrado, *honestamente*. — A prancha se aproximou e Shay colocou a mão com delicadeza sobre a palma ferida de Tally. — Mas não vou permitir que isso acabe com você, Tally-wa. Não quero que fique sentimental e medíocre. A gente vai tornar Zane um de nós e salvar a cidade também. Vamos dar um jeito em tudo. — Ela retirou o kit de primeiros socorros do bolso do traje de camuflagem. — Assim como vou dar um jeito em você agora.

— Mas ele não vai entregar os Enfumaçados.

— Não vai ser necessário. — Shay passou um spray na ferida e a dor rapidamente virou um leve formigamento. — Ele só precisa provar que está borbulhante e nós cuidamos do resto: recuperar Zane e Fausto, e depois capturar o David e o resto dos Enfumaçados. É a única maneira de

parar o que está acontecendo. Como Zane disse, prender um bando de perfeitos não vai adiantar. Temos que cortar o mal pela raiz: precisamos encontrar a Nova Fumaça.

— Eu sei. — Tally concordou com a cabeça, a mente ainda sagaz. — Mas Zane está tão ferrado que os Enfumaçados vão sacar que nós o *deixamos* escapar. Vão examinar tudo o que ele estiver levando, escanear cada osso do corpo.

Shay sorriu.

— Claro que vão, mas ele estará limpo.

— Então como vamos rastreá-lo? — perguntou Tally.

— Da maneira tradicional. — Ela deu meia-volta com a prancha e puxou Tally pela mão ilesa. As duas subiram e as hélices entraram em ação enquanto Shay conduzia Tally cada vez mais alto, até que a cidade se mostrasse espalhada ao redor como uma grande tigela de luz cercada pela escuridão.

Tally olhou para a mão. A dor foi reduzida a um pulsar fraco que acompanhava os batimentos cardíacos. Congelado pelo spray, o sangue virou um pozinho que caiu enquanto elas subiam. A ferida já tinha fechado e deixou apenas um trecho de pele levantada como vestígio. A cicatriz cortava as tatuagens dinâmicas, quebrando os circuitos epidérmicos responsáveis por seus movimentos. A palma parecia a tela de um computador depois de um defeito de hardware, cheia de linhas que piscavam.

Mas a mente continuava lúcida. Ela flexionou os dedos, o que provocou pontadas de dor ao longo do braço.

— Está vendo a escuridão lá longe, Tally-wa? — Ela apontou para o limite mais próximo da cidade. — Aquele território é *nosso*, e não dos medíocres. Nós fomos feitas para viver no mato e vamos seguir Zane-la e seus companheiros a cada passo.

— Mas achei que você tinha dito...

— Não com equipamento *eletrônico*, Tally-wa. Vamos usar a visão, a audição e a natureza. — Os olhos brilharam. — Como os Pré-Enferrujados costumavam fazer.

Tally olhou para a escuridão que marcava o território fora da cidade depois da luz laranja das fábricas.

— Pré-Enferrujados? Você quer dizer que vamos procurar por *gravetos quebrados* e coisas assim? Pessoas que andam em pranchas voadoras não

deixam muitas pegadas, Shay-la.

— Verdade. Mas os Enfumaçados não vão suspeitar que estão sendo seguidos porque ninguém usa essas técnicas há pelo menos trezentos anos. — Shay arregalou os olhos. — Mas eu e você conseguimos sentir o cheiro de um humano sem banho a um quilômetro e uma fogueira apagada a dez quilômetros. Nós enxergamos no escuro e temos uma audição superior à dos morcegos. — O traje de camuflagem ficou da cor da noite. — Podemos ficar invisíveis e andar sem fazer barulho. Imagine só, Tally-wa.

Devagar, Tally concordou com a cabeça. Os Enfumaçados jamais imaginariam que alguém estivesse observando da escuridão, escutando cada passo, sentindo o cheiro de cada fogueira e refeição quimicamente preparada.

— E com a gente por perto, Zane estará bem, mesmo se ficar perdido ou ferido — disse Tally.

— Exatamente. E assim que a gente encontrar a Nova Fumaça, vocês dois podem ficar juntos.

— Tem certeza que a dra. Cable vai transformar Zane em especial?

Shay se afastou de Tally e riu enquanto a prancha descia.

— Depois do que planejei, ela provavelmente vai dar o *meu* emprego para ele.

Tally olhou para a mão, que ainda formigava, e então tocou a bochecha de Shay.

— Obrigada.

Shay balançou a cabeça.

— Não é preciso agradecer, Tally-wa. Não depois da maneira como ficou no quarto de Zane. Eu odeio ver você sofrendo daquela forma. Não é especial.

— Desculpe, chefe.

Ela riu e puxou Tally outra vez para longe do rio, em direção à zona industrial. Desceu para uma altitude normal de voo.

— Você não me abandonou ontem à noite, Tally-wa, como disse. Então não vamos fazer a mesma coisa com Zane.

— E também vamos recuperar Fausto — acrescentou Tally.

Shay virou-se para ela e deu um meio sorriso.

— Ah, isso mesmo, não podemos nos esquecer do pobre Fausto. E daquele outro pequeno bônus... o que é mesmo?

Tally respirou fundo.

— O fim da Nova Fumaça.

— Boa garota. Mais alguma pergunta?

— Sim, uma: onde vamos encontrar algo que corte liga espacial?

Shay fez um círculo completo com a prancha e colocou um dedo na frente dos lábios.

— Em um lugar *muito* especial, Tally-wa — sussurrou. — Venha comigo e vai entender tudo.

O ARSENAL

— Você não estava brincando quando disse que seria perigoso, não é, chefe?

— Já quer desistir, Tally-wa? — disse Shay, rindo.

— Nem pensar — sussurrou Tally. O corte a deixara ansiosa, cheia de energia que precisava ser gasta.

— Boa garota. — Shay sorriu para Tally, detrás da grama alta. As dermantenas estavam desligadas para que não houvesse registros de que haviam estado ali. Com isso, a voz de Shay soava fraca e distante. — Zane vai ganhar uma reputação megaborbulhante se pensarem que ele armou um truque como este.

— Com certeza — sussurrou Tally enquanto olhava para o prédio impressionante à frente.

Quando era criança, os feios mais velhos às vezes brincavam sobre invadir o Arsenal. Mas ninguém era estúpido o bastante para tentar de verdade. Ela se lembrava dos rumores. O Arsenal armazenava todos os equipamentos registrados que a cidade possuía: armas e veículos blindados, apetrechos de espionagem, tecnologias e ferramentas antigas, e até mesmo armamento estratégico capaz de destruir cidades. Só algumas pessoas selecionadas tinham acesso ao interior do Arsenal; as proteções eram praticamente todas automatizadas.

O prédio escuro não tinha janelas e era cercado por uma vasta área com luzes vermelhas piscando, para indicar que ali o voo era proibido. Havia sensores espalhados pelo terreno e quatro canhões automatizados nos cantos do Arsenal. Eram defesas respeitáveis caso ocorresse uma guerra impensável entre as cidades.

O lugar não fora projetado para desestimular os invasores, e sim para matá-los.

— Pronta para se divertir, Tally-wa?

Tally olhou para a expressão empolgada de Shay e sentiu o coração bater mais forte.

— Sempre, chefe — disse, alongando a mão machucada.

Elas voltaram de mansinho pela grama até as pranchas voadoras, que estavam escondidas atrás de uma gigantesca fábrica automatizada. Ao subir no telhado, Tally puxou o zíper do traje de camuflagem e sentiu as escamas ganharem vida. Os braços ficaram escuros e meio borrados quando o traje formou uma superfície capaz de defletir radares.

Tally franziu a testa.

— Eles vão saber que quem invadiu o Arsenal tinha trajes de camuflagem, não?

— Eu já contei para a dra. Cable que os Enfumaçados estavam invisíveis aos nossos olhos. Então é possível que tenham emprestado alguns brinquedos para os Crims. — Shay deu um sorriso malicioso, puxou o capuz sobre a cabeça e virou uma silhueta sem rosto. Tally fez o mesmo.

— Pronta para detonar? — perguntou Shay ao colocar as luvas com a voz alterada pela máscara. Ela parecia uma mancha em forma de gente contra o horizonte, com o contorno borrado pela disposição aleatória das escamas.

Tally engoliu em seco. O capuz sobre a boca deixou o hálito quente contra o rosto, como se estivesse sufocando.

— Estou pronta. Quando quiser, chefe.

Shay estalou os dedos e Tally se agachou, contando dez longos segundos na mente. As pranchas começaram a zumbir ao acumular energia magnética, enquanto as hélices giravam um pouco abaixo da velocidade de decolagem...

Ao chegar ao *dez*, a prancha pulou no ar e pressionou Tally contra a superfície. As hélices rangeram ao máximo e desenharam um arco no céu como um fogo de artifício até o Arsenal. Alguns segundos depois, as hélices pararam e Tally se viu planando em silêncio no céu escuro, novamente tomada pela empolgação.

Ela sabia que o plano era estúpido, mas o perigo deixou sua mente sagaz. E, em breve, Zane também poderia se sentir assim...

No meio do caminho, Tally agarrou a prancha junto ao corpo para escondê-la sob a proteção antirradar do traje. Olhou para trás e viu que ela e Shay estavam planando sobre a área de voo proibido, em uma altitude suficiente para escapar dos sensores de movimento no solo. Nenhum alarme soou quando ultrapassaram o perímetro. Elas caíram silenciosamente em direção ao telhado do Arsenal.

Talvez a invasão não fosse tão difícil. Havia dois séculos desde o último conflito sério entre as cidades e ninguém acreditava que a humanidade fosse entrar em guerra outra vez. Além disso, as defesas automatizadas do Arsenal haviam sido projetadas para repelir um grande ataque, e não um par de ladrões tentando afanar uma ferramenta.

Ela sentiu outro sorriso surgir no rosto. Aquela era a primeira vez que os Cortadores armavam um truque para cima da própria cidade. Era como em seus tempos de feia.

O telhado se aproximou rapidamente e Tally segurou a prancha sobre a cabeça, pendurando-se como se fosse um paraquedas. Poucos segundos antes que atingisse o telhado, as hélices ganharam vida e pararam a prancha. Tally pousou suavemente, tão fácil como descer da calçada.

A prancha se desligou e ficou quieta. Tally a colocou com cuidado sobre o telhado. Elas não podiam fazer nenhum barulho agora, a comunicação estava restrita à linguagem de sinais e ao contato entre os trajes.

A alguns metros à frente, Shay fez sinal com os polegares para cima.

Com passos leves e cautelosos, as duas avançaram até as portas no meio do telhado, por onde entravam e saíam os carros voadores. Tally reparou a divisão no meio onde a passagem se abria.

Ela e Shay tocaram as pontas dos dedos para deixar o sussurro ser transmitido pelos trajes.

— Podemos cortar a porta?

Shay balançou a cabeça.

— O prédio inteiro é feito de liga de metal espacial, Tally. Se pudéssemos cortá-lo, já teríamos libertado Zane.

Tally vasculhou o telhado, mas não viu sinal de portas de acesso.

— Acho que vamos seguir o seu plano, então.

Shay sacou a faca.

— Abaixe.

Tally deitou no telhado e sentiu as escamas mudando para copiar a textura. Shay atirou a faca com força e também foi para o chão. Ela passou pela beirada do prédio, girando na escuridão em direção à grama cheia de sensores de movimento.

Segundos depois, soaram alarmes estrondosos de todas as direções. A superfície de metal tremeu sob as duas, enquanto as portas se abriram com

um gemido fraco. Saiu um furacão de poeira e terra da abertura e, do meio dele, surgiu uma máquina monstruosa.

Era um pouco maior do que um par de pranchas voadoras juntas, mas a máquina dava a impressão de ser pesada, pois quatro hélices gritavam pelo esforço de fazê-la voar. Assim que surgiu, ela pareceu crescer. Tremeu e abriu asas e garras com movimentos estranhos, como o nascer de um enorme inseto de metal. O corpo inchado estava coberto de armas e sensores.

Tally estava acostumada com robôs, havia modelos responsáveis pela limpeza e jardinagem por toda parte da Nova Perfeição, mas pareciam brinquedos inofensivos. Tudo a respeito do mecanismo acima dela — os movimentos súbitos, a blindagem preta, o grito cortante das hélices — parecia inumano, perigoso e cruel.

Durante um momento de tensão, a máquina pairou e Tally imaginou que tivesse sido vista, mas então as hélices viraram e o veículo disparou na direção para onde Shay havia atirado a faca.

Tally virou a tempo de ver Shay rolando pela porta de acesso dos carros voadores que ainda estava aberta. Ela seguiu e entrou na escuridão assim que a passagem começou a se fechar...

E se viu caindo por um fosso sem luz. A visão infravermelha só conseguiu transformar a escuridão em uma massa incompreensível de formas e cores que passavam voando.

Tally arrastou pés e mãos contra a parede de metal liso tentando atenuar a queda, mas deslizou até que a ponta do tênis de solado aderente prendeu em uma fenda, fazendo-a parar subitamente.

Ao procurar por um apoio para as mãos, Tally não encontrou nada além de metal liso. Ela estava caindo de costas, a ponta do pé perdendo o equilíbrio...

Mas o fosso não era tão largo quanto a altura de Tally. Ela jogou os braços para cima e esticou os dedos assim que as mãos alcançaram a parede oposta. O atrito das luvas de alpinismo fez o corpo parar virado para cima com os músculos esticados.

Com as costas arqueadas, o corpo estava sendo dobrado pelo fosso como uma carta de baralho entre dois dedos. A palma ferida latejava devido ao impacto.

Ela virou a cabeça para tentar ver onde Shay tinha caído.

Não havia nada além de escuridão lá embaixo. O fosso cheirava a ar viciado e corrosão.

Tally fez um esforço para enxergar melhor. Shay tinha que estar próxima, afinal o fosso não podia descer *eternamente*, e ela não tinha ouvido nada atingir o fundo. Mas era impossível calcular a distância, pois tudo ao redor era uma massa sem sentido de formas infravermelhas.

Sua coluna vertebral parecia um osso de galinha prestes a estalar...

De repente, dedos tocaram suas costas.

— Calma. — O sussurro de Shay foi transmitido pelo contato entre os trajes. — Você está fazendo *barulho*.

Tally suspirou. Shay estava logo abaixo dela na escuridão, invisível no traje de camuflagem.

— Foi mal — sussurrou de volta.

A mão se afastou por um segundo e então o toque retornou.

— OK. Estou firme. Pode se soltar.

Tally hesitou.

— Vamos *logo*, medrosa. Eu pego você.

Tally respirou fundo, fechou os olhos com força e se soltou. Após um instante de queda livre, ela parou nos braços de Shay.

Shay riu.

— Você está *pesada*, Tally-wa.

— Onde você está apoiada, afinal? Eu não vejo nada aqui embaixo.

— Tente fazer isso. — Shay enviou uma projeção através do contato entre os trajes e tudo mudou ao redor de Tally, as frequências infravermelhas foram recalibradas diante de seus olhos. Aos poucos as silhuetas brilhantes começaram a fazer sentido.

O fosso era coberto por naves voadoras estacionadas em baias, os contornos repletos de garras como naquela que haviam visto no telhado. Havia dezenas em vários formatos e tamanhos, um enxame de máquinas mortíferas. Tally imaginou todas despertando ao mesmo tempo para fazê-la em pedaços.

Ela apoiou um pé hesitante em uma das naves e então saiu dos braços de Shay, agarrando o cano do canhão automático do veículo.

Shay tocou seu ombro, sussurrando:

— Que tal todo esse poder de fogo? Sagaz, hein?

— É, uma beleza. Só espero que a gente não acorde essas naves.

— Bem, nossa visão infravermelha está ligada no máximo e mesmo assim está difícil de enxergar, então tudo deve estar muito frio. Tem até *ferrugem* em algumas delas. — Tally notou a silhueta da cabeça de Shay virada para cima contra o cenário confuso. — Mas aquela lá fora está bem desperta. Temos que sair daqui antes que volte.

— OK, chefe. Qual o caminho?

— Não é para baixo. A gente precisa ficar perto das pranchas. — Shay ergueu o corpo e agarrou em armas, trens de pouso e aerofólios como se estivesse em um aparelho de escalada de um ginásio.

Para cima era um bom caminho para Tally e agora que podia enxergar, as formas protuberantes das naves voadoras dormentes tornavam fácil a escalada. Porém, dava nervoso buscar apoio nos canos das armas. Era como se estivesse entrando no corpo de um predador adormecido pela boca cheia de presas. Qualquer rasgo no traje, por menor que fosse, deixaria para trás células da pele que, como uma impressão digital, revelariam sua identidade.

A meio caminho do topo, Shay tocou no ombro de Tally.

— Escotilha de acesso.

Tally ouviu um *catchum* de metal e uma luz ofuscante encheu o fosso, iluminando duas naves voadoras. Sob a luz pareciam menos ameaçadoras. Estavam empoeiradas e mal conservadas, como predadores empalhados em algum velho museu de história natural.

Shay passou pela escotilha seguida por Tally, que caiu em um corredor apertado. A visão se ajustou à iluminação laranja no teto, enquanto o traje se alterou para combinar com o tom claro das paredes.

O corredor era um pouco mais largo que os ombros de Tally, mas estreito demais para seres humanos. O chão estava coberto por códigos de barras que serviam como indicadores de navegação para máquinas. Ela se perguntou que dispositivos cruéis patrulhavam aqueles corredores à procura de intrusos.

Shay começou a avançar e fez sinal com o indicador para que Tally a seguisse.

O corredor logo deu em um saguão *enorme*, maior do que um campo de futebol, repleto de veículos imóveis e altos como dinossauros congelados. As rodas eram tão grandes quanto Tally, os guindastes curvados tocavam no teto alto. Garras hidráulicas e serras gigantes refletiam a fraca luz laranja das lâmpadas.

Ela se perguntou por que a cidade mantinha um bando de equipamentos de construção dos Enferrujados. Aquelas máquinas velhas só serviriam para construir fora da malha magnética da cidade, onde suportes e guindastes flutuantes não funcionariam. As garras e pás de remover terra ao redor de Tally eram ferramentas para atacar a natureza, e não de manutenção da cidade.

Não havia portas, mas Shay apontou para uma coluna de degraus de metal embutidos na parede. Era uma escada que dava para cima ou para baixo.

No andar de cima, elas chegaram a uma sala pequena e entulhada. Havia prateleiras do chão ao teto com uma variedade de equipamentos: respiradores para mergulho, óculos de visão noturna, extintores e coletes à prova de bala... juntamente com uma série de coisas que Tally não reconheceu.

Shay já estava vasculhando o equipamento, guardando objetos nos bolsos do traje de camuflagem. Ela se virou e jogou algo para Tally. Parecia uma máscara de Halloween com grandes olhos saltados e um nariz parecido com a tromba de um elefante. Tally apertou os olhos para ler a minúscula etiqueta amarrada na máscara:

APROX. SÉC. XXI

Ela ficou intrigada com as palavras por um instante e então se lembrou do antigo sistema de datas. A máscara era do século XXI dos enferrujados, há um pouco mais de trezentos anos.

Aquela parte do Arsenal não era um depósito, e sim um museu.

Mas o que *seria* aquilo? Ela virou a etiqueta.

MÁSCARA DE GUERRA BIOLÓGICA, USADA.

Guerra biológica? *Usada*? Tally rapidamente soltou a máscara na prateleira atrás dela e viu que Shay estava observando, os ombros do traje se sacudiam.

Muito engraçado, Shay-la, pensou.

Guerra biológica tinha sido uma das ideias mais brilhantes dos Enferrujados: criar bactérias e vírus para matar uns aos outros. Era uma das armas mais estúpidas que alguém poderia projetar, porque assim que os micro-organismos acabavam com os inimigos, eles geralmente iam atrás de quem os soltara. Na verdade, toda a cultura Enferrujada acabou graças a uma bactéria artificial que se alimentava de petróleo.

Tally torceu para que a pessoa que administrava o museu não tivesse deixado à solta nenhum micro-organismo capaz de acabar com a civilização.

Ela atravessou a sala, tocou no ombro de Shay e sussurrou

— Engraçadinha.

— É, você devia ter visto o seu rosto. Na verdade, eu devia ter visto. Droga de trajes de camuflagem.

— Encontrou alguma coisa?

Shay levantou um objeto reluzente de formato tubular.

— Isso deve servir. A etiqueta diz que funciona. — Ela o guardou em um dos bolsos do traje.

— E então para que servem essas outras coisas?

— Para despistar. Se a gente roubar apenas uma coisa, eles vão sacar o nosso objetivo.

— Ah — sussurrou Tally. Shay podia estar fazendo brincadeiras idiotas, mas ainda estava com a mente sagaz.

— Leve estes aqui. — Shay empurrou vários objetos para Tally e voltou a examinar as prateleiras.

Tally olhou para a bagunça, imaginando se algo ali estaria infectado com bactérias que se alimentavam dela, e pegou alguns objetos que cabiam nos bolsos do traje.

O maior deles parecia ser uma espécie de rifle de cano grosso e mira telescópica. Tally olhou pela lente e viu a silhueta de Shay em miniatura, com uma cruz indicando onde as balas acertariam caso puxasse o gatilho. Ela sentiu um momento de revolta. A arma fora projetada para transformar qualquer pessoa em uma máquina de matar. A vida e a morte eram sérias demais para serem colocadas nas mãos de um medíocre qualquer.

Seus nervos estavam à flor da pele. Shay já tinha encontrado o que precisavam. Era hora de sair dali.

Então Tally percebeu o motivo do nervosismo. Ela sentiu o cheiro de algo humano pelo filtro do traje. Deu um passo em direção a Shay...

As lâmpadas começaram a piscar, uma luz branca intensa tomou o lugar do brilho laranja e passos ecoaram pelos degraus da escada de mão. Alguém estava subindo para o museu.

Shay se abaixou, rolou para dentro da prateleira mais próxima e ficou em cima da pilha de equipamentos. Tally procurou freneticamente um

esconderijo, então se enfiou em um canto entre duas prateleiras com o rifle escondido atrás de si. As escamas do traje de camuflagem ondulavam ao tentar se ajustar às sombras.

Do outro lado da sala, o traje de Shay disfarçou sua silhueta criando uma forma irregular. Quando as lâmpadas pararam de piscar, ela estava quase invisível.

Mas Tally, não. Ela olhou para si mesma. Os trajes foram projetados para camuflagem em cenários complexos como selvas, florestas e cidades devastadas, não em cantos de salas bem-iluminadas.

Porém, era tarde demais para procurar outro lugar.

Um homem estava surgindo da escada.

FUGA

Ele não era muito assustador.

O homem parecia ser um perfeito de meia-idade normal, com o mesmo cabelo grisalho e mãos enrugadas dos bisavós de Tally. O rosto mostrava os sinais característicos de tratamentos antivelhice: pele enrugada ao redor dos olhos e mãos cheias de veias.

Mas ele não passava a impressão de ser calmo ou sábio, do jeito que os coroas pareciam antes de Tally virar uma Especial — parecia apenas ser velho. Ela percebeu que poderia deixá-lo inconsciente sem remorsos, se fosse necessário.

O que dava mais nervoso eram as três pequenas câmeras flutuantes acima da cabeça do coroa. Elas o seguiram quando passou por Tally sem vê-la, a caminho de uma das prateleiras. O coroa fez um gesto para pegar algo embaixo e as câmeras se aproximaram pelo ar, como uma plateia atenta aos movimentos de um mágico, sempre mantendo as mãos em foco. Ele ignorou as câmeras, como se estivesse acostumado com a atenção.

É claro, pensou Tally. As câmeras flutuantes faziam parte do sistema de segurança do prédio, mas não estavam procurando por intrusos, e sim vigiando os funcionários para ter certeza de que ninguém roubaria as velhas armas terríveis armazenadas ali. Elas flutuavam gentilmente em volta da cabeça do coroa e observavam tudo o que esse historiador — ou curador do museu, ou seja lá o que fosse — fazia dentro no Arsenal.

Tally relaxou um pouco. Algum cientista coroa sob vigilância era menos ameaçador que o esquadrão de Especiais que ela estava esperando.

Tally ficou um pouco revoltada com o cuidado e a delicadeza do coroa ao manusear os objetos, como se ele os visse como valiosos objetos de arte em vez de máquinas de matar.

Então o coroa parou de repente com a testa franzida. Ele verificou um caderno na mão e começou a vasculhar os objetos um por um...

O coroa havia percebido que algo sumira.

Tally imaginou se seria o rifle que cutucava suas costas. Mas não podia ser: Shay tinha retirado a arma do outro lado do museu.

Então o coroa pegou a máscara de guerra biológica. Tally engoliu em seco, pois tinha colocado de volta no lugar errado.

Os olhos do coroa vasculharam a sala devagar.

De alguma forma, ele não viu Tally enfiada no canto. O traje deve ter camuflado a silhueta com as sombras na parede, como um inseto contra um galho de árvore.

Ele levou a máscara até onde Shay estava escondida e parou com os joelhos a centímetros do rosto dela. Tally tinha certeza de que o coroa notaria todos os objetos que ela pegara, mas assim que devolveu a máscara ao lugar certo, o velho concordou com a cabeça e deu meia-volta com uma expressão satisfeita no rosto.

Tally respirou devagar e aliviada.

Então viu a câmera olhando para ela.

A câmera continuava flutuando acima da cabeça do coroa, mas as pequenas lentes tinham parado de observá-lo. Ou Tally estava vendo coisas ou as lentes estavam apontadas diretamente para ela, enquanto ajustavam o foco lentamente.

O coroa voltou para o ponto de partida, mas a câmera continuou onde estava, sem interesse nele. Flutuou para a frente e para trás ao se aproximar de Tally como um beija-flor desconfiado de uma flor. O velho não notou a dança nervosa da câmera, mas o coração de Tally disparou. Ela ficou com a visão turva ao segurar a respiração com dificuldade.

A câmera voou ainda mais perto e, atrás dela, Tally notou a forma de Shay se alterando. Ela também havia notado a pequena câmera flutuante. As coisas estavam prestes a ficar complicadas.

A câmera encarou Tally, ainda indecisa. Será que era inteligente o suficiente para reconhecer um traje de camuflagem? Ou desconsideraria o que vira, como uma mancha na lente?

Aparentemente, Shay não ia esperar para descobrir. O traje trocou a camuflagem pela armadura preta. Ela saiu silenciosamente para o espaço aberto, apontou para a câmera e passou o dedo pela garganta.

Tally sabia o que precisava fazer.

Em um único movimento, ela tirou o rifle das costas e acertou a câmera com um estalo. O aparelho voou pelo museu e passou pela cabeça do coroa espantado. Caiu no chão depois de atingir uma parede.

Instantaneamente, um alarme estridente soou pela sala.

Shay entrou em ação e correu até a escada. Tally saiu do canto e a seguiu, ignorando os gritos do coroa surpreso. Mas assim que Shay pulou para a escada, uma cobertura de metal se fechou ao redor dos degraus. Ela quicou de volta com um estrondo seco e o traje mudou de cor várias vezes por causa do impacto.

Tally vasculhou o museu com o olhar. Não havia outra saída.

Uma das duas câmeras flutuantes restantes voou em direção ao seu rosto, e ela a destruiu com outro golpe da coronha do rifle. Tally tentou acertar a outra, mas a câmera disparou para um canto do teto como uma mosca nervosa tentando não ser esmagada.

— O que vocês estão *fazendo* aqui? — gritou o coroa.

Shay o ignorou e gesticulou para a câmera restante.

— Destrua essa coisa! — ordenou com a voz distorcida pela máscara do traje. Deu meia-volta para as prateleiras e remexeu nos objetos o mais rápido possível.

Tally pegou o objeto mais pesado que conseguiu encontrar — uma espécie de martelo hidráulico — e mirou. A câmera se mexia para a frente e para trás em pânico, focalizava a lente aqui e ali para tentar seguir os movimentos das invasoras. Tally tomou fôlego e observou o padrão dos movimentos por um momento para fazer cálculos rápidos...

Assim que a lente se virou outra vez para Shay, Tally atirou.

Ao ser acertada bem no meio pelo martelo, a câmera caiu no chão como um pássaro agonizante. O coroa pulou para longe, como se uma câmera flutuante ferida fosse a coisa mais perigosa naquele museu de horrores.

— Cuidado! — gritou ele. — Vocês não sabem onde estão? Este lugar é *mortal*!

— Não brinca — disse Tally ao olhar para o rifle. Será que era poderoso o suficiente para penetrar em metal? Ela mirou a cobertura da escada, se preparou e puxou o gatilho...

E ouviu o som de um clique.

Avoada, pensou Tally. Ninguém mantinha armas *carregadas* em um museu. Imaginou quanto tempo levaria para a escada reabrir e revelar uma das máquinas cruéis do fosso, completamente desperta e pronta para matar. Shay se ajoelhou no meio do museu com uma pequena garrafa de cerâmica nas mãos. Ela colocou no chão, pegou o rifle das mãos de Tally e o ergueu sobre a cabeça.

— *Não!* — gritou o coroa ao ver o rifle descer e atingir a garrafa com uma pancada seca. Shay ergueu a arma para dar outro golpe.

— O que deu em você? — berrou o coroa. — Por acaso sabe o que é isso?

— Na verdade sei — disse Shay. Tally notou o deboche na voz. A garrafa estava emitindo um bipe, enquanto uma pequena luz de aviso piscava sem parar.

O coroa deu meia-volta e começou a subir pelas prateleiras atrás dele, afastando as armas antigas para abrir espaço para as mãos.

Tally virou para Shay e se lembrou de não dizer o nome dela em voz alta.

— Por que o cara está subindo pelas paredes?

Shay não respondeu, mas, no próximo golpe do rifle, Tally obteve sua resposta.

A garrafa quebrou e deixou sair um líquido prateado que se espalhou pelo chão formando vários filetes, como se fosse uma aranha de cem pernas se espreguiçando após uma longa soneca.

Shay pulou para fugir do líquido e Tally deu alguns passos para trás, sem conseguir tirar os olhos da visão impressionante.

O coroa olhou para baixo e soltou um gemido horrível.

— Por que você soltou isso? Perdeu o juízo?

O líquido começou a borbulhar e o cheiro de plástico queimado tomou conta do museu.

O alarme mudou de tom e uma porta se abriu em um canto da sala para liberar duas naves voadoras. Shay pulou na direção delas e golpeou uma com a coronha do rifle, mandando-a para a parede. A segunda deu a volta por ela e soltou um jato de espuma preta no líquido prateado.

O próximo golpe de Shay interrompeu o jato de espuma. Ela pulou por cima da aranha de prata no chão que não parava de crescer.

— Fique a postos para pular.

— Pular para *onde*?

— Para baixo.

Tally olhou para o chão outra vez e viu que o líquido derramado estava *afundando*. A aranha prateada estava derretendo o chão de cerâmica.

Mesmo no interior frio do traje de camuflagem, Tally sentiu o calor da forte reação química. O cheiro de plástico e cerâmica queimando era

sufocante. Ela deu mais um passo para trás.

— O que *é* isso?

— É a fome em forma de nanoestrutura. Devora praticamente tudo e se multiplica.

Tally deu outro passo para trás.

— E o que consegue *parar* essa coisa?

— E eu lá tenho cara de historiadora? — Shay arrastou o pé na espuma preta. — Isso aqui deve ajudar. O responsável por esse lugar deve ter um plano de emergência.

Tally virou para o coroa, que havia alcançado a prateleira superior com os olhos arregalados de medo. Ela torcia para que subir pelas paredes em pânico não fosse *todo* o plano.

O chão gemeu e então rachou. O centro da aranha prateada desapareceu. Tally ficou boquiaberta por um momento ao perceber que as nanoestruturas tinham devorado o chão em menos de um minuto. Filetes de prata foram deixados para trás, ainda se espalhando por todas as direções, ainda famintos.

— Lá vamos nós — gritou Shay. Ela pisou com cuidado na borda do buraco, olhou para baixo e pulou.

Tally deu um passo à frente.

— Espere! — berrou o coroa. — Não me deixe aqui!

Ela olhou para trás e viu que um dos filetes alcançara a prateleira onde o coroa estava pendurado. A substância se espalhava em direção à pilha de armas antigas e equipamentos.

Tally suspirou e pulou ao lado dele na prateleira. Ela sussurrou no ouvido do coroa.

— Vou te salvar, mas, se mexer comigo, jogo você nessa coisa!

O homem choramingou diante das palavras de Tally, transformadas em um rugido monstruoso pela distorção de voz que escondia sua identidade. Ela arrancou os dedos do velho da prateleira, debruçou-o em seus ombros e pulou de volta para um trecho intacto do chão do museu.

A sala já estava tomada pela fumaça, o que fazia o coroa tossir muito. Tally suava dentro do traje de camuflagem, quente como uma sauna. Era a primeira vez que suava desde que virara especial.

Outro pedaço do chão caiu com um estrondo e abriu um vão enorme para a sala embaixo. O campo de futebol cheio de máquinas estava

coberto por filetes de prata e um dos veículos gigantes já havia sido consumido pela metade.

O Arsenal estava lutando contra as nanoestruturas para valer agora. Havia pequenos robôs no ar lançando espuma preta freneticamente. Shay pulava de máquina em máquina e destruía uma a uma com o rifle para ajudar o líquido prateado a se espalhar.

Era uma longa queda, mas Tally não tinha muita escolha. As nanoestruturas estavam devorando a base das prateleiras, que começavam a tombar.

Ela caiu sobre uma das máquinas, resmungando por causa do peso do coroa, e pulou para um trecho intacto do chão. A substância prateada estava perto, mas Tally conseguiu parar graças aos tênis de solado aderente, que guincharam como ratos assustados.

Shay parou a batalha contra os robôs extintores e apontou para cima da cabeça de Tally.

— Cuidado!

Antes mesmo que pudesse olhar, Tally ouviu o som de outro estrondo. Ela pulou para desviar da substância prateada e das manchas de espuma preta que pareciam ser escorregadias. Era com uma criança brincando de pular amarelinha, só que um erro teria consequências fatais.

Quando chegou ao outro lado do saguão, Tally ouviu mais trechos do teto desabando atrás dela. O conteúdo das prateleiras do museu caiu sobre as máquinas de construção, e duas delas já tinham virado uma massa prateada em ebulição. Os robôs extintores tentavam cobri-las com espuma preta.

Tally abandonou o coroa sobre uma pilha de destroços no chão e verificou o trecho do teto logo acima. Eles não estavam mais debaixo do museu, mas a substância continuaria se propagando mesmo através das paredes. Será que devoraria o prédio inteiro?

Talvez aquele fosse o plano de Shay. A espuma parecia estar funcionando, mas Shay pulava de um ponto seguro a outro, rindo e golpeando os robôs extintores para impedir que controlassem a situação.

O alarme mudou de tom novamente e virou um aviso de evacuação.

O que parecia ser uma ótima ideia para Tally.

Ela virou para o coroa.

— Como a gente sai daqui?

O homem fechou a mão diante da boca e tossiu. A fumaça estava enchendo até mesmo o saguão gigante.

— Pelos trens.

— Trens?

Ele apontou para baixo.

— De metrô. Abaixo do primeiro piso. Como você chegou aqui? Quem *é* você, afinal de contas?

Tally gemeu. *Trens de metrô?* As pranchas estavam no telhado, mas o único caminho para cima passava pelo túnel das naves voadoras, cheio de máquinas mortíferas que estariam bem despertas agora...

Elas estavam presas.

De repente, um dos imensos veículos ganhou vida.

Parecia ser uma velha máquina agrícola com moedores afiados de metal na frente que começaram a girar devagar. O veículo penou para virar ao tentar sair do espaço confinado onde estava estacionado.

— Chefe! — chamou Tally. — Temos que sair daqui!

Antes que Shay pudesse responder, o prédio inteiro tremeu. Uma das máquinas de construção tinha virado uma gosma prateada e estava começando a afundar pelo chão.

— Olha lá embaixo — disse Tally, baixinho.

— Por aqui! — gritou Shay, mal conseguindo ser ouvida na confusão.

Tally virou para pegar o coroa.

— Não toque em mim! — berrou. — Eles vão me salvar se você *sair de perto de mim*!

Tally parou e viu que havia dois pequenos robôs extintores flutuando sobre a cabeça dele, protegendo o coroa.

Ela disparou pelo saguão e torceu para que o chão não estivesse prestes a desabar. Shay esperava por Tally enquanto dava golpes nos robôs com o rifle para proteger uma teia prateada que crescia na parede.

— Podemos passar por aqui. E então pela próxima parede. Vamos acabar chegando ao lado de fora mais cedo ou mais tarde, certo?

— Certo... — disse Tally. — A não ser que *aquela* coisa esmague a gente. — A máquina agrícola ainda estava lutando para sair do lugar. Enquanto Tally e Shay observavam, um trator ao lado da máquina se moveu e abriu espaço para que o veículo maior saísse em direção às duas.

Shay olhou de volta para a parede.

— Está quase grande o bastante!

O buraco estava se abrindo rápido agora, suas bordas prateadas brilhavam com o calor. Shay tirou algo de um dos bolsos do traje e jogou pela abertura.

— Abaixe!

— O que era aquilo? — gritou Tally ao se abaixar.

— Uma velha granada. Só espero que ainda...

Um estouro de luz e um rugido retumbante passaram pelo buraco.

— ... funcione. Vem! — Shay correu em direção à máquina agrícola, parou e virou para o buraco.

— Mas não é grande o bastante... — começou Tally.

Shay a ignorou e pulou. Ela engoliu em seco. Se uma gota da substância prateada caísse em Shay...

E ela deveria seguir?

O barulho da máquina agrícola a lembrou de que não havia muita escolha. O veículo desviara de outros que afundavam e estava livre agora, ganhando velocidade a cada instante. Havia substância prateada em uma das rodas, mas ela só seria consumida muito depois de a máquina ter esmagado Tally.

Tally deu dois passos para trás, juntou as mãos como um mergulhador diante da água e se jogou pelo buraco.

Ao chegar do outro lado, ela rolou até parar e ficou de pé. O chão tremeu quando a máquina agrícola bateu na parede. O buraco reluzente atrás de Tally ficou muito maior.

Através da passagem, ela viu o veículo enorme recuar para nova investida.

— Venha — disse Shay. — Aquela coisa vai chegar aqui rapidinho.

— Mas eu... — Tally tentou se virar para olhar as costas, os ombros, as solas dos pés.

— Relaxa, não tem eca prateada em você, nem em mim. — Shay passou o cano do rifle em uma gota da substância prateada, pegou Tally pela mão e a puxou pela sala. O chão estava coberto pelos destroços dos robôs extintores e seguranças que haviam sido destruídos pela granada.

Quando chegaram à parede oposta, Shay disse:

— O prédio *não pode* ser muito maior do que isso. — Ela encostou o rifle parcialmente consumido na parede. — Espero que não, de qualquer forma.

Uma gota da substância prateada caiu, já crescendo...

O chão tremeu com um poderoso estrondo outra vez. Tally se virou e viu a máquina agrícola recuar do buraco. A passagem estava bem maior agora, o suficiente para andar por ela. Sob o ataque da substância voraz e das batidas do veículo, a parede não iria durar muito tempo.

Agora a máquina agrícola estava completamente infectada. Filetes reluzentes de prata cruzavam os moedores como raios. Tally se perguntou se ela seria consumida antes de atravessar a parede. Um par de robôs extintores apareceu e começou a lançar jatos de espuma sobre o veículo.

— Esse lugar quer mesmo matar a gente, hein? — disse Tally.

— É o que eu acho — respondeu Shay. — É claro que você pode se render, se quiser.

— Hum. — O chão tremeu e Tally viu mais trechos da parede desabando. O buraco estava quase do tamanho suficiente para o enorme veículo atravessar. — Tem mais granadas?

— Sim, mas estou poupando.

— Para *quê*, diabos?

— Para *aquilo*.

Tally se virou para a teia prateada que se espalhava e viu pelo buraco no centro o céu noturno e as luzes das naves voadoras do lado de fora.

— Vamos morrer — disse ela, baixinho.

— Ainda não. — Shay passou uma granada nas nanoestruturas, esperou até que se espalhassem um pouco e a jogou pelo buraco, enquanto puxava Tally para baixo.

O *bum* da explosão destruiu seus ouvidos.

Do outro lado da sala, a máquina agrícola bateu pela última vez e a parede veio abaixo como uma chuva de destroços prateados. O veículo avançava devagar agora, lutando para seguir em frente com as rodas semidevoradas e cobertas por espuma preta e fios de prata reluzentes.

Pelo buraco atrás dela, Tally viu as silhuetas de inúmeras naves voadoras.

— Elas vão nos matar se sairmos! — disse.

— *Abaixe*! — vociferou Shay. — Aquela gosma pode atingir uma hélice a qualquer momento.

— Atingir o quê?

Naquele instante, surgiu um som horrível do lado de fora, como alguém passando a marcha errada em uma bicicleta. Shay puxou Tally

para baixo outra vez quando soou outra explosão. Um jato de gotas de prata passou pelo buraco.

— Ah — disse Tally, baixinho. As nanoestruturas na granada de Shay explodiram nas hélices de uma nave voadora e foram lançadas como uma chuva letal. Agora, todas as máquinas que esperavam pelas duas do lado de fora deviam estar infectadas.

— Chame sua prancha!

Tally acionou o bracelete antiqueda. Pronta para saltar, Shay pulava entre as gotas de prata que se espalhavam e cobriam a sala. Ela deu três passos com cuidado e se jogou pelo buraco.

Tally só tinha espaço para dar um passo para trás. A máquina agrícola estava tão perto que era possível sentir o calor de sua desintegração.

Ela respirou fundo e pulou na fenda...

VOO

Tally caiu na escuridão.

Ela foi envolvida pelo silêncio da noite e, por um instante, apenas se deixou cair. Talvez tivesse tocado na gosma mortífera ao passar pelo buraco, ou estivesse sob a mira de armas no alto, ou fosse cair para a morte, mas pelo menos ali fora estava fresco e *silencioso*.

Então sentiu um puxão no pulso, e a silhueta familiar da prancha surgiu da escuridão. Tally girou em pleno ar e caiu na posição perfeita para pilotar.

Shay já avançava em velocidade para o limite mais próximo da cidade. Tally manobrou para segui-la, acionou as hélices e sentiu a vibração debaixo dos pés virar um rugido.

O céu ao redor estava cheio de silhuetas reluzentes, todas se afastando de Tally. Cada nave voadora tentava manter distância das demais, pois nenhuma sabia qual havia se sujado com a gosma prateada e qual estava limpa. Aquelas que haviam obviamente sido contaminadas pousaram na área de voo proibido e desligaram as hélices antes que infectassem as outras.

Tally e Shay teriam alguns minutos de vantagem enquanto a armada se organizava.

Sentindo pontadas imaginárias de calor nas mãos e braços, Tally olhou para ver se havia pontos prateados pelo corpo. Imaginou se os robôs extintores do Arsenal estavam mantendo as vorazes nanoestruturas sob controle ou se o prédio inteiro afundaria.

Se a gosma prateada era algo que o Arsenal guardava na seção museu, quais seriam as armas "sérias" mantidas nos níveis subterrâneos? Claro que destruir um prédio era pouco para os padrões dos Enferrujados. Eles haviam matado cidades inteiras com uma única bomba, envenenado gerações com radioatividade e produtos tóxicos. Perto disso, a substância prateada era realmente artigo de museu.

Atrás de Tally, carros voadores dos bombeiros chegaram da cidade e despejaram jatos enormes de espuma preta em cima de todo o Arsenal.

Ela ignorou o caos e disparou atrás de Shay no céu escuro, aliviada por notar que não havia gotas prateadas no traje de camuflagem da amiga.

— Você está limpa — gritou.

Shay deu uma volta rápida ao redor de Tally.

— Você também. Eu disse que os Especiais nascem com sorte!

Tally engoliu em seco e olhou por cima do ombro. Algumas naves voadoras sobreviventes deixavam o pandemônio do Arsenal para trás e disparavam em perseguição. Ela e Shay podiam estar invisíveis graças aos trajes, mas as pranchas ainda brilhariam nos sensores infravermelhos.

— Eu ainda não usaria o termo sorte — gritou Tally através do espaço vazio.

— Não se preocupe, Tally-wa. Se eles quiserem brincar, eu tenho mais granadas. — Assim que chegaram ao limite da Vila dos Coroas, Shay passou a voar na altura dos telhados para aproveitar melhor a malha magnética.

Tally respirou fundo e seguiu a amiga. O fato de Shay possuir granadas ser um *alívio* dizia muito sobre o tipo de noite que estavam vivenciando.

Era possível ouvir o barulho das naves voadoras aumentando. Aparentemente, a gosma não havia atingido todas as máquinas.

— Elas estão se aproximando.

— As naves são mais rápidas, mas não vão se meter conosco em cima da cidade. Elas não querem matar inocentes.

O que não inclui a gente, pensou Tally.

— Então, como vamos escapar?

— Se encontrarmos um rio fora da cidade, nós pulamos.

— *Pulamos?*

— Eles não podem ver a *gente*, Tally, só conseguem enxergar as pranchas. Vamos ficar completamente invisíveis ao pular no ar com os trajes de camuflagem. — Ela estava mexendo em uma das granadas. — Encontre um rio para mim.

Tally acessou um mapa sobre o campo de visão.

— Todo aquele poder de fogo vai deixar as pranchas em pedaços — disse Shay. — Não vai sobrar muita coisa para... — A voz sumiu. De repente, os robôs voadores desapareceram, deixando vazio o céu noturno.

Tally acessou outras projeções infravermelhas, mas não viu nada.

— Shay?

— Eles devem ter desligado as hélices. Estão voando somente com os sustentadores magnéticos, completamente escondidos.

— Mas por quê? Nós *sabemos* que eles estão nos seguindo.

— Talvez não queiram assustar os coroas — disse Shay. — Estão mantendo o ritmo, cercando, esperando que a gente saia da cidade. Então vão começar a atirar.

Tally engoliu em seco. Naquele momento de silêncio, a adrenalina estava baixando e ela finalmente percebeu o que haviam feito. Por causa delas, os militares estariam em polvorosa, provavelmente achando que a cidade estava sob ataque. Por um instante, o charme sagaz de ser especial desapareceu.

— Shay, se isso der errado, obrigada por tentar ajudar Zane.

— Silêncio, Tally-wa — reclamou Shay. — Apenas encontre um rio para mim.

Tally contou os segundos. O limite da cidade estava a menos de um minuto de distância.

Ela se lembrou da noite anterior, da adrenalina de perseguir os Enfumaçados até a beira do mato. Mas agora era ela que estava sendo perseguida, em desvantagem numérica e de armas...

— Lá vamos nós — avisou Shay.

Assim que ultrapassaram o limite da cidade, silhuetas brilhantes surgiram por todos os lados. Primeiro, Tally ouviu o rugido das hélices sendo ligadas, e depois viu o rastro luminoso de tiros rasgando o céu.

— Não facilita para eles! — gritou Shay.

Tally começou a costurar e desviar dos arcos dos projéteis que tomaram conta do céu. Tiros de canhão passaram por ela, quentes como o vento do deserto no rosto, destruindo as árvores abaixo como se fossem palitos. Ela desviou e subiu, mal evitando outro bombardeio vindo da direção contrária.

Shay atirou uma granada no ar, que explodiu atrás delas poucos segundos depois. A onda de choque atingiu Tally como um soco e desequilibrou a prancha. Ela ouviu o grito agonizante de hélices sendo destruídas. Shay havia acertado uma das naves voadoras sem sequer mirar!

O que apenas servia para provar, é claro, quantas naves havia...

Dois rastros de tiros de canhão cruzaram o caminho de Tally rasgando o ar, e ela desviou abruptamente, mal se equilibrando na prancha.

Ao longe, um reflexo da luz do luar brilhou.

— O rio!

— Eu vi — avisou Shay. — Programe a prancha para voar em linha reta assim que pular.

Tally desviou de outro bombardeio de projéteis que quase a acertaram. Ela acionou os controles do bracelete antiqueda e programou a prancha para voar sem ela.

— Tente não espirrar muita água! — gritou Shay. — Três... dois...

Tally pulou.

O rio escuro reluziu enquanto ela caía, um espelho preto que refletia o caos no céu. Tally respirou fundo, guardou oxigênio e juntou as mãos para romper a água sem estardalhaço.

A superfície do rio bateu com força em Tally e o rugido da água apagou o barulho do tiroteio e das hélices. Ela afundou na escuridão e foi envolvida pelo frio e pelo silêncio.

Tally girou os braços para evitar que flutuasse muito rápido à superfície e se manteve no fundo até os pulmões aguentarem. Quando finalmente subiu, os olhos vasculharam o céu, mas só encontraram faíscas no horizonte escuro, a quilômetros de distância. O rio corria rápido, mas sem agitação.

Elas tinham escapado.

— Tally? — Um grito ecoou pela água.

— Aqui — respondeu ela, baixinho, virando na direção do som.

Shay chegou dando braçadas vigorosas.

— Você está bem, Tally-wa?

— Sim! — Tally fez um exame rápido dos ossos e músculos. — Nada quebrado.

— Comigo também não. — Shay deu um sorriso cansado. — Vamos para a margem. Temos uma longa caminhada pela frente.

Enquanto nadavam devagar, Tally observava o céu com ansiedade. Já tinha cumprido sua cota de luta contra as forças armadas da cidade naquela noite.

— Aquilo foi muito sagaz, Tally-wa — disse Shay enquanto se arrastavam pela margem lamacenta. Ela mostrou a ferramenta que encontrara no museu. — Amanhã de noite, a essa hora, Zane vai estar a caminho do mato — e estaremos bem atrás dele.

Tally olhou para o cortador e mal acreditou que quase haviam morrido por uma coisa menor do que um dedo.

— Mas depois de tudo que a gente aprontou lá atrás, será que alguém vai realmente acreditar que foi um bando de Crims?

— Talvez não. — Shay deu de ombros e depois riu. — Mas quando eles finalmente conseguirem deter a gosma prateada, não vão ter sobrado muitas provas. E mesmo que pensem que foram os Crims, os Enfumaçados ou um bando de soldados Especiais de outra cidade, eles vão saber que Zane-la tem amigos poderosos.

Tally franziu a testa. A intenção era criar a aparência de que Zane era borbulhante, e não envolvê-lo em um ataque de grandes proporções.

Claro que, com a cidade ameaçada daquela forma, a dra. Cable provavelmente pensaria em recrutar mais Especiais o quanto antes. E Zane seria um óbvio candidato.

Tally sorriu.

— Ele tem mesmo amigos poderosos, Shay-la. Eu e você.

Shay riu enquanto entravam na floresta. Os trajes de camuflagem se ajustaram ao padrão irregular das cores do luar.

— É verdade, Tally-wa. Aquele garoto não sabe a sorte que tem.

Parte II
SEGUINDO ZANE

Quando as pessoas do mundo só conhecem
a beleza como beleza,
aí surge o reconhecimento da feiura.
Quando elas só conhecem o bem como bem,
aí surge o reconhecimento do mal.

— Lao Tsé, *O Tao Te Ching*

LIBERTADO

Na noite seguinte, Shay e Tally encontraram Zane e um pequeno grupo de Crims esperando por elas, reunidos sob a sombra da represa que controlava o rio antes que ele envolvesse Nova Perfeição. O som da água caindo e o cheiro de nervoso dos Crims deixaram os sentidos de Tally em alerta e fizeram com que as tatuagens dinâmicas dos braços girassem como cata-ventos.

Depois das aventuras da noite anterior, seu velho corpo medíocre estaria morto de cansaço. Ela e Shay andaram até o centro da cidade antes de pedirem para Tachs trazer novas pranchas, uma caminhada que teria esgotado qualquer humano normal por dias. Porém, bastaram algumas horas de sono para restaurar o corpo de Tally. E agora as desventuras no Arsenal davam a impressão de uma pegadinha que talvez tivesse saído um pouco do controle...

O alerta máximo da cidade tomou conta da dermantena: os guardas e Especiais normais haviam sido despachados e o noticiário perguntava abertamente se a cidade estava em guerra. Metade da Vila dos Coroas viu o inferno no horizonte e era difícil explicar a gigantesca massa de espuma preta que ocupava o lugar do Arsenal. Havia naves voadoras militares sobrevoando o centro da cidade, posicionadas para proteger o governo de novos ataques. Os fogos de artifício estavam cancelados até segunda ordem, deixando o horizonte estranhamente escuro.

Até mesmo os Cortadores foram chamados para encontrar uma ligação entre os Enfumaçados e a destruição do Arsenal, o que Tally e Shay acharam muito engraçado.

O clima de emergência animou Tally. Ela achava a situação sagaz como na época em que as aulas no colégio eram suspensas por causa de uma nevasca ou de um incêndio. Mesmo com os músculos doloridos, ela sentia que estava pronta para seguir Zane pelo mato por semanas ou meses, não importava quanto tempo levasse.

Mas assim que a prancha pousou, Tally fez questão de não encarar o olhar lacrimoso de Zane. Como não queria perder a sensação sagaz por

conta da mediocridade da invalidez de Zane, ela voltou os olhos para o restante dos Crims.

Eram oito no total. Peris estava entre eles, de olhos arregalados ao perceber o novo rosto de Tally. Ele segurava um bando de balõezinhos, como um recreador de festa infantil.

— Não me diga que *você* está indo — disse ela com desdém.

Peris retornou o olhar sem pestanejar.

— Eu sei que amarelei com você, Tally, mas estou mais borbulhante agora.

Tally olhou para os lábios carnudos de Peris, para a delicadeza da expressão de durão que ele tentava fazer, e se perguntou se a nova atitude seria resultado de uma das pílulas de Maddy.

— E para que esses balões? Para o caso de cair da prancha?

— Você vai ver — respondeu ele com um sorriso.

— É melhor que vocês, avoados, estejam preparados para uma longa viagem — disse Shay. — Os Enfumaçados podem esperar um pouco antes de recolhê-los. Espero que tenham equipamento de sobrevivência nessas mochilas, e não champanhe.

— Estamos prontos — respondeu Zane. — Purificadores de água e refeições instantâneas para sessenta dias cada um. Muito EspagBol.

Tally fez uma careta. Desde a primeira viagem ao mato, bastava pensar em EspagBol para o estômago revirar. Felizmente os Especiais catavam a própria comida na natureza. Os estômagos reconstruídos podiam extrair nutrientes de praticamente qualquer vegetal. Alguns Cortadores até sabiam caçar, embora Tally preferisse plantas selvagens. Ela havia comido animais mortos suficientes na época em que era Enfumaçada.

Os Crims começaram a colocar as mochilas com expressões solenes e tentavam parecer sérios. Tally torcia para que não amarelassem no meio do mato e deixassem Zane sozinho. Ele já aparentava estar um pouco trêmulo, mesmo com a prancha ainda no chão.

Alguns dos outros Crims encaravam Tally e Shay. Jamais tinham visto um Especial antes, muito menos um Cortador cheio de cicatrizes e tatuagens. Mas não pareciam ter medo como avoados normais, apenas curiosidade.

Obviamente, as pílulas de Maddy já estavam circulando há algum tempo. E os Crims seriam os primeiros a provar qualquer coisa que os deixasse borbulhantes.

Como alguém governaria uma cidade onde todo mundo fosse um Crim? Em vez de a maioria das pessoas seguir as regras, a população estaria sempre roubando e armando truques. Será que esses atos não evoluiriam para crimes *de verdade*, para violência sem sentido e até mesmo assassinatos, como na época dos Enferrujados?

— Muito bem — disse Shay. — Fiquem prontos. — Ela sacou o cortador.

Os Crims tiraram os anéis de interface e amarraram nos cordões dos balões que Peris foi entregando, um por um.

— Esperto — disse Tally. Peris deu um sorriso satisfeito na direção dela. Assim que os balões fossem soltos com os anéis amarrados, a interface da cidade pensaria que os Crims estavam passeando de prancha lentamente ao sabor da corrente de ar como típicos avoados.

Shay deu um passo na direção de Zane, mas ele ergueu a mão.

— Não, eu quero que Tally me liberte.

Ela deu uma risada forçada e jogou o cortador para Tally.

— Seu namorado quer você.

Tally respirou fundo ao caminhar em sua direção e prometeu para si mesma que não deixaria que Zane tornasse seu cérebro medíocre. Mas na hora em que ergueu a mão para a corrente de metal, seus dedos tocaram a garganta nua dele e Tally sentiu um arrepio. Ela manteve os olhos fixos no colar, mas ficar assim tão próximo, com os dedos quase tocando a pele, trazia memórias antigas e confusas.

Foi quando Tally viu a tremedeira nas mãos de Zane e sentiu nojo mais uma vez. A guerra no cérebro não acabaria até que ele fosse um Especial com o corpo tão perfeito quanto o seu.

— Fique parado — disse ela. — Isso está quente.

Tally diminuiu o alcance da visão quando ligou o cortador. A ferramenta formou um arco-íris azul e branco na escuridão. O calor a atingiu como um forno sendo aberto e o ar foi tomado por um cheiro parecido com o de plástico queimado.

As próprias mãos estavam tremendo.

— Não se preocupe, Tally. Eu confio em você.

Ela engoliu em seco, ainda sem encarar Zane. Não queria ver a expressão lacrimosa ou ler seus pensamentos, tão óbvios em seu rosto. Só desejava que ele fosse embora para o mato, onde seria encontrado pelos Enfumaçados, recapturado e, finalmente, recriado.

Assim que o arco reluzente tocou no metal, Tally ouviu um ping de alerta. Era procedimento padrão da cidade: o colar estava programado para mandar um aviso caso fosse danificado. Qualquer guarda nos arredores teria ouvido também.

— Melhor soltar esses balões — disse Shay. — Eles vão procurar por vocês em breve.

O arco cortou os últimos milímetros da corrente e Tally a tirou do pescoço de Zane usando as duas mãos, com cuidado para não tocar as pontas incandescentes na pele nua.

Seus braços ainda estavam em volta de Zane quando ele a pegou pelos pulsos.

— Tente mudar sua cabeça, Tally.

Ela se afastou, as mãos de Zane tinham tanta força quanto os fios de uma teia de aranha.

— Minha cabeça está ótima desse jeito.

Os dedos desceram pelos braços de Tally e acompanharam as cicatrizes.

— Então por que você faz isso?

Tally olhou para as mãos de Zane, ainda com medo de encará-lo.

— Isso deixa a gente sagaz. É como estar borbulhante, só que muito melhor.

— O que você não está sentindo para ter que fazer isso?

Ela franziu a testa, incapaz de responder. Zane não entendia os cortes porque nunca tinha se *cortado*. Além disso, Shay ouvia todas as palavras pela dermantena...

— Você pode se reprogramar de novo, Tally — disse ele. — Terem transformado você em uma Especial *significa* que pode mudar.

Tally olhou para a ferramenta ainda incandescente e se lembrou de tudo que elas passaram para pegá-la.

— Eu já fiz mais do que você pensa.

— Ótimo. Então pode escolher de que lado está, Tally.

Ela finalmente o encarou.

— A questão não é o lado em que estou, Zane. Não faço isso por ninguém além de nós.

Ele sorriu.

— Nem eu. Lembre-se disso, Tally.

— O que você quer...? — Tally abaixou o olhar e balançou a cabeça. — Você precisa ir, Zane. Não vai parecer muito borbulhante se os guardas capturarem você antes mesmo de dar um passo.

— E por falar em captura — sussurrou Shay ao passar o localizador para Zane. — Ligue isso quando encontrar a Fumaça que a gente vai correndo. Também funciona se você jogar em uma fogueira, não é, Tally-wa?

Zane olhou para o localizador e o guardou no bolso. Os três sabiam que ele não iria usá-lo.

Tally arriscou encarar Zane mais uma vez. Ele podia não ser especial, mas a expressão dura também não parecia com a de um tolo.

— Tente continuar mudando, Tally — disse, baixinho.

— *Vai* logo! — Ela deu meia-volta e se afastou. Pegou os últimos balões da mão de Peris para amarrar o colar ainda incandescente. Quando soltou, os balões lutaram com o peso de início até ganharem sustentação após uma lufada de vento.

Quando Tally voltou a olhar para Zane, ele estava na prancha. Ganhava altitude meio desequilibrado, de braços abertos como uma criança numa corda bamba. Havia um Crim voando de cada lado, pronto para ajudar.

Shay soltou um suspiro.

— Isto vai ser fácil *demais*.

Tally não respondeu e manteve os olhos em Zane até que desaparecesse na escuridão.

— Melhor a gente ir — disse Shay. Tally assentiu. Quando os guardas chegassem, eles poderiam achar um pouco esquisito encontrar duas Especiais no último lugar onde Zane estivera.

As escamas do traje de camuflagem tremeram ao serem ligadas. Tally colocou as luvas e puxou o capuz sobre o rosto.

Em poucos segundos, ela e Shay estavam tão escuras quanto o céu da meia-noite.

— Vamos lá, chefe — disse Tally. — Vamos encontrar a Fumaça.

FORA DA CIDADE

A fuga de Zane foi mais tranquila do que Tally esperava.

O restante dos Crims e seus aliados perfeitos deviam estar por dentro do truque. Simultaneamente, centenas deles soltaram seus anéis de interface em balõezinhos e encheram o ar de sinais falsos. Outras centenas de feios fizeram a mesma coisa. A frequência de comunicação dos guardas foi tomada por reclamações enquanto eles recuperavam os anéis e davam fim a dezenas de trotes. As autoridades não estavam no clima para pegadinhas depois do ataque da noite anterior.

Shay e Tally desligaram a conversa dos guardas.

— Tudo sagaz até agora — disse Shay. — Seu namorado deve se tornar um bom Cortador.

Tally sorriu aliviada por não estar mais vendo a tremedeira de Zane. A empolgação da caçada ia começar.

Elas seguiram o pequeno grupo de Crims a um quilômetro de distância. As oito silhuetas eram tão distintas na visão infravermelha que Tally podia identificar a de Zane. Ela notou que sempre havia um Crim voando perto dele, pronto para ajudar.

Os fugitivos não aceleraram pelo rio em direção às Ruínas de Ferrugem, mas seguiram com calma até a fronteira sul da cidade. Quando saíram da malha magnética, desceram até a floresta e caminharam, carregando as pranchas até o mesmo rio em que Tally e Shay haviam pulado na noite anterior.

— Isso é borbulhante da parte deles — comentou Shay. — Não vão pegar o caminho mais comum.

— Mas deve ser duro para Zane — falou Tally. As pranchas voadoras eram pesadas para carregar sem uma malha magnética por baixo.

— Se você vai se preocupar com ele a viagem inteira, Tally-wa, vai ser *extremamente* chato.

— Foi mal, chefe.

— Calma, Tally. A gente não vai deixar que nada aconteça com seu namorado. — Shay desceu entre os pinheiros. Tally ficou no alto por mais um instante para observar o lento avanço do pequeno grupo. Eles levariam

uma hora até o rio, quando poderiam usar as pranchas de novo, mas Tally não queria perder os fugitivos de vista no mato.

— Ainda está muito no início da viagem para se preocupar, não acha? — A voz de Shay veio lá de baixo e soava íntima pela transmissão da dermantena.

Tally suspirou de leve e se deixou descer.

Uma hora depois, elas estavam sentadas na margem do rio esperando que os Crims chegassem.

— Onze — disse Shay atirando uma pedra sobre a superfície do rio. Ela foi quicando enquanto Shay contava em voz alta até que a pedra finalmente afundou depois de onze quiques.

— Rá! Ganhei de novo! — anunciou Shay.

— Não tem mais ninguém jogando, Shay-la.

— Sou eu contra a natureza. Doze. — Ela atirou outra vez e a pedra foi quicando alegremente até o meio do rio e afundou exatamente depois de doze quiques. — A vitória é minha! Vamos, tenta.

— Não, obrigada, chefe. A gente não devia verificar os fugitivos de novo?

Shay gemeu.

— Eles vão aparecer aqui em breve, Tally. Estavam quase chegando ao rio na última vez que você olhou, que foi há cinco minutos.

— Então por que ainda não estão aqui?

— Porque eles estão *descansando*, Tally. Ficaram cansados depois de carregar aquelas porcarias de pranchas pela floresta. — Shay sorriu. — Ou então estão preparando um delicioso banquete de EspagBol.

Tally fez uma careta. Queria que elas não tivessem voado na frente. A intenção do truque era seguir os fugitivos de perto.

— E se eles foram pelo outro lado? Rios sobem e descem, sabia?

— Não seja medíocre, Tally-wa. Por que eles iriam se *afastar* do oceano? Depois de cruzar as montanhas, não há nada além de deserto por centenas de quilômetros. Os Enferrujados o chamavam de Vale da Morte antes mesmo de as plantas tomarem conta do lugar.

— Mas e se eles combinaram de encontrar com os Enfumaçados lá atrás? A gente não sabe com que frequência eles contataram os Crims.

Shay suspirou.

— Tudo bem, vai lá e verifica. — Ela chutou a terra com os pés e procurou outra pedra lisa. — Só não fique muito tempo no ar. Eles podem ter visão infravermelha.

— Valeu, chefe. — Tally levantou e estalou os dedos para chamar a prancha.

— Treze — respondeu Shay e atirou a pedra.

Lá do alto, Tally localizou os fugitivos. Como Shay havia suspeitado, eles estavam parados na margem, provavelmente dando um descanso para os pés. Mas assim que tentou identificar qual deles era Zane, Tally ficou intrigada.

Então percebeu o que a incomodava: havia *nove* sinais de calor, e não oito. Será que tinham feito uma fogueira? Ou a visão infravermelha estava sendo enganada pelo calor de uma refeição instantânea?

Ela ajustou a visão para realçar as silhuetas até que tivesse certeza de que todas eram do tamanho de uma pessoa.

— Shay-la — sussurrou Tally. — Eles encontraram alguém *sim*.

— Já? — respondeu Shay lá de baixo. — Hum. Não achei que os Enfumaçados fossem tornar a situação *tão* fácil.

— A não ser que seja outra emboscada — disse Tally, baixinho.

— Deixe que tentem. Vou subir.

— Peraí, eles estão saindo. — As silhuetas brilhantes foram para o rio na direção de Tally e Shay com a velocidade de uma prancha voadora. Mas uma ficou para trás e entrou na floresta. — Estão vindo para cá, Shay. Oito, pelo menos. Alguém está indo por outro caminho.

— OK, siga essa pessoa. Vou ficar na cola dos Crims.

— Mas...

— Não discuta comigo, Tally. Eu não vou perder seu namorado. Siga em frente e não deixe que vejam você.

— OK, chefe. — Tally desceu até o rio para refrescar as hélices da prancha voadora. Ao se aproximar dos Crims, ela ligou o traje de camuflagem e puxou o capuz sobre o rosto. Tally manobrou para perto da cobertura de plantas da margem, quase parando.

Dentro de um minuto, os Crims passaram sem se dar conta da presença de Tally, que reconheceu a silhueta instável de Zane entre eles.

— Localizei os Crims — disse Shay um momento depois. A voz já estava sumindo. — Se sairmos do rio, vou deixar um sinal para você.

— OK, chefe. — Tally se inclinou para a frente, em direção à misteriosa silhueta.

— Cuidado, Tally-wa. Não quero perder dois Cortadores em uma semana.

— Relaxa — respondeu Tally. Ela queria voltar a seguir Zane e não ser capturada. — A gente se vê em breve.

— Já estou com saudades... — disse Shay quando a transmissão foi encerrada.

Os sentidos de Tally vasculharam a floresta em ambas as margens do rio. O arvoredo escuro estava repleto de sinais infravermelhos de pequenos animais e pássaros fazendo ninhos que cruzavam sua visão aleatoriamente. Mas não havia nada do tamanho de uma pessoa...

Ao se aproximar do ponto onde os Crims encontraram seu misterioso amigo, Tally diminuiu a velocidade e se abaixou sobre a prancha. Ela sorriu e começou a se sentir sagaz e empolgada. Se fosse outra emboscada, os Enfumaçados descobririam que não eram os únicos capazes de ficar invisíveis.

Ela flutuou até parar na margem lamacenta, saiu da prancha e a mandou para cima, a fim de esperá-la.

O lugar onde os Crims tinham parado estava cheio de pegadas. Havia o odor no ar de um humano que há dias não tomava banho. Não podia ser de um dos Crims, que tinham cheiro de roupas recicladas e de nervosismo.

Tally entrou com cuidado no arvoredo, seguindo a trilha do odor.

Quem quer que estivesse seguindo, a pessoa tinha algum conhecimento de sobrevivência. Não havia galhos quebrados indicando a passagem de alguém e os arbustos não mostravam sinais de terem sido pisados. Mas o cheiro ficava mais intenso à medida que Tally avançava e era forte o suficiente para fazê-la franzir o nariz. Mesmo sem água encanada, nem os Enfumaçados fediam *tanto* assim.

Surgiu um brilho infravermelho de relance, uma forma humana à frente. Ela parou para escutar, mas quase não havia ruídos na floresta: quem quer que fosse se movia tão silenciosamente quanto David.

Tally avançou de mansinho e vasculhou o chão por sinais sutis de uma trilha. Segundos depois, achou uma via praticamente invisível entre o denso arvoredo, o caminho que a silhueta estava seguindo.

Shay dissera para ter cuidado. Não seria fácil surpreender essa pessoa, fosse um Enfumaçado ou não. Mas talvez uma emboscada merecesse

outra...

Tally saiu da trilha e penetrou na floresta. Pisou com cautela sobre os arbustos, tentando não fazer barulho e desviando de sua presa em um arco, até reencontrar o caminho. Então avançou de mansinho, agora à frente da caça, até que viu um galho alto bem acima da trilha.

O lugar perfeito.

Ao subir na árvore, as escamas do traje adotaram a textura do caule e as cores mudaram para o padrão iluminado pelo luar. Ela ficou esperando invisível em cima do galho, com o coração acelerado.

A silhueta brilhante surgiu entre as árvores em completo silêncio. Não exalava os odores sintéticos de quem vivia no mato, como o cheiro de adesivos de protetor solar, repelentes contra insetos ou mesmo vestígios de sabonete ou xampu. Enquanto Tally ajustava a visão, não detectou sinais de equipamento eletrônico ou de um casaco aquecido. Os ouvidos não captaram nenhum zumbido de óculos de visão noturna.

Não que algum equipamento fosse capaz de ajudar sua presa. Completamente imóvel no traje de camuflagem e mal respirando, Tally era indetectável até mesmo por tecnologia de ponta...

E, no entanto, assim que a silhueta passou por baixo de Tally, diminuiu o passo e virou o rosto como se tentasse escutar alguma coisa.

Tally prendeu a respiração. Ela *sabia* que estava invisível, mas o coração bateu mais rápido, os sentidos ampliaram os sons da floresta ao redor. Será que havia outra pessoa no mato? Alguém que a tivesse visto subir na árvore? Fantasmas surgiram nos limites de seu campo de visão. O corpo ansiava para agir em vez de ficar escondido entre folhas e galhos.

Por um longo momento, a silhueta não se mexeu. Então, muito devagar, ergueu a cabeça.

Tally não hesitou, pulando rapidamente. O traje assumiu a forma de armadura preta. Ela agarrou a presa e prendeu seus braços enquanto a derrubava no chão. Assim tão perto, o cheiro era quase sufocante.

— Não quero lhe fazer mal — falou ela através da máscara do traje. — Mas farei se for necessário.

O jovem tentou se desvencilhar por um momento e Tally viu o brilho de uma faca na mão dele. Ela apertou com mais força e tirou seu fôlego com um estalar das costelas até a faca escapar dos dedos.

— Seshial — balbuciou ele.

Tally ficou arrepiada ao reconhecer o sotaque. *Seshial?* Ela se lembrava da estranha palavra de algum lugar. Tally desligou a visão infravermelha, levantou o jovem e o empurrou. Viu o rosto iluminado por um raio de luar.

Ele usava barba, tinha o rosto sujo, as roupas eram feitas de pedaços de peles de animais costurados.

— Eu conheço você — disse Tally, baixinho. Quando o jovem não respondeu, ela puxou o capuz para que seu rosto fosse visto.

— Sangue Jovem — ele disse, sorrindo. — Você mudou.

BÁRBARO

Seu nome era Andrew Simpson Smith e Tally já encontrara com ele anteriormente.

Quando fugiu da cidade na época em que era perfeita, Tally encontrou uma espécie de reserva, uma experiência mantida pelos cientistas. Os moradores viviam como Pré-Enferrujados, usavam peles e ferramentas da Idade da Pedra como clavas, paus e fogo. Habitavam pequenas aldeias que viviam em guerra entre si, um ciclo interminável de vingança que os cientistas estudavam como uma camada de violência humana sob a lente de um microscópio.

Os aldeões não conheciam o resto do mundo, nem sabiam que os problemas que enfrentavam, como doenças, fome e guerras, tinham sido resolvidos pela humanidade há séculos. Quer dizer, isso até que um grupo de caçadores encontrou Tally. Ela foi confundida com uma deusa e contou toda a verdade para um homem sagrado chamado Andrew Simpson Smith.

— Como você saiu da aldeia? — perguntou Tally.

Ele sorriu orgulhoso.

— Cruzei o fim do mundo, Sangue Jovem.

Tally levantou uma sobrancelha. A reserva era cercada por "homenzinhos", bonecos pendurados em árvores e armados com atordoadores neurais que causavam dores terríveis a quem se aproximasse demais. Os aldeões eram muito perigosos para serem soltos na natureza de verdade, então a cidade criou fronteiras intransponíveis para o mundo deles.

— Como você conseguiu fazer isso?

Andrew Simpson Smith riu ao se abaixar para pegar a faca. Tally teve que se controlar para não chutá-la da sua mão. Ele a chamara de *Seshial*, a palavra usada por seu povo para se referir aos odiados Especiais. Claro que, agora que tinha visto seu rosto, Andrew Simpson Smith se lembrava de Tally como uma amiga, uma aliada contra os deuses da cidade. Não tinha ideia do que significava a teia de tatuagens dinâmicas, nem que ela havia se tornado uma integrante dos temidos agentes da cidade.

— Depois que você me contou tudo o que havia além do fim do mundo, Sangue Jovem, comecei a imaginar se os homenzinhos tinham medo de alguma coisa.

— Medo?

— Sim. Tentei causar medo de várias maneiras, com canções, feitiços e crânios de ursos.

— Hã... eles não são homens de verdade, Andrew. Apenas máquinas. Elas não sentem medo.

A expressão de Andrew ficou mais séria.

— Mas aí usei o *fogo*, Sangue Jovem. Eu aprendi que os homenzinhos temem o fogo.

— Fogo? — Tally engoliu em seco. — Hã, Andrew, por acaso você usou um *grande* fogo?

O sorriso voltou.

— Muitas árvores queimaram. Quando o fogo terminou, os homenzinhos tinham fugido.

Ela gemeu.

— Acho que os homenzinhos foram *queimados*, Andrew. Então está dizendo que causou um incêndio florestal?

— Incêndio florestal. — Ele considerou a expressão por um momento. — São boas palavras para descrever.

— Na verdade, Andrew, são palavras *ruins*. Você deu sorte de não ser verão ou o fogo poderia ter consumido seu... mundo inteiro.

— Meu mundo é maior agora, Sangue Jovem — disse ele sorrindo.

— Sim, mas ainda assim... não foi isso o que eu quis dizer.

Tally suspirou. A tentativa de explicar para Andrew como era o mundo de verdade resultara em enorme destruição em vez de explicação. O incêndio havia provavelmente libertado várias aldeias repletas de perigosos bárbaros no mato. Havia Enfumaçados, fugitivos e até mesmo gente da cidade acampando por aqui.

— Há quanto tempo você fez isso?

— Vinte e sete dias. — Ele balançou a cabeça. — Mas os homenzinhos voltaram. Vieram novos que não têm medo do fogo. Estou fora do meu mundo desde então.

— Mas você fez novos amigos, não é? Amigos da cidade.

Andrew olhou de forma suspeita por um instante. Devia ter percebido que, se fora visto com os Crims, Tally então deveria estar seguindo o

grupo.

— Sangue Jovem — falou com cautela. — Por que o destino cruzou nossos caminhos?

Tally não respondeu de primeira. O conceito de mentir praticamente não existia na aldeia de Andrew, até que ela explicou a grande mentira que eles viviam. Mas, sem dúvida, Andrew estava mais desconfiado em relação às pessoas da cidade. Tally decidiu escolher as palavras com cuidado.

— Alguns desses deuses que você acabou de encontrar são amigos meus.

— Eles não são deuses, Tally. Você me ensinou isso.

— Certo. Que bom, Andrew. — Tally se perguntou que outras coisas ele saberia atualmente. Andrew parecia mais à vontade ao usar a linguagem da cidade, como se estivesse praticando bastante.

— Mas como você sabia que eles estavam a caminho? Não esbarrou com eles por acidente, não é?

Ele olhou desconfiado por um momento e então balançou a cabeça.

— Não. Eles estavam fugindo dos Seshiais e eu ofereci ajuda. São seus amigos?

Tally mordeu o lábio.

— Um deles era... quero dizer, *é*... meu namorado.

A compreensão tomou conta do rosto de Andrew, que deu um sorriso contido. Ele deu tapinhas fortes no ombro de Tally.

— Entendi agora. É por isso que você está seguindo invisível como um Seshial. Um *namorado*.

Tally tentou não revirar os olhos. Se Andrew Simpson Smith queria pensar que ela era uma mulher rejeitada seguindo os fugitivos, com certeza era melhor do que explicar a verdade.

— Então, como você sabia que devia encontrá-los aqui?

— Depois que descobri que não podia voltar para casa, saí para procurar você, Sangue Jovem.

— Eu?

— Você estava tentando chegar às Ruínas de Ferrugem, e disse a que distância e em que direção elas ficavam.

— E você conseguiu chegar lá?

Andrew arregalou os olhos ao concordar com a cabeça e sentiu um arrepio.

— Uma enorme aldeia cheia de mortos.

— E encontrou os Enfumaçados lá, não foi?

— A Nova Fumaça vive — respondeu ele em tom sério.

— É, vive mesmo. E agora você ajuda os fugitivos para os Enfumaçados?

— Não somente eu. Os Enfumaçados sabem como voar sobre os homenzinhos. Outros da minha aldeia se juntaram a nós. Um dia, todos seremos livres.

— Bem, que ótima notícia — disse Tally.

Os Enfumaçados haviam enlouquecido de vez por deixarem um bando de selvagens perigosos à solta na natureza. Claro que os aldeões seriam aliados muito úteis. Eles entendiam mais de sobrevivência do que qualquer jovem da cidade jamais poderia sonhar. Provavelmente eram até melhores do que os Enfumaçados mais velhos. Sabiam como conseguir comida no mato e fazer roupas a partir de elementos naturais, dons que as cidades haviam perdido. E depois de gerações de conflitos tribais, também se tornaram mestres na arte da emboscada.

E, de alguma forma, Andrew Simpson Smith tinha sentido a presença de Tally acima dele, mesmo com o traje de camuflagem. Instintos como aquele levavam uma vida inteira na natureza selvagem para se aperfeiçoar.

— E como você ajudou os fugitivos agora?

Ele sorriu orgulhoso.

— Eu mostrei o caminho para a Nova Fumaça.

— Ótimo. Sabe, eu estou um pouco por fora e espero que você possa me ajudar também.

Andrew concordou com a cabeça.

— Claro, Sangue Jovem. É só dizer a palavra mágica.

Tally pestanejou.

— Uma palavra mágica? Andrew, sou *eu*. Posso não saber a palavra mágica, mas estou tentando chegar à Fumaça desde quando me conheceu.

— Verdade. Mas eu fiz uma promessa. — Ele se remexeu, incomodado. — O que aconteceu com você, Sangue Jovem, depois que partiu? Quando eu cheguei às Ruínas, contei aos Enfumaçados como você apareceu para nós. Eles disseram que havia sido capturada outra vez pela cidade e lá fizeram coisas com você. — Ele apontou para o rosto de Tally. — Isso é outra moda?

Tally suspirou e o encarou. Ele era apenas um medíocre, e um bem *medíocre* por sinal, com dentes irregulares e pele manchada — e sem

banho. Mas, por alguma razão, ela não queria mentir para Andrew Simpson Smith. Para começar, era muito fácil enganar alguém que sequer sabia ler e que passara quase a vida inteira preso em uma experiência.

— Seu coração disparou, Sangue Jovem.

Tally levou a mão ao rosto, que com certeza estava girando. Andrew não se esquecera de que as tatuagens dinâmicas revelavam estados de empolgação e tensão. Talvez fosse inútil mentir para ele. Não dava para menosprezar instintos que podiam detectar alguém em um traje de camuflagem.

Tally decidiu contar a verdade. A parte que era importante para ela, pelo menos.

— Vou mostrar uma coisa, Andrew — disse ao tirar a luva da mão direita. Ela mostrou a palma, onde as tatuagens dinâmicas cortadas pulsavam ao ritmo do coração sob o luar. — Está vendo essas duas cicatrizes? São marcas do meu amor... pelo Zane.

Ele observou a mão com olhos arregalados e assentiu devagar.

— Nunca tinha visto cicatrizes no seu povo antes. A pele de vocês é sempre... perfeita.

— Sim, só temos cicatrizes se quisermos, por isso elas sempre *significam* algo. Essas aqui demonstram que eu amo Zane. É o rapaz que parecia doente, um pouco trêmulo, sabe? Preciso segui-lo para ter certeza que vai ficar bem aqui no mato.

Andrew assentiu devagar novamente.

— E ele é orgulhoso demais para aceitar a ajuda de uma mulher?

Tally deu de ombros. Os aldeões também viviam na Idade da Pedra em relação à igualdade de gênero.

— Bem, vamos dizer que ele não quer a *minha* ajuda no momento.

— Eu não fui orgulhoso quando você me ensinou sobre o mundo. — Andrew sorriu. — Talvez eu seja mais esperto que o Zane.

— Talvez seja. — Ela cerrou o punho sem luva. As marcas das cicatrizes ainda tornavam difícil fechar a mão. — Estou pedindo que quebre a promessa, Andrew, e diga para onde eles estão indo. Acho que posso curar a tremedeira de Zane. E estou preocupada por ele estar aqui fora com um bando de garotos da cidade. Eles não conhecem o mato como eu e você.

Andrew continuou encarando a mão de Tally, pensando muito. Então ergueu o olhar em direção ao dela.

— Se não fosse por você, eu ainda estaria preso em um mundo falso. Quero confiar em você, Sangue Jovem.

Tally deu um sorriso forçado.

— Então diga onde fica a Nova Fumaça.

— Eu não sei. É um segredo grande demais para mim. Mas posso indicar o caminho. — Ele meteu a mão em uma bolsinha pendurada no cinto e tirou um punhado de pequenas fichas.

— Localizadores — disse Tally, baixinho. — Com uma rota pré-programada?

— Sim. Este me trouxe até aqui para encontrar com os jovens fugitivos. E este vai levar você até a Nova Fumaça. Sabe como funcionam? — O dedo sujo e cheio de calos de Andrew pairou sobre o botão liga/desliga de um dos localizadores. Havia uma expressão ansiosa em seu rosto.

— Sim, sem problemas. Já usei localizadores antes. — Tally sorriu e esticou a mão para pegar o aparelho.

Andrew recolheu o localizador. Ela ergueu o olhar e torceu para que não tivesse que pegar à força. Ele manteve a mão fechada.

— Você ainda desafia os deuses, Sangue Jovem?

Tally franziu a testa. Andrew tinha noção de que ela havia mudado, mas quanto?

— Responda — insistiu ele, com os olhos brilhando sob o luar.

Tally esperou para responder. Andrew Simpson Smith não era como a massa de feios e perfeitos com olhar bovino da cidade, as pessoas que não eram Especiais. Viver no mato o tornava igual a ela: um caçador, um guerreiro, um sobrevivente. Com as cicatrizes de dezenas de lutas e acidentes, ele quase parecia com um Cortador.

De alguma forma, Tally não desprezava Andrew. Percebeu que não queria enganá-lo, mesmo que pudesse.

— Se eu ainda desafio os deuses? — Tally pensou no que ela e Shay tinham feito na noite anterior, ao invadir e quase destruir o prédio mais bem-guardado da cidade. As duas partiram sem informar a dra. Cable seus verdadeiros planos. E, pelo menos para Tally, essa jornada tinha mais a ver com a cura de Zane do que com a vitória da cidade sobre a Fumaça.

Os Cortadores podiam ser Especiais, mas, nos últimos dias, Tally Youngblood tinha revertido ao seu estado natural: totalmente Crim.

— Sim, ainda desafio — disse baixinho, percebendo que era verdade.

— Ótimo. — Ele sorriu aliviado e entregou o localizador. — Vá então, siga seu namorado. E diga para a Nova Fumaça que Andrew Simpson Smith foi muito prestativo.

SEPARADAS

Tally voltou pelo rio, segurando firme o localizador na mão ferida e pensando muito.

O plano mudaria assim que contasse a Shay sobre o encontro com Andrew Simpson Smith. De posse do localizador, as duas poderiam voar à frente dos fugitivos, que se deslocavam lentamente, e alcançariam a Nova Fumaça bem antes de Zane e seu grupo. Quando os Crims chegassem, o local teria virado um acampamento da Divisão de Circunstâncias Especiais, repleto de prisioneiros Enfumaçados e fugitivos recapturados. Chegar após a rebelião ter sido debelada não faria Zane parecer muito borbulhante.

Para piorar, ele ficaria por conta própria pelo resto da viagem, com apenas os amigos Crims para ajudá-lo caso algo desse muito errado. Bastava uma queda grave da prancha voadora e Zane talvez nem sobrevivesse para ver a Nova Fumaça.

Mas será que Shay se importaria com isso? O que ela queria mesmo era encontrar a Nova Fumaça, salvar Fausto e se vingar de David e do resto dos Enfumaçados. Bancar a babá de Zane não era um objetivo importante da missão para Shay.

Tally diminuiu a velocidade até parar, desejando nem ter encontrado Andrew Simpson Smith.

Óbvio que Shay ainda não sabia sobre o localizador. Talvez não precisasse saber. Se elas continuassem com o plano original, de seguir os Crims da maneira tradicional, Tally poderia guardar o localizador como medida de segurança caso perdessem a trilha...

Ela abriu a mão, olhou para o localizador e as cicatrizes, e desejou sentir a lucidez da noite anterior. Pensou em sacar a faca, mas se lembrou da expressão no rosto de Zane quando viu suas cicatrizes.

Afinal, ela não *precisava* se cortar.

Tally fechou os olhos e fez um esforço para pensar claramente. Na época em que era feia, Tally sempre fugia de decisões como essa. Sempre evitava discussões. Foi assim que acabou traindo a Velha Fumaça por

acidente, por ter medo de contar para alguém que tinha um localizador. E foi assim que perdeu David, por nunca ter contado que era uma espiã.

Mentir para Shay agora seria o que a velha Tally teria feito.

Ela respirou fundo. Era especial agora, tinha lucidez e força. Contaria a verdade para Shay.

Tally cerrou o punho e voltou a acelerar com a prancha.

Dez quilômetros rio acima, a dermantena captou o sinal de Shay.

— Estava ficando preocupada com você, Tally-wa.

— Foi mal, chefe. Encontrei com um velho amigo.

— Sério? Alguém que eu conheço?

— Você nunca o viu. Lembra das minhas histórias sobre a Área Experimental Restrita? Os Enfumaçados começaram a libertar os aldeões com a ajuda dos fugitivos.

— Que surreal! — Shay fez uma pausa. — Mas, peraí, você o *conhecia*? Era da mesma aldeia que você tinha encontrado?

— Sim. E, infelizmente, não é coincidência, Shay-la. É o homem sagrado que me ajudou, lembra? Eu disse onde ficavam as Ruínas de Ferrugem. Ele foi o primeiro a escapar e agora é um Enfumaçado honorário.

Shay soltou um assobio de surpresa.

— Isso é muito medíocre, Tally. E de que maneira ele está ajudando os fugitivos? Ensinando a tirar a pele de coelhos?

— Ele é uma espécie de guia. Os fugitivos dizem uma senha e ele entrega localizadores que levam à Fumaça. — Tally respirou fundo. — Em nome dos velhos tempos, ele me deu um também.

Quando Tally finalmente alcançou Shay, os Crims tinham montado acampamento.

Tally observou da escuridão enquanto os Crims iam um por um até a margem do rio pegar água para os purificadores. Ela e Shay ficaram escondidas a favor do vento, sentindo o cheiro de comida instantânea que vinha do acampamento dos fugitivos. Tally lembrou claramente dos gostos e texturas dos dias em que passou no mato ao notar o odor de MacaCurry, MacaThai e do odiado EspagBol na brisa. Os ouvidos captaram trechos da conversa animada entre os Crims enquanto eles se preparavam para dormir.

Shay estava brincando com o localizador.

— Fizeram um belo trabalho com esse troço. Ele não diz o destino final, apenas indica uma parada por vez e espera que a pessoa chegue lá para mostrar a próxima. Temos que seguir o caminho inteiro para descobrir onde termina. — Ela falou com desdém. — Provavelmente vai nos levar pela via turística.

Tally pigarreou.

— Não vai *nos* levar, Shay-la.

Shay ergueu o olhar.

— Por que, Tally?

— Vou seguir com os Crims. Com Zane.

— Tally... isso é uma perda de tempo. Podemos ir duas vezes mais rápido do que eles.

— Eu sei. — Ela virou o rosto para encarar Shay. — Mas não vou abandonar Zane com um bando de garotos da cidade. Não na condição em que ele está.

Shay resmungou:

— Tally-wa, você é *tão* ridícula. Não confia nele? Não vive dizendo como ele é *especial*?

— Isso não tem nada a ver com ser especial. Estamos no mato, Shay-la, onde tudo pode acontecer: acidentes, animais perigosos, o estado de saúde de Zane pode piorar. Vá em frente sozinha. Ou então chame o restante dos Cortadores. Afinal, não precisa se preocupar em ser detectada. Mas eu vou ficar junto de Zane.

Shay estreitou os olhos.

— Tally... você não tem escolha. Estou dando uma ordem.

— Depois do que a gente fez ontem à noite? — Tally deu uma risada abafada. — É meio tarde para dar lições sobre a cadeia de comando, Shay-la.

— Isso não tem nada a ver com a cadeia de comando, Tally! — gritou Shay. — Tem a ver com os Cortadores. Com Fausto. Você está escolhendo os avoados em vez de *nós*?

Tally balançou a cabeça.

— Estou escolhendo Zane.

— Mas você *tem* que vir comigo. Prometeu que ia parar de causar problemas!

— Shay, eu prometi que se Zane fosse transformado em especial, eu pararia de tentar mudar as coisas. E vou manter essa promessa assim que ele virar um Cortador. Mas até lá... — Tally tentou sorrir. — O que você vai fazer? Contar tudo para a dra. Cable?

Shay bufou, fechou os punhos em posição de combate e arreganhou os dentes para mostrar as pontas. Ela apontou os fugitivos com o queixo.

— O que eu vou fazer, Tally-wa, é ir até lá e falar para Zane que ele é uma piada, um mané que você está enganando, de quem você *ri*. Vou deixar que corra com medo para casa enquanto a gente acaba com a Fumaça para sempre. Quero ver se ele vai virar um Especial assim!

Tally fechou os próprios punhos e sustentou o olhar de Shay. Zane já havia sofrido muito por sua falta de coragem; ela tinha que se defender agora. A mente girava à procura de uma resposta para a ameaça de Shay.

Um instante depois, ela a encontrou e balançou a cabeça.

— Você não pode fazer isso, Shay-la. Não sabe até onde vai o localizador. Em vez de um bárbaro, pode ser que encontre um teste qualquer, que esbarre com um Enfumaçado que saiba quem você é e que não lhe dirá que direção seguir. — Tally apontou para os fugitivos. — Uma de nós tem que ficar com eles, só para garantir.

Shay cuspiu no chão.

— Você está pouco se lixando para Fausto, não é? Ele provavelmente está sendo vítima de uma experiência neste exato momento e você quer perder tempo seguindo esses avoados!

— Eu sei que Fausto precisa de você, Shay. Não estou pedindo que fique comigo. — Ela abriu os braços. — Uma de nós tem que seguir em frente e a outra precisa ficar com os Crims. É a única maneira.

Shay bufou o ar outra vez e foi para a margem do rio. Ela levantou uma pedra lisa da lama, pronta para atirar na água.

— Shay-la, eles podem ver — sussurrou Tally. Shay parou, ainda com o braço levantado. — Olha, sinto muito por isso, mas não estou sendo totalmente medíocre, estou?

A resposta de Shay foi olhar para a pedra por um momento e então deixá-la cair na lama para sacar a faca. Ela começou a subir a manga do traje de camuflagem.

Tally virou o rosto e torceu para que, assim que a mente estivesse melhor, Shay fosse entender.

Ela observou o acampamento dos fugitivos, onde todo mundo mastigava com cuidado, provavelmente por terem percebido que a comida instantânea podia queimar a língua. Essa era a primeira lição que se aprendia no mato: nada era confiável, nem o próprio jantar. Não era como a vida na cidade, onde todas as quinas haviam sido arredondadas, em que todas as varandas eram equipadas com um campo de força caso a pessoa caísse, e onde a comida nunca vinha fervendo.

Ela não podia deixar Zane sozinho ali, mesmo que Shay a odiasse por isso.

Um momento depois, Tally ouviu Shay ficar de pé e se virou para encará-la. O braço estava sangrando e as tatuagens dinâmicas realizavam movimentos vertiginosos. Assim que se aproximou, Tally notou a lucidez característica em seus olhos.

— Tudo bem, a gente se separa — falou ela. Tally tentou sorrir, mas Shay balançou a cabeça. — Nem ouse ficar contente com isso, Tally-wa. Pensei que torná-la uma Especial a mudaria. Achei que, se pudesse enxergar o mundo claramente, você pensaria um pouco menos em *si*. Não seria apenas você e seu namorado. Achei que se preocuparia com outra coisa para variar.

— Eu me importo com os Cortadores, Shay, honestamente. Eu me importo com *você*.

— Isso até Zane reaparecer. Agora, nada mais importa. — Ela balançou a cabeça, revoltada. — E estou tentando tanto agradar você, fazer isso dar certo para você. Mas é em vão.

Tally engoliu em seco.

— Mas temos que nos separar. É a única maneira de ter certeza que o localizador funciona.

— Eu sei disso, Tally-wa. Entendo a sua *lógica*. — Ela olhou para os fugitivos com o desgosto estampado nas tatuagens dinâmicas que se remexiam freneticamente no rosto. — Mas me responda: você raciocinou tudo isso e *então* percebeu que a gente devia se separar? Ou já havia decidido ficar com Zane, a qualquer custo?

Tally abriu a boca e então fechou.

— Não perca tempo com mentiras, Tally-wa. Nós duas sabemos a resposta. — Ela bufou, virou o rosto e estalou os dedos para chamar a prancha. — Eu realmente achei que você tinha mudado. Mas continua sendo a mesma feia egoísta que sempre foi. É isso que é *surpreendente*

sobre você, Tally. Mesmo a dra. Cable e seus cirurgiões não têm a menor chance contra o seu ego.

Tally sentiu as mãos começarem a tremer. Ela esperava uma discussão, mas não isso.

— Shay...

— Você é um fracasso até mesmo como Especial, sempre se preocupando com tudo. Por que não consegue apenas ser *sagaz*?

— Eu sempre tentei fazer o que você...

— Bem, pode parar de tentar agora. — Shay pegou um spray no compartimento de carga da prancha e passou no braço sangrando. Então tirou mais algumas embalagens seladas e jogou na lama aos pés de Tally. — Aqui está um pacote de plástico adaptável, se tiver que se disfarçar, alguns sinalizadores de dermantena e um amplificador de sinal de satélite. — Ela deu uma risada amarga, com a voz ainda em tom de deboche. — Vou até deixar uma das granadas que sobraram, caso algo grande se coloque entre você e o garoto-tremedeira.

A granada fez um som seco ao cair e Tally recuou.

— Shay, por que você...

— *Pare* de falar comigo. — A ordem calou Tally, que só conseguiu olhar enquanto Shay descia a manga do traje de camuflagem e puxava o capuz sobre o rosto, encobrindo a expressão furiosa com uma máscara de escuridão. — Não vou mais ficar esperando. Fausto é minha responsabilidade, e não um bando de avoados.

Tally engoliu em seco.

— Espero que ele esteja bem.

— Tenho certeza que sim. — Shay pulou na prancha. — Mas cansei de me importar com o que você espera ou pensa, Tally-wa. Para sempre.

Tally tentou falar, mas Shay disse as últimas palavras com tanta frieza que não conseguiu.

A silhueta praticamente invisível de Shay subiu ao céu contra o arvoredo escuro da outra margem. Ela passou pelo rio e disparou na escuridão. Desapareceu instantaneamente como algo que deixou de existir.

Mas Tally ainda podia ouvir sua respiração pela conexão entre as dermantenas. Parecia cruel e furiosa, como se os dentes de Shay estivessem arreganhados em ódio e revolta. Tally tentou pensar em algo mais a dizer, uma coisa que explicasse a razão porque tinha que fazer aquilo. Ficar com

Zane era mais importante do que ser um Cortador, mais importante do que qualquer promessa que jamais tivesse feito.

A decisão tinha a ver com quem Tally Youngblood era por dentro, fosse feia, perfeita ou especial...

Mas, um instante depois, Shay saiu do alcance e Tally continuou sem dizer uma palavra. Viu que estava sozinha e escondida, esperando que os Crims adormecessem.

INCOMPETÊNCIA

Os Crims tentaram sem sucesso acender uma fogueira.

Tudo o que conseguiram fazer foi queimar alguns gravetos molhados, o que soltou um chiado tão alto que Tally pôde ouvir do esconderijo. Jamais fizeram a chama vingar. A pilha de gravetos continuou soltando faíscas irregularmente até o raiar do dia. Foi quando os Crims notaram a coluna de fumaça escura subindo contra o céu e tentaram apagá-la. Acabaram por jogar punhados de lama no fogo meio vivo. Quando a situação ficou sob controle, pareciam que estavam dormindo com as mesmas roupas da cidade há uma semana.

Tally suspirou e imaginou o riso debochado de Shay ao ver como eles penavam para fazer as coisas mais simples. Pelo menos tinham percebido que era mais inteligente dormir durante o dia e viajar à noite.

Enquanto os fugitivos voltavam aos sacos de dormir, Tally se permitiu tirar um cochilo. Os Especiais não precisavam dormir muito, mas ela ainda sentia o impacto nos músculos da invasão ao Arsenal e da subsequente caminhada. Os Crims deviam estar caindo de cansaço após a primeira noite no mato, então aquela era provavelmente a melhor hora para colocar o sono em dia. Sem Shay para alternar turnos de guarda, Tally teria que ficar alerta por dias a fio.

Ela ficou sentada de pernas cruzadas olhando para o acampamento e programou seu software interno para tocar o alarme a cada dez minutos. Mas o sono não veio facilmente. Os olhos ardiam com as lágrimas que não caíram durante a briga com Shay. As acusações ainda ecoavam na mente e tornavam o mundo vago e distante. Ela respirou fundo e devagar, até que os olhos finalmente se fecharam...

Bip. Dez minutos haviam se passado.

Tally verificou os Crims, que não tinham se mexido, e então tentou dormir de novo.

Os Especiais eram projetados para dormir daquela maneira, mas ser acordada a cada dez minutos ainda deixava a noção de tempo meio estranha. Era como se Tally assistisse a um vídeo acelerado do dia. O sol parecia subir rapidamente pelo céu, as sombras se moviam ao redor como

seres vivos. Os plácidos sons do rio viraram uma nota só. A mente inquieta de Tally alternava entre preocupação por Zane e tristeza pela briga. A impressão que dava é que, não importava o que acontecesse, Shay estava destinada a odiá-la. Ou então ela tinha razão a respeito de Tally Youngblood ter o dom de trair os amigos...

Quando o sol estava quase a pino, Tally foi acordada por uma luz ofuscante sobre os olhos em vez do alarme. Ela se sentou em um rompante, com as mãos em posição de combate.

A luz vinha do acampamento dos Crims. Quando ela ficou de pé, a claridade sumiu de novo.

Tally se acalmou. Eram apenas as pranchas espalhadas pela margem com as células solares abertas para recarregar. Ao se mover pelo céu, o sol atingiu a superfície refletora em um ângulo que lançava a luz para seus olhos.

Ela ficou incomodada ao ver as pranchas reluzindo. Após apenas algumas horas de voo, os fugitivos ainda não precisavam recarregar. Eles deviam estar mais preocupados em permanecer invisíveis.

Protegendo a visão, Tally ergueu o olhar. Para qualquer carro voador que passasse, as pranchas desdobradas iam brilhar como um sinalizador. Por acaso os Crims não sabiam como estavam próximos da cidade? As poucas horas de voo devem ter sido como uma eternidade para eles, mas os fugitivos estavam praticamente às portas da civilização.

Tally sentiu-se envergonhada novamente. Ela desobedeceu Shay e traiu Fausto para bancar a babá desses *avoados*?

Tally sintonizou as frequências oficiais da cidade e imediatamente captou a conversa de um carro-patrulha voando lentamente sobre o rio. Eles finalmente tinham notado que os truques da noite anterior haviam servido como distração para acobertar mais uma fuga. Todos os caminhos óbvios para a cidade — os rios e velhas ferrovias — estariam sob vigilância. Se os guardas vissem as pranchas desdobradas, a fuga de Zane chegaria a um vergonhoso fim e Tally teria ido contra Shay por nada.

Ela se perguntou como chamaria a atenção dos Crims sem revelar sua presença. Podia jogar algumas pedras e esperar que alguns deles acordassem com o barulho aleatório, mas provavelmente os fugitivos não possuíam um rádio que captasse a frequência da cidade. Assim, não teriam como reconhecer o perigo que corriam e apenas voltariam a dormir.

Tally suspirou. Teria que resolver a situação por conta própria.

Após abaixar o capuz, ela deu alguns passos até a margem e entrou no rio. Enquanto nadava, as escamas do traje de camuflagem ondulavam para imitar o movimento da água e refletiam a luz como a superfície espelhada do rio lento.

Ao se aproximar do acampamento, o cheiro da fogueira extinta e dos pacotes de comida jogados fora alcançou seu nariz. Ela tomou fôlego e terminou o percurso até a margem submersa.

Tally se arrastou pelo chão ao sair da água e levantou a cabeça devagar para deixar o traje se ajustar às mudanças ao redor. A roupa ficou macia e marrom enquanto as escamas se enfiavam na lama e a empurravam como uma lesma.

Os Crims estavam dormindo, mas as moscas e a brisa ocasional faziam com que murmurassem. Os novos perfeitos tinham muita prática em dormir até o meio-dia, mas nunca sobre chão duro. Podiam acordar ao menor barulho.

Pelo menos os sacos de dormir camuflados seriam invisíveis do ar. Mas as oito pranchas desdobradas na margem brilhavam cada vez mais à medida que o sol subia. O vento tentava levantar as pontas presas por pedras e lama, que reluziam como um globo de discoteca.

Para recarregar uma prancha voadora, era preciso desdobrá-la como um boneco de papel e expor o máximo de superfície ao sol. Completamente abertas, elas eram finas e leves como uma pipa. Uma lufada de vento seria capaz de arrastá-las até as árvores — e era nisso que os Crims poderiam *acreditar* que havia acontecido caso acordassem e encontrassem as pranchas no meio da floresta.

Tally se arrastou até a prancha mais próxima e tirou as pedras das pontas. Ficou de pé devagar e a puxou para a sombra. Depois de alguns minutos de trabalho, a prancha ficou enfiada entre duas árvores de uma maneira que Tally esperava que parecesse natural, mas ao mesmo tempo firme o bastante para que o vento não a levasse embora para valer.

Só faltavam mais sete.

O trabalho era dolorosamente lento. Tally tinha que calcular bem cada passo que dava entre os corpos adormecidos e qualquer barulho acidental fazia o coração disparar. Enquanto isso, ela meio que prestava atenção no carro-patrulha se aproximando pela transmissão da dermantena.

Finalmente a última das oito pranchas voadoras foi puxada com cuidado até a sombra. Ficaram misturadas como guarda-chuvas arrastados

após uma tempestade de vento, com os reluzentes painéis solares virados contra os arbustos.

Antes de voltar a entrar no rio, Tally ficou parada por um instante observando Zane. Ele dava a impressão de ser o velho namorado, pois a tremedeira não o incomodava ao dormir. Sem os pensamentos tão óbvios na expressão do rosto, Zane parecia mais esperto, quase especial. Tally imaginou seus olhos sendo alterados para o ângulo cruel dos Especiais e o rosto cheio de tatuagens dinâmicas. Sorriu, se virou e deu um passo até o rio...

E então travou ao ouvir um barulho.

Foi uma respiração baixa e repentina, um ruído de surpresa. Ela esperou imóvel, torcendo para que tivesse sido um pesadelo e que a respiração retomasse o ritmo do sono. Mas seus sentidos avisaram que alguém estava acordado.

Finalmente ela virou a cabeça bem devagar para olhar para trás.

Era Zane.

Seus olhos estavam abertos, sonolentos e piscavam sob a luz do sol. Ele olhava diretamente para Tally, confuso e semiacordado, sem ter certeza de que ela era real.

Tally permaneceu absolutamente imóvel, mas o traje de camuflagem não tinha muitos elementos com que trabalhar. A roupa podia mostrar uma versão borrada da água atrás de Tally, mas, em plena luz do dia, Zane ainda veria uma silhueta humanoide e transparente como uma estátua de vidro pisando no rio. Para piorar as coisas, ainda havia lama no traje, o que deixava manchas marrons flutuando contra o cenário.

Zane esfregou os olhos, vasculhou a margem vazia e percebeu que as pranchas voadoras tinham sumido. Então olhou de novo para Tally ainda com uma expressão intrigada no rosto.

Ela continuou imóvel, torcendo para que Zane decidisse que aquilo não passava de um estranho sonho.

— Ei — disse Zane, baixinho. A voz saiu rouca e ele pigarreou para falar mais alto.

Tally não deixou. Deu três passos rápidos pela lama, tirou uma luva e acionou a agulha do anel.

Assim que foi espetado na garganta, Zane conseguiu dar um grito fraco de susto, mas os olhos reviraram e ele caiu no chão. Dormiu de novo e começou a roncar baixinho.

— Foi só um sonho — sussurrou Tally no seu ouvido. Então ficou de barriga contra o chão e voltou a se arrastar até o rio.

Meia hora depois, o carro voador dos guardas passou serpenteando como uma cobra preguiçosa. Não viu os Crims, nem parou por um instante no céu.

Tally ficou próxima ao acampamento, escondida em uma árvore a dez metros de distância de Zane, com o traje de camuflagem imitando a textura das folhas.

Com o passar da tarde, os Crims começaram a acordar. Ninguém parecia muito preocupado pelo vento ter levado as pranchas. Eles as trouxeram de volta para a luz do sol e continuaram levantando acampamento.

Enquanto Tally observava, os fugitivos entraram na floresta para fazer xixi, cozinharam as refeições ou deram rápidos mergulhos no rio gelado para tentar limpar a lama, o suor da viagem e a sujeira de dormir no chão.

Todos à exceção de Zane. Ele continuou inconsciente por mais tempo que os outros Crims por causa da droga dentro do corpo. Não acordou até o pôr do sol, quando Peris finalmente se debruçou sobre ele para sacudi-lo.

Zane sentou devagar e segurou a cabeça entre as mãos, a imagem de um perfeito com uma ressaca forte. Tally imaginou do que ele se lembrava. Peris e os demais até então acreditavam que o vento havia movido as pranchas voadoras, mas podiam mudar de ideia após ouvir o pequeno sonho de Zane.

Peris e Zane ficaram agachados um tempo. Tally deu a volta devagar por uma árvore para chegar a um ponto onde pudesse ler os lábios deles. Peris parecia estar perguntando se Zane se sentia bem. Novos perfeitos raramente ficavam doentes porque a operação os deixava saudáveis demais para que pegassem infecções comuns, mas com o estado de saúde de Zane e tudo mais...

Zane balançou a cabeça e gesticulou para a margem, onde as pranchas voadoras absorviam os últimos raios de sol. Peris apontou para o lugar em que haviam sido colocadas por Tally. Os dois foram até lá e se aproximaram perigosamente da árvore onde ela estava. Pela expressão em seu rosto, Zane não parecia convencido. Ele sabia que pelo menos uma parte do sonho — as pranchas desaparecidas — tinha sido real.

Depois de longos e tensos minutos, Peris voltou para levantar acampamento. Mas Zane permaneceu ali, vasculhando devagar o horizonte com o olhar. Mesmo invisível no traje, Tally recuou quando seus olhos passaram pelo esconderijo.

Ele não tinha certeza de nada, mas desconfiava de que tudo era mais do que um sonho.

Tally teria que ter muito cuidado daí em diante.

Nos dias seguintes, a perseguição aos Crims manteve um ritmo constante.

Os fugitivos passavam cada vez mais tempo acordados à noite, enquanto os corpos medíocres se ajustavam a viajar na escuridão e dormir durante o dia. Logo eles conseguiam voar de prancha a noite inteira e montavam acampamento apenas quando os primeiros raios da aurora surgiam no horizonte.

O localizador de Andrew apontava para o sul. Os Crims seguiram o rio até o oceano e então passaram a voar sobre os trilhos enferrujados de uma velha linha de trem-bala. Tally notou que alguém tinha tornado a ferrovia costeira segura para voo de prancha, sem interrupções perigosas no campo magnético. Sempre que havia uma brecha nos trilhos, cabos de metal enterrados evitavam que os Crims caíssem. Eles sequer precisaram caminhar.

Tally imaginou quantos fugitivos já tinham usado aquele caminho. Em que outras cidades David e seus aliados estariam recrutando?

A Nova Fumaça com certeza ficava mais longe do que ela esperava. Os pais de David eram da mesma cidade de Tally, e ele sempre se escondia a alguns dias de viagem de casa. Mas o localizador de Andrew guiava o grupo quase até o continente sul. Os dias eram mais longos e as noites mais quentes à medida que desciam.

O terreno da costa foi ficando elevado e abafava o som das ondas que quebravam lá embaixo. A grama alta cobria as velhas ferrovias e, ao longe, enormes campos de flores brancas reluziam ao sol. Elas eram uma espécie de orquídea criada e solta no mundo por algum cientista Enferrujado. As flores cresciam em todos os lugares, roubavam nutrientes do solo e sufocavam as florestas em seu caminho. Mas algo em relação ao oceano, talvez a maresia, mantinha as orquídeas longe da costa.

Os Crims pareciam estar se acostumando à rotina da viagem. A habilidade de pilotar as pranchas melhorou, mas mesmo assim não era um desafio segui-los. O treino regular também fez bem para a coordenação de Zane, embora ele ainda ficasse instável sobre a prancha em comparação com os demais.

Shay devia estar cada vez mais distante com o passar das horas. Tally imaginou se o restante dos Cortadores havia se juntado a ela. Ou Shay estava sendo cautelosa e viajando sozinha, esperando encontrar a Nova Fumaça para depois chamar reforços?

A cada dia que os Crims não chegavam à Nova Fumaça, aumentavam as chances de a Circunstâncias Especiais já estar lá e de a viagem se tornar uma piada de mau gosto, como Shay dissera.

Viajar sozinha dava muito tempo para Tally pensar se era realmente aquele monstro egoísta que Shay havia descrito. Não parecia justo. Quando é que ela sequer tivera a *chance* de ser egoísta? Desde que fora recrutada pela dra. Cable, a maioria das decisões de Tally fora tomada por outras pessoas. Sempre havia alguém que a forçava a escolher o seu lado no conflito entre os Enfumaçados e a cidade. As únicas decisões de verdade que havia tomado até então foram permanecer feia na Velha Fumaça (o que não deu certo), fugir da Nova Perfeição com Zane (idem) e se separar de Shay para proteger Zane (até agora, não parecia uma escolha tão boa). Todo o restante foi resultado de ameaças, acidentes, lesões no cérebro e cirurgias que fizeram sua cabeça.

Não era exatamente sua culpa.

E, no entanto, todas as vezes ela e Shay acabavam em lados opostos. Será que era coincidência? Ou havia algo que sempre fazia com que as duas amigas virassem inimigas? Talvez fossem como duas espécies diferentes, falcões e coelhos, e nunca poderiam ser aliadas.

E quem seria o falcão?, Tally se perguntou.

Sozinha ali, ela percebeu que estava passando por uma mudança outra vez. Havia alguma coisa na natureza que a fazia se sentir menos especial. Ainda enxergava a beleza sagaz do mundo, mas sentia falta do som dos outros Cortadores ao redor e da intimidade da respiração deles através da rede de dermantenas. Começou a entender que ser uma Especial não tinha apenas a ver com força e velocidade, e sim com fazer parte de um grupo, de uma turma. No acampamento dos Cortadores, Tally se sentia *ligada* aos demais, sempre ciente dos poderes e privilégios que tinham em comum, e das visões e do cheiro que somente seus sentidos super-humanos podiam detectar.

Tally sempre se sentira especial entre os Cortadores. Mas agora que estava sozinha no mato, a visão perfeita apenas a fazia se sentir minúscula.

Vista com todos os detalhes, a natureza parecia grande o bastante para engoli-la.

O grupo de fugitivos ao longe não estava impressionado ou com medo de seu rosto selvagem e de suas unhas afiadas. Como seria possível se ela sequer fora vista de relance? Tally era invisível, uma pária desaparecendo no horizonte.

Tally quase se sentiu aliviada quando os Crims cometeram seu segundo erro.

Eles pararam para montar acampamento ao lado de uma rocha alta, protegidos do vento que vinha do oceano. Ali as orquídeas estavam mais próximas. As flores reluziam quando o sol ficava alto no céu e tornavam os morros tão brancos quanto dunas.

Os Crims desdobraram as pranchas e colocaram pesos nas pontas, acenderam uma fogueira razoável e fizeram as refeições. Tally observou que eles pegaram rápido no sono, como de costume, exaustos após um longo dia de viagem.

Tão longe da cidade, ela não precisava mais se preocupar se as pranchas seriam avistadas. A dermantena não captava nada na frequência dos guardas havia dias. Mas, ao se preparar para uma longa jornada de vigília, Tally notou que a prancha de Zane tinha ficado ao sabor da brisa que soprava ao redor da rocha.

A prancha tremia ao vento e uma das pedras que servia como peso na ponta rolou.

Tally suspirou. Após uma semana no mato, os fugitivos *ainda* não haviam aprendido a fazer aquilo direito. Mas, por dentro, ela sentiu uma pontada de ansiedade. Arrumar a prancha lhe daria a oportunidade de pelo menos *fazer* alguma coisa, e talvez assim ela se sentisse menos insignificante. Por aqueles breves momentos, Tally não estaria completamente sozinha. Poderia ouvir a respiração dos Crims adormecidos e ver Zane mais de perto. Ao observá-lo imóvel e dormindo sem ser abalado pela tremedeira, Tally sempre se lembrava dos motivos por trás de suas decisões.

Ela rastejou até o acampamento, o traje da cor da terra. O sol nascia atrás dela, mas daquela vez seria mais fácil do que na margem do rio, quando todas as oito pranchas tiveram que ser movidas. A prancha de Zane ainda flutuava, outra ponta estava solta, mas ela ainda não tinha

sido levada pelo vento. Talvez o dispositivo magnético estivesse preso a algum rastro de ferro subterrâneo que mantinha a prancha próxima ao solo com eficácia.

Quando Tally chegou à prancha, ela tremia como um pássaro ferido ao sabor da brisa que cheirava a algas e sal. Curiosamente, alguém deixara um velho livro com capa de couro aberto ao lado da prancha. As páginas faziam barulho ao vento.

Tally estreitou os olhos. Parecia o livro que Zane lia na primeira noite em que o vira depois de ele ter saído do hospital.

Outra ponta da prancha se soltou, e Tally levantou a mão para pegá-la antes que fosse levada pelo vento.

Mas a prancha não se moveu.

Havia algo de errado...

Então Tally percebeu por que a prancha não estava se mexendo. A quarta ponta estava amarrada a uma estaca, protegida contra o vento, como se quem tivesse colocado a prancha ali fora soubesse que as pedras não iriam segurá-la.

Então ouviu algo além das páginas do livro batendo ao vento — o livro idiota e barulhento que *obviamente* fora deixado ali para encobrir outros sons. Um dos Crims estava respirando menos devagar que os demais... alguém estava acordado.

Ela se virou e viu Zane a observando.

Tally ficou de pé em um pulo e, com apenas um gesto, tirou a luva e acionou a agulha. Mas Zane levantou uma das mãos, que segurava uma série de estacas de metal e pederneiras. Mesmo que Tally conseguisse cruzar os cincos metros entre eles e o espetasse, todo aquele metal cairia fazendo barulho no chão e acordaria os demais.

Mas por que ele simplesmente não gritou? Ela ficou tensa e esperou que desse o alarme, mas, em vez disso, Zane levou devagar um dedo aos lábios.

Sua expressão maliciosa dizia: *eu não conto se você não contar.*

Tally engoliu em seco e olhou os outros Crims na escuridão. Ninguém estava observando discretamente, todos dormiam mesmo. Zane queria conversar em particular. Ela concordou com a cabeça e sentiu o coração disparar.

Os dois saíram de mansinho do acampamento e deram a volta na rocha, onde o rugido constante da brisa e das ondas abafaria a conversa. Agora que Zane estava andando, a tremedeira recomeçara. Quando ele se sentou ao seu lado na grama alta, Tally não olhou para o rosto dele. Já sentia uma pontada de repulsa no estômago.

— Os outros sabem sobre mim? — perguntou ela.

— Não. Eu mesmo não tinha certeza. Pensei que estivesse imaginando coisas. — Ele tocou o ombro de Tally. — Ainda bem que não era o caso.

— Não *acredito* que caí num truque tão idiota.

Ele riu.

— Foi mal ter apelado para sua boa índole.

— Minha *o quê?*

De rabo de olho, Tally viu Zane sorrir.

— Você protegeu a gente no primeiro dia, não foi? Tirou as pranchas de vista?

— Sim. Um guarda estava prestes a ver vocês, seus avoados.

— Foi o que eu pensei. Por isso imaginei que você fosse ajudar de novo. Nossa segurança particular.

Tally engoliu em seco.

— É, que beleza. É ótimo ter o trabalho reconhecido.

— Então é só você?

— Sim, estou sozinha. — Era a verdade agora, afinal de contas.

— Você não deveria estar aqui, não é?

— Você quer saber se estou desobedecendo ordens? Infelizmente, sim.

Zane assentiu.

— Eu sabia que você e Shay tinham algum truque na manga ao me soltarem. Tipo, vocês não acreditavam mesmo que eu fosse usar esse localizador. — Ele tocou o braço de Tally, os dedos pálidos contra o cinza fosco do traje de camuflagem. — Mas como você está seguindo a gente, Tally? Tem alguma coisa dentro de mim?

— Não, Zane. Você está limpo. Eu apenas fico por perto e observo vocês a cada minuto. Não é difícil notar oito jovens da cidade no mato, afinal de contas. — Ela deu de ombros, ainda olhando para as ondas que quebravam. — Posso sentir o seu cheiro, também.

— Ah. — Ele riu. — Espero que não esteja tão ruim.

Ela balançou a cabeça.

— Eu já estive no mato antes, Zane. Já senti cheiros piores. Mas por que você...? — Tally virou o rosto para ele, mas abaixou o olhar e prestou atenção no zíper do casaco. — Você armou uma armadilha para mim, mas não falou com os outros Crims?

— Eu não queria assustar todo mundo. — Zane deu de ombros. — Se um bando de Especiais estivesse seguindo a gente, não haveria muita coisa que eles pudessem fazer a respeito. E se fosse apenas você, eu não queria que os outros soubessem. Não iriam entender.

— Entender o quê? — perguntou Tally, baixinho.

— Que essa viagem não é uma armadilha. Que era apenas você protegendo a gente.

Ela engoliu em seco. Claro que *era* uma armadilha. Mas, e agora? A viagem era somente uma piada? Uma perda de tempo? Shay, a dra. Cable e o resto da Circunstâncias Especiais provavelmente já estavam esperando por eles na Fumaça.

Zane apertou seu braço.

— Isso está mudando você de novo, não é?

— O quê?

— A natureza. É o que você sempre disse. A primeira viagem para a Fumaça foi a responsável por você ser quem é.

Tally virou o rosto para olhar o oceano e sentiu o gosto de sal na boca. Zane estava certo quanto à influência da natureza sobre ela. Toda vez que entrava sozinha no mato, o conjunto de valores ensinado pela cidade era abalado. Mas, daquela vez, as descobertas não a deixaram feliz.

— Não tenho mais certeza do *que* eu sou, Zane. Às vezes acho que sou apenas o fruto do que outras pessoas fizeram comigo, uma grande série de lavagens cerebrais, cirurgias e curas. — Ela olhou para as cicatrizes na palma da mão, que interrompiam o movimento das tatuagens dinâmicas. — Sou o fruto disso e de todos os erros que cometi. De todas as pessoas que desapontei.

Ele passou um dedo trêmulo pela cicatriz. Tally fechou a mão e virou o rosto.

— Se isso fosse verdade, Tally, você não estaria aqui agora, desobedecendo a ordens.

— É, bem, nessa parte de desobediência eu sou muito boa.

— Olha para mim, Tally.

— Zane, não sei se é uma boa ideia. — Ela engoliu em seco. — Sabe...

— Eu sei. Vi seu rosto naquela noite. Notei que você ainda não olhou para mim. Esse truque da dra. Cable faz sentido. Os Especiais pensam que todo mundo é insignificante, certo?

Tally deu de ombros, sem querer explicar que a sensação era pior em relação a Zane do que qualquer outro. Em parte por causa do sentimento que um dia teve por ele, do contraste entre aquela época e agora. E em parte por causa... da outra coisa.

— Tente, Tally.

Ela virou o rosto e desejou por um momento que não fosse especial, que os olhos não fossem tão apurados a ponto de perceber cada detalhe da doença dele. Que a mente não estivesse programada para ir contra tudo que fosse comum, medíocre e... fraco.

— Não posso, Zane.

— Claro que pode.

— Como assim? Então agora você é um especialista em Especiais?

— Não. Mas se lembra do David?

— David? — Ela olhou com raiva para o mar. — O que tem ele?

— Ele não disse que você era linda?

Tally sentiu um arrepio.

— Sim, na época em que eu era feia. Mas como você...? — Então se lembrou da última fuga, de que Zane havia chegado às Ruínas de Ferrugem uma semana antes dela. Zane e David tiveram muito tempo para se conhecer antes de Tally finalmente aparecer. — Ele *contou* isso para você?

Zane deu de ombros.

— David viu como eu era perfeito. Acho que estava torcendo para que você ainda conseguisse olhar para ele da mesma maneira que olhou na Velha Fumaça.

Tally estremeceu, tomada pela onda de velhas memórias. Naquela noite, duas operações atrás, quando David olhou para seu rosto feio de lábios finos, cabelo desgrenhado e nariz achatado, ele disse que Tally era linda. Ela tentou explicar que não podia ser verdade, que a genética não *deixaria* que fosse verdade...

Mas David ainda assim a chamou de linda, mesmo quando era feia.

Foi naquele momento que o mundo de Tally se abriu. Foi a primeira vez que ela mudou de lado.

Tally sentiu uma pontada inesperada de pena pelo pobre e medíocre David. Criado como um Enfumaçado, ele nunca havia passado pela cirurgia, jamais tinha visto um perfeito até então. Era natural que pudesse pensar que a feia Tally Youngblood fosse bonita.

Porém, assim que virou perfeita, Tally se entregou para a dra. Cable apenas para ficar com Zane e se afastou de David.

— Não foi por causa do rosto que eu escolhi você, Zane. Foi pelo que nós fizemos juntos. Nós nos libertamos. Você sabe disso, certo?

— Claro. Então o que há de errado com você agora?

— O que quer dizer?

— Ouça, Tally. Quando David viu como você era bonita, ele venceu cinco milhões de anos de evolução. Ignorou sua pele imperfeita, o rosto assimétrico e tudo aquilo contra o que nossos genes lutam. — Zane esticou a mão. — E agora você não consegue nem olhar para mim porque estou *tremendo um pouco?*

Ela encarou os dedos trêmulos e repugnantes.

— Ser Especial é pior do que ser um avoado, Zane. Os avoados são apenas sem noção, mas os Especiais são... obcecados por certas coisas. Mas pelo menos eu estou tentando dar um jeito na situação. Por que acha que estou aqui seguindo você?

— Quer me levar de voltar para a cidade, não é?

Ela gemeu.

— E qual é a alternativa? Deixar que a Maddy tente uma de suas curas toscas?

— A alternativa está dentro de você, Tally. A questão não é o dano no *meu* cérebro, e sim no *seu*.

Zane se aproximou e ela fechou os olhos.

— Você se libertou uma vez. Venceu as lesões da perfeição. No início, bastou apenas um beijo.

Tally sentiu o calor do corpo dele junto ao seu, sentiu o cheiro de fumaça da fogueira na pele de Zane. Ela virou o rosto com os olhos ainda bem-fechados.

— Mas é diferente quando a pessoa é especial. Não é apenas um pequeno pedaço do cérebro. É o corpo inteiro. É o jeito como eu enxergo o mundo.

— Certo. Você é tão especial que ninguém pode tocá-la.

— Zane...

— É tão especial que precisa se cortar apenas para sentir alguma coisa.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não faço mais isso.

— Então você *pode* mudar!

— Mas isso não quer dizer... — Tally abriu os olhos.

O rosto de Zane estava a centímetros de distância com um olhar intenso. E de alguma forma a natureza também provocou uma mudança nele. Os olhos não pareciam mais lacrimosos nem medíocres. O olhar era quase sagaz.

Quase especial.

Ela se inclinou para a frente... e os lábios se encontraram, quentes no ambiente frio da sombra da rocha. O rugido das ondas encheu seus ouvidos e abafou os batimentos cardíacos acelerados.

Tally se aproximou e enfiou as mãos dentro das roupas de Zane. Ela queria estar sem o traje de camuflagem, deixar de ficar sozinha e invisível. Abraçou-o com força e ouviu Zane ofegar quando suas mãos mortíferas o apertaram firme. Os sentidos de Tally informaram tudo sobre ele: o coração pulsando na garganta, o gosto da boca, o cheiro da falta de banho cortado pela maresia.

Mas então os dedos de Zane tocaram seu rosto e Tally sentiu a tremedeira.

Não, disse para si mesma.

A tremedeira era suave, quase nada, tão fraca quanto o eco da chuva caindo a um quilômetro de distância. Mas estava em todas as partes, na pele do rosto, nos músculos dos braços ao redor de Tally, nos lábios colados aos dela. O corpo inteiro tremia como o de uma criança no frio. E, de repente, Tally conseguia *enxergar* o interior de Zane: o sistema nervoso danificado, as conexões arruinadas entre corpo e cérebro.

Tally tentou tirar a imagem da mente, mas ela ficava cada vez mais nítida. Afinal de contas, Tally fora criada para detectar fraquezas e se aproveitar das fragilidades e dos defeitos dos medíocres, e não para ignorá-los.

Ela tentou se afastar um pouco, mas Zane continuou segurando seu braço com força, como se pensasse que poderia *prendê-la* ali. Tally interrompeu o beijo e abriu os olhos, viu os dedos pálidos que a seguravam e sentiu uma pontada de raiva incontrolável.

— Tally, espera. A gente pode...

Mas ele não soltou. Tomada pela fúria e repulsa, Tally emitiu uma onda de escamas afiadas pela superfície do traje de camuflagem. Zane gritou e recuou com os dedos e palmas das mãos sangrando.

Tally rolou, deu um pulo para ficar de pé e correu. Ela *beijou* Zane, se deixou tocar por ele — um medíocre, alguém que não era especial. Um fraco...

Sentiu ânsia de vômito, como se a memória do beijo quisesse sair do corpo. Ela tropeçou e caiu sobre um joelho, com o estômago embrulhado e o mundo girando.

— Tally! — Zane veio atrás dela.

— Não! — Tally ergueu a mão, sem ousar olhar no seu rosto. Ao respirar o ar puro e frio do mar, a náusea começou a passar. Mas não iria embora se ele se aproximasse.

— Você está bem?

— Eu *pareço* estar bem? — Tally foi tomada pela vergonha. O que ela tinha feito? — Eu simplesmente não consigo, Zane.

Ela se levantou e correu em direção ao oceano, para longe de Zane. A rocha dava em um penhasco, mas Tally não diminuiu o passo...

Ela pulou e mal escapou de cair nas pedras embaixo. Acertou as ondas com um baque e mergulhou fundo no abraço gelado da água. O oceano agitado quase jogou seu corpo de volta nas pedras, mas Tally deu braçadas fortes e nadou até que as mãos tocassem o fundo arenoso e escuro do mar. A correnteza recuou e puxou Tally para longe, rugiu em seus ouvidos e apagou seus pensamentos.

Ela prendeu a respiração e se deixou ser levada pelo oceano.

Um minuto depois, Tally rompeu a superfície e arfou em busca de ar. Surgiu a meio quilômetro do ponto de onde havia pulado, bem distante da costa; a correnteza a levara para o sul.

Zane estava na beira do penhasco observando a água à procura dela, com o casaco amarrado nas mãos sangrando. Tally não podia encará-lo depois do que tinha feito, nem queria ser *vista* por ele. Queria desaparecer.

Ela puxou o capuz e acionou o traje para copiar a superfície espelhada da água. Se deixou ser levada para mais longe.

Quando Zane finalmente retornou ao acampamento, Tally nadou até a praia.

OSSOS

Depois daquilo, a jornada pareceu durar uma eternidade.

Em certos dias, Tally ficava convencida de que o localizador era apenas um truque dos Enfumaçados para fazê-los andar pelo mato para sempre: Zane, que lutava para sobreviver às longas noites de viagem; Tally, a desequilibrada sozinha no traje de camuflagem, isolada e invisível. Os dois viviam em infernos separados.

Se perguntou o que Zane pensava dela agora. Depois do que havia acontecido, ele deve ter percebido como Tally era mesmo fraca: a temida máquina de combate da dra. Cable fora derrotada por um beijo, abalada por algo tão prosaico quanto uma mão trêmula.

Sentiu vontade de se cortar ao lembrar a cena, de arrancar a própria carne até virar alguém diferente, menos especial, mais humana. Mas não queria voltar a se cortar depois de ter dito a Zane que havia parado. Seria como quebrar uma promessa.

Tally se perguntou se Zane contara aos outros Crims sobre ela. Será que já estavam planejando uma forma de emboscá-la e entregá-la aos Enfumaçados? Ou estavam tentando escapar e deixar Tally para trás, sozinha no mato para sempre?

Ela se imaginou invadindo o acampamento enquanto os outros dormiam para contar a Zane como se sentia mal pelo ocorrido. Mas não tinha coragem de encará-lo. Talvez tivesse ido longe demais dessa vez, quase vomitando na cara dele, isso sem falar no corte das mãos.

Shay já desistira dela. E se Zane também tivesse decidido que já não suportava mais Tally Youngblood?

Já havia se passado quase duas semanas quando os Crims pararam em um penhasco bem alto que dava para o mar.

Tally olhou para as estrelas. Ainda era muito antes da alvorada e a ferrovia à frente não estava interrompida. Mas todos os fugitivos saíram das pranchas e se reuniram ao redor de Zane. Estavam olhando para alguma coisa na mão dele.

O localizador.

Tally observou e esperou, flutuando logo abaixo da beirada do penhasco, mantida acima das ondas pela ação das hélices. Após alguns longos minutos, viu a fumaça de um acampamento. Era óbvio que os Crims não iam prosseguir naquela noite. Ela se aproximou e agarrou a borda do penhasco.

Tally deu a volta pela grama alta e avançou até o acampamento. As refeições quentes brilhavam na visão infravermelha.

Finalmente chegou a um ponto onde o vento trazia os sons e o cheiro de comida da cidade até ela.

— O que a gente faz se ninguém vier? — disse uma das garotas.

A voz de Zane respondeu:

— Eles virão.

— Em quanto tempo?

— Não sei. Mas não tem mais nada que a gente possa fazer.

A garota começou a comentar sobre o estoque de água e falou que eles não tinham visto um rio nas últimas duas noites.

Tally recuou aliviada para a grama. O localizador mandou que parassem ali. Ainda não estavam na Nova Fumaça, obviamente, mas talvez a horrível jornada fosse acabar em breve.

Ela olhou ao redor, farejou o ar e se perguntou o que havia de especial sobre aquele lugar. Entre o cheiro das refeições instantâneas, Tally sentiu algo que provocou um arrepio... algo podre.

Tally se arrastou pela grama alta até a fonte do cheiro, vasculhando o solo. O fedor ficou cada vez mais intenso até chegar a um ponto em que ela sentiu ânsia de vômito. A cem metros do acampamento, encontrou uma pilha de peixes mortos, com cabeças, caudas e espinhas cheias de moscas e vermes.

Ela engoliu em seco e disse para si mesma que tinha que permanecer sagaz enquanto vasculhava a área ao redor da pilha. Descobriu em uma pequena clareira vestígios de uma velha fogueira. A madeira queimada estava fria e as cinzas haviam sido sopradas pelo vento, mas alguém tinha acampado ali. Muitas pessoas, na verdade.

A fogueira apagada havia sido feita em um buraco fundo para queimar eficientemente, protegida da brisa do mar. Como todos os perfeitos da cidade, os Crims armavam fogueiras mais para obter luz do que calor e queimavam lenha sem necessidade. Aquela fogueira tinha sido feita por mãos experientes.

Tally viu algo branco entre as cinzas e pegou com cuidado...

Era um osso do comprimento de sua mão. Não conseguia dizer de que espécie era, mas estava marcado por pequenas depressões onde dentes humanos haviam mordido.

Ela não conseguia imaginar jovens da cidade comendo carne após apenas algumas semanas no mato. Até mesmo os Enfumaçados raramente *caçavam* comida. Eles criavam coelhos e galinhas, nada tão grande quanto o animal de onde viera o osso. E os dentes deixaram marcas irregulares. Quem estivera ali não sabia cuidar da dentição. Alguém do povo de Andrew provavelmente tinha armado aquela fogueira.

Tally sentiu um arrepio. Os aldeões que ela conheceu consideravam os forasteiros como inimigos, como animais a serem caçados e mortos. E os perfeitos não eram mais "deuses" aos seus olhos. Imaginou como teriam se sentido ao descobrirem que passaram a vida inteira dentro de uma experiência e que os belos deuses não eram nada além de seres humanos.

Imaginou se alguns dos novos aliados dos Enfumaçados pensara em se vingar dos perfeitos da cidade.

Tally balançou a cabeça. Os Enfumaçados confiavam em Andrew a ponto de designá-lo como guia dos fugitivos até ali. Com certeza os demais aliados não eram desvairados homicidas.

Mas e se outros aldeões tivessem descoberto como escapar dos "homenzinhos"?

Quando a aurora chegou, Tally permaneceu acordada, sem se importar em tirar cochilos. Observou o céu à procura de sinais de carros voadores como sempre, mas também manteve um olho no caminho que levava aos penhascos em terra firme, com a visão infravermelha calibrada ao máximo. O incômodo no estômago por ter visto a pilha de peixes mortos jamais foi embora por completo.

Eles vieram três horas depois do nascer do sol.

RECÉM-CHEGADOS

Surgiram 14 silhuetas na visão infravermelha que subiam lentamente os morros do interior, quase completamente escondidas pela grama alta.

Tally acionou o traje de camuflagem e sentiu as escamas ondularem para copiar a grama, como o pelo eriçado de um gato assustado. A única silhueta que conseguia ver nitidamente era a da mulher à frente do grupo. Ela com certeza era uma aldeã, pois usava peles e carregava uma lança.

Tally se abaixou ainda mais na grama e se lembrou do primeiro encontro que teve com os aldeões. Eles a atacaram no meio da noite, prontos para matá-la pelo crime de ser uma forasteira. Os Crims estavam dormindo profundamente agora.

Se acontecesse algo violento, seria algo rápido, e não daria muito tempo para Tally salvar alguém. Talvez devesse acordar Zane e contar o que estava se aproximando...

Mas ficou tonta só de pensar na expressão de Zane ao vê-la e no reflexo da própria repulsa nos olhos dele.

Tally respirou fundo e ordenou que ficasse sagaz. Estava paranoica com as longas noites de viagem, sozinha e invisível, tentando proteger alguém que provavelmente nem a queria por perto. Sem poder enxergar melhor, só podia assumir que o grupo que se aproximava representava uma ameaça.

Ela prosseguiu engatinhando pela grama alta e abriu distância em relação à pilha de peixes podres. Mais perto, ouviu nitidamente uma voz ecoar pelos campos, cantando uma canção desconhecida na língua medíocre dos aldeões. Não parecia ser uma música de guerra, e sim uma canção feliz, algo que uma pessoa cantaria quando seu time estivesse ganhando um jogo de futebol.

Para aquela gente, é claro, violência sem sentido *era* praticamente um jogo de futebol.

Assim que se aproximaram, Tally ergueu a cabeça...

E suspirou aliviada. Apenas dois integrantes do grupo vestiam peles e o restante era formado por perfeitos da cidade. Estavam cansados e maltrapilhos, mas com certeza não eram aldeões. Todos levavam odres de

água pendurados nos ombros, mas enquanto os dois aldeões carregavam o peso sem esforço, os avoados andavam com as costas dobradas. Tally olhou ao longe, para o caminho de onde vieram, e notou o reluzir de uma pequena baía. Eles tinham ido apenas renovar o estoque de água.

Tally se lembrou de como havia sido detectada por Andrew e ficou bem longe do grupo, mas ainda assim parou a uma distância suficiente para conseguir notar detalhes das roupas. O vestuário dos perfeitos parecia todo errado e fora de moda, o estilo era de alguns anos atrás, pelo menos. Mas aquele grupo não estava fora da cidade há *tanto* tempo assim.

Então Tally ouviu um rapaz perguntar a que distância eles estavam do acampamento e sentiu um arrepio ao estranhar o sotaque. Os perfeitos eram de outra cidade, de um lugar tão longe que falavam diferente. Claro, ela estava a meio caminho do equador. Os Enfumaçados vinham espalhando sua pequena rebelião para todas as direções.

Mas o que estavam fazendo ali?, ela se perguntou. Com certeza essa pequena beirada de penhasco não era a Nova Fumaça. Tally seguiu o grupo, ainda observando com desconfiança enquanto eles se aproximavam dos Crims adormecidos.

De repente, ela parou ao sentir algo por dentro, uma coisa que acontecia ao redor como se a terra estivesse tremendo.

Um estranho barulho surgiu ao longe, baixo e ritmado como dedos gigantes tamborilando sobre uma mesa. O som foi e voltou por alguns momentos até se firmar.

O grupo conseguia ouvir o barulho agora. A líder gritou e apontou para o sul, e os perfeitos olharam para cima, ansiosos. Tally já tinha visto o que era, a coisa vinha voando sobre os morros em direção a eles, com os motores brilhando intensamente na visão infravermelha.

Ela começou a correr meio agachada em direção à prancha enquanto o som trovejante crescia ao redor. Tally se lembrou da primeira viagem ao mato, quando pegou uma carona até a Fumaça em um estranho veículo voador dos Enferrujados. Os guardiões eram naturalistas de outra cidade que usavam veículos antigos como aquele para lutar contra as flores brancas.

Como o veículo era chamado mesmo?

Tally só se lembrou do nome quando alcançou a prancha.

O “helicóptero” pousou perto da beirada do penhasco.

Aquele modelo tinha o dobro do tamanho do que levou Tally até a Fumaça. Ele desceu furiosamente e criou um redemoinho que achatou a grama em um grande círculo. O helicóptero voava graças a duas pás enormes que giravam sem parar como enormes hélices de uma prancha. Mesmo no canto onde Tally se escondeu, o som fazia seus ossos de cerâmica chacoalharem, enquanto a prancha sob seus pés empinava como um cavalo nervoso diante de uma tempestade.

O barulho trovejante já acordara os Crims, é claro. Quem estava pilotando o helicóptero os viu de cima e esperou que dobrassem as pranchas antes de pousar. Quando o veículo desceu, os outros fugitivos já haviam retornado para os morros. Os dois grupos estavam se entreolhando com desconfiança enquanto a tripulação do helicóptero pulava na grama.

Pelo que Tally se lembrava, os guardiões vinham de uma cidade com costumes diferentes e que não se importava com a existência da Fumaça. A principal preocupação era preservar a natureza das pragas criadas pelos Enferrujados, especialmente as flores brancas. Às vezes, os guardiões trocavam favores com a Velha Fumaça e davam carona aos fugitivos em suas máquinas voadoras.

Tally simpatizou com os guardiões que conheceu. Eles eram perfeitos, mas, assim como bombeiros e Especiais, não tinham as lesões dos avoados. Ser capaz de pensar por si próprio era uma exigência da profissão. Eles possuíam a segurança e competência dos Enfumaçados, sem o rosto feio.

As pás do helicóptero continuaram girando mesmo com a máquina pousada no chão. Elas agitavam o ar debaixo da prancha de Tally e tornavam impossível ouvir qualquer coisa. Porém, vendo do ponto onde ela flutuava logo abaixo da beirada do penhasco, era óbvio que Zane estava fazendo as apresentações. Os guardiões davam a impressão de não estarem interessados, apenas um escutava enquanto os demais verificavam a máquina velha e mal-humorada. Os dois aldeões olharam os novos fugitivos com desconfiança até Zane mostrar o localizador.

Ao ver o aparelho, a líder puxou uma varinha de inspeção e começou a passar em volta do corpo de Zane. Tally notou que ela examinou com cuidado seus dentes, enquanto o segundo aldeão cuidou de verificar outro Crim. Os dois examinaram todos os oito recém-chegados de cima a baixo.

A seguir, os fugitivos dos dois grupos, todos os vinte, foram levados ao helicóptero. A máquina era muito maior do que um carro voador de um

guarda, mas era tão tosca, barulhenta e *velha*... Tally se perguntou como conseguiria carregar tanta gente.

Os guardiões não pareciam preocupados. Eles estavam ocupados prendendo magneticamente as pranchas dos jovens da cidade na armação inferior do helicóptero.

Do jeito que a máquina estava lotada de fugitivos, a viagem tinha que ser curta...

O problema é que Tally não sabia como iria segui-los. O helicóptero em que andou era mais rápido e podia atingir altitudes maiores que qualquer prancha voadora. E se perdesse os Crims de vista, não havia como segui-los pelo resto do caminho até a Nova Fumaça.

Rastrear alguém pelo método tradicional tinha suas desvantagens.

Ela se perguntou o que Shay fizera quando chegou ali. Aumentou o alcance da dermantena, mas não achou sinal de nenhum Especial por perto, nem de uma mensagem deixada para ela.

Porém, o localizador de Andrew devia ter indicado o mesmo caminho para Shay. Será que ela havia se disfarçado de feia e tentado enganar os aldeões? Ou encontrou um jeito de seguir o helicóptero?

Tally olhou para a armação outra vez. Entre as vinte pranchas enfiadas ali havia espaço apenas para um ser humano.

Talvez Shay tenha pegado uma carona...

Tally colocou as luvas aderentes e se preparou. Esperaria até que o helicóptero decolasse, depois faria uma perseguição curta pelos morros e subiria através do redemoinho formado pelas pás.

Percebeu que estava sorrindo. Após duas semanas seguindo os Crims de mansinho, seria um alívio encarar um desafio de verdade que a fizesse se sentir uma Especial outra vez.

E, melhor ainda, a Nova Fumaça devia estar perto. Ela estava quase no fim da linha.

PERSEGUIÇÃO

Logo todos os perfeitos estavam a bordo do helicóptero e os dois aldeões se afastaram acenando e sorrindo.

Tally não esperou que a máquina decolasse. Ela desceu a costa e seguiu pelo caminho de onde o helicóptero viera. Voou abaixo do penhasco para se manter escondida. O truque seria esperar que ele estivesse longe o bastante dos aldeões antes de voar em céu aberto. Depois de semanas escondida, ela não queria ser descoberta tão perto do objetivo.

O som das pás do helicóptero mudou de um zumbido agudo para um ritmo trovejante. Tally resistiu à tentação de olhar para trás e manteve os olhos no paredão do penhasco. Ela o contornou de perto, voando baixo e sem ser vista.

Os ouvidos a avisaram quando o helicóptero subiu atrás dela. Tally voou mais rápido e se perguntou qual seria a velocidade máxima do veículo dos Enferrujados.

Ela nunca havia testado os limites de velocidade de uma prancha da Circunstâncias Especiais. Ao contrário dos modelos usados pelos medíocres, as pranchas dos Cortadores não tinham mecanismos de segurança que impedissem a pessoa de fazer algo estúpido. Se deixasse, as hélices girariam até superaquecerem ou coisa pior. Ela aprendera no treinamento de Cortadora que as hélices não falhavam delicadamente — era possível forçá-las até que se soltassem em uma explosão de metal incandescente.

Tally ligou a visão infravermelha e olhou para as hélices na frente do pé esquerdo, que já estavam vermelhas como as brasas de uma fogueira.

O helicóptero estava chegando perto, como um trovão que surgia por trás e acima de Tally, agitando o ar. Ela desceu ainda mais pelo penhasco, as ondas passavam por baixo da prancha como um borrão, cada protuberância na rocha ameaçava arrancar sua cabeça.

Quando o helicóptero passou por cima de Tally, ele estava a cem metros do solo e continuava subindo. Ela precisava agir.

Tally disparou por cima da beirada do penhasco e deu um rasante pelo solo até um ponto diretamente abaixo do helicóptero, fora do alcance de

visão das janelas. Atrás dela, os dois aldeões foram reduzidos a meros pontinhos e, mesmo que ainda estivessem observando, só veriam um vestígio da prancha, pois o traje de camuflagem assumiu a cor do céu.

Durante a subida, a prancha começou a tremer como se golpeada por punhos invisíveis gerados pelo vórtex embaixo do helicóptero. O ar pulsava ao redor de Tally como um sistema de som com os graves no volume máximo.

De repente, a prancha lhe escapou dos pés e Tally se viu caindo por um momento. Então a superfície aderente quicou de volta. Ela verificou se uma das hélices havia falhado, mas todas continuavam girando. Então a prancha fugiu de novo. Tally percebeu que estava passando por áreas de baixa pressão dentro do redemoinho, que deixavam a prancha sem ar suficiente para sustentar o voo.

Ela dobrou os joelhos e subiu mais rápido, ignorando o brilho incandescente das hélices e os golpes da turbulência ao redor. Não tinha tempo para cautela, pois o helicóptero continuava subindo e ganhando velocidade, e logo estaria fora de alcance.

De repente, o vento e o barulho pararam — Tally chegara a uma zona de calmaria, como o olho de um furacão. Ergueu o rosto e percebeu que estava diretamente embaixo da barriga da máquina, protegida da turbulência criada pelas pás. Era a chance de subir a bordo.

Tally subiu mais alto e esticou as mãos com as luvas aderentes. Os braceletes antiqueda puxaram os braços para cima ao entrarem em contato com o metal da aeronave. Mais um metro e ela conseguiria...

Então, do nada, o mundo pareceu girar ao seu redor. O helicóptero virou a barriga para o lado e depois recuou. Ele fez uma curva fechada para o interior e deixou Tally desprotegida como se tivesse dado de cara com uma tempestade.

O vento a atingiu como uma onda gigante, deu uma rasteira em Tally e mandou a prancha para longe. Os ouvidos estalaram com as idas e vindas do vórtex do helicóptero. Por um terrível segundo, ela viu as pás gigantes se aproximando como um borrão e sentiu o corpo tremer com seu ritmo atordoante.

Mas, em vez de fatiá-la, a fúria das pás jogou Tally longe. Ela girou em pleno ar com o horizonte dando voltas ao seu redor. Por um instante, até mesmo seu senso de equilíbrio especial falhou, como se o mundo girasse caoticamente.

Após alguns segundos de queda livre, Tally sentiu um puxão nos pulsos e fez um gesto para chamar a prancha, que havia se estabilizado e disparou na sua direção em velocidade máxima. As hélices estavam tão quentes que ficaram mais brancas que o sol.

Ela pegou a prancha e a superfície superaquecida queimou suas mãos mesmo com as luvas. O cheiro do plástico aderente em ponto de ebulição invadiu suas narinas. O calor era tão intenso que o traje de camuflagem assumiu automaticamente a forma de armadura para tentar oferecer alguma proteção.

Ainda girando no ar, Tally ficou pendurada por um momento até que o formato de asa da prancha a estabilizasse. Ela então rolou para cima e assumiu a pose de pilotagem.

Tally mandou o traje copiar o azul do céu e olhou à frente — o helicóptero estava se afastando ao longe.

Ela hesitou. Percebeu que deveria desistir agora e voltar ao ponto onde os fugitivos foram recolhidos para esperar pelo próximo grupo. Com certeza os helicópteros deviam fazer essa viagem regularmente.

Mas Zane estava lá dentro e ela não poderia abandoná-lo agora. Shay e o restante da Circunstâncias Especiais já deviam estar a caminho.

Ela acelerou a prancha superaquecida. O helicóptero perdeu velocidade e altitude ao fazer a curva e logo foi alcançado.

Tally sentiu uma mudança na vibração debaixo dela. O calor da superfície começou a queimar as solas dos pés e fazer as hélices de metal se expandirem, alterando o controle e o barulho da prancha. Ela avançou até ser açoitada outra vez pela tempestade ao redor do helicóptero. O ar rugia durante sua nova aproximação.

Mas agora Tally sabia o que esperar. Aprendera o formato do vórtex invisível ao passar por ele pela primeira vez. Foi guiada pelo instinto em suas idas e vindas até a pequena bolha de proteção debaixo da máquina.

Agora a prancha guinchava de agonia, mas Tally forçou para que subisse até a armação inferior e esticou os braços...

Cada vez mais perto.

Tally sentiu o momento do colapso pelas solas dos pés, quando a vibração irregular da prancha virou de repente uma tremedeira frenética. O grito do metal atingiu os ouvidos na hora em que as hélices se desintegraram. Ela percebeu que era tarde demais e só podia ir para cima. Dobrou os joelhos e pulou...

No ápice do salto, Tally tentou agarrar em alguma coisa e os dedos rasparam as pranchas guardadas. Mas elas estavam muito compactadas e não ofereceram apoio, enquanto os esquis de pouso de cada lado estavam fora de alcance.

Ela começou a cair...

Tally acionou freneticamente os controles dos braceletes antiqueda e mandou que gastassem as baterias para atraí-la em direção às toneladas de metal acima com o máximo de energia possível. De repente, seus pulsos foram puxados por uma força poderosa, formada pela atração magnética combinada das vinte pranchas sendo ligadas. Tally foi presa à superfície mais próxima e quase teve os braços arrancados pelo súbito solavanco.

Embaixo da aeronave, o grito agudo da antiga prancha de Tally virou uma tosse rouca ao cair. Ela ouviu o rangido do metal se despedaçando ao despencar até que o redemoinho do helicóptero abafou o som.

Tally se viu presa à parte inferior do helicóptero. As vibrações da aeronave ecoavam pelo corpo como ondas se quebrando.

Por um momento, ela se perguntou se os pilotos e passageiros teriam ouvido a desintegração de sua prancha, mas então se lembrou do próprio voo de helicóptero no ano anterior. Para serem ouvidos sobre o rugido das pás, Tally e os guardiões tiveram que gritar.

Após alguns minutos pendurada pelos pulsos, ela desligou o magneto de um dos braceletes e balançou os pés para passá--los pelo esqui de pouso. Então desligou o outro bracelete e ficou pendurada de cabeça para baixo ao vento durante um instante de tensão, até que conseguiu se erguer e entrar em um espaço apertado entre as pranchas dos fugitivos. Dali, Tally observou a viagem prosseguir.

O helicóptero continuou rumo ao interior e a flora foi se tornando mais abundante à medida que o mar ficava para trás. A máquina atingiu uma velocidade e altitude ainda maiores até que o arvoredo virou um mero borrão verde lá embaixo. Só havia alguns pontos de flores brancas ali.

Segurando firme e com cuidado, Tally tirou as luvas e verificou as mãos. As palmas estavam queimadas e alguns pedaços de plástico derretido grudaram-se a elas, mas as tatuagens dinâmicas ainda pulsavam, mesmo aquelas interrompidas pela cicatriz do corte. O spray medicinal tinha caído com a prancha e todo o resto. Somente os braceletes antiqueda, a faca cerimonial e o traje de camuflagem haviam sobrevivido.

Mas ela conseguira. Tally finalmente se permitiu respirar aliviada. Ao ver o cenário passando lá embaixo, foi tomada pelo prazer de ter realizado um truque realmente sagaz.

Os dedos tocaram a velha barriga de metal do helicóptero. Zane estava a apenas alguns metros de distância. Ele também realizou um tremendo truque. Apesar das lesões e do dano cerebral, Zane quase havia chegado à Nova Fumaça. Não importava mais o que Shay pensasse de Tally, ela não poderia negar que Zane merecia o direito de fazer parte da Circunstâncias Especiais.

Depois de tudo aquilo, Tally não aceitaria uma resposta negativa.

Segundo o software interno de Tally, os primeiros sinais da Nova Fumaça surgiram lá embaixo uma hora depois.

Embora a floresta ainda fosse densa, apareceram alguns campos retangulares, com árvores cortadas e empilhadas para dar espaço para alguma construção. Então surgiram mais marcas de obras: enormes escavadeiras abrindo a terra e guindastes magnéticos movendo suportes flutuantes. Tally franziu a testa. A Nova Fumaça devia estar perdendo o juízo se achava que ia ficar impune diante de tanto desmatamento.

Mas então cenários mais familiares começaram a passar lá embaixo: os prédios baixos de uma zona industrial e as fileiras de casas de um subúrbio. Então surgiu a aglomeração de prédios altos no horizonte, e o céu foi tomado por carros voadores. Apareceram dormitórios e um anel de campos de futebol exatamente como a Vila Feia de sua própria cidade.

Tally balançou a cabeça. Tudo aquilo não poderia ter sido construído pelos Enfumaçados...

Então ela se lembrou das palavras de Shay na noite em que invadiram a Nova Perfeição para ver Zane — sobre como David e seus amigos haviam conseguido trajes de camuflagem com aliados misteriosos —, e entendeu a verdade.

A Nova Fumaça não era um acampamento qualquer escondido no mato, onde as pessoas cagavam em buracos no chão, comiam coelhos mortos e queimavam madeira como combustível. A Nova Fumaça estava bem ali, espalhada debaixo dela.

Uma cidade inteira havia se juntado à rebelião.

ATERRISSAGEM FORÇADA

Tally tinha que sair antes que o helicóptero pousasse.

Não queria ser encontrada na armação quando aterrissassem. Zane a veria e os guardiões provavelmente saberiam por sua beleza cruel que ela era uma agente de outra cidade. Mas quando o helicóptero começou a se aproximar de um heliporto, Tally não conseguiu ver um ponto seguro para pular.

Em sua cidade, um rio envolvia a ilha da Nova Perfeição. Mas ali não havia nenhuma massa de água em que pudesse pular e, pela altitude, não seria possível usar os braceletes antiqueda com segurança. A armadura do traje de camuflagem poderia protegê-la, mas o heliporto era localizado entre dois grandes prédios cercados de calçadas móveis cheias de pedestres frágeis.

Assim que o helicóptero começou a descer, ela notou que o heliporto era delimitado por uma cerca viva alta e grossa o suficiente para abafar a ventania das pás. Parecia ser cheia de espinhos, mas nada que o traje de camuflagem não pudesse enfrentar.

O helicóptero desacelerou quando o heliporto surgiu lá embaixo e Tally puxou o capuz para proteger o rosto. Assim que a aeronave manobrou para pousar, ela se deixou cair e se enrolou em uma bola como uma criança pulando em uma piscina.

O ombro esquerdo acertou a cerca viva com um estalo, galhos foram quebrados pela armadura e ela quicou para longe da barreira em uma explosão de folhas, girando no ar. Tally conseguiu aterrissar de pé, mas cambaleou em uma superfície instável... a calçada móvel que vira ao descer.

Ela balançou os braços, quase recuperando o equilíbrio, mas pisou no trecho da calçada móvel que seguia no sentido oposto. Girou e caiu de costas com os braços abertos, olhando atordoada para o céu.

— Ai — murmurou Tally. Os Especiais podiam ter ossos inquebráveis de cerâmica, mas ainda havia muita carne para machucar e nervos para reclamar.

O céu era tomado por dois prédios altos acima dela. Eles pareciam se mover delicadamente... Tally ainda estava sendo levada pela calçada móvel.

O rosto de um perfeito de meia-idade apareceu olhando para ela com uma expressão séria.

— Mocinha! Você está bem?

— Sim. Quase bem.

— Bem, eu sei que as regras de conduta mudaram, mas você ainda corre o risco de ser levada aos guardas por uma travessura como essa!

— Ah, sinto muito — disse Tally, sentindo dores ao ficar de pé.

— Imagino que esse traje deva protegê-la. — O homem continuou a falar em tom sério. — Mas você parou para pensar no resto de nós?

Com uma das mãos, Tally massageou as costas que deviam estar cheias de hematomas, e levantou a outra em defesa. Para um perfeito de meia-idade, o sujeito não era muito compreensivo.

— Eu disse que sinto muito. Eu precisava sair daquele helicóptero.

Com desdém, o homem falou.

— Bem, se não pode esperar para pousar, da próxima vez use uma jaqueta de bungee jump!

Tally foi tomada pela irritação. Aquele perfeito de meia--idade medíocre simplesmente não calava a boca. Cansada da conversa, Tally tirou o capuz e arreganhou os dentes.

— Talvez da próxima vez eu mire em *você!*

O homem encarou seus olhos escuros e selvagens, as tatuagens e o sorriso afiado, e apenas desdenhou dela de novo.

— Ou talvez quebre seu belo pescoço.

Ele fez uma expressão de satisfação e pisou no trecho mais rápido da calçada móvel, disparando dali sem olhar de novo para Tally.

Ela piscou, surpresa. Não era aquela a reação que esperava. Viu seu reflexo distorcido passar pelas janelas dos prédios ao ser levada pela calçada. Ela ainda era uma Especial, o rosto ainda tinha uma beleza cruel projetada para despertar os medos mais antigos da humanidade. Mas o homem sequer notou.

Tally balançou a cabeça. Talvez, naquela cidade, os agentes da Circunstâncias Especiais não trabalhassem escondidos e o sujeito já tivesse visto perfeitos cruéis antes. Mas qual a razão de ter uma aparência assustadora se todo mundo se acostumasse com ela?

Ela repassou a conversa na mente e percebeu que o sotaque do homem era parecido com o dos guardiões — rápido, curto e grosso. Devia estar na cidade natal deles.

Mas se estava na Nova Fumaça, onde estaria Shay? Tally aumentou o alcance da dermantena, mas não ouviu um sinal de resposta. Claro que ela podia estar fora da área de cobertura, afinal as cidades são grandes. Ou talvez tivesse desligado a antena, ainda aborrecida com a última traição de Tally.

Tally se virou para o local de pouso. As hélices do helicóptero ainda giravam. Talvez aquela *não fosse* a Nova Fumaça, apenas um posto de abastecimento. Tomando a calçada oposta, Tally rumou para o heliporto.

Um casal de novos perfeitos passou voando e Tally notou que eles haviam sido submetidos a cirurgias exclusivas. A mulher tinha a pele mais pálida do que seria permitido por qualquer Comissão da Perfeição, com cabelo ruivo e várias sardas pelo rosto como as de uma criança que não podia pegar sol. A pele do homem era de um marrom-escuro e os músculos eram aparentes demais.

Talvez aquilo explicasse a reação (ou falta de) do perfeito de meia-idade. Os novos perfeitos deviam estar se submetendo a cirurgias exclusivas para alguma festa à fantasia naquela noite. As operações realizadas ali eram mais radicais do que as permitidas na cidade de Tally, mas, pelo menos, isso significava que ela não destoaria da população enquanto tentava descobrir o que estava acontecendo.

Claro que a armadura preta do traje de camuflagem não era exatamente o último grito da moda. Com alguns ajustes, ela criou uma imitação das roupas que os dois novos perfeitos estavam usando, com listras de cores fortes como os trajes de uma criança de sua cidade natal. Sentiu que sobressaía ainda mais por causa dos tons berrantes, mas quando alguns outros novos perfeitos passaram voando — com rostos pálidos quase transparentes, narizes enormes e roupas de cores vivas —, Tally teve a impressão de que estava começando a se encaixar.

Os prédios não eram tão diferentes daqueles com que estava acostumada. Os dois ao lado do heliporto pareciam típicos edifícios de governo. Na verdade, o mais próximo tinha PREFEITURA escrito em letras de pedra, e a maioria dos pontos de descida da calçada móvel era marcada com nomes de agências do governo. À frente, havia as torres de festa e

enormes mansões do que só podia ser a Nova Perfeição, e era possível ver ao longe os dormitórios dos feios e campos de futebol.

Porém, parecia estranho não haver um rio entre a Nova Perfeição e a Vila dos Feios. Seria fácil demais entrar de mansinho, nem representaria um desafio. Como os penetras seriam barrados?

Ela não tinha visto nenhum guarda até então. Será que *alguém* ali saberia o que sua beleza cruel representava?

Uma jovem perfeita entrou na calçada móvel ao seu lado e Tally decidiu testar se convenceria como uma local.

— Onde é a balada de hoje? — perguntou ela. Tentou imitar o sotaque local e torceu para que não parecesse medíocre por não saber.

— A *balada?* Você quer dizer a festa?

Tally deu ombros.

— Isso, claro.

A jovem riu.

— É só escolher. Tem um monte de festas.

— Claro que tem um monte, mas qual é a festa que precisa de cirurgia exclusiva para entrar?

— Cirurgia exclusiva? — A mulher olhou para Tally como se ela tivesse dito algo completamente medíocre. — Por acaso você acabou de descer do helicóptero?

Tally levantou as sobrancelhas.

— Hã, o helicóptero? É, tipo isso.

— Com uma cara dessas? — A jovem franziu a testa. Ela tinha a pele marrom-escura e unhas decoradas com minúsculos monitores, cada um exibia uma imagem diferente.

Tally se limitou a dar de ombros outra vez.

— Ah, entendi. Mal podia esperar para ficar parecida conosco, não é? — Ela riu de novo. — Olha, menina, você realmente devia andar com os outros recém-chegados, pelo menos até saber o que está acontecendo aqui. — A mulher apertou os olhos, enquanto os dedos acionavam uma interface. — Diego disse que eles vão estar no Terraço hoje à noite.

— Diego?

— A cidade. — Ela riu novamente e as unhas piscaram ao ritmo do som. — Uau, menina, você realmente acabou de descer do helicóptero.

— É, acho que sim. Valeu — disse Tally, se sentindo medíocre e desamparada, sem nada de especial. Sua força e velocidade não

significavam coisa alguma naquela cidade, e mesmo a beleza cruel não parecia impressionar ninguém. Era como se voltasse a ser feia, quando saber quais eram as melhores festas e como se vestir era mais importante do que ser super-humana.

— Então, bem-vinda a Diego — falou a jovem perfeita. Ela pisou no trecho de alta velocidade e acenou como se estivesse sem graça por largar um mané sozinho em uma festa.

Ao se aproximar do heliporto, Tally ficou de olho para ver os Crims. Saiu da calçada móvel no ponto onde a cerca viva fora danificada por sua queda e olhou por um dos buracos que deixara para trás.

Os fugitivos tiraram os pertences do helicóptero, mas ainda tentavam se organizar. Como típicos avoados, eles estavam com problemas para identificar que prancha pertencia a quem. Cercaram o guardião, que tentava resolver a situação, como crianças querendo sorvete.

Zane estava esperando pacientemente e parecia tão contente quanto na ocasião em que os dois haviam fugido da cidade. Alguns dos outros Crims estavam ao redor dele, dando tapinhas em suas costas e se congratulando.

Um Crim entregou a prancha de Zane e os oito voaram em direção ao enorme prédio do outro lado da Prefeitura.

Tally percebeu que era um hospital. Fazia sentido. Qualquer forasteiro teria que passar por um exame para detectar doenças e cuidar de ferimentos e intoxicação alimentar da viagem. E como aquela cidade era a Nova Fumaça, os recém--chegados também receberiam tratamento para as lesões.

É claro, pensou Tally. Não era mais necessário que as pílulas de Maddy funcionassem perfeitamente. Todos os fugitivos acabariam chegando ali, onde havia um hospital com médicos de verdade para cuidar das lesões.

Tally deu um passo para trás, respirou devagar e finalmente admitiu para si mesma: a Nova Fumaça era mil vezes maior e mais poderosa do que ela e Shay imaginaram.

As autoridades estavam recebendo e curando os fugitivos de outras cidades. Pensando bem, até agora *nenhuma* das pessoas que encontrara tinha as lesões. Todas expressaram suas opiniões abertamente, como se não fossem avoadas.

Isso explicaria por que aquela cidade — "Diego", como chamou a mulher — havia derrubado os padrões da Comissão da Perfeição e deixado

que todo mundo tivesse a aparência que bem quisesse. Eles até começaram a construir novas estruturas nas florestas ao redor, se expandindo para o mato.

Se tudo aquilo fosse verdade, não era de se estranhar que Shay não estivesse mais ali. Ela devia ter voltado para casa a fim de relatar a situação para a dra. Cable e a Circunstâncias Especiais.

Mas o que poderiam fazer a respeito? As cidades não podiam se intrometer no governo das outras, afinal de contas.

A Nova Fumaça poderia durar para sempre.

CIDADE MEDÍOCRE

Tally passou o dia andando pela cidade e maravilhada com como era diferente da sua.

Ela viu novos perfeitos e feios juntos, amigos que a operação não separou, e crianças passeando com os irmãos feios mais velhos em vez de ficarem isoladas na Vila dos Coroas com os pais. Essas pequenas mudanças eram quase tão surpreendentes quanto as mais variadas estruturas faciais, texturas de pele e modificações corporais que encontrou. *Quase*. Seria preciso um tempo para se acostumar com as coberturas de penas, os dedos mindinhos substituídos por pequenas cobras, os tons de pele do mais escuro até o mais pálido, e os cabelos que ondulavam como uma criatura submarina.

Grupinhos inteiros tinham a mesma cor de pele ou os mesmos traços faciais, como as famílias antes da operação. Tally ficou incomodada ao se lembrar como as pessoas se agrupavam em grupos, clãs e supostas raças parecidos entre si e odiavam quem era diferente na época dos Pré-Enferrujados. Mas ali todos pareciam conviver muito bem. Para cada grupinho de gente parecida, havia outro cheio de visuais variados.

Os perfeitos de meia-idade de Diego não pareciam tão empolgados com a moda das cirurgias exclusivas. A maioria parecia mais ou menos com os pais de Tally. Ela ouviu algumas reclamações da parte deles sobre os "novos padrões" e como as operações atuais eram horrorosas, uma desgraça. Mas os perfeitos de meia-idade reclamavam de uma maneira tão direta que Tally não tinha dúvida de que suas lesões haviam sido curadas.

Já os coroas pareciam estar mais ligados nas cirurgias exclusivas do que qualquer outra pessoa, o que era perturbador. Alguns tinham os mesmos rostos serenos, sábios e confiáveis que a Comissão da Perfeição ditava na cidade natal de Tally, mas outros tinham uma aparência bizarramente jovial. Na maioria das vezes, ela não sabia dizer que idade as pessoas tinham, como se os cirurgiões da cidade tivessem decidido misturar todas as etapas da vida em uma coisa só.

Tally até mesmo ouviu algumas pessoas que, pelo tom da conversa, ainda eram avoadas. Por alguma razão, seja por opinião filosófica ou por

moda, elas decidiram manter as lesões nos cérebros.

Aparentemente, era possível fazer de tudo ali. Parecia que Tally havia aterrissado na Cidade Medíocre. Todo mundo era tão diferente que seu próprio rosto especial fora reduzido a... nada.

Como aquilo tudo aconteceu?

Não pode ter sido há tanto tempo. As transformações ainda pareciam estar ocorrendo ao redor de Tally, como uma pedra jogada em um lago.

Assim que conseguiu sintonizar a dermantena nas transmissões locais, ela descobriu que havia muita polêmica no ar. Ouviu discussões sobre a decisão de abrigar os fugitivos, os padrões de beleza, e, principalmente, sobre a nova construção nos limites da cidade. E nem sempre o nível do debate era equilibrado e educado como em sua cidade natal. Tally jamais tinha ouvido adultos discutindo daquela forma, nem mesmo em particular. Era como se um bando de feios dominasse as transmissões. Sem as lesões para tornar as pessoas aprazíveis, a sociedade vivia em constante estado de guerra por meio de palavras, imagens e ideias.

Era uma sensação avassaladora, quase como o modo de vida dos Enferrujados, ter que debater todas as questões em público em vez de deixar o governo fazer o seu trabalho.

E as mudanças já em vigor em Diego eram apenas o início, Tally percebeu. A cidade dava a impressão de estar fervendo com todas aquelas mentes emancipadas trocando opiniões, como algo prestes a explodir.

Naquela noite, Tally foi ao Terraço.

A interface da cidade indicou o caminho até o ponto mais alto de Diego, um parque em cima de um morro que dava vista para o centro. A primeira jovem perfeita que Tally encontrou estava certa: havia muitos fugitivos no parque, cerca de metade era de feios e o resto de novos perfeitos. Quase todos tinham os mesmos rostos com que chegaram à cidade, pois ainda não estavam preparados para ceder ao radicalismo das cirurgias exclusivas. Ela entendeu por que os novatos estavam juntos; após um dia pelas ruas de Diego, a visão de rostos tradicionais e aprovados pela Comissão da Perfeição era um alívio.

Tally torceu para que Zane estivesse ali. Não haviam passado tanto tempo separados desde a fuga, e ela se perguntava o que haviam feito com ele no hospital. Será que a retirada das lesões diminuiria a tremedeira? Como Zane decidiria se reinventar naquela cidade onde qualquer pessoa

podia ter o visual que quisesse, onde a mera *possibilidade* de ser medíocre não existia?

Talvez ali ele fosse curado de uma maneira melhor do que em sua própria cidade. Com tanta prática em cirurgias bizarras, os médicos de Diego deviam ser quase tão bons quanto a dra. Cable.

Talvez, da próxima vez que se beijassem, as coisas fossem diferentes.

E mesmo que Zane continuasse o mesmo, pelo menos Tally poderia mostrar o quanto *ela* havia mudado. A jornada pelo mato e o que vira em Diego já faziam alguma diferença. Talvez agora fosse possível mostrar o que sentia de verdade por dentro, mais fundo do que qualquer operação pudesse alcançar.

Tally andou de mansinho pela escuridão fora do alcance dos globos flutuantes, ouvindo os recém-chegados. A música não estava alta, pois a festa era mais um evento para que as pessoas se conhecessem do que uma balada para beber e dançar. Ela ouviu vários tipos de sotaques, até mesmo de línguas do extremo sul. Todos os fugitivos estavam contando histórias de como chegaram até ali — viagens divertidas, difíceis ou aterrorizantes através do mato para alcançar os pontos de encontro espalhados por todo o continente. Alguns vieram em pranchas voadoras, outros caminharam, e certos fugitivos até mesmo disseram que roubaram carros-patrulha dotados de hélices e voaram com conforto pelo mato.

A festa foi crescendo enquanto Tally observava, como se fosse a própria interface de Diego, a chegada de mais fugitivos. Logo ela viu Peris e alguns outros Crims perto da beirada do penhasco. Zane não estava com eles.

Tally recuou ainda mais nas sombras, vasculhou a multidão com o olhar e se perguntou onde ele estaria. Claro que Zane devia imaginar que ela perdera o helicóptero e ainda estava no mato. Devia sentir alívio por ter se livrado dela...

— Oi, meu nome é John — disse uma voz atrás dela.

Tally virou e se viu cara a cara com um novo perfeito. Ele levantou as sobrancelhas ao notar sua beleza cruel e as tatuagens, mas a reação foi contida. Já devia estar acostumado com o resultado de cirurgias absurdas em Diego.

— Tally — respondeu ela.

— Que nome engraçado.

Tally franziu a testa. Ela própria achou que "John" soava bem medíocre, embora o sotaque parecesse familiar.

— Você é uma fugitiva, certo? — perguntou. — Tipo, isso é uma cirurgia nova que você está testando?

— Isso aqui? — Tally passou os dedos no rosto. Desde que acordara no quartel da Divisão de Circunstâncias Especiais após a operação, a beleza cruel era algo que a definia. No entanto, esse rapaz medíocre perguntava se ela estava *testando* a aparência de Cortadora como se fosse um novo penteado?

Mas não fazia sentido se entregar.

— É, acho que sim. Gostou?

Ele deu de ombros.

— Meus amigos falaram que é melhor esperar até conhecer as modas. Não quero parecer um tremendo mané.

Tally soltou a respiração devagar e tentou permanecer calma.

— Você acha que eu pareço uma mané?

— E eu lá sei? Acabei de chegar aqui. — Ele riu. — Não sei que aparência eu vou querer. Mas provavelmente vai ser algo, sei lá, menos *assustador*.

Assustador?, Tally pensou, sentindo a raiva aumentar. Ela poderia mostrar para aquele perfeito arrogante o que era assustador.

— Eu tiraria essas cicatrizes, se fosse você — acrescentou o sujeito. — São meio sinistras.

As mãos de Tally pegaram o rapaz pelo casaco novo e colorido. As unhas rasgaram o tecido enquanto ela o erguia do chão com os dentes afiados em um sorriso ameaçador.

— Ouça aqui, seu avoado-até-cinco-minutos-atrás, isso não é *moda*! Essas cicatrizes são uma coisa que você jamais vai...

Um ping baixo ecoou na cabeça de Tally.

— Tally-wa — disse uma voz familiar. — Solte o rapaz.

Ela fez uma expressão de surpresa e obedeceu.

A dermantena tinha sintonizado outro Cortador.

O rapaz estava rindo.

— Ei, que truque bacana! Não tinha visto os dentes antes.

— Cala a boca! — Tally soltou o casaco destruído e se virou para vasculhar a multidão.

— Você tem um grupinho? — continuou tagarelando o perfeito. — Aquele cara ali parece com você!

Ela seguiu o gesto e viu um rosto familiar vindo em sua direção através da multidão, as tatuagens girando de alegria.

Era Fausto, sorrindo e especial.

REUNIÃO

— Fausto! — gritou ela e percebeu que não era necessário. As dermantenas já haviam se conectado, formando uma rede de duas pessoas.

— Então ainda se lembra de mim? — brincou ele. A voz soava como um sussurro próximo aos ouvidos de Tally.

Ela ficou arrepiada ao perceber como essa intimidade fizera falta nas últimas semanas — a sensação de ser uma Cortadora, de pertencer a um grupo. Esqueceu o perfeito que a insultou e correu em direção a Fausto.

Tally deu um abraço nele.

— Você está bem!

— Estou melhor que bem — respondeu ele.

Tally se afastou. Estava tão chocada e cansada pelas coisas que o cérebro havia absorvido naquele dia... E agora Fausto se encontrava ali, bem na frente dela, são e salvo.

— O que aconteceu com você? Como escapou?

— Isso é uma longa história.

Ela assentiu, depois balançou a cabeça e disse:

— Estou tão confusa, Fausto. Esse lugar é tão medíocre. O que está acontecendo?

— Aqui em Diego?

— Sim. Não parece ser de verdade.

— É de verdade.

— Mas como tudo isso aconteceu? Quem *deixou* que acontecesse?

Ele olhou pensativo para as luzes da cidade além da borda do penhasco.

— Até onde eu sei, isso vem acontecendo há muito tempo. Essa cidade nunca foi como a nossa. Eles não tinham as mesmas barreiras entre perfeitos e feios.

Tally concordou com a cabeça.

— Não existe rio.

Ele riu.

— Talvez tenha sido o motivo. Mas eles sempre tiveram menos avoados que a nossa cidade.

— Como os guardiões que encontrei no ano passado. Eles não tinham as lesões.

— Nem os *professores*, Tally. Todo mundo aqui foi ensinado por perfeitos que não eram avoados.

Tally fez uma expressão de surpresa. Não era de estranhar que o governo de Diego tivesse sido solidário à Fumaça. Uma pequena colônia de livres pensadores não seria uma ameaça.

Fausto se aproximou.

— E sabe o que é mais estranho, Tally? Eles não têm nada parecido com a Circunstâncias Especiais aqui. Então, quando as pílulas começaram a circular, Diego não tinha como impedir. Não havia como manter o controle.

— Você quer dizer que os Enfumaçados *tomaram* a cidade?

— Eles não tomaram exatamente. — Fausto riu de novo. — As autoridades continuam no poder. Mas a mudança aconteceu mais rápido aqui do que vai acontecer na nossa cidade. Depois que as pílulas entraram, levou mais ou menos um mês para a maioria das pessoas despertar e o sistema inteiro entrar em colapso. *Ainda* está em colapso, eu acho.

Tally assentiu e se lembrou de todas as coisas que vira nas últimas 12 horas.

— Nisso você tem razão. Esse lugar inteiro enlouqueceu.

— Você vai se acostumar. — O sorriso ficou maior.

Tally estreitou os olhos.

— E nada disso incomoda você? Já notou que estão desmatando nos limites da cidade?

— Claro, Tally-wa. Eles precisam expandir seu território. A população está crescendo rapidamente.

As palavras tiveram o impacto de um soco no estômago.

— Fausto... uma população não pode *crescer*. Eles não podem *fazer aquilo*.

— Eles não estão procriando, Tally. São apenas fugitivos. — Fausto deu de ombros como se não fosse nada demais e ela sentiu o estômago revirar. A beleza cruel, a intimidade da voz nos seus ouvidos e até mesmo as tatuagens dinâmicas e dentes afiados não eram desculpa para o que Fausto estava dizendo. A *natureza* estava em questão, sendo devastada a fim de abrir caminho para um bando de perfeitos gananciosos.

— O que os Enfumaçados fizeram com você? — perguntou ela com a voz seca.

— Nada que eu não tivesse pedido.

Tally balançou a cabeça freneticamente, sem querer acreditar.

Fausto suspirou.

— Venha comigo. Não quero que os garotos da cidade ouçam a gente. Existem umas regras esquisitas sobre ser especial. — Ele colocou uma das mãos no ombro de Tally para que fossem até o fundo da festa. — Você se lembra da nossa grande fuga no ano passado?

— Claro que lembro. Por acaso eu pareço uma avoada?

— Longe disso. — Fausto sorriu. — Bem, algo aconteceu depois que o localizador no dente do Zane foi desligado e você insistiu em ficar para trás com ele. Durante a fuga, nós, Crims, entramos em acordo com os Enfumaçados. — Ele parou quando passaram por uma turma de novos perfeitos que comparavam o resultado de uma nova cirurgia: uma pele que pulsava desde o mais pálido até o mais escuro de acordo com o ritmo da música.

Usando as dermantenas para transmitir as palavras, Tally protestou:

— Como assim, um acordo?

— Os Enfumaçados sabiam que a Circunstâncias Especiais estava recrutando. O número de Especiais aumentava a cada dia, a maioria deles composta pelos mesmos feios que tinham fugido para a Velha Fumaça.

Tally concordou com a cabeça.

— Você conhece as regras. Só os feios espertos viram especiais.

— Claro. Mas só então os Enfumaçados estavam começando a entender isso. — Eles estavam quase nas sombras do arvoredo do outro lado da festa. — E como Maddy ainda tinha o banco de dados da dra. Cable, ela pensou que poderia fazer uma cura para os Especiais.

Tally travou.

— Uma *o quê?*

— Uma cura, Tally. Mas eles precisavam de uma pessoa para testar. Alguém que pudesse dar uma autorização consciente, como a que você deu para ser curada antes de permitir ser transformada em perfeita.

Ela encarou Fausto e tentou avaliar a profundidade de seus olhos. Havia algo de errado com eles... eram sem graça, como champanhe sem bolhas.

Assim como Zane, faltava algo em Fausto.

— Fausto — falou Tally, baixinho. — Você não é mais especial.

— Eu dei autorização quando a gente estava fugindo. Todos concordaram. Se nós fôssemos capturados e virássemos Especiais, Maddy podia tentar nos curar.

Tally engoliu em seco. Então foi por isso que os Enfumaçados ficaram com Fausto e deixaram Shay escapar. Autorização consciente: a desculpa de Maddy para brincar com o cérebro das pessoas.

— Você permitiu ser cobaia das experiências de Maddy? Não se lembra do que aconteceu com *Zane?*

— Tinha que ser alguém, Tally. — Ele ergueu um injetor. — A cura funciona e é perfeitamente segura.

Ela arreganhou os dentes e sentiu um arrepio ao pensar nas nanoestruturas devorando o cérebro.

— Não me toque, Fausto. Não quero lhe fazer mal, mas farei se for necessário.

— Não, não vai — falou ele, baixinho, e avançou com uma das mãos em seu pescoço.

Tally pegou o injetor a poucos centímetros da garganta. Ela torceu com força para que Fausto largasse e ouviu o som de dedos quebrando. Então percebeu que a outra mão avançava com mais um injetor e se jogou no chão. O golpe errou seu rosto por pouco.

Fausto continuou atacando e tentando acertá-la com as agulhas usando as duas mãos. Ela se arrastou de costas sobre a grama, mal conseguindo escapar. Fausto dava golpes desesperados, mas Tally o deteve com um chute no peito e outro que pegou no queixo, e ele cambaleou para trás. Fausto não era a mesma pessoa de antigamente — talvez ainda fosse mais rápido do que um medíocre, mas não tanto quanto Tally. Havia perdido um pouco da segurança e da crueldade.

O tempo ficou mais devagar, até que ela viu uma abertura no ataque previsível. Tally deu um chute certeiro que arrancou um dos injetores das mãos dele.

Naquele momento, o traje de camuflagem detectou a descarga de adrenalina e as escamas formaram a armadura em volta de Tally. Ela rolou, ficou de pé e se atirou na direção de Fausto. O próximo golpe dele acertou o cotovelo dela e o injetor se espatifou contra a armadura. Tally acertou a bochecha de Fausto, que cambaleou para trás com as tatuagens girando freneticamente.

Tally ouviu de relance um som na escuridão — algo vinha em sua direção. A projeção infravermelha tomou conta da visão e os sentidos se expandiram enquanto se jogou novamente no chão. Havia uma dúzia de silhuetas brilhando nas árvores, metade delas em posição de arqueiros.

O som de penas passou por ela, as flechas com agulhas reluzentes nas pontas, mas Tally já estava recuando para a massa da festa. Ela se arrastou no meio da multidão, derrubou fugitivos e criou uma barreira de testemunhas caídas. Cerveja foi derramada por todos os lados e gritos assustados soaram mais alto do que a música.

Tally deu um pulo para ficar de pé e se enfiou ainda mais na multidão. Havia Enfumaçados em todas as direções, silhuetas que andavam com confiança entre os fugitivos atônitos, em número suficiente para sobrepujá-la. Claro que devia ter dezenas de Enfumaçados no Terraço, afinal tinham transformado Diego em sua base. Bastava que a acertassem com um injetor e a perseguição chegaria ao fim.

Fora uma avoada ao baixar a guarda, ao andar deslumbrada pela cidade como uma turista. E agora estava encurralada entre os inimigos e o penhasco que dava ao Terraço seu nome.

Tally correu em direção à escuridão da beirada.

Passou por um espaço aberto e mais flechas voaram em sua direção, mas ela se abaixou, bloqueou e rolou, usando todos os sentidos e reflexos. A cada movimento fluido, Tally tinha mais certeza de que não queria ficar como Fausto — apenas meio Especial, sem graça e vazia, *curada*.

Ela estava quase lá.

— Tally, espera! — falou Fausto pela rede, parecendo estar sem fôlego. — Você não tem uma jaqueta de bungee jump!

Ela riu.

— Não preciso de uma.

— Tally!

Veio então uma nova onda de flechas, mas Tally desviou e deu outro rolamento até quase a beirada. Ela se jogou entre dois fugitivos que observavam o novo lar e pulou em pleno vazio...

— O que deu em você? — gritou Fausto.

Ela caiu olhando as luzes de Diego. O paredão do penhasco passou rápido, coberto por uma malha metálica instalada para sustentar os arreios magnéticos dos alpinistas. Lá embaixo havia a escuridão do resto do parque, interrompida apenas por alguns postes. Provavelmente o local

estava cheio de árvores e outras coisas que empalariam Tally ao fim da queda.

Ela manobrou no ar com as mãos para se virar e ver seus perseguidores, uma fileira de silhuetas chegando uma por uma à beirada do penhasco. Nenhum Enfumaçado pulou atrás dela — vieram tão confiantes na emboscada que não trouxeram jaquetas de bungee jump. Claro que eles teriam pranchas voadoras por perto, mas até que as alcançassem já seria tarde demais.

Tally virou outra vez para olhar o chão nos últimos segundos da queda, esperando...

No último momento, ela provocou:

— Ei, Fausto, quer ouvir uma bizarrice? *Braceletes antiqueda*.

Doeu para cacete.

Os braceletes eram capazes de interromper uma queda sobre a malha magnética de uma cidade, mas foram projetados para tombos de prancha em baixa altitude, e não para saltos de penhascos.

Tally já tinha deslocado o ombro e aberto o pulso em algumas quedas sérias na época em que era feia. Naquelas ocasiões, pareceu que um gigante havia arrancado seus braços. Foram tombos que a fizeram desejar jamais pisar em uma prancha outra vez.

Mas nada jamais doeu como agora.

Os braceletes antiqueda entraram em ação cinco metros antes que ela atingisse o chão. Sem aviso, sem um aumento gradual do magnetismo. Tally parecia estar com dois longos cabos amarrados aos pulsos que deram um *estalo* para que parasse de cair no último momento possível.

Os pulsos e ombros gritaram de dor, uma sensação tão repentina e extrema que a mente apagou por um momento. Porém, sua química cerebral especial fez com que recuperasse a consciência e Tally foi obrigada a encarar a agonia do corpo ferido.

Ela ficou girando pelos pulsos enquanto a paisagem dava voltas sem parar e a cidade inteira rodava por causa da inércia. A cada rotação, a agonia aumentava até que Tally finalmente parou após a força da queda se esgotar. Os braceletes a depositaram no chão de maneira lenta e dolorosa.

Os pés não estavam firmes sobre a maciez da grama, que parecia debochar de Tally. Havia algumas árvores por perto e ela ouviu o som de um córrego. Seus braços estavam caídos, sem movimentos e ardiam de dor.

— Tally? — A voz de Fausto surgiu próxima aos ouvidos. — Você está bem?

— O que você acha? — respondeu ela e desligou a dermantena. Fora assim que os Enfumaçados descobriram sua localização, obviamente. Com Fausto como aliado, eles deviam estar seguindo seu rastro desde que chegara à cidade...

O que quer dizer que também deviam ter localizado Shay. Será que ela havia sido capturada? Tally não a vira entre os perseguidores...

Ela deu mais alguns passos, o que provocou ondas de dor nos ombros machucados. Imaginou se os ossos de cerâmica estavam quebrados, se os músculos de monofilamentos estavam danificados sem chance de conserto.

Tally cerrou os dentes e sofreu para levantar uma das mãos. O simples movimento doeu tanto que Tally arfou alto e, quando fechou os dedos, o punho pareceu fraco demais. Mas, pelo menos, o corpo estava obedecendo aos comandos.

Porém, não havia tempo para comemorar o fechamento de um punho. Os Enfumaçados chegariam em breve. Se algum deles tivesse coragem de pular do penhasco sobre uma prancha, ela não teria muito tempo.

Tally correu até as árvores próximas e cada passo provocou uma pontada de dor pelo corpo. Ela acionou o traje de camuflagem para copiar a folhagem escura. Até mesmo o movimento das escamas do traje pelos pulsos e ombros parecia queimá-la.

Tally sentiu um arrepio assim que os nanorrobôs de reparos começaram a trabalhar. Por mais que os braços estivessem machucados, levariam horas para ficar bons. Eles gritaram de dor quando Tally levou as mãos à cabeça para puxar o capuz. O movimento quase provocou um desmaio, mas outra vez seu cérebro especial permaneceu consciente.

Ofegando, Tally cambaleou até uma árvore cujos galhos mais baixos estavam próximos ao solo. Ela pulou, caiu em um pé só e se encostou no tronco enquanto tentava recuperar o fôlego. Após um longo momento, começou a árdua tarefa de subir na árvore sem usar as mãos, pisando de galho em galho com os tênis de solado aderente que lutavam para não cair.

Tally avançou dolorosamente com os dentes trincados e o coração disparado. Mas, de alguma forma, conseguiu subir lentamente, um metro de cada vez...

A visão infravermelha captou algo de relance entre as folhas e ela travou.

Uma prancha estava voando em silêncio, exatamente na altura dos olhos. Dava para ver a cabeça brilhante da Enfumaçada indo de um lado para o outro, procurando algum som no topo das árvores.

Tally diminuiu o ritmo da respiração e se permitiu sorrir. Os Enfumaçados tinham apostado que Fausto, o Especial domesticado, iria capturá-la e nem se importaram em usar trajes de camuflagem. Daquela vez, *ela* estava invisível.

Claro que o fato de não poder levantar os braços deixava a situação empatada.

Finalmente a dor deu lugar ao zumbido dos nanorrobôs, que começaram o reparo nos ombros e injetaram anestésicos. Desde que ela não se mexesse muito, as pequenas máquinas manteriam a agonia no nível de uma dorzinha.

Ao longe, Tally ouviu outros perseguidores sacudindo as folhas, achando que ela sairia do esconderijo como um pássaro assustado. Mas a Enfumaçada mais próxima continuava caçando em silêncio, ouvindo e observando. Ela estava de lado e a cabeça se movia para lá e para cá enquanto vasculhava as árvores. Pela silhueta, deu para notar que estava usando óculos infravermelhos.

Tally sorriu para si mesma. A visão noturna funcionaria tão bem quanto sacudir as árvores. Mas então a silhueta travou e olhou fixamente para ela. A prancha parou de voar.

Quase sem mexer a cabeça, Tally olhou para si mesma. O que estava aparecendo?

Então ela notou o problema. Depois de tantos dias vivendo no traje de camuflagem, depois de todas as aventuras a que a roupa fora submetida... aquele último pulo do Terraço finalmente fora a gota d'água.

O ombro direito estava descosturado. O rasgo brilhava quase branco na visão infravermelha e irradiava o calor de seu metabolismo como a luz do sol.

A silhueta se aproximou pelo ar, devagar e com cautela.

— Ei — avisou ela, nervosa. — Acho que encontrei algo aqui.

— O que é? — Veio a resposta.

Tally reconheceu a voz de quem respondeu. *David*, ela pensou e sentiu um arrepio. Estava tão próxima dele e mal conseguia fechar o punho.

A Enfumaçada fez uma pausa, mas continuou olhando fixamente para Tally.

— Tem um sinal quente nessa árvore, do tamanho de uma bola de beisebol.

Veio uma risada da direção de David e alguém gritou:

— Deve ser um esquilo.

— É quente demais para ser um esquilo, a não ser que ele esteja pegando fogo.

Tally esperou, apertou os olhos e tentou fazer com que o corpo diminuísse o ritmo e parasse de gerar tanta energia. Mas a Enfumaçada estava certa: com o coração disparado e os nanorrobôs reparando os ombros, Tally parecia estar pegando fogo.

Ela tentou levantar a mão esquerda para cobrir o rasgo, mas os músculos pararam de responder. Tudo o que podia fazer era permanecer ali e ficar imóvel.

Mais silhuetas brilhantes vieram em sua direção.

— David! — chamou alguém ao longe. — Eles estão chegando!

David praguejou e girou a prancha em pleno ar.

— Eles não vão ficar contentes em nos ver. Vamos sair daqui!

A garota que notou Tally deu um suspiro de frustração, manobrou a prancha e disparou atrás dele. Os demais Enfumaçados seguiram os dois avançando pelo topo das árvores em direção ao horizonte.

Quem estava chegando?, Tally se perguntou. Por que simplesmente a deixaram ali? De quem os Enfumaçados tinham medo em Diego?

Então ela ouviu o som de pés correndo pela floresta e percebeu de relance alguns pontos de amarelo brilhante pelo chão. Mais cedo, vira a mesma cor no uniforme dos operários e dos guardas — amarelo com tarjas pretas, como crianças vestidas de abelhas.

Tally se lembrou do que Fausto dissera sobre as autoridades de Diego ainda estarem no controle e deu um sorriso. Elas podiam tolerar a presença dos Enfumaçados, mas os guardas provavelmente não gostavam de tentativas de sequestro durante festas.

Ela se espremeu ainda mais contra o tronco da árvore. O rasgo no traje de camuflagem dava a sensação de ser uma ferida aberta. Se os guardas tivessem visão noturna, Tally seria notada como aconteceu com os Enfumaçados. Mais uma vez, tentou levantar a mão esquerda para cobrir o rasgo...

Uma pontada de agonia surpreendente provocou uma onda de vertigem e Tally gemeu de dor. Ela apertou os olhos e tentou não gritar

outra vez.

De repente, o mundo pareceu inclinar-se. Tally abriu os olhos e percebeu, tarde demais, que um pé havia escorregado do galho. Por puro reflexo, as mãos procuraram algum apoio, mas a tentativa simplesmente disparou uma nova onda de agonia. Ela caiu sem controle e foi batendo contra a árvore, sentindo os ferimentos gritarem a cada galho que acertava até chegar ao chão.

Tally gemeu ao cair de braços e pernas abertos como um boneco jogado no chão.

Logo foi cercada pelos guardas vestidos de amarelo.

— Não se mexa! — ordenou um deles com rispidez.

Tally ergueu os olhos e soltou um gemido de frustração. Os guardas eram perfeitos de meia-idade comuns, estavam desarmados e nervosos como gatos cercando um *doberman* raivoso. Se não estivesse ferida, teria rido na cara deles e derrubado todos como se fossem dominós.

Mas, dada a situação, os guardas consideraram sua imobilidade um sinal de rendição.

VIOLAÇÕES DA MORFOLOGIA

Tally acordou em uma cela acolchoada.

O local tinha o mesmo cheiro do imenso hospital de sua cidade natal: o odor químico de desinfetante e o fedor de muitos seres humanos que eram lavados por robôs em vez de tomarem banho por conta própria. E, em algum lugar fora do alcance da visão, Tally percebeu que havia penicos sendo esterilizados.

Mas a maioria dos hospitais não tinha celas acolchoadas sem portas. Provavelmente havia uma bem escondida entre o revestimento. No teto alto, lâmpadas tubulares emanavam uma luz suave em tons pastéis, talvez com a intenção de acalmar os nervos.

Ao ficar sentada, Tally flexionou os braços e massageou os ombros. Os músculos ainda estavam rígidos e doloridos, mas sua força estava de volta. Seja lá o que os guardas usaram para nocauteá-la, havia deixado-a inconsciente por algum tempo. Durante o treinamento, Shay quebrara a mão de Tally para mostrar como funcionava o sistema de autorreparo e ela levou horas para ficar boa de novo.

Tally chutou as cobertas e ao olhar para si murmurou:

— Só pode ser brincadeira.

Eles substituíram o traje de camuflagem por uma camisola descartável com flores cor-de-rosa.

Tally se levantou e arrancou a roupa. Fez uma bola com a camisola e chutou para debaixo da cama. Era melhor ficar nua do que parecer ridícula.

Na verdade, foi um alívio finalmente ficar sem o traje de camuflagem. As escamas transportavam o suor e as células mortas para a superfície, mas nada superava um banho de verdade uma vez ou outra. Tally esfregou a pele e se perguntou se conseguiria tomar um banho naquele lugar.

— Alô? — falou para o quarto.

Como não obteve resposta, ela examinou de perto a parede. Várias microlentes hexagonais reluziam no revestimento acolchoado e revelavam a presença de minúsculas câmeras costuradas no tecido. Os médicos podiam ver qualquer coisa que Tally fizesse sob qualquer ângulo.

— Vamos lá, gente, eu sei que vocês podem me ouvir — falou alto e depois socou a parede com toda a força.

— *Ai!* — Ela xingou várias vezes enquanto sacudia a mão no ar. O revestimento acolchoado aparou o golpe, mas a parede por trás era feita de algo mais duro do que madeira ou pedra. Provavelmente era cerâmica de obra sólida. Tally não escaparia dali sem ajuda.

Ela voltou para a cama e se sentou. Ficou esfregando os dedos e suspirando.

— Por favor, tenha cuidado, mocinha — disse uma voz. — Vai acabar se machucando.

Tally olhou para a mão. Os nós dos dedos nem sequer estavam vermelhos.

— Só queria chamar a atenção de vocês.

— Atenção? Hum. Então essa é a questão.

Tally gemeu. Se havia algo mais chato do que ficar presa em um quarto para doentes, era ser tratada como uma criança que foi pega com uma bombinha de fedor. A voz falava em um tom grave e genérico para acalmá-la como se fosse um robô de terapia. Ela imaginou um comitê de médicos atrás da parede digitando respostas para o computador falar em um tom tranquilizador.

— Na verdade, a questão é que o meu quarto não tem uma *porta* — respondeu ela. — Eu infringi uma lei ou algo assim?

— Você está sendo mantida em observação por representar uma possibilidade de risco para si mesma e para outros.

Tally revirou os olhos. Quando saísse dali, o risco seria muito mais do que uma *possibilidade*. Mas ela apenas disse:

— Quem, eu?

— Você pulou do Penhasco do Terraço sem equipamento adequado, para início de conversa.

Tally ficou boquiaberta.

— Quer dizer que a culpa foi *minha*? Eu estava apenas falando com um velho amigo meu e, de repente, todos aqueles desvairados com arcos e flechas começaram a atirar em mim. O que eu devia fazer? Ficar parada e ser sequestrada?

A voz fez uma pausa antes de responder:

— Nós estamos examinando o vídeo do incidente. Admitimos, no entanto, que existem certos imigrantes aqui em Diego que podem causar

problemas. Pedimos desculpas. Eles nunca se comportaram tão mal assim antes. Não se preocupe, pois estamos realizando uma mediação.

— Mediação? Tipo, vocês estão *conversando* com eles sobre o que aconteceu? Por que não prendem alguns desses imigrantes no meu lugar? Afinal de contas, *eu* sou a vítima aqui.

Houve outra pausa.

— Isso ainda vai ser decidido. Posso saber seu nome, cidade de origem e como você conhece esse "velho amigo"?

Tally passou os dedos pela roupa de cama. Assim como o revestimento da parede, havia microssensores nos lençóis, pequenas máquinas que detectavam suor e mediam o batimento cardíaco e a resistência galvânica da pele. Ela respirou devagar para controlar a raiva. Se ficasse concentrada, podiam monitorá-la o dia inteiro que não descobririam o menor sinal de uma mentira.

— Meu nome é Tally — disse com cuidado. — Eu fugi do norte. Ouvi que vocês tratavam *bem* os fugitivos.

— Imigrantes são bem-vindos. Sob o Novo Sistema, qualquer um pode pedir cidadania a Diego.

— O Novo Sistema? É assim que chamam? — Tally revirou os olhos. — Bem, esse Novo Sistema é uma porcaria se vocês prendem as pessoas simplesmente porque elas fugiram de desvairados. Por acaso eu falei que estavam com arcos e flechas?

— Fique tranquila, você não está sendo observada por causa de suas ações, Tally. Estamos mais preocupados com certas violações morfológicas.

Apesar da concentração, Tally sentiu um arrepio na espinha.

— Minhas o quê?

— Tally, seu corpo foi construído ao redor de um esqueleto de cerâmica reforçada. Suas unhas e dentes foram transformados em armas e os reflexos passaram por uma melhoria significativa.

Ela se sentiu enjoada ao perceber o que os guardas haviam feito. Pensando que Tally estava gravemente ferida, eles a levaram para o hospital, onde os médicos tinham feito um exame detalhado. O resultado deixou as autoridades muito nervosas.

— Não sei do que vocês estão falando — disse ela, tentando parecer inocente.

— Há algumas estruturas aparentemente artificiais no seu córtex superior que parecem responsáveis por mudar seu comportamento. Tally, você costuma ter reações repentinas de raiva ou euforia, impulsos antissociais ou sensação de superioridade?

Tally respirou fundo de novo e lutou para permanecer calma.

— A única sensação no momento é a de *estar presa* — falou, devagar e decidida.

— Por que tem cicatrizes nos braços, Tally? Alguém fez isso com você?

— O quê, *essas aqui?* — Tally riu e passou os dedos pela série de cortes. — De onde eu venho, elas estão na moda!

— Tally, talvez você não tenha noção do que fizeram com sua mente. Pode parecer natural querer se cortar.

— Mas são apenas... — Tally gemeu e balançou a cabeça. — Depois de todas as cirurgias absurdas que vi por aqui, vocês estão preocupados com algumas *cicatrizes?*

— Só estamos preocupados que elas sejam um sinal de desequilíbrio mental.

— Não me falem de desequilíbrio mental — rosnou Tally, decidindo desistir de fingir que estava calma. — Não sou eu que prendo as pessoas!

— Você compreende a disputa política que existe entre nossas cidades, Tally?

— Disputa política? — perguntou ela. — O que isso tem a ver *comigo?*

— Sua cidade tem um longo histórico de práticas cirúrgicas perigosas, Tally. Isso, somado à política de Diego em relação aos fugitivos, geralmente tem sido motivo de conflitos diplomáticos. O surgimento do Novo Sistema só piorou a situação.

Tally bufou.

— Então estão me prendendo por causa da minha cidade de origem! Por acaso vocês viraram *Enferrujados* de vez?

Houve uma longa pausa depois disso. Tally imaginou os médicos discutindo sobre o que deveriam digitar no software de vocalização.

— Por que estão me torturando? — gritou, tentando parecer com uma perfeita inofensiva e chorona. — Quero ver seus rostos!

Ela se encolheu na cama e fez som de choro, mas estava pronta para pular em qualquer direção. Aqueles idiotas provavelmente não tinham percebido que seus braços tinham se regenerado completamente enquanto

dormia. Bastava apenas que uma porta se abrisse meio centímetro e ela estaria fora daquele hospital em um piscar de olhos, nua ou não.

Após outro momento de silêncio, a voz retornou.

— Infelizmente, Tally, não podemos soltá-la. Por causa das modificações corporais, você se enquadra na categoria de arma letal. E armas letais são ilegais em Diego.

Tally parou de fingir que estava chorando e ficou boquiaberta.

— Vocês querem dizer que sou *ilegal?* — gritou. — Como uma *pessoa* pode ser ilegal?

— Você não está sendo acusada de nenhum crime, Tally. A nosso ver, as autoridades da sua cidade são as culpadas. Mas antes que possa sair desse hospital, suas violações morfológicas terão que ser corrigidas.

— Nem pensar! Vocês não vão tocar em mim!

A voz não reagiu ao rompante de raiva e manteve o mesmo tom tranquilizador.

— Tally, sua cidade vem se intrometendo nos assuntos das demais, especialmente na questão dos fugitivos. Nós acreditamos que você foi alterada contra sua vontade e enviada aqui para provocar instabilidade entre a população de imigrantes.

Eles imaginavam que Tally era uma inocente enganada, que nem sequer tinha consciência de ser uma agente da Circunstâncias Especiais. Claro que não tinham a mínima ideia de como a verdade era realmente complicada.

— Então me deixem voltar para casa — pediu baixinho, tentando converter a frustração em lágrimas. — Eu vou embora, prometo. Só me deixem ir. — Ela mordeu o lábio inferior com força. Os olhos ardiam, mas, como sempre, nenhuma lágrima caiu.

— Não podemos soltá-la em sua atual configuração morfológica. Você é simplesmente perigosa demais, Tally.

Vocês não têm ideia, pensou ela.

— Você pode ir embora de Diego se quiser, mas não até que sejam feitos alguns ajustes físicos.

— Não. — Tally foi tomada por um arrepio. Eles não podiam fazer isso.

— Não podemos soltá-la legalmente sem que seja desarmada.

— Mas eu não posso ser operada se não quiser. — Ela se imaginou fraca outra vez, ridícula, frágil e *medíocre*. — E quanto à... autorização

consciente?

— Se preferir, não usaremos nenhum método experimental para alterar sua química cerebral. Através de terapia, é possível que você aprenda a controlar seu comportamento. Mas as modificações corporais perigosas serão corrigidas com técnicas cirúrgicas comprovadas. Não necessitamos de autorização consciente.

Tally abriu a boca novamente, mas nada saiu. Eles queriam torná-la medíocre outra vez sem sequer dar um jeito no *cérebro*? Que lógica cruel era aquela?

De repente, as quatro paredes impregnáveis pareciam sufocá-la, suas câmeras reluzentes e curiosas davam a impressão de debochar dela. Tally imaginou tudo o que era especial que tinha por dentro sendo arrancado por instrumentos frios de metal.

No breve momento em que beijou Zane, ela imaginou que queria ser normal. Mas agora que alguém ameaçava transformá-la em uma medíocre, Tally não suportava a ideia.

Queria ser capaz de olhar Zane sem sentir nojo, de tocá-lo e beijá-lo. Mas não se isso significasse ser transformada contra a própria vontade *outra vez*...

— Só me deixem ir — sussurrou.

— Infelizmente não podemos, Tally. Mas, quando terminarmos, estará tão bonita e saudável quanto qualquer outra pessoa. Pense assim, aqui em Diego você pode ter a aparência que quiser.

— A questão não é a minha *aparência!* — Tally deu um pulo para ficar de pé e correu até a parede mais próxima. Ela fechou o punho, puxou o braço para trás e deu o soco mais forte que conseguiu. Foi tomada pela dor outra vez.

— Tally, pare, por favor.

— Nem pensar! — Ela trincou os dentes e socou a parede de novo. Talvez se começasse a se machucar, alguém *teria* que abrir a porta.

E então veriam como ela era realmente perigosa.

— Tally, por favor.

Ela puxou o braço outra vez e acertou mais um golpe. Sentiu que o punho ameaçava quebrar contra a parede dura atrás do revestimento acolchoado e deixou escapar um suspiro de dor. Havia manchas de sangue na parede, mas Tally não podia recuar. Eles sabiam como ela era forte e isso precisava parecer de verdade.

— Você não nos deixa escolha.

Ótimo, ela pensou. *Entrem e tentem me impedir*.

Acertou a parede outra vez, deu mais um grito... mais sangue.

Então Tally sentiu algo além da dor e o corpo foi tomado pela tontura.

— Não — disse. — Não é justo.

Por baixo dos cheiros de desinfetante e penicos, tão suave que nenhum humano medíocre teria percebido, o odor penetrou nas narinas. Os Especiais geralmente eram imunes a gases atordoantes, mas Diego já conhecia seus segredos. Podiam ter projetado um gás só para eles...

Tally caiu de joelhos. Ela diminuiu a respiração, tentou desesperadamente se acalmar e inalar a menor quantidade de ar possível. Eles podiam não saber a extensão de suas defesas contra qualquer forma de ataque, nem a rapidez com que metabolizava toxinas.

Ela se recostou na parede e se sentiu mais fraca a cada segundo. De repente, o revestimento acolchoado pareceu *tão* confortável, como se alguém tivesse enchido o quarto de travesseiros. Tally conseguiu acionar sua interface com a mão esquerda para programar o alarme a cada dez minutos, assim teria chance de acordar antes que eles estivessem prontos para operá-la.

Tentou se concentrar, bolar um plano, mas o brilho das pequenas lentes na parede era tão lindo. As pálpebras se fecharam. Tally tinha que fugir, mas primeiro precisava dormir.

Dormir não era tão ruim assim, sério, era como voltar a ser avoada, sem nada para se preocupar, sem sentir raiva por dentro...

VOZES

Era bom ali. Bom e quieto.

Pela primeira vez em muito tempo, Tally não sentia raiva nem frustração. A tensão nos músculos havia passado, assim como a sensação de que tinha de *estar* em algum lugar, *fazer* alguma coisa, *provar* do que era capaz. Ali ela era apenas Tally, e essa simples noção passava sobre a pele como uma brisa agradável. Sentia algo especial na mão direita — ela estava borbulhante, como se alguém estivesse pingando champanhe morno em cima dela.

Tally abriu um pouco os olhos. Em vez de estar nítida e dinâmica como sempre, a visão meio fora de foco era agradável. Na verdade, ali parecia estar cheio de nuvens brancas e fofas. Como uma criança olhando para o céu, ela conseguia enxergar qualquer forma que quisesse. Tentou imaginar um dragão, mas o cérebro não conseguia formar a imagem de asas reais... e os dentes eram meio complicados.

Além disso, dragões eram muito assustadores. Tally, ou talvez outra pessoa que conhecera, teve uma experiência ruim com um dragão.

Era melhor imaginar os amigos: Shay-la e Zane-la, todo mundo que a amava. Isso era o que ela realmente queria, sair para ver os amigos assim que dormisse mais um pouco.

Tally fechou os olhos outra vez.

* * *

Ping.

— Oi, ping-la — disse ela.

O ping jamais respondia. Mas Tally gostava de ser educada.

— Por acaso ela acabou de falar alguma coisa, doutor? — perguntou alguém.

— Não é possível. Não com o que demos para ela.

— Você *viu* as leituras do metabolismo? — falou uma terceira voz. — Não vamos correr riscos. Verifique as correias.

Alguém resmungou e então foi mexer nas mãos e pés de Tally, um por um, em um círculo que começou na mão direita borbulhante e percorreu o sentido horário. Tally imaginou ser um relógio deitado ali, marcando as horas em silêncio.

— Não se preocupe, doutor. Ela não vai a lugar algum.

A voz estava errada quanto a isso porque, um momento depois, Tally *foi* a vários lugares flutuando de costas. Não conseguia abrir os olhos, mas parecia que estava em uma espécie de maca flutuante. Luzes pulsavam no teto com tamanha intensidade que penetravam pelas pálpebras. O ouvido interno sentiu que a maca fez uma curva à esquerda, diminuiu a velocidade e passou por cima de uma falha na malha magnética. Então Tally começou a acelerar e subir tão rápido que seus ouvidos estouraram.

— Muito bem — falou uma das vozes. — Esperem aqui pela equipe pré-operatória. *Não* a deixem sozinha e me chamem se ela se mexer.

— OK, doutor. Mas ela não está se mexendo.

Tally sorriu. Decidiu brincar que não se mexeria. No fundo da mente surgiu a ideia de que enganar a voz seria muito divertido.

* * *

Ping.

— Oi — respondeu ela e aí se lembrou de que não devia se mexer.

Tally ficou imóvel por um instante e então imaginou de onde vinham os pings. Eles estavam começando a irritar.

Ela mexeu os dedos para acionar uma interface na parte de dentro das pálpebras. O software interno não estava tão confuso quanto todo o resto e bastava usar os dedos para que funcionasse.

Tally descobriu que os pings serviam para acordá-la. Ela devia se levantar e fazer alguma coisa.

Suspirou baixinho. Ficar deitada ali era *tão* bom. Além disso, não se lembrava por que tinha programado o alarme, o que o tornava completamente sem sentido. Na verdade, ele era bem bobo. Tally teria rido, se rir não fosse tão difícil. Passou a achar todos os alarmes bobos.

Ela mexeu o dedo para desligá-lo, assim não seria mais importunada.

Mas a pergunta continuou a incomodá-la. O que ela deveria *fazer*? Talvez um dos outros Cortadores soubesse. Ela ligou a dermantena.

— Tally? — perguntou uma voz. — Finalmente!

Tally sorriu. Shay-la sempre sabia o que fazer.

— Você está bem? — disse Shay. — Onde esteve?

Ela tentou responder, mas falar era muito difícil

— Você está *bem*, Tally? — perguntou Shay depois de alguns instantes. Parecia preocupada agora.

Tally sorriu ao se lembrar que Shay andava aborrecida com ela. Agora Shay-la não parecia mais estar assim, apenas preocupada.

Ela fez um esforço e conseguiu murmurar:

— Estou com sono.

— Ah, droga.

Que estranho, pensou Tally. Duas vozes disseram "ah, droga" ao mesmo tempo e com a mesma entonação assustada. Uma era a voz de Shay dentro de sua cabeça e a outra era a *outra* voz que vinha escutando.

Aquilo estava ficando tão complicado quanto tentar imaginar dentes de dragão.

— Preciso acordar — disse Tally.

— Ah, *droga!* — falou a outra voz.

Ao mesmo tempo, Shay estava dizendo:

— Fique onde está, Tally. Acho que localizei sua transmissão. Você está no hospital, certo?

— Aham — murmurou. Ela reconheceu o cheiro do hospital, embora a outra voz tornasse difícil a concentração. Os gritos faziam a cabeça doer.

— Acho que ela está acordando! Alguém traga alguma coisa para anestesiá-la! — Blá-blá-blá...

— Nós estamos perto — disse Shay. — Imaginamos que você estivesse em algum lugar aí dentro. Sua cirurgia para reverter a especialização foi marcada para daqui a uma hora.

— Ah, certo — falou Tally e finalmente se lembrou do que devia fazer: escapar daquele lugar, o que seria *muito* difícil. Muito mais do que mexer a ponta dos dedos. — Socorro, Shay-la.

— Aguente firme, Tally, e tente *acordar!* Estou indo salvar você.

— Oba, Shay-la — sussurrou Tally.

— Mas desligue sua dermantena agora. Se eles examinaram você, podem estar escutando...

— OK. — Tally mexeu os dedos e a voz na cabeça se calou. A outra continuava gritando e reclamando em tom de preocupação. Estava começando a deixá-la com dor de cabeça.

— Doutor! Ela acabou de falar alguma coisa, mesmo depois daquela última dose! O que diabos ela é?

— Seja lá o que for, isso deve mantê-la dormindo — disse alguém e o sono tomou conta de Tally novamente.

E então ela voltou a parar de pensar.

LUZ

A consciência retornou com um clarão de luz.

A adrenalina disparou, como se Tally acordasse gritando de um pesadelo. A visão do mundo ficou subitamente nítida, tão aguçada quanto os dentes em sua boca, tão clara quanto uma lanterna nos olhos.

Ela se sentou com as costas rígidas, a respiração acelerada e as mãos fechadas em punhos. Shay estava ao pé da cama do hospital, mexendo nas correias dos tornozelos.

— Shay! — gritou Tally, sentindo o mundo ao redor tão intensamente que era *preciso* berrar.

— Isso acordou você, não foi?

— Shay! — O braço esquerdo de Tally ardia; alguém tinha acabado de lhe dar uma injeção. Ela sentiu o corpo ferver de energia com o retorno de toda a fúria e força. Puxou o pé contra a correia do tornozelo, mas o metal resistiu.

— Calma, Tally-wa — disse Shay. — Eu tiro.

— *Calma?* — murmurou Tally enquanto os olhos vasculhavam a sala. As paredes estavam repletas de máquinas ligadas e piscando. No centro havia um tanque cirúrgico borbulhando com líquido de suporte de vida e um tubo respiratório solto, esperando para ser usado. Bisturi e serras vibratórias estavam sobre uma mesa ao lado.

Havia dois homens inconscientes caídos no chão, vestidos com uniformes de hospital. Um era um perfeito de meia-idade, o outro era jovem o bastante para ter a pele cheia de pintas iguais às de um leopardo. Ao vê-los, Tally foi tomada de assalto pelas lembranças das últimas 24 horas: Cidade Medíocre, a captura, a ameaça da operação que a tornaria medíocre novamente.

Ela se contorceu contra as correias nos tornozelos, desesperada para fugir daquela sala *imediatamente*.

— Estou quase conseguindo — disse Shay para acalmá-la.

Tally sentiu um formigamento no braço direito e notou um feixe de tubos ligados a ele, formando um sistema de aparelhos de suporte para uma grande cirurgia. Ela arreganhou os dentes e os arrancou, espirrou

sangue pelo chão branco e imaculado, mas não doeu — a mistura entre o anestésico e a substância que Shay usara para despertá-la fizeram Tally sentir uma fúria que bloqueava a dor.

Quando Shay finalmente soltou a segunda correia do tornozelo, Tally pulou no chão com os dedos crispados.

— Hum, talvez seja melhor você vestir isso — disse Shay ao jogar um traje de camuflagem para Tally, que olhou para si mesma. Estava usando outra camisola descartável, daquela vez um modelo rosa com dinossauros azuis.

— Qual é o problema com os hospitais? — gritou. Ela rasgou a camisola e enfiou um pé no traje.

— Fique quieta agora, Tally-wa — mandou Shay. — Eu desliguei os sensores, mas mesmo os medíocres podem ouvir você gritando desse jeito, sabe. E não ligue sua dermantena ainda. Isso vai entregar nossa presença.

— Foi mal, chefe. — Tally se levantou rápido demais e foi tomada por uma onda de vertigem. Contudo, conseguiu vestir as pernas do traje e puxá-lo até os ombros. Ao detectar o coração disparado, as escamas imediatamente ondularam e formaram a armadura preta.

— Não, ajuste o traje assim — sussurrou Shay com uma das mãos na porta. O dela estava da cor azul-claro, a mesma do uniforme do hospital.

Tally deixou o traje de camuflagem igual ao de Shay, mas ainda sentia a cabeça girando com tanta adrenalina.

— Você veio me salvar — disse, tentando falar baixo.

— Não podia deixar que fizessem isso com você.

— Mas achei que você me odiasse.

— Eu odeio *às vezes*, Tally, como nunca odiei alguém antes — falou Shay, com desdém. — Talvez seja por isso que eu sempre venha salvar você.

Tally engoliu em seco e olhou mais uma vez para o tanque cirúrgico, a mesa cheia de instrumentos de corte, todas as ferramentas que a teriam transformado em uma medíocre de novo. Ela teria sido "desespecializada", nas palavras de Shay.

— Obrigada, Shay-la.

— Sem problemas. Pronta para sair daqui?

— Espere, chefe. — Tally engoliu em seco. — Eu vi Fausto.

— Eu também. — Não havia raiva na voz de Shay, o tom simplesmente relatava um fato.

— Mas ele é...

— Eu sei.

— Você sabe... — Tally deu um passo à frente. A mente ainda girava por ter acordado e por conta de tudo o que estava acontecendo. — Mas o que vamos fazer a respeito dele, Shay?

— Nós temos que *ir,* Tally. Os outros Cortadores estão esperando a gente no telhado. Vai acontecer algo mais importante do que os Enfumaçados.

Tally franziu a testa.

— Mas o que...

Um alarme estridente soou no ar.

— Eles devem estar se aproximando! — gritou Shay. — Temos quer *ir!* — Ela pegou Tally pela mão e a arrastou pela porta.

Tally seguiu com a cabeça rodando e passos ainda inseguros. Fora da sala de operação, havia um longo corredor que se estendia para a direita e para a esquerda, por onde ecoava o alarme. Pessoas uniformizadas saíram pelas portas ao lado e formaram uma confusão no corredor.

Shay disparou e desviou dos médicos e enfermeiros atônitos como se fossem estátuas. Era tão veloz que os funcionários mal notaram o raio azul que passou entre eles.

Tally deixou as dúvidas de lado e seguiu, mas a tontura de quem acaba de acordar ainda não havia passado. Ela tentou desviar das pessoas da melhor forma possível e foi empurrando quem não saísse do caminho. Esbarrou em corpos e paredes, mas conseguiu prosseguir levada pela adrenalina.

— Parem! — gritou uma voz. — Vocês duas!

Na frente de Shay, havia um grupo de guardas de uniformes amarelos e pretos com bastões de choque brilhando sob a luz suave de tom pastel.

Shay não hesitou e avançou batendo com as mãos e os pés enquanto o traje virava a armadura preta. O ar foi tomado pelo cheiro de fagulhas conforme os bastões acertavam as escamas blindadas e piscavam como mosquitos sendo queimados por uma lâmpada. Ela girava freneticamente no meio da briga e mandava as figuras de amarelo para longe.

Quando Tally apareceu, só havia dois guardas de pé. Estavam encurralados e tentavam manter Shay a distância sacudindo os bastões de choque no ar. Tally chegou por trás da guarda feminina, quebrou seu pulso e a jogou contra o colega. Os dois caíram no chão.

— Não é necessário *quebrar* ninguém, Tally-wa.

Tally olhou para a mulher, que estava gritando de dor e agarrando o pulso.

— Ah, foi mal, chefe.

— Não é culpa sua, Tally. Vamos. — Ela empurrou a porta da escadaria e subiu cada andar com dois longos pulos. Tally seguiu logo atrás com a vertigem praticamente sob controle. Um pouco da adrenalina da injeção que a acordara estava passando durante a correria. As portas da escadaria se fecharam atrás delas e abafaram o alarme estridente.

Tally se perguntou o que havia acontecido com Shay. Onde ela esteve esse tempo todo? Há quanto tempo os outros Cortadores estavam em Diego?

Mas as perguntas podiam esperar. Ela simplesmente estava contente por ter sido solta, poder lutar ao lado de Shay e ser especial. Nada era capaz de deter as duas juntas.

Após subirem alguns andares, a escadaria chegou ao fim. Elas atravessaram a última porta até o telhado. O céu da noite reluzia com milhares de estrelas, belo e limpo.

Depois daquela cela acolchoada, era ótimo estar sob o céu aberto. Tally tentou respirar ar puro, mas o cheiro do hospital ainda saía pelas inúmeras chaminés dos exaustores ao redor.

— Ótimo, eles ainda não chegaram — disse Shay.

— Quem? — perguntou Tally.

Shay a conduziu pelo terraço até o imenso prédio escuro ao lado do hospital, a Prefeitura, Tally se lembrou. Shay olhou pela beirada.

As pessoas estavam saindo do hospital, os funcionários de azul-claro e branco, os pacientes de camisola. Alguns andavam, outros eram empurrados em macas flutuantes. Tally ouviu o alarme ecoar das janelas embaixo e percebeu que o tom havia mudado para um sinal de evacuação.

— O que está acontecendo, Shay? Eles não estão evacuando o prédio por causa da gente, estão?

— Não. — Shay virou para Tally e colocou a mão em seu ombro. — Preciso que preste atenção. Isso é importante.

— *Estou* prestando atenção, Shay. Só me conta o que está acontecendo!

— Tudo bem. Eu sei tudo sobre Fausto. Segui o sinal da dermantena dele assim que cheguei aqui, há mais de uma semana. Ele explicou tudo.

— Então você sabe... que ele não é mais especial.

Shay fez uma pausa.

— Não acho que você esteja certa quanto a isso, Tally.

— Mas ele está diferente, Shay. *Fraco*. Eu notei pelos... — A voz de Tally sumiu quando observou a amiga mais de perto. Fez uma expressão de surpresa e perdeu o fôlego. Nos olhos de Shay havia uma brandura que nunca existiu antes. Mas aquela era *Shay*, ainda tão veloz e letal. Ela passou pelos guardas como uma foice.

— Ele não é fraco — disse Shay. — Nem eu.

Tally balançou a cabeça, se afastou e cambaleou para trás.

— Eles pegaram você também.

Shay concordou com a cabeça.

— Está tudo bem, Tally-wa. Eu não virei uma avoada. — Deu um passo à frente. — Mas você tem que me *ouvir*.

— Não se aproxime de mim! — rosnou Tally e contraiu as mãos.

— Espera, Tally, vai acontecer uma coisa importante.

Tally balançou a cabeça. Dava para ouvir a fraqueza na voz de Shay agora. Se não fosse pela tonteira, Tally teria notado desde o início. A verdadeira Shay não teria se preocupado com o pulso de uma guarda medíocre. E a verdadeira Shay — a Shay *especial* — jamais a teria perdoado tão facilmente.

— Você quer que eu fique igual a você! Como o Fausto e os Enfumaçados tentaram fazer!

— Não, não quero. Preciso que esteja do jeito que...

Antes que Shay pudesse dizer mais uma palavra, Tally virou e começou a correr o mais rápido possível para a beirada oposta do telhado. Ela não tinha braceletes antiqueda nem jaqueta de bungee jump, mas ainda era capaz de escalar como uma Especial. Se Shay fosse tão frouxa quanto Fausto, não seria mais tão destemida assim. Tally podia simplesmente escapar daquela cidade maluca e conseguir ajuda na sua própria...

— Não deixem que ela fuja! — gritou Shay.

Silhuetas humanas sem rosto surgiram entre as chaminés dos exaustores e antenas. Elas pularam da escuridão em direção a Tally e pegaram seus braços e pernas.

Fora tudo uma armadilha. Shay dissera para não ligar a dermantena para que assim eles pudessem tramar contra ela em silêncio.

Tally deu um soco e a mão machucada acertou uma armadura. Um Cortador anônimo segurou seu braço, mas ela tornou o traje escorregadio e escapou. Aproveitou o movimento e rolou de costas no chão, pegou impulso e pulou em cima de uma chaminé alta.

Ela tentou puxar o capuz sobre o rosto para ficar invisível antes que a alcançassem, mas um par de mãos com luvas segurou seus tornozelos e a derrubou. Ao cair da chaminé, foi agarrada por outra pessoa. Surgiram mais mãos para pegar seus braços e conter o frenesi de golpes. Ela foi arrastada de volta para o telhado com força e cuidado.

Tally resistiu, mas, mesmo sendo especial, havia muitos deles.

Eles puxaram os capuzes: Ho, Tachs, todos os outros Cortadores. Shay conseguira pegar cada um.

Eles sorriam gentilmente e tinham uma brandura medíocre e horrível no olhar. Tally resistiu e esperou pela picada do injetor no pescoço.

Shay parou diante dela e balançou a cabeça.

— Tally, que tal se acalmar?

Tally cuspiu na amiga.

— Você disse que estava me *salvando*.

— E eu *estou*. Se ao menos se acalmasse e me ouvisse. — Shay soltou um suspiro, irritada. — Depois que Fausto me deu a cura, eu chamei os Cortadores. Disse que me encontrassem no meio do caminho. Ao voltarmos para Diego, eu curei um por um.

Tally olhou para os rostos, alguns sorriam para ela como se fosse uma criança que não estava entendendo a brincadeira, e ela viu que não havia sinais de dúvidas ou de rebelião contra as palavras de Shay. Tinham virado um rebanho, eram iguais aos avoados.

A raiva virou desespero. Os cérebros dos Cortadores tinham sido infectados por nanoestruturas e estavam fracos e patéticos. Tally estava completamente sozinha.

Shay abriu os braços.

— Ouça, só hoje a gente voltou para cá. Sinto muito que os Enfumaçados tenham atacado você. Eu não deixaria. Essa cura não é do que você precisa, Tally.

— Então me *soltem*! — rosnou ela.

Shay fez uma pausa por um momento e então concordou com a cabeça.

— OK. Soltem Tally.

— Mas, chefe — disse Tachs —, eles já romperam as defesas. A gente tem menos de um minuto.

— Eu sei. Mas ela vai nos ajudar. Eu sei que vai.

Um por um, os outros soltaram Tally com cuidado. Ela ficou livre, mas continuava encarando Shay sem saber o que fazer a seguir. Ainda estava cercada e em desvantagem numérica.

— Não faz sentido correr, Tally. A dra. Cable está a caminho.

Tally ergueu uma sobrancelha.

— Para Diego? Vem pegar vocês?

— Não. — A voz de Shay vacilou, quase como a de uma criança prestes a chorar. — A culpa é toda nossa, Tally. Sua e minha.

— Culpa de *quê?*

— Depois do que nós fizemos com o Arsenal, ninguém acreditou que fossem os Crims ou os Enfumaçados. A gente foi sagaz demais, especial demais. Nós aterrorizamos a cidade inteira.

— Desde aquela noite — falou Tachs —, todo mundo passa para ver a cratera que vocês duas deixaram. Eles levam turmas inteiras de crianças para olhar.

— E a Cable está vindo aqui? — Tally franziu a testa. — Espera aí, você quer dizer que eles descobriram que foi a *gente*?

— Não, eles têm outra teoria. — Shay apontou para o horizonte. — Olhe.

Tally virou o rosto. No horizonte, atrás da Prefeitura, uma massa de luzes brilhantes tomou conta do céu. Enquanto observava, as luzes cresceram e ficaram mais fortes, reluzindo como estrelas em uma noite de verão.

Da mesma forma que aconteceu quando Tally e Shay foram perseguidas ao saírem do Arsenal.

— Naves voadoras — disse Tally.

Tachs concordou com a cabeça.

— Eles entregaram o controle militar da cidade para a dra. Cable. Tudo o que sobrou das defesas, pelo menos.

— Peguem suas pranchas — disse Shay. Os outros foram para os quatro cantos do telhado.

Shay colocou um par de braceletes antiqueda nas mãos de Tally.

— Você tem que parar de fugir e encarar o que a gente começou.

Tally não recuou diante do toque de Shay, confusa demais para se preocupar em ser curada. Dava para ouvir as máquinas se aproximando agora, um enxame de hélices que zumbia como um enorme motor se aquecendo.

— Ainda não entendi.

Shay ajustou os próprios braceletes e um par de pranchas voadoras surgiu da escuridão.

— Nossa cidade sempre odiou Diego. A Circunstâncias Especiais sabia da ajuda que davam para os fugitivos, dos helicópteros que levavam as pessoas à Velha Fumaça. Então, depois que o Arsenal foi destruído, a dra. Cable decidiu que só podia ter sido um ataque militar. Ela culpou Diego.

— Então, essas naves... elas estão vindo atacar essa *cidade*? — murmurou Tally. As luzes cresciam cada vez mais até que dezenas de naves voadoras formaram um círculo no céu, um grande vórtex que cercava a Prefeitura. — Nem a dra. Cable faria uma coisa dessas.

— Infelizmente, sim. E as outras cidades vão cruzar os braços e assistir, por enquanto. O Novo Sistema as deixou completamente assustadas. — Shay puxou o capuz do traje de camuflagem sobre a cabeça. — Hoje à noite, temos que ajudá-los aqui, Tally, temos que fazer o que for possível. E amanhã, eu e você precisamos voltar para casa e parar essa guerra que a gente começou.

— *Guerra?* Mas as cidades não... — A voz de Tally sumiu. O telhado sob seus pés começou a tremer e, encoberto pelo zumbido de centenas de hélices, ela ouviu um som pequeno e tímido vindo das ruas lá embaixo.

As pessoas estavam gritando.

Poucos segundos depois, a armada lá no alto abriu fogo e encheu o céu de luz.

Parte III
DESFAZENDO A GUERRA

O homem conta com o passado para encarar o futuro.

— Pearl S. Buck

O TROCO

Rajadas de tiros de canhão cortaram o ar, queimando através do campo de visão de Tally. As explosões agrediam os ouvidos e ondas de choque batiam em seu peito como se tentassem abrir seu corpo.

A armada de naves voadoras cuspiu fogo na Prefeitura, uma cascata de projéteis tão brilhantes que por um instante o prédio inteiro desapareceu. Mas Tally conseguia ouvir o som de vidro quebrado e metal retorcido através do espetáculo ofuscante.

Depois de alguns segundos, houve uma pausa no ataque e Tally vislumbrou a Prefeitura atrás da fumaça. O prédio estava cheio de buracos enormes com fogo ardendo por dentro, como se fosse uma abóbora de Halloween com vários olhos brilhantes.

Gritos aterrorizados ecoavam lá debaixo. Ela ficou tonta por um instante ao se lembrar do que Shay dissera: *"A culpa é toda nossa, Tally. Sua e minha."*

Tally balançou a cabeça devagar. O que estava vendo não podia ser verdade.

Não havia mais guerras.

— *Vamos!* — gritou Shay, pulando na prancha para começar a subir. — A Prefeitura está vazia à noite, mas temos que tirar todo mundo do hospital...

Tally finalmente conseguiu se mexer e pulou na prancha quando o bombardeio recomeçou. Shay disparou pela beirada do telhado, formando uma silhueta contra as explosões antes de desaparecer. Tally a seguiu depois de olhar pelo parapeito por alguns segundos para observar o caos lá embaixo.

O hospital não havia sido atingido, pelo menos não ainda, mas a multidão de pessoas aterrorizadas continuava saindo pelas portas. A armada não precisava atirar em ninguém para que houvesse mortes — elas seriam causadas pelo pânico e caos. As outras cidades veriam o ataque apenas como uma resposta proporcional ao que acontecera com o Arsenal: um prédio praticamente vazio por outro.

Tally ajoelhou na prancha para se segurar firme, desligou as hélices e caiu. As ondas de choque do ataque tornaram o ar palpável e arredio, como um mar revolto.

Os outros Cortadores já estavam lá embaixo com os trajes de camuflagem copiando o amarelo e preto dos uniformes dos guardas. Tachs e Ho conduziam a multidão para o outro lado do hospital, longe dos destroços que caíam da Prefeitura. Os demais resgatavam os pedestres que haviam caído entre os dois prédios. Todas as calçadas móveis tinham parado, jogando os passageiros no chão.

Tally girou no ar por um instante, fez uma expressão de surpresa e se perguntou o que fazer. Então viu um grupo de crianças saindo do hospital. Elas estavam em fila ao longo da cerca viva ao redor do heliporto, sendo contadas pelos responsáveis antes de irem para um lugar seguro.

Tally apontou a prancha para o heliporto e caiu tão rápido quanto a gravidade permitiu. Os helicópteros tinham sido usados para levar fugitivos de outras cidades para a Velha Fumaça e agora para cá, para o Novo Sistema. Tally duvidava que o ataque da dra. Cable fosse poupá-los.

Ela parou bem acima da cabeça das crianças, que olharam boquiabertas e assustadas para cima.

— Saiam daqui! — gritou Tally para os responsáveis, que eram dois perfeitos de meia-idade com aquela aparência clássica de serenidade e experiência.

Como eles olharam com desconfiança, Tally se lembrou de ajustar as cores do traje para um tom de amarelo parecido com o uniforme dos guardas.

— Os helicópteros podem ser um alvo! — berrou.

Tally praguejou ao ver que os responsáveis continuavam atônitos. Não percebiam que aquela guerra envolvia os fugitivos, o Novo Sistema e a Velha Fumaça. Só sabiam que o céu estava explodindo e que precisavam contar todas as crianças antes de saírem dali.

Ela ergueu o olhar e viu uma nave reluzente sair da armada. A máquina fez uma curva bem aberta, descendo devagar em direção ao heliporto como uma ave de rapina preguiçosa.

— Leve as crianças para o outro lado do hospital agora! — gritou Tally e então subiu em direção à nave que se aproximava, imaginando o que poderia fazer contra ela. Daquela vez não possuía granadas nem

aquela nanogosma devoradora. Estava sozinha e desarmada contra uma máquina militar.

Mas se a guerra fosse mesmo culpa sua, ela tinha que tentar.

Tally puxou o capuz sobre o rosto, calibrou o traje para camuflagem infravermelha e disparou em direção à Prefeitura. Tinha esperança de que a nave não a visse chegando contra o calor gerado pelos tiros de canhão e explosões.

Ao se aproximar do prédio que se desintegrava, o ar tremia ao redor de Tally, a onda de impacto das explosões batia contra seu corpo. Agora dava para sentir o calor do fogo e ouvir o som dos andares desmoronando um sobre o outro no momento em que os suportes flutuantes da Prefeitura falharam. A armada estava destruindo o prédio inteiro, reduzindo-o a pó, da mesma forma que ela e Shay tinham feito com o Arsenal.

Com aquele inferno às costas, Tally emparelhou com a nave e seguiu sua descida enquanto procurava por alguma fraqueza. O modelo era igual ao primeiro que vira sair do Arsenal: tinha um corpo inchado coberto de armas, asas e garras, voava sustentado por quatro hélices, e possuía uma blindagem preta e fosca que não refletia a tempestade de fogo atrás de Tally.

A nave apresentava cicatrizes de danos recentes. Tally percebeu que Diego provavelmente oferecera alguma resistência contra a armada — uma luta que não tinha durado muito.

Embora todas as cidades tivessem desistido de guerrear, algumas haviam abandonado a luta mais cedo do que as outras.

Tally olhou para baixo. O heliporto não estava muito distante e a fila de crianças se afastava dele com uma lentidão irritante. Ela praguejou e disparou contra a nave, torcendo para que fosse capaz de distraí-lo.

A máquina detectou sua aproximação no último instante e tentou agarrar a prancha com as garras de metal. Tally empinou para subir, mas manobrou tarde demais. As garras de metal da nave emperraram a hélice frontal, e a parada súbita jogou Tally para fora da prancha. Outras garras se fecharam no ar, mas ela, oculta pelo traje de camuflagem, passou por cima.

Tally caiu nas costas da nave. A máquina inclinou por conta do peso e do impacto da prancha, e quase virou de barriga para cima. Ela balançou os braços ao escorregar pela blindagem, e não caiu graças ao solado aderente do traje de camuflagem. Dobrou os joelhos e agarrou o primeiro

apoio que encontrou, um fino pedaço de metal protuberante do corpo da nave.

A prancha quebrada passou direto com apenas uma hélice funcionando e a outra destruída, girando pelo ar como uma faca.

Conforme a nave tentava se estabilizar, o objeto que havia salvado Tally girou repentinamente em sua mão e ela o soltou. Havia uma pequena lente na ponta, como o olho comprido de um caranguejo. Tally correu para o meio das costas da máquina e torceu para que não tivesse sido vista.

Mais três câmeras compridas giraram freneticamente ao redor de Tally e olharam para todas as direções, vasculhando o céu atrás de mais ameaças. Mas nenhuma se virou para ela, pois as lentes apontavam para fora, e não para a própria nave.

Tally percebeu que estava sentada no ponto cego da máquina. As câmeras não conseguiam virar para vê-la e o chassi blindado não tinha sensores para detectar seus pés. Aparentemente, quem projetara a nave voadora jamais imaginara que haveria um adversário *em cima dela*.

Mas a máquina sabia que havia algo de errado, pois estava pesada demais. As quatro hélices não paravam de se mexer enquanto Tally ia de um lado para o outro, tentando se manter sobre ela. As garras de metal que não haviam sido danificadas pela prancha golpeavam aleatoriamente o ar ao procurar por um oponente, como se não pudesse enxergar.

Com o peso extra, a nave voadora começou a descer. Tally pendeu o corpo na direção da Prefeitura e a máquina começou a ser levada para lá enquanto caía. Era como pilotar a prancha mais instável e teimosa do mundo, mas gradualmente ela conseguiu afastar a nave do heliporto e da lenta fila de crianças.

Ao se aproximar da Prefeitura, as ondas de choque do ataque fizeram a máquina tremer. O calor do prédio em chamas começou a penetrar pelo traje de camuflagem e Tally sentiu que todo seu corpo estava suado. Atrás dela, as crianças pareciam ter finalmente saído da área do heliporto. Tudo o que precisava fazer agora era saltar da nave sem ser vista e sem que ela abrisse fogo.

Quando o chão estava a apenas dez metros, Tally pulou das costas da máquina e agarrou uma das garras danificadas ao passar, empenando aquele lado com a força da queda. Ela rodou em pleno ar acima da cabeça de Tally e as hélices guincharam pelo esforço de tentar se estabilizar. Mas a

nave já tinha virado demais e, após uma breve resistência, o peso da garra danificada fez com que ela ficasse de cabeça para baixo.

Tally caiu de uma altura pequena. Os braceletes pararam sua queda e a pousaram no chão com delicadeza.

Lá em cima, a nave foi girando de lado e sem controle em direção à Prefeitura com as garras sacudindo. Bateu no primeiro andar do prédio e desapareceu em uma bola de fogo que alcançou Tally. O traje de camuflagem alertou que havia vários pontos de defeito na superfície. As escamas que absorveram a explosão pararam de se mexer e Tally sentiu o cheiro de cabelo queimado dentro do capuz.

Enquanto ela corria de volta para o hospital, a terra foi sacudida por violentos choques que a derrubaram. Quando olhou para trás, viu que a Prefeitura finalmente estava desmoronando. Depois de longos minutos de bombardeio, até mesmo o esqueleto metálico derreteu e cedeu diante do peso do prédio em chamas.

E estava praticamente em cima dela.

Tally ficou de pé novamente e ligou a dermantena. O falatório dos Cortadores que organizavam a saída das pessoas do hospital encheu sua cabeça.

— A Prefeitura está desmoronando! — disse ela enquanto corria. — Preciso de ajuda!

— O que está fazendo *aí*, Tally-wa? — perguntou Shay. — Assando marshmallows?

— Eu explico depois!

— Estamos a caminho.

Os tremores aumentaram e o calor ficou duas vezes mais forte quando toneladas de prédio em chamas vieram abaixo. Uma chuva de destroços queimando caiu sobre as calçadas móveis e botou fogo na superfície aderente. A luz atrás de Tally ficou mais forte e alongou sua sombra como se fosse a de um gigante.

Um par de sombras surgiu vindo da direção do hospital. Tally balançou os braços.

— Aqui!

Os Cortadores deram a volta por Tally e retornaram. Suas silhuetas escuras contrastavam com o prédio desmoronado.

— Levante as mãos, Tally-wa — falou Shay.

Tally pulou no ar com os braços esticados. Os dois Cortadores pegaram seus pulsos e a afastaram da Prefeitura para um lugar seguro.

— Você está bem? — gritou Tachs.

— Sim, mas... — A voz de Tally sumiu. Ao ser levada de costas, ela observou o colapso final do prédio em silêncio, atônita. A Prefeitura parecia se dobrar em si mesma como um balão sendo esvaziado. Então uma vasta nuvem de fumaça e destroços surgiu como uma onda escura que engolia os escombros em chamas.

A onda correu na direção deles, cada vez mais rápida...

— Hã, galera? — disse Tally. — Vocês podem ir mais...?

O choque, e seus escombros e ventos furiosos, atingiu os Cortadores, tirou Shay e Tachs de cima das pranchas e derrubou o trio no chão. Ao rolar, as escamas danificadas do traje de Tally espetaram seu corpo, até que ela finalmente parou.

Tally permaneceu deitada no chão, sem fôlego. A escuridão os engoliu.

— Vocês estão bem? — Shay perguntou.

— Sim, sagaz — disse Tachs.

Tally tentou falar, mas acabou tossindo, pois a máscara do traje parou de filtrar o ar. Ela arrancou a máscara, sentiu a fumaça incomodar os olhos e cuspiu para tirar o gosto de plástico queimado da boca.

— Fiquei sem prancha e o traje está arruinado — conseguiu dizer. — Mas estou bem.

— De nada — falou Shay.

— Ah, sim. Valeu, galera.

— Esperem aí — falou Tachs. — Ouviram isso?

Os ouvidos de Tally ainda zumbiam, mas, um momento depois, ela percebeu que os tiros de canhão haviam cessado. O silêncio era quase assustador. Ela ligou a visão infravermelha e olhou para o céu. Um vórtex reluzente de naves voadoras estava se formando acima, como uma galáxia girando em espiral.

— O que eles vão fazer agora? — perguntou Tally. — Destruir mais alguma coisa?

— Não — respondeu Shay, baixinho. — Ainda não.

— Antes de virmos para cá, nós, Cortadores, conhecíamos o plano da dra. Cable — disse Tachs. — Ela não quer destruir Diego, e sim transformá-la em uma cidade igual à nossa: rígida e controlada, onde *todo mundo* é um avoado.

— Quando a situação virar um caos — acrescentou Shay —, ela virá aqui assumir o controle.

— Mas as cidades não conquistam umas às outras! — disse Tally.

— Geralmente, não, Tally, mas não percebeu? — Shay virou para os destroços ainda em chamas da Prefeitura. — Fugitivos à solta, o Novo Sistema fora de controle, e agora o governo em ruínas... *isto* é uma Circunstância Especial.

CULPA

O hospital estava cheio de cacos de vidro.

Todas as janelas que davam para a Prefeitura tinham estourado com o choque. Tally e os outros Cortadores andaram sobre os estilhaços enquanto verificavam se havia ficado alguém para trás em cada quarto.

— Tem um coroa aqui — disse Ho a dois andares abaixo.

— Ele precisa de médico? — perguntou Shay.

— São só alguns cortes. O spray conserta.

— Deixe um médico examinar, Ho.

Tally parou de prestar atenção no falatório da dermantena e verificou o próximo quarto abandonado. Olhou mais uma vez para os escombros em chamas pelas janelas sem vidro. Dois helicópteros sobrevoavam o local lançando espuma sobre o fogo.

Ela poderia escapar agora, desligar a dermantena e desaparecer em meio ao caos. Os Cortadores estavam ocupados demais para persegui-la e o restante da cidade mal funcionava. Sabia onde eles haviam deixado as pranchas, e os braceletes antiqueda que recebeu de Shay conseguiriam acioná-las.

Mas depois do que ocorrera, não havia mais para onde ir. Se a Circunstâncias Especiais realmente estivesse por trás do ataque, voltar correndo para a dra. Cable estava fora de cogitação.

Tally teria até entendido se a armada tivesse atacado as novas obras para dar uma lição em Diego sobre o desmatamento. Não importa o que mais estivesse acontecendo na Cidade Medíocre, aquilo tinha que parar. As cidades não podiam simplesmente tomar a terra quando bem quisessem.

Mas elas também não podiam se atacar daquela maneira, explodindo prédios bem no centro urbano. Era assim que os coitados dos Enferrujados resolviam seus conflitos. Tally se perguntou como sua própria cidade havia esquecido as lições da história tão facilmente.

Por outro lado, era impossível não acreditar no que Tachs dissera: que o objetivo da dra. Cable ao destruir a Prefeitura era acabar com o Novo Sistema. De todas as cidades, apenas a de Tally havia se importado em

descobrir onde ficava a Velha Fumaça. Apenas a cidade dela era obcecada com os fugitivos.

Tally estava começando a se indagar se todas as cidades tinham departamentos de Circunstâncias Especiais ou se eram como Diego, que permitiam o livre trânsito das pessoas. Talvez a cirurgia especial — aquela que tornou Tally o que ela era — fosse algo que a dra. Cable tivesse inventado sozinha. O que significaria que Tally realmente era uma aberração, uma arma perigosa, alguém que precisava ser curada.

Ela e Shay haviam começado aquela guerra estúpida, afinal. Pessoas normais e saudáveis não fariam uma coisa assim, fariam?

O próximo quarto também estava vazio, e havia restos de uma refeição interrompida pela evacuação. As janelas eram decoradas com cortinas que esvoaçavam ao vento provocado pelo helicóptero distante. Elas tinham sido rasgadas pela chuva de vidro e agora pareciam bandeiras brancas em frangalhos indicando rendição. Havia uma pilha de aparelhos em um canto, ainda funcionando, porém desconectados do paciente. Tally torcia para que a pessoa que esteve ligada aos tubos e fios ainda estivesse bem.

Era estranho se preocupar com um coroa anônimo qualquer. Mas os efeitos do ataque tinham mudado sua cabeça: as pessoas não pareciam mais meros coroas ou medíocres. Pela primeira vez desde que Tally virara uma Cortadora, ser *medíocre* não era como ser patético aos seus olhos. Ver como sua própria cidade agia fez com que ela não se sentisse tão especial, pelo menos no momento.

Tally se lembrou da época em que viveu como feia na Fumaça. Aquelas semanas mudaram a forma como enxergava o mundo. Talvez a vinda para Diego, com suas discussões e diferenças (e ausência de avoados), já tivesse começado a torná-la uma pessoa diferente. Se Zane tivesse razão, ela estava se reprogramando novamente.

Talvez na próxima ocasião em que o visse, as coisas poderiam ser diferentes.

Tally sintonizou um canal privado na dermantena.

— Shay-la? Preciso fazer uma pergunta.

— Claro, Tally.

— Qual é a diferença de estar curada?

Shay fez uma pausa e, através da antena, Tally ouviu sua respiração lenta e os estilhaços de vidro sendo pisados.

— Bem, quando Fausto injetou a cura em mim, eu nem notei. Levei alguns dias para reparar no que estava acontecendo, que eu havia começado a ver as coisas de maneira diferente. O engraçado foi que, quando ele explicou o que tinha feito, foi praticamente um *alívio*. Tudo é menos intenso agora, menos exagerado. Não preciso me cortar para dar conta do que sinto. Nenhum de nós precisa. Mas mesmo que as coisas não estejam tão sagazes, pelo menos eu parei de ficar furiosa a troco de nada.

Tally assentiu.

— Quando fiquei presa no hospital, foi assim que eles descreveram: fúria e euforia. Mas, agora, eu não sinto nada.

— Eu também, Tally-wa.

— E tem outra coisa que os médicos disseram sobre "sensação de superioridade".

— Sim, isso é o que está por trás da Circunstâncias Especiais, Tally-wa. É como nos ensinaram na escola sobre os "ricos" na época dos Enferrujados. Eles tinham as melhores coisas, viviam mais e não precisavam seguir as regras comuns. E todo mundo achava isso perfeitamente aceitável, mesmo que essas pessoas não tivessem feito nada para merecer esses privilégios a não ser ter os coroas certos. Pensar como um Especial faz parte do ser humano. Não é preciso muito esforço para convencer uma pessoa de que ela é melhor do que as outras.

Tally começou a concordar, mas então se lembrou do que Shay disse quando se separaram no rio.

— Mas você falou que eu já era assim, não foi? Mesmo na época em que a gente era feia.

Shay riu.

— Não, Tally-wa. Você não acha que é *melhor* do que as outras pessoas, e sim o centro do universo. É bem diferente.

Tally deu um riso forçado.

— Então por que não me curou? Você teve a chance quando eu estava desacordada.

Houve outra pausa e o barulho do helicóptero ao longe surgiu pela ligação com a antena de Shay.

— Porque eu sinto muito pelo que fiz.

— O quê?

— Ter transformado você em especial. — A voz de Shay saiu trêmula. — A culpa foi minha e não quero forçar uma nova mudança. Acho que

você consegue se curar desta vez.

— Ah. — Tally engoliu em seco. — Obrigada, Shay.

— E tem mais uma coisa: vai ser muito útil você ainda ser uma Especial quando a gente voltar para acabar com esta guerra.

Tally franziu a testa. Shay ainda não havia explicado o plano em detalhes.

— Como eu vou ser útil sendo uma psicopata?

— A dra. Cable vai nos examinar para ver se não estamos mentindo. Seria bom se algum de nós ainda fosse um Especial de verdade.

Tally parou ao chegar à próxima porta.

— Falar a verdade? Não achei que a gente fosse *falar* com ela. Imaginei algo envolvendo aquela gosma prateada. Ou granadas, pelo menos.

Shay suspirou.

— Você está pensando como uma Especial, Tally-wa. Violência não vai ajudar. Se a gente atacar, eles vão pensar que é um contra-ataque de Diego, e a guerra só vai piorar. Temos que confessar.

— *Confessar?* — Tally estava olhando para outro quarto vazio, iluminado apenas pelo fogo da Prefeitura. Havia flores por todos os cantos e vasos quebrados pelo chão formando uma mistura de cacos coloridos, flores mortas e estilhaços da janela quebrada.

— Isso mesmo, Tally-wa. A gente tem que contar para todo mundo que fomos apenas eu e você que atacamos o Arsenal. Que Diego não teve nada a ver com isso.

— Ah, que beleza. — Tally olhou pela janela.

O incêndio na Prefeitura ainda durava, não importava quanta espuma fosse lançada pelos helicópteros. Shay disse que os escombros queimariam por dias porque a pressão do prédio derrubado geraria o próprio calor, como se o ataque tivesse dado à luz um pequeno sol.

Aquela visão horrível era culpa *delas*. Tally não parava de pensar nisso, como se jamais fosse se acostumar. Ela e Shay fizeram aquilo acontecer e agora tinham que desfazer a situação.

Mas ao pensar em confessar para a dra. Cable, Tally teve que lutar contra o impulso de fugir, de correr para as janelas abertas e pular, deixar que os braceletes parassem a queda. Poderia desaparecer no mato e jamais ser capturada. Nem por Shay. Nem pela dra. Cable. Invisível de novo.

Mas isso significava abandonar Zane naquela cidade atacada e ameaçada.

— E para que eles acreditem em você — continuou Shay —, não pode parecer que alguém manipulou o seu cérebro. A gente precisa manter você especial.

De repente, Tally sentiu a necessidade de ar fresco. Mas ao andar até a janela, o cheiro doce das flores mortas atacou seu nariz como o perfume de um coroa. Ela fechou os olhos cheios d'água e cruzou o quarto, ouvindo o eco dos próprios passos.

— Mas o que eles vão *fazer* conosco, Shay-la? — perguntou, baixinho.

— Não sei, Tally. Ninguém jamais admitiu ter começado uma guerra falsa antes, pelo menos até onde sei. Porém, o que mais podemos fazer?

Tally abriu os olhos e se debruçou na janela destruída. Respirou o ar puro, embora estivesse com cheiro de queimado.

— A gente não tinha a *intenção* de ir tão longe — sussurrou.

— Eu sei, Tally-wa. E foi tudo ideia minha, além de também ser culpa minha por você ser especial. Se pudesse ir sozinha, eu iria. Mas eles não vão acreditar em mim. Assim que examinarem meu cérebro, vão perceber que estou diferente, curada. A dra. Cable provavelmente preferiria achar que Diego manipulou minha mente do que admitir que comecei uma guerra a troco de nada.

Não tinha como contra-argumentar. A própria Tally mal conseguia acreditar que aquela pequena invasão tivesse causado tanta destruição. A dra. Cable não aceitaria a palavra de ninguém sem uma tomografia cerebral.

Ela olhou novamente para a Prefeitura em chamas e soltou um suspiro. Era tarde demais para correr, tarde demais para qualquer coisa que não fosse a verdade.

— OK, Shay, eu vou com você. Mas não enquanto não achar Zane. Preciso explicar uma coisa para ele.

E talvez tentar de novo, pensou. *Já estou diferente*. Tally olhou além da janela e imaginou o rosto de Zane.

— Afinal, o que eles podem fazer de pior, Shay-la? Transformar a gente em tolas de novo? Talvez não seja tão ruim...

Em vez da resposta, Tally ouviu um bipe baixo e insistente vindo da dermantena de Shay.

— Shay? Que barulho é esse?

A resposta veio em tom tenso.

— Tally, é melhor você descer aqui. Quarto 304.

Ela saiu da janela e passou por cima dos vasos quebrados e flores mortas a caminho da porta. O bipe ficou mais alto à medida que Shay se aproximava de alguma coisa. A ansiedade começou a tomar conta de Tally.

— O que está acontecendo, Shay?

Shay abriu o canal para os outros Cortadores com pânico na voz.

— Alguém chame um médico. — E repetiu o número do quarto.

— O que *foi*, Shay? — gritou Tally.

— Tally, eu sinto muito...

— O quê?

— É Zane.

PACIENTE

Tally correu com o coração disparado e a mente tomada pelo som do bipe.

Ela pulou o corrimão da escada de incêndio numa queda controlada pelo meio da escadaria. Quando chegou ao corredor do terceiro andar, viu Shay, Tachs e Ho do lado de fora de um quarto marcado como INTERNAÇÃO, olhando pela porta como uma multidão boquiaberta vendo um acidente.

Tally se enfiou entre eles e parou sobre os cacos de uma janela quebrada.

Zane estava deitado em uma cama de hospital com o rosto pálido. Havia várias máquinas ligadas ao cérebro e aos braços, cada uma emitindo bipes e piscando luzes vermelhas ao ritmo do som. Um perfeito de meia-idade com uniforme branco de médico estava sobre ele, levantando suas pálpebras para ver os olhos.

— O que aconteceu? — gritou Tally. O médico nem olhou.

Shay chegou por trás dela e segurou seus ombros com força.

— Fique sagaz, Tally.

— *Sagaz?* — Ela se livrou das mãos de Shay. O sangue se encheu de adrenalina e raiva, que afastaram a sensação de torpor causada pelo ataque. — O que tem de *errado* com ele? O que ele está fazendo aqui?

— Vocês, avoadas, podem fazer *silêncio?* — disparou o médico.

Tally se virou para ele com os dentes arreganhados.

— *Avoadas?*

Shay abraçou Tally e a levantou. Com um movimento rápido, tirou a amiga do quarto, colocou-a de volta no chão e a empurrou para longe da porta.

Tally recuperou o equilíbrio e se agachou com os dedos crispados. Os outros Cortadores a encaravam enquanto Tachs fechava a porta com delicadeza.

— Pensei que você estivesse se reprogramando, Tally — falou Shay em um tom duro, sem se alterar.

— Eu vou reprogramar *você*, Shay! — disse Tally. — O que está acontecendo?

— Não sabemos, Tally. O médico acabou de chegar. — Shay juntou as palmas das mãos. — Controle-se.

A mente de Tally deu voltas e viu apenas ângulos de ataque e estratégias para passar pelos três e voltar à sala de internação. Mas ela estava em desvantagem numérica e, à medida que o impasse continuava, a raiva começou a virar pânico.

— Ele foi operado — sussurrou Tally, e a respiração ficou acelerada. O corredor começou a girar quando se lembrou dos Crims indo para o hospital ao saírem do helicóptero.

— É o que parece, Tally — falou Shay sem se alterar.

— Mas ele chegou a Diego há *dois dias* — disse Tally. — Os outros Crims estavam em uma festa na mesma noite em que chegaram aqui. Eu vi.

— Os outros Crims não tinham dano cerebral, Tally. Apenas as lesões de perfeitos. Você sabe que Zane era diferente.

— Mas o que pode dar *errado* em um hospital?

— Calma, Tally-wa. — Shay deu um passo à frente e colocou a mão com cuidado sobre seu ombro. — Tenha paciência, eles vão informar a gente.

Com uma pontada de raiva, Tally se concentrou na porta do setor de internação. Shay estava perto o bastante para levar um soco na cara, Ho e Tachs estavam distraídos com a chegada de um segundo médico; ela poderia passar por todo mundo se atacasse agora...

Mas a disputa entre a raiva e o pânico paralisava os músculos e dava um nó de desespero no estômago.

— Isso é por causa do ataque, não? — disse Tally. — É isso que deu errado.

— Não dá para saber.

— A culpa é *nossa*.

Shay balançou a cabeça e falou em tom de consolação, como se Tally fosse uma criança que acabara de despertar de um pesadelo.

— A gente não sabe o que está acontecendo, Tally-wa.

— Mas você encontrou Zane sozinho? Por que não tiraram Zane daqui?

— Talvez não pudesse ser retirado. Talvez fosse mais seguro ficar aqui ligado a essas máquinas.

Tally cerrou os punhos. Desde que virara especial, ela nunca se sentira tão incapaz, tão comum, tão impotente. De repente, tudo estava se

tornando *medíocre*.

— Mas...

— Calma, Tally-wa. — Shay falou naquele tom calmo e irritante. — Só podemos esperar. É o que dá para fazer agora.

* * *

Uma hora depois, a porta abriu.

Dos vários funcionários do hospital que haviam entrado e saído sem parar do quarto de Zane, sobravam cinco médicos. Alguns deles passaram olhando nervosos para Tally ao perceberem quem ela era: a arma letal que havia escapado mais cedo.

Tally passou o tempo todo ansiosa, meio que esperando ser atacada, sedada e preparada para passar por uma reversão da cirurgia especial outra vez. Mas Shay e Tachs permaneceram ao lado dela, encarando os guardas que haviam chegado para vigiá-los. Uma coisa tinha que ser dita a favor da cura de Maddy: o procedimento deixara os outros Cortadores mais pacientes do que Tally. Eles mantiveram uma calma perturbadora, enquanto Tally não parava de se mexer e tirava sangue da palma das mãos com as unhas de tanto fechá-las.

O médico pigarreou.

— Infelizmente trago más notícias.

A mente de Tally não registrou as palavras de primeira, mas ela sentiu Shay pegar firme em seu braço, como se imaginasse que fosse saltar em cima do homem e matá-lo.

— Durante algum momento da evacuação do prédio, o corpo de Zane rejeitou o novo tecido cerebral. O aparelho de monitoramento alertou a equipe médica, mas é claro que não havia ninguém por perto. As máquinas tentaram nos chamar, mas a interface da cidade estava muito sobrecarregada com a evacuação para passar a mensagem.

— Sobrecarregada? — falou Tachs. — Você quer dizer que o hospital não tem uma rede própria?

— Existe um canal de emergência — disse o médico. Ele olhou na direção da Prefeitura e balançou a cabeça como se ainda não acreditasse que houvesse sido destruída. — Mas ele passa pela interface da cidade, que deixou de existir. Diego nunca enfrentou um desastre como esse antes.

Foi o ataque... a guerra, Tally pensou. *A culpa é minha*.

— O sistema imunológico pensou que o novo tecido cerebral era uma infecção e agiu de acordo. Fizemos o possível, mas quando o encontramos, o mal já havia sido feito.

— Mal... em que sentido? — perguntou Tally. As mãos de Shay a seguraram com mais força.

O médico olhou para os guardas. Pelo canto de olho, Tally notou que eles estavam nervosos e prontos para uma briga. Todos morriam de medo dela.

Ele pigarreou.

— Vocês têm noção de que Zane chegou aqui com dano no cérebro, não é?

— Sim, temos — falou Shay com a voz ainda calma.

— Zane disse que queria acabar com as tremedeiras e lapsos cognitivos. E pediu que melhorássemos seu controle físico o máximo possível. Era arriscado, mas ele deu a autorização consciente.

Tally baixou o olhar. Zane quis recuperar os velhos sentidos e torná-los ainda melhores, para que assim ela não o visse como fraco e medíocre.

— Foi aí que ocorreu a maior rejeição — continuou o médico. — Ele perdeu as funções que tentamos consertar.

— Perdeu? — A mente de Tally dava voltas. — As funções motoras?

— E as funções superiores, especialmente a fala e a cognição. — O receio do médico desapareceu e seu rosto assumiu a clássica expressão de preocupação, serenidade e compreensão de um perfeito de meia-idade. — Ele nem sequer consegue respirar por conta própria. Achamos que não vai recuperar a consciência. Jamais.

Os guardas sacaram os bastões de choque. Tally podia sentir a eletricidade no ar.

O médico respirou fundo.

— E a questão é que... precisamos do leito.

Tally desmoronou, mas o apoio de Shay não deixou que ela caísse no chão.

— Temos dezenas de baixas — continuou o médico. — Alguns funcionários da Prefeitura do turno da noite escaparam terrivelmente queimados. Precisamos destas máquinas, o quanto antes, melhor.

— E quanto a Zane? — perguntou Shay.

O médico balançou a cabeça.

— Ele vai parar de respirar se o desligarmos. Normalmente, não teríamos tanta pressa, mas hoje...

— É uma circunstância especial — falou Tally, baixinho.

Shay puxou a amiga para perto e sussurrou em seu ouvido:

— Tally, temos que ir. Precisamos sair desse lugar. Você é perigosa demais.

— Eu quero ver Zane.

— Tally-wa, não é uma boa ideia. E se você perder a cabeça? Pode acabar matando alguém.

— Shay-la — rosnou Tally. — Deixe que eu veja Zane.

— Não.

— Deixe ou vou matar todo mundo. Você não será capaz de me impedir.

Os braços de Shay estavam em volta de Tally, mas ela sabia que conseguiria se soltar. O traje de camuflagem ainda funcionava o suficiente para ficar escorregadio e permitir que Tally fugisse e atacasse, começando pelas gargantas...

Shay mudou de posição e algo pontudo foi pressionado contra o pescoço de Tally.

— Eu posso injetar a cura em você agora.

— Não, não pode. A gente tem uma guerra para impedir. Você precisa do meu cérebro destruído do jeito que está.

— Mas *eles* precisam dessas máquinas. Você está apenas...

— Deixe que eu seja o centro do universo por *mais cinco minutos*, Shay. Então eu vou embora e deixo Zane morrer. Prometo.

Shay soltou um longo suspiro.

— Todos vocês, saiam da frente.

A cabeça e os braços ainda estavam conectados, e o coro incessante de bipes havia sido substituído por uma batida constante.

Mas Tally podia perceber que ele estava morto.

Ela já havia visto um cadáver antes. Quando a Circunstâncias Especiais foi destruir a Velha Fumaça, o coroa responsável pela biblioteca dos rebeldes foi morto tentando escapar. (A morte dele havia sido sua culpa também, Tally se lembrou agora. Como *esse* pequeno fato fugiu de sua memória?) O corpo do velho pareceu deformado na morte, tão distorcido quanto o mundo ao redor. Até a luz do sol pareceu errada naquele dia.

Mas, agora, ver Zane morto era bem pior por causa de seus olhos especiais. Cada detalhe era cem vezes mais nítido: a cor errada da pele, a pulsação estável demais na garganta, o jeito como as unhas estavam deixando de ser cor-de-rosa e ficando brancas.

— Tally... — A voz de Tachs ficou embargada.

— Sinto muito — disse Shay.

Tally olhou para seus colegas Cortadores e percebeu que eles não conseguiriam entender. Podiam ainda ser fortes e rápidos, mas a cura de Maddy tornara suas mentes medíocres outra vez. Não conseguiriam perceber como a morte era realmente enlouquecedora, como era totalmente *sem propósito* em todos os sentidos.

O incêndio ainda ardia lá fora, um belo espetáculo que debochava do céu escuro e perfeito. Era isso que ninguém compreendia: que Zane não merecia ficar fora de um mundo tão lindo e borbulhante.

Tally tocou sua mão. Seus dedos ultrassensíveis notaram que a pele estava mais fria do que deveria.

Tudo isso era sua culpa. Tally forçara Zane a ir até ali para se tornar o que *ela* queria; ficou perambulando pela cidade em vez de protegê-lo; começou a guerra que acabou com ele.

Aquele era o preço final por seu imenso ego.

— Sinto muito, Zane. — Tally deu as costas. De repente os cinco minutos eram tempo demais para ficar ali com os olhos ardendo, sem conseguir chorar. — OK, vamos nessa — sussurrou.

— Tally, tem certeza? Nem se passaram...

— Vamos *nessa!* Para as pranchas. Essa guerra tem que acabar.

Shay colocou a mão no seu ombro.

— OK. Vamos assim que o sol surgir. Podemos voar direto, sem avoados para nos atrasar, sem tomar o caminho turístico do localizador dos Enferrujados. Estaremos em casa em três dias.

Ela abriu a boca para exigir que fossem para casa imediatamente, mas ficou calada diante do cansaço estampado no rosto de Shay. Tally passara a maior parte das últimas 24 horas inconsciente, mas Shay viajara para encontrar os Cortadores e curá-los, resgatara Tally da cirurgia e liderara o grupo naquela longa e terrível noite. Os olhos mal ficavam abertos.

Além disso, a batalha não era mais de Shay. Ela não pagara o mesmo preço que Tally.

— Você está certa — disse ela ao perceber o que tinha que fazer. — Vá dormir.

— E quanto a você? Está bem?

— Não, Shay-la, não estou bem.

— Foi mal, eu quis dizer... você vai machucar alguém?

Tally balançou a cabeça e mostrou a mão, que não estava tremendo.

— Viu só? Estou sob controle, talvez pela primeira vez desde que virei especial. Mas não consigo dormir. Vou esperar por você.

Em dúvida, Shay fez uma pausa, talvez pressentindo o que Tally tinha em mente. Mas a expressão de preocupação foi tomada pelo cansaço e ela abraçou Tally mais uma vez.

— Só preciso de algumas horas. Ainda sou especial o bastante.

— Claro. — Tally sorriu. — Vamos assim que o sol surgir.

Ela saiu do quarto com os demais Cortadores, passou pelos médicos e os guardas nervosos, e se afastou para sempre de Zane e de todo o futuro que imaginaram. E, a cada passo, Tally sabia que não devia deixar apenas Zane para trás, mas sim todo mundo.

Shay somente a atrasaria.

A CAMINHO DE CASA

Tally foi embora assim que Shay adormeceu.

Não fazia sentido as duas se renderem. Shay tinha que ficar em Diego; naquele momento, os Cortadores eram a única coisa parecida com uma força militar que a cidade possuía. E, de qualquer forma, a dra. Cable não acreditaria em Shay porque seu cérebro mostraria os sinais da cura de Maddy. Ela não era mais especial.

Mas Tally era. Ela manobrou e desviou dos galhos da floresta, pilotou de joelhos dobrados e braços estendidos como asas, voou mais rápido que jamais voara antes. Tudo apresentava uma nitidez sagaz: o vento quente no rosto, as oscilações da gravidade debaixo dos pés. Ela levou duas pranchas e pilotava uma enquanto a outra seguia, para trocar a cada dez minutos. Com o peso dividido entre as duas, voar em velocidade máxima por dias seguidos não queimaria as hélices.

Ela alcançou o limite de Diego bem antes de o sol surgir, o céu laranja mal começara a se tornar radiante como um vaso imenso despejando luz sobre a natureza. A beleza do mundo doía como um golpe de navalha. Tally teve a certeza de que jamais precisaria se cortar outra vez.

Agora, ela carregava a faca dentro de si. Uma faca que estava sempre a cortando, toda vez que engolia, toda vez que tirava a mente do esplendor da natureza.

A floresta foi ficando mais esparsa à medida que Tally se aproximava dos grandes desertos causados pelas flores brancas. Quando notou o vento áspero com os grãos de areia, ela apontou para o mar, onde os sustentadores ganhariam velocidade ao passarem sobre a ferrovia.

Tally tinha apenas sete dias para acabar com a guerra.

De acordo com Tachs, a Circunstâncias Especiais pretendia esperar uma semana para a situação em Diego piorar. A destruição da Prefeitura iria emperrar o funcionamento da cidade por meses e a dra. Cable imaginava que os não avoados se rebelariam contra o governo caso suas necessidades não fossem atendidas.

E se a rebelião não ocorresse dentro do prazo, a Circunstâncias Especiais simplesmente atacaria de novo e destruiria mais partes da cidade

para piorar as condições de vida.

O software de Tally tocou o alarme — haviam se passado mais dez minutos. Ela chamou a outra prancha e pulou no espaço vazio entre as duas, ficando por um momento com nada além de terra e plantas rasteiras embaixo de si, até que fez um pouso perfeito.

Tally deu um sorriso cruel. Se tivesse caído, não haveria malha magnética para aparar a queda, apenas areia dura passando a cem quilômetros por hora. Mas as dúvidas e incertezas que sempre a importunaram, aquelas de que Shay reclamava mesmo após Tally ter virado uma Cortadora, haviam finalmente sumido.

O perigo não importava mais. Nada mais importava.

Ela era realmente especial agora.

* * *

Tally chegou à ferrovia costeira no crepúsculo.

As nuvens sobre o mar a encararam a tarde inteira e, assim que o sol se pôs, um véu escuro encobriu as estrelas e a lua. Uma hora após o anoitecer, os trilhos perderam o calor acumulado durante o dia e a ferrovia ficou invisível mesmo com a visão infravermelha. Tally se orientou pelos ouvidos e usou o rugido das ondas quebrando para se manter no curso. Sobre os trilhos, os braceletes a salvariam da queda caso caísse.

Assim que surgiu a aurora, Tally voou sobre um acampamento cheio de fugitivos. Ouviu gritos ao passar por eles e ao olhar para trás viu que o vento provocado pela prancha espalhou brasas da fogueira sobre a grama seca. Os fugitivos se agitaram para impedir que o fogo se espalhasse. Bateram nas chamas com os sacos de dormir e casacos enquanto gritavam como um bando de avoados.

Tally continuou voando, pois não tinha tempo para dar meia-volta e ajudar.

Ela se perguntou o que aconteceria com todos os fugitivos que continuavam a cruzar o mato. Será que Diego podia ceder sua pequena esquadrilha de helicópteros para trazê-los? Quantos cidadãos a mais o Novo Sistema podia abrigar, agora que estava lutando pela própria existência?

Claro que Andrew Simpson Smith não tinha como saber que havia uma guerra. Ele continuaria a distribuir os localizadores, que não levariam

a lugar algum. Os fugitivos chegariam aos pontos de encontro, mas não receberiam nenhuma carona. Aos poucos perderiam as esperanças, ficariam sem comida e paciência e decidiriam voltar para casa.

Alguns sobreviveriam, mas todos eram garotos da cidade, sem noção dos perigos da natureza. Sem uma Nova Fumaça para recebê-los, a maioria sucumbiria no mato.

Na segunda noite de voo sem descanso, Tally caiu.

Ela tinha acabado de notar que uma prancha não estava funcionando direito. Havia algum defeito microscópico na hélice frontal causando superaquecimento. Tally vinha observando o problema nos últimos minutos, com uma projeção infravermelha tapando a visão normal, e não viu a árvore.

Era um pinheiro isolado com as folhas balançando ao vento que soprava do mar. A prancha atingiu um galho em cheio e jogou Tally longe, de ponta-cabeça.

Os braceletes encontraram o metal da ferrovia bem a tempo. Não pararam o tombo instantaneamente, como fariam se fosse uma queda vertical, mas fizeram o corpo de Tally quicar ao longo dos trilhos. Por alguns instantes, ela se sentiu como se estivesse amarrada à frente de um antigo trem, vendo o mundo passar voando pelos lados, enquanto os trilhos sumiam na escuridão como um borrão debaixo dos pés.

Tally imaginou o que aconteceria se a linha do trem fizesse uma curva. Seria conduzida pela curva ou jogada sem a menor cerimônia no chão? Ou seria atirada pelo penhasco...

Porém, os trilhos prosseguiam em linha reta e, após uns cem metros, Tally foi perdendo impulso e acabou pousando graças aos braceletes. Ela estava com o coração disparado, mas incólume. Ambas as pranchas encontraram seu sinal um minuto mais tarde, surgindo da escuridão como amigos envergonhados por terem ido embora sem se despedir.

Tally percebeu que deveria dormir. Podia não dar tanta sorte na próxima vez que se distraísse. Mas logo o sol nasceria, e a cidade estava a menos de um dia de viagem. Ela subiu na prancha superaquecida e voou a toda velocidade, prestando atenção em cada mudança de som da hélice defeituosa.

Logo depois da aurora, surgiu um barulho estridente e Tally pulou da prancha, que se desintegrou em uma bola incandescente de metal. Ela

aterrissou na outra e se virou para olhar os destroços caírem no mar e levantarem um jato de água e vapor.

Tally voltou a olhar para a cidade, sem jamais diminuir a velocidade.

Quando avistou as Ruínas de Ferrugem, ela rumou para o interior.

A antiga cidade fantasma era repleta de metal, o que permitiria que Tally poupasse as hélices da prancha restante ao diminuir a velocidade pela primeira vez desde que deixara Diego. Voou em silêncio pelas ruas vazias e viu os carros queimados que significavam o último dia dos Enferrujados. Tally estava cercada por prédios em escombros, locais familiares em que ela havia se escondido na época em que era Enfumaçada. Imaginou se algum feio esperto ainda se escondia aqui à noite. Talvez as ruínas não tivessem mais o apelo de antigamente, agora que havia uma cidade de verdade para onde fugir.

Mas elas ainda continuavam assustadoras, como se toda aquela desolação estivesse cheia de fantasmas. As janelas pareciam olhar para Tally e traziam lembranças da primeira noite que Shay a levara ali, quando ambas eram feias. Shay aprendeu o caminho secreto com Zane, é claro — ele foi a principal razão de Tally Youngblood não ser apenas mais uma avoada, vivendo feliz e sem noção nas torres da Nova Perfeição.

Talvez depois de confessar à dra. Cable, Tally pudesse voltar para lá com as memórias tristes finalmente apagadas...

Ping.

Tally parou, sem acreditar no que ouvia. O sinal surgiu na frequência dos Cortadores, mas nenhum deles poderia ter chegado ali antes dela. Não havia identificação, era como se tivesse vindo de ninguém. Só podia ser algum sinalizador abandonado durante uma missão de treinamento, nada além de um sinal qualquer nas ruínas.

— Alô? — sussurrou ela.

Ping... ping... ping.

Tally ergueu as sobrancelhas. O sinal não foi por acaso, parecia uma resposta.

— Você consegue me ouvir?

Ping.

— Mas não pode falar nada? — Tally franziu a testa.

Ping.

Ela suspirou e percebeu o que estava acontecendo.

— Beleza. Belo truque, feio. Mas eu tenho coisas mais importantes para fazer. — Religou as hélices e apontou para a cidade.

Ping... Ping.

Tally parou, sem saber se devia ignorar os ping. Qualquer feio esperto o suficiente para entrar na frequência dos Cortadores podia ter informações úteis. Não faria mal saber como andavam as coisas pela cidade antes de confrontar a dra. Cable.

Ela verificou a potência do sinal. Era alto e claro. Quem quer que o estivesse transmitindo não se encontrava longe.

Tally seguiu pela rua vazia prestando atenção ao sinal. Ficou um pouco mais forte para a esquerda. Ela apontou para aquela direção e voou por mais um quarteirão.

— OK, moleque. Um ping significa sim, e dois não. Sacou?

Ping.

— Eu conheço você?

Ping.

— Hum. — Tally continuou até o sinal ficar mais fraco e deu meia-volta. Retornou devagar por onde veio. — Você é um Crim?

Ping... Ping.

O sinal ficou mais forte e Tally olhou para cima. Viu o prédio mais alto das ruínas, um velho esconderijo dos Enfumaçados e o local mais lógico para instalar uma estação transmissora.

— Você é um feio?

Houve uma longa pausa. E então um único Ping.

Tally começou a subir devagar enquanto os sustentadores magnéticos da prancha usavam a antiga estrutura de metal da torre como apoio. Ela expandiu o alcance dos sentidos e prestou atenção em todos os sons.

O vento mudou e trouxe um cheiro familiar capaz de embrulhar o estômago.

— EspagBol? — Ela balançou a cabeça. — Então você veio desta cidade?

Ping... ping.

Ela ouviu barulho de movimento nos escombros de algum andar de cima. Tally saiu da prancha, entrou por uma janela quebrada e ajustou o traje de camuflagem danificado para copiar o entulho. Ela observou as laterais da janela e olhou para cima.

E lá estava ele, olhando para baixo.

— Tally? — chamou.
Ela fez uma expressão de surpresa. Era David.

DAVID

— O que você está *fazendo* aqui? — perguntou ela.

— Estava esperando por você. Sabia que viria por esse caminho... pelas ruínas mais uma vez.

Tally subiu em sua direção, pulou nas vigas de ferro e cobriu a distância em poucos segundos. Ele estava encolhido em um canto que não havia desmoronado completamente, com espaço apenas para o saco de dormir aberto ao lado. O traje de camuflagem estava calibrado para se confundir com as sombras do interior da ruína.

Uma refeição instantânea apitou avisando que estava pronta e Tally sentiu o cheiro revoltante de EspagBol outra vez.

Ela balançou a cabeça.

— Mas como você...?

David mostrou um aparelho tosco em uma das mãos e uma antena direcional na outra.

— Depois que curamos Fausto, ele nos ajudou a montar isso aqui. Sempre que um de vocês se aproximava, nós detectávamos as suas dermantenas. Era possível até mesmo escutar as conversas.

Tally ficou agachada em uma viga de ferro com a mente dando voltas após três dias de viagem sem parar.

— Não perguntei como me enviou um ping. Como chegou até aqui tão rápido?

— Ah, isso foi fácil. Quando você a deixou para trás, Shay percebeu que sua teoria estava certa: Diego precisa mais dela do que de você. Mas não precisam de mim. — David pigarreou. — Então peguei o próximo helicóptero até um ponto de encontro a meio caminho daqui.

Tally suspirou e fechou os olhos. Shay disse que ela *pensava como uma Especial*. Podia ter pegado uma carona pela maior parte do caminho. Esse era o problema com saídas dramáticas: às vezes elas fazem a pessoa parecer uma avoada. Mas foi um alívio saber que a preocupação em relação aos fugitivos era infundada. Diego ainda não os abandonara.

— Então *por que* você veio, afinal?

Uma expressão decidida formou-se no rosto de David.

— Vim para ajudar você, Tally.

— Olha só, David, só porque estamos *mais ou menos* do mesmo lado, não significa que eu queria você por perto. Não era melhor ter ficado em Diego? Está rolando uma guerra, sabe.

Ele deu de ombros.

— Eu não gosto muito de cidades e não sei nada sobre guerras.

— Bem, nem eu, mas estou fazendo o possível. — Ela chamou a prancha, que flutuava lá embaixo. — E se a Circunstâncias Especiais me pegar com um Enfumaçado, não vai ser fácil convencê-los de que estou falando a verdade.

— Mas, Tally, você está bem?

— Essa é a segunda vez que alguém faz essa pergunta estúpida — disse baixinho. — Não, eu não estou bem.

— É, acho que foi mesmo estupidez. Mas estamos preocupados com você.

— Quem? Você e Shay?

Ele balançou a cabeça.

— Não, eu e minha mãe.

Tally soltou uma risada curta e grossa.

— Desde quando Maddy se preocupa comigo?

— Ela tem pensado muito em você ultimamente — respondeu David enquanto pousava no chão o EspagBol que nem havia tocado. — Minha mãe precisou estudar a cirurgia especial para descobrir como revertê-la. Ela sabe como é estar na sua pele.

Tally se levantou com as mãos contraídas, aproximou-se dele e deixou cair uma chuva de poeira no abismo do centro do prédio. Com os dentes arreganhados, ela falou encarando David.

— *Ninguém* sabe como é estar na minha pele nesse momento, David. Eu juro: ninguém.

Ele sustentou o olhar sem piscar, mas Tally podia sentir o *cheiro* do medo e de toda a fraqueza que saía pelos poros dele.

— Foi mal — falou David sem alterar a voz. — Não falei nesse sentido... Isso não tem a ver com Zane.

Ao ouvir o nome dele, algo se rompeu dentro de Tally e a fúria passou. Ela caiu agachada, respirando com dificuldade. Por um momento, teve a sensação de que o rompante de raiva tirara algo pesado de seus ombros.

Foi a primeira vez desde a morte de Zane que alguma coisa, até mesmo a fúria, conseguiu penetrar o desespero.

Mas a sensação durou apenas alguns segundos, e então Tally foi tomada pelo cansaço de dias ininterruptos de viagem.

Ela apoiou a cabeça nas mãos.

— Deixa para lá.

— Eu trouxe algo para você que talvez seja necessário.

Tally ergueu os olhos. Havia um injetor nas mãos de David.

Ela balançou a cabeça demonstrando cansaço.

— É melhor que eu não me cure, David. A Circunstâncias Especiais não vai me escutar a não ser que eu seja um deles.

— Eu sei, Tally. Fausto explicou o plano para nós. — Ele tampou a agulha. — Mas fique com isso. Talvez depois de contar a eles o que aconteceu, você queira se transformar.

Tally franziu a testa.

— Não acho que faça sentido ficar pensando no que vai acontecer *depois* da confissão, David. A cidade pode ficar meio aborrecida comigo, então talvez eu não tenha muita escolha.

— Duvido, Tally. Isso é o que é mais incrível a seu respeito. Não importa o que sua cidade faça, você sempre parece ter uma escolha.

— Sempre? — falou com desdém. — Não *parece* que eu tive escolha quando Zane morreu.

— Não... — David balançou a cabeça. — Foi mal de novo. Eu não paro de falar coisas estúpidas. Mas você se lembra da época em que era perfeita? *Você* se transformou e liderou os Crims para fora da cidade.

— Zane liderou a gente.

— Ele tomou a pílula. Você, não.

Tally gemeu.

— Não me *lembre* disso. Foi assim que Zane acabou naquele hospital!

— Espere, espere. — David levantou as mãos. — O que estou tentando dizer é que foi *você* que superou a perfeição.

— Sim, eu sei, eu sei. E isso me fez muito bem. E a Zane.

— Na verdade, foi bom sim, Tally. Depois de ver o que você fez, minha mãe percebeu um detalhe importante sobre a reversão da cirurgia. Sobre a cura da tolice.

Tally ergueu os olhos e se lembrou das teorias de Zane na época em que eram perfeitos.

— Você quer dizer sobre se tornar borbulhante por conta própria?

— Exatamente. Minha mãe percebeu que não era necessário se livrar das lesões, e sim estimular o cérebro para ignorá-las. Por isso a nova cura é mais rápida e segura. — Ele estava falando depressa e os olhos brilhavam nas sombras. — Por isso conseguimos mudar Diego em apenas dois meses. Por causa do que *você mostrou para nós*.

— Então eu sou culpada por aquelas pessoas transformarem os mindinhos em cobras? Que beleza.

— Você é a culpada pela liberdade que elas encontraram, Tally. Pelo fim da operação.

Tally deu uma risada amarga.

— O fim de Diego, você quer dizer. Assim que Cable puser as mãos naquelas pessoas, elas vão desejar nunca terem visto as pílulas da sua mãe.

— Ouça, Tally. A dra. Cable é mais fraca do que você pensa. — Ele se aproximou. — É isso que eu vim até aqui dizer: depois da instauração do Novo Sistema, alguns dos empresários das indústrias de Diego nos ajudaram. Produção em massa. Nós contrabandeamos duzentas mil pílulas no mês passado. Se você conseguir abalar a Circunstâncias Especiais por alguns dias, sua cidade vai começar a mudar. O medo é a única coisa que impede a instauração do Novo Sistema aqui também.

— Medo de quem quer que tenha atacado o Arsenal, você quer dizer. — Ela suspirou. — Então é tudo culpa minha outra vez.

— Pode ser. Mas se você conseguir acabar com o medo aqui, todas as cidades do mundo vão começar a prestar atenção. — David pegou na mão dela. — Você não vai acabar apenas com a guerra, Tally, vai dar um jeito em *tudo*.

— Ou ferrar com tudo de vez. Alguém já pensou no que vai acontecer com a natureza se todo mundo se curar ao mesmo tempo? — Ela balançou a cabeça. — Eu só sei que tenho que acabar com essa guerra.

Ele sorriu.

— O mundo está mudando, Tally. Você fez com que isso acontecesse.

Tally se afastou e ficou calada por um tempo. Qualquer coisa que dissesse podia inspirar outro discurso sobre como ela era maravilhosa. Tally não se sentia assim, apenas exausta. David parecia contente sentado ali, provavelmente pensando que as palavras estavam surtindo efeito, mas o silêncio de Tally não significava nada além de que estava cansada demais para falar.

Para Tally Youngblood, a guerra tinha passado e deixado rastro de destruição fumegante para trás. Ela não podia dar um jeito em tudo pela simples razão de que não havia mais jeito para a única pessoa com quem se importava.

Maddy podia curar todos os tolos do mundo, e Zane ainda assim continuaria morto.

Contudo, uma questão continuava incomodando.

— Então você está dizendo que, na verdade, sua mãe agora *gosta* de mim?

David sorriu.

— Ela finalmente percebeu como você é importante para o futuro. E para mim.

Tally balançou a cabeça.

— Não diga coisas assim sobre mim e você.

— Foi mal, Tally, mas é verdade.

— Seu pai *morreu* por minha causa, David. Porque eu traí a Fumaça.

Ele balançou a cabeça devagar.

— Você não traiu a gente. Foi manipulada pela Circunstâncias Especiais como um monte de outras pessoas. E foram as experiências da dra. Cable que mataram meu pai, e não você.

Tally suspirou. Sentia-se cansada demais para discutir.

— Bem, estou contente que Maddy não me odeie mais. E, falando na dra. Cable, preciso encontrar com ela e dar um fim a essa guerra. Já acabamos?

— Sim. — Ele pegou a refeição e os pauzinhos, olhou para a comida e falou em tom baixo. — Isso é tudo o que eu queria dizer. Exceto...

Ela gemeu.

— Ouça, Tally, você não é a única pessoa que perdeu alguém. — Ele estreitou os olhos. — Depois que meu pai morreu, eu quis desaparecer também.

— Eu não estou desaparecendo, David, nem fugindo. Estou fazendo o que é preciso, certo?

— Tally, o que estou tentando dizer é que estarei aqui quando você terminar.

— Você? — Ela balançou a cabeça.

— Você não está sozinha, Tally. Não finja que está.

Ela tentou se levantar e fugir daquela baboseira toda, mas de repente a torre pareceu girar. Ela agachou outra vez.

Outra saída dramática tosca.

— OK, David, por acaso eu não vou a lugar algum até que durma um pouco. Acho que devia ter pegado carona naquele helicóptero.

— Use meu saco de dormir. — Ele abriu espaço e segurou a antena. — Eu acordo você se alguém vier bisbilhotar. Está segura aqui.

— Segura. — Tally passou espremida por David e sentiu por um instante o calor do seu corpo. Lembrou seu cheiro quando estiveram juntos no que parecia ter sido anos atrás.

Foi estranho. Ela sentira nojo de seu rosto feio da última vez que o encontrara, mas depois de ter visto tantas cirurgias bizarras em Diego, a cicatriz em sua sobrancelha e o sorriso torto pareciam apenas moda.

E uma moda que não era assim tão horrível.

Mas ele não era Zane.

Tally entrou no saco de dormir e olhou pelo chão esburacado as fundações em escombros cem metros abaixo.

— Hã, só não deixe que eu role ao dormir, OK?

Ele sorriu.

— Tudo bem.

— E me dê isto. — Ela pegou o injetor da mão dele e guardou em um dos bolsos do traje de camuflagem. — Posso precisar algum dia.

— Talvez não precise, Tally.

— Não me deixe confusa — murmurou ela.

Tally recostou a cabeça e dormiu.

REUNIÃO DE EMERGÊNCIA

Ela seguiu o rio até em casa.

Enquanto passava pela água branca, com a vista familiar da Nova Perfeição à frente, Tally se perguntou se aquela seria a última vez que veria seu lar do lado de fora. Por quanto tempo uma pessoa ficava presa por atacar a própria cidade, destruir acidentalmente suas defesas e provocar uma guerra falsa?

Assim que chegou à área de cobertura das estações repetidoras da cidade, os noticiários inundaram a dermantena de Tally como uma onda gigante. Havia mais de cinquenta canais cobrindo a guerra, narrando sem parar como a armada de naves voadoras penetrara nas defesas de Diego e reduzira a pó a Prefeitura. Todo mundo estava feliz com aquilo, como se o bombardeio de um inimigo indefeso fosse uma queima de fogos de artifício ao fim de uma comemoração muito aguardada.

Era estranho ouvir a Circunstâncias Especiais ser mencionada a cada cinco segundos. Como haviam entrado em ação assim que o Arsenal fora destruído, como manteriam todos seguros. Há uma semana, a maioria das pessoas nem sequer *acreditava* nos Especiais, e de repente eles eram os salvadores da cidade.

Na verdade, a guerra tinha um canal próprio que listava uma série de regras chatas a serem memorizadas. O toque de recolher para os feios estava mais severo do que nunca e, pela primeira vez desde que Tally se lembrava, os novos perfeitos tinham limites sobre o que podiam fazer e aonde podiam ir. Andar de balão estava completamente proibido e o voo de prancha só era permitido sobre parques e campos esportivos. E desde a noite em que a destruição do Arsenal tinha iluminado o céu, as queimas de fogos de artifício foram canceladas na Nova Perfeição.

Porém, ninguém parecia estar reclamando, nem mesmo as turmas como a dos Esquentados, que praticamente viviam em seus balões durante o verão. Obviamente, mesmo que duzentas mil pessoas tivessem sido curadas, ainda restava quase um milhão de avoados. Talvez o número de cidadãos que quisesse protestar ainda fosse pequeno para ser ouvido.

Ou talvez as pessoas não levantassem a voz por medo da Circunstâncias Especiais.

Ao passar pelo limite da Vila dos Coroas, a dermantena de Tally entrou em contato com uma nave que patrulhava as fronteiras da cidade. A máquina fez uma rápida revista eletrônica antes de perceber que ela era uma agente da Circunstâncias Especiais.

Tally se perguntou se alguém já tinha sacado como passar pelas novas patrulhas ou se todos os feios espertos haviam fugido para Diego ou sido cooptados pela Circunstâncias Especiais. Tudo mudara tanto nas poucas semanas que esteve ausente. Quanto mais se aproximava da cidade, menos ela parecia com sua casa, especialmente agora que Zane jamais apreciaria aquela vista outra vez...

Tally respirou fundo. Hora de acabar logo com aquilo.

— Mensagem para a dra. Cable.

A interface da cidade avisou que sua ligação foi colocada em uma fila de espera. Aparentemente, a líder da Circunstâncias Especiais andava ocupada naqueles dias.

Mas, um momento depois, outra voz respondeu

— Agente Youngblood?

Tally franziu a testa. Era Maxamilla Feaster, uma das subcomandantes de Cable. Os Cortadores sempre se reportaram diretamente à doutora.

— Quero falar com a doutora — disse Tally.

— Ela não está disponível, Youngblood. Está em reunião com o Conselho Municipal.

— Ela está no centro da cidade?

— Não. No quartel-general.

Tally parou a prancha.

— No quartel-general da Divisão de Circunstâncias Especiais? Desde quando o Conselho Municipal se reúne lá?

— Desde que entramos em guerra, Youngblood. Muita coisa aconteceu enquanto você e seus delinquentes passeavam no bosque. Onde os Cortadores estavam, afinal?

— É uma longa história que preciso contar para a doutora cara a cara. Diga que estou chegando e que o tenho a dizer é extremamente importante.

Houve uma pausa curta e então a voz da mulher retornou, aborrecida.

— Ouça, Youngblood. Estamos em guerra, e a dra. Cable atualmente preside o Conselho. Ela tem uma cidade inteira para governar e não dispõe de tempo para dar o tratamento de sempre para vocês Cortadores. Então, conte qual é a situação ou não verá "a doutora" tão cedo. Entendeu?

Tally engoliu em seco. A dra. Cable estava governando a cidade inteira? Talvez confessar para ela não fosse suficiente. E se a doutora estivesse gostando tanto do poder a ponto de não querer acreditar na verdade?

— OK, Feaster. Apenas diga para ela que os Cortadores estiveram em Diego na última semana lutando na guerra, certo? E que tenho informações importantes para o Conselho sobre a segurança da cidade. Está bom para você?

— Você esteve em Diego? Como conseguiu... — Feaster começou a falar, mas Tally cortou a ligação. Dissera o bastante para atrair a sua atenção.

Ela se inclinou sobre a prancha e acionou as hélices. Rumou em velocidade máxima para a zona industrial e torceu para chegar lá antes que a reunião do Conselho Municipal acabasse.

Eles eram a plateia perfeita para sua confissão.

O quartel-general da Circunstâncias Especiais ficava em uma extensa região da zona industrial. Ocupava um prédio baixo e sem graça, mas era maior do que parecia, pois tinha 12 andares subterrâneos. Se o Conselho Municipal temia outro ataque, aquele era o esconderijo mais lógico. Tally tinha certeza de que a dra. Cable recebera os conselheiros de braços abertos, feliz por o governo estar tremendo de medo em seu porão.

Tally observou de cima do enorme morro inclinado que dava para o quartel-general. Na época em que eram feios, ela e David pularam de prancha dali de cima para o telhado. Desde então, foram instalados sensores de movimento para evitar que se repetissem invasões como aquela. Mas nenhuma fortaleza era projetada para impedir que um de seus agentes entrasse, especialmente quando o tal agente tem notícias importantes.

Tally ligou a antena outra vez.

— Mensagem para a dra. Cable.

Daquela vez, a resposta da subcomandante Feaster foi imediata.

— Pare de brincadeiras, Youngblood.

— Quero falar com a Cable.

— Ela continua reunida com o Conselho. Você tem que falar *comigo* primeiro.

— Não tenho tempo para explicar duas vezes, Maxamilla. Meu relatório interessa ao Conselho inteiro. — Ela parou para respirar fundo e devagar. — Outro ataque se aproxima.

— Outro *o quê?*

— Um ataque que vai acontecer *muito* em breve. Diga para a doutora que chego em dois minutos. Vou direto para a reunião do Conselho.

Tally desligou a dermantena outra vez para cortar novas respostas grosseiras. Deu meia-volta com a prancha e disparou pelo lado inclinado do morro, então se virou para encarar o pico novamente e flexionou os dedos.

O truque era entrar da maneira mais dramática possível e passar por todo mundo até chegar à reunião do Conselho Municipal. A dra. Cable provavelmente adoraria que uma de suas Cortadoras de estimação entrasse correndo para dar informações valiosas, prova de que sua Circunstâncias Especiais estava fazendo seu trabalho.

Claro que o anúncio não seria aquele que a dra. Cable estava esperando. Tally acelerou a prancha e exigiu ao máximo das hélices e dos sustentadores. Ela subiu o morro, ganhando velocidade no caminho.

Ao chegar ao topo, o horizonte sumiu, o chão desapareceu e Tally voou em direção ao céu.

Ela desligou as hélices, dobrou os joelhos e agarrou a prancha com os dedos.

O silêncio acompanhou a queda de Tally enquanto o telhado do quartel-general ficava cada vez maior. Ela abriu um sorriso. Como aquela podia ser a última vez em que faria algo tão sagaz assim, com todos os sentidos especiais absorvendo o mundo em detalhes, então era melhor aproveitar e curtir.

A cem metros do impacto, as hélices entraram em ação. A prancha foi pressionada contra o corpo de Tally durante o esforço para frear. Os braceletes empurraram seus pulsos ao serem forçados pela pressão da queda.

A prancha se chocou com força contra o telhado. Tally saiu rolando de cima dela e começou a correr. Vários alarmes foram disparados, mas com um simples gesto a antena de Tally desativou o sistema de segurança. Ela

gritou pedindo um acesso de emergência pela porta usada pelos carros voadores, que estava à frente.

Houve uma pequena pausa e então a voz nervosa de Feaster respondeu:

— Youngblood?

— Preciso entrar, e já!

— Eu contei para a dra. Cable o que disse. Ela quer que você vá diretamente para a reunião do Conselho. Eles estão no auditório de cirurgia do Nível J.

Tally se permitiu um sorriso. O plano estava funcionando.

— Entendido. Abra a porta.

— Certo.

Com um som de metal sendo arranhado, a área de pouso embaixo de Tally começou a abrir como se o telhado estivesse se dividindo em dois. Ela caiu pela abertura e trocou a luz do sol brilhante pela semiescuridão. Aterrissou em cima de um carro voador da Circunstâncias Especiais, rolou para o chão e continuou correndo, ignorando os atônitos funcionários do hangar.

A voz surgiu em seu ouvido outra vez.

— Deixei um elevador esperando bem à sua frente.

— É lento demais — Tally falou, arfando, e parou em frente aos elevadores. — Abra uma porta para um vão.

— Você está brincando, Youngblood?

— Não! Cada segundo é precioso! Abra!

Um instante depois, outra porta se abriu para a escuridão.

Tally entrou no vão.

O solado aderente dos tênis rangeu enquanto ela quicava de um lado ao outro do fosso, mal conseguindo controlar a queda. Tally desceu dez vezes mais rápido do que qualquer elevador. Pela frequência do quartel-general, ela ouviu a voz de Feaster avisar que abrissem caminho. Um foco de luz surgiu no fosso: era a porta já aberta do Subnível J esperando por Tally.

Ela agarrou a soleira da porta do andar de cima e passou pela abertura, já correndo ao aterrissar. Avançou em velocidade máxima enquanto os Especiais se espremiam contra a parede para abrir caminho, como se Tally fosse um mensageiro Pré-Enferrujado que trazia notícias para o rei.

Na entrada do auditório de cirurgia, Maxamilla Feaster esperava com dois Especiais em uniforme de combate.

— É bom que isso seja importante, Youngblood.

— Acredite, é sim.

Feaster assentiu e a porta se abriu. Tally entrou correndo.

Ela parou de repente. O auditório estava em silêncio, o anel de cadeiras vazias olhava lá de cima para Tally. Não havia dra. Cable, nem Conselho Municipal.

Ninguém além de Tally Youngblood, ofegante e sozinha.

Ela deu meia-volta.

— Feaster? O que é isso...?

A porta se fechou e Tally ficou presa na sala.

Pela dermantena, Tally reconheceu que Feaster se divertia com aquilo.

— Apenas espere aí dentro, Youngblood. A dra. Cable virá assim que terminar a reunião com o Conselho.

Tally balançou a cabeça. A confissão seria inútil se Cable não quisesse acreditar. Precisava haver testemunhas.

— Mas isto está acontecendo *agora!* Por que acha que vim correndo desse jeito?

— Por quê? Talvez para contar ao Conselho que Diego não teve nada a ver com o ataque ao Arsenal? E que na verdade foi você?

Tally ficou boquiaberta, sem conseguir falar. Ela repassou devagar as palavras de Feaster na mente, sem acreditar no que ouvira.

Como eles podiam saber?

— O que você está dizendo? — Tally finalmente conseguiu se expressar.

O deleite cruel de Maxamilla Feaster aumentou ainda mais.

— Tenha paciência, Tally. A dra. Cable vai explicar.

As luzes se apagaram e ela ficou na mais completa escuridão. Recomeçou a falar, mas percebeu que a dermantena estava muda.

CONFISSÃO

A escuridão absoluta pareceu durar horas. Uma fúria incandescente ardia dentro de Tally, um incêndio florestal que ficava mais forte a cada segundo. Conteve a vontade de sair correndo a esmo pelo breu, destruir tudo o que encontrasse pela frente e abrir caminho pelo teto aos andares superiores até alcançar o céu aberto.

Mas Tally se forçou a sentar no chão e respirar fundo, tentando ficar calma. A mente deu voltas com a ideia de que ia *perder* para a dra. Cable novamente. Assim como perdeu quando a Fumaça foi invadida, na ocasião em que se entregou para ser transformada em perfeita, e quando ela e Zane escaparam apenas para serem recapturados.

Tally se esforçava para conter a raiva. Apertava os punhos com tanta força que parecia que os dedos iam quebrar. Sentia a mesma impotência de quando vira Zane deitado, moribundo...

Mas não podia se dar ao luxo de perder novamente. Não agora, quando o futuro estava em jogo.

Então esperou na escuridão, lutando contra a raiva.

Finalmente a porta se abriu e revelou a silhueta familiar da dra. Cable. Do teto, surgiu a luz de quatro refletores diretamente nos olhos de Tally. Sem enxergar por um instante, ela escutou mais Especiais entrarem antes de a porta se fechar atrás deles.

Tally deu um pulo e ficou de pé.

— Onde está o Conselho Municipal? Preciso falar com eles com urgência.

— Infelizmente o que você tem a dizer pode perturbá-los e não queremos que isso aconteça. O Conselho anda muito nervoso esses dias. — A silhueta da dra. Cable riu. — Eles estão no Nível H, ainda tagarelando entre si.

Dois andares acima... Ela chegou tão perto apenas para fracassar outra vez.

— Bem-vinda, Tally — disse a dra. Cable, baixinho.

Tally olhou ao redor para o auditório vazio.

— Obrigada pela festa surpresa.

— Era você que planejava nos surpreender, eu suponho.

— Como? Com a verdade?

— A verdade? Vinda de você? — A dra. Cable riu. — O que poderia ser mais surpreendente que isso?

Tally sentiu um acesso de fúria, mas respirou bem fundo e devagar.

— Como você soube?

A dra. Cable deu um passo em direção à luz e sacou uma pequena faca do bolso.

— Creio que isso seja seu. — Ela atirou a faca no ar e o objeto girou, reluzindo sob os refletores, até se cravar fundo no chão entre os pés de Tally. — As células de pele que encontramos nela com certeza eram.

Tally olhou para a faca.

Era a mesma que Shay atirara para disparar o alarme do Arsenal, a mesma que Tally usara para se cortar naquela noite. Ela abriu o punho fechado e olhou para a palma. As tatuagens dinâmicas ainda giravam interrompidas pela cicatriz. Tally vira Shay limpar as impressões digitais da faca, mas algum vestígio de pele deve ter permanecido...

Eles provavelmente encontraram as células e realizaram um teste de DNA logo após o ataque; e sabiam o tempo todo que Tally Youngblood estivera no Arsenal.

— Eu sabia que um dia vocês iriam se dar mal por causa deste péssimo hábito — murmurou a doutora. — A sensação de se cortar é realmente tão maravilhosa? Preciso pesquisar isso melhor da próxima vez que fizer Especiais tão jovens.

Tally ajoelhou e pegou a faca do chão. Sentiu o peso na mão e se perguntou se conseguiria acertar a garganta da dra. Cable. Mas a mulher era tão rápida e especial quanto Tally.

Ela não podia mais se dar ao luxo de agir como um Especial. Precisava *pensar* no jeito de sair daquela situação.

Jogou a faca no chão.

— Só me responda uma coisa — disse a dra. Cable. — Por que fez isso?

Tally balançou a cabeça. Contar a verdade significaria falar de Zane, o que só tornaria mais difícil manter o controle.

— Foi um acidente.

— Um acidente? — A dra. Cable riu. — Destruir metade das defesas da cidade é um acidente e tanto.

— A gente não planejava soltar aquelas nanoestruturas.

— A gente? Os Cortadores?

Tally balançou a cabeça. Também não havia motivo para mencionar Shay.

— Uma coisa meio que levou à outra...

— Com certeza. É sempre assim que as coisas acontecem com você, não é, Tally?

— Mas por que mentiu para todo mundo?

A dra. Cable suspirou.

— Isso é óbvio, Tally. Eu não podia contar que *você* quase desmantelou as defesas da cidade. Os Cortadores eram a minha menina dos olhos, meus Especiais *especiais*. — Ela abriu o sorriso afiado. — Além disso, você me deu uma oportunidade esplêndida para me livrar de um velho oponente.

— O que Diego fez para você?

— Eles apoiavam a Velha Fumaça e dão abrigo aos nossos fugitivos há anos. Então Shay relatou que alguém estava fornecendo trajes de camuflagem e enormes quantidades daquelas horríveis pílulas para os Enfumaçados. Quem mais poderia ser? — A voz ficou mais forte. — As outras cidades estavam apenas esperando que alguém atacasse Diego e seu Novo Sistema e padrões morfológicos arrogantes. Você simplesmente me deu um motivo. Você sempre foi tão *útil*, Tally.

Ela apertou bem os olhos e torceu para que, de alguma forma, as palavras da dra. Cable pudessem ser ouvidas na reunião do Conselho. Se ao menos soubessem como a doutora mentira para eles...

Mas a cidade inteira estava aterrorizada demais para pensar com clareza, animada demais com o próprio contra-ataque, disposta demais a aceitar o governo daquela mulher cruel.

Tally balançou a cabeça. Ela passou os últimos dias concentrada em se reprogramar, mas, na verdade, precisava reprogramar *todo mundo*.

Ou talvez apenas a pessoa certa...

— E quando tudo isso termina? — perguntou, baixinho. — Quanto tempo vai durar a guerra?

— Ela nunca vai acabar, Tally. Estou conseguindo fazer muitas coisas que não poderia fazer antes e, acredite, os avoados estão se divertindo ao assistir ao noticiário. E só foi preciso uma *guerra*, Tally. Eu devia ter pensado nisso há anos! — A mulher deu um passo à frente e os refletores

iluminaram sua beleza cruel. — Não percebe? Nós entramos em uma nova era. De agora em diante, *todo dia* é uma Circunstância Especial!

Tally concordou devagar com a cabeça e deu um sorriso.

— É muito legal de sua parte explicar isso para mim. E para todo mundo.

A dra. Cable levantou uma sobrancelha.

— Como é?

— Cable, eu não vim aqui contar o que aconteceu ao Conselho Municipal. Eles são um bando de frouxos se colocaram você no poder. Vim para ter certeza de que *todo mundo* soubesse das suas mentiras.

A mulher soltou uma sonora gargalhada.

— Não me diga, Tally, que existe alguma espécie de vídeo explicando que a culpa da guerra é *sua*? Você pode ter sido famosa entre os avoados e feios um dia, mas ninguém acima dos 20 anos conhece você.

— Não, mas eles conhecem você, agora que assumiu o poder. — Tally tirou o injetor do bolso do traje de camuflagem. — E agora que assistiram sua explicação sobre essa guerra estúpida, eles vão se lembrar de você *para sempre*.

A dra. Cable franziu a testa.

— O que é isso?

— Um transmissor via satélite que não pode ser bloqueado. — Tally tirou a tampinha da agulha. — Está vendo essa pequena antena? Fantástica, não é?

— Não é possível transmitir aqui embaixo. — A dra. Cable fechou os olhos e as sobrancelhas tremeram enquanto verificava a rede.

Tally continuou falando, sorrindo cada vez mais.

— Eles fazem as cirurgias mais bizarras em Diego. Trocaram meus olhos por câmeras com som estéreo e as unhas por microfones. A cidade inteira está acompanhando sua explicação.

A dra. Cable abriu os olhos e falou com desdém

— Não há nada na rede, Tally. Seu brinquedinho não funciona.

Tally ergueu as sobrancelhas e olhou intrigada para a parte debaixo do injetor.

— Ops, esqueci de apertar “enviar”. — Ela mexeu os dedos...

A dra. Cable pulou com a mão esticada para pegar o injetor e, na mesma fração de segundo, Tally virou a agulha no ângulo certo...

O golpe arrancou o injetor de sua mão. Tally ouviu quando o aparelho caiu no canto da sala e se quebrou.

— Francamente, Tally — disse a dra. Cable, sorrindo. — Para alguém que é tão inteligente você às vezes age como uma idiota.

Tally abaixou a cabeça e fechou os olhos. Estava respirando devagar, procurando algo no ar...

E então sentiu um cheiro fraco de sangue.

Ela abriu os olhos e viu a dra. Cable verificando a mão, um pouco chateada pela picada do injetor. Shay disse que não notara a cura de primeira, que levara dias para fazer efeito.

Enquanto isso, Tally não queria que a doutora se perguntasse como se ferira com a "antena" ou examinasse o injetor quebrado. Talvez fosse necessária uma distração.

Tally fez uma expressão de fúria.

— Você está me chamando de *idiota?*

Ela acertou um chute no estômago da dra. Cable, tirando seu fôlego.

Os outros Especiais reagiram imediatamente, mas Tally já estava correndo na direção de onde ouvira o injetor cair. Ela pisou com força no aparelho em pedaços para quebrá-lo ainda mais, e depois deu um chute rodado no queixo do oponente mais próximo. Pulou para a primeira fileira de assentos e correu pelos encostos sem pisar no chão.

— Agente Youngblood — gritou outro guarda. — Não queremos lhe fazer mal.

— Mas infelizmente vai ser necessário! — Ela deu meia-volta e retornou para o lugar onde o primeiro guarda caíra. Naquele momento, a porta do auditório abriu com violência e um bando de gente de uniforme de seda cinza entrou correndo na sala.

Tally pulou ao lado do guarda desacordado e caiu de novo sobre os cacos do injetor. Outro guarda acertou um soco em seu ombro e Tally rolou até a primeira fileira de assentos. Ela pulou e se atirou nele, ignorando os demais Especiais que avançavam em sua direção.

Alguns segundos depois, Tally estava caída com o rosto contra o chão e os braços presos nas costas. Ela se contorceu e esmagou os últimos pedaços do injetor debaixo do corpo. Então alguém chutou suas costelas e Tally perdeu o fôlego.

Mais guardas pularam em cima dela, era como se um elefante estivesse sentado em suas costas. A visão do auditório ficou turva. Tally estava

sendo esmagada até perder a consciência.

— Tudo certo, doutora — disse um dos Especiais. — Ela está sob controle.

Cable não respondeu. Tally torceu o pescoço para ver. A doutora estava curvada e continuava ofegante.

— Doutora? — perguntou o Especial. — A senhora está bem?

Dê um tempo, Tally pensou. *E ela vai estar bem, bem melhor...*

DESMORONANDO

Tally observou a transformação ocorrer de dentro de uma cela.

De início, as mudanças surgiram aos poucos. Durante alguns dias, a dra. Cable parecia ser a desequilibrada de sempre, cheia de arrogância ao exigir informações do que estava acontecendo em Diego. Tally não se fez de rogada e inventou várias histórias sobre como o Novo Sistema estava desmoronando, enquanto tentava notar algum sinal da cura.

Porém, décadas de vaidade e crueldade demoram a desaparecer. O tempo pareceu parar dentro das quatro paredes da cela de Tally. Os Cortadores não foram programados para viver fora da natureza, especialmente daquela, confinados em espaços apertados. Ela precisou reunir forças para não enlouquecer. Olhava desesperada para a porta, lutava contra a raiva que vinha em ondas e resistia ao desejo de se cortar com as próprias unhas e dentes.

Foi assim que conseguiu se reprogramar para Zane: sem se cortar mais. Não cederia à fraqueza agora.

Era mais difícil se controlar quando Tally pensava que estava 12 andares abaixo da terra, como se a cela fosse um caixão enterrado no solo. Era como se tivesse morrido e alguma máquina maligna da dra. Cable a mantivesse viva na cova.

A cela lembrava o modo como os Enferrujados viviam, em salas apertadas de ruínas desoladas, em cidades superlotadas como prisões que alcançavam o céu. Toda vez que a porta abria, Tally imaginava que seria operada e acordaria como uma avoada ou um modelo de Especial ainda mais psicopata. Os interrogatórios da dra. Cable eram praticamente um motivo de alegria — qualquer coisa era melhor do que ficar sozinha naquela cela vazia.

E, então, ela finalmente começou a perceber que a cura estava fazendo efeito... devagar. Aos poucos a dra. Cable não parecia tão segura de si e capaz de tomar decisões.

— Eles estão revelando os meus segredos para *todo mundo!* — A doutora começou a murmurar um dia, passando os dedos nos cabelos.

— Quem?

— *Diego* — disse a doutora com nojo. — Ontem à noite eles puseram Shay e Tachs no ar em uma transmissão mundial. Os dois mostraram as cicatrizes e me chamaram de monstro.

— Que falso da parte deles — disse Tally.

A dra. Cable olhou para Tally com raiva.

— E estão transmitindo exames detalhados do seu corpo, chamando você de uma "violação morfológica"!

— Quer dizer que sou famosa de novo?

Cable concordou com a cabeça.

— Você é infame, Tally. Todos estão com medo de você. O Novo Sistema pode ter deixado as outras cidades nervosas, mas elas parecem achar que minha pequena gangue de psicopatas de 16 anos é ainda pior.

Tally sorriu.

— A gente era muito sagaz.

— Então como você deixou Diego capturar você?

— É, aquilo foi péssimo. — Tally deu de ombros. — E ainda por cima era apenas um bando de guardas. Eles usavam uniformes idiotas, pareciam umas abelhas.

A dra. Cable olhou para ela e começou a tremer como o pobre Zane.

— Mas você era tão forte, Tally. Tão rápida!

Tally deu de ombros outra vez.

— Ainda sou.

A dra. Cable balançou a cabeça.

— Por enquanto, Tally. Por enquanto.

Após duas semanas de silêncio e solidão, alguém teve pena do tédio de Tally e ligou a tela da cela. Ela se espantou ao ver a rapidez com que a dra. Cable perdeu o controle sobre a cidade. Os noticiários pararam de reprisar a batalha triunfante dos militares, que deu espaço para novelas tolas e jogos de futebol. Um por um, o Conselho Municipal afrouxou os novos regulamentos.

Aparentemente, a cura de Maddy tomara o cérebro de Cable na hora certa: o segundo ataque a Diego nunca se concretizou.

É claro que as outras cidades podem ter tido algo a ver com isso. Elas nunca gostaram do Novo Sistema, mas gostavam menos ainda de uma guerra de verdade. Pessoas tinham morrido, afinal de contas.

Quando as experiências cirúrgicas da dra. Cable vieram à tona, as insistentes declarações de Diego de que não havia atacado o Arsenal começaram a ganhar crédito. Os noticiários passaram a questionar o que realmente teria ocorrido naquela noite, especialmente depois que um coroa, o curador do museu que testemunhou o ataque, tornou pública a sua história. Ele afirmou que uma espécie de nanoestrutura dos Enferrujados foi solta por dois invasores anônimos — que pareciam ser mais jovens e avoados do que mal-intencionados — em vez de um exército inimigo.

Então, os noticiários começaram a veicular reportagens favoráveis a Diego, incluindo entrevistas com sobreviventes feridos no ataque à Prefeitura. Tally sempre pulava essas matérias, que geralmente terminavam listando as 17 pessoas mortas no ataque — especialmente a única vítima que era, ironicamente, um fugitivo daquela cidade.

Eles também sempre mostravam o retrato dele.

Discussões sobre a guerra — e sobre praticamente tudo — passaram a ocorrer. Os desentendimentos se intensificaram à medida que Tally assistia, ficavam a cada dia menos educados e contidos, até que a coisa esquentou para valer no debate sobre o futuro da cidade. As pessoas falavam em novos padrões morfológicos, em permitir que feios e perfeitos andassem juntos, e até mesmo em expansão para a natureza.

A cura estava se firmando ali como fizera em Diego, e Tally imaginava que tipo de futuro ela tinha ajudado a criar. Será que os perfeitos da cidade agiriam como Enferrujados agora? Se espalhariam pela natureza, provocariam uma superpopulação no planeta e destruiriam tudo em seu caminho? Quem sobraria para detê-los?

A própria dra. Cable pareceu sumir dos noticiários. Sua influência diminuiu, sua personalidade enfraqueceu diante dos olhos de Tally. Ela parou de visitar a cela e, logo após isso, o Conselho Municipal finalmente a retirou do poder, argumentando que a crise e seu período na presidência haviam chegado ao fim.

E então começaram a falar em reverter as cirurgias especiais.

Os Especiais eram perigosos, psicopatas em potencial e a própria ideia de uma cirurgia especial era injusta. A maioria das cidades jamais criou seres assim, à exceção de alguns bombeiros e guardiões que tiveram os

reflexos melhorados. Talvez, como consequência daquela guerra sem sentido, fosse hora de se livrar dos Especiais.

Depois de um longo debate, a cidade natal de Tally começou o processo; um gesto de paz para o resto do mundo. Um por um, os agentes da Circunstâncias Especiais foram revertidos ao estado de cidadãos normais e saudáveis. A dra. Cable sequer protestou.

Tally se sentia cada vez mais oprimida pelas paredes da cela, como se a ideia de uma nova mudança a esmagasse. Ela se vira na tela e imaginava os olhos selvagens transformados em lacrimosos e a aparência reduzida à mediocridade. Até mesmo as cicatrizes nos braços desapareceriam. Tally percebeu que não queria perdê-las, pois serviam para lembrar de tudo por que passara, do que conseguira superar.

Shay e os outros ainda estavam em Diego, ainda livres, e talvez conseguissem fugir antes que aquilo acontecesse com eles. Podiam viver em qualquer lugar: os Cortadores haviam sido projetados para o mato, afinal.

Mas Tally não tinha para onde fugir, nem como se salvar.

Finalmente, certa noite, os médicos foram buscá-la.

OPERAÇÃO

Tally ouviu duas vozes nervosas do lado de fora. Saiu da cama, foi até a porta e colocou a mão na parede de cerâmica à prova de Especiais. Os chips na palma de sua mão transformaram os murmúrios em palavras...

— Tem certeza de que isso vai funcionar com ela?

— Até agora funcionou.

— Mas ela não é, tipo, uma superaberração?

Tally engoliu em seco. Claro que era. Tally Youngblood era a mais famosa psicopata de 16 anos do mundo. Os detalhes mortíferos de seu corpo foram transmitidos para o planeta inteiro.

— Calma, eles criaram essa versão especialmente para ela.

Versão do quê? Ela se perguntou.

Então ouviu um assobio... gás penetrando na cela.

Tally deu um pulo para longe da porta e tomou os últimos goles de ar antes que o gás se espalhasse. Virou de um lado para o outro freneticamente e olhou para as quatro paredes opressoras tentando encontrar alguma fraqueza pela milionésima vez. Procurou novamente por alguma forma de escapar...

O pânico aumentou. Não *podiam* fazer aquilo outra vez. Ela não era culpada por ser tão perigosa. *Eles* a fizeram daquela forma!

Mas não havia saída.

Enquanto prendia a respiração e sentia a adrenalina bater forte, Tally começou a ver pontinhos vermelhos. Ficou um minuto sem respirar. A sagacidade trazida pelo pânico estava passando. Mas ela não podia desistir.

Se ao menos conseguisse pensar direito...

Ela olhou para o braço cheio de cicatrizes. Havia se passado mais de um mês desde o último corte. Parecia que todas as decepções que sofrera estavam prestes a estourar pelas veias. Talvez se Tally se cortasse outra vez, conseguiria descobrir como sair dali.

Pelo menos os últimos momentos como Especial seriam sagazes...

Ela colocou as unhas na pele e cerrou os dentes afiados.

— Sinto muito, Zane — murmurou.

— Tally! — Uma voz surgiu como um sussurro em sua cabeça.

Ela fez uma expressão de surpresa. Pela primeira vez desde que fora jogada na cela, o sinal da dermantena não estava bloqueado.

— Não fique aí parada, sua tonta! Finja que está desmaiando!

Os pulmões doloridos de Tally puxaram o ar. O cheiro do gás tomou conta de sua cabeça. Ela sentou no chão e viu pontinhos vermelhos.

— Isso, bem melhor. Continue fingindo.

Tally respirou fundo, mal conseguia se conter agora. Mas algo de estranho estava acontecendo: as nuvens escuras iam embora à medida que o oxigênio a deixava mais alerta.

O gás não estava funcionando.

Ela se encostou na parede com os olhos fechados e o coração ainda disparado. O que estava acontecendo? Quem era essa pessoa na sua cabeça? Shay e os outros Cortadores? Ou era…

Tally se lembrou das palavras de David: *Você não está sozinha.*

Ela fechou os olhos, tombou de lado e deixou a cabeça bater no chão. Ficou esperando ali, imóvel.

Um momento depois, a porta abriu.

— Como isso demorou. — A voz estava nervosa e permanecia hesitante no corredor.

Alguns passos.

— Bem, como você disse, ela é uma espécie de superaberração. Mas agora vai se tornar normal.

— E tem *certeza* de que ela não vai acordar?

Um pé cutucou sua lateral.

— Viu? Caiu dura.

O chute disparou uma onda de raiva em Tally, mas durante o mês de solidão ela aprendera a se controlar. Quando o pé a cutucou de novo, Tally se deixou rolar de costas.

— Não se mexa, Tally. Não faça nada. Espere por mim...

Apesar da vontade de sussurrar *quem é você?*, Tally não quis arriscar. Os dois enfermeiros estavam debruçados sobre ela e pegaram seu corpo para colocar sobre uma maca flutuante.

Ela permitiu que a levassem.

Cuidadosamente Tally prestou atenção aos ecos.

As salas da Circunstâncias Especiais estavam muito mais vazias agora. A maioria dos perfeitos cruéis já tinha sido transformada. Ela ouviu alguns trechos de conversas aqui e ali, mas nenhum tinha o tom aguçado da voz de um Especial.

Tally se perguntou se a deixaram por último.

A viagem de elevador foi curta, provavelmente apenas um andar para cima, onde ficavam as principais salas de cirurgia. Ela ouviu uma porta dupla ser aberta e sentiu o corpo fazer uma curva fechada. A maca flutuou para dentro de uma sala menor cheia de superfícies de metal e cheiro de antisséptico. Tally estava desesperada para pular da maca e lutar até chegar à superfície.

Ela tinha escapado daquele mesmo prédio quando era feia. Se os outros Especiais realmente não existissem mais, ninguém conseguiria detê-la...

Mas Tally manteve o controle e esperou que a voz dissesse o que fazer.

Repetia para si mesma: *Eu não estou sozinha.*

Eles tiraram sua roupa e a colocaram em um tanque cirúrgico. Os sons da sala foram abafados pelas paredes de plástico. Tally sentiu a mesa fria nas costas e a garra metálica de um braço hidráulico tocar seu ombro. Imaginou que o aparelho fosse usar um bisturi para cortar a Cortadora pela última vez, para arrancar tudo o que a tornava especial.

Sentiu uma fita epidérmica ser apertada contra seu braço. As agulhas aplicaram um anestésico local antes de penetrarem fundo nas veias. Tally se perguntou quando eles injetariam anestésicos pesados e se seu metabolismo seria capaz de mantê-la acordada.

Quando o tanque foi fechado, a respiração de Tally acelerou e ela entrou em pânico. Torceu para que os dois enfermeiros não notassem as tatuagens dinâmicas girando pelo rosto todo.

Contudo, eles pareciam bem ocupados. Máquinas estavam sendo ligadas pela sala inteira, zumbindo e emitindo bipes, enquanto braços hidráulicos se mexiam ao redor para testar as pequenas serras.

Duas mãos entraram no tanque e enfiaram um tubo respiratório em sua boca. O plástico tinha gosto de desinfetante e o ar que fluía por ele era estéril e artificial. Tally quase engasgou quando o tubo foi ligado e se prendeu ao redor de seu nariz e cabeça.

Ela queria arrancar aquele troço e *lutar*.

Mas a voz dissera para esperar. Quem quer que tivesse tornado o gás inofensivo devia ter um plano. Ela precisava permanecer calma.

Então o tanque começou a encher.

O líquido entrou por todos os lados e envolveu seu corpo nu. Era espesso e viscoso, cheio de nutrientes e nanoestruturas para manter os tecidos vivos enquanto os cirurgiões a cortavam em pedaços. A temperatura era a mesma de seu corpo, mas Tally sentiu um arrepio quando o líquido entrou em seus ouvidos. Os sons da sala foram abafados e viraram quase um silêncio.

O nível do líquido subiu além do nariz e dos olhos, cobrindo Tally completamente...

Ela respirou o ar reciclado do tubo e tentou manter os olhos fechados. Agora que mal conseguia ouvir, ficar sem enxergar era uma tortura.

— Estou a caminho, Tally — sussurrou a voz na cabeça.

Ou foi sua imaginação?

Tally estava presa e imobilizada agora, e a cidade finalmente se vingaria: os ossos seriam serrados para que ela ficasse da altura média dos perfeitos; os ângulos do rosto seriam suavizados; perderia os belos músculos e ossos, os chips no maxilar e nas mãos, e as unhas letais; os olhos escuros e perfeitos seriam trocados. Fariam dela uma tola novamente.

Só que daquela vez estava acordada e sentiria tudo...

Então Tally ouviu o barulho de algo batendo com força contra a lateral de plástico do tanque e abriu os olhos.

O líquido deixava sua visão turva, mas ela conseguiu ver uma agitação através das paredes transparentes do tanque e ouviu outra batida abafada. Uma das máquinas que piscavam tombou no chão.

Seu salvador estava ali.

Tally entrou em ação, arrancou a fita do braço e pegou o tubo para tirar da boca. O aparelho resistiu e agarrou com força atrás da nuca para não se soltar. Ela mordeu e usou os dentes de cerâmica para romper o plástico. O tubo parou de se mexer e borbulhou pela última vez no rosto de Tally.

Ela tentou agarrar as bordas do tanque para se erguer e pular fora. Mas havia uma barreira transparente no caminho.

Droga!, ela pensou enquanto os dedos procuravam por alguma brecha nas paredes de plástico. Nunca tinha visto um tanque cirúrgico em uso. Quando estavam vazios, o topo ficava sempre *aberto!* Tally arranhou as laterais com as unhas e deixou marcas à medida que o pânico aumentava.

Mas as paredes não quebravam...

Seu ombro resvalou no bisturi de um braço hidráulico e Tally viu surgir uma nuvem cor de rosa de sangue. As nanoestruturas presentes no líquido cirúrgico levaram apenas alguns segundos para estancar o sangramento.

Bem, isso vem a calhar, ela pensou. *Claro que respirar cairia bem também!*

Ela olhou através do líquido turvo. A luta continuava: uma silhueta contra várias outras. *Anda logo!*, pensou enquanto tentava pegar o tubo novamente. Ela o enfiou na boca, mas o aparelho estava morto, entupido pelo líquido cirúrgico.

Havia pouco menos que um centímetro de ar no topo do tanque. Ela subiu para respirar aquela mínima quantidade de oxigênio que não duraria muito tempo. Precisava *sair* daquela porcaria!

Tally tentou arrebentar a parede do tanque com socos, mas o líquido era muito espesso e viscoso. Seu punho se movia em câmera lenta, era o mesmo que socar dentro de um vidro de mel.

Tally começou a ver pontinhos vermelhos... os pulmões estavam vazios.

Então ela notou a imagem borrada de uma silhueta caindo em sua direção ao ser empurrada durante a luta. A pessoa se chocou contra a lateral do tanque, que ficou instável sobre a base.

Talvez essa fosse a solução.

Tally começou a se balançar de um lado para o outro, agitando o líquido ao seu redor e fazendo o tanque oscilar cada vez mais. Os bisturis cortavam seus ombros enquanto se jogava nas paredes. As nanoestruturas reparavam seu corpo e zumbiam ao ritmo dos pontinhos vermelhos no campo de visão. O líquido ganhou o tom cor-de-rosa.

Mas o tanque finalmente estava virando.

O mundo pareceu se inclinar ao redor de Tally, o líquido girando enquanto o tanque tombava. Ela ouviu o som abafado do choque do plástico no chão e viu rachaduras se espalharem pelas paredes. O líquido vazou e o som retornou aos seus ouvidos quando Tally tomou o primeiro gole de ar.

Ela enfiou as unhas no plástico rachado, rasgou e conseguiu sair do tanque cirúrgico.

Nua e sangrando, Tally cambaleou ofegante para frente. O líquido ficou grudado no corpo como se ela tivesse saído de uma banheira de mel. Havia médicos e enfermeiros caídos em uma pilha, o líquido escorria em direção a eles.

Seu salvador estava a sua frente.

— Shay? — Tally limpou os olhos. — David?

— Eu não falei para não se mexer? Ou você sempre precisa destruir *tudo?*

Tally fez uma expressão de surpresa, não conseguia acreditar nos próprios olhos.

Era a dra. Cable.

LÁGRIMAS

Ela parecia ter mil anos. Os olhos haviam perdido o brilho cruel e a escuridão profunda. Assim como Fausto, ela virara champanhe sem bolhas. Finalmente curada.

Mas ainda conseguia fazer ar de desdém.

— O que...? — tentou dizer Tally, ofegante.

— Estou resgatando você — respondeu a dra. Cable.

Tally olhou para a porta e tentou ouvir alarmes e passos.

A dra. Cable balançou a cabeça.

— Eu construí este lugar, Tally. Conheço seus truques. Ninguém está vindo. Só me deixe descansar um pouco. — Ela desabou sentada no chão molhado. — Estou velha demais para isso.

Tally olhou para a antiga inimiga com as mãos ainda contraídas em garras mortíferas. Mas a dra. Cable estava ofegante e tinha um corte no lábio que começava a sangrar. Ela parecia uma coroa bem velha cujos tratamentos de prolongamento de vida estavam vencidos.

A não ser pelos três médicos inconscientes caídos aos seus pés.

— Você ainda tem reflexos especiais?

— Eu não sou nada especial, Tally. Sou ridícula. — A velha deu de ombros. — Mas ainda sou *perigosa*.

— Ah. — Tally tirou mais líquido cirúrgico dos olhos. — Mas demorou a me salvar.

— É, e você foi bem esperta, Tally, ao retirar o tubo respiratório *primeiro*.

— Claro, seu plano foi ótimo, me deixar aqui até que eles quase... — Tally fez uma expressão de surpresa. — Hã, *por que* você está me salvando?

A dra. Cable sorriu.

— Eu conto, Tally, se você responder a uma pergunta primeiro. — Seus olhos ficaram aguçados por um momento. — O que fez comigo?

Foi a vez de Tally sorrir.

— Eu curei você.

— Eu sei disso, sua idiota. Mas *como?*

— Lembra quando você pegou meu transmissor? Não era um transmissor, e sim um injetor. Maddy fez uma cura para os Especiais.

— Aquela mulher miserável outra vez. — A dra. Cable abaixou o olhar de novo para o chão molhado. — O Conselho reabriu as fronteiras da cidade. As pílulas de Maddy estão por toda parte.

Tally concordou com a cabeça.

— Eu notei.

— Tudo está desmoronando — rosnou a dra. Cable, erguendo o olhar para Tally. — Não vai demorar muito para começarem a avançar pela natureza, você sabe.

— Sim, eu sei. Igual a Diego. — Tally suspirou ao se lembrar do incêndio florestal de Andrew Simpson Smith. — A liberdade acaba destruindo as coisas, eu acho.

— E você chama isso de *cura*, Tally? É soltar um câncer pelo mundo.

Tally balançou a cabeça devagar.

— É para isso que você está aqui, dra. Cable? Para me culpar por tudo?

— Não, estou aqui para soltar você.

Tally olhou para o alto. Só podia ser um truque, uma maneira de a dra. Cable finalmente se vingar. Mas sentiu uma pontada de esperança ao pensar em estar a céu aberto outra vez.

Ela engoliu em seco.

— Mas eu, tipo, não destruí seu mundo?

A dra. Cable encarou Tally por um longo momento com os olhos turvos e lacrimosos.

— Sim. Mas você é a última, Tally. Eu vi Shay e os outros nos canais de propaganda de Diego. Eles estão diferentes. Acho que foi a cura de Maddy. — A doutora suspirou devagar. — Eles estão tão diferentes quanto eu. O Conselho reverteu a operação de quase todos nós.

Tally concordou com a cabeça.

— Mas por que eu?

— Você é a única Cortadora de verdade que sobrou — disse a dra. Cable. — A última dos meus Especiais criados para viver na natureza, para existir fora das cidades. Você pode escapar da cura e desaparecer para sempre. Não quero ver meu trabalho se extinguir, Tally. Por favor...

Ela fez uma expressão de surpresa, pois nunca se considerou uma espécie de animal em extinção. Mas não queria discutir. Sua mente vibrava

com a ideia de liberdade.

— Vá embora, Tally. Pegue um elevador até o telhado. O prédio está praticamente vazio e eu desliguei a maioria das câmeras. E, francamente, ninguém vai conseguir detê-la. *Vá embora* e, por mim, *continue a ser especial*. O mundo pode precisar de você um dia.

Tally engoliu em seco. Sair andando parecia tão simples.

— Que tal uma prancha?

— Há uma esperando por você no telhado, é claro. — A dra. Cable falou com desdém. — Por que vocês, delinquentes, cismam com essas coisas?

Tally olhou para os três homens inconscientes no chão.

— Eles vão ficar bem. — A dra. Cable manteve o tom de desdém. — Eu sou médica, sabe.

— Claro que é — murmurou Tally enquanto se ajoelhava para tirar com cuidado o uniforme de um dos enfermeiros. Quando se vestiu, sentiu o líquido molhar a roupa, mas pelo menos não estava mais nua.

Ela deu um passo até a porta, mas se virou para encarar a dra. Cable.

— Não está preocupada que eu peça para me curarem? Então não sobraria mais nenhum de nós.

A mulher ergueu os olhos e a expressão de derrota mudou, o velho brilho maligno estava de volta.

— Minha fé em você sempre foi recompensada, Tally Youngblood. Por que eu deveria começar a me preocupar agora?

Quando chegou a céu aberto, Tally ficou parada por um longo momento olhando para a noite acima. Cable estava certa: não sobrara ninguém para detê-la.

As estrelas e a lua nova emitiam um brilho tênue e o vento carregava os cheiros da natureza. Depois de um mês de ar reciclado, a brisa fresca do verão tinha um sabor especial. Tally respirou fundo para absorver o mundo sagaz.

Ela finalmente estava livre da cela, do tanque cirúrgico, da dra. Cable. Ninguém a transformaria contra a própria vontade de novo, nunca mais. Não haveria mais Circunstâncias Especiais.

Mas mesmo ao ser tomada pelo alívio, Tally sentiu uma dor por dentro. A liberdade a feria.

Zane continuava morto, afinal de contas.

O gosto de sal chegou aos lábios de Tally trazendo a lembrança daquele último beijo à beira-mar. Era a cena em que pensava a cada hora dentro da cela: a última vez que falou com Zane, o teste no qual falhou ao afastá-lo. Mas, de alguma forma, a memória parecia diferente agora, era longa, lenta e doce na mente — como se não tivesse percebido a tremedeira de Zane, como se permitisse que o beijo durasse...

Tally sentiu o gosto de sal outra vez e finalmente percebeu as bochechas quentes. Tocou no rosto, sem acreditar, até que viu as pontas dos dedos brilhando sob a luz das estrelas.

Os Especiais não choravam, mas suas lágrimas finalmente haviam chegado.

RUÍNAS

Antes de ir embora da cidade, Tally ligou a dermantena e descobriu que havia quatro mensagens para ela.

A primeira era de Shay, dizendo que os Cortadores estavam em Diego. Depois da ajuda durante o ataque à Prefeitura, eles se tornaram a força de defesa da cidade, além de bombeiros, socorristas e heróis de última hora. O Conselho Municipal havia até mudado as leis para que os Cortadores mantivessem suas violações morfológicas, pelo menos por enquanto.

A não ser pelas unhas e dentes, que tiveram que ser alterados.

Como a Prefeitura ainda era uma pilha de escombros, Diego precisava de toda a ajuda possível. Embora a cura já estivesse invadindo outras cidades e mudando aos poucos o continente inteiro, a cada dia chegavam novos fugitivos a Diego, prontos para aceitar o Novo Sistema.

A velha cultura estática dos avoados foi substituída por um mundo onde a mudança era fundamental. Algum dia, outra cidade alcançaria o progresso de Diego, pois de agora em diante os costumes com certeza se modificariam. Contudo, por enquanto, Diego ainda era o lugar que havia mudado antes de todos. A cidade era um destino obrigatório que crescia a cada dia.

A mensagem original de Shay era atualizada a cada hora, como um diário dos desafios que os Cortadores enfrentavam ao ajudar na reconstrução de uma cidade que se transformava diante de seus olhos. Shay dava a impressão de que queria que Tally soubesse de tudo, para que pudesse participar assim que finalmente estivesse livre.

Porém, Shay dissera que sentia muito pela reversão dos Especiais. Todos os Cortadores tinham ouvido falar no assunto, a cura era um gesto de paz de conhecimento geral. Eles queriam desesperadamente resgatar Tally, mas não podiam atacar outra cidade agora que eram oficialmente a força de defesa de Diego. Não podiam recomeçar uma guerra que estava tão perto de acabar. Tally era capaz de entender isso, certo?

Mas Tally Youngblood sempre seria uma Cortadora, fosse especial ou não...

A segunda mensagem era da mãe de David.

Ela disse que o filho deixara Diego e fora para o mato. Os Enfumaçados estavam se espalhando pelo continente e ainda trabalhavam para contrabandear a cura até as cidades que continuavam a realizar a operação da perfeição. Em breve mandariam uma expedição para o extremo sul e outra através dos mares para os continentes a leste. Parecia que, em toda parte, havia fugitivos saindo das cidades e criando suas próprias Novas Fumaças, inspirados por rumores de feios de lugares distantes.

Havia um mundo inteiro esperando para ser libertado, caso Tally quisesse dar uma ajuda.

Maddy encerrou a mensagem com as seguintes palavras: "Junte-se a nós. E se vir meu filho, diga que o amo."

A terceira mensagem era de Peris.

Ele e os outros Crims tinham deixado Diego. Estavam trabalhando em um projeto especial para o governo, mas não gostavam muito de ficar dentro da cidade. Eles perceberam que era meio falso viver em um lugar onde *todo mundo* era Crim.

Então Peris e os demais viajavam pelo mato para recolher os aldeões que os Enfumaçados tinham libertado. Os Crims passaram a ensiná-los sobre a tecnologia, a maneira como funcionava o mundo fora das reservas e como *não* começar incêndios florestais. Eventualmente, os aldeões com quem os Crims trabalhavam iriam retornar às aldeias para ajudar seus povos a se integrarem ao mundo.

Em troca, os Crims estavam aprendendo tudo sobre a natureza, como caçar, pescar e sobreviver com o que a terra fornecia, adquirindo o conhecimento dos Pré-Enferrujados antes que se perdesse outra vez.

Tally sorriu ao ler as últimas frases:

> Tem um cara aqui, Andrew qualquer coisa, que afirma que lhe conhece. Como isso aconteceu? Falou para dizer para você: "Continue desafiando os deuses." Tipo isso.
>
> De qualquer forma, a gente se vê em breve, Tally-wa. Melhores amigos para sempre, finalmente!
>
> Peris

Tally não respondeu a nenhuma mensagem, não por enquanto. Subiu o rio de prancha e voou pela última vez sobre as cachoeiras que jamais veria de novo.

O luar iluminava a água branca e cada espirro das cachoeiras reluzia como uma explosão de diamantes. O gelo tinha derretido no ar quente do início do verão, liberando o cheiro de pinheiro da floresta que tinha sabor de xarope. Tally não ligou a visão infravermelha e deixou que os outros sentidos explorassem a escuridão sozinhos.

Cercada por toda aquela beleza, Tally sabia exatamente o que tinha que fazer.

As hélices entraram em ação quando ela tomou o velho caminho de sempre, a trilha que levava ao veio natural de ferro descoberto por um feio esperto há gerações. Tally passou com os sustentadores ligados e rumou para a escuridão das Ruínas de Ferrugem.

Os edifícios mortos a cercavam, enormes monumentos às pessoas que haviam se espalhado aos bilhões pelo planeta e ficado gananciosas e numerosas demais.

Tally prestou atenção ao passar pelos carros queimados e janelas quebradas. Seus olhos especiais retornaram o olhar vazio de um crânio que se esfarelava. Ela nunca queria esquecer aquele lugar.

Não diante de tantas mudanças...

A prancha subiu pela estrutura de ferro do prédio mais alto, o lugar a que Shay a levara na primeira noite em que estivera fora da cidade, há quase um ano exatamente. Flutuando pelos sustentadores magníficos, Tally voou pelo interior vazio do edifício e viu a cidade silenciosa se espalhar pelas janelas destruídas.

Mas quando alcançou o topo, David não estava mais lá.

O saco de dormir e outros equipamentos haviam desaparecido, só restavam as embalagens vazias das refeições instantâneas espalhadas pelo canto que não tinha desmoronado completamente. Eram muitos restos de refeições! David tinha esperado bastante tempo por ela.

Ele também tinha levado a antena tosca que usara para contatá-la.

Tally ligou a dermantena e sentiu o sinal se espalhar pela cidade morta e vazia. Esperou com os olhos fechados por alguma resposta.

Mas não ouviu ping algum. Um quilômetro não era nada na natureza.

Ela voou até o topo da torre e passou por um dos buracos do telhado, onde batia um vento cortante. A prancha continuou subindo até os sustentadores perderem o contato com a estrutura de ferro do arranha-céu. Então as hélices entraram em ação e ficaram vermelhas pelo esforço de voar ainda mais alto.

— David? — perguntou Tally, baixinho.

Ela continuou sem resposta.

Então se lembrou do velho truque de Shay, da época em que eram feias.

Tally ajoelhou na prancha que oscilava ao vento e abriu o compartimento de carga. A dra. Cable tinha colocado spray medicinal, plástico adaptável, pederneiras e até mesmo uma única refeição de EspagBol, em nome dos velhos tempos.

Os dedos de Tally se fecharam sobre um sinalizador.

Ela o acendeu e ergueu com uma das mãos. O vento cortante espalhou uma série de faíscas tão longa quanto o fio de uma pipa.

— Eu não estou sozinha — disse.

Então ela voltou para dentro do arranha-céu dos Enferrujados e se encolheu no canto do chão quebrado, sentindo o impacto da fuga. Estava quase tão exausta para se importar se alguém tinha visto ou não o sinal.

David chegou ao amanhecer.

O PLANO

— Onde você esteve? — perguntou ela, sonolenta.

David desceu da prancha, cansado e com a barba por fazer, mas de olhos arregalados.

— Eu fiquei tentando entrar na cidade e encontrar você.

Tally franziu a testa.

— As fronteiras foram reabertas, não foram?

— Talvez para quem saiba como as cidades funcionam...

Ela riu. David passara os 18 anos de sua vida na natureza. Não sabia como lidar com coisas simples como robôs de segurança.

— Eu finalmente consegui — continuou ele. — Mas aí tive dificuldade em encontrar o quartel-general da Circunstâncias Especiais.

— Mas viu meu sinalizador.

— Sim, vi. — David sorriu, mas estava prestando atenção em Tally. — O motivo por que eu tentei... — Ele engoliu em seco. — Eu consigo captar os canais da cidade com minha antena e soube que eles iriam transformar todos vocês em algo menos perigoso. Você ainda é...?

Tally o encarou.

— O que você acha, David?

Ele olhou no fundo de seus olhos por um longo momento e então suspirou, balançando a cabeça.

— Você parece apenas a Tally de sempre para mim.

Ela abaixou o olhar e a visão ficou turva.

— Qual é o problema?

— Nada, David. — Tally balançou a cabeça. — Você apenas destruiu cinco milhões de anos de evolução outra vez.

— O *quê?* Eu disse algo errado?

— Não. — Ela sorriu. — Você disse a coisa certa.

Tally trocou o EspagBol guardado na prancha por uma lata de MacaThai de David, e eles começaram a comer as refeições instantâneas.

Ela contou como usou o injetor para transformar a dra. Cable, falou sobre o mês no cativeiro e como finalmente escapou. Explicou que os

debates que David ouviu nos noticiários significavam que a cura estava se firmando e finalmente transformando a cidade.

Os Enfumaçados venceram, até mesmo ali.

— Então você ainda é especial? — perguntou finalmente.

— Meu corpo é. Mas o resto, acho que foi... — Tally engoliu em seco antes de usar a expressão de Zane. — Reprogramado.

David sorriu.

— Eu sabia que você ia conseguir.

— Foi por isso que esperou aqui, não foi?

— Claro. Alguém tinha que fazer isso. — Ele pigarreou. — Minha mãe acha que estou correndo o mundo para espalhar a revolução.

Tally olhou para a cidade arruinada.

— A revolução está indo muito bem por conta própria, David. Ninguém pode detê-la agora.

— Sim. — Então ele suspirou. — Mas não consegui resgatar você.

— Não sou eu que preciso de resgate, David. Não mais. Ah, *é!* Esqueci de contar que a Maddy mandou uma mensagem para você.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Ela mandou uma mensagem para mim *por você?*

— Sim. "Eu te amo..." — Tally engoliu em seco de novo. — Pediu para que eu dissesse isso. Então talvez ela saiba onde você está, afinal de contas.

— Talvez sim.

— Vocês, medíocres, *conseguem* ser tão previsíveis — disse Tally, sorrindo. Ela vinha prestando atenção em David, catalogando todos os defeitos, as feições assimétricas, os poros da pele, o nariz grande demais. A cicatriz.

Ele não era mais um feio; aos seus olhos, era apenas David. E pode ser que tivesse razão. Talvez ela não precisasse fazer aquilo sozinha.

David odiava cidades, afinal de contas. Não sabia como usar uma interface ou chamar um carro voador, e suas roupas feitas à mão sempre pareceriam estúpidas em uma festa. E, com certeza, ele não nascera para viver em um lugar onde as pessoas tinham cobras no lugar dos mindinhos.

E, acima de tudo, Tally sabia que, não importava o resultado final de seu plano e as coisas horríveis que tenha sido forçada a fazer pelo mundo, David sempre lembraria quem ela era de verdade.

— Eu tenho uma ideia — disse ela.

— Sobre aonde você vai agora?

— Sim. — Tally concordou com a cabeça. — É tipo um plano... para salvar o mundo.

David fez uma pausa com os pauzinhos a meio caminho da boca. O EspagBol pingou de volta na embalagem. Sua expressão deixou transparecer uma série de emoções, tão fáceis de serem lidas como as de qualquer feio: confusão, curiosidade e um toque de compreensão.

— Posso ajudar? — ele simplesmente perguntou.

Tally assentiu.

— Por favor. Você é o homem certo para o trabalho.

E então ela explicou tudo.

Naquela noite, ela e David voaram até a fronteira da cidade e pararam quando a rede de estações repetidoras captou sua dermantena. As três mensagens de Shay, Peris e Maddy continuavam lá, esperando por ela. Tally não parava de mexer os dedos.

— Olha aquilo! — disse David, apontando.

O horizonte da Nova Perfeição brilhava com fogos subindo e estourando na forma de flores vermelhas e púrpuras. Os fogos de artifício estavam de volta.

Talvez estivessem celebrando o fim do governo da dra. Cable, ou as novas transformações que se espalhavam pela cidade, ou o fim da guerra. Ou talvez aquela comemoração marcasse os últimos dias da Circunstâncias Especiais, agora que o último Especial tinha fugido para o mato.

Ou quem sabe eles estivessem agindo como avoados outra vez.

Ela riu.

— Você nunca tinha visto fogos de artifício antes, não é?

Ele balançou a cabeça.

— Não tantos assim. São *sensacionais*.

— É, as cidades não são tão ruins, David. — Tally sorriu e torceu para que as queimas de fogos tivessem retornado agora que a guerra estava acabando. Com todas as mudanças que iam abalar a cidade, talvez aquela tradição específica jamais devesse acabar. O mundo precisava de mais fogos de artifício, especialmente agora que haveria uma falta de coisas lindas e inúteis.

Ao se preparar para falar, Tally foi tomada por um arrepio nos nervos. Pensasse ou não como uma Especial, a mensagem teria que sair convincente e sagaz. O mundo dependia dela.

E, de repente, Tally estava pronta.

Enquanto permaneciam parados diante do brilho da Nova Perfeição, com os olhos acompanhando a subida dos fogos e o estouro repentino, ela falou claramente sobre o rugido da água e deixou que o chip na mandíbula captasse suas palavras.

Tally mandou para todos eles, Shay, Maddy e Peris, a mesma resposta...

MANIFESTO

Eu não preciso ser curada. Assim como não preciso me cortar para sentir ou pensar. De agora em diante, ninguém reprograma a minha mente, a não ser eu.

Em Diego, os médicos disseram que eu poderia aprender a controlar o meu comportamento, e foi o que fiz. Todos vocês ajudaram, de uma maneira ou de outra.

Mas sabem de uma coisa? Não é o meu comportamento que me preocupa agora, é o de vocês.

É por isso que não vão me ver por um tempo, talvez um longo tempo. David e eu vamos ficar aqui no mato.

Todos vocês dizem que precisam de nós. Bem, talvez sim, mas não para ajudá-los. Vocês já têm ajuda suficiente incluindo os milhões de novas mentes borbulhantes prestes a serem libertadas, e todas as cidades que finalmente vão despertar. Juntos, são mais do que capazes de mudar o mundo sem a gente.

De agora em diante, David e eu vamos ficar no seu caminho.

A liberdade acaba destruindo as coisas, sabem.

Vocês têm as suas Novas Fumaças, novas ideias, novas cidades e Novos Sistemas. Bem... nós somos a nova Circunstâncias Especiais.

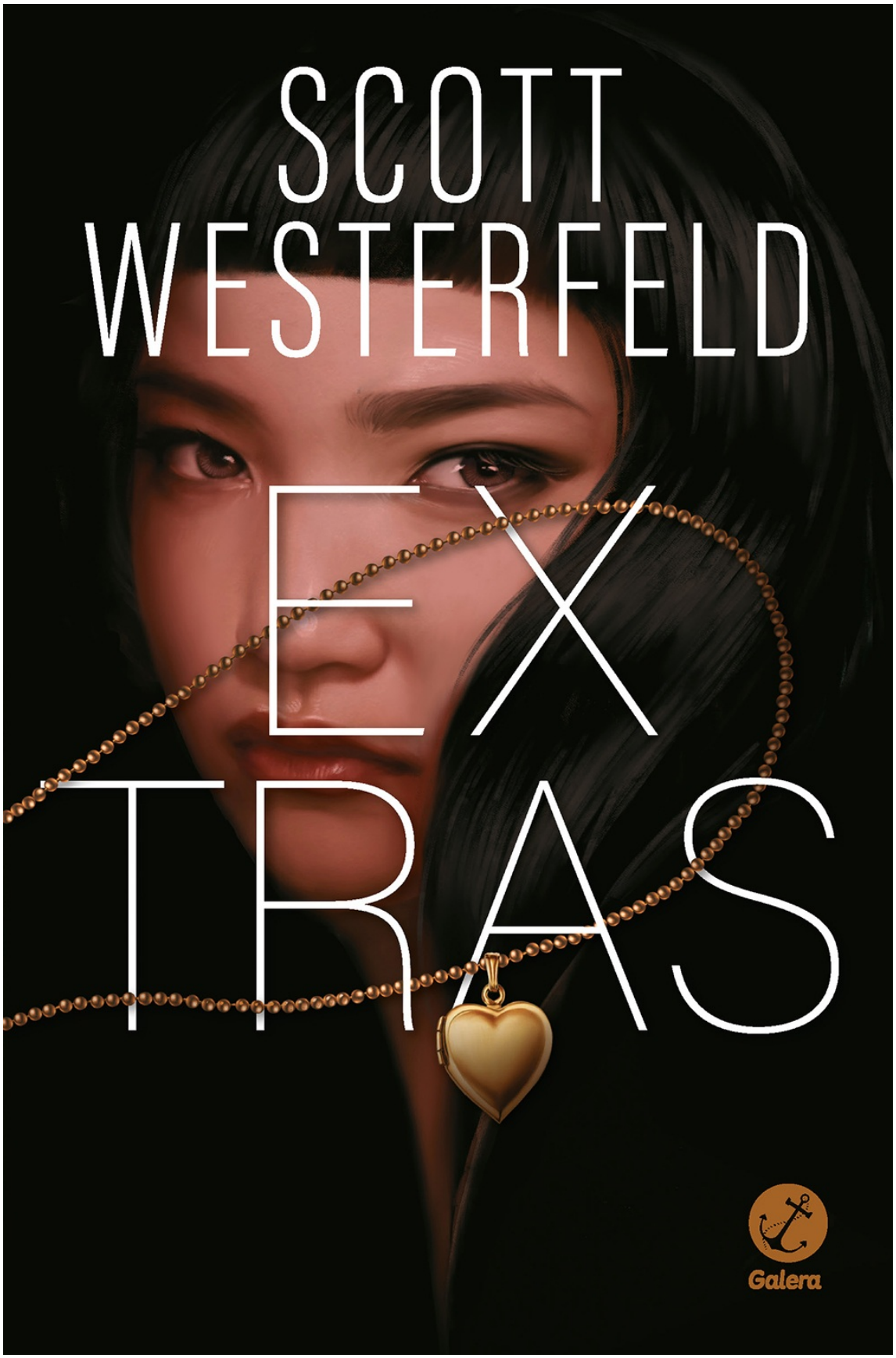
Sempre que vocês avançarem demais na natureza, nós estaremos esperando, prontos para fazer com que recuem. Lembrem-se de nós sempre que decidirem cavar uma nova fundação, represar um rio ou cortar uma árvore. Preocupem-se conosco. Por mais voraz que a raça humana se torne agora que os perfeitos estão despertando, a natureza ainda tem presas. Presas especiais, presas feias. Nós.

Estaremos em algum lugar do mato — vigiando. Prontos para lembrá-los do preço que os Enferrujados pagaram por terem ido longe demais.

Eu amo todos vocês. Mas é hora de nos despedirmos por enquanto.

Cuidem bem do mundo ou, da próxima vez em que a gente se encontrar, a coisa pode ficar feia.

Tally Youngblood


SCOTT
WESTERFELD
EXTRAS
Galera

Obras do autor publicadas pela Galera Record

Além-mundos
Amores infernais
Impostores
Tão ontem
Zeróis
Zumbis x Unicórnios

Série **Vampiros em Nova York**
Os primeiros dias
Os últimos dias

Série **Feios**
Feios
Perfeitos
Especiais
Extras

Série **Leviatã**
Leviatã
Beemote
Golias

SCOTT WESTERFELD

EXTRAS

Tradução
André Gordirro

1ª edição



2023

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W539e
Westerfeld, Scott
Extras [recurso eletrônico] / Scott Westerfeld; tradução André Gordirro. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2023.
recurso digital (Feios; 4)

Tradução de: Extras
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-345-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Gordirro, André. II. Título. III. Série.

23-84657

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

Título original em inglês:
Extras

Copyright @ 2007 by Scott Westerfeld
Publicado mediante acordo com Simon Pulse, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-345-2

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para todos aqueles que me escreveram para revelar a definição secreta da palavra "trilogia".

SUMÁRIO

PARTE I | Veja isso

Na pior
Tecnautas
Subterrâneo
Teste
Irmão mais velho
Frizz
Ardilosas
Surfando
Túnel
Resgate
Honestidade radical
Iniciação
Turbulência
A montanha
Escondida
Fuga
Poço
Pressão do ar
Rainha da gosma
Lançador eletromagnético

PARTE II | Destruidores de cidades

Banida
Teste
No fundo do poço

Passeio
Divulgando
Mentindo
Febre de divulgação
Presa
Corra e se esconda
A sabedoria da multidão
Paparazzi
Mansão movimento
Cortadores
Cortadora honorária
O plano

PARTE III | Saindo de casa
Audiência cativa
Inglês avançado
Udzir
Pouso forçado
Selva
Ruína
Metal
Igual a um macaco
A pilha
O lugar de sempre
Segunda chance
Voo noturno
Produção em massa
Míssil
Mãos
Um velho amigo

Dois coelhos com uma cajadada só
Incêndio
Redivulgando
Mil famosos

Parte I
VEJA ISSO

Todos vocês dizem que precisam de nós. Bem, talvez sim, mas não para ajudá-los. Vocês já têm ajuda suficiente incluindo milhões de novas mentes borbulhantes prestes a serem libertadas, e todas as cidades que finalmente vão despertar. Juntos, são mais do que capazes de mudar o mundo sem a gente. Então, de agora em diante, David e eu estamos aqui para ficar no seu caminho.

A liberdade costuma destruir as coisas, sabem.

— Tally Youngblood

NA PIOR

— Moggle? — sussurrou Aya. — Você está acordada?

Algo se moveu na escuridão. Uma pilha de uniformes de dormitório se mexeu como se houvesse um pequeno animal embaixo. Então uma silhueta saiu das dobras de seda e algodão, ergueu-se e flutuou até a cama de Aya. Pequenas lentes encararam seu rosto, curiosas e alertas, refletindo a luz das estrelas que entrava pela janela aberta.

Aya sorriu.

— Pronta pra ir pro trabalho?

Em resposta, Moggle piscou os faróis noturnos.

— Ai! — Aya fechou os olhos com força. — Não faz isso! Detona a visão!

Ela ficou deitada na cama por mais um instante, esperando os pontos de luz sumirem. A câmera flutuante se esfregou em seu ombro pedindo desculpas.

— Tudo bem, Moggle-chan — sussurrou ela. — Eu só queria ter visão infravermelha também.

Um *monte* de gente da sua idade tinha visão infravermelha, mas os pais de Aya tinham uma cisma com as cirurgias. Eles gostavam de fingir que o mundo tinha parado na Era da Perfeição, quando todo mundo tinha que esperar fazer 16 anos para ser modificado. Os coroas às vezes eram tão fora de moda.

Então Aya continuava com seu nariz grande — definitivamente feio — e a visão normal. Quando ela saiu de casa para morar no dormitório, os pais tinham permitido que instalasse uma tela ocular e uma dermantena, mas apenas para que conseguissem contatá-la sempre que quisessem. Ainda assim, era melhor do que nada. Ela mexeu o dedo para ligar a interface da cidade no campo de visão.

— Epa — falou para Moggle. — É quase meia-noite.

Ela não se lembrava de ter cochilado, mas a festa dos Tecnautas já devia ter começado. Agora provavelmente estava tão cheia de Viciados em Cirurgia e Cabeças de Mangá que ninguém notaria uma extra feia bisbilhotando.

Além disso, Aya Fuse era especialista em ficar invisível, como bem provava sua reputação. Sua posição atual não saía do canto da visão: 451.396.

Ela soltou um longo suspiro. Em uma cidade de um milhão de habitantes, estava apenas no nível de um extra. Aya transmitia o próprio canal há quase dois anos, divulgara uma grande matéria há uma semana, e ainda assim continuava anônima.

Bem, aquela noite finalmente mudaria isso.

— Vamos nessa, Moggle — sussurrou ela, saindo da cama.

Havia um manto cinza amarrotado aos seus pés. Aya o vestiu sobre o uniforme do dormitório, amarrou na cintura e subiu no parapeito da janela. Virou devagar para o céu e saiu, uma perna atrás da outra, para o ar fresco.

Colocou os braceletes antiqueda e olhou para o chão 50 metros abaixo.

— Certo, estou ficando tonta.

Pelo menos não havia inspetores à espreita por ali. Essa era a vantagem de dormir em um quarto no 13º andar — ninguém imaginava que a pessoa fosse fugir pela janela.

As luzes de uma construção do outro lado da cidade eram refletidas nas nuvens baixas e densas. O frio tinha gosto de folhas de pinheiro e de chuva. Aya se perguntou se iria congelar no disfarce, mas também não dava para colocar o casaco do dormitório por cima do manto e esperar que as pessoas não notassem.

— Espero que você esteja carregada, Moggle. É hora de pular.

A câmera flutuante passou por cima do ombro de Aya, saiu pela janela e colou no peito da menina. Era do tamanho de meia bola de futebol, coberta por plástico resistente e quente ao toque. Ao abraçar Moggle, Aya sentiu os braceletes tremerem, atraídos pelos campos magnéticos dos sustentadores da câmera flutuante.

Ela fechou os olhos com força.

— Pronta?

Moggle tremeu em seus braços.

Agarrada à câmera com toda força, Aya se atirou no vazio.

Fugir era tão mais simples naqueles dias.

No aniversário de 15 anos de Aya, o melhor amigo de seu irmão mais velho, Ren Machino, modificou Moggle. Ela só pediu que a câmera ficasse veloz o suficiente para acompanhar sua prancha voadora. Porém, como a maioria dos Tecnautas, Ren se orgulhava das modificações que fazia. A nova Moggle era à prova d'água e de choques, e possante o suficiente para carregar um passageiro do tamanho de Aya pelo ar.

Quase o que ela pedira. Com os braços em volta da câmera, Aya caiu tão rápido quanto uma flor girando no ar até o chão. Era mais fácil do que roubar uma jaqueta de bungee jump. Desconsiderando o momento de tensão do pulo, foi meio divertido.

Aya observou as janelas passando. Elas davam para quartos sem graça com decoração padrão decadente. Ninguém famoso vivia em Akira Hall, apenas um montão de extras de baixa reputação e aparências comuns. Alguns egomaníacos estavam sentados falando para as câmeras, mas ninguém estava assistindo. A média de reputação ali ficava na casa dos 600 mil, um valor patético e desesperador.

A obscuridade em todo o seu horror.

Aya se lembrava vagamente da Era da Perfeição, quando bastava pedir por roupas fantásticas ou por uma nova prancha voadora para elas surgirem de um buraco na parede como se fosse mágica. Mas, hoje em dia, o buraco não dava nada decente a não ser que a pessoa fosse famosa ou tivesse méritos para gastar. E ganhar méritos significava ter aulas ou realizar tarefas — o que quer que o Comitê da Boa Cidadania mandasse, basicamente.

Os sustentadores de Moggle entraram em contato com a malha magnética subterrânea e Aya dobrou os joelhos para rolar ao cair. A grama molhada parecia uma esponja encharcada, macia, porém gelada de dar calafrios.

Ela soltou Moggle e ficou deitada por um instante na terra molhada pela chuva enquanto seus batimentos desaceleravam.

— Você está bem?

Moggle piscou os faróis noturnos outra vez.

— Estou... mas isso *ainda* detona a visão.

Ren também modificou o cérebro da câmera flutuante. Inteligência artificial de verdade ainda era ilegal, mas a nova Moggle era mais do que apenas um conjunto de circuitos e sustentadores. Com os ajustes de Ren, a câmera aprendeu os ângulos favoritos de Aya, quando era o momento de

fazer um enquadramento panorâmico ou dar zoom, e até mesmo a perceber pelo olhar da menina quando deveria gravar.

Mas, por alguma razão, Moggle não entendeu o lance de piscar os faróis noturnos.

Aya manteve os olhos fechados e tentou ouvir com atenção enquanto esperava os pontos de luz em seus olhos sumirem. Não ouviu passos nem o zumbido de robôs inspetores. Nada além de música abafada vindo do dormitório.

Ela ficou de pé e passou a mão na roupa para tirar a sujeira. Não que alguém fosse perceber a grama molhada grudada no manto, pois os Arautos da Fama se vestiam para não serem notados. A roupa tinha um capuz e parecia um saco, o disfarce perfeito para entrar de penetra em festas.

Ao acionar o bracelete antiqueda, uma prancha voadora saiu de um esconderijo em meio aos arbustos. Aya subiu e encarou as luzes brilhantes da Vila Perfeita.

Era engraçado que as pessoas ainda usassem esse nome, mesmo que a maioria dos moradores não fosse mais perfeita — não no velho sentido da palavra, de qualquer forma. A Vila Perfeita estava cheia de Pixelados, Viciados em Cirurgia e vários outros grupos, manias e modas estranhas. A pessoa podia escolher entre um milhão de tipos de beleza e esquisitice, ou mesmo manter o rosto com que nascera pela vida toda. Agora, "perfeito" significava qualquer coisa que atraísse a atenção.

Mas uma coisa sobre a Vila Perfeita permanecia a mesma: a entrada não era permitida se a pessoa fosse menor de 16 anos. Muito menos à noite, quando as coisas legais aconteciam.

Especialmente se a pessoa fosse um extra, um perdedor, um desconhecido.

Ao olhar a cidade, ela se sentiu engolida pela própria invisibilidade. Cada uma das luzes brilhantes representava uma pessoa dentre o milhão de habitantes que jamais ouvira falar de Aya Fuse. E que provavelmente jamais ouviria.

Aya suspirou e avançou sobre a prancha.

As transmissões do governo sempre diziam que a Era da Perfeição acabara para sempre, que a humanidade estava livre de séculos de tolice. Afirmavam que as divisões entre feios, perfeitos e coroas não existiam

mais. Que os últimos três anos desencadearam um mar de novas tecnologias que colocariam o futuro em movimento novamente.

Mas, no entendimento de Aya, a libertação não mudara tudo...

Ainda era um saco ter 15 anos.

TECNAUTAS

— Está gravando isso? — sussurrou ela.

Moggle já estava gravando. O brilho dos fogos de artifício seguros refletia nas lentes. Balões de ar quente flutuavam sobre a mansão e fanfarrões pulavam do telhado gritando com jaquetas de bungee jump. Parecia uma festa das antigas: extravagante e radiante.

Pelo menos era assim que o irmão mais velho de Aya sempre descrevia a Era da Perfeição. Naquela época, todo mundo fazia uma grande operação no aniversário de 16 anos. A cirurgia tornava a pessoa linda, mas mudava secretamente a personalidade e deixava o sujeito descerebrado e facilmente controlável.

Hiro não foi um avoado por muito tempo, pois fez 16 anos poucos meses antes da libertação ocorrer e curar os perfeitos. Ele gostava de dizer que aqueles meses foram horríveis — como se ser superficial e fútil tivesse sido um *grande* sacrifício para Hiro. Mas nunca negou que as festas fossem maravilhosas.

Não que Hiro estivesse ali hoje; ele era famoso demais para isso. Aya checou a tela ocular: a reputação média lá dentro era de vinte mil. Comparada com seu irmão mais velho, essa gente na festa era um bando de extras.

Comparados com uma feia de reputação na casa de meio milhão, porém, os festeiros eram lendários.

— Tenha cuidado, Moggle — disse, baixinho. — Não somos bem-vindos aqui.

Aya puxou o capuz do manto e saiu das sombras.

Dentro da mansão, o ar estava cheio de câmeras flutuantes. De modelos do tamanho de Moggle até um enxame de câmeras de paparazzi menores que uma rolha de champanhe.

Nas baladas dos Tecnautas sempre havia muita coisa para ver, gente bizarra e equipamentos para exibir. Talvez as pessoas não fossem tão bonitas quanto na Era da Perfeição, mas as festas eram muito mais interessantes: Viciados em Cirurgia radicais com cobras no lugar de dedos e cabelos de medusa; roupas de tecido adaptável que tremulavam como

bandeiras na brisa; fogos de artifício que corriam pelo chão, desviando de pés e queimando incenso ao passarem.

Os Tecnautas viviam para as novas tecnologias. Eles adoravam exibir seus últimos truques e os divulgadores gostavam de transmiti-los em seus canais. O ciclo interminável de invenção e publicidade aumentava a reputação de todo mundo, e todos ficavam contentes.

Todos que fossem convidados, é claro.

Uma câmera passou perto, quase baixo o bastante para ver o rosto de Aya. Ela inclinou a cabeça e avançou em direção a um grupo de Arautos da Fama. Em público eles ficavam encapuzados como um bando de monges budistas Pré-Enferrujados. Já estavam anunciando, em cântico, o nome de algum integrante qualquer do grupo para tentar convencer a interface da cidade a aumentar sua reputação.

Aya se curvou diante do grupo e se juntou ao cântico, mantendo o rosto feio encoberto.

O objetivo dos Arautos era dissecar os algoritmos de reputação da cidade: quantas menções de um nome eram necessárias para chegar entre os mil primeiros lugares? Com que velocidade a reputação caía se todo mundo parasse de mencionar um nome? O grupo era uma grande experiência controlada, e era por isso que todos os integrantes usavam as mesmas roupas impessoais.

Mas Aya imaginava que a maioria dos Arautos não se importava com a matemática. Eram apenas extras trapaceiros e ridículos que falavam sobre si mesmos para ficarem famosos. Era assim que se criavam celebridades na época dos Enferrujados, com um bando de canais mencionando alguns avoados e ignorando o resto.

Qual o sentido da economia da reputação se alguém te *dizia* sobre quem falar?

Mas Aya entoou o nome como uma boa integrante dos Arautos e manteve a atenção na tela ocular, vendo o que as lentes de Moggle captavam. A câmera flutuante vasculhava um por um os rostos na multidão.

A turma secreta que ela descobriu *tinha* que estar em algum lugar por ali. Somente os Tecnautas conseguiriam armar um truque como aquele...

Ela vira o grupo havia três noites pegando carona em cima de um dos novos trens magnéticos, passando a uma velocidade insana pela zona industrial — tão rápido que a imagem ficou borrada demais para usar.

Aya precisava encontrar a turma de novo. Quem quer que divulgasse um truque inusitado de como pegar carona em um trem magnético ficaria famoso instantaneamente.

Mas Moggle já estava distraída com um grupo de Neogourmets sob uma bolha rosa que flutuava no ar. Eles bebiam o conteúdo da bolha com canudos de um metro de comprimento como astronautas recuperando uma xícara de chá entornado.

Os Neogourmets eram notícia velha — Hiro tinha divulgado uma matéria sobre o grupo no mês passado. Eles comiam cogumelos extintos criados a partir de esporos antigos, faziam sorvete com nitrogênio líquido e injetavam sabores em substâncias estranhas. A coisa rosa flutuante parecia um aerogel, um jantar com a densidade de uma bolha de sabão.

Uma bolhinha se soltou e passou flutuando por Aya. Ela fez uma careta ao sentir o cheiro de arroz e salmão. Comer substâncias esquisitas podia ser uma ótima maneira de aumentar a reputação, mas Aya preferia que seu sushi fosse mais pesado que o ar.

Porém, ela curtia andar com os Tecnautas, mesmo que tivesse que se esconder. A maior parte da cidade continuava presa ao passado, tentando redescobrir haicai, religião, a cerimônia do chá — as coisas que se perderam na Era da Perfeição, quando todo mundo tinha lesões cerebrais. Mas os Tecnautas estavam construindo o futuro e tirando o atraso de três séculos de progresso.

Aquele era o local para descobrir matérias.

Aya reconheceu algo que apareceu na tela ocular.

— Espera, Moggle — sussurrou ela. — Vire para a esquerda.

Atrás dos Neogourmets havia um rosto familiar observando enquanto eles corriam atrás de bolhinhas soltas.

— Lá está um deles! Dê um zoom.

A garota tinha uns 18 anos, era uma nova perfeita de beleza clássica com olhos um pouco ao estilo mangá. Ela estava vestida com aparato de aerobol e flutuava delicadamente a 10 centímetros do chão. E só podia ser famosa: havia uma bolha de reputação ao redor, um séquito de amigos e admiradores para manter os extras a distância.

— Chegue mais perto para poder ouvir — sussurrou Aya para Moggle, que foi para o limite da bolha.

Logo os microfones captaram o nome da garota. Os dados correram pela tela ocular de Aya...

Eden Maru era a lateral esquerda do time de aerobol dos Swallows, que venceu o campeonato municipal no ano passado. Ela também era lendária por suas modificações de sustentadores.

De acordo com todos os canais, Eden tinha acabado de dar um pé na bunda do namorado por terem "ambições diferentes". Claro que isso significava "ela ficou famosa demais para ele". A reputação de Eden alcançou a casa dos 10 mil depois do campeonato, enquanto o sabe-se-lá-quem estacionou pelos 250 mil. Todo mundo sabia que ela devia arrumar alguém do mesmo nível de fama.

Mas nenhum dos rumores mencionava o novo grupo dos trens magnéticos de Eden. Ela devia estar mantendo-o em segredo, esperando pelo momento certo para revelar o truque.

A divulgação em primeira mão tornaria Aya famosa da noite para o dia.

— Siga — falou para Moggle e então voltou ao cântico.

Meia hora depois, Eden Maru saiu.

Foi uma alegria abandonar os Arautos — Aya entoou o nome "Yoshio Nara" um milhão de vezes. Esperava que Yoshio curtisse o aumento irrisório de reputação, porque nunca mais queria ouvir seu nome de novo.

Segundo a visão aérea de Moggle, Eden Maru estava saindo sozinha, sem o séquito. Só podia estar a caminho de um encontro com o grupo secreto.

— Fique perto dela, Moggle — disse Aya com a voz rouca. Todo aquele falatório deixara sua garganta seca. Ela notou uma bandeja flutuante com drinques por perto. — Alcanço você em um minuto.

Aya pegou um copo qualquer e bebeu de uma vez. O álcool provocou um arrepio — não era exatamente o que precisava. Ela pegou outro drinque com muito gelo e avançou até a porta.

Havia um grupo de Pixelados no caminho. Os corpos trocavam de cores como camaleões bêbados. Aya passou por eles e reconheceu alguns dos rostos dos canais dos Viciados em Cirurgia. Um arrepio de reputação percorreu seu corpo.

Na escadaria do lado de fora da mansão, Aya derramou o drinque por entre os dedos para ficar só com os cubos de gelo. Virou o copo na boca e começou a mastigá-los. Depois da festa escaldante, um bocado de gelo era divino.

— Plástica interessante — disse alguém.

Aya travou... o manto havia caído, revelando seu rosto feio.

— Hã, valeu.

As palavras saíram abafadas. Aya engoliu pedaços de gelo. A brisa bateu no rosto suado e ela percebeu como deveria parecer fora de moda.

O rapaz sorriu.

— De onde você tirou a ideia para esse nariz?

Aya conseguiu dar de ombros, sem saber o que falar. Viu Eden Maru voando pela cidade na tela ocular, mas era impossível tirar os olhos do garoto. Ele era um Cabeça de Mangá, tinha enormes olhos brilhantes e feições delicadas, uma beleza sobrenatural. Dedos finos e compridos tocavam a bochecha perfeita enquanto o rapaz a encarava.

Essa era a parte esquisita: *ele* estava encarando *Aya*.

Mas o rapaz era lindo, e ela era feia.

— Deixe-me adivinhar — disse ele. — Você tirou de alguma pintura Pré-Enferrujada?

— Hã, não exatamente. — Ela tocou o próprio nariz e engoliu os últimos pedaços de gelo. — Foi mais... hã... gerado aleatoriamente?

— Claro. É tão original. — Ele fez uma reverência. — Frizz Mizuno.

Enquanto Aya o cumprimentava, a tela ocular revelou a reputação do garoto: 4.612. Ela sentiu um arrepio ao descobrir que estava falando com alguém importante, bem relacionado, relevante.

O rapaz estava esperando que ela dissesse o próprio nome. E assim que Aya fizesse isso, Frizz descobriria a reputação dela e seus belos olhos iriam procurar algo mais interessante. Mesmo que ele gostasse de sua cara feia por algum motivo ilógico, ser uma extra era simplesmente ridículo.

Além disso, seu nariz era grande *demais*.

Ela acionou o bracelete antiqueda para chamar a prancha voadora.

— Meu nome é Aya. Mas eu meio que preciso ir agora.

O rapaz se curvou.

— Claro, você tem pessoas para ver, nomes para cantar.

Aya riu ao olhar para o manto.

— Ah, isso aqui. Eu não sou realmente... estou disfarçada.

— Disfarçada? — O sorriso dele era uma delícia. — Você é muito misteriosa.

A prancha surgiu ao lado da escadaria e Aya olhou para ela, hesitante. Moggle já estava a meio quilômetro de distância, seguindo Eden Maru pela

escuridão em alta velocidade, mas parte de Aya gritava para que ficasse.

Porque Frizz continuava a encará-la.

— Não estou tentando ser misteriosa. É apenas o que o disfarce causa.

Ele riu.

— Gostaria de saber o seu sobrenome, Aya. Mas acho que não me dirá de propósito.

— Desculpe — respondeu baixinho e pisou na prancha. — Mas tenho que ir atrás de alguém. Ela meio que está... escapando.

O rapaz se curvou e sorriu ainda mais.

— Aproveite a perseguição.

Ela se inclinou e disparou na escuridão com a risada de Frizz ainda nos ouvidos.

SUBTERRÂNEO

Eden Maru sabia como voar.

Um uniforme completo de flutuação era o equipamento padrão dos jogadores de aerobol, mas a maioria das pessoas jamais ousaria usá-lo. Cada peça tinha o próprio sustentador individual: caneleiras, ombreiras e até mesmo as botas tinham o seu. Um movimento errado dos dedos podia mandar cada um dos ímãs em direções diferentes, o que era uma ótima maneira de deslocar o ombro ou girar até bater de cabeça em uma parede. Ao contrário de um tombo de prancha voadora, os braceletes antiqueda não conseguiriam salvar uma pessoa da própria falta de jeito.

Mas nada disso parecia preocupar Eden Maru. Pela tela ocular de Aya, ela ziguezagueava por uma nova zona de construção e usava os prédios inacabados e manilhas como se fossem seu circuito de obstáculos particular.

Até mesmo Moggle, que era cheia de sustentadores e voava a apenas vinte centímetros de distância, tinha dificuldades em acompanhá-la.

Aya tentou prestar atenção no próprio voo, mas ainda continuava meio hipnotizada por Frizz Mizuno, impressionada com a atenção que recebera. Desde que a libertação rompera as barreiras entre idades, Aya tinha conversado com vários perfeitos. Não era como antigamente, quando a pessoa não falava mais com os amigos após a operação. Mas nenhum perfeito jamais olhou para ela *daquele* jeito.

Ou Aya estava se enganando? Talvez o olhar intenso de Frizz fizesse todo mundo se sentir assim. Os olhos eram tão *grandes*, iguais aos velhos desenhos Enferrujados em que os Cabeças de Mangá se baseavam.

Aya estava morrendo de vontade de perguntar sobre ele para a interface da cidade. Ela nunca o vira nas transmissões, mas com uma reputação abaixo dos 5 mil, Frizz tinha que ser conhecido por alguma coisa além da beleza de encher os olhos.

Mas agora era preciso correr atrás de uma matéria e construir uma reputação. Se algum dia Frizz olhasse para ela de novo daquele jeito, Aya não podia ser tão desconhecida.

A tela ocular começou a piscar, pois estava perdendo o sinal de Moggle. A câmera ficou fora da área de cobertura da rede da cidade ao seguir Eden pelos subterrâneos.

O sinal foi tomado pela estática e então escureceu de vez.

Aya manobrou de lado até parar e sentiu um arrepio. Sempre ficava nervosa ao perder o contato com Moggle. Era como olhar para o chão em um dia de sol e perceber que a própria sombra tinha sumido.

Ela olhou para a última imagem enviada pela câmera flutuante: o interior de uma manilha, uma cena granulada e distorcida pela visão infravermelha. Eden Maru estava toda encolhida, era uma bala de canhão humana disparando pelo interior do túnel tão subterrâneo que o transmissor de Moggle não alcançava mais a superfície.

A única maneira de encontrar Eden novamente era segui--la até embaixo.

Aya se inclinou para a frente e disparou sobre a prancha. A nova zona de construção surgiu com uma dezena de esqueletos de ferro e crateras ao redor.

Depois da libertação, ninguém quis morar nos prédios fora de moda da Era da Perfeição. Ninguém famoso, na verdade. Então, a cidade estava se expandindo freneticamente, saqueando o metal das ruínas mais próximas das cidades dos Enferrujados. Havia até rumores de que o governo planejava abrir o solo para procurar por mais ferro, como os Enferrujados que arruinaram o planeta haviam feito três séculos antes.

As torres inacabadas passaram voando e as estruturas de aço fizeram a prancha tremer. As pranchas precisavam de metal para voar, mas a presença de muitos campos magnéticos provocava tremor. Aya diminuiu a velocidade outra vez para procurar por Moggle.

Nada. A câmera flutuante continuava no subterrâneo.

Uma enorme escavação surgiu à frente, as fundações de algum futuro arranha-céu. Espalhadas pelo chão sujo, poças formadas pela chuva que caíra à tarde refletiam o céu de estrelas como pedaços de espelho.

Em um canto da escavação, ela notou a boca de um túnel, uma entrada para a rede de galerias de águas pluviais dos subterrâneos da cidade.

Há um mês, Aya divulgara uma matéria sobre uma nova turma de grafiteiros. Eram feios que deixaram um legado de arte para futuras gerações. Eles grafitavam o interior de túneis e galerias inacabados para que o trabalho fosse selado como cápsulas do tempo. Ninguém veria os

desenhos até que a cidade desmoronasse e as ruínas fossem descobertas por alguma civilização futura. Era tudo muito libertador, uma reflexão sobre como a eterna Era da Perfeição havia sido mais frágil do que parecia.

A matéria não aumentou sua reputação — reportagens sobre feios jamais conseguiam isso —, mas Aya e Moggle passaram uma semana brincando de esconde-esconde pela zona de construção. Ela não tinha medo dos subterrâneos.

Aya desceu com a prancha e passou por baixo de robôs carregadores desligados e suportes flutuantes em direção à boca do túnel. Ela dobrou os joelhos, recolheu os braços e mergulhou na mais completa escuridão...

A tela ocular piscou uma vez. A câmera flutuante tinha que estar por perto.

O cheiro de sujeira e água empoçada de chuva era forte. O único som vinha dos canos pingando. Quando o brilho dos refletores acima diminuiu para um tom suave de laranja, Aya quase parou a prancha e se guiou com uma das mãos tateando o interior do túnel.

O sinal de Moggle voltou... e ficou constante.

Eden Maru estava de pé, flexionando os braços em algum lugar espaçoso e escuro, que se estendia até aonde as câmeras infravermelhas de Moggle podiam ver.

O que havia lá embaixo?

Mais formas humanas surgiram na escuridão granulada. Elas flutuavam acima da planície escura com as silhuetas losangulares das pranchas voadoras brilhando sob os pés.

Aya sorriu, pois havia encontrado as garotas que pegavam carona em trens magnéticos.

— Aproxime-se e escute — sussurrou.

Enquanto Moggle se aproximava, Aya se lembrou de um lugar que os feios grafiteiros se orgulhavam de terem descoberto — um enorme reservatório onde a cidade armazenava o excedente de água durante a época das chuvas, um lago subterrâneo na mais completa escuridão.

Pelos microfones de Moggle, ela ouviu o eco de algumas palavras.

— Obrigada por ter chegado aqui tão rápido.

— Eu sempre disse que a fama te traria problemas, Eden.

— Bem, isso não deve levar muito tempo. Ela está bem atrás de mim.

Aya travou. *Quem* estava bem atrás de Eden? Ela olhou por sobre o ombro...

Não havia nada além do brilho da água pingando pelo túnel.

Então a tela ocular apagou de novo. Aya praguejou e mexeu o dedo anular: liga/desliga... mas a visão continuava às escuras.

— Moggle? — sussurrou.

Nenhum sinal na tela ocular, nenhuma resposta. Ela tentou acessar o diagnóstico da câmera flutuante, o canal de áudio, o controle de voo remoto. Nada funcionava.

Mas Moggle estava tão próxima — no máximo a 20 metros de distância. Por que não se conectava?

Aya avançou devagar com a prancha e prestou muita atenção, tentando ver no escuro. A parede fugiu da mão e surgiram os ecos de um grande espaço se abrindo ao seu redor. Ouviu o coro de uma dezena de manilhas pingando água da chuva e a umidade do reservatório lhe causou arrepios.

Ela precisava *ver*...

Então Aya se lembrou do painel de controle da prancha. Naquela escuridão, até mesmo uns poucos pontinhos de luz fariam diferença.

Ela ajoelhou e ligou os controles. O brilho azul suave revelou grandes paredes antigas de tijolos, remendadas em alguns pontos com cerâmica moderna e material inteligente. Um amplo teto de pedra tornava um arco suspenso, como a abóbada de uma catedral subterrânea.

Mas nada de Moggle.

Aya avançou lentamente pela escuridão e prestou muita atenção enquanto correntes de ar levavam a prancha. Havia um lago de águas plácidas e escuras embaixo dela.

Então Aya ouviu algo próximo, uma respiração sutil, e se virou...

Iluminado pelo brilho azul suave, um rosto feio a encarava. A garota estava sobre uma prancha voadora com Moggle nos braços e sorriu friamente.

— A gente achou que você viria atrás dela.

— Ei! — falou Aya. — O que você fez com a minha...

Um chute vindo da escuridão fez a prancha de Aya balançar.

— Cuidado! — gritou Aya.

Ela foi empurrada por mãos fortes e cambaleou dois passos para trás. A prancha se remexeu ao tentar permanecer sob os pés. Aya abriu os braços e balançou como uma criança em patins de gelo.

— Pare com isso! O que você...

Mais mãos surgiram de várias direções empurrando e cutucando Aya. Ela girou freneticamente, sem enxergar e sem ter como se defender. Então sua prancha foi chutada para longe e Aya tentou se equilibrar no ar.

A água acertou seu rosto como um tapa forte e gelado.

TESTE

Aya foi envolvida pela escuridão, um rugido mesmo abafado pela água, soava como um trovão dentro dos ouvidos. O impacto lhe tirou qualquer sentido de direção deixando apenas a desorientação causada pelo frio. Ela bateu braços e pernas enquanto a água penetrava pelas narinas e pela boca apertando seu peito...

Então sua cabeça rompeu a superfície. Aya arfou e cuspiu, as mãos bateram na água à procura de algo sólido na escuridão.

— Ei! Qual é o *problema* de vocês?

O grito ecoou no vazio escuro do enorme espaço, mas não houve resposta.

Ela ainda batia os braços na água enquanto tentava recuperar o fôlego e ouvir alguma coisa.

— Olá...?

A mão de alguém segurou seu pulso e Aya se viu sendo puxada pelo ar. Ficou pendurada com os pés balançando, tremendo, de forma que a água escorria em cascata do manto ensopado.

— O que... o que está acontecendo?

— Não gostamos de divulgadores — respondeu uma voz.

Aya já tinha percebido isso: elas queriam divulgar a própria matéria sobre a carona nos trens e ficar com toda a fama.

Talvez fosse o momento de mentir.

— Mas eu não sou uma divulgadora!

Alguém bufou de irritação e então uma voz mais próxima disse:

— Você me seguiu até aqui desde aquela festa, ou pelo menos mandou sua câmera. Você estava atrás de uma matéria.

— Eu não estava atrás de uma matéria, e sim de *vocês*. — Aya tremeu de frio outra vez e lutou para não bater os dentes. Precisava convencê-las a não ser jogada no lago novamente. — Vi vocês naquela noite.

— Viu onde? — disse a voz mais próxima.

A mão que estava agarrando seu pulso mudou de posição. Só podia ser Eden, pois ninguém conseguiria segurá-la daquela forma sem a ajuda de um aparato de aerobol.

— Em cima de um trem magnético. Vocês estavam pegando carona nele. Eu tentei descobrir quem eram, mas não havia nada nos canais.

— É assim que a gente prefere — afirmou a primeira voz.

— OK, já entendi! — disse Aya. — Hã, você vai me deixar pendurada desse jeito?

— Prefere que eu solte? — perguntou Eden.

— Na verdade, não. É que meu pulso está doendo.

— Chame sua prancha então.

— Ah... certo.

Com o pânico, Aya esquecera completamente da prancha. Ela levantou o braço livre e acionou o outro bracelete antiqueda. Poucos segundos depois, a prancha cutucou seus pés e a mão forte a soltou.

Aya balançou um instante sobre a prancha e esfregou o pulso.

— Obrigada, eu acho.

— Você está querendo nos dizer que não é uma divulgadora?

Era a primeira voz outra vez, talvez da mulher feia que Aya vira de relance. O som de um rugido grave ecoou pela escuridão como se ela tivesse feito uma cirurgia na garganta para soar assustadora.

— Bem, eu já divulguei algumas coisas no meu canal, como todo mundo.

— Fotos do seu gato? — disse alguém que deu um risinho debochado em seguida.

— Então você sempre vai às festas disfarçada de Arauto da Fama e com uma câmera flutuante a tiracolo? — perguntou Eden.

Aya se encolheu. O manto molhado grudava na pele e ela começaria a bater os dentes a qualquer instante.

— Olha, eu queria me juntar ao seu grupo, então tinha que encontrar vocês. A Moggle é boa nisso.

— Moggle? — perguntou a voz cruel.

— Hã... minha câmera flutuante.

— Sua câmera flutuante tem *nome*?

Risadas ecoaram de todos os cantos. Aya percebeu que havia mais gente do que ela tinha pensado. Talvez dez pessoas escondidas na escuridão.

— Espera aí — disse a voz de Eden. — Quantos anos você tem?

— Hã... 15?

Uma lanterna foi acesa, um brilho ofuscante na escuridão.

— Ai! — Ela fechou os olhos com força.

A pessoa que estava segurando a lanterna acrescentou:

— Bem que eu achei que o nariz parecia grande, mesmo na visão infravermelha.

Enquanto seus olhos se ajustavam à claridade, Aya começou a notar os rostos. Elas pareciam com as Normais, o grupo de garotas que não queriam ser lindas ou com traços diferentes, apenas comuns — se é que esse conceito ainda existia. À exceção da silhueta musculosa e com o uniforme de aerobol de Eden Maru, as formas flutuantes ao redor pareciam com corpos genéricos, projetados para desaparecer na multidão. Todas eram garotas, até onde Aya podia notar, assim como na noite em que as viu pegando carona no trem magnético.

— Então você gosta de sair escondida à noite? — perguntou Eden.

— Acho que sim. É melhor do que ficar sentada no quarto do dormitório.

— Você fica entediada facilmente? — A outra garota rosnou. — Então talvez *devesse* surfar de vez em quando.

— Surfar? — Aya engoliu em seco. — Quer dizer que vou poder pegar carona com vocês?

Surgiram alguns resmungos na escuridão.

— Mas ela tem apenas 15 anos — disse a garota que segurava a lanterna.

— Você ainda vive na Era da Perfeição? — perguntou a menina que rosnava. — Quem se importa com a idade? Ela entrou de penetra na Vila Perfeita e veio até aqui sozinha. Provavelmente, tem mais coragem que a maioria de vocês.

— E quanto à câmera flutuante? — perguntou Eden. — Se ela divulgar a matéria, os guardas virão para cima da gente.

— Ela ainda pode chamar os guardas se quiser. — A garota da voz cruel se aproximou de prancha até que o nariz estivesse a poucos centímetros do de Aya. — Ou nós a deixamos aqui largada ou a trazemos para o nosso lado.

Aya engoliu em seco e olhou para o lago escuro que reluzia.

— Hã, eu tenho direito a voto?

— Ninguém além de mim tem direito a voto — disse a garota, que então sorriu. — Mas, que tal assim? Você pode fazer uma escolha.

— Ah, é?

A menina esticou o braço com Moggle na mão e Aya viu que havia uma trava na câmera. Ela ficaria desligada, inerte, até que alguém removesse a trava.

— Você pode pegar sua câmera e ir embora, ou posso deixá-la cair agora e você vem surfar conosco.

Aya ficou atônita enquanto ouvia a água gelada que continuava a pingar do manto. Ren dissera que tornara Moggle à prova d'água, mas como seria possível encontrar o caminho de volta até aquele ponto exato?

— Sair daquele quartinho chato do dormitório é importante para você?

Aya engoliu em seco.

— Muito.

— Então a escolha é fácil, certo?

— A questão é que... essa câmera me custou muitos méritos.

— Ela é um brinquedo. Assim como a reputação e os méritos, não *significa* nada a não ser que você queira.

Reputação não significava nada? Aquela garota era sem-noção, porém tinha razão sobre uma coisa: nada era mais importante do que sair do quarto chato e patético do dormitório Akira.

Talvez Ren pudesse ajudá-la a encontrar o caminho de volta até ali...

Aya fechou os olhos.

— OK, eu quero ir com vocês. Pode soltar.

O espirro da água ecoou como um tapa.

— Boa escolha. Aquele brinquedo não é o que você realmente precisa.

Aya abriu os olhos, que ardiam com o choro preso.

— Eu sou Jai — disse a garota ao se curvar.

— Aya Fuse — devolveu a saudação e abaixou o olhar para a ondulação no lago. Moggle estava perdida mesmo.

— A gente se vê em breve — disse Jai.

— Em *breve*? Mas você disse...

— Acho que você já teve diversão demais por uma noite, para quem tem 15 anos.

— Mas você prometeu!

— E você disse que não era uma divulgadora. Quero ver se falou a verdade quanto a isso.

Aya ia protestar, mas ficou sem palavras. Não havia sentido em discutir agora, pois já havia perdido Moggle.

— Mas eu nem sei quem são vocês.

Jai sorriu.

— Somos as Ardilosas e entraremos em contato. Vamos, galera. Temos um trem para pegar.

As garotas deram voltas com as pranchas ao redor de Aya e encheram a câmera subterrânea com o eco dos gritos. As lanternas foram apagadas e ela ouviu cada uma voar embora, os berros sendo engolidos pelas galerias pluviais.

Aya estava sozinha no escuro, prendendo as lágrimas.

Entregara Moggle por nada. Assim que as Ardilosas verificassem seu canal, conheceriam suas matérias. E se descobrissem que seu irmão era um dos mais famosos divulgadores da cidade, jamais confiariam nela outra vez.

— Hiro idiota — murmurou. Se não fosse pelo Sr. Famoso, ser uma extra não seria tão difícil. Ela não teria tanto a provar.

E não teria trocado Moggle... por nada.

Aya fechou os punhos com força, descendo com a prancha até ouvir os sustentadores baterem de leve na água. Ela se ajoelhou e esticou uma das mãos na escuridão. Tocou gentilmente a superfície com a palma. Ainda podia sentir a ondulação formada pela queda de Moggle.

— Sinto muito — sussurrou. — Mas logo estarei de volta.

IRMÃO MAIS VELHO

Aya passou voando por enormes mansões iluminadas por tochas. No início da manhã, havia fogueiras queimando por toda parte, uma enorme exibição das taxas de emissão de carbono permitidas por morador. Acima flutuavam piscinas de bolhas de água, unidas por linhas invisíveis de força. Ao voar por baixo delas, Aya viu a silhueta de pessoas sobre boias observando o nascer do sol.

A mansão de Hiro flutuava a 300 metros do chão, era uma longa torre reluzente de vidro e aço. Para ninguém ficar cansado da bela vista, o prédio inteiro girava a cada passar de hora. A massa era sustentada por suportes flutuantes e havia apenas um elevador que saía do chão. A torre era como uma bailarina gigante que girava sobre o dedão do pé.

Naquela vizinhança, todos os prédios se moviam, flutuavam, se transformavam e faziam outras coisas fantásticas. E todos os moradores mantinham um notório ar de tédio em relação a tudo aquilo.

Hiro vivia na parte famosa da cidade.

Assim que a prancha se aproximou dos degraus da mansão, Aya se lembrou de como seu irmão era lindo, bem relacionado e atencioso durante a Era da Perfeição. Ele ia a todas as festas, é claro, mas sempre voltava para casa nos feriados trazendo presentes para Aya e os coroas.

A libertação mudara tudo isso — a não ser o rosto perfeito.

No primeiro ano depois da cura, Hiro pulou de grupo em grupo: Cirurgias Radicais, o time de aerobol da cidade, e até mesmo uma temporada na natureza como aprendiz de guardião. Porém, ele não se firmou em nenhum deles, não tinha objetivos, não sabia o que fazer com a liberdade.

Claro que, naquele primeiro ano caótico, muitas pessoas ficaram confusas. Algumas até decidiram reverter a cura — não somente os velhos coroas, mas os novos perfeitos também. Até mesmo Hiro falou sobre voltar a ser um avoado.

Então, há dois anos veio a notícia de que a economia ia mal. Na Era da Perfeição, os avoados podiam pedir por qualquer coisa que desejassem: os brinquedos e roupas de festa saíam de um buraco na parede sem restrições.

Mas ficou evidente que os humanos criativos e dotados de livre escolha eram mais gananciosos do que os avoados. Vários hobbies, novas construções e grandes projetos como os trens magnéticos estavam consumindo muitos recursos. E ninguém mais se oferecia para fazer os trabalhos pesados.

Algumas pessoas queriam voltar a usar o "dinheiro" dos Enferrujados com tudo que ele tinha direito: aluguéis, juros e fome se a pessoa não pudesse comprar comida. Mas o Conselho Municipal não chegou a esse ponto; em vez disso, o governo votou por uma economia baseada na reputação. Dali em diante, méritos e fama diriam quem ficaria com as melhores mansões, as melhores taxas de emissão de carbono, as maiores zonas de construção. Méritos eram dados a médicos, professores, guardas e até crianças por fazerem deveres de casa e tarefas domésticas — enfim, para todos que faziam a cidade funcionar de acordo com o determinado pelo Comitê da Boa Cidadania. Reputação era dada para o resto da cultura, de artistas a astros dos esportes e cientistas. A pessoa podia usar os recursos como bem quisesse, desde que cativasse o imaginário coletivo da cidade.

E para manter o sistema de reputação justo, cada cidadão acima da idade infantil ganhava o próprio canal — um milhão de histórias espalhadas pelo ar para ajudar a entender a libertação.

O termo "divulgador" ainda nem tinha sido inventado, mas de alguma forma Hiro percebeu a ideia instintivamente: como tornar um grupo famoso da noite para o dia, como convencer todo mundo a querer um novo objeto e, acima de tudo, como se tornar lendário ao fazer isso.

Assim que Aya pousou do lado de fora da porta do elevador da mansão, suspirou baixinho. Hiro ficou tão *inteligente* desde que curaram seu cérebro...

Se ao menos ele não tivesse virado um grande egocêntrico arrogante com toda a fama.

— O que você quer, Aya-chan?

— Preciso falar com você.

— É cedo demais.

Aya gemeu. Sem Moggle para levá-la até a janela, ela teria que esperar o amanhecer para voltar ao dormitório. E Hiro achava que *ele* estava cansado?

Hiro não podia ter tido uma noite pior do que a dela. Aya não parava de pensar em Moggle inerte e fria no fundo do lago subterrâneo.

— Por favor, Hiro. Eu acabei de gastar um monte de méritos para trocar as aulas da manhã para poder visitar você.

Um resmungo.

— Volte em uma hora.

Aya olhou com raiva para a porta do elevador. Ela não podia sequer subir e bater em sua janela; as mansões na parte famosa da cidade não permitiam que as pessoas voassem perto dos prédios.

— Bem, você ao menos pode me dizer onde o Ren está? O localizador dele está desligado.

— Ren? — Uma risada surgiu através da porta. — Ele está no meu sofá.

Aya respirou aliviada. Hiro ficava um milhão de vezes mais agradável quando seu melhor amigo estava por perto.

— Posso falar com ele, então... *por favor*?

A porta ficou calada por tanto tempo que Aya se perguntou se Hiro tinha voltado a dormir. Mas, finalmente, a voz de Ren surgiu.

— Ei, Aya-chan. Entra aí!

A porta abriu e Aya entrou.

Os aposentos de Hiro eram decorados com milhares de grous.

Era um velho hábito da época dos Pré-Enferrujados, um dos poucos que haviam sobrevivido à Era da Perfeição: quando uma menina fazia 13 anos, ela criava uma corrente com mil pássaros de origami com as próprias mãos. Passava semanas dobrando quadradinhos de papel em asas, bicos e rabos para então uni-los com linhas e agulhas antiquadas.

Depois da libertação, algumas garotas começaram uma nova moda: mandar os origamis para novos rapazes perfeitos de grande reputação e por quem tinham uma queda. Garotos como Hiro, em outras palavras.

Bastou ver os grous para os dedos de Aya doerem com a lembrança dos mil origamis que ela mesma fizera. Os pássaros de papel estavam por toda parte no apartamento, exceto sobre a cadeira sagrada onde Hiro assistia aos canais.

Ele estava jogado ali, vestido com um agasalho de aerobol, esfregando os olhos. Chá verde jorrava de torneiras no buraco da parede e enchia o ar com cheiro de grama cortada e cafeína.

— Pode pegar as xícaras?

— Bom dia para você também. — Ela fez uma reverência sarcástica e foi pegar o chá. Só duas xícaras, obviamente. Para Hiro e Ren, não para ela, que não suportava chá verde.

— Bom dia, Aya-chan — cumprimentou Ren meio grogue do sofá.

Ele se sentou e vários grous amassados caíram das costas. Havia garrafas vazias espalhadas por toda parte e um robô de limpeza estava aspirando os restos de comida e champanhe derramada.

Aya entregou a xícara de Ren.

— Vocês estavam comemorando alguma coisa ou apenas relembrando a época em que eram avoados?

— Você não sabe? — gargalhou Ren. — Bem, é melhor cumprimentar Hiro-sensei.

— Hiro-*sensei*? Como assim?

— É isso mesmo — disse Ren, concordando com a cabeça. — Seu irmão finalmente chegou aos mil.

— Os mil primeiros? — Aya ficou atônita. — Está de brincadeira?

— No momento, 896 — disse Hiro ao olhar para a tela na parede. Aya reparou então: 896 em numerais de um metro de altura. — Claro que minha própria irmã me ignora. Onde está o meu chá?

— Mas eu não...

Aya ficou tonta com o cansaço por um instante. Aquela era a primeira manhã em séculos em que ela não tinha verificado a reputação do irmão. E Hiro chegara entre os *mil* primeiros? Se mantivesse a posição, ele seria convidado para a Festa dos Mil Famosos de Nana Love no mês seguinte.

Hiro, assim como a maioria dos rapazes, sentia uma grande atração por Nana Love.

— Foi mal... a noite passada foi bem agitada. Mas isso é fantástico!

Ele esticou um dedo languidamente e apontou para a xícara de chá na mão de Aya.

Ela levou e ofereceu com uma saudação verdadeira.

— Parabéns, Hiro.

— Hiro-*sensei* — lembrou ele.

Aya simplesmente revirou os olhos.

— A pessoa não precisa chamar o próprio irmão de "sensei", Hiro, não importa o tamanho de sua reputação. Então, qual foi a matéria?

— Você não se interessaria, pelo visto.

— Ora, vamos, Hiro! Eu sempre assisto às suas matérias... exceto ontem à noite.

— Foi sobre um bando de coroas. — Ren se recostou no sofá. — Eles são como os Viciados em Cirurgia, mas não ligam para beleza ou modificações estranhas. Só querem prolongar a vida: fígados retificados a cada seis meses, novos corações clonados uma vez ao ano.

— Prolongamento de vida? — perguntou Aya. — Mas matérias sobre coroas nunca bombam.

— Essa tinha um viés conspiratório — disse Ren. — Os coroas têm uma teoria de que os médicos sabem o segredo de como manter as pessoas vivendo eternamente. Eles dizem que a única razão para as pessoas morrerem de velhice é manter o controle populacional. É como a operação dos avoados na Era da Perfeição: os médicos estão escondendo a verdade!

— Isso é de virar a cabeça — murmurou Aya, sentindo um arrepio na espinha.

Era tão fácil acreditar em conspirações depois que o governo manipulara o cérebro de todo mundo por séculos.

E viver para sempre? Até as crianças se interessariam por isso.

— Você esqueceu a melhor parte, Ren — disse Hiro. — Esses coroas estão planejando processar a cidade... por *imortalidade*. É um direito humano ou algo assim. As pessoas exigem uma investigação! Olha só.

Hiro gesticulou e, na tela, sua reputação deu lugar a uma teia de conexões, um enorme diagrama que mostrava como a matéria tinha repercutido pela interface da cidade durante a noite toda. Enormes espirais de debate, desentendimento e críticas abertas surgiram a partir da transmissão de Hiro com 250 mil pessoas participando da conversa.

Será que a imortalidade era uma ideia fictícia? O cérebro de alguém podia ficar borbulhante para sempre? E se ninguém morresse, onde as pessoas seriam *postas* no mundo? Será que a expansão acabaria engolindo o planeta inteiro?

A última pergunta deixou Aya tonta outra vez. Ela se lembrou do dia na escola em que mostraram fotos de satélite da era dos Enferrujados, antes do controle populacional. As cidades eram tão grandes que podiam ser vistas do espaço: bilhões de extras lotando o planeta, a maioria vivendo na mais completa obscuridade.

— Olha isso! — gritou Hiro. — Todo mundo já está abandonando minha matéria. Minha reputação baixou para 900. As pessoas são tão

fúteis!

— Vai ver a imortalidade está ficando velha — disse Ren, rindo para Aya.

— Rá, rá. Quem será que está roubando minha audiência? — falou Hiro.

Ele gesticulou outra vez e a tela se dividiu em uma dúzia de painéis. Os rostos familiares dos 12 divulgadores mais famosos da cidade apareceram. Aya notou que Hiro havia pulado para a quarta posição.

Ele estava inclinado para a frente na cadeira, devorando as transmissões para descobrir onde tinha perdido a audiência.

Aya suspirou. Aquilo era a cara de Hiro — ele já tinha esquecido que a irmã viera conversar. Mas ela ficou quieta, encolhida ao lado de Ren no sofá, tentando não amassar muitos pobres passarinhos. Talvez não fizesse mal deixar Hiro curtir as transmissões antes de admitir que perdera a câmera flutuante no fundo de um lago.

E Aya não se importava em passar um pouco de tempo assistindo aos canais. As vozes familiares acalmavam seus nervos e tinham o efeito de uma conversa com velhos amigos.

Os rostos das pessoas eram tão diferentes depois da libertação, as novas modas, turmas e invenções eram tão imprevisíveis. Às vezes a cidade parecia sem sentido. As pessoas famosas eram a cura para toda aquela aleatoriedade, como os Pré-Enferrujados que se sentavam em volta de fogueiras todas as noites para ouvir os mais velhos. Os seres humanos precisavam de rostos conhecidos por questões de conforto e familiaridade, mesmo que fossem de uma egocêntrica como Nana Love simplesmente contando o que tinha comido no café da manhã.

No canto superior direito, Gamma Matsui estava divulgando uma nova religião tecnológica. Algum grupo de historiadores tinha aplicado um software de cálculo aos livros espirituais mais importantes do mundo e o programado para cuspir decretos divinos.

Por alguma razão, o programa disse para não comer porcos.

— Quem faria isso para início de conversa? — perguntou Aya.

— Os porcos não estão extintos? — riu Ren. — Eles precisam mesmo atualizar esse programa.

— Deuses são tão ultrapassados — falou Hiro e Aya sorriu.

Ressuscitar velhas religiões virou moda depois da libertação, quando todo mundo ainda estava tentando descobrir o que as novas liberdades

significavam. Mas hoje em dia tantas outras coisas tinham sido redescobertas — reuniões familiares, crime, mangá e o Festival das Cerejeiras. À exceção de alguns cultos Youngblood, a maioria das pessoas estava ocupada demais para se importar com super-heróis divinos.

— O que o Anônimo anda aprontando? — perguntou Hiro ao mudar o som para outro canal.

O Anônimo era como os dois chamavam Toshi Banana — o famoso mais sem noção da cidade. Ele era mais um difamador do que um divulgador de verdade, sempre atacava alguma nova turma ou moda e incitava o ódio contra qualquer coisa desconhecida. Achava que a libertação fora um desastre apenas porque os novos hobbies e obsessões das pessoas podiam ser perturbadores ou totalmente esquisitos.

Ren e Hiro nunca diziam o nome dele e trocavam o apelido de poucas em poucas semanas antes que a interface da cidade pudesse descobrir a quem eles se referiam — até debochar das pessoas aumentava a reputação. Nessa economia, a única forma de atingir alguém de verdade era ignorá-lo completamente. E era muito difícil ignorar uma pessoa que fazia o sangue ferver. O Anônimo era amado e odiado por quase todo mundo na cidade, o que mantinha sua reputação na casa dos cem.

Naquela manhã ele estava criticando a nova moda dos donos de animais de estimação e suas horríveis experiências de cruzamento. A transmissão mostrava um cachorro pintado de rosa e com tufos de pelo no formato de corações. Aya achou até bonitinho.

— É apenas um poodle, seu tolo mentiroso! — gritou Ren e jogou uma almofada na tela da parede.

Aya riu. Fazer um penteado engraçado em um cachorro não era uma atitude Enferrujada como usar casacos de pele ou comer porcos.

— Ele é um desperdício de gravidade — disse Ren. — Tire o Anônimo do ar!

— Troque pelo famoso acima dele — falou Hiro para o aposento e o rosto irritado do Anônimo desapareceu.

Os olhos de Aya vasculharam os painéis. Nada parecia tão impressionante quanto surfar um trem magnético. As Ardilosas *tinham* que ser mais dignas de fama do que poodles, comer porcos e rumores de imortalidade. Aya precisava apenas ser a primeira divulgadora a colocar o grupo no seu canal.

Então ela viu quem tomara o lugar do Anônimo no canto esquerdo da tela e arregalou os olhos.

— Ei — murmurou Aya. — Quem é aquele cara?

Mas ela já sabia o nome do rapaz lindo com olhos de mangá...

Era Frizz Mizuno.

— *Esse* avoado é o 13º divulgador dos Tecnautas mais popular agora? — reclamou Hiro. — Subiu rápido.

— Liga o som — pediu Aya.

— Nem pensar! — disse Hiro. — Ele é uma piada.

Hiro gesticulou e o rosto de Frizz deu lugar à outra transmissão.

— Hiro!

Ren se aproximou dela no sofá.

— Ele é o fundador de um novo grupo, Honestidade Radical. Hiro só está irritado porque Frizz decidiu divulgar a turma por conta própria, em vez de deixar um de nós ajudar.

Aya franziu a testa.

— Radical o quê?

— Honestidade. — Ren apontou para a têmpora, sua tela ocular. Como um verdadeiro Tecnauta, ele tinha uma em cada olho. — Frizz criou uma nova cirurgia cerebral. É como na Era da Perfeição, só que em vez da pessoa virar uma avoada, a operação altera a mente para ser incapaz de mentir.

— É, a ideia é ser o novo horizonte da interação humana — resmungou Hiro da cadeira. — Mas eles só ficam tagarelando sobre seus sentimentos o dia inteiro.

— Um amigo meu tentou por uma semana — falou Ren. — Ele disse que acaba com qualquer tédio porque, se a pessoa nunca mente, tem *sempre* alguém com raiva dela.

Hiro e Ren gargalharam e os dois voltaram a analisar os outros canais e ver a reputação dos divulgadores aumentar e diminuir. O software religioso foi um fracasso — Gamma-sensei perdeu reputação a manhã inteira. Mas o poodle estava dando certo, como sempre acontecia com animais com visual engraçado, e o Anônimo foi para a posição 63, uma acima do prefeito.

Aya permaneceu calada olhando para o canto da tela que Frizz ocupara brevemente. Estava tentando se lembrar de cada palavra que ele

dissera, como tinha gostado do seu nariz gerado aleatoriamente, que achara Aya misteriosa e queria saber seu nome todo.

E como ele não mentiu sobre nada daquilo.

Claro que, quando Frizz descobrisse que ela não possuía um gosto tão refinado assim em narizes gerados aleatoriamente, que nascera com aquele só porque era uma feia e uma extra que entrava de penetra em festas, o que ele diria então? Frizz não seria educado. A operação de honestidade *faria* com que demonstrasse sua decepção sobre a diferença de ambições entre eles.

A não ser que ela não fosse mais uma extra até lá.

— Ei, Ren — perguntou, baixinho. — Você já roubou imagens de alguém?

— Você quer dizer como os difamadores de moda? Nem pensar. Isso é antidivulgação.

— Não, não quis dizer imagens de pessoas famosas. Mas tipo se disfarçar para conseguir uma matéria.

— Não sei — respondeu Ren, parecendo desconfortável. Ele era um divulgador de tecnologias; seu canal continha mais projetos de equipamentos e interfaces modificadas do que matérias sobre pessoas. — O Conselho Municipal vive mudando de ideia a esse respeito. Eles não querem bancar os Enferrujados ao tornarem as pessoas donas da informação e tal. Mas ninguém gosta daqueles canais que apenas mostram casais sendo traídos ou difamadores de moda debochando de roupas e cirurgias plásticas.

— É, todo mundo odeia esses canais. Exceto as zilhões de pessoas que *assistem*.

— Hum. Você devia perguntar para o Hiro. Ele acompanha esse tipo de coisa.

Aya olhou para o irmão, que estava fascinado pelas transmissões enquanto absorvia as 12 telas ao mesmo tempo. Com certeza ele planejava a grande sucessora da matéria sobre imortalidade. Não era o momento certo para mencionar a própria reportagem, especialmente quando isso implicava falar sobre uma certa câmera flutuante que sumira.

— Talvez não agora. Então, no que você está trabalhando?

— Nada demais. Um grupo de cientistas perfeitos de meia-idade me pediu uma divulgação. Eles possuem alguns méritos, mas nenhuma fama.

Estão tentando recriar todas aquelas espécies que os Enferrujados extinguiram usando resquícios de DNA e lixo genético, sabe.

— Sério? Parece muito divulgável!

— É, até que descobri que eles estão começando com vermes, lesmas e insetos. Aí eu disse: "Vermes? Falem comigo quando chegarem aos tigres!" — gargalhou Ren. — Eu vi sua matéria sobre os grafites no subterrâneo, por falar nisso. Bom trabalho.

— Sério? — Aya percebeu que ficou corada. — Você achou aqueles caras interessantes?

— Vão ser — murmurou Hiro da cadeira — dentro de uns mil anos quando o trabalho deles for desenterrado.

Ren sorriu e sussurrou:

— Viu? Hiro assiste ao seu canal também.

— Não que ela devolva o favor — disse Hiro sem tirar os olhos da tela de parede.

— Então, o que você vai divulgar a seguir, Aya-chan? — perguntou Ren.

— Bem, é meio segredo por enquanto.

— Um segredo? — disse Hiro. — Uhh, misteriosa.

Aya suspirou. Ela fora até ali para pedir ajuda ao irmão, mas obviamente Hiro não estava a fim de ajudar. Ele ficaria insuportável depois de alcançar os mil primeiros lugares.

Talvez fosse uma perda de tempo de qualquer forma. Ela nem tinha certeza de que as Ardilosas manteriam sua promessa de entrar em contato e não sabia como encontrá-las outra vez caso não a procurassem.

— Não se preocupe, Aya-chan — falou Ren. — Não vamos contar para ninguém.

— Bem... OK. Vocês já ouviram falar das Ardilosas?

Ren olhou para Hiro, que se virou devagar na cadeira para encará-la. Havia uma expressão estranha no rosto dos dois.

— Eu ouvi falar delas, mas não são de verdade — disse Hiro.

Aya riu.

— Não são de verdade? Tipo, elas são robôs ou algo assim?

— É mais uma espécie de boato — respondeu o irmão. — As Ardilosas não existem.

— Mas o que você sabe sobre elas? — perguntou Aya.

— Nada. Não há nada *para* se saber sobre elas porque não são de verdade!

— Ora, vamos, Hiro — disse Aya. — Unicórnios não são de verdade e eu sei coisas sobre eles. Tipo... os unicórnios têm chifres nas testas e podem voar!

Hiro gemeu.

— Não, é o Pégaso que voa. Unicórnios têm apenas um chifre e isso os torna bem mais reais do que as Ardilosas, sobre quem eu não tenho *nada* a dizer. É só um termo qualquer que os divulgadores usam. Como no ano passado, quando estavam pulando de pontes usando paraquedas caseiros e ninguém sabia quem eram, todo mundo dizia que foram as Ardilosas. Porque *ardil* significa astúcia ou sutileza.

Aya revirou os olhos.

— Eu sei o que quer dizer, Hiro-sensei. Mas e se elas realmente existissem?

— Aí elas não seriam mais um segredo, não é? Quer dizer, alguns grupos começam discretamente e várias pessoas armam truques ardilosos, mas ninguém se mantém no anonimato para sempre. — Ele passou os olhos pelo apartamento com a imensa tela de parede, os enfeites de origamis, as janelas do chão ao teto com uma vista que se alterava aos poucos. — Graças à economia da reputação, as Ardilosas prefeririam ser famosas. Você sabia que, desde a libertação, todos os criminosos de verdade acabaram confessando?

Aya concordou com a cabeça. *Todo mundo* sabia disso e que os criminosos chegavam aos mil primeiros lugares pelo menos por alguns dias.

— Mas e se...?

— Isso não é real, Aya. Seja lá o que for.

— E se eu trouxesse umas imagens das Ardilosas? O que você diria, então?

Hiro virou de volta para a tela.

— A mesma coisa que diria se você enfiasse um chifre de plástico em um cavalo e começasse a divulgar a existência de unicórnios: pare de desperdiçar meu tempo.

Aya cerrou os punhos e sentiu os olhos arderem. As dúvidas quanto à divulgação de imagens das Ardilosas tinham passado. Ela faria Hiro engolir suas palavras.

Aya virou para Ren.

— Qual é um bom modelo de câmera para pedir? Uma que seja pequena o bastante para esconder? — Tocou em um botão do uniforme do dormitório. — Deste tamanho.

— Isso é fácil — respondeu Ren e, então, franziu a testa. — Onde está sua câmera flutuante, por falar nisso? Você não costumava ir a lugar algum sem a Moggle.

— Ah... bem, era meio por isso que eu estava procurando por você, Ren.

Ele sorriu.

— O que foi, quebrou outra lente? Você tem que parar de pular da janela.

— Hã, é tipo pior do que isso — disse Aya, baixinho, mas notou que Hiro estava escutando. Por que ela sempre era invisível para o irmão até que cometesse um erro? — Sabe, eu meio que... perdi a Moggle.

Ren ficou de olhos arregalados.

— Mas como...?

— Você *perdeu* a câmera? — Hiro virou para eles com uma expressão furiosa no belo rosto. — Como você conseguiu perder uma câmera flutuante? Elas voam para casa se forem deixadas por aí!

— Eu não *deixei* por aí! — exclamou. — Quero dizer, eu nunca...

— Você sabe quanto tempo Ren perdeu naquela modificação?

— Olha, Hiro, eu meio que sei onde a Moggle está. — Aya sentiu um nó na garganta. — Só preciso de uma ajudinha para encontrá-la e... trazê-la à superfície.

— Superfície do *quê*? — gritou Hiro.

— Tem uma espécie de lago subterrâneo e...

A garganta se contraiu ao dizer as palavras e Aya fechou os olhos. Se Hiro continuasse gritando, ela não seguraria o choro.

Aya sentiu a mão de Ren no ombro.

— Calma, Aya-chan.

— Foi mal — conseguiu dizer.

— Bem, parece que é uma matéria capaz de render fama. — Ren soltou o ar devagar. — Acho que tenho algum tempo amanhã. Talvez eu possa ajudar a tirar a Moggle desse... lago subterrâneo?

Aya concordou com a cabeça, de olhos ainda fechados.

— Obrigada, Ren-chan.

— Ela vai perder a câmera de novo — disse Hiro.

— Não vou, não! — gritou ela. — E vou provar que você está errado sobre as Ardilosas também!

Mas Hiro não respondeu... apenas balançou a cabeça.

* * *

Aya voltou para casa ainda tentando não chorar.

Sentia-se exausta, Ren a odiava, e o irmão estúpido ficava mais famoso e horrível a cada segundo. Se Ren não conseguisse encontrar Moggle, Aya não teria como arrumar méritos suficientes para uma nova câmera flutuante.

Tudo o que ela queria fazer era dormir até a manhã seguinte, quando Ren prometeu que a encontraria na nova zona de construção. Mas a tarde estava repleta de aulas, as mesmas que havia reprogramado do período da manhã e mais a temida aula de Inglês Avançado. Não dava para matar: o estudo era o jeito mais fácil de acumular méritos quando a pessoa era feia. Os melhores empregos ficavam nas mãos dos perfeitos e coroas.

Quando chegou ao dormitório Akira, ela foi até o porão e encontrou uma tela de parede vazia.

— Aya Fuse — falou para o aparelho.

A tela ligou e mostrou suas mensagens e tarefas enquanto exibia sua pobre reputação de 451.441.

Ela estava ansiosa para pesquisar sobre Frizz Mizuno e a Honestidade Radical, mas não até terminar os deveres de casa. Ao examinar a lista de tarefas, os olhos pararam em um ping...

Não tinha remetente e era cheio de animações como os coraçõezinhos flutuantes que as crianças usavam para decorar suas mensagens. Mas os desenhos não eram corações, pontos de exclamações ou sorrisos, e sim de olhos — sem graça, sem terem passado por cirurgias, olhos de Normais — que piscavam para ela.

Aya abriu o ping...

> Vimos sua matéria sobre os grafiteiros. Nada mal para uma divulgadora. Encontre-nos à meia-noite onde a linha do trem magnético sai da Vila Feia.
>
> Mas se trouxer uma câmera, não vamos te deixar brincar.

— suas novas amigas

— Não posso usar a minha própria prancha?

— Esse brinquedo? Lento demais. O trem vai estar a 150 quilômetros por hora no momento em que você pular nele — disse Jai com desdém.

— Ah. — Aya olhou para a longa curva reluzente da linha do trem magnético. Ela passava por prédios industriais baixos, um arco branco através da fraca iluminação laranja. As Ardilosas a haviam levado para o limite da cidade, onde o cinturão verde dava espaço para fábricas e novas expansões. — Eu só achei que vocês pegassem o trem enquanto estava parado.

— Os guardas estão *esperando* por isso, não é? — Jai balançou os pés despreocupadamente, como se não houvesse uma queda livre de 100 metros abaixo delas. — Eles têm monitores espalhados por todo o pátio.

— Mas 150 quilômetros por hora não é meio rápido demais? — O dispositivo de segurança da maioria das pranchas limitava a velocidade a 60 quilômetros por hora.

— Isso não é nada para um trem magnético — disse Eden Maru. — Vamos pegá-lo quando diminuir a velocidade para fazem a curva. — Ela apontou para o mato. — Os trens atingem 300 quilômetros por hora assim que pegam a linha reta para fora da cidade.

— Trezentos? E ainda estaremos surfando?

— Tomara que sim. — Jai sorriu. — Considerando a alternativa.

Aya olhou para os braceletes magnéticos presos aos pulsos dela. Eram parecidos com os modelos antiqueda que usava para os tombos de prancha, só que bem maiores. Mas seriam fortes o suficiente para lutar contra um vento contrário de 300 quilômetros por hora?

Ela se encolheu e tentou não olhar para a queda preocupante. As três estavam equilibradas em cima de uma torre de transmissão, alta o suficiente para ver a escuridão no horizonte, o ponto onde a cidade acabava.

Aya nunca tinha visto a floresta antes, exceto em canais sobre a natureza. De alguma maneira, pensar em se aventurar naquela desolação

sem luz era ainda mais assustador do que pular sobre um trem em velocidade.

A ausência de Moggle a deixou duplamente receosa. Era assustador pensar que nada daquilo estava sendo gravado. O que quer que acontecesse teria acabado na manhã seguinte, como um sonho. Aya sentiu que estava isolada do mundo, que ela mesma não existia.

— O próximo trem passa em três minutos — disse Jai. — Então, qual é a coisa mais importante para se lembrar assim que estivermos surfando?

Um suor gelado percorreu a espinha de Aya.

— Os avisos de decapitação.

— E como eles funcionam?

— Quando alguém na minha frente piscar uma luz amarela, significa "abaixar". Luz vermelha é sinal de que vem um túnel, então é para deitar sobre o trem.

— Só não se empolgue demais ou vai perder a cabeça. — Jai riu.

Aya se perguntou se as Ardilosas já tinham pensado em fazer a viagem inteira deitadas, o que diminuiria o risco de decapitação. Ou se já tinham se tocado que não surfar trens magnéticos *em hipótese alguma* tornaria inconcebível a ideia de perder a cabeça, como deveria ser.

— Parece que já dominou os sinais — disse Jai.

— É, ela é praticamente uma especialista — falou Eden com desdém.

— Relaxa, rainha da fama. Nem todas somos estrelas do aerobol — respondeu Jai.

— Nem todas somos meninas de 15 anos. Ou divulgadoras.

— Ela nem tem mais uma câmera.

Aya ouviu a discussão e imaginou qual seria a reputação de Jai. Muita gente que evitava os canais era famosa, obviamente. Na verdade, a pessoa mais famosa da cidade — do mundo todo — não tinha um canal próprio. Mas todo mundo falava dela sempre que mencionavam a libertação.

— Você não precisa se preocupar comigo — disse Aya. — Só porque sou feia não quer dizer que sou burra.

— Claro que não. Na verdade, eu acho sua feiura encantadora — afirmou Jai.

— Tenho ouvido muito isso ultimamente — disse Aya, pensando em Frizz Mizuno.

— Falta um minuto! — Eden gritou e pulou da torre. O aparato de aerobol impediu a queda e ela deu uma pirueta no ar para encará-las. —

Só tome cuidado, Aya.

— Ela vai. — Jai se soltou e pisou na prancha, que a esperava. — Elas sempre tomam cuidado na primeira vez!

Jai gargalhou e deu meia-volta. As duas dispararam juntas em direção à linha férrea.

Aya pisou com cuidado na prancha de alta velocidade que recebeu das Ardilosas. Ela cedeu um pouco com o peso como uma prancha de mergulho, mas dava para sentir a energia passando debaixo dos pés.

Agora era possível ver o trem que se aproximava, saindo devagar do pátio, carregado de mercadorias para outras cidades. Aya não tinha ouvido o barulho ainda, mas sabia que três toneladas de metal em alta velocidade iriam sacudir a terra como a decolagem de uma nave suborbital assim que o trem passasse.

Ela seguiu Jai e Eden pela zona industrial até o esconderijo onde as demais esperavam, no telhado de um prédio baixo próximo aos trilhos. Alguns caminhões automatizados passaram pelas ruas abaixo fazendo barulho enquanto atendiam às fábricas e aos prédios. Não havia ninguém em lugar algum.

Enquanto Aya manobrava para pousar, o cascalho solto foi esmagado por sua prancha. Ela se escondeu atrás de um exaustor alto que emanava fumaça do interior da fábrica. Um cheiro de enxofre e cola quente tomou conta do ar.

Agachada ali, ouvindo o barulho do trem ao longe, Aya se viu pensando em Frizz Mizuno outra vez. Ele parecia cruzar sua mente de poucos em poucos minutos. Como uma conversa qualquer podia mexer tanto com a cabeça?

Os professores sempre alertavam sobre se envolver demais com os perfeitos. Desde a libertação, eles não eram tão inocentes quanto pareciam. Podiam mexer com a cabeça facilmente, bastava olhar aqueles olhos grandes e lindos.

Obviamente, Frizz não era assim. Ela verificou a interface da cidade após as aulas e Ren estava certo sobre a Honestidade Radical: o grupo não podia mentir ou sequer *insinuar* uma falsidade. A parte do cérebro responsável por mentir fora desligada, assim como os avoados não tinham força de vontade, criatividade ou desespero.

Mas o fato de Frizz ser sincero só o tornava mais perturbador. Assim como sua reputação, que crescia com o passar das horas. Ele era um

perfeito havia apenas alguns meses e já estava a caminho dos mil primeiros lugares.

— Nervosa? — perguntou uma voz da escuridão.

Era uma das Ardilosas agachada atrás de outro exaustor. Ela parecia mais jovem que Jai e Eden, com a mesma cirurgia de Normal e roupas sem graça que todas usavam.

— Não, estou bem.

— Mas surfar é mais *divertido* se você estiver com medo.

Aya riu. Com o cabelo castanho descuidado, a garota quase parecia uma feia. Os olhos eram tão sem vida que Aya se perguntou se ela fizera uma cirurgia para deixá-los assim.

— Isso deve ser bem divertido então.

— Ótimo. — A garota sorriu. — É para ser divertido!

Ela parecia estar se divertindo com certeza. À medida que o barulho do trem aumentava, seu sorriso reluzia como o de um perfeito na escuridão. Aya se perguntou o que a deixava tão empolgada a ponto de arriscar a vida daquele jeito. Quantas pessoas sequer sabiam que a garota era uma Ardilosa?

— Ei, você não é do meu dormitório? — perguntou Aya. — Qual é o seu nome?

A garota riu.

— Você vai verificar a minha reputação depois?

— Ah. — Aya afastou o olhar. — Fui muito óbvia?

— A fama é sempre óbvia, essa é a questão. — Ela olhou para o esconderijo de Jai. — Sei que você divulga matérias de vez em quando. Vamos ter que dar um jeito nesse hábito.

— Foi mal ter perguntado.

— Não tem problema. Olha, para você se sentir melhor, meu primeiro nome é Miki. E minha reputação está em torno de 997.000.

— Você está brincando... né?

— Bem ardilosa, hein? — Miki falou com um sorriso.

Aya balançou a cabeça, tentando pensar com o barulho cada vez mais alto do trem. Qualquer pessoa que armasse truques como aquele já deveria ter entrado para os cem mil primeiros, não importava se fosse divulgada ou não. A interface da cidade captava qualquer menção a um nome, especialmente fofoca, lendas e rumores.

E a posição de 997.000 era quase um *milhão*! Era o território dos mais extras possíveis, como os recém-nascidos e os coroas que nunca tomaram a pílula da libertação. Pessoas praticamente inexistentes.

Miki riu diante de sua expressão atônita.

— Obviamente Jai é ainda mais ardilosa. Por isso é a chefe.

— Você quer dizer que ela é *menos* famosa?

Miki deu uma piscadela.

— Beirando o milhão.

— Fiquem prontas! — gritou Eden Maru, quase inaudível sobre o rugido do trem.

— Hora de surfar! — berrou Miki, ajoelhando-se.

Aya pegou a prancha pela ponta e tentou se concentrar. A matéria de repente tinha ficado mais estranha do que apenas gente que surfava em trens magnéticos. Por alguma razão, as Ardilosas tinham virado a economia de reputação de cabeça para baixo.

Elas *queriam* desaparecer. Mas por quê?

Os braceletes antiqueda se uniram à prancha e Aya ficou bem presa. O próprio telhado da fábrica estava tremendo agora, o cascalho dançava como granizo caindo na grama.

Ela finalmente poderia divulgar uma matéria como as do Hiro: com grandes entrevistas surpreendentes, várias telas contando as histórias das Ardilosas, imagens radicais do surfe no trem e de reuniões nos subterrâneos. Como se fosse possível filmar sem que elas descobrissem... e com a câmera no fundo de um lago.

Aya olhou sobre o ombro para Jai, dando um sorriso cruel. Finalmente sabia como se vingar por terem jogado Moggle na água. Ela iria divulgar a matéria para todo mundo e tornar as Ardilosas mais famosas do que poderiam imaginar em seus piores pesadelos.

Daria um jeito de que *todos* soubessem seus nomes.

— Ei, você está meio esquisita — falou Miki acima do rugido. — Não está finalmente ficando com medo, né?

Aya riu.

— Não, só estou me aprontando!

O trovão ficou cada vez mais alto e finalmente explodiu quando o trem chegou, um borrão de luzes e som que passou em alta velocidade. Uma dúzia de redemoinhos de poeira surgiu no telhado.

Então o trem apontou para a curva e Aya ouviu um zumbido cada vez mais alto, como uma orquestra de taças de vinho sendo afinada. Trezentas toneladas de metal flutuante e material inteligente estavam se curvando e diminuindo aos poucos a velocidade.

— Agora! — gritou Eden.

E elas alçaram voo.

SURFANDO

A prancha disparou e puxou Aya pelos pulsos.

Ela girou como se estivesse em uma derrapagem séria, daquelas em que os braceletes antiqueda quase arrancavam os braços do piloto. Mas uma derrapagem nunca durava tanto assim. A prancha de Aya continuava acelerando, cada vez mais rápida sobre a curva da linha do trem.

Aya se segurou ao máximo contra a prancha, com os pés para fora da traseira e o casaco do dormitório estalando como uma bandeira em uma ventania.

Com os olhos apertados contra o vento, Aya mal conseguia enxergar alguma coisa. A alguns metros à frente, Miki não era nada mais do que um borrão. Felizmente a prancha tinha sido programada para voar sozinha até que alcançasse a velocidade do trem.

Quando fugira na noite anterior para procurar por Eden e suas amigas, Aya jamais esperava que *ela mesma* surfaria o trem. Imaginou que seguiria a uma distância segura enquanto Moggle capturaria as imagens mais de perto para o canal.

E ali estava ela, pegando a carona mais radical de sua vida, e nem estava sendo filmada!

O chão passou voando abaixo, mas o trem ao lado de Aya parecia estar diminuindo a velocidade gradualmente. A prancha realmente o estava alcançando.

Logo Aya teria que subir no trem.

Por um instante ela pensou em se afastar e disparar noite adentro. Ainda era possível divulgar a existência de um grupo secreto que gostava de armar truques e evitar fama.

Obviamente, ela não teria nada que corroborasse a reportagem além de dois braceletes antiqueda, uma prancha de alta velocidade e uma câmera flutuante encharcada. À exceção de Eden Maru, Aya sequer sabia os nomes completos das meninas. Ninguém iria acreditar nela — especialmente Hiro.

Para conseguir as imagens que precisava, era necessário fazer com que as Ardilosas pensassem que Aya Fuse era uma delas. E, para isso, ela

precisava surfar aquele trem.

No vento uivante, era possível sentir as poderosas forças ao redor à espera de um erro qualquer. O trem magnético pareceu tomar seu lugar ao lado de Aya assim que a prancha alcançou sua velocidade.

O piloto automático da prancha voadora piscou uma vez. Tinha feito seu trabalho.

Agora Aya estava no comando.

Jai havia alertado sobre esse momento. Qualquer variação de peso poderia fazer com que a prancha colidisse com o trem ou girasse até bater em um prédio.

Na frente de Aya, Miki estava balançando de um lado para o outro para testar o controle.

Aya prendeu a respiração... e ergueu os dedos da mão direita. O vento os empurrou dolorosamente e a prancha tremeu ao se afastar do trem.

Ela fechou o punho e os estabilizadores entraram em ação para controlar a prancha voadora. A mão inteira doía.

Aquilo era veloz... Se ao menos Moggle estivesse assistindo.

À frente, Miki estava a apenas um metro do trem, enquanto outra garota mais adiante quase alcançou o topo com a mão. Aya precisava subir a bordo antes que terminasse a curva.

— Lá vai — disse, entre dentes.

Aya dobrou o polegar esquerdo quase sem tirá-lo da ponta da prancha, que deu uma resposta mais estável dessa vez e embicou para o topo do trem magnético. Aya se aproximou aos poucos, com cuidado, como quem controla uma pipa com puxões de leve na linha.

A alguns metros do trem, a prancha começou a pular e tremer outra vez. Jai também tinha avisado sobre isso: a onda de choque, uma fronteira invisível de turbulência criada pela passagem do trem.

Aya lutou contra o turbilhão com gestos e forçou todos os músculos. Seus ouvidos estalavam com a mudança de pressão e os olhos lacrimejavam por causa do vento.

De repente ela saiu da turbulência e cruzou o espaço que faltava para bater suavemente contra a lateral de metal do trem. Aya sentiu as vibrações do veículo reverberando na prancha enquanto os ímãs faziam a conexão.

O barulho do vento ficou abafado — ela estava dentro da fina bolha de tranquilidade que envolvia o trem como o olho de um furacão.

Aya desmagnetizou o bracelete antiqueda esquerdo e arrastou lentamente a mão da superfície aderente da prancha para o topo do trem.

Sua mão o atingiu com força e firmeza.

Mas Aya ficou nervosa ao pensar em desligar o outro bracelete antiqueda. A prancha voadora tinha o seu tamanho, enquanto o trem magnético era imenso e poderoso. Era como se um rato pegasse carona em um dinossauro em disparada.

Aya fechou os olhos, soltou a mão direita, impulsionou o corpo na direção do teto do trem e bateu com o pulso para baixo.

Havia conseguido! O trem rugia embaixo de Aya como um vulcão agitado e a ventania meio abafada ainda sacudia seus cabelos e roupas, mas ela estava a bordo.

O zumbido ficou mais alto — as juntas de material inteligente do trem estavam se endireitando outra vez. Ela conseguira bem a tempo.

O topo do trem se estendia em uma linha reta à sua frente com nove Ardilosas em cima. Ao olhar para trás, com o vento jogando cabelo em sua boca, Aya viu as outras três — todo mundo conseguira.

A ventania aumentava à medida que o trem acelerava, e a maioria delas já estava surfando de pé com os braços abertos para pegar o vento. Era igual a voar, como Eden dissera.

Aya suspirou. Como se pegar carona em um trem magnético já não fosse perigoso o bastante *sem ficar de pé*!

Mas para o grupo aceitá-la, Aya precisaria ser tão destemida quanto elas. E ninguém surfava de verdade deitado.

Ela soltou as tiras do bracelete da mão direita, tirou-o e colocou sobre seu pé. Foi meio desajeitado, mas depois de um minuto se equilibrando, conseguiu amarrá-lo firme no tornozelo.

Aya magnetizou o bracelete antiqueda e sentiu a planta do pé ficar presa ao topo de metal.

Com cuidado, soltou o outro pulso... o vento não a levou.

Tinha chegado o momento do medo.

Aya se ergueu aos poucos, com os pés afastados e os braços abertos como uma criança em uma prancha voadora pela primeira vez. Lá na frente, o corpo de Miki ficou de lado contra o vento, como um esgrimista se esgueirando para dificultar um ataque. Aya a imitou enquanto se levantava.

Quando mais erguia o corpo, mais o vento ganhava força. Redemoinhos invisíveis batiam contra seu corpo e davam nós em seus cabelos.

Mas Aya finalmente conseguiu ficar de pé com todos os músculos retesados.

Ao redor, o mundo era um borrão frenético.

O trem chegou ao limite da nova área de expansão para onde a cidade crescia a cada dia. Refletores passaram voando como cometas de cor laranja, seguidos por escavadeiras do tamanho de mansões. A floresta estava logo à frente, uma massa escura constante contra o redemoinho de luzes, barulho e vento cortante.

Então o último brilho da obra passou e o trem mergulhou em um mar de escuridão. Como a rede ficou para trás, a dermantena de Aya perdeu a conexão com a interface da cidade. O mundo rapidamente ficou vazio: sem canais, sem reputação, sem fama.

Como se o vento uivante tivesse arrancado tudo.

Mas, de certa forma, Aya não sentia falta de nada daquilo — ela estava rindo. Tinha a sensação de que era enorme e nada podia detê-la, como uma criança em cima de um cavalo em disparada.

A potência impressionante do trem fluía pelas mãos. Ao colocar as palmas contra o vento, Aya foi levantada pela corrente de ar, que forçou as tiras do bracelete no tornozelo como um pássaro lutando para voar. Cada gesto provocava uma mudança de posição no corpo como se o vento fosse uma extensão de sua vontade.

Porém, logo à frente, a silhueta escura de Miki se agachou. Havia algo em sua mão.

Uma luz amarela.

— Droga! — Aya virou as mãos para baixo e dobrou os joelhos.

Ao ficar encolhida sobre o topo do trem, algo enorme e invisível cortou o ar acima de sua cabeça e silvou como a lâmina de uma espada. A onda de choque passou por ela como um golpe.

Então foi embora. Aya nem viu o que foi.

Ela engoliu em seco e apertou os olhos contra o vento. À frente, uma corrente de luzes amarelas se estendia até a ponta do trem. Elas foram apagando uma a uma com o passar do perigo.

Como Aya não tinha percebido as luzes?

“Não se empolgue demais”, havia alertado Jai, “ou vai perder a cabeça”.

Tremendo, ela se levantou devagar. A sensação momentânea de poder passou. A escuridão se estendia à frente até onde era possível enxergar.

De repente, Aya Fuse se sentiu muito pequena.

TÚNEL

Havia quatro coisas sobre a natureza que Aya estava realizando.

Não tinha forma. A floresta que passava como um borrão dos dois lados do trem era uma massa impenetrável, um vazio de velocidade.

Era interminável, ou talvez o tempo houvesse parado. Aya não tinha noção se estava surfando há minutos ou horas.

Terceiro, a natureza possuía um céu enorme — o que não fazia sentido, pois afinal ele deveria ser do mesmo tamanho em qualquer lugar. Mas a escuridão acima se espalhava sem ser interrompida pelos prédios da cidade ou perturbada por outras luzes. Era enorme e cheio de estrelas.

E, por fim, a natureza era fria. Isso talvez fosse por causa do vento de 300 quilômetros por hora no rosto de Aya.

Da próxima vez, ela levaria dois casacos.

Algum tempo depois, Aya viu a silhueta escura de Miki se agachando. Ela olhou preocupada para as outras garotas à frente, mas não havia nenhuma luz avisando sobre decapitação.

Miki parecia estar brincando com o bracelete ao redor do tornozelo — e então, de repente, ela se soltou e deslizou sentada e de costas pelo topo do trem, levada pelo poderoso vento contrário.

— Miki! — gritou Aya, ajoelhando-se e esticando a mão.

Assim que chegou ao alcance de Aya, Miki bateu com o bracelete no topo e parou. Ela estava rindo, os cabelos sacudindo freneticamente ao vento.

— Ei, Aya-chan! — Miki gritou. — Como vão as coisas?

Aya recolheu a mão.

— Você me assustou!

— Foi mal. — Miki deu de ombros. — O vento sempre carrega a pessoa para a traseira do trem. Está curtindo?

Aya respirou fundo.

— Claro. Mas está um gelo aqui.

— Nem brinca. — Miki levantou a camiseta padrão e mostrou o traje de guardião. — Mas isso aqui resolve.

Aya esfregou as mãos e desejou que Jai tivesse avisado sobre o frio.

— Eu vim até aqui porque estamos quase nas montanhas — gritou Miki, erguendo-se sobre um joelho. — É o momento em que o trem diminui a velocidade de novo.

— E nós pulamos fora?

— Sim. Mas primeiro vem o túnel.

— Ah, certo. — Aya estremeceu. — A luz vermelha de aviso. Eu quase perdi a primeira amarela.

— Não se preocupe. É difícil ser atacada de surpresa por uma montanha. — Miki passou o braço pelos ombros de Aya. — E lá não venta tanto.

Aya estremeceu de novo e se encolheu.

— Mal posso esperar.

A cadeia de montanhas surgiu lentamente no horizonte, uma silhueta escura contra o céu estrelado.

Com a aproximação, Aya percebeu como as montanhas eram imensas. A que se encontrava bem à frente parecia mais larga do que o estádio de futebol local e mais alta do que a torre central da cidade. Ao se aproximarem, a montanha pareceu devorar o céu como uma parede de escuridão vindo na direção das Ardilosas.

Agora, Aya estava se acostumando com o tamanho inesperado de tudo na natureza. Imaginava como alguém conseguira cruzá-la na época dos Pré-Enferrujados, antes dos trens magnéticos, das pranchas voadoras ou mesmo dos carros terrestres. A escala era suficiente para fazer qualquer um perder a cabeça.

Não era de estranhar que os Enferrujados tivessem tentado pavimentar a natureza.

— Aqui vamos nós — disse Miki, apontando.

Uma luz vermelha brilhou na ponta do trem e outra apareceu atrás. Uma sequência de mais sete luzes se acendeu como uma corrente de sinalizadores.

Miki tirou uma lanterna do bolso e ligou. Ela mudou para luz vermelha e apontou para a traseira do trem.

Aya já estava soltando o bracelete do tornozelo. Queria estar com os dois pulsos magnetizados na hora em que alcançassem o túnel.

— Você está bem? — perguntou Miki. — Parece esquisita.

— Estou bem. — Aya estremeceu. De repente, sentiu-se pequena outra vez, como quando o trem entrou pela primeira vez na natureza.

— Não tem problema estar insegura ainda. Eu não surfo apenas porque é divertido, sabe? Surfar também provoca mudanças em mim. E demora um pouco para se acostumar com isso.

Aya balançou a cabeça. Não queria parecer indiferente. As Ardilosas precisavam acreditar que ela era uma delas, que adotara a energia do grupo a ponto de desistir da divulgação de uma vez por todas.

Mas era verdade — algo mudara dentro de Aya, algo que ainda não entendia o que era. A viagem de trem a levou rapidamente do terror ao êxtase e, então, na mesma velocidade, à insignificância...

Ela olhou para a paisagem escura e tentou desembaralhar as emoções. A sensação não era como o pânico do anonimato que a consumia sempre que via as luzes da cidade, aquela horrível certeza de que jamais seria famosa, de que todas aquelas pessoas nunca iriam se importar com ela.

De alguma forma, ao olhar para a escuridão, Aya ficou contente que o mundo fosse tão maior do que ela. Atônita, mas tranquila.

— Eu sei o que você quer dizer... estar aqui fora é de virar a cabeça.

— Ótimo. — Miki sorriu. — Agora, abaixe a cabeça.

— Ah, certo. O túnel.

Elas deitaram no trem e bateram os braceletes no topo com força. A montanha se aproximava cada vez mais, até que surgiu acima delas como uma onda enorme vinda de um mar escuro.

Aya apertou os olhos e viu as luzes vermelhas desaparecerem uma por uma, engolidas pela boca do túnel juntamente com metade do trem.

Então, com um forte estremecer do ar, a escuridão consumiu as duas. O rugido do trem ficou duas vezes mais forte com o eco e a reverberação. O corpo inteiro de Aya sentiu a diferença da vibração do trem.

A escuridão do túnel era cem vezes mais intensa do que o céu estrelado lá fora, mas Aya sentiu o teto passando perto o bastante para ser tocado, se quisesse perder a mão.

Sentiu a pressão de toneladas de rocha acima da cabeça, uma massa infinita como se o céu tivesse virado pedra. Alguns segundos antes o trem magnético pareceu ser enorme, mas ficou instantaneamente pequeno diante da montanha, que espremeu Aya no pequeno espaço entre os dois.

— Sentiu isso? — perguntou Miki.

Aya virou a cabeça.

— O quê?

— Acho que estamos diminuindo a velocidade.

— Já? — Aya franziu a testa. — A curva não fica do lado de fora do túnel?

— Sim, mas ouça.

Aya prestou atenção no rugido ao redor. Aos poucos os ouvidos começaram a separar os sons. Havia um ritmo dentro do barulho do trem, uma batida constante causada por algum defeito na linha.

E essa batida estava diminuindo.

— Você está certa. O trem costuma parar aqui?

— Não que eu saiba. Uau! Sentiu isso?

— Hã, sim.

O corpo de Aya foi para a frente. O trem estava freando mais rápido agora. Presos pelos braceletes, seus pés giraram por causa da inércia.

O rugido morreu aos poucos enquanto o trem executava uma parada suave e silenciosa. O sossego provocou arrepios na pele de Aya.

— Deve ter acontecido algo de errado com o trem — falou Miki baixinho. — Espero que consertem rápido.

— Eu achava que os trens de carga não conduziam pessoas.

— Alguns têm. — Miki soltou o ar devagar. — Acho que temos que esperar e...

O teto do túnel refletiu uma luz que surgiu do lado direito do trem, indo de um lado para o outro como uma lanterna na mão. Pela primeira vez, Aya viu que o interior era um cilindro de rocha lisa envolvendo o trem. O teto estava a uns 20 centímetros de sua cabeça. Ela levantou a mão e tocou a pedra fria.

— Droga! — Miki reclamou. — Nossas pranchas!

Aya engoliu em seco. As pranchas voadoras ainda estavam presas ao lado direito do trem, a poucos metros acima da altura da cabeça. Se a pessoa que estivesse lá fora olhasse para cima, com certeza iria se perguntar o que era aquilo.

— Vamos ver o que está acontecendo — sussurrou Miki. Ela soltou os pulsos e foi até a borda do topo do trem.

Aya também soltou os braceletes e seguiu Miki. Se as pranchas fossem vistas, elas tinham que avisar as demais imediatamente.

As duas olharam sobre a beirada. Havia um grupo de três figuras no espaço apertado entre o trem e a pedra. As lanternas distorciam as

sombras. Aya percebeu que as figuras flutuavam usando aparatos de aerobol como o de Eden.

Mas não viram as pranchas. Na verdade, o trio nem olhava para o trem, e sim para a parede do túnel.

Que estava se mexendo.

A pedra da montanha estava se transformando, ondulando suavemente e mudando de cor como óleo na superfície de água agitada. Um som como o zumbido de uma taça de vinho encheu o túnel. Aya sentiu um gosto diferente no ar, como na temporada de chuvas quando uma tempestade está prestes a cair.

Uma por uma, as camadas da pedra líquida se afastaram até que uma porta larga se abriu na parede do túnel.

O trio jogou a luz das lanternas para o interior da passagem, mas Aya não conseguiu enxergar lá dentro de cima do trem. Ela ouviu um eco vindo de um espaço grande e notou um brilho laranja na porta que se misturou às sombras provocadas pelas lanternas.

Um painel se abriu na lateral do trem, do mesmo tamanho da passagem na parede do túnel. O trem se ajeitou sobre os sustentadores magnéticos até que as duas aberturas ficassem alinhadas.

Uma das figuras se mexeu e Aya recolheu a cabeça para as sombras. Quando voltou a olhar, as três haviam recuado para ver um grande objeto sair pela abertura do trem.

Parecia ser um cilindro de metal sólido, mais alto que Aya e com um metro de largura. Devia ser pesado: os quatro robôs carregadores presos à base do objeto tremiam ao transportá-lo através do vão ao ritmo lento de um cortejo fúnebre.

Antes que o objeto sumisse no interior da montanha, surgiu outro igualzinho ao primeiro. E mais um terceiro saiu do trem.

— Você está vendo essas pessoas? — sussurrou Miki.

— Sim, mas quem são elas?

— Não são humanas.

— Não são... *o quê*?

Aya virou para o rosto de Miki e percebeu que ela não estava observando os objetos passarem flutuando, e sim encarando, de olhos arregalados, as pessoas lá embaixo.

Aya olhou na escuridão e finalmente notou que as sombras causadas pelas lanternas não estavam distorcendo as figuras como havia pensado.

As pessoas flutuando nas trevas eram simplesmente *erradas* — tinham pernas absurdamente longas e magras, os braços se dobravam em vários pontos, os dedos eram tão compridos quanto pincéis de caligrafia. E os rostos... os olhos grandes estavam muito separados, a pele era branca e não tinha pelos.

Como Miki dissera, não eram humanas.

Aya arfou e Miki a puxou de volta, para longe da beirada do trem. Ficaram deitadas lado a lado, Aya de olhos bem fechados e com o coração disparado ao imaginar que uma daquelas mãos compridas ia alcançar o topo do trem para pegá-la.

Ela se esforçou para respirar devagar e cerrou os punhos até o pânico passar.

Aya finalmente voltou à beirada do trem e olhou para baixo. Desejou pela centésima vez que Moggle estivesse flutuando perto de seu ombro, mas só tinha os próprios olhos e o cérebro.

As figuras inumanas ainda flutuavam por ali enquanto observavam a procissão de robôs carregadores ir da porta no túnel ao trem. Eles levavam cadeiras, telas de parede, sintetizadores de comida e recicladores industriais de água, inúmeros contêineres de lixo. Até mesmo um aquário completo era transportado por dois robôs com o borbulhador ainda funcionando e os pobres peixes indo de um lado para o outro.

Certamente alguém estava de mudança do espaço escondido no túnel... mas o que eram aquelas coisas de metal que os robôs levavam para *dentro*?

Finalmente o trem se fechou e o zumbido tomou conta do ar outra vez. Filamentos pretos se entrelaçaram sobre a abertura no túnel como uma teia de aranha sendo tecida em câmera lenta. Então as camadas de pedra ondularam sobre os filamentos até que a passagem foi totalmente encoberta.

— Matéria inteligente — sussurrou Miki ao lado de Aya.

Enquanto ela concordava com a cabeça, a superfície tremeu pela última vez e virou uma perfeita imitação de rocha. As lanternas foram apagadas, o que devolveu a escuridão absoluta ao túnel.

— Vamos nessa — sussurrou Miki, puxando Aya para o centro do topo do trem, que logo entrou em movimento. O vento recomeçou a girar ao redor delas. — Nós vamos pular em breve e aí contamos para as outras.

— Mas quem eram aquelas pessoas, Miki?

— Acho que você quer dizer *o que* eram elas?

— É.

Aya ficou ali deitada na escuridão, exausta, tentando repassar na mente o que tinha visto. Precisava de tempo para pensar; precisava da interface da cidade. E, mais do que tudo, precisava de Moggle.

Aquela matéria tinha acabado de ficar muito mais complicada.

RESGATE

— Sabe, quando eu tornei a Moggle à prova d'água, não pensei que você fosse *precisar* disso um dia.

— Foi mal — suspirou Aya. Dissera isso umas mil vezes desde que encontrara Ren naquela manhã, e ela mesma precisava admitir que aquilo estava ficando chato. — Hã, quero dizer, isso não vai acontecer de novo.

Ren baixou o olhar de volta para as águas escuras e plácidas.

— Para começo de conversa, você ainda não me contou o que aconteceu aqui.

— Elas devem ter pego a Moggle de surpresa. Usaram uma trava, disso eu tenho certeza absoluta. — Aya pisou na ponta da prancha e olhou para baixo. Nem tinha certeza se estava sobre o ponto certo. As memórias daquela noite eram sombrias e caóticas, e como agora as lâmpadas flutuantes de Ren iluminavam o reservatório com um brilho alegre, nada batia com as imagens que tinha na mente. — Elas jogaram a câmera aqui, eu acho.

— Elas... as Ardilosas, você quer dizer?

— Sim, Ren, elas são reais. Você só não as viu porque as Ardilosas não gostam muito de divulgadores. — Aya apontou para a superfície escura. — Daí minha câmera flutuante estar debaixo d'água.

Ele fez um som de desdém enquanto os polegares acionavam um instrumento nas mãos e as telas oculares giravam. Ren fazia as próprias caixas de truques, aparelhos que podiam conversar com qualquer máquina na cidade.

— Bem, elas usaram uma trava avançada. A Moggle não está aparecendo de jeito nenhum: não há sinal de conexão com a cidade ou de um canal particular, nem mesmo um pontinho de bateria.

Aya gemeu. O som rebateu na superfície da água e ecoou pelas antigas paredes de tijolos como um coro de derrota. O reservatório era ainda maior do que ela se lembrava, grande o suficiente para armazenar toda a água que caía durante a temporada de chuvas. Encontrar uma pequena câmera flutuante lá embaixo seria impossível.

— O que vamos fazer?

— Bem, nós, Tecnautas, temos um ditado: se não for possível usar a mais nova tecnologia, use apenas os olhos. — Ele mexeu nos controles do aparelho e uma das pequenas lâmpadas flutuantes jogou um facho de luz ofuscante dentro d'água. Ela voou e parou ao lado de Aya para iluminar as profundezas do reservatório.

Aya desceu com a prancha até a superfície da água e ajoelhou para ver o fundo.

— Uau... a gente bebe isso mesmo?

— Eles filtram antes, Aya-chan.

A água era turva, cheia de sujeira boiando e detritos que desciam pelas galerias pluviais. Tinha cheiro de terra molhada e folhas podres.

— A luz pode ficar mais forte?

— Talvez isso ajude. — Ren mexeu a mão e a lâmpada flutuante desceu até sua ponta romper a superfície.

O facho de luz ficou mais intenso e uma meia esfera de água luminosa surgiu debaixo de Aya, como se ela estivesse flutuando sobre um pôr do sol de cabeça para baixo, em tons de verde e marrom.

Ela finalmente conseguiu ver o fundo do reservatório: uma fina camada de lodo, galhos e entulho de construção com poucos pontos onde os velhos tijolos apareciam.

Mas nada de Moggle.

— Hum, talvez esse seja o ponto errado.

— Que pena. — Ren deitou-se sobre a prancha e ficou olhando para o teto arqueado. Levantou as mãos e gesticulou para acionar algum jogo. — Quando encontrar o ponto certo, me avise.

— Mas, Ren-chan...

— Até mais tarde, perde-câmera.

Ela começou a reclamar outra vez, mas as telas oculares de Ren passaram a piscar em ritmo de imersão completa. Seus dedos se agitavam e mexiam muito, ele estava totalmente envolvido no jogo.

Aya suspirou e se deitou de bruços na prancha com o queixo apoiado na ponta. Se deixou flutuar lentamente pela água enquanto olhava através da sujeira iluminada.

Ren tinha razão: isso era chato, definitivamente. Todas as vezes que a lâmpada flutuante a seguia, sua ponta agitava a superfície e Aya tinha que esperar a água acalmar para observar de novo. Ela viu alguns entulhos surpreendentes — um bumerangue, os restos de uma pipa-caixa amassada,

uma espada quebrada —, mas ainda assim nada de Moggle. Dava para entender por que Ren preferia jogar a ficar olhando para o fundo do lago cheio de lixo.

Pelo menos as notas do dia anterior tinham sido altas, e o trabalho como babá depois do almoço seria suficiente para conseguir os últimos méritos necessários para adquirir uma pintura de camuflagem preta para Moggle.

Quando aquela matéria fosse finalmente divulgada, ela ficaria famosa o suficiente para jamais se preocupar em juntar créditos.

Enquanto vasculhava as misteriosas profundezas do lago subterrâneo, Aya voltou a pensar no que ela e Miki tinham visto na noite anterior. O que seria tão secreto que precisava ser escondido dentro de uma montanha? Por que aquelas pessoas tinham uma aparência tão estranha? Nem mesmo os Viciados em cirurgia mais radicais alteravam o corpo *daquela* forma.

Naquela noite, as Ardilosas iam sair de novo para procurar pistas. Ren deu para Aya uma câmera espiã do tamanho de um botão de camisa, mas que só conseguia fazer *closes* granulados. Para registrar as Ardilosas em todo o seu esplendor, Moggle teria que segui-las escondida.

Lá embaixo, surgiu uma pequena elevação encoberta de lodo no fundo do reservatório.

— Moggle? — murmurou ela, esfregando os olhos.

O calombo era da forma e tamanho perfeitos como uma bola de futebol cortada ao meio.

— Ei, Ren — gritou Aya. — *Ren!*

A luz que indicava imersão parou de piscar e o brilho da tela ocular saiu do rosto.

— A Moggle está lá embaixo!

Ele se espreguiçou e passou as pernas pela lateral da prancha.

— Ótimo. Hora da fase dois que é *bem* mais estimulante.

— Que bom, eu já estava meio entediada.

Ren sorriu.

— Acredite, você não vai achar isso chato.

A fase dois envolvia um tanque de hélio comprimido do tamanho de um extintor de incêndio com um balão atmosférico vazio pendurado no bocal.

Aya olhou para o aparato.

— Não entendi.

Ren jogou o tanque na direção de Aya, que gemeu com o peso. A prancha bateu na água ao descer antes que os sustentadores compensassem o aumento de massa.

— Percebeu como é pesado? — perguntou ele.

— Claro que *sim*. — A superfície da prancha se encheu de água e molhou seus tênis aderentes.

— Isso é para resolver seu problema de flutuação.

— Eu tenho um problema de flutuação?

— Sim, Aya-chan. Como a maioria das pessoas, você flutua. É tudo culpa desse ar inconveniente nos seus pulmões. O tanque é pesado o bastante para levar você diretamente ao fundo.

Aya ficou atônita.

— Ren, espera aí... eu *gosto* do meu problema de flutuação. Adoro o ar nos meus pulmões! Eu não vou descer lá!

Ele riu.

— E de que outra maneira vai pegar a Moggle?

— Eu não sei. Pensei que você fosse criar uma espécie de... pequeno submarino?

— Como se eu não tivesse coisas mais importantes com que gastar meus méritos. — Ele apontou para o tanque de hélio. — Há um ímã no fundo. Basta equilibrar o tanque em pé sobre a Moggle e a câmera deve grudar.

— Mas como eu volto para cima? Essa coisa pesa uma tonelada!

— Esse é o truque: apenas gire isto aqui. — Ele se aproximou e abriu a válvula do tanque, que apitou por um segundo antes de ser fechada outra vez. — O balão fica cheio e puxa você e a Moggle para a superfície! Muito bacana, hein?

— OK, mas eu não respiro hélio. Onde está minha máscara de mergulho? — Ela olhou para o compartimento de carga aberto na prancha.

— Basta prender a respiração.

— Prender a *respiração*? Essa é a sua fantástica solução de Tecnauta?

Ren revirou os olhos.

— O fundo só tem 5 ou 6 metros, é a profundidade máxima de uma piscina de salto em altura.

— Ah, valeu por mencionar salto em altura, Ren. Meu esporte aterrorizante favorito. — Ela franziu a testa. — E está *frio* lá embaixo!

— Ótimo — disse Ren concordando com a cabeça. — Talvez da próxima vez você pense nisso *antes* de perder a sua câmera.

Aya encarou Ren e percebeu que Hiro estava por trás daquilo. Se os dois ao menos soubessem como aquela matéria era sensacional, eles entenderiam por que valeu a pena ter sacrificado Moggle. Mas não podia explicar agora, não até descobrir o que estava escondido naquela montanha.

— Tudo bem. — Ela abraçou o tanque de hélio e olhou para a água iluminada até ver Moggle outra vez. — Mais alguma coisa que eu deveria saber?

Ele sorriu.

— Só tenha cuidado, Aya-chan.

— Tanto faz.

Aya respirou fundo... e pulou.

O impacto ecoou em seus ouvidos durante um momento, mas o peso do tanque fez com que Aya atravessasse rapidamente a turbulência até as águas plácidas das profundezas. O brilho das lâmpadas flutuantes entrava pelas pálpebras fechadas e o frio era intenso.

Os pés bateram no fundo do reservatório e os tênis aderentes escorregaram por um instante na sujeira. O tanque pesado ameaçou deixá-la de joelhos, mas Aya conseguiu se manter ereta.

Ela abriu os olhos...

Folhas podres e galhos giravam ao redor de sua cabeça em um pequeno redemoinho formado por sua chegada. A luz tinha um tom opaco de verde por causa da profundidade e as sombras dançavam pelo fundo do reservatório.

Um brilho chamou sua atenção — um dos adesivos reluzentes de Moggle que refletiu a luz da lâmpada como o olho de uma fera das profundezas.

Ela andou em câmera lenta até Moggle com os pés vacilando nos tijolos escorregadios. Cada passo provocava redemoinhos de lodo e limo, nuvens escuras que circulavam ao redor de Aya. Moggle quase desapareceu entre eles.

Mas não havia tempo para deixar a sujeira assentar. Seu coração estava começando a martelar contra suas costelas pedindo oxigênio e os

dedos das mãos e pés começaram a ficar dormentes com o frio. Ela se sentia tonta com a pressão da água, como se duas mãos apertassem sua cabeça.

Franzindo os olhos para enxergar na água turva, Aya colocou o tanque de hélio sobre Moggle e deixou-o cair. O som da batida chegou até seus tímpanos como um barulho de confirmação final.

Ela se atrapalhou com a válvula enquanto os pulmões gritavam e o coração disparava, mas seus dedos congelados conseguiram girá-la. Um rugido tomou conta da água e o balão atmosférico começou a se expandir.

Aya soltou o tanque e se lançou a partir do fundo do reservatório. Bateu as pernas com força para ganhar impulso em direção aos sóis ofuscantes das lâmpadas flutuantes.

Com um último olhar para baixo, viu o balão crescendo e lutando com o peso do tanque ao começar a flutuar. Aos poucos o aparato inteiro passou a subir.

Aya arfou ao romper a superfície e respirou o ar muito bem-vindo.

— Tudo bem com você? — Ren estava ajoelhado na prancha.

— Está bem atrás de mim! — gritou ela enquanto nadava.

O balão atmosférico irrompeu pela superfície, jogou as lâmpadas flutuantes para todos os lados e continuou subindo, jorrando água como a cabeça de uma baleia ao sair do mar. Então, caiu de volta sobre a superfície lançando água novamente até parar, boiando.

— Você realmente conseguiu! — disse Ren.

— O que você achava? — perguntou Aya, colocando um bracelete antiqueda com os dedos dormentes de frio. — Que eu ia me *afogar*?

Ele deu de ombros.

— Achei que faria algumas tentativas.

Levado pelo hélio, o balão atmosférico estava subindo de novo. Moggle ainda estava presa ao fundo do tanque e pingava como um cão molhado.

Ren se aproximou de prancha, esticou a mão e fechou a válvula de hélio.

Aya subiu na prancha, tremendo de frio.

— Ainda não acredito que isso deu certo — murmurou Ren.

Aya tossiu água.

— Teria sido mais simples usar uma corda.

— *Simples*? Essa palavra não existe no dicionário dos Tecnautas.

— Só verifique se a Moggle está bem.

Ele riu e soltou a câmera do tanque. Quando ela caiu em suas mãos, o balão disparou e quicou no teto.

— Ei, sabia que seus lábios estão ficando azuis?

— Que beleza.

Aya se abraçou para tentar espremer a água do uniforme do dormitório. Ficou ali sentada, tremendo e observando Ren.

Ele tirou a trava de Moggle e ligou as telas oculares.

— O revestimento à prova d'água funcionou! Eu sou um gênio!

Aya suspirou aliviada e sentiu um arrepio pelo corpo inteiro. Os dentes estavam batendo agora. Ela abraçou Moggle com mais força e prometeu jamais deixar que fosse jogada na água outra vez.

Mas ela possuía uma câmera flutuante. A matéria ia bombar.

HONESTIDADE RADICAL

Ao voar de volta para o dormitório Akira, Aya imaginou se tinha pegado uma virose.

O sol brilhava, mas ela não parava de sentir arrepios pelo corpo. A noite anterior fora tão cansativa e, para piorar, o uniforme estava molhado e coberto de eca do reservatório.

— Lembre-me de tomar alguns remédios quando chegar em casa.

Moggle piscou os faróis noturnos e Aya sorriu. Mesmo melecada e tremendo de frio, o mundo parecia melhor com uma câmera flutuante ao lado. Tudo que precisava agora era um banho quente e as coisas voltariam ao normal. Bem, tão normal quanto possível depois da viagem noturna pela natureza enorme e surpreendente. Tudo parecia tão tranquilo ali na cidade.

Os parques estavam cheios com o tempo bom. Havia pais com suas crianças e um time de beisebol de feios jogava contra coroas. Os campos de futebol ao lado do dormitório Akira tinham sido isolados por cordas para que um grupo de crianças disputasse uma luta de robôs. Elas andavam vestidas como robôs de combate, se atacavam com espadas de plástico e atiravam mísseis de espuma e fogos de artifício. Era tudo muito bobo — mesmo os melhores lutadores jamais se tornavam famosos —, mas ainda assim parecia divertido.

Enquanto ela e Moggle davam a volta pelos campos de futebol, um disco de combate escapou da zona de batalha e foi quicando até o arvoredo. Moggle acompanhou a trilha de fogos de artifício. Aya seguiu rindo e desceu até onde o disco parou de rolar na grama.

Ao sair da prancha, ela pegou o disco de combate na mão. Estava soltando faíscas sem ter gastado todos os fogos de artifício.

Aya sorriu, virou para a batalha e mirou.

— Veja isso!

O lançamento foi desajeitado, mas o disco voltou a funcionar em pleno ar e ganhou velocidade com o girar dos jatos dos fogos.

Ele disparou em meio à batalha, quicando como uma pedra sobre água, até que finalmente acertou um dos robôs de combate bem no meio

das costas. Foi um golpe certeiro e o corpo mecânico tremeu ao morrer, balançando os braços e soltando faíscas antes de desabar no chão. A criança saiu de dentro chateada, tentando descobrir quem a abatera.

Aya riu com o golpe de sorte e subiu na prancha. Teve a sensação de que finalmente o destino estava do seu lado e a fama não poderia estar longe.

— Belo lançamento, mas não totalmente dentro das regras — disse uma voz.

Aya virou e viu um rapaz sentado de pernas cruzadas em uma prancha, com a silhueta escondida pela sombra das árvores. Ele deu um sorriso radiante.

Frizz Mizuno, aparecendo do nada outra vez.

— O que você... está fazendo aqui? — perguntou baixinho.

— Vim ver você — respondeu Frizz, cumprimentando-a. — E como não estava em casa, eu pensei em assistir à batalha. Não vejo um combate entre robôs desde que fiz 16 anos, o que é tipicamente avoado de minha parte porque eu *adorava* robôs.

Aya cumprimentou-o de volta, tentando imaginar Frizz fazendo algo tão pouco popular como comandar um robô de combate. Às vezes era difícil lembrar que ele era apenas um ano mais velho que ela.

— Além disso, eu estava torcendo para que você voltasse para casa — disse Frizz. — Desligar o localizador é muito misterioso. A pessoa se torna difícil de ser encontrada.

— Ah, eu não desliguei meu localizador, só estava meio que... no subterrâneo.

Ele franziu a testa.

— Você não está se sentindo perseguida, né? Eu iria embora nesse caso.

— Hã, não, não me sinto perseguida. Só meio...

— Molhada? E coberta de lodo?

Aya passou os braços ao redor dos ombros, como se isso fosse esconder o uniforme imundo e molhado.

— Hã, sim, coberta de lodo.

— Em termos de visual, é ainda mais misterioso que seu manto de Arauto da Fama.

Aya ficou ali parada tentando pensar no que dizer, mas parecia que o frio do reservatório tinha congelado seu cérebro. Não ajudava em nada o fato de Frizz não tirar aqueles olhos lindos de cima dela, o que a fazia

enrolar a língua. De repente, o tamanho absurdo de seu nariz despontou no canto inferior do campo de visão dela.

— Eu estava fazendo um... resgate debaixo d'água.

— Debaixo d'água *e* no subterrâneo? — Ele acenou com a cabeça. — Isso explica por que está ensopada, mas ainda assim estou perplexo.

Aya sentiu outro arrepio e a cabeça ficar quente.

— Eu também. Não disse meu sobrenome. Como me achou?

Frizz sorriu.

— Eis uma história interessante, mas acho que deveria se trocar.

— Trocar? — Aya levou a mão ao nariz.

— Colocar uma roupa seca. Você não para de tremer. E talvez tomar alguns remédios?

Moggle piscou os faróis noturnos.

Frizz ficou esperando lá fora e assistiu à batalha enquanto Aya foi para o quarto.

Ela ficou debaixo da ducha quente por um minuto, tonta ao ver os gravetos e a sujeira descerem pelo ralo, e se perguntou como Frizz a encontrara. Era tão vergonhoso. Ele descobriu seu sobrenome, o que significava que Frizz sabia que era uma extra feia e penetra de festas.

E mesmo assim tinha ido visitá-la.

O que havia de errado com ele? Será que a cirurgia de honestidade tinha prejudicado o cérebro? Sua reputação não parava de subir — estava abaixo dos três mil agora — e Aya era praticamente invisível!

Seca e limpa, ela olhou para o buraco na parede. Nada além de uniformes de dormitório, e Aya não tinha méritos para gastar com roupa descartável. Como já tinha sido vista coberta de sujeira por Frizz, um uniforme limpo não podia ser pior.

Ela se vestiu rapidamente e virou em direção à porta.

Moggle impediu sua passagem e piscou uma vez os faróis noturnos.

— Ah, claro — falou, indo para o quarto. — Remédios, por favor. Estive debaixo d'água, estou quente e sinto arrepios.

Um painel piscou na parede para tirar sua temperatura e provar seu suor. Aya pressionou a palma da mão contra ele e logo o buraco serviu um líquido turvo em sua xícara de chá favorita. Ela engoliu a bebida ácida de cor laranja enquanto encarava a mobília padrão, as roupas comuns, o quarto pequeno, o anonimato de tudo o que lhe dizia respeito.

Pelo menos os remédios não custavam méritos. E a bebida devia ter nanoestruturas porque, quando o elevador chegou ao térreo, a tonteira já tinha quase ido embora.

— Foi fácil encontrar você — disse Frizz. — Eu sabia seu primeiro nome, afinal de contas.

Ela franziu a testa.

— Mas deve haver mil garotas chamadas Aya na cidade.

— Mil e duzentas, para ser mais exato.

Frizz riu quando outro robô explodiu ao morrer. A batalha estava ficando mais intensa e as baixas se espalhavam pelo campo de futebol. Moggle voava no limite do combate e praticava tomadas em movimento com os projéteis de borracha. Ela parecia completamente recuperada de ter ficado submersa em água gelada.

Já Aya não podia dizer a mesma coisa. Sentada à sombra ao lado de Frizz, ela ainda sentia a pele arrepiada, como se o remédio tivesse transformado a febre em nervosismo de reputação. Pelo menos os olhos de mangá, que davam um nó em sua língua, estavam atentos à batalha e não a ela.

Frizz continuou:

— Porém, eu sabia que você tinha divulgado, então verifiquei o ranking de reputação daquela noite. Alguém chamado Yoshio Nara virou Yoshio-sensei do nada.

Aya estremeceu. Sentiu uma pontada leve no cérebro só de ouvir o nome de Yoshio outra vez.

— Mas como você chegou a mim a partir dele?

— Eu vasculhei as conexões procurando pelo nome Aya.

— É possível fazer isso? Pensei que as conversas fossem particulares! Não que tenha sido uma conversa de verdade, eu apenas fiquei falando o mesmo nome por uma hora, porém, ainda assim!

— Não, você está certa. A interface da cidade não revela o que a pessoa diz. — Ele deu de ombros. — Mas a nossa cidade não foi projetada para privacidade e sim para *publicidade*, para gerar conexões, debates e rumores. Então é permitido rastrear os acessos a um nome a partir da fonte, especialmente se foram *muitos* acessos. E você foi a única Aya a mencionar Yoshio Nara três mil vezes naquela noite.

— Ai, para de dizer esse nome — falou Aya e depois suspirou. — Acho que eu não sabia desse detalhe. Meu irmão estuda as próprias conexões por horas, mas as minhas matérias nunca geraram muitos acessos para eu me importar com isso.

— Ele é famoso, não é?

Aya concordou com a cabeça.

— Muito. Vai ver por isso é tão esnobe. Ele acha as minhas matérias estúpidas.

— Não são. Aquela que você divulgou sobre o grafite nos subterrâneos foi linda.

— Ah, hã, obrigada. — Aya corou e ficou surpresa por Frizz ter assistido ao seu canal. — Mas aquilo é coisa de criança. Estou trabalhando em algo muito maior que vai me tornar famosa! É sobre uma turma que age em segredo e...

Frizz levantou a mão.

— Se é um segredo, é melhor não me contar. Não sou bom em manter segredos.

— Certo, por causa da sua... — Aya resistiu à tentação de apontar para a cabeça dele. Era estranho. Os avoados tinham sido as únicas pessoas a passarem por cirurgias no cérebro que ela conhecia, e Frizz não parecia de forma alguma com um tolo. — Mas o que a honestidade tem a ver com manter segredos?

— A Honestidade Radical acaba com todo fingimento — declamou Frizz como se tivesse explicado a operação um milhão de vezes antes. — Eu não posso mentir, distorcer ou fingir que não sei alguma coisa. Não posso ser chamado para uma festa surpresa porque vou contar.

Aya segurou o riso.

— Mas isso não torna tudo menos... surpreendente?

— Você ficaria surpresa com como as coisas se tornam *mais* surpreendentes.

— Ah. — Aya olhou para a batalha, pensando em quantas coisas ela mantinha em segredo todo dia. — Você não tem como esconder quem é. Deve ser assustador.

Frizz virou para Aya.

— Assustador para mim? Ou para o resto das pessoas?

O olhar dele provocou arrepios em Aya, que sentiu uma pontada na espinha e o rosto ficar vermelho outra vez. A honestidade de Frizz *era*

assustadora! A cabeça ficou rodando com tantas perguntas que estava ansiosa para fazer, mas não tinha certeza se iria suportar as respostas. Queria saber por que Frizz estava ali e o que achava sobre a diferença de ambições entre eles.

— Você gosta de mim, não é? — perguntou ela.

Frizz riu.

— Eu fui *sutil* demais?

— Não, acho que não. Mas não faz sentido... porque você é tão famoso e eu sou uma Extra! Além disso, sou feia e você sempre me vê vestindo mantos idiotas ou coberta de lama, e, quando nos conhecemos, eu menti sobre o meu nariz!

Aya parou de tagarelar de repente e se perguntou de onde tinham saído todas aquelas palavras. Elas saíram num jato de dentro, como a espuma efervescente de uma garrafa após ser sacudida.

— Uau! — exclamou ela. — A Honestidade Radical é contagiosa ou algo assim?

— Às vezes. — Frizz estava sorrindo. — É uma vantagem imprevisível.

Aya se sentiu corar e tirou os olhos dele. Virou para os campos de futebol, onde apenas alguns robôs permaneciam de pé, lutando com espadas e machados de plástico.

— Mas *por que* você gosta de mim?

Frizz pegou a mão de Aya, que sentiu um aperto no peito por nervosismo de reputação, como se estivesse prendendo a respiração debaixo d'água outra vez.

— Quando eu te vi pela primeira vez naquela festa, você estava em uma missão. Achei bem interessante. E aí, quando seu capuz caiu, pensei "uau, ela é muito corajosa por usar esse nariz fantástico".

Aya gemeu.

— Mas não sou corajosa, apenas nasci com ele. Logo, eu menti um pouco quando falei que o nariz tinha sido gerado aleatoriamente.

— Verdade, mas quando percebi isso, eu já sabia outras coisas sobre você.

— Tipo que sou uma extra e vivo em um dormitório para feios? E que engano as pessoas sobre meu nariz imenso?

— Soube que você entra de penetra em festas de Tecnautas e participa de missões submarinas de resgate. E que divulga grandes matérias, mesmo que não aumentem sua reputação.

Aya suspirou.

— É, minhas matérias fazem isso *muito* bem.

— Claro que fazem. — Ele deu de ombros. — Elas são interessantes demais.

— Isso não faz sentido. — Aya olhou para Frizz. — Se minhas matérias são tão interessantes assim, por que ninguém está interessado?

A tela ocular de Frizz piscou.

— Você andou vendo o canal de Nana Love ultimamente? Ela estava escolhendo a roupa para a Festa dos Mil Famosos. A transmissão de hoje é: "Esse chapéu? Ou *esse* chapéu?" Setenta mil votos até agora, e há outros cem canais comentando.

Aya revirou os olhos. Nana tinha uma beleza natural, um daqueles casos raros de pessoa que não precisaria de cirurgia nem na Era da Perfeição, e por isso era a segunda pessoa mais famosa na cidade inteira.

— Isso não conta. Nana-chan consegue ser interessante sem tentar.

Ele sorriu.

— E você não?

Aya encarou seus olhos grandes e, pela primeira vez, não se sentiu abalada por eles. Era como se alguma barreira tivesse desaparecido entre os dois.

De repente, Aya descobriu o que queria realmente perguntar.

— Como é ser famoso?

Frizz deu de ombros.

— Praticamente a mesma coisa, exceto que mais gente entra para o meu grupo... e o abandona uma semana depois.

— Mas antes da Honestidade Radical crescer tanto, você não sentia que faltava algo? Como olhar para a cidade e se achar invisível? Ou assistir aos canais e quase chorar porque você sabia o nome daquelas pessoas e elas não sabiam o seu? Sentia que era capaz de desaparecer porque ninguém tinha ouvido falar de você?

— Hã, não, na verdade. Você se sente assim?

— Claro! É como aquele paradoxo budista que ensinam na infância. Se uma árvore cai e ninguém vê, então não faz barulho; o mesmo vale para uma única mão batendo palmas. A pessoa tem que ser vista antes que exista de verdade!

— Hum, eu acho que são dois paradoxos, na verdade. E não creio que essa seja a questão.

— Ora, vamos, Frizz! Você não é famoso há tanto tempo assim, deve lembrar como era horrível ser... — Aya gaguejou e parou, tentando ler a expressão em seu rosto. O sorriso radiante havia desaparecido.

— Essa é uma conversa esquisita — disse ele.

Aya ficou atônita. Dez minutos de Honestidade Radical e ela já tinha sido honesta *demais*.

— Estou sendo muito extra, não é? — Aya suspirou. — Acho que vou entrar para a Estupidez Radical.

Frizz riu.

— Você não é estúpida, Aya, e nem invisível para mim.

Ela tentou sorrir.

— Apenas misteriosa?

— Bem, nem tanto agora. Quase óbvia.

— Óbvia?

— Sobre a fama e como se sente em relação a ela, sabe?

Aya engoliu em seco. *Óbvia*. Isso é o que ela era na opinião radicalmente honesta de Frizz. Lembrou-se, tarde demais, de outra coisa que ensinavam na infância: não havia problema em reclamar sobre reputação com outros extras, mas ninguém falava dessa forma na frente de um famoso.

Ela virou para os campos de futebol, pois sabia que, se encarasse novamente o olhar de Frizz, diria mais uma idiotice. Ou Frizz botaria para fora o que *ele* estava pensando, o que provavelmente seria pior. Talvez os canais estivessem certos sobre a diferença de ambições e sobre como famosos e extras jamais deveriam se tornar íntimos demais. As chances de humilhação eram muito grandes.

A luta de robôs tinha acabado e robôs carregadores estavam retirando os últimos combatentes. As crianças formaram uma fila em frente ao dormitório Akira para a próxima atividade.

— Ah, droga. Que horas são? — perguntou Aya.

— Quase meio-dia.

— Eu preciso ir! — Ela ficou de pé num pulo. — Tenho que cuidar de umas crianças. Eu faltaria, mas... — *Preciso dos méritos*, pensou ela.

Frizz continuou sentado de pernas cruzadas na prancha com o rosto encoberto pelas sombras.

— Tudo bem. Você não deve quebrar uma promessa.

Aya se curvou em despedida e imaginou se daquela vez ele estava contente em vê-la partir. Pensou em algo para dizer, mas tudo parecia vergonhoso demais na cabeça dela.

Então ela chamou Moggle e disparou para o dormitório, torcendo para que não estivesse atrasada.

INICIAÇÃO

Um sinal estava tocando...

Aya saiu de um sono profundo e suado e lutou contra ondas de exaustão que a deixavam tonta. Um barulho exigia atenção ao cutucar seus ouvidos sem parar.

Mesmo com os olhos fechados, era possível ver o sinal de despertar piscando na tela ocular. Ele emitia um barulho estridente para avisar que já era quase meia-noite.

Aya gemeu e fechou o punho para silenciar o alarme. Havia pretendido tirar uma soneca à tarde, mas graças à conversa perturbadora com Frizz, às tarefas de babá e a uma hora gasta pintando Moggle com uma tinta de camuflagem preta, às 22 horas ainda não tinha conseguido se arrastar para cama.

Menos de duas horas de sono.

Porém, ela fez um esforço para se sentar ao lembrar como aquela noite poderia torná-la famosa. Para ajudar, verificou o ridículo valor de sua reputação de 451.611 no canto de visão.

Moggle saiu do chão e seu ponto de vista se sobrepôs delicadamente ao de Aya na tela ocular, uma segunda visão em perfeita sintonia com a dela.

Aya sorriu. Naquele dia não perderia nenhuma tomada de arregalar os olhos.

— Pronta para ir? — sussurrou.

Moggle piscou os faróis noturnos e Aya fez uma careta. Os maus hábitos da câmera não tinham passado após 36 horas debaixo d'água.

Ela foi tateando até a janela, piscando para que os pontos de luz sumissem, e subiu no parapeito. Os olhos demoraram a se ajustar até que as luzes da cidade provocaram um aperto na garganta — era o pânico do anonimato de sempre, que piorara depois de ter passado vergonha diante de Frizz. Tudo o que queria dizer era que ele não precisava se preocupar porque *ela* seria famosa também. Mas acabou parecendo tão ridícula quanto uma feia nova em sua primeira transmissão. *Óbvia*, dissera ele.

Contudo, era inútil ficar deprimida por causa disso. A fama não era como a beleza, pela qual a pessoa tinha que esperar até ter 16 anos ou ser

sortuda como Nana Love e ter nascido linda. Fama é algo que você mesmo pode fazer.

Assim que a matéria bombasse, a reputação não seria mais um problema entre ela e Frizz. Aya tinha certeza disso.

Moggle passou pelo ombro e saiu pela janela. Aya sorriu ao abraçar a câmera flutuante, pois estava contente de se afastar das luzes da cidade. Estava a caminho de um lugar misterioso o bastante para que Frizz voltasse a se surpreender com ela, assim que descobrisse tudo o que tinha feito.

Ela pulou em direção ao ar frio da noite.

— Antes de começarmos, temos alguns assuntos a tratar — disse Jai. — O primeiro é o meu nome: alguém anda falando de mim em locais que a interface da cidade consegue ouvir.

Algumas das Ardilosas baixaram o olhar, envergonhadas.

Jai estalou a língua na direção delas.

— Isso mesmo. Eu acordei hoje de manhã e minha reputação quase saiu das mil últimas posições. Isso quer dizer que a cidade começou a rastrear meu apelido outra vez. É hora de mudá-lo.

Aya ergueu a sobrancelha. Então era assim que as Ardilosas mantinham as reputações baixas, trocando de apelidos — da mesma forma que Ren e Hiro escondiam o ódio obsessivo pelo Anônimo.

— De agora em diante, meu nome é Kai. Todo mundo entendeu? E vamos ao assunto número dois.

Kai virou para Aya, que sentiu um arrepio na espinha.

— Nossa nova amiga está conosco outra vez. Alguém tem um problema quanto a isso?

Fez-se um silêncio nervoso e Aya ouviu o rugido distante do trem a caminho. De cada lado, um sinal suave brilhava sobre os trilhos que pareciam quentes ao toque, como os elementos dentro do buraco da parede após a criação de algo grande. Mas nenhuma das Ardilosas pareceu notar os avisos, como se estivessem acostumadas a se reunirem no meio da linha do trem magnético.

Ela nem podia usar Moggle para ficar de olho no trem. A câmera flutuante estava vigiando Aya de algum lugar entre os prédios industriais, mas o ponto de vista da câmera foi desligado para evitar o sinal característico em seu olho.

— Ela não é uma divulgadora? — murmurou alguém.

Kai olhou para Aya, esperando uma resposta.

Ela pigarreou.

— Eu era uma divulgadora, mas nunca fui famosa. Não sentia vontade de divulgar o que Nana Love estava vestindo. — Algumas Ardilosas riram.

— Mas ainda anda com uma câmera? — perguntou alguém.

O nome era Pana, Aya se lembrou. Com os rostos genéricos, era difícil distinguir as Ardilosas, mas Pana era mais alta que as demais, quase da altura de Eden.

— Eu deixei que a jogassem em um lago. Todas vocês viram. A câmera tinha uns sustentadores fantásticos também.

— Está sem câmeras hoje? — perguntou Kai.

Aya assentiu. Ela estava com o mesmo uniforme do dormitório que usara ao resgatar Moggle, que parecia tão gasto quanto as roupas reutilizadas das Ardilosas. Aya torcia para que o péssimo aspecto do uniforme tornasse menos óbvia a câmera espiã no botão de cima.

Ela corria mais riscos de ser descoberta por causa de Moggle. Não tinha certeza se o pequeno cérebro da câmera havia captado bem o conceito de ficar escondida. Moggle só conseguia acessar a dermantena de Aya a um quilômetro de distância, e nunca havia funcionado de maneira independente por horas a fio antes, especialmente seguindo trens magnéticos em alta velocidade.

O baixo rugido era audível agora, o trem estava a minutos de distância.

— Aya-chan foi bem corajosa quando vimos as aberrações — disse Miki. — E todas vocês a viram surfar. Eu confio nela.

Quando Miki sorriu, Aya sentiu a primeira pontada desagradável por causa da falsidade. Quando a matéria fosse divulgada, Frizz saberia que ela mentira para as Ardilosas. Aya se perguntou se ele entenderia.

— Que tal ouvirmos o que você tem a dizer, Aya-chan? — perguntou Kai. — Diga por que quer ser uma Ardilosa.

Aya pigarreou, nervosa sob o olhar de Normal de Kai, tão perturbador quanto o rugido do trem cada vez mais forte. O que elas queriam que falasse, afinal?

De repente, lembrou das palavras que dissera para Frizz de manhã.

— Como você falou, eu fui uma divulgadora. Queria ser famosa desde criança. Não desejava assistir aos canais de outras pessoas, eu queria que

assistissem ao *meu* porque, caso contrário, eu seria invisível.

Um burburinho correu pelo grupo e Aya notou expressões frias por toda parte. Ela continuou falando, tentando ignorar os tremores debaixo dos pés e o suor que escorria pelas costas.

— Não me levem a mal, eu não era uma egocêntrica sentada no meu quarto com uma câmera apontada para mim, contando o que meu gato comeu no café da manhã. — Alguém riu com essa tirada e Aya conseguiu sorrir. — Eu queria encontrar matérias que importassem. Pessoas que usassem a libertação para fazer algo bacana... Quero dizer, realmente interessante. Foi assim que encontrei vocês.

Aya encarou todas elas de volta, devolvendo o olhar uma a uma.

— E eis o que eu percebi: vocês Ardilosas não choram quando assistem a uma transmissão de uma festa de famosos só porque não foram convidadas. Não ficam amigas de pessoas que odeiam somente para aumentar suas reputações. E mesmo que ninguém saiba o que estão fazendo aqui fora, vocês não se sentem invisíveis de maneira alguma, não é?

Ninguém respondeu, mas elas estavam escutando.

— A fama é radicalmente estúpida, fim de papo. Então eu quero tentar outra coisa.

Houve um momento de nervosismo e silêncio... e então a tensão foi rompida. Algumas das garotas bateram palmas com apenas um pouco de sarcasmo, e Miki estava rindo e concordando devagar com a cabeça. De alguma forma, Aya tinha encontrado as palavras certas.

O mais estranho era que nem sentia como se estivesse mentindo.

As Ardilosas sequer se importaram com uma votação e ninguém a parabenizou. Kai apenas deu um tapinha nas costas de Aya e pulou na prancha, gritando.

— Hora de surfar! Vamos lá descobrir o que essas aberrações estão escondendo!

Então as 13 garotas manobraram no ar e correram para chegar aos esconderijos antes que o trem surgisse.

Assim, Aya Fuse virou uma Ardilosa.

Ela se perguntou se Moggle tinha registrado o momento.

TURBULÊNCIA

Pegar o trem magnético foi mais fácil da segunda vez.

Aya passou pela onda de choque parecendo uma agulha, como se o seu corpo tivesse aprendido a manobrar pelos tremores do deslocamento de ar. Assim que entrou na calmaria da área de baixa pressão, ela chegou ao topo e ficou de pé antes que a linha do trem magnético se endireitasse.

Com a cidade para trás e a escuridão da natureza envolvendo o trem, Aya começou a perceber quantas coisas não conseguira ver durante a primeira viagem por causa do pânico. Árvores antigas enormes passaram voando, tão retorcidas quanto um coroa imortal. Surgiram contra o céu as silhuetas de vários pássaros dispersados pela passagem do trem. Certa hora, Aya reconheceu o grito de um macaco das neves no rugido do vento e, ainda que ele não fosse perigoso nem devorasse pessoas, sentiu um calafrio ao pensar nos animais selvagens que existiam ali. Ou talvez o arrepio tivesse sido provocado pelo frio. Mesmo com dois casacos de dormitório, um vento de 300 quilômetros por hora ainda era de fazer tremer.

A viagem era cheia de contrastes: a linha reta do trem cortando ao meio a forma retorcida da floresta; a velocidade implacável sob a calmaria do céu; o surgimento das montanhas em ritmo majestoso, pontuado pelo brilho nervoso dos avisos de decapitação. Mas Aya sentiu aquela estranha satisfação de novo, como se os próprios problemas fossem secundários diante da vastidão da natureza.

A única preocupação era com Moggle. Mesmo seguindo o sinal da dermantena, a câmera flutuante só podia estar ficando cada vez mais para trás. Os sustentadores instalados por Ren não conseguiam voar a mais do que 100 quilômetros por hora — um terço da velocidade do trem. Moggle alcançaria as Ardilosas assim que pulassem, mas Aya não tinha certeza que o pequeno cérebro funcionaria sem suas instruções. Se ficasse muito confusa, a câmera poderia esquecer a ordem de permanecer escondida, e isso acabaria com a carreira de Ardilosa de Aya Fuse.

Obviamente, não havia mais nada a fazer quanto a isso, pois estava afogada em mentiras. Aya se perguntou se aquele seria o motivo de Frizz

ter criado a Honestidade Radical. Se a pessoa nunca mentisse, jamais sentiria o frio na barriga, o medo de ser descoberta.

As montanhas se aproximaram até que Aya notou os picos pretos marcados pela neve como relances de pérolas reluzindo sob a luz do luar. Um brilho vermelho surgiu da frente do trem, e a seguir uma série de avisos de decapitação. Aya puxou a própria lanterna e mudou para luz vermelha ao acenar para as Ardilosas atrás.

Ela ajoelhou para amarrar o bracelete antiqueda no tornozelo e então deitou para esperar ser engolida pela escuridão repentina do túnel.

* * *

Dessa vez não ocorreram paradas não programadas.

O trem passou direto pela montanha, entrou e saiu com uma fúria que fez os ouvidos de Aya estourarem como uma descida veloz de carro voador. A porta escondida deve ter passado em uma fração de segundo, completamente invisível.

Por causa da primeira viagem, ela lembrava que a próxima curva surgiria muito rápido. À frente, Miki já estava rastejando até a lateral do trem, pronta para desmontar. Aya foi até o ponto onde a sua prancha estava presa.

Sair do trem era mais difícil do que subir. Na cidade, a malha magnética estava por toda parte, mas, na natureza, era preciso se manter próximo aos trilhos. Se ficasse muito longe, os sustentadores magnéticos perdiam o contato com o metal, e as pranchas e os braceletes antiqueda se tornavam inúteis.

A 200 quilômetros por hora, isso seria mortal.

O trem estava diminuindo de velocidade e um zumbido tomou conta do ar quando ele começou a fazer a curva. Aya soltou o pulso direito e o esticou para batê-lo na prancha.

Na noite anterior, ela saíra do trem com tanto cuidado que ficara muito para trás em relação às demais Ardilosas. Dessa vez, decidiu que seria a primeira a parar.

Ao ser acionada, a prancha se soltou da lateral do trem até nivelar com o topo. Ela lutou contra o vento e se estabilizou quando o trem diminuiu para entrar na curva. Aya arrastou o corpo até a superfície da prancha.

Quando o zumbido atingiu o ápice, Aya manobrou delicadamente para se afastar e se manteve dentro da bolha de relativa calmaria ao redor do trem. A 2 metros estava a onda de choque mortal.

O vento cortante lhe açoitava o cabelo e agitava freneticamente sua roupa, mas Aya não deitou sobre a prancha, deixou seu corpo ajudá-la a frear. A Ardilosa que surfava à sua frente passou em disparada, seguida por outra e, então, uma terceira garota.

Ela estava freando mais rápido do que todas as outras!

À esquerda, a lateral do trem passava veloz e o campo magnético fazia a prancha tremer. Aya lutou para se equilibrar e permanecer próxima à parede de metal.

Talvez estivesse freando rápido *demais*...

A traseira do trem passou voando e puxou Aya para o espaço subitamente vazio sobre a linha férrea. A prancha rodou, a terra e o ar giraram ao redor.

Ela tentou se estabilizar, mas a prancha empinava e se contorcia em suas mãos como uma pipa em uma ventania.

— Solta! — gritou alguém.

Ela obedeceu e a prancha rolou para longe. Aya caiu em direção ao borrão dos trilhos em velocidade...

Os ímãs dos braceletes antiqueda entraram em ação e Aya foi puxada pelos dois pulsos. Virou de ponta-cabeça como um ginasta nas argolas e os pés mal tocaram o solo. Ela quicou pela linha do trem até perder a velocidade.

Aya foi colocada no chão com gentileza pelos braceletes, virada para as luzes do trem que aos poucos iam sumindo. Ela massageou os pulsos, tonta de tanto girar.

— Você está bem?

Aya ergueu os olhos e viu Eden Maru flutuando ao lado com uma expressão divertida no rosto.

— Acho que sim.

— Você não deveria frear tão rápido.

— Percebi. — Aya suspirou. Na noite anterior, ela vira Eden sair do trem. Com o aparato completo de aerobol, Eden fez a coisa parecer fácil como pular de um prédio com uma jaqueta de bungee jump. — Acho que tenho que agradecer por dizer para me soltar.

— De nada, acho. — Eden olhou para a linha do trem que se afastava. — Sua prancha vai voltar em breve, juntamente com as demais. Frear leva mais tempo se você não toma um caldo.

Aya encarou o sorriso de Eden. Ela era tão linda e a única das Ardilosas com uma grande reputação. O que alguém tão famoso ganhava ao andar com um grupo secreto?

Talvez aquele fosse o momento de descobrir. Aya ajeitou o uniforme e virou a câmera espiã para Eden.

— Posso fazer uma pergunta?

— Se não for muito enxerida.

— Você não é como elas... Quero dizer, como nós. Você é famosa na cidade.

Eden girou devagar em pleno ar.

— Isso não é uma pergunta.

— Acho que não. — Aya se lembrou dos rumores sobre o ex-namorado de Eden. — Mas você e as Ardilosas não têm uma espécie de... diferença de ambições? Você é uma estrela do aerobol e elas se esforçam tanto para serem extras.

Eden falou com desdém.

— Sabia que ia fazer uma pergunta tosca dessas. Aposto que nem sabe de onde essa palavra vem.

— Extras? — Aya deu de ombros. — Quer dizer apenas pessoas extras, tipo supérfluas.

— Isso é o que ensinam na infância. Mas tinha um significado diferente na época dos Enferrujados.

— Bem, está certo. Eles tinham bilhões de extras naquele tempo.

Eden balançou a cabeça.

— Não tinha nada a ver com superpopulação, Aya-chan. Você já viu filmes antigos na tela de parede, certo?

— Claro. Era assim que os Enferrujados ficavam famosos.

— Sim, mas olha que esquisito: os softwares dos Enferrujados não eram inteligentes o suficiente para criar os cenários, então eles precisavam construir tudo para o filme. Existiam cidades inteiras falsas por onde os atores andavam.

— Cidades *falsas*? — falou Aya. — Uau, quanto desperdício.

— E para encher essas cidades falsas, eles contratavam centenas de pessoas diferentes para ficar andando. Mas essas pessoas não estavam na

história *de forma alguma*, somente faziam parte do cenário. Eram figurantes extras.

Aya ergueu uma sobrancelha, sem saber se acreditava na história. Parecia muito bizarro e exagerado... O que era, obviamente, típico dos Enferrujados.

— Não se sente assim às vezes, Aya-chan? Como se rolasse uma grande história e você estivesse presa no cenário?

— Acho que todo mundo se sente assim às vezes.

— E você faria *qualquer coisa* para se tornar famosa, não é? Até mesmo trair seus amigos?

Aya fechou a cara.

— Eu sou uma Ardilosa agora, Eden, você não ouviu?

— É, eu ouvi seu discursinho. — Eden flutuou mais alto, surgindo como um gigante sobre Aya. — Espero que esteja dizendo a verdade, porque a vida real não é como um filme Enferrujado, Aya-chan. Não existe apenas uma grande história que faz o resto de nós desaparecer.

Aya apertou os olhos.

— Mas você não faz parte do cenário. Você é famosa!

— Também é possível desaparecer diante de uma multidão, sabia? Assim que eles começam a dizer o que a pessoa tem que fazer, com quem manter amizade. — Eden virou de ponta-cabeça, uma versão delicada do movimento de Aya com os braceletes antiqueda. — Na natureza com as Ardilosas, eu consigo guardar alguma coisa para mim mesma.

Aya ouviu gargalhadas — eram as Ardilosas voando pelos trilhos na direção delas. Só tinha tempo para mais uma pergunta.

— Se você não se importa com reputação, por que rompeu com seu namorado?

— Quem disse que eu rompi com *ele*?

— Uma centena de canais, até onde eu sei.

— Não acredite sempre nos canais, Aya. Era ele quem não suportava as pessoas falando sobre nossa "diferença de ambições". Então o idiota pulou fora.

Eden flutuou mais baixo alguns centímetros e esticou um dedo, quase tocando o nariz de Aya.

— E isso, minha Enxerida-chan, é o real significado de um extra.

A MONTANHA

Ao se aproximarem da boca do túnel, algumas das Ardilosas sacaram as lanternas. Fachos de luz vermelha surgiram na abertura, mal cortando a escuridão do interior.

Pelo menos Aya não era a única sem visão infravermelha.

— O que acontece se um trem passar enquanto a gente estiver aqui dentro? — perguntou Pana.

Kai deu de ombros.

— Apenas deite sobre a prancha e voe até o telhado.

Eden balançou a cabeça.

— Isso não vai funcionar. A passagem do trem puxaria você para baixo. — Ela apontou para Aya com o polegar. — Foi meio o que aconteceu com a Enxerida-chan aqui.

Algumas riram. Na volta para a montanha, Eden tinha mostrado como Aya quicara pelos trilhos afora. Várias vezes.

— Bem, de qualquer forma, não importa — disse Kai. — Não há muitos trens programados para hoje.

— Alguns trens não trafegam *fora da programação* às vezes? — perguntou Pana.

Kai revirou os olhos.

— Talvez uma vez por mês. Nada preocupante comparado com o que fazemos na maioria das noites. Vamos nessa!

Ela e Eden avançaram pela boca do túnel. Algumas Ardilosas ficaram paradas um instante se entreolhando descontentes.

Aya ligou a lanterna e prosseguiu sobre a prancha. Eden Maru já tinha suas suspeitas; ela não queria dar motivos ao resto da turma também.

Uma chance em trinta não era *tão* ruim assim.

No facho de luz vermelha da lanterna, a poeira continuava a pairar sobre os trilhos depois da passagem do trem. Um gemido baixo tomou conta da escuridão e Aya sentiu um arrepio na pele. Uma brisa constante enchia o túnel, como se as paredes de pedra estivessem respirando.

Aya se perguntou como elas fariam para encontrar a porta secreta. Na noite anterior, a passagem parecera exatamente igual ao paredão do túnel.

Talvez olhos modificados ou as lentes de Moggle conseguissem distinguir matéria inteligente de pedra, mas Aya duvidava que sua visão normal servisse para alguma coisa.

Miki já estava descendo pelo túnel com uma lanterna na mão. Ela passou os dedos pela superfície da parede e vasculhou a pedra com atenção.

Aya se aproximou de prancha.

— Não tem visão infravermelha, hein?

— Não. — Miki suspirou. — E você?

Aya balançou a cabeça.

— Meus coroas não deixam. Mas você tem 16 anos, não é?

— Sim, mas eu gosto dos meus olhos.

— Eles conseguem fazê-los exatamente iguais, você sabe.

— Mas eu gosto dos *meus* olhos, não de uma imitação. Eu sei que isso é meio Pré-Enferrujado.

Aya deu de ombros.

— Meu irmão divulgou um grupo que curtia corpos naturais e jamais passava por cirurgia. Alguns têm que usar uns troços parecidos com óculos de sol para ver, mesmo quando não estão no sol!

Miki apertou os olhos.

— Seu irmão é famoso, não?

— Tipo isso — disse Aya, desejando não ter puxado o assunto de divulgação.

— Foi por isso que você virou uma divulgadora, não é? Por causa dele?

— Isso é o que o Hiro pensa, que eu o idolatro ou algo assim. Mas ele na verdade é uma propaganda *antifama*. Virou um grande esnobe por causa da reputação.

Miki riu.

— Você não precisa criticar seu irmão, Aya-chan, só porque ele é famoso. Nós não odiamos divulgadores, só não queremos que divulguem *a gente*.

— É, saquei. — Aya se remexeu na prancha para ajeitar a câmera outra vez. — Mas muitas pessoas gostariam de ver a gente surfando, não é?

— Sim, mas aí *todo mundo* começaria a surfar nos trens magnéticos e os guardas se envolveriam. — Miki balançou a cabeça. — Temos que manter isso entre a gente. Você compreende, certo?

— Claro! — insistiu Aya, mas Miki continuava de testa franzida. Talvez fosse hora de mudar de assunto. — Por falar nisso, obrigada por ficar do meu lado.

— Sem problema. Como eu disse, confio em você.

Aya virou para examinar a parede, sentindo o estômago começar a dar um nó.

— É, mas ainda te devo uma.

Um som de batidas surgiu do alto e as duas ergueram os olhos.

Era Kai batendo na parede com a lanterna enquanto subia pelo ar. Os golpes ecoavam pelo túnel e a pedra soava tão sólida quanto uma montanha.

— Então esse é o nosso plano para achar a porta secreta? Bater na parede? — perguntou Aya, baixinho.

— Você acha que eles conseguiram programar matéria inteligente para *soar* como pedra?

— Provavelmente — respondeu Aya. Ren sempre dizia que era possível programar matéria inteligente para fazer praticamente tudo. Era uma das grandes invenções desde a libertação, como inteligência artificial e telas oculares internas, inovações que a Era da Perfeição tinha adiado por séculos. — Mas por que eles se importariam com isso? Quem criou aquela porta não esperaria que alguém viesse aqui procurar por ela.

Miki bateu com a própria lanterna na pedra, que fez barulho de rocha sólida.

— Então, se não fosse pelo nosso surfe no trem, ninguém jamais acharia aquela porta. — Ela sorriu. — Talvez seja como os cultos Youngblood dizem: "Ser Crim pode mudar o mundo."

Aya virou para ela, certificando-se de que a câmera no botão tivesse um bom enquadramento.

— E por que encontrar essa porta pode mudar o mundo?

— Bem... acho que depende do que está lá dentro. — Miki bateu na pedra. — Quero dizer, e se houver algo realmente assustador escondido aqui?

— Tipo um depósito secreto de lixo tóxico? — Aya sorriu. — Imagine quantos méritos o Comitê da Boa Cidadania não nos daria por encontrá-lo.

— Não fale isso muito alto, Aya-chan. A Kai odeia ainda mais os méritos do que a fama. — Miki bateu novamente na pedra. — Mas valeu

por mencionar lixo tóxico. Isso deve distrair minha mente do trem surpresa que estou imaginando.

— Ei, Eden! — gritou alguém. — Vem cá!

À frente, um pequeno grupo de Ardilosas estava reunido diante de um trecho da parede, todas batendo com as lanternas. Aya e Miki se entreolharam e avançaram com as pranchas para o interior do túnel.

Ao se aproximarem, Aya prestou atenção. Será que o eco das batidas parecia meio oco?

— Deixe-me passar, Enxerida. — Surgiu a voz de Eden Maru por trás dela.

Ao dar passagem, Aya notou um aparelho nas mãos de Eden e o coração disparou. Era um decodificador de matéria.

A situação não envolvia apenas um truque; era realmente ilegal. Decodificadores podiam reprogramar matéria inteligente da maneira que qualquer um quisesse — era possível decodificar um *prédio* inteiro até ruir se a pessoa tivesse coragem o suficiente.

E tudo o que ela possuía era uma câmera de botão idiota. O registro de um decodificador ilegal seria fantástico.

Aya olhou para a escuridão e torceu que Moggle estivesse à espreita nas proximidades. Ela estava ansiosa para verificar se havia algum sinal, mas seria traída pelo brilho da tela ocular no breu do túnel.

As Ardilosas abriram caminho para Eden e não tiraram os olhos do pequeno aparelho em suas mãos. Ela encostou o decodificador na parede e acionou os controles com os dedos.

Após um momento, Eden acenou com a cabeça.

— É aqui. Afastem-se. Pode haver alguma coisa lá dentro.

— Ou *alguém* — murmurou Miki.

Aya pensou naquelas figuras inumanas outra vez, com rostos estranhos e dedos finos e compridos.

— Mas aquelas aberrações estavam apenas guardando alguma coisa aqui. Ninguém *mora* neste lugar.

Miki deu de ombros.

— Acho que estamos prestes a descobrir.

Um zumbido tomou conta do túnel quando as hábeis moléculas de matéria inteligente começaram a se reagrupar — a parede ondulou, a textura mudou de pedra sólida para uma superfície reluzente de plástico.

Formou-se a silhueta da passagem, um retângulo do mesmo tamanho da porta do compartimento de carga do trem magnético.

Então a parede começou a se abrir, uma camada atrás da outra como água escorrendo por uma superfície lisa. Assim como na noite anterior, o ar tremia como se uma tempestade de raios estivesse se aproximando.

Os tremores arrepiaram a pele de Aya, como se o decodificador de matéria fosse transformá-la também...

A última camada de parede se abriu e a porta foi revelada escancarada diante delas. À frente, um longo corredor se estendia iluminado por um brilho laranja.

— Isso é *muito* ardiloso — disse Kai, entrando.

ESCONDIDA

As Ardilosas avançaram para o interior do covil na montanha, cada uma querendo ser a primeira a descobrir as maravilhas escondidas lá dentro. Risadas e chamados tomaram conta do ar e ecoaram nas paredes de pedra.

Aya não viu um ângulo reto sequer, apenas arcos e curvas arredondadas. De poucos em poucos metros, passagens ovais levavam para novos aposentos sinuosos, um labirinto cortado na rocha.

— Bem, quem mora aqui com certeza está de mudança — afirmou Miki.

Aya concordou com a cabeça. O corredor principal estava repleto de equipamentos e contêineres, uma bagunça coberta por uma fina camada de poeira.

— Acho que a gente tem que procurar por aqueles grandes cilindros de metal. Eram as únicas coisas que foram *trazidas* ontem à noite.

— Desde que aquilo que a gente encontre não esteja vivo — disse Miki, apontando ou para um bando de cadeiras enfurnadas no corredor. Elas tinham formatos esquisitos, eram altas e estreitas demais, adequadas para uma forma inumana.

Aya jogou o facho de luz da lanterna sobre os pés. Uma trilha de um metro de largura de canaletas de metal reluzia no chão de pedra e levava para o meio do corredor principal.

— Isso serve para dar apoio aos carregadores flutuantes. Qualquer coisa pesada teria que passar por aqui. Venham.

As duas seguiram a trilha de metal com passos cautelosos e silenciosos. As passagens arqueadas revelavam aposentos vazios e a poeira no chão mostrava onde a mobília tinha sido retirada.

Enquanto avançavam para o interior da montanha, os ecos das vozes das outras garotas foram ficando mais fracos. Aya se perguntou quantas toneladas de rocha tinham sido retiradas para criar aquele lugar. Quem o criou devia ter programado os trens magnéticos automáticos para levar muita carga. Ou então o governo de alguma cidade estava envolvido — aquilo tudo parecia grande demais para ter sido feito de maneira ardilosa.

Cada cidade tinha se expandido desde a libertação. As ruínas dos Enferrujados tinham sido saqueadas à procura de ferro-velho no esforço para conseguir mais metal.

— Quem tem recursos para construir algo assim? — murmurou Aya.

— Talvez aqui fosse um daqueles locais de onde os Enferrujados retiravam metal. Como se chamavam... minas?

Aya percebeu que as duas estavam sussurrando. Os sons reverberavam contra as paredes de pedra, tornando-a consciente de cada barulho que fazia.

O dia longo sem dormir finalmente começou a afetá-la. A mente cansada deixou de lado a empolgação que a impulsionara na viagem no trem magnético. A tênue iluminação laranja enganava a visão. Longas sombras fugiam do facho das lanternas e Aya duvidava que a câmera no botão estivesse captando imagens decentes.

De repente, Miki deu meia-volta.

— Você viu aquilo?

— Viu o quê?

— Não sei. — Miki apontou a lanterna para o corredor atrás delas. — As sombras se moveram de forma estranha, como se alguma coisa estivesse nos seguindo.

— Alguma *coisa*? — Aya falou ao virar para olhar a escuridão. Sentia-se totalmente desperta.

— Talvez seja a minha imaginação.

Aya suspirou.

— Que beleza. Agora a minha entrou em ação também.

— Vamos. Acho que estamos chegando perto de alguma coisa.

— É a mesma coisa que está nos seguindo? Ou outra diferente?

Miki deu de ombros e seguiu em frente.

No próximo aposento, a trilha de canaletas de metal levava a uma grande abertura na parede e a uma escadaria que descia. Não havia iluminação laranja lá embaixo, apenas breu.

Aya parou.

— Acho que a gente devia chamar as outras.

— Você quer que a Kai ache que temos medo do escuro? — Miki falou com desdém e começou a descer pelos degraus.

Aya suspirou e seguiu.

Enquanto desciam, o eco dos passos aumentava e um espaço maior se abriu ao redor. O facho da lanterna da Aya alcançou arcos altos como o teto de pedra do grande reservatório embaixo da cidade. Por um momento ela imaginou se a montanha inteira fora escavada para recolher o excedente de água durante a temporada de chuvas. Mas por que as pessoas que construíam a galeria pluvial pareciam tão esquisitas?

Então a lanterna achou os cilindros. O local estava repleto deles, arrumados em fileiras como enormes soldados de metal em uma parada, estendendo-se na escuridão.

— Muito bem, encontramos os cilindros — sussurrou Miki. — Mas o que eles *são*?

Aya balançou a cabeça. Foi até o cilindro mais próximo e colocou a palma da mão contra o metal frio e a superfície lisa. Ao ficar na ponta dos pés para ver o topo, ela notou que não havia nenhum sinal de tampa.

— Parece ser feito de aço sólido pelo que vejo.

Miki passou por ela e várias sombras fugiram do facho da lanterna. Aya a seguiu pelo exército de cilindros e procurou por alguma pista sobre o que eles podiam ser. Mas as formas de metal não tinham marcações ou características distintas, pareciam peões gigantes de um enorme conjunto de xadrez, todos exatamente iguais.

Mas não havia uma *escassez* de metal rolando? Havia aço o bastante ali para dobrar o tamanho da cidade.

Miki parou de repente.

— De novo.

— O quê?

Miki virou e apontou a lanterna para além de Aya.

— Eu vi um reflexo no metal. Tem alguém lá atrás!

Aya deu meia-volta e passou a lanterna pelas fileiras de cilindros. As sombras fugiam e pulavam diante do facho de luz, mas ela não viu nada além do reflexo do próprio rosto na penumbra, distorcido pela superfície lisa do metal.

— Você está tentando me assustar?

— Não, estou falando a verdade — sussurrou Miki, de olhos arregalados sob a luz vermelha das lanternas. — Vou buscar ajuda.

— Tem certeza? Talvez a gente devesse... — Aya começou a falar, mas Miki já estava correndo em direção às escadas, chamando pelas demais.

Aya apertou os olhos para enxergar na escuridão. Algo surgiu de relance no limite da visão, mas quando virou para ver o que era, não notou nada além das sombras fugindo diante da lanterna trêmula.

Ela deu alguns passos para o lado e olhou para a próxima fileira de cilindros de metal. Nada ainda.

Gritos ecoaram pela escadaria — eram as outras garotas respondendo aos berros de Miki. Elas estavam vindo, mas não tão rápido quanto Aya queria.

Ela começou a voltar para a escadaria, olhando nervosa sobre o ombro. A lanterna ia de um lado para o outro, mas isso só fazia as sombras compridas dançarem ao redor e encherem a sala com movimentos furtivos.

Então Aya viu uma coisa ser refletida por uma fileira de metal liso: um borrão de silhueta escura que disparou pelas sombras.

Ela travou e tentou notar a direção para onde a forma estava indo, mas era como perseguir alguma coisa em uma sala de espelhos.

— Miki! — chamou Aya. — Acho que é...

A voz sumiu. A silhueta flutuante surgiu à sua frente e a luz vermelha da lanterna refletiu um conjunto familiar de pequenas lentes.

Era Moggle.

FUGA

— Miki! — gritou Aya. — Está tudo bem! Não acho que tenha algo...

— Não se preocupe, Aya-chan! — A voz de Miki veio do meio da escada. — Elas estão quase aqui!

— Droga — sussurrou Aya. Ela ajoelhou e chamou a pequena câmera flutuante. — Vem aqui!

Moggle hesitou por um instante porque a nova ordem contradizia a antiga de ficar escondida. Porém, quando Aya chamou outra vez, ela disparou pela fileira de cilindros até os braços da dona.

— Ei, Moggle! — sussurrou ela, dando tapinhas na carapaça de plástico pintada de preto. — Bom trabalho ao me encontrar, mas precisa ter mais cuidado.

— Você está bem? — O grito de Miki veio lá de cima.

— Estou muito bem! Mas não acho que tenha algo aqui embaixo! — gritou Aya de volta, em seguida sussurrou: — Temos que encontrar um lugar para esconder você.

Ela desligou a lanterna, enfiou em um bolso e procurou por outra saída. Mas as fileiras de cilindros iguais se estendiam sem fim na escuridão.

Mais gritos surgiram no topo da escada. Miki estava descendo, seguida por vários fachos de luz.

Aya abaixou o corpo e se afastou. A única iluminação vinha da descida das Ardilosas, as luzes vermelhas e amarelas das lanternas eram refletidas pelas curvas de metal dos cilindros. Aya cobriu Moggle com as dobras soltas da jaqueta aberta.

— Quando eu soltar você, encontre um lugar para se esconder. Entendeu?

Como resposta, Moggle piscou os faróis noturnos bem na cara de Aya.

— Pare de *fazer* isso! — reclamou, cambaleando até parar.

— O que foi isso? — chamou Miki. — Aya, onde está você?

Aya piscou até os pontos de luz sumirem e ficou de pé a fim de ver por cima do topo dos cilindros. As Ardilosas estavam se espalhando pela sala aleatoriamente.

Mas Eden Maru levitou com o aparato de aerobol usando os cilindros de metal como sustentação. Ela voou por cima das fileiras com os braços abertos como uma ave de rapina. Devia ter visão infravermelha profissional porque a maioria das partidas de aerobol entre cidades ocorria à noite.

Aya praguejou, abaixou e correu o mais rápido que podia arriscar. Precisava entrar em outro aposento...

Mas será que havia alguma saída dali?

De repente, Moggle tentou sair de suas mãos.

— Ainda não! — sussurrou ela, mas a câmera se soltou e fez Aya perder o equilíbrio. Moggle disparou pelas fileiras de cilindros como uma bala de canhão.

Aya cambaleou até parar e apertou os olhos na escuridão, tentando ver onde a câmera havia desaparecido.

— Perdeu sua lanterna, Enxerida?

Ela ergueu os olhos e viu Eden Maru flutuando logo acima.

Aya tentou pensar em alguma desculpa para ter parado de usar a lanterna, mas não conseguiu.

— É, eu meio que deixei cair.

— Que beleza. — Os olhos de Eden vasculharam a escuridão. — E o que você estava perseguindo, afinal de contas?

— Sei lá. — Aya deu de ombros e tomou cuidado para não olhar na direção em que Moggle tinha fugido. — Acho que talvez Miki esteja vendo coisas.

— Isso não é típico da Miki — murmurou Eden. Os olhos modificados vasculharam os cilindros e pararam na direção em que Moggle voara. — O que tem lá?

Aya apertou os olhos contra a escuridão. As lanternas das outras Ardilosas estavam se aproximando e seus olhos normais só conseguiam ver o fim das fileiras de cilindros. Ela deu alguns passos à frente e viu um círculo de escuridão de um metro de diâmetro: a boca de uma passagem.

Aya soltou um suspiro silencioso. Moggle devia ter decidido se esconder ali dentro. Eden Maru já estava a caminho, flutuando no ar.

— Talvez a gente devesse esperar pelas demais — chamou Aya, correndo atrás dela. — O que quer que seja, pode ser perigoso.

— Achei que você tinha dito que Miki estava vendo coisas — falou Eden.

Ela pousou na frente do buraco e entrou rastejando.

Ao correr para alcançá-la, Aya percebeu que o buraco era do tamanho exato para um cilindro entrar deitado. Na boca da passagem, ela tateou e notou a mesma disposição de canaletas de metal para transportar os cilindros via carregadores flutuantes.

Aya rastejou atrás de Eden o mais depressa que conseguiu.

— Encontrou alguma coisa?

— Sim, mas não faz sentido.

Algumas Ardilosas chegaram à entrada do túnel atrás de Aya. Fachos de luz brilharam e revelaram o que Eden tinha descoberto.

Uma porta grossa de metal estava aberta e havia uma pequena janela reluzindo no centro.

Aya franziu a testa.

— Essa é a única porta que vi aqui embaixo.

— Você quer dizer escotilha — falou Eden, apontando para frente. — E tem outra lá.

— Uma *escotilha*? — Aya balançou a cabeça. — Por que alguém colocaria uma escotilha dentro de uma montanha?

Mas ao avançarem rastejando, ela viu mais metal reluzindo adiante — outra porta pesada e aberta como a primeira. Engoliu em seco. Se fosse mesmo uma escotilha, o túnel seria um beco sem saída.

O que significava que Moggle estava presa.

— É melhor eu ir à frente! — disse ela e se espremeu para passar por Eden.

— Mas você nem consegue ver!

Aya a ignorou e avançou com dificuldade pelo túnel. Pelo menos podia avisar Moggle de que alguém — ou, a julgar pelo eco das vozes atrás dela, *todo mundo* — estava vindo.

— Moggle! — disse quase sem emitir som.

Aya diminuiu um pouco o ritmo e tentou prestar atenção. O ar parecia diferente ali dentro.

Ela deu mais um passo e torceu o pé ao pisar em falso em um trecho irregular do chão. Então resmungou e esticou as mãos à frente para se equilibrar...

Elas tocaram o vazio.

E assim, rolando para a frente, Aya caiu em um abismo.

POÇO

Aya despencou na escuridão absoluta, girando de ponta-cabeça pelas profundezas da montanha.

Ela acionou os braceletes antiqueda na esperança que houvesse metal suficiente para evitar que se esborrachasse. Assim que foram ligados, eles encontraram apoio e interromperam a queda com um estalo capaz de deslocar os ombros. Os pés balançaram por causa da velocidade e um deles bateu contra a pedra sólida.

Aya ficou pendurada ali, atordoada por um instante, vendo estrelas contra a escuridão profunda. Assim que a mente clareou, ela sentiu a pressão do eco da própria respiração. Ao balançar os pés, eles acertaram a pedra e Aya foi empurrada contra um paredão de rocha. O impacto arrancou um grito de dor dos pulmões.

— Pare de chutar! — disse a voz de Eden vindo da escuridão logo acima.

Segundos depois, braços fortes a envolveram pela cintura e a ergueram. A agonia nos ombros diminuiu um pouco.

— Você está bem, Enxerida?

— Vou sobreviver. Mas acho que preenchi minha cota de quedas por hoje.

— Espero que você não continue tentando se matar só para me impressionar.

Aya apenas soltou um grunhido. Enquanto Eden a carregava de volta pela escuridão, ela sentiu o sangue voltar a correr para as mãos.

Eden a colocou sentada em um parapeito — o mesmo de onde ela havia acabado de cair.

— Talvez seja melhor você deixar a exploração para as pessoas que conseguem enxergar no escuro. E voar.

— Claro — disse Aya, enquanto esfregava os ombros com cuidado. — E obrigada.

— Obrigada *de novo*, você quer dizer.

Vozes ecoaram ao redor. As outras Ardilosas estavam descendo pelo túnel.

— Devagar! — gritou Eden. — É uma armadilha... ou algo assim.

— É, algo assim — murmurou Aya, sacou a lanterna e se debruçou com cuidado sobre o poço.

Era circular e largo o bastante para os cilindros descerem por ele. As paredes tinham anéis de cobre tão grossos quanto o braço de Aya, encravados na rocha debaixo de plástico transparente.

O poço também continuava para cima, além do alcance do facho da lanterna.

Moggle com certeza escolhera um lugar estranho para se esconder.

Eden resmungou:

— Vejo que encontrou sua lanterna, Enxerida.

— Ah, sim. — Aya deu de ombros. — Acho que estava no meu bolso o tempo todo.

Eden concordou com a cabeça devagar.

— Vocês encontraram alguma coisa? — chamou Kai. Ela passou pelas demais Ardilosas que se amontoavam no túnel, rastejou até o limite do poço e olhou para as profundezas. — Uau! O que é *isso*?

— Não temos certeza, não é, Enxerida? — respondeu Eden.

— Nem a mínima ideia — disse Aya, esfregando os pulsos. — Mas vai por mim: não pule aí dentro.

Kai se abaixou e passou as mãos pelas canaletas de metal no chão do túnel. Olhou de volta para onde os cilindros esperavam enfileirados.

— Esse poço deve ser o destino daquelas coisas de metal.

— Acho que sim. Talvez seja uma espécie de elevador — disse Aya.

— Um elevador com escotilha? — Kai balançou a cabeça. — Improvável. Dá para ver o fundo?

— Não, mas posso ir até lá. — Eden deu um passo para o vazio e os sustentadores do aparato de aerobol entraram em ação antes mesmo que caísse um centímetro. — Foi mal roubar toda a glória, Kai. — Ela sorriu ao cair e sumir de vista.

Aya observou a queda nas profundezas e torceu para que Moggle tivesse subido e não descido.

Kai virou para ela.

— O que você e Miki estavam perseguindo, afinal de contas?

Aya deu de ombros, o que provocou uma pontada de dor.

— Você está bem?

— Usei muito os braceletes antiqueda hoje.

— Eu percebi. — Kai riu. — Sabia que você era uma de nós, Aya-chan.

— Obrigada. — Aya deu um sorriso fraco, novamente a tontura provocada por ondas de exaustão. — Mas acho que vou descansar um minuto. Preciso recarregar a adrenalina.

— Sem problema. — Kai se debruçou para olhar o fundo do poço e suspirou. — Isso deve levar algum tempo.

Aya passou se arrastando pelas outras Ardilosas e ignorou suas perguntas dizendo que precisava descansar. Saiu do túnel e voltou para os cilindros e a escadaria. No meio do caminho, se abaixou e ligou a tela ocular.

— Moggle? — sussurrou.

O ponto de vista da câmera flutuante surgiu contra a escuridão. O cérebro cansado de Aya levou um tempo para se ajustar à visão infravermelha. Moggle estava olhando para baixo.

O conjunto de pontos de calor abaixo dela eram as Ardilosas reunidas na beira do poço. Eden Maru era um pontinho de luz mais ao fundo, com os sustentadores do aparato de aerobol reluzindo contra a pedra fria.

Moggle dera sorte até então. Obviamente, Eden iria explorar a parte de cima em algum momento.

— Continue subindo e procure por uma saída — sussurrou.

As laterais do poço passaram sem mudança alguma — grossos anéis de cobre a mais ou menos cada metro, sem entrada ou saída. Mas um suave brilho infravermelho surgiu diretamente acima de Moggle, um relance de calor no topo do poço.

— Descubra o que tem lá em cima, mas *não* use os faróis noturnos!

Aya diminuiu o brilho da tela ocular por um instante para verificar se tinha sido seguida. A sala cheia de cilindros continuava vazia.

Durante a subida de Moggle, o sinal começou a enfraquecer e a tela ficou cheia de estática. A conexão estava atravessando muitas camadas de pedra e Aya imaginou qual seria o comprimento do poço. A dermantena só tinha alcance de um quilômetro sem a ajuda da rede da cidade.

Quando Moggle atingiu o topo, Aya mal conseguia enxergar entre as nuvens de interferência. A câmera flutuante parecia estar em uma bolha transparente; luzes fracas brilhavam através de paredes arredondadas de plástico.

Elas pareciam com... estrelas.

Aya subiu mais alguns degraus e a estática melhorou por um instante. Era verdade: Moggle estava olhando do topo da montanha.

De repente foi possível ver toda a cadeia delas. Os picos altos cortavam o céu estrelado e, lá embaixo no vale, os painéis solares do trem magnético reluziam ao refletirem a luz das estrelas. Aya até mesmo conseguiu enxergar o brilho tênue das luzes da cidade no horizonte.

Mas qual a razão para levar os cilindros até o topo da montanha? Havia maneiras mais simples de mover grandes objetos de metal, afinal de contas, como hélices e veículos pesados.

E por que fazer isso tudo no interior de uma montanha?

O sinal enfraqueceu outra vez e Aya mudou de posição na escadaria até encontrar um ponto melhor. Quando a imagem ficou clara, ela franziu a testa. Algo brilhou no canto da visão.

— Vire um pouco para a esquerda, Moggle.

O enquadramento girou até que a linha do trem magnético ficou de frente para ela e Aya engoliu em seco. As luzes de aviso na extensão dos trilhos estavam piscando...

Então ela viu no horizonte uma fileira de luzes vindo em silêncio da cidade. Um trem improvável, cuja viagem não programada ocorria uma vez por mês, estava se dirigindo para o túnel.

E Kai tinha deixado a porta secreta escancarada.

PRESSÃO DO AR

— Fique aí em cima até eu chamar você, mas esteja pronta para correr! — sussurrou Aya.

Ela desceu as escadas correndo, imaginando o que aconteceria se o trem passasse pela porta aberta. Havia equipamentos e mobília espalhados ao redor da entrada, juntamente com uma grande pilha de pranchas voadoras das Ardilosas.

Aya sentira no próprio corpo o que a passagem de um trem magnético em velocidade podia fazer.

Seu reflexo virou um borrão na superfície de metal dos cilindros quando passou correndo por eles. A mente dava voltas. Como iria explicar que *sabia* que um trem estava vindo?

A boca do túnel brilhava com as lanternas das Ardilosas. Elas estavam espalhadas pela entrada e ao longo do túnel, lotando o espaço apertado.

— Saiam da frente! — Ela disparou pelo túnel, se espremeu entre as Ardilosas e ignorou as reclamações. — Todas vocês, me ouçam! Tem um trem vindo!

As garotas se calaram e Kai virou para vê-la.

— Como assim?

— Sabe aqueles trens que viajam fora da programação com os quais você não se preocupou? Bem, tem um vindo na nossa direção! Vai chegar aqui em poucos minutos!

Kai apertou os olhos.

— Por que você diz isso?

— Eu estava voltando para a porta principal... para pegar uma prancha. Achei que talvez uma de nós pudesse descer no poço.

— Você foi até lá e voltou em cinco minutos?

— Não... mas no meio do caminho eu senti o chão tremendo. *Vamos*, Kai. Não temos tempo a perder!

Kai hesitou e um burburinho de descrença tomou conta do túnel.

Aya gemeu e se espremeu por mais corpos até chegar à beirada do poço.

— Eden... *tem um trem vindo*!

Poucos segundos depois, Eden Maru apareceu.

— Um trem? Nós não fechamos a porta!

— E daí? — disse Kai. — Naquela velocidade, quem vai notar alguma coisa? A maioria dos trens magnéticos sequer tem tripulação.

— Mas as nossas pranchas serão sugadas pelo deslocamento de ar, juntamente com qualquer coisa que não estiver amarrada!

— E por que você não disse isso antes? — gritou Kai.

— Porque *você* disse que não haveria nenhum trem!

— Eu disse *provavelmente*!

— Só me deixem passar! — Eden juntou as mãos como uma mergulhadora e disparou pelo túnel cheio de gente.

Instantaneamente o túnel se encheu de corpos em movimento. As Ardilosas estavam gritando e se empurrando para tentar seguir Eden até a entrada da montanha.

Kai hesitou um momento com os olhos fixos em Aya.

— Você tem certeza de que não imaginou tudo isso?

Aya assentiu, ainda sem fôlego.

Kai praguejou, agachou-se e seguiu as demais.

Aya esperou que o barulho da perseguição sumisse para ligar a tela ocular outra vez. Ficou deitada no chão de pedra, olhando para cima na escuridão do poço.

Como agora não havia nada além de ar entre ela e Moggle, a visão do topo da montanha era cristalina. O trem estava bem mais próximo, um colar brilhante de pérolas seguindo pelos trilhos que piscavam, a minutos de distância.

— Desça daí depressa, Moggle! — durou ela. — Não flutue... apenas caia!

Moggle virou as lentes para baixo e Aya assistiu à queda pelo ponto de vista da câmera. O ponto amarelo que representava a própria cabeça na visão infravermelha cresceu à medida que Moggle acelerava poço abaixo, até que Aya viu a própria expressão de surpresa.

— Pare! — gritou.

A câmera flutuante executou uma parada perfeita a poucos centímetros do seu nariz e piscou os faróis noturnos de felicidade.

— É bom te ver também. E, ai, não dá para enxergar nada. — Aya correu pelo túnel estreito. — Siga-me, mas não tão perto. Se encontrarmos alguém, lembre-se de se esconder!

Aya disparou pelo labirinto de pedra do esconderijo, seguindo as canaletas de metal até a entrada. Fora dessa forma que Moggle a encontrara, obviamente. Assim como os cilindros, uma câmera flutuante só poderia seguir pelo caminho de metal.

Quando alcançou o corredor principal, Aya estava sem fôlego pela correria e com o coração disparado. À frente, havia a silhueta de um grupo de Ardilosas contra a passagem para o túnel do trem magnético.

Ao parar, Aya sentiu a vibração do trem debaixo dos pés.

— Vai chegar a qualquer momento — disse Kai.

— Estou *tentando*! — Eden ajoelhou na entrada com o decodificador na mão e a outra acionando freneticamente os controles.

Mas a matéria inteligente da porta não estava se mexendo.

Aya olhou por cima do ombro e viu Moggle tentando conseguir um enquadramento. Ela sorriu. Mesmo que a porta não se fechasse, o que aconteceria a seguir valeria a pena divulgar.

— Todas fiquem a postos, só por precaução — falou Eden.

À frente, as Ardilosas uniram os braceletes antiqueda para formar uma corrente humana. Não que isso fosse ajudar — se os móveis e equipamentos soltos começassem a voar, todas elas estariam em apuros da mesma forma.

Finalmente Eden Maru deixou escapar um gemido de triunfo. A matéria inteligente ganhou vida e os filamentos pretos começaram a se entrelaçar sobre a abertura.

Mas Aya podia sentir que o trem já estava no túnel. Os ouvidos estouraram quando o ar fez pressão contra as Ardilosas a 300 quilômetros por hora. O cheiro de chuva da matéria inteligente se modificando surgiu ao seu redor.

O rugido do trem ficava cada vez mais intenso, redemoinhos de poeira giravam freneticamente nos fachos de luz das lanternas. A primeira camada da porta já havia se formado na abertura, mas ela se inchou na direção de Eden como um balão espremido entre duas mãos.

Se a porta estourasse, Aya imaginou o que aconteceria com o trem. Será que a mudança repentina de pressão iria tirá-lo dos trilhos?

Perto da porta inchada, Eden continuava mexendo nos controles do decodificador e gritou algo que foi abafado pelo rugido do trem.

Mais camadas se formaram...

A vibração chegou ao ápice e as pilhas de equipamentos ao redor de Aya dançaram pelo chão. A superfície de matéria inteligente da passagem tremia rápido demais e vibrava como uma corda de guitarra.

Depois de um longo instante, o rugido começou a diminuir à medida que o trem se afastava.

A porta não desmoronou. Agora que o trem tinha passado, Aya não conseguia distinguir a matéria inteligente da pedra.

Enquanto Eden desmoronava no chão, Kai virou para as demais com um sorriso cansado no rosto.

— Talvez isso tenha sido diversão demais para uma noite.

Um burburinho de cansaço surgiu entre as outras; talvez Aya não fosse a única que não havia dormido nas últimas noites. As Ardilosas começaram a separar suas pranchas e se prepararam para voltar para casa.

O único problema era tirar Moggle dali sem ninguém ver.

— Ei, Kai — chamou Aya. — A gente pode pegar algumas coisas?

Kai olhou ao redor para o equipamento entulhado no corredor.

— Acho que sim. Mas não deixe muito óbvio que alguém esteve aqui.

— Nessa bagunça? Eles estão esvaziando o lugar, não fazendo inventário.

Algumas Ardilosas concordaram e começaram a mexer no equipamento. Aya percebeu que, sem reputação ou méritos, elas não podiam requisitar muitas coisas. As telas de parede e computadores espalhados por ali eram alvos tentadores.

Ela voltou depressa para o esconderijo de Moggle e pegou uma caixa qualquer. Depois de jogar fora o conteúdo de canetas de luz e tablets, Aya gesticulou para que a câmera entrasse. A tampa de plástico se fechou hermeticamente e Moggle ficou completamente escondida.

Ao acionar os braceletes antiqueda, a prancha voadora de Aya veio pelo corredor em sua direção. Ela pressionou a caixa contra a superfície e sentiu os sustentadores de Moggle agarrarem-se através do plástico.

Aya estava pronta para sair levando uma câmera flutuante cheia de imagens ótimas de divulgar.

— Você foi muito ardilosa ao descobrir que o trem estava vindo.

Ela ergueu os olhos e viu Eden Maru sobrevoando acima da cabeça.

Aya deu de ombros.

— Não diria que fui ardilosa. O chão estava tremendo.

— Porém, o engraçado é que eu não senti nada quando cheguei aqui. Não até o trem se aproximar. Mas você o percebeu lá atrás no interior da montanha.

— Vai ver você não está acostumada a andar sobre a Terra, como nós extras, por usar sempre esse aparato de aerobol. — Aya sorriu.

— É, deve ser isso. — Eden olhou para o esconderijo de Moggle. — Encontrou algo interessante?

— Apenas canetas de luz, coisas assim. Você quer uma?

Eden hesitou, então balançou a cabeça.

— Não, obrigada, não preciso roubar coisas. Eu sou famosa, lembra?

— Desculpe, esqueci.

Eden finalmente sorriu.

— Não precisa pedir desculpas, Enxerida-chan. Isso mostra que você está evoluindo.

Ela deu um tapinha no ombro dolorido de Aya e voou de volta até o decodificador de matéria para começar a reabrir a porta.

RAINHA DA GOSMA

Aya não ouviu o alarme na manhã seguinte e perdeu as aulas de Inglês Avançado e de dois tipos de matemática.

Quando acordou, viu com desespero o sol entrando pela janela. Perder aulas significava perder méritos, dano suficiente para deixá-la zerada durante um mês.

Porém, enquanto permanecia deitada na cama olhando para o teto e massageando os hematomas e arranhões da aventura da noite anterior, Aya lembrou que em breve os méritos não importariam mais. Assim que a matéria das Ardilosas fosse divulgada nos canais, ela seria famosa demais para se importar com testes, tarefas do dormitório e servir de babá para as crianças — tudo isso seria tão inútil quanto os mostruários empoeirados de dinheiro dos Enferrujados no museu da cidade.

Uma grande reputação significava que a pessoa não precisava se preocupar em impressionar o Comitê da Boa Cidadania. Bastava continuar famosa, o que era, como os egocêntricos gostavam de dizer, mais fácil do que se tornar famosa, para início de conversa.

Aya esfregou os olhos. Ela dormira enquanto assistia ao material filmado por Moggle e pela câmera do botão: horas de surfe no trem magnético, túneis misteriosos, e Ardilosas duronas revelando os segredos de sua turma. Tudo valia a pena ser divulgado.

Era quase material demais com o qual trabalhar, mais complicado do que qualquer disciplina que Aya tivesse tentado fazer antes. Hiro sempre dizia que não importava que as imagens fossem impressionantes, as pessoas ficavam entediadas depois de dez minutos. Como ela conseguiria reduzir a esse tempo os esconderijos secretos, os alienígenas magricelos e as manobras radicais das Ardilosas? Dava para exibir dez minutos apenas de surfe no trem magnético!

Claro que a maioria das imagens de qualquer reportagem acabava como pano de fundo, assim outros divulgadores poderiam usá-las depois ou verificar se a verdade fora distorcida, como sempre acontecia nas transmissões dos Enferrujados. Mas se trairia as Ardilosas, Aya ao menos devia a elas uma transmissão que mostrasse como eram sensacionais, e não

escondesse os melhores truques onde somente alguns viciados em transmissões iriam vê-los.

Ali deitada, ela imaginou dividir a matéria em capítulos. No verão passado, Hiro divulgara uma série de dez reportagens sobre pessoas que se machucavam para ficarem famosas: cortadores, adeptos da greve de fome, e gente que plantava tabaco para fumar. Mas a ideia de criar algo tão complexo — apresentar os personagens, recordar os temas sem se tornar repetitiva — era avassaladora demais.

As figuras inumanas eram a pior parte. Ninguém acreditaria nos alienígenas, especialmente porque Aya não tinha nenhuma imagem deles. Era o mesmo que inserir unicórnios na matéria.

Ela ligou a tela ocular e viu que Ren estava na casa de Hiro. Ele saberia o que fazer, e Hiro talvez até pudesse ajudar, agora que Aya podia provar que as Ardilosas existiam.

Estava prestes a ligar para Ren quando perdeu a voz — centenas de pings passaram pela visão, quase todas de estranhos. Por algum motivo, Aya recebera um monte de pings na noite anterior.

Então notou um nome familiar — Frizz Mizuno.

Aya hesitou. E se ele estivesse escrevendo para dizer algo radicalmente honesto, tipo que cometera um erro ao gostar dela? Ou que Aya Fuse era uma extra tão sem reputação que ninguém gostaria de sair com ela, muito menos alguém famoso e lindo?

Só havia um jeito de saber. Ela abriu o ping.

> Cercado por câmeras flutuantes hoje!
> E acabei de descobrir o motivo.
> Opa... sinto muito.
>
> — Frizz

Aya franziu a testa. Por que Frizz estava pedindo desculpas quando ela tinha bancado a completa idiota no dia anterior? E o que queria dizer a respeito das câmeras flutuantes? Então Aya notou que o ping terminava com um *link* para uma matéria, e um nó começou a se formar no estômago.

Ela seguiu o *link* e um dos canais dos difamadores de moda surgiu na visão...

O registro tinha sido feito no dia anterior, logo após o resgate de Moggle. Lá estava ela no uniforme do dormitório, coberta de lodo e sujeira, falando com Frizz ao lado dos campos de futebol do dormitório Akira. Mesmo com a imagem granulada das lentes da minicâmera, ele estava lindo como sempre, sentado de pernas cruzadas na prancha. Mas Aya parecia que tinha saído do esgoto.

A legenda dizia: *quem é a feia toda gosmenta com Frizz Mizuno?*

Aya fechou os olhos. Isso não... não *agora*.

O pior é que ela devia ter imaginado que uma coisa dessas iria acontecer. Frizz acabara de criar um novo grupo e sua reputação estava disparando. As câmeras dos paparazzi provavelmente o seguiam a todos os lugares, mas Aya tinha ficado tão confusa com sua atenção que nem pensou em tomar cuidado.

Logo agora que tentava permanecer anônima, lá estava ela bombando nos canais.

Aya assistiu à filmagem outra vez; pelo menos não era possível ouvir o que ela e Frizz conversavam, e Moggle estava longe perseguindo mísseis de plástico e discos de combate.

Era apenas uma transmissão idiota de um difamador de moda, o tipo de matéria que Aya olhava, ria e imediatamente esquecia todos os dias. Ela devia apenas ignorar...

Mas, por alguma razão, Aya não conseguiu se conter. Observou as dezenas de tomadas de fundo, todas tão horrorosas quanto a principal. Obviamente, quem divulgara não se preocupara em mostrá-la *depois* do banho. Que graça teria isso?

E a pior parte era o emaranhado de conversas gerado pelas imagens, mil legendas engraçadinhas, críticas e teorias estúpidas: a cirurgia da Honestidade Radical causou algum tipo de dano cerebral em Frizz, ele tinha atração por narizes grandes, uma nova espécie de namorada saiu dos esgotos.

Na madrugada anterior, um residente anônimo do dormitório Akira reconheceu Aya e divulgou em seu canal, mas até lá o fato de que ela tinha um nome sequer importava. Todo mundo estava se divertindo em chamá-la de "Rainha da Gosma".

Aya ficou deitada de costas na cama, se perguntando como as pessoas podiam ter tão pouca integridade ao mandarem câmeras flutuantes para captar imagens em segredo dos outros. Como Ren dissera, os canais dos

difamadores eram para idiotas. A maioria provavelmente só sentia inveja e estava irritada por Frizz gostar dela, uma extra feia, em vez de alguma outra famosa.

Mas não importava o quanto Aya os desconsiderasse, nem que eles fossem imbecis e insignificantes. Por alguma razão, o que os difamadores diziam ainda assim magoava.

Ela gemeu ao ouvir um sinal suave — provavelmente mais um ping de um novo fã da Rainha da Gosma. Mas quando o nome do remetente apareceu, Aya sentou imediatamente.

— Frizz?

— Ei, Aya-chan. Hã, você viu os canais hoje de manhã?

Ela voltou a deitar.

— Sim. Rainha da Gosma, a seu dispor.

— Foi mal, Aya. Eu ainda não me acostumei com esse lance de paparazzi. Não me ocorreu que...

— A culpa não é sua, Frizz. *Eu* já devia saber disso. — Aya suspirou. — Hiro ficou famoso logo em sua primeira matéria. Eu conheço as regras, apenas esqueci quando vi você esperando por mim.

Houve um momento de silêncio e então ele disse:

— Fico feliz em ouvir isso, eu acho.

Pela primeira vez desde que acordara, Aya sentiu algo além da terrível impressão de ser enganada. Pelo menos Frizz não tinha ligado para dizer como era ridícula.

— É, creio que sim.

— Por que não passa aqui? Podemos fazer um piquenique ou algo assim.

— Pensei que estivesse rodeado de câmeras.

— Completamente, mas e daí? É uma chance para as pessoas verem você sem a gosma, sabe? — Ele riu.

— Mas eu não posso. Lembra a matéria que estou fazendo? Ainda é um segredo.

— Então não falaremos sobre ela. Eu não sei nada, afinal.

— Mas o grupo que vou divulgar tem um problema no cérebro em relação à fama. Odeiam qualquer tipo de reputação. Se me virem com você cercado de câmeras, vão começar a suspeitar.

— Suspeitar de quê? Que você gosta de piqueniques?

— Frizz — gemeu Aya. — Eu estou disfarçada, lembra? O grupo não *sabe* que estou fazendo uma matéria sobre ele.

Houve uma longa pausa.

— Espera aí... eu pensei que fosse um segredo para os outros divulgadores, mas é segredo para o grupo também?

— Sim. Não sabem que sou uma divulgadora.

— Quer dizer que está fazendo com ele a mesma coisa que acabou de acontecer conosco? Está gravando o grupo sem avisá-lo?

Aya abriu a boca e fechou de novo. As palavras deram um nó em sua cabeça.

— Isso é *completamente* diferente.

— Diferente como?

— Eu não estou difamando o grupo, Frizz. Quero mostrar como são demais! Essa matéria vai torná-los famosos!

— Mas eu pensei que você tivesse dito que o grupo odiava fama.

— Sim, odeia, mas... — começou Aya, mas as palavras se emaranharam de novo.

A Honestidade Radical de Frizz era absurda! Às vezes parecia que ele era de uma cidade sem reputação.

— Eu preciso pensar mais nisso, Aya — disse, baixinho.

— Você precisa... o quê?

— Foi mal, mas é que esse lance de segredo é muito estranho a meu ver. Porém, parece que você precisa ficar longe de mim de qualquer forma. Então acho que a gente devia se afastar um pouco.

Por um instante, Aya quis discutir ou mesmo correr para vê-lo, com ou sem câmeras flutuantes. Mas ela não podia simplesmente revelar o disfarce. As coisas já iam mal com seu nome circulando por todos os canais.

Talvez ele tivesse razão quanto a se afastar por alguns dias, mesmo que fosse muito triste admitir isso.

— Você tem certeza, Frizz?

— Sim. Preciso pensar a respeito. Às vezes é difícil saber que tipo de pessoa você é.

Aya cerrou os punhos e procurou o que dizer. Agora Frizz achava que ela era uma difamadora idiota! Se ao menos pudesse explicar que a matéria era mais importante que a privacidade das Ardilosas; o que estava escondido naquela montanha podia ser perigoso.

Mas graças à Honestidade Radical e à fama de Frizz, tudo o que ela contasse para ele estaria nos canais no dia seguinte. Aya não podia arriscar.

Os dois finalmente se despediram e a conexão foi desfeita.

Aya ficou ali, apagando pings debochados e se sentindo pior a cada segundo. Talvez deixar de ver Frizz já não adiantasse mais. E se uma das Ardilosas esbarrasse com a matéria sobre a Rainha da Gosma? Aya seria culpada pelo súbito pico de fama? Ela não tinha culpa por Frizz ser famoso, lindo e atrair câmeras...

Exatamente o tipo de namorado que Aya daria tudo para ter uma semana antes.

Aya franziu a testa e percebeu que aquela era a primeira manhã desde a infância que não havia verificado a reputação — e, para variar, o valor podia ter subido. Ela fechou os canais dos difamadores e abriu espaço na teia de conexões e fofocas que enchiam a tela ocular para ver o cantinho da vergonha.

Ela ficou sentada ali um tempo, olhando para a reputação sem saber o que pensar.

O valor chegou a 26.213 — muito mais alto do que jamais esteve. Finalmente, Aya Fuse era famosa.

Por ser gosmenta.

LANÇADOR ELETROMAGNÉTICO

Havia câmeras flutuantes à espreita na frente do dormitório de Akira.

A matéria da Rainha da Gosma já estava sendo deixada de lado — afinal, havia gente mais famosa para ser difamada pela cidade —, mas Aya decidiu tomar cuidado. Mais alguns dias de anonimato e ela ficaria feliz por estar rodeada por todas as câmeras que conseguisse atrair.

Agarrada a Moggle, ela pulou da janela dos fundos do quinto andar e aterrissou com força no novo jardim de crisântemos do dormitório. Um robô inspetor reclamou com Aya porque ela amassou um canteiro na lama.

Parecia mesmo que aquele dia não seria bom para méritos.

— Pegue a minha prancha, Moggle. Mas não deixe que nenhuma dessas câmeras veja você.

Moggle deu meia-volta e disparou para o depósito de pranchas, parando para olhar pela curva. Depois da aventura da noite anterior, ela finalmente estava conseguindo ser furtiva.

Aya vasculhou a floresta enquanto esperava e se perguntou se haveria alguma câmera de paparazzi escondida entre as árvores. Sentiu um arrepio ao imaginar estar sendo observada. Era assim que Kai vivia? Sendo furtiva o tempo todo e preocupada em não ganhar qualquer tipo de reputação? Parecia uma maneira paranoica de viver.

Moggle reapareceu com a prancha a reboque e Aya subiu.

— Vejo você na casa do Hiro.

Moggle piscou os faróis e disparou pela floresta em direção à parte famosa da cidade.

— Ei, Rainha da Gosma!

Aya gemeu.

— Deixe-me entrar, Hiro. Alguém pode me reconhecer.

— Mas como isso seria possível? Você não está vestindo sua roupa gosmenta.

— *Hiro!*

Mais risadas, até que finalmente a porta do elevador abriu para que ela e Moggle entrassem.

Hiro e Ren continuavam rindo quando a porta abriu de novo. Os dois estavam esparramados no sofá se divertindo com um jogo na enorme tela de parede de Hiro. Explosões e o som de tiroteio faziam os grous de papel tremerem.

— O que vocês dois estão fazendo? — gritou Aya, mais alto que o barulho.

— O Anônimo acaba de divulgar uma matéria difamando jogos — berrou Ren. — Então nos dedicamos a um dia de guerra!

Ela revirou os olhos. Hiro ainda estava chateado porque o Anônimo tinha chamado os coroas da matéria dele sobre imortalidade de desequilibrados e anarquistas.

— Mas isso não está meio alto?

— Foi mal, Gosmenta-sensei — gritou Hiro. — Belo trabalho com sua reputação, por falar nisso. Mais algumas aparições como Rainha da Gosma e você vai ser convidada para a Festa dos Mil Famosos!

Ela falou com desdém.

— Não é você que diz que não existe má fama?

— Não, é a interface da cidade. Eu sou contra a fama por gosma.

Ren riu e caiu de lado para fazer com que o personagem do jogo realizasse uma manobra perigosa.

— Do que *você* está rindo, Ren? — gritou Aya. — Foi você que me fez mergulhar!

— Não sabia que você iria falar com um bonitão famoso ao voltar para casa.

— Nem eu! — berrou Aya, mais alto que as explosões.

— Claro que não — respondeu Hiro. — Assim como você não tinha *a menor ideia* de quem era Frizz Mizuno quando vimos o canal dele ontem.

— Eu não sabia quem ele era ontem. Nem o nome dele, de qualquer forma. Apenas encontrei com ele na noite anterior... em uma festa.

Hiro franziu a testa e fez um gesto. A tela de parede congelou a imagem e o som parou abruptamente.

— Desde quando você é convidada para as mesmas festas que Frizz Mizuno?

— Eu não fui exatamente convidada — respondeu Aya. Hiro levantou uma sobrancelha e ela gemeu. — Eu entrei de penetra em uma festa dos Tecnautas, OK? Estava procurando as Ardilosas.

— Ah, as imaginárias Ardilosas outra vez. — Hiro soltou um longo suspiro. — Por que está perdendo tempo com unicórnios, Aya-chan?

— Elas não são imaginárias. Na verdade, eu me juntei ao grupo ontem à noite.

— Você se juntou aos unicórnios? — perguntou Hiro.

— Às Ardilosas, seu avoado. Eu até surfei com elas.

— O que quer dizer? — perguntou Ren.

— Vocês não ouviram falar de surfe nos trens magnéticos? — Aya gesticulou e Moggle começou a enviar uma série de vídeos para a tela de parede de Hiro. — Então precisam assistir a isso aqui.

Hiro começou a falar alguma coisa, mas a tela de parede já tinha voltado a funcionar. Ele cruzou os braços e assistiu em silêncio à noite de Aya como uma Ardilosa.

Quando terminou, a primeira coisa que Hiro disse foi:

— Mamãe e papai vão matar você.

Aya não tinha como discutir. Os pais nem sequer aprovavam bungee jump. Ela nem podia imaginar o que a mãe diria ao vê-la surfando um trem magnético.

— Os coroas são a menor de nossas preocupações. Depois que você divulgar isso, os guardas vão aparecer — disse Ren.

— Eu sei. — Aya suspirou. — Essa é a parte ruim de divulgar essa matéria. Ninguém nunca mais vai surfar em um trem magnético.

— Não é isso que eu quis dizer — disse Ren, baixinho. — Os guardas vão esquecer o surfe quando virem aquele impulsionador de massa.

Aya olhou para Hiro, que parecia tão intrigado quanto ela.

— O que é um impulsionador de massa? — perguntou Aya.

Ren ficou de pé, foi até a tela de parede, e voltou as imagens com um giro do dedo. Ele congelou a tomada em que Moggle estava subindo pelo poço e apontou para o brilho de metal na pedra.

— Isso é uma bobina de cobre, não é?

— Acho que sim. Tipo a de um motor elétrico?

— Ou a de uma linha férrea — disse Ren. — Trens magnéticos têm dois tipos de ímãs: os que fazem o trem levitar e os impulsionadores de massa.

— E o que eles fazem? — perguntou Aya.

— Os impulsionadores movem o trem. Conforme ele passa, alternam de negativos para positivos, puxam pela frente e empurram por trás, movendo o trem cada vez mais rápido. É possível fazer a mesma coisa para cima.

— Então esse poço é igual a um trem magnético que sobe e desce? — Aya deu de ombros. — Quer dizer que *é* um elevador?

Ren balançou a cabeça.

— O impulsionador pode acelerar mil vezes mais rápido do que qualquer elevador. Você viu a escotilha, certo? Se a pessoa retirar todo o ar do poço, vai poder acelerar no vácuo. Sem fricção, somente velocidade. Com energia suficiente, um impulsionador de massa pode arremessar alguém em órbita.

— Mas qual o *sentido* disso? — perguntou Hiro. — Por que esconder dentro de uma montanha?

Ren ficou olhando para a imagem da bobina de cobre.

— Isso depende do material de que são feitos aqueles cilindros.

Aya deu de ombros.

— Eles pareciam apenas com grandes pedaços de metal.

— Mas e se houver matéria inteligente dentro? Os cilindros podem mudar de forma enquanto voam, criar aerofólios e asas para se guiarem até um alvo. Podem até mesmo formar um escudo contra calor ao caírem.

— Nem pensar, Ren. — Hiro sentou e se endireitou. — O Anônimo está certo: nossos jogos fizeram de você um paranoico de guerra.

— Muito engraçado, Hiro. — Ren moveu a imagem até o *close* de um cilindro. — Deixe-me fazer uns cálculos. Qual o tamanho deles, Aya?

— Hum... talvez um metro de diâmetro? E um pouco mais alto que eu. — Aya franziu a testa. — Por que está tão empolgado?

— Ele está delirando — disse Hiro.

— Vamos dizer que tenha 2 metros de altura. — Ren mexeu os dedos e números surgiram na imagem do cilindro na tela de parede. — Então o raio ao quadrado é 25 centímetros, vezes pi dá mais ou menos 0,75. Isso multiplicado por 2 metros de altura é igual a 1,5. Ei, sala? Quanto pesaria 1,5 metros cúbicos de aço?

— Que tipo de aço? — perguntou a sala.

— Não importa, apenas arredonde.

— Quase 12 toneladas.

— Doze *toneladas*? — Ren deu um passo para trás e caiu sentado na poltrona usada por Hiro para ver os canais, olhando arregalado para a tela.

— Qual o problema? — perguntou Aya, baixinho.

Hiro inclinou o corpo para frente sem a expressão alegre no rosto.

— Ei, sala? Quanta energia seria gerada se 12 toneladas de aço caíssem de órbita?

— A que altura de órbita?

Hiro olhou para Ren, que deu de ombros e disse:

— Duzentos quilômetros? Ignore a resistência do ar e arredonde a conta.

A sala sequer fez uma pausa.

— O objeto aterrissaria a 2 mil metros por segundo e liberaria 24 gigajoules, o equivalente a seis toneladas de TNT.

— OK... isso não é nada bom — falou Hiro.

— O que é TNT? — perguntou Aya.

— Hoje em dia é uma unidade de energia — Ren respondeu Ren. — Mas há muito tempo era um produto químico que os Enferrujados usavam para fazer bombas.

— *Bombas?* — Ela engoliu em seco. — Como na época em que costumavam atirar mísseis uns nos outros?

— Uau, Rainha da Gosma, você pega as coisas rápido — disse Hiro.

Ren assentiu devagar.

— Isso pode ser algum tipo de destruidor de cidades.

— Você não está falando sério. — Aya se lembrou das armas dos Enferrujados que destruíram cidades inteiras em segundos, queimaram o céu e envenenaram o solo por décadas. — Mas os destruidores de cidades tinham explosivos. Aqueles cilindros eram apenas aço sólido!

— Sim, Aya, e os dinossauros foram extintos por ferro. Ferro que *caiu do espaço* — falou Ren. — Esses cilindros não cairiam aleatoriamente. A matéria inteligente poderia se dividir em pedaços menores, um para cada edifício de uma cidade. Quantos cilindros você disse que existiam?

— Havia centenas, Ren — disse, baixinho.

— Milhares de toneladas? Com a atual escassez de metal?

Aya balançou a cabeça.

— Mas vocês não estão tirando conclusões precipitadas? Nós nem sabemos se existe matéria inteligente dentro dos cilindros.

— Talvez eu consiga arrumar algo para você testá-los — disse Ren.

— Um decodificador de matéria resolveria? — perguntou Aya e os dois viraram para encará-la. — Porque, tipo, as Ardilosas têm um.

— Aya — disse Hiro, devagar. — Não me diga que você andou brincando com decodificadores.

— Eu nem toquei nele!

— Aya! Decodificadores não são ilegais apenas porque você pode perder méritos, você pode ir para a cadeia!

— Porém, eles são perfeitos — disse Ren. — Basta dar um simples comando e ver o que o decodificador faz.

— Ren! — gritou Hiro. — Minha irmã caçula não vai mais passar um segundo com essas Ardilosas. Você quer que meus pais me matem?

Ren virou para ela.

— Se você não quiser ir, Aya, eu vou tentar entrar na montanha. Mas a matéria é sua...

Aya não respondeu de primeira e ficou olhando para o emaranhado de contas na tela, lembrando-se de quando tinha 10 anos. A turma de crianças foi levada em carros voadores para uma antiga ruína da segunda guerra global dos Enferrujados. Os restos de um domo queimado surgiram entre paredes destruídas sem janelas e marcavam onde cem mil pessoas tinham morrido em um rápido *flash*. Ela não acreditou que aquilo fosse possível, nem que um dos Enferrujados fosse capaz de tal coisa.

Mas parecia que alguém estava seguindo os passos deles.

— Foi mal, Hiro, mas eu preciso fazer isso — disse ela. — O fim do mundo não é uma coisa que se divulga pela metade.

PARTE II
DESTRUIDORES DE CIDADES

Atrás de cada oportunidade de se realizar pela fama se esconde a ameaça de mais fracassos.

— Leo Braudy, *The Frenzy of Renown*

BANIDA

As Ardilosas não ficaram contentes com a Rainha da Gosma.

Aya descobriu que Kai vigiava as reputações das demais com tanta atenção quanto a própria. Ela não deixou de notar a súbita mudança de Aya, do anonimato para uma leve fama. Depois de várias mensagens, Kai admitiu que *talvez* não tivesse sido totalmente culpa de Aya, mas a situação ainda era um problema.

Elas não permitiam gente que atraísse câmeras.

Então Aya estava banida das Ardilosas, pelo menos até que a reputação caísse abaixo dos seis dígitos.

A princípio, Aya pensou que a demora a faria perder a cabeça. Lá estava ela, finalmente com uma matéria importante nas mãos, e precisava esperar que um bando de ninguéns parasse de debochar dela por um assunto sem importância.

Ainda por cima, Aya não podia arriscar sair com Frizz até que a situação se resolvesse. Se fossem vistos juntos, surgiria mais uma onda de difamação sobre a Rainha da Gosma e sua reputação aumentaria.

Mas, com o passar dos dias, a espera até que não foi tão ruim.

Aya ficou no quarto e não foi às aulas alegando que ficara resfriada por causa do lago subterrâneo. Retirou do ar as velhas matérias por uma semana e só respondeu aos pings de Hiro, Ren e Kai. E, aos poucos, Aya Fuse (com seu *alter ego*, a Rainha da Gosma) começou a desaparecer, sua reputação caía milhares de posições todos os dias.

A parte mais estranha era não ter um canal. Nos últimos dois anos, tudo o que Aya achava importante era armazenado ali: imagens, matérias, horários de aulas e notas. Listas de tudo o que fazia, pensava e queria, e de todos os amigos e inimigos. Mesmo que quase ninguém assistisse ao canal, apagar a transmissão era como apagar uma parte de si mesma.

Felizmente, Aya tinha muito com o que se ocupar.

Ela levou uma semana inteira para fazer uma edição preliminar da reportagem, com cuidado para esconder a terrível verdade até o fim e, no entanto, relevar o suficiente para manter as pessoas assistindo. Seria a matéria mais longa que jamais divulgara, com quase 20 minutos. Hiro

falou para encurtar a versão que assistiu, mas Aya não estava preocupada que alguém ficasse entediado.

A matéria tinha de tudo: rebeldes excêntricos, tecnologia misteriosa, tomadas impressionantes da natureza e um acidente de trem magnético que não aconteceu por um triz. E, claro, a velha e boa humanidade tentando destruir o planeta mais uma vez — todas as promessas e perigos da libertação reunidos em uma só reportagem.

A única coisa que ficou de fora foi o trio de figuras inumanas que ela e Miki viram. Não havia imagens das criaturas, afinal de contas. E claro que armas destruidoras de cidades já bastavam, nem precisava misturar a existência implausível de alienígenas. Aya nem falou sobre eles com Hiro e Ren, que provavelmente diriam que estava acreditando em unicórnios outra vez.

Ela deixou um espaço em branco ao final para a verdade sobre os cilindros, assim que provasse a teoria de Ren sobre a matéria inteligente. Mas Aya já estava convencida: os cálculos eram corretos, e ela descobriu que os Enferrujados também tinham escavado locais nas montanhas para que seus líderes sobrevivessem enquanto o resto do mundo ruía. Tudo isso era um terrível *flashback* das antigas guerras que mataram milhões.

Talvez, assim que as Ardilosas enxergassem a verdade, Aya fosse perdoada por divulgar a matéria. Até mesmo Kai iria entender que a segurança do mundo era mais importante do que manter alguns truques em segredo.

Então Aya esperou pacientemente, editando e reeditando, aguentando os comentários irritantes de Hiro. Reservou um minuto inteiro para que Ren colocasse os cálculos de mecânica orbital e energia cinética. A princípio, essa parte era chata, mas terminava com explosões — a imagem perversa e sensacional de prédios ruindo depois que seus suportes flutuantes tinham sido arrancados por pedaços de metal semiderretido.

E, finalmente, após uma longa semana, sua reputação voltou à casa dos cem mil. A Rainha da Gosma não existia mais e Aya Fuse virou uma Ardilosa pela última vez.

TESTE

— Tem certeza de que nada seguiu você? — perguntou Kai.

— Absoluta — disse Aya ao parar a prancha.

Só para ter certeza, Moggle a seguira desde o dormitório Akira e tinha ficado de olho em qualquer câmera que tivesse sobrado de seu curto reinado como Rainha da Gosma. E, para ficar ainda mais segura, Ren costurou seis câmeras espiãs no casaco do dormitório viradas para todas as direções, e nenhuma viu nada.

— Cadê todo mundo? — perguntou Aya. Eden e Kai eram as únicas Ardilosas que esperavam por ela no limite da cidade.

— Estão de folga. Tem vento demais para o surfe, mas achamos que você toparia, já que estava afastada — respondeu Eden.

— Sério? — Aya franziu a testa. Ela notara o vento ao sair do dormitório, mas não tinha parecido tão forte assim. — Acho que tenho que agradecer. Estava ficando muito entediada no meu quarto.

— É isso que dá andar com famosos. — Kai riu. — Talvez se você diminuísse esse nariz, não atrairia tantos garotos bonitos.

Aya revirou os olhos. Agora o nariz dela era *bonito* demais?

— Não importa, Kai. Só quero entrar na montanha de novo. Andei fazendo algumas pesquisas e tenho uma teoria sobre aqueles cilindros.

— Mal posso esperar para ouvir, mas, infelizmente, você está um pouco por fora — disse Eden.

— Quer dizer que já sabem o que eles são? — perguntou Aya baixinho.

Eden sorriu e balançou a cabeça.

— Não, só quis dizer que Kai é Lai agora.

— Continuar desconhecida é uma luta interminável — falou Lai. — Mas agora você entende disso, não é, Rainha da Gosma?

— Claro, Lai. — Aya olhou sobre o ombro para esconder o alívio. A vibração do trem começou a crescer sob seus pés.

— Não se preocupe por estar destreinada, Enxerida — disse Lai, sorrindo. — Surfar um trem magnético é como andar de prancha voadora. Você nunca esquece.

O deslocamento de ar estava pior do que nunca.

O vento ficava mais forte à medida que o trem se aproximava do limite da cidade. Voando deitada na prancha, Aya sentia cada tremor e puxada do ar. A brisa soprava além do arco da curva e sua energia se misturava à turbulência da passagem do trem como dois rios caudalosos formando uma correnteza forte.

O primeiro contato com a área de baixa pressão fez Aya girar e ver a terra e o céu darem voltas. Somente os braceletes antiqueda turbinados de Eden a mantiveram firme, com os dedos brancos de tanto segurar a ponta da prancha.

Aya lutou para controlar a prancha e conseguiu nivelá-la outra vez. Toda vez que se dirigia para a borda do trem, a turbulência provocava um novo giro.

Agora entendia por que Lai e Eden tinham dito para as outras Ardilosas ficarem em casa!

O trem começou a emitir um zumbido — estava se endireitando outra vez e ganhando velocidade — e Aya trincou os dentes. De forma alguma ela iria passar mais um dia trancada no quarto, sem poder divulgar a maior matéria desde a libertação...

Ela manobrou para a esquerda e puxou a prancha em direção ao trem, forçando passagem pela barreira do deslocamento de ar.

A prancha iniciou uma nova sequência de giros, mas dessa vez Aya não resistiu, deixou o mundo rodar várias vezes até que o desenho formado pelas luzes da linha férrea se estabilizasse. Então se permitiu levar pelos giros da prancha e passou pela turbulência.

Na calmaria, Aya lutou para nivelar a prancha outra vez. A cabeça ainda estava rodando, mas o trem se estendia ao lado, estável como uma casa.

Ela se esgueirou pela lateral de metal e subiu a bordo.

Alguns metros à frente, Lai e Eden já estavam de pé, assistindo admiradas.

— Nada mal — disse Lai, chamando. — Talvez você esteja pronta para aprender alguns novos truques!

O trem continuava acelerando e Aya não respondeu enquanto colocava o bracelete antiqueda no tornozelo. Ficou de pé assim que o trem atingiu velocidade de cruzeiro. As três surfaram juntas em silêncio e evitaram

riscos de decapitação enquanto a natureza passava em disparada de cada lado.

Logo as montanhas surgiram no horizonte, a massa escura cem vezes mais sinistra agora que Aya sabia o que havia no interior.

Ren tinha enviado os cálculos mais cedo: somente uma montanha poderia esconder um impulsionador de massa grande o bastante para arremessar um projétil em órbita. Além disso, a atmosfera era mais rarefeita sobre as montanhas, o que oferecia menor resistência do ar para os cilindros assim que saíssem do poço. Quem quer que tenha construído aquilo pensara muito sobre como destruir o mundo.

Quando os cumes pretos surgiram diante dela, Aya se perguntou pela primeira vez se os difamadores da libertação como o Anônimo estavam certos. Talvez a humanidade fosse perigosa demais para ficar livre. A cura tinha apenas três anos e alguém já tinha construído uma arma capaz de deixar os Enferrujados orgulhosos.

Pelo menos a descoberta tornava uma coisa mais fácil: assim que as Ardilosas percebessem qual o objetivo do impulsionador de massa, *teriam* que entender que ele não poderia mais ser mantido em segredo.

— Então, que teoria é essa? — perguntou Lai.

— Bem, tem a ver com aquele troço — disse Aya e apontou a lanterna para a porta secreta.

Eden Maru se encontrava agachada ao lado dela, acionando os controles do decodificador de matéria com os dedos. O túnel estava um breu à exceção da lanterna de Aya — as outras duas tinham visão infravermelha — e a escuridão ao redor ganhou vida assim que a porta começou a zumbir.

— Você quer dizer a matéria inteligente? — indagou Lai.

— Exatamente. — Aya passou a luz pela superfície para vê-la se ondular e sentiu o cheiro de chuva. — E se os cilindros forem revestidos dela?

Eden olhou para Lai sobre o ombro, mas nenhuma falou nada.

— Para mim, aquele poço que a Eden encontrou parece um impulsionador de massa. E se os cilindros forem capazes de mudar de forma, devem ser mísseis de alguma espécie.

Por um instante não houve outro som a não ser o zumbido da matéria inteligente e então Lai falou:

— Você quer dizer que essa montanha inteira é uma arma?

— Exatamente. Uma espécie de arma tradicional dos Enferrujados.

— Teoria interessante. — Eden observou as últimas camadas da porta se abrirem, revelando o brilho laranja do túnel. — Quão certa disso você está?

— Tenho certeza quase absoluta. Posso provar assim que chegarmos aos cilindros.

Elas entraram e Eden virou para fechar a porta secreta de novo. Como era esperado, Moggle ficaria presa do lado de fora hoje naquela noite. Pelo menos Aya tinha as câmeras espiãs.

— Esperta — disse Lai. — Mas você não foi a única a bancar a esperta esta semana.

Aya franziu a testa. As duas não pareciam sequer surpresas.

— Isso é sério, Lai. Aqueles cilindros podem destruir uma cidade inteira. São mais mortais do que qualquer coisa usada na Guerra de Diego.

— Pode ser, Enxerida, mas espere até ver o que a gente armou.

— Mas isso pode significar...

— Aya, eu disse para *esperar*!

A porta fechou e Aya ficou calada. Tinha esquecido que Eden Maru também era uma Tecnauta, muito mais famosa do que Ren. O que ela e as Ardilosas andaram aprontando na semana anterior?

O trio avançou pelos corredores de pedra, passando pela bagunça e equipamentos. Quando elas chegaram à sala dos cilindros, Aya parou no topo da escadaria para permitir que as câmeras registrassem as fileiras de mísseis de metal.

— O que foi, Enxerida? — perguntou Eden.

— Se puder me emprestar o decodificador por um minuto, eu vou mostrar uma coisa.

— Ele não é um brinquedo.

— Eu sei disso. Só me deixe tentar uma coisa.

— Deixe — disse Lai. — Isso pode ser interessante.

Eden suspirou e entregou o aparelho para Aya. Era mais pesado do que aparentava, o topo tinha vários controles e mostradores. Ren tinha avisado que era uma das poucas máquinas feitas propositalmente para ser difícil de ser usada. Não havia voz de ajuda, nem tela de instruções — o decodificador era tão sem graça e sem interface quanto os aparelhos dos Enferrujados no museu da cidade.

Aya desceu as escadas e escolheu um cilindro qualquer. Tirou o cartão de memória de Ren do bolso e colocou no leitor do decodificador.

— *Você* criou um aplicativo para um decodificador de matéria? — perguntou Eden com desdém. — Você é cheia de talentos secretos, não é?

Aya deu de ombros. Estava cansada de mentir.

O decodificador foi ligado e ela o pressionou contra a lateral de metal do cilindro. Um zumbido tomou conta do ar, bem mais baixo que o som da porta secreta. Parecia a vibração de um trem se aproximando, mas era suave como um arco passando pelas cordas de um violoncelo.

Havia um cheiro no ar de chuva e relâmpagos, como no momento em que a porta abria.

O cilindro começou a mudar de forma devagar, como metal derretido sendo jogado sobre um molde invisível. Primeiro se transformou em um cone com a ponta arredondada e de um tom pálido de branco. Ren disse que isso iria acontecer — a parte branca era feita inteiramente de matéria inteligente, um escudo contra calor para protegê-lo de queimar ao entrar em órbita. Quatro pequenas asas surgiram das laterais, uma delas se esticou em direção a Aya como o pseudópodo de uma bactéria de metal.

Ela deu um passo para trás, fascinada pelo ondular das formas.

A estrutura das asas se consolidou. Elas eram feitas para utilizar a estratosfera de modo a guiar o míssil para a órbita certa. Então as transformações pararam como líquido subitamente congelado e o metal ficou imóvel diante delas.

Talvez estivesse esperando determinadas instruções, algo além do simples comando programado por Ren.

— É isso? — perguntou Lai.

— Acho que sim. — Aya franziu a testa. — Mas você viu as asas. Isso significa que é um míssil, certo?

Eden sorriu.

— Foi o que achamos que era. Bela prova, entretanto.

— Vocês *sabiam*? — gritou Aya.

Lai deu de ombros.

— Assim que percebemos que o poço era um impulsionador de massa, o restante era óbvio. Mas eu tenho que dar o braço a torcer, Aya, nós não pensamos em testar os cilindros. Olhamos para a outra metade da equação.

— Que outra metade?

— Venha ver, Rainha da Gosma.

Eden pegou em sua mão com força e a puxou até a entrada do impulsionador. O trio seguiu pelo túnel e atravessou as duas escotilhas até a borda do poço. Lai apontou para o fundo escuro.

— Notou algo de novo?

A luz da lanterna sumiu antes de chegar ao fundo.

— Não consigo ver nada, Lai. Eu não tenho visão infravermelha, lembra?

— Ah, certo. Olhe de perto então.

Lai colocou uma das mãos com força no meio das costas de Aya e a empurrou para o vazio.

NO FUNDO DO POÇO

Os braceletes antiqueda de Eden Maru deviam ter sido reprogramados, pois dessa vez não pararam abruptamente a queda de Aya, apenas a suavizaram, descendo Aya gentilmente pela escuridão.

Durante um instante de pânico, ela imaginou que Eden e Lai tinham descoberto quem era e planejado deixá-la lá no fundo. Então ouviu os risinhos das duas seguindo poço abaixo.

— Muito engraçado! — gritou para o alto.

Eden passou por ela flutuando e disse:

— Espero que não tenha medo de quedas, Aya, pois pode ser um problema.

— O que isso quer dizer?

Eden não respondeu, simplesmente pegou Aya pelos pés e a guiou para baixo até chegarem ao chão de pedra.

Aya massageou um ombro dolorido e apontou a lanterna com a outra mão. O poço era mais espaçoso ali embaixo e havia um estranho aparato no meio. Eram quatro pranchas voadoras de longa distância presas de maneira tosca com tiras de metal e tinham por dentro um emaranhado de sustentadores industriais.

— Você não encontrou esse troço aqui embaixo, não é? Você o construiu.

— Claro. É meu pequeno trenó. — Eden fez carinho na prancha mais próxima. — Aposto que mal pode esperar para andar nele.

— Andar? *Onde?*

Eden pegou a corrente em volta do pescoço e puxou um apito de dentro do aparato de aerobol. Estufou as bochechas e soltou um longo e estridente assobio.

— Ai! — disse Aya, cobrindo os ouvidos tarde demais. — Dá para avisar antes, por favor?

Lai pousou no chão próximo a ela, rindo ao dar uma volta no ar com os braceletes antiqueda. Um apito em resposta soou de cima.

Aya ergueu os olhos e viu um tênue brilho no alto. O luar.

— A abertura foi selada para o ar ser bombeado para fora — disse Lai. — Esses cilindros, obviamente, conseguem romper o plástico. Mas uma vez que *nós somos* os projéteis, eu mandei as Ardilosas abrirem caminho.

— Nós somos os...? — Aya começou e então franziu a testa. — Mas você disse que as outras estavam de folga.

— Eu menti — disse Lai com um suspiro. — E mentir é feio, não é?

Aya olhou para o trenó.

— Espera aí, vocês não colocaram o impulsionador de massa para funcionar, colocaram?

— Nem pensar — respondeu Eden. — Com energia correndo pelas bobinas, a aceleração mataria a gente. Mas o lançador tem aço o bastante para impulsionar as pranchas. Meu pequeno trenó pode ir muito rápido.

— A gente? O que acontece quando chegarmos ao fim?

— Acontece a inércia — disse Lai. — Acontece o voo. Acontece a *diversão*.

Aya ficou de queixo caído.

— E quando acontecer a *gravidade*? A gente pode alcançar centenas de metros no ar!

Eden balançou a cabeça.

— Ah, muito mais alto que isso, Enxerida-chan.

— Mas como o seu pequeno trenó vai pousar? Não há malha magnética lá fora. Essas pranchas vão cair como rochas.

Lai sorriu.

— Você não ouviu as fofocas sobre a gente, Enxerida?

Ela apontou para o chão. A lanterna de Aya revelou quatro pilhas grandes como mochilas cheias de roupas para lavar com tiras de bungee jump penduradas.

Então Aya se lembrou da história que Hiro contou sobre as Ardilosas. Os rumores de que elas pulavam de pontes... usando paraquedas.

Paraquedas *caseiros* porque o buraco na parede não fornecia verdadeiros.

— Ah, droga.

— Só não puxe a cordinha antes de contar até trinta — disse Eden. — Em uma noite como essa, o vento pode levá-la por horas, se abrir o paraquedas muito no alto.

— Mas eu não...

— Na primeira vez que fiz isso, eu fui parar a meio caminho do oceano — disse Lai. — Levei *horas* caminhando até voltar à linha do trem.

A cabeça de Aya estava pulsando.

— Quer dizer que já fez isso antes?

— Cinco vezes! — declarou Lai, mostrando a mão aberta. — Nós treinamos a semana inteira para deixar o trenó prontinho para você!

Aya ergueu os olhos para o pequeno vislumbre de luar.

— O que quer dizer com deixou pronto para *mim*?

De repente seus braceletes antiqueda foram ligados e os pulsos de Aya bateram com força contra o aparato. Ela se contorceu e puxou, tentando desmagnetizá-los, mas os braceletes aguentaram firmes.

— O que vocês estão fazendo? — gritou Aya.

Eden levantou uma das mochilas e a segurou atrás de Aya. As tiras ganharam vida e se enroscaram como cobras em volta das coxas e ombros.

— Só estamos garantindo que sua matéria tenha um final de virar a cabeça — disse Eden.

Lai riu.

— Não gostaríamos de decepcionar seus fãs!

— Mas eu não sou... — A voz sumiu e Aya parou de lutar no trenó, sem argumentos. De uma forma estranha, era um alívio que elas tivessem descoberto a verdade. — Como vocês sabiam?

— Você acha que somos completamente idiotas, Enxerida? — disse Eden. — Que não notamos você tentando tirar informações de mim e da Miki?

— Ou que a gente realmente acreditou que você ouviu aquele trem quando estava a 50 quilômetros de distância? — acrescentou Lai. — O que foi aquilo, uma câmera flutuante deixada nos trilhos?

Aya balançou a cabeça com lágrimas nos olhos.

— Não, a Moggle estava escondida no topo do poço.

— Ah, sim, Moggle. — Lai riu. — A prova definitiva. Aqueles vídeos de você e Frizz Mizuno.

— Eu e Frizz? Mas a Moggle nem estava perto da gente!

— Talvez não perto, mas sua amiguinha apareceu no fundo de uma imagem, perseguindo mísseis de plástico e discos de combate enquanto vocês dois ficavam trocando olhares. Eu nem reparei que era a Moggle de início, até que a Eden notou os grandes sustentadores na parte de baixo.

Então todas nós começamos a nos perguntar por que aquela câmera específica não estava no fundo do lago onde deveria estar.

— OK, eu sou uma divulgadora, está certo? — Aya engoliu em seco. — O que vão fazer comigo?

— Não é óbvio? — Eden apertou mais as tiras do paraquedas. — Nós vamos levar você para um passeio.

PASSEIO

Lai e Eden colocaram os próprios paraquedas e depois amarraram um quarto no trenó. Ficaram na frente de Aya em igual distância no aparato, olhando uma para a outra como três crianças de mãos dadas.

Aya sentiu um pouco de alívio. Pelo menos elas iriam acompanhá-la nesse passeio.

— Como está o paraquedas, Enxerida? Firme?

Aya tentou girar os pulsos, mas eles não se mexeram.

— Muito.

As tiras do paraquedas com certeza saíram de uma jaqueta de bungee jump; elas se ajustavam enquanto Aya se mexia, mas continuavam firmes em volta dos braços e coxas, o que passava segurança. Ainda assim, não dava para esquecer que os sustentadores da jaqueta — inúteis na natureza — tinham sido substituídos por um monte de seda.

Sua vida dependia de um pedaço de *pano*.

Ela se lembrava vagamente da teoria: os paraquedas tinham uma área muito maior do que a pessoa, então a queda era equivalente a de uma pena em vez de uma pedra *se* a pessoa não entrasse em pânico e se esquecesse de puxar a cordinha, *se* o mecanismo caseiro abrisse sem se enrolar...

— Você realmente fez isso antes?

— Vinte e sete disparos pelo poço ao todo — disse Eden. — Apenas uma perna quebrada.

— Isso é reconfortante.

— Tente relaxar. — Lai sorriu. — Uma coisa que aprendemos ao pular de pontes: somente os nervosos morrem.

— Você está...? — Aya começou e então percebeu que não queria saber se Lai estava brincando ou não. Talvez esta fosse a verdadeira razão de as Ardilosas odiarem divulgação: truques assim podiam acabar mal, muito mal.

Ela forçou os braceletes antiqueda mais uma vez, mas pareciam estar soldados à estrutura do trenó.

Eden já começava a contagem regressiva.

— Três... dois... um...

Aya esperou um tranco, mas o lançamento foi tão suave como uma decolagem de prancha. Logo, porém, o trenó acelerou e as bobinas de cobre passaram voando por elas.

Aya apertou os olhos para ver o pontinho de luar. Enquanto deixava as paredes do poço para trás, um pensamento assustador começou a crescer. E se aquela fosse uma solução divertida que as Ardilosas tinham encontrado para se livrar dela para sempre? E se não estivesse usando um paraquedas, e sim uma mochila cheia de roupa velha para lavar?

— Vocês sabem por que eu tive que mentir, certo? — implorou ela. — Não conseguem entender como essa matéria é importante?

— Você mentiu desde o início, Enxerida — gritou Eden mais alto que o vento. — Não está tentando salvar o mundo, quer apenas ficar famosa.

Aya abriu a boca, mas ficou sem palavras. Não importava do que tivesse se convencido na última semana, uma coisa era verdade: sua carreira como Ardilosa tinha começado como uma mentira.

Ela finalmente conseguiu dizer:

— Eu fiquei furiosa com você por ter jogado a Moggle longe.

— Isso foi escolha sua — disse Lai.

— OK, eu menti! Mas essa arma ainda é importante. As pessoas precisam saber dela.

Nenhuma das duas respondeu. O vento tinha levado suas palavras.

— A arma pode atingir qualquer alvo no mundo! Vocês precisam me deixar...

— Lá vamos nós! — gritou Lai.

De repente o mundo ficou claro... elas irromperam ao luar! Os ouvidos de Aya estouraram, a cabeça ficou apitando. Em uma fração de segundos, viu de relance as Ardilosas vibrando no topo da montanha, mas elas sumiram em um instante e o horizonte inteiro se abriu ao redor.

— Que tal essa visão sensacional? — berrou Lai, o sorriso desvairado tão radiante quanto o de qualquer perfeito. — Espero que tenha trazido câmeras espiãs.

Aya apertou os olhos contra o vento, surpresa com a altura que estavam alcançando. Acima delas, notou algo delicado e branco refletindo o luar. Parecia se dissolver à medida que se aproximavam, virando tênues filamentos de cada lado.

Aya engoliu em seco ao olhar ao redor. Elas realmente estavam atravessando as nuvens mais baixas.

O panorama ficou imenso de repente — uma cadeia inteira de montanhas se espalhava ao redor, cortada pela linha do trem magnético como um veio de prata.

Lai soltou uma das mãos e apontou para o brilho dos painéis solares dos dois lados dos trilhos.

— É dali que o impulsionador de massa tira sua energia, ele rouba do conjunto de painéis solares do trem. Basta parar o tráfego e a pessoa terá energia o suficiente para arremessar um cilindro a cada minuto.

Aya mexeu a câmera espiã do ombro esquerdo para enquadrar a imagem. Essa sequência seria a mais fantástica até agora, contanto que o paraquedas funcionasse mesmo...

A subida ficou devagar e calmamente o céu virou quando o trenó começou a girar. Aya sentiu uma onda de tontura.

— Vocês vão realmente me deixar divulgar isso? — perguntou.

— Claro — disse Eden.

— Mas nunca mais poderão voltar aqui.

Lai gargalhou.

— Por acaso, nós Ardilosas *gostamos* do mundo, para a sua sorte. Podemos não ser fanáticas por créditos, mas máquinas mortíferas atrapalham os truques!

Aya olhou para baixo e viu as luzes da cidade no horizonte. Tentou imaginar inúmeras toneladas de aço em formato aerodinâmico e miradas com precisão cortando os limites da atmosfera.

Sentiu o estômago revirar. De repente, o céu pareceu parar, exceto pelo giro lento do trenó.

O vento sumiu completamente.

— Hã, estamos caindo?

— Estamos descendo — disse Eden. — Mas você está prestes a aprender uma nova definição de queda, Aya-chan.

— Ah. — O estômago se revirou de novo, como se algo tentasse sair dele. Algo que *não* queria estar a vários quilômetros de altura com nada além de uma mochila cheia de tecido, duas garotas e quatro pranchas inúteis como companhia.

— Preste atenção agora, Aya. Quando aterrissar, caminhe de volta à linha do trem magnético e chame uma prancha com seus braceletes. Deixamos uma esperando por você perto dos trilhos — gritou Eden.

Aya concordou e tentou se concentrar. Aquele era o final alucinante de que a matéria precisava e ela só tinha mais alguns segundos para concluir uns pontos da história.

— E o que vocês farão agora que ficarão famosas?

— Vamos sair da cidade hoje à noite — disse Lai. O vento estava aumentando agora e seu cabelo esvoaçava, esticado para cima, o que deixava sua aparência mais desvairada do que a de costume. — Vamos mudar nossos rostos. Por isso fizemos esse passeio com você, para ganharmos tempo para fugir.

Aya ainda não conseguia acreditar.

— Mas não percebem quanta reputação e méritos vão ganhar por descobrir isso?

— Essa descoberta vai provocar mais do que um mero ganho de méritos. — Lai soltou um dos braceletes, esticou o braço através do trenó e pegou firme na mão de Aya. — Tenha cuidado.

— Não se preocupe. Vou contar até trinta.

— Não, eu quis dizer tenha cuidado *depois* que divulgar a matéria.

O trenó começou a rodar mais rápido ao cair, o céu e a terra giraram ao redor.

— Cuidado com *o quê*?

— Com tudo e com todos! — gritou Lai mais alto que o vento. — Quem construiu essa monstruosidade é perigoso!

O trenó começava a virar e girar de lado, a rotação se transformou em uma queda alucinada.

— Por falar em perigoso, a gente não devia pular? — perguntou Aya, se contorcendo nos braceletes.

Lai berrou:

— Apenas tenha cuidado! E aproveite a sua fama!

Ela meteu o pé no peito de Aya e a empurrou.

Aya saiu do trenó girando de ponta-cabeça e sem fôlego. Ficou sozinha de repente, caindo indefesa pelo ar. Mesmo que fosse apenas um bando de pranchas inúteis, pelo menos tinha *algo* em que se segurar há um momento.

Agora era apenas ela e o ar que passava rápido.

Aya abriu os braços para controlar a queda. Deveria contar até trinta antes de puxar a corda, mas isso era a partir do limite da subida... ou depois de Lai a empurrar?

E quantos segundos já haviam se passado?

Aos poucos a queda de Aya se estabilizou. Mas os olhos estavam lacrimejando por causa do vento, a Terra era um borrão escuro lá embaixo. Se ela abrisse o paraquedas cedo demais, não tinha ideia de onde iria parar ao ser levada pelo vento.

Aya procurou freneticamente ao redor pelas outras e viu as duas a 10 metros de distância, segurando no trenó enquanto Eden pegava a cordinha do paraquedas. Ela e Lai deram um chute e se afastaram do trenó, e um monte de tecido irrompeu do topo formando ondas.

O paraquedas se formou e o aparato inteiro disparou para cima na escuridão, longe de Lai e Eden.

A Terra lá embaixo ficava cada vez mais visível. Aya conseguiu enxergar as Ardilosas em um círculo com as lanternas ao redor da boca do impulsionador de massa.

Lai e Eden estavam a dezenas de metros de distância, ainda gritando sem parar, curtindo cada segundo do último pulo. Aya percebeu que esperar que elas puxassem suas cordinhas não era uma boa ideia.

Olhou para a Terra girando lá embaixo, que estava crescendo mais rápido agora, as árvores, rochas e arbustos entraram em foco. Ela se imaginou atingindo o solo a toda velocidade.

E puxou a cordinha.

O paraquedas abriu sobre sua cabeça, se agitou por um instante e então se armou com um estalo de estourar os ouvidos. As tiras se esticaram e puxaram Aya como uma marionete arrancada do chão pelos fios.

Um breve momento de violência... e de repente o ar parou ao redor de Aya.

A lua brilhava serena através do tecido transparente e Aya notou os recortes retangulares dos lençóis de seda e fronhas que as Ardilosas costuraram juntos. O panorama montanhoso ao redor se estabilizou.

Lai e Eden já tinham passado por ela e seus gritos ficaram para trás. Elas caíram cada vez mais com os braços abertos como se quisessem abraçar a montanha lá embaixo.

Elas estavam tentando se matar?

No último segundo, os paraquedas irromperam das mochilas, ondularam pelo ar e se armaram.

Entretanto, Lai e Eden ainda continuavam caindo rápido. O vento as levou de lado pelo topo da montanha e as demais Ardilosas correram

atrás. Elas flutuaram por um instante a alguns metros de altura e então caíram de novo. As botas roçaram na terra e arbustos e deslizaram até pararem de maneira desajeitada.

As outras Ardilosas alcançaram Lai e Eden e foram juntar os paraquedas desfeitos.

Mas Aya ainda estava a mais de cem metros no ar. O vento pareceu ganhar força e a afastou da abertura do impulsionador de massa. Ela passou por Lai e Eden e foi carregada pelo paraquedas como uma vela de seda. Sobrevoou o topo das montanhas e viu o vale lá embaixo. Aya percebeu que ainda tinha um longo caminho até cair.

Foi por isso que elas escolheram uma noite com tanto vento. Aya levaria muitos minutos para pousar, talvez horas até que pudesse caminhar até a linha do trem magnético. Tempo bastante para que as Ardilosas escapassem antes que ela sequer pudesse pensar em divulgar a matéria.

Aya fixou o olhar na faixa prateada da linha do trem magnético. Balançou os pés e puxou as tiras para tentar se guiar até lá. Mas o paraquedas se inflou acima dela, levado por outra corrente de ar.

Ia ser uma longa caminhada. Agora, porém, não havia nada a fazer a não ser deixar as câmeras espiãs registrarem o panorama e cair lentamente, bem lentamente.

O último aviso de Lai ecoou nos ouvidos, mas Aya não tinha medo. Assim que a matéria fosse para o ar no seu canal, nada disso seria problema dela. Desde a Guerra de Diego, o mundo tinha regras muito rígidas quanto ao estoque de armas. O Comitê do Tratado Global iria entrar em ação dentro de horas e desmantelar a montanha.

Alguém estava muito enrascado.

Mas não Aya Fuse. Seu maior problema agora era saber o que vestir na Festa dos Mil Famosos de Nana Love. Porque, com um fim como aquele, a reportagem do Destruidor de Cidades a tornaria famosa a *tal* ponto.

Talvez pelo resto da vida.

DIVULGANDO

— Você *não* vai vestir isso!

— Por que não? — Aya enroscou o dedo no cabelo, que estava armado como o de um Cabeça de Mangá e pintado de roxo brilhante. O vestido tinha várias luzes vivas espalhadas pelo tecido e os sapatos eram plataformas de atrito variável. Ela patinou pelo apartamento de Hiro como se o chão fosse feito de gelo, pegou o vestido pelas pontas e o puxou, olhando para si mesma. — Essa roupa é totalmente demais!

— Talvez para quem tem 15 anos — murmurou Hiro.

Aya revirou os olhos.

— Bem, por acaso eu tenho 15 anos. E você não pode dizer como devo me vestir para essa festa. A gente só está indo por causa da minha matéria!

— É, mas sou eu que estou com o convite, lembra? Você só está acompanhando.

— Por enquanto — disse Aya, baixinho.

Aquela noite não seria *a* festa — a dos Mil Famosos só aconteceria na semana seguinte —, aquela era apenas uma balada mensal dos Tecnautas. Mas Ren disse que Aya deveria estar lá quando a matéria do Destruidor de Cidades fosse revelada. Com tantos fãs de física e de trens magnéticos, a festa promoveria entrevistas, comentários e a divulgação frenética que toda grande reportagem exigia.

— Tanto faz, Aya-chan. Apenas, *por favor*, não visite mamãe e papai até que essas tatuagens dinâmicas desapareçam.

Aya mostrou a língua para ele, o que fez as espirais nas bochechas girarem. As tatuagens temporárias ainda coçavam ao se moverem e ela deu um risinho.

— Ren Machino — falou Hiro para a sala e então perguntou: — Onde *está* você?

— Quase chegando — respondeu ele.

— Espere lá embaixo. Estamos quase na porta.

— Qual é a pressa? — Ren pareceu achar graça. — A matéria do Destruidor de Cidades só vai ao ar daqui a uma hora.

— Eu sei. Estou olhando para o relógio a noite toda.

— Hiro fica de mau humor ao olhar para o relógio — interrompeu Aya, girando sem sair do lugar nas plataformas. — A matéria é *minha*, sabe, e ninguém está me vendo toda nervosa.

Hiro suspirou.

— Ela se recusou a esconder a sequência do trenó no pano de fundo, Ren. O cérebro dos meus pais vai ter um troço.

— E Hiro continua se esquecendo de quem é a matéria! — disse Aya. — Mas não se preocupe. Eu o lembro a toda hora.

A gargalhada de Ren ecoou.

— Eu o lembrarei também, Aya-chan!

Hiro fez um som de desdém, cortou a conexão com um estalar dos dedos e transformou a tela de parede gigante em um espelho. Ele pegou emprestado um dos ternos do pai: seda de aranha preta e botões de bambu autênticos. Não estava mal.

Aya patinou pela sala com as plataformas e viu a trilha de faíscas na tela de parede enquanto Moggle acompanhava o movimento. Tinha requisitado o vestido com a reputação de Hiro, mas acertar as contas com ele seria moleza.

Aya não entendia por que Hiro estava tão nervoso. Ela sentia que estava mais do que na hora, aquela noite parecia mais real do que todo o anonimato e busca por méritos de sua vida até então. Tudo fora uma mera preparação para isso... para a fama.

E o melhor de tudo era que Frizz iria à festa. Ele ainda se sentia culpado pela matéria da Rainha da Gosma, mas naquela noite toda a vergonha iria embora. Embora Frizz ainda não soubesse, ele e Aya finalmente seriam iguais em termos de reputação, sem falar que iriam juntos para a Festa dos Mil Famosos na semana seguinte.

— Pare de patinar por aí assim! Você parece com uma feia prestes a divulgar fotos do seu gato! — falou Hiro.

Ela parou.

— Ah, não!

— O que foi? Esqueceu de editar alguma coisa?

— Não, é que... talvez essa matéria *ficasse* melhor com um gato!

Hiro finalmente sorriu e então voltou para o espelho.

— Na verdade, você está perfeita, Aya-chan. Mesmo que cause um ataque cardíaco na mamãe e no papai.

— Perfeita? — perguntou ela, torcendo para que Moggle estivesse gravando aquilo. — Sério?

— Sério. — Ele deu de ombros. — Se não estivesse, eu não iria retransmiti-la. Quer ver uma coisa?

Ele mexeu o dedo e a tela mostrou a planta de um apartamento. Era enorme, com *closets*, janelas de material inteligentes e um buraco na parede capaz de fornecer quase qualquer coisa.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Um apartamento na Mansão Movimento. Acabou de ser posto à venda.

Aya ficou atônita. A Mansão era o local em que moravam os mais famosos da cidade. Tinha a melhor vista e a privacidade mais intensa, e até mesmo as paredes refletiam o status dos moradores. Com o passar das semanas, elas se moviam um pouco, dando o nome à mansão. Cada centímetro quadrado refletia as últimas atualizações em termos de reputação.

— Mansão Movimento? Você acha que ficarei famosa a *esse* ponto?

Ele deu de ombros.

— Você pode ter impedido uma guerra, Aya-chan. Isso significa méritos, além de fama. Pronta para ir?

Aya sentiu as bochechas quentes, não apenas pelas novas tatuagens dinâmicas. Ela olhou pela última vez para a tela de parede e gesticulou, alterando a vista para o seu reflexo. Naquela noite, de alguma forma, ela quase parecia uma perfeita. Até o nariz dava a impressão de ser bonito.

Ela concordou com a cabeça.

— É, estou superpronta.

Tinha chegado a hora.

Dez câmeras flutuavam acima deles e mais dezenas esperavam sobre os degraus da mansão. As lentes refletiam as luzes das tochas ao enfocarem Hiro, Aya e Ren. Todo mundo sabia que a nova matéria de Hiro Fuse ia ao ar naquela noite, e os rumores diziam que era ainda mais ambiciosa que a reportagem sobre a imortalidade. O que ninguém sabia é que a matéria era apenas a retransmissão do canal de sua irmã caçula. Pegar carona na reputação de Hiro deixava Aya chateada, mas teve que admitir que era a maneira mais rápida de espalhar a notícia.

Assim que chegaram aos degraus da mansão, ela aumentou o brilho do vestido ao máximo.

— Não acabe com a bateria — sussurrou Ren, sorrindo para as câmeras.

— Mas o Hiro disse que eu preciso fazer uma entrada triunfal! — O próprio sorriso vacilou um pouco ao subir a escadaria. O tornozelo direito ainda estava torcido por ter sido arrastada pelas pedras e arbustos por aquele paraquedas idiota. — Talvez eu não devesse ter colocado isso — murmurou ela.

— Você está fantástica. Apenas aumente o atrito desses sapatos. Cair de cara no chão gera uma fama negativa — disse Hiro.

Baixinho, Ren acrescentou:

— E lembre-se, daqui a uma hora, você será a pessoa mais famosa da festa.

Aya olhou nervosa para Hiro e lhe deu a mão.

Ela verificou a tela ocular: a reputação média da festa já estava na casa dos dois mil, muito maior do que aquela em que Aya tinha entrado de penetra havia dez dias. E esse valor só aumentaria à medida que os famosos chegassem, os Tecnautas populares que poderiam explicar o que era um impulsionador de massa em termos que os extras pudessem entender.

No interior da mansão, o ar estava tão cheio de câmeras flutuantes que Aya se perguntou como alguma delas conseguia uma tomada perfeita. Cardumes inteiros andavam juntos como carpas em um aquário superlotado. Moggle juntou-se à dança lá em cima, parecendo enorme e desajeitada entre câmeras do tamanho de dedos.

O mais engraçado é que ela já tinha visto milhares de festas como aquela nos canais e nunca havia notado as câmeras. Mas agora as formas e seus movimentos rápidos causavam tanta distração quanto os mosquitos na temporada de chuvas.

Mas dava para entender por que elas estavam ali. Só os Viciados em Cirurgia já eram inacreditáveis de ver. Havia dezenas de novas texturas de pele: pelos, escamas, cores estranhas e membranas translúcidas — até crostas de pedra, como se estátuas vivas tivessem ido à festa. Aya notou rostos baseados em animais, figuras históricas e sabe-se-lá-o-quê, todos disputando a atenção do cardume de câmeras.

Com a festa de Nana Love dali a uma semana, todo mundo passou dos limites para tentar impressionar e chegar aos mil primeiros lugares.

Contudo, de alguma forma, nenhum dos Viciados em Cirurgia era tão perturbador quanto as figuras que ela e Miki tinham visto de relance no túnel do trem magnético. A festa envolvia moda e chamar atenção, mas aqueles esquisitos eram uma coisa... inumana.

Ela respirou fundo e tirou as modificações corporais da cabeça. Nem todos ali eram Viciados em Cirurgia. Havia também os gênios: matemáticos brincando com cubos quebra-cabeça e labirintos no ar, turmas de cientistas vestindo jalecos de laboratório, todos juntos em um paraíso tecnauta.

Aya vasculhou a multidão atrás de Frizz, mas acabou distraída com tantas visões extraordinárias.

— Olhe aqueles Pixelados! — gritou.

Do outro lado do salão, havia um casal seminu com imagens borradas passando pelas costas. De alguma forma, eles estavam alterando as cores das células da pele tão rápido que eram capazes de sintonizar um canal, como camaleões contra uma tela de parede.

— É falta de educação apontar — disse Ren. — E isso é coisa do passado. Olha aqueles quatro no canto.

Aya acompanhou seu olhar.

— O que quer dizer? Não vejo ninguém.

— Exatamente. Essa é a nova geração de pele pixelada: camuflagem quase perfeita.

— Muito engraçado, Ren. Você é um tremendo... — Ela parou de falar. O canto tinha acabado de se *mover*, uma alteração quase imperceptível, como uma ruga sobre um papel de parede. O movimento deixou a silhueta de um corpo humano em sua visão. Aya sussurrou: — Moggle, você registrou isso?

— Grande coisa, os polvos fazem o mesmo — disse Hiro.

— É daí que vem a ideia — falou Ren. — As células da pele dos polvos têm pequenas bolsas de pigmento no interior, que eles controlam com...

— Espera aí — interrompeu Aya. — Por que não dá para ver as roupas que eles estão usando?

Hiro riu e Ren disse:

— Que roupas?

Aya ficou de olhos arregalados.

— Ah. Isso é... interessante.

— Tem um problema, porém — disse Hiro, pensativo. — A invisibilidade não é o *oposto* da fama?

— Hiro! Alerta Anônimo! — sussurrou Ren.

Aya ergueu os olhos para ver Toshi Banana atravessando o salão com sua famosa câmera flutuante no formato de um tubarão cortando o ar. Um séquito de aspirantes a divulgadores e tietes seguiam sua passagem.

— O que *ele* está fazendo aqui? Ele é famoso demais para essa festa e odeia Tecnautas! — disse Hiro.

— E, hã, ele está vindo na nossa direção? — perguntou Aya baixinho.

— Nem pensar.

Mas a figura de ombros largos de Toshi veio em linha reta até eles, empurrando um Viciado em Cirurgia com pintas de leopardo e um bando de Cabeças de Mangá.

O séquito fez um círculo ao redor do trio, com uma pequena esquadrilha de câmeras flutuantes ocupando o espaço acima. De repente, Aya se lembrou de todas as entrevistas difamatórias que Toshi conseguira ao longo dos anos — ele era especialista em fazer os oponentes parecerem idiotas.

— Hiro Fuse? É você?

A voz de Toshi era igual à do seu canal: baixa e grave, prestes a ficar furiosa a qualquer momento. Aya notou que ele não se importou em se curvar.

— Hã... — Hiro começou a falar.

— Não tem certeza? Bem, *eu* acho que é você, e quase nunca me engano. — Toshi riu e as tietes caíram na gargalhada. — *Adorei* sua matéria sobre imortalidade.

— Ah, obrigado, Toshi-sensei. — Hiro pigarreou. — Agradeço muito.

Aya revirou os olhos. Bastou um elogio do Anônimo para Hiro já estar puxando o saco.

— Corações clonados! Revoltante! — Toshi olhou para trás em direção à menina leopardo e revirou os olhos. — Algumas pessoas adoram perverter a ordem natural, hein?

— Você quer dizer aqueles coroas? — Hiro deu de ombros. — Acho que têm apenas medo de morrer.

— Medo, exatamente! Foi isso que a libertação nos deu.

— Você continua difamando a libertação — disse Ren. — Por que não volta a ser um avoado?

Toshi virou seu corpo largo e olhou Ren de cima a baixo.

— Eu conheço você?

Ren quase não se curvou.

— Eu duvido.

— Bem, ao contrário do que todos acreditam, nem todo mundo era avoado na Era da Perfeição. Alguém tinha que administrar a cidade. — Toshi virou de volta para Hiro. — Sua reputação parece ter caído desde aquela matéria, Hiro-chan. Talvez seja por causa de suas companhias.

— Ei! — gritou Aya, dando um rodopio sem atrito. — A companhia dele está bem aqui!

Toshi olhou com desdém para ela.

— Uma extra? Está namorando abaixo de sua reputação, Hiro-chan?

— Namorando? Essa é a minha... — começou Hiro, mas diante dos olhares do séquito de Toshi, sua voz sumiu.

O Anônimo suspirou devagar e o olhar passou por cima do ombro de Hiro, como se procurasse alguém mais importante.

— Bem, se seu trabalho de hoje for interessante, talvez possa participar do meu canal. Isso pode ajudá-lo a nadar com os peixes grandes.

— Pode esquecer! Depois de hoje nós dois seremos um zilhão de vezes mais famosos que você! — disse Aya.

De repente, as câmeras do séquito giraram para focalizar Aya. Toshi olhou com desprezo para ela como se tivesse encontrado uma barata entre os hashis.

— Essa *feia* está na sua matéria, Hiro-chan? Se estiver, eu não entendo.

Quando começou a responder, Aya chegou à uma conclusão perturbadora. Para difamadores da libertação como o Anônimo, o Destruidor de Cidades só seria mais uma prova de que a humanidade ameaçava o planeta, mais um motivo para que todos voltassem a ser controlados.

Com sua dezena de câmeras, Toshi estava recolhendo material para distorcer a reportagem a seu favor. Se já havia usado a reportagem de Hiro sobre imortalidade para instigar o medo de superpopulação, imagine o que poderia fazer com um *Destruidor de Cidades*!

— Não se preocupe, Toshi-*chan* — disse Ren. — Você vai entender em breve. Todos vão. — Ele virou para Aya. — Vamos divulgar a matéria

mais cedo. Vamos divulgar agora.

— Sério?

— Boa ideia, Ren. Uma pequena surpresa para todos — falou Hiro.

Aya ergueu os olhos para o Anônimo. Qualquer coisa que o pegasse de calças curtas estava bem para ela, que se curvou.

— Com licença, temos algo importante a fazer.

Ele começou a gaguejar uma resposta, mas os três já estavam se afastando. Senhas de acesso passaram pela tela ocular de Aya e os dedos de Hiro começaram a se mexer. Aya mandou uma mensagem rápida para Frizz, para ter certeza de que ele veria a matéria na primeira exibição.

As mãos de Hiro pararam e ele virou para Aya.

— Pronta, irmãzinha?

Devagar, ela concordou com a cabeça e sentiu as tatuagens dinâmicas girando.

— Pronta.

— Divulgando em três... dois... um...

Eles disseram as últimas senhas juntos e se entreolharam.

A matéria do Destruidor de Cidades estava nos canais.

Ren se espremeu até o meio da multidão e parou no centro do salão ao lado de um Cabeça de mangá com um penteado reluzente de um metro de altura. Ele bateu palmas duas vezes.

— Senhoras e senhores, um breve anúncio!

Ele fez uma pausa por um instante enquanto o burburinho diminuía. Até mesmo os Arautos da Fama ficaram em silêncio diante de sua audácia, mas Ren pareceu não se envergonhar e olhou fixo para todo mundo.

Ele se curvou para cumprimentar o salão.

— Desculpe a interrupção, mas a nova matéria de Hiro e Aya Fuse já está rolando. E ela envolve algo pelo qual vocês podem se interessar... o fim do mundo!

MENTINDO

Quinze minutos depois, a matéria começou a bombar.

Claro que a maioria dos convidados voltou a conversar após o anúncio de Ren. Algumas telas portáteis foram ligadas, mas as telas da mansão permaneceram às escuras. Por que interromper uma festa por causa de uma transmissão dentre um milhão? Especialmente quando era o canal da irmã caçula de Hiro Fuse, e não do próprio famosão.

Em um canto, Toshi Banana fazia questão de mostrar que ignorava o resto da festa, contando piadas para seu séquito e curtindo suas gargalhadas. Mas Aya notou uma das tietes distraída com sua tela ocular. Assim que a matéria chegou à verdade sobre o Destruidor de Cidades, ela ficou na ponta dos pés para cochichar no ouvido do Anônimo, que fez uma expressão pensativa.

Na cidade, a matéria estava bombando mais rápido — amigos avisavam amigos, canais retransmitiam, a novidade se espalhava como fogo em mato seco. Aya viu a audiência do canal subir aos poucos, sua reputação aumentando devagar, já de volta a menos de cem mil.

— Acabei de ver uma série de mensagens no canal dos guardas — disse Ren. Com as duas telas oculares ligadas, sua expressão estava perdida em rabiscos de luz. — Eles estão reunindo carros voadores.

Aya sorriu. Como uma boa cidadã, ela marcou a matéria como de interesse para a segurança a fim de ter certeza de que o governo assistiria imediatamente. Eles mandariam guardas até lá naquela noite para afastar os aventureiros e paparazzi dos trilhos e ter certeza de que ninguém viraria patê de trem magnético. Claro que a questão não era apenas de segurança pessoal — no dia seguinte com certeza o Comitê do Tratado Global mandaria naves suborbitais de cada continente para lá.

Olhando as telas oculares, Ren começou a gargalhar.

— Isso é hilário! Gamma Matsui está difamando você: ela acha que o vídeo do trenó é falso! Diz que seria impossível você ter ficado no ar tanto tempo, então a matéria toda é uma farsa.

Aya ficou de queixo caído.

— Isso é maldade! O que ela sabe, afinal de contas?

— Não importa *o que* ela sabe, Aya, e sim que é a divulgadora mais famosa a notar você até agora.

Aya bufou de frustração, mas era verdade: a audiência subira de novo. Ela abriu o canal de Gamma na tela ocular e sofreu para ouvir por causa da música e do falatório da festa.

— Eu daria tudo pela sua tela de parede agora, Hiro — disse Aya, animada para poder ver vinte canais acompanhando sua matéria. — Por que eu deixei que vocês me convencessem a vir aqui?

Ren colocou uma das mãos no ombro de Aya e ofereceu uma taça.

— Shh. Beba um pouco de champanhe. Está vendo aquela mulher parecendo uma extra que está brincando com um cubo de Rubik? Ela pode calcular a velocidade terminal do trenó de cabeça, só de assistir. Quando a questão é *física*, ela deixa Gamma no chinelo. É *por isso* que estamos aqui.

— Mas ela nem está assistindo ao meu canal! Será que devo ir lá explicar?

— Nem ouse — falou Hiro. — Ninguém mais está falando em farsa por enquanto. Não atice fogo morto.

Aya gemeu e deixou a champanhe de lado. Às vezes, a coisa mais difícil era não fazer nada.

— Bem, temos boas notícias. O Anônimo está indo embora — disse Hiro.

Aya ergueu os olhos a tempo de ver Toshi Banana e seu séquito a caminho da porta. Pareciam estar com pressa.

Ren riu.

— Provavelmente quer voltar para a sua tela de parede e começar a difamar você antes que a matéria cresça demais.

— Não seria melhor a gente difamá-lo primeiro? — perguntou Aya.

Ren piscou para apagar os rabiscos da tela ocular e virou para ela.

— Não é preciso. Isso é um Destruidor de Cidades, lembra? É grande demais para aquele avoado se apossar da matéria.

Cinco minutos depois a matéria estourou, bombou pelos canais, passou da interface da cidade para a rede global. Parecia que tudo estava acontecendo ao mesmo tempo, em uma daquelas inexplicáveis explosões de popularidade — ou pelo menos rápido demais para a pequena tela ocular de Aya dar conta.

Ali na festa as pessoas começaram a olhar em sua direção, cientes de que algo grande estava rolando na interface da cidade. Elas sacaram telas portáteis e se reuniram em cantos para assistirem juntas.

— Até agora, tudo bem — comentou Hiro. — Sua reputação acaba de atingir os dez mil mais famosos. Você está deixando para trás o Arauto da Fama de hoje!

— Fico feliz em ouvir isso. — Ela fez uma careta, pois seu sinal sonoro de alerta estava fora de controle, parecia uma britadeira dentro do ouvido. — Tem algo de errado com a minha tela ocular!

— Não há nada de errado, Aya, são pings entrando. Melhor desligar o som — disse Ren.

Ela apertou os punhos e calou o barulho, então esfregou o ouvido.

— Ai, ser famoso dá dor de cabeça!

— Aya Fuse, reclamando de fama? — falou alguém. — Isso é que é de doer a cabeça.

Aya virou e descobriu Frizz parado ali, lindo com seus olhos grandes, e sorrindo.

— Frizz! — gritou ela e o puxou para um abraço. — Você viu a minha matéria?

— Claro. — Ele deu um abraço forte, então se afastou e se curvou para Hiro e Ren. — Frizz Mizuno.

Hiro riu ao devolver o cumprimento.

— Então você é o famoso Rei da Gosma?

— E você é o famoso irmão mais velho de Aya — disse Frizz e então franziu a testa. — Porém, provavelmente, não é mais tão famoso assim, comparado com ela.

Hiro arregalou os olhos e Aya pegou seu braço.

— Vá dar uma volta, Hiro — ordenou ela. A Honestidade Radical já dava nervoso suficiente sem o irmão mais velho por perto.

Sorrindo, Ren arrastou Hiro para um grupo de divulgadores esperando por entrevistas.

— Só tenho um minuto, Frizz. Eu precisarei responder perguntas em breve, mas estou feliz que você tenha vindo!

— Senti sua falta. — Ele se aproximou encarando os olhos de Aya. — Eu não cheguei a pedir desculpas ao vivo por você ter sido difamada.

Aya virou o rosto, tremendo um pouco diante do olhar de mangá.

— Não foi culpa sua, Frizz... eu devia ter tido mais cuidado. E ser a Rainha da Gosma foi meio... interessante.

— Depois da noite de hoje, eles não vão mais chamar você assim. — Ele pegou o braço de Aya. — Mas eu nunca pensei em você como gosmenta.

Ela arriscou olhar para Frizz de novo e falou baixo demais a fim de evitar ser ouvida pelas câmeras flutuantes.

— Mas você se lembra do que disse naquele dia? Que não tinha certeza do tipo de pessoa eu era? Você entende agora por que eu precisei mentir para conseguir essa matéria?

Foi Frizz que virou o rosto dessa vez.

— Pareceu horrível trair amigos dessa forma, mas eu entendo agora. — Suspirou. — Acho que às vezes a pessoa tem que mentir para descobrir a verdade.

Ele parecia tão triste ao dizer essas palavras que Aya deu outro abraço apertado, sem se importar com quantas câmeras estivessem observando ou quantos canais de difamadores comparassem sua feiura com a beleza de Frizz.

— Mas eu nunca vou mentir para você, Frizz. — Ela sentiu seus músculos retesarem.

— Então me diga uma coisa.

— O que quiser.

— Se não tivesse encontrado o Destruidor de Cidades, se essa matéria fosse apenas sobre as Ardilosas surfando no trem magnético, você ainda assim teria divulgado?

Aya se afastou. Frizz não era bobo; notara que suas mentiras tinham começado muito antes de ela saber sobre o Destruidor de Cidades.

Mas será que Aya *teria* traído as Ardilosas apenas para se tornar famosa? Como Miki dizia, surfar pela natureza abria tanto a mente, e durante o tempo que passou com o grupo, teve a impressão de que as Ardilosas eram suas amigas. Poderia ter mudado de ideia... talvez.

Seria mentira não ter certeza da verdade?

Aya pigarreou.

— Quando entrei para a turma das Ardilosas, eu estava procurando uma matéria, *qualquer* matéria. Mas depois que falei com você naquele dia, comecei a pensar melhor.

Frizz concordou com a cabeça.

— Então você já tinha mudado de ideia?

Aya encarou seus olhos de mangá. Frizz queria acreditar nela. Seria tão fácil apenas concordar.

E por que deixar Frizz triste? Afinal, ela não poderia andar disfarçada outra vez. Depois daquela noite, todos saberiam que Aya Fuse era uma divulgadora — não precisaria mais mentir para conseguir matérias. Qual seria o problema em ser uma Rainha da Gosma mentirosa pela última vez?

— Tudo aconteceu tão rápido. Primeiro eram apenas truques, então de repente o mundo inteiro estava em jogo. — Aya virou o rosto. — Mas não... eu não poderia ter feito isso com elas.

Frizz deu outro abraço.

— Fico aliviado.

Aya fechou os olhos com força para esconder suas dúvidas. Frizz acreditou assim, do nada. Talvez ela não tivesse exagerado, pois a pergunta era hipotética, afinal de contas.

Seria absurdo afastar Frizz para sempre, quando o preço para ficar com ele era apenas uma pequena distorção da verdade.

— Hã, Aya? — sussurrou Frizz em seu ouvido. — Acho que seu irmão está chamando você.

Ela o abraçou ainda mais forte.

— Eu não ligo.

— Na verdade, não é apenas Hiro. É tipo... muita gente.

Aya suspirou e se afastou, olhando sobre o ombro dele. Quando viu todo mundo, ficou de queixo caído.

A febre de divulgação tinha começado.

FEBRE DE DIVULGAÇÃO

Havia dezenas de pessoas esperando. Ren reuniu todo mundo na escadaria principal da mansão, com os mais famosos próximos ao pé da escada. Praticamente metade era formada por Tecnautas com visuais bizarros e roupas de material inteligente, e o restante parecia deslocado ali na festa — divulgadores, repórteres, um punhado de representantes do governo. Alguns famosos, outros não.

Mas todos estavam ali por causa *dela*.

Hiro pegou Aya pelo braço e delicadamente a conduziu para um espaço vazio ao pé da escada. Havia centenas de câmeras flutuantes apontadas para ela, em constante movimento para pegar o melhor ângulo, seguindo cada passo que dava. Aya se sentiu estranhamente pequena sob todos aqueles olhares, tão insignificante quanto na primeira noite em que surfou pela natureza.

Mas aquilo era o oposto da obscuridade, Aya lembrou a si mesma. Era tudo o que sempre quis — pessoas que a vissem e prestassem atenção em cada uma de suas palavras.

— Desligue a tela ocular — sussurrou Hiro. — Você vai precisar de seu cérebro inteiro para isso.

Aya concordou com a cabeça e mexeu o anular. Mas ao erguer os olhos para os rostos atentos diante dela, as respostas que tinha ensaiado na noite anterior, até então cristalinas, começaram a voar de sua cabeça.

— Hã, isso me deixou meio travada — sussurrou.

Hiro apertou seu braço.

— Eu estou bem aqui.

Aya concordou com a cabeça e pigarreou.

— OK, vamos começar.

As perguntas vieram sem dó nem piedade.

— Como você encontrou as Ardilosas, Aya?

— Acho que foi pura sorte. Eu apenas as vi surfando uma noite e as segui até uma festa como essa aqui.

— Por que algumas imagens de fundo foram alteradas?

Aya pigarreou, se perguntando como alguém podia ter assistido às horas de material tão rápido.

— Como as Ardilosas queriam anonimato, então eu borrei alguns rostos, só isso.

— Você não está escondendo mais alguém?

— Tipo quem?

— Os construtores do impulsionador de massa.

— Claro que não!

— Então você não sabe nada a respeito deles?

Aya fez uma pausa e desejou que tivesse mencionado as figuras inumanas na matéria, porém não tinha uma imagem sequer para comprovar uma afirmação tão surreal. Falar sobre construtores alienígenas agora soaria um milhão de vezes mais improvável.

— Por que eu *os* protegeria? Quem construiu o Destruidor de Cidades é desequilibrado. Ou você não viu a parte da destruição?

— Isso não é um pouco de exagero, Aya? — perguntou outro divulgador. — Algumas toneladas de aço caindo do céu não podem destruir uma cidade, podem?

Aya sorriu. Ren fez questão de que ela estivesse preparada para aquela pergunta.

— Em velocidade de reentrada, basta apenas um pequeno projétil para derrubar um prédio apoiado em suportes flutuantes. Então, se um cilindro se dividir em milhares de pedaços... bem, faça as contas. Ou, melhor ainda, peça para aquela mulher ali fazer. Aquela com um cubo de Rubik.

— Não dá para parar os cilindros como os Enferrujados costumavam abater mísseis?

Ela própria tinha pesquisado a resposta àquela pergunta.

— Os Enferrujados nunca foram muito bons em interceptar destruidores de cidades, a não ser para autopropaganda. E mísseis deixavam um grande rastro de fumaça. Os projéteis de metal seriam pequenos e invisíveis.

— Por que você acha que eles esvaziaram a montanha?

— Ren Machino, que me ajudou com tudo isso, acha que o impulsionador de massa foi projetado para ser totalmente automático.

— Você acha que pode haver mais dessas coisas pelo mundo?

Aya ficou atônita.

— Eu certamente espero que não.

— Com a atual escassez de metal, onde você acha que eles conseguiram todo aquele aço?

— Não faço ideia.

— Por que você quis ser uma divulgadora, Aya?

— Hã... — Ela fez uma pausa, pois não estava preparada para a pergunta, embora Hiro tivesse avisado que sempre havia algum avoado que fazia perguntas pessoais, não importava a seriedade da matéria em questão. — Depois da libertação, eu senti dificuldade de entender o mundo, e contar histórias de outras pessoas é uma boa maneira de conseguir isso.

O divulgador sorriu.

— Essa não é a mesma resposta que seu irmão mais velho sempre dá?

— Ah, droga... sem comentários. — Ao som das risadas, Aya sorriu e finalmente relaxou um pouco.

— Que tipo de rosto você vai querer quando fizer 16 anos? — gritou um divulgador de moda lá dos fundos.

— Ainda não sei. Eu meio que gosto de Cabeças de Mangá.

— A gente já percebeu, Rainha da Gosma!

— OK, sem comentários outra vez.

— Não se preocupa de estar fazendo apologia de truques perigosos, Aya?

Ela deu de ombros.

— Só estou contando a verdade sobre o mundo.

— Mas você não contou a verdade para as Ardilosas.

Aya olhou de relance para Frizz e disse:

— Às vezes é preciso mentir para descobrir a verdade.

— Por que você acha que uma famosa como Eden Maru anda com as Ardilosas?

Aya deu de ombros.

— Foi como ela disse na entrevista: para fugir de vocês.

— Você acha que a *nossa* cidade construiu o impulsionador de massa? — perguntou alguém da última fileira. Um dos fãs de Toshi Banana, notou Aya.

— Por que a gente faria isso?

— Nós somos a cidade mais próxima da montanha. Isso não faria de você uma traidora?

— Faria de mim *o quê*?

— E se nós precisarmos do impulsionador para a nossa defesa?

Ela olhou para Hiro, que disse:

— Se a questão é a nossa defesa, então nós não deveríamos *saber* sobre ele?

— Então, Hiro, como é ser superado pela irmãzinha? — interrompeu um Tecnauta divulgador.

— É motivo de muita vergonha — disse Hiro e então sorriu. — Mas é bem melhor do que ver minha mansão ser bombardeada.

As perguntas não paravam: sobre a infância de Aya, seu divulgador predileto, planos para futuras matérias. Um falatório interminável sobre cálculos e mísseis, Ardilosas e câmeras espiãs, paraquedas e paparazzi. Toda vez que um divulgador saía para preparar sua matéria para os canais, outro entrava no lugar, e logo as perguntas começaram a se repetir. Aya tentou dar respostas novas, mas, no final, teve que repetir as mesmas palavras a toda hora.

Finalmente, Frizz puxou Aya para um canto e prometeu que ela voltaria logo. Hiro continuou falando sem perder o ritmo.

— Água — disse com a voz rouca.

Frizz colocou um copo em sua mão e ela bebeu sem parar.

— Obrigada.

— Ela arfou quando o copo ficou vazio e deu uma olhada ao redor. O ar estava cheio de câmeras flutuantes viradas para Aya, mas as pessoas mantinham distância e tentavam não olhar. Pela primeira vez em sua vida, havia uma bolha de reputação ao redor.

Do outro lado do salão, um bando de Tecnautas estava reunido diante da imensa tela de parede da mansão vendo Ren demonstrar os sinistros cálculos balísticos e os prédios entrando em colapso. Por um momento ela ficou sozinha com Frizz.

— Como eu me saí? — perguntou, baixinho.

— Fantástica. — Frizz sorriu. — Então, como é ser famosa?

Ela gemeu e se lembrou de sua enorme estupidez da última vez que estiveram juntos.

— Muito engraçado.

— Não, é sério. Como é andar com alguém tão sem reputação como eu?

— Corta essa! O que aconteceu com sua Honestidade Radical?

— Provocar não é mentir. E, além disso, estou realmente imaginando como você me vê agora.

Aya revirou os olhos.

— Mas você não chega a ser um extra qualquer. Não há diferença de ambições entre nós!

— Sim, existe.

— O que quer dizer?

— Você passou uma hora sem ver sua reputação? — Ele riu. — Isso é realmente de cair o queixo. Adivinhe antes que eu diga.

Aya engoliu em seco. Nem tivera tempo de respirar desde a divulgação da matéria, quanto mais verificar sua reputação. E, de alguma forma, ela estava com medo de ligar a tela ocular e checar.

— Quer dizer que sou mais famosa que você? Estou dentro dos mil mais famosos?

— Não seja descerebrada, Aya! Coroas imortais levaram seu irmão aos mil mais famosos. Isso é um Destruidor de Cidades! Dê um chute de verdade.

Aya deu de ombros, sem querer soar convencida.

— Hum, quinhentos?

— Ainda descerebrada! — Frizz fez uma careta de dor. — Não contar está me matando!

— Então conta! — gritou Aya.

— Você é a 17ª pessoa mais famosa da cidade! — falou Frizz, esfregando as têmporas. — Ai, isso doeu.

Aya o encarou. Mesmo que não pudesse mentir, Frizz só podia estar enganado.

— Décima sétima?

— Nana Love divulgou você.

— Impossível! Desde quando *ela* liga para armas dos Enferrujados?

— Nana-chan liga para toda a humanidade, o que é bacana da parte dela. — Frizz deu de ombros. — Talvez ela tenha mandado um ping para você.

— Impossível! — Aya ligou a tela ocular com o coração disparado. — Você acha isso mesmo?

— Provavelmente. Ela mandou um para mim quando cheguei aos mil primeiros.

A interface de Aya apareceu com uma pilha enorme de pings, dezenas de milhares que se estendiam até o infinito. Ela *jamais* teria tempo de ler todos!

— Você devia ver sua cara, Aya — disse Frizz, rindo. — Parece uma criança que acabou de comer sorvete demais.

— Demais é a palavra certa. Você devia ver todas essas mensagens! — Ela se lembrou do truque de Hiro depois de grandes matérias, quando recebia um excesso de mensagens. Seus dedos começaram a se mexer. — Espere aí, vou separá-las por reputação. Mensagens de extras vão para o final e os importantes ficam no início. Se Nana-chan realmente estiver aqui, vai ficar logo no... *uau*.

Havia tantas mensagens que dava para vê-las se movendo enquanto a interface da cidade lutava contra a atualização constante de reputações. Aos poucos, algumas alcançaram o início da lista — divulgadores famosos, políticos, uma mensagem de agradecimento do Comitê da Boa Cidadania...

— Eu realmente vou descolar uns méritos com isso — murmurou Aya. — Mansão Movimento, aí vou eu.

Então ela viu... um ping brilhando e subindo com asas de anjo.

— Ah, Frizz, você estava certo... Nana-chan estava assistindo!

Ele riu.

— Eu disse!

Aya estava prestes a abrir quando, de repente, o ping de Nana desceu. Ela olhou atônita para o novo recado que não possuía nenhuma decoração, tinha apenas o texto preto igual ao de uma resposta automática.

— Hã, Frizz, tem outra acima.

— Outra o quê?

— Acho que alguém mais famoso que a Nana Love acabou de me enviar uma mensagem.

— Mas não existe ninguém que seja... a não ser... — Frizz soltou um gemido. — Você quer dizer que *Tally Youngblood acabou de te mandar um ping*?

Aya concordou devagar com a cabeça. Estava bem ali, queimando a retina a laser. Um ping da pessoa mais famosa do mundo — a garota que trouxera a libertação. O nome adorado pelos cultos Youngblood todas as manhãs, amaldiçoado por Toshi Banana enquanto difamava a mais nova

turma pró-libertação, repetindo sempre que a história da Guerra de Diego era ensinada para as crianças...

— Como ela descobriu tão rápido? — murmurou Aya. — A Tally não está escondida em algum lugar na floresta?

— A matéria ganhou alcance global há duas horas. Tally deve ter amigos que checam os canais por ela.

— Mas desde quando Tally Youngblood simplesmente manda pings para alguém? — Dizer o nome deixou sua garganta seca outra vez.

— Quem se importa? *Abra!*

Aya mexeu o dedo e a mensagem se abriu. Tinha uma marca de autenticidade da interface global. Mas, ao ler, Aya se perguntou se estava confusa pelo inglês de Tally.

— O que ela diz? — Frizz gritou.

— Apenas sete palavras.

— *Que* palavras? "Obrigada"? "Parabéns"? "Oi"?

— Não, Frizz. A mensagem diz "*Corra e se esconda, estamos a caminho*."

— Que estupidez — reclamou Hiro. — Temos que voltar para a festa. A gente parece idiota ao sair correndo dessa maneira!

— Está me dizendo para ignorar Tally Youngblood? — disse Aya. — A mensagem falou para correr e se esconder!

— Você chama isso de se esconder? — perguntou Ren.

Aya olhou para o céu. Eles tinham sido seguidos por mais ou menos uma centena de câmeras flutuantes ao saírem da festa, provavelmente se perguntando por que a 17ª pessoa mais importante do mundo abandonara de repente a primeira entrevista que dava na vida. A silhueta do enxame surgiu contra o céu da noite, um bando de lentes brilhando lá de cima como olhos de predadores.

— Ele tem razão. Temos que encontrar algum lugar discreto — disse Frizz.

— Estou *tentando*. — Aya suspirou.

Os quatro saíram da festa por uma porta lateral e passaram a esmo por um campo de beisebol às escuras. Fogos de artifício ainda eram disparados do teto da mansão. O brilho das luzes pela grama alongou a sombra de Aya.

Ela se lembrou do último aviso de Lai no trenó: "*Quem construiu essa monstruosidade é perigoso.*"

— Qual o sentido em ser discreto? — disparou Hiro. — Se acha que alguém está vindo atrás de você, não era melhor ficarmos onde *todo mundo possa nos ver*?

Aya parou tão de repente que Moggle esbarrou nela por trás. Talvez o lugar mais seguro fosse aquele onde todos podiam ver. Ninguém ousaria fazer nada em uma festa cheia — ou com cem câmeras bem acima, por falar nisso.

Ela suspirou.

— Acho que dá para a gente voltar.

— Exatamente — gritou Hiro. — Podemos divulgar a mensagem de Tally Youngblood. Se todo mundo souber que ela está a caminho, vai ser um sucesso!

Frizz pigarreou.

— Acho que essa não é a melhor hora para se preocupar com a reputação, Hiro.

— A questão não é a reputação, seu avoado!

— Tecnicamente falando, não sou um avoado — disse Frizz calmamente. — É por isso que não estou gritando nossos planos *onde qualquer um consegue escutar*.

Aya olhou para cima. Ainda havia uma bolha de reputação relativamente grande à volta, mas apenas algumas câmeras estavam próximas o bastante para terem registrado o ataque de nervos de Hiro.

— Não importa o que a gente faça, temos que falar baixo — disse ela. — Não sei por quê, mas acho que Tally-sama não quer que a cidade inteira saiba que ela está vindo.

Ren balançou a cabeça.

— Ela não é daqui, Aya, então não sabe como a economia de reputação funciona. E quase meio milhão de pessoas está assistindo agora. Sua fama vai nos proteger.

— Você *não pode* se esconder, Aya — disse Hiro. — Todo mundo sabe exatamente onde você está. Não era essa a intenção da noite de hoje?

Frizz franziu a testa e olhou para ela antes de dizer:

— Pensei que a intenção fosse salvar o mundo.

Aya suspirou.

— Podem ter havido várias intenções, OK? Só façam silêncio um segundo enquanto eu penso!

Os outros três pararam de falar. Aya ficou ali sentindo os olhos sobre si, as lentes de cem câmeras flutuantes e mais meio milhão de pessoas assistindo através delas. Até Moggle estava encarando.

Não era o melhor lugar para pensar.

Frizz se aproximou e colocou o braço nos ombros de Aya.

— Se a gente voltar para a festa e alguém vier atrás de você, quem vai detê-lo? Um bando de Pixelados?

Hiro deu de ombros.

— Os guardas, como em qualquer outro crime.

— Você confia nos guardas? — perguntou Frizz. — Lembra o que aquele divulgador falou? Nossa cidade pode ter construído aquele troço!

— O cara que chamou a Aya de traidora? — Hiro riu. — Ele era um total descerebrado!

— Bem, pode ser que não esteja totalmente enganado — falou Ren. — O impulsionador de massa foi construído a partir de materiais que saíram daqui. Alguém da nossa cidade deve ter participado.

— Alguém com muita autoridade — acrescentou Frizz — para usar todo aquele aço sem ninguém saber.

Aya engoliu em seco. O impulsionador de massa era tão grande — quem quer que o tenha construído detinha poder suficiente para escavar uma montanha. Será que alguns guardas realmente conseguiriam deter pessoas assim? Será que meio milhão de testemunhas seriam empecilho para quem tivera a audácia de destruir cidades inteiras?

Ao olhar para o arvoredo escuro ao redor do campo de beisebol, ela se lembrou das palavras de Eden Maru...

"Também é possível desaparecer diante de uma multidão."

— Moggle, suba o mais alto que conseguir e dê uma olhada ao redor. — Ela virou para Hiro. — Eu vou fazer o que a Tally-sama disse... e me esconder.

Aya voltou a se afastar das luzes da mansão — e de tudo.

Hiro seguiu, ainda discutindo.

— Você está pensando como uma extra. *Não dá* para se esconder! Tudo o que alguém precisa para encontrar você é sintonizar os canais!

Aya sentiu tontura ao andar — as câmeras flutuantes seguiam cada passo do alto, como se ela estivesse sobre uma esteira caminhando sem sair do lugar. A sensação era de estar presa sob as lentes como uma borboleta pregada por uma centena de alfinetes.

— Você consegue dar um jeito nelas? — perguntou Aya para Ren.

— Bem, talvez. — Ele sacou uma caixa de truques. — Quando os Tecnautas mais importantes querem uma bolha de reputação tamanho gigante, eles interferem com o sinal de qualquer coisa a mais ou menos cem metros. Talvez eu consiga arrumar alguns minutos de isolamento.

Aya olhou para as câmeras acima.

— Por favor, um pouco de anonimato cairia bem agora. Seria mais seguro, de qualquer forma.

— Mas *por que* alguém viria atrás de você? — Hiro continuou discutindo. — Todas as pessoas no mundo já sabem que essa arma existe. O que mais você pode fazer contra eles? Você não escondeu nada, certo?

Aya balançou a cabeça.

— Claro que não. Você e Ren vivem dizendo que esconder imagens é pura mentira. Então está tudo lá. Bem, tirando...

— Tirando o quê? — perguntou Frizz, baixinho.

— Tem uma coisa que deixei de fora. — Ela olhou para Hiro. — Mas eu nem tinha imagens deles.

Ele apertou os olhos.

— Deles quem, Aya?

— Bem, na primeira noite em que eu surfei... O que isso importa, afinal de contas?

Hiro se aproximou.

— Porque se ficou algo de fora na matéria, alguém pode silenciar você! O que ficou faltando?

— Bem, naquela primeira noite, eu vi algumas pessoas no túnel que não eram assim tão... hã... humanas.

Houve uma pausa. Os três olharam atônitos para ela.

Um barulho surgiu da escuridão ao lado e todos se assustaram. A alguns metros, uma câmera flutuante estava caída de lado e apagada. Outro barulho foi ouvido mais adiante e então um terceiro ruído. Aya ergueu os olhos.

As câmeras flutuantes começaram a cair.

Ela sorriu.

— Uau, Ren. Como você fez isso?

Ren abaixou a caixa de truques com uma expressão confusa no rosto.

— Tenho más notícias. Eu *não sou* o responsável por isso, é outra pessoa que está fazendo.

Os barulhos vinham de todas as direções agora, como uma chuva de granizo que ficava mais forte aos poucos. Ao cobrir a cabeça com os braços, Aya viu que o céu já estava semivazio.

Em breve ela seria invisível outra vez. E então, quando ninguém estivesse olhando, Aya Fuse poderia desaparecer para sempre.

Ela começou a correr.

CORRA E SE ESCONDA

— Quero quatro pranchas voadoras! — gritou Hiro. — Ignore de quem elas sejam! Não me importo com os donos, isso é uma emergência.

Aya voltou para a festa com eles — àquela altura, uma multidão seria melhor do que a escuridão. As últimas câmeras insistiam em persegui-los e foram caindo do céu uma por uma.

— Moggle, você ainda está aí em cima? — sussurrou Aya. O ponto de vista da câmera surgiu e ela viu a si mesma e os demais a distância, eram pontinhos contra o enorme campo de beisebol. Não havia mais ninguém que pudesse ver. — Fique bem no alto, Moggle! Alguém está interferindo em tudo ao nosso redor.

Assim que falou isso, outra câmera flutuante caiu no chão na frente de Aya, que pulou por cima do aparelho. O vestido de noite quase se enroscou nos tornozelos.

— Lá estão elas! — gritou Hiro.

Quatro pranchas vinham em disparada pelo campo na direção deles, iluminadas pelas luzes da festa dos Tecnautas.

— Mas elas não vão simplesmente cair como as câmeras? — perguntou Aya.

— Acho que consigo bloquear a interferência sobre os sustentadores — disse Ren ao mexer na caixa de truques enquanto corria. — Apenas fique perto de mim.

— Mas tem alguém nos perseguindo? — perguntou Frizz.

Aya observou a escuridão entre as mansões. Ainda não havia ninguém — nada além dos restos inanimados das câmeras espalhadas pelo chão.

Então ela ouviu o barulho de um carro voador.

O carro disparou acima deles, abafou o som dos passos e desmanchou o cabelo de Aya ao passar.

Por um momento, ela pensou que fossem os guardas, mas então ouviu o barulho de hélices — o carro era feito para trabalhar fora da cidade, onde os guardas nunca iam.

E, por algum motivo, Aya duvidou que tivessem os guardiões lá em cima.

O carro fez uma curva fechada e desceu em frente a eles. A grama brilhou e balançou com a tempestade provocada pelas hélices. Redemoinhos de terra se formaram nas bases do campo de beisebol.

Pelo para-brisa, dois motoristas observavam Aya com uma calma estranha — tinham os olhos muito afastados, pele branca e sem pelos, como os rostos horripilantes no túnel.

Ela cambaleou e parou. Como Miki dissera naquela noite, eles não pareciam humanos.

Frizz a puxou para continuar correndo e deram a volta pelo carro voador. Aya manteve os olhos semicerrados por causa da poeira e o vestido inflou como um paraquedas aberto atrás dela.

Quando o carro pousou no chão, a lateral se abriu e jogou um facho de luz no campo. A silhueta de mais duas criaturas no interior ficou visível por um instante entre as nuvens de poeira.

Então Aya ouviu um grito — Ren e Hiro saíram da tempestade de areia em disparada sendo seguidos por duas pranchas vazias.

— Eu nunca pilotei uma dessas coisas antes! — gritou Frizz.

— Basta ficar junto de mim!

Aya pulou na prancha e o puxou para trás dela. Os dois perderam o controle por um instante, pois Frizz sacudia como uma criança em uma gangorra.

— Fiquem próximos ou eles vão interferir com as pranchas! — gritou Ren e sacudiu a caixa de truques ao passar voando.

Aya fez uma curva fechada e seguiu Ren e Hiro. Sentiu o abraço de Frizz ficar mais apertado, o corpo dele espremido contra o seu enquanto ganhavam velocidade.

Atrás deles, o som do carro voador aumentou novamente, as hélices levantadas pelo vento agitavam o ar. Aya abriu bem os braços e desejou que não estivessem usando sapatos plataforma. Pelo menos as duas últimas semanas tinham servido para alguma coisa: andar de prancha em dupla em meio a um vento cortante não era tão complicado quanto surfar um trem magnético.

Porém, o peso extra de Frizz era um problema, porque Hiro e Ren estavam se afastando. Aya se inclinou para a frente, para acelerar mais a prancha. Se ficassem muito longe de Ren, eles cairiam como as câmeras com sustentadores bloqueados.

E os dois sequer estavam usando braceletes antiqueda...

— Segura firme! — gritou ela, mas o rugido do carro voador abafou suas palavras.

Felizmente, a mansão não estava muito longe agora. Dava para ver os convidados no telhado assistindo à perseguição, provavelmente se perguntando que tipo de golpe publicitário era aquele.

O carro voador rugiu ao passar por cima de novo e as hélices fizeram Aya e Frizz rodopiarem. Ela se contorceu e mal conseguiu mantê-los sobre a prancha.

— Lá em cima! — berrou Frizz.

Duas figuras pularam da porta do carro voador com os braços e pernas esquisitos, bem abertos ao caírem. Eles quicaram e giraram no rodamoinho abaixo do carro, mas rapidamente recuperaram o controle. Aya notou os sustentadores fazendo volume sob o corpo magro.

— Eles estão usando aparatos de aerobol! Isso não é nada bom! — gritou Aya.

As criaturas estavam se aproximando agora, navegando na onda de ar provocada pelo carro como windsurfistas em uma ventania.

— Segura firme! — berrou ela e então realizou uma brusca virada com a prancha, voltando pelo campo de beisebol.

Os braços de Frizz a apertaram com mais força e seu peso acompanhou o movimento dela.

Mas as figuras inumanas estavam diminuindo a distância rapidamente. Quando Ren e Hiro viraram para seguir, as criaturas magras passaram em velocidade por eles sem sequer olharem.

Era Aya Fuse quem elas queriam.

Aya foi em direção às árvores próximas e tentou acelerar mais. Porém, a prancha era apenas um brinquedo, não se comparava aos modelos de alta velocidade das Ardilosas.

O arvoredo surgiu diante deles e Aya manobrou de um lado para o outro para passar entre os troncos grossos. Raios de luz vindos do carro voador surgiam entre as folhas e reluziam no chão da floresta.

Os lábios de Frizz colaram no ouvido de Aya.

— Por que não caímos?

Aya ficou surpresa, pois Ren e Hiro estavam a pelo menos uns 50 metros de distância.

— É claro! Eles tiveram que parar com a interferência para usar os aparatos, o que quer dizer... Moggle, venha cá! Eu preciso de você!

— Aya! À direita!

Uma das figuras deu um rasante em direção a eles com os dedos compridos esticados como garras. Frizz se abaixou e fez Aya se agachar quando a criatura passou.

— Ai! — Frizz se contraiu atrás dela. — Algo me espetou!

— O quê? — Aya ficou de pé novamente e fez outra curva fechada com a prancha. Virou o pescoço para ver Frizz. — Você está bem?

— Acho que sim. Mas me sinto um pouco... cuidado!

Aya virou a cabeça com rapidez e descobriu a outra figura inumana esperando bem acima deles, com os braços abertos e agulhas reluzindo na ponta dos dedos.

Ela virou o corpo todo de lado e inclinou a prancha até parar. Mas Frizz ficou mole e soltou os braços de sua cintura.

— Frizz! — Aya chamou, mas ouviu apenas um gemido como resposta...

E então ele começou a cair da prancha.

— *Frizz!*

Ela esticou a mão para pegá-lo, mas Frizz já estava girando em pleno ar. Ele caiu na direção de uma das criaturas que o esperava e os dois corpos colidiram com um baque seco. A figura magra cedeu, com os braços ao redor de Frizz, e ambos voaram para a escuridão.

Subitamente livre do peso de Frizz, a prancha começou a rodar. Os troncos de árvore passaram girando por Aya e os galhos pontudos bateram em seu rosto e mãos. Ela ajoelhou e agarrou as beiradas da prancha até que parasse de girar.

Quando a prancha diminuiu um pouco a velocidade, Aya a soltou e rolou para as folhas. Ficou de pé e correu em direção às duas figuras estateladas e imóveis no chão da floresta.

Os olhos foram atraídos para o estranho rosto da criatura inumana. A pele era branca, os braços finos e com aparência frágil, mas não havia dúvida quanto às agulhas na ponta dos dedos — elas foram feitas para causar algum dano.

Mas a coisa mais esquisita eram os pés. Nus e deformados, pareciam com mãos, tinham longos dedões recolhidos como as pernas de uma aranha morta.

Ela desprendeu Frizz da criatura.

— Consegue me ouvir?

Ele não respondeu. Então Aya notou o pequeno ponto vermelho no pescoço de Frizz. Uma espetada daquelas agulhas o deixara inconsciente... ou pior.

Aya o puxou para perto e sentiu a cabeça girar. O carro continuava voando acima deles e lançava luz sobre a copa das árvores. As sombras acompanhavam seus movimentos, como se o mundo inteiro girasse.

— Aya! — surgiu um grito. Ela olhou para cima e viu Hiro e Ren manobrando entre as árvores.

Mas à frente deles a outra criatura voava, vindo bem na direção de Aya com os braços estendidos e os dedos reluzindo. A pele brilhava na escuridão.

Ela puxou Frizz mais para perto e se sentiu completamente abandonada. Onde estavam os guardas? Cadê o meio milhão de pessoas que estava assistindo a todos os seus movimentos há cinco minutos?

A criatura estava a 10 metros, 5...

Uma pequena figura escura disparou das sombras e acertou o estômago daquele ser. Ela se dobrou, soltou um gemido e passou girando por Aya, sustentada no ar pelo aparato de aerobol.

— Moggle. — Aya suspirou. A câmera flutuante quicou e caiu nos arbustos.

A criatura inumana pairava inconsciente no aparato de aerobol com os pés em forma de mãos balançando a um metro do chão. Os lábios soltaram um gemido e os olhos tremendo, tentando se abrir...

Aya correu até a figura e pulou em seus ombros. O aparato ajustou-se ao novo peso e eles flutuaram juntos pelo chão da floresta.

A criatura esticou a mão para pegá-la, mas Aya agarrou seu pulso e enfiou as agulhas dos dedos no pescoço dela. A criatura esbravejou por um momento, de olhos arregalados, e então desmaiou completamente.

— Aya! — Hiro manobrou até parar. — Você está bem?

— Estou. — Ela pulou dos ombros da criatura e olhou para o carro voador, que esperava lá no alto, imóvel, vasculhando a copa das árvores com os faróis de maneira hesitante. — Preciso de ajuda com Frizz.

Hiro flutuou até ela e parou.

— Ele vai ficar bem, Aya. Eles não se importam com Frizz.

— É, mas eu sim.

Aya puxou a prancha e correu até o corpo inconsciente. Ajoelhou e pôs o braço de Frizz sobre a prancha, tentando colocá-lo por inteiro.

Frizz soltou um gemido.

— Você está bem?

— Me sinto é esquisito — murmurou ele. — Pesado.

— Não me diga! — Aya fez um esforço. — Se ao menos a gente tivesse uma maneira de... — Ela olhou para a criatura inumana estatelada ao lado de Frizz.

Hiro saiu da prancha ao lado dela e olhou para a figura.

— Uau. Você deixou *isso* fora da matéria?

— Preciso de ajuda para tirar o aparato de aerobol dessa coisa. — Aya gemeu ao puxar o sustentador da caneleira. — Dá para colocar no Frizz!

— Tudo bem — disse Hiro ao se ajoelhar. — É assim que se faz.

Ele soltou as tiras com prática, soltou o sustentador e prendeu na perna de Frizz.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Ren ao se juntar à confusão.

— Aquela criatura o acertou com uma das agulhas que usa nos dedos. — Aya ergueu os olhos para o carro voador. A porta lateral estava abrindo de novo e a luz revelou mais duas silhuetas. — Droga, tem mais vindo!

— Acabei. — Hiro amarrou o último sustentador no antebraço de Frizz. — Programei o aparato para velocidade neutra. Ele deve flutuar como se estivesse em gravidade zero.

Imediatamente desprovido de peso, Frizz saiu rapidamente do chão. Aya colocou-o sobre a prancha e se ajoelhou sobre ele.

Hiro e Ren ficaram cada um de um lado da prancha, deram as mãos para Aya e a puxaram como se fosse uma criança entre os pais. Logo dispararam por uma brecha entre as árvores.

— Eles estão nos seguindo? — perguntou Aya.

Ren olhou para trás.

— Acho que não. Estão recolhendo os outros dois.

— Acho que dois corpos estranhos são piores que uma testemunha viva. Falando nisso, você tem que dar algumas explicações, Aya — disse Hiro.

— Assim que a gente estiver em segurança.

— O que significa voltar para a festa, *certo*?

— Não. Vamos fazer o que a Tally disse: vamos nos esconder.

— Onde? — perguntou Ren.

Aya mordeu o lábio e segurou firme o corpo inconsciente de Frizz para que não escorregasse da prancha.

— O reservatório subterrâneo.

— Frio e úmido, mas é o único lugar na cidade sem câmeras — disse Ren.

— Exatamente — falou Aya.

Algo surgiu pelas árvores no canto da visão e ela arriscou uma olhada. Era uma câmera flutuante com camuflagem escura, ainda meio tonta da colisão.

A câmera piscou alegremente os faróis noturnos enquanto imagens tremidas surgiam no campo de visão de Aya. Quem quer que fossem as criaturas inumanas, daquela vez não foram apenas os olhos de Aya que as registraram. Ela abriu um sorriso.

Moggle tinha gravado tudo.

A SABEDORIA DA MULTIDÃO

A nova zona de construção emitia um tênue brilho laranja, as máquinas escavadeiras estavam paradas nos buracos das fundações.

— Verifiquem as caixas postais antes de perdermos a conexão — disse Hiro.

Aya vasculhou a tela ocular e balançou a cabeça. Ela recebeu algumas mensagens prioritárias pelo canal dos guardas e talvez umas dez mil perguntando o que estava acontecendo, sem contar um milhão de teorias que dominavam as transmissões — mas nada de Tally Youngblood.

— Se ela estiver a caminho em uma nave suborbital, vai ficar fora de contato por algumas horas — disse Ren.

Aya suspirou.

— Desde que chegue aqui rápido.

Eles desceram em direção ao túnel e entraram.

— Ei, estou desmaiando de novo? — gemeu Frizz, que se remexeu enquanto a escuridão os envolvia.

— Não, apenas entramos no subterrâneo. — Aya o abraçou com mais força. — Sem faróis, Moggle. Eles chamam muita atenção.

— Seu vestido brilha — murmurou Frizz.

Aya assentiu e mexeu os dedos para o vestido ganhar vida. A bateria estava nas últimas, mas as luzes cintilantes foram o bastante para romper a escuridão.

— Falei para você que esse era o vestido certo, Hiro.

— Engraçadinha. Você vai nos contar o que aconteceu lá fora?

— Ainda não.

Eles desceram enquanto a luz laranja dos refletores na superfície sumia ao fundo. Depois de longos minutos, o eco da água pingando chegou aos ouvidos e o túnel abriu para revelar a imensidão do reservatório.

Aya parou a prancha em pleno ar.

A caverna brilhava com as luzes fracas do vestido, o teto reluzia com o reflexo na água. Moggle parecia se lembrar do lugar e logo estava voando nervosa em círculos pela caverna, para verificar se havia Ardilosas escondidas com travas na mão.

Hiro parou próximo à irmã e sentou de pernas cruzadas na prancha.

— Belo esconderijo, Aya. Não existe chão de verdade para ficar de pé, não é?

— Não, mas temos muita água — disse Ren.

— Não é exatamente a Mansão Movimento. — Aya suspirou.

O apartamento que Hiro mostrara não saía da cabeça. Os grandes espaços abertos, a vista perfeita da cidade. E cá estava ela, em sua primeira noite de fama, escondida no subterrâneo.

A lenta respiração de Frizz ecoava pelos arcos de pedra. Ele se remexeu debaixo de Aya, os efeitos da agulhada estavam passando. Ela verificou a marca no pescoço — a vermelhidão tinha praticamente sumido.

— O que havia naquelas agulhas foi feito para derrubar você, Aya — disse Ren. — Mas Frizz é um perfeito. Ele vai ficar bem.

Ela assentiu. A operação tornava o corpo dos perfeitos mais fortes e com maior capacidade de cicatrização, além de mais belos.

— Então, quem eram aquelas pessoas? — perguntou Hiro.

— Não faço ideia. Só tinha visto uma vez antes.

— Quando viu a montanha abrir pela primeira vez? — indagou Ren.

— Sim. Miki e eu observamos da beirada do trem. Eram três figuras muito magras e altas. Mas estava tão escuro que pensei que fossem apenas umas sombras estranhas... a princípio.

Hiro pigarreou.

— E você não se importou em mencionar isso?

— Eu não tinha imagens das criaturas! E era tão confuso. Pensei que, se começasse a matéria com aquelas aberrações, todo mundo pensaria que se tratava de outra reportagem sobre Viciados em Cirurgia. Alienígenas não combinavam muito com o tema de destruição de cidades.

— Eles não *combinavam com o tema*?! — gritou Hiro. — Você é alguma divulgadora Enferrujada, por acaso? É para isso que serve o pano de fundo!

— Deixe o sermão para depois, Hiro — disse Ren. — Agora a gente precisa descobrir quem são eles e por que estão atrás de Aya.

— A gente devia voltar para a superfície e divulgar isso! Chame os guardas se você quiser! — disse Hiro com desdém.

— Vamos confiar na nossa própria cidade? — perguntou Ren.

— Eu confio em qualquer um, desde que haja algumas centenas de milhares de pessoas assistindo — murmurou Hiro. — O que não entendo é

como foi que esses Viciados em Cirurgia sacaram que você os viu?

— Talvez tenha algo no pano de fundo que explique isso — falou Ren. — Pena que estamos isolados das transmissões aqui embaixo.

— A Moggle tem uma cópia de tudo — disse Aya.

— OK, vou dar uma olhada. Se acontecer alguma coisa emocionante, me sacuda. — Ren deitou na prancha e as telas oculares deram sinal de imersão completa.

Aya engoliu em seco. Com Ren vasculhando as imagens e Frizz semiconsciente, ela estava praticamente sozinha com Hiro. As últimas luzes do vestido começaram a se apagar e a escuridão tornava a expressão do irmão cada vez mais irritadiça.

— Que tal um pouco de luz, Moggle?

A câmera acendeu os faróis noturnos e iluminou a caverna. As sombras se moviam enquanto Moggle flutuava nervosa pelo reservatório, mas Hiro permanecia imóvel encarando a irmã.

Aya suspirou.

— Eu não tive *intenção* de mentir.

— Não, Aya. Mas quando a pessoa escolhe o que incluir na sua matéria, sempre acaba mentindo. Por isso os melhores divulgadores colocam *tudo*. Deixe a manipulação para os extras que só assistem por dez minutos.

— Mais uma vez: eu não tinha uma imagem sequer das criaturas!

— Ainda assim, você viu e omitiu. É como se mentisse.

Aya gemeu e olhou para a água. A superfície ficou mais escura à medida que as luzes do vestido foram se apagando uma por uma.

— Eu estraguei tudo, não foi?

— Tudo não. — Hiro deixou os ombros caírem. — Mas se você tivesse contado o que viu, a gente já podia saber quem eram essas pessoas.

— Como?

— A sabedoria da multidão, Aya. Se um milhão de pessoas olharem para um quebra-cabeça, existe a chance de uma delas saber a solução. Ou talvez dez pessoas tenham uma peça diferente e isso é o suficiente para montá-lo.

Aya suspirou.

— Acho que você tem razão. Eu simplesmente nunca encarei os canais dessa forma.

— Isso porque você só se importava em ficar famosa. Os canais são mais do que isso. Como eu sempre digo, ser um divulgador é uma forma de entender o mundo.

Ela revirou os olhos. Era tudo o que precisava: uma lição de filosofia de seu irmão mais velho metido. As últimas luzes do vestido estavam falhando, a bateria finalmente acabara.

— Bem, não temos nenhuma multidão aqui. Então o que *você* acha que eles são? Alienígenas?

— Não, são alguma espécie de Viciados em Cirurgia. — O bater dos dedos de Hiro sobre a prancha ecoava pela caverna. — Na verdade, estão mais para macacos.

— O que quer dizer? — Aya se remexeu na prancha. — Eu não vi nenhum pelo.

— Mas notou os dedões dos pés, certo? Eles eram preênseis como os de um macaco. É como se tivessem quatro mãos.

— Mas isso não faz sentido. — Aya suspirou. — Para que ser um Viciado em Cirurgia se a pessoa vai se esconder o tempo todo?

— Não acho que eles sejam assim por modismo, Aya. É como os meus coroas imortais: a cirurgia tem um *significado*. Tem que haver uma maneira de tudo isso se encaixar.

— Você quer dizer as armas de destruição, bases secretas e patas de macacos?

Hiro sorriu.

— Entendo por que você teve dificuldade em colocar tudo isso em dez minutos.

Eles ficaram calados por um tempo enquanto Aya via o brilho nos olhos de Ren. Talvez quando amanhecesse, o furor da matéria do Destruidor de Cidades tivesse passado um pouco. As pessoas precisavam dormir em *algum momento* afinal, não importava a gravidade da matéria. Em algumas horas, subir de mansinho para mandar uma mensagem para Tally Youngblood seria fácil.

Ela se lembrou do ano anterior na escola para feios, quando aprendeu sobre as origens da libertação: a Fumaça, os Especiais, a terrível Guerra de Diego. Um tema era comum a todas aquelas lições: assim que Tally-sama chegava, os vilões não tinham a menor chance.

O tempo passou de maneira estranha na caverna. Isolado da interface da cidade, o relógio na tela ocular de Aya não funcionava, mas os minutos pareciam se arrastar. Ela chegou a cochilar uma vez e acordou em pânico, imaginando onde estava.

Mas Frizz continuava ao seu lado, dormindo até passarem os efeitos da agulhada. Tão perto assim sobre a prancha, era possível sentir a sua respiração, e o calor do corpo quebrava o frio da caverna. Não importava o que Hiro dissera sobre a fama ser capaz de protegê-la, ela se sentia mais segura perto de Frizz do que sob os olhos de um milhão de pessoas.

Sentado de pernas cruzadas na prancha, Hiro mantinha os olhos fechados e acenava com a cabeça. Os olhos de Ren estavam abertos, as telas oculares reluziam como dois vaga-lumes no ar, mas ele não fazia nenhum barulho.

Parecia que tinham se passado horas até que Frizz começou a se remexer ao lado de Aya. Ele se apoiou nos cotovelos e esfregou o pescoço.

— Como você se sente? — sussurrou Aya.

— Bem melhor. — Frizz olhou sonolento ao redor. — Onde estamos?

— Nos subterrâneos. — Aya apertou a mão dele. — Não se preocupe. Nós estamos seguros aqui embaixo até Tally-sama chegar.

— Você me trouxe aqui? Como conseguiu... uau. — Por um instante, Frizz começou a flutuar e sair da prancha. — O que está acontecendo?

Aya sorriu.

— A gente pegou um aparato de aerobol daquelas criaturas. Você está quase sem gravidade.

Ele parou de se mexer, deixando-se assentar ao lado de Aya.

— Você me salvou.

Ela suspirou.

— Eu coloquei você em uma tremenda enrascada, é o que quer dizer. Se não fossem as minhas mentiras, você não estaria nessa confusão.

— Mentiras?

Aya assentiu devagar.

— Como eu disse, eu vi essas criaturas há dez dias, mas não sabia o que elas eram. Então eu meio que... cortei da matéria.

Frizz não falou nada, apenas olhou para a água escura.

— Acho que sou uma mentirosa compulsiva — enfim sussurrou.

Ele balançou a cabeça.

— Não, não é não.

— Sou *sim*. Não passo dez segundos sem mentir. Sou a 17ª pessoa mais famosa da cidade no momento e por conta de quê? Fazer um grupo inteiro acreditar que eu fazia parte dele! E aí não sou sequer capaz de divulgar a matéria sem deixar algo de fora. Você deve me odiar.

Frizz tomou fôlego lentamente.

— Eu nunca contei para você como criei a Honestidade Radical, não foi?

— Eu nunca perguntei — sussurrou Aya. — Só fiquei falando sobre minha própria obsessão com a fama.

— Bem, eu costumava mentir... *constantemente*. Às vezes tinha motivo, mas geralmente mentia apenas por diversão. Sempre estava fingindo, criando um novo Frizz para cada pessoa que conhecesse, especialmente para as garotas, sabe. — Ele deu de ombros e os olhos de mangá brilharam na escuridão. — Mas comecei a esquecer quem eu era de verdade. Isso provavelmente parece estranho.

— Na verdade, não. Foi mais ou menos o que aconteceu comigo e as Ardilosas. Gostava de ser aquela pessoa, ela era mais corajosa do que eu.

Ele deu de ombros.

— Às vezes é divertido mudar quem você é. Mas eu queria descobrir quem era sem as mentiras. Como um relacionamento funciona quando a pessoa não pode esconder nada. — Frizz pegou a mão de Aya, que sentiu um arrepio. — Como é a sensação de fazer isso...

Ele se inclinou através da pequena distância entre os dois rostos e beijou Aya.

Ao se afastarem, Frizz sussurrou:

— Sem mentiras.

— Fico tonta. — Aya suspirou.

Ela sentiu o rosto quente, como se tivesse ficado vermelha, mas não envergonhada. Um eco dos lábios de Frizz permanecia sobre os dela e a pele ficou arrepiada.

— Você está certa. — Ele sorriu. — É de ficar tonto mesmo.

— Mesmo comigo, a Rainha da Gosma e da Mentira?

Ele deu de ombros.

— Mas você também é sincera, Aya. Você se inclui nas suas matérias, de uma forma ou de outra. Mesmo aquela sobre... — Frizz fez uma pausa e olhou ao redor da caverna com uma expressão pensativa. — Ei, a gente está perto daquele grafite que você divulgou?

— Claro, aqueles túneis dão aqui embaixo. — Ela riu baixinho. — Quer ver ao vivo?

Frizz fez que não com a cabeça.

— Mas aquela matéria não está no seu canal? Onde todo mundo possa assistir?

Aya hesitou. Antes daquela noite, quase ninguém assistia ao seu canal. Mas com uma reputação na casa dos 17, mais pessoas iriam checar quem ela era. E, ao mesmo tempo, todo mundo estava formulando teorias e debatendo por que Aya Fuse desaparecera e para onde fora.

Talvez apenas alguns milhares se importariam em assistir às suas antigas matérias, e a maioria não notaria que os túneis dos grafiteiros eram um ótimo esconderijo. Mas e se apenas uma pessoa, dentre o milhão de habitantes da cidade, mandasse uma câmera flutuante para verificar?

— Epa, você pode ter razão. Hiro! Acho que a gente tem que ir!

O irmão se remexeu e acordou.

— O quê? Por quê?

— Os túneis que dão aqui estão no meu canal, naquela matéria do grafite que eu divulguei.

— Mas aquilo foi há duas semanas... — A voz de Hiro sumiu.

— Do que você chamou aquilo? De sabedoria da multidão?

As vozes atraíram a atenção de Ren, que sentou e piscou para se livrar do brilho da tela ocular.

— O que está acontecendo?

— Esse lugar é famoso por causa do canal de Aya — disse Frizz.

Ren ficou de pé instantaneamente e resmungou:

— Nós somos tão *idiotas*.

— Moggle! — chamou Aya. — Desligue os faróis!

A câmera flutuante obedeceu e deixou todo mundo na escuridão.

Aya piscou para se livrar dos pontinhos de luz e abraçou Frizz com mais força. Aos poucos os olhos se ajustaram e ela viu alguma coisa...

Em uma das manilhas pingando água, havia uma pequena luz se movendo e agitando as sombras na escuridão.

PAPARAZZI

— Siga a minha voz, Moggle — chamou Aya, avançando de prancha até a parede mais próxima.

As manilhas daquele lado do reservatório não apareciam na matéria sobre o grafite. Com certeza não havia gente o suficiente perseguindo Aya para cobrir cada túnel e tubulação da cidade.

— Aqui está a parede — sussurrou Frizz.

Ela esticou a mão e tocou na pedra fria. Seguiu em direção ao som de água pingando até ouvir o eco da boca da manilha diante deles.

— Moggle? Vem aqui — chamou baixinho. Um instante depois a câmera esbarrou em Aya. — Vá lá em cima e veja se está vazio. Sem os faróis!

Moggle partiu.

Sobre o ombro, a luz da outra manilha estava aumentando. Aya conseguiu ver a silhueta de Hiro e Ren contra o brilho.

— Você consegue mesmo causar interferência em uma câmera, Ren?

— Posso tentar. — O rosto de Ren apareceu em pleno ar, iluminado pela caixa de truques.

— Aya, se você precisar sair rápido daqui, me deixe para trás. Eu não sei pilotar e ninguém está atrás de *mim* — sussurrou Frizz.

— Não seja idiota, Frizz. Essas criaturas sabem que você as viu. Não vou deixar você aqui!

Aya ligou a tela ocular. Pelo ponto de vista de Moggle, o túnel se estendia à frente, vazio e sem luz.

— A manilha está limpa.

— Vamos andando então — murmurou Hiro. — A luz está chegando perto.

Aya deitou na prancha e se espremeu nela com Frizz. Eles entraram no túnel e começaram a subir rapidamente.

Moggle estava próxima à superfície, pois as luzes de tom laranja dos refletores brilhavam na saída da manilha. Os canais voltaram a aparecer na tela ocular e o relógio da cidade mostrou que faltavam duas horas para o amanhecer.

— Cuidado, Moggle — sussurrou Aya. — Não deixe que ninguém veja você!

A câmera flutuante diminuiu a velocidade e deu uma olhadela pela entrada da manilha. Aya observou enquanto Moggle vasculhava a zona de construção — não havia nada além de máquinas imóveis e da estrutura de ferro vazia de um prédio inacabado.

— OK, Moggle, espere pela gente.

Aya e Frizz subiram em direção à superfície até ela sentir uma brisa fria no rosto. A silhueta de Moggle surgiu iluminada pelos refletores. Os canais entraram no ar com força total e encheram a visão de Aya com uma centena de discussões acaloradas: surpresa diante de seu sumiço, teorias sobre quem construiu o Destruidor de Cidades, questionamentos sobre se tudo aquilo não teria passado de um golpe. A maioria das pessoas achava que ela havia sido sequestrada pelo carro voador misterioso. O Anônimo declarara que o impulsionador de massa era a arma secreta da cidade e pedia a prisão de Aya como traidora.

Ela piscou os olhos para afastar toda aquela confusão e se concentrou no mundo à frente. A matéria sobre a Rainha da Gosma a havia ensinado como os canais podiam ser inúteis.

Às vezes a sabedoria da multidão era apenas uma barulheira.

Na entrada do bueiro, Aya vasculhou a zona de construção com os próprios olhos.

— OK, parece que ainda está vazio. Todo mundo pronto?

— Só uma pergunta — disse Frizz. — Onde estamos indo?

— Ah, tem razão. — Aya franziu a testa.

Se a multidão tinha descoberto o reservatório subterrâneo, onde mais ela poderia se esconder? Todos os lugares interessantes que Aya havia explorado tinham sido incluídos em alguma matéria. O dormitório, os nomes de todos os amigos e até sua cor favorita estavam listados em seu canal.

Aya não tinha guardado nenhum segredo para si.

— Que tal a sua casa, Hiro?

— A minha casa? Não dava para sermos mais óbvios?

— Pelo menos tem boa privacidade. É uma mansão para quem tem muita reputação, então as câmeras flutuantes não podem chegar perto. E a parte famosa da cidade não é longe daqui.

— Esqueça. Você não vai me envolver nessa... — Ele foi parando de falar. — Mas você tem razão quanto à privacidade. Por que não vamos para a Mansão Movimento? Lembra do apartamento que mostrei?

— Sim, mas não é meu.

— Porém, está vago. Basta entrar e tomar posse. Você tem uma reputação de... uau! Você chegou à posição 12!

— Nada supera ser abduzida por alienígenas — disse Ren.

— O que você acha, Frizz? — perguntou Aya.

Ele hesitou e, então, soltou um suspiro.

— Qualquer coisa é melhor do que um buraco no chão.

Eles saíram devagar do bueiro, tremendo de frio no vento gelado.

Aya olhou para o vestido de gala, que estava coberto de folhas molhadas e água do túnel: o Retorno da Rainha da Gosma. Mas o cheiro de pinheiros e o ar puro eram bem-vindos depois de horas de folhas podres e esgoto.

A cidade parecia mais desperta do que o normal em plena madrugada, as janelas piscavam com as pessoas assistindo aos canais. Aya ficou ansiosa ao ver isso — era exatamente o oposto do pânico do anonimato.

De repente havia gente *demais* que sabia seu nome.

Eles voltaram voando para a cidade em direção à área em que Hiro morava. Os sinais característicos da fama surgiram ao redor: piscinas flutuavam no céu soltando vapor no frio e tochas iluminavam o caminho no chão.

Mas não havia ninguém fora de casa, mesmo ali as janelas brilhavam com a luz de telas de parede. Não importava o tamanho da reputação, todo mundo parecia estar acompanhando o desenrolar da história.

— Epa — disse Ren ao tirar os olhos da caixa de truques. — Temos companhia.

Aya acompanhou o olhar dele — uma câmera solitária subia em direção a eles com a luz das tochas sendo refletida pelas lentes.

— Consegue criar uma interferência?

Ren balançou a cabeça.

— É uma câmera profissional de paparazzi, feita para perseguir famosos.

— Estamos próximos à Mansão Movimento. Vamos logo! — gritou Hiro ao disparar na frente.

— Segure firme, Frizz! — berrou Aya, que apontou para o chão e ganhou velocidade ao descer.

Os dois corpos fizeram as manobras como um só quando Frizz a abraçou. Ele se sentiu mais confiante do que na primeira vez na prancha com Aya, então ela decidiu se arriscar mais.

Aya pegou um atalho entre dois apartamentos, separados por suportes flutuantes, para contornar uma mansão alta e estreita. Os sustentadores da prancha tremeram e eles derraparam no ar. Frizz a abraçou com mais força. A poucos metros do ombro de Aya, Moggle estremeceu diante das fortes correntes magnéticas.

Mas quando ela olhou para trás, a câmera de paparazzi ainda continuava lá. Ren estava certo — aquele modelo fora feito para perseguir os famosos. Alguns truques simples não seriam suficientes para despistá-la.

Aya desceu ainda mais e deu um rasante pela alameda que cortava um jardim. O calor das tochas passou voando pelas laterais e o cheiro de fumaça entrou nas narinas. A câmera estava firme na perseguição, aproximando-se o suficiente para reconhecer seus rostos.

A última coisa que Aya queria era aparecer na Mansão Movimento com cem câmeras flutuantes a reboque.

— No fim do jardim, suba em linha reta! — gritou Frizz.

— O que você está planejando?

— Apenas faça!

Eles passaram voando pelo último par de tochas. A alameda do jardim deu para um campo de santuários e templos da época dos Pré-Enferrujados. Assim que saíram do jardim, Aya jogou o peso para trás e subiu com a prancha. Moggle seguiu, rodopiando alegremente.

— Volte e me pegue! — berrou Frizz... e pulou da prancha.

— Frizz! — gritou Aya, girando a tempo de vê-lo voar.

É claro que ele voou — Frizz ainda estava com o aparato de aerobol e continuava em gravidade zero. Ele foi levado pela inércia em direção à câmera de paparazzi e encolheu o corpo como uma bola. A câmera o acertou bem nas caneleiras e o baque do plástico de alto impacto soou como um tapa.

Frizz girou para longe com a colisão. Aya fez uma curva fechada para colocar a prancha na sua linha de voo.

Ele deu um gemido ao acertar Aya e a derrubou da prancha. Os dois giraram juntos pelo ar até que os sustentadores do aparato compensaram o

peso de Aya.

— Moggle! — Ela gemeu por causa do abraço apertado de Frizz, que tornava difícil a respiração. — Traga a nossa prancha para cá!

A prancha abandonada tinha parado confusa, provavelmente imaginando por que os pilotos tinham pulado fora. Moggle chegou ao lado e a conduziu até o ponto onde os dois flutuavam abraçados.

— Eu matei a câmera? — perguntou Frizz.

Aya olhou para baixo e viu a câmera de paparazzi quicando aos pedaços entre os santuários e templos.

— Sim, mas aquele truque foi assustador!

Moggle trouxe a prancha até os pés dos dois e Frizz deixou que Aya saísse do abraço para a superfície.

— Sem falar que doeu — disse Frizz ao abaixar para massagear as canelas, pois as caneleiras tinham rachado com a colisão.

— Bem-feito — disse Aya, apontando a prancha para a Mansão Movimento.

Ela desceu e voou de mansinho debaixo da piscina de meditação flutuante da vizinhança. A luz das estrelas passava entre os nenúfares e as carpas.

— Aya? — A voz de Ren surgiu em seu ouvido. — Estamos na mansão. Onde estão vocês?

— Chegando. Despistamos aquela câmera.

— Acho que vocês atraíram outra, então. Olhe para as janelas.

Aya franziu a testa.

— Que janelas?

— *Qualquer* janela. São todas iguais!

— O que você...? — Aya ela começou a perguntar, mas assim que os dois saíram dali debaixo da piscina de meditação, surgiu uma mansão enorme e de estilo antigo diante deles, com janelas brilhando com a luz de telas de parede.

Todas piscavam ao mesmo tempo, centenas de telas sintonizadas na mesma transmissão.

— Epa — disse Frizz. — Você viu aquilo?

— Sim. — Aya engoliu em seco. — Todo mundo está assistindo ao mesmo canal, o que nunca acontece, a não ser que...

— Ou Nana Love acabou de ficar noiva ou uma câmera está filmando a gente.

Aya virou a cabeça e vasculhou o ar ao redor. Finalmente conseguiu descobrir outra câmera de paparazzi a poucos metros de distância, com as pequenas lentes focalizando seu rosto.

— Droga.

Então Aya viu o enxame de dezenas de câmeras flutuantes de vários modelos e tamanhos vindo de todas as direções. Nuvens de câmeras manobravam juntas e faziam curvas como um cardume de peixes.

— Vai logo, Aya! — gritou Frizz.

— Cegue as câmeras, Moggle! — Ela se inclinou para frente e disparou em direção à Mansão Movimento.

Moggle seguiu com os faróis noturnos ligados no máximo e voltados para trás. As lentes dos perseguidores reluziam como fogos de artifício estourando no céu.

Quando eles chegaram à Mansão Movimento, o enxame estava alcançando e envolvendo os dois, filmando de todos os ângulos possíveis no momento em que Aya desceu até os degraus do prédio.

— Belo trabalho ao despistá-las — disse Hiro secamente e virou para a porta. — Deixe a gente entrar, rápido.

— Peço desculpas, mas a Mansão Movimento é um prédio seguro — disse a porta.

— Não brinca — disse Aya. — É por isso que estamos aqui. Estou tomando... hã...

— Posse do apartamento 39 como residência legal — sugeriu Hiro.

— Estou tomando posse do apartamento 39 como minha residência legal. E exijo total privacidade! E, falando nisso, sou Aya Fuse. Hã, oi.

A porta fez uma pausa enquanto raios laser varreram o rosto e as mãos de Aya. Havia um paredão de câmeras atrás de seu ombro, todas brecando no ar por causa do limite de privacidade. Algumas pararam perto demais e caíram instantaneamente. Privacidade para valer era uma das marcas registradas da Mansão Movimento.

A porta abriu com um som suave.

— Posse aceita. Bem-vinda ao novo lar, Aya Fuse.

MANSÃO MOVIMENTO

As janelas enquadravam o horizonte da cidade como pinturas, reunindo vistas para o mar, montanhas e até mesmo um vislumbre do imenso campo de futebol. Eram vistas perfeitas...

A não ser por todas aquelas câmeras.

Não havia tantas quanto no fim da perseguição, mas algumas ainda permaneciam no limite dos 50 metros. Aya percebeu a curva da barreira de privacidade pelo jeito que as câmeras flutuavam no céu — uma bolha de reputação literal em volta da mansão. Até mesmo Moggle tinha que esperar lá fora, porque os saguões também eram monitorados para garantir a privacidade.

Aya acenou e torceu para que Moggle pudesse vê-la.

— Fechar as janelas — ordenou Hiro do chão, onde estava esparramado.

Por um instante, Aya se perguntou por que a sala não o obedeceu — e então riu.

— Esse é a *minha* sala, Hiro! Você não pode dar ordens.

— Salas — corrigiu Ren. — No plural.

Aya riu e acionou as plataformas sem atrito para patinar pelo apartamento. O luxo excessivo do lugar a seguia por todos os cantos, especialmente nos enormes closets que precisavam ser preenchidos. Aya já havia enfiado o vestido gosmento dentro do buraco na parede, estava com sapatos novos e um macacão de guardião com aquecimento interno, filtros de água e inúmeros bolsos.

Ele também era à prova de gosma.

— Então você não se importa que aquelas criaturas nos vejam? Elas também assistem aos canais, lembra? — perguntou Hiro.

— É, pode ser. — Aya suspirou e gesticulou para que as janelas ficassem opacas. — Maximize a privacidade e a segurança.

— Sim, Aya-sensei — falou a sala.

— Ouviu isso? — perguntou Aya, girando o corpo sem sair do lugar. — A sala não para de me chamar de sensei!

— Você *está* entre os mil primeiros — disse Ren. Ele deitou no chão olhando para os lustres com as duas telas oculares ligadas.

— Entre os vinte primeiros — falou Aya. Na verdade, todos os quatro eram sensei agora, pois os demais foram levados pelo redemoinho de sua reputação.

— Que tal todos concordarmos que Aya é muito famosa, está certo? Agora a gente pode seguir adiante? — disse Hiro.

Ela parou de patinar e deu de ombros.

— Adiante *para onde*, Hiro? Tally vai pousar em breve e aí a gente vai fazer o que ela disser.

— Quer dizer que você não deseja divulgar nada disso?

Aya revirou os olhos. A libertação acontecera depois que Hiro tinha saído da escola, então ele perdera todas as aulas sobre Tally Youngblood. Hiro não parecia compreender que, no momento em que ela chegasse, tudo ficaria bem.

— A gente vai esperar pela Tally antes de decidir *qualquer coisa* — disse Aya. — Estamos seguros aqui, certo?

— É o que parece. — Ren bateu com o nó dos dedos na janela opaca. — Ei, sala, de que é feito esse vidro?

— De uma camada de diamante artificial misturada com matéria inteligente e circuitos eletrônicos. O vidro foi arquitetado para proteger os moradores de caçadores de celebridades e fofoqueiros. É impossível se infiltrar.

— A gente devia ter vindo aqui primeiro, mas vocês tinham que teimar em fazer *exatamente* o que Tally-sama falou — disse Hiro.

— Você queria voltar para a festa, Hiro! Acha mesmo que um bando de Pixelados teria me salvado? — perguntou Aya com desdém.

— Eu teria pensado nesse lugar mais cedo ou mais tarde.

— Mais cedo ou mais tarde geralmente é tarde *demais* — falou Frizz.

Hiro virou e olhou com raiva para ele, mas Frizz já tinha saído de onde estava para flutuar e inspecionar o par de lustres no teto alto. Cada um era composto por um milhão de pedaços de vidro cobertos por um laser de tom azul suave.

Agora que tinha se recuperado, Frizz estava testando o aparato de aerobol. Nadou pelo apartamento enorme e sem mobília impulsionando os braços para trás e para a frente. Aya achou a visão perturbadora, pois era parecida demais com as criaturas e seus aparatos de levitação.

Frizz falou lá de cima.

— Ei, Hiro, por que todo mundo fala que isso é tão complicado?

— Porque voar de verdade *é* complicado. Você está apenas quicando por aí em gravidade zero.

— E como eu tento voar de verdade?

— Não tenta, seu avoado. Você arrancaria os próprios braços!

— Eu posso ter passado por uma cirurgia cerebral, mas não sou um avoado.

— Não *tecnicamente* — murmurou Hiro.

— Quem é o avoado aqui, Hiro? Se não fosse pelo Frizz, aquelas câmeras de paparazzi teriam pegado a gente no reservatório — esbravejou Aya.

— É, pode ser. — Hiro suspirou, se endireitou e fez uma pequena saudação para Frizz. — Desculpe por chamá-lo de avoado. Você é muito esperto, na verdade.

Frizz devolveu a saudação em pleno ar.

— E você não é tão esnobe quanto a Aya disse.

Hiro ficou boquiaberto.

— O *que* você disse, Aya?

Ren se levantou de repente e se sentou no chão.

— Encontrei algo no pano de fundo do seu canal, Aya, sobre o momento em que viu as criaturas.

— Ótimo! — Aya estava ansiosa para escapar do olhar furioso do irmão. — Pode mostrar para a gente?

— Claro, assim que eu encontrar a tela de parede daqui.

— É, cadê a...? — Aya começou a dizer, mas a janela que ia do chão ao teto já estava brilhando.

— Uau — disse baixinho. — A tela de parede é de diamante. Esse lugar é *tão* legal.

Uma imagem distorcida e tremida apareceu. Aya reconheceu como a visão de uma câmera espiã. Uma semana atrás: Miki examinando a parede do túnel do trem magnético, procurando pela porta secreta.

Ver aquele rosto de Normal outra vez trouxe de volta a culpa que tinha sido sufocada pela fama repentina. Aya imaginou o que Miki achava dela agora que o mundo inteiro podia assistir aos rituais e truques secretos das Ardilosas.

A voz de Eden Maru surgiu fora do enquadramento, ecoando pelo túnel: *É aqui. Afastem-se. Pode haver alguma coisa lá dentro.*

Miki respirou devagar e murmurou: *Ou alguém.*

A própria voz de Aya respondeu: *Mas aquelas aberrações estavam guardando alguma coisa aqui. Ninguém* mora *neste lugar.*

A imagem foi congelada e Hiro resmungou:

— "Aquelas aberrações?" Então foi assim que elas souberam que foram vistas. Você *disse* no próprio pano de fundo!

Aya balançou a cabeça.

— Mas ainda assim não faz sentido. Como elas examinaram todas essas imagens tão depressa? Havia horas e mais horas de material da câmera espiã e as criaturas vieram atrás de nós assim que saímos da festa.

— E se a responsável for a sabedoria da multidão? — perguntou Ren baixinho.

Aya franziu a testa.

— O que quer dizer?

— Não sabemos quantas dessas figuras inumanas existem por aí. Pode haver centenas. Talvez exista uma montanha cheia delas em algum lugar.

— Ou uma cidade inteira. Aquele impulsionador de massa precisou de muita gente para ser construído — falou Frizz.

Aya sentiu um calafrio na espinha. Ela havia pensado nas criaturas como sendo parte de uma pequena turma. A ideia de uma *cidade* inteira fez sua mente ficar zonza.

— Isso é absurdo — disse Hiro. — Por que uma cidade inteira iria querer...

— Silêncio, Hiro! — Ren fechou os olhos. — Alguém ouviu isso?

Aya prestou atenção e os ouvidos captaram um zumbido baixo ecoando pela sala.

Frizz se afastou do teto e flutuou para baixo.

— Acho que está vindo da tela de parede.

Então Aya sentiu o gosto de chuva e relâmpagos.

— Matéria inteligente — falou Aya. — A janela é feita disso...

Todos viraram para a tela. A superfície estava ondulando, a imagem congelada do rosto de Miki ficou distorcida como se a transmissão estivesse ruim. O zumbido desafinou, virou uma harmonia de tons incompatíveis que lutavam entre si e faziam o próprio ar tremer. O gosto de chuva ficou amargo na boca de Aya.

— Alguém está decodificando a sua janela! — gritou Ren e ficou de pé correndo.

A silhueta de três pessoas começou a ficar saliente na superfície lisa. Um braço projetou-se para dentro envolto pela imagem congelada de Miki como uma múmia coberta da imagem da tela de parede.

Frizz pegou Aya e começou a puxá-la em direção à porta.

— Espere um pouco! — gritou ela. — Olhem os corpos...

As figuras que saíam da tela de parede não eram disformes como as criaturas, e sim altas e fortes. Entraram na sala sem rostos aparentes e ainda cobertas pelas cores da tela, como se tivessem sido envolvidas pela matéria inteligente.

— São Pixelados? — disse Aya, baixinho.

Os três se moviam com a graça de um predador e a cada passo as cores perdiam a intensidade até virarem um tom de cinza.

— Não, estão usando trajes de camuflagem — sussurrou Ren.

A figura mais alta do trio levantou o braço e puxou a camada de cinza da cabeça para revelar um rosto de beleza fria e intimidante. Os olhos eram selvagens e totalmente pretos, a pele estava coberta por tatuagens dinâmicas, cada traço era forte e cruel.

Ela era a pessoa mais famosa do mundo.

— Meu nome é Tally Youngblood. Desculpe o incômodo, mas esta é uma circunstância especial.

CORTADORES

Obviamente, Aya tinha aprendido tudo sobre os Especiais na escola.

Há muito tempo, a cidade de Tally Youngblood criou um tipo especial de perfeitos — cruéis, implacáveis e mortais em vez de avoados. Originalmente, os Especiais deveriam proteger a cidade ao perseguir fugitivos e manter a ordem. Mas, aos poucos, foram se tornando um grupo secreto próprio, cada geração modificando a próxima como ervas daninhas que cresciam fora de controle. Eles desdenhavam de quem não fosse Especial e queriam manter o mundo inteiro sob controle. No fim, tomaram conta da própria cidade e começaram a Guerra de Diego.

Tally e seus amigos também eram Especiais, porém um tipo diferente chamado de "Cortadores". Jovens e independentes, de alguma forma eles descobriram como reprogramar os próprios cérebros. Os Cortadores se rebelaram contra a líder maligna dos Especiais, libertaram a cidade e salvaram Diego. Então espalharam a libertação pelo mundo, acabando com a Era da Perfeição para sempre.

Ao ficar diante de Tally, Aya sentiu um imenso nervosismo de reputação. Aquela era a pessoa que criara seu mundo. Canais, Tecnautas, fama — tudo o que era importante para ela fora gerado pela libertação.

Olhar para um rosto tão familiar e, no entanto, tão estranho, era de mexer com a cabeça.

Para começar, nas aulas de Aya, Tally-sama jamais pareceu assustadora. Mas ao vivo as unhas eram longas e afiadas, os olhos escuros e penetrantes. Ela era três anos mais velha do que na época da libertação, é claro. Tinha quase 20 anos agora e vivia na natureza selvagem para se proteger da expansão das cidades.

Tally até mesmo *parecia* selvagem: o cabelo longo e descuidado, as tatuagens dinâmicas apagadas pelo sol, a pele escurecida.

Aya tirou o braço da mão de Frizz e fez uma saudação nervosa, torcendo para não esquecer o inglês.

— É uma honra conhecê-la, Tally-sama.

— Hã, na verdade é Tally *Youngblood*.

Aya se curvou outra vez.

— Desculpe. *Sama* é um título de respeito.

— Que beleza, outro culto para mim. — Tally revirou os olhos. — É tudo de que o mundo precisa.

Aya ouviu uma risadinha. Os outros dois Cortadores — um rapaz e uma moça — abaixaram os capuzes dos trajes de camuflagem para revelar rostos iguais aos de Tally: lindos e cruéis, cheios de tatuagens dinâmicas. Os olhos percorreram a sala com uma energia frenética, mas ao mesmo tempo os sorrisos surgiram nas faces, como se eles estivessem curtindo a agitação.

— Meu nome é Aya Fuse.

Tally não devolveu a saudação e simplesmente riu.

— Fala sério. Todos os canais nesta cidade parecem conhecer você. E *pare de se curvar*!

— Eu... sinto muito.

Aya notou que estava acenando com a cabeça. Queria que mais alguém dissesse outra coisa, mas Hiro, Ren e Frizz pareciam tão abalados pela fama de Tally quanto ela.

Os três Cortadores estavam andando pelo apartamento para vasculhar os outros aposentos.

— Mais alguém tentou entrar aqui? — chamou Tally.

— Não, esse prédio é muito seguro — respondeu Aya.

— É, nós percebemos durante os dez segundos que levamos para invadi-lo — falou a outra Cortadora. — É isso o que você chama de *se esconder*, por acaso? Tem umas cinquenta câmeras flutuantes lá fora!

— Nós tentamos nos esconder, mas a minha posição é muito alta nesse momento.

A garota olhou para Aya sem esboçar reação, como se as palavras não tivessem feito sentido.

— Posição? Você ocupa algum cargo no governo? Não é jovem demais para isso?

— Não. Posição no ranking de... reputação.

Os olhos da Cortadora vasculharam o enorme apartamento.

— Você mora mesmo aqui? Não é de estranhar que as cidades estejam se expandindo. Mesmo sendo feia, ela tem cinco quartos!

— Eu vivo aqui, mas nem todos os feios conseguem... — Aya foi parando de falar, frustrada com seu inglês.

Hiro estava certo: ninguém de fora da cidade entenderia a economia de reputação. E aquele não parecia ser o melhor momento para explicar.

— Você é Shay-sama! — disse Frizz, desligando uma tela ocular. Ele sussurrou em japonês — Posição 214 por ser mencionada em aulas de História.

Aya assentiu e se sentiu uma idiota por não ter reconhecido Shay. Todos os Cortadores eram famosos. Alguns tinham até cultos próprios, mas ela jamais conseguiu acompanhá-los.

— Eu peço desculpas, Shay-sama. Não sou muito boa em História recente.

Tally e o rapaz riram e Shay ergueu uma das sobrancelhas. Aya sentiu que estava ficando vermelha como uma criança pedindo um autógrafo.

— Não se preocupe quanto a isso — disse Shay. — E também não me venha com esse lance de "sama".

— É, ela prefere ser chamada de chefe — falou Tally com desdém.

— Senti sua falta também Tally-wa — respondeu Shay.

— Estou confuso — disse Frizz.

Aya concordou com a cabeça e se perguntou se os Cortadores estavam falando algum dialeto que as aulas de Inglês Avançado não cobriam. Hiro e Ren davam a impressão de nem estar acompanhando. Línguas estrangeiras não eram assim tão populares antes da libertação, na época em que eles frequentaram a escola.

Mas Frizz veio ao socorro de Aya.

— Só queremos demonstrar o devido respeito.

— Bem, respeite o que vou dizer. — Tally virou para Aya. — Precisamos tirar você daqui logo. Você esbarrou em algo que é maior do que imagina.

— Maior do que *o fim do mundo*? — perguntou Aya.

— Maior do que esse impulsionador de massa. Nós já encontramos vários pelo planeta inteiro.

Aya engoliu em seco e se perguntou se Ren estaria certo. Talvez houvesse mesmo um grande número dessas criaturas, uma cidade inteira em algum lugar.

— Por que você não contou para os canais globais?

— As outras montanhas estavam todas vazias. Você foi a primeira pessoa a encontrar os projéteis. E não queríamos que ninguém procurasse as pessoas que os construíram. Elas são perigosas.

Aya concordou com a cabeça.

— Eu sei, Tally-sama. Eu as encontrei cara a cara.

— Nós imaginamos que isso aconteceria assim que eles viessem atrás de você. — Tally apertou os olhos. — As pessoas que os veem costumam desaparecer, incluindo um amigo nosso. Por isso estamos aqui.

— Temos que ir, Tally-wa — falou o Cortador. — O sol vai nascer em breve.

— OK, Fausto. Mas, primeiro, duas perguntas. — Tally encarou Aya com os olhos escuros. — Você não contou a ninguém que a gente estava vindo, não foi?

Orgulhosa, Aya fez que não com a cabeça e controlou a vontade de dar um risinho para Hiro.

Tally sorriu.

— Boa garota. Segunda pergunta: sei que você é uma ótima surfista de trem, mas já andou em uma prancha voadora com duas pessoas?

— Sim.

— Recentemente, na verdade — acrescentou Frizz.

— Você pode vir comigo, então. — Tally virou para o Cortador. — OK, Fausto. Como derrubamos aquelas câmeras?

Ele deu de ombros.

— Nanoestruturas. Ou talvez granadas de luz?

— Granadas de luz, com certeza. — Tally sentiu um arrepio. — Shay e eu tivemos uma experiência ruim com nanoestruturas uma vez.

— Hora de mandar a granada, então, Tally-wa — falou Fausto. Ele tirou uma mochila do ombro e começou a vasculhar o interior.

— Com licença, Tally...-wa? — disse Aya, torcendo para que fosse o título correto. — Meus amigos também viram as... pessoas estranhas.

— Vocês viram? — Tally virou para os demais. — Todos os três?

Hiro, Ren e Frizz se curvaram em tom de desculpas e Tally soltou um gemido.

— Nós podemos ser menos óbvios se forem quatro pessoas, Tally-wa — disse Shay. — E eles estarão mais seguros conosco do que se ficarem aqui e forem raptados.

— Mas só temos três pranchas! Isso não é suficiente para sete pessoas.

— Esse buraco na parede pode produzir coisas grandes — falou Hiro com um inglês meio vacilante.

— Pranchas com hélices que funcionem fora da cidade, sem uma malha magnética? — perguntou Fausto.

Hiro franziu a testa.

— Talvez não.

— Que beleza — disse Tally. — Temos que chamar David até aqui, o que ferra com todo o plano. E vocês sabem o quanto ele odeia cidades.

— Com licença, Tally-sama — falou Ren com um inglês hesitante. — Hiro sabe usar um aparato de aerobol. Se ele ficar junto de nós, será possível rebocá-lo.

Tally titubeou por um instante, olhou para Shay e então concordou com a cabeça.

— OK, isso deve dar certo.

Hiro começou a soltar o aparato de aerobol de Frizz e colocar no próprio corpo, reclamando da caneleira quebrada. Ren pediu que o buraco na parede fabricasse alguns braceletes antiqueda e lembrou a todos que desligassem seus localizadores. Os Cortadores começaram a aplicar plástico adaptável nas mãos e rostos para esconder as tatuagens dinâmicas e as belas feições cruéis.

Aya se perguntou por que eles precisavam se disfarçar de feios na natureza.

— Com licença, Tally-wa, mas aonde *estamos indo*?

Os Cortadores se entreolharam e a pergunta ficou no ar por um momento.

— Não sabemos ainda, mas descobriremos em breve — respondeu Tally finalmente.

CORTADORA HONORÁRIA

As pranchas estavam esperando no telhado.

Os três Cortadores seguiram na frente, as silhuetas camufladas pelo traje corriam pela escuridão como ondulações graciosas no ar. Aya mal conseguiu ver o ataque — os braços se moveram quase invisíveis, os lançamentos pareciam uma brisa repentina que levantou poeira e folhas em cima do telhado.

Foi tudo tão silencioso e fantasmagórico... até que as explosões começaram.

Um estouro de luzes brancas e intensas tomou conta do céu e lançou sombras sobre o telhado. Uma cascata de explosões agrediu os ouvidos de Aya.

— Vamos! — disse Frizz ao pegar sua mão e puxá-la adiante.

Meia dúzia de passos depois, sem conseguir ver direito por causa das luzes, Aya sentiu a superfície de uma prancha sob os pés. Alguém alto e musculoso chegou perto e passou um braço por sua cintura.

— Segure firme! — gritou Tally e a prancha subiu rápido, enchendo o ar com o som das hélices. O corpo de Tally era seco e rígido, como uma ginasta feita de cabos de aço. — Não falamos para fechar os olhos?

— Foi mal.

Aya segurou firme na cintura de Tally e piscou para os pontos de luz sumirem da visão. Parecia com as ocasiões em que ficava sem enxergar por causa de Moggle...

Moggle! Sua câmera flutuante estava em algum lugar lá fora, provavelmente fora atingida pelas granadas de luz e estava confusa.

— Com licença, Tally-wa. Mas Moggle pode vir também?

— Quem?

— Minha câmera flutuante.

— Sua... espere aí. Você *possui* uma câmera flutuante?

Aya piscou de novo e a visão começou a retornar devagar.

— Quase todo mundo aqui tem. De que outra forma a gente arrumaria material para os canais?

— Você quer dizer que todos têm canais próprios também? — Riu Tally. — Essa cidade é maluca!

Aya olhou por cima do ombro. As câmeras, atrapalhadas pelo bombardeio de granadas de luz, estavam voando confusas de um lado para o outro. As pranchas ultrarrápidas dos Cortadores passaram por elas em segundos.

— Por favor? A Moggle não gosta de ficar sozinha.

— Nem pensar. Não percebeu que a gente está tentando se esconder? — gritou Tally contra o vento.

— Claro... mas a câmera seria para mais tarde. Para a História.

— Esqueça. História também não é minha matéria favorita, especialmente quando fala de *mim*.

Aya olhou para o rosto disfarçado de Tally e, por um instante, teve a estranha lembrança de Lai. Mas a comparação era idiota. Tally era a pessoa mais famosa do mundo e Lai era uma extra por opção própria — ou pelo menos era, até Aya divulgar seu nome e lhe trazer fama indesejada.

— Tally-wa? Por que vocês estão disfarçados como feios?

— Para o caso de sermos filmados por alguma daquelas câmeras. Não podemos deixar que ninguém saiba que estamos na cidade. Falando nisso... — Tally gesticulou e o traje de camuflagem começou a mudar até assumir o desenho e a textura de um uniforme de dormitório.

Aya concordou com a cabeça, mas ainda assim a situação era frustrante. Lá estava ela, andando de prancha com Tally Youngblood, e ninguém podia ver. Aya não tinha sequer uma câmera espiã!

Ela percebeu que tinha visto poucas fotos de verdade de Tally. Mesmo nos livros de história, todas as imagens eram pinturas ou mangás, como se Tally fosse uma Pré-Enferrujada de antes da época das câmeras.

Mas os extras queriam ter ligações com seus heróis. Por isso Nana Love sempre seria Nana-*chan*, jamais Nana-sensei, não importava a fama que alcançasse. Os famosos deviam imagens de si próprios ao mundo.

Algumas tomadas em nome da História não fariam mal a ninguém.

Ao passarem voando pela nova zona de construção, com as hélices berrando e deixando para trás o ferro dos Enferrujados, Aya ligou a tela ocular, acionou um sinal de rastreio e sussurrou uma pequena mensagem para Moggle em japonês...

— *Siga a gente até onde conseguir*.

O que acontecesse em seguida valeria a pena ser divulgado.

* * *

Eles chegaram ao limite da cidade e deixaram para trás todos os perseguidores.

O ar antes do amanhecer estava muito frio, mas Tally mal parecia notar. Aya aumentou o aquecimento do macacão de guardião e ficou contente por ter abandonado o vestido sujo de gosma.

As pranchas dos Cortadores eram muito poderosas, mesmo carregando dois passageiros. Obviamente eles diminuiriam a velocidade assim que deixassem a malha magnética e tivessem que rebocar Hiro.

E assim que saíssem da cidade, Moggle não conseguiria segui-los de maneira alguma.

— Tally-wa? — arriscou Aya. — A gente podia pegar a linha magnética do trem para fora da cidade. Ela tem bastante metal.

Tally balançou a cabeça.

— Há muito tráfego por lá. Vários guardas estão a caminho da montanha, sem falar que o Comitê do Tratado Global está vindo.

— Mas eles ficariam contentes em deixar você passar, certo? É Tally Youngblood! Deve ter pilhas de méritos.

— Méritos?

— Ah, em minha cidade, méritos são... — A mente de Aya girou em busca do inglês correto. — Respeito por parte das autoridades. Como fama, só que a pessoa ganha por realizar atos comunitários. Porque você salvou todo mundo da Era da Perfeição, minha cidade daria toda a assistência que precisasse.

— Não estou interessada na ajuda deles.

Aya fez uma pausa e imaginou se a tiete do Anônimo não tinha razão, afinal de contas.

— Você está preocupada que minha cidade tenha construído essa arma?

Tally deu de ombros.

— Eu não diria *preocupada*. Na verdade, isso facilitaria a situação. Governos já foram derrubados antes, afinal de contas. — Ela virou para trás e deu um sorriso afiado para Aya. — Por mim.

O sol começou a nascer e a natureza se estendia diante deles, escura e infinita. As luzes das fábricas tornavam-se cada vez mais esparsas lá

embaixo e a tela ocular de Aya começou a perder o sinal dos canais.

Não que eles estivessem divulgando algo de novo: para onde Aya Fuse fora agora? Será que todos os dramáticos desaparecimentos não eram nada além de golpes publicitários? O impulsionador de massa daria início a uma nova era sinistra de guerras?

Ninguém ainda havia percebido que Tally Youngblood estava na cidade. Talvez a primeira noite de fama de Aya não tivesse saído como planejado, mas pelo menos ela possuía uma grande matéria para dar sequência àquela sobre o Destruidor de Cidades.

Aya sorriu. Salva de alienígenas por Tally Youngblood!

Ao se aproximarem do limite da malha magnética, as pranchas se juntaram e os ímãs se entrelaçaram. Aya sentiu o impacto quando o aparato de Hiro ficou preso às pranchas.

— *Adeus, Moggle, volte para casa em segurança* — sussurrou em japonês.

— Está pronta? A situação vai ficar um pouco complicada agora — perguntou Tally.

— Não se preocupe comigo. Isso não pode ser pior do que surfar um trem magnético.

— Pode ser sim. — Tally olhou sobre o ombro e apertou os olhos. — Quando Shay e eu vimos sua matéria e todos aqueles truques que armou, como se disfarçar, surfar um trem magnético e voar pelo impulsionador, nós concluímos que você é uma garota corajosa.

Aya se curvou um pouco e sentiu que ficou vermelha.

— Sério?

— Sério. Achamos que você não se importaria de encarar mais uma aventura, Aya-la, visto que salvar o mundo está no topo de sua lista de prioridades.

Aya encarou o olhar de Tally e tentou decifrar sua expressão. Tinha certeza que *–la* era um bom título. Tally chamara sua amiga de *Shay-la* pelo menos uma vez.

— Uma aventura?

— É para isso que estamos aqui, para levar você em uma aventura.

Aya concordou com a cabeça, mas ainda estava insegura.

— Mas vocês vieram me proteger das... — Ela não sabia a palavra em inglês para *aberrações*. — Das pessoas esquisitas, certo?

— Bem, em parte. — Tally deu de ombros. — Também queremos chegar ao fundo dessa questão e encontrar o nosso amigo que desapareceu. Então achamos que uma garota corajosa como você gostaria de ajudar a gente, Aya-la, como uma espécie de Cortadora honorária.

Aya sentiu um sorriso se formar no rosto e teve que se lembrar de não se curvar.

— Claro, seria uma honra.

— Achei que fosse dizer algo assim. Só sinto muito que seus amigos tenham que vir conosco.

— Seria uma honra para eles também, Tally-wa.

— Não tenha tanta certeza. Sabe aquele sinal de rastreio que você vem mandando para a sua câmera flutuante?

— Hã, minha o quê?

— Sua câmera flutuante, Aya-la... aquela que está convenientemente nos seguindo. — O sorriso afiado de Tally surgiu outra vez. — Nós estamos aumentando o seu sinal um pouquinho. Não tanto a ponto dos guardas da sua cidade nos importunarem, mas o suficiente.

Aya engoliu em seco.

— Suficiente para quê?

Tally virou para a parte da frente da prancha.

— Para aquilo ali.

Aya olhou para o horizonte. Não conseguia ver nada além da escuridão da natureza e do brilho da aurora surgindo ao longe.

— Avise quando conseguir vê-los — disse Tally. — Quero que pareça realista.

— Realista? — Aya murmurou e, alguns instantes depois, os olhos captaram um conjunto de objetos reluzentes entre o brilho tênue das estrelas. Ela apertou os olhos para afastar os últimos resquícios da interface da cidade e percebeu o que eram os objetos.

Os faróis de três carros voadores.

— São amigos seus, Tally-wa?

— Eu nunca os encontrei, mas acho que você já.

Aya ficou atônita, sua empolgação mudou de rumo e ela sentiu um aperto no estômago. Os carros voadores estavam se aproximando velozmente, o rugido das hélices ecoava pelo mato... as figuras inumanas a tinham encontrado de novo.

E Tally Youngblood deixara que isso acontecesse.

O PLANO

— Todos vocês! Voltem para a cidade! — gritou Tally.

A prancha fez uma curva fechada e Aya segurou firme ao lembrar que os braceletes antiqueda eram inúteis na natureza.

— E quanto ao meu irmão?

— Eu cuido dele. — Tally manobrou para perto de Hiro. — Melhor segurar firme, só para garantir!

Tally surgiu acima dos braços esticados de Hiro e, segundos depois, Aya viu seus dedos agarrarem as laterais da prancha.

A prancha disparou para retornar à cidade. Mesmo com a conexão magnética, os nós dos dedos de Hiro ficaram brancos enquanto eles aceleravam.

Aya olhou para a floresta escura que passava rápido. Esse lance de rebocar Hiro já tinha parecido complicado demais quando eles estavam indo *devagar*.

— E se Hiro cair aqui? — gritou no ouvido de Tally. — Estamos todos indefesos! Você só estava usando a gente como... — O inglês falhou.

— *Isca* é a palavra. Vou explicar tudo depois, Aya-la. Esse é o momento em que você tem que confiar em mim!

Aya fechou os olhos e se lembrou com quem estava falando. Aquela ao seu lado na prancha era Tally Youngblood — a pessoa mais famosa do mundo — e não uma mera Ardilosa sem-noção.

Por mais assustadora que fosse a situação, tudo ficaria bem.

Ela arriscou olhar sobre o ombro. Os três carros voadores estavam se aproximando facilmente das pranchas sobrecarregadas. Ao chegarem perto, as hélices fizeram o ar tremer.

Tally começou a balançar a prancha e Aya segurou com mais força.

— O que você está *fazendo*?

— Eles estão tentando nos intimidar. Temos que fazer parecer que está funcionando.

— Mas por quê? — Aya tentou manter o equilíbrio sem tirar os pés do lugar. Um passo em falso e ela esmagaria os dedos de Hiro!

— Você não escutou o que eu disse? Não queremos revelar o plano!

Aya franziu a testa. Qual era o sentido de parecerem indefesos? Já não era *hora* de os Cortadores acionarem a armadilha, qualquer que fosse?

O limite da cidade surgiu adiante — talvez fosse lá que os Cortadores iriam agir. Assim que estivessem sobre a malha magnética, Hiro poderia voar outra vez e os braceletes antiqueda funcionariam.

Aya olhou ao redor. Fausto estava a apenas 10 metros de distância, acompanhado de Frizz com seus olhos de mangá mais arregalados do que nunca. Ele manobrava de um lado para o outro com uma expressão de empolgação na máscara de feio. Ren e Shay seguiam na frente, voando baixo e em linha reta.

Um carro se aproximou de Aya e Tally. A porta lateral abriu e revelou duas criaturas olhando para ela, vestindo aparatos de levitação.

— Estão esperando que a gente volte para a malha magnética. Isso significa que não querem nos matar — gritou Tally.

— Que maravilha. — Aya engoliu em seco ao pensar nas coisas piores do que a morte que as criaturas podiam ter planejado.

Um dos carros voadores chegou mais perto e Aya sentiu um tremor familiar começando a se formar no ar.

— Onda de choque! — berrou ela no momento em que a turbulência os atingiu.

Seus ouvidos estalaram e os olhos foram fechados pelo vento. A prancha atingiu um bolsão de baixa pressão e caiu, fugindo dos pés de Aya, que agarrou a cintura de Tally com toda a força.

Então a prancha subiu de novo e Aya dobrou o tornozelo quando seus pés pisaram firme em uma lombada na superfície.

Os dedos de Hiro...

Aya ouviu o grito do irmão ao cair. O limite da cidade ainda estava longe.

— Tally! — gritou ela.

— Não se preocupe.

Segura por Aya, Tally dobrou o corpo e fez uma curva de tirar o fôlego. Por um instante, não havia nada debaixo de Aya além de árvores e matagal, ficou quase de ponta-cabeça. As hélices rugiram e a levaram em direção à figura de Hiro, que girava no ar.

Aya queria gritar, mas toda a força que tinha foi direcionada para apertar a cintura de Tally.

Elas ultrapassaram Hiro e ouviram seus gritos de pânico. Então Tally manobrou para cima e esticou a mão, pegou o braço de Hiro calmamente e o depositou sobre a prancha.

O rosto estava pálido.

— Foi mal ter esperado até o último segundo, Hiro — disse Tally, olhando para os carros voadores no alto. — Não queria que parecesse tão fácil.

Os três cambalearam sobre a prancha instável, de braços dados uns nos outros. As hélices guincharam com o peso extra de Hiro.

O nariz de Aya captou o cheiro de metal queimando.

— Nós estamos superaquecendo?

— Sim, bem na hora — disse Tally.

Eles dispararam pelo limite da cidade assim que o gemido metálico das hélices parou. A prancha tremeu quando os sustentadores magnéticos entraram em ação.

Mas eles continuavam descendo...

— Estamos pesados demais! Pode me soltar, eu consigo voar agora! — berrou Hiro.

— Ainda não. — Tally continuava com o braço em volta dele.

Acima, seis figuras inumanas pularam para fora dos carros. Dois foram em perseguição de cada uma das pranchas dos Cortadores, as agulhas nos dedos reluziam como estalactites na luz da aurora.

— Essa é a hora que você pega as criaturas, certo? — perguntou Aya.

Ela torceu para que Moggle estivesse próxima o bastante para registrar o momento em que os Cortadores tirassem os disfarces e surpreendessem as aberrações.

— Ainda não.

Ao longe, Aya viu Frizz e Fausto girando, na hora em que a prancha perdeu o controle, diante da aproximação de duas figuras inumanas.

Aya olhou para baixo. O chão continuava passando rápido demais para o seu gosto. Tally foi em direção a uma viela estreita entre duas fábricas, onde uma das criaturas esperava com os quatro membros estendidos.

— Solta! — gritou Hiro.

Tally concordou com a cabeça.

— OK, em três segundos... dois...

No *um* ela o empurrou da prancha. Hiro pulou para a frente com os braços abertos — mas algo estava errado.

Ele girou fora de controle, os braços rodando como um pião. Uma criatura chegou ao seu lado e o espetou com uma agulha.

— *Hiro!* Tally, faça alguma coisa! — berrou Aya.

— Não se preocupe, Aya-la. Tudo está acontecendo como planejado.

Tally manobrou a prancha para longe da criatura, mas havia outra esperando na extremidade oposta da viela. Ela e Aya estavam voando em sua direção.

— Tally! Suba!

— Pare de sacudir os braços, Aya-la, ou a situação vai ficar complicada.

— Já está complicada!

Elas dispararam diretamente para os braços abertos da criatura e Aya sentiu uma agulhada na lateral do corpo. Uma onda de frio passou por seu corpo como tentáculos envolvendo os pulmões e o coração.

— Faça alguma coisa — sussurrou ela, ainda esperando que o disfarce de plástico adaptável de Tally caísse para revelar o rosto assustador de Cortadora.

Então Aya notou uma coisa na mão de Tally — uma das ombreiras de Hiro com as tiras soltas. Tally tinha arrancado de propósito. Ela deixou cair assim que a prancha foi em direção ao chão.

— Só se segure por mais alguns segundos, Aya-la. Não quero bater sua cabeça. — Tally desmoronou sobre a superfície da prancha, com os olhos se fechando. Mas ela parecia completamente alerta ao sussurrar: — E quando despertar, não me chame de Tally. Somos apenas seus amigos feios, sacou?

— Mas por quê...?

— Confie em mim, Aya-la. Às vezes salvar o mundo pode ser complicado.

A cabeça de Aya estava girando por causa da agulhada, perdendo o controle sobre a consciência, mas aos poucos ela entendeu qual tinha sido o plano o tempo inteiro: uma forma dos Cortadores disfarçados serem capturados.

Aya e os demais não passaram de meras iscas...

E Tally Youngblood — a realizadora da libertação, a pessoa mais famosa do mundo — não passava de uma Rainha da Gosma mentirosa.

PARTE III
SAINDO DE CASA

A reputação é um apêndice ocioso e enganador; obtido, muitas vezes, sem merecimento, e perdido sem nenhuma culpa.

— *Otelo, o mouro de Veneza* (Iago, Ato 2, Cena 3)

AUDIÊNCIA CATIVA

O mundo inteiro estava girando.

Tudo rodopiava de maneira instável debaixo dos pés de Aya. Parecia um sonho. Uma mistura de fúria, empolgação e terror passou por seus pensamentos, entrecortada pelo gosto amargo da traição. Todos os cinco sentidos se misturaram em um rugido constante, como se cada certeza formasse um emaranhado.

Então surgiu um foco: uma pequena dor em meio à confusão de sensações. Algo pontiagudo furando seu ombro, avançando quente pelas veias...

Aya Fuse despertou de repente.

— Não!

Ela se sentou em um rompante, a fúria repentina tomando conta do corpo, mas foi forçada a deitar por mãos fortes.

— Não grite — disse alguém. — Eles acham que estamos dormindo.

Dormindo? Mas o coração de Aya estava disparado, o sangue fervia com energia. O corpo se convulsionava, as mãos crispadas arranhavam o chão duro de metal.

Depois de um momento de tensão, sua visão finalmente ficou clara.

Um rosto feio estava encarando Aya. Dois dedos se aproximaram e examinaram com cuidado seus olhos, um por um.

— Tente ficar calma. Acho que dei uma dose muito grande.

— Dose de quê? — Aya perguntou, sem fôlego.

— Suco para despertar, mas você vai ficar bem em um minuto — disse a garota feia.

Aya ficou ali deitada, com o coração disparado, enquanto a sensação de ardência no ombro passava. Ela respirou pausadamente e esperou que a realidade parasse de rodopiar.

Mas a calma era um conceito relativo. Enquanto o corpo absorvia a energia absurda que a possuíra, Aya aos poucos percebeu onde estava: o compartimento de carga de um enorme carro voador, que passava por uma violenta tempestade. A estrutura tremia, o chão de metal sacudia debaixo

dela e a chuva castigava as janelas. As hélices rangiam enquanto tentavam estabilizar o veículo, uma cacofonia que se misturava ao vento uivante.

Na luz difusa, Aya levou um instante para se lembrar que a garota feia que acabara de acordá-la estava usando um disfarce.

— Tally Youngblood, você é uma mentirosa, um desperdício de gravidade — sussurrou.

Tally riu.

— Ainda bem que isso foi em japonês, Aya-la, porque não pareceu muito respeitoso.

Aya fechou bem os olhos para forçar a mente a trabalhar em inglês.

— Você... mentiu para nós.

— Eu jamais menti, apenas não expliquei os detalhes do nosso plano — falou Tally calmamente.

— Você chama isso de *detalhe*? — Aya olhou ao redor pelo compartimento escuro e sacudido pela tempestade. Uma porta de metal sem janela separava a cabine do motorista do ambiente. As paredes estavam cobertas por redes para cargas que sacudiam com o balanço do carro. O ar era quente e úmido, e Aya sentiu o suor pingando dentro do macacão pesado. — Nós confiamos em você, mas você deixou essas aberrações nos capturarem! De *propósito*!

— Foi mal, Aya-la, mas não pareceu uma ideia muito sagaz explicar nosso plano para uma viciada em transmissões qualquer. Essa era a nossa única chance de descobrir de onde vinham os sequestradores. Não podíamos arriscar que você aproveitasse essa situação para uma próxima matéria.

— Eu nunca teria feito isso!

— Foi o que você disse para as Ardilosas.

Aya abriu a boca, mas não saiu nenhuma palavra. A raiva começou a crescer de novo, os últimos vestígios do suco para acordar fervendo no sangue. Por que Tally estava deturpando tudo?

— Aquilo foi *totalmente* diferente! — finalmente conseguiu dizer. — Eu posso ter enganado as Ardilosas, mas não usei ninguém como isca.

— Não como isca, mas você as usou, Aya-la. E nós tivemos que fazer o mesmo com você.

— Mas você *mentiu* para a gente!

Tally deu de ombros.

— O que você disse mesmo na sua entrevista? "Às vezes a pessoa tem que mentir para descobrir a verdade."

Aya ficou sem ter o que dizer outra vez, chocada ao ver suas palavras serem usadas contra ela. Mas, então, se lembrou de quem tinha dito isso primeiro — Frizz. Da última vez que o viu, ele estava girando em direção ao chão sobre a prancha de Fausto.

— Meus amigos... eles estão bem?

— Fique calma. Todo mundo está bem. — Tally se afastou.

Aya levantou e se encostou na parede trêmula do carro voador. Shay e Fausto estavam sentados de pernas cruzadas do outro lado do compartimento de carga com Hiro encolhido entre eles, ainda inconsciente. A longa figura de Ren encontrava-se deitada no meio da cabine, roncando alegremente.

Frizz estava deitado ao lado de Aya, absolutamente imóvel. Ela rolou para mais perto e apertou sua mão... mas ele não reagiu.

— Tem certeza de que Frizz está bem? Ele foi acertado duas vezes por essas agulhas na noite passada.

— Já anulei as nanoestruturas que as criaturas injetaram em vocês. Ele está apenas dormindo. — Tally arregaçou a manga e olhou para as tatuagens dinâmicas no braço. Os desenhos formavam uma interface, e não uma mera decoração. — Todos estão apagados há seis horas, o que me parece um pouco exagerado. Vocês sempre dormem até o meio-dia?

O carro voador sacolejou e fez Aya sentir novamente as dores e os hematomas. Seus músculos estavam doloridos depois de horas se arrastando pelo reservatório, fugindo de paparazzi e dormindo em um chão de metal que tremia.

— Não, ficamos muito exaustos de fugir a noite inteira, esperando que você *resgatasse a gente*. — As três últimas palavras foram ditas com desprezo.

— Ouça, Aya-la, acredite ou não, você está mais segura conosco do que em sua cidade. As criaturas teriam capturado você mais cedo ou mais tarde. Elas sempre conseguem. Pelo menos dessa forma, estamos por perto para proteger você.

— E, até agora, vocês estão fazendo um ótimo serviço — disse Aya com desdém.

— Você parece estar inteira, pelo que vejo. — Tally apertou os olhos. — Até agora.

— Mas como acha que me sinto? Você é a pessoa mais famosa do mundo e *usou* a gente!

— Como eu *acho* que você se sente? — Tally se aproximou. Seus olhos escuros brilhando com uma intensidade repentina. — Eu sei como é ser manipulada, Aya-la. E *sei* como é estar em perigo. Enquanto a sua cidade construía mansões para vocês morarem, meus amigos e eu estávamos protegendo este planeta. Nós derramamos mais sangue do que você tem correndo pelas veias, então não tente *me* fazer sentir culpada!

Aya se encolheu. Por alguns terríveis instantes, ela notou o rosto Especial por trás da máscara e a ameaça na voz de Tally. Lembrou-se dos rumores aterrorizantes que ouviu na escola sobre o real significado da palavra "Cortadores".

Naquele momento, ela acreditou nos boatos.

— Fique fria, Tally-wa — disse Shay do outro lado do compartimento de carga. — Os medíocres são frágeis e ainda precisamos da ajuda deles.

A raiva abandonou o rosto de Tally, que desmoronou sobre a rede para cargas como se tivesse ficado exausta pelo acesso de fúria. Logo voltou a parecer com uma simples feia.

— OK, mas *você* fala com Aya. Ela está me deixando qualquer coisa menos fria.

Shay virou para Aya, abrindo as mãos.

— Entendo que esteja aborrecida, Aya-la. Sabe o que está sentindo em relação a Tally nesse momento? Vamos dizer que eu já senti isso antes. Algumas vezes.

Tally sorriu.

— Você não conseguiria viver sem mim, Shay-la.

— Eu *estava* vivendo sem você. O resto dos Cortadores estava curtindo a vida em Diego até que você apareceu com esse plano idiota.

— Idiota? — O olhar de Aya foi de Shay para Tally. — Mas eu pensei que vocês fossem amigas.

— Melhores amigas para sempre — disse Shay, baixinho. — Só que ser capturado por um bando de aberrações não é a minha ideia de diversão. E você, Fausto? Gosta de estar preso neste carro voador que não para de tremer?

— Estou adorando cada minuto — disse sem prestar atenção, enquanto alterava o traje de camuflagem para diferentes tipos de roupas de dormitório, como se não quisesse se envolver no assunto.

— Não me lembro de você ter tido uma ideia melhor — disse Tally.

— Eu tenho várias ideias. — Shay voltou a se virar para Aya. — Porém, aprendi que, quando Tally mete um plano na cabeça, é mais fácil apenas concordar. Ou a pessoa descobre que Tally pode ser muito, muito especial.

Aya engoliu em seco e imaginou se seu inglês tinha sido afetado pela substância que as criaturas injetaram. A conversa fez com que sua mente voltasse a girar. Os Cortadores eram tão diferentes de como as pessoas famosas, ricas em méritos e que salvam do mundo deviam ser.

— Com "especial"... você quer dizer algo bom ou ruim? — perguntou.

— Nem bom ou ruim, somente especial. — Shay deu de ombros. — Tally é uma pessoa que faz as coisas acontecerem, apenas isso, e a atitude mais fácil é simplesmente acompanhá-la. Então, você vai ser uma medíocre boazinha e nos ajudar?

— Mas vocês são Cortadores! Vocês acabaram com a Era da Perfeição, e eu só tenho 15 anos. Como posso ajudar *vocês*?

Shay sorriu.

— Bem, pela tradução que vimos da sua matéria, você parece enganar muito bem as pessoas.

Aya suspirou.

— Obrigada por me lembrar disso.

— De nada. Só estamos pedindo que minta mais um pouco. Explique para nossos esquisitos raptores por que um bando de feios estrangeiros estava tentando tirar vocês da cidade. — Ela apontou para a máscara de feia. — Esses disfarces não vão convencer ninguém se eles tiverem suspeitas.

Aya franziu a testa ao começar a perceber que o plano seria complicado.

— Mas vocês nem falam japonês.

— Tenho certeza de que pensará em alguma explicação — riu Shay. — Apenas imagine a grande matéria que vai conseguir, Cortadora Honorária!

Aya concordou devagar com a cabeça. Seria uma matéria fantástica: uma feia chamada pelos Cortadores para ajudar a salvar o mundo. Além disso, ela poderia mostrar como a famosa Tally Youngblood era de verdade.

— Mas eu não tenho sequer uma câmera espiã. Matérias não valem de nada sem as imagens.

— Tem certeza disso? Verifique sua tela ocular.

Aya mexeu o dedo anular. Os canais familiares não estavam lá, mas alguns sinais surgiram no limite da visão: uma língua irreconhecível ao passarem por alguma cidade, trechos da interface do carro voador debaixo de camadas de protocolos de segurança. E, no canto do olho, a última posição de sua reputação no momento em que atravessaram as câmeras atingidas pelas granadas de luz: oito.

— Eu estou entre as dez pessoas mais famosas — falou Aya baixinho.

Então ela notou: o sinal fraco, porém estável, de Moggle, vindo de poucos metros de distância.

Aya arregalou os olhos.

— A Moggle está presa ao fundo do carro.

— Sim. Entrou ali debaixo de mansinho enquanto as criaturas estavam colocando a gente dentro. Muito esperta a camerazinha que você tem.

Aya olhou para a figura de Ren, que dormia.

— As modificações são dele, não minhas.

— Garoto esperto.

— OK, você conseguiu uma matéria, então vale gastar seu tempo para nos ajudar a salvar o mundo? — perguntou Tally.

— Você promete nos proteger?

— Sim, prometo.

Aya respirou fundo e se lembrou das palavras de Lai no trenó.

— Claro que ajudo. Acontece que eu *gosto* do mundo, afinal de contas.

— Isso é tão entusiástico da sua parte, Aya-la — disse Shay. — Agora, e seus amigos? Eles vão criar problema?

— Não, tenho certeza que vão ajudar também.

Aya pegou a mão de Frizz e imaginou se devia acordar o restante. Era melhor que todos soubessem o que estava acontecendo, antes que alguém tivesse a chance de...

... *entregar o plano*.

Aya virou para Frizz com os olhos arregalados. Ele começou a se mexer diante de seu toque e um gemido baixinho saiu de seus lábios... belos lábios que só podiam falar a verdade, nada mais.

E, de repente, ela percebeu que agora *não* era a melhor hora para a Honestidade Radical.

— Aya? — murmurou Frizz, abrindo os olhos. — É você?

— Sim, sou eu — disse ela se aproximando. — Você está bem?

— Acho que estou coberto por hematomas. E *sei* que estou muito chateado com Tally Youngblood.

Aya apertou sua mão, sem saber o quanto deveria contar sobre a situação em que se encontravam. Depois do que Shay tinha dito, ela imaginou o que Tally faria se soubesse que a cirurgia cerebral de Frizz ameaçava seus planos.

Ela o deixaria inconsciente de novo? O jogaria para fora do carro voador?

Aya concluiu que precisava de ajuda com essa situação.

Ela virou para Shay.

— Acorde aqueles dois, Shay-la? Melhor explicar tudo de uma vez só.

Shay concordou com a cabeça e cutucou Hiro e Ren. Eles acordaram devagar, os olhos vasculharam o compartimento de carga sem acreditar no que viam.

— O que aconteceu? — disse Hiro ao sentar.

O aparato de levitação fora retirado e ele nunca mais conseguiria desamarrotar suas roupas de festa.

Aya ajudou Frizz a sentar e chamou os demais com um gesto para que se aproximassem. Quando todos estavam reunidos, ela disparou a falar em japonês.

— Eles nos usaram como isca e deixaram que todos nós fôssemos capturados, então acho que estamos indo para o lugar de onde essas aberrações vieram.

Ren olhou de soslaio para Shay.

— Então essa é verdadeira razão para estarem disfarçados.

— Sim. E agora precisam de nossa ajuda. Os Cortadores querem invadir a base das criaturas sem que elas saibam quem são. Temos que fingir que são nossos amigos.

— Eles perderam o juízo? Como ousam arrastar a gente para essa confusão? — reclamou Hiro.

Aya virou para o irmão e deu de ombros.

— Acho que Tally é tão famosa que pensa que pode fazer qualquer coisa.

— Bem, *eu* não vou ajudá-los. — Hiro cruzou os braços. — Não depois de deixarem sermos sequestrados de propósito!

— Mas não estaríamos apenas ajudando os *Cortadores* — falou Frizz. — Tally disse que existem mais impulsionadores de massa. Um monte. Não acha que em algum lugar deve haver um cilindro apontado para a nossa cidade, Hiro? Talvez programado para destruir a sua mansão?

— Bem, talvez sim — murmurou Hiro e lançou um olhar triste para Tally.

— E você não acha que a matéria ficará melhor se ajudarmos? — perguntou Aya. — Eles querem que a gente seja uma espécie de... Cortadores Honorários.

— Cortadores Honorários? — sussurrou Ren. — Essa *seria* uma grande matéria.

Hiro balançou a cabeça.

— Uma bela porcaria de matéria sem câmeras.

— Não se preocupe. A Moggle continua conosco, presa ao fundo do carro.

— A Moggle fez isso enquanto estávamos desacordados? — Riu Ren. — Minhas modificações são demais!

Aya assentiu.

— Então, o que você me diz, Hiro? Vamos divulgar isso?

O carro voador passou por um trecho de forte turbulência e o chão fugiu por um instante. Todos ficaram suspensos no ar e depois caíram com força sobre a superfície de metal. Mas Hiro permaneceu ali sentado como se não houvesse tempestade, compenetrado.

Finalmente, ele concordou.

— OK, mas todos nós divulgaremos as nossas matérias ao mesmo tempo. E todo mundo poderá usar as imagens que quiser da Moggle.

— Combinado — disse Aya.

— Tem horas em que vocês dois são muitos estranhos — comentou Frizz. — Posso lembrar que a forma de divulgar essa matéria é o *menor* de nossos problemas?

Aya suspirou.

— Quanto a isso, você tem razão.

A expressão empolgada de Ren sumiu e ele soltou um longo suspiro.

— Honestidade Radical.

— E daí? — falou Hiro. — Não dá para simplesmente ficar calado?

Frizz balançou a cabeça.

— Eu nem consigo manter em segredo uma festa surpresa. Como vou conseguir esconder o fato de que a pessoa mais famosa do mundo está disfarçada ao meu lado?

— Você não consegue manter em segredo uma *festa surpresa de aniversário*? — perguntou Hiro. — OK, a Honestidade Radical é oficialmente o grupo mais idiota de que já ouvi falar!

— Bem, quando a criei, não planejava levar Tally Youngblood escondida para um lugar cheio de alienígenas, OK? E nem vocês, até que descobriram que podiam divulgar a matéria!

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Hiro.

— Tem mais uma coisa — interrompeu Aya. — Acho que Tally é meio... instável.

Hiro e Ren olharam para ela como se achassem que estivesse brincando, mas Frizz concordou.

— Quando eu tive a ideia para a Honestidade Radical, passei algum tempo estudando a história das cirurgias cerebrais. Não apenas os avoados, mas todo mundo, inclusive o que a cidade de Tally fez com os Especiais. — Frizz olhou de soslaio para os três Cortadores. — Eles se tornavam mortais quando as pessoas ficavam em seu caminho. O seu lema era "não queremos lhe fazer mal, mas faremos se for necessário". E faziam. Os Especiais matavam pessoas.

Hiro olhou de lado para Aya.

— E você quer que sejamos "Cortadores Honorários"?

— Mas achei que eles estivessem curados — disse Aya.

Frizz assentiu.

— A maioria teve a operação completamente revertida, mas os Cortadores que protegeram Diego na guerra receberam a permissão de manter os reflexos e a força porque os cérebros foram curados. — Ele se aproximou. — Porém, Tally Youngblood jamais foi modificada. Ela disse que não queria que alguém a "reprogramasse", por isso desapareceu na natureza.

— Droga, realmente não é assim que contam os canais de história — disse Ren.

Aya engoliu em seco. Isso era bem pior do que imaginava.

Ela virou para Frizz.

— Então você entende o problema? Não pode deixar que Tally saiba da Honestidade Radical. Não há como prever o que ela vai fazer se descobrir que você pode arruinar os planos.

Frizz levantou as sobrancelhas.

— Então, vamos explicar a situação, Aya-chan. Você quer que eu, uma pessoa que não pode mentir, minta sobre o fato de que não posso mentir?

— Precisamos de outro plano — falou Hiro.

— E quanto à barreira da língua? — disse Ren. — Talvez você possa contar tudo para a Tally... mas em japonês.

Frizz fez que não com a cabeça.

— Não funciona assim, Ren. Falar a língua errada é apenas outra maneira de esconder a verdade. Eu não consigo enganar as pessoas.

— Mas você não podia, tipo, *esquecer* que eles não falam japonês? — perguntou Ren.

— Não posso mentir para mim, da mesma forma que não posso fazer isso com os Cortadores. — Frizz gemeu de frustração. — Quanto mais a gente fala no assunto, mais eu penso nele. E quanto mais eu penso, mais sinto a necessidade de contar que nós temos um segredo!

Ele resmungou de novo, olhando na direção de Tally.

Ela devolveu o olhar.

— Então, como andam as coisas aí? Já chegaram a alguma decisão?

Em um inglês perfeito, Frizz falou:

— Eles não querem que eu fale com você! — Ele engoliu as palavras e tapou a boca com as duas mãos.

Tally levantou uma sobrancelha.

— O quê?

— Nada! Ainda estamos discutindo, só isso — disse Aya em inglês.

Shay apontou com o queixo.

— Bem, é melhor se apressarem. Parece que vem visita aí.

Aya ergueu o olhar e viu a porta de metal da cabine do motorista abrindo.

Ah, que ótimo, pensou. *Mais gente para Frizz conversar*.

UDZIR

Duas figuras inumanas entraram flutuando.

Mesmo dentro do carro, elas usavam os aparatos de aerobol. O homem flutuou pelo compartimento de carga sobre a cabeça dos demais. A outra criatura, uma mulher, esperou segurando a porta com dedos reluzindo com agulhas. Atrás dela, Aya notou a cabine do motorista, onde duas outras figuras estavam sentadas diante dos controles do carro.

Assim de perto, os rostos esquisitos eram ainda mais perturbadores. Separados demais, os olhos inumanos pareciam apontar para direções diferentes, como os de um peixe. O homem flutuante percebeu todo mundo sem precisar virar o rosto, mantendo um olhar duro em Aya e permanecendo no mesmo lugar ao agitar as mãos e os estranhos pés descalços no ar quente e úmido.

— Vejo que estão acordados. E ninguém está ferido? — disse ele.

O japonês da criatura era ruim. Aya se deu conta de que, depois de seis horas de voo, o carro poderia estar sobre qualquer lugar da Ásia. Ela se perguntou de onde eles vinham.

— Estamos todos inteiros, mas não muito contentes — falou.

— Não esperávamos ter que pegar os sete — respondeu ele, fazendo uma pequena saudação no ar. — Pedimos desculpas por qualquer desconforto.

— Desconforto! Vocês sequestraram a gente! — reclamou Hiro.

A figura inumana concordou com a cabeça e seu rosto estranho fez uma expressão de arrependimento.

— É necessário nos escondermos por enquanto. Vocês tinham que ser silenciados.

— Silenciados? — falou Aya, engolindo em seco. — Você quer dizer que vai nos *matar*?

— Não, absolutamente! E perdoem meu japonês. Só quero dizer que vocês não podem se comunicar com seu lar. No entanto, em breve não haverá mais necessidade de segredos e vocês poderão retornar.

— Por que não podemos ir embora agora?

— Vamos pousar em breve e aí poderemos explicar tudo. Enquanto isso, meu nome é Udzir. Posso saber o de vocês?

Aya fez uma pausa e então se curvou ao se apresentar. Ren e Hiro fizeram o mesmo. Os Cortadores aproveitaram e deram nomes falsos quando Udzir se voltou para eles.

Mas seu olhar permaneceu sobre Tally.

— Você não é parecida com os outros.

Aya se perguntou o que ele queria dizer exatamente. Na Era da Perfeição, o Comitê do Tratado Global padronizou as diferentes regiões do mundo, e a moda de cirurgias bizarras depois da libertação só serviu para confundir ainda mais as velhas categorias genéticas dos Enferrujados. Mas os feios ainda mostravam sua ascendência, e as máscaras de plástico adaptável dos Cortadores não pareciam muito asiáticas.

Mas Udzir decidiu reparar em Tally — será que notara um traço de Especial não curado em seu olhar?

— É verdade — disse Frizz entre dentes. — Ela *não* é como a gente.

Aya interrompeu seu silêncio.

— O que Frizz quer dizer é que nossos amigos são estudantes de outra cidade. Eles não falam japonês muito bem.

— Eles não falam nada de japonês! — declarou Frizz. Aya apertou sua mão para que ficasse calado.

— Inglês, então? — Udzir trocou de idioma com facilidade.

Tally assentiu.

— Sim, em inglês é melhor. Você disse para onde estamos indo?

— Vocês verão em breve.

— Estamos voando para o sul há horas e está bem quente. Devemos estar perto da linha do equador — falou Fausto.

Udzir concordou com a cabeça e sorriu.

— E vocês são *bons* estudantes, pelo que vejo. Vou recompensá-los pela sabedoria: pousaremos em breve numa ilha que os Enferrujados chamavam de Cingapura.

Aya franziu a testa, tentando lembrar o que aprendera em geografia. O nome não lhe dizia nada, mas havia centenas de cidades perdidas dos Enferrujados. Pelo menos a mudança de assunto sossegou a necessidade de Honestidade Radical de Frizz.

O carro voador estava descendo agora. A viagem ficou mais turbulenta à medida que as nuvens escureciam as janelas. A cabine começou a

balançar de um lado para o outro, sacudindo as amarras da carga. Aya ficou com o estômago embrulhado e se sentiu feliz por não ter comido nada desde o jantar na noite anterior.

Tally, Fausto e Shay pareciam inabalados pela turbulência. Eles se equilibraram como pilotos de prancha voadora e compensaram cada movimento do carro. Era como se tivessem aprendido a interpretar os rugidos da tempestade e antecipar o próximo ataque do vento.

Firme em pleno ar, Udzir ficou novamente interessado nos Cortadores.

— Vocês já encararam uma tempestade tropical antes?

— A gente viaja muito — respondeu Tally simplesmente.

— Notei que suas pranchas foram feitas para voar na natureza. Isso é muito raro, especialmente no caso de feios.

— Sério? Esses modelos são a última moda de onde a gente vem — falou Shay.

Frizz ficou tenso ao lado de Aya e ela enfiou as unhas em sua mão.

— E que lugar é esse, exatamente? — perguntou Udzir.

— Somos de Diego — disse Shay, e Aya sentiu Frizz relaxar um pouco ao ouvir a verdade.

— Uma cidade conhecida por seu espírito progressista — falou Udzir em tom de aprovação. — Talvez vocês gostem de nosso projeto.

— E qual seria? — perguntou Tally.

— Quando pousarmos — disse o homem. O carro voador adernou de repente e ele virou para a cabine do motorista. — Vocês saberão logo. Se quiserem, podem olhar para o nosso lar.

— Por que não? — Tally levantou e observou por uma das pequenas janelas. Os outros Cortadores fizeram o mesmo.

Moggle provavelmente estava filmando do fundo do carro, mas Aya decidiu olhar por si mesma. Ela respirou fundo o ar quente e úmido para lutar contra a náusea que crescia no estômago e chegou perto da rede para carga.

— Tenha cuidado — disse Frizz.

Aya concordou com a cabeça e cambaleou. A pequena janela estava molhada de chuva e o plástico era grosso e distorcia a visão.

O carro estava passando por uma camada de nuvens, e a janela só permitia ver uma massa cinza-escuro e a chuva caindo. Mas, aos poucos, as nuvens foram abrindo e recuando enquanto o carro descia.

A visão clareou e o carro voador ficou estável de repente.

Havia um teto cinza-metálico logo acima deles, uma camada sólida de nuvens. Abaixo da tempestade, a densa floresta tropical se estendia até um vislumbre do oceano reluzente. A mata envolvia as maiores ruínas que Aya já tinha visto. Várias torres imensas ultrapassavam o arvoredo sacudido pelo vento e seus esqueletos de metal desapareciam nas nuvens.

Mesmo diante da fúria da tempestade, guindastes magnéticos estavam presos aos antigos prédios dos Enferrujados e pegavam vigas de ferro como aves de rapina. Parecia que estavam esperando uma brecha no temporal para destruir os edifícios.

O carro adernou forte e virou a paisagem de forma vertiginosa, fazendo as torres dos Enferrujados sumirem. Agora Aya viu uma enorme clareira aberta na floresta. Um aeroporto se estendia abaixo dela, com vários carros voadores e guindastes magnéticos espalhados pelo campo de pouso. Havia vários trilhos de trens magnéticos, vindos de todas as direções, convergindo para uma estação central.

— Isso é imenso — murmurou Tally.

— Sim, temos muito orgulho de tudo o que fizemos — disse Udzir.

— Mas vocês estão desmatando a floresta! — disse Tally. Aya notou a raiva em sua voz.

— Nós servimos a uma causa maior. Assim que você vir mais, irá entender os sacrifícios que fizemos.

O carro virou ainda mais e girou em volta do aeroporto como um pequeno barquinho sendo sugado por um redemoinho gigante. Mais prédios giraram pelo campo de visão de Aya. Armazéns compridos, casas pré-fabricadas e indústrias automatizadas formavam um conjunto confuso. Figuras disparavam entre os edifícios, usando capas de plástico pesado e... voando.

Nenhuma delas andava — todas flutuavam de um ponto ao outro, tomando impulso em postes fincados no chão, onde se agarravam com mãos e pés para lutar contra o vento.

Aya saiu da janela e desmoronou no chão de metal, sentindo a náusea ficar mais forte.

— O que foi? — perguntou Frizz.

— Você estava certo, Ren — disse ela, baixinho. — Existe realmente uma cidade inteira deles.

— Nós não somos uma cidade, somos um movimento — disse Udzir.

— Parece animado. Que espécie de movimento? — disse Tally.

Udzir girou em pleno ar e esticou a mão para aguardar a rede para carga.

— Estamos salvando o mundo da humanidade. Talvez vocês queiram se juntar a nós.

Tally sorriu.

— Talvez sim.

— Duvido — murmurou Frizz.

Aya reconheceu sua expressão de dor, era a mesma que fizera quando tentou não dizer a sua reputação. Ele estava prestes a explodir! Se ao menos Udzir calasse a boca e voltasse para a cabine do motorista.

Porém, agora as duas criaturas estavam olhando com curiosidade para Frizz, como se ele tivesse dito algo radicalmente honesto demais.

— Nossas cidades estão se espalhando pelo mato como fogo, meu jovem. Então, não nos julgue antes de saber nossas intenções.

— Eu *não* estou julgando vocês — disse Frizz, apertando a mão de Aya com tanta força que doeu.

Udzir franziu a testa.

— Então o que você está fazendo exatamente?

— Ele está apenas enjoado — falou Aya.

— Não estou enjoado! — A voz de Frizz saiu engasgada. — Estou tentando não contar tudo!

— O que...? — Shay começou a dizer.

— *O que* você está tentando não contar? — perguntou Udzir em tom agressivo.

Aya notou que a força de vontade de Frizz falhou e tentou detê-lo. Mas uma das mãos estava presa na dele, e a outra segurava a rede para carga.

— Que essa é Tally Youngblood! — disparou Frizz. — E ela está aqui para acabar com vocês!

POUSO FORÇADO

Por um instante ninguém disse nada.

Então Shay rompeu o silêncio ao gritar para Frizz.

— Seu idiota estúpido!

Tally pulou pelo compartimento de carga, passou por debaixo de Udzir e acertou a mulher flutuando na porta. Ao voar, o rosto pareceu explodir, a máscara de plástico adaptável virou poeira.

A mulher golpeou com as agulhas dos dedos, mas Tally agarrou seus pulsos e meteu o ombro em seu estômago. Ela desmoronou instantaneamente e Tally prosseguiu para a cabine do motorista.

No compartimento de carga, Shay levantou relativamente calma e socou a cara de Udzir. Enquanto a criatura girava no ar, ela passou por seus braços que se debatiam e seguiu Tally.

Fausto ficou de pé e a máscara se desfez para revelar a beleza cruel de suas feições.

— Não quero lhes fazer mal, mas *ninguém* se mexa — anunciou.

— Nós não estamos nos mexendo! — disse Hiro.

Aya virou para Frizz, que estava pálido.

— Você está bem?

— Foi mal, eu não consegui evitar.

De repente, o carro voador adernou e fez uma curva fechada. O corpo inconsciente de Udzir bateu no teto e quicou no meio do compartimento de carga, rodopiando em pleno ar. Ao segurar na rede, com o estômago revirado, Aya percebeu que Udzir não estava girando — ele permanecia estável no ar, era o carro voador que girava *ao redor* dele...

Shay surgiu na porta da cabine do motorista e empurrou o corpo encolhido da mulher para fora do caminho.

— Uma pergunta rápida — falou ao se segurar no umbral. — Algum de vocês, avoados, sabe dirigir um carro voador?

— O quê? *Vocês* não sabem? — gritou Aya.

Shay abriu os braços.

— O que acha que nós somos? Mágicos?

O carro empinou e disparou a subir. Os dois inumanos flutuantes começaram a rodopiar de novo, balançando os braços como bonecas de pano. As agulhas nos dedos da mulher passaram raspando pelo rosto de Aya por poucos centímetros.

— Alguém segure essa mulher! — gritou Aya.

Frizz esticou a mão e pegou a perna da criatura, fazendo o corpo bater no chão da cabine com um baque perturbador.

— Opa, foi mal.

— Bem que a Tally podia ter perguntado *antes* de nocautear os motoristas, mas isso é típico dela — falou Shay da porta.

— Entre aqui e me *ajude*! — chamou a voz de Tally. Shay virou e sumiu enquanto o carro voador girava freneticamente ao cair de novo.

Fausto pulou pelo compartimento de carga e agarrou a mulher inconsciente. Ele a levou até a rede para carga e tomou cuidado para não expor as agulhas nos dedos.

O carro desceu e girou, fazendo o compartimento dar voltas completas de poucos em poucos segundos, mas Fausto conseguiu pegar e prender o corpo de Udzir facilmente. Ele disparou pelas superfícies que rodopiavam, pulando do chão para a parede e para o teto, como uma criança em um brinquedo de parque de diversões.

As hélices gemiam aborrecidas e abafavam o rugido do vento. Aya ficou com os nós dos dedos brancos de se agarrar tão forte à rede, mal conseguindo se segurar. A gravidade ao redor era como um animal selvagem que queria arrancá-la da parede.

Então, de repente, o carro estabilizou e o grito das hélices virou um rugido constante. Pelo menos o chão do compartimento de carga parecia estar *embaixo* outra vez.

Shay surgiu na porta.

— Todos bem?

— Mais ou menos — respondeu Fausto. — Vocês demoraram a encontrar o piloto automático.

— Eu bem queria que a gente não tivesse encontrado. O sistema está programado para nos levar diretamente ao aeroporto. E parece que os motoristas mandaram um aviso; então, eles estão nos esperando. Temos que pular. Todo mundo está com braceletes antiqueda, certo?

— Claro, mas ainda estamos sobre a cidade? — perguntou Fausto.

— Depois do que aconteceu? Estamos a quilômetros de distância. Mas tem muito metal dos Enferrujados por aqui, até onde sabemos.

Fausto arregalou os olhos.

— Está brincando? Não é um pouco arriscado?

Shay deu de ombros.

— É mais seguro do que ficar aqui.

— A essa velocidade, vamos precisar de mais do que braceletes antiqueda. — Fausto ajoelhou, tirou as braçadeiras flutuantes de Udzir e jogou para Shay.

Ela prendeu nos antebraços e virou para Ren.

— Vamos, você e eu primeiro.

— Nós vamos pular em uma tempestade com apenas as ruínas para aparar a queda? Mas isso é *absurdo*! — gritou ele.

Shay riu.

— Você prefere acabar nas mãos de um grupo de Viciados em Cirurgia desequilibrados? Está pensando em se juntar a eles?

Ren gemeu e começou a se soltar da rede para carga.

— Abra a porta lateral! Vemos você no lugar de sempre! — gritou Shay para Tally.

A porta atrás de Aya e Frizz começou a se mover. Eles se afastaram e foram imediatamente encharcados pela chuva forte, o vento fez as roupas e cabelos sacudirem.

Sob a luz cinzenta que entrou no compartimento de carga, Aya percebeu como eles haviam chegado perto de cair. Sacudido pela tempestade, o topo do arvoredo passava disparado com os galhos mais altos batendo no fundo do carro.

— Pronto? — gritou Shay contra o vento.

Ren concordou com a cabeça e foi abraçado por Shay. Ela pulou pela porta de correr com um grito selvagem.

— Nossa vez, Hiro! — disse Fausto ao se levantar com o aparato da mulher preso de qualquer maneira nos antebraços.

— É melhor que isso dê certo! — gritou Hiro e virou para Aya. — Boa sorte e não se esqueça da Moggle.

Fausto pegou Hiro e o arrancou do carro voador. Os dois desapareceram na chuva incessante sem fazer um ruído.

— Mas sobraram dois de nós — falou Frizz. — E apenas...

— Eu — completou Tally. Ela estava parada na porta da cabine do motorista colocando uma caneleira de aerobol. — Ainda bem que todas essas criaturas usam esse aparato. Acho que não conseguem andar com aqueles pés.

— Mas você pode carregar os dois? — perguntou Aya.

— Por que vamos levar esse idiota? Ele nos traiu! — disse Tally, irritada.

— Mas ele não consegue evitar!

— Ele perdeu o juízo?

— Não, apenas tenho que dizer a verdade — falou Frizz.

— Você tem que fazer o *quê*?

— Honestidade Radical. É uma espécie de cirurgia cerebral.

Tally apertou os olhos.

— Uau. Sua cidade é oficialmente o lugar mais esquisito da Terra. Por que eles fizeram algo assim com você?

Aya pensou em falar algo que desviasse a atenção, mas Frizz já estava explicando.

— Eu pedi pela cirurgia. Fui eu que a criei, na verdade.

— Quer dizer que você é um avoado por conta própria? Já chega. Vou deixar você para trás. Vamos, Aya, não temos tempo para discutir!

Aya tentou se livrar de Tally.

— Você não pode simplesmente abandoná-lo aqui! Aquelas aberrações vão capturá-lo!

— E daí? Ele é uma aberração também. E o pulo já é perigoso o bastante com apenas nós duas!

— Eu *não* sou um avoado, mas ela está certa, Aya. Vai ser mais seguro sem mim! Me deixe!

— Droga, você *tinha* que dizer isso! — resmungou Tally.

Ela agarrou os dois e pulou.

Àquela velocidade, a chuva parecia dura como pedra.

— Moggle! Me siga! — gritou Aya ao cair para longe do carro voador.

Então eles se chocaram contra o arvoredo. As folhas molhadas bateram no rosto e nas mãos de Aya, os galhos se quebraram quando o trio girou pelo ar. A força do abraço de Tally parecia que ia esmagar seus pulmões. A luz cinzenta foi consumida pela escuridão quando eles caíram sob a cobertura da selva.

O rugido do carro voador sumiu. Tally girou ao lado de Aya para tentar manobrar com o aparato de aerobol entre os troncos das árvores e as colunas enferrujadas. Aya sentiu as forças magnéticas puxarem os braceletes antiqueda. Os três subiram acima do arvoredo outra vez, quicando como uma pedra sobre a superfície da água.

Eles caíram de novo, rompendo o emaranhado de cipós e folhas pesadas pela chuva. Aya sentiu espinhos rasgarem suas roupas e arrebentarem seu cabelo. Finalmente, a energia dos braceletes desapareceu e a própria Terra bateu contra ela.

Os três caíram quase deitados. Rolaram pelo matagal e pelas folhas, derrapando sobre vários metros de lama úmida e espessa. Aya sentiu as costelas estalando no abraço de Tally e o fôlego ser arrancado como se tivesse levado um soco no estômago.

Finalmente, eles rolaram e derraparam até parar.

Aya respirou fundo e dolorosamente, abrindo os olhos devagar.

Acima dela, muitos pássaros voavam em fuga diante da chegada surpresa e violenta dos três. A selva era densa lá embaixo e o céu ficava praticamente encoberto. Aya conseguiu ver o caminho aberto pela queda inclinada deles, um túnel de galhos partidos que se estendia ao longe. A água continuava caindo das folhas e arbustos sacudidos pela sua passagem, como se a tempestade os tivesse seguido até embaixo.

— Vocês dois estão bem? — perguntou Tally.

— Hã. — conseguiu dizer Aya. Respirar doía.

— Deixe-me adivinhar. O metal acabou — falou Frizz.

— Foi o suficiente. Menos do que isso e a gente teria se espatifado.

— A gente se espatifou *sim* — reclamou Aya.

O cabelo encharcado estava emaranhado sobre o rosto. Folhas, gravetos e lama cobriam todo o corpo.

Tally se agachou e apontou para uma estrutura enorme que se estendia ao lado deles.

— É, mas se a gente não tivesse caído perto dessa coisa aí, teria virado patê. O plano daquelas criaturas, seja ele qual for, inclui retirar todo o metal na altura do solo daquelas ruínas.

Aya gemeu e sentou devagar. Se eles quase tinham caído, e quanto aos...?

Ela começou a mexer o dedo anelar.

— Sem pings! — disparou Tally, agarrando o pulso de Aya. — Você vai entregar nossa posição. Além disso, a gente deve estar a alguns quilômetros dos outros. É longe demais para a sua dermantena funcionar.

— Mas eles podem estar feridos!

Frizz pegou a mão de Aya e a retirou com delicadeza de Tally.

— Fausto e Shay estavam levando apenas um passageiro cada um. Eles provavelmente tiveram um pouso mais suave do que nós três.

— Provavelmente? Você quer dizer se eles não voaram direto para uma árvore! — reclamou, mas resistiu à vontade de ligar a tela ocular. Aya vasculhou a floresta e imaginou se Moggle tinha encontrado metal suficiente para pousar com suavidade. — Você se importa se eu gritar, ao menos?

Tally deu de ombros.

— Vá em frente.

Aya tomou fôlego e berrou:

— Moggle!

Das profundezas da selva, ela notou faróis noturnos piscando em resposta. Entre os arbustos e cipós, viu a câmera flutuante ir na direção deles, costurando de um lado para o outro, os sustentadores pegando apoio de qualquer metal que tivesse sobrado no solo.

— Você filmou a queda?

Os faróis noturnos piscaram mais uma vez e Aya sorriu.

As modificações de Ren haviam funcionado outra vez.

SELVA

Aya nunca tinha percebido como a natureza podia ser *incômoda*.

A selva era incrivelmente quente, fechada e sem lógica. Todas as direções eram bloqueadas por raízes imensas que se esparramavam debaixo das árvores. Teias de aranha reluziam entre os galhos e o ar úmido estava repleto de nuvens de insetos. Cipós enroscavam nos tornozelos e cobriam o chão, que a chuva transformara em um labirinto de cascatas, riachos e deslizamentos. O macacão de guardião estava sofrendo para manter a gosma longe, e as roupas de Frizz — o traje formal que ele usou na festa dos Tecnautas na noite anterior — ameaçavam se desfazer.

A flora densa só tinha algo a seu favor: tornava suportável o aguaceiro. Embora a chuva constantemente encontrasse um jeito de cair no solo ao escorrer pelos troncos de árvores e pingar das folhas cheias d'água, pelo menos não estava martelando a cabeça de Aya.

Era fantástico que qualquer ruína dos Enferrujados tivesse sobrevivido nesse tempo, mas ela notou os esqueletos de metal de prédios antigos entre as árvores, envolvidos por cipós e trepadeiras. A selva trabalhava para destruir seus ângulos e linhas retos.

— Para onde estamos indo, afinal? — perguntou Frizz. — Como vamos encontrar os outros sem mandar pings?

— A Shay falou no lugar de sempre — disse Tally.

— De sempre? — Aya espantou um mosquito do nariz. — Pensei que você nunca tivesse vindo aqui antes.

— Ela quis dizer a torre mais alta nas ruínas. — Um sorriso surgiu nos lábios de Tally. — Era nela que sempre encontrávamos com as pessoas na época em que éramos feias.

Frizz franziu a testa e Aya percebeu que um momento radicalmente honesto estava para acontecer.

— Você e Shay desafiam a lógica. Às vezes parecem ser melhores amigas e, em outras, dão a impressão de se odiarem.

— Talvez porque às vezes somos melhores amigas e, em outras, a gente se odeie.

— Não entendo.

Tally suspirou.

— Na Era da Perfeição, a gente acabava sempre em lados opostos. Não era nossa intenção brigar, mas as pessoas sempre nos reprogramavam, nos manipulavam para que traíssemos uma à outra. — Ela abrandou o tom de voz. — Acho que nos acostumamos a ser assim.

— Mas quando a matéria do impulsionador de massa foi divulgada, você pediu ajuda a ela. Então a Shay é sua amiga, certo? — disse Frizz.

— Claro que é. Ela impediu que eu levasse a vida como uma avoada, assim como todo mundo no planeta. Mas, ao longo do caminho, tivemos muitas brigas. — Tally apertou os olhos para Frizz. — É por isso que sua cirurgia cerebral me perturba. Só acontecem coisas ruins quando uma pessoa é reprogramada. Coisas que não podem ser desfeitas depois.

— Talvez *fosse* possível desfazer se você falasse com as pessoas em vez de fugir para a natureza.

Tally ergueu as sobrancelhas.

— Talvez a gente devesse descobrir para onde vai e deixar esse assunto para depois. — Aya se apressou em dizer.

— Deixe-me entender: você precisou de uma cirurgia no cérebro somente para conseguir *conversar*? — Tally perguntou para Frizz.

— Eu costumava mentir o tempo todo. Não confiava em mim mesmo, então precisei mudar.

— Isso é tão covarde! Não dava para simplesmente *aprender* a dizer a verdade?

— Dizer a verdade *é* o que eu estou aprendendo, Tally.

— Mas você não está fazendo uma escolha! — Tally apontou para a têmpora. — Eu ainda tenho a programação de Especial na minha mente, mas luto contra ela diariamente.

— E já percebi que você perde às vezes.

Tally contraiu os lábios.

— Você ainda não me viu perder o controle *para valer*, avoado. Melhor torcer para que isso nunca aconteça.

— Tecnicamente, eu não sou um...

Aya se meteu entre os dois.

— Em vez da gente ficar comparando as cirurgias no cérebro, que tal descobrir para que lado nós vamos? A chuva diminuiu um pouco.

Tally encarou Frizz com raiva durante um longo momento e então ergueu os olhos. A batida constante da chuva nas folhas lá no alto havia

acalmado.

— Por mim, tudo bem — disse ela, ríspida.

Tally virou e foi até a árvore mais próxima, pulou no tronco e começou a subir. Frizz e Aya observaram em silêncio — a velocidade e a graça com que Tally passava por galhos que não pareciam capazes de sustentar seu peso eram surpreendentes.

— Eu não paro de aborrecê-la — falou Frizz.

Aya suspirou.

— Acho que a Tally e a Honestidade Radical não se dão bem. Ela e a Shay já encararam muita coisa. Afinal de contas, as duas lutaram em uma guerra quando eram da nossa idade.

Ele desviou os olhos do topo do arvoredo.

— E se ela estiver certa? Talvez eu seja preguiçoso demais para dizer a verdade sem a cirurgia.

— Você não é preguiçoso, Frizz. Não é todo mundo que funda o próprio grupo.

— Pode ser. — Ele bateu em um mosquito no braço. — Mas se não fosse pela minha Honestidade Radical, a gente não estaria preso aqui nessa selva.

— Não, mas ainda estaríamos presos. — Aya virou para ele e encarou seus olhos de mangá. — E se não fosse por sua Honestidade Radical, você provavelmente não teria parado para elogiar meu nariz naquela noite.

— Nem diga isso — falou Frizz, ao puxá-la para mais perto. — Às vezes sinto medo ao pensar que nos conhecemos por acaso. Se você tivesse saído da festa um minuto antes, nós nem teríamos nos encontrado.

Ela retirou uma folha molhada do cabelo de Frizz.

— Então você não estaria preso nessa selva cheia de lama.

— Prefiro estar aqui com você a estar em qualquer outro lugar.

Aya passou os braços pelos ombros de Frizz. O paletó estava ensopado e rasgado nas costas por causa do pouso forçado. As costelas de Aya ainda latejavam, mas ela o abraçou com força.

— Não me importo com o que a Tally-wa pensa. Quando você diz coisas assim, fico feliz que não possa mentir.

Ele a puxou com delicadeza e seus lábios se encontraram. Por um momento, Aya não sentiu mais os insetos e a chuva, e só sobrou o calor do corpo trêmulo de Frizz em seus braços.

O topo das árvores foi sacudido de repente. Eles olharam para cima.

Era Tally... que se atirou pelo ar com as mãos esticadas para agarrar nos ramos e cipós, pulando e se balançando de galho em galho, de apoio em apoio.

Ela pousou suavemente a alguns metros de distância entre os arbustos. Por um instante, Tally olhou para eles com as feições intensas e vulneráveis de Cortadora.

— Qual o problema? — perguntou Aya, se afastando de Frizz.

— Eu vi algumas criaturas perto daqui.

— Elas viram você?

— Claro que não. — Tally desviou o olhar, o rosto parecia confuso.

— Mas você está chateada — falou Frizz.

— Não é nada.

Aya decidiu não perguntar, mas Frizz, obviamente, tinha outra ideia em mente.

— Nosso beijo chateou você, não foi?

Tally virou para ele. Sua expressão mudou de surpresa para raiva, e daí para outra coisa...

— Frizz, acho que a Tally-wa não se importa se a gente... — falou Aya calmamente.

— Da última vez em que beijei alguém, eu acabei vendo o cara morrer — disse Tally, direta. — E estava apenas pensando: a morte é uma daquelas coisas que *não pode* ser desfeita. Não com conversa e nem com toda a cirurgia cerebral no mundo.

Aya engoliu em seco e abraçou Frizz ainda mais, com o coração disparado.

— Sinto muito, Tally-wa. Que coisa triste — disse Frizz.

— Nem me fale. — Ela afastou o olhar. — Não acredito que eu tenha dito isso. A sua cirurgia idiota é contagiante ou algo do gênero?

Aya concordou devagar.

— Mas você não devia parar de beijar só por causa disso — falou Frizz calmamente.

Tally sustentou seu olhar por um momento e então deu uma risada amarga.

— Vocês querem ficar aqui e falar sobre águas passadas?

— Não — respondeu Aya rapidamente. — Acho que já tivemos muita Honestidade Radical por hora.

— Então me sigam.

Tally deu meia-volta e disparou para a massa de arbustos, árvores e lama. Aya começou a segui-la e soltou um suspiro.

Para onde quer que eles estivessem indo, aquela seria uma longa caminhada.

RUÍNA

Manter o ritmo de Tally não era muito divertido.

Graças aos músculos e reflexos Especiais, nada era capaz de detê-la — nem os emaranhados gigantes de arbustos, as árvores mortas desfeitas em dúzias de pedaços ou o rugido agitado da chuva. Ela subia nos troncos para examinar o caminho e pulava sobre os galhos entrelaçados como um macaco em pleno ar. Enquanto Tally esperava por Aya e Frizz com uma expressão entediada, a chuva e a lama escorriam pelo traje de camuflagem, que assumiu o padrão de vários tons de verde.

Moggle pulava de ruína em ruína, usando os campos magnéticos como pontos de apoio. Nos poucos lugares onde a câmera flutuante não encontrava o caminho, Aya e Frizz tinham que carregá-la sob um calor insuportável. Tally se recusou, pois disse que não gostava de câmeras. Para Aya, era surpreendente como um troço do tamanho de uma bola de futebol, cheio de sustentadores, lentes e circuitos, pudesse pesar tanto.

Mas a pior parte era se arrastar na lama por debaixo do emaranhado de raízes expostas, arrancando teias de aranha e cipós. As folhas podres se desintegravam nas mãos de Aya e um passo em falso acabou espalhando um ninho de centopeias. As árvores impediam a passagem da luz cinza do céu nublado, o que mergulhava o solo da selva em uma permanente escuridão.

Para se distrair, Aya imaginava qual seria a pessoa de quem Tally tinha falado. Muita gente morreu na Guerra de Diego, é claro, mas não se lembrava de nenhum Cortador. Quem mais Tally poderia ter beijado? Naquela época, todo mundo era feio ou avoado. Não fazia sentido.

Tally era tão diferente dos famosos normais. Se algum namorado de Nana Love tivesse morrido, todo mundo na cidade saberia o nome dele. Mas Tally era tão fechada que até mesmo seus ataques de honestidade radical eram misteriosos.

Aya sentiu a picada de um mosquito e bateu nele tarde demais. Havia sangue espalhado por todo o corpo esmagado do inseto. Ela suspirou e lhe deu um peteleco.

— Como a Tally-sama aguenta viver aqui fora? — sussurrou para Frizz. — Não tem conforto.

— Não acho que ela ligue para conforto — resmungou Frizz, que estava carregando Moggle e tentando passar por cima de um tronco podre sem deixar a câmera cair.

Aya tirou Moggle de suas mãos.

— E aparentemente também não gosta muito dos amigos, então com o *que* ela se importa?

— Bem, o planeta, para começar. — Ele pulou de volta para a terra enlameada e pegou Moggle outra vez. — É por isso que estamos aqui, lembra?

— Ah, sim... isso mesmo. — Aya suspirou e prosseguiu com dificuldade: — Nunca imaginei que salvar o mundo fosse tão quente e gosmento. Não sabemos sequer se estamos indo na direção certa. Não vejo Tally há séculos. Ela deve estar fazendo reconhecimento do terreno outra vez.

— Para onde quer que estejamos indo, pelo menos tem algum metal por perto. — Moggle começou a flutuar nos braços de Frizz e avançou assim que os sustentadores encontraram apoio.

Ele e Aya seguiram a câmera até que a selva se abriu diante dos dois. No centro da clareira recém-aberta, havia um par de torres antigas dos Enferrujados, com as vigas de aço enroscadas por cipós.

Aya piscou os olhos diante da claridade repentina. O aguaceiro devia ter parado há algum tempo. Pareciam dois mundos diferentes: lá atrás na floresta onde a chuva ainda caía, com as árvores pingando como roupas molhadas, e ali na área descoberta, com os raios de sol aparecendo através das samambaias.

Com um baque suave, Tally pousou ao lado deles.

— Fiquem quietos — disse ela baixinho ao olhar para o alto das torres. — As criaturas que vi anteriormente ainda estão lá em cima.

Aya recuou para as sombras e sussurrou:

— Você quer dizer que nos trouxe direto para elas?

— Precisamos pegar algum transporte. Ou acha que eu vou ficar olhando vocês dois *andarem* por esta selva?

— Você quer que nós sejamos capturados outra vez? — perguntou Frizz.

Tally suspirou.

— Não com sua cirurgia de avoado. Você acabaria nos entregando.

— Tecnicamente falando, eu não sou um...

— Apenas esperem aqui — disse Tally, que disparou pela clareira e entrou no matagal ao redor da base da ruína.

Aya olhou para as duas torres.

Uma era mais alta do que a outra, porém, ainda assim, não era tão grande quanto algumas torres que ela tinha visto do carro voador. Entretanto, como todos os prédios dos Enferrujados, o edifício era enorme e simples. Com ângulos retos infantis, sem vãos ou partes móveis, a torre era apenas uma grande coluna que se erguia aos céus. Havia tantos cipós emaranhados nas vigas que dava a impressão que a selva estava tentando derrubar o grande esqueleto de metal.

No alto, Aya viu três criaturas operando um guindaste magnético. Vestidos com aparatos de aerobol, eles pareciam com nadadores dando braçadas no ar quente e úmido, com os pés de dedos compridos batendo como se fossem um par extra de mãos.

Frizz apontou.

— Lá vai ela.

Tally estava subindo pelo interior da torre mais alta, passando por buracos nos pisos apodrecidos e pela vegetação que invadia o lugar. Ela pulava de andar para andar, ganhando impulso com o aparato de aerobol que pegou das criaturas, tão elegante e silenciosa quanto um gato se aproximando de mansinho da presa.

— Siga Tally, Moggle, mas fique escondida — sussurrou Aya.

Ela empurrou a câmera, que voou pela clareira e desapareceu na ruína.

Tally já tinha alcançado o topo, mas as figuras inumanas estavam concentradas demais no trabalho e não notaram sua aproximação. Elas controlavam as garras do guindaste e ajustavam as serras a fim de arrancar uma viga enorme.

Moggle subiu rapidamente pela ruína e as lentes refletiram os poucos raios de sol. Aya queria muito observar Tally pelo ponto de vista da câmera flutuante, mas usar a dermantena poderia denunciá-los.

As serras do guindaste magnético foram ligadas, provocando altos guinchos quando começaram a cortar o metal. Assustados pelo barulho, uma nuvem de pequenos pássaros marrons — *morcegos*, como Aya percebeu um instante depois — saiu voando da escuridão do interior das torres. Cascatas de fagulhas caíram formando arcos reluzentes no ar.

Enquanto o som vazava para a selva, Tally saiu da cobertura dos cipós da ruína e se lançou contra uma das criaturas. A figura desmoronou e saiu rodopiando da torre, flutuando inerte no ar.

As outras duas viraram para olhar, mas Tally já havia desaparecido de novo, depois de quicar do ponto da colisão para o interior da ruína. Confusas, as criaturas gesticularam entre si e agitaram o ar freneticamente, tentando descobrir o que acontecera.

Tally disparou do esconderijo outra vez e se chocou contra elas. Acertou golpes rápidos que mandaram as duas figuras girando pelo ar.

— Epa! — exclamou Frizz.

Ele apontou para a primeira vítima de Tally, que estava flutuando para longe das ruínas. Se afastando mais e mais do campo magnético das torres, a aberração começou a cair...

— Você acha que será um pouso suave? — perguntou Aya.

— Duvido — disse Frizz ao sair das sombras e gritar — Tally, olha!

Mas o som agudo das serras do guindaste continuava a ecoar pela selva e a cascata de fagulhas caía ao redor de Tally enquanto ela dominava as outras duas criaturas.

— Ela não consegue ouvir você! O que vamos fazer? — gritou Aya.

— Será que a Moggle não pode pegá-la? Como aconteceu na cidade quando eu e você caímos da sua prancha?

— Mas a Moggle também não consegue escutar a gente!

Neste momento, a criatura estava sobre a selva e descia rapidamente, ainda girando inconsciente em direção ao arvoredo.

— Então mande um ping! — gritou Frizz.

— Mas a Tally disse que não deveríamos...

— Você tem que mandar!

Aya engoliu em seco e mexeu o dedo anular.

— Moggle, pegue a aberração que está caindo! Rápido!

Ela cortou a conexão e torceu para que a mensagem não tivesse durado tanto a ponto de ser rastreada.

No alto, a pequena silhueta de Moggle disparou para longe da ruína em direção à figura que rodopiava. As duas se encontraram quase em cima do arvoredo e desapareceram na folhagem densa.

— Espero que não tenha sido tarde demais — murmurou Frizz.

O som das serras cortando o metal finalmente parou e os últimos ecos se misturaram aos gritos dos pássaros afugentados. O guindaste magnético

se afastou alguns metros das ruínas e começou a descer como um enorme par de garras em direção a eles.

Tally estava nos controles com as duas criaturas inconscientes a bordo.

— Trouxe alguns aparatos de aerobol para vocês! Eles devem ter alguma trilha magnética por aqui para levar esse ferro-velho. Chega de andar!

— Isso é ótimo, mas você viu o que aconteceu com a terceira criatura? — berrou Aya.

Tally vasculhou o horizonte.

— Que engraçado. Para onde ela foi?

Aya esperou mais alguns segundos enquanto o guindaste descia, sem saber como explicar o que fizera.

A Honestidade Radical de Frizz poupou o trabalho.

— A criatura girou para fora do campo magnético das ruínas.

— Ela caiu?

Frizz balançou a cabeça.

— Não, nós mandamos a Moggle pegá-la.

— Boa ideia. — Tally sorriu. — Às vezes vocês da cidade não são totalmente inúteis assim.

— Só tem um problema. A Moggle estava lá no alto das ruínas com você, longe demais para escutar a gente. Tivemos que mandar um ping.

— *Vocês mandaram um ping?*

Ele concordou com a cabeça.

— Era isso ou deixá-la cair.

Aya engoliu em seco e se preparou para uma explosão de fúria típica de uma Cortadora.

Mas a voz de Tally estava calma e fria.

— Você tinha que mandar seu brinquedo atrás de mim, não é? Não lhe ocorreu que mandar uma câmera flutuante podia ter me denunciado? Ou que posso não querer ver tudo o que faço incluído em uma matéria idiota?

— Foi mal — sussurrou Aya, ainda à espera de uma explosão de raiva.

Tally apenas suspirou.

— OK, então é melhor irmos logo. Eles vão vir para cá em breve.

Ela ajoelhou para começar a tirar o aparato de aerobol das duas criaturas e jogou uma caneleira para Aya.

— Hã, Tally? — disse Aya, nervosa. — A gente não sabe usar isso.

— É só programar para gravidade zero. Eu reboco vocês.

Enquanto colocavam as caneleiras, Aya olhou para o lugar onde Moggle e a criatura tinham caído. Nada se movia no topo das árvores exceto por alguns pássaros que voltavam após a confusão. Ela desejava que pudesse ver pelo ponto de vista de Moggle só para saber se a figura e a câmera flutuante tinham sobrevivido.

Mas Tally provavelmente não gostaria da ideia.

Assim que Aya se vestiu, Frizz acionou o aparato de aerobol para ela. Uma estranha sensação de leveza tomou conta de seu corpo, como se espíritos invisíveis a tivessem agarrado pelos braços e pelas pernas. Ela deu um passo e se viu flutuando, sendo levada pela brisa.

— Pare de brincar! Pegue a minha mão — ordenou Tally.

— Mas a Moggle ainda não voltou!

— E você acha que eu me importo? Temos que ir!

— Mas posso mandar um ping para a Moggle nos seguir? Senão ela vai ficar esperando aqui!

— Não se preocupe, Aya-la — disse Tally ao pegar firme seu pulso. — Você continuará a existir, mesmo sem uma câmera vigiando.

Ela agarrou a mão que Frizz ofereceu e puxou os dois para o ar.

METAL

Eles dispararam pelo ar acima do topo das árvores, vasculhando o céu em busca de qualquer sinal de perseguição.

Tally estava certa: uma malha de cabos grossos fora espalhada pela cobertura da selva para servir de apoio magnético para o ferro que era recuperado das ruínas. A trilha tinha metal suficiente para conduzi-los. Comparadas com toneladas de metal, três pessoas em aparatos de aerobol não eram nada.

Mas voar sem uma prancha deixava Aya nervosa. Eden Maru fazia parecer fácil, mas ela se sentia desequilibrada no aparato de aerobol, como se estivesse pendurada por fios invisíveis, presos a seus braços e pernas.

Ainda mais desnorteante era a ausência de Moggle. A câmera era o segundo par de olhos de Aya e estava perdida, sozinha, provavelmente danificada, ficando cada vez mais para trás.

E Aya não tinha sequer uma câmera espiã.

— Estão vendo aquelas ruínas? — perguntou Tally. — É ali que Shay e Fausto devem nos encontrar.

À frente e à direita, onde um vislumbre do oceano reluzia sob a luz do sol, uma enorme torre surgia sobre a selva com o topo escondido pelas nuvens que se afastavam. Havia mais esqueletos de torres ao redor, todos em vários estágios de desmanche. Mesmo daquela distância, Aya podia ver as cascatas de fagulhas que saíam das serras que cortavam o metal.

Ali no alto da selva, Aya percebeu a distância que as ruínas abrangiam. Ela lembrou que as cidades dos Enferrujados abrigaram populações de 10 e 20 milhões de pessoas, muito maiores do que as do mundo moderno. E as figuras inumanas estavam desmantelando todas elas.

— Para que eles precisam de todo esse metal? — perguntou Aya.

Frizz virou para ela.

— Talvez seja aqui que as criaturas produzem aqueles projéteis que você encontrou. Elas podem transportá-los por trem magnético para as montanhas escavadas.

— Bela teoria, Frizz-la, mas duvido que seja tão simples assim — disse Tally. — David e eu andamos pelo planeta inteiro. Por todos os lugares

que passamos, alguém estava sucateando as ruínas em segredo, agindo mais rápido do que as cidades.

— E são sempre as criaturas? — perguntou Aya.

— Até onde a gente sabe. Um amigo nosso viu as criaturas desmantelando as ruínas na minha cidade natal. Foi ele que nos contou sobre elas. — Tally olhou para Aya. — Então, esse amigo desapareceu, como teria acontecido com você se a gente não tivesse chegado.

— Isso explica por que todo mundo está desesperado atrás de metal — disse Frizz. — Nossa cidade até falou em perfurar o solo para descobrir o que os Enferrujados possam ter deixado nas minas.

Tally olhou de uma maneira fria para Frizz.

— Se eles tentarem isso, vão receber uma visita da nova Circunstâncias Especiais.

Ela fez uma pausa por um instante e, do nada, arrastou os dois para dentro do arvoredo. Eles afundaram através de densas camadas de galhos, cipós emaranhados e enormes teias de aranha pegajosas.

— Algo de errado? — sussurrou Aya.

— Alguém ouviu seu ping.

Aya olhou para o céu entre os galhos, mas não viu nada.

A superfície do traje de camuflagem de Tally começou a tremer. As manchas verdes se alteraram como se fossem quebradas em vários pedaços. Aos poucos, as escamas começaram a se espalhar e cobriram o macacão de Aya. Ela notou que Frizz também estava sendo envolvido pelo traje de camuflagem, que se abria como um par de asas.

— Isso vai proteger vocês de visores infravermelhos. Apenas não se mexam.

Uma sombra passou pela selva e bloqueou os poucos raios de sol que entravam pela folhagem. Antes que o traje cobrisse seu rosto, Aya notou que a sombra era provocada por dois carros voadores que passavam lentamente lá em cima.

O rangido dos cabos cedendo ao peso dos carros tomou conta da selva. Os pássaros foram afugentados e encheram o ar com o som de asas batendo. Aya sentiu o aparato de aerobol tremer com o aumento das correntes magnéticas e seu cabelo se eriçar.

Os carros pareciam ter parado logo acima. Aya ouviu vozes, provavelmente de criaturas flutuando em aparatos de aerobol, ao lado do veículo, e examinando a selva. Ela encarou o solo, tentando não respirar.

Mas as sombras finalmente foram embora e o ranger da selva sumiu no horizonte.

Após longos segundos de silêncio, Tally soltou Aya e Frizz. Quando o traje se recolheu para cobrir seu corpo, partes da pele de Tally ficaram à mostra. Aya notou as finas cicatrizes que cobriam seus braços.

— É por isso que não podemos mandar pings — disse Tally.

— Sabe, eles também podem ter notado você espancando os operários — disse Aya, respirando fundo. O abraço de Tally fez com que se sentisse como um papel amassado.

Tally sorriu.

— Tem razão, mas eles sabem que estamos em algum ponto dessa trilha. Temos que permanecer aqui embaixo até que aqueles carros sumam.

Os três ficaram flutuando ali, ouvindo o zumbido constante dos insetos na selva. Aya estava se acostumando cada vez mais ao aparato de aerobol. Treinou nadar no ar como as criaturas faziam, flutuando na brisa fresca do topo das árvores.

No alto do arvoredo, a selva era menos sinistra. Os cipós tinham flores e os raios de sol refletiam o colorido das asas dos insetos. Pássaros de cristas cor-de-rosa voavam acima, piavam e lutavam pelos melhores galhos, exibindo barrigas brancas e asas verdes. Um deles, com bico amarelo reluzente entre os pequenos olhos escuros, lançou um olhar suspeito para Aya.

Talvez, desde que a pessoa pudesse flutuar acima da lama e da sujeira, a selva não fosse tão ruim, apesar de tudo. Claro que todo esse esplendor apenas fez com que Aya sentisse ainda mais falta de uma câmera.

— Tally-wa, posso fazer uma pergunta? — disse Frizz, baixinho.

— Posso impedir?

— Provavelmente não. E se aqueles cilindros que a Aya encontrou não forem realmente armas?

— O que mais poderiam ser? — perguntou Aya.

Frizz fez uma pausa e olhou para os cabos esticados ao redor deles.

— E se forem apenas metal? Essa é a questão aqui, certo?

— Mas, Frizz, os cilindros tinham matéria inteligente, lembra? — falou Aya. — Isso prova que eram armas!

Ele balançou a cabeça.

— Isso prova que os cilindros tinham um sistema de orientação. E se fossem programados para voar até essa ilha?

— Por que alguém iria bombardear *a si mesmo*? — perguntou Aya.

— Eles não seriam obrigados a mirar nos prédios.

— Isso é verdade — falou Tally. — Aqui é uma ilha, afinal de contas. Os cilindros poderiam cair no oceano, o que os resfriaria após a reentrada na atmosfera, e então seria possível recuperar o metal.

Frizz girou em pleno ar para encará-la, com as mãos agitando as árvores ao redor.

— Você disse que as aberrações estavam recolhendo metal de todos os lugares. Então os impulsionadores de massa podem ser apenas uma solução para enviar o metal para cá.

— É mais fácil do que transportar em segredo por meio mundo. Talvez todas aquelas montanhas vazias que descobrimos já tenham disparado todo o seu metal — observou Tally.

Frizz concordou.

— Isso explicaria por que as criaturas estavam deixando o lugar que você encontrou, Aya-chan. Elas estavam quase prontas para mandar os cilindros para cá.

— Frizz! Por que você está do lado *dela*? — reclamou Aya.

Ele deu de ombros.

— A questão não é de que lado eu estou, e sim qual é a verdade.

— Qual o problema, Aya-la? Está com medo de que sua matéria esteja errada? — riu Tally. — Não me espantaria se estivesse. Se você enxerga o mundo somente através de câmeras flutuantes e canais de notícias, acaba não vendo o que está bem na frente.

Aya tentou responder, mas apenas gaguejou e olhou com raiva para Frizz.

Ele pigarreou.

— Bem, ainda não temos a mínima ideia de *por que* as criaturas querem todo esse metal.

— Elas não estão construindo nada aqui. Só vimos algumas fábricas e armazéns — disse Aya.

Tally ponderou por um instante.

— Você ouviu o que o Udzir disse sobre fazer sacrifícios, certo? Aquilo não pareceu um pouco *sinistro* para você? — perguntou Aya.

— Ele disse que queriam salvar a humanidade. — Tally suspirou. — Historicamente falando, isso pode significar qualquer coisa, desde energia solar até lesões cerebrais pelo mundo afora.

— *Ou* destruição pelo mundo afora!

— Com as cidades se expandindo em larga escala, eu e David ficamos tentados a causar alguma destruição também. — Tally balançou a cabeça. — Às vezes parece que estamos voltando a ser Enferrujados.

— Mas não é possível ser Enferrujado sem metal — disse Frizz, baixinho.

Tally olhou para ele.

— Você acha que as criaturas estão tentando diminuir a expansão?

Frizz deu de ombros.

— É preciso metal para os prédios e linhas de trem magnético, afinal de contas.

— E sem uma malha de aço, nada voa. Nem carros, nem pranchas, nem mansões chiques flutuantes — falou Tally.

— Mas as pessoas não voltariam simplesmente a minerar? — perguntou Aya.

— É mais fácil explodir um robô minerador do que a mansão de uma pessoa — disse Tally, baixinho.

Aya ergueu uma sobrancelha.

— Se alguém estivesse disposto a explodir coisas... em uma circunstância especial. — Tally deu de ombros. — Se é isso que as aberrações estão aprontando, talvez eu até fique do lado delas, desde que parem de sequestrar pessoas.

Aya olhou através da folhagem para as ruínas sendo desmanteladas e ficou atônita diante da ideia de que Frizz e Tally pudessem estar certos.

Se os impulsionadores de massa não eram armas, isso significava que o mundo não ia entrar em uma nova era de conflitos. Se as criaturas tinham descoberto uma maneira de parar a expansão das cidades para a natureza, era sinal de que alguns seres humanos eram realmente sensatos, e que Toshi Banana e similares podiam calar a boca de vez.

Mas, infelizmente, isso também significava outra coisa: que uma idiota de 15 anos de idade chamada Aya Fuse tinha estragado a maior notícia desde a libertação.

IGUAL A UM MACACO

Eles voaram sobre o topo das árvores, com Aya e Frizz segurando as mãos de Tally.

Revoadas brilhantes de pássaros saíram da selva e os macacos guinchavam lá de baixo enquanto o trio passava. Tally precisou arrastá-los até as árvores para esconderem-se dos carros voadores novamente, em meio a uma nuvem de borboletas com asas radiantes, maiores do que as mãos de Aya.

Mas ela sequer notou essas coisas.

A matéria do Destruidor de Cidades tinha parecido ser tão lógica: uma montanha inteira escavada como um *bunker* dos Enferrujados de três séculos atrás. Um impulsionador de massa apontado para o céu, pronto para disparar cilindros cheios de matéria inteligente e aço.

E se ela entendeu tudo errado?

Aya tentou se lembrar em que exato momento teve a certeza de que não precisaria de mais provas.

Quando percebeu como uma arma destruidora de cidades a tornaria famosa?

Os maiores escândalos sempre rendiam as maiores reportagens, apesar de tudo. Isso ela aprendera com Toshi Banana e seus alertas aterradores sobre novos grupos e cortes de pelo de poodles. Foi por isso que todos os canais da cidade apoiaram sua matéria sem questionar. Claro que apoiariam com a mesma empolgação se fosse provado que Aya estava errada.

Seu reinado por um dia como Rainha da Gosma não seria nada comparado a essa humilhação. Talvez a interface da cidade não se importasse com o motivo pelo qual se falava de uma pessoa — ela podia ser talentosa ou simplesmente linda, engenhosa ou apenas desmiolada, preocupada com o planeta ou revoltada com algo insignificante —, mas Aya se importava.

E não queria ser famosa por conta de um alarme falso.

Eles passaram as próximas horas seguindo pela rede de cabos, se escondendo dos guindastes magnéticos e carros voadores, voltando quando esbarravam com caminhos sem saída.

Não foi o mais agradável dos passeios. A ausência de Moggle incomodava como uma constante dor de dentes e o ar úmido e carregado parecia inundar os pulmões de Aya. O macacão de guardião estava ensopado de suor.

Quando Aya reclamou que ela e Frizz não tinham comido nada desde a noite anterior, Tally tirou barras energéticas dos bolsos do traje de camuflagem. Enquanto os dois comiam, ela encontrou e mastigou várias bananas-nanicas, totalmente verdes e com aparência intragável. Aparentemente, seu estômago Especial podia digerir qualquer coisa.

Aos poucos, eles avançaram até o grupo de arranha-céus. Uma série de guindastes repletos de sucata saía das torres e marcava o caminho.

Faltando apenas um quilômetro, Tally puxou Aya e Frizz para dentro da selva.

— Temos que ficar fora de visão pelo resto do caminho.

Aya resmungou.

— Quer dizer que temos que andar de novo?

— Não tenho tempo para vocês brincarem na lama. Apenas mantenham os aparatos calibrados para a gravidade zero e fiquem perto dos cabos.

Tally empurrou os dois com mais força para dentro da selva até que o sol da tarde desapareceu atrás do emaranhado de cipós e galhos.

— Você não vai rebocar a gente? — perguntou Aya.

— Aqui embaixo é meio apertado para dar as mãos. Apenas façam como os macacos. — Tally falou com desdém.

Para demonstrar, ela agarrou um galho próximo e puxou com força, tomando impulso através da vegetação densa. Ao passar por um tronco de árvore, Tally esticou a mão e balançou até parar.

— Viu? É fácil quando a pessoa está flutuando.

Aya trocou um olhar de soslaio com Frizz, soltou um suspiro e procurou um apoio para a mão. Um bambu próximo parecia forte o suficiente, mas ao chegar perto flutuando, ela viu uma criatura com quase um milhão de pernas subindo pelo caule. Com cuidado, evitando o bicho, segurou no bambu e puxou.

O movimento a lançou por alguns metros até que seu avanço foi contido pelo ar tropical carregado e ela parou perto de um tronco de árvore coberto por líquen. Aya virou de lado e deu um chute na árvore, flutuando ainda mais longe pela floresta fechada.

Era uma sensação estranha. Embora seu peso fosse carregado pelo aparato de aerobol, ela ainda tinha muita massa e inércia. Mover-se exigia bastante esforço, especialmente pelo ar úmido. Porém, assim que ganhava velocidade, parar ou mesmo mudar de direção eram igualmente complicados.

Também não ajudava o fato de todas as superfícies estarem escorregadias, grudentas ou cobertas por insetos, e de toda a vegetação ainda estar encharcada pela tempestade. Sempre que atravessava os arbustos, Aya molhava a roupa toda. Mas aos poucos ela pegou o jeito, o cérebro aprendeu a coordenar as tarefas de buscar por um caminho livre de obstáculos, encontrar o próximo objeto para tomar impulso, e evitar teias de aranha e arbustos encharcados.

Flutuando pela densa cobertura das árvores, Aya ficou maravilhada com a riqueza da selva e como ela se entrelaçava. Era algo muito mais complexo do que uma matéria de dez minutos poderia mostrar. Ela imaginou como seria difícil se tornar um guardião. Pelo menos estaria fazendo algo útil ao proteger algo lindo, em vez de divulgar falsas calamidades para um bando de extras entediados.

Após meia hora tomando impulso em cipós, troncos e galhos, Aya percebeu que estava sendo observada.

Uma tropa de uacaris-brancos estava empoleirada em árvores próximas e observava em silêncio enquanto ela e Frizz atravessavam o arvoredo e os cipós. Aya não podia culpá-los pelas expressões atônitas. Ela tinha plena noção dos séculos de evolução que os separava, de sua falta de feições símias e de...

Pés com polegares opositores.

Aya pegou no próximo cipó e parou.

— Você está bem? — perguntou Frizz ao parar ao lado.

Aya concordou com a cabeça.

— Sim, mas acho que acabei de descobrir por que elas fazem aquela modificação corporal bizarra.

— As criaturas? — perguntou e então riu. — Você quer dizer que consegue se concentrar enquanto balança no cipó como... — Frizz foi parando de falar e olhou para os pequenos rostos que os observavam entre a folhagem. — Um macaco?

Ela fez que sim outra vez. Um dos macacos se pendurou pelos pés com os dedos compridos em volta de um galho como uma das mãos.

— Até o Hiro notou quando a gente estava se escondendo e esperando pela Tally-wa... as criaturas são como *macacos*.

— O que vocês dois estão cochichando? Estamos quase chegando! — gritou Tally, impaciente lá na frente.

Aya percebeu que eles estavam falando em japonês e se curvou.

— Desculpe, Tally-wa, mas acho que descobrimos uma coisa. Se alguém se desloca pela selva usando um aparato de gravidade zero, um par de mãos extra é bem mais útil do que pés.

— Como as criaturas? — Tally ponderou por um instante e flutuou mais perto. — Acho que faz sentido ter mais mãos se a pessoa nunca vai tocar o chão.

— Então vai ver que elas estão coletando metal para uma malha gigantesca. Acha que as criaturas querem que as pessoas abandonem as cidades e morem na selva como uma espécie de *macacos* flutuantes?

— E recuar 5 milhões de anos no tempo? — Tally ergueu uma sobrancelha. — Isso é uma maneira muito radical de conviver com a natureza.

— A libertação é radical, Tally-wa — falou Frizz.

Tally suspirou.

— Por que todo mundo acha que a libertação é culpa *minha*?

Frizz olhou para ela e deu de ombros.

— Bem, foi você que começou.

— Não me culpe, eu não mandei o mundo inteiro ficar de pernas para o ar!

— Mas não imaginou que fossem acontecer algumas esquisitices? — perguntou Aya.

Tally revirou os olhos.

— Eu não imaginei que alguém fosse transformar os pés em mãos. Ou se deixar seguir por câmeras flutuantes o dia inteiro. Ou passar por uma cirurgia no cérebro para poder falar a verdade!

Frizz balançou a cabeça.

— Mas nós perdemos tantas coisas na Era da Perfeição que ficamos sem base. Então a gente está tentando e vendo no que dá!

Tally riu.

— E qual a novidade nisso, Frizz? A vida não vem com um manual de instruções. Portanto, não venha me dizer que *eu* sou a culpada pela humanidade não fazer sentido. — Ela deu meia-volta e apontou para as árvores. — De qualquer forma, estamos quase chegando aos arranha-céus. Provavelmente, Shay e Fausto já estão lá.

Acima deles, as torres reluziam sob o sol da tarde entre as árvores. Os andares superiores estavam tomados por vários guindastes magnéticos e o zumbido das serras cortando metal ecoava até eles, lá embaixo.

— Mas como vamos achá-los se não podemos mandar pings? — perguntou Aya.

Tally deu de ombros.

— A gente tenta alguma coisa e vê no que dá.

A PILHA

A selva foi aberta ao redor da base das torres, mas havia pilhas de aço sucateado espalhadas pelas antigas ruas dos Enferrujados.

Aya se lembrou de uma velha brincadeira de crianças em que a pessoa jogava várias varetas no chão e tinha que retirar uma sem mover as demais. Mas em vez de varetas, havia enormes vigas de metal incrustadas em concreto velho e cabos enferrujados.

Não havia sinal das criaturas no nível do chão. Os operários se encontravam no alto das torres, cortando mais metal para a pilha.

— Está vendo o prédio mais alto? — Tally apontou. — Fiquem escondidos até chegarmos lá.

— Você quer dizer para a gente rastejar pela pilha? — Aya olhou para Frizz. — Mas eu ouvi dizer que tem esqueletos de Enferrujados em algumas ruínas.

Tally riu.

— Isso é no norte. Aqui nos trópicos, a selva come tudo. — Ela se enfiou na pilha e avançou pelo entulho e aço.

— Ah, que agradável — comentou Aya e seguiu.

Passar pelos prédios desmantelados era um pouco parecido com andar pela selva. A chuva deixou as vigas molhadas e escorregadias, e o líquen cresceu nas laterais enferrujadas.

Porém, o aço era mais implacável do que a folhagem e o arvoredo. Ao flutuarem atrás de Tally, passando por vigas e pedaços pontudos de concreto, Aya e Frizz ganharam uma coleção de arranhões como se estivessem rastejando por um espinheiro.

— Quando voltarmos para casa, me lembre de tomar uns remédios contra tétano — disse Frizz ao examinar um corte na palma da mão.

— O que é tétano? — perguntou Aya.

— É uma doença que a pessoa pega na ferrugem.

— A ferrugem passa doença? — Aya gritou e afastou as mãos de uma antiga viga de aço à frente. — Não é de estranhar que os Enferrujados tenham sido extintos.

— Shh! — reclamou Tally. — Vem alguma coisa aí.

Através do emaranhado de metal, Aya viu a silhueta de um guindaste magnético carregando um enorme pedaço de arranha-céu, como se fosse um predador com a ossada em aço de um gigante morto na boca. As pontas recém-serradas reluziam sob a luz do sol.

— Imagino aonde eles planejam pousar aquilo — disse Frizz, baixinho.

O guindaste parou bem acima do trio e Aya sentiu a pilha tremer. As vigas vibraram diante da pressão de toneladas de metal velho sobre os campos magnéticos.

De repente, a vibração parou...

— Epa — disse Frizz.

O pedaço do arranha-céu caiu das garras do guindaste.

Aya agarrou a viga mais próxima e puxou com força, disparando para longe.

O esqueleto de aço desabou bem acima dela, o metal bateu e rangeu, a pilha inteira vibrou com a colisão. Caiu uma chuva de ferrugem e pó de concreto sobre Aya, nuvens de poeira capazes de irritar os olhos. Ela viu as vigas de aço envergando ao redor, retorcidas com o peso de mais metal adicionado à pilha.

— Aya! — Ela ouviu Frizz chamar.

Aya virou e viu que o paletó de Frizz estava preso em um emaranhado de velhos cabos. As pontas retorcidas pareciam anzóis furando o tecido. Enquanto ele lutava para soltar os braços, as mangas viraram do avesso e prenderam suas mãos.

Aya deu meia-volta e tomou impulso na direção de Frizz, pegou seus ombros e puxou com toda a força. Ao som de roupa rasgando, ele se soltou e o paletó ficou em frangalhos.

Acima deles, o esqueleto de aço ainda estava se assentando e provocava uma chuva de entulho sobre suas cabeças. A pilha cedia ao redor e a ferrugem se soltava das vigas, que se retorciam em novas formas.

Frizz e Aya voaram quase sem enxergar pela nuvem de pó de concreto e ferrugem por um caminho cada vez mais estreito entre as vigas. Através da poeira, ela percebeu Tally esperando de costas contra uma barra de aço tão larga quanto a sua altura, presa entre duas vigas como um palito mantendo aberta a boca de um gigante...

E cedendo aos poucos sobre a pressão.

— Anda *logo*! — gritou Tally.

Aya chutou com força a viga mais próxima e, junto com Frizz, passaram voando pela cortadora.

Tally pulou atrás deles e abandonou a barra de aço, que escorregou de lado fazendo um barulho de unhas arranhando metal. A barra dobrou e se soltou, quicando de volta ao centro da pilha.

Quando toda a enorme estrutura desmoronou, uma série de dentes metálicos mordeu o espaço que Frizz e Aya tinham acabado de abandonar. O novo pedaço de metal rolou aos poucos até parar sobre a pilha e soltou mais nuvens de concreto no ar.

Os três flutuaram até a torre mais próxima.

— Uau, essa passou perto — murmurou Aya.

— De nada — disse Tally enquanto massageava os ombros.

Aya se lembrou de como ficara intimidada ao ver Tally pela primeira vez. Não era apenas a sua força que impressionava — de alguma forma, ela percebeu o movimento da pilha e colocou uma barra de aço no lugar certo para dar a Frizz os longos segundos que precisava para escapar.

Tally era realmente especial, mesmo que Moggle não tivesse estado ali para registrar a cena.

Aya fez uma pequena saudação.

— Obrigada, Tally-sama.

Frizz ficou simplesmente olhando para a pilha desmoronada, calado e atônito. O rosto estava branco de poeira como um ator usando pó de arroz.

— Sem problema, vocês dois conseguiram manter a cabeça no lugar. — Tally fez um gesto de aprovação.

— Por pouco. — Aya olhou para cima em direção ao guindaste indo embora. — Eles estavam *tentando* nos matar?

— Eles nem nos viram.

— Você me salvou, Aya — disse Frizz, baixinho.

— Não fui só eu... — começou a responder, mas Frizz pegou seus ombros e a puxou para dar um beijo. Os lábios dele tinham gosto de pó de concreto e suor.

Quando eles se afastaram, Aya olhou para Tally, que revirou os olhos.

— Que bom ver que vocês dois estão bem.

— Estamos ótimos. — Aya sorriu para Frizz e olhou para um arranhão no cotovelo. — Tirando o fato de que vou pegar aquela doença dos Enferrujados.

— Fique calma, Shay tem remédio para qualquer coisa. — Tally olhou para cima. — E aí vem ela.

Aya ergueu os olhos para o topo da torre em pedaços. A ruína subia a perder de vista e fachos de luz do sol atravessavam as paredes desmoronadas. Ela ouviu ecos distantes de metal sendo cortado e entulho caindo pelos andares vazios e quebrados.

Enquanto olhava, silhuetas começaram a surgir na escuridão como ondas no ar. Elas adquiriram formas humanas ao descerem e cercarem Aya, Tally e Frizz. Estavam sobre pranchas voadoras totalmente camufladas.

A imagem trêmula de um braço puxou o capuz de um traje de camuflagem e revelou o rosto de Shay.

— Uau, vocês três estão um lixo!

— Como chegaram aqui? — perguntou Hiro ao retirar o próprio capuz. — Passaram por um triturador de pedra?

— Quase isso. — Aya apontou para a pilha que ainda rangia. — Por pouco não fomos esmagados debaixo daquela...

Ela parou. Havia *cinco* silhuetas que vestiam o traje: Hiro, Ren, Fausto, Shay... e mais alguém.

Um rapaz tirou o capuz e revelou um rosto feio e cheio de cicatrizes.

— Você nos encontrou — disse Tally, baixinho.

Ele deu de ombros.

— Foi um pouco complicado depois que você escapou antes do planejado, mas calculei que viria ao lugar de sempre.

Tally virou para Aya e Frizz com um sorriso no rosto.

— Esse é David. Ele está aqui para resgatar a gente.

O LUGAR DE SEMPRE

David levara as pranchas voadoras, assim como a comida de verdade, produzida nas cidades. O ar foi tomado pelos sons de gente comendo e pelo cheiro de refeições instantâneas.

Aya e os demais se instalaram em um andar praticamente intacto na metade do arranha-céu Enferrujado. A equipe de operários mais próxima estava a cem metros acima do grupo, com o som das serras cortando o metal ao fundo, mas não havia chance de eles serem descobertos: o equipamento de resgate de David incluía muitos trajes de camuflagem. O modelo de Aya parecia tão macio no contato com a pele quanto pijamas de seda, embora as escamas da camada exterior fossem duras como aço. Todos estavam praticamente invisíveis do pescoço para baixo, com os corpos se confundindo com as paredes desmoronadas enquanto as cabeças flutuavam de maneira assustadora conforme comiam.

— David nos seguiu até aqui caso a gente não conseguisse escapar por conta própria — explicou Tally entre uma garfada e outra de MacaCurry.

Aya olhou para David. Ela se lembrava dele da aula sobre a libertação, obviamente. O nome era mencionado no famoso manifesto de Tally, em que ela declarava seu plano para salvar o mundo. Durante a Era da Perfeição, David tinha sido um dos Enfumaçados, um grupo que morava na floresta, lutava contra os Especiais do mal e ajudava os fugitivos das cidades. Então era natural que Tally o quisesse por perto agora que vivia no mato também, mas Aya não conseguia entender por que ele estava usando uma máscara de feio.

— Como se alguém conseguisse manter vocês três presos. Minha verdadeira missão era trazer equipamento extra e um carro voador — disse David.

— Teve algum problema para nos localizar? — perguntou Tally.

David balançou a cabeça.

— Nunca fiquei a mais de 50 quilômetros atrás de vocês. O plano teria funcionado perfeitamente se não tivessem decidido pular do carro. — Ele olhou para Frizz.

— Tudo bem, eu já expliquei a Honestidade Radical para eles — disse Hiro ao engolir o macarrão.

— Por que vocês da cidade *cismam* com cirurgias? — murmurou David.

— Mas como vocês se acharam? Pensei que a gente não pudesse mandar pings — perguntou Aya.

— Quando entrei na cidade, parecia que havia sinalizadores queimando no topo dessas ruínas. — David riu, olhando através da parede desmoronada para as fagulhas que caíam. — Achei que vocês estavam me chamando!

— Era assim que a gente entrava em contato com o David antigamente — explicou Shay.

— Depois que descobri o que eram as fagulhas, eu esperei aqui de qualquer forma. Só para o caso de vocês decidirem vir ao lugar de sempre.

— Você sempre soube como me achar — disse Tally com um sorriso amável.

Aya franziu a testa.

— Só não entendo uma coisa, David. Por que você está disfarçado?

— Como é que é?

— Por que você ainda está usando...? — Aya começou a falar. — Ah, isso não é plástico adaptável? Você é realmente um feio?

David revirou os olhos e Shay falou baixinho:

— David nunca fez nenhuma cirurgia. Mas eu não usaria a palavra "feio"... Tally pode comer você viva.

— Eu apenas imaginei que ele fosse um Cortador, mas com... — Ela começou, porém foi calada pelo olhar ameaçador de Tally.

Aya voltou a comer o MacaThai e desejou ter prestado mais atenção às aulas sobre a libertação.

David apontou para uma pequena antena parabólica no chão.

— Estamos prontos para chamar ajuda se você precisar, Tally. Aquela antena está em conexão com um satélite de comunicação e faz transmissões diretas como um laser. Ninguém vai ouvir nada.

Todos olharam para Tally, que parou com os pauzinhos a meio caminho da boca.

— Não quero nenhuma ajuda por enquanto. Ainda não sabemos qual a intenção das criaturas. E começo a pensar que a matéria do Destruidor de Cidades de Aya-la tenha sido um alarme falso.

Todos os olhares se voltaram para Aya, que estava com a boca cheia de macarrão. Ela engoliu devagar, torcendo para que Tally continuasse a falar. Parecia um milhão de vezes mais vergonhoso ter que explicar o erro por si própria.

— É, os impulsionadores de massa podem não ser armas — falou Aya finalmente.

— O que mais eles seriam? — perguntou Hiro.

— Uma maneira de frear as cidades ao livrar o mundo do metal e mandá-lo para cá. — disse Tally. — Sem metal barato não há expansão.

— Você está de brincadeira! Quer dizer que aquelas aberrações estão do *nosso* lado? — exclamou Shay.

— Faz sentido — disse Fausto. — Eles podem até mesmo se livrar do metal de maneira permanente. Basta lançá-lo em órbita. Os cilindros não *precisam* ter que descer.

Hiro soltou um suspiro de revolta.

— Você quer dizer que se enganou a respeito da matéria, Aya?

— *Eu* me enganei? Foram você e Ren que vieram com a ideia do Destruidor de Cidades!

— Porém, a matéria era *sua*, Aya! Nós só demos uma sugestão!

— Mas antes que vocês dois começassem a falar sobre velocidade de reentrada e TNT, eu só queria divulgar as Ardilosas surfando no trem magnético!

Frizz franziu a testa.

— Pensei que você tivesse dito que não ia divulgar isso...

— Vocês medíocres podem fazer *silêncio*? — disse Tally, subitamente com um tom de voz ameaçador. — Querem que aquelas criaturas lá em cima ouçam a gente?

Aya ficou calada e olhou com raiva para Hiro. Já era muito ruim ser culpada por todos os canais da cidade pela matéria estúpida; ela não precisava aturar as acusações do próprio irmão. Olhou para Frizz e torceu para que ele entendesse o que quisera dizer.

— Não se esqueça de que ainda não temos certeza de nada — disse Tally. — Eles podem estar construindo uma centena de impulsionadores de massa aqui, prontos para bombardear todas as cidades do mundo. Talvez a gente tenha que explodir alguma coisa, afinal de contas.

— Estamos quase na Linha do Equador — disse Fausto.

— O Equador? — Tally balançou a cabeça. — O que isso tem a ver com a situação?

— Quanto mais próximo da Linha do Equador, mais rápido a Terra gira e a força centrífuga aumenta. — Fausto fez um gesto de rotação sobre a cabeça. — É como um estilingue dos Pré-Enferrujados. Quanto mais comprido, mais velocidade imprime à pedra. Aqui é o melhor lugar para disparar algo em órbita.

— Então vai ver que *há* impulsionadores aqui! — Aya falou. Talvez sua matéria não fosse uma mentira completa...

— Não fique tão animada, Aya-chan. — Ren ficou de pé e foi até o maior buraco na parede. — Eu não vi nenhuma montanha nessa ilha.

— As mais próximas que notei estão a mais de 100 quilômetros ao norte — disse David.

— Se o impulsionador de massa for escavado ao nível do mar, o projétil é disparado de uma altura muito baixa — explicou Ren. — E em uma ilha tropical há o risco de inundação. Seria um pesadelo.

Aya suspirou. Aquela ilha não era o melhor lugar a partir do qual destruir o mundo. E a sensação de culpa a deixava mais triste com esse fato. Se ao menos as figuras inumanas estivessem tramando *algo* que ameaçasse o planeta ali...

— Então por que eles estão sucateando as ruínas? — Frizz parou para ouvir o eco das serras pela torre. — E por que estão com pressa? No carro voador, Udzir falou que nos soltaria logo.

— Quando ele falou isso? — perguntou Tally.

— Ah, acho que foi na hora em que falamos japonês.

— Obrigada por me informar! — Tally balançou a cabeça. — E eu aqui passando o dia como babá de vocês dois enquanto aquelas criaturas estão se preparando para fazer... alguma coisa!

Ela levantou e estalou os dedos para chamar a prancha voadora. Os outros Cortadores e David ficaram de pé.

— Ótimo, já não aguentava mais esperar — disse Shay.

Aya levantou.

— É, vamos lá obter algumas respostas.

Tally virou para ela.

— Aonde você pensa que vai?

— Ué, com você?

— Esqueça. Vocês quatro vão ficar aqui.

— Aqui? — reclamou Aya. Tinha uma matéria para refazer! — Mas e se vocês não voltarem? Ou se as criaturas acharem a gente?

— Nesses trajes de camuflagem eles nunca verão vocês. — David apontou para a antena parabólica. — E se não voltarmos até o anoitecer de amanhã, vocês podem chamar ajuda.

Tally subiu na prancha. A superfície vibrou um pouco e então desapareceu. Os quatro puxaram os capuzes e logo se tornaram meras ondulações no ar.

— Até mais tarde, medíocres! — A voz de Shay surgiu do nada.

As quatro silhuetas flutuaram e saíram em silêncio pelos buracos da parede quebrada.

— Espere, Tally-wa... — O grito de Aya foi sumindo.

— Eles já foram embora — disse Frizz ao colocar uma das mãos no ombro dela.

Aya afastou o gesto e foi até a parede desmoronada do arranha-céu para olhar a selva. O sol tinha se posto sobre as árvores e o aeroporto das criaturas acendeu no horizonte. As silhuetas dos armazéns e fábricas reluziam contra a escuridão da selva.

Todas as respostas estavam bem diante dela. Tudo o que precisava fazer era correr atrás.

Aya olhou para a própria mão, praticamente invisível na luva de camuflagem...

— Aya-chan, você está pensando em fazer alguma estupidez? — perguntou Hiro.

— Não. — Ela fez uma expressão de determinação. — Estou pensando que não me importo com o que Tally Youngblood diga. Essa ainda é a minha matéria.

— Você é desmiolada — disse Hiro.

— Olhe lá fora. A base das criaturas não é tão distante assim. E nós temos trajes de camuflagem!

— Mas os Cortadores levaram todas as nossas pranchas — disse Ren. — A gente vai ter que *andar* até lá?

— Bem... — Aya franziu a testa e olhou para o chão. — Temos partes suficientes de aparato de aerobol para três de nós. Podemos nos mover bem rápido com isso.

— Você quer que a gente flutue pela selva à noite? — perguntou Frizz. — Já foi bastante complicado quando era possível enxergar!

Ren assentiu.

— Tem animais selvagens lá embaixo, Aya-chan. E cobras e aranhas venenosas.

Aya gemeu. Por que todo mundo de repente estava tão medroso?

— Você só está envergonhada por ter se enganado a respeito da matéria — disse Hiro.

— Não é por isso que estou... — Aya começou a falar e então olhou para Frizz. — OK, é uma *tremenda* vergonha, mas ainda existe uma matéria para ser feita e nós ainda somos divulgadores, certo?

— Na verdade, eu sou mais um fundador de grupo — murmurou Frizz.

— A importância da matéria não vem ao caso — disse Ren. — Nós nem ao menos temos uma... — Ele parou e olhou para Aya. — Hã, cadê a Moggle?

— É claro! — exclamou Aya. — A Moggle pode me rebocar em um aparato de aerobol, talvez até dois de nós. Assim, podemos voar pela floresta acima dos cipós e dos bichos venenosos.

— Mas ela continua lá naquela ruína — disse Frizz.

— Você perdeu a Moggle *de novo*? — gritou Hiro.

Aya balançou a cabeça.

— A Moggle não está perdida, OK? Só ficou esperando nessa ruína que encontramos. Precisamos mandar um ping.

— Essa é uma ideia idiota por duas razões — disse Hiro. — Primeiro, se mandarmos um ping, as criaturas vão descer e capturar a gente. Segundo, um ping não vai além de um quilômetro aqui na selva, sem a interface de uma cidade para repeti-lo.

— Ele tem razão, Aya — falou Ren, abrindo os braços. — Não há nada a fazer a não ser esperar pela Tally.

Aya suspirou e desmoronou no chão.

Se não conseguisse dar um jeito de refazer a matéria, ela seria lembrada para sempre como a feia que desperdiçara a maior notícia desde a libertação, uma divulgadora inútil que precisou de Tally Youngblood para descobrir a verdade por trás dos fatos.

O nome Aya Fuse seria eternamente um sinônimo para mentira.

Ela ergueu os olhos. Por algum motivo, Frizz estava murmurando baixinho com os dentes trincados.

— Você está bem?

— Não é nada... — Frizz fez uma careta. — Quer dizer, *praticamente* nada.

Aya reconheceu a expressão de dor e sorriu.

— Você tem uma ideia, não é?

Ele fez que sim com cabeça e mordeu o lábio.

— É perigosa demais!

— Vamos! Conta para mim! — implorou Aya.

— Transmissão linear! — disparou Frizz, indicando a antena parabólica que David deixara para trás. Ele esfregou as têmporas. — A gente só precisa apontar na direção certa.

Ren assentiu devagar.

— Como David disse, as criaturas não vão ouvir nada.

O sol tinha se posto e o horizonte estava pontilhado pelas luzes dos refletores e pela chuva de fagulhas. A primeira brisa fresca do dia soprou do oceano trazendo o cheiro de maresia.

— Aqui parece ser o lugar — falou Frizz ao apontar para a escuridão. — Duas torres em uma clareira, uma com o dobro da altura da outra.

— Mas as criaturas estão lá de novo. — Aya viu as fagulhas caindo da torre mais alta. — Elas não vão nos escutar?

Ren olhou para a antena parabólica.

— A transmissão só vai atingir uma pequena área e aqueles operários têm um prédio para desmantelar. Por que estariam tentando ouvir sinais aleatórios de rádio?

— Acho que você tem razão. — Aya mexeu os dedos freneticamente, brincando com os controles do traje de camuflagem. As escamas se alteraram e formaram a textura de um caule de árvore ao redor do corpo. O aparato de aerobol ficou completamente escondido debaixo do traje.

— Está vendo aquele guindaste? — Ren apontou para a máquina que saiu da ruína. — Se a Moggle seguir aquele cabo e fizer uma curva lá, chegará aqui em vinte minutos.

Aya concordou com a cabeça e lembrou o caminho tortuoso que Tally percorrera até ali. Embaixo do topo das árvores, a rede de cabos era invisível, porém, dessa altura, o movimento dos guindastes e carros voadores revelava o desenho da malha como se fosse um mapa reluzente estendido na escuridão.

— Vou ficar aqui e guiar a Moggle enquanto vocês esperam lá embaixo. — Ren apontou para uma pilha de entulho espalhada pela selva. — Abaixem os capuzes que vou mandar a Moggle procurar por um par de cabeças brilhando na visão infravermelha.

— Nós somos três — disse Hiro.

Aya virou para encará-lo.

— Foi mal, Hiro, mas a Moggle não consegue rebocar três pessoas.

— Você se esquece que sei voar com um aparato de aerobol. Não *preciso* ser rebocado. — Hiro flutuou e deu uma pirueta no ar para provar. — E não vou deixar minha irmã caçula me passar para trás duas vezes na mesma semana.

Ela sorriu.

— Fico contente que esteja comigo, Hiro.

Ren levou a antena parabólica até a parede de fora, ajoelhou-se e a apoiou sobre uma pilha de entulho. Ele virou com cuidado o disco metálico para a ruína distante.

Luzes brilharam nos controles, mas Ren manteve o olhar no horizonte, ajustando a antena aos poucos, vasculhando a escuridão com o facho invisível.

Longos instantes se passaram assim, com os dedos de Ren movendo o disco tão devagar quanto o ponteiro dos minutos. Não havia som na sala a não ser o barulho das serras metálicas acima.

— Ainda não acredito que a gente se enganou a respeito da matéria — murmurou Hiro.

Aya sorriu.

— Obrigada por dizer *a gente*, Hiro, mas você tinha razão. Foi minha culpa.

— Você está com sorte de ter uma segunda chance — resmungou ele.

— Talvez...

— Não, com certeza — disse Ren ao olhar para os controles piscando. — Finalmente consegui uma resposta!

— A Moggle está bem? — perguntou Aya.

— Parece que sim daqui. Até as baterias estão recarregadas. Ela deve ter encontrado um lugar ao sol!

Quando Aya se deu conta, estava sorrindo. Ela possuía uma câmera flutuante outra vez.

— Vamos andando — falou Hiro. Ele flutuou até um buraco no chão e sumiu de vista ao mergulhar. Frizz o seguiu, tomando impulso para baixo com as mãos.

Antes de pular, Aya virou para Ren.

— Você vai ficar bem aqui, sozinho?

— Claro, só não me deixem aqui por muito tempo. — Ele deu um tapinha na antena parabólica. — Se ninguém voltar em 24 horas, eu vou divulgar isso para o mundo todo.

VOO NOTURNO

Eles desceram pelo esqueleto de ferro da torre e passaram na escuridão pelos pisos destruídos, como se fossem mergulhadores explorando um antigo navio afundado. O barulho das serras desapareceu lá em cima enquanto as trevas cresciam ao redor de Aya.

Com Moggle a caminho, ela finalmente poderia compensar aqueles momentos em que estivera sem uma câmera ao voar sobre a floresta. Não que imagens da natureza tornassem alguém famoso, pelo contrário. Como Miki dissera, o princípio da fama era ser óbvio e a selva escondia muita coisa.

Mas Aya queria registrar seu esplendor discreto mesmo assim.

— Por *aqui*? — perguntou Hiro quando ela pousou no térreo, apontando para a pilha de aço e entulho.

— Sim, mas espere um minuto, um guindaste está descendo.

Eles ficaram nas sombras e observaram até que o guindaste magnético soltasse a carga de ferro-velho. O metal rangeu e dobrou, pulverizando o concreto enquanto o novo entulho se ajustava sobre a pilha.

— OK, vamos rápido antes que outro venha — falou Frizz.

Hiro tinha disparado pelo labirinto tortuoso sem olhar para trás. Aya jurou aprender a usar direito um aparato de aerobol algum dia. Flutuar em gravidade zero era mais veloz do que se arrastar, porém ainda era muito devagar quando pilhas de aço estavam sendo jogadas ao redor.

Avançar pelo entulho pareceu levar uma eternidade. Enquanto as torres ficavam para trás, cabos soltos pendurados nas vigas agarravam Aya na escuridão. Apenas a blindagem do traje de camuflagem a protegeu de vários cortes que podiam transmitir tétano. E era inevitável imaginar que surgiria outro guindaste acima, trazendo uma massa gigante de ferro-velho para esmagá-los.

A selva finalmente foi ficando mais próxima. Os cipós se misturavam ao emaranhado de metal ao redor de Aya e o zumbido dos insetos abafava o barulho distante das serras. Ela mal conseguia enxergar, mas o grito baixinho dos pássaros a guiou até o limite da pilha.

— Uau, é completamente diferente à noite. — A voz de Frizz surgiu das trevas.

Era verdade — a selva tinha se transformado. O calor opressor passou e uma centena de sons indefinidos ecoava pela escuridão. O ar estava carregado pelo intenso perfume de plantas noturnas. Sombras vistas de relance passavam pelas estrelas.

— Tirem os capuzes. A Moggle está esperando localizar nós três na visão infravermelha — falou Hiro.

Aya puxou o capuz e imediatamente atraiu um enxame de insetos. A nuvem era tão espessa que o primeiro fôlego que tomou com o susto atraiu vários deles para sua boca. Ela cuspiu.

— Esses mosquitos estão me tirando do sério!

O som de um tapa veio da direção de Frizz.

— Temos que tomar remédios contra a malária quando voltarmos para casa.

— O que é malária? — perguntou Aya.

— Uma doença transmitida pela picada de um tipo de mosquito.

— Argh! Não tem nada nessa selva que *não* passe uma doença?

— Ei, Frizz. — A voz de Hiro chamou da escuridão. — Como é que você sabe dessas coisas, afinal?

— Quando eu estudei sobre cirurgias cerebrais, fiz algumas aulas de medicina. Talvez eu me torne um médico assim que a Honestidade Radical ficar velha.

— Ela *já* é velha — falou Hiro.

— Um médico? — Aya espantou um zumbido perto da orelha. — Eu não sabia disso.

Frizz riu.

— Mesmo com a Honestidade Radical, tem um monte de coisas que você não sabe sobre mim.

— Esperem um pouco! Vocês ouviram isso? — sussurrou Hiro.

Eles ficaram calados e um som surgiu entre o zumbido da selva. Algo hesitante e cauteloso que avançava pelos cipós e fazia ranger os galhos acima deles.

Aos poucos foi chegando mais perto.

— Hã... olá? — chamou Aya baixinho.

Um reflexo da luz das estrelas surgiu entre o emaranhado de cipós. Ela reconheceu as lentes balançando alegremente no ar.

— Ei, para variar eu ainda consigo enxergar! — disse Aya, sentindo um sorriso surgir no rosto.

Ela finalmente possuía uma câmera flutuante outra vez.

Eles voaram tão rápido que nem os mosquitos conseguiram alcançá-los.

Aya passou um braço por Moggle e outro bem apertado por Frizz. A câmera flutuante os rebocou pelo topo do arvoredo enquanto seguia a rede de cabos até a base das criaturas. Hiro voou junto e ficava visível apenas nos breves momentos em que o traje de camuflagem tapava as estrelas no céu.

Suspensa sobre o mar escuro de selva, com o vento incessante percorrendo o corpo, Aya sentiu que a jornada era quase como surfar um trem magnético. Mas isso era melhor do que qualquer trem porque as correntes magnéticas eram invisíveis e silenciosas, então, ela podia ouvir os sons dos pássaros, morcegos e criaturas desconhecidas passando em ambos os lados.

Aya imaginou onde as Ardilosas estariam agora. Provavelmente ainda escondidas, esperando que a fama indesejada passasse. Sentia falta delas e, de um jeito curioso, Tally Youngblood lembrava o jeito de Lai — ou seja lá qual fosse seu nome agora. Lai estava em guerra com a reputação e os méritos; Tally lutava contra a programação Especial em sua cabeça. As duas queriam desaparecer, mas continuavam fazendo coisas que as tornariam famosas.

E ambas eram praticamente desequilibradas. Aya se lembrou do olhar assassino que recebera ao chamar David de feio. Do que mais deveria chamá-lo? De lindo?

Será que Tally *gostava* dele? Mas ela disse que não beijava ninguém desde...

— Aya? — A voz de Hiro surgiu do lado. — Estamos chegando.

Aya vasculhou o horizonte escuro e viu carros voadores e guindastes em todas as direções com os faróis e refletores convergindo para a base das criaturas.

Hiro surgiu momentaneamente no campo de visão e acenou com a mão escura como o céu para que eles se abaixassem na cobertura das árvores.

Todos desceram, Moggle foi diminuindo a velocidade, e a escuridão da floresta os envolveu. Aya fechou bem o capuz quando pararam, para que não entrasse nenhum inseto.

— Está vendo aquele guindaste? — perguntou Hiro.

Atrás deles, um guindaste se aproximava carregado de ferro-velho. A selva gemia e rangia ao reclamar da pressão exercida pelas toneladas de metal sobre os cabos espalhados pelo arvoredo. Gritos inquietos e asas batendo agitaram o ar úmido e perfumado.

— É bem difícil não ver — disse Aya. Nuvens de insetos dançavam ao redor dos refletores e ela se perguntou se a pintura de Moggle a deixaria tão invisível quanto os trajes de camuflagem. — Talvez seja melhor a gente descer mais.

— Não, a gente tem que segui-lo ao entrar — falou Hiro.

— Segui-lo?

— Seja lá qual for o plano das criaturas, ele envolve metal, certo? Vamos ver para onde estão levando aquele ferro-velho.

Aya observou a aproximação constante da máquina. Havia enormes vigas nas mandíbulas junto com fios e canos — eram as entranhas de metal dos prédios dos Enferrujados. Parecia uma imensa fera terminando uma refeição.

— OK, mas mesmo com a camuflagem, temos que ter cuidado — disse Frizz.

— Sem problemas — devolveu Hiro. — Viu como os faróis percorrem toda a borda e apontam para fora? Se flutuarmos debaixo do guindaste, ficaremos bem no meio deles.

Aya assentiu.

— E as luzes vão atrapalhar a visão de qualquer um que olhe para nós lá em cima.

Com as sombras se mexendo pela selva, Aya se aproximou da árvore ao lado e sentiu o traje de camuflagem imitar o caule áspero. Os cabos cederam ao redor, os galhos entortaram e rangeram, e o aparato de aerobol tremeu diante das correntes magnéticas.

Quando as mandíbulas do guindaste passaram por cima deles, Aya ficou com a garganta apertada. Enquanto o pó de concreto caía, ela teve que se convencer de que as criaturas não jogariam o ferro-velho de qualquer maneira na selva.

Pelo menos era o que ela esperava.

Finalmente o conjunto de faróis ficou diretamente acima deles.

— Agora! — disse Hiro ao disparar para cima.

Aya agarrou Moggle.

— Vamos, Frizz!

A câmera flutuante puxou os dois para o alto e Aya perdeu a visão por um momento. Mas logo ela e Frizz chegaram à escuridão da parte inferior do guindaste. Os faróis apontavam para fora em todas as direções, zumbiam com energia e faziam o ar fresco da noite tremer com o calor.

— Bela vista, hein? — falou Hiro.

Aya olhou para a selva reluzente embaixo deles.

Vários pássaros fugiam diante da aproximação dos sustentadores, enquanto nuvens de insetos seguiam seu avanço com as asas brilhando em tons de azul e laranja, e animais noturnos observavam assustados com olhos atentos a estranha máquina que voava acima.

— Espero que esteja gravando, Moggle — sussurrou Aya.

— Lá está a base — disse Frizz.

Havia uma linha reluzente no horizonte à frente deles. A base das figuras inumanas estava a poucos quilômetros de distância agora.

PRODUÇÃO EM MASSA

A selva ficou para trás, como se terminasse em uma linha perfeita. De repente, a malha magnética chegou ao fim.

Os cabos não eram mais necessários porque havia enormes pedaços de aço fincados no chão de terra batida. De poucos em poucos metros, vigas de metal haviam sido enfiadas até a metade no solo como velas tortas de um bolo de aniversário sem fim.

— Olha só para essa malha magnética. Isso é que é ter metal sobrando! — falou Frizz.

— É tão tosca. Essas vigas ainda estão enferrujadas, como se tivessem sido arrancadas agora mesmo das ruínas — disse Hiro.

Aya franziu a testa. Até então eles não tinham visto nenhum caminho ou trilha magnética, apenas fossas de drenagem com a água da tempestade pela metade daquela manhã.

— Esse lugar inteiro dá a impressão de que eles chegaram aqui há poucos dias.

— Ou que estão prestes a sair — falou Hiro.

— Shh! — Frizz apontou para baixo.

Uma figura inumana se moveu lá embaixo pegando impulso de uma viga até outra, como um pássaro pairando entre galhos.

— Ela deve ser nova — sussurrou Hiro. — Viu como tem que pegar impulso para se mover? Não é uma boa técnica de aerobol. Ela deve ter ajustado para gravidade zero, como vocês dois.

— Não sei — disse Aya, que achou o voo da mulher gracioso como um movimento de coreografia bem ensaiado. — Eu vi um bando de aberrações do alto do carro voador e todos se movimentavam dessa forma.

Hiro falou com desdém.

— Para que usar aparatos de aerobol se a pessoa não vai operar da maneira correta?

— Boa pergunta — disse Frizz, baixinho.

O guindaste foi embora e seguiu por uma fileira de edifícios baixos, todos idênticos à exceção dos telhados pintados com padrão de camuflagem.

Aya sentiu um calor emanando dos prédios e percebeu que os telhados ondulavam e sacudiam como velas.

— São apenas grandes tendas — sussurrou Frizz.

— Então esse lugar é realmente temporário. Não é uma cidade de forma alguma — disse Hiro.

O guindaste parou com as mandíbulas exatamente em cima de uma enorme pilha de ferro-velho. Robôs carregadores entravam e saiam, levando embora vigas individuais e cabos emaranhados.

Diante de algum tipo de sinal inaudível, todos os robôs carregadores se afastaram.

— Olhem lá embaixo — falou Frizz.

As mandíbulas do guindaste se abriram e a massa de ferro-velho caiu sobre a pilha. Metal bateu contra metal, produzindo um som furioso, e a massa reluziu sob os refletores enquanto se dobrava e assentava. O guindaste começou a girar sobre a cabeça deles e apontou de volta para a floresta.

— É aqui que a gente desce. Viu alguém por perto? — perguntou Aya.

— Qualquer operação tão perigosa assim provavelmente é automatizada — falou Hiro. — Além disso, estamos usando trajes de camuflagem. Apenas calibrem os aparatos um pouco acima da gravidade zero para que fiquem mais perto do chão.

Ele caiu. A silhueta ficou aparente sob os faróis.

— Hiro, cuidado! — sussurrou Frizz.

Aya calibrou o aparato.

— Vamos, Moggle.

Ela tomou impulso no fundo do guindaste e flutuou até pousar suavemente ao lado da pilha. Os três ficaram agachados ali, os trajes se misturaram ao emaranhado de ferro-velho enquanto o guindaste voltava para a selva. A luz dos faróis foi embora e os deixou na escuridão.

— Viu? Não há refletores aqui. É tudo automático — disse Hiro.

Ele começou a flutuar em direção aos prédios da fábrica.

— Hiro! — chamou Aya. — Os pequeninos estão voltando!

Os robôs carregadores que eles tinham visto de cima vieram de todas as direções para a pilha de ferro-velho. Pareciam com mãos gigantes que flutuavam e cada dedo de metal era tão comprido quanto Aya.

Um estava indo diretamente para Hiro com os dedos abertos...

Ele disparou para cima e o robô ficou flutuando logo abaixo, ainda apontando para a pilha.

— Ei, olhem, eles não podem me ver!

Hiro deu algumas piruetas no ar e a camuflagem virou um redemoinho flutuante enquanto outro robô passou por baixo.

Frizz riu.

— Os robôs só devem ter visão infravermelha. Estamos completamente invisíveis!

Aya franziu a testa. Invisível ou não, Hiro estava curtindo demais aquelas roupas. As tendas enormes não ficavam muito longe e eles já tinham visto uma criatura ali fora no escuro.

Outro robô carregador flutuou ao lado de Aya e a ignorou ao apontar para a pilha. Moggle pulou de suas mãos, mas o robô estava muito concentrado para notá-la e mexeu no emaranhado até que os enormes dedos encontraram uma viga. Eles se fecharam ao redor do metal e puxaram, arrastando um nó de cabos que quase derrubou Aya.

— Ei, cuidado! — disse ela. O robô a ignorou e levou a viga em direção às tendas baixas.

— Vamos. — Frizz puxou Aya e quicou ao dar um passo quase em gravidade zero. — Esses troços podem voar na sua direção e nem notar.

Aya concordou com a cabeça.

— Acho que ser invisível é meio perigoso.

Eles deram outro longo pulo até a borda da tenda mais próxima, onde Hiro e Moggle olhavam pelo vão entre a lona e a terra.

A tenda cobria um poço bem-iluminado, com aproximadamente 10 metros de profundidade. Havia vigas enferrujadas por toda parte reluzindo sob os refletores. Uma criatura usando máscara de respiração flutuava e borrifava do alto uma espécie de gosma sobre uma pilha de ferro-velho. Parecia a espuma de um extintor de incêndio, só que era prateada e fervilhava.

A gosma começou a borbulhar e o metal passou a se contorcer. Pedaços de concreto e ferrugem foram cuspidos, nuvens de pó encheram o ar.

— Ei, Aya, lembra daquela matéria chata que você divulgou sobre reciclagem há um ano? — sussurrou Hiro.

— Sim. — O nariz de Aya captou um cheiro parecido com o de chuva prestes a cair. — Devem ser nanoestruturas, são parecidas com matéria

inteligente, mas não tão inteligentes. Com elas é possível purificar aço antigo ou criar ligas mais fortes.

— Nanoestruturas podem devorar prédios inteiros se não houver cuidado. É por isso que estão trabalhando em um poço, caso percam o controle — disse Hiro.

— Então as aberrações podem usar as nanoestruturas como armas, certo?

Hiro falou com desdém.

— Se é isso que você quer ouvir.

— Só estou dizendo que o que eles estão fazendo lá embaixo não é exatamente sushi. Espero que esteja gravando, Moggle.

A criatura nadou pelo ar até uma viga enferrujada que um robô carregador tinha acabado de trazer e a borrifou com a nanoestrutura prateada. Outra onda de calor emanou da tenda.

O robô se afastou da massa de metal retorcido e foi em direção à outra pilha de ferro-velho que já havia sido tratada. As nanoestruturas borbulhantes estavam se dissipando e deixaram um pedaço reluzente de aço. O robô fechou os dedos enormes em volta do metal e o retirou da tenda.

— Vamos ver o que acontece a seguir — disse Hiro.

* * *

Debaixo da próxima tenda havia outro poço com uma pilha de aço purificado em uma ponta e, na outra, uma dúzia de objetos curvos, feitos de cabos finos e entrecruzados como esqueletos de arame.

— Nanoformas — disse Hiro.

— Você falou sobre elas na sua matéria sobre os buracos na parede, certo? — disse Aya, assentindo.

— Sim, mas eu divulguei aquilo há anos. — Hiro fez uma pausa. Eles observaram o robô carregador levar o pedaço de metal pelo poço. Outra criatura flutuante acompanhou o trajeto fazendo gestos com os dedos.

— Isso parece divertido — falou Aya ao olhar sobre o ombro para ter certeza de que Moggle estava gravando. — Viu como aquele robô segue todos os movimentos da própria mão?

A nanoforma ficou branca de tanto brilhar. Tinha aproximadamente 15 metros de comprimento e curvas como o casco de um barco.

— Os buracos na parede são compostos por nanoformas — explicou Hiro.

— Hum, isso sempre me deixou curioso — falou Frizz.

O pedaço de metal dentro da nanoforma começou a ficar vermelho. As bordas amoleceram como um cubo de gelo derretendo. Saiu uma onda de calor de dentro da tenda.

Aya apertou os olhos, que ardiam. A impressão era a mesma de estar próxima demais a uma fogueira.

— Uau, por que a minha parede nunca fica quente assim?! — exclamou Frizz.

— Porque você nunca fez algo tão grande assim — disse Hiro.

Agora o metal fluía pela nanoforma como um líquido viscoso enquanto adquiria seu formato, enchendo os espaços entre os cabos como a pele recobrindo um esqueleto. Quando se espalhou por toda a nanoforma, o aço começou a esfriar e voltou a se solidificar. A criatura já estava guiando o robô carregador para colocar outro pedaço de metal dentro da próxima nanoforma.

— Fica então a questão: o que todos esses objetos formam quando são reunidos? — perguntou Frizz.

Aya olhou para as peças. Todas tinham leves curvas, mas ela não conseguia entender como se juntariam.

— Parecem com cascos de barcos.

— Ah, a canoa de puro aço que está tão em moda... — disse Hiro com desdém.

— Eu disse que *parecem* com barcos.

— Não adianta ficar adivinhando. Vamos andando até chegarmos ao fim — disse Frizz.

A próxima tenda era muito maior, tão larga quanto um campo de futebol.

O poço embaixo tinha pelo menos 40 metros de profundidade e era cheio de peças de metal já finalizadas e um emaranhado de circuitos. Várias criaturas flutuavam no interior, cada uma manipulando um par de robôs carregadores em formato de mão. O metal quente batendo e se fundindo enchia o ar de rangidos e borbulhas.

Enquanto avançava de mansinho pela tenda, Aya viu como o sistema funcionava. Cada figura inumana acrescentava uma nova peça e então passava adiante, mal parando entre um trabalho e outro.

— Uma linha de montagem como uma velha fábrica Enferrujada — falou Frizz.

— Só que muito maior graças àquelas mãos robóticas — disse Hiro.

Aya assentiu ao lembrar o termo Enferrujado para esse sistema: produção em massa. Em vez de criar coisas apenas quando as pessoas precisavam, como fazem os buracos na parede, as fábricas dos Enferrujados produziam enormes quantidades de *produtos*. O mundo inteiro competia para esgotar os recursos o mais rápido possível.

Os primeiros cem anos de produção em massa criaram mais bugigangas e brinquedos que todos os séculos da História, mas também cobriram o planeta com lixo e esgotaram seus recursos. Para piorar, a produção em massa era a maior forma de transformar as pessoas em extras. Elas ficavam o dia inteiro realizando a mesma tarefa a toda hora, cada trabalhador era uma parte minúscula da máquina. Anônimo e invisível.

Ao se aproximarem do fim da tenda, finalmente ficou evidente o formato das peças produzidas ali. Havia uma delas naquele lugar, quase da mesma altura da profundidade do poço, com laterais curvas que eram mais grossas no meio. A peça era lisa e aerodinâmica, a parte de cima terminava em uma ponta aguda. Tinha protuberâncias para controlar o voo nas laterais, como as barbatanas de um tubarão.

Aya também se lembrou de uma aula de História que ninguém poderia esquecer e se deu conta de que o plano das criaturas não precisava mesmo de impulsionadores de massa, matéria inteligente ou qualquer coisa mais avançada do que a velha tecnologia dos Enferrujados.

A coisa terrível diante dela era um míssil — um tradicional Destruidor de Cidades, pura e simplesmente.

E de poucos em poucos minutos, outro míssil saía da linha de montagem.

— Viu, eu estava certa mesmo — murmurou Aya.

Hiro concordou devagar com a cabeça.

— Mas eu queria que não estivesse.

— Porém, isso aqui não faz nenhum sentido — disse Frizz. — Por que construir todos aqueles impulsionadores de massa e aí então usar mísseis tradicionais?

— Talvez deixar cair cilindros de aço do céu não fosse maligno o bastante para eles — disse Hiro. — Imagine tudo o que os velhos mísseis Enferrujados levavam: nanoestruturas, microrganismos de guerra biológica, até mesmo bombas nucleares.

Aya engoliu em seco.

— Então, a questão não é esgotar as reservas de metal ou mesmo destruir algumas cidades. É...

— Matar todo mundo — concluiu Hiro.

— Assim eles tiram metal de ruínas do mundo inteiro, disparam até aqui e lançam de novo contra nós? — Frizz fez que não com a cabeça. — Isso não é um pouco complicado?

— Você ouviu o que o Fausto disse. O Equador é o melhor ponto de lançamento — falou Hiro.

Aya concordou com a cabeça e sentiu uma onda de alívio misturado com culpa. A matéria era verdadeira, só que ela fora muito otimista. Bombas nucleares, nanoestruturas, microrganismos — seja lá o que for que os mísseis levassem, seria cem vezes pior do que metal caindo do céu.

— Mas bastou apenas um único míssil Enferrujado para destruir uma cidade inteira. Por que estão fabricando tantos? — perguntou Frizz.

— A humanidade sobreviveu à praga do petróleo — disse Aya, tremendo. — Talvez eles queiram ter certeza de que vão matar todo mundo dessa vez.

— Temos que avisar a Tally — disse Hiro.

— Como? — perguntou Aya. — Ela provavelmente está a mais de um quilômetro de distância. E as aberrações vão nos pegar se apenas tentarmos mandar um ping.

— Então temos que voltar para a ruína e usar aquele transmissor para divulgar a existência desse lugar para o mundo inteiro.

— Mas Tally disse para esperar!

— Ela pensou que as criaturas pudessem estar do seu lado, mas pelo visto não estão do lado de *ninguém* — disse Hiro.

Frizz balançou a cabeça.

— Mas e se nós estivermos errados? Você quer cometer o mesmo erro duas vezes, Aya?

Frizz e Hiro a encaravam como se ela fosse responsável pela segurança do mundo inteiro. Mas Aya ainda achava que a matéria era dela. Certa ou errada, a história se lembraria de Aya Fuse como a pessoa que a divulgara.

Ela suspirou.

— OK, antes que a gente faça alguma coisa, vamos ter certeza absoluta. Precisamos ver mais de perto.

No fundo do poço, havia três robôs carregadores próximos ao míssil recém-construído. Esticando os dedos de metal, eles o viraram de lado com cuidado e levaram para fora da fábrica.

Aya vasculhou a escuridão, mas não viu nada além das silhuetas distorcidas das vigas saindo do chão.

— Não tem ninguém por perto.

— Esses robôs devem ser automatizados — disse Hiro ao apontar com um dedo da mão negra. — Olha para onde eles estão indo.

Havia um prédio mais alto ao longe. Muito mais sólido do que a escuridão, ele estava encoberto nas trevas.

Hiro flutuou à frente, enquanto Aya e Frizz agarraram Moggle. A câmera flutuante os rebocou rente ao solo através das vigas.

— É meio estranho que a gente tenha visto tão pouca gente — observou Frizz.

— Acho que é por causa dos mosquitos. Se nós não estivéssemos com esses trajes, já teríamos sido devorados.

— Talvez, mas você não acha que quem planeja destruir o mundo com bombas nucleares não usaria repelente?

Aya se lembrou do que vira dentro do carro voador — várias criaturas enfrentando o vento e a chuva ao navegarem pelas vigas. Mas nessa noite tranquila não havia ninguém do lado de fora. Será que estavam todos ocupados fabricando armas?

Enquanto se aproximavam do prédio na escuridão, os robôs carregadores colocaram o míssil em pé de novo, devagar. Duas portas enormes se abriram e revelaram um imenso espaço no interior. A luz laranja dos refletores vazou pelo chão de terra batida.

Os robôs levaram o míssil para o interior.

Os três flutuaram até a borda da imensa passagem e olharam para dentro do prédio.

— Nada além de um bando de peças. Sem gente até onde eu vejo — disse Hiro, baixinho.

As portas começaram a se fechar.

— O que faremos? — perguntou Frizz.

— Temos que ver esse troço mais de perto — disse Aya. Ela se esgueirou pela porta que se fechava devagar, seguida por Frizz e Hiro. Eles entraram momentos antes das portas baterem com um estrondo que ecoou pelo prédio.

— Que beleza. Ficamos presos agora — sussurrou Frizz.

O míssil estava diante deles ainda sendo segurado pelos três robôs carregadores.

Dezenas de pequenas plataformas flutuavam no ar como robôs garçons em uma festa, só que imóveis. Em cima delas havia instrumentos, ferramentas, peças eletrônicas e objetos completamente misteriosos aos olhos de Aya.

— Filme isso — disse ela para Moggle.

— Esse deve ser o próximo passo na linha de montagem, onde eles fazem todo o trabalho delicado à mão — falou Hiro.

— Então onde estão as criaturas? Não vimos nenhuma desde a última tenda — perguntou Frizz.

— Acho isso meio preocupante.

O som de um assobio encheu a sala.

Frizz assentiu.

— Totalmente preocupante.

Aya olhou para cima. Flocos parecidos com neve caíam do céu, só que brilhantes. Perto do teto flutuava um enxame de pequenos robôs que borrifava nuvens brancas e reluzentes.

Ela pegou um dos flocos e o viu derreter na palma da mão. Com a luva do traje de camuflagem, não foi possível dizer ser era quente ou frio.

— Talvez seja uma espécie de espuma contra incêndio — sugeriu Hiro.

Aya franziu a testa.

— Mas não há nada pegando fogo.

— Talvez eles se preocupem *demais* com a segurança — sussurrou Hiro.

— Não acho que a questão seja segurança. Olhe para nós! — disse Frizz.

Aya virou para Frizz e ficou de olhos arregalados. Pontos brilhantes tinham surgido por todo o traje de camuflagem. Ela viu outro floco cair no ombro dele, derreter e deixar uma suave marca branca. Seus próprios braços estavam cobertos por flocos luminosos.

— Vocês dois estão completamente visíveis. — Hiro olhou para si mesmo. — Eu também!

Frizz balançou a cabeça.

— Eles sabem que estamos usando trajes de camuflagem!

— Isso quer dizer que sabem onde estamos... — A voz de Aya sumiu. Os três robôs carregadores se afastaram do míssil, viraram ao mesmo tempo e se aproximaram flutuando pelo ar.

Os dedos enormes se abriram...

MÃOS

— Moggle, eu preciso de você! — gritou Aya.

Hiro já tinha voado para o teto. Um dos robôs virou para segui-lo, enquanto os outros dois foram em direção de Aya e Frizz.

— Pule! — Frizz agarrou a mão dela e tomou impulso com força contra o chão.

Eles dispararam pelo ar, rodopiando freneticamente um ao redor do outro como um par de aerobolas amarradas. Os flocos giravam em volta dos dois como uma nevasca brilhante.

— Solte... *agora*! — gritou Frizz.

Ele soltou a mão de Aya e os dois voaram em direções opostas. Os robôs carregadores passaram entre eles, porém erraram por poucos centímetros.

Rodopiando de ponta-cabeça, Aya viu um trecho da parede vindo em sua direção. Ela dobrou os joelhos e chutou com os dois pés, com o máximo de força. O metal retumbou e tremeu com o impacto quando Aya quicou para longe.

— Moggle, aqui! — berrou Aya de novo.

A câmera flutuante ziguezagueou pelo ar embaixo dela com a pintura preta pontilhada de branco. Voou sem saber para onde ir como se os flocos brilhantes tivessem afetado sua visão.

— Por aqui! Siga a minha voz!

Um robô carregador foi na direção de Aya com os dedos abertos e esticados para ela...

Moggle acertou Aya como um soco no estômago e a tirou do alcance do robô.

Ela gemeu e se contorceu. Seus braços agarraram a câmera e seus dedos tentaram achar apoio nas laterais lisas. A mão gigante virou para segui-la, mas o robô era lento, pois fora projetado para carregar peso, não para perseguir pessoas.

— Suba! Depressa!

A câmera flutuante obedeceu e subiu em direção ao telhado. Os dedos dos robôs se fecharam debaixo dos pés dependurados de Aya.

Hiro mergulhou com as mãos unidas e passou por ela ao descer. A camuflagem estava coberta pela neve branca, era uma constelação cintilante no formato de Hiro. Outro robô o seguia de perto, deixando um rastro de redemoinhos de neve brilhante.

— Frizz? — chamou Aya, procurando por ele, que dava saltos pelo ar enquanto uma mão gigante estava a poucos metros atrás.

— Por ali, Moggle! — gritou. A câmera tremeu em seus braços e virou para qualquer lado, quase saindo de suas mãos, e então rumou em linha reta para o telhado. — Não, *não para cima*!

Aya ouviu Frizz gritar lá embaixo e olhou. Ele quicou em uma parede e foi em direção aos dedos de um robô. A mão se fechou ao redor enquanto Frizz se debatia.

— Hiro! Você tem que ajudar Frizz!

— Não posso! — gritou ele de volta, agitando braços e pernas freneticamente. — Tem algo de errado com meu aparato!

— Desça, Moggle! — Aya soltou um berro frustrado. — Agora!

A câmera finalmente obedeceu e deu um mergulho repentino. Os pés de Aya sacudiam atrás dela e um tornozelo bateu contra a palma de metal do robô que a perseguia, a dor a fez ver estrelas. Quando conseguiu enxergar de novo, Moggle ainda continuava mergulhando em direção ao chão.

— Não tão rápido!

Mas, de repente, a câmera se tornou um peso morto de metal. Moggle perdeu a energia completamente e arrastou Aya como uma âncora para o chão duro e sujo.

— Moggle! Acorda!

Não houve resposta e Aya a soltou, tentando girar o corpo para abaixar os pés e tomar impulso para pular outra vez. No entanto, de alguma forma, ela não estava mais com gravidade zero. O aparato de aerobol encontrava-se tão inerte quanto Moggle.

Aya continuou a descer cada vez mais depressa. O chão levantou como um imenso punho e um estrondo percorreu seu corpo.

E, por um longo instante, Aya nadou em um mar de escuridão...

UM VELHO AMIGO

Algo grande e duro espremeu Aya e comprimiu seus pulmões. Ela se deu conta de que era o chão. Estava deitada sobre a terra batida, com a gravidade restaurada, e cada respiração doía como se tivesse uma faca entre as costelas.

— Aya?

Ela abriu os olhos e se virou, sentindo dor. Havia um rosto sem expressão olhando para Aya, sem nada além de silhuetas cinzentas onde deveriam estar uma boca e olhos, salpicado de pontos brancos brilhantes... uma máscara de traje de camuflagem.

— Frizz? — disse, ofegante. Descobriu que falar também doía. — O que aconteceu?

— Parece que pegaram a gente.

— Ah, é. — Aya se lembrou dos últimos minutos enquanto tremia ao respirar. Catalogou todos os pontos que doíam: costelas, ombros, tornozelo esquerdo. Sentiu o traje de camuflagem formar texturas aleatórias, estava danificado pela queda. Mas a blindagem provavelmente a salvou de ferimentos mais graves. — Vocês dois estão bem?

— Sim, mas a sua queda foi bastante feia — disse Hiro.

Ela gemeu.

— Não me diga. Acho que tem algo errado com a Moggle.

Frizz assentiu.

— O traje de Hiro também parou de funcionar.

— Sua câmera flutuante não foi danificada — disse uma voz estranha em inglês.

Aya ficou de pé e procurou quem tinha falado.

Mas não havia ninguém ali a não ser Frizz e Hiro.

Visto do piso do enorme prédio iluminado por uma luz laranja, o míssil inacabado parecia um arranha-céu. Os três robôs carregadores estavam caídos no chão de terra ao redor deles, com os dedos gigantes para cima, como as patas de aranhas mortas.

A neve brilhante parara de cair, mas o solo apresentava um brilho tênue, assim como os trajes de Frizz e Hiro, e os próprios braços e pernas

de Aya. Tinham deixado de ser invisíveis e brilhavam como vaga-lumes.

— As criaturas interferiram com o magnetismo — sussurrou Hiro. — Não estamos mais com gravidade zero.

— Já percebi. — Depois de um dia inteiro flutuando com o aparato de aerobol, Aya sentiu como se pesasse uma tonelada.

— Pedimos desculpas pelos ferimentos, mas sabemos o quão perigosos vocês podem ser — disse a voz estranha de novo.

Aya ficou surpresa ao descobrir que a fonte das palavras estava bem ali no chão, a menos de um metro de distância.

— Moggle? — disse baixinho.

— Perdoe-nos pelas modificações em sua câmera flutuante — disse Moggle com a voz esquisita e inesperada. — Nós a encontramos danificada na selva. Enquanto efetuamos os reparos, instalamos esse chip de voz.

Aya gemeu ao se lembrar da reunião com Moggle perto das ruínas. Pela primeira vez ela não tinha piscado os faróis noturnos, o que não era nada típico.

— Tínhamos a esperança de que você se reuniria à sua câmera — continuou a voz. — E assim teríamos uma chance de falar diretamente.

— Você esteve observando a gente esse tempo todo!

— Perdoe-nos pelo truque e pelos ferimentos. Foi necessário desabilitá-los temporariamente e trazê-los para um ambiente controlado.

— Ambiente controlado? — disse Aya com desdém. — Você quer dizer uma prisão?

— De maneira nenhuma! É uma honra tê-los aqui. Nossa colega oferece sua profunda gratidão, por falar nisso. Sua câmera flutuante salvou a vida dela quando caiu das ruínas.

— É, que belo agradecimento esse aqui. — Aya ficou sentada e sentiu dores pelo corpo.

— Se nos permitir explicar, achamos que vai descobrir que nossos objetivos e os seus se complementam.

Aya riu.

— Foi mal, mas nossos objetivos não incluem a destruição do mundo!

A voz fez uma pausa e então respondeu:

— É uma pena, mas algumas crianças tolas enganaram você. Talvez dê ouvidos a um velho amigo.

Aya franziu a testa. Um velho amigo? Quem eles pensavam que ela era? E por que estavam falando em inglês, afinal de contas?

O prédio tremeu quando as enormes portas abriram uma pequena brecha. Através dela, Aya viu várias criaturas nervosas flutuando com agulhas de prontidão nos dedos.

Na frente delas apareceu um homem esquisito com cabelo desgrenhado e bizarras roupas esfarrapadas. As portas fecharam rapidamente assim que ele passou.

Aya ficou atônita, pois nunca tinha visto alguém tão *feio*. A pele estava queimada de sol e as feições eram deformadas. O homem deu um inacreditável sorriso radiante com dentes tortos para ela.

Ele riu e falou em inglês:

— Sei que viria atrás de mim, Young Blood!

— Hã, eu acho que a gente não se conhece. E do que você me chamou?

— Sua voz é... — O homem chegou mais perto e passou os olhos aguçados pelos três. — Se puder me mostrar seu rosto, Young Blood.

Aya soltou uma risada curta e dolorosa.

— Você acha que eu sou...?

— Ela não é Tally Youngblood! — Frizz explodiu e virou para Aya. — As criaturas acham que somos Cortadores.

Frizz retirou o capuz. Aya fez o mesmo e, depois de um momento de indecisão, Hiro suspirou e também retirou o dele.

O homem olhou atônito para os três.

— Viu? Não creio mesmo que a gente se conheça. — Aya se curvou até o limite que as costelas machucadas permitiram. — Meu nome é Aya Fuse.

— Mas vocês... — o homem gaguejou e apontou para a própria vestimenta suja e esfarrapada. — Vocês usam as roupas dos Seshiais e os flutuantes disseram que vieram me resgatar, mas não têm rostos de Seshiais!

— Decerto, parece que cometemos um erro — concordou a nova voz de Moggle.

Aya assentiu.

— Nós não somos Cortadores, mas somos amigos da Tally.

— A Young Blood é uma velha amiga minha também! — O estranho homem sorriu e deu um tapinha em seu ombro. — Meu nome é Andrew Simpson Smith.

DOIS COELHOS COM UMA CAJADADA SÓ

A situação começou a fazer certo sentido.

Assim que o carro voador retornou via piloto automático, as aberrações devem ter percebido que Tally Youngblood havia retornado. Quem mais além de Especiais pularia sobre a selva? E Frizz, afinal de contas, falara o nome de Tally para Udzir. Foi por isso que as criaturas deixaram Aya, Frizz e Hiro rondarem o acampamento. Estavam com medo de confrontá-los e esperaram que os três estivessem encurralados antes de atacarem. Com trajes de camuflagem, o trio parecia exatamente com Cortadores.

Mas tinha uma coisa que Aya não conseguia entender...

— Como *você* conhece a Tally? E o que está fazendo aqui?

Andrew Simpson Smith deu um sorriso orgulhoso.

— Young Blood caiu do céu perto da minha aldeia há três anos e meio.

— Ela caiu do céu perto da sua *aldeia*?

Andrew concordou com a cabeça.

— É bem longe daqui. Fica entre os homenzinhos.

— Os homenzinhos? — Aya o examinou melhor. Será que passara por uma cirurgia para deixar os dentes assim tão tortos? As roupas tinham pedaços de pele pendurados como se tivesse sido feita a partir de animais mortos. — Você é de algum tipo de grupo que encena a vida dos Pré-Enferrujados?

Ele fez uma expressão confusa.

— Eu não entendi. Talvez você não fale a língua dos deuses tão bem quanto eu? — O homem se aproximou. — Muitos dos flutuantes também falam mal.

Aya suspirou e decidiu falar um inglês bem simples.

— Você veio da cidade de Tally?

— Meu povo mora na natureza, mas agora sabemos usar os ímãs e outras magias. Nós ajudamos a Young Blood a vigiar outras cidades para ter certeza de que não vão machucar a Terra. Foi assim que conheci os flutuantes — disse Andrew com firmeza.

Aya assentiu devagar.

— Ela disse que tinha um amigo que foi raptado pelas aberrações. É você, certo?

— Sim. — Andrew acrescentou baixinho: — Os flutuantes não gostam de ser espionados.

— Andrew, que tal explicar o que você aprendeu sobre nós. — Moggle falou de novo.

Aya revirou os olhos para a câmera flutuante. Será que as criaturas achavam que esse maluco Pré-Enferrujado seria capaz de convencê-la de alguma coisa?

Mas o homem concordou com uma expressão solene.

— Você conhece o formato do mundo, Aya?

— Hã, como é que é?

— Ele não é chato como aparenta, mas redondo como uma bola.

Hiro ficou surpreso e soltou uma gargalhada, mas Frizz se curvou e disse:

— Sim, já ouvimos falar disso antes.

— Você é sábio então. — Andrew se agachou perto de onde Moggle estava no chão e passou um dedo sujo pela couraça curva e pintada de preto. — Todos nós moramos na superfície desse círculo. Cada vez mais gente a toda hora, mais cidades e menos natureza.

— Nós sabemos. — Frizz se agachou ao lado dele. — Chamamos isso de expansão.

— Expansão. — Andrew concordou com a cabeça. — A palavra dos deuses para crescimento, mas a bola do mundo não cresce.

— Sim, nós estamos meio que presos ao que temos — disse Frizz.

Andrew sorriu.

— É nesse ponto que os flutuantes são espertos. E se nós construíssemos uma nova cidade... *aqui*?

O dedo pairou no ar a poucos centímetros da superfície de Moggle.

Frizz ficou calado por alguns instantes e então falou:

— No espaço?

Andrew concordou devagar com a cabeça e abriu as mãos como se estivesse se aquecendo sobre Moggle.

— Há um lugar estável sobre as nossas cabeças chamado *órbita*. Um anel que envolve o mundo.

— Eu não acredito nisso — disse Hiro, baixinho.

Andrew riu.

— É difícil no começo, eu sei. Mas aprendi com a Young Blood que o mundo não tem beirada nem fim. Vocês têm que aprender a enxergar além dos homenzinhos.

— Os *homenzinhos*? — perguntou Hiro.

Frizz ergueu os olhos para a torre de metal acima deles.

— Você estava certa mesmo, Aya, quando viu essa coisa ser construída. Você disse que parecia com um barco!

Aya olhou para o míssil, ou barco, ou seja lá o que fosse, e balançou a cabeça.

— Mas é igualzinho a uma daquelas armas dos Enferrujados!

— Os Enferrujados tiveram mais do que apenas um sonho — disse a voz inumana.

Aya se deu conta de que o som não tinha vindo de Moggle e virou. Udzir e outras duas criaturas flutuavam acima dela.

Udzir continuou.

— Depois que os primeiros destruidores de cidades foram criados, eles foram redesenhados para enviar pessoas ao espaço. Morte e esperança em uma mesma máquina.

— Esse é o motivo de tudo isso? O espaço? — perguntou Aya, baixinho.

— É por isso que vocês são péssimos usando aparatos de aerobol! — exclamou Hiro. — Não estão usando para se deslocar com rapidez, e sim para praticar andar em gravidade zero!

— Então vocês acreditam *mesmo* na órbita! — falou Andrew, contente. — É um lugar onde todo mundo flutua!

Aya fechou os olhos e se lembrou da própria jornada pela selva.

— E é por isso que vocês passaram por cirurgias para virarem aberrações. Em gravidade zero não faz sentido ter pés, então vocês têm mãos extras.

Udzir franziu a testa enquanto andava no ar.

— Nós não somos "aberrações", Aya Fuse. Cada mudança que fizemos nos adaptou melhor para o nosso futuro lar. Nós somos os primeiros extraterrestres. — Ele se curvou. — Nós nos chamamos de Extras.

Aya mal conteve uma gargalhada.

— Eu lhe garanto que encaramos nosso lar com muita seriedade — disse Udzir com firmeza.

— Desculpe, é que em minha cidade "extra" significa... bem, deixa para lá.

— Então vocês *estão* do mesmo lado que Tally. Todo aquele metal vai sair da Terra para valer — disse Frizz.

Udzir concordou com a cabeça.

— Dois coelhos com uma só cajadada. Nós atrasamos a expansão aqui na Terra e a redirecionamos para o espaço. É hora de a humanidade deixar o lar antes que o destrua.

— Deste modo, vocês vão permanecer em órbita em vez de irem para outro planeta qualquer? — perguntou Frizz.

— Seremos habitantes orbitais permanentes. Perto o bastante da Terra para adquirir mais suprimentos via impulsionadores de massa, perto o suficiente do Sol para ter energia de sobra. E com ecossistemas em miniatura para reciclar nosso oxigênio e nossa água.

— Os Enferrujados nunca conseguiram se salvar dessa forma — disse outro dos Extras. — Eles estavam sobrecarregados com o próprio número de pessoas e guerras. Mas agora a humanidade é menor e mais unida. Nós temos outra chance.

— A não ser que a Tally Youngblood e os Cortadores nos detenham — acrescentou Udzir ao virar para Aya. — Devemos agradecer a *você* por essa possibilidade.

— A mim? Por que simplesmente não contam para todo mundo o que estão fazendo? Se não estivessem se escondendo e sequestrando pessoas, aposto que a Tally-wa estaria completamente do seu lado!

— Temos muito respeito pela Tally Youngblood, mas não podíamos revelar nossos planos. Você acha que as cidades nos deixariam retirar o metal das velhas ruínas? Ou construir uma frota de naves que poderiam facilmente ser adaptadas como destruidores de cidades?

— É melhor mandar um ping para a Tally explicando — falou Frizz. — Ela provavelmente já está aqui e, se vir aquelas naves, vai pensar a mesma coisa que nós!

— Até agora ela não nos escutou. Esperamos que você tente, Aya Fuse — disse Udzir.

Ela concordou devagar com a cabeça, deixando as últimas dúvidas de lado. Os Extras não estavam tentando destruir o mundo, e sim salvá-lo. Os aparatos de gravidade zero, os pés de macacos, a espaçonave acima deles — tudo fazia sentido.

Era a maior notícia desde a libertação...

— Tentarei, mas com uma condição: devolvam a minha câmera.

— Eu já deveria saber — suspirou Udzir.

Ele gesticulou e Aya sentiu os braços e pernas mais leves. O aparato de aerobol voltou a funcionar. Hiro flutuou e Moggle saiu meio hesitante do chão.

— É você mesmo? — perguntou ela.

Moggle piscou os faróis noturnos.

Aya sorriu, piscou para que os pontos de luz sumissem e ligou a tela ocular.

— Tally-wa? Você está por aí? Tenho novidades.

Não houve resposta.

Aya balançou a cabeça.

— Ela deve estar a mais de um quilômetro de distância. Você pode aumentar meu sinal?

— Podemos tentar, mas se seu ping seguir pela nossa rede, Tally pode não acreditar que seja mesmo... — Udzir ficou sem voz.

Lá fora, um estrondo baixo ecoou pela noite como um trovão distante. Aya sentiu o som pela sola dos pés e as paredes do prédio tremeram ao redor. Ela ouviu um alarme estridente ao longe.

— Isso parece a Young Blood — disse Andrew, baixinho e Aya concordou com a cabeça.

Tally finalmente estava explodindo alguma coisa.

INCÊNDIO

— Vamos, Aya! — disse Hiro ao estender a mão para ela. — Eu sou a pessoa mais rápida aqui.

Ela concordou, pegou a mão enluvada e gritou:

— Moggle, traga o Frizz!

As portas enormes já estavam se abrindo. Hiro a levantou e voou para a passagem. As costelas machucadas arderam de dor e seus pés balançaram embaixo do corpo.

— Vai devagar! — disse, arfando.

— Foi mal, irmãzinha, mas não temos tempo.

Hiro disparou noite adentro e fez uma grande curva. Aya ficou sem fôlego enquanto as costelas rangeram.

— Talvez fosse melhor você ir na frente. Você vai chegar lá mais rápido sem mim — ela gemeu.

— Seu inglês é melhor do que o meu. E Tally vai ouvir você!

— Mas ela me odeia! Ou acha que sou uma idiota, pelo menos.

Hiro gargalhou.

— Eu duvido, Aya. E ela vai ter que acreditar na sua história. Você não mudaria de ideia sobre as aberrações a não ser que tivesse certeza.

— Porque isso significa que minha matéria era uma completa mentira?

— Exatamente — disse Hiro, e então apontou com a mão livre. — Epa.

O horizonte à frente foi iluminado por uma série de clarões. O estrondo das explosões chegou alguns segundos mais tarde. Ao longe surgiram nuvens de fumaça brilhando com a luz vermelha do fogo abaixo. Quase parecia uma mansão em festa, só que o trovão era mais possante que o estouro dos fogos de artifício de segurança.

— Acho que é ali que estão as espaçonaves dos Extras — disse Hiro.

Aya só conseguiu resmungar. Hiro estava ziguezagueando entre os Extras que saíram flutuando e puxava Aya de um lado para o outro. O pulso retorcido na mão do irmão e as costelas gritando a cada curva.

Carros voadores surgiram ao redor deles. Alguns dispararam em direção aos clarões no horizonte com as hélices agitando o ar.

— A situação pode ficar feia. Vai virar uma batalha se a gente não detiver logo a Tally — disse Hiro.

Aya concordou com a cabeça e mexeu o dedo anular.

— Tally-wa! Sou eu!

— Ainda estamos longe demais. — Hiro desceu para perto das vigas fincadas no chão. Aya pôde senti-las passando, enquanto os ímãs do aparato do irmão ganhavam impulso com o metal. Cada aumento na velocidade ameaçava arrancar o ombro do lugar.

Eles deixaram as construções e as tendas para trás. Hiro arrastou Aya por uma ampla planície aberta e vazia, exceto pelas vigas.

— Olhe! — A mão livre do irmão apontou para baixo. A terra estava escurecida por grandes marcas de fogo e o nariz de Aya captou o cheiro de algo queimado.

— Eles deviam testar os foguetes aqui.

— Espero que isso signifique que estamos chegando perto!

O próprio ar estava tremendo ao redor deles agora. Aya sentiu as explosões reverberando pelo corpo. As vigas formavam longas sombras com os clarões e metade do céu foi tomada pela fumaça.

— Aya? — A voz de Frizz soou no ouvido dela. — Eu e a Moggle estamos logo atrás de você. — Ele fez uma pausa. — Bem, talvez não *logo* atrás de você... Hiro está voando como um desesperado. Mas estamos chegando o mais rápido possível.

— OK, Frizz, só garanta que a Moggle registre umas boas... droga!

Aya foi puxada quando Hiro subiu bruscamente, o que torceu suas costelas machucadas. Havia um enorme paredão preto diante deles, tão largo quanto ela conseguia enxergar. Os dois ultrapassaram o topo e então começaram a voar sobre a cobertura do arvoredo em chamas. As árvores sacudiam freneticamente no fogo que se espalhava...

Porém, Aya percebeu que na verdade aquilo não era selva, e sim uma infinita rede de camuflagem espalhada abaixo deles, com textura de cipós e arbustos floridos tão detalhados quanto um gigantesco traje de camuflagem. Contudo, as chamas eram reais e queimavam pela vastidão escura, formando uma tempestade de calor e fumaça que tomava conta do ar e incomodava os olhos.

No ponto onde a camuflagem já havia queimado, Aya viu o topo de algumas naves dos Extras aparecendo pela rede. A ponta aguda dos narizes estava derretida e tão preta quanto cinzas.

Hiro e a irmã voaram mais alto do que as chamas mais próximas, levados por longos segundos pelo próprio impulso da subida, mas logo começaram a cair.

— O traje de camuflagem! — gritou Aya ao tentar puxar o capuz com a mão livre. Viu que Hiro estava fazendo a mesma coisa.

Eles mergulharam por dentro do fogo, rente às naves de metal, deixando um rastro de fumaça. O ar quente queimou os pulmões de Aya, que sentiu o cheiro de alguns fios soltos de cabelo em chamas. Mesmo com a blindagem do traje de camuflagem, a pele ardia com o calor.

Mas Hiro voltou a puxá-la, saindo da floresta de aço e chamas. Ela olhou ao redor e viu *centenas* de naves, uma imensa frota espalhada por todas as direções.

Uma dezena de carros de Extras flutuava sobre o local e jogava espuma contra o incêndio para todos os lados. Porém, novos focos surgiam mais rápido do que eram apagados.

Um estrondo ecoou pelo campo e reverberou pelo corpo de Aya, que viu a onda de choque se espalhar, um círculo crescente de fogo e fumaça. No centro estavam os destroços de uma nave, uma torre de aço rasgada e retorcida por dentro, caindo de lado devagar...

A nave caiu no solo com um som agudo de metal e espalhou uma nova camada de fogo pelo chão. O combustível do foguete em chamas envolveu a base de outra nave e subiu pela lateral como um pavio aceso.

Aya afastou o olhar, mexeu o dedo e gritou:

— Tally!

O nome saiu rouco e quase inaudível dos pulmões cheios de fumaça. Mas, um momento depois, veio uma resposta baixa em meio ao tumulto estrondoso...

— Aya?

— Tally-wa! Sou eu!

— Por que você não está lá atrás nas ruínas? Aqui é perigoso.

Aya tossiu.

— Já notei!

Agora, Hiro e ela estavam descendo como uma pedra quicando sobre água, mergulhando no mar de fumaça e chamas.

— Você tem que parar! — disse Aya, rápido. — Eu estava errada sobre...

Ela tossiu ao ser envolvida novamente pelo fogo. Não via nada além de fumaça e das silhuetas escuras das naves dos Extras ao redor. O traje de camuflagem começou a enrijecer em volta da pele, o calor estava rompendo a blindagem.

— Onde você *está*, Aya? — disse a voz de Tally. O sinal estava mais forte.

Hiro pegou a irmã com força e a puxou para fora da fumaça outra vez.

— Estou voando sobre as naves!

— Que naves?

Aya tossiu de novo e se recriminou por ser tão idiota.

— Os *mísseis*! Estou bem em cima deles, mas não são realmente mísseis!

— Você perdeu o juízo? Saia daí!

— Acho que ela está por aqui — falou Hiro ao fazer uma curva que quase arrancou o ombro de Aya. Eles voaram logo acima dos narizes das naves em um curso estável, finalmente sob controle.

Ocorreu outro estrondo retumbante, dessa vez mais perto, que tirou o fôlego de Aya. Ela não conseguiu segurar a mão de Hiro e disparou para longe em zigue-zague, sendo arrastada em gravidade zero pela ventania provocada pelo incêndio e pelos campos magnéticos das naves.

— Você tem que parar, Tally! — Aya posicionou as mãos como uma Ardilosa ao surfar um trem magnético para retomar a direção de Hiro. — Espere a gente chegar até você e aí eu explico.

— Alguns desses mísseis já estão com o tanque cheio! Eles podem ser lançados assim que pararmos!

— Mas não são mísseis, são naves! Pare de explodir as coisas e me deixe explicar!

— Esqueça! Se apenas *um* desses mísseis for lançado, uma cidade inteira morre. Saia daqui *agora*!

Hiro desceu em direção a Aya com o braço esticado, mas ela girou para longe e o irmão passou de mãos abanando.

— Se você não prometer que vai parar, eu vou ficar bem aqui — disse ela secamente. — E você pode explodir a gente também!

— Não posso sacrificar cidades inteiras por sua causa. E eu te conheço, Aya-la. Você vai salvar a própria pele. Tem dez segundos.

— Não vou ceder!

— Duvido.

Hiro deu meia-volta e disparou em direção à irmã com a mão esticada outra vez. Aya soluçou, frustrada. Quem acreditaria que uma feia mentirosa como ela iria se sacrificar?

— Eu também estou aqui — disse outra voz. — E não vou embora.

— Frizz? Vocês *todos* perderam o juízo?

— Os Extras não estão tentando matar ninguém — disse ele com firmeza.

— Mas e se você estiver errado? — berrou Tally.

— Eu tenho *certeza*, e você sabe que não posso mentir, Tally.

Hiro pegou a mão de Aya e a puxou para cima e longe das chamas. Ela se contorceu para procurar por Frizz. Lá estava ele, agarrado a Moggle no meio do campo. Mal dava para ver a camuflagem brilhando contra o inferno.

— Tally, por favor, ele não vai sair de lá! — soluçou Aya.

Tally soltou um longo suspiro e então disse:

— Comece a se mexer, Aya-la. Você tem dois minutos para me convencer.

Um clarão surgiu no horizonte e Hiro foi em sua direção.

REDIVULGANDO

Duas silhuetas em trajes de camuflagem esperavam no limite da selva, empoleiradas no paredão que envolvia a frota dos Extras.

Tally abaixou o capuz ao pousarem. Seus olhos escuros reluziam na claridade do incêndio.

— Fausto e Shay estão esperando por um sinal nosso. Daqui a noventa segundos eles vão lançar mais bombas a não ser que eu diga o contrário. Então comecem a explicar.

Aya engoliu em seco.

— Os Extras... quer dizer, as aberrações, não são o que pensamos.

— Então para que servem tantos mísseis? — disse David ao abaixar o próprio capuz.

— Não são mísseis, são naves.

Tally franziu a testa.

— *Naves?*

— Tudo se encaixa, Tally-wa, você tem que escutar! O fato deles pegarem o metal do mundo inteiro e flutuarem no ar! As mãos extras... porque eles não precisam de pés lá em cima!

Hiro pegou a mão da irmã e murmurou:

— Aya, mais devagar.

— Ou pelo menos faça sentido. Você tem apenas setenta segundos sobrando — disse Tally.

Aya fechou os olhos e tentou arrumar a história na cabeça. Mais peças se encaixavam agora, todas as tramas que acompanhava desde que pisara pela primeira vez na montanha escavada.

— Quando eu testei aquele cilindro para a minha reportagem, a matéria inteligente estava programada para guiá-lo para cima... mas não para descer. E lembra o que o Fausto disse? Que os impulsionadores de massa eram ideais para disparar os cilindros na atmosfera permanentemente? É exatamente isso que as criaturas estão fazendo. Só que elas não desejam acabar com os recursos do mundo, e sim usá-los lá em cima.

— Usá-los para quê?

— Para viver. Seu amigo Andrew explicou para a gente! Eles vão construir hábitats orbitais com todo aquele metal e matéria inteligente. A intenção por trás dos impulsionadores de massa é disparar matéria-prima.

— Todas as montanhas que encontramos estavam vazias porque o metal já tinha sido disparado? — perguntou David, pausadamente.

Aya assentiu e apontou para o campo pegando fogo.

— E tudo isso são naves, são foguetes para levar os Extras ao céu. As Ardilosas disseram que uma pessoa morreria ao ser disparada por impulsionadores de massa a toda velocidade. É por essa razão que a base fica aqui no Equador, o lugar mais fácil para chegar até a órbita.

— E eles usam aparato de aerobol para treinar para a gravidade zero — disse Hiro em um inglês irritante de tão lento.

— Em órbita, um par extra de mãos é mais útil do que pés — falou David. Ele virou para Tally. — Faltam 25 segundos.

Aya viu a beleza cruel de Tally ser tomada por uma expressão de dúvida. De acordo com Frizz, ela nunca consertou a programação da mente. Tally foi *projetada* para desprezar todo mundo que não fosse Especial e pensar que a humanidade sempre estava tentando destruir o planeta. E se a cirurgia no cérebro a impedisse de ver o que os Extras realmente estavam planejando?

Como Udzir dissera, os foguetes eram a morte e a esperança em uma mesma máquina. Tudo dependia de como a pessoa os considerasse. Aya não era sequer Especial e tinha ficado confusa antes da explicação de Andrew. Estava convencida de que os Extras eram uma ameaça ao mundo pela educação que recebera e pela própria matéria mentirosa.

Quando uma pessoa conta a mesma história várias vezes, fica mais fácil continuar acreditando nela.

Tally balançou a cabeça com os olhos bem fechados.

— Se a gente parar de atacar, mesmo por alguns minutos, eles podem lançar uma quantidade desses troços suficiente para destruir o planeta.

David pousou uma das mãos no ombro dela.

— Mas por que eles fariam isso? Nem mesmo os Enferrujados conseguiram. Eles podem ter construído os mísseis e apontado...

Tally abriu os olhos.

— Mas nunca apertaram o botão. Shay! Fausto!

— Sim, ouvimos. — Veio a voz de Shay. — Sem mais bombas por hoje.

Aya estremeceu e soltou um longo suspiro.

Tally virou para olhar a frota dos Extras com uma expressão mais amena. A rede de camuflagem ainda queimava e todas as naves pareciam chamuscadas e escurecidas, mas apenas um punhado havia sido destruído. Elas caíram no chão e derramaram combustível em chamas como rios de fogo na escuridão.

Ainda havia centenas de naves de pé, talvez milhares. O suficiente para levar uma cidade inteira para o céu.

— OK, Cortadores, talvez a gente devesse ajudá-los com o incêndio — disse Tally com uma voz exausta.

— Por que não? Combater um incêndio é quase tão divertido quanto provocar um! — disse Shay.

Tally colocou o capuz de volta sobre o rosto e subiu na prancha que a esperava. O traje de camuflagem assumiu um tom laranja brilhante como o uniforme de um bombeiro e ela disparou sobre o campo que queimava.

Aya viu mais duas pranchas surgirem da floresta de silhuetas de metal. Elas se juntaram aos carros voadores dos Extras, que atacaram o que restou da rede de camuflagem em chamas com disparos de espuma. Borrifaram qualquer nave que estivesse próxima demais do combustível derramado que pegava fogo.

— Eles desmataram a selva aqui — falou David. — Assim que a rede de camuflagem for consumida, o fogo não terá muito o que queimar. — Ele puxou o capuz sobre o rosto. — Ainda assim, vocês dois fiquem aqui. Acho que já foram tostados o suficiente por uma noite.

Aya concordou sem abrir a boca. O traje de camuflagem estalava ao caminhar, as escamas estavam derretidas e a cor ficou para sempre no tom de cinza-avermelhado do fogo e da fumaça.

— Diga para Tally que não foi culpa dela. Nós pensamos a mesma coisa — falou Aya para David.

Ele virou para Aya e deu de ombros.

— Não é de estranhar, pois todos nós crescemos em um mundo que quase foi destruído pelos Enferrujados. É difícil lembrar que eles fizeram algo mais do que lutar uns contra os outros. Mas obrigado.

— Pelo quê? Por deturpar a verdade e fazer com que vocês viessem aqui esperando encontrar monstros destruidores de mundos?

— Não, por ajudar Tally a se reprogramar um pouquinho mais. — A prancha de David subiu com ele e disparou pela tempestade de fogo.

— Você se saiu bem, Aya-chan — falou Hiro.

Ela ergueu os olhos para o irmão.

— Está brincando?

Hiro fez que não com a cabeça.

— Estou falando sério. Você finalmente aprendeu a divulgar uma matéria sem estourar o tempo.

Aya deu uma pequena risada que provocou uma nova onda de dor pelas costelas. Ela gemeu e massageou as laterais do corpo. Tinha uma luxação no ombro direito por ter sido rebocada até ali na velocidade do aerobol e parecia que o pulso havia passado por uma máquina de fazer sushi.

— Olhe — disse Hiro.

Moggle estava avançando pelos restos fumegantes da rede de camuflagem com Frizz a reboque. A fumaça girava em torno dos dois.

— Vocês estão bem? — Aya mandou um ping.

— Um pouco chamuscados, mas conseguimos algumas imagens sensacionais — falou Frizz.

Aya balançou a cabeça e, pela primeira vez, não se importava se algo havia sido gravado. Pelo menos todas as tramas das últimas duas semanas faziam sentido. A verdade fora montada como uma nave dos Extras, a partir de peças isoladas de ferro-velho. Era um alívio não ter que encarar fatos incômodos e sua própria falta de Honestidade Radical.

Quando Frizz pousou e a pegou delicadamente nos braços, uma sensação de paz tomou conta de seu corpo machucado, como uma cena perfeita sendo editada.

Ela finalmente tinha consertado a matéria.

MIL FAMOSOS

— Lembre-me de novo por que eu estou fazendo isso.

— Para demonstrar seu apoio. — Aya ajustou as luzes do vestido de Tally e deu um passo para trás a fim de admirá-las. — Você é a pessoa mais famosa do mundo, Tally-wa. Se contar para todo mundo que apoia os Extras, eles vão ganhar muito mais recrutas.

— E menos problemas por todo aquele metal que pegaram — acrescentou Fausto. Ele ajustou a gravata. — E por sequestrarem quem os viu.

— Além disso, Tally-wa, nós não vamos a uma festa há *séculos*! — disse Shay, ajeitando o cabelo.

Tally apenas resmungou e olhou com incerteza para seu reflexo na imensa tela de parede de Aya. O vestido de gala era feito de material inteligente e veludo tão escuro quanto a noite, reluzente como a luz das estrelas. Perfeito para a Festa dos Mil Famosos.

— Não fique tão aborrecida. Você costumava usar roupas assim o tempo todo — disse Shay.

— É, na época em que eu era uma avoada.

Aya balançou a cabeça ao tentar visualizar Tally eternamente contente e sem noção. Mesmo no vestido de gala, ela ainda era uma completa Cortadora. Seu rosto e braços nus estavam cobertos por tatuagens dinâmicas e cicatrizes.

— Sabe, ainda há tempo para dar um jeito nelas se você quiser — disse Aya, baixinho.

— Nem pensar. — Tally passou o dedo pelo braço. — Elas me lembram de coisas que não quero esquecer.

— Você está linda — disse David. Ele usava um dos antigos paletós de seda de Hiro, depois de ter declarado que ficava nervoso com qualquer coisa que saísse de um buraco na parede. David estava nervoso desde que chegara de Cingapura com Tally naquela tarde, como se a cidade fosse muito cheia para ele.

O apartamento de Aya *estava* um pouco cheio naquela noite. Todos os nove estavam presentes — Aya, Frizz, Hiro e Ren; Andrew, David e os três

Cortadores. Todos os envolvidos na matéria "Deixando o Lar", que tinha sido divulgada havia dois dias. O grupo inteiro estava entre os mil mais famosos. Em nenhum lugar, a não ser na Mansão Movimento, havia segurança o suficiente para manter longe as câmeras dos paparazzi.

Pelo menos ali tinha espaço para todo mundo. Desde que voltara para casa, Aya descobrira que o apartamento tinha dobrado de tamanho em proporção com a sua fama. Talvez a reputação não fosse tudo na vida, mas havia certas vantagens em ser a terceira pessoa mais famosa na cidade.

— Ainda não entendo por que temos que ir a essa festa estúpida — disse Tally. — Eu não poderia fazer algum tipo de pronunciamento via canal?

Aya franziu a testa.

— Isso não seria nada divertido e não ajudaria tanto assim os Extras.

— Além disso, a gente meio que está em dívida com eles por conta de várias espaçonaves — falou David.

— Pode ser. — Tally deu um último olhar aborrecido para o vestido de gala.

Shay riu.

— Eles tiveram sorte de não usarmos nanoestruturas.

Quando eles saíram, havia enxames de câmeras flutuantes à espera.

— OK, eu oficialmente odeio essa cidade — disse Tally.

Aya respirou fundo, mas não conseguiu discordar. Já estava ficando chato ser seguida para qualquer lugar, receber pings constantemente e ser cercada por câmeras, ter o penteado imitado pelas crianças e o nariz debochado nos canais dos difamadores. Tinha ocasiões em que Aya se perguntava se um dia voltaria a ter alguma privacidade.

Até mesmo a própria câmera flutuante a deixava nervosa nesses dias. Ren a desmontara e retirara as modificações feitas pelos Extras, mas Aya ainda tinha pesadelos com traições e enxames de Moggles falantes.

Mas era inútil fingir que não curtia a reputação de apenas um dígito. Afinal de contas, lá estava ela com seus amigos famosos, todos a caminho da festa de Nana Love com um sorriso no rosto e Moggle a tiracolo para registrar cada segundo.

— Como a gente vai passar por essas coisas? — perguntou Tally.

— Bombas? — sugeriu Fausto.

— Nanoestruturas! — gritou Shay.

— Nenhuma das opções acima! — disse Aya. — Não é preciso explodir tudo sempre, Tally-wa. Nessa cidade a pessoa tem uma bolha de reputação.

— Uma o quê?

— Basta começar a andar que elas vão dar espaço.

Tally deu alguns passos à frente e a parede de câmeras flutuantes se curvou para longe do limite de 50 metros da Mansão Movimento. David pegou Tally pelo braço e a puxou adiante. Logo eles saíram noite afora, cercados por uma esfera praticamente perfeita de câmeras.

— Isso é muito estranho. Todas as cidades são assim? — perguntou Andrew Simpson Smith.

— Na verdade, não — respondeu Tally. — Depois da libertação, essa aqui ficou especialmente idiota.

— A economia de reputação não é idiota! — disse Hiro. Ele andava praticando inglês com Andrew Simpson Smith nos últimos dias e adorava soltar longas frases. — A vontade de ser famoso motiva as pessoas, o que deixa o mundo mais interessante!

— Eu já vi essa motivação em ação, Hiro. Também gera muita mentira — disse Tally com desdém.

Aya suspirou e se perguntou quando Tally iria esquecer o assunto. A maioria dos canais já havia deixado de lado os erros em sua matéria sobre o Destruidor de Cidades. Eles tinham coisas melhores para divulgar, agora que Aya Fuse mostrara um novo futuro digno de especulação, um novo tipo de Extra.

E, ao contrário de certas pessoas, ela não explodira nada.

A mansão de Nana Love tinha muita coisa sensacional para se ver.

Os Neogourmets compareceram em peso para mostrar o novo aerogel comestível e adaptável, que flutuava, mudava de formatos e sabores enquanto a noite rolava, disputando espaço aéreo com as câmeras flutuantes.

Todos os Viciados em Cirurgia estavam fingindo ser Extras com olhos grandes e pele pálida, embora a maioria não tivesse transformado os pés em mãos. Aparatos de aerobol calibrados para gravidade zero também se tornaram moda, embora Hiro não parasse de murmurar que todos precisavam de um pouco de treinamento.

Câmeras cintilantes, recém-inventadas para a festa, estavam por toda a parte. Flutuando na altura dos olhos como vaga-lumes intrometidos, cada uma registrava apenas poucos pixels, que eram reunidos pela interface da cidade como uma imagem contínua. Todo mundo na cidade poderia navegar pela festa como se tivesse mandado sua própria câmera invisível.

Claro que não demorou muito para as câmeras cintilantes incomodarem Tally, que derrubou um punhado no chão com tapas. O resto recuou para criar uma respeitosa bolha de reputação. Em pouco tempo, Tally sumiu pelo interior da mansão de Nana Love com os outros Cortadores a tiracolo.

— Boa noite, Aya — disse uma voz familiar em inglês.

Aya ergueu o olhar e viu Udzir flutuando ao lado de Moggle, vestido em um sári de gala e segurando uma taça de champanhe com os dedos do pé.

Ela se curvou e escondeu a expressão. Os Extras ainda a assustavam, mesmo depois de Udzir ter explicado a cirurgia em detalhes. A pele pálida era para ajudar na produção de vitamina D com o mínimo de luz do sol. Até os olhos separados faziam sentido, pois os primeiros hábitats orbitais seriam tão apertados que a percepção normal de profundidade não seria necessária.

Ainda assim, o efeito no geral era perturbador.

— Espero que esteja curtindo a festa — falou Aya.

— Deveras. Foi gentil de sua parte conseguir um convite.

— Não fui eu. — Como o novo rosto da humanidade extraterrestre, a reputação de Udzir estava entre os cem primeiros lugares. Todo mundo brincava que ele era o único Extra que não era, no sentido exato da expressão, um extra.

— De qualquer forma, Aya, agradeço a minha presença aqui à sua matéria. — Ele fez uma pequena saudação em pleno ar. — Você ajudou imensamente a nossa causa.

— Só fico contente que a situação tenha se acertado antes que a Tally-sama queimasse toda a sua frota.

— Nós também. Embora, no fim das contas, o drama do nosso resgate tenha sido mais valioso do que as naves que perdemos. A fama é uma coisa estranha.

— Tem razão. Estão conseguindo muitos recrutas?

— Com certeza. — Ele olhou sobre o ombro de Aya. — Até mesmo na noite de hoje.

— Oi, Enxerida.

Aya virou e ficou boquiaberta.

— Lai? Como você...?

— Entrou aqui? — perguntou Lai e então sorriu. — Da mesma forma que você: com um convite.

Aya ficou atônita. Não passou pela cabeça verificar a reputação das Ardilosas recentemente, mas é claro que, com uma nova versão da matéria sendo divulgada...

— Posição 957, visto que você estava prestes a perguntar — informou Lai.

— Ah, você deve estar odiando isso.

Lai deu de ombros.

— Não vai importar muito em órbita. — Ela ergueu os olhos para Udzir, que tinha virado para falar com outra pessoa. — Só espero que o Sr. Alien Famoso perceba que não há tempo para fama na nova fronteira.

Aya riu e então imaginou Lai com quatro mãos e olhos de peixe. Sentiu um arrepio e tirou a imagem da cabeça.

— Eu ainda sinto muito por ter filmado você às escondidas.

— E eu sinto muito por ter usado o impulsionador de massa para disparar você. — Lai fez uma pausa. — Espere um pouco... não, é mentira. Aquilo foi *divertido*.

Aya riu de novo.

— É, foi sim. E como vão as Ardilosas?

— Provavelmente todas estão assistindo a essa festa em suas telas de parede.

Aya franziu a testa.

— Sério? Mas a Festa dos Mil Famosos não parece ser uma coisa que as Ardilosas curtiriam.

Lai deu de ombros e se aproximou ao ver Moggle lá em cima.

— Você quer uma dica de matéria?

— Uma matéria? — Aya não tinha pensado muito sobre o que divulgaria a seguir. Depois do fim do mundo e do nascimento de uma nova fronteira, tudo parecia fora do clima. Às vezes ainda pensava em se tornar uma guardiã. — É, pode ser.

— OK, mas você tem que prometer que não vai contar para ninguém antes que cortem o bolo.

Aya ergueu uma sobrancelha. Uma das tradições da Festa dos Mil Famosos era o enorme bolo cor-de-rosa servido por Nana Love quando dava meia-noite. Todos os famosos se reuniam naquele momento para repartir suas fatias de fama.

— Hã, OK.

Lai espantou algumas câmeras cintilantes, colocou os lábios quase no ouvido de Aya e falou em um sussurro bem baixo.

— Eu injetei no bolo matéria inteligente que a Eden preparou. Enquanto a gente conversa, ela está se espalhando e vai deixar o açúcar meio... instável.

— *Instável?*

— Shh! — Lai riu. — Quando a Nana cortar, o açúcar vai meio que explodir. Não de uma forma letal... só vai espalhar o bolo.

Aya ficou de queixo caído ao tentar imaginar os rostos mais famosos da cidade sujos de cobertura cor-de-rosa.

— Mas isso é...

— Absolutamente genial? Eu concordo — disse Lai, indo embora com um sorriso. — Só se lembre de sua promessa, Enxerida. Você me deve um segredo.

Aya mandou um ping para descobrir a localização de Frizz e foi encontrá-lo na varanda do andar de cima. Ele estava sozinho, olhando os jardins às escuras.

— Tenho uma pergunta de caráter ético para você, Frizz.

Ele virou para Aya. Os olhos de mangá brilhavam com as luzes dos fogos de artifício de segurança no céu.

— Um dilema ético? *Nessa* festa?

Aya olhou ao redor: não havia nenhuma câmera cintilante no ar e Moggle era o único modelo flutuante por perto. Naquela noite, as câmeras tinham sido proibidas de entrar no jardim, o que provavelmente justificava o fato da varanda estar vazia.

— O que aconteceria se você, Frizz, fosse um divulgador e soubesse que algo aconteceria, digamos, em uma festa? E que poderia ser uma coisa capaz de envergonhar o anfitrião, mas você prometeu não contar a ninguém?

— Hum, é apenas vergonha que estamos falando, certo?

— Sim, mas é muita vergonha.

Ele deu de ombros.

— Eu provavelmente manteria a minha promessa.

Aya suspirou e olhou para a cidade, cujas janelas brilhavam com as luzes dos canais. Todo mundo estava assistindo à Festa dos Mil Famosos em suas telas murais.

— Às vezes eu queria poder contar meus segredos para você.

— Talvez você possa em breve.

Aya franziu a testa.

— O que quer dizer?

— Venho pensando muito no que a Tally falou sobre eu ser um covarde por não dizer a verdade por conta própria. — Ele apontou para a têmpora. — Talvez a Honestidade Radical *esteja* ficando velha.

— Mas o grupo está maior do que nunca agora!

— Exatamente. Eles não precisam mais de mim.

Aya ficou surpresa ao tentar imaginar Frizz sem seus acessos de sofrimento.

— Não sei, Frizz-chan. Eu meio que preciso de você por perto para me manter honesta.

Ele passou o braço pelos ombros de Aya e a puxou para perto.

— Não se preocupe, eu vou continuar por aqui, e não deixarei a honestidade de lado, apenas a Honestidade *Radical*.

Aya apoiou o corpo no dele.

— Mas se você não é obrigado a dizer a verdade, como vou saber se ainda gosta do meu narigão? Eu não vou consertá-lo, você sabe. A Tally-wa me fez prometer.

— É, ela me contou. Mas não se preocupe, uma pequena cirurgia cerebral não vai mudar a minha opinião sobre você.

Eles ficaram um bom tempo no balcão ouvindo o ir e vir dos risos e da música do interior da mansão.

Era estranho ficar à margem da comemoração. Desde criança, Aya sempre assistira ao desenrolar da Festa dos Mil Famosos nos noticiários, se imaginando como uma das poucas privilegiadas. Porém, agora que estava ali de verdade, tudo o que queria era ficar sozinha com Frizz e olhar a

cidade sobre o jardim vazio e sem câmeras de Nana Love, imensamente feliz que ninguém mais quisesse privacidade naquela noite.

O tumulto atrás dela era apenas uma festa, afinal de contas. Gerações de avoados tinham ocupado a mesma mansão, usaram praticamente as mesmas roupas e disseram quase as mesmas coisas. Câmeras cintilantes e reputações não mudaram isso...

Um baque suave veio do andar debaixo e Aya olhou.

Era David, que tinha rolado até ficar de pé. Ele devia ter pulado de uma das janelas.

Tally Youngblood veio logo atrás, caindo com a delicadeza de uma flor de cerejeira. As mãos e os pés agarraram peitoris e vidraças para suavizar a queda. Ela pousou gentilmente, deu o braço a David e os dois avançaram pelo jardim.

Frizz se aproximou.

— Estava me perguntando sobre esses dois.

— Porém, você ouviu o que ela disse — sussurrou Aya. — Ninguém desde...

Mas Tally estava apoiada em David e o puxou para dentro da escuridão com os ombros colados no ar fresco da noite.

— Moggle, você está gravando isso? — Aya começou a dizer, mas balançou a cabeça. — Deixa para lá.

Ela virou para Frizz e o conduziu para fora da varanda com um sorriso.

— Anda, é quase meia-noite. Vamos ver o pessoal cortar o bolo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Box Feios

Site oficial do autor:
http://scottwesterfeld.com/

Twitter do autor:
https://twitter.com/scottwesterfeld

Página sobre o autor na Wikipédia:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Scott_Westerfeld

Página do autor no Skoob:
http://www.skoob.com.br/autor/294-scott-westerfeld

Página do autor no Goodreads:
http://www.goodreads.com/author/show/13957.Scott_Westerfeld

Table of Contents

- BOX FEIOS
- FEIOS
  - Obras do autor
  - Rosto
  - Créditos
  - Sumário
  - PARTE I | Tornando-se perfeita
    - Nova perfeição
    - Amigos para sempre
    - Shay
    - Caindo em si
    - Encarando o futuro
    - Perfeitamente entediante
    - Corredeiras
    - As ruínas de ferrugem
    - À espera de David
    - Briga
    - Última diversão
    - Operação
    - Circunstâncias especiais
    - Feia para sempre
    - Peris
    - Infiltrada
  - PARTE II | A fumaça
    - Partida
    - Espagbol
    - Erro feio
    - O lado desprezado
    - Tempestade de fogo
    - Olhos de inseto
    - Mentiras
    - A modelo
    - Trabalho
    - David

Paixão
Suspeita
Bravura
O segredo
Mentes perfeitas
Sem volta
PARTE III | No fogo
Invasão
Viveiro de coelhos
Em caso de danos
Fuga
Incrível
Ruína
Maddy e Az
A praga do petróleo
Cenários familiares
Cúmplices
No limite
O interior
Resgate
Fuga
Noite solitária
Juramento de Hipócrates
Confissões
Rio abaixo
PERFEITOS
Obras do autor
Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
PARTE I | Bela adormecida
Criminosa
Festa de arromba
À espreita
O salto
Zane
Borbulhante
Valentino 317

A torre alta
Lembrete para mim
PARTE II | A cura
Ruptura
Quicando
Penetra
O dragão
Rompimento
Chuva
Cortadores
Ritual
Hospital
Prensa
Sequestro
Queimador
Limite da cidade
PARTE III | Do lado de fora
Descida
Sozinha
Caçada
Sangue jovem
Vingança
Comida dos deuses
O fim do mundo
Dia sagrado
As ruínas
Rostos
Controle de dano
Água gelada
Rastreador
Especiais
Sonhos falsos
ESPECIAIS
Obras do autor
Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
PARTE I | Ser especial

Penetras
Caçadores e presas
Luta à noite
Resgate
A promessa
Nova perfeição
Zane-la
O corte
O arsenal
Fuga
Voo
PARTE II | Seguindo Zane
Libertado
Fora da cidade
Bárbaro
Separadas
Incompetência
Invisível
Ossos
Recém-chegados
Perseguição
Aterrissagem forçada
Cidade medíocre
Reunião
Violações da morfologia
Vozes
Luz
PARTE III | Desfazendo a guerra
O troco
Culpa
Paciente
A caminho de casa
David
Reunião de emergência
Confissão
Desmoronando
Operação
Lágrimas
Ruínas

- O plano
- Manifesto

EXTRAS

- Obras do autor
- Rosto
- Créditos
- Dedicatória
- Sumário
- PARTE I | Veja isso
  - Na pior
  - Tecnautas
  - Subterrâneo
  - Teste
  - Irmão mais velho
  - Frizz
  - Ardilosas
  - Surfando
  - Túnel
  - Resgate
  - Honestidade radical
  - Iniciação
  - Turbulência
  - A montanha
  - Escondida
  - Fuga
  - Poço
  - Pressão do ar
  - Rainha da gosma
  - Lançador eletromagnético
- PARTE II | Destruidores de cidades
  - Banida
  - Teste
  - No fundo do poço
  - Passeio
  - Divulgando
  - Mentindo
  - Febre de divulgação
  - Presa
  - Corra e se esconda

A sabedoria da multidão
Paparazzi
Mansão movimento
Cortadores
Cortadora honorária
O plano
PARTE III | Saindo de casa
Audiência cativa
Inglês avançado
Udzir
Pouso forçado
Selva
Ruína
Metal
Igual a um macaco
A pilha
O lugar de sempre
Segunda chance
Voo noturno
Produção em massa
Míssil
Mãos
Um velho amigo
Dois coelhos com uma cajadada só
Incêndio
Redivulgando
Mil famosos
COLOFÃO
SAIBA MAIS